

POÉTICOS



COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

WARREN W. WIERSBE

COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

Antigo Testamento
Volume III – Poéticos

WARREN W. WIERSBE

TRADUZIDO POR
SUSANA E. KLASSEN

1ª Edição
5ª Impressão

Geográfica

Santo André, SP - Brasil
2010

Comentário Bíblico Expositivo
Categoria: Teologia / Referência

Copyright © 2001 por Warren W. Wiersbe
Publicado originalmente pela Cook Communications Ministries,
Colorado, EUA.

Título Original em Inglês: The Bible Exposition Commentary – Old
Testament: Wisdom and Poetry

Preparação: Liege Maria de S. Marucci

Revisão: Theófilo Vieira

Capa: Douglas Lucas

Diagramação: Viviane R. Fernandes Costa

Impressão e Acabamento: Geográfica Editora

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida
Revista e Atualizada, 2ª edição (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indi-
cação específica.

A 1ª edição brasileira foi publicada em maio de 2006.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wiersbe, Warren W.

Comentário Bíblico Expositivo : Antigo Testamento : volume III,
Poéticos / Warren W. Wiersbe ; traduzido por Susana E. Klassen. –
Santo André, SP : Geográfica editora, 2006.

Título original: The Bible Exposition Commentary -
Old Testament: Wisdom and Poetry

ISBN 85-89956-51-2

I. Bíblia A.T. – Comentários I. Título.

06-3700

CDD-221.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Antigo Testamento : Bíblia : Comentários 221.7
 2. Comentários : Antigo Testamento : Bíblia 221.7
-

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Geo-Gráfica e editora Ltda.

Av. Presidente Costa e Silva, 2151 - Pq. Capuava - Santo André - SP - Brasil

Site: www.geograficaeditora.com.br

SUMÁRIO

JÓ.....	7
SALMOS.....	85
PROVÉRBIOS.....	362
ECLESIASTES.....	449
CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE SALOMÃO.....	512

Jó

Sem dúvida, muitos já ouviram falar de Jó e de suas provações, mas poucos sabem o que elas significam e o que Deus estava procurando realizar por meio delas. Também são poucos os que entendem que Jó sofreu desse modo para que o povo de Deus, nos dias de hoje, aprenda com suas experiências a ser paciente em meio ao sofrimento e a perseverar até o fim.

Quando resolvi escrever sobre Jó, comentei com minha esposa: "Fico imaginando quanto sofrimento teremos de suportar para que eu possa escrever este livro". (Não desejo escrever nem pregar de maneira pessoal ou acadêmica. Se a Palavra não se tornar real para mim, não serei capaz de torná-la real para outros.) Mal sabíamos as tribulações que Deus permitiria que passássemos! No entanto, testemunhamos que Deus é fiel, responde a orações e sempre tem em mente um propósito maravilhoso (Jr 29:11).

Talvez você também tenha de passar pela fornalha a fim de estudar o Livro de Jó e de compreender, de fato, sua mensagem. Se esse for o caso, não tema! Pela fé, diga como

Jó: "Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro" (Jó 23:10). O ouro não teme o fogo. Tudo o que é queimado e fica para trás na fornalha não vale coisa alguma.

Ao estudarmos juntos o Livro de Jó, espero que duas coisas se realizem em sua vida: que você aprenda a ser paciente em meio a suas provações e que aprenda a ajudar a outros em meio às dificuldades deles. Estamos cercados de pessoas necessitando de encorajamento, e Deus pode estar preparando você exatamente para esse ministério. De qualquer modo, espero que este livro venha a ajudá-lo.

Lord Byron acertou em cheio quando escreveu: "A verdade é sempre estranha; mais estranha do que a ficção".

O Livro de Jó não é uma ficção religiosa. Jó não foi um personagem imaginário, mas sim uma pessoa real; tanto Ezequiel (14:14, 20) quanto Tiago (5:11) dão testemunho desse fato. Uma vez que foi um homem real, com experiências reais, Jó é capaz de nos contar aquilo que precisamos saber sobre a vida e os problemas no mundo real.

COMEÇA O DRAMA

Jó 1 – 3

Tendes ouvido da paciência de Jó

(Tg 5:11)

Os três primeiros capítulos apresentam o homem chamado Jó e revelam quatro fatos importantes sobre ele.

1. A PROSPERIDADE DE JÓ (Jó 1:1-5)

É bem provável que a terra de Uz ficasse próxima a Edom (Lm 4:21). Elifaz, um dos amigos de Jó, veio de Temã, um lugar associado aos edomitas (Jó 2:11; Gn 36:11).

Seu caráter (1:1). Jó era “íntegro e reto” (Jó 1:1). Não era um indivíduo sem pecados, pois essa é uma característica que ninguém pode requerer para si. Porém, seu caráter era maduro e pleno, e sua conduta, “reta”. O termo “integridade” é outra palavra importante em Jó (2:3, 9; 27:5; 31:6). Pessoas íntegras são indivíduos completos, sem qualquer hipocrisia ou duplicidade. Jó manteve sua integridade diante das acusações de seus amigos e do silêncio de Deus, e, por fim, o Senhor o justificou.

Jó era um homem “temente a Deus e que se desviava do mal”; esse era o alicerce de seu caráter. “Eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento” (28:28). Temer ao Senhor significa respeitá-lo por seu caráter, seus atos e suas palavras. Esse temor não é o medo que faz o escravo encolher-se diante de seu senhor, mas sim a reverência amorosa de um filho diante do pai, um respeito que conduz à obediência. Nas palavras de Oswald Chambers: “O mais extraordinário a respeito do temor a Deus é que, quando tememos a Deus, não temos medo de nada. Ao passo

que, se não temermos a Deus, teremos medo de tudo”.

Sua família (1:2). Jó possuía uma família próspera. Os acontecimentos do livro desenrolam-se na época dos patriarcas, quando uma família grande era considerada uma bênção de Deus (Gn 12:2; 13:16; 30:1). Os filhos de Jó deviam gostar de passar tempo juntos, tendo em vista que se reuniam com frequência para comemorar seus aniversários, indicando que Jó e sua esposa educaram bem seus filhos. O fato de o patriarca oferecer sacrifícios especiais depois de cada aniversário não indica que fossem comemorações ímpias. Mostra, apenas, que Jó era um homem piedoso e desejava se certificar de que tudo em sua família estava em ordem diante de Deus.

Seus bens materiais (1:3). Naquele tempo, a riqueza era medida principalmente em termos de terras, animais e servos; e Jó possuía os três em abundância. Porém, sua riqueza não o afastou de Deus. Ele reconheceu que o Senhor havia lhe dado todos os seus recursos (Jó 1:21) e usou sua riqueza com generosidade para beneficiar a outros (4:1-4; 29:12-17; 31:16-32). Jó não teria problema algum em obedecer àquilo que Paulo escreveu em 1 Timóteo 6:6-19.

Seus amigos (2:11). Apesar de ser verdade que os três amigos de Jó o magoaram profundamente, ainda assim, eram seus amigos. Quando ficaram sabendo das tragédias ocorridas na família de Jó, vieram de lugares distantes para visitá-lo e sentaram a seu lado em silêncio, demonstrando compaixão por ele. Seu erro foi achar que precisavam encontrar uma justificativa para a situação de Jó e lhe dizer como mudá-la.

Henry Ford disse: “Meu melhor amigo é aquele que faz aflorar o que há de melhor em mim”; mas os amigos de Jó fizeram aflorar o que havia de pior nele. No fim das contas, porém, Jó e seus amigos se reconciliaram (42:7-10), e quero crer que seu relacionamento tornou-se ainda mais profundo. Sem dúvida, os amigos verdadeiros são um grande tesouro.

2. A ADVERSIDADE DE JÓ (Jó 1:6-19)

Em um único dia, Jó foi privado de suas riquezas. Um após o outro, quatro mensageiros

assustados relataram que 500 juntas de bois, 500 jumentos e 3 mil camelos foram roubados em ataques inimigos; 7 mil ovelhas foram atingidas por raios e mortas e todos os seus 10 filhos foram mortos por um vendaval. O rei Salomão estava certo: "Pois o homem não sabe a sua hora. Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles" (Ec 9:12).

Jó sabia o que havia acontecido, mas não sabia *por que* isso havia ocorrido; esse era o "x" da questão. Uma vez que o autor nos permite visitar a sala do trono no céu e ouvir Deus e Satanás conversando, sabemos quem causou a destruição e por que ele teve permissão de fazê-lo. Mas, se não tivéssemos esse *insight*, é bem provável que usaríamos a mesma abordagem dos três amigos culpando Jó pela tragédia.

Essa cena revela várias verdades relevantes, sendo uma das principais que **Deus é soberano sobre todas as coisas**. Ele está assentado em seu trono no céu, os anjos fazem sua vontade e lhe prestam contas; nem mesmo Satanás pode fazer coisa alguma contra o povo de Deus sem a permissão divina. O "Todo-Poderoso" é um dos nomes mais importantes de Deus em Jó e é usado trinta e uma vezes nesse livro. Desde o princípio, o autor nos faz lembrar que não importa o que venha a acontecer neste mundo e em nossa vida, Deus está assentado em seu trono e tem todas as coisas sob controle.

Outra verdade – talvez até surpreendente – é que **Satanás tem acesso ao trono de Deus no céu**. Graças ao *Paraíso Perdido* de John Milton, muita gente tem a idéia equivocada de que Satanás reina sobre este mundo a partir do inferno ("Melhor reinar no inferno/ do que servir no céu"). Mas Satanás só será lançado no lago de fogo depois do juízo final (Ap 20:10ss). Hoje, ele tem liberdade de *rodear a terra* (Jó 1:7; 1 Pe 5:8) e até mesmo de ir à presença de Deus no céu.

A terceira verdade é a mais importante de todas: **ao contrário de Satanás, Deus não encontrou qualquer culpa em Jó**. A declaração

de Deus em Jó 1:8 repete a descrição de Jó no versículo 1, mas Satanás a questionou. A palavra "Satanás" significa "adversário, aquele que se opõe à lei". Trata-se de uma cena num tribunal, em que Deus e Satanás dão veredictos diferentes sobre Jó. Ao estudar este livro, devemos ter sempre em mente que Deus declarou Jó "inocente" (1:8; 2:3; 42:7). Não foi algo na vida de Jó que levou Deus a fazê-lo sofrer. Porém, Satanás o declarou "culpado", pois ele é o acusador do povo de Deus e não encontra nada de bom naqueles que temem ao Senhor (Zc 3; Ap 12:10).

A acusação de Satanás contra Jó foi, na verdade, um ataque a Deus. Assim podemos fazer a seguinte paráfrase: "Tu estás pagando Jó para te temer. Os dois têm um contrato: enquanto ele te obedece e te adora, tu o proteges e o fazes prosperar. Tu não és um Deus digno de adoração! Afinal, precisas pagar para que as pessoas te honrem".

Os três amigos de Jó afirmaram que ele estava sofrendo porque havia pecado – o que não era verdade. Eliú disse que Deus estava disciplinando Jó a fim de aperfeiçoá-lo – o que, em parte, era verdade. Porém, o motivo fundamental do sofrimento de Jó foi *silenciar as acusações blasfemas de Satanás e provar que, mesmo tendo perdido tudo, um homem honraria a Deus*. Foi uma luta "nas regiões celestes" (Ef 6:12), mas Jó não sabia disso. A vida de Jó foi um campo de batalha em que as forças de Deus e de Satanás travaram uma guerra espiritual para decidir a seguinte questão: "O Deus Jeová é digno da adoração do homem?"

Agora, podemos compreender melhor por que Jó se mostrou tão inflexível ao resistir aos conselhos de seus amigos. Eles desejavam que Jó se arrependesse de seus pecados para que Deus removesse o sofrimento e o fizesse prosperar outra vez. Jó se recusava a "inventar" um pecado em sua vida só para se arrepender e "merecer" a bênção de Deus. *Se tomasse tal atitude, estaria fazendo exatamente o que o Acusador queria!* Em vez disso, Jó apegou-se firmemente a sua integridade e bendisse a Deus, mesmo sem entender o que o Senhor estava fazendo. Uma derrota e tanto para o príncipe das trevas!

Vemos, ainda, outra verdade: **Satanás só pode tocar o povo de Deus com a permissão divina e Deus usa essas situações para o bem de seu povo e para sua glória.** Nas palavras de Phillips Brooks: “O propósito da vida é a construção do caráter mediante a verdade”. Deus está trabalhando em nossa vida a fim de nos tornar mais semelhantes a Jesus Cristo (Rm 8:29) e pode usar até mesmo os ataques do inimigo para nos aperfeiçoar. Quando trilhamos o caminho da obediência e nos vemos dentro de uma grande provação, devemos nos lembrar de que nada pode tocar nossa vida se não for da vontade de Deus.

Alguns dos acontecimentos que chamamos de tragédias na vida do povo de Deus foram, na verdade, armas do Senhor para “[fazer] emudecer o inimigo e o vingador” (Sl 8:2). Os anjos observam a Igreja e aprendem pelo modo como Deus se relaciona com seu povo (1 Co 4:9; Ef 3:10). Talvez, só quando chegamos ao céu saberemos por que Deus permitiu que certas coisas acontecessem. Enquanto isso, andamos pela fé e, assim como Jó, dizemos: “Bendito seja o nome do SENHOR!”

3. A FIDELIDADE DE JÓ (JÓ 1:20-22)

As hostes do céu e do inferno ficaram observando a reação de Jó ao perder suas riquezas e seus filhos. Ele expressou sua tristeza do modo costumeiro da época, pois Deus espera que sejamos humanos (1 Ts 4:13). Afinal, até mesmo Jesus chorou (Jo 11:35). Mas, em seguida, Jó adorou a Deus e realizou uma profunda declaração de fé (Jó 1:21).

Em primeiro lugar, **olhou para o passado**, para o dia de seu nascimento: “Nu saí do ventre de minha mãe”. Jó havia recebido tudo o que possuía das mãos de Deus, e o mesmo Deus que lhe concedeu essas coisas tinha o direito de tomá-las de volta. Jó simplesmente reconheceu ser um mordomo.

Em seguida, Jó **olhou para o futuro**, para o dia de sua morte: “e nu voltarei”. Não voltaria ao ventre de sua mãe, pois isso seria impossível. Voltaria para a “terra mãe”, seria sepultado e tornaria ao pó. (A ligação entre o “nascimento” e a “terra mãe” também pode

ser encontrada em Sl 139:13-15.) Nada do que ele havia adquirido entre seu nascimento e sua morte o acompanharia ao outro mundo. Paulo escreve: “Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele” (1 Tm 6:7).

Por fim, Jó **olhou para o alto** e proferiu uma declaração magnífica de fé: “o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!” (Jó 1:21). Ao invés de amaldiçoar a Deus, como Satanás disse que Jó faria, Jó abençoou o Senhor! Qualquer um pode dizer: “o SENHOR o deu” ou “o SENHOR o tomou”; mas é preciso fé verdadeira para dizer, no meio da tristeza e do sofrimento: “Bendito seja o nome do SENHOR”.

“Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma” (v. 22).

4. A MISÉRIA DE JÓ (JÓ 2:1 - 3:26)

Nesta seção, ouvimos quatro vozes diferentes.

A voz do acusador (2:1-8). Satanás não desistiu tão facilmente, pois voltou ao trono de Deus para fazer uma nova acusação contra Jó. Em seu primeiro encontro (1:8), foi Deus quem trouxe à baila o assunto de seu servo Jó, e Satanás aceitou o desafio. Temos a impressão de que Deus está certo de que seu servo não será reprovado nesse teste.

“Todo homem tem seu preço”, disse Satanás. “Jó pode criar outra família e começar outro negócio, pois ainda tem saúde e forças. Permita-me tocar o corpo dele e tirar-lhe a saúde e, sem demora, ele o amaldiçoará abertamente.”

Com a permissão de Deus (1 Co 10:13), Satanás afligiu Jó com uma doença que não temos como identificar. Qualquer que fosse a natureza dessa enfermidade, os sintomas eram terríveis: coceira forte (Jó 2:8), insônia (3:13), feridas e crostas supurantes (2:7), pesadelos (Jó 7:13, 14), mau hálito (19:17), perda de peso (v. 20), calafrios e febre (21:6), diarreia (30:27) e pele enegrecida (v. 30). Quando os três amigos viram Jó, nem sequer o reconheceram! (2:12).

Nem todas as aflições físicas procedem do Maligno, apesar de os demônios de Satanás serem capazes de causar (dentre outras

coisas) cegueira (Mt 12:22), mudez (9:32, 33), deformidades físicas (Lc 13:11-17), dor incessante (2 Co 12:7) e insanidade (Mt 8:28-34). Por vezes, as aflições físicas são resultado natural de descuidos de nossa parte, e não podemos culpar ninguém mais além de nós mesmos. Porém, mesmo nessas ocasiões, Satanás sabe se beneficiar de nossa insensatez.

A aparência de Jó era tão repugnante que ele abandonou o convívio social (Jó 19:13-20) e foi para fora da cidade, sentar-se sobre um monte de cinzas. Esse era o local onde se jogava e queimava o lixo da cidade e onde os párias viviam, pedindo esmolas de quem passava por lá. Nesse monturo, os cães brigavam por algum alimento e o estrume da cidade era queimado. O cidadão mais proeminente daquela comunidade passou a viver na mais abjeta pobreza e vergonha.

A voz da desistente (2:9, 10). Se houve um homem temente a Deus nos dias do Antigo Testamento, alguém que participou do sofrimento de Cristo, esse homem foi Jó. Humanamente falando, tudo o que lhe restava era sua esposa e seus três amigos – e até estes se voltaram contra ele. Não é de se admirar que Jó sentisse que Deus o havia abandonado!

“Amaldiçoa a Deus e morre!” era exatamente o que Satanás queria que Jó fizesse, e a esposa de Jó colocou essa tentação diante do marido. Satanás pode trabalhar por intermédio de pessoas que nos são queridas (Mt 16:22, 23; At 21:10-14), uma tentação ainda mais forte por amamos tanto essas pessoas. Adão deu ouvidos a Eva (Gn 3:6, 12) e Abraão deu ouvidos a Sara (Gn 16); mas Jó recusou-se a ouvir o conselho da esposa.

Claro que ela estava errada, mas sejamos justos e consideremos sua situação. Havia perdido dez filhos em um dia, o que seria suficiente para deixar qualquer mãe arrasada. A riqueza da família havia desaparecido, e ela não era mais a “primeira-dama” de sua terra. Seu marido, outrora o homem mais importante do Oriente (Jó 1:3), estava assentado no monturo da cidade sofrendo de uma doença terrível. O que lhe restava?

Em lugar de ver o marido definhando em dor e vergonha, preferia que Deus o matasse e acabasse de vez com seu sofrimento. Talvez isso acontecesse caso Jó amaldiçoasse a Deus.

Em tempos de grandes provações, nossa primeira pergunta não deve ser: “Como posso sair dessa situação?” mas sim: “O que posso aprender com essa situação?” A esposa de Jó pensou ter encontrado uma solução para o problema; porém, se Jó tivesse seguido o conselho dela, teria piorado a situação. Crer é viver sem tramar, é obedecer a Deus apesar dos sentimentos, circunstâncias ou conseqüências, sabendo que ele está realizando seu plano perfeito a seu modo e a seu tempo.

As duas coisas das quais Jó se recusava a abrir mão eram sua fé em Deus e sua integridade, justamente o que sua esposa desejava que ele abandonasse. Mesmo que Deus permitisse que o mal lhe sobreviesse, Jó não se rebelaria contra o Senhor procurando resolver os problemas por sua própria conta. Jó não havia lido *The Letters of Sam Rutherford*, mas estava seguindo o conselho desse pastor escocês que passou por grande sofrimento: “É obra da fé reivindicar e se apropriar da bondade nos golpes mais severos de Deus”. Jó estava decidido a confiar em Deus – e até mesmo a discutir com Deus! – e a não desperdiçar seu sofrimento nem sua oportunidade de receber o que o Senhor tinha para ele.

Quando a vida se complica, é fácil desistir; mas essa é a pior coisa que podemos fazer. Como disse um professor de história: “Ninguém poderia culpar Colombo se ele tivesse voltado – mas também ninguém se lembraria dele”. Quem deseja ser memorável às vezes precisa sentir-se miserável.

No final, a esposa de Jó reconciliou-se com o seu marido e com o Senhor, e Deus lhe deu outra família (42:13). Não sabemos quanto ela aprendeu com seu sofrimento, mas podemos supor que foram experiências que promoveram seu crescimento.

A voz dos pranteadores (2:11-13). A expressão “consoladores de Jó” aplica-se a pessoas cujo auxílio só faz os outros se sentirem piores. No entanto, apesar de sua

perseguição a Jó, esses três homens possuíam algumas qualidades admiráveis.

Em primeiro lugar, importaram-se o suficiente com Jó a ponto de percorrer uma longa distância para visitá-lo. Quando se lamentaram com ele, não o fizeram numa casa confortável nem em um quarto de hospital: assentaram-se com ele no monturo, cercados de lixo. Sua tristeza era tanta que não conseguiram falar durante sete dias. (Fica claro que, posteriormente, tiraram o atraso desse silêncio.) Na verdade, sua expressão de tristeza foi como o luto pela morte de uma pessoa eminente (Gn 50:10).

A melhor maneira de ajudar as pessoas que sofrem é simplesmente ficar com elas, dizendo pouca coisa ou permanecendo em silêncio, demonstrando que nos preocupamos com elas. Não devemos tentar explicar coisa alguma, pois as explicações não curam o coração ferido. Se os amigos de Jó tivessem dado ouvidos a ele, aceitando seus sentimentos e não argumentado com ele, teriam sido de grande ajuda. Porém, escolheram ser advogados de acusação em vez de testemunhas. No final, o Senhor os repreendeu, e tiveram de pedir perdão a Jó (Jó 42:7-10).

A voz do sofredor (3:1-26). Depois de sete dias de sofrimento silencioso, Jó não abriu a boca para amaldiçoar a Deus, mas sim para maldizer o dia do seu próprio nascimento. “Por que eu fui nascer?”. Essa é uma pergunta que, nos momentos de dor, já foi feita aos prantos por muitos filhos de Deus, inclusive o profeta Jeremias (Jr 20:14-18). Não se trata exatamente da mesma coisa que dizer: “Quería estar morto”, apesar de Jó ter expressado esse desejo em mais de uma ocasião (Jó 6:9; 7:15, 16; 14:13). *Em momento algum, Jó fala de dar cabo da própria vida.* A “lamentação pelo nascimento” preferida por Jó não é uma apologia ao suicídio nem à eutanásia. É a declaração de um homem cujo sofrimento era tão intenso que ele desejou jamais ter nascido.

Quando sofremos, podemos dizer e fazer uma porção de coisas das quais nos arrependemos mais tarde. O sofrimento de Jó era tão grande que ele se esqueceu das bênçãos que ele e sua família haviam desfrutado

durante tantos anos. Se jamais tivesse nascido, não teria sido o homem mais importante do Oriente! Mas a dor nos faz esquecer as alegrias do passado e olhar somente para um futuro sem esperança. Os amigos de Jó ouviram o que ele disse, mas não sentiram a angústia de seu coração e usaram a abordagem errada para ajudá-lo a lidar com suas provações. Argumentaram sobre suas palavras em vez de ministrar a seus sentimentos.

Jó amaldiçoou dois momentos: a noite de sua concepção e o dia do seu nascimento (3:1-13). A concepção é uma bênção de Deus (Gn 30:1, 2; Sl 139:13-16), de modo que, quando amaldiçoamos uma bênção, estamos questionando a bondade de Deus. (Observe como Jó diz que uma criança foi concebida e não “uma massa de protoplasma” ou “uma coisa”. Ele era uma pessoa desde a concepção.)

A palavra-chave dessa passagem é *trevas*. Quando um bebê nasce, sai das trevas para a luz, mas Jó queria permanecer nas trevas. Na verdade, teria sido melhor se tivesse nascido morto! Então, teria ido para o reino dos mortos (*sheol*) e não precisaria passar por todo esse sofrimento.

Jó encerra sua maldição repetindo quatro vezes “por quê?”, fazendo perguntas que somente Deus é capaz de responder. É fácil perguntar por quê, mas é difícil obter a resposta certa. Não há nada de errado em perguntar, desde que não pensemos que Deus nos deve uma resposta. Até mesmo Jesus perguntou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27:46). Mas se o Senhor nos explicasse o motivo de as coisas acontecerem, será que isso aliviaria nossa dor ou sararia nosso coração partido? Ver a radiografia faz passar a dor de uma perna quebrada? Vivemos de promessas e não de explicações, de modo que não devemos gastar muito tempo perguntando a Deus “por quê?”.

A última metade do lamento é uma descrição do mundo dos mortos, o lugar que os judeus chamavam de *Sheol* (Jó 3:13-26). Era lá que Jó desejava estar! O Antigo Testamento não apresenta uma revelação completa e definitiva da vida depois da morte. Essa

revelação só foi dada com a vinda do Salvador (2 Tm 1:10). Jó imaginava o *Sheol* como um lugar de sombras, onde os grandes e os pequenos descansavam juntos, longe dos fardos e sofrimentos da vida na terra. Jó preferia estar morto e ter descanso a estar vivo e suportar toda a miséria que lhe havia sobrevivendo. Afinal, no que se referia a seu futuro (Jó 3:23), já se encontrava no escuro, de modo que podia muito bem ir para as trevas do *Sheol*.

No final de seu lamento, Jó conta um segredo (vv. 25, 26): antes de todos os seus problemas terem início, havia sentido – e temido – que algo terrível aconteceria. Esse sentimento fora uma intuição vinda do Senhor?

Por vezes, o povo de Deus recebe essas intuições que o faz buscar ao Senhor e orar pedindo sua ajuda. Foi isso o que Jó fez? Não sabemos, mas temos certeza de que estava arrasado, pois seus piores medos se realizaram.

Infelizmente, os três amigos de Jó concentraram-se em seu lamento, não em sua declaração de fé (1:21; 2:10). Depois de ouvirem Jó amaldiçoar o dia de seu nascimento, pensaram ser necessário repreendê-lo e defender Deus.

Aqui começa a argumentação, que se transforma numa discussão e, depois, numa contenda, levando o Senhor a intervir para encerrar a questão de uma vez por todas.

INTERLÚDIO

Uma vez que passaremos um bocado de tempo com os três amigos de Jó, convém conhecê-los um pouco melhor.

Os três homens eram idosos (Jó 32:6) e mais velhos que Jó (15:10), mas supomos que o mais velho de todos era *Elifaz*. Seu nome aparece primeiro (2:11), foi ele quem falou primeiro, e, ao que parece, o Senhor o considerava o membro mais velho do trio (42:7). É associado a Temã, um lugar conhecido por sua sabedoria (Jr 49:7). Elifaz baseou seus discursos em duas coisas: nas próprias observações acerca da vida (“Segundo eu tenho visto”, “Bem vi eu”, “Eis que isto já o havemos inquerido”; Jó 4:8; 5:3, 27, respectivamente) e numa experiência assustadora que teve certa noite (4:12-21). Elifaz confiava muito na tradição (15:18, 19), e o Deus que ele adorava era um Legislador rígido. “Acaso, já pereceu algum inocente?” (4:7), perguntou ele, e incontáveis mártires poderiam responder: “Nós!” (Que dizer do Senhor Jesus Cristo?) Elifaz possuía uma teologia inflexível que não deixava muito espaço para a graça de Deus.

É bem possível que *Bildade* fosse o segundo mais velho, uma vez que seu nome aparece em segundo lugar e ele fala depois de Elifaz. *Pode-se descrever Bildade com uma só palavra: legalista*. Seu lema era: “Eis que Deus não rejeita ao íntegro, nem toma pela mão os malfeitores” (8:20). Era capaz de citar provérbios antigos e, assim como Elifaz, tinha profundo respeito pela tradição. Bildade estava certo de que os filhos de Jó haviam morrido porque também eram pecadores (v. 4). Não demonstra sensibilidade alguma pelo amigo sofredor.

Zofar era o mais jovem dos três e, sem dúvida, o mais dogmático. Fala como um diretor de escola dirigindo-se a uma turma de calouros ignorantes. Sua abordagem insensível é: “Sabe, portanto!” (11:6; 20:4). Não se mostra, de modo algum, um homem misericordioso e diz a Jó que, tendo em vista seus pecados, Deus o estava fazendo sofrer muito menos do que merecia! (11:6). Seu lema era: “Porventura, não sabes tu que desde todos os tempos [...] o júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpios, momentânea?” (Jó 20:4, 5). É interessante observar que Zofar só se dirige a Jó em duas ocasiões. Ou ele decidiu que não era capaz de refutar a argumentação de Jó, ou considerou uma perda de tempo tentar ajudar o amigo.

Algumas das palavras desses três homens são boas e verdadeiras, enquanto outras são insensatas. De qualquer modo, por terem uma visão muito restrita, não puderam ajudar o amigo. Sua teologia não era vital nem vibrante, mas sim morta e rígida, e o Deus que tentaram defender era pequeno o suficiente para ser compreendido e explicado. Esses homens são uma ilustração perfeita da declaração de Dorothy Sayers: “Nada é impossível de ser provado caso seu ponto de vista seja suficientemente limitado”.

Por que alguémalaria a um amigo do modo como esses três homens falaram a Jó? Por que estavam tão zangados? Encontramos uma pista nas palavras de Jó: “Assim também vós outros sois nada para mim; vedes os meus males e vos espantais” (6:21). *Esses três homens estavam com medo de que as mesmas calamidades acontecessem com eles!* Portanto, precisavam defender sua premissa de que Deus recompensa os justos e castiga os perversos. Enquanto fossem “justos”, nada de mal lhes aconteceria nesta vida.

O medo e a raiva muitas vezes andam juntos. Ao afirmar sua integridade e se recusar a dizer que havia pecado, Jó abalou a teologia de seus amigos e tirou deles sua paz e confiança, o que, por sua vez, os deixou zangados. Deus usou Jó para destruir a teologia superficial desses homens e desafiá-los a aprofundar-se no coração e na mente do

Senhor. Infelizmente, preferiram o superficial e seguro ao invés do profundo e misterioso.

Elifaz, Bildade e Zofar têm vários discípulos hoje. Sempre que encontramos uma pessoa que se sente obrigada a explicar tudo, que tem uma resposta pronta para todas as perguntas e uma fórmula fixa para resolver todos os problemas, voltamos ao monturo com Jó e seus três amigos. Quando isso acontecer, devemos nos lembrar das palavras do psicólogo suíço, Paul Tournier:

Ansiamos quase sempre por uma religião fácil, simples de compreender e simples

de seguir; uma religião sem mistérios, sem problemas insolúveis, sem dificuldades inesperadas; uma religião que nos permita escapar de nossa condição humana miserável; uma religião na qual o contato com Deus nos poupe de todo conflito, toda incerteza, todo sofrimento e toda dúvida; em resumo, uma religião sem a cruz.¹

Imagino como os três amigos de Jó explicariam a cruz para os dois discípulos de Emaús! (Lc 24:13ss). Vamos ouvir, agora, a primeira rodada de discursos.

1. TOURNIER, Paul. *Reflections*. Nova York, Harper & Row, 1976, p. 142.

COMEÇA A ARGUMENTAÇÃO

Jó 4 - 7

Mas, o que Satanás não pôde fazer com a ajuda dos sabeus, dos caldeus, de todos os ventos do deserto, não tardou em conseguir com a abordagem argumentativa e as controvérsias ofensivas de Elifaz, Zofar, Bildade e Eliú. Oh, a maldição da controvérsia, não há quem a possa mitigar!

(Alexander Whyte)

Os três amigos passaram sete dias em silêncio (Jó 2:13), e, posteriormente, Jó desejou que tivessem permanecido assim (13:5). “Então, respondeu Elifaz, o temanita.” Mas a que respondeu? À dor no coração de Jó? Não. Respondeu apenas às palavras dos lábios de Jó, e esse *foi seu erro*. O conselheiro e consolador sábio deve ouvir com o coração e responder tanto aos sentimentos quanto às palavras. Não se cura um coração partido com lógica, mas sim com amor. Sem dúvida, é preciso dizer a verdade, mas esta deve ser dita em amor (Ef 4:15).

1. A REPRENSÃO DE ELIFAZ (JÓ 4 - 5)

Sua abordagem (4:1-4). A abordagem de Elifaz parece começar de modo positivo e até amável; mas é apenas um pouco de mel preparando Jó para a amargura que segue. “Se intentar alguém falar-te, enfadar-te-ás?” (v. 2).

Na verdade, estava dizendo: “Não se zangue, Jó! Em outros tempos, suas palavras foram de grande ajuda para muita gente, e nosso desejo é que estas palavras possam ajudá-lo agora”.

Jamais subestime o poder das palavras para animar as pessoas em meio às batalhas da vida. James Moffatt sugere a seguinte

tradução para Jó 4:4: “As suas palavras mantiveram homens em pé”. As palavras certas, ditas no momento certo e com a motivação certa podem fazer uma tremenda diferença na vida dos outros. Nossas palavras podem sustentar os fracos e encorajar os abatidos. Mas também podem ferir os quebrantados e ser mais um fardo sobre eles, de modo que devemos ter cuidado com o que falamos e como falamos.

Sua acusação (4:5-11). Em seguida, Elifaz parte para a acusação. Jó era capaz de “dar” conselhos, mas não sabia “recebê-los”! Podia dizer aos outros como lidar com suas provocações; mas quando as dificuldades lhe sobrevieram, não colocou em prática seu próprio discurso. “Porventura, não é o teu temor de Deus aquilo em que confias”?, perguntou Elifaz. “E a tua esperança, a retidão dos teus caminhos?” (v. 6). De acordo com Elifaz, se Jó está vivendo no temor do Senhor, então não precisaria temer, pois Deus *sempre* abençoa os justos e julga os perversos.

Esta é a premissa básica dos três amigos: faça o que é certo e tudo dará certo; faça o que é errado e Deus enviará seu julgamento. É possível que, por vezes, esse julgamento seja gradual, como o cultivo de uma plantação para a colheita (v. 8). Também pode vir de repente, como a chegada de uma tempestade ou o ataque de um leão (vv. 9-11). Mas não há dúvida de que o julgamento virá, pois Deus é um Juiz justo.

A maioria das pessoas crê que, *em última análise*, Deus abençoa os justos - seu povo - e julga os perversos; mas não é isso o que está em questão em Jó. Ele e seus amigos não estão tratando do que acontece *no fim das contas*, mas sim das implicações *imediatas*, um assunto sobre o qual Davi (Sl 37), Asafe (Sl 73) e até o profeta Jeremias (Jr 12:1-6) falaram.

Seus argumentos (4:12 - 5:7). Elifaz baseou sua argumentação em dois pontos: a experiência (4:12-21) e a observação (5:1-7). O primeiro argumento refere-se a uma experiência sinistra pela qual ele passou certa noite, quando teve uma “visão” e ouviu uma voz. Cabe aqui levantar duas perguntas:

Qual foi o conteúdo da mensagem? Essa mensagem foi uma revelação direta de Deus?

Uma vez que os manuscritos hebraicos do Antigo Testamento não apresentam pontuações, nem sempre sabemos, ao certo, onde começam e terminam certas citações. A maioria das traduções em nossa língua determina o trecho de 4:17-21 como a declaração completa do “espírito”. Porém, alguns estudiosos acreditam que essa declaração limita-se ao versículo 17 e que o restante é um comentário de Elifaz. De qualquer modo, a mensagem é a mesma: a vida do ser humano é breve e frágil, e, por sua própria conta, ele nunca é capaz de ser suficientemente justo para agradar a Deus.

Mas será que essa declaração foi uma revelação direta de Deus? É bem provável que não, uma vez que essa experiência como um todo não parece encaixar na maneira habitual de Deus revelar a verdade. Em primeiro lugar, não tem a autoridade de uma declaração como: “Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo” ou “Assim diz o Senhor”. Além do mais, Deus não costuma aparecer de modo furtivo e assustar as pessoas. Não sabemos ao certo, mas é possível que Elifaz tenha sonhado com essa experiência, meditado sobre ela e, aos poucos, a transformado numa visão.

Uma coisa é certa: Elifaz não estava dizendo tudo sobre a relação entre Deus e o ser humano. Sem dúvida, o ser humano vive numa casa de barro que, a seu tempo, se transforma em pó, e a vida humana pode ser exterminada como se esmaga uma traça ou como se desmonta uma tenda. No entanto, o ser humano também é feito à imagem de Deus, e seu Criador é um Deus de graça e de misericórdia bem como um Deus de justiça.

O segundo argumento de Elifaz baseia-se em suas observações pessoais sobre a vida (5:1-7). Ele viu pecadores prosperarem e criarem raízes, mas que acabaram destruídos e perdendo tudo. Trata-se de uma descrição nada sutil da situação de Jó. Deve tê-lo magoado profundamente ouvir que seus pecados haviam provocado a morte de seus filhos. Porém, no Salmo 73, Asafe apresenta uma perspectiva totalmente diferente. Ele

conclui que Deus permite que os ímpios prosperem nesta vida, pois este é o único “céu” que terão. Deus acertará as contas na vida depois desta e providenciará para que seu povo seja recompensado e os perversos sejam castigados.

O problema de argumentar com base naquilo que observamos é que nossas observações são extremamente limitadas. Além disso, ao contrário de Deus, não somos capazes de enxergar o que há no coração humano e determinar quem é reto aos olhos do Senhor. Alguns pecadores sofrem julgamento quase imediato, enquanto outros têm vida próspera e morrem em paz (Ec 8:10-14).

Os problemas não brotam do solo como ervas daninhas, mas fazem parte do ser humano desde seu nascimento, pois todo ser humano nasce pecador (Jó 5:6, 7). Elifaz conclui que, se Jó está passando por dificuldades, ele próprio é culpado, pois pecou contra Deus. Assim, Jó deve se arrepender de seus pecados e pedir que Deus o perdoe.

Seu apelo (5:8-17). Essa conclusão leva Elifaz a fazer um apelo para que Jó busque ao Senhor e se entregue a ele. O Deus que faz maravilhas e cuida de sua criação certamente socorrerá Jó, se ele se humilhar e confessar seus pecados. Jó deve considerar suas tribulações como uma disciplina de Deus para torná-lo um homem melhor (vv. 17, 18), tema que será retomado mais adiante por Eliú. Ao que parece, Jó estava levando uma vida deplorável, pois Deus lhe tomou suas riquezas, sua família e sua saúde a fim de colocá-lo na linha! Afinal, a disciplina não é um instrumento do amor de Deus? (Pv 3:11, 12; Hb 12:1-11.)

Sua convicção (5:17-27). Elifaz encerra seu discurso com palavras de convicção. O mesmo Deus que fere também cura (Dt 32:39; Os 6:1, 2). Ele livrará das dificuldades, salvará dos inimigos e dará uma vida longa e uma morte tranqüila. “Eis que isto já o havemos inquirido, e assim é; ouve-o e medita nisso para teu bem” (Jó 5:27).

Mas essas palavras não passam de uma reformulação da filosofia de Satanás! “Porventura, Jó de balde teme a Deus? [...] Pele por pele, e tudo quanto o homem tem

dará pela sua vida" (1:9; 2:4). Elifaz estava pedindo que Jó negociasse com Deus: confesse seus pecados, e Deus lhe dará de volta tudo o que perdeu. Se houvesse escolhido agir assim, Jó teria envergonhado Jeová e provado que Satanás estava certo, algo que se recusou a fazer.

2. A RESPOSTA DE JÓ (JÓ 6 – 7)

Jó respondeu com dois apelos veementes. Primeiro, suplicou aos três amigos que mostrassem mais compreensão e compaixão (Jó 6). Em seguida, suplicou a Deus para que considerasse sua situação miserável e aliviasse seu sofrimento antes que morresse (Jó 7).

A súplica de Jó a seus amigos (cap. 6).

Até então, somente Elifaz havia falado, mas Jó percebeu que Bildade e Zofar concordavam com ele. Nenhum dos amigos identificou-se com aquilo que Jó estava passando física e emocionalmente. Uma coisa era assentar a seu lado, outra bem diferente era sentir o que ele estava sentindo (Ez 3:15). Uma criança definiu "compaixão" como "sentir sua dor em meu coração", mostrando saber mais sobre como oferecer consolo do que esses três homens.

Para começar, não sentiram o peso de seu sofrimento (Jó 6:1-3). Não é de se admirar que Jó tenha falado de modo tão enérgico! Seus amigos teriam feito a mesma coisa se estivessem carregando um fardo como o dele. Ao contrário dos cristãos de hoje, Jó não possuía a revelação plena do céu, de modo que seu futuro era um enigma. Nós, por outro lado, podemos ler 2 Coríntios 4:16-18 e receber novo ânimo.

Seus amigos também não entenderam a *amargura* de seu sofrimento (Jó 6:4-7). Jó se sentia como um alvo contra o qual Deus atirava flechas envenenadas, e esse veneno amargurava seu espírito. Deus havia enfileirado seus soldados que, agora, atiravam contra um único homem fraco, e os amigos de Jó apenas destilavam mais veneno. Jó precisava de palavras de estímulo para nutrir seu espírito e fortalecê-lo, mas seus amigos o alimentavam apenas com palavras inúteis e insípidas. Se suas queixas soavam como um jumento zurrando ou um boi mugindo,

era porque, assim como um animal morrendo de fome, ansiava por amor e compreensão.

Jó tentou fazê-los sentir o *desespero* de sua situação (vv. 8-13). O sofrimento intenso e prolongado pode levar a pessoa a se sentir impotente para lidar com a vida, o que, por sua vez, pode conduzir ao desespero. Como planejar para o futuro se não somos capazes de controlar alguns dos elementos que constituem a vida? Assim, Jó perguntou: "Por que esperar, se já não tenho forças? Por que prolongar a vida, se o meu fim é certo?" (v. 11). Em outras palavras: "O que estou esperando? A vida só está ficando pior!"

O desespero pode gerar um sentimento de *inutilidade*, e, quando nos sentimos inúteis, perdemos a vontade de viver. Isso explica por que Jó desejava que Deus lhe tirasse a vida (3:20-23; 6:8, 9; 7:15, 16; 10:18, 19; 14:13). Jó não atentou contra a própria vida, pois sabia que o suicídio era errado; porém, pediu a Deus que o libertasse de sua condição miserável. Os amigos de Jó possuíam saúde e conforto e não entendiam como era acordar cada manhã sabendo que outro dia de sofrimento os esperava. Jó havia perdido todas as suas forças e se sentia imprestável (6:12, 13).

Numa atitude corajosa, Jó lhes mostrou a *ineficácia* de seu ministério a ele (vv. 14-30). Não tinham piedade dele nem tentavam suprir suas necessidades. Eram como um córrego seco no meio do deserto, que serve apenas para decepcionar os viajantes sedentos. Nos tempos de prosperidade, foram seus "amigos", mas em tempos de dificuldade, se voltaram contra ele.

Jó fez dois pedidos aos amigos: "Ensinai-me" (v. 24) e "Olhai para mim" (v. 28). Não precisava de acusações, e sim de esclarecimento! Mas eles nem sequer o fitavam e atentavam para sua situação miserável. Fisicamente, os homens estavam assentados com Jó no monturo, mas emocionalmente eram como o sacerdote e o levita que passaram "de largo" (Lc 10:30-37).

Em meu ministério pastoral, lembro-me de visitar pacientes de hospital para os quais era difícil olhar por causa de sua enfermidade,

acidente ou cirurgia e, por vezes, também era difícil escutá-los, pois haviam se tornado amargurados. Pela forma como eu os olhava e pelas minhas reações a suas palavras, essas pessoas eram capazes de perceber se me preocupava mesmo com elas ou não. Não adiantaria muita coisa ler a Bíblia e orar a menos que, antes, tivéssemos construído uma ponte entre nossos corações. Só então seria possível ministrar um ao outro.

Jó encerrou seu discurso a seus amigos com uma súplica veemente para que reconsiderassem sua situação e o tratassem com mais amor. "Tornai a julgar, vos peço, e não haja iniquidade; tornai a julgar, e a justiça da minha causa triunfará" (Jó 6:29). Esses três homens estavam tão preocupados em defender a si mesmos que haviam se esquecido de consolar seu amigo!

A súplica de Jó ao Senhor (cap. 7). Jó usou várias imagens vívidas para descrever a *futilidade* da vida. Sentia-se como um homem que havia sido alistado à força num exército, sendo obrigado a levar uma vida "penosa" (v. 1a); como um escravo que anseia pela sombra e um trabalhador que espera pelo fim do dia e por seu pagamento (v. 2). Pelo menos, esses homens tinham algo pelo que esperar, enquanto o futuro de Jó era desesperador. Suas noites eram insones e seus dias, inúteis (Dt 28:67), e o Senhor parecia não se importar.

Em seguida, concentrou-se na *brevidade* da vida. O tempo estava passando velocemente, de modo que, se Deus pretendia fazer alguma coisa, era melhor se apressar! A vida de Jó era como a lançadeira do tecelão (Jó 7:6), movendo-se com rapidez e ficando quase sem fio. (O termo "soltar", em 6:9, refere-se a cortar o tecido do tear. Ver Is 38:12.) A vida é como uma tecelagem, e somente

Deus conhece o desenho todo e sabe quando está completo.

Jó também viu sua vida como um sopro ou uma nuvem, que existe por um breve momento e depois desaparece para sempre (Jó 7:7-10; Tg 4:14). Deus o estava tratando como um monstro perigoso que precisava ser vigiado incessantemente (Jó 7:11, 12). Não é de se admirar que Jó estivesse amargurado contra Deus por guardá-lo a todo tempo. O fato de, no original, Jó se referir a *Yam* ("o mar") e a *Tammin* ("um monstro marinho"), duas figuras mitológicas, não significa que aprovava os ensinamentos dos mitos orientais. Estava apenas usando personagens conhecidos para ilustrar sua argumentação.

Era impossível Jó escapar de Deus, o "Espreitador dos homens" (v. 20). Se Jó adorava, Deus o aterrorizava em seus sonhos. Se estava acordado, sabia que Deus o estava observando (10:14; 13:27; 31:4). Não podia sequer engolir sua saliva sem que Deus subisse! Por que toda essa atenção de Deus sobre um só homem? (7:17, 18; Sl 8:4.)

Jó encerrou seu apelo com um pedido de perdão (Jó 7:20, 21). "Se pequei, então me perdoa. Por que devo ser um fardo para ti e para mim mesmo? O tempo está passando rapidamente, então vamos resolver tudo sem demora!" Não era uma confissão de pecados, pois Jó continuava afirmando sua integridade; antes, era a oportunidade de Deus tratar de áreas da vida de Jó que lhe eram desconhecidas (Sl 19:12-14).

Então, Jó se calou. Havia expressado sua dor e frustração e suplicado a seus amigos por ânimo e compreensão. Será que seu pedido seria atendido?

Observemos, a seguir, as palavras de Bildade, o suíta, que faz uma breve preleção teológica acerca da justiça de Deus.

A ARGUMENTAÇÃO CONTINUA

Jó 8 - 10

É possível ser tão ortodoxo quanto o diabo - e também tão perverso quanto ele.

(John Wesley)

A medida que a discussão prossegue, Bildade apresenta três argumentos lógicos, a fim de provar que Jó é culpado, e Jó o contesta com três perguntas difíceis, a fim de ajudar seus amigos a compreender como ele está perplexo e atormentado.

1. TRÊS ARGUMENTOS LÓGICOS (Jó 8:1-22)

“Até quando as palavras da tua boca serão qual vento impetuoso?” (Jó 8:2). É possível imaginar um conselheiro fazendo uma pergunta assim a alguém que está sofrendo e deseja morrer? Foi o que Bildade perguntou a Jó e, em seu discurso seguinte (18:2), usou a mesma abordagem. Jó havia derramado diante deles toda a sua tristeza e esperava ouvir uma palavra de consolo, mas seu amigo disse que o discurso de Jó não passava de conversa fiada.

Essa abordagem de Bildade é justificada: estava tão preocupado em defender a justiça de Deus que se esqueceu das necessidades de seu amigo. “Perverteria Deus o direito ou perverteria o Todo-Poderoso a justiça?” (8:3). Bildade pregou um sermão sobre a justiça de Deus, usando como tema a “visão” de Elifaz: “Seria, porventura, o mortal justo diante de Deus?” (4:17). Em sua defesa da justiça de Deus, Bildade apresentou três argumentos lógicos.

O caráter de Deus (vv. 1-7). Bildade estava irado com o fato de Jó ter considerado que Deus faria alguma coisa errada. Acaso Jó havia se esquecido do que Deus havia

feito aos pecadores no dilúvio ou em Sodoma e Gomorra? Jeová não é, afinal, o Deus santo, cuja própria natureza exige que ele faça o que é certo? Jó estava blasfemando ao questionar Deus e acusá-lo de proceder equivocadamente.

Apesar de a teologia de Bildade estar correta - Deus é, de fato, justo -, sua aplicação dessa teologia estava errada. Bildade concentrava-se em apenas um aspecto da natureza de Deus - sua santidade e justiça -, deixando de lado seu amor, sua misericórdia e sua bondade. Sem dúvida, “Deus é luz” (1 Jo 1:5); mas não devemos nos esquecer de que “Deus é amor” (4:8, 16). Seu amor é santo, e sua santidade é exercida em amor, mesmo quando ele julga o pecado.

Como é possível conciliar esses dois atributos de Deus? Isso acontece na cruz. Quando Jesus morreu pelos pecados do mundo, a retidão de Deus foi justificada, pois o pecado foi julgado; porém, o amor de Deus também foi demonstrado, pois ofereceu ao mundo um Salvador. No Calvário, Deus é “justo e o justificador” (Rm 3:24-26). De acordo com a lei de Deus, “a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18:4, 20); e Deus obedeceu à sua própria lei ao sacrificar seu Filho. Na ressurreição de Cristo, a graça de Deus triunfou sobre o pecado e a morte, e todos os que se arrependem e crêem em Jesus Cristo são salvos.

Nos tempos do Antigo Testamento, aqueles que criam olhavam adiante para a cruz e eram salvos pela fé no Salvador que estava por vir (Jo 8:56; Rm 3:25; Hb 11). Jó era um homem temente a Deus, e, portanto, Deus havia perdoado seus pecados. Mesmo se Jó tivesse pecado contra Deus de algum modo mais grave, Deus teria tratado seu filho com base em sua graça e misericórdia e não de acordo com a sua justiça. Quando confessamos nossos pecados, Deus nos perdoa, pois é fiel à sua promessa e justo para com seu Filho que morreu por esses pecados (1 Jo 1:9).

Jó deve ter sentido uma dor profunda quando Bildade lhe disse que seus filhos haviam morrido porque haviam pecado (Jó 8:4). É provável que Bildade acreditasse estar

animando Jó: "Talvez não tenham sido mortos por causa de suas transgressões, Jó, mas sim, porque eles próprios viviam em pecado. Não há nada que eles possam fazer agora, mas você ainda pode tomar uma providência; portanto, se apresse!"

O apelo de Bildade nos versículos 5 a 7 é outro reflexo da filosofia de Satanás. "Você diz que não pecou. Então, rogue a Deus que restaure sua prosperidade. Se sua vida estiver em ordem diante de Deus, ele fará grandes coisas por você. Acaso a prosperidade não é melhor que o sofrimento?" O que Bildade não sabia era que, posteriormente, suas palavras se cumpriram e Jó seria ainda mais próspero do que no começo. Porém, no final, a oração de Jó seria por Bildade e pelos outros, pois a vida deles não estava em ordem diante de Deus (42:7-13).

A sabedoria do passado (vv. 8-10). Elifaz baseou seu raciocínio na observação e na experiência, mas como um bom tradicionalista, Bildade foi procurar sua sabedoria no passado. Sua pergunta-chave é: "O que os antigos têm a dizer sobre isso?" Por certo, podemos aprender com o passado. Nas palavras de George Santayana: "Aqueles que não se lembram do passado estão condenados a repeti-lo". Porém, o passado deve ser um leme que nos conduz e não uma âncora que nos prende. "Pela maneira que o passado perece é que se constrói o futuro", disse o filósofo Alfred North Whitehead.

O fato de que algo foi dito ou escrito há muitos anos não garante, de modo algum, que seja certo. Gosto de literatura clássica e fico impressionado como seus textos contêm tanta sabedoria e tanta insensatez e como, com frequência, caem em contradição. Dr. Robert Hutchins, editor da coletânea *The Great Books of the Western World [Os Grandes Livros do Mundo Ocidental]*, escreveu em seu prefácio: "Num diálogo que se estende por mais de 25 séculos, aparecem todos os tipos de dogmas e de pontos de vista. Aí estão os grandes erros bem como as grandes verdades".

"Tradição" e "tradicionalismo" são duas coisas bem diferentes. O historiador Jeroslav Pelikan expressa essa distinção de modo

bastante preciso: "Tradição é a fé viva daqueles que já morreram; tradicionalismo é a fé morta daqueles que ainda estão vivos". Para Bildade, o passado era um estacionamento; mas Deus quer que o passado seja uma plataforma de lançamento. *Permanecemos com os antigos para que possamos caminhar com eles e nos mover em direção aos objetivos que buscavam.* Isso inclui nosso conhecimento de Deus bem como nosso conhecimento do ser humano e do mundo. Como disse John Robinson aos pioneiros, quando partiram para o Novo Mundo: "O Senhor ainda tem muitas verdades para revelar de sua Santa Palavra".

Bildade não citou os antigos; sabia que Jó conhecia o passado tão bem quanto ele. Porém, deixou claro que respeitava a sabedoria dos antigos mais do que os ensinamentos dos contemporâneos. A sabedoria acumulada ao longo das eras certamente era mais valiosa do que as palavras de pessoas que "nasceram ontem". A vida é curta demais para aprendermos tudo o que elas podem nos ensinar. Somos sombras passageiras, de modo que o melhor a fazer é aprender a sabedoria enquanto temos oportunidade.

As evidências da natureza (vv. 11-22). É possível que, em seu "poema sobre a sabedoria", Bildade tenha resumido alguns dos dizeres dos antigos, argumentando em favor de uma lei de "causa e efeito". Se essa lei se aplica à natureza, por que não vale também para a vida humana?

Considere, por exemplo, o papiro, uma planta que murcha se não tiver água (vv. 11-13). Jó estava murchando, de modo que devia haver uma causa: era um hipócrita, e sua esperança estava se esmorecendo.

Em seguida, Bildade passa das plantas para as aranhas (vv. 14, 15). É possível apoiar-se na teia de uma aranha e ser sustentado por seus fios? Claro que não! Por mais certo que alguém esteja de que isso é possível, a teia se romperá. A convicção de Jó também era assim: a seu tempo, ela se romperia, e ele cairia.

O terceiro exemplo é tirado do jardim: se arrancarmos uma planta, por mais viçosa que esteja, cedo ou tarde acabará morrendo

(vv. 16-22). Algo havia acontecido às “raízes” de Jó, e ele estava desfalecendo; assim, o pecado seria a causa de tudo. Ninguém arranca uma planta *boa* e a destrói, de modo que devia haver algo de errado com Jó, pois Deus o havia desarraigado de seu jardim. Deus não cultiva ervas daninhas nem lança fora as plantas boas! Bildade reafirmou sua promessa anterior de que Deus restauraria a sorte de Jó, se ele reconhecesse que havia pecado e colocasse sua vida em ordem diante do Senhor. Mais um convite de Satanás!

2. TRÊS PERGUNTAS DIFÍCEIS (JÓ 9:1 – 10:22)

Daqui em diante, a ênfase da discussão recai sobre a *justiça de Deus*, e a imagem proeminente nos pensamentos de Jó é a de um *processo legal*. Ele deseja levar Deus a um tribunal e ter a oportunidade de provar sua integridade. Essa intenção fica clara pelo vocabulário que emprega:

contender (Jó 9:3; 10:2) = processar legalmente

responder (9:3, 16) = testemunhar no tribunal

juiz (v. 15) = um oponente em demanda, acusador

citar (v. 19) = convocar para se apresentar no tribunal

árbitro (v. 33) = mediador, moderador

defender-se (13:3) = justificar-se

encaminhar a minha causa (v. 18) = preparar o caso

ouvir (31:35) = conceder uma audiência

adversário (v. 35) = acusador no tribunal

Em Jó 9 e 10, Jó faz três perguntas: [1] “Como posso ser reto diante de Deus?” (9:1-13); [2] “Como posso me encontrar com Deus no tribunal?” (vv. 14-35); [3] “Por que nasci?” (10:1-22; ver v. 18). Podemos ver como essas perguntas encontram-se interligadas. Jó é um homem reto, mas precisa provar esse fato. Como é possível um mortal provar que é reto diante de Deus? Pode processar Deus num tribunal? Mas se Deus não se apresentar e testemunhar em favor de Jó, que propósito há em tanto sofrimento? Afinal, por que Jó nasceu?

“Como posso ser reto diante de Deus?” (9:1-13). Não se trata de uma pergunta sobre a salvação (“Como posso ser justificado?”), mas sim sobre a justificação (“Como posso ser declarado inocente?”). Se um homem tentasse processar Deus num tribunal, de modo algum seria capaz de responder às perguntas de Deus, nem uma em mil! No entanto, Jó não conhece outra forma de “limpar seu nome” perante os amigos.

A maior parte dessa seção é uma declaração que se concentra nos atributos de Deus, especialmente em sua sabedoria invencível e em seu poder, que controla a Terra e os céus. Alguém ousaria processar um oponente que tem o poder de abalar a Terra, criar as estrelas e andar sobre as ondas? (ver Is 44:24 e Am 4:13).

Porém, Deus não é apenas invencível, mas também *invisível*. Jó não podia vê-lo, nem detê-lo para intimá-lo a comparecer ao tribunal. Deus pode fazer o que bem lhe aprouver, e ninguém é capaz de questioná-lo! Até mesmo os “auxiliares do Egito”, a grande potência da época, devem se curvar diante do poder de Deus (Jó 9:13).

“Como posso me encontrar com Deus no tribunal?” (9:14-35). A fim de provar que era um homem reto, Jó precisava levar Deus a um tribunal. Mas e se Deus aceitasse a intimação, o que Jó diria ou faria? Ele discute essa questão imaginando várias situações.

(1) “Se Deus comparecesse, o que eu diria?” (vv. 14-19). De que maneira Jó poderia responder ao interrogatório de Deus? Como é possível arrazoar com Deus ou se defender diante dele? Se Deus respondesse, Jó não acreditaria que era sua voz, e se Jó disse algo errado, Deus o afligiria ainda mais. Quando, por fim, Jó se encontrou com Deus (Jó 38 – 41), o Senhor lhe fez 77 perguntas! E Jó não conseguiu responder a nem uma! Sua única resposta foi admitir sua ignorância e se calar.

(2) “O que eu faria se pudesse declarar minha inocência?” (vv. 20-24). De modo algum isso garantiria que Deus libertaria Jó. Tanto Elifaz quanto Bildade declararam que Deus recompensa o justo e julga o ímpio, mas Jó afirmou que, por vezes, Deus destrói

tanto o justo quanto o ímpio. Os juízes iníquos condenam os justos e ajudam os perversos, e, ao que parece, Deus permanece indiferente. Jó está acusando Deus de ser injusto não apenas para com ele e sua família, mas também para com as pessoas inocentes de sua terra.

(3) *“De que adiantará tentar ser feliz?”* (vv. 25-31). O tempo de Jó estava se esgotando, passando rapidamente como os mensageiros do rei que se apressam para chegar a seu destino, como os barcos de junco do Egito que deslizam velozmente sobre as águas do rio e a águia que mergulha do céu. Talvez Jó devesse assumir uma atitude mais positiva com relação a sua aflição, esquecer sua dor e sorrir (v. 27). Mas será que isso mudaria alguma coisa? Não! Ainda seria culpado diante de Deus, rejeitado pelos amigos e continuaria assentado no depósito de lixo da cidade, com sua enfermidade e agonia. Mesmo que tomasse um banho e trocasse de roupas num ato de contrição e de purificação pública, ainda temeria o que Deus lhe poderia fazer. Jó estava convicto de que Deus estava contra ele e de que qualquer passo que desse na terra seria anulado pelo céu. O réu pode sorrir e aparentar coragem quando está no tribunal, mas isso não impede o júri de declará-lo “culpado”.

(4) *“Se ao menos eu tivesse um mediador!”* (vv. 32-35). Se Deus fosse um ser humano, Jó poderia abordá-lo e defender sua causa. Ou se houvesse um “árbitro” (mediador) entre Deus e Jó, poderia remover sua vara de julgamento e reunir Jó e Deus. Mas Deus não é homem e não há mediador algum! *É aqui que Jesus entra em cena!* Jesus é Deus e se fez homem para revelar o Pai (Jo 14:7-11) e conduzir os pecadores a Deus (1 Tm 2:5, 6; 1 Pe 3:18). Ele é o “árbitro” pelo qual Jó suplicou séculos antes (Jó 16:21).

“Por que eu nasci?” (10:1-22). Nessa passagem, Jó argumenta que Deus o criou e lhe deu vida (vv. 3, 8-12, 18, 19), mas Deus não o está tratando como parte de sua criação. Depois de dedicar tempo e esforço para criar Jó, Deus o está destruindo! Além disso, Deus julga Jó sem sequer lhe dizer quais são

as acusações contra ele (v. 2)! Não é de se admirar que Jó esteja exausto, amargurado e confuso (vv. 1, 15). Observe que, nesse capítulo, Jó se dirige diretamente a Deus e não a seus amigos.

Deus não é um homem para precisar esquadrihar as coisas e correr contra o tempo (vv. 4-6). Deus é eterno e pode demorar o tempo que quiser; Deus também é onisciente e não precisa realizar investigações como um detetive particular. Jó, a princípio, quis um árbitro (9:33), mas agora busca um libertador que o livre do julgamento (10:7). Deus é um Guarda sempre presente, vigiando todos os movimentos de Jó (v. 14). Espreita Jó como um leão (v. 16) e o ataca com seu exército (v. 17). Jó está cercado e não tem como escapar.

Diante disso, parece-lhe justo perguntar: *“Por que, pois, me tiraste da madre?”* (v. 18). A vida de Jó na terra parecia tão sem propósito que ele suplicou a Deus por alguns momentos de paz e de felicidade antes do fim. Podia ver sua vida passando rapidamente (7:6, 7; 9:25, 26), e não havia um momento sequer a perder. *“Deixe-me em paz”*, pede em oração, *“para que possa ter um pouco de conforto antes de ir para o mundo das trevas”*.

Jó não conseguia entender o que Deus estava fazendo, e *era importante que não entendesse*. Se Jó soubesse que Deus o estava usando para derrotar Satanás, teria simplesmente se recostado e esperado, confiantemente, até a batalha terminar. Porém, ao olhar para si mesmo e para sua situação, fez a mesma pergunta feita pelos discípulos de Jesus, quando Maria o ungiu: *“Para que este desperdício?”* (Mc 14:4). Antes de criticarmos Jó com muita severidade, devemos lembrar quantas vezes nós mesmos fizemos essa pergunta ao saber de um bebê que morreu ou de um jovem com um futuro promissor morto num acidente.

Nada do que é entregue a Cristo pela fé e com amor é desperdiçado. A fragrância do bálsamo de Maria desapareceu há muitos séculos, mas o significado de sua adoração tem abençoado cristãos de todas as eras. Jó estava falido e enfermo, e tudo o que podia

oferecer ao Senhor pela fé era seu sofrimento. *Mas era justamente isso o que o Senhor desejava a fim de calar o diabo.*

Quando William Whiting Borden morreu no Egito, em 1913, a caminho do campo missionário, é possível que alguém tenha perguntado: "Por que esse desperdício?" Mas Deus continua usando a história dessa vida tão curta para desafiar as pessoas a entregar tudo a Cristo.

Quando John e Betty Stam foram martirizados na China, em 1934, houve quem perguntasse: "Por que esse desperdício?" Mas a obra *O Triunfo de John e Betty Stam*, escrita pela esposa de Hudson Taylor, tem transformado vidas desde que foi publicada em 1935. Em meu aniversário de 21 anos, recebi esse livro de presente de minha namorada (agora é minha esposa) e até hoje sua mensagem fala a meu coração.

Quando cinco missionários foram martirizados no Equador pelos índios Auca, alguns chamaram esse acontecimento de "um desperdício trágico de obreiros". Mas não foi o que Deus pensou, e a história desses cinco heróis da fé tem ministrado à Igreja desde então.

Jó perguntou: "Por que eu nasci?" Diante de suas perdas e de seu sofrimento pessoal, tudo parecia um desperdício tão grande! Mas Deus sabia o que estava fazendo *naquele tempo* e sabe o que está fazendo *hoje*.

"Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo" (Tg 5:11). Se alguém dissesse tais palavras a Jó, talvez ele não tivesse acreditado, mas isso não muda a verdade.

É uma verdade que se aplicava a ele em seu tempo e que vale para nós hoje. Pode crer!

INTERLÚDIO

O termo hebraico traduzido por “árbitro” em Jó 9:33 refere-se à pessoa que tem autoridade para marcar um dia em que duas partes contendedoras se encontrarão para chegar a um acordo. No Oriente, o “árbitro” colocava a mão sobre a cabeça de

ambas as partes para lembrá-las de que ele possuía a autoridade para resolver a questão. Jó desejava que alguém fizesse isso com ele e Deus.

Ainda que não tivesse alguém para representá-lo, Jó estava falando sério sobre encontrar-se com Deus em um tribunal. “Mas falarei ao Todo-Poderoso e quero defender-me perante Deus” (13:3). “Contudo, defenderei o meu procedimento” (v. 15). “Tenho já bem encaminhada minha causa e estou certo de que serei justificado” (v. 18). A seu ver, Deus não o estava tratando com justiça. “Grito: socorro! Porém não há justiça” (19:7). Deus havia tirado seu “direito” (27:2), e Jó exigiu uma oportunidade de ser ouvido diante do trono de Deus. Porém, quando recebeu essa chance, Jó calou-se.

UM "RAPAZ" IRADO

JÓ 11 - 14

Não desejo saber por que sofro, mas sim se sofro por ti.

(Levi Yitzhak Berditcher)

Os três amigos de Jó eram homens de idade, mas Zofar devia ser o mais jovem, uma vez que falou por último. Seu primeiro discurso não é longo, mas o que lhe falta em extensão sobra em animosidade, pois revela que Zofar estava irado. Existe um lugar e um momento certo para demonstrar uma ira justificada (Ef 4:26), mas o monte de cinzas onde Jó se encontrava não era o lugar certo nem aquele era o momento apropriado. "Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus" (Tg 1:20). Jó não precisava de um tapa no rosto, mas sim da mão bondosa de um amigo.

Zofar faz três acusações contra Jó: ele pecou (Jó 11:1-4); não tem conhecimento de Deus (vv. 5-12) e é obstinado em sua recusa de se arrepender (vv. 13-20). Jó responde às três acusações: afirma a grandeza de Deus (Jó 12) e sua própria inocência (Jó 13), mas uma vez que não tem esperança alguma, por que se arrepender? (Jó 14)

1. AS TRÊS ACUSAÇÕES DE ZOFAR (JÓ 11:1-20)

Depois de ouvir Elifaz e Bildade acusarem Jó, Zofar deveria ter mostrado bom senso e compaixão suficientes para usar outra abordagem. Não importava o que Deus ou seus amigos dissessem, Jó continuaria a afirmar sua integridade, então por que persistir nessa discussão? Como é triste quando as pessoas que deveriam compartilhar de um mesmo ministério acabam sendo motivo de tristeza.

"Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram" (Rm 12:15) é um bom conselho a ser seguido.

"Jó é culpado!" (vv. 1-4). Assim como Bildade (8:2), Zofar iniciou seu discurso chamando Jó de "tagarela". É lamentável que esses três amigos se concentrassem nas palavras de Jó e não nos sentimentos por trás das palavras. De acordo com um provérbio chinês: "Pode haver mil quilômetros de distância entre os corações de duas pessoas conversando face a face". Exatamente o que estava se passando naquele monte de cinzas! Afinal, informação não é o mesmo que comunicação. Sidney J. Harris lembra que "informar é simplesmente anunciar; comunicar é alcançar um objetivo".

O discurso de Jó não apenas era tagarelice como também não passava de conversa fiada ("parolas") e de zombaria (11:3). As palavras de Jó a respeito de Deus não seriam verdadeiras e só poderiam ser comparadas ao parlatório daqueles que falam sem pensar. Além disso, as afirmações de Jó a respeito de si mesmo eram falaciosas, pois ele não era puro diante de Deus. Ao asseverar sua integridade, Jó deu a impressão de ser inculpável, o que, sem dúvida, não era verdade (ver 6:30; 9:20, 21; 10:7).

Jó não tem conhecimento de Deus (vv. 5-12). O pedido de Zofar no versículo 5 foi respondido quando Deus apareceu (38:1); mas Zofar e seus dois amigos - e não Jó - é que foram repreendidos posteriormente por Deus! Jó foi elogiado pelo Senhor por dizer a verdade. Não peça a Deus que diga aos outros aquilo que precisam saber a menos que esteja disposto a ouvir dele o que você precisa saber.

Zofar desejava que Jó compreendesse a altura, a profundidade e a extensão da sabedoria de Deus (11:8, 9). Com isso, Zofar estava insinuando que ele próprio conhecia a grandeza da sabedoria de Deus e poderia ensiná-la a Jó se ele lhe desse ouvidos. Infelizmente, Zofar não conhecia a grandeza do amor de Deus (Ef 3:17-19) e não compartilhou um pouco desse amor com Jó.

O que Zofar queria dizer ao afirmar que a sabedoria de Deus é "multiforme" (Jó 11:6)?

Talvez isso significasse que a sabedoria de Deus é total e plena ou que Deus é muitas vezes mais sábio do que Jó imaginava.

Uma vez que Deus é onisciente, sabia tudo sobre Jó e poderia tê-lo castigado ainda mais. A expressão “poderia ser pior!” certamente não é consolo algum para um homem que perdeu a família, a riqueza, a saúde e que, por pouco não perdeu também a vida. Não aferimos o sofrimento de maneira quantitativa, como se pesam frutas e legumes no supermercado. A leviandade com que os amigos de Jó falavam de sua situação demonstra sua falta de entendimento. De acordo com um ditado do *Talmude*: “Quanto mais profunda a tristeza, menor a língua”.

As duas perguntas do versículo 7 esperam uma resposta negativa. Ninguém pode desvendar “os arcanos de Deus” nem penetrar “até à perfeição do Todo-Poderoso”. É evidente que, em momento algum, Jó afirmou saber tudo sobre Deus, mas aquilo que ele conhecia do Senhor lhe deu ânimo para se apegar firmemente à sua integridade e não desistir.

Deus não precisa prestar contas para nós. Pode capturar e aprisionar quem ele quiser, reunir o tribunal e declarar a sentença sem que haja quem tenha autoridade para protestar (v. 10; ver 9:12). Deus sabe quem é sábio e quem é insensato, que é puro e quem está em pecado. Uma vez que Deus julgou Jó, então Jó devia ser culpado.

Zofar encerrou essa acusação citando um provérbio (11:12). Não é fácil determinar seu significado. É possível que esteja dizendo que por mais estulto que um homem seja quando nasce, mesmo que seja tão tolo quanto um asno selvagem, ainda há esperança de ele se tornar inteligente. Ou talvez queira dizer exatamente o oposto, como aparece na *ARA*: “Mas o homem estúpido se tornará sábio, quando a cria de um asno montês nascer homem”. Tendo em vista a ira de Zofar e sua linguagem insultuosa, é bem provável que se trate desta última possibilidade.

Jó é obstinado e deve se arrepender (vv. 13-20). “Haverá esperança” – disse Zofar a fim de animar Jó (v. 18) e descreveu o que Jó poderia experimentar. Deus o abençoaria

abundantemente e seus problemas chegariam ao fim. Poderia erguer a cabeça outra vez, e seus medos passariam (v. 15; 10:15). Esqueceria sua desgraça como águas passadas (11:16). Deus lhe daria uma vida longa e seria o início de um novo dia para ele (v. 17). Não habitaria nas trevas do *Sheol*, mas sim na luz (10:20-22), e a proteção de Deus daria cabo de todos os seus temores (11:19, 20).

Porém, se Jó desejava essas bênçãos, deveria obtê-las de acordo com os termos de Zofar. Sem dúvida, havia esperança, mas era condicional: Jó precisava arrepender-se e confessar seus pecados (vv. 13, 14). *Zofar está tentando Jó a negociar com Deus a fim de se ver livre das suas dificuldades.* Era exatamente isso o que Satanás desejava que Jó fizesse! “Porventura, Jó de balde teme a Deus?”, perguntou Satanás (1:9). Satanás acusou Jó de ter uma “fé interesseira”, com base nas promessas de prosperidade em troca de sua obediência. Se Jó tivesse seguido o conselho de Zofar, teria feito exatamente o que o inimigo queria.

Jó não possuía uma “fé interesseira” que negociava com Deus. Antes, era uma fé confiante que dizia: “Ainda que Deus dê cabo de mim, confiarei nele” (ver 13:15, *NVI*). Essas não parecem ser as palavras de um homem em busca de uma solução fácil para seus problemas. Como disse C. H. Spurgeon: “Jó não entendia os motivos de Deus, mas ainda assim continuou a confiar em sua bondade”. Essa é a verdadeira fé!

2. AS TRÊS DECLARAÇÕES DE JÓ (JÓ 12 - 14)

O discurso de Zofar foi curto, mas Jó apresentou respostas demoradas para cada uma das acusações de Zofar. Começou com a segunda acusação, de acordo com a qual Jó não tinha conhecimento de Deus (Jó 11:5-12). Jó afirmou que possuía conhecimento e discernimento como eles (Jó 12). Em seguida, respondeu à primeira acusação de Zofar, de acordo com a qual Jó estaria vivendo em pecado (11:1-4). Mais uma vez, Jó afirmou sua integridade (Jó 13). Em seguida, encerrou seu discurso objetando ao terceiro ponto de Zofar, de que ainda havia esperança

(11:13-20). Em Jó 14, Jó admite que perdeu quase toda a esperança.

A grandeza de Deus (cap. 12). Em primeiro lugar, Jó contrapôs a declaração de seus amigos de que possuíam mais sabedoria do que ele. Por certo, eram mais velhos que Jó, mas a idade não é garantia alguma de sabedoria. *Existem tolos de todas as idades.*

Em seguida, Jó os repreendeu por sua falta de sensibilidade para com ele e por transformá-lo em motivo de riso. Acreditava ser um homem justo e reto, e foi assim que Deus o descreveu (1:1, 8; 2:3). “No pensamento de quem está seguro, há desprezo para o infortúnio, um empurrão para aquele cujos pés já vacilam. As tendas dos tiranos gozam paz, e os que provocam a Deus estão seguros; têm o punho por seu deus” (12:5, 6). Zofar afirmou que a sabedoria não está ao alcance dos homens (11:7-9), porém Jó disse que as criaturas de Deus podiam lhes ensinar aquilo que precisavam saber (12:7-11; ver Gn 1:26-28). Até mesmo as criaturas “insensatas” sabem que foi a mão de Deus que fez e que mantém todas as coisas. Até mesmo o fôlego usado para acusar Jó era uma dádiva de Deus a esses homens, e o Senhor poderia removê-lo sem a permissão deles. O Senhor deu aos seres humanos a capacidade de provar e de avaliar os alimentos. Não lhes daria, portanto, a capacidade ainda mais importante de avaliar as palavras e de analisar a verdade? (Jó 12:11).

Nos versículos 12 a 25, Jó descreve a sabedoria e o poder de Deus. É bem provável que o versículo 12 seja uma referência a Deus, o “Idoso” e “Longevo”. Essas designações divinas são uma repreensão aos amigos idosos de Jó, que acreditavam que seus anos de experiência lhes haviam ensinado tanta coisa!

Jó ressaltou que Deus é inteiramente soberano naquilo que faz com a natureza (vv. 14, 15) e com as pessoas (vv. 16-25). Não podemos reconstruir aquilo que ele destrói, nem libertar aquilo que ele prende (Ap 3:6-8). Deus pode enviar secas ou inundações e não há quem seja capaz de detê-lo (Jó 12:15). Ele sabe o que fazer e tem o poder para realizar o que é preciso (vv. 13, 16).

Em sua soberania sobre as pessoas, qualquer que seja seu *status*, Deus está no controle. De acordo com a argumentação de Jó, todo tipo de gente passa por dificuldades na vida, pois Deus pode fazer o que bem lhe aprouver. Ele não faz acepção de pessoas e não se impressiona com sua posição, riqueza ou condição social.

Por exemplo: se for da vontade de Deus, os conselheiros do rei perdem sua autoridade e riqueza e os juízes se tornam confusos e insensatos. Na verdade, os próprios reis são transtornados e os sacerdotes são despojados de seus cargos e levados cativos (v. 19). Homens sábios, como os conselheiros e anciãos, serão calados (v. 20), e os príncipes (nobres) e os fortes (poderosos) (v. 21) perderão seu respeito e força.

Deus, porém, é soberano tanto sobre as nações quanto sobre os indivíduos (vv. 23-25; Dn 2:20-22; At 17:24-28). Pode fazer uma nação crescer ou destruí-la; pode dar-lhe a liberdade ou o cativeiro - basta tirar a sabedoria de seus líderes e sua destruição é certa. Os orgulhosos não gostam de ouvir essa mensagem. Desde de a cidade de Enoque (Gn 4:16-18) e a torre de Babel (11:1-9), a humanidade vem tentando construir e administrar as coisas sem Deus, e suas tentativas terminam sempre em fracasso e em julgamento.

A integridade de Jó (cap. 13). Nessa parte de sua defesa, Jó expressou, primeiramente, sua *decepção* com os três amigos (vv. 1-12), depois, sua *declaração* de fé no Senhor (vv. 13-17) e, por fim, seu *desejo* de que Deus vá ao encontro dele e acerte a questão de uma vez por todas (vv. 18-28).

(1) *Decepção* (vv. 1-12). Os amigos de Jó não haviam levantado seu ânimo. Antes, haviam assumido uma atitude de superioridade como juízes, partindo do pressuposto de que conheciam Deus melhor do que Jó. Não se identificaram com ele em sua tristeza e dor. Jó os acusou de “[besuntar] a verdade com mentiras”, de ser “médicos que não valem nada” e de “[falar] perversidades em favor de Deus”.

O termo “besuntar” (v. 4) também significa “caiar”. Eles besuntaram a discussão com a cal de suas mentiras de modo a evitar o problema difícil e, ao mesmo tempo, a manter

suas idéias tradicionais (Sl 119:69). Permaneceram num nível superficial sem jamais se aprofundar nas verdades de Deus ou nos sentimentos de Jó. Os conselhos que se atêm à superfície não valem muita coisa. A fim de ajudarmos as pessoas, precisamos ir muito mais fundo, um processo que requer amor, coragem e paciência.

Como médicos, haviam feito um diagnóstico incorreto, de modo que seus medicamentos foram inúteis (Jr 6:14; 8:11). E como “defensores de Deus”, teriam feito melhor permanecendo calados, pois não sabiam do que estavam falando. Sua visão de Deus era tão rígida e limitada e sua visão de Jó era tão preconceituosa que todo o seu “caso” não passava de uma invenção construída a partir de uma série de mentiras. O que fariam quando Deus virasse a mesa e os examinasse? (ver Rm 14:1-13). “As vossas máximas são como provérbios de cinza, os vossos baluartes, baluartes de barro” (Jó 13:12). Aquilo que os três amigos consideravam declarações profundas da verdade não passava de cinzas requentadas de fogos antigos e de suportes de barro que não tardariam a se desintegrar. Um bom conselheiro precisa de muito mais do que uma excelente memória. Precisa de sabedoria para aplicar a verdade às necessidades das pessoas nos dias de hoje.

(2) *Declaração (vv. 13-17)*. Trata-se de uma das mais extraordinárias declarações de fé registradas nas Escrituras, mas é importante que seja compreendida dentro de seu contexto. Jó está dizendo: “Pleitearei meu caso diretamente junto a Deus e provarei minha integridade. Sei que estou arriscando a vida ao abordar o Senhor, pois ele é capaz de me aniquilar. Porém, se ele não o fizer, provará que não sou o hipócrita que vocês me consideram”. Posteriormente, Jó faz um juramento e desafia Deus a julgá-lo (Jó 27). Aproximar-se pessoalmente de Deus era um grande ato de fé (Êx 33:20; Jz 13:22, 23), mas Jó estava tão certo de sua integridade que se mostrou disposto a correr esse risco. Afinal, se ficasse de braços cruzados, morreria, e se fosse rejeitado por Deus, também. No entanto, havia sempre a possibilidade de ser justificado pelo Senhor.

(3) *Desejo (vv. 18-28)*. Essas palavras são dirigidas a Deus. Jó havia “encaminhado” sua causa (v. 18) e estava certo de que venceria. Tinha dois desejos: que Deus removesse sua mão disciplinadora e lhe concedesse alívio e que fosse ao encontro dele de maneira a não aterrorizá-lo. Jó estava pedindo que Deus se encontrasse com ele no tribunal para que pudessem discutir o “pleito” de Deus contra Jó e vice-versa. No versículo 22, Jó dá a Deus a opção de falar primeiro!

Por que Jó deseja encontrar-se com Deus no tribunal? Para que Deus apresente, de uma vez por todas, seu “pleito” contra Jó e revele os pecados na vida dele que lhe causaram tanto sofrimento. “Por que Deus deveria me dar tanta atenção?”, pergunta Jó. “Ele me trata como um inimigo, mas sou apenas uma folha frágil ao vento, uma palha seca que não vale coisa alguma. Sou um pedaço de madeira podre e uma roupa comida pelas traças, e, no entanto, Deus me trata como um prisioneiro de guerra e me vigia o tempo todo”. Jó sentia que havia chegado a hora de acertar essa questão, mesmo que perdesse a vida ao longo do processo.

A falta de esperança de Jó (cap. 14). Zofar havia garantido a Jó que ainda haveria esperança, caso ele reconhecesse seus pecados e se arrependesse (Jó 11:13-20). Mas Zofar não se encontrava na situação de Jó! Do ponto de vista de Jó, seu futuro era desanimador. Nos versículos 1 a 12, Jó empregou várias imagens para ilustrar a situação desesperadora do ser humano neste mundo. É como uma flor que logo seria cortada, uma sombra que desaparece lentamente, um jornaleiro que trabalha e depois é dispensado. Deus conhece os limites de nossos dias (7:1; 14:5; Sl 139:16). Em sua insensatez, um suicida pode apressar o dia de sua morte, mas ninguém vai além dos limites estabelecidos por Deus para sua vida.

Uma vez que o ser humano é apenas uma flor, uma sombra e um servo, por que Deus lhe daria alguma atenção? Tendo em vista que a vida é tão curta, por que Deus encheria os dias do homem de tristeza e dor? “Desvia dele [do homem] os olhares, para que tenha repouso [...] [para que] tenha prazer no seu dia” (Jó 14:6). Em outras palavras, o que Jó

está pedindo é: "Deixe-me ter um pouco de paz antes que minha vida tão breve chegue ao fim!"

A imagem mais forte que Jó apresenta é de uma árvore (vv. 7-12). Ainda que seja cortada, seu toco permanece, e há sempre a possibilidade de voltar a brotar. A árvore tem esperança, mas o ser humano não. Quando morre, não deixa sequer um toco para trás. O ser humano é mais parecido com a água que evapora ou penetra o solo irreversivelmente (v. 11; 2 Sm 14:14). Pode se deitar à noite e despertar pela manhã, mas quando se deita para sua própria morte, não há certeza alguma de que voltará a despertar.

As primeiras pessoas que, como Jó, eram tementes a Deus, não possuíam uma revelação da vida futura como temos hoje em Cristo (2 Tm 1:10). As passagens do Antigo Testamento indicam vagamente uma ressurreição futura (Sl 16:9-11; 17:15; Is 26:19; Dn 12:2), mas Jó não tinha nenhum desses livros para ler e meditar. "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14). Jó apresenta essa pergunta crítica, mas não lhe responde. Posteriormente, Jó faz uma declaração maravilhosa sobre a ressurreição futura (19:25, 26); mas, nesse momento, ainda vacila entre o desespero e a esperança.

Em 14:13, Jó pediu a Deus que se lembrasse de trazê-lo de volta do *Sheol*, o reino dos mortos. É bem provável que não tivesse em mente a ressurreição, mas sim uma breve estadia na terra para que Deus o justificasse diante de seus acusadores. Claro que, hoje, o cristão é selado com o Espírito Santo para o dia da redenção (Ef 1:13, 14) e Deus não se esquecerá de nenhum de seus filhos na ressurreição (1 Co 15:50-58).

Jó lembrou ao Senhor que era feita das mãos de Deus (Jó 14:15), argumento já usado anteriormente (10:3). Para Jó, parecia que, em vez de cuidar de sua criatura, Deus não fazia outra coisa senão manter um registro de seus pecados. Que esperança Jó poderia ter enquanto Deus o estivesse investigando e elaborando seu pleito contra ele? Em vez de purificar os pecados de Jó, Deus os estava ocultando sem sequer dizer a Jó quais eram suas transgressões!

Jó se queixou dizendo: "Assim destróis a esperança do homem" (14:19), e usou duas ilustrações para provar como isso era verdade. O ser humano parece uma montanha inabalável, mas, aos poucos, a água vai erodindo a rocha e, um dia, a faz desmoronar. Ou, ainda, um terremoto pode abalar as rochas, deslocando-as para outro lugar e mudando o aspecto da montanha. A morte pode vir de modo gradual ou súbito, mas certamente virá, e o ser humano partirá para um mundo no qual não saberá coisa alguma sobre o que acontece com sua família. Jó ansiava por esse alívio da tristeza e da dor.

Em meio a um sofrimento intenso, é fácil as pessoas pensarem que o futuro é desanimador e que Deus as abandonou. O famoso psiquiatra norte-americano Karl Menninger chamava a esperança de "principal arma contra o ímpeto suicida". Aqueles que não têm esperança acreditam que não vale a pena viver, pois não vêem coisa alguma no futuro além de dor e fracasso. Concluem que é melhor morrer do que continuar vivendo e ser um fardo para si mesmos e para outros.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche chamava a esperança de "o pior de todos os males, pois prolonga o tormento do homem". Porém, aquele que crê em Jesus Cristo participa de uma "esperança viva" que se torna mais maravilhosa a cada dia (1 Pe 1:3ss).

As esperanças mortas desaparecem, pois não têm raízes, mas nossa "esperança viva" se torna cada vez melhor, pois está arraigada no Cristo vivo e em sua Palavra Viva. A certeza da ressurreição e da vida na glória é uma forte motivação para prosseguirmos, mesmo quando as coisas ficam difíceis (1 Co 15:58).

Charles L. Allen escreveu: "Quando dizemos que não há esperança para uma pessoa ou situação, na verdade estamos batendo a porta no rosto de Deus". Jó ainda não havia batido a porta, mas estava perto de fazê-lo, e seus amigos não estavam ajudando em nada.

"E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo" (Rm 15:13).

A ARGUMENTAÇÃO TRANSFORMA-SE EM DISCUSSÃO

Jó 15 - 17

Como é raro pesarmos o próximo na mesma balança em que pesamos a nós mesmos!

(Thomas a Kempis)

Durante a segunda rodada de discursos, a argumentação ganha intensidade, enquanto os três amigos não se esforçam para ajudar Jó, mas sim para provar que ele está errado. Afinal, o que se encontra em jogo é a própria paz de espírito dos três e, portanto, não estão prestes a se entregar. Se Jó não era um pecador sendo castigado pelo Senhor, então a visão que os três amigos possuíam de Deus era completamente equivocada. *Isso significava que não poderiam contar com proteção alguma contra o sofrimento!* Se a obediência não é garantia de saúde e de riqueza, aquilo que havia acontecido a Jó poderia acontecer com eles! Deus os livre!

Um espirituoso anônimo descreveu um teólogo como “um homem cego que se encontra num quarto escuro à procura de um gato preto que não está lá – e que o encontra!”. Mas um verdadeiro teólogo caminha na luz da revelação de Deus em sua Palavra, na história e na criação e aceita a verdade humildemente e a qualquer custo.

Os três amigos de Jó não eram teólogos de verdade, pois enxergavam somente um lado da situação – o lado que desejavam enxergar. O estivador e filósofo Eric Hoffer escreveu: “Estamos menos abertos para o conhecimento preciso das coisas sobre as quais somos mais entusiasmados”. E também das coisas que mais tememos!

1. ELIFAZ: DUAS ADVERTÊNCIAS (Jó 15)

Em seu primeiro discurso (Jó 4 - 5), Elifaz havia demonstrado certa bondade para com Jó, mas sua segunda fala é desprovida de qualquer paciência ou bondade. Também não apresenta idéias novas: Elifaz simplesmente repete sua tese anterior de que o ser humano é pecador e de que Deus deve castigar os pecadores (5:17-19). Além disso, faz duas advertências a Jó.

Jó não tem sabedoria (vv. 1-16). Como Elifaz sabia disso? Em primeiro lugar, havia escutado as *palavras de Jó* (vv. 1-6) e descoberto que eram vazias. As idéias de Jó eram “ciência de vento” e “palavras que de nada servem” (vv. 2, 3). Suas palavras vinham de um ventre cheio do vento quente do deserto (Jn 4:8) e não de um coração repleto de verdadeira sabedoria. Elifaz estava usando uma das táticas mais antigas da polêmica: se não é possível atacar os argumentos de seu oponente, então ataque suas palavras e as faça parecer vazias.

Samuel Johnson foi o “czar literário” do século dezoito na Inglaterra, um homem que adorava passar tempo com os amigos e discutir todo e qualquer assunto. No entanto, quer estivesse certo quer não, Johnson sempre tinha de vencer esses debates. O poeta e dramaturgo Oliver Goldsmith disse: “É impossível discutir com Johnson, pois se a arma dele nega fogo, ele acerta o oponente com a coronha!” Elifaz também era assim.

Elifaz não apenas ouviu as palavras de Jó, *mas viu para onde elas levavam* (Jó 15:4). “Tornas vão o temor de Deus e diminuis a devoção a ele devida” (v. 4). Se todo mundo cresce, como Jó, que Deus nem sempre castiga os perversos e recompensa os justos, então que motivo haveria para obedecer a Deus? A religião não valeria a pena! *Mas essa é a teologia do diabo, justamente aquilo que Deus estava refutando por meio de Jó!* Se as pessoas servem a Deus pensando apenas no que irão ganhar com isso, na verdade não estão servindo a Deus coisa nenhuma; estão apenas servindo a si mesmas e colocando Deus a seu serviço. Em vez de glorificar a Deus, sua “religião” não

passa de um sistema com ares de piedade para promover o egoísmo.

Quando Deus chamou a nação de Israel e fez sua aliança com ela, o povo foi motivado a obedecer por medo do castigo. Se obedecessem à lei, Deus os abençoaria; se desobedecessem, ele os castigaria. Porém, isso se deu na infância de Israel como nação, quando Deus ainda tratava com eles como se fossem crianças. As crianças entendem muito melhor um sistema de recompensas e de castigos do que princípios de ética e moralidade. Mas quando uma nova geração estava prestes a entrar em Canaã, Moisés deu ao povo uma motivação muito maior para obedecer: seu amor por Deus (Dt 6:4, 5; 7:7; 10:12-16; 11:1, 13, 22; 19:9). Não eram mais crianças, e Deus não precisava assustá-los (*nem "suborná-los"*) para que obedecessem. O amor é o cumprimento da lei (Rm 13:8-10) e o mais elevado de todos os motivos para obedecer (Jo 14:15).

Para Elifaz, as palavras de Jó indicavam que ele possuía um *coração perverso* (Jó 15:5, 6). "A tua iniquidade ensina à tua boca!" (v. 5; ver Mt 12:34-37). Jó estava declarando sua inocência, mas Elifaz interpretou essas palavras como prova de sua culpa! Que esperança haveria para Jó quando seus amigos nem sequer acreditavam no que ele estava dizendo?

Jó não tinha sabedoria, pois *lhe faltava experiência* (Jó 15:7-10). A essa altura, Elifaz usou de sarcasmo, outra prova de que havia esgotado seus argumentos inteligentes.

Tratava-se de outro artifício do polemista: quando não é possível refutar o discurso, ridicularizar o orador. Em momento algum Jó afirmou ser o primeiro homem criado por Deus, o confidente de Deus ou aquele que recebeu do Senhor direitos absolutos sobre a sabedoria. Jó sabia que seus amigos eram mais velhos do que ele, mas a idade não é garantia alguma de sabedoria (32:9; Sl 119:97-104).

De acordo com Elifaz, a atitude de Jó estava errada, pois ele recusou a ajuda de Deus (Jó 15:11-16). Elifaz considerava a si mesmo e a seus amigos como mensageiros de Deus, enviados para dar a Jó o consolo de

que ele necessitava. Tinha "palavras suaves" (v. 11), mas as palavras de Jó eram cheias de ira. Os três amigos serviam a Deus, mas Jó resistia a ele.

Em seguida, Elifaz repetiu a mensagem que havia transmitido em seu primeiro discurso (vv. 14-16; 4:17-19). Jó havia se recusado a aceitar essa mensagem da primeira vez, mas talvez agora, depois de haver sofrido mais, estivesse aberto a ouvi-la. Se o céu não é puro diante de Deus, nem os anjos que habitam no céu, como poderia um simples homem declarar-se inocente? O ser humano nasce com uma natureza pecaminosa que anseia pelo pecado, e Jó não era exceção. Essas palavras preparam o caminho para a segunda advertência de Elifaz.

Deus julga o perverso (vv. 17-35). Em seu primeiro discurso, Elifaz havia descrito as bênçãos do homem justo (5:17-26); aqui, descreve os sofrimentos do homem ímpio. Elifaz teve o cuidado de lembrar Jó de que essas não eram apenas suas próprias idéias, mas todos os antigos também concordavam com ele. Se Jó rejeitasse as palavras de Elifaz, estaria dando as costas para a sabedoria de seus antepassados. Elifaz era um homem que encontrava grande força na tradição e se esquecia de que "a tradição é um guia e não um carcereiro" (W. Somerset Maugham).

Ao ler essa descrição de um homem perverso, vemos que Elifaz está falando de seu amigo. Jó estava vivendo em meio à dor, às trevas, às tribulações, à angústia e ao medo. Estava provocando Deus e desafiando-o a ir ao encontro dele e provar que ele era culpado. O fogo havia destruído as ovelhas de Jó (1:16; 15:30, 34); invasores haviam roubado seus camelos (1:17; 15:21); perdera sua riqueza (v. 29); a casa de seu filho mais velho havia sido destruída e, com ela, todos os filhos de Jó (1:19; 15:28). Uma vez que Elifaz não foi nada sutil em sua abordagem, todos sabiam que estava falando de Jó.

Porém, em suas palavras de conclusão (vv. 34, 35), Elifaz desferiu o golpe mais terrível de todos: chamou Jó de hipócrita e ímpio e culpou-o pelas tragédias que haviam sobrevindo a ele e sua família. Jó havia secretamente "concebido" o pecado, e, agora,

seu pecado havia dado à luz sofrimento e morte (Tg 1:14, 15; Is 59:4; Sl 7:14). “Concebem a malícia e dão à luz a iniquidade”, diz Jó 15:35; a expressão traduzida por “o seu coração só prepara enganos”, da versão Revista e Atualizada (ARA), foi traduzida por “seu ventre gera engano” da Nova Versão Internacional. Elifaz diz que essa malícia é concebida no ventre, ou seja, o mesmo lugar que, de acordo com ele, está cheio do “vento oriental” (Jó 15:2). Assim, para Elifaz, se alguém fizesse uma radiografia de Jó, não encontraria outra coisa senão vento quente e pecado! A acusação de “hipocrisia” é um elemento-chave no discurso dos três amigos de Jó. Bildade insinuou que Jó era um hipócrita (8:13), e tanto Zofar quanto Eliú retomaram esse tema (20:5; 34:30; 36:13). É evidente que Jó negou tais acusações (13:16; 17:8; 27:8) e argumentou que nem Deus e nem seus amigos poderiam provar que fosse verdadeira.

O problema com a declaração de Elifaz acerca do julgamento dos ímpios é que, *na prática, nem sempre isso acontece*. Muitos perversos levam uma vida aparentemente bem-sucedida e feliz, enquanto muitos justos passam por sofrimentos e fracassos. É verdade que, *em última análise*, os perversos sofrem e os justos são abençoados, mas, enquanto isso não ocorre, muitas vezes se tem a impressão de que é justamente o contrário (Sl 73; Jr 12:1-4). Além do mais, Deus faz o sol brilhar sobre os maus e os bons e envia a chuva para os justos e os injustos (Mt 5:45). Ele é longânimo para com os pecadores (2 Pe 3:9) e espera que sua bondade os conduza ao arrependimento (Rm 2:4; Lc 15:17-19).

O maior julgamento que Deus pode enviar sobre os perversos em vida é *deixar que consigam aquilo que querem*. “Já receberam a recompensa” (Mt 6:2, 5, 16). O único céu que os ímpios terão é o prazer que desfrutam aqui na terra nesta vida e que Deus está disposto a lhes dar. O único sofrimento que os justos terão é aquele que suportam nesta vida, pois no céu não haverá dor nem lágrimas. Além disso, o sofrimento pelo qual o povo de Deus passa agora coopera para seu

bem e, um dia, conduzirá à glória (1 Pe 1:6-8; 5:10; 2 Co 4:16-18; Rm 8:18). Elifaz e seus amigos haviam confundido tudo.

2. JÓ: TRÊS PEDIDOS (JÓ 16 - 17)

Jó responde com três pedidos sinceros: primeiro, uma súplica a seus amigos para que tenham compaixão dele (Jó 16:1-14); depois, uma súplica a Deus por justiça (vv. 15-22) e, por fim, uma súplica para que Deus dê cabo de sua vida e alivie seu sofrimento (17:1-16).

Uma súplica por solidariedade (16:1-14).

Os amigos de Jó ainda não haviam se identificado com ele; não sentiam sua agonia nem compreendiam sua perplexidade. Jó os chamara, anteriormente, de ribeiros enganosos (ver 6:15) e de “médicos que não valem nada” (13:4), mas agora os chamava de “consoladores deles de consolá-lo o fizeram sentir-se ainda mais miserável! Como afirma o ditado: “Com amigos como vocês, quem precisa de inimigos?”

Jó garantiu-lhes que, se os amigos estivessem no lugar dele, seria mais compreensivo. Em vez de longos discursos, ofereceria palavras de ânimo. Ouviria com seu coração e tentaria ajudá-los a carregar seus fardos. Por vezes, a fim de aprendermos a ministrar a outros, temos de sofrer com a falta de compreensão de amigos que não se identificam conosco. Jó estava passando por uma experiência nova e tentava fazê-lo da maneira mais proveitosa possível. Porém, quer falasse quer permanecesse calado, ainda era um homem sofredor (v. 6).

Em sua súplica pela compaixão amorosa de seus amigos, Jó lhes diz o que está recebendo da mão de Deus (vv. 7-14). Está desgastado; sua família desapareceu; está definhando e sente-se fraco. Sofre ataques de homens e de Deus. Sua impressão é de que Deus pintou um alvo em suas costas e entregou arcos e flechas a todos a seu redor! Não há alívio: Deus continua a atacá-lo como um guerreiro implacável. “Não fui eu quem atacou Deus, mas sim ele que se voltou contra mim!” Deus é seu inimigo (16:9; 13:24), e não há nada que Jó possa fazer para ter uma trégua. Se olha para o alto, Deus está

contra ele. Se olha ao redor, seus amigos estão contra ele. Onde encontrar refúgio?

Uma súplica por justiça (vv. 15-22). De que maneira Jó reagiu aos ataques de Deus? Vestiu-se de panos de saco, chorou em humilhação e contrição e prostrou-se com o rosto em terra. Apesar das acusações de Elifaz (15:4-6), Jó sabia que sua vida estava em ordem diante de Deus e que o Senhor ouviria suas orações (16:17).

Jó viu-se no meio de um dilema. Seu sofrimento era tanto que desejava morrer, mas não queria partir antes de provar sua inocência ou de ver Deus justificá-lo. Isso explica sua súplica no versículo 18: "Ó terra, não cubras o meu sangue, e não haja lugar em que se oculte o meu clamor!" Os antigos acreditavam que o sangue de uma vítima inocente clamava a Deus por justiça (Gn 4:8-15) e que os espíritos dos mortos não tinham descanso enquanto o corpo não fosse devidamente sepultado (Is 26:21). Mesmo que Jó morresse, não encontraria repouso até que o Senhor provasse sua retidão.

Jó clamou repetidamente por um julgamento justo perante o Senhor (Jó 9:1-4, 14-16, 19, 20, 28-35; 10:2; 13:6-8, 19). Lamentou o fato de não ter um advogado para representá-lo diante do trono de Deus (9:33). Nenhum de seus amigos estava disposto a defendê-lo, de modo que sua única esperança era que o Deus do céu pleiteasse em favor dele e desse testemunho de sua integridade (16:19). Porém, Jó ansiava por alguém que intercedesse por ele junto a Deus (v. 21).

Jesus Cristo é o Advogado celestial do cristão (1 Jo 2:1, 2). Como nosso Sumo Sacerdote intercessor, Cristo nos dá a graça vitoriosa de que precisamos quando somos tentados e provados (Hb 2:17, 18; 4:14-16). Se falharmos, ele é nosso Advogado para nos perdoar e restaurar quando lhe confessamos nossos pecados (1 Jo 1:5 - 2:2).

É evidente que Jó desejava ter um "advogado" para pleitear sua causa junto a Deus e convencê-lo de que Jó era um homem inocente. Uma vez que Jó tivesse ganho essa causa, Deus o justificaria diante de seus amigos, tão prontos a criticá-lo, e restauraria a honra de Jó. O povo de Deus não precisa

desse tipo de intercessão, pois o Pai e o Filho encontram-se em perfeita concordância em seu amor por nós e em seu plano para nossa vida. O Senhor Jesus está intercedendo incessantemente por seu povo (Rm 8:31-39; Hb 7:25) e aperfeiçoando os cristãos na vontade de Deus (13:20, 21). Aproximamos do trono da graça, não de um trono de julgamento, e estamos certos de que nosso Pai amoroso fará o que é melhor para nós.

Uma súplica pela morte (17:1-16). Um dos motivos pelos quais Jó desejava que seu Advogado celestial agisse com rapidez era a iminência de sua morte: "o caminho de onde não tornare!" (Jó 16:22). Quando as pessoas sofrem tanto a ponto de seu espírito se "consumir" (17:1), perdem a luta e desejam que a vida chegue ao fim.

Os amigos de Jó estavam contra ele e se recusavam a apresentar-se diante do tribunal para pagar sua "fiança" (vv. 3-5). As pessoas o tratavam como se fosse a mais desprezível das criaturas (v. 6). Seu corpo não passava de uma sombra de seu físico de outros tempos (v. 7), e todos os seus planos haviam sido frustrados (v. 11). Seus amigos se recusavam a mudar de idéia e defendê-lo (v. 10). Na verdade, em vez de enfrentarem a situação com honestidade, não paravam de lhe dizer que a luz não tardaria a brilhar sobre ele (v. 12). É de se admirar, portanto, que, para Jó, a única saída parecia ser a morte?

Porém, em momento algum ele pensou em tirar sua própria vida nem pediu a alguma outra pessoa que o fizesse por ele. A vida é uma dádiva sagrada de Deus, e somente Deus pode concedê-la ou tirá-la. Por um lado, Jó queria viver o suficiente para ser justificado, mas, por outro lado, não sabia quanto ainda seria capaz de suportar. Uma vez que estivesse no *Sheol*, o reino dos mortos, só poderia ser justificado na terra se Deus o trouxesse de volta.

Jó descreve o *Sheol* como seu lar, onde se deitaria na escuridão e repousaria (v. 13). Uma vez que não tinha família, adotaria o sepulcro como pai e os vermes como mãe e irmãs. Estes lhe dariam mais consolo que seus amigos!

Haveria, porém, alguma esperança na cova? Jó poderia levar as esperança consigo para o reino dos mortos? Paulo responde a essa pergunta: "Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens. Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem" (1 Co 15:19, 20). *Nossa esperança não morre nem é sepultada e abandonada à decomposição; isso porque nossa esperança é uma "esperança viva", pois Cristo venceu a morte e a sepultura!* Os cristãos se entristecem, mas não devem fazê-lo "como os demais, que não têm esperança" (1 Ts 4:13).

Deus não respondeu à súplica de Jó pela morte, pois havia planejado algo muito melhor para ele. Deus olhou além da depressão e amargura de Jó e viu que seu servo ainda

tinha fé. Quando eu era um pastor ainda jovem, ouvi um cristão mais maduro dizer: "Vivi tempo suficiente para ser grato pelas orações não respondidas". Na época, fiquei chocado com essa declaração, mas hoje, quando também vivi um pouco mais, entendo a que ele estava se referindo. Nas trevas do desespero e na prisão da dor, muitas vezes dizemos coisas das quais nos arrependemos mais tarde, *mas Deus compreende e, em seu amor, faz ouvidos moucos para nossas palavras, mas olha com amor para nossas feridas.*

Se ao menos o próximo amigo a falar tivesse expressado compaixão para com esse homem sofredor! Porém, Bildade está preparado para aterrorizar Jó com os retratos mais vívidos da morte que se pode encontrar nas Escrituras.

INTERLÚDIO

A melhor maneira de ajudar quem está desanimado e sofrendo é escutá-lo com o coração e não apenas com os ouvidos. O importante não é o que dizem, mas *por que* o dizem. Mostre que entende sua dor ao repetir-lhes com *palavras diferentes* a mesma coisa que lhe disseram. Não argumente nem tente convencê-las por meio de raciocínio lógico. Haverá o momento certo para fazê-lo posteriormente; enquanto isso, aceite seus sentimentos com paciência – até mesmo suas palavras amarguradas contra Deus – e construa pontes em vez de muros.

Em seu livro *A Grief Observed [Um Sofrimento Observado]*, no qual trata da morte de sua esposa, C. S. Lewis escreve tomando por base as próprias experiências dolorosas: “Fale-me da verdade acerca da religião e ouvirei de bom grado. Fale-me dos deveres da religião e ouvirei com submissão. Mas não me fale do consolo da religião, ou suspeitarei que não me compreendes” (p. 23).

Nossa fé oferece o verdadeiro consolo, mas este não é administrado em doses convenientes, como se fosse um remédio para tosse. *O consolo só pode ser compartilhado por aqueles que sabem como é estar nos lugares tão profundos da cova a ponto de sentir que Deus os abandonou.* Quem deseja ser um verdadeiro consolador, terá de pagar um preço, e nem todos estão dispostos a fazê-lo. Paulo escreve sobre isso em 2 Coríntios 1:3-11.

Nas palavras de John Henry Jowett: “Deus não nos conforta para que nos sintamos confortáveis, mas sim para que sejamos confortadores”. O consolo de Deus nunca é *dado*; antes, é sempre *emprestado*, pois Deus espera que o compartilhemos com outros.

QUE O VERDADEIRO INIMIGO SE APRESENTE

Jó 18 - 19

A morte é uma grande aventura que faz as aterrissagens na lua e as viagens espaciais parecerem insignificantes.

(Joseph Bayly)

Bildade começou seu segundo discurso com as mesmas palavras do primeiro: "Até quando?" (Jó 18:2; 8:2), e Jó disse a mesma coisa ao responder (19:2). Os amigos estavam ficando impacientes uns com os outros, pois sua conversa parecia não estar indo a lugar algum. George Bernard Shaw comparou as conversas, de um modo geral, com "um fonógrafo com meia dúzia de discos: logo se fica enjoado de todos eles".

Bildade culpou Jó por esse impasse e o admoestou: "Considera bem, e, então, falaremos" (18:2). Em momento algum ocorreu a Bildade que talvez fossem os três amigos que estivessem repetindo suas declarações: (1) Deus é justo; (2) Deus castiga o perverso e abençoa o justo; (3) uma vez que Jó está sofrendo, então deve ser perverso; (4) se ele se arrepender de seus pecados, Deus voltará a abençoá-lo. Estavam andando em círculos.

Bildade afirmou que Jó não estava sendo sensato e nem respeitoso. Tratava os amigos como animais irracionais e não como os homens sábios que eram (v. 3). Além disso, estava sendo irritável e mostrando ira em lugar de humildade (v. 4). "Será que Deus deve reorganizar o mundo inteiro só para você?", perguntou Bildade. "Deve devastar a terra com guerras ou mesmo enviar um terremoto só por sua causa?" Elifaz não era o único que sabia usar o sarcasmo!

Porém, Bildade planejava empregar uma arma ainda mais poderosa que o sarcasmo.

Sua arma era o medo. Se os três amigos não estavam conseguindo arrazoar com Jó nem fazê-lo se envergonhar e se arrepender, então talvez conseguissem intimidá-lo com uma descrição do que acontece quando os perversos morrem.

Antes de estudarmos o discurso assustador de Bildade, devemos observar que o medo é uma emoção normal do ser humano e que não há nada de errado com esse sentimento. Usamos o medo de doenças, ferimentos ou morte para ensinar as crianças a lavar as mãos, ficar longe de linhas de alta tensão e olhar com cuidado antes de atravessar a rua. O medo de perder dinheiro serve de motivação para as pessoas comprarem seguros, e o medo da morte as leva a fazer *check-ups* médicos todos os anos.

O medo da morte (e do julgamento subsequente) é uma motivação legítima para crer em Jesus Cristo e ser salvo. Jesus disse: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10:28). A mensagem de Cristo trata da graça e do amor, mas também é uma mensagem severa de julgamento. Paulo escreve: "E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens e somos cabalmente conhecidos por Deus; e espero que também a vossa consciência nos reconheça" (2 Co 5:11). Quando Jonathan Edwards pregou seu sermão sobre *Os pecadores nas mãos de um Deus irado*, não transgrediu qualquer princípio psicológico ou bíblico. As emoções dos incrédulos devem ser tocadas antes de sua mente poder ser instruída e de sua vontade ser desafiada.

Porém, Bildade cometeu dois erros em seu discurso sobre os horrores da morte. Em primeiro lugar, ele o dirigiu à pessoa errada, pois seu amigo sofredor já era um homem temente a Deus (Jó 1:1, 8). Em segundo lugar, pregou com a motivação errada, pois não havia amor algum em seu coração. O dr. R. W. Dale, um pregador inglês, perguntou certa vez ao evangelista D. L. Moody se ele usava o "elemento do terror" em suas pregações. Moody respondeu que, em cada uma de suas campanhas evangelísticas, pregava

um sermão sobre o céu e outro sobre o inferno, mas disse que “o homem deve ter um coração muito sensível!” ao falar sobre a condenação dos perdidos. Bildade não tinha esse coração sensível.

1. OS HORRORES DA MORTE (Jó 18:5-21)

Em seu discurso, Bildade apresentou quatro descrições vívidas da morte dos perversos.

Uma luz que é apagada (vv. 5, 6). A luz é associada à vida, assim como as trevas são associadas à morte. Uma vez que Deus é o autor da vida, somente ele pode “acender nossa lâmpada”, pois “ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais” e “nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17:25, 28). Essa descrição refere-se a uma lamparina pendurada em uma tenda e a um fogo queimando num fogareiro. De repente, a lamparina se apaga, a última faísca do fogo desaparece e a tenda fica completamente escura (Pv 13:9; 24:20).

Assim como a chama da lamparina ou as faíscas do carvão, a vida é preciosa, porém delicada. Até mesmo uma brisa pode apagá-la. “Apenas há um passo entre mim e a morte” (1 Sm 20:3).

William Randolph Hearst, magnata norte-americano dos jornais, não permitia jamais que alguém mencionasse sua morte em sua presença. No entanto, no dia 14 de agosto de 1951, a chama de sua vida se apagou e ele morreu. “O espírito do homem é a lâmpada do SENHOR” (Pv 20:27), e Deus pode apagar essa lâmpada quando lhe apraz.

Um viajante preso numa armadilha (vv. 7-10). Assustado, o ser humano sai de sua tenda e se põe a caminhar pela estrada em busca de um lugar seguro. Porém, a estrada acaba sendo o lugar mais perigoso de todos, pois está repleta de armadilhas. Bildade usa seis palavras diferentes para descrever os perigos que as pessoas enfrentam em sua tentativa de fugir da morte:

uma rede – estendida no caminho para apanhá-lo;

a boca de um fosso – ramos que cobrem uma cova profunda;

uma armadilha – um laço com um nó corrediço que se aperta quando é tocado, prendendo o viajante pelo calcanhar;

um laço – uma cilada no caminho;

uma corda – escondida na terra;

outra armadilha – um dispositivo usado para capturar presas.

Esses dispositivos eram usados para pegar pássaros e outros animais e não pessoas. Mas a pessoa perversa é como um animal, pois deixou Deus fora de sua vida.

Por mais que tente usar de vários artifícios, o viajante não tem como escapar das armadilhas, e quanto mais ele tenta, mais fraco vai ficando (Jó 18:7). Está cercado pela escuridão e pelo perigo e não tem mais esperanças.

Um criminoso perseguido (vv. 11-15). A morte é o “rei dos terrores” (v. 14), decidida a capturar o culpado onde quer que ele esteja. Se o criminoso fugitivo correr pelo caminho e escapar das armadilhas, então a morte enviará ajudantes para perseguir-lo. O terror o assalta, a calamidade consome, aos poucos, suas forças e a tragédia espera pela sua queda (vv. 11, 12).

O criminoso assustado vai sucumbindo, mas ainda tenta prosseguir. Se voltar à tenda para se esconder, seus perseguidores o encontrarão, prenderão, arrastarão para fora e levarão ao rei dos terrores. Removem tudo da tenda e a queimam, espalhando enxofre sobre as cinzas. O fim desse homem é fogo e enxofre!

Uma árvore desarraigada (vv. 16-21). Por vezes, a morte não é tão dramática e súbita quanto a captura de um criminoso. Também pode ser gradual, como a morte de uma árvore. As raízes secam, os ramos começam a murchar e os galhos mortos são podados um a um. Logo, a árvore está morta por inteiro e é derrubada pelo homem. A morte da árvore ilustra a extinção de uma família, de uma “árvore genealógica”. Não apenas o indivíduo perverso é cortado, como também todos os ramos são podados, não deixando descendente algum para dar continuidade ao seu nome. (Lembre-se de que todos os filhos de Jó haviam morrido no vendaval.)

No Oriente, a extinção de uma família era considerada uma grande tragédia.

Jó havia usado uma árvore como uma ilustração de esperança e ressurreição (14:7-11), mas Bildade discordou dele. De acordo com Bildade, uma vez que a árvore é derrubada pelo ser humano, esse é seu fim; não há esperança alguma para o perverso.

Apesar de Bildade estar se dirigindo ao homem errado pelos motivos errados, aquilo que disse sobre a morte deve ser levado a sério. A morte é um inimigo temido por todos os que não estão preparados para enfrentá-lo (1 Co 15:26), e a única forma de se preparar é crer em Jesus Cristo (Jo 5:24).

Para o cristão, morrer significa ir para o lar e estar junto do Pai no céu (Jo 14:1-6), adormecer na terra e despertar no céu (At 7:60; Fp 1:21-23), entrar no descanso (Ap 14:13) e numa luz mais fulgurante (Pv 4:18). Nenhum dos retratos apresentados por Bildade aplica-se àqueles que são salvos em Cristo.

2. AS TRIBULAÇÕES DA VIDA (JÓ 19:1-29)

Quando Bildade terminou de descrever os horrores da morte, Jó respondeu descrevendo as tribulações da vida - *de sua própria vida*. "Não preciso morrer para passar por provações", disse a seus amigos. "Estou passando por elas neste exato momento, e vocês parecem não se importar!"

Insultos (v. 1-4). Nossas palavras podem ferir ou curar os outros; com elas, podemos tornar os fardos mais pesados ou ajudar os outros a carregá-los com coragem. Os amigos de Jó o oprimiram com suas palavras, fazendo-o sentir-se imprestável e desamparado diante de seu sofrimento. Como é importante sermos sensíveis às necessidades e lutas dos outros! Até mesmo quando precisamos ser repreendidos, devemos admoestá-los com amor; nossas palavras devem animá-los, não enfraquecê-los.

"Mesmo que eu tenha pecado", disse Jó em 19:4, "essa transgressão é *minha*, não sua. Deixem-me em paz, pois esse é um assunto entre mim e Deus". O termo empregado por Jó ("errar") significa "cometer um pecado involuntário". Jó continuou defendendo sua

integridade e afirmando que não havia cometido pecado algum que o fizesse merecer toda a aflição pela qual estava passando.

Ilustrações (vv. 5-12). Bildade havia apresentado quatro descrições assustadoras dos horrores da morte, de modo que Jó as refutou com sete retratos vívidos das tribulações de sua vida, aquilo que estava experimentando naquele instante!

Sentia-se como *um animal preso numa rede* (v. 6). Jó via-se capturado pela rede de Deus, não por causa de seus pecados, mas porque Deus havia preparado essa armadilha para ele. Bildade descreveu seis tipos diferentes de armadilha que pegariam um criminoso fugitivo (18:7-10), mas Jó não se incluiu nessa descrição. Ele não estava fugindo de Deus, nem era culpado de pecado algum. Deus o havia pego de repente por motivos que Jó não era capaz de compreender.

Jó também se sentia como *um réu num tribunal* (19:7). Deus o havia injustiçado ao capturá-lo e levá-lo a julgamento. O que ele havia feito? Por que não lhe diziam quais eram as acusações? Por que não lhe era permitido se defender? "Eis que clamo: violência! Mas não sou ouvido; grito: socorro! Porém não há justiça" (v. 7). Ao longo de todo o livro, Jó clama por justiça e suplica por um advogado para defendê-lo diante de Deus. O que ele não sabe é que *ele é o advogado defendendo Deus!* Foram a fé e a paciência submissa de Jó que provaram a falsidade de Satanás e glorificaram o Senhor.

Jó se via como *um viajante cercado* (v. 8). A queixa de Satanás era a de que Deus havia cercado Jó e sua família de cuidados a fim de protegê-los das tribulações (1:9-12). Aqui, Jó queixa-se de que Deus bloqueou seu caminho e que é impossível seguir viagem. Jó não conseguia entender por que Deus havia feito as trevas descerem sobre suas veredas.

Por vezes, Deus permite que seus filhos atravessem as trevas e acabem numa rua sem saída. Quando isso acontecer, *espere que o Senhor, a seu tempo, faça a luz voltar a brilhar*. Não tente criar a própria luz nem tomá-la emprestada de outros. Siga o conselho sábio de Isaías: "Quem há entre vós que tema ao SENHOR e que ouça a voz do seu Servo?"

Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie em o nome do SENHOR e se firme sobre o seu Deus" (Is 50:10).

Como o dr. Bob Jones costumava dizer: "Quando estiver em trevas, nunca duvide daquilo que Deus lhe ensinou na luz". Na verdade, aquilo que Deus nos ensinou na luz se tornará ainda mais significativo quando estivermos em trevas.

"Oh, a bênção inexprimível dos 'tesouros das trevas'!", escreveu Oswald Chambers. "Não são os dias ensolarados, os dias do esplendor, da liberdade e da luz que deixam sua marca permanente e indelével em nossa alma, mas sim aquelas noites do Espírito, nas quais, à sombra da mão de Deus, ocultos na fenda escura de alguma rocha numa terra cansada, o Senhor permite que os esplendores que o cercam passem diante de nosso olhar."

O sofrimento de Jó o fez sentir-se *um rei destronado* (Jó 19:9). Antes que lhe sobreviessem as calamidades, Jó havia sido o homem mais respeitado de Uz e o maior de todos do Oriente (1:3; 29:1-25); mas agora, toda essa honra e autoridade desapareceram. Deus retirou-lhe seus mantos e sua coroa real e, ao invés de ser o mais eminente, era o mais desprezível. Que humilhação!

Sua quinta ilustração é de *uma construção destruída* (19:10). É possível que se trate de uma muralha ou de um edifício que as "tropas" de Deus derrubaram e deixaram em ruínas. Talvez Jó estivesse fazendo uma retrospectiva de seus negócios ou de seu lar ou, talvez, estivesse olhando para seu corpo emaciado. De qualquer modo, aquilo que antes havia sido forte e útil tornara-se impréstável. Bildele falara de uma tenda sendo destruída (18:15), e Jó sabia o que isso significava.

Na sexta ilustração, Jó tomou emprestada a imagem de uma *árvore desarraigada* (19:10; ver 18:16). Ele havia usado a árvore como um retrato de esperança (14:7), mas passou a vê-la como um símbolo de esperança *perdida*. Em Jó 14, ele estava se referindo a uma árvore cortada, enquanto nesse caso, a árvore foi *desarraigada*. Uma árvore não pode viver sem suas raízes.

A última ilustração apresentada por Jó é de uma *cidade sitiada* (19:11, 12). Deus havia declarado guerra contra ele (13:24) e o estava tratando como um inimigo. Suas tropas o atacaram e, então, se assentaram ao redor dele para um longo e difícil cerco. Imagine um exército enorme construindo uma rampa só para atacar uma tenda! Mais uma vez, Jó não consegue entender por que Deus mandou tanto sofrimento. Por que usar uma bomba atômica só para destruir uma tenda?

Isolamento (vv. 13-22). Jó prosseguiu explicando como seu sofrimento afetava seu relacionamento com as pessoas. Devemos admitir que uma dor extrema e prolongada isola o sofredor das pessoas e circunstâncias a seu redor. Quem sente dor pode ter a tendência a isolar-se e dar a impressão de que *os outros não entendem o que estão passando*. Jó sentia-se alienado da família, dos amigos e até mesmo de seus servos.

No entanto, essa alienação ia além de sua dor. Estava falido e enfermo, vivendo no depósito de lixo da cidade, e ninguém queria ser identificado com ele. Além disso, as pessoas estavam convencidas de que ele era um pecador sofrendo o julgamento de Deus, de modo que não desejavam ter amizade com ele. Sua aparência era repulsiva e todos evitavam olhar para ele. Era tratado como um leproso, um pária indesejado pela família e pelos amigos.

Uma evidência da compaixão de Cristo é sua identificação com os marginalizados da sociedade. Comeu com "publicanos e pecadores" (Mt 9:9-13), tocou os leprosos (Mt 8:1-4), aceitou presentes de prostitutas (Lc 7:36-50) e até morreu entre dois criminosos (23:32, 33). Jesus sabia o que era ser "desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer" (Is 53:3). Como é importante que nós, seus discípulos, tenhamos esse mesmo tipo de compaixão. É fácil nos identificarmos com pessoas que conhecemos e de quem gostamos quando passam por provações, mas nossa tendência é ignorar os desamparados, os pobres e desvalidos em seu sofrimento.

A declaração de Jó em 19:20 - "Os meus ossos se apegam à minha pele e à minha

carne, e salvei-me só com a pele dos meus dentes" - é, por vezes, interpretada equivocadamente como "salvar-se por um triz" ("com a pele dos meus dentes"), mas os intérpretes não apresentam um consenso quanto a seu significado.

Alguns sugerem que Jó quer dizer: "Sou um caso tão perdido que só me restam minhas gengivas!". Outros acreditam que significa: "Estou tão perto da morte quanto a espessura da pele dos dentes, caso esta existisse". Ou ainda: "Meu corpo está tão emaciado que só resta a pele de meus dentes!" (É evidente que estava exagerando.) Qualquer que fosse a intenção de Jó, essa imagem mostra claramente que era um milagre ele ainda estar vivo.

Jó encerrou essa parte de sua defesa suplicando aos seus amigos por piedade (vv. 21, 22; 6:14). Deus estava contra ele, sua família e amigos o haviam desertado, e tudo o que lhe restava eram esses três amigos íntimos que agora o perseguiram como animais selvagens atrás de sua presa. Não podiam parar e tentar ajudá-lo? Por que tinham o coração tão empedernido?

Insight (vv. 23-29). Por que Jó desejava que suas palavras fossem permanentemente registradas? Ele acreditava que morreria antes de Deus justificá-lo e queria que as pessoas se lembrassem como ele havia sofrido e o que dissera. Bildade o advertiu: "A sua memória [de um homem perverso] desaparecerá da terra, e pelas praças não terá nome" (18:17), e Jó queria que houvesse um registro dele.

Então, Jó fez outra declaração de fé que marca várias de suas expressões de tristeza e de dor neste livro. É sugestivo que Jó ia das profundezas do desespero às maiores alturas da fé e, depois, voltava para as profundezas. *Muitas vezes, é exatamente isso o que acontece com aqueles que estão passando por sofrimento intenso.* O céu fica escuro e tempestuoso, um raio de luz brilha de repente através das nuvens e, depois, a tempestade volta.

Apesar do que dizem alguns pregadores, poucas pessoas conseguem manter, em todo tempo, um nível elevado de fé e de coragem

em meio à dor e à tribulação. John Henry Jowett, conhecido como "o maior pregador do mundo de língua inglesa", escreveu certa vez a um amigo: "Gostaria que não pensasse que sou tão santo. Ao que parece, você imagina que não tenho altos e baixos, mas apenas um nível constante e elevado de espiritualidade, repleto de alegria e de serenidade imperturbável. Que nada! Muitas vezes, sinto-me totalmente imprestável, e tudo parece sombrio" (*John Henry Jowett, Arthur Porrit, p. 290*).

Em 19:25-27, Jó expressou a certeza de que, mesmo que morresse, ainda teria um Redentor que, um dia, julgaria sobre a terra. Declarou, ainda, que ele próprio esperava voltar a viver e ver esse Redentor! "Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus" (v. 26). Trata-se de uma declaração de fé na ressurreição do corpo humano.

O termo hebraico traduzido por "Redentor", no versículo 25, se refere ao parente resgatador, o parente próximo capaz de vingar o sangue de seu irmão (Dt 19:6-12), de reivindicar e de recuperar propriedades de seu irmão (Lv 25:23, 24, 39-55) e de libertá-lo da servidão (25:25). O parente resgatador também poderia comparecer a um tribunal a fim de pleitear em favor de um parente injustiçado (Pv 23:10, 11). No Livro de Rute, Boaz é o parente resgatador qualificado e disposto a redimir Rute e lhe dar uma nova vida numa nova terra.

Numa ocasião anterior, Jó havia falado de sua necessidade de um árbitro (Jó 9:33, 34) e de um Advogado no céu (16:19). Agora, vai ainda mais longe: um dia, seria justificado por seu Redentor, e Jó estaria presente para testemunhar esse fato! Quando pensamos em como a revelação de Deus sobre a vida depois da morte era escassa no tempo de Jó, essas palavras transformam-se numa confissão extraordinária de fé. Ao considerar, também, o desânimo dos amigos de Jó e seu próprio sofrimento intenso, o testemunho de Jó torna-se ainda mais maravilhoso.

É evidente que Jesus Cristo é esse parente resgatador. Ele assumiu uma natureza humana para que pudesse revelar Deus à

humanidade, passar por tudo o que passamos e, por fim, voltar ao céu e nos representar diante do Pai. Ele *quer* e *pode* salvar. Um dia, julgará sobre a Terra e justificará seu povo.

Jó encerrou seu discurso com uma advertência a seus três amigos críticos (19:28, 29): eles também se veriam diante do trono de julgamento de Deus, de modo que era melhor estarem preparados. Acusaram Jó de ser um pecador, mas acaso eles próprios também não eram pecadores? Haviam dito que

Deus o estava julgando por seus pecados, mas acaso o Senhor também não os julgaria? Um dia, teriam de prestar contas a Deus sobre a forma como se dirigiram a Jó, de modo que deveriam ter cuidado. As palavras de Jó nos lembram o conselho de Paulo em Romanos 14:10-13 e as palavras de Jesus em Mateus 7:1-5.

Abraham Lincoln disse certa vez: “Só tem direito de criticar quem tem um coração disposto a ajudar”.

Esse é seu caso?

TUDO DEPENDE DO SEU PUNTO DE VISTA

Jó 20 - 21

A ajuda mais genuína que podemos oferecer a um homem aflito não é remover seu fardo, mas sim fazer aflorar nele suas maiores forças para que seja capaz de suportá-lo.

(Philip Brooks)

Zofar é o próximo da fila a falar, mas não tem nada de novo a dizer. É a mesma história de sempre: Deus castiga os perversos, de modo que a melhor coisa que Jó tem a fazer é colocar sua vida em ordem com Deus. Seu texto-chave é Jó 20:5: “O júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpios, momentânea”. Esse tema já foi discutido por Bildade (8:11-19; 18) e Elifaz (15:20-35), mas Zofar ficou tão perturbado com o último discurso de Jó que julgou necessário se pronunciar. “Eu ouvi a repreensão, que me envergonha, mas o meu espírito me obriga a responder segundo o meu entendimento” (20:3). Zofar sentiu-se insultado por Jó e resolveu se defender.

1. A TERRÍVEL SINA DOS PERVERSOS (Jó 20:4-29)

Zofar faz três declarações para provar que a sina dos perversos é, de fato, terrível: sua vida é breve (Jó 20:4-11), seu prazer é temporário (vv. 12-19), e sua morte é dolorosa (vv. 20-29).

Sua vida é breve (vv. 4-11). Zofar declara que, desde os primórdios da história da humanidade, o triunfo (“júbilo”) dos perversos é transitório. Perguntamo-nos de onde ele tirou essa informação, uma vez que o Senhor esperou 120 anos para mandar o dilúvio (Gn 6:3) e deu aos cananeus perversos

pelo menos quatro séculos antes de julgá-los (15:13-16).

Nas Escrituras, a maioria das pessoas que refletiram sobre o problema do mal no mundo partiu de outra premissa: os perversos desfrutaram uma vida longa e sem grandes dificuldades, enquanto os justos sofrem muito e morrem jovens (Sl 37; 73; Jr 12:1-4). A fim de provar que sua argumentação estava certa, Zofar ignorou uma porção de dados.

De acordo com Zofar, quanto mais o homem perverso elevar-se em seu sucesso, maior será sua queda quando lhe sobrevier o julgamento. Quando isso ocorrer, seguirá esgotado abaixo como seu próprio esterco, e as pessoas perguntarão: “Onde está?” (Jó 20:6, 7). Desaparecerá como um sonho esquecido ou como uma visão noturna que não pode ser evocada (v. 8).

Não apenas o perverso e seu nome desaparecerão, como também sua riqueza se perderá. Depois de sua morte, a verdade sobre seus crimes virá à tona, e seus filhos terão de usar sua herança para ressarcir as pessoas de quem seu pai roubou. Seu pai ainda estava cheio de “vigor da juventude” quando morreu (v. 11), mas logo não passará de um cadáver numa cova. De acordo com Zofar, os perversos têm morte precoce e inesperada.

Ao investigarmos tanto a história sagrada quanto a secular, descobrimos que não há regras fixas que determinam quando o perverso ou o justo morrerá. Em termos gerais, as pessoas que ignoram as leis de Deus estão mais vulneráveis a problemas que podem levar à morte prematura. A promiscuidade, o uso de drogas (inclusive do álcool e do fumo) e um estilo de vida imprudente podem contribuir para encurtar a vida de uma pessoa. *Porém, não há qualquer garantia de que isso acontecerá.* É impressionante como alguns ímpios vivem até uma idade avançada. Talvez sua vida seja prolongada pela graça de Deus, dando-lhes tempo de se arrepender.

Zofar não estava se referindo às consequências naturais de uma vida perversa, mas sim aos julgamentos de Deus sobre os pecadores. Zofar e seus dois amigos estavam certos de que Jó era um hipócrita e de que sua vida de piedade era superficial e servia

apenas para encobrir seus pecados secretos. Em seu segundo discurso, Elifaz chega a citar alguns dos pecados cometidos por Jó! (22:5-9). Porém, Deus nem sempre julga os hipócritas e outros pecadores de imediato, e a morte de uma pessoa jovem não é evidência alguma de que fosse dissimulada.

O grande pregador presbiteriano escocês Robert Murray McCheyne morreu quando tinha apenas 29 anos de idade e o missionário William Whitting Borden ("Borden de Yale", como era conhecido), tinha apenas 25 anos quando morreu no Egito. David Brainerd, um missionário dedicado a atuar entre os povos nativos norte-americanos, tinha 29 anos quando faleceu. De acordo com Zofar, esses homens devem ter sido culpados de pecados secretos, de modo que Deus lhes tirou a vida na flor da idade.

Seu prazer é temporário (vv. 12-19). Aqui, Zofar usa o ato de *comer* como sua imagem principal. O indivíduo perverso desfruta o pecado como quem saboreia um alimento, degustando-o demoradamente antes de engoli-lo. Na verdade, gosta tanto do pecado que não consegue obrigar-se a engoli-lo! Porém, essa comida deliciosa em sua boca acaba se tornando um veneno e fazendo esse indivíduo adoecer e vomitar tudo. Enquanto desfrutava seu pecado, não percebeu que havia sido picado por uma serpente venenosa e que estava condenado a morrer. Em outras palavras, o pecado traz consigo tanto o prazer quanto o castigo, e se alguém deseja provar uma coisa, deve aceitar também a outra. Os prazeres do pecado são transitórios (Hb 11:25).

Porém, o julgamento de Deus vai muito mais longe: o perverso não apenas adoecer em decorrência de seu pecado como também não tem prazer nas bênçãos diárias da vida (Jó 20:17). "Não se deliciará com a vista dos ribeiros e dos rios transbordantes de mel e de leite." A terra de Canaã manava "leite e mel" (Êx 3:8; Lv 20:24), que não eram luxos, mas sim dois alimentos básicos, de modo que uma terra assim seria produtiva e poderia sustentar seu povo. Mas o perverso perdeu o gosto pelas comidas simples, e nada mais o satisfaz. Seu apetite pelo pecado des-

truiu o prazer que vem das bênçãos mais essenciais da vida.

Ao usar essa imagem de uma pessoa comendo, Zofar deixa duas coisas claras: aquilo que o perverso engolir o fará adoecer e também tirará dele o desejo pelas coisas boas da vida. Além disso, em Jó 20:18, 19 ele afirma que esse indivíduo não será capaz de desfrutar (engolir) algumas das coisas pelas quais trabalhou. As riquezas que adquiriu por seu pecado não o satisfarão.

Sem dúvida, podemos ver isso na vida de muitas pessoas que rejeitam a Cristo e se entregam aos prazeres do pecado. Quanto mais se deixam levar por esses prazeres, maior é seu desejo, e quanto mais saciam esses desejo, menos satisfação encontram. Quanto menos satisfação sentem, mais precisam pecar a fim de experimentar novamente as mesmas sensações de outrora e, quanto mais pecam, mais destroem sua capacidade de desfrutar qualquer coisa. Em outras palavras, essas pessoas "queimaram os fusíveis", e os mecanismos de sua vida não funcionam mais como antes.

Sua morte é dolorosa (vv. 20-29). Nem mesmo as riquezas do perverso poderão evitar que a morte lhe sobrevenha (Jó 20:20; ver Sl 49). Enquanto desfruta sua prosperidade, o perverso sentirá aflições, tribulações e a ira consumidora de Deus. O Senhor "mandará sobre ele o furor da sua ira" (Jó 20:23). O perverso tentará fugir, mas Deus o atacará com uma espada e o traspassará com uma flecha com a ponta de bronze.

Nessa altura de seu discurso, Zofar começa a falar como Bildade (Jó 18). Descreve o perverso tentando escapar do julgamento de Deus. As flechas vêm em sua direção, enquanto corre na escuridão, e o fogo cai ao seu redor. Então, é pego por uma inundação que destrói tudo. Mas esse ainda não é o fim: o perverso é levado para o tribunal em que o céu e a terra testemunham contra ele e o declaram culpado (20:27).

2. O VERDADEIRO FIM DO PERVERSO (Jó 21:1-34)

Depois de suplicar mais uma vez pela compreensão e compaixão de seus amigos

(Jó 21:1-6), Jó respondeu às declarações de Zofar e refutou cada uma delas. Afirmou que, de seu ponto de vista, parecia-lhe que os perversos tinham vida longa (vv. 7-16), que raramente enfrentavam alguma calamidade (vv. 17-21) e que a morte deles não era diferente da morte de outros indivíduos (vv. 22-34). Jó contestou cada ponto do discurso de Zofar e acabou com sua argumentação.

Mas primeiro, vejamos a súplica de Jó aos seus amigos para que procurem compreender como ele se sente. “Se vocês querem mesmo me consolar, calem-se e ouçam” (v. 2, paráfrase). O filósofo grego Zeno disse: “Temos dois ouvidos e uma boca para ouvir mais e falar menos”. Os amigos pensaram que suas palavras encorajariam Jó, mas ele lhes disse que seu silêncio seria ainda mais encorajador (13:3).

Jó afirmou que sua queixa não era contra os seres humanos, mas sim contra Deus. Os seres humanos não haviam causado suas aflições nem podiam aliviá-las. Estava impaciente porque Deus não o havia respondido (v. 3). Quanto mais Deus esperava, mais a situação de Jó se deteriorava. “Olhai para mim e pasmai; e ponde a mão sobre a boca” (21:5).

Enquanto Jó refletia sobre o que estava prestes a dizer, seus pensamentos agitavam o mais profundo de seu ser (v. 6). Não se tratava de um discurso improvisado, pois se referia às verdades mais essenciais acerca da vida e da morte. Se os amigos de Jó estivessem em seu lugar, veriam sua situação com outros olhos e lhe falariam de outro modo.

A vida do perverso pode ser longa (vv. 7-16). Refutando o discurso de Zofar (20:5), Jó pergunta: “Como é, pois, que vivem os perversos, envelhecem e ainda se tornam mais poderosos?” (21:7). Os perversos são cercados de proteção: seus filhos e lares estão em segurança (vv. 8, 9, 11, 12), seus negócios prosperam (v. 10) e eles têm uma longa vida para desfrutar sua prosperidade (v. 13). Além disso, têm muitos descendentes que compartilham e desfrutam a riqueza da família. A morte do perverso é súbita; não agoniza dia após dia, ansiando por livramento. Claro que a situação de Jó era exatamente

oposta: havia perdido a família e as riquezas e sofria cada vez mais enquanto esperava a morte chegar.

Porém, não há coisa mais triste do que ver os perversos deixarem Deus de fora de sua vida e *ainda assim prosperarem* (vv. 14, 15). Não querem saber do Senhor e lhe dizem: “Fique longe de nós! Deixe-nos em paz!” Essa gente se recusa a orar, a obedecer ao Senhor ou mesmo a dar-lhe crédito por seu sucesso. Essa é a filosofia da maior parte dos incrédulos de hoje – um certo “ateísmo pragmático” (ver Sl 10). Deus não se encontra em seus pensamentos e, muito menos, em seus planos (Tg 4:13-17). São auto-suficientes, fazem o que bem entendem e agem “à sua maneira”. Jesus descreve esse tipo de pessoa em Lucas 12:13-21.

Jó apressou-se em dizer que essa não era sua filosofia de vida. “Vede, porém, que não provém deles a sua prosperidade; longe de mim o conselho dos perversos!” (Jó 21:16). Os perversos vangloriavam-se de sua riqueza, mas Jó reconhecia que tudo vem de Deus (1:21). Então, por que os três amigos de Jó o julgavam perverso?

Antes de tratarmos do segundo ponto da argumentação de Jó, devemos considerar um fato perturbador: muitos cristãos de hoje injejam o estilo de vida dos ricos e famosos. Em um de seus livros, o Dr. Kenneth Chafin conta a história de um pastor e um diácono que estavam indo visitar um casal que desejavam evangelizar. Estacionaram na frente de uma mansão, com um jardim impecável e dois carros de luxo na garagem. Podiam ver o marido sentado confortavelmente em sua sala espaçosa assistindo à televisão. Tudo ali mostrava a afluência daquela gente. O diácono olhou para o pastor e perguntou: “Que boas novas podemos transmitir a um sujeito desses?”

Em mais de quarenta anos de ministério, já fiz muitos casamentos e vi muitos jovens casais de cristãos começarem seu lar. É uma grande alegria ver lares em que os casais têm prioridades corretas e resistem à tentação de “fazer como todo mundo” e viver em função dos bens materiais. Infelizmente, alguns deles perderam a visão espiritual e, em meio

a seu sucesso neste mundo, deixaram de reconhecer a mão do Senhor. A triste verdade é que estão recebendo aqui sua única recompensa.

Acaso os perversos também não sofrem tragédias? (vv. 17-21). “Na verdade, a luz do perverso se apagará”, declarou Bildade (18:5); mas Jó perguntou: “com que frequência isso acontece?” Com que frequência vemos demonstrações da ira de Deus contra as pessoas do mundo? “Quantas vezes são como a palha diante do vento e como a praga arrebatada pelo remoinho?” (21:18). Os perversos parecem viver em segurança, enquanto os justos sofrem (ver Sl 73).

Porém, se Deus não julga os ímpios, certamente julgará seus filhos (Jó 21:19). Tanto Zofar (20:10) quanto Elifaz (5:4) haviam argumentado sobre essa questão. É evidente que os dois se referiam a Jó, que havia perdido todos os seus filhos. “Mas que julgamento é esse?”, perguntou Jó. “Se um homem vive em pecado, então que sofra pelas suas transgressões. Depois que morre, que lhe importa o que acontece com sua família? No reino dos mortos, não há como saber o que acontece na terra”.

As Escrituras deixam claro que os pais não são castigados pelos pecados dos filhos nem os filhos pelos pecados dos pais (Jr 31:29, 30; Ez 18:1ss). Sem dúvida, os pais podem ser profundamente magoados pelas transgressões de seus filhos, e estes, por sua vez, podem sofrer as *conseqüências* dos pecados de seus pais, mas o julgamento de Deus é sempre justo (Dt 24:16). Os três amigos de Jó foram cruéis ao insinuar que os pecados dele haviam causado a morte de seus filhos.

Zofar dissera que a vida de uma pessoa perversa era curta, mas Jó o refutou afirmando que os perversos muitas vezes têm vida longa. Zofar afirmou que os prazeres dos perversos eram temporários, pois o julgamento de Deus lhes sobrevinha de repente, mas Jó perguntou: “Com que frequência você vê isso acontecer?” Na seqüência, Jó responde ao terceiro argumento de Zofar, de acordo com o qual os perversos sofrem morte dolorosa.

Os perversos morrem como qualquer outra pessoa (vv. 22-34). A vida e a morte

estão nas mãos de Deus, então quem é o ser humano para ensinar a Deus ou se dizer capaz de explicar os caminhos de Deus? (v. 22). Mais adiante, Deus faz essa mesma pergunta a Jó, quando finalmente aparece para dar a seu servo a tão esperada oportunidade de se defender. Em vez de Jó questionar Deus, o Senhor é que fará as perguntas a Jó, conduzindo-o à verdadeira humildade!

Jó observou que algumas pessoas morrem quando estão na flor da idade e quando parecem desfrutar saúde perfeita, enquanto outras morrem lentamente de enfermidades dolorosas. Há quem desfrute uma vida longa e feliz, enquanto outros passam os dias em meio ao sofrimento, *mas a morte é a mesma para todos eles*. No sentido mais estrito, não existe “morte infantil”, “morte trágica” ou “morte súbita”, pois *não importa quando ou como ela vem, a morte é sempre morte*. O rico morre e o pobre também; o incrédulo morre e também o que crê, e todos “juntamente jazem no pó, onde os vermes os cobrem” (v. 26). É evidente que Jó está falando da morte *física*, não da morte *espiritual*. Quando a morte chega, certamente faz uma diferença enorme *para a próxima vida* se a pessoa aceitou ou não o sacrifício de Jesus Cristo (Hb 9:27).

Muita gente – inclusive alguns cristãos – não gosta de falar da morte em geral ou, mais especificamente, de sua própria morte. Essas pessoas têm planos de saúde e seguro de vida, mas preferem evitar esse assunto e agir como se a morte nunca fosse chegar.

Nas palavras do sociólogo Ernst Becker: “O medo da morte assombra o ser humano mais do que qualquer outra coisa. É a motivação principal das atividades humanas, que têm, em sua maior parte, o propósito de evitar a fatalidade da morte, de sobrepujá-la ao negar que, de algum modo, ela é o destino final do ser humano”.¹

“Vede que conheço os vossos pensamentos”, disse Jó aos seus amigos (Jó 21:27). Ele percebeu que seu discurso não os havia convencido e sabia muito bem o que diriam quando ele terminasse de falar: exatamente aquilo que haviam dito antes! No versículo 28, Jó citou duas das declarações dos amigos

que ele havia refutado anteriormente (ver 18:13-21 e 20:20-29), ainda assim esperava ouvir discursos parecidos outra vez.

Jó perguntou a seus amigos se, em alguma ocasião, haviam investigado qual era a situação de outros lugares fora de sua terra natal. Como Dorothy Sayers escreveu: "Não há coisa alguma que não possa ser provada, se a visão de mundo for suficientemente limitada". "Porventura, não tendes interrogado os que viajam?", perguntou Jó (21:29). As pessoas que viajam não costumam ter uma perspectiva provinciana, pois suas experiências são mais amplas. Com toda a sua sabedoria, os três amigos talvez ainda tivessem uma visão de mundo mais limitada, pois não haviam observado como as pessoas viviam em outros lugares. Se os amigos de Jó conversassem com pessoas viajadas, ficariam sabendo que, no mundo todo, os perversos parecem escapar das calamidades que assolam os justos.

Em seguida, Jó fez uma pergunta muito pessoal aos seus amigos: "Se acreditam mesmo que os perversos estão destinados a morrer prematuramente, *já os advertiram?*

Já lhes disseram francamente que não aprovam o que fazem?" (v. 31, paráfrase). Caso seus amigos tivessem respondido: "Nunca conversamos com os ímpios sobre o que o futuro lhes reserva", então Jó poderia ter dito: "Então por que estão advertindo *um homem justo* sobre o futuro dele?" Quanta incoerência!

As palavras finais de Jó em 21:34 deixam claro para os três amigos que ele não confia naquilo que dizem. Seu consolo é "em vão" e suas respostas não passam de "falsidade". O termo hebraico traduzido por "falsidade" significa "um ato deliberado de transgressão da lei de Deus, um ato de traição" e costuma ser traduzido também por "transgressão". Ao atacar Jó, os três amigos foram desleais e pecaram contra Deus. Em vez de ajudar Jó, eles o estavam fazendo se desviar.

Tenho um amigo que ora todos os dias: "Senhor, ajuda-me para que hoje eu não aumente os fardos de ninguém".

Infelizmente, Bildade, Zofar e Elifaz não faziam essa oração!

Talvez todos nós devêssemos começar a pedir isso a Deus!

1. BECKER, Ernst. *The Denial of Death*. Free Press, p. ix.

INTERLÚDIO

Se você deseja ser um estímulo para aqueles que sofrem, procure ver as coisas pela perspectiva deles. Seja humilde o suficiente para admitir que pode haver outros pontos de vista. A experiência de vida dos três

amigos de Jó era limitada. Apegavam-se radicalmente a seus dogmas e se recusavam a ceder. Numa carta dirigida a algumas pessoas que discordavam dele, Oliver Cromwell escreveu: "Rogo-vos pela mais profunda essência de Cristo que considereis a possibilidade de estardes equivocados".

Alguém definiu os fanáticos como "pessoas incapazes de mudar de idéia ou de assunto". Certa vez, Samuel Johnson comentou sobre um homem: "É uma pessoa de uma idéia só e, ainda por cima, é uma idéia errada".

Sempre existe algo de novo a aprender sobre Deus, sobre a Bíblia, sobre as pessoas e sobre a vida. Sejam bons aprendizes – e bons ouvintes!

ORDEM NO TRIBUNAL

Jó 22 - 24

O Deus de Israel, o Salvador, é, por vezes, um Deus que se esconde, mas nunca um Deus que se ausenta. Pode estar nas sombras, mas nunca está distante.

(Matthew Henry)

Aquilo que deveria ter sido uma conversa estimulante entre amigos tornou-se uma altercação irada e amargurada. Em vez de tentar acalmar as coisas, Elifaz assumiu o papel de promotor de justiça e transformou a discussão num julgamento. Eram três pessoas contra um: Jó assentado no monte de cinzas ouvindo seus amigos mentirem sobre ele. De acordo com o Talmude judaico: “A língua caluniadora mata três pessoas: o caluniador, o caluniado e aquele que ouve a calúnia”. Havia morte por toda parte no monte de cinzas em Uz!

1. TRÊS ACUSAÇÕES FALSAS (JÓ 22:1-30)

Como qualquer promotor competente, Elifaz estava totalmente a par do caso e havia preparado seu resumo dos fatos. Fez três acusações sérias contra Jó: ele é um pecador (Jó 22:1-11), está escondendo seus pecados (vv. 12-20) e deve confessá-los e se arrepender, a fim de que Deus possa socorrê-lo (vv. 21-30).

Jó é um pecador (vv. 1-11). Elifaz não conseguiu resistir à tentação de lançar uma farpa sarcástica contra Jó. “[O Senhor] te repreende pelo teu temor de Deus ou entra contra ti em juízo?” (v. 4). Os tribunais não julgam pessoas por sua retidão, mas sim por sua transgressão da lei! Logo, uma vez que Deus havia enviado julgamentos terríveis sobre Jó, ele deveria estar vivendo em pecado.

“Porventura, não é grande a tua malícia, e sem termo, as tuas iniquidades?” (v. 5). Porém, Elifaz não entendeu aquilo que Jó estava argumentando: “Por que Deus aplicou a pena antes de me prender, de ler a acusação formal e de realizar o julgamento?” Parecia tudo muito injusto.

Primeiro, Elifaz acusou Jó do pecado de *orgulho* (vv. 1-3). Jó estava agindo como se seu caráter e conduta fossem importantes e, de algum modo, benéficos para Deus. A teologia de Elifaz girava em torno de um Deus distante, o Juiz do mundo, mas não o Amigo dos pecadores.

Porém, o caráter e a conduta de Jó eram importantes para o Senhor, pois Deus estava usando Jó para calar o diabo. Nem Jó nem seus três amigos sabiam que Deus tinha um plano, mas Jó acreditava que Deus estava cumprindo algum propósito em sua vida e, um dia, o justificaria. Além disso, o caráter e o comportamento do povo de Deus são importantes para o Senhor, pois seu povo pode lhe causar alegria ou tristeza (1 Ts 4:1; Hb 11:5; Gn 6:5, 6; Sl 37:23). Ele não é um Deus passivo e distante, que não se identifica com seu povo, mas sim um Deus que se deleita com os que são seus, assim como eles se deleitam com o Senhor (Sl 18:19; Is 63:9; Hb 4:14-16).

Como filhos de Deus, devemos seguir o exemplo de Jesus, que disse: “Faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8:29). Então, o Pai poderá nos dizer aquilo que disse sobre Jesus: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3:17).

Além do orgulho, Elifaz acusou Jó de *cobiça* (Jó 22:6). Era um homem ganancioso que abusava das pessoas a fim de obter mais riquezas. Usava seu poder e reputação (v. 8) para intimidar as pessoas e roubar delas. Na lei mosaica, um credor podia tomar algo de seu devedor como garantia, mas nada que colocasse em risco seu trabalho, sua saúde ou sua dignidade como ser humano (Êx 22:25-27; Dt 24:10-13). Elifaz acusou Jó de tomar garantias desnecessárias de seus irmãos e de deixar as pessoas despidas por tirar delas toda sua roupa até que lhe pagassem o que deviam!

Uma vez que Elifaz nem sequer morava na mesma região que Jó, como poderia saber de que modo Jó conduzia seus negócios? Será que algum inimigo de Jó havia contado essas histórias a Elifaz? Se esse foi o caso, Elifaz deveria ter investigado as acusações antes de anunciá-las publicamente. A história toda não passava de uma invenção, uma tentativa medíocre de desacreditar um homem justo que havia ajudado muita gente (Jó 29:11-17).

O terceiro grande pecado de Jó seria sua falta de misericórdia e compaixão (22:7-9), ou seja, um pecado de omissão. Não era de se admirar que o Senhor não respondesse às orações de Jó! “O que tapa o ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido” (Pv 21:13). Em vez de compartilhar seus recursos tão abundantes, Jó teria se recusado a ajudar os cansados, os famintos, as viúvas e os órfãos. Tendo em vista que demonstrar hospitalidade é uma das leis mais importantes do Oriente, o pecado de Jó seria especialmente abominável.

Ao longo de todas as Escrituras, Deus demonstra grande preocupação com os pobres, especialmente com as viúvas e órfãos, e expressa sua ira contra aqueles que oprimem e exploram os pobres (Êx 22:22; Dt 24:17; 26:12). Os profetas condenaram com severidade os líderes políticos e religiosos que oprimiam os necessitados e roubavam dos pobres (Is 1:17; Jr 7:6; 22:1-4; Am 4:1; 5:11; 8:4-10). Jesus se preocupava de modo especial com os pobres (Lc 4:16-19; Mt 11:5), e a Igreja primitiva seguiu seu exemplo (Gl 2:10; Tg 1:27; 2:1-9; At 6:1; 1 Tm 5:1-16) – algo que a Igreja de hoje precisa fazer.

Elifaz encerrou esse primeiro ponto com evidências óbvias: Jó sofria grandes tribulações como consequência de seus muitos pecados (Jó 22:10, 11). Que outro motivo haveria para estar vivendo em trevas, em perigo e nas profundezas do sofrimento? Era a mão de Deus indicando que Jó não passava de um homem ímpio.

O povo, ao redor dos amigos, que testemunhava essa discussão deve ter ficado chocado ao ouvir tais acusações contra seu vizinho, Jó. Devem ter olhado uns para os

outros e perguntado: “Como é possível? Por que não percebemos a perversidade de Jó antes?” A parte seguinte do discurso de Elifaz responde a essa pergunta.

Jó está escondendo seus pecados (vv. 12-20). Em outras palavras, Jó seria um hipócrita, afirmação feita explicitamente – ou, por vezes, insinuada – mais de uma vez desde o início dessa discussão. “São assim as veredas de todos quantos se esquecem de Deus; e a esperança do ímpio perecerá”, declarou Bildade (8:13). “Pois a companhia dos ímpios será estéril, e o fogo consumirá as tendas de suborno”, disse Elifaz (15:34). E, nas palavras de Zofar: “o júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpios, momentânea” (20:5).

Um hipócrita não é alguém que não alcança seus objetivos espirituais, pois todos nós fracassamos de uma forma ou de outra. Antes, é uma pessoa que nem sequer tenta alcançar qualquer objetivo, *mas sim leva os outros a pensar que atingiu todos os seus alvos*. Não há coerência alguma entre suas palavras e seus atos. O pregador puritano Stephen Charnock disse: “É triste ser cristão num jantar, pagão no trabalho e perverso em nosso aposento particular”.

Elifaz aconselhou Jó a *olhar para o alto* (22:12-14) e ver que ninguém era capaz de esconder qualquer coisa de Deus. O hipócrita estimula o próprio pecado dizendo: “O Senhor não sabe e não se importa” (ver Sl 10). Mas Deus vê e conhece todas as coisas, e os hipócritas não têm como esconder seus pecados do Senhor. É possível que Deus não os julgue de imediato, mas a seu tempo o julgamento lhes sobrevirá.

Em seguida, Elifaz aconselhou Jó a *olhar para trás* (vv. 15-18) e a lembrar do que havia acontecido aos pecadores no passado. Jó havia deixado claro que não tinha nada a ver com o “conselho dos perversos” (21:16), mas Elifaz o acusou de seguir justamente esse caminho (22:15). A história mostra que os hipócritas só conseguem esconder seus pecados por algum tempo e que, mais cedo ou mais tarde, seus pecados os acham. Deus não apenas é paciente com eles como também lhes mostra sua bondade e enche suas

casas de coisas boas (v. 18). O fato de Jó ter sido um homem extremamente rico era evidência da bondade de Deus, não da retidão de Jó.

Pobre Jó! Não importava para onde se virasse ou de que modo procurasse arrazoar com seus amigos, era uma perda de tempo e de energia. Primeiro, seus amigos disseram que Deus abençoa os justos e castiga os perversos; agora, Elifaz diz que Deus abençoa o hipócrita e enche sua casa de coisas boas!

O mais triste da hipocrisia não é apenas o fato de Deus enviar seu julgamento, mas de a hipocrisia trazer consigo o próprio julgamento. Trata-se de uma prática que destrói o caráter, e o que resta a uma pessoa quando não há mais caráter, quando o sal perdeu seu sabor (ver Mt 5:13)?

Alguém disse bem que a maior recompensa por uma vida fiel não é o que se consegue com isso, mas o que se torna com isso. Nas palavras do bispo Brooke Westcott: "As grandes ocasiões não fazem os heróis ou covardes; antes, simplesmente os revelam aos outros. De modo silencioso e imperceptível, ao despertarmos ou adormecermos, ficamos cada vez mais fortes ou mais fracos, e, por fim, uma crise mostra o que nos tornamos".

Jó deve se arrepender de seus pecados (vv. 21-30). Elifaz foi sincero em seu apelo a Jó, da mesma forma como Zofar foi sincero ao pedir que Jó voltasse para Deus (11:13-20). "Reconcilia-te, pois, com ele e tem paz, e assim te sobrevirá o bem" (22:21). O termo traduzido por "bem" significa "toda sorte de coisas boas". É evidente que um hipócrita deve voltar para Deus não apenas para se livrar das dificuldades e restaurar sua sorte, mas para agradar e glorificar a Deus na reconstrução de seu caráter e serviço a ele.

O que significa "reconciliar-se com Deus"? Parar de lutar com Deus e aceitar seus termos de paz (Tg 4:1-10). Também significa dar ouvidos a sua Palavra e obedecer àquilo que Deus diz (Jó 22:22). Um pecador deve deixar seu pecado (v. 23) e fazer de Deus seu maior tesouro (v. 25); deve orar e buscar ao Senhor (v. 27).

O que Deus promete àqueles que se arrependem e que se voltam para ele? Deus os

restaurará (v. 23) e se fará precioso para eles (v. 25), de modo que se deleitarão com o Senhor e não com as riquezas ou prazeres do mundo (v. 26). Deus responderá a suas orações e os capacitará para que façam sua vontade (v. 27), dando-lhes orientação e luz (v. 28). Uma vez que sua comunhão com Deus for restaurada, podem ajudar a outros que se encontram caídos (vv. 29, 30).

Elifaz diz algumas coisas excelentes nesse apelo, mas dirige suas palavras ao homem errado. Quando chegarmos ao final do livro, veremos que eram Elifaz e seus dois amigos que não estavam em comunhão com Deus. Seria preciso Jó interceder por eles a fim de que fossem restaurados (42:7-10).

Como você responderia a esse apelo se estivesse no lugar de Jó?

2. TRÊS QUEIXAS AMARGURADAS (Jó 23 - 24)

Em vez de argumentar com os amigos ou abrir mão de sua integridade cedendo aos apelos de Elifaz, Jó ignora-os inteiramente e se dirige ao Senhor falando sobre ele. Jó deixou claro, numa ocasião anterior, que sua contenda não era com aqueles homens, mas sim com Deus, fato que ele enfatiza neste discurso.

Podemos parafrasear Jó 23:2 assim: "Minha queixa hoje é amargurada, e tenho de me controlar de modo a fazer outra coisa além de gemer". Os três amigos de Jó não entendiam o quanto ele precisava de autocontrole só para conseguir conversar com eles. Em vez de se entregar à sua dor e de ficar apenas gemendo, Jó procurou controlar seu sofrimento e não ceder à autocomiseração. Da próxima vez que você visitar alguém que estiver sentindo dor, lembre-se de que o sofrimento esgota a energia da pessoa e exige um bocado de sua força e paciência.

Jó afirmou que tinha três queixas contra o Senhor.

"Deus está se escondendo de mim" (vv. 1-12). "Ah! Se eu soubesse onde o poderia achar! Então, me chegaria ao seu tribunal" (v. 3). Essa foi mais uma súplica para se encontrar com Deus no tribunal e ter um

juízo justo. Jó estava preparado para apresentar sua causa e seus argumentos e deixar que Deus desse o veredicto. Estava certo de que, apesar do grande poder de Deus como Legislador, sua causa venceria, pois ele era um homem reto, e Deus não condena os retos de coração. “Ali, o homem reto pleitearia com ele, e eu me livraria para sempre do meu juiz” (v. 7).

Porém, de que maneira o indivíduo encontra Deus? Se Jó fosse para frente ou para trás (para leste ou oeste), para a direita ou para a esquerda (para o norte ou para o sul), não conseguiria ver Deus nem mesmo de relance. Sem dúvida, Deus está presente em toda a parte (Sl 139:7-12); mas Jó desejava encontrar-se *pessoalmente* com ele. Tinha perguntas a lhe fazer e argumentos a lhe apresentar!

Deus sabia onde Jó estava: na fornalha! (Jó 23:10). Porém, era uma fornalha preparada por Deus, não decorrente do pecado de Jó, de modo que Deus usaria a aflição que ele sentia para purificá-lo e aprimorá-lo. Essa não é a única resposta para a pergunta: “Por que os justos sofrem?”, mas é uma das melhores e pode servir de grande encorajamento para o sofredor.

As Escrituras usam a imagem da fornalha com frequência para descrever o ministério purificador de Deus por meio do sofrimento. “Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata; provei-te na fornalha da aflição” (Is 48:10). O sofrimento de Israel no Egito foi como o ferro colocado na fornalha (Dt 4:20) e suas disciplinas posteriores também foram “experiências na fornalha”. “Pois tu, ó Deus, nos provaste; acrisolaste-nos como se acrisola a prata” (Sl 66:10). Essa imagem é usada em 1 Pedro 1:6, 7 e 4:12 com referência aos cristãos que sofriam perseguições.

Quando Deus coloca seu povo na fornalha, fica de olho no relógio e com a mão no termostato. Sabe exatamente quanto tempo deve deixá-lo lá e qual deve ser a intensidade do calor. Podemos questionar por que, em primeiro lugar, ele permite esse tipo de experiência e, ainda, por que não abaixa a temperatura nem livra sua gente de todo esse calor, mas essas perguntas são apenas provas de incredulidade. A resposta encontra-se em

Jó 23:10: “Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro”. O ouro não teme o fogo. A fornalha serve apenas para tornar o ouro mais puro e brilhante.

É importante observar que Jó vivia de modo agradável a Deus antes de entrar na fornalha (vv. 11, 12). Elifaz advertira Jó a aceitar as palavras de Deus e a lhe obedecer (22:22), mas Jó fazia isso havia muito tempo. A Palavra de Deus era sua *guia* enquanto trilhava o caminho da vida e cuidava para não tomar desvios. Mais do que isso, porém, a Palavra de Deus era seu *alimento* , mais importante do que as refeições diárias. Assim como Jeremias (Jr 15:16) e Jesus (Mt 4:4; Jo 4:31-34), Jó encontrava na Palavra de Deus o único alimento que satisfazia seu ser interior. (Ver Sl 1:2; 119:103; 1 Pe 2:1-3.)

Algumas pessoas são queimadas dentro da fornalha da aflição; outras, saem dessa experiência purificadas. O que distingue essas pessoas umas das outras? Sua *atitude com relação à Palavra e à vontade de Deus* . Se formos alimentados pela Palavra e nos sujeitarmos à vontade de Deus, por mais dolorosa que seja a experiência de passar pela fornalha, ela nos refinará e aperfeiçoará. Porém, se resistirmos à vontade de Deus e não nos alimentarmos de sua verdade, essa experiência não apenas nos queimará, como também nos tornará amargurados.

Jó desejava apresentar ainda outra queixa.

“Deus está me atemorizando” (vv. 13-17). “Mas, se ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que ele deseja, isso fará” (v. 13). Jó não tinha nenhum outro deus para o qual se voltar em busca de ajuda, como também não havia forma alguma de opor-se a Deus ou fazê-lo mudar de idéia. Deus controla o universo de acordo com sua vontade e não por um consenso ou votação democrática. Seus pensamentos e caminhos são muito mais elevados que os nossos, mas ele sabe o que é melhor, de modo que devemos aceitar sua vontade e nos alegrar nela (Is 55:8-11).

Aqueles que resistem à soberania de Deus ou que a negam privam-se de paz e de coragem. Como disse Charles Haddon Spurgeon:

“Não há atributo de Deus mais consolador a seus filhos do que a doutrina da soberania divina. Por outro lado, também não há doutrina mais odiada por aqueles que são do mundo”. Por quê? Porque o coração humano é orgulhoso e não quer sujeitar-se ao Deus Todo-Poderoso. As pessoas desejam “fazer as coisas a sua maneira” em vez de encontrar prazer em realizar a vontade de Deus.

Se essa doutrina é uma fonte tão eficaz de forças, então por que Jó ficava tão atemorizado ao pensar na soberania de Deus? Porque seu sofrimento era intenso e ele ficava imaginando o que o Deus Todo-Poderoso lhe faria sobrevir em seguida. Uma coisa é sujeitar-se a Deus quando se pode ver seu rosto e ouvir sua voz em sua Palavra. Mas quando, como Jó, só o que há é escuridão e dor, é fácil “desintegrar-se” e temer. “Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito e muitas coisas como estas ainda tem consigo” (Jó 23:14). O que acontecerá em seguida?

Porém, Jó 23:14 deve ser contrastado com Jeremias 29:11: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais”. *Quando Jesus Cristo é nosso Senhor, o futuro é nosso aliado e não precisamos temer.* Nas palavras do psicólogo Rollo May: “A maneira mais eficaz de garantir um futuro de valor é confrontar o presente corajosa e construtivamente”. E a melhor forma de fazer isso é sujeitar-se ao Senhor e ter a consciência de que ele está no controle. “Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:6).

“Deus me confunde” (vv. 1-25). Este capítulo inteiro concentra-se naquilo que parece ser uma série de injustiças permitidas por Deus neste mundo. Jó começa seu discurso perguntando: “Por que Deus não tem dias específicos para ouvir nossa causa? assim, eu poderia comparecer a seu tribunal e lhe dizer o que penso sobre como ele está governando o mundo!”

Jó parte das *injustiças no campo* (vv. 1-11), passando depois aos *crimes na cidade* (vv. 12-17). Encerra seu discurso com *uma imprecisão contra os perversos* (vv. 18-25). Se Deus não os julgasse, Jó o faria!

(1) *As injustiças no campo* (vv. 1-11). Na maioria das vezes, não havia cercas nem muros para separar as propriedades rurais; cada família tinha seu pedaço de terra, e as pessoas respeitavam os marcos de delimitação (“limites”; ver Dt 19:14; Pv 22:28; 23:10). Deus prometeu amaldiçoar aqueles que movessem esses marcos e se apropriassem das terras de outros (Dt 27:17), mas era isso o que os perversos faziam.

No entanto, não paravam por aí. Tomavam posse não apenas das terras, mas também dos animais que nelas pastavam! Apropriavam-se de rebanhos, jumentos e bois de viúvas e órfãos e deixavam destituídas essas pessoas mais vulneráveis. Jó 24:5-11 apresenta uma das descrições mais vívidas na Bíblia da situação terrível dos pobres. Pode-se vê-los vagando em busca de alimentos como animais selvagens no deserto (vv. 5, 6); morrendo de frio por não terem o que vestir (v. 7); encharcados pela chuva por não terem onde morar (v. 8); chorando, pois seus filhos lhes foram arrancados de seus braços até pagarem suas dívidas (v. 9); e forçados a trabalhar para os ricos, sem ter permissão de comer qualquer alimento que colhessem (vv. 10, 11). Até mesmo os bois podem comer os grãos que estão debulhando (Dt 25:4).

Então, Jó diz aos seus amigos: “Se Deus julga os perversos, por que não julgou aqueles que trataram os pobres com tanta injustiça e crueldade?”

(2) *Os crimes na cidade* (vv. 12-17). Jó começa com os assassinatos (vv. 12-14); ouve os gemidos dos feridos e vê a morte dos inocentes. Nos Estados Unidos, cerca de 60 pessoas são assassinadas por dia, num total de 22 mil pessoas por ano. É como acabar com uma cidade pequena. Alguns desses assassinos nunca são identificados, presos nem condenados, e Jó diz: “contudo, Deus não tem isso por anormal” (v. 12). Jó nunca havia assassinado ninguém e, no entanto, seus amigos afirmavam que ele sofria o julgamento de Deus.

No versículo 15, Jó fala dos *pecados sexuais*, que, sem dúvida, correm soltos em algumas partes de nossas cidades. O adúltero

e o estuprador esperam pela escuridão a fim de esgueirar-se para fora de suas casas e saciar seus desejos. O *ladrão* que rouba as casas também espera pelo cair da noite (vv. 16, 17). “Há crimes por toda parte na cidade”, diz Jó, “e Deus parece indiferente”.

(3) *Uma imprecação contra os perversos* (vv. 18-25). Essa passagem pode ser interpretada como uma *descrição*, dizendo o que acontecerá aos perversos, ou como uma *acusação pública* ou *imprecação* contra eles. A meu ver, se refere à maldição que o próprio Jó profere contra os perversos, que parecem escapar do julgamento.

Sua maldição pode ser resumida da seguinte maneira: “Que os perversos desapareçam como a espuma do mar ou a neve que derreta com o calor do sol (vv. 18, 19). Que sejam esquecidos por todos, até mesmo por suas próprias mães, enquanto apodrecem na cova (v. 20). Que suas esposas sejam estéreis e não lhes dêem herdeiro algum (v. 21). Que sua ilusão de segurança e sucesso desapareça rapidamente ao serem derrubados e ceifados como o trigo na colheita” (vv. 22-24).

“Se não é assim, quem me desmentirá e anulará as minhas razões?” (v. 25), ou seja, “se aquilo que eu disse não é verdade, então provem que estou errado!” – algo que jamais conseguiram fazer.

É admirável que Jó tenha visto não apenas as próprias necessidades, mas também as dificuldades de outros e expressado uma ira santa contra o pecado e a injustiça. Com muita frequência, o sofrimento pessoal nos torna egoístas e até mesmo cegos para as necessidades de outros, mas Jó se preocupava que Deus ajudasse a outros que sofriam. Seus três amigos tratavam o problema do sofrimento de modo excessivamente filosófico, e Jó tentou fazê-los enxergar além das questões no plano racional para vislumbrar os *sofredores como pessoas*. Jesus teve esse mesmo problema com o advogado judeu que quis falar sobre o bom relacionamento com o próximo sem, no entanto, descobrir quem era seu próximo ou tentar ajudá-lo (Lc 10:25-37).

As injustiças na sociedade são motivo de grande dor na vida das pessoas, e, sem dúvida, devemos fazer tudo o que está a nosso alcance para defender a lei e promover a justiça. Porém, os que criam as leis e os que cuidam para que sejam cumpridas são apenas seres humanos e, portanto, não podem tratar de tudo perfeitamente. Um dia, o Senhor Jesus Cristo voltará, julgará os perversos e estabelecerá seu reino. Até que ele venha, devemos aceitar a realidade da presença do mal neste mundo e continuar orando “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20).

UM LEVE SUSSURRO

Jó 25 – 28

Cada novo ano me faz estremecer diante da ousadia com que as pessoas falam das coisas espirituais.

(Bispo Brooke F. Westcott)

O discurso de Bildade em Jó 25 é o mais curto do livro e se concentra no poder de Deus (vv. 1-3) e em sua justiça (vv. 4-6). É perturbador ver os amigos de Jó falando sobre Deus com ares de tanta sabedoria quando, na verdade, não fazem idéia do que estão dizendo. Com muita frequência, aquele que mais fala sobre Deus é o que menos sabe sobre ele.

O *poder de Deus* é inerente à sua natureza (vv. 1-3): ele tem todo o domínio e poder e reina soberanamente sobre os céus. Tudo está sob seu controle, e ele vê tudo o que ocorre em todos os lugares. Seu exército de anjos está sempre a suas ordens, pronto para cumprir sua vontade. Quem pode resistir-lhe?

A *justiça de Deus* é decorrente de sua natureza santa (vv. 4-6), pois “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1:5). Uma vez que Deus é santo e justo, como é possível um simples ser humano afirmar ser justo diante dele? (Lembre-se de que Jó se manteve inabalável na afirmação de sua integridade e se recusou a confessar que seus pecados haviam levado Deus a julgá-lo.) Uma vez que o ser humano é nascido de uma mulher, nasce com natureza pecaminosa (Sl 51:5). No Oriente, a Lua e as estrelas brilham com grande fulgor, mas nem elas são puras aos olhos de Deus. Como pode um simples ser humano, que não passa de um verme, dizer-se justo diante de Deus? (Ver Jó 4:17, 18; 8:20; 9:2.) Eis a réplica de Jó.

1. JÓ RECONHECE O PODER DE DEUS (Jó 26)

Antes de engrandecer o poder Deus no Universo, Jó repreendeu Bildade por não lhe dar ajuda alguma (Jó 26:1-4). Jó não tinha poder algum, mas Bildade não o fortaleceu. De acordo com seus amigos, Jó não tinha sabedoria e, no entanto, Bildade não compartilhou com ele uma só migalha de sabedoria ou discernimento. “Com a ajuda de quem proferes tais palavras? E de quem é o espírito que fala em ti?” (v. 4). Se as palavras de Bildade tivessem vindo de Deus, teriam edificado Jó, pois ele havia clamado a Deus pedindo que lhe respondesse. A conclusão é que as palavras de Bildade vinham apenas dele próprio e, por isso, não fizeram bem alguma a Jó.

Então, Jó exaltou a grandeza de Deus (vv. 5-13). Deus vê todas as coisas, mesmo no reino dos mortos (vv. 5, 6). Jó empregou três nomes diferentes para o lugar dos mortos: as águas, o além e o abismo (“Abadom”, Ap 9:11). Se Deus vê o que se passa no mundo dos mortos, então certamente sabe o que está acontecendo no mundo dos vivos!

Deus não apenas vê todas as coisas, como também criou e controla tudo o que há (Jó 26:7-13).

Jó começou seu hino de louvor com uma declaração sobre o poder de Deus *nos céus* (vv. 7-9) e descreveu a terra com uma precisão científica extraordinária (v. 7). Deus também controla as nuvens e a chuva.

Em seguida, Jó voltou sua atenção para a *Terra* (vv. 10, 11) e louvou a Deus por marcar o horizonte onde o Sol nasce e se põe. Ele é o Deus que controla o dia e a noite, a terra e a água. A expressão “as colunas do céu” é uma referência poética às montanhas; repousam sobre a terra, mas parecem sustentar os céus. Deus só precisa falar, e as montanhas estremecem (9:6).

A última estrofe do hino de Jó trata do poder de Deus *nas águas* (26:12, 13). Deus pode agitar o mar ou acalmá-lo, conforme seu desejo, e tem poder sobre as criaturas marinhas (“o dragão veloz”). Pode soprar, mandando embora as nuvens escuras, e limpar o céu depois da tempestade.

Os três amigos devem ter ouvido com impaciência, pois já sabiam das coisas sobre as quais Jó estava falando; *porém, não tiravam a conclusão certa desses fatos*. Viam a obra criadora de Deus na natureza e acreditavam saber tudo sobre o Senhor, considerando-se, portanto, capazes de explicar Deus para Jó.

Jó afirmou que, na verdade, era exatamente o contrário. “Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele! Mas o trovão do seu poder, quem o entenderá?” (v. 14). O que vemos de Deus na criação é apenas uma pequena amostra de seu ser, e o que ouvimos é apenas um sussurro de seu poder! Podemos ler o Livro da Natureza com todo o cuidado e ainda ter muito a aprender sobre Deus. Saber alguns fatos sobre a criação de Deus não é o mesmo que conhecer verdades a respeito do Deus da criação.

O escritor espiritual inglês do século xiv, Richard Rolle, disse: “Só conhece a Deus perfeitamente aquele que o considera incompreensível e impossível de ser conhecido”. Quanto mais aprendemos sobre Deus, mais descobrimos quanto ainda há para saber! Tome cuidado com pessoas que afirmam saber tudo sobre Deus, pois essa afirmação é prova de que não conhecem nem a Deus nem a si mesmas.

2. JÓ QUESTIONA A JUSTIÇA DE DEUS (Jó 27)

Bildade havia deixado claro que, tendo em vista o fato de Deus ser santo, nenhum homem pode ser considerado reto a seus olhos (Jó 25:4-6). O corolário dessa afirmação é que Deus é obrigado a castigar as pessoas por seus pecados – de outro modo, não seria um Deus justo. Se Jó estava sofrendo, então, necessariamente, é porque se encontrava em pecado.

Jó faz um juramento (vv. 1-6). Mais uma vez, Jó manteve-se firme na declaração de sua integridade (10:1-7; 13:13-19; 19:23-27; 23:2-7); dessa vez, porém, fez um juramento: “Tão certo como vive Deus” (27:2). Fazer um juramento era um assunto muito sério para os povos do Oriente naquela época.

Era como pedir para ser morto por Deus caso suas palavras não fossem verdadeiras. Jó estava tão seguro de si que se mostrou disposto a correr o risco.

Jó também repetiu sua acusação de que Deus não o estava julgando com justiça (“me tireu o direito”; v. 2). Jó havia pedido a Deus que declarasse quais eram suas acusações contra ele, mas os céus haviam se calado. Jó havia pedido um árbitro para promover um encontro entre ele e Deus, mas esse árbitro não havia sido providenciado.

Assim, Jó asseverou que, enquanto vivesse, se defenderia e afirmaria sua integridade. Não mentiria simplesmente para agradar os amigos nem iria “subornar” Deus a fim de que restaurasse sua sorte (Satanás teria se alegrado com isso!). Jó deveria viver de acordo com sua consciência (v. 6), a despeito de tudo o que seus amigos pudessem dizer ou do que Deus fizesse com ele.

Jó profere uma imprecisão (vv. 7-10). No Oriente, não bastava à pessoa acusada simplesmente afirmar sua inocência; normalmente, sentia-se constrangida também a invocar a ira de Deus sobre aqueles que a haviam acusado. As palavras de Jó lembram os “salmos imprecatórios” (Sl 58, 69, 137 etc.), pois são uma oração, pedindo que Deus julgue seus inimigos.

Quem era inimigo de Jó? Qualquer um que concordasse com os três amigos de que ele havia pecado e merecia ser castigado por Deus. É bem provável que muita gente tenha se juntado ao redor do monte de cinzas, enquanto a conversa se desenrolava, a fim de ouvir a discussão, e talvez a maioria desse povo tenha tomado o partido de Bildade, Zofar e Elifaz. Jó podia ver os espectadores concordando com seus amigos e sabia que ele era a minoria.

As palavras de Jó parecem cruéis, especialmente considerando aquilo que Jesus (Mt 5:38-48) e Paulo (Rm 12:17-21) ensinam sobre perdoar os inimigos. Porém, Jó viveu antes da lei mosaica e, portanto, muito antes do Sermão do Monte, portanto, não devemos esperar que manifeste o mesmo tipo de espírito de Jesus (Lc 23:34) e de Estêvão (At 7:60).

No entanto, aos olhos de Deus, *Jó estava certo*. Em duas ocasiões, Deus havia declarado diante de um tribunal celestial que Jó era um homem “íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal” (Jó 1:8; 2:3). Assim, os inimigos de Jó estavam errados, e Jó tinha o direito de pedir que Deus o justificasse. Na verdade, *Deus era o único que podia provar que Jó estava certo e que seus inimigos estavam errados*. Onde mais Jó buscaria ajuda?

Os três amigos advertiram Jó repetidamente sobre o destino terrível dos perversos, de modo que Jó apenas retrucou com as mesmas palavras. “Seja como o perverso o meu inimigo, e o que se levantar contra mim, como o injusto” (27:7). Jó imaginou seus inimigos sofrendo intensamente e clamando a Deus por ajuda sem receber resposta alguma e, depois, sendo levados, de súbito, pela morte. Não é justamente esse o julgamento que os amigos de Jó haviam predito para ele e, *provavelmente, esperado que lhe sobreviesse?*

Bildade afirmara que Deus é justo e castiga aqueles que lhe desobedecem. Porém, isso não significa que todos os que sofrem são castigados por seus pecados. Por vezes, sofremos em decorrência do pecado de outros (como no caso de José) ou pelo fato de Deus estar nos guardando de pecar (como no caso de Paulo em 2 Co 12). Jesus sofreu não por seus próprios pecados – pois não tinha pecado algum –, mas pelos pecados do mundo (1 Pe 2:22-24; 3:18); e, por causa de seu sofrimento e morte, os pecadores podem crer e receber a vida eterna.

Jó ensina uma lição (vv. 11-23). “Ensinar-vos-ei o que encerra a mão de Deus” (27:11), diz Jó, e, em seguida, descreve o julgamento de Deus sobre os perversos. No dia em que Deus justificar Jó, é isso o que acontecerá a seus inimigos.

Eles morrerão, e suas viúvas não prantearão por eles – um insulto terrível no mundo oriental. Seus filhos serão mortos pela espada ou pela peste e, se alguns deles sobreviverem, passarão o resto da vida mendigando por um pouco de alimento. Os perversos se deitarão abastados e acordarão pobres. Sua

prata e roupas caras terão desaparecido. Suas casas serão destruídas como casulos (ou teias de aranha) ou como as cabanas temporárias dos vigias nos campos. A morte dos perversos não será tranqüila. Durante a noite, lhes sobrevirão terrores como uma inundação que os levarão embora. Mesmo que tentem fugir, a tempestade os seguirá e os destruirá.

Podemos reconhecer nessa descrição várias imagens que os amigos de Jó usaram em seus discursos de “julgamento” contra ele. Jó empregou essas imagens de propósito, a fim de lembrá-los de que era melhor terem cuidado com o que diziam, *para que não acabassem por proferir o próprio castigo*. “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também” (Mt 7:1, 2).

As Escrituras registram vários casos em que o Senhor fez um julgamento planejado por um inimigo voltar-se contra ele e sua família. O Faraó ordenou que os meninos hebreus recém-nascidos fossem afogados e, mais tarde, seu próprio exército afogou-se no mar Vermelho (Êx 1:15-22; 14:23-31). Hamã construiu uma forca para executar Mordecai, mas o próprio Hamã e seus filhos foram enforcados nela (Et 7:10; 9:25). Os inimigos de Daniel tentaram destruí-lo, mas foram eles e suas famílias que acabaram na cova dos leões (Dn 6:24; ver Pv 11:8).

Os estudiosos não apresentam um consenso quanto à interpretação de Jó 27:23. No texto original da frase “à sua queda lhe batem palmas, à saída o apupam com assobios”, também não é indicado *quem* bate palmas. Em *The Expositor’s Bible*, Elmer B. Smick sugere que pode se tratar de Deus e que o versículo 23 deve ser associado ao versículo 13, no qual “Deus” é o sujeito da oração (vol. 4, p. 972). Smick propõe a seguinte tradução para o versículo 23: “Ele bate palmas contra eles e assobia para eles de sua habitação [do céu]”. Quer o sujeito seja Deus quer os homens, a destruição dos perversos é motivo de alegria.

3. JÓ BUSCA A SABEDORIA DE DEUS (JÓ 28)

“Mas onde se achará a sabedoria?” (Jó 28:12). “Donde, pois, vem a sabedoria, e onde está o lugar do entendimento?” (v. 20). Jó fez essas perguntas porque estava cansado dos chavões e trivialidades que os amigos lhe apresentavam como “sabedoria”. Sem dúvida, acreditavam proferir palavras que eram ouro puro, mas Jó concluiu que não passavam de ouropel e de lixo. Os três homens possuíam *conhecimento*, mas lhes faltava *sabedoria*.

Nas palavras de Charles Spurgeon: “A sabedoria é o uso correto do conhecimento. Conhecer não é ser sábio. Muitos homens têm extensos conhecimentos e, justamente por isso, são os mais tolos. Não há tolo maior do que o tolo instruído. Mas saber como usar o conhecimento é ter sabedoria”.

Nesse poema sobre a sabedoria, Jó apresenta três respostas para sua pergunta: “Onde se achará a sabedoria?”

A sabedoria não pode ser garimpada (vv. 1-11). Jó nos leva para as profundezas da Terra, onde homens corajosos mineram o ouro, o ferro, o cobre e as pedras preciosas. Os metais e pedras preciosos são usados com frequência na Bíblia como símbolos de sabedoria (Pv 2:1-10; 3:13-15; 8:10-21; 1 Co 3:12-23). Uma vez extraídos, precisam ser “refinados” na fornalha e “processados” para o uso. De acordo com Paulo, o oposto da sabedoria de Deus é a sabedoria dos homens – “madeira, feno, palha” –, materiais sem beleza, durabilidade ou valor (1 Co 3:12). Podemos encontrar madeira, feno e palha na superfície da Terra, mas se desejamos achar tesouros verdadeiros, precisamos cavar até lugares mais profundos.

Jó descreve os homens que trabalham arduamente e enfrentam grandes perigos para encontrar riquezas materiais. Cavam túneis por rochas e arriscam a vida para enriquecer. *Por que as pessoas não se esforçam desse modo para obter a sabedoria de Deus? A Palavra de Deus é como uma mina profunda, repleta de pedras preciosas; mas o cristão pode empenhar-se para descobrir suas riquezas. É necessário meditar e estudar com atenção e também orar e obedecer a fim de*

garimpar os tesouros da Palavra de Deus, e o Espírito Santo está pronto a nos ajudar. Então, por que nos mostramos tão negligentes com toda essa riqueza que se encontra a nosso alcance?

Apesar de o homem ser capaz de cavar até as profundezas da Terra e encontrar grandes riquezas, apesar de poder chegar a lugares aonde aves e outros animais não se atrevem a ir, apesar de poder até encontrar as fontes ocultas de rios caudalosos, *o ser humano não é capaz de encontrar a sabedoria de Deus por seu próprio empenho. É preciso mais do que coragem e inteligência; é preciso humildade e percepção espiritual.*

O fato de uma pessoa ser extremamente bem-sucedida em uma área da vida não significa que possua qualificações para falar de outras áreas. Os publicitários costumam usar atletas para anunciar lâminas de barbear e carros ou atores para vender remédios. Quando cientistas famosos (que nunca estudaram a Bíblia) fazem declarações cheias de autoridade sobre coisas espirituais, sua opinião tem tanto valor quanto a de um teólogo amador que nunca se preparou para esse campo de trabalho.

A sabedoria não pode ser comprada (vv. 12-19). A sociedade moderna acredita que, com dinheiro suficiente, pode-se obter ou realizar qualquer coisa. As agências do governo querem uma fatia cada vez maior do orçamento anual para combater a criminalidade, acabar com a poluição, criar empregos e melhorar o ambiente. Apesar de ser preciso ter certa quantia de dinheiro para sobreviver na sociedade moderna, o dinheiro não é tão poderoso quanto o mundo diz. É bom desfrutar as coisas que o dinheiro pode comprar (1 Tm 6:17), *desde que não se perca aquilo que o dinheiro não pode comprar.*

Nestes versículos, Jó menciona o ouro cinco vezes, a prata uma vez e cita o nome de sete pedras preciosas, e, no entanto, nenhum desses tesouros, por si mesmos, nem uma combinação de todos eles terá o poder de comprar a sabedoria de Deus. O verdadeiro problema é que *o ser humano não entende qual é o preço da sabedoria e pensa*

que é barato obtê-la (Jó 28:13). “[A sabedoria] mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela” (Pv 3:15). A verdadeira sabedoria custa caro. Não é recebida automaticamente só ao ouvir um CD sobre o assunto, participar de uma palestra ou escutar um preletor dinâmico.

A sabedoria vem somente de Deus (vv. 20-28). Nem nas maiores alturas, onde voam os pássaros, nem nas maiores profundezas, como o abismo [o Abadom] e a morte, é possível achar a sabedoria. Somente Deus sabe onde a encontrar, pois somente ele vê todas as coisas (não precisa escavar a terra para ver o que se encontra em seu interior!). Deus tem sabedoria para ajustar a pressão do vento e medir a quantidade de água da atmosfera. Que transtorno seria para a natureza se essas proporções mudassem! Deus sabe como controlar a chuva e guiar a tempestade, enquanto esta se move sobre a Terra. Raios e trovões talvez nos pareçam aleatórios, mas também estão sob o controle de Deus.

Jó responde à própria pergunta sobre onde encontrar a sabedoria em Jó 28:28: “E disse ao homem: Eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento” (ver Sl 111:10; Pv 1:7; 9:10). Essa foi a descrição que Deus fez de Jó (Jó 1:8, 2:3). Portanto, apesar do que seus amigos diziam sobre ele, *Jó era um homem de sabedoria*.

O que é o “temor do Senhor”? É uma reverência amorosa por Deus, por seu caráter, suas palavras e seus atos (Ml 2:5, 6). É um temor que energiza, não que paralisa. Quando tememos ao Senhor, obedecemos aos mandamentos (Ec 12:13), andamos em seus caminhos (Dt 8:6) e o servimos (Js 24:14). Somos leais e nos dedicamos a ele de todo o coração (2 Cr 19:9). Assim como Jó, quando tememos ao Senhor, apartamos-nos do mal (Pv 3:7, 8). O “temor do Senhor”

é o temor que domina o medo (Sl 112), pois se tememos ao Senhor, não precisamos ter medo de ninguém (Mt 10:26-31).

Logo, o primeiro passo para encontrar a verdadeira sabedoria é uma atitude reverente e respeitosa para com Deus, que envolva, por sua vez, uma postura humilde com relação a nós mesmos. *O orgulho pessoal é o maior obstáculo para a sabedoria espiritual*. “Em vindo a soberba, sobrevém a desonra, mas com os humildes está a sabedoria” (Pv 11:2).

O próximo passo é pedir a Deus sabedoria (Tg 1:5) e usar com diligência os meios que ele nos oferece para obter sua sabedoria, especialmente o conhecimento e a prática da Palavra (Mt 7:21-29). Não basta apenas estudar; devemos também obedecer ao que Deus nos ordena (Jo 7:17). Ao caminhar pela fé, descobrimos a sabedoria de Deus em coisas do cotidiano. A sabedoria espiritual não é abstrata, mas sim extremamente pessoal e prática.

Podemos aprender a sabedoria em nossa comunhão com outros cristãos na igreja, compartilhando uns com outros. O importante é nos concentrarmos em Cristo, pois ele é a nossa sabedoria (1 Co 1:24), e nele se encontram escondidos “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2:3). Quanto melhor conhecermos a Cristo e mais semelhantes a ele nos tornarmos, mais andaremos em sabedoria e compreenderemos a vontade de Deus. Devemos permitir que o Espírito Santo abra os olhos de nosso coração para vermos Deus em sua Palavra e compreendermos melhor as riquezas que temos em Cristo (Ef 1:15-23).

O discurso de Jó ainda não chegou ao fim. Nos três capítulos seguintes, ele faz uma retrospectiva de sua vida e, depois, desafia Deus a justificá-lo ou a julgá-lo. Com isso, a discussão encerra, e entram em cena outros dois participantes: Eliú e o Senhor.

ENCERRO MINHA ARGUMENTAÇÃO!

Jó 29 – 31

Enquanto desejamos ser diferentes daquilo que Deus quer que sejamos no momento, estamos apenas nos atormentando inutilmente.

(Gerhart Tersteegen)

Jó e seus amigos haviam tomado parte em três rodadas de argumentações, e Jó sentiu que era chegada a hora de concluir sua defesa. A oração “Prosseguiu Jó no seu discurso” (Jó 29:1) indica a possibilidade de que Jó tenha feito uma pausa e esperado a vez de Zofar falar, mas Zofar se calou. Talvez tenha considerado uma perda de tempo continuar argumentando com Jó.

Nestes três capítulos, Jó recapitula as bênçãos de Deus no passado (Jó 29), lamenta o sofrimento no presente (Jó 30) e desafia Deus a justificá-lo no futuro (Jó 31). O auge de seu discurso é uma série de dezesseis declarações com “Se...” e um juramento no qual ele desafia Deus a condená-lo ou justificá-lo. É como se Jó estivesse dizendo: “Já conversamos o suficiente! Não me importo com o que esses três homens pensam, pois Deus é meu Juiz e entrego minha argumentação nas mãos dele. Agora, ele que julgue minha causa de uma vez por todas”.

1. JÓ FAZ UMA RETROSPECTIVA DAS ALEGRIAS DA VIDA (JÓ 29)

Jó havia começado sua defesa dizendo como desejava jamais ter nascido (Jó 3). Agora, encerra sua argumentação recordando as bênçãos que ele e sua família desfrutaram antes da crise. É uma boa lembrança de como devemos procurar encarar a vida de forma equilibrada. Sem dúvida, Deus nos permite

passar por dificuldades e tristezas, mas Deus também nos dá vitórias e alegrias. “Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?” (2:10). C. H. Spurgeon costumava dizer que muita gente escreve suas bênçãos na areia, mas grava suas tristezas em mármore. “Ah! Quem me dera ser como fui nos meses passados, como nos dias em que Deus me guardava!” (29:2). Quando passamos por provações, é natural ter saudades dos “bons tempos” de outrora, mas nosso anseio não muda a situação em que nos encontramos. Alguém definiu os “bons tempos” como “uma combinação de uma péssima memória com uma boa imaginação”. No caso de Jó, porém, os “bons tempos” haviam sido, de fato, bons.

Pode haver um ministério nas memórias, se soubermos usá-las devidamente. Moisés admoestou Israel a se lembrar de como Deus os havia conduzido e cuidado deles (Dt 8:2). Na verdade, a palavra “lembrar” aparece 14 vezes em Deuteronômio e a palavra “esquecer” é usada 9 vezes. Em tempos de decepção, é bom “[recordar] os feitos do SENHOR” (Sl 77:10, 11; ver 42:6). Porém, o passado deve ser um leme a nos guiar e não uma âncora a nos prender. Se tentarmos reproduzir hoje aquilo que experimentamos no passado, podemos acabar estagnados no desenvolvimento de nossa maturidade.

É sugestivo Jó mencionar que sua maior alegria era a *presença de Deus em seu lar* (Jó 29:2-6). Deus cuidava dele e compartilhava com ele sua amizade (v. 4). A luz de Deus estava sobre Jó, e sua presença estava com ele e seus filhos. Deus era a fonte de toda a riqueza e sucesso de Jó, quando ele “lavava os pés em leite, e da rocha [lhe] corriam ribeiros de azeite” (v. 6). (Zofar prometeu a Jó que teria “leite e mel”, caso se arrependesse. Ver 20:17 e também Dt 32:13, 14; 33:24.)

Há algo que comove de modo particular nessa declaração de abertura: Jó ansiava por voltar aos melhores momentos de sua vida (Jó 29:4). Apesar de ser um desejo natural, também pode ser perigoso. *Se nos concentramos tanto nas glórias do passado a ponto de ignorar as oportunidades do presente,*

podemos acabar despreparados para encarar o futuro. Gostemos ou não, o futuro virá. Poucas pessoas esperam por sua velhice com ansiedade, especialmente considerando os problemas que essa fase da vida traz consigo. Ainda assim, não temos como evitá-la. É um fato comprovado: aqueles que fazem mais aniversários são os que vivem mais tempo; aqueles que vivem mais tempo são os que ficam mais idosos, e, cedo ou tarde, os idosos morrem.

Podemos pensar que a morte só acontece para os *outros*, porém, a menos que o Senhor volte para nos levar ao céu, *nós* morreremos um dia, e isso significa que devemos estar preparados para a velhice e a morte. É inútil olhar para trás com arrependimento, pois a fé nos leva a olhar para o futuro com alegria.

Henri Amiel escreveu: "Saber envelhecer é a obra-prima da sabedoria e um dos capítulos mais difíceis da grande arte de viver".

Em seguida, Jó falou da alegria de ter o *respeito de outros* (vv. 7-11). Quando caminhava pela cidade, os jovens abriam caminho para que ele passasse. Tinha um lugar junto à porta da cidade, ao lado de seus principais líderes, e até mesmo estes se calavam quando ele chegava. Aonde quer que fosse, era tratado com respeito. "Ouvindo-me algum ouvido, esse me chamava feliz; vendo-me algum olho, dava testemunho de mim" (v. 11).

Sua terceira fonte de alegria era o *ministério a outros* (vv. 12-17). Jó compartilhava com outros aquilo que Deus lhe dava. Elifaz acusou Jó de explorar os pobres e necessitados (22:5-9), mas Jó negou essa acusação. Esses versículos descrevem o ministério de um homem compassivo, que ofereceu socorro e alegria a muitos. Jó fortaleceu a retidão e a justiça na cidade (29:14; Is 59:17) ao ajudar os deficientes, suprir as necessidades dos desvalidos e até mesmo defender os desconhecidos. Mas Jó não se limitou a ajudar os necessitados; também confrontou e subjugou os perversos (Jó 29:17). Jó comparou os perversos a animais ferozes que estavam prontos a devorar os fracos, mas ele salvou as vítimas quando estavam prestes a ser devoradas.

A *confiança no futuro* (vv. 18-20) era outra fonte de alegria para Jó antes de ser acometido pelas calamidades. Deus abençoava Jó, e este, por sua vez, compartilhava essas bênçãos com outros, de modo que tinha motivos de sobra para crer que a vida continuaria assim por muitos anos. Estava certo de que permaneceria forte e vigoroso, de que viveria até uma idade avançada e de que morreria em paz e em glória. Ele se via como uma árvore com raízes profundas que continuaria dando frutos (v. 19; Sl 92:12-14). Considerando-se que, por vezes, os filhos são retratados como flechas (127:3-5), Jó 29:20 indica que Jó esperava manter seu vigor físico e gerar muitos filhos.

Sua última fonte de alegria era o *privilegio de dizer palavras de ânimo e ajuda* (vv. 21-25). Jó era, de fato, um Barnabé, um "filho de exortação [encorajamento]" (At 4:36), cujas palavras eram respeitadas e valorizadas. Quando falava, era como uma chuva suave e refrescante. Quando sorria, iluminava toda a situação e dava esperança às pessoas. Sua aprovação era como o nascer de um novo dia! Era um líder que ajudava os confusos a tomarem decisões sábias e dava aos pranteadores conforto e esperança.

Sem dúvida, Jó desfrutou uma vida gratificante; mas tudo isso havia passado.

2. JÓ OLHA PARA O JULGAMENTO DE DEUS A SEU REDOR (JÓ 30)

Ao deixar para trás o passado tão agradável, Jó é subitamente lançado de volta a seu presente desesperador e decepcionante. Quase o ouvimos baluciar, gemendo, suas primeiras palavras: "Mas agora" (Jó 30:1; ver vv. 9, 16). Jó era sábio o suficiente para ter consciência de que não podia usar as memórias do passado como fuga, mas precisava encarar a realidade do presente. Quem se recusa a lidar com a vida corre o risco de perder contato com a realidade e, logo, perde também contato consigo mesmo.

Como escreve o psiquiatra William Glasser: "Na tentativa malograda de suprir suas necessidades, qualquer que seja o comportamento escolhido pelos pacientes, todos eles apresentam uma característica em

comum: *todos negam a realidade do mundo a seu redor*" (*Reality Therapy [Terapia da Realidade]*, p. 6). Ao se recusar a viver no passado e encarar a vida real de maneira correta, Jó desenvolveu ainda mais integridade e maturidade. Em seu lamento, Jó contrastou sua situação presente com a vida que costumava levar no passado e mostrou como tudo pode ser mudado segundo a vontade de Deus. Suas cinco "queixas" são paralelas às cinco alegrias citadas no capítulo 29:

"Não sou mais respeitado" (vv. 1-15, ver 29:7-11).

"Não sou mais abençoado" (vv. 16-23, ver 29:2-6).

"Não tenho quem me socorra" (vv. 24, 25, ver 29:12-17).

"Não tenho futuro" (vv. 26-28, ver 29:18-20).

"Não tenho um ministério" (vv. 29-31, ver 29:21-25).

"Não sou mais respeitado" (vv. 1-15). Os jovens que, em outros tempos, abriam passagem para Jó (Jó 29:8), agora zombam dele e até cospem em seu rosto (30:1, 9, 10). Pior, porém, é o fato de esses rapazes serem filhos de homens tão desprezíveis que Jó os compara a jumentos vagando pelo deserto. Chama-os de "filhos de doidos, raça infame" (v. 8). São párias da sociedade que precisam forragear no deserto a fim de encontrar alimento e combustível para seus fogos. Em outros tempos, Jó havia sido o mais eminente dos homens do Oriente, mas agora é motivo para canções de zombaria do populacho (v. 9).

Esses homens, que nem sequer eram dignos de carregar as sandálias de Jó, ridicularizam-no publicamente. O que mudou? *Agora, Jó é um pária como eles.* Quando o "arco se [reforçava]" na mão de Jó – uma imagem de vigor e de sucesso (29:20) –, esses homens o respeitavam. Mas Deus havia "afrouxado" a corda e o afligiu, de modo que esses rebeldes deixaram de refrear-se e passaram a desprezá-lo (30:11). Quando, em outros tempos, honraram Jó, não era por respeito a seu caráter ou integridade. Era porque

respeitavam sua posição e sua riqueza e esperavam beneficiar-se de algum modo de seu favor. Sua amizade era volúvel e seu respeito era hipócrita.

Uma vez que esses homens do populacho "sacudiram de si o freio" (v. 11), tornaram a vida de Jó insuportável. Jó os descreve como um exército impiedoso, sitiando uma cidade, construindo rampas, lançando armadilhas a seus pés, rompendo defesas e desferindo ataques contra ele (vv. 12-14). Também eram como uma tempestade que assustava Jó, varrendo sua dignidade e destruindo sua segurança como o vento que sopra uma nuvem passageira (v. 15).

Jó passou por sofrimentos semelhantes aos de Jesus Cristo. Pessoas abjetas teceram falsas acusações contra ele (Mt 26:59-64), cuspiram nele (v. 67) e o ridicularizaram enquanto sofria (Lc 23:35-39). Tornou-se "motivo para cantigas de beberrões" (Sl 69:12). Jó não sabia, mas estava sendo honrado por Deus ao participar da "comunhão dos seus sofrimentos [de Cristo]" (Fp 3:10). Apesar de estar assentado sobre um monte de cinzas, Jó havia sido exaltado da maneira mais nobre possível!

"Não sou mais abençoado" (vv. 16-23). "Agora [...] os dias da aflição se apoderaram de mim", gemeu ele (v. 16). Que contraste em relação aos tempos de leite e azeite (29:6)! Em vez de enriquecê-lo com bênçãos, Deus estava tomando dele até os prazeres mais básicos da vida. Durante o dia, o sofrimento de Jó era terrível e, durante a noite, Deus lutava com ele, transformava suas roupas numa camisa-de-força e o atirava na lama (30:16-19). Toda noite, Deus lutava com Jó... e Jó sempre perdia.

Ele orava a Deus. Colocava-se em pé e clamava por livramento, mas suas orações não eram respondidas (v. 20). Em vez de a mão de Deus erguê-lo, ela o atava impiedosamente e o lançava de um lado para o outro, como uma pena numa tempestade (vv. 21, 22). Jó suplicava por sua vida, mas a morte parecia inevitável (1:23).

"Não tenho quem me socorra" (vv. 24, 25). Jó havia ajudado fielmente os necessitados (29:12-17), mas agora, não havia quem

o socorresse. Ninguém chorava com ele, nem sequer o tocava. Era tratado como um leproso que poderia contaminar quem se aproximasse ou como um condenado que poderia ser destruído por Deus a qualquer momento. Seria imprudente aproximar-se demais dele.

Onde estavam as pessoas que Jó havia socorrido? Sem dúvida, algumas teriam desejado mostrar reconhecimento encorajando seu benfeitor nesse momento de necessidade. Mas ninguém apareceu para ajudá-lo. Como escreveu Mark Twain: "Se cuidar de um cão que está morrendo de fome, esse animal não o morderá quando tiver se recuperado. Essa é a principal diferença entre um cão e um homem".

Por certo, não devemos ajudar a outros a fim de constrangê-los a nos servir (Lc 14:12-14). Nossa motivação deve ser nosso amor por Cristo e o desejo de glorificar seu nome (Mt 5:16), além de uma identificação com a necessidade dessas pessoas e o desejo de socorrê-las (Rm 12:15; Lc 10:25-37). O médico missionário Wilfred Grenfell disse: "O serviço que prestamos a outros é, na verdade, o aluguel que pagamos pelo nosso lugar aqui na terra".

"Não tenho futuro" (vv. 26-28). Em seus tempos de prosperidade, Jó esperava desfrutar uma vida longa e confortável e ter uma morte tranqüila (29:18-20). Mas tudo havia mudado. Ele procurava o bem, mas Deus lhe mandava o mal; procurava a luz, mas Deus lhe mandava trevas. Ao invés de conforto e paz, havia apenas uma inquietação interior. "O meu íntimo se agita sem cessar; e dias de aflição me sobrevêm" (30:27).

O ensaísta inglês William Hazlitt escreveu: "A esperança é o melhor de todos os bens. Só são completamente desgraçados aqueles que não têm esperança, e poucos chegam à tamanha degradação". Foi o caso de Jó, um homem com o qual nem mesmo o Senhor parecia se preocupar. Seu corpo estava fraco e febril e sua pele, escurecida pela doença.

"Não tenho um ministério" (vv. 29-31). Em outros tempos, as palavras de Jó haviam

dado ânimo e esperança a muitas pessoas (29:21-25); mas agora, suas palavras são como o uivo dos chacais e o lamento das corujas e avestruzes (Mq 1:8). Uma vez que sua esperança morreu, seu cântico se tornou um hino fúnebre. Sua harpa e sua flauta passaram a tocar em tons menores. Como poderia dizer palavras de estímulo aos outros quando ele próprio estava nas profundezas do desânimo? "Onde está, pois, a minha esperança?", havia perguntado anteriormente na discussão. "Sim, a minha esperança, quem a poderá ver?" (Jó 17:15).

3. JÓ OLHA ADIANTE EM BUSCA DA JUSTIÇA DE DEUS (JÓ 31)

Este capítulo registra a última defesa de Jó. É como um documento legal no qual Jó coloca-se sob juramento diante de Deus e pede que este pese sobre ele, caso Deus prove sua culpa (Jó 31:35-37). A única esperança de Jó era que Deus ouvisse seu clamor e justificasse seu nome. Poderia morrer em paz se soubesse que seus inimigos haviam sido calados e sua reputação havia sido restaurada. Em suas dezesseis declarações começando com "Se...", Jó faz uma retrospectiva de sua vida e de seus relacionamentos e pede a Deus que o julgue. "Eis aqui a minha defesa assinada!" (v. 35), disse Jó ao oficializar seu juramento e assinar o documento. "Encerro a minha defesa!"

Nos versículos 33 a 37, Jó pede três coisas a Deus ("meu adversário" = juiz): uma audiência, uma resposta a suas acusações e um documento comprovando sua inocência. Se Deus não pudesse fazer isso, então Jó estaria disposto a receber as maldições que faziam parte de seu juramento. Se fosse preciso, estava preparado a prestar contas a Deus de todos os seus passos, a fim de levar sua causa a uma conclusão. Jó não tinha o que esconder; não era um hipócrita que morria de medo dos outros (vv. 33, 34).

Como indivíduo (vv. 1-12). Jó citou três pecados específicos que poderiam fazer qualquer homem tropeçar: lascívia (vv. 1-4), falsidade (vv. 5-8) e adultério (vv. 9-12).

(1) A lascívia é o primeiro passo para o pecado, e o pecado é o primeiro passo para

a morte (Tg 1:13-16). Uma coisa é ver e admirar uma pessoa bonita e outra bem diferente é olhar *com um coração lascivo*. Jesus afirmou: “Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (Mt 5:28). Apesar de o pecado do coração não ser tão destrutivo quanto o pecado que é colocado em prática, ainda assim é o primeiro passo para o ato em si, e nunca se sabe aonde uma imaginação poluída pode levar. Além disso, Deus vê tanto nossas ações quanto “os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4:12, 13) e julgará um e também o outro. “Acaso, não é a perdição para o iníquo, e o infortúnio, para os que praticam a maldade?” (Jó 31:3).

(2) O segundo pecado que Jó nega é a *falsidade* (vv. 5-8). Jamais usou de qualquer dolo em seus negócios a fim de ganhar mais dinheiro. Na verdade, nem sequer andava com pessoas que agiam desse modo (Lv 19:35-37; Pv 11:1) e não tinha medo de ser examinado por Deus! (Dn 5:27). Seu coração não havia sido ganancioso, nem suas mãos haviam se contaminado, pois ele não havia tomado o que não lhe pertencia. Caso fosse culpado de cobiça e de falsidade, estava disposto a ter sua próxima colheita tomada dele.

(3) O *adultério* (Jó 31:9-12) começa com a lascívia do coração (v. 1), que leva a tentativas dissimuladas de satisfazer os desejos pecaminosos. Em momento algum Jó havia espreitado a esposa de seu próximo para ver se ela estava sozinha. Caso fosse culpado, estava disposto a ver sua própria esposa tornar-se escrava e amante de outro homem! O adultério é um crime abominável que traz conseqüências vergonhosas e dolorosas nesta vida e julgamento na próxima (Pv 6:27-29; Ef 5:3-7; Hb 13:4).

Como patrão (vv. 13-15). Essa introspecção de Jó foi tão cuidadosa que incluiu até mesmo sua forma de tratar os servos. A maioria dos senhores de seu tempo teria ignorado esse aspecto da vida. Jó tratava seus servos com generosidade e resolvia suas queixas com justiça, pois sabia que, um dia, teria de prestar contas a Deus (v. 14; Ef 6:9).

Também sabia que ele e seus servos haviam sido criados pelo mesmo Deus e vindo ao mundo do mesmo modo.

Como membro da sociedade (vv. 16-23, 29-32). Em resposta às falsas acusações de Elifaz (22:6-9), Jó havia relatado anteriormente como havia cuidado dos pobres e necessitados (29:12-17); mas repetiu esses fatos como parte de seu juramento. Não estava se vangloriando, mas sim se defendendo diante dos homens e buscando a justificação de Deus. Se havia levantado sua mão contra qualquer homem num tribunal, Jó esperava que Deus arrancasse fora aquele braço.

Jó se preocupava com as necessidades das viúvas, dos órfãos e dos pobres. Suprira o alimento e as roupas de que precisaram e os defendera na justiça. Tratara-os como membros da família e cuidara deles até serem capazes de tomar conta de si mesmos. Deus havia dado a Jó sua riqueza e podia tomá-la de volta, se não a compartilhasse com outros (31:23). Jó também tratava bem seus inimigos (vv. 29-31) e forasteiros de passagem pela cidade (v. 32). Uma vez que ele era um xeique rico e poderoso, por certo havia muita gente que o odiava e invejava, e, no entanto, Jó usava de bondade para com essas pessoas. Não se alegrava com o infortúnio delas (Êx 23:4, 5; Pv 24:17, 18; Mt 5:43-47), nem pedia a Deus que as amaldiçoasse (Rm 12:17-21).

Jó também era generoso para com os forasteiros, dando-lhes comida e um lugar para passar a noite. Nenhum dos servos de Jó poderia acusar seu senhor de ser um homem egoísta (Jó 31:31). Seu lar estava aberto a todos, e ele era generoso com seus presentes.

Como adorador (vv. 24-28). Jó adorava a Deus com um coração sincero. Não adorava sua riqueza nem depositava nela sua segurança, como também não assumia o crédito por tê-la conquistado (Dt 8:17, 18). Elifaz havia acusado Jó de idolatrar o ouro (Jó 22:24, 25), mas Jó negou essa acusação. Não adorava o ouro e nem os corpos celestes, nem lhes prestava culto secretamente (ver 1 Rs 19:18). Se Jó tivesse cometido tal pecado, é possível que os homens não vissem,

mas Deus o veria e o julgaria por lhe ser ter sido infiel.

Como administrador (vv. 38-40). Nos versículos 35 a 37, Jó completou sua "reivindicação oficial" por uma audiência e assinou o documento. Em seguida, se lembrou de mais uma área da qual devia tratar: sua administração da terra que Deus havia lhe dado. Jó administrava a terra como se fosse uma pessoa. Se houvesse abusado dela, a terra teria clamado contra ele e chorado de dor (v. 38). Se os trabalhadores de Jó tivessem sido explorados e mal pagos, Deus teria todo motivo para dar a Jó uma colheita de ervas daninhas em vez de trigo e de cevada.

Ao fazer uma revisão do juramento de Jó, descobrimos que ele pediu que Deus mandasse julgamentos terríveis sobre ele, caso fosse culpado de qualquer um dos pecados citados: outros comeriam sua colheita e arrancariam do solo as plantações (v. 8);

sua esposa se tornaria serva e amante de outro homem (v. 10); seu braço seria arrancado do ombro (v. 22); teria uma colheita de ervas daninhas e de espinhos (v. 40). Jó deixou claro que, com esses julgamentos, estava disposto a enfrentar o julgamento justo de Deus (vv. 14, 23, 28).

Quando as palavras de Jó chegaram ao fim, todos permaneceram em silêncio, imaginando o que aconteceria em seguida. Deus enviaria seu julgamento imediatamente e provaria a culpa de Jó? Ou aceitaria o desafio de Jó, se encontraria com ele e lhe daria a oportunidade de se defender? Talvez Deus falasse do céu e respondesse às perguntas de Jó.

Jó desafiara Deus, pois tinha certeza de que o Senhor o justificaria. Os três amigos de Jó estavam certos de que Deus o condenaria.

O que Deus fará? Talvez você se surpreenda com a resposta!

ELIÚ TEM AS RESPOSTAS

Jó 32 – 33

Um homem vaidoso pode se tornar orgulhoso e imaginar que está agradando a todos quando, na realidade, é motivo de aborrecimento geral.

(Benedito Spinoza)

Jó calou-se. Havia terminado sua defesa e jurado ser inocente dos pecados dos quais seus amigos o haviam acusado. Desafiara Deus a justificá-lo ou a sentenciá-lo. O julgamento havia se arrastado por tempo suficiente, e era chegada a hora de o Juiz tomar uma providência.

Os três amigos de Jó ficaram em silêncio, estarecidos por Jó ter ousado falar de modo tão atrevido *com* Deus e *sobre* Deus. Sem dúvida, o próximo acontecimento da programação seria o julgamento de Jó.

Deus permaneceu em silêncio. Não houve fogo do céu nem uma voz falando com ira divina. O silêncio foi o testemunho eloqüente de Deus para os três amigos, mostrando que estavam errados naquilo que haviam dito sobre Jó e sobre o próprio Deus. Também foi o testemunho do Senhor para Jó de que o Deus do Universo não está à disposição de suas criaturas. Deus não aparece simplesmente porque alguém acredita que é hora de pôr as cartas na mesa.

No famoso “Canto dos Oradores” em Hyde Park, Londres, um homem que falava contra o cristianismo lançou um desafio: “Se Deus existe, tem cinco minutos para me fazer cair morto”. Tirou seu relógio e esperou. Depois de cinco minutos, sorriu e disse: “Meus amigos, isso prova que Deus não existe!”

Um cristão no meio da multidão gritou para ele: “Você acha que é capaz de esgotar

a paciência do Deus Todo-Poderoso em cinco minutos?”

Houve uma pessoa na multidão em volta do monte de cinzas que não se calou. Seu nome era Eliú, um homem tão desconhecido que foi preciso apresentar sua linhagem para que o povo pudesse identificá-lo (Jó 32:2). Nem Jó (1:1) nem seus amigos (2:11) precisaram de uma identificação tão detalhada para ser reconhecidos.

Eliú fez um longo discurso – em nossa Bíblia, ocupa seis capítulos –, no qual explicou o caráter de Deus e aplicou essa verdade à situação de Jó. Podemos esboçar sua exposição da seguinte maneira:

1. Deus está falando por meu intermédio (Jó 32; observar o v. 8).
2. Deus é bondoso (Jó 33; observar o v. 24).
3. Deus é justo (Jó 34 – 35; observar 34:10-12).
4. Deus é grande (Jó 36 – 37; observar 36:5, 26).

Apesar de Eliú ter dito algumas das mesmas coisas que os três amigos, tinha outro propósito em mente. Não tentava provar que Jó era pecador, mas sim que sua imagem de Deus era incorreta. Eliú introduziu um novo elemento à discussão: Deus não envia o sofrimento necessariamente para nos castigar por nossos pecados, mas sim para evitar que pequemos (33:18, 24) e para nos aperfeiçoar (36:1-15). Paulo teria concordado com o primeiro ponto (2 Co 12:7-10), e o escritor de Hebreus, com o segundo (Hb 12:1-11).

Consideremos as duas primeiras declarações de Eliú sobre Deus.

1. DEUS ESTÁ FALANDO POR MEU INTERMÉDIO (Jó 32)

Eliú enfatizou que havia esperado pacientemente antes de falar e apresentou dois motivos para isso. Em primeiro lugar, era mais jovem que Jó e seus três amigos. Uma vez que era um rapaz, deveria respeitar a idade e a experiência dos outros homens (Jó 32:4, 6, 7). Teria sido uma terrível falta

de educação interromper os discursos de outros mais velhos do que ele.

Em segundo lugar, desejava ouvir toda a discussão e considerar todos os argumentos (v. 11; Pv 18:13). O fato de Eliú citar palavras dos discursos indica que havia escutado com atenção e se lembrava daquilo que cada homem havia dito (Jó 32:12). Como tantos “jovens teólogos”, pode-se notar certa presunção juvenil em seus conceitos (“Declararei minha opinião”, “Dai-me ouvidos” – ver vv. 6, 10, 17; 33:1-3); mas, de um modo geral, ele se mostra um rapaz sincero que pensa ser capaz de ajudar Jó a encontrar as respostas para suas perguntas.

Depois de se inserir na discussão, Eliú dispõe aos presentes quatro motivos pelos quais é importante que ele fale e que os demais ouçam. Afinal, é apenas um “joão-ninguém” e deve convencê-los de que suas palavras são dignas de atenção.

Indignado (vv. 1-3, 5). Em quatro ocasiões nestes versículos, o texto diz que Eliú estava irado. Sua indignação era contra os três amigos por não refutarem Jó e também contra o próprio Jó por justificar a si mesmo, não a Deus. De acordo com Jó, Deus estava errado, e os três amigos não foram capazes de provar que Jó estava enganado! Bildade, Zofar e Elifaz haviam desistido de discutir (v. 15) e estavam esperando que Deus viesse tratar pessoalmente de Jó (vv. 12, 13). Eliú mostrou-se desgostoso com o insucesso deles.

“É fácil encher-se de furor – qualquer um pode fazer isso”, escreveu Aristóteles. “Mas saber irar-se com a pessoa certa, na medida certa, no momento certo, com o objetivo certo e da maneira certa – isso não é fácil, e nem todos são capazes de fazê-lo.”

Inspirado (vv. 8-10). A idade deve trazer consigo a sabedoria, mas não há garantia alguma de que isso acontecerá (Pv 16:31). Infelizmente, há insensatos de todas as idades! Como um homem mais jovem, Eliú não podia afirmar que tinha grande experiência nos assuntos de Deus e dos homens; mas declarou que possuía algo melhor: o discernimento do Espírito de Deus. O Espírito Santo havia instruído o espírito de Eliú (1 Co 2:11) e lhe

revelado as verdades de Deus. Não precisava da sabedoria decorrente da experiência, pois havia sido ensinado por Deus (Sl 119:97-100).

Isso explica por que Eliú exortou Jó e seus amigos repetidamente a ouvi-lo (Jó 32:10; 33:1, 31, 33; 34:2, 10, 16; 37:14). Também explica por que enfatizou expressões como “minha opinião” (32:6, 10, 17) e “minhas palavras” (33:1-3). Não é todo dia que se tem a oportunidade de ouvir um homem inspirado por Deus, de modo que é melhor escutá-lo com atenção!

Imparcial (vv. 14, 21, 22). “Ora, ele não me dirigiu palavra alguma, nem eu lhe retorquei com as vossas palavras” (v. 14). Eliú havia deixado claro que não tinha motivo algum para tomar partido, uma vez que nem Jó e nem algum dos três amigos o havia atacado pessoalmente. Eliú também disse que evitaria repetir os mesmos argumentos que haviam usado, apesar de não ter cumprido inteiramente essa promessa.

Talvez Eliú fosse imparcial, mas de maneira alguma foi neutro. Estava irado demais para isso! Prometeu tratar apenas das questões em si, mas algumas das coisas que disse em seu discurso foram mais pessoais do que filosóficas. Porém, cumpriu sua promessa e não adidou ninguém (vv. 21, 22). Ao lermos seu discurso, veremos que seis vezes ele se dirigiu a Jó usando o nome dele (33:1; 34:5, 7, 35, 36; 35:16), algo que nem mesmo os amigos mais íntimos de Jó haviam feito em seus vários discursos. Não era comum no Oriente um homem mais jovem dirigir-se aos mais velhos com tanta intimidade.

Impelido (vv. 16-20). Eliú havia esperado muito tempo por uma oportunidade para falar e, enquanto esperava, a pressão dentro dele havia se tornado insuportável. Estava cheio de palavras, como um odre cheio de vinho. À medida que o vinho novo fermenta, produz gases que fazem o odre inchar, levando um odre velho e ressecado a romper-se (Mt 9:17). Eliú teria se ofendido caso alguém insinuasse que o discurso dele era insubstancial como os gases acumulados num odre; afinal, era o Espírito de Deus que o estava compelindo a falar. Eliú havia recebido de

Deus a incumbência de falar a todos aquilo que sabia. Mas o que ele *não* sabia era que, quando Deus finalmente entrasse em cena, nem sequer tomaria conhecimento de Eliú e de tudo o que o jovem tinha dito.

2. DEUS É BONDOSO (JÓ 33)

Trata-se de um discurso extraordinário, pois introduz na discussão um novo *insight* sobre o propósito do sofrimento. Os amigos de Jó haviam argumentado que seu sofrimento era prova de que Deus o estava castigando por seus pecados, mas Eliú argumenta que, por vezes, Deus permite que soframos a *fim de evitar que pequemos*. Em outras palavras, o sofrimento pode ser *preventivo* e não *punitivo* (ver a experiência de Paulo relatada em 2 Co 12:7-10). Deus faz todo o possível para nos guardar do pecado e da cova da morte – o que comprova sua graça e bondade para conosco (Jó 33:24).

Antes de entrar nessa parte da argumentação, Eliú havia garantido a Jó que suas palavras eram sinceras e vinham do Espírito de Deus, de modo que Jó não tinha motivo algum para temer (vv. 1-7). Eliú não afirmou ter um relacionamento privilegiado com Deus, pois era formado de barro, exatamente como Jó. Prometeu não pesar a mão sobre Jó com seu discurso e convidou Jó a responder. Eliú não desejava fazer um monólogo, mas foi exatamente o que acabou acontecendo. Talvez Jó tenha sido calado pelas palavras de Eliú, ou o jovem não lhe deu a oportunidade de falar (ver vv. 31, 33), ou, ainda, Jó não achou que valesse a pena responder.

Depois de garantir a Jó que suas palavras seriam proveitosas e não dolorosas, Eliú prosseguiu citando o que Jó havia dito a respeito de si mesmo (vv. 8-11). As palavras de Jó seriam a premissa da argumentação de Eliú.

Em primeiro lugar, Eliú afirmou que Jó havia se declarado irrepreensível (v. 9), *quando na verdade não era isso o que Jó havia dito*. Essa não foi a declaração de Jó, mas sim a interpretação de Zofar (11:4). De fato, Jó disse que não mentia (6:30), que não era perverso (10:7), que era justo e reto (12:4) e que não havia desobedecido a Deus (23:11,

12); mas, em momento algum, afirmou ser irrepreensível. Persistiu em asseverar sua integridade (2:3; 27:4, 5), mas nunca declarou ser perfeito. Na verdade, negou que o fosse (9:20, 21). A premissa de Eliú era equivocada, pois confundi as palavras de Jó com as de Zofar. Talvez Jó tivesse dado a impressão de estar declarando ser *impecável*, mas, na verdade, estava dizendo apenas que era *inculpável*, algo totalmente diferente.

Em segundo lugar, Eliú afirmou que, de acordo com Jó, Deus estava sendo injusto e o tratava como um inimigo (33:10, 11), citação verdadeira (13:24, 27; 16:9; 19:7, 11). Em seus discursos, Jó havia perguntado a Deus repetidamente por que o estava atacando e por que não lhe dava um julgamento justo. A grande preocupação de Eliú não era discutir o que Jó dissera a respeito de si mesmo, mas sim refutar o que Jó dissera sobre Deus.

Esse “jovem teólogo” sabia falar em público, pois Jó 33 é um discurso exemplar. Primeiro, Eliú declarou sua tese nos versículos 12 a 14: Deus é maior do que o homem e fala com ele de maneiras que nem sempre o ser humano é capaz de reconhecer. Em seguida, descreveu três maneiras diferentes através das quais Deus pode falar com os seres humanos: sonhos e visões (vv. 15-18), sofrimento (vv. 19-22) e o ministério de um anjo mediador (vv. 23-33).

Refere-se à “cova” cinco vezes nos versículos 14 a 33. O propósito de Deus com a disciplina é salvar as pessoas da morte (Tg 5:19, 20), quebrando seu orgulho e trazendo-as de volta a uma posição de obediência (Jó 33:17, 18). Deus procura guardá-las da cova (v. 18), mas os pecadores rebeldes vão se *aproximando* da cova (v. 22) e, em seguida, *descem* à cova (v. 24) e *entram* na cova (v. 28). Quando é quase tarde demais, o Mediador as traz *de volta* da cova (v. 30) e as resgata. “Eis que tudo isto é obra de Deus, duas e três vezes para com o homem, para reconduzir da cova a sua alma e o alumiar com a luz dos viventes” (vv. 29, 30). Deus “não [quer] que nenhum pereça” (2 Pe 3:9).

Sonhos e visões (vv. 15-18). Nos tempos bíblicos, por vezes, Deus falava com seu

povo por meio de sonhos e visões, enquanto hoje seu Espírito nos dirige principalmente por meio de sua Palavra (Hb 1:1, 2). Se os pecadores têm visões ou sonhos assustadores, pode acontecer de ficarem impressionados o suficiente para não cometerem os pecados que planejavam. Os sonhos do próprio Jó eram aterradorantes (Jó 7:13, 14), e Elifaz teve uma visão noturna inesquecível (4:12-21). Deus envia sonhos e visões a fim de "abrir os ouvidos" dos homens e levá-los a escutar a Palavra de Deus e lhe obedecer. Caso não se humilhem, podem descer à cova da morte.

Um homem parou um desconhecido na rua em Nova York e disse: "Você pode me contar um dos seus sonhos? Não durmo há uma semana e, agora, estou a caminho do psiquiatra. Preciso desesperadamente de um sonho para contar a ele!"

Nem todos os sonhos possuem significados ocultos e nem todos eles são mensagens especiais de Deus. Não são poucos os pesadelos causados por um jantar um tanto farto demais! As pessoas que planejam a vida de acordo com o que descobrem em seus sonhos não estão procurando orientação, mas sim confusão. Deus pode usar os sonhos para abalar a segurança de um pecador orgulhoso, mas essa não é sua abordagem habitual nos dias de hoje.

Sofrimento (vv. 19-22). Em sua obra *O Problema do Sofrimento*, C. S. Lewis diz: "Deus sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nosso sofrimento: ele é o seu megafone para despertar um mundo surdo".¹

Por vezes, Deus usa a dor para nos advertir, humilhar e desenvolver em nós uma atitude de submissão (Hb 12:1-11). Eliú descreve um homem doente, sofrendo e deitando em seu leito, pois não tem mais apetite algum. (Seria um retrato de Jó? Ver 6:7; 7:3-6; 16:8; 17:7; 19:20.) Porém, esse homem está sofrendo porque Deus quer chamar sua atenção e guardá-lo de transgredir a lei de Deus.

É um grande equívoco dizer que todo sofrimento vem de Deus, pois nós mesmos podemos ser a causa de parte de nossa dor.

Dirigir com imprudência pode provocar um acidente que fará muitas pessoas sofrerem. Comer de modo incorreto pode afetar o organismo e levá-lo a reagir com dor. O pecado dá prazer (Hb 11:25), mas também causa o sofrimento. "O caminho dos perversos é intransitável" (Pv 13:15). Sempre há um preço a pagar por desprezar a lei de Deus.

Também não devemos dizer que todo o sofrimento é um castigo pelo pecado. Eliú argumenta que, em certas ocasiões, Deus permite o sofrimento, a fim de evitar que pequemos e que desçamos à cova. Deus deu a Paulo um "espinho na carne" para guardá-lo do orgulho, e Paulo aprendeu a agradecer a Deus por isso (2 Co 12:7-10). Eliú esperava que Jó se sujeitasse a Deus, aceitasse sua situação dolorosa e, com isso, obtivesse as bênçãos que Deus havia reservado para ele.

Ninguém deseja ficar doente, e todos oram pedindo cura. Mas, de acordo com o teólogo inglês P. T. Forsyth: "É muito mais formidável orar pela transformação da dor do que por sua remoção". Foi isso o que Paulo aprendeu a fazer com seu espinho na carne. Aquilo que poderia ter sido uma arma para destruí-lo transformou-se, pela graça de Deus, num instrumento para edificá-lo! Se Paulo tivesse ignorado esse mensageiro da dor, poderia ter se orgulhado de suas conquistas espirituais, e esse orgulho poderia tê-lo feito pecar.

Eliú apresentou duas formas que Deus emprega para falar ao povo a fim de guardá-los da cova: as visões e os sonhos; a enfermidade e a dor. Em seguida, ele apresenta a terceira forma.

O ministério de um anjo mediador (vv. 23-33). O Livro de Jó começa com uma descrição da corte celestial de Deus, em que os anjos (os "filhos de Deus") apresentam-se para receber suas incumbências (Jó 33; 1:6ss; 2:1ss). Elifaz menciona os anjos em 4:18 e em 5:1 e também são mencionados em 38:7 como se regozijando com a criação do mundo. Com exceção dessa passagem em questão, as outras mencionadas acima são as únicas referências a anjos no Livro de Jó.

Eliú faz uma descrição impressionante. O pecador foi advertido por meio de sonhos

e de visões e foi disciplinado pelas enfermidades e sofrimento. Está se aproximando da cova, e os “portadores da morte” estão prestes a capturá-lo (33:22). Então, um mensageiro especial apresenta-se de repente (“um dos milhares”) e defende sua causa. Esse mensageiro tem um ministério duplo: dizer ao sofredor o que ele deve fazer (v. 23) e interceder junto a Deus para que essa pessoa seja restaurada.

Tudo indica que esse anjo intercessor pode ser o Anjo do SENHOR, o Senhor Jesus Cristo, o Mediador que entregou sua vida como resgate pelos pecadores (1 Tm 2:5; Mc 10:45). O Filho de Deus visitou a Terra como Anjo do SENHOR em várias ocasiões no Antigo Testamento a fim de transmitir mensagens especiais e de realizar tarefas importantes (Gn 16:9; 22:11; Êx 3:2; Jz 6:11). Porém, Eliú não considerou esse Anjo apenas um Mediador entre Deus e os homens, mas também o Provedor do resgate para os pecadores.

Trata-se do “mediador” celestial que Jó havia pedido ao longo de toda a discussão! Jó queria um “árbitro” que o reunisse com Deus para um julgamento (Jó 9:33), uma “testemunha” celestial que defendesse sua causa diante de Deus (16:19) e um “redentor” que o justificasse mesmo depois de sua morte (19:25). O ministério desse anjo é um ato decorrente inteiramente da graça de Deus (33:24). “Redime-o, para que não desça à cova; achei resgate” (v. 24). Uma descrição que se parece muito com nosso Senhor Jesus Cristo, que é tanto nosso Mediador quanto nosso Resgate (1 Tm 2:5, 6).

O conceito de “resgate” encontra-se entretido em toda a teologia bíblica. O

termo hebraico significa “expiar os pecados pela oferta de um substituto”. O pecador condenado não pode ser liberto por um pagamento qualquer em dinheiro (Sl 49:7-9) nem por boas obras ou boas intenções. É preciso oferecer um resgate que Deus aceite, sendo que Deus pede o derramamento de sangue (Lv 16 - 17). Jó não pediu que seus três amigos o resgassem, pois sabia que não seriam capazes disso (Jó 6:21-23). Somente Deus pode prover o resgate, e foi isso o que ele fez. Se Deus ofereceu um resgate para os pecadores prestes a descer à cova, é loucura deles não receber essa dádiva!

Eliú prometeu a Jó que Deus transformaria sua situação radicalmente, caso ele se humilhasse. Seria como um “novo nascimento” (33:25; ver Jo 3)! Ele voltaria a desfrutar a oração e a comunhão com Deus (Jó 33:26). Confessaria seus pecados e reconheceria que Deus o havia castigado muito menos do que ele merecia (v. 27). Jó sairia das trevas para a luz e, com toda alegria, daria testemunho da redenção de Deus (v. 28).

Jó 33:31-33 dá a entender que Eliú esperava uma resposta de Jó, mas, ao mesmo tempo, desejava que Jó permanecesse calado! Transbordava de palavras sobre o assunto e não queria parar de falar. Mas Jó não respondeu, pois estava esperando Deus falar. Jó havia apresentado sua causa e desafiado o Senhor. Aquilo que Eliú pensava a respeito dele ou tinha a lhe dizer não fazia muita diferença.

Jó leva sua causa a um tribunal superior e, quando Eliú terminar de falar, o Juiz entrará em cena.

ELIÚ EXPLICA E DEFENDE DEUS

JÓ 34 – 37

Quem é, portanto, o Deus a quem adoro? [...] És o mais oculto dentre nós e, no entanto, o mais presente em nosso meio, o mais belo, porém o mais forte e eterno e que, ainda assim, não podemos te compreender.

(Santo Agostinho)

A teologia (“a ciência de Deus”) costumava ser chamada a “rainha das ciências”, pois trata do conhecimento mais importante que podemos possuir: o conhecimento de Deus. A teologia é uma ciência difícil, pois é nossa tentativa de conhecer Aquele que não pode ser conhecido (Rm 11:33-36). Deus se revelou na criação, na providência, em sua Palavra e, de modo supremo, em seu Filho. Porém, é possível que nem sempre nossa compreensão daquilo que Deus revelou seja clara.

Como escreveu A. W. Tozer: “A essência da idolatria é alimentar pensamentos sobre Deus que não são dignos dele”.¹ Assim, aqueles que tentam explicar e defender o Todo-Poderoso devem ter o coração humilde de um adorador, pois “o saber ensoberbece, mas o amor edifica” (1 Co 8:1).

Ao lermos os discursos de Eliú, temos a impressão de que ele não estava crescendo, mas sim se enchendo de soberba. Também nos parece que seus ouvintes divagavam, pois ele os exortou a ouvir com atenção (Jó 33:1, 31, 33; 34:2, 10, 16). Nos últimos dois terços de seu discurso, Eliú explicou e defendeu a justiça de Deus (Jó 34 – 35) e a grandeza de Deus (Jó 36 – 37).

1. DEUS É JUSTO (JÓ 34 – 35)

Eliú havia prometido não usar de lisonja (Jó 32:21), mas chegou perto de fazê-lo em Jó

34:2, quando se referiu a seus ouvintes como “sábios” e “instruídos”. Na verdade, estava lisonjeando a si mesmo, pois, se esses “sábios” e “instruídos” estavam dispostos a ouvi-lo, deviam considerá-lo ainda mais instruído e sábio do que eles! Eliú citou Jó (v. 3; 12:11) e instou seus ouvintes a usarem de discernimento ao “provar” suas palavras, de modo a conhecer “o que é bom” (34:4). Eliú comparou seu discurso com a degustação de uma refeição saborosa e nutritiva.

Falou de duas das queixas de Jó que deveriam ser discutidas: “Deus é injusto” (vv. 5, 6) e “Não há proveito algum em servir a Deus” (vv. 7-9). Respondeu à primeira queixa nos versículos 10 a 37 e à segunda em Jó 35.

“**Deus é injusto**” (34:5, 6, 10-37). A injustiça de Deus é um dos principais temas dos discursos de Jó. A seu ver, estava sendo tratado como um pecador, e, no entanto, Deus não havia “comparecido ao tribunal” e dito a Jó o que ele havia feito de errado (ver 9:2, 17-20; 19:6, 7; 27:2). Eliú recordou que Jó havia se declarado inocente, dizendo que lhe havia sido negada a justiça (34:5; 10:7; 6:29) e que Deus estava lançando flechas contra ele (34:6; 6:4).

Eliú apresentou três argumentos para provar que, em Deus, não há injustiça alguma. Em primeiro lugar, *se Deus é injusto, então não é Deus* (34:10-15). “Longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo-Poderoso o cometer injustiça” (v. 10). “Na verdade, Deus não procede maliciosamente; nem o Todo-Poderoso perverte o juízo” (v. 12). Abraão perguntou: “Não fará justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18:25), e a resposta óbvia é sim!

Se Deus é verdadeiramente Deus, então é perfeito; e se é perfeito, não pode fazer coisa alguma errada. Um Deus injusto seria algo tão impensável quanto um círculo quadrado ou um triângulo redondo. De acordo com Eliú, aquilo que, para nós, parece uma injustiça é, de fato, justiça: Deus está dando aos pecadores o que merecem por seus atos (Jó 34:11). Na realidade, Deus é tão justo que determinou que o próprio pecado castigará o malfetor (ver Sl 7:15; 9:15, 16; 35:8). Não há maneira de escapar da justiça de Deus.

Eliú enfatizou que Deus é soberano e, como tal, não pode ser acusado por lei alguma nem julgado em qualquer tribunal que seja. É impossível o rei ser injusto. Deus não foi nomeado para seu trono e, portanto, não pode ser deposto dele (Jó 34:13). Afirmar que Deus é injusto é dizer que ele não é Deus e, portanto, não tem direito de estar assentado em seu trono. Porém, Deus controla até mesmo nossa respiração e pode nos tirar a vida num instante (vv. 14, 15; At 17:25, 28). “As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim” (Lm 3:22).

O Livro de Jó exalta a soberania de Deus. Desde o primeiro capítulo, fica evidente que Deus está no controle, pois diz até mesmo a Satanás o que ele pode ou não fazer. Temos a impressão de que, ao longo da discussão, Deus está ausente, mas, na verdade, sabe muito bem como Jó está se sentindo e o que Jó e seus amigos estão dizendo. Deus é chamado de “Todo-Poderoso” trinta e uma vezes no Livro de Jó. Eliú estava absolutamente certo: Deus é soberano e não pode cometer injustiça alguma.

Seu segundo argumento é que, se *Deus fosse injusto, não seria possível haver qualquer governo justo sobre a terra* (Jó 34:16-20). Como ancião respeitado, Jó havia participado do governo local ajudando a fazer justiça aos aflitos (29:7-17). Porém, todo governo humano é estabelecido por Deus (Gn 9:1-7; Rm 13:1-7); de modo que, se o ser humano mortal pode fazer justiça na terra, então, por que um Deus santo e soberano não poderia fazer justiça do céu? Deus pode destronar reis e remover nobres e não mostra qualquer parcialidade (Dn 4:25, 32, 35). Se o Deus que governa o mundo não fosse justo, não haveria ordem nem harmonia e tudo se desintegraria.

Porém, Eliú cometeu o erro crasso de destacar e enfatizar apenas um atributo divino – a justiça de Deus –, quando, na verdade, Deus também é amoroso e bondoso (Bildade cometera o mesmo erro em seus discursos). Em sua sabedoria, Deus criou um plano de redenção que satisfaz tanto sua justiça quanto seu amor (Rm 3:21-31).

Por causa da cruz, Deus pode redimir os pecadores e, ainda assim, exaltar a própria retidão e guardar sua santa lei.

De acordo com o terceiro argumento de Eliú, *para ser injusto, Deus não poderia ver o que se passava no mundo* (Jó 34:21-30). Mas Deus é onisciente e vê todas as coisas! Um juiz humano, com suas limitações, ouve uma causa e toma a melhor decisão possível e, por vezes, comete erros. Deus, por sua vez, vê cada passo que damos, e não temos onde nos esconder dele (Sl 139:7-12). Jó queria que Deus se encontrasse com ele no tribunal a fim de poder apresentar sua causa, mas o que Jó poderia dizer que Deus já não soubesse? “Pois Deus não precisa observar por muito tempo o homem antes de o fazer ir a juízo perante ele” (Jó 34:23). Ao contrário dos oficiais humanos, Deus não tem obrigação de realizar uma investigação nem de juntar provas. Ele conhece todas as coisas e pode julgar com sabedoria perfeita.

Uma das queixas de Jó era que Deus se calara e escondera seu rosto dele (9:11; 23:1-9), mas Eliú tinha uma resposta para isso: “Se ele aquietar-se, quem o condenará? Se encobrir o rosto, quem o poderá contemplar, seja um povo, seja um homem?” (34:29). No capítulo 24, Jó acusa Deus de ignorar os pecados dos seres humanos, mas com que direito poderia julgar o Juiz? Deus esperou quatro séculos para julgar as nações perversas de Canaã (Gn 15:13-16) e 120 anos para mandar o dilúvio (6:3). Os pecadores devem ser gratos a Deus por lhes dar tempo a fim de se arrependerem (2 Pe 3:9).

Deus governa sobre as nações e indivíduos (Jó 34:29), mas não é responsável por seus pecados, pois lhes dá a liberdade de tomar as próprias decisões. Também lhes dá liberdade de deixar seus pecados e de crer no Senhor. Por isso, Eliú encerra essa parte de seu discurso com um apelo para que Jó confesse seus pecados e se arrependa (vv. 31-33). “Peça a Deus para lhe ensinar aquilo que você não sabe”, aconselha, “e prometa não pecar desse modo outra vez” (ver v. 32). Deus nos recompensa nos termos *dele* e não nos nossos, e um dos seus requisitos é que nos arrependamos e deixemos nossos pecados.

Eliú fez uma pausa a fim de dar a Jó a oportunidade de falar (v. 33), mas Jó permaneceu calado. É possível que isso tenha deixado Eliú ainda mais irado, pois ele terminou essa parte de seu discurso com uma acusação terrível. Afirmou que faltava a Jó conhecimento e discernimento, que era rebelde e falava com arrogância contra Deus. Hoje em dia, bater palmas é um sinal de aprovação, mas, naquele tempo, era um gesto de zombaria e de desprezo (27:23; Lm 2:15). Eliú concluiu que Jó precisava *ser ainda mais provado!* (Jó 34:36). Talvez isso o fizesse recobrar seu juízo.

Tendo se livrado da primeira queixa de Jó, Eliú voltou-se para sua segunda reclamação.

“Não há proveito algum em obedecer a Deus” (34:7-9; 35:1-16). Mais uma vez, Eliú tenta usar as palavras do próprio Jó contra ele: “Sou inocente” (ver 10:7; 12:4; 27:6) e “O que ganhei obedecendo a Deus?” (9:29-31; 21:15). De fato, Jó fez a primeira declaração, mas a pergunta seguinte não é uma citação exata de suas palavras. *Em momento algum Jó negociou com Deus como Satanás havia dito que ele faria* (1:9, 21; 2:9, 10). Elifáz discutira esse assunto (Jó 22) e chegara à conclusão de que nem a piedade nem a iniquidade humanas fariam qualquer diferença para o caráter de Deus. Porém, Eliú achou importante voltar a tratar desse tema.

Eliú pediu a seus ouvintes que olhassem para os céus, observassem como as nuvens estavam distantes e, então, que imaginassem quão longe o trono de Deus ficava da Terra (35:5-7). Podem os pecados ou as boas obras de um indivíduo na Terra exercer tanto poder a ponto de atravessar toda essa distância e mudar o Todo-Poderoso no céu?

Em seguida, Eliú pediu que considerassem a sociedade humana (vv. 8-16). Nossos pecados ou boas obras podem afetar aqueles que se encontram a nosso redor (v. 8), mas não a Deus. Sem dúvida, Deus se entristece com os pecados do ser humano (Gn 6:6) e se deleita com a obediência dos fiéis (Sl 37:23); mas nossas boas obras não podem suborná-lo e nossos delitos não podem ameaçá-lo. O caráter de Deus é o mesmo, quer o ser humano lhe obedeça quer não. Deus não

pode mudar para melhor, pois já é perfeito e não pode mudar para pior, pois é santo.

Deus cuida das aves e dos animais, e eles confiam no Senhor (Jó 35:11; Mt 6:25-34); mas os seres humanos, criados à imagem de Deus, só clamam a ele quando se encontram sob um jugo terrível de opressão (Jó 35:9). Lembrem-se de Deus apenas quando enfrentam dificuldades. Porém, Deus sabe que suas orações não são sinceras, de modo que não lhes responde (vv. 12, 13). Isso explica por que as orações de Jó não foram respondidas: seu coração não estava em ordem com Deus (v. 14).

Porém, mesmo que Deus não alivie o fardo, pode dar ao sofredor que confia nele “canções de louvor durante a noite” (v. 10; Sl 42:8; 77:6). “Qualquer um é capaz de cantar durante o dia”, disse Charles Spurgeon. “É fácil cantar quando conseguimos ler as notas à luz do Sol. Porém, o cantor competente é capaz de cantar quando não há um único raio de luz para iluminar sua partitura”. O Senhor deu “canções de louvor durante a noite” a Jesus, antes de ele ir para cruz (Mt 26:30) e a Paulo e Silas na prisão em Filipos (At 16:25). Se Deus não considera apropriado remover nossos fardos, sempre nos dá forças para carregá-los – e um cântico para entoarmos enquanto o fazemos!

Eliú descarta a queixa de Jó de que ele não é capaz de ver Deus. O importante é que Deus vê Jó e conhece sua causa nos mínimos detalhes (Jó 35:14). A situação de Jó não mudará com seu falatório e seu amontoado de palavras (v. 16), de modo que, para Jó, só resta esperar e confiar (v. 14).

Deus é bondoso (Jó 33) e é justo (Jó 34 – 35); mas também é grande e poderoso (Jó 36 – 37), e, para Eliú, Jó precisava reconhecer essa grandeza de Deus.

2. DEUS É GRANDE (JÓ 36 – 37)

“Eis que Deus é mui grande” (Jó 36:5). “Eis que Deus se mostra grande em seu poder!” (v. 22). “Eis que Deus é grande” (v. 26). Nestes dois capítulos, Eliú exalta a grandeza de Deus em *seus propósitos misericordiosos para com o ser humano* (vv. 1-25) e em *seu imenso poder sobre a natureza* (36:26 – 37:13).

Conclui seu discurso fazendo um último apelo para que Jó tema ao Senhor e se arrependa (vv. 14-24).

Os propósitos misericordiosos de Deus para com o ser humano (36:1-25). A presunção de Eliú cresce ainda mais quando ele apresenta o último terço de seu discurso (vv. 1-4). Ao que parece, seus ouvintes estão ficando irriquietos; do contrário, por que ele precisaria dizer: “Mais um pouco de paciência” (v. 2)? A declaração “De longe trarei o meu conhecimento” (v. 3) indica que estava se vangloriando de seu amplo conhecimento ou que seu conhecimento procedia do céu. Dificilmente se pode considerar um sinal de humildade ele chamar a si mesmo de “senhor do assunto” (v. 4)!

(1) *Explicação* (vv. 5-15). O fato de Deus ser grande e poderoso não significa que ignore o que o ser humano faz ou que não se preocupe com os indivíduos. “Eis que Deus é mui grande; contudo a ninguém despreza; é grande na força da sua compreensão” (v. 5). O que vem a ser essa “força de sua compreensão”? Trata-se de seu propósito, que é de castigar os justos e ajudar os aflitos (vv. 6, 15). Eliú faz um contraste entre a forma de Deus tratar com os perversos arrogantes e seu modo de lidar com os justos aflitos. “Não poupa a vida ao perverso, mas faz justiça aos aflitos” (v. 6).

Jó acreditava que Deus o estava ignorando, mas Deus não tira os olhos de sobre os justos (v. 7; 1 Pe 3:12) e, no devido tempo, transforma suas circunstâncias. Ele os exalta do monte de cinzas e os assenta no trono (Lc 1:52, 53), libertando-os de suas cadeias (Jó 36:7, 8). Ele nos disciplina a fim de nos corrigir e ensinar a maneira correta de viver. Se aprendermos nossas lições e obedecermos, ele volta a nos abençoar. Porém, se nos rebelarmos, ele nos destrói (vv. 9-12).

A chave está na resposta do coração. Quando os hipócritas (“ímpios de coração”) se endurecem contra o Senhor, não fazem outra coisa senão amontoar sobre si a ira de Deus. Não importa quanto Deus os discipline, eles se recusam a clamar por socorro. Mas os humildes de coração compreendem a mensagem de Deus (“Ao aflito livra por

meio da sua aflição e pela opressão lhe abre os ouvidos”, v. 15) e deixam seus pecados. A expressão “prostitutos cultuais”, no versículo 14, se refere aos homens que se prostituíam nos santuários idólatras (Dt 23:17). Eliú escolheu essa mensagem como um retrato das profundezas da vergonha e do pecado. Os perversos não apenas morrem jovens (Jó 36:14; 20:5, 11) como também em desonra.

(2) *Aplicação* (vv. 16-25). Jó precisa tomar uma decisão. “[Deus] procura tirar-te das fauces da angústia para um lugar espaçoso” (v. 16; Sl 18:19). A mesa de Jó estava repleta de sofrimento quando poderia estar coberta das iguarias mais finas. O que Jó pretendia fazer?

Eliú via vários perigos adiante no caminho de Jó e tentou avisá-lo. O primeiro era que Jó procurasse um “atalho” para sair das dificuldades e, desse modo, perdesse a mensagem que Deus estava lhe transmitindo. Jó talvez achasse aceitável que alguém pagasse para se livrar das angústias, mas não havia dinheiro que bastasse para isso (Jó 36:18, 19). O *Wall Street Journal* fez uma excelente colocação: “O dinheiro é um artigo que pode ser usado como um passaporte universal para qualquer lugar, exceto para o céu, e como provedor universal de todas as coisas, exceto a felicidade”.

O segundo perigo era que Jó pensasse em tirar a própria vida (v. 20). A “noite” e a “escuridão” são imagens de morte e, em várias ocasiões, Jó expressou forte desejo de morrer (3:1-9, 20-23; 7:21; 10:18-22). Muitos sofredores cometeram suicídio para escapar de sua situação desesperadora, mas não havia muito perigo que Jó tomasse esse rumo. Era um homem de fé e não estava prestes a entrar na presença de Deus sem ser convidado.

Eliú viu ainda outro perigo: que desistisse de toda esperança e se entregasse a uma vida de pecado (36:21). Em meu ministério pastoral, aconselhei pessoas tão amarguradas com Deus que haviam abandonado sua profissão de fé voltando para o mundo. “Se a vida vai ser assim tão difícil”, diziam, “é melhor aproveitar enquanto podemos”.

Quem pensa assim se esquece de que é impossível haver qualquer prazer verdadeiro sem Deus e que, mais cedo ou mais tarde, o pecado acaba trazendo sua própria colheita de sofrimento e tristeza.

Por fim, Eliú instou Jó a ter uma nova visão da grandeza de Deus e a começar a louvá-lo (vv. 22-25). Deus quer nos ensinar por meio de nosso sofrimento (v. 22), e uma evidência de que estamos aprendendo nossas lições é adorar e agradecer a Deus até pelas provações. “Lembra-te de lhez magnificares as obras [de Deus] que os homens celebram” (v. 24). Assim como a oração, o louvor possui poder transformador.

O imenso poder de Deus na natureza (36:26 – 37:24). “Eis que Deus é grande, e não o podemos compreender” (36:26). Esse é o tema da última parte do discurso de Eliú, e ele a ilustra com obras de Deus na natureza – mais especificamente, com o controle de Deus sobre seu mundo durante as estações do ano.

(1) *Outono* (36:27 – 37:5). No Oriente, depois do calor da seca e do verão, tanto a terra quanto as pessoas recebem com alegria as chuvas de outono. É interessante observar a percepção de Eliú com relação ao “ciclo da água” na natureza (evaporação, condensação, precipitação) e a necessidade de se ter eletricidade (relâmpagos) para manter o “sistema” funcionando.

Eliú descreve a tempestade com a mente de um cientista mas com o coração de um poeta. Começa com a formação das nuvens (36:26-29), passando à liberação de energia pelos relâmpagos (vv. 30-32) e, em seguida, ao som do trovão (36:33 – 37:5). Para Eliú, o relâmpago é a arma de Deus (36:32), e o trovão é sua voz (37:2, 4, 5). No Oriente, pode-se ver uma tempestade se formando a vários quilômetros de distância e assistir maravilhado a sua chegada.

Qual foi a reação de Eliú a essa demonstração dramática da tempestade? Em primeiro lugar, a tempestade o fez lembrar da soberania e bondade de Deus. “Pois por estas coisas julga os povos e lhez dá mantimento em abundância” (36:31). Além disso, despertou nele grande admiração pelo imenso poder

de Deus (37:1). Davi relatou uma experiência semelhante no Salmo 29.

(2) *Inverno* (vv. 6-10). A certa altura, as chuvas de outono se transformam no gelo e na neve do inverno. Os trabalhadores devem parar com seu serviço, e os animais selvagens devem buscar o abrigo de suas tocas. Deus sopra sobre as águas, e elas se congelam. O que o homem do tempo chama de “fenômeno meteorológico”, Eliú chama de obra miraculosa do Deus Todo-Poderoso. Isaac Watts concordou com Eliú ao escrever:

Canto de meu Senhor a bondade,
Que sobre a terra enviou alimentos em
quantidade;
Com sua palavra, as criaturas formou;
E, por fim, a excelência destas declarou.
Não há, aqui na terra, planta ou flor,
Que tua glória não proclame com ardor;
Nuvens e tempestades ordenadas,
Por teu trono sopram imperturbadas.

(3) *Primavera* (vv. 11-13). A seu tempo, os ventos mais quentes começam a soprar, a neve e o gelo derretem e as nuvens de chuva voltam a aparecer. Eliú sabia que o vento exerce um papel importante nas condições meteorológicas do mundo. Ninguém consegue prever com precisão o que o vento fará (Jo 3:8), mas Deus está inteiramente no controle (Sl 148:8). O “ciclo da água” funciona de modo perfeito: as nuvens estão cheias de água, os relâmpagos lampejam e as chuvas caem. Em certas ocasiões, Deus envia tempestades para disciplinar (Jó 37:13; Gn 6 – 8; Êx 9:13-26; 1 Sm 12:16-19); mas, na maioria das vezes, a chuva é uma dádiva de seu amor e misericórdia (Jó 37:13).

(4) *Verão* (vv. 14-18). Agora se vê o “equilíbrio das nuvens” (v. 16), e tudo está quieto. O sol de verão aquece o ar, o vento sul (“siroco”) sopra do deserto e “[aquece] as vestes” das pessoas (v. 17). O céu é como um espelho de metal polido, e ninguém tem vontade de fazer outra coisa senão descansar.

No entanto, Eliú estava fazendo muito mais do que dar uma palestra científica sobre as quatro estações. Seu desejo era que Jó refletisse sobre a grandeza de Deus e as

maravilhas da natureza e *percebesse quão pouco sabia, de fato, sobre Deus e sua operação neste mundo*. Eliú fez a Jó quatro perguntas retóricas – sobre as nuvens, o relâmpago, o vento e os céus sem chuva. “Você pode explicar essas coisas?”, perguntou. “É capaz de controlá-las?”

Com isso, o orador chegou a sua arremetida final: “Se não é capaz de explicar as coisas do dia-a-dia na natureza, como poderá preparar um pleito para se defender diante de Deus?” Em seguida, advertiu Jó de que desafiar a Deus poderia levá-lo a ser destruído pelo julgamento divino (v. 20). Os versículos 21 e 22 descrevem o “esplendor, depois da chuva” (2 Sm 23:4), o céu azul, o Sol brilhante, o “áureo esplendor” e a “tremenda majestade” de Deus. “Você nem sequer consegue olhar para o sol”, disse Eliú,

“mas, ainda assim, quer se encontrar pessoalmente com Deus!”

As palavras finais de Eliú nos lembram de que, mesmo não sendo capazes de entender inteiramente a Deus, sabemos que ele é grande e justo e que não aflige os seres humanos sem ter algum propósito. Qual deve ser nossa resposta? Devemos temê-lo! Jó havia chegado à mesma conclusão depois de refletir sobre as obras de Deus no mundo (Jó 28:24-28).

É possível que, enquanto Eliú falava, uma tempestade ia se formando em algum lugar distante e, quando finalmente terminou seu discurso, essa tempestade chegou – e Deus estava *dentro dela!*

As súplicas de Jó seriam atendidas, e ele teria um encontro pessoal com Deus. Será que ele estava preparado? *Será que nós estamos preparados?*

1. TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy* [O Conhecimento do Santo]. Harper & Row, p. 11.

INTERLÚDIO

Com toda a sua verbosidade e falta de humildade, Eliú acabou dizendo algumas coisas que Jó precisava ouvir. O uso que Eliú fez das perguntas retóricas em Jó 37:14-18 preparou Jó para a série

de perguntas que Jeová lhe faria em Jó 38 - 41. Ao contrário dos três amigos, Eliú avaliou o problema de Jó com maior precisão: o *proceder* de Jó talvez estivesse certo - não era o pecador que seus três amigos haviam descrito -, mas sua *atitude* estaria errada. Não era um "santo", como ele próprio se considerava. Aos poucos, Jó caminhava para uma atitude hostil e presunçosa, de modo algum saudável. Foi essa atitude de "sabe-tudo" que Deus desmascarou e destruiu quando apareceu a Jó e o interrogou.

Assim, apesar de Deus não dizer coisa alguma sobre Eliú, esse homem ministrou a Jó de maneira proveitosa. Infelizmente, Jó se recusou a aceitar essa ministração.

O INTERROGATÓRIO FINAL

Jó 38 – 42

Pensei em um milhão de perguntas para fazer a Deus; mas, quando o encontrei, todas elas sumiram de minha mente e perderam a importância.

(Christopher Morley)

A tempestade que Eliú descreveu finalmente desabou, e foi do meio dela que Deus falou a Jó. A resposta para os problemas de Jó não era uma *explicação sobre Deus*, como os três amigos e Eliú haviam apresentado, mas sim uma *revelação de Deus*. Os quatro homens haviam asseverado e defendido a grandeza de Deus, mas não conseguiram convencer Jó. Quando Deus mostrou sua majestade e grandeza, Jó se humilhou e se calou em submissão diante dele. Esse foi o ponto crítico a partir do qual tudo mudou.

O psicólogo suíço Paul Tournier escreveu: “A resposta de Deus não é uma idéia, uma proposição como a conclusão de um teorema; ele próprio é a resposta. Jó recebeu a revelação de Deus e encontrou um relacionamento pessoal com ele”.¹

Preferimos que Deus nos fale por meio do brilho do Sol, mas, por vezes, ele precisa nos falar por meio da tempestade. Foi assim que ele falou no monte Sinai (Êx 19:16-19; Hb 12:18). Ezequiel viu a glória de Deus numa tempestade e ouviu a voz do Senhor lhe falando (Ez 1 – 2). Ao experimentar essa demonstração majestosa do poder de Deus, Jó abriu-se para a mensagem que Deus desejava lhe transmitir.

O discurso de Deus a Jó concentra-se em suas obras na natureza e é constituído de 77 perguntas intercaladas de comentários.

O propósito desse interrogatório é levar Jó a perceber sua inadequação e incapacidade de se encontrar com Deus *de igual para igual* e defender sua causa.

Jó havia desafiado Deus, dizendo: “Interpela-me, e te responderei ou deixa-me falar e tu me responderás” (Jó 13:22). Deus havia aceitado o desafio de Jó.

O discurso de Deus pode ser resumido em três perguntas:

1. “Você é capaz de explicar minha criação?” (38:1-38).
2. “Você é capaz de supervisionar minha criação?” (38:39 – 39:30)
A primeira resposta de Jó (40:1-5)
3. “Você é capaz de subjugar minha criação?” (40:6 – 41:34)
A segunda resposta de Jó (42:1-6).

A primeira pergunta refere-se ao poder de Deus e a sua sabedoria ao criar o universo; a segunda, ao seu cuidado providencial com suas criaturas; e a terceira, a duas criaturas (provavelmente o hipopótamo e o crocodilo) que desafiavam a capacidade do ser humano de dominá-las. É quando Jó se arrepente de sua presunção que Deus o restaura (vv. 7-17).

Deus passa a ser chamado de “o SENHOR”, ou seja, o Deus Jeová, um nome que (exceto em 12:9) não havia sido usado no Livro de Jó desde os dois primeiros capítulos. Em seus discursos, os homens o haviam chamado de “Deus” e de “Todo-Poderoso”, mas não de “Jeová”. Esse foi o nome que Deus revelou a Israel séculos depois (Êx 3:13ss), o nome que se referia a sua auto-existência (“EU SOU O QUE SOU”) e a sua relação pessoal de aliança com seu povo.

1. “VOCÊ É CAPAZ DE EXPLICAR MINHA CRIAÇÃO?” (Jó 38:1-38)

Jó estava certo de que seus discursos haviam sido repletos de sabedoria e de conhecimento, mas a primeira pergunta de Deus pôs fim a essa ilusão: “Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?” (Jó 38:2), ou seja: “Por que está usando sua ignorância para negar minha

providência?" Deus não questionou nem a integridade nem a sinceridade de Jó, mas apenas sua capacidade de explicar como o Senhor opera no mundo. Jó havia falado a verdade a respeito de Deus, mas não percebeu quanto *não* sabia sobre Deus (42:7). Ter conhecimento de nossa própria ignorância é o primeiro passo para a verdadeira sabedoria.

Deus começou com a *criação da terra* (38:4-7) e se comparou a um construtor que faz um levantamento do local, demarca suas dimensões, lança os alicerces, coloca a pedra angular e ergue um edifício. A criação foi tão maravilhosa que as estrelas cantaram em coro e os anjos (Jó 38:7; ver 1:6; 2:1) se rejubilaram, *mas Jó não estava lá!* Então, como poderia afirmar saber tanta coisa sobre as obras de Deus?

Desde o princípio, Deus planejou sua criação para que fosse um jardim de beleza jubilosa, mas o pecado a transformou num campo de batalha repleto de feiúra e miséria. Em seu egoísmo, o ser humano está desperdiçando os recursos naturais, poluindo a terra, o ar, a água e o espaço e, assim, devastando a criação de Deus de tal modo que os cientistas se perguntam por quanto tempo nosso planeta ainda será capaz de sustentar a vida como o faz nos dias de hoje. Mahatma Ghandi estava certo: "O mundo possui recursos suficientes para as necessidades dos homens, mas não para a sua cobiça".

Em seguida, o Senhor passou a refletir sobre os *mares* (38:8-11). Não se trata de uma imagem de *construção*, mas sim de *nascimento*: o mar "irrompeu da madre" (v. 8; ver Sl 139:13), como uma criança que vem ao mundo. As águas estavam envoltas em nuvens e escuridão e foram delimitadas por Deus. "Quem fez tudo isso?", Deus perguntou, e Jó sabia muito bem a resposta.

O aspecto seguinte da criação que Deus mencionou foi o *Sol* (Jó 38:12-15). Nessa passagem, Deus se descreveu como um general comandando seus soldados (as hostes celestiais). Em alguma ocasião, Jó havia ordenado ao Sol que se levantasse e dissipasse as trevas? À medida que a luz se espalha pelo mundo, revela detalhes da paisagem, como

a impressão de um selo sobre a argila ou o desdobramento de um lindo traje tirado de um armário escuro. Porém, a luz também dá cabo das perversidades realizadas nas trevas (Jo 3:19-21) e impede o criminoso de atacar sua vítima.

As 11 perguntas seguintes (Jó 38:16-24) são relacionadas às vastas *dimensões da criação*. Hoje em dia, qualquer criança sabe mais sobre as alturas e as profundidades do universo do que Jó e seus amigos jamais poderiam ter imaginado. Por acaso, Jó havia caminhado pelas profundezas do mar e visitado "as portas da morte"? Sabia até onde ia o fundo do oceano? (A maior profundidade medida até hoje se situa no Oceano Pacífico - quase 11 mil metros.) E, quanto à vastidão do espaço, a sonda *Voyager 2* passou 12 anos percorrendo mais de 7 bilhões de quilômetros e, em 1989, passou a quase 5 mil quilômetros das nuvens de Netuno!

Nos versículos 19 a 21, Deus perguntou a Jó se ele era capaz de calcular os limites a leste e a oeste ou se os horizontes eram vastos demais para ele medir. Em seguida, Deus perguntou se Jó sabia das alturas onde se armazenava a neve e o gelo até que Deus precisasse deles (vv. 22, 23; Êx 9:18-26; Js 10:11) ou os lugares onde Deus guardava os relâmpagos e os ventos (Jó 38:24). Sem dúvida, as palavras de Deus são repletas de ironia, mas era isso que Jó precisava para rebater seu orgulho e dobrar os joelhos em arrependimento.

O que Jó conhecia sobre a *chuva* (vv. 25-28)? Acaso sabia como demarcar seu curso de modo a cumprir os propósitos de Deus? Podia dizer ao relâmpago onde e quando relampejar? Era capaz de "gerar" a chuva como se fosse seu pai e criar o orvalho para que a terra recebesse a água de que precisava? Podia explicar por que Deus envia a chuva a lugares onde ninguém vive? Então, Deus passou das chuvas de primavera e de outono para o *gelo* e a *geada* do inverno (vv. 29, 30). Se Jó não sabia como a chuva era "gerada", acaso entendia como o gelo "nascia"?

A essa altura, é bem provável que Jó quisesse uma trégua; mas o Senhor prosseguiu.

Voltou a atenção de Jó para os céus – o Sete-estrela, o Órion, os signos do Zodíaco e a Ursa com seus filhos. Acaso Jó conhecia as leis que governavam seus movimentos e era capaz de controlar essas estrelas e planetas e de fazê-los aparecer no tempo certo? O ser humano pode estudar os céus, mas não os pode controlar.

A pergunta: “Sabes tu as ordenanças dos céus, podes estabelecer a sua influência sobre a terra?” (v. 33) dá margem para outras traduções como: “Podes determinar seu governo sobre a terra?”, “Podes estabelecer o domínio de Deus sobre a terra?” e “Sabes de que modo os céus influenciam a terra?”. É possível dizer que essa pergunta sugere uma influência direta das estrelas sobre os acontecimentos na terra, como afirmam os astrólogos? De forma alguma. Pode-se parafrasear essa questão da seguinte maneira: “Jó, se você entende tanto sobre os corpos celestes – os quais se acredita que exercem efeito sobre a terra –, então por que você não usa toda essa autoridade para mudar sua situação?” O Senhor não estava revelando alguma verdade profunda, mas sim falando com “sarcasmo santo”.

Nos versículos 34 a 38, o Senhor voltou a atenção de Jó para as nuvens. Uma vez que Jó conhecia as leis dos céus, poderia ordenar que as nuvens dessem chuva? Seu servo, o relâmpago, apresentava-se para o trabalho? Acaso Jó poderia inventariar as nuvens e virá-las como odres para despejarem a chuva?

Criar tudo isso é uma coisa; manter essa criação para o bem dos seres humanos é outra bem diferente. Em seguida, o Senhor passou para uma série de perguntas sobre sua operação providencial no mundo, saindo do mundo inanimado e passando para o animado.

2. “VOCÊ É CAPAZ DE SUPERVISIONAR MINHA CRIAÇÃO?” (JÓ 38:39 – 39:30)

O Senhor fez desfilar diante da imaginação de Jó uma série de seis feras (leoa, cabra, corça, jumento selvagem, boi selvagem e cavalo) e quatro aves (corvo, avestruz, falção e águia). Ao contemplar essas criaturas,

Jó não tinha resposta alguma para a pergunta: “Você sabe como vivem e como cuidar delas?”. É evidente que Jó pôde apenas responder que não.

A providência de Deus é, sem dúvida, extraordinária (ver Sl 104). Em sua sabedoria e poder, Deus supervisiona todo o universo e se certifica de que todas as criaturas recebam os cuidados de que necessitam. “Abres a mão e satisfazes de benevolência a todo vivente” (Sl 145:16). Nós, seres humanos, temos dificuldade de manter o maquinário da vida operando corretamente, mas Deus dirige todo o universo com tal precisão que construímos nossas leis científicas sobre sua criação.

Jó sabia como alimentar os leõezinhos ou os filhotes do corvo (Jó 38:39-41)? Poderia sequer dizer quando estão famintos? Onde encontraria comida para eles? Os corvos sabiam achar alimento nas carcaças deixadas para trás pelos leões, pois Deus havia ensinado os pássaros (até mesmo os corvos imundos!) a encontrar comida.

Em seguida, Deus passou da morte para o nascimento. Acaso Jó sabia o período de gestação das cabras e das corças, e como seus filhotes nasciam (39:1-4)? Como os pequeninos crescem em segurança e como a mãe sabe quando estão prontos para deixar o lar? Os pastores e fazendeiros ajudam seus animais durante a gestação e o nascimento, mas as feras do campo dão à luz sozinhas.

O jumento selvagem (vv. 5-8), também conhecido como *onagro*, vagava pelo deserto livremente e se recusava a ser domesticado. Sobrevivia sem a ajuda dos seres humanos, pois Deus o havia ensinado como tomar conta de si mesmo. O boi selvagem (o *atouque*) era outro animal “solitário” (vv. 9-12), que se recusava a sujeitar-se à autoridade dos seres humanos. Não era possível mantê-lo preso no celeiro, atrelá-lo ao arado nem forçá-lo a debulhar grãos.

“Então, Jó”, perguntou o Senhor, “se você não é capaz de ser bem-sucedido nem com esses animais, como pretende sair-se bem quando se encontrar comigo no tribunal? Quão forte pensa que é?”

Em seguida, Deus passou a descrever o avestruz (vv. 13-18). Nesse parágrafo, não fez qualquer pergunta para Jó, mas simplesmente o lembrou da anatomia incomum e do comportamento estranho dessa ave, sugerindo que talvez Jó fosse capaz de explicá-los.

O avestruz tem lindas asas que parecem bastante úteis, mas só o que consegue fazer com elas é abaná-las! Por que Deus fez uma ave que não consegue voar, mas que é capaz de correr com mais velocidade do que um cavalo? Por que criou uma ave que coloca seu ninho num lugar tão vulnerável que seus ovos podem ser destruídos ou comidos por algum predador? Ao contrário da maioria das aves, por que ele parece não se importar com os filhotes?

O próximo da lista é o cavalo (vv. 19-25), um animal extremamente admirado e estimado por sua força e coragem. Trata-se da descrição de um cavalo de guerra, não de um animal que trabalha numa fazenda; podemos vê-lo empinando e trotando, ansioso para entrar na batalha. Quando ouve a trombeta, não consegue ficar parado e corre a tamanha velocidade que parece “devorar o caminho”. Foi Deus, não Jó, quem fez o cavalo com a força e a habilidade necessárias para enfrentar o perigo e para servir com eficiência no campo de batalha.

O desfile se encerra com duas aves, o falcão e a águia (vv. 26-30). Quem deu às aves o instinto de migrar e o conhecimento para construir ninhos? Não foi Jó! As águias constroem seus ninhos no alto dos penhascos, mas Deus lhes deu uma visão aguçada para que pudessem enxergar sua presa de longe, mergulhar sobre ela e capturá-la. As águias também são capazes de encontrar carcaças, que usam como alimento para si mesmas e para seus filhos, pois foi assim que Deus as criou.

3. A PRIMEIRA RESPOSTA DE JÓ (JÓ 40:1-5)

Deus usou uma linguagem que refletia o desejo de Jó de levá-lo a um tribunal e de pleitear sua causa. “Acaso, quem usa de censuras contenderá com o Todo-Poderoso? Quem assim argúi a Deus que responde”

(Jó 40:2). Deus apresentou seu pleito e, em seguida, deu a Jó a oportunidade de fazer o mesmo. Mas Jó não tinha o que dizer! Suas primeiras palavras foram: “Sou indigno!”, ou seja, “Sou insignificante e desprezível. Não tenho direito algum de contender com Deus”. Jó dissera a seus amigos para cobrirem a boca (21:5) e outros haviam coberto a boca quando Jó apareceu (29:9); mas nessa passagem, é Jó quem precisa cobrir a boca a fim de não dizer algo inapropriado (Pv 30:32; Rm 3:19). *Enquanto não somos silenciados diante de Deus, ele não pode fazer por nós aquilo que precisa ser feito.* Enquanto nos defendemos e argumentamos com Deus, ele não pode trabalhar para nós nem dentro de nós, a fim de realizar seus planos por nosso intermédio.

Mas Jó ainda não estava inteiramente quebrantado e sinceramente arrependido. Permaneceu calado, mas seu silêncio ainda não era de submissão, de modo que Deus continuou seu discurso.

4. “VOCÊ É CAPAZ DE SUBJUGAR MINHA CRIAÇÃO?” (JÓ 40:6 - 41:34)

Em vez de confrontar Jó novamente com a vastidão de sua criação, Deus selecionou apenas duas criaturas e pediu a Jó que as considerasse. Era como se Deus estivesse dizendo: “Meu universo todo é demais para sua compreensão. Porém, aqui estão dois de meus melhores produtos. O que você é capaz de fazer com eles?”

O que está em questão agora não é mais o *poder* de Deus, mas sim sua *justiça* (Jó 40:8). De acordo com Jó, Deus havia sido injusto com ele (6:29; 27:1-6) e também em seu modo de tratar os perversos (21:29-31; 24:1-17). Em 40:9-14, Deus perguntou: “Jó, você tem a força e a ira santa necessárias para julgar os pecadores? Se as tem, então comece a julgá-los! Humilhe os pecadores orgulhosos e esmague os perversos! Enterre-os! Você diz que pode fazer melhor do que eu e julgar o mundo com justiça, então deixarei isso a seu encargo!”

Porém, antes de Deus permitir que Jó fizesse justiça contra os pecadores do mundo, pediu que vestisse seus mantos majestosos

e que “treinasse” com duas de suas mais excelentes criaturas: o hipopótamo (vv. 15-24) e o crocodilo (41:1-34). Caso Jó conseguisse subjugar-los, se mostraria qualificado para executar o julgamento contra o mundo pecador.

O hipopótamo (40:15-24). A maioria dos estudiosos concorda que o animal descrito nessa passagem é o hipopótamo, apesar de alguns preferirem o elefante ou o búfalo da Índia. O termo “*beemote*” usado em algumas versões é uma transliteração da palavra hebraica que significa uma “super-fera”. Hoje em dia, é provável que os caçadores bem equipados, com suas armas modernas, não sejam intimidados pelo tamanho nem pela força do hipopótamo, mas nos tempos das lanças e flechas, tratava-se de um inimigo descomunal.

Deus lembrou Jó de que havia criado tanto o hipopótamo quanto o homem (v. 15) e, no entanto, havia feito um diferente do outro. O hipopótamo come capim e é forte e poderoso; Jó se alimentava de várias iguarias e era fraco e incapaz de lutar com aquele animal. O hipopótamo possuía um corpo vigoroso, com músculos fortes e ossos resistentes como bastões de ferro. Em termos comparativos, o corpo do homem era fraco e fácil de ferir. O hipopótamo passa os dias vagando pelo rio - seu corpo escondido debaixo da água - e se alimenta da vegetação carregada dos morros pelas chuvas; o homem, por sua vez, precisa trabalhar arduamente para ganhar seu pão de cada dia. Um rio de águas agitadas não assusta o hipopótamo, tampouco os caçadores o amedrontam. No tempo de Jó, era praticamente impossível capturar o hipopótamo, mas como é fácil capturar um homem!

Em seguida, o Senhor pergunta a Jó: “Será que você é capaz de capturar e subjugar essa criatura descomunal? Caso consiga, então acreditarei que é capaz de julgar o mundo com justiça”.

O crocodilo (Jó 41:1-34). O termo “*leviatã*” é a transliteração de uma palavra hebraica, cujo radical significa “envergar, retorcer”. O termo era usado para descrever os “monstros marinhos” que, supostamente,

habitavam o Mediterrâneo. É possível que Salmos 104:25, 26 seja uma referência a baleias ou a golfinhos. Os israelitas usavam essa palavra para descrever os inimigos (Is 27:1), especialmente o Egito (Sl 74:13,14). Apocalipse 12:9 refere-se a Satanás como “a antiga serpente”. Na mitologia, o *leviatã* era um monstro com várias cabeças que dominava sobre as águas e não temia homem algum.

“Você é capaz de apanhar o crocodilo?”, perguntou o Senhor. “E se conseguir, o que fará com ele?” (ver Jó 41:1-11). O que se pode fazer com um crocodilo depois de capturá-lo? Por mais dócil que pareça ser, é impossível transformá-lo num animal de estimação (vv. 3-5). Os comerciantes não vão querer comprá-lo (v. 6). Se tentar treiná-lo, não tardará a desistir e nunca mais fará outra tentativa (vv. 8, 9)! Assim, Deus inferiu uma conclusão prática: “Se você nem sequer consegue lidar com um crocodilo, como imagina ser capaz de ficar diante de mim algum dia?” (ver vv. 10, 11).

Nos versículos 12 a 24, Deus apresenta uma descrição poética dos membros fortes dessa grande criatura, de seus dentes ameaçadores, de suas mandíbulas poderosas e de sua carapaça impenetrável (vv. 12-17). Quando o crocodilo agita as águas do rio e expele água, o sol reflete no vapor e parece fogo e fumaça saindo da boca de um dragão (vv. 18-21). Sua armadura é tão forte que pode ir a qualquer parte sem temer coisa alguma (vv. 22-24).

Este capítulo encerra com uma descrição da ira e da coragem do crocodilo (vv. 25-34). As pessoas fogem dele amedrontadas (v. 25), mas ele não se esquiva delas. Nos versículos 26 a 29, Deus cita o nome de oito armas distintas das quais o crocodilo se ri e trata como se fossem pedaços de palha ou madeira podre. Assim como essa criatura não teme coisa alguma a *seu redor*, também não se preocupa com coisa alguma *debaixo dela*, pois sua parte inferior é protegida por um revestimento semelhante a cacos afiados de cerâmica (v. 30). Não teme inimigo algum na terra nem na água (vv. 31, 32), pois faz a água espumar como ingredientes na vasilha de um farmacêutico. E quando corta as águas,

as ondas parecem os cabelos grisalhos de um homem idoso!

5. A SEGUNDA RESPOSTA DE JÓ (JÓ 42:1-6)

Jó sabia que havia sido derrotado. Não havia meio de pleitear sua causa diante de Deus. Usando as palavras do próprio Deus (Jó 42:3, 4), Jó humilhou-se diante do Senhor e reconheceu o poder e a justiça de Deus na execução de seus planos (v. 2). Então, Jó admitiu que havia falado sobre coisas que não compreendia (v. 3). Retirou suas acusações de que Deus não o havia tratado com justiça. Percebeu que tudo o que Deus fazia era certo e que o ser humano deveria aceitar pela fé todas as coisas das mãos de Deus.

Disse Jó ao Senhor: "Não sou capaz de responder a suas perguntas! Só me resta confessar meu orgulho, me humilhar e me arrepender". Até então, o conhecimento de Jó acerca de Deus havia sido indireto e pessoal, mas isso havia mudado. Jó havia se encontrado com Deus pessoalmente e se dado conta de que ele próprio não passava de pó e cinzas (v. 6; 2:8, 12; Gn 18:27).

Nas palavras de Charles Spurgeon: "A porta do arrependimento abre-se para o salão da alegria", e foi exatamente o que aconteceu com Jó. No auge do livro, Jó, *o pecador*, torna-se Jó, *o servo de Deus* (Jó 42:7-9). Em quatro ocasiões nesses versículos, Deus usa um título especial do Antigo Testamento: "Meu servo" (1:8; 2:3). De que maneira Jó serviu ao Senhor? Suportando o sofrimento sem amaldiçoar a Deus e, portanto, calando o diabo! O sofrimento que ocorre dentro da vontade de Deus é um ministério que Deus concede a uns poucos escolhidos.

Porém, o servo Jó torna-se também o *intercessor*. Deus estava irado com os três amigos, pois eles não haviam dito a Jó a verdade sobre Deus (42:7) e precisavam se reconciliar com Jó para que ele pudesse orar pelos três. *Jó se transformou no mediador entre Deus e seus três amigos!* Ao perdoar os amigos e orar por eles, Jó trouxe de volta as bênçãos para a própria vida (v. 10). Quando nos recusamos a perdoar a outros, provocamos nosso próprio sofrimento.

No final, Jó ficou com o dobro do que antes possuía. Teve vinte filhos: dez que estavam com Deus e dez em sua casa. (Jó e sua esposa se reconciliaram.) Os amigos e parentes trouxeram dinheiro para um "fundo de restauração" que Jó deve ter usado para comprar animais reprodutores, e logo seus rebanhos estavam duas vezes maiores que os primeiros. Voltou a ser um homem rico. Se essa mesma fórmula também se aplicou à idade de Jó, no começo da história ele deveria ter 70 anos de idade (Sl 90:10), e Deus permitiu que Jó vivesse mais duas vezes esse tanto (Jó 42:16).

No Oriente, os pais orgulhavam-se de maneira especial das filhas bonitas, e Jó teve três filhas assim: Jemima ("pomba"), Quezia ("canela") e Quéren-Hapuque ("recipiente de tinta para os olhos"). Jemima possuía tranquilidade, Quezia possuía perfume e Quéren-Hapuque tinha os cosméticos!

Falecer "velho e farto de dias" era o objetivo de toda pessoa. Trata-se de um conceito que vai além de uma vida longa. Significa uma vida rica e plena que termina bem. Foi assim que Abraão e Isaque morreram (Gn 25:8; 35:29), e também o rei Davi (1 Cr 29:28).

1. TOURNIER, Paul. *Guilt and Grace* [Culpa e Graça]. Harper & Row, p. 86.

POSLÚDIO

Não devemos interpretar equivocadamente esse último capítulo e concluir que toda provação terminará com todos os problemas solucionados, todas as mágoas perdoadas e todos “vivendo felizes para sempre”. Não é assim que acontece! Esse texto garante que, não importa o que venha a acontecer conosco, *Deus sempre escreve o último capítulo*. Portanto, não precisamos ter medo. Podemos crer que Deus fará aquilo que é certo, por mais dolorosa que seja nossa situação.

Porém, a maior bênção de Jó não foi reaver sua riqueza nem reconstruir sua família e

seu círculo de amigos. Sua maior bênção foi *conhecer melhor a Deus e compreender seu modo de agir de maneira mais profunda*. Como Tiago escreve: “Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo” (Tg 5:11). E Hebreus 12:11 lembra que: “Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça”.

G. Campbell Morgan escreveu: “Em toda a história de Jó, vemos a paciência de Deus e a persistência do ser humano. Quando essas duas coisas agem de maneira solidária, o resultado é inequívoco. O ouro sai do fogo e a coroa da vida é entregue”!

Não importa o que Deus permita que aconteça em nossa vida, sempre existe seu “depois”. Ele escreve o último capítulo, e isso faz com que todo o resto valha a pena.

Portanto, seja paciente!

1. MORGAN, G. Campbell. *The Answers of Jesus to Job [As Respostas de Jesus a Jó]*. Baker, p. 117.

SALMOS

O Livro de Salmos foi e continua sendo insubstituível como guia devocional, livro de orações e hinário do povo de Deus. Seu título hebraico é “livro de louvores” (*tehillim*). A tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) empregou o termo *psalmos* no lugar de *tehillim*, sendo que o termo grego quer dizer “um cântico entoado com o acompanhamento de um instrumento de cordas”. A Vulgata seguiu a Septuaginta e chamou o livro de *psalorum*, do latim *psalterium*, “um instrumento de cordas”. A versão *King James* adotou esse termo e, assim, temos o Livro de Salmos.

ESCRITORES

Os escritores de cerca de dois terços dos salmos são identificados nos sobrescritos. Davi aparece em primeiro lugar com 73 salmos. Foi o “mavioso salmista de Israel” (2 Sm 23:1) e organizou o ministério no templo, inclusive os cantores (1 Cr 15:16; 16:7; 25:1). Os filhos de Corá, músicos do templo (1 Cr 6:31ss; 15:17ss; 2 Cr 20:19), escreveram 11 salmos (42 - 49, 84, 85, 87), Asafe escreveu 12, o rei Salomão escreveu dois (Sl 72 e 127), Etã escreveu um salmo (Sl 89) e Moisés também escreveu um (Sl 90). Porém, nem todos os estudiosos atribuem o mesmo valor aos títulos dos salmos.

ORGANIZAÇÃO

O Livro de Salmos é dividido em cinco livros, talvez imitando os Cinco Livros de Moisés (Gn - Dt): 1 - 41, 42 - 72, 73 - 89, 90 - 106, 107 - 150. Cada um dos três primeiros

livros termina com um “amém” duplo; o quarto se encerra com um “amém” e um “aleluia”, e o último termina a coleção toda com um “aleluia”. O Livro de Salmos foi crescendo ao longo dos anos, à medida que o Espírito Santo dirigia vários escritores e editores para compor e compilar esses cânticos e poemas. Davi escreveu 37 dos 41 salmos do Livro I, de modo que esse foi o começo da coleção. É bem possível que os Livros II e III tenham sido compilados pelos “homens de Ezequias” (Pv 25:1), uma sociedade literária do tempo do rei Ezequias que copiou e preservou manuscritos valiosos do Antigo Testamento. O próprio Ezequias era escritor de poesia sacra (Is 38). Os Livros IV e V provavelmente foram compilados e acrescentados à coleção no tempo de Esdras (Ed 7:1-10). Assim como nossos hinários modernos, o Livro de Salmos apresenta “subconjuntos” como “os cânticos de romagem” (120 - 134), os escritos de Asafe (73 - 83), os salmos dos filhos de Corá (42 - 49) e os “salmos de aleluia” (113 - 118, 146 - 150).

POESIA

A poesia hebraica não se baseia em rimas, mas sim em “linhas de pensamento”. Se a segunda linha repete a primeira com palavras diferentes, como no caso do Salmo 24:1-3, tem-se um *paralelismo sinônimo*. Se a segunda linha contrasta com a primeira, como no caso dos Salmos 1:6 e 37:9, trata-se de um *paralelismo antitético*. Quando a segunda linha explica ou expande a primeira, o escritor empregou um *paralelismo sintético*

(Sl 19:7-9), mas quando a segunda linha completa a primeira, trata-se de um *paralelismo culminante* (Sl 29:1). No caso do *paralelismo iterativo*, a segunda linha repete a idéia da primeira (Salmo 93) e, no caso do *paralelismo alternativo*, as linhas alternadas apresentam as mesmas idéias, como é o caso no Salmo 103:8-13. Não tem muito cabimento falar de púlpito desses termos técnicos, mas o conhecimento deles pode ser de grande ajuda no estudo dos salmos. Para interpretar que, no Salmo 103:3, Deus promete curar todas as enfermidades, é preciso deixar de fora o paralelismo sinônimo do versículo: o perdão dos pecados é como a cura de uma enfermidade (ver Sl 41:4).

Alguns dos salmos são lamentos ao Senhor, escritos por pessoas em circunstâncias extremamente difíceis. Também há salmos messiânicos, que apontam para o Senhor Jesus Cristo. Além disso, há salmos de louvor e de ações de graças, salmos reais, salmos de sabedoria, salmos de afirmação e confiança, salmos de penitência e, até mesmo, salmos imprecatórios que clamam pela ira de Deus sobre os inimigos. Trataremos de cada uma dessas categorias à medida que forem surgindo em nossos estudos.

IMPORTÂNCIA

No Novo Testamento, encontramos mais de quatrocentas alusões ou citações de Salmos. Jesus citou o Livro de Salmos (Mt 5:5 / Sl 37:11; 5:36 / Sl 48:3; 6:26 / Sl 147:9; 7:23 / Sl 6:8; 27:46 / Sl 22:1; Jo 15:25 / Sl 69:4). Quando a igreja de Jerusalém escolheu um novo apóstolo, o Senhor a orientou com palavras do Livro de Salmos (At 1:15ss; Sl 69:25; 109:8). A Igreja primitiva também usou os Salmos como fundamento para sua pregação (At 2:31; Sl 16:10) e como fonte de estímulo em tempos de perseguição (At 4:23-31; Sl 2). O cântico de certos salmos fazia parte de seus cultos (Ef 5:19; Cl 3:16; 1 Co 14:26) e deve ser parte dos cultos das igrejas hoje. É proveitoso e interessante estudar a história da Bíblia do ponto de vista dos salmistas: a criação (8), o dilúvio (29), os patriarcas (47:9, 105:9,

47:4), José (105:17ss), o êxodo (114), o povo vagando pelo deserto (68:7, 106:1ss) e o cativoiro (85, 137).

Porém, antes de tudo, os salmos se referem a Deus e a seu relacionamento com sua criação, as nações do mundo, Israel e seu povo fiel. Ele é considerado um Deus poderoso e, ao mesmo tempo, um Pai bondoso, um Deus que cumpre suas promessas e que cuida de seu povo com amor. Os salmos também revelam o coração daqueles que o seguem, sua fé e suas dúvidas, suas vitórias e fracassos e suas esperanças de um futuro glorioso prometido por Deus. Neste Livro, vemos pessoas de todos os tipos nas circunstâncias mais variadas, clamando e louvando a Deus, confessando seus pecados e procurando adorar ao Senhor de maneira mais profunda. No Livro de Salmos, encontramos o Deus da criação e aprendemos verdades espirituais por meio das aves e das feras, das montanhas e desertos, do brilho do Sol e da chuva, do trigo e do restolho, das árvores e das flores. Aprendemos com criaturas de todos os tipos – cavalos, mulas, cães, caracóis, abelhas, gafanhotos, leões, cobras e até vermes. Os salmos nos ensinam a buscar a Deus de todo o coração, a dizer-lhe a verdade, a compartilhar com ele todas as coisas e a adorá-lo simplesmente por aquilo que ele é – e não apenas por aquilo que ele dá. Mostram como aceitar as tribulações e transformá-las em vitórias, e, quando falhamos, ensinam como nos arrependermos e recebermos o perdão bondoso de Deus. O Deus descrito no Livro de Salmos é tanto transcendente quanto imanente, encontra-se nas mais distantes alturas e, ao mesmo tempo, está presente pessoalmente conosco em nossa jornada de peregrinos. Ele é o “Altíssimo” e o “Emanuel – Deus conosco”.

OBSERVAÇÃO

Nestes estudos, as referências aos versículos nos salmos não serão precedidas da abreviação “Sl”. As referências a versículos de outros livros da Bíblia serão identificadas da maneira habitual. Ao me referir ao Livro de Salmos, usarei a designação “Salmos”.

LIVRO I

SALMOS 1 – 41

SALMO 1

O editor que colocou esta preciosidade no começo de Salmos agiu com sabedoria, pois as palavras desse cântico indicam o caminho para a bênção e advertem sobre o julgamento divino – dois temas frequentes nos Salmos. As imagens desse salmo lembram o leitor dos ensinamentos anteriores do Antigo Testamento. Em Gênesis, vemos pessoas caminhando com Deus (5:21, 24; 6:9; 17:1), o rio que dá vida (2:10-14) e também árvores e frutos (2:8-10). A lei do Senhor relaciona o salmo ao êxodo por meio de Deuteronômio. Ser bem-sucedido pela meditação dessa lei e obediência a ela nos faz lembrar Josué 1:8. O salmo apresenta dois caminhos: o da bênção e o do julgamento; e Israel deveria escolher um deles (Dt 30:15, 19). Jesus usa uma imagem semelhante (Mt 7:13, 14). A história da Bíblia parece desenvolver-se em torno do conceito de “dois homens”: o “primeiro Adão” e o “último Adão” (Rm 5; 1 Co 15:45) – Caim e Abel, Ismael e Isaque, Esaú e Jacó, Davi e Saul – e chega a seu ápice em Cristo e o Anticristo. Dois homens, dois caminhos, dois destinos.

O Salmo 1 é um salmo de sabedoria e trata da Palavra de Deus, das bênçãos de Deus sobre aqueles que meditam sobre essa Palavra e lhe obedecem e do julgamento final de Deus sobre os rebeldes. Os salmos de sabedoria também lidam com o problema do mal no mundo e a questão de Deus permitir a prosperidade dos perversos que rejeitam sua lei. Os outros salmos de sabedoria são: 10, 12, 15, 19, 32, 34, 37, 49, 50, 52, 53, 73, 78, 82, 91, 92, 94, 111, 112, 119, 127, 128, 133 e 139. Apesar de esse

primeiro salmo retratar dois caminhos, na verdade descreve três pessoas diferentes e como se encontram relacionadas às bênçãos do Senhor.

1. A PESSOA QUE RECEBE UMA BÊNÇÃO DE DEUS (Sl 1:1, 2)

A aliança de Deus com Israel deixava claro que ele abençoaria a obediência e julgaria a desobediência (Lv 26; Dt 28). O termo “bem-aventurado” é *asher*, nome de um dos filhos de Jacó (“Aser”; Gn 30:12). Trata-se de um termo plural: “Ó, as alegrias! Ó, as bem-aventuranças!” A pessoa descrita nesse salmo cumpria os pré-requisitos e, portanto, era abençoada por Deus.¹ Se desejamos as bênçãos de Deus, também precisamos preencher certas condições.

Devemos ser dirigidos pela Palavra (v. 1).

Israel era um povo singular e separado; estava no meio das nações, mas não devia ser contaminado por elas (Nm 23:9; Êx 19:5, 6; Dt 32:8-10; 33:28). O mesmo se aplica ao povo de Deus hoje: estamos no mundo mas não somos do mundo (Jo 17:11-17). Devemos nos guardar de ter amizades com o mundo (Tg 4:4) que nos levem a ser maculados por ele (Tg 1:27) e até mesmo a amar o mundo (1 Jo 2:15-17). O resultado será a conformação com o mundo (Rm 12:1, 2) e, se não nos arrependermos, seremos condenados com o mundo (1 Co 11:32). Ló olhou em direção a Sodoma; em seguida, levantou sua tenda voltada para Sodoma e não tardou a mudar-se para lá (Gn 13:10-12; 14:12). Apesar de ser um homem salvo (2 Pe 2:7, 8), Ló perdeu tudo o que tinha quando o Senhor destruiu as cidades da planície (Gn 18 – 19; 1 Co 3:11-23). É aos poucos que mudamos para uma situação de pecado e de desobediência (ver Pv 4:14, 15 e 7:6ss). Se seguirmos os conselhos errados, ficaremos com as companhias erradas e, por fim, nos assentaremos com as pessoas erradas. Quando Jesus foi preso, Pedro não seguiu o conselho de Cristo para que fugisse do jardim (Mt 26:31; Jo 16:32; 18:8). Em vez disso, seguiu Jesus e entrou no pátio do sacerdote. Lá, ele ficou com os inimigos (Jo 18:15-18) e, por fim, se assentou com eles (Lc 22:55).

Em decorrência disso, negou Cristo três vezes. Os “ímpios” são pessoas deliberada e persistentemente perversas; os “pecadores” são aqueles que erram os alvos determinados por Deus, mas não se importam com isso; os “escarnecedores” fazem pouco das leis de Deus e ridicularizam aquilo que é sagrado (ver Pv 1:22; 3:24; 21:24).² Quando rir das coisas sagradas e desobedecer às leis se torna uma forma de entretenimento, é porque, de fato, as pessoas chegaram ao fundo do poço.

Devemos ter prazer na Palavra (v. 2). Passamos do aspecto negativo, no versículo 1, para o positivo. O prazer na Palavra e a meditação sobre a Palavra devem andar juntos (119:15, 16, 23, 24, 47, 48, 77, 78), pois pensamos sobre aquilo que nos dá prazer, e essas são as coisas que buscamos. No hebraico, “meditar” significa “dizer em voz baixa e suave”, pois é o que os judeus ortodoxos fazem quando lêem as Escrituras, meditam e oram. A Palavra de Deus está em sua boca (Js 1:8). Se falarmos com o Senhor sobre a Palavra, a Palavra falará conosco sobre o Senhor. É isso o que significa “permanecer” na Palavra (1 Jo 2:14, 24). Como povo de Deus, devemos preferir a Palavra aos alimentos (119:103; Jó 23:12; Jr 15:17; Mt 4:4; 1 Pe 2:2), ao sono (119:55, 62, 147, 148, 164), às riquezas (119:14, 72, 127, 162) e aos amigos (119:23, 51, 95, 119). A maneira de tratarmos a Bíblia é a maneira de tratarmos Jesus Cristo, pois a Bíblia é a Palavra dele para nós. No original, os verbos do versículo 1 encontram-se no tempo perfeito e se referem a um modo de vida determinado, enquanto no versículo 2, “meditar” está no tempo imperfeito e indica uma prática constante. “Ele fica meditando”.³

2. A PESSOA QUE É UMA BÊNÇÃO (Sl 1:3)

Deus nos abençoa para que possamos abençoar a outros (Gn 12:2). Se as bênçãos ficam conosco, as dâdivas tornam-se mais importantes do que o Doador, e isso é idolatria. Devemos nos tornar canais das bênçãos de Deus para outros. É uma alegria receber uma bênção, mas alegria maior ainda é ser uma

bênção. “Mais bem-aventurado é dar do que receber” (At 20:35).

A imagem da árvore aparece com freqüência nas Escrituras e simboliza tanto um reino (Ez 17:24; Dn 4; Mt 13:32) quanto um indivíduo (52:8; 92:12-14; Pv 11:30; Is 44:4 e 58:11; Jr 17:5-8; Mt 7:15-23). Balaão considerou o povo de Israel “como cedros junto às águas” (Nm 24:6). Assim como uma árvore, a pessoa temente a Deus é cheia de vida, beleza e frutos e é proveitosa e duradoura. A parte mais importante de uma árvore são suas raízes que ficam dentro do solo e retiram dele a água e os nutrientes. Assim também, a parte mais importante da vida de um cristão são suas “raízes espirituais”, que se alimentam dos recursos ocultos que possuímos em Cristo (Ef 3:17; Cl 2:7). É isso o que significa “permanecer em Cristo” (Jo 15:1-9).

Nas Escrituras, a água potável é uma figura do Espírito de Deus (Jo 7:37-39; 1 Co 10:4), enquanto a água para se lavar retrata a Palavra de Deus (Sl 119:9; Jo 15:3; Ef 5:26). A sede de água é uma imagem da sede de Deus (42:1; 63:1; 143:6; Mt 5:6; Ap 22:17), e, com freqüência, um rio retrata a provisão divina de bênçãos espirituais e de ajuda para seu povo (36:8; 46:4; 78:16; 105:41; Êx 17:5, 6; Nm 20:9-11; Ez 47; Ap 22:1, 2). Não somos capazes de nos nutrir nem de nos sustentar por nossa própria conta; precisamos estar arraigados em Cristo e nos alimentar de seu poder espiritual. Uma das fontes de energia é a meditação na Palavra (v. 2); as outras são a oração e a comunhão com o povo de Deus. Como escreveu Alexander Maclaren: “A religião não tem volume nem profundidade, pois não é alimentada por mananciais ocultos”.

As árvores podem secar e morrer, mas aquele que permanece em Cristo mantém-se sempre verde e dá muitos frutos (ver 92:12-14). Os “frutos” se referem aqui a várias bênçãos: ganhar pessoas para Cristo (Rm 1:13), ter um caráter piedoso (Rm 6:22, Gl 5:22, 23), contribuir financeiramente para a obra do Senhor (Rm 15:28), servir e realizar boas obras (Cl 1:10) e louvar ao Senhor (Hb 13:15). É triste quando um cristão não dá

atenção a suas raízes e começa a secar. Lembre que a árvore não come os frutos: eles são para outros. Também não podemos esquecer que frutos não são a mesma coisa que “resultados”, pois os frutos têm dentro de si as sementes para mais frutos. São decorrentes da vida de Deus fluindo por nós.

O justo descrito nos versículos 1 a 3 é, sem dúvida, um retrato de Jesus Cristo, que, de acordo com João 14:6, é o caminho (v. 1), a verdade (v. 2) e a vida (v. 3).

3. A PESSOA QUE PRECISA DE UMA BÊNÇÃO (Sl 1:4-6)

A primeira metade do salmo descreve uma pessoa temente a Deus, enquanto a segunda metade concentra-se nos ímpios – *aqueles que os cristãos devem procurar alcançar com o evangelho*. Como essas pessoas precisam conhecer a Deus e receber suas bênçãos em Cristo! As Escrituras descrevem os perversos de várias maneiras, sendo que, nesse caso, a imagem usada é a da palha. Ao contrário dos justos, que são como árvores, os ímpios são mortos, sem raízes, espalhados por toda parte e destinados ao fogo. A palha não tem valor algum. Quando os grãos são selecionados, o vento leva a palha embora e toda a palha que ainda resta é queimada. João Batista usou essas mesmas imagens de árvore, fruto e palha para advertir os pecadores e chamá-los ao arrependimento (Mt 3:7-12). Os perversos deste mundo parecem ricos e fortes, mas do ponto de vista de Deus, são desprezíveis, frágeis e destinados ao julgamento. (Ver Sl 73.) Não é de se admirar que Jesus usasse o depósito de lixo do lado de fora de Jerusalém (conhecido como *gehena*) como uma figura do inferno, pois era lá que os restos sem valor iam para o fogo (Mc 9:43-48). A palha fica muito próxima dos grãos, mas no final, os dois são separados, e a palha é levada pelo vento ou queimada. Até que isso aconteça, porém, temos a oportunidade de testemunhar aos ímpios e de levá-los para Cristo.

Quando o dia do julgamento chegar, o Senhor, o Justo Juiz, separará o trigo do joio, as ovelhas dos bodes e os grãos da palha, e nenhum incrédulo poderá reunir-se com os

justos. O verbo *conhecer*, no versículo 6, não quer dizer que Deus está apenas ciente da existência dos justos em nível intelectual e que se lembra deles. Antes, significa que os escolheu e que os guardou providencialmente, conduzindo-os, por fim, a sua glória. Como no caso de Amós 3:2, o termo *conhecer* é usado com o sentido de “escolher, entrar numa relação de aliança, ter um relacionamento pessoal”.⁴ No dia do julgamento final, Jesus dirá aos perversos: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7:23).

Este salmo começa com a idéia de ser “bem-aventurado” e encerra com o conceito de ser “destruído”. Os verdadeiros cristãos são abençoados em Cristo (Ef 1:3ss). Receberam a bênção de Deus e podem ser uma bênção para outros, especialmente para a palha que um dia será lançada ao fogo. Esforcemo-nos para ganhar o máximo de pessoas para Cristo.

SALMO 2

O Salmo 1 enfatiza a lei de Deus, enquanto o Salmo 2 concentra-se na profecia. As pessoas no Salmo 1 se comprazem com a lei, mas as pessoas do Salmo 2 desafiam a lei. O Salmo 1 começa com uma bem-aventurança e o Salmo 2 termina com uma bem-aventurança. O Novo Testamento não cita o Salmo 1 em momento algum, mas cita ou faz mais alusões ao Salmo 2 do que a qualquer outro salmo – usando-o em pelo menos dezoito ocasiões (ver Mt 3:17; 7:23; 17:5; Mc 1:11; 9:7; Lc 3:22; 9:35; Jo 1:49; At 4:25, 26; 13:33; Fp 2:12; Hb 1:2, 5; 5:5; Ap 2:26, 27; 11:18; 12:5; 19:15). Trata-se de um salmo messiânico, assim como os Salmos 8, 16, 22, 23, 40, 41, 45, 68, 69, 102, 110 e 118. Para que um salmo seja considerado messiânico, ele deve ser citado no Novo Testamento com referência a Jesus (Lc 24:27, 44). No entanto, o Salmo 2 também é um salmo real, pois trata da coroação de um rei de Israel e da rebelião de algumas nações vassalas que desejavam se libertar. Os Salmos 18, 20, 21, 45 (um casamento real), 72, 89, 101, 110 e 144 também são salmos reais. De acordo com Atos 4:25, este salmo

foi escrito por Davi, de modo que é possível ser decorrente dos acontecimentos relatados em 2 Samuel 5:17-25, 8:1-14 e 10:1-19.

Israel foi governado diretamente pelo Senhor, por meio de profetas e de juízes, até que a nação pediu um rei (1 Sm 8). O Senhor sabia que isso aconteceria (Gn 17:6, 16; 35:11; Nm 24:7, 17) e fez todos os preparativos (Dt 17:14-12). Saul não foi escolhido para fundar uma dinastia, pois o rei viria da tribo de Judá (Gn 49:10), e Saul era da tribo de Benjamim. Davi era o homem que Deus havia escolhido para instituir a dinastia que, a seu tempo, daria ao mundo o Messias (2 Sm 7). Porém, o Salmo 2 e 2 Samuel 7 vão muito além de Davi e de seus sucessores, pois tanto a aliança quanto o salmo falam de um reino universal e de um trono estabelecido para sempre – um reinado que só pode se cumprir em Jesus Cristo, o Filho de Davi (Mt 1:1).

Alguns salmos são feitos para serem *vis-tos* (114, 130, 133), outros, para serem *sentidos* (22, 129, 137, 142), mas este é para ser *ouvido*, pois é o registro de quatro vozes.

1. CONSPIRAÇÃO – A VOZ DAS NAÇÕES (Sl 2:1-3)

Ao fazer essa pergunta, Davi não espera uma resposta, pois na realidade não existe resposta. Trata-se, antes, de uma expressão de admiração: “Ao pensar em tudo o que o Senhor fez pelas nações, como foram capazes de rebelar-se contra ele!” Deus havia suprido suas necessidades básicas (At 14:15-17), guiado, *guardado com vida e enviado um Salvador para oferecer perdão e vida eterna* (At 17:24-31; ver Dn 4:32). No entanto, desde a torre de Babel (Gn 11) até a crucificação de Cristo (At 4:21-31) e o Armagedom (Ap 19:11ss), a Bíblia registra as rebeliões tolas e inúteis da humanidade contra a vontade do Criador. Os reis e outros governantes menores formam uma conspiração para romper os vínculos que o Senhor havia estabelecido para o próprio bem deles. Vemos aqui o retrato de um animal obstinado e enfurecido, tentando romper as amarras que prendem o jugo a seu corpo (Jr 5:5; 27:2). Porém, suas tentativas são fúteis (vãs), pois a

liberdade verdadeira só pode ser encontrada quando nos sujeitamos a Deus e fazemos a sua vontade. Liberdade sem autoridade é anarquia, e a anarquia é destrutiva. Certa vez, vi uma pichação que dizia: “Toda autoridade destrói a criatividade!” Que tremenda asneira! É justamente a autoridade que libera e desenvolve a criatividade, quer seja a de um músico, de um atleta ou de um cirurgião. Sem a sujeição à autoridade da verdade e da lei, é impossível haver criatividade verdadeira. O teólogo inglês P. T. Forsythe escreveu: “A primeira obrigação de toda alma não é encontrar sua liberdade, mas sim seu Senhor”.

Porém, essas nações não estão se rebelando contra “Deus” num sentido abstrato; estão desafiando o Messias, Jesus Cristo, o Filho de Deus. A única coisa sobre a qual essas nações concordam entre si é: “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19:14). O termo “Messias” vem de uma palavra hebraica que significa “ungir”; o equivalente em grego é “Cristo”. No Antigo Testamento, costumava-se ungir os reis (1 Sm 10:1; 2 Rs 11:12) e também os profetas (1 Rs 9:16) e sacerdotes (Êx 28:41). Jesus disse que o mundo o odiava e que também odiaria aqueles que o seguissem (Jo 7:7, 15, 18, 19, 24, 25; Mt 24:9; Lc 21:17). O verbo “levantar”, no versículo 2, significa “preparar-se para a guerra”. As conseqüências dessa rebeldia contra o Senhor e seu Cristo são descritas em Romanos 1:18ss e não são nada agradáveis.

2. ZOMBARIA – A VOZ DE DEUS, O PAI (Sl 2:4-6)

A cena tranqüila no céu é um contraste e tanto com a cena turbulenta na terra, pois Deus não está preocupado nem com medo dos homens insignificantes que se enfurecem contra ele. Simplesmente ri deles com menosprezo (37:8-13; 59:1-9). Afinal, para Deus, até os maiores governantes não passam de grama a ser cortada; as nações mais poderosas são apenas gotas num balde (Is 40:6-8, 12-17). Nos dias de hoje, Deus está falando às nações em sua graça e as está chamando a crer em seu Filho. Um dia, porém, Deus

lhes falará em sua ira e enviará julgamentos terríveis sobre o mundo (Ap 6 - 19). Se as pessoas não aceitarem o julgamento de Deus pelo pecado na cruz e crerem em Cristo, terão de aceitar o julgamento de Deus sobre si próprias e seus pecados.

Foi Deus quem deu o trono em Sião a Davi e foi Deus quem lhe deu vitórias subsequentes em suas batalhas contra os inimigos de Israel. No entanto, isso tudo é apenas o retrato de uma coroação ainda maior: Deus declara que existe apenas um verdadeiro Rei, seu Filho, que se encontra assentado no trono de glória (Mc 16:19; 1 Co 15:25; Ef 1:19-23). Jesus Cristo é Rei e Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 5:5, 6; 7:1ss). Hoje, Israel não tem rei (Os 3:4), mas há um Rei entronizado na cidade celestial de Sião (Hb 12:22-24). É impossível compreender a mensagem desse salmo sem identificar nele a presença de Jesus Cristo: sua morte (vv. 1-3, At 4:23-28), sua ressurreição (v. 7, At 13:33), sua ascensão, sua entronização em glória (v. 6), sua volta e seu reino de justiça sobre a Terra (vv. 8, 9, Ap 2:9, 27; 12:5).

3. VITÓRIA – A VOZ DE DEUS, O FILHO (SL. 2:7-9)

Quem fala agora é o Rei entronizado, e ele anuncia o que o Pai lhe disse. A declaração “Proclamarei o decreto” informa os rebeldes de que Deus governa sobre sua criação por meio de decretos soberanos. Não pede um consenso nem faz uma votação. Os decretos de Deus são justos (7:6), e ele nunca erra. De acordo com Atos 13:33, o versículo 7 refere-se à ressurreição de Cristo, quando foi “gerado” da sepultura e surgiu em glória (ver Rm 1:4; Hb 1:5 e 5:5). No antigo Oriente Próximo, os reis eram considerados filhos dos deuses, mas Jesus Cristo é, verdadeiramente, o Filho de Deus (ver 89:26, 27; 2 Sm 7:14). No batismo de Jesus, o Pai fez alusão ao versículo 7 e anunciou que Jesus era o seu Filho amado (Mt 3:17; Mc 1:11; Lc 3:22).

O Pai prometeu ao Filho vitória absoluta sobre as nações, o que significa que, um dia, ele governará sobre todos os reinos do mundo. Satanás lhe ofereceu essa honra em

troca de sua adoração, mas Jesus recusou (Mt 4:8-11). O governo de Cristo será justo, porém firme, e se as nações lhe fizerem frente, ele as esmagará como vasos de barro. Na antigüidade, antes de sair para a batalha, os reis do Oriente costumavam participar de um ritual no qual se quebravam vasos de barro que simbolizavam o exército inimigo, garantindo, desse modo, a ajuda dos deuses para derrotá-los. Jesus não precisa desses rituais tolos, pois esmaga o inimigo completamente (Ap 19:11ss; Dn 2:42-44). Jesus é Deus, Jesus é Rei e Jesus é Conquistador.

4. OPORTUNIDADE – A VOZ DO ESPÍRITO SANTO (SL. 2:10-12)

Diante do decreto do Pai e do julgamento prometido, bem como da entronização vitoriosa do Filho no céu, a coisa mais sábia a fazer é se entregar a Cristo e crer nele. Hoje, o Espírito de Deus fala à humanidade e roga aos pecadores que se arrependam e se voltem para o Salvador.

Observe que, nos versículos 10 e 11, o Espírito fala primeiro aos reis e líderes e depois, no versículo 12, se dirige a “todos”, instando-os a crer no Filho. O Espírito começa seu apelo com os líderes mundiais, pois estes devem prestar contas a Deus pela forma como governam o mundo (Rm 13). Um dos principais motivos de o povo estar enfurecido contra Deus é que toda essa gente foi incitada por seus líderes. São ignorantes, pois seguem a sabedoria deste mundo e não a sabedoria que vem de Deus (1 Co 1:18-31). Orgulham-se daquilo que pensam saber, mas na verdade não sabem coisa alguma sobre as verdades eternas. Como podem aprender? O versículo 10 aconselha: “Deixai-vos advertir” pela Palavra de Deus, sendo que o verbo advertir, nesse caso, também pode significar “instruir”. Quanta bondade do Senhor salvar os pecadores antes de revelar sua ira!

Uma vez que o Espírito instruiu a mente, apela para a vontade e chama os rebeldes a servir ao Senhor e a deixar seus pecados (v. 11). Os verdadeiros cristãos sabem o que significa ter um coração cheio de temor e,

ao mesmo tempo, de alegria. O amor pelo Senhor lança fora todo o medo pecaminoso (1 Jo 4:18), mas aperfeiçoa o temor piedoso. Amamos nosso Pai, mas, ainda assim, respeitamos sua autoridade. O terceiro apelo é dirigido ao coração e pede amor submisso pelo Rei. No mundo antigo, os governantes vassallos demonstravam submissão a seu rei beijando a mão ou a face dele. Judas beijou Jesus no jardim, mas foi um gesto sem qualquer significado verdadeiro. Trata-se aqui do beijo da submissão e, até mesmo, da reconciliação. O Espírito encerra com uma palavra de advertência e uma palavra de bênção. A advertência é que esse Rei amoroso também pode irar-se e revelar seu santo furor súbita e inadvertidamente (1 Ts 5:1-4). O tema da ira é relacionado ao Pai (v. 5) e ao Filho (vv. 9, 12).⁵

O Salmo 1 começa com a designação “bem-aventurado”, e o Salmo 2 encerra com a bem-aventurança prometida a todos os que crêem no Filho de Deus, promessa que continua em vigor (Jo 3:16-18; 20:31).

SALMO 3

Esta é a primeira vez que encontramos a palavra *salmo* no livro. O termo hebraico é *mizmor* e significa “tanger cordas”. Também é a primeira oração de Salmos e o primeiro salmo atribuído a Davi. Todos os salmos do Livro I (Sl 1 - 41) são atribuídos a Davi, com exceção dos Salmos 1, 10 e 33. (O Sl 2 é atribuído a ele em At 4:25.) O Salmo 3 é considerado um “lamento pessoal”, uma categoria que inclui vários outros salmos: (3 - 7; 13, 17, 22, 25 - 28, 35, 38 - 40, 42 - 43, 51, 54 - 57, 59, 61, 63, 64, 69 - 71, 86, 88, 102, 109, 120, 130, 140 - 143).⁶ Davi escreveu esse salmo depois de fugir de Jerusalém, quando seu filho Absalão tomou o trono (2 Sm 15 - 18). O rei e os membros de sua corte haviam atravessado o rio Jordão e acampado em Maanaim. Esse é um salmo matutino (v. 5); o Salmo 4 foi escrito durante os mesmos acontecimentos e é um salmo vespertino (4:8). É possível que o Salmo 5 também seja desse período, bem como os Salmos 42, 43, 61, 62, 63, 143 (ver 5:3, 8-10).

1. CONFLITO: ELE RECONHECE SUAS DIFICULDADES (Sl 3:1, 2)

A oração começa de forma bastante abrupta, com “SENHOR”. Como Pedro afundando no mar (Mt 14:30), Davi não tem tempo de passar por uma extensa liturgia, pois sua vida está em perigo, bem como o futuro do reino. Ele sabe que Deus é “socorro bem presente nas tribulações” (46:1). Absalão havia demorado a formar um grupo para apoiá-lo em seu golpe, e o número de partidários do usurpador crescia a cada dia (2 Sm 15:12, 13; 16:7, 8; 17:11; 18:7). Absalão era bem apessoado, cheio de palavras agradáveis e um hábil mentiroso que sabia agradar o povo e conquistar seu coração (2 Sm 15:1-6). O estadista inglês James Callaghan disse: “Uma mentira pode estar quase do outro lado do mundo, mas a verdade está sempre pronta para alcançá-la”. Existe alguma coisa no coração do ser humano que lhe dá prazer em se alimentar de mentiras.

Não apenas o número de inimigos de Davi aumentou, como também as notícias pioraram. O povo diz: “Não há mais salvação para o rei” (ver 31:13; 38:19; 41:4-9; 55:18; 56:2; 69:4 e 71:10, 11.) O termo “salvação”, *yeshua* em hebraico, é traduzido por “salva-me”, no versículo 7, e por “salvação”, no versículo 8, e é dessa palavra, usada 136 vezes em Salmos, que vêm os nomes “Jesus” (Mt 1:21) e Josué.

Por que Deus permitiu essa rebelião infame e perigosa? Fazia parte da disciplina de Davi por seus pecados de adultério e homicídio (2 Sm 12:1-12). Em sua graça, Deus perdoou Davi quando o rei confessou seus pecados (2 Sm 12:13, 14; Sl 32 e 51), mas, em sua soberania, permitiu que Davi colhesse as consequências amargas desses pecados. Davi teve problemas familiares que acarretaram grande sofrimento (2 Sm 12 - 14), inclusive a morte de seu filho com Bate-Seba, o estupro de sua filha Tamar e o assassinato de seus filhos Amnom, Absalão e Adonias.

Essa é a primeira vez que o termo “Selá” aparece nas Escrituras (vv. 2, 4, 8), sendo usado 71 vezes nos Salmos e três vezes em Habacuque 3. Os hebraístas não apresentam um consenso quanto às origens desse termo,

que pode ser decorrente de palavras que significam “elevar” ou “calar”. No primeiro caso, trata-se de um sinal para que o cântico seja entoado em voz bem alta, ou para que sejam erguidas e tocadas as trombetas, ou, ainda, para que as mãos sejam levantadas ao Senhor. No segundo caso, pode ser um sinal para uma pausa, um momento de silêncio e de meditação.

2. CERTEZA: ELE AFIRMA SUA CONFIANÇA NO SENHOR (Sl 3:3, 4)

Mas Davi não se deixa abater com facilidade. Sem ignorar os problemas, ergue seus olhos da situação ameaçadora a seu redor e olha para o Senhor pela fé. Davi sabe que está em perigo, mas Deus é seu escudo (ver Gn 15:1). O rei de Israel era chamado de “escudo”, pois protegia a nação (84:9; 89:18), mas Davi dependia de Deus para ser seu escudo (7:10; 18:2; 47:9; 59:11; 84:11; Dt 33:29). Davi encontra-se numa situação vergonhosa por causa de seus próprios pecados e da traição de seu filho, mas Deus é a fonte da glória de Davi. Absalão transformou a “glória [de Davi] em vexame” (4:2), mas um dia essa glória seria restaurada. A situação é desanimadora, mas o rei sabia que Deus levantaria sua cabeça e lhe restauraria seu trono (27:6; 2 Sm 15:30). Confiava nas promessas que Deus lhe fez na aliança relatada em 2 Samuel 7 e sabia que Deus não o abandonaria.

O templo ainda não havia sido construído no “santo monte” de Sião, mas a arca estava lá (ver 2 Sm 15:25) e era o trono de Deus (80:1). Davi podia ter sido forçado a deixar seu trono, mas Jeová ainda estava assentado no trono e continuava no controle. Absalão havia atacado o rei ungido de Deus (2:2), algo perigoso de se fazer. Davi continua clamando ao Senhor em oração, sabendo que Deus não o havia abandonado no passado e que não o abandonaria agora. “Clamou este aflito, e o SENHOR o ouviu e o livrou de todas as suas tribulações” (Sl 34:6).

3. CELEBRAÇÃO: ELE ANTEVÊ A VITÓRIA (Sl 3:5-8)

Quando Davi acorda na manhã seguinte, a primeira coisa que lhe vem à mente é o Senhor

e a maneira como ele protegeu o rei e seus servos durante a noite. Para Davi, esse é um sinal de que o Senhor está com eles e de que os acompanhará até o final dessa crise. Isso nos faz lembrar de Jesus adormecido no meio da tempestade (Mc 4:39) e de Pedro dormindo na prisão (At 12). Se cremos nele e buscamos sua vontade, Deus trabalha por nós mesmo enquanto dormimos (121:3, 4; 127:2). Davi declara que não temerá as dezenas de milhares de pessoas organizadas em formação de batalha contra ele, pois Deus lhe dará a vitória (Dt 32:30).

A manhã era a parte mais importante do dia para Davi, como também o deve ser para nós hoje.

Era pela manhã que ele se encontrava com o Senhor e que o adorava. Esse era seu horário de orar (5:3), de cantar (57:7, 8; 59:16) e de se satisfazer com a misericórdia de Deus (90:14). “Porque não passa de um momento a sua ira; o seu favor dura a vida inteira. Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (30:5). Abraão levantava cedo (Gn 19:27; 21:14; 22:3), como também o fazia Moisés (Êx 24:4; 34:4), Josué (Js 3:1; 6:12; 7:16; 8:10), Samuel (1 Sm 15:12), Jó (Jó 1:5) e Jesus (Mc 1:35).

Deus não apenas deu descanso a Davi, como também o salvou. A oração de Davi no versículo 7 – “Levanta-te, SENHOR!” – remete ao tempo em que, assim como Davi nessa ocasião, o povo de Israel encontrava-se no deserto. Quando a nuvem de glória que os conduzia começava a se mover e o povo levantava acampamento e partia, Moisés costumava dizer (ou cantar): “Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam” (Nm 10:35). Davi havia enviado a arca de volta para Jerusalém (2 Sm 15:24-29), mas sabia que a presença de um objeto sagrado não era garantia alguma da presença do Senhor (ver 1 Sm 4). Davi não tinha acesso ao tabernáculo nem ao ministério dos sacerdotes, mas era espiritual o suficiente para saber que *o amor e a obediência de seu coração eram tudo o que Deus queria*. Não tinha consigo a arca do Senhor, mas tinha consigo o Senhor da arca! Não podia oferecer sacrifícios

de animais nem incenso, mas podia levantar as mãos para adorar a Deus (141:2). A glória de Deus estava com ele (v. 3), como também a bênção de Deus (v. 8). O inimigo que se levantasse! (v. 1). Deus também se levantaria e lhe daria a vitória!

Algumas traduções colocam os verbos do versículo 7 no passado, indicando que Davi faz uma retrospectiva das muitas vitórias que Deus havia lhe dado em outros tempos. "O Senhor salvou minha vida tantas vezes no passado, então por que me abandonaria agora?" Outras versões, como a *Nova Versão Internacional*, consideram essa oração como um pedido por vitórias no presente e no futuro. De qualquer modo, Davi tinha fé para crer que Deus iria adiante dele e que derrotaria o exército de Absalão - e foi exatamente o que Deus fez. Acertar o rosto do inimigo ("feres nos queixos") era um ato de humilhação. Davi considera o exército rebelde um bando de animais que devem ter seus dentes quebrados (7:2; 22:12, 13, 16, 20, 21; 10:9; 17:12; 35:17; 57:4; 58:6).

Jonas citou o versículo 8 quando estava dentro do grande peixe (Jn 2:9) e foi salvo. Apesar de ter usado uma estratégia brilhante para fazer frente aos planos de Absalão, Davi recusou-se a assumir o crédito. Somente o Senhor receberia a glória. Davi também se recusou a cultivar qualquer tipo de ressentimento contra seu povo, pedindo em vez disso que o Senhor os abençoasse. Isso nos lembra a oração de Jesus na cruz (Lc 23:34) e a oração de Estêvão quando estava sendo apedrejado (At 7:60). Deus restaurou Davi a seu trono e permitiu que preparasse Salomão para sucedê-lo. Davi também conseguiu juntar sua riqueza de modo que Salomão tivesse todos os recursos necessários para construir o templo (ver 1 Cr 22 - 29).

SALMO 4

Quando comparamos as palavras deste salmo com as do salmo anterior, é inevitável chegar à conclusão de que ambos tratam da mesma situação na vida de Davi: adversários / angústia (v. 1), muitos (vv. 6, 2), glória (vv. 2, 3), voz / clamor (vv. 1, 4), deitar-se / dormir (vv. 8, 5). O Salmo 3 é um salmo matutino

(v. 5), enquanto o Salmo 4 é vespertino (v. 8). O contexto histórico encontra-se na introdução do Salmo 3. O "mestre de canto" é mencionado pela primeira vez e volta a aparecer no título de 53 salmos. Ele era o "ministro do louvor" e o responsável por guardar os salmos sagrados do tabernáculo e do templo (1 Cr 6:31, 32; 15:16-22; 25:1, 7). O termo hebraico *neginoth* significa "acompanhado por instrumentos de corda" (4, 6, 54, 55, 61, 67, 76) e se refere à harpa e à lira (1 Cr 23:5; 25:1, 3, 6). Como é maravilhoso ver como Davi podia transformar sua aflição em cântico para a glória de Deus! Seu exemplo mostra qual deve ser nossa atitude em tempos de crise.

1. OLHE PARA O SENHOR (SL 4:1)

O imperativo "ouve" é um clamor ardente e aflito que significa: "Responde-me!". Davi orou pedindo o socorro de Deus e esperava uma resposta (ver 18:6; 50:15; 55:16; 145:18). Quando ainda era jovem e enfrentou o exílio, tinha consigo um sacerdote para consultar o Urim e o Tumim e descobrir a vontade de Deus, mas não na rebelião de Absalão. A expressão "Deus da minha justiça" indica não apenas que Deus é justo e fará o que é melhor, mas também que a justiça do rei é proveniente de Deus e, portanto, Deus deve justificá-lo. Por certo, Davi estava sendo disciplinado por sua desobediência, mas Deus havia perdoado seus pecados. Deus havia chamado Davi para ser rei, e somente Deus podia justificá-lo.

Davi lembra o Senhor do livramento que lhe concedeu em várias ocasiões do passado, de modo que pode fazê-lo novamente. O termo "angústia" refere-se a uma situação sem saída, "estar encurralado num lugar apertado". Mas Deus o tem "aliviado" ou "colocado num lugar espaçoso", pois Davi crescia quando se encontrava em situações difíceis (18:19, 36; 25:17; 31:8; 118:5; 119:32). Davi sabe que não merece ajuda alguma do Senhor, mas ora com base na misericórdia e no favor de Deus. Em sua graça, o Senhor nos dá aquilo que não merecemos e, em sua misericórdia, não nos dá aquilo que merecemos.

2. CONFRONTE O INIMIGO (Sl 4:2, 3)

Davi não estava presente quando a revolta ocorreu, mas falava àqueles que se voltaram contra ele declarando Absalão rei. O termo “homens” refere-se aos líderes corrompidos por Absalão e que, com ele, fizeram o povo se desviar. Davi entendia seu raciocínio e sabia como Absalão os enganara. Não possuía glória alguma em si mesmo, pois toda a glória provém do Senhor (3:3). A multidão entusiasmada seguia a vaidade e pagaria caro por seus pecados. Quando seguimos coisas vãs e acreditamos em mentiras, sempre acabamos nos perdendo. O povo não está apenas depondo um rei, mas também lutando contra o Senhor Jeová que colocou Davi no trono. Por certo, Absalão não é um homem de Deus, e também não foi escolhido por Deus governar sobre Israel. Na verdade, após darem ouvidos às bajulações de Absalão e a suas promessas enganosas, os rebeldes passaram a seguir um falso deus (2 Sm 15:1-6). Davi não tentou entrar em acordo com os rebeldes; sabia quem eram e os rejeitou.

3. ENCORAJE SEUS AMIGOS (Sl 4:4, 5)

Nesses versículos, Davi se dirige a seus seguidores, sendo que alguns deles se encontram tão sobrepujados por suas emoções que estão prestes a perder o controle. Davi lhes dá cinco instruções, sendo que todas elas se aplicam a situações de hoje, quando percebemos a ira crescendo dentro de nós.

Não pequeis (4b). A ira pecaminosa produz palavras e atos pecaminosos e até mesmo homicídio (Mt 5:21-26). Paulo cita esse versículo em Efésios 4:26, usando para isso a Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento), que diz: “Irai-vos e não pequeis”, lembrando que nem toda ira é pecaminosa. Há uma ira santa contra o pecado que deve estar presente no coração de todo cristão (Mc 3:5), mas devemos cuidar para não alimentar uma ira pecaminosa.

Consultai o coração (4c). É fácil ir-se com os pecados dos outros e, ao mesmo tempo, esquecer-se dos próprios pecados (Mt 7:1-5). Na verdade, o próprio Davi havia feito isso (2 Sm 12:1-7). Algumas traduções dizem: “Falai ao vosso coração” (ver 10:6,

11, 13). Em vez de virar de um lado para o outro na cama por causa das atitudes dos outros, devemos fazer uma introspecção e ver se não há em nosso próprio coração pecados que precisam ser confessados.

Sossegai (4d). A reflexão sincera sobre nosso coração não deve causar inquietação, mas sim nos levar a confessar nossos pecados ao Senhor e a nos apropriar de seu maravilhoso perdão (1 Jo 1:9).

Ofereci sacrifícios de justiça (5a). Esses sacrifícios não podiam ser oferecidos ali no deserto, mas era possível prometer oferecê-los quando voltassem para Jerusalém. Foi o que Jonas fez (Jn 2:9). Absalão ofereceu sacrifícios hipócritas para impressionar o povo (1 Sm 15:12), mas Deus não os aceitou (ver 50:14, 15).

Confiai no SENHOR (5b). Absalão estava confiando em sua liderança, em seu exército, em suas estratégias astutas e em sua popularidade, mas não confiava no Senhor. Portanto, seu plano estava condenado ao fracasso.

Davi não era apenas um grande rei e estrategista militar, mas também um pastor amoroso que se importava com seu povo e desejava que andassem com o Senhor. Sabia que a situação espiritual do povo era muito mais importante que suas aptidões militares, pois o Senhor dá a vitória àqueles que confiam e obedecem (51:16-19).

4. LOUVE AO SENHOR (Sl 4:6-8)

Os líderes de Davi relataram ao rei aquilo que muitos do povo estavam dizendo, portanto ele sabia que sua gente estava desanimada (ver também 3:2). A pergunta: “Quem nos dará a conhecer o bem?” significa: “Como gostaríamos de ver algo bom acontecer!” ou “Será que essa situação pode redundar em algo de bom?”, ou ainda: “Quem pode nos tirar dessa situação terrível?” O tempo do verbo indica que essas palavras de desânimo são repetidas continuamente pelos queixosos e que, quanto mais reclamam, mais tenhosos deixam os outros. Alguém disse bem que “os bons tempos’ são uma combinação de uma péssima memória com uma excelente imaginação”. Que tipo de “bem” essas

peessoas estão procurando: riquezas, paz, segurança a qualquer custo, um rei temente a Deus ou um novo rei bem-sucedido?

Davi sabe que tipo de “bem” deseja: o resplendor do sorriso de Deus sobre ele e seu povo. Ver o rosto glorioso de Deus e estar certo de que ele se agrada deles será mais do que suficiente. Essa declaração refere-se à bênção sacerdotal em Números 6:24-26 (ver também 31:16; 44:3; 67:1; 80:3, 7, 19; e 119:135). Nenhum sacerdote está presente para dar sua bênção, mas Davi sabe que Deus responderá à súplica de seu coração. O rei quer ver o Senhor transformar as trevas em luz, e é exatamente isso o que Deus faz. Porém, não apenas as trevas de Davi transformam-se em luz como também seu desânimo é substituído por alegria (v. 7). Os israelitas alegravam-se grandemente em casamentos e em tempos de colheitas abundantes (Is 9:3; Jr 48:33); mas a alegria que Deus concedeu a Davi foi maior do que a dessas ocasiões (ver Rm 15:13 e Jo 16:24). Por fim, Davi louva a Deus pela paz que o Senhor colocou em seu coração antes de a batalha ser travada e vencida (v. 8; ver 3:5). Deus lhe dera descanso na noite anterior e agora repousaria novamente, sabendo que Deus era seu escudo (3:3). O termo hebraico para “paz” (*shalom*) significa muito mais do que a ausência de conflitos. Dá a idéia de adequação, confiança e plenitude de vida. Talvez o Senhor tenha lembrado Davi de Deuteronômio 33:12: “O amado do SENHOR habitará seguro com ele; todo o dia o SENHOR o protegerá, e ele descansará nos seus braços”. Essa promessa se torna ainda mais significativa quando nos lembramos de que Davi quer dizer “amado”.

SALMO 5

Assim como o Salmo 3, este é um salmo matutino (v. 3). É possível que tenha sido escrito por Davi durante a crise provocada por Absalão, mas não temos indicação alguma de que seja esse o caso. Porém, a descrição dos inimigos de Davi apresentada nos versículos 4 a 6 e 9, 10 sugere o período anterior à fuga de Davi da cidade de Jerusalém. O versículo 10 diz: “Caíam por seus

próprios planos” e, sem dúvida, aqueles foram tempos cheios de dissimulação e intrigas.⁸ Os termos hebraicos para “casa” e “santo templo” (v. 7) também são usados para o tabernáculo em Êxodo 23:19, Deuteronômio 23:18, Josué 6:24, 1 Samuel 1:9; 3:3 e 3:15, de modo que o salmo não precisa necessariamente ser datado do tempo de Salomão. O termo “*nehiloth*”, no original, provavelmente significa “para flautas”.

Em função da oração no versículo 10, o Salmo 5 é classificado como “salmo imprecatório” (ver 12, 35, 37, 58, 59, 69, 79, 83, 109, 139 e 140). Nesse tipo de salmo, os autores parecem descrever um Deus de furor, que mal pode esperar para destruir os pecadores. Além disso, parecem retratar a si mesmos como pessoas em busca de uma vingança terrível contra seus inimigos. No entanto, é importante considerar vários fatos antes de taxar os salmistas de bárbaros e pagãos que vêem Deus como um “valentão briguento” e que não são capazes de perdoar. Em primeiro lugar, os inimigos descritos são homens que se rebelaram contra o Senhor (5:10) e, em alguns casos, contra o rei ungido do Senhor. Israel era o povo da aliança, e Deus prometeu protegê-lo enquanto fosse obediente a ele (Lv 26; Dt 27 - 29). Em sua aliança com Abraão, Deus prometeu abençoar aqueles que abençoassem Israel e amaldiçoar aqueles que o amaldiçoassem (Gn 12:1-3). Quando os israelitas pediam que Deus tratasse seus inimigos com justiça, estavam apenas pedindo que cumprisse suas promessas na aliança. “Deus é amor” (1 Jo 4:8, 16), mas Deus também é “luz” (1 Jo 1:5) e, em sua santidade, deve tratar do pecado. Desde a queda do homem em Gênesis 3, há uma batalha em andamento no mundo entre a verdade e as mentiras, a justiça e a injustiça, o certo e o errado, e não se pode permanecer neutro nessa batalha. Como diz C. S. Lewis: “Se vemos os judeus amaldiçoando com mais amargura que os pagãos, creio que isso se deve, pelo menos em parte, ao fato de levarem mais a sério o certo e o errado. Pois, se observarmos suas queixas, descobriremos que, normalmente, não eram decorrentes apenas do fato de essas coisas

terem sido feitas contra eles, mas também de serem explicitamente erradas e abomináveis tanto para Deus quanto para a vítima".⁹

Aqueles que têm dificuldade em aceitar as "imprecações" dos Salmos também se deparam com elas em Jeremias (11:18ss; 15:15; 17:18; 18:19ss; 20:11ss) e nas pregações de João Batista (Mt 3) e de Jesus (Mt 23), bem como nos pedidos dos mártires no céu (Ap 6:9-11). Porém, ninguém pode negar que esses servos de Deus eram cheios do Espírito e desejavam que a vontade do Senhor se cumprisse. Talvez nosso problema nos dias de hoje seja exatamente o que C. S. Lewis ressaltou: não abominamos o pecado o suficiente para nos perturbarmos com a perversidade e impiedade a nosso redor. Diante do bombardeio de violência e de maldade pela mídia, acabamos nos acostumando com a escuridão.

Se esse salmo nasceu no tempo em que Davi estava no deserto fugindo de Absalão, então ele ensina uma lição importante: nenhum perigo ou desconforto deve nos impedir de ter nossa comunhão matutina com o Senhor. Nesse salmo, Davi nos dá três instruções valiosas a fim de encorajar nossa comunhão diária com Deus.

1. DEVEMOS NOS PREPARAR PARA NOS ENCONTRARMOS COM O SENHOR (Sl 5:1-3)

Se recebêssemos um convite pessoal para nos encontrarmos com o presidente da República ou, quem sabe, com algum rei ou rainha, sem dúvida nos prepararíamos para esse encontro. No entanto, muitos cristãos começam apressadamente suas devocionais matutinas como se não fosse necessário fazer qualquer preparativo. Davi foi sincero com o Senhor e reconheceu sua dor interior ("gemido"), e sua oração foi uma súplica por socorro. Davi era o rei de Israel, mas para ele somente o Senhor era seu Rei (Êx 15:18). Era um homem com um coração quebrantado, mas sabia que o Senhor compreendia seus suspiros e gemidos (ver Rm 8:26). Podemos nos aproximar do trono da graça de Deus com "liberdade de expressão" ("confiadamente" em Hb 4:16, ver também 10:19, 35), pois o Pai conhece nosso coração e nossas

necessidades e nos recebe de braços abertos. Assim como Jesus Cristo (Mc 1:35), Davi era fiel a esse compromisso "a cada manhã" e não permitia que coisa alguma interferisse (ver 55:18; 59:17; 88:14 e 92:3).

Davi não apenas era *fiel* em suas orações matutinas como também era *organizado e sistemático*. O termo traduzido por "apresentar", no versículo 3, era usado para descrever a disposição ordenada dos pedaços do sacrifício animal sobre o altar (Lv 1:8). Também descrevia a disposição da lenha sobre um altar (Gn 22:9), a colocação dos pães sobre a mesa do tabernáculo (Lv 24:8) e o ato de arrumar a mesa e servir uma refeição para convidados (Sl 23:5). Davi não era desleixado em suas orações; antes, ele as apresentava de maneira organizada. *Esse termo também possui conotação militar*: um soldado apresentando-se a seu comandante para receber ordens e um exército em formação de combate no campo de batalha. Ao longo dos anos, muitos soldados haviam se apresentado a Davi para receber ordens, mas, antes de tudo, Davi se apresentava ao Senhor. A fim de exercer autoridade, os líderes devem estar sujeitos a ela. "Fico esperando" dá a idéia de aguardar com ansiedade, olhando para o alto, para que Deus venha e o abençoe. Em nossos encontros matutinos diários com o Senhor, devemos nos aproximar como sacerdotes levando os sacrifícios ao altar e como soldados nos apresentando para receber ordens de nosso capitão.

2. DEVEMOS PROCURAR AGRADAR AO SENHOR (Sl 5:4-6)

Deus não tem prazer algum na perversidade e não pode permanecer neutro diante do pecado. Portanto, os pecadores rebeldes não podiam entrar na sua presença (15:1ss; 24:3-6). Deus se agrada daqueles que o temem (147:11) e que lhe oferecem louvores sinceros (69:31). A fim de agradar a Deus, devemos ter fê (Hb 11:6) e nos identificar com seu Filho, do qual ele se compraz (Mt 3:17). Ao lermos os versículos 5 a 6 e 9 a 10, vemos uma porção de pessoas que desobedecem a Deus deliberada e repetidamente e

que não se preocupam com as conseqüências. É essa gente que João descreve em Apocalipse 21:8, as pessoas que vão para o inferno. Deus ama o mundo de pecadores perdidos (Jo 3:16) e enviou seu único Filho “como Salvador do mundo” (1 Jo 4:14, ver 1 Tm 2:3, 4; 2 Pe 3:9). Jesus morreu na cruz pelos pecados do mundo (1 Jo 2:1, 2), e seu convite à salvação estende-se a todos os que crerem e aceitarem (Mt 11:28-30; Ap 22:17). Essas são as vastas dimensões da graça e do amor de Deus (Ef 3:18, 19).

Porém, a verdade gloriosa do amor de Deus não muda o fato de que Deus abomina o pecado e castiga os pecadores. Ele não tem prazer algum nessas pessoas, e elas não podem habitar com ele (v. 4), nem se colocar diante dele no estado em que se encontram (v. 5; ver 1:5, 6). Ele aborrece os homicidas e mentirosos e, se não crerem em seu Filho, ele os destruirá (v. 6). Não é necessário amenizar o termo “aborrecer”, no versículo 5, pois essa idéia de detestar, aborrecer ou abominar volta a aparecer em 11:5 e 45:7 (ver 7:11). Na verdade, o Senhor espera que aqueles que o amam também amem e aborçam as mesmas coisas que ele (97:10; 119:113; 139:21; Pv 6:16, 17; Am 5:15; Rm 12:9). Não existe algo que possa ser chamado de “mal abstrato”, exceto nos dicionários e livros de filosofia. O mal não é uma abstração; é uma força terrível operando no mundo, destruindo vidas e capturando pessoas para o inferno. A abominação de Deus contra o mal não é emocional, mas sim judicial, constituindo uma expressão de sua santidade. Se desejamos ter comunhão com Deus em seu altar santo, precisamos sentir essa mesma angústia (um misto de ira e amor), quando nos deparamos com o mal neste mundo caído.

3. DEVEMOS NOS SUJEITAR AO SENHOR (Sl 5:7-12)

Quando escreve, “porém eu”, Davi contrasta a si mesmo com os perversos que se rebelaram contra o rei. Davi está lá para orar e tem três pedidos.

Orientação (vv. 7, 8). Pelo fato de não ser membro da tribo de Levi, na verdade, Davi

não podia entrar no tabernáculo como os sacerdotes faziam, mas usa essa expressão para descrever seu modo de abordar o Senhor. Davi está no deserto, mas se aproxima de Deus com o tipo de reverência que os sacerdotes e levitas demonstravam no tabernáculo. Na adoração de nosso Deus magnífico, não há espaço para gracejos nem para frivolidades. Isso porque o preço pago para que o cristão pudesse entrar na presença de Deus a fim de adorar e orar foi a vida de Jesus (Hb 10:19, 20), e tratar esse privilégio com leviandade é fazer pouco desse sacrifício. Davi sabe que precisa da orientação de Deus, pois deve reorganizar seu reino (ver Tg 1:5).

Justiça (vv. 9, 10). Davi não ordena que seus oficiais saiam e exterminem seus inimigos; antes, entrega seus adversários ao Senhor. Durante a trágica batalha em que Absalão foi morto, “o bosque, naquele dia, consumiu mais gente do que a espada” (2 Sm 18:8). A oração de Davi é respondida: “caiam por seus próprios planos” (v. 10). Mas a derrota desses inimigos não se deve a sua rebelião contra Davi; seu grande pecado foi terem se rebelado contra Deus. “Ele [o Senhor] ama a justiça e o direito” (Sl 33:5; 36:6; 58:11; 97:2; Is 30:18; Lc 18:7, 8; Rm 1:32). Qualquer um que se ofende com esse tipo de oração não pode orar com sinceridade: “santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6:9, 10). Em Romanos 3:13, Paulo cita as palavras: “a garganta deles é sepulcro aberto” como parte de sua argumentação de que o mundo todo é culpado diante de Deus (Rm 3:19) – e isso inclui todos nós! Em vez de nos aborrecermos com a forma de Deus tratar os inimigos de Davi, devemos examinar nosso relacionamento pessoal com o Senhor!

A bênção de Deus (vv. 11, 12). Davi não se regozija pelo fato de alguns do povo da aliança de Deus serem perversos e terem sido julgados pelo Senhor, mas sim porque o Deus de Israel foi glorificado e seu rei foi justificado. O futuro do plano maravilhoso de salvação elaborado por Deus dependia de Israel, e se a dinastia davídica fosse destruída, o

que seria da aliança que, em sua graça, Deus havia feito com Davi (2 Sm 7:1-17)? Nossa comunhão com o Senhor deve nos levar a nos alegrar com seu caráter, suas promessas e suas respostas bondosas a nossas orações. Apesar de alguns de seu próprio povo terem se voltado contra ele, Davi ora pedindo que Deus os abençoe e proteja! Essas palavras parecem as orações de Jesus na cruz (Lc 23:34) e de Estêvão quando estava sendo apedrejado (At 7:60). Observe que o versículo 11 enfatiza a fé e o amor, e o versículo 12 garante a esperança. O escudo ao qual o versículo 12 se refere é grande e retangular, semelhante a uma porta, não o escudo menor e redondo citado em 3:3.

Davi começa sua devocional buscando ajuda para si mesmo, mas acaba buscando bênçãos para seu povo, inclusive para seus inimigos. É assim que nosso tempo de devocional deve terminar.

SALMO 6

O subtítulo diz que Davi escreveu este salmo, mas não sabemos ao certo em que ocasião. Pode tê-lo redigido no tempo da rebelião de Absalão, quando Davi era idoso, estava enfermo e não era mais capaz de lidar com todas as responsabilidades complexas do reino. O fracasso gradativo de Davi como um líder destacado foi parte da “campanha publicitária” de Absalão para conquistar o coração dos israelitas (2 Sm 15:1-6). Porém, é possível, ainda, que esse salmo tenha sido escrito em qualquer ocasião ao longo do reinado de Davi em que ele adoeceu e foi atacado por seus inimigos. Descreve sua situação – “inimigos o cercando por fora e os temores o corroendo por dentro” – e clama a Deus por misericórdia. Está certo de que se vê diante da morte (v. 5), o que indica tratar-se de uma experiência real, de modo que não está usando a enfermidade e a guerra apenas como metáforas para seus problemas pessoais. O termo *neginoth*, no original, significa “instrumentos de cordas” e *sheminith* quer dizer “oitava”, referindo-se, possivelmente, a uma melodia conhecida, uma oitava mais baixa para as vozes masculinas, ou ao número de cordas do instrumento a ser tocado.

Também encontramos *sheminith* no título do Salmo 12 (ver 1 Cr 15:21). O Salmo 6 é o primeiro de sete “salmos de penitência”, nos quais os escritores estão sendo disciplinados por Deus e passando por sofrimentos. Os outros salmos desse tipo são 32, 38, 51, 102, 130 e 143, e todos eles podem ser de ajuda para nós quando sentimos a necessidade de confessar nossos pecados e de nos aproximar do Senhor. Neste salmo, Davi registra os estágios de sua experiência difícil de passar, pela fé, da tribulação para o triunfo.

1. A DOR DA DISCIPLINA (Sl 6:1-3)

No texto original deste salmo, Davi se dirige a Deus oito vezes como “SENHOR – Jeová”, o nome de Deus relacionado à aliança. A designação no versículo 1 se repete em 38:1 (ver também Jeremias 10:24). Quando Deus trata de seus filhos, normalmente ele os repreende e, em seguida, os disciplina, assim como os pais primeiro advertem os filhos desobedientes e, só depois, os disciplinam (Hb 12:5, 6; Pv 3:11, 12). De acordo com Hebreus 12:1-13, a disciplina não é um castigo imposto por um juiz irado, mas sim a instrução dada por um Pai amoroso para ajudar seus filhos a amadurecer (ver Ap 3:19). Por vezes, Deus nos disciplina a fim de tratar de nossa desobediência, mas em outras ocasiões, ele o faz a fim de nos preparar para o que nos espera no futuro. É como o treinamento de um atleta para uma corrida. Davi acredita que Deus está irado com ele, mas não é, necessariamente, o caso. Porém, quando consideramos que ele está cercado de adversários (v. 7), malfeitores (v. 8) e inimigos (v. 10), e que seu corpo está fraco e dolorido e sua alma perturbada, podemos entender por que ele sente como se tivesse um alvo nas costas.

Emprega três vezes o termo hebraico *bahal*, que significa “desfalecido, fraco, perturbado, aterrorizado”. Os tradutores do Antigo Testamento grego usaram *tarasso*, a palavra usada no grego de João 12:27: “Agora, está angustiada a minha alma” (ver também Mt 26:38 e Mc 14:34). Sabendo que merece sofrimentos muito maiores do que aqueles que está recebendo, Davi suplica

por misericórdia (ver 103:13, 14) e pede que Deus se apresse em socorrê-lo. A pergunta aflita: “Até quando?” aparece pelo menos dezesseis vezes nos Salmos (6:3; 13:1, 2; 35:17; 62:3; 74:9, 10; 79:5; 80:4; 82:2; 89:46; 90:13; 94:3). A resposta a essa pergunta é: “Minha disciplina durará até que você tenha aprendido a lição que desejo lhe ensinar e até que esteja preparado para o trabalho que tenho para você realizar”. De acordo com Hebreus 12, quando Deus aplica sua disciplina, podemos desprezá-la, resisti-la, sucumbir e desistir ou aceitá-la e nos sujeitar. Deus quer nossa submissão.

2. A FUTILIDADE DA MORTE (Sl 6:4, 5)

Davi sente como se Deus tivesse dado as costas a ele e o abandonado, de modo que pede ao Senhor que volte e, em seguida, começa a arrazoar com ele. Todo israelita sabia que o Senhor é “compassivo [...] e grande em misericórdia” (Êx 34:6, 7), de modo que Davi pede a Deus que manifeste essa misericórdia a ele e poupe sua vida. Além do mais, que proveito teria ao Senhor permitir que Davi morresse? (Ver 30:9, 10; 88:10-12.) O rei Ezequias usou uma abordagem parecida quando pediu ao Senhor que o livrasse da morte (Is 38:18, 19). O termo “sepulcro” usado no versículo é *sheol*, palavra que pode significar “a sepultura” ou “o reino dos mortos”. Aqui se refere a este último. No tempo do Antigo Testamento, ainda não se tinha a revelação clara da vida depois da morte trazida por Jesus (2 Tm 1:10), apesar de haver alguns vislumbres do que Deus tinha reservado para seu povo (16:9-11; 17:15; 49:14, 15; 17:24). Um corpo em sua sepultura não pode louvar nem servir a Deus, e Davi não está certo do que seu espírito pode fazer pelo Senhor no *sheol*. Assim, chega à conclusão de que será mais sábio o Senhor livrá-lo e permitir que viva. Davi ainda tem o que fazer neste mundo.

3. O PESO DO DESESPERO (Sl 6:5-7)

Saímos de um salmo matutino (3:5) e passamos para um salmo vespertino (4:8), voltando em seguida para outro salmo matutino (5:3). Temos agora mais um salmo vespertino

(6:6). Porém, enquanto nos salmos anteriores o Senhor deu sono e paz a Davi, neste caso, vemos o rei insone por causa de seus temores e de sua dor. Está exausto de tanto gemer e de se virar de um lado para o outro e passou um longo tempo chorando. “Todas as noites faço nadar o meu leito, de lágrimas o alago” (v. 6; ver 38:9, 10). O sofrimento tomou o lugar do sono, um elemento importante para o restabelecimento de um enfermo (Jo 11:11, 12), de modo que a falta de sono de Davi só piora sua situação. O estado debilitado do rei mostra-se em seus olhos baços (v. 7; ver 1 Sm 14:27, 29). É impressionante quanto os médicos podem descobrir sobre nosso estado de saúde só de olhar em nossos olhos.

Um homem que, a meu ver, foi um líder espiritual piedoso disse certa vez: “Ouço os cristãos falarem que suas dores e enfermidades os aproximaram ainda mais de Deus, mas em meu caso, não foi sempre assim”. Essas palavras me animaram, pois, por experiência própria e em meu ministério pastoral, descobri que a enfermidade e a dor podem nos aperfeiçoar ou amargar, e a diferença está na fé. Se nos voltarmos para Deus, orarmos, lembrarmos de suas promessas e confiarmos nele, veremos que sua graça é suficiente para suprir nossas necessidades (2 Co 12:9). O Senhor talvez não faça aquilo que pedimos no momento que desejamos, mas fará o que é preciso e nos ajudará a glorificar seu nome. Não devemos perguntar: “Quando vou sair dessa situação?”, mas sim: “O que posso aprender com isso?”

4. A ALEGRIA DO LIVRAMENTO (Sl 6:8-10)

A essa altura, ocorre uma mudança súbita e surpreendente do sofrimento para a alegria, uma experiência relatada em outros salmos (22:22; 56:10; 69:30). Não importa se essa mudança ocorre mais tarde ou imediatamente depois da oração de Davi – ele sente a cura em seu corpo e paz em sua mente e coração. Talvez tenha recebido a notícia de que o inimigo havia recuado, confirmando que Deus havia ouvido seus clamores. Ou talvez suas circunstâncias não tenham mudado em nada, mas, ainda assim, Davi tenha

sentido em seu coração que tudo ficaria bem. O Senhor ouviu seu choro e suas súplicas e aceitou sua oração.

Davi usa essa experiência para glorificar o nome do Senhor ao testemunhar a seus inimigos. Não sabemos de que maneira essa mensagem lhes foi transmitida, mas Davi não tarda em honrar ao Senhor pelo ocorrido. Talvez as palavras dos versículos 8 a 10 sejam uma apóstrofe, um discurso dirigido a pessoas não presentes ali, mas que, ainda assim, fazia sentido para os ouvintes ou leitores. Os inimigos haviam dito que o rei estava perdido, mas essa previsão frustrada os deixaria envergonhados e derrotados. A expressão: "Apartai-vos de mim" é citada em Mateus 7:23 e em Lucas 13:27 e parece bastante definitiva.

SALMO 7

Cuxe, o benjamita, era um dos bajuladores do rei Saul. Fazia parte de um grupo de homens perversos da tribo de Saul que relatavam tudo o que ouviam sobre Davi durante os anos em que Saul estava determinado a capturar e a destruir seu rival. Saul aproveitou-se da simpatia de seus líderes e os subornou para que trabalhassem como espias (1 Sm 22:6ss; 23:21; 24:8ss; 26:18, 19). A fim de obter a aprovação e as recompensas do rei, esses homens mentiram sobre Davi, e Saul acreditou neles. Não sabemos quais foram as mentiras que Cuxe contou a Saul, mas Davi ficou aflito o suficiente para clamar ao Senhor pedindo livramento e justificação. Esse é o único lugar em que o termo *Shiggaion* aparece em Salmos (ver, porém, Hc 3:1) e pode significar "um salmo fervoroso, com emoções intensas". Alguns estudiosos acreditam que o termo vem de uma palavra que significa "perambular, clamar em alta voz". O tema é a justificação concedida por Deus a seu servo e o julgamento de seus inimigos (vv. 6, 8, 11). O salmo descreve quatro julgamentos distintos.

1. OUTRAS PESSOAS NOS JULGAM INCORRETAMENTE (Sl 7:1, 2)

Cuxe mentiu sobre Davi levando Saul a perseguir seu rival (vv. 1, 5, 13). Davi busca

refúgio no Senhor (ver 11:1; 16:1; 31:1; 57:1; 71:11; 141:8), pois o Senhor sabe que ele é inocente das acusações de Saul. Davi salvou as ovelhas de seu pai do ataque de feras perigosas (1 Sm 17:34-37), e, nesse momento, se sentia como se ele fosse a vítima. (Para casos em que os animais simbolizam os inimigos, ver 10:9; 17:12; 22:12, 13, 16, 20, 21; 35:17; 57:4; 58:6; 124:6.) Q próprio Davi se considera "um cão morto", "uma pulga", uma ave sendo caçada (1 Sm 24:14; 26:20). Saul julgou Davi incorretamente, e Davi confia que Deus o protegerá e salvará. Hoje, quando sofremos acusações falsas, devemos seguir o exemplo de Davi e encontrar refúgio no Senhor. Devemos nos certificar, porém, de que estamos sofrendo *injustamente*, não em decorrência de nossa insensatez ou *desobediência* (Mt 5:11, 12; 1 Pe 3:13-17).

2. JULGAMOS A NÓS MESMOS HONESTAMENTE (Sl 7:3-5)

Davi declara sua integridade diante do Senhor e pede ao Juiz Supremo para justificá-lo, pois suas mãos estão limpas. Davi não afirma ser impecável, mas sim inculpável em suas motivações e ações (v. 8; ver 18:16-26; Fp 2:12-15). Se, de fato, Davi é culpado desses pecados, está disposto a aceitar a disciplina de Deus, mas sabe que é inocente. Davi teve duas oportunidades de matar o rei Saul e se recusou a fazê-lo (1 Sm 24, 26). Com isso, fica claro que seu coração não está cheio de maldade nem de desejo de vingança. Como é importante sermos francos e honestos com Deus e conosco mesmos! Se alguém provasse sua culpa, Davi estaria disposto a ter a própria honra arrastada no pó, mas estava certo de sua inocência (Is 1:15; 59:3; Ez 23:37, 45; At 20:26).

3. DEUS JULGA OS PECADORES COM JUSTIÇA (Sl 7:6-13)

Davi não toma a situação nas próprias mãos; antes, coloca Saul e suas intrigas nas mãos do Senhor. Somente a ira santa de Deus pode, de fato, inocentar Davi (Rm 12:17-21). As palavras: "Levanta-te, SENHOR" lembram o que Moisés dizia quando o acampamento de Israel começava a marchar atrás da arca (Nm

10:35; ver 2 Cr 6:40-42). Davi sabe que o perigo está próximo e deseja que o Senhor entre em ação (ver 3:7; 9:19; 10:12; 17:13; 44:26; 68:1). É nessas ocasiões em que Deus parece inerte que ficamos impacientes e queremos ver as coisas acontecerem de imediato. Porém, Deus é mais longânimo do que nós e devemos esperar que ele opere a seu tempo. “Convoque Deus o tribunal! Suba ao seu trono exaltado! Reúna-se o povo para testemunhar o julgamento! Julgue o Senhor e prove a todos a minha inocência!” Davi sabe que o Deus Todo-Poderoso pode provar mentes e corações (v. 9; ver Ap 2:23) e quer ver a perversidade de seus inimigos revelada e detida. A defesa de Davi está ao encargo do Senhor.

Como é possível Deus amar ao mundo (Jo 3:16) e, ao mesmo tempo, abominar os perversos? (Para mais sobre a aversão de Deus à perversidade, ver 5:5.) O texto enfatiza que Deus expressa sua ira contra o pecado todos os dias, de modo que não é necessário convocar um julgamento especial para julgar os pecadores. Ele permite que os pecadores colham os frutos de seus pecados a cada dia (v. 16; ver Rm 1:24, 26, 27, 32). Mas, por vezes, sua rebelião persistente leva o Senhor a enviar um julgamento especial, quando sua longanimidade chega ao fim (Gn 6:5ss). O amor de Deus é santo, e, se Deus ama a retidão, deve abominar a perversidade.

Observe que Deus é chamado de “SENHOR Altíssimo”, no versículo 17, designação equivalente a *El Elyom* no hebraico. Esse nome divino é usado vinte e duas vezes nos Salmos e remonta a Gênesis 14:18-22 (ver também Dt 32:8; 2 Sm 22:14). Jesus foi chamado de “Filho do Deus Altíssimo” (Mc 5:7; Lc 1:32, 35; 8:28).

4. NO FINAL, O PRÓPRIO PECADO JULGA OS PECADORES (Sl 7:14-17)

A imagem do pecado como uma gestação aparece com frequência nas Escrituras (Jó 15:35; Is 33:11; 59:4, 13; Tg 1:13-15). Os pecadores “concebem” o pecado que, como uma criança monstruosa, acaba crescendo e destruindo aqueles que a geraram. Fazem

covas dentro das quais eles próprios caem (ver 9:16; 37:14, 15; 57:6; 1 Sm 25:39; Pv 26:27; Ec 10:8; Ez 19:4). Os problemas que causam voltam-se contra eles e caem sobre sua própria cabeça (Gl 6:7). Existe em nosso mundo um sistema de retribuição divina do qual ninguém pode escapar. Como disse Friedrich von Logau: “Ainda que as moendas de Deus trabalhem devagar, moem muito fino”.

Deus abandonou o rei Saul a seus caminhos (1 Sm 15), e, por fim, tanto a flecha quanto a espada o alcançaram (vv. 12, 13; 1 Sm 31:3, 4). Saul desejava matar Davi, mas o rei perverso foi morto pela própria espada. O Faraó ordenou que os bebês hebreus do sexo masculino fossem afogados no Nilo, e seu próprio exército morreu debaixo das águas do mar Vermelho. Hamã construiu uma forca para executar Mordecai e o próprio Hamã foi enforcado nela (Et 7).

O salmo encerra com Davi exaltando o Senhor, não pelo fato de os pecadores terem sido julgados, mas porque a justiça de Deus foi engrandecida. O fato de as pessoas cáírem nas armadilhas que elas mesmas prepararam e, no devido tempo, serem julgadas, não traz alegria alguma ao coração dos cristãos, mas o fato de Deus ser glorificado e de sua justiça ser exaltada nos faz louvá-lo. Deus julga o pecado porque ele é santo e seus decretos são justos (v. 6). “Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10:21). Por fim, não devemos nos esquecer que Deus deu seu próprio Filho para manter sua santa lei e, ao mesmo tempo, oferecer sua misericórdia e graça a todos aqueles que crerem. Pode ser que as pessoas não gostem do modo como Deus dirige seu universo, mas, como disse Dorothy Sayers: “quaisquer que sejam as razões pelas quais Deus escolheu fazer o homem como ele é – limitado, sofredor, sujeito a tristezas e morte –, teve a honestidade e coragem de tomar do seu próprio remédio”¹⁰ (*Christian Letters to a Post-Christian World* [Eerdmans, 1969], p. 14).

SALMO 8

Nesta bela expressão de louvor ao Senhor, Davi se admira de que o Deus da criação – o

grande e glorioso Jeová – dê atenção aos frágeis seres humanos aqui na Terra. Davi compreende que Deus glorifica seu nome nos céus, mas como pode trazer glória para si na Terra por meio de pessoas tão fracas e pecadoras? Trata-se de um “salmo da natureza” (ver 19, 29, 65, 104), que também é um salmo messiânico (Mt 21:16; Hb 2:6-8; 1 Co 15:27; Ef 1:22). A pergunta: “Que é o homem?” é respondida, finalmente, por Jesus Cristo, o “último Adão”, por meio do qual readquirimos o domínio que havíamos perdido. O termo *Gittith*, que aparece no original, significa “lagar” e pode identificar um cântico de vindima (ver 81 e 84). Ao adorar e servir ao Senhor (Mt 5:13-16), o povo fiel de Deus glorifica seu nome na Terra (vv. 1, 9) e o ajuda a derrotar seus inimigos (v. 2). O fato de Deus, em sua anuência extraordinária, voltar sua atenção para nós é prova de nossa dignidade como criaturas feitas à imagem de Deus. É somente nisso que se encontra a grandeza dos seres humanos. Sem conhecer a Deus, não temos compreensão alguma de quem somos nem do que devemos fazer neste imenso Universo.

1. DEUS NOS CRIOU (Sl 8:1, 2, 5A)

As palavras “Senhor nosso” são uma confissão tripla de fé: existe somente um Deus, todos foram criados por ele, e o povo de Israel, em especial, é “o seu povo e rebanho do seu pastoreio” (100:3). Podem chamá-lo de “Senhor nosso”. (Ver 135:5; 147:5 e Neemias 10:30.) No entanto, Jeová não era um “Deus tribal” que pertencia somente a Israel; antes, desejava que seu nome (caráter, reputação) fosse conhecido em “toda a terra” (66:1; 83:18; Êx 9:14, 16; Js 3:11). Não apenas o Senhor colocou sua glória “nos céus” (além da atmosfera da Terra), como também lhe aprovou compartilhar essa glória com suas criaturas aqui na Terra. A glória de Deus habitava em Israel no tabernáculo e no templo e se revelou de maneira especial na pessoa e na obra de Jesus Cristo (Jo 1:14). Homens perversos crucificaram o “Senhor da glória” (1 Co 2:8), mas ele foi ressurreto dentre os mortos e voltou aos céus em honra e grande glória (Fp 2:5-11).

No versículo 2, Davi passa da transcendência de Deus para sua imanência. Jeová é tão grandioso que pode colocar seu louvor nos lábios de bebês e de crianças e, ainda assim, não ser privado de sua glória! Jesus cita esse versículo depois de purificar o templo (Mt 21:16). As palavras são apenas sons e fôlego, duas coisas extremamente frágeis. E, no entanto, as palavras de louvor que vêm até das crianças de peito (ainda não desmamadas) e dos pequeninos (crianças que podem brincar fora de casa) são capazes de derrotar os inimigos de Deus! O choro do bebê Moisés acabou levando o Egito à submissão, e o nascimento de Samuel foi usado por Deus para salvar Israel e colocar Davi no trono. É evidente que foi o nascimento de Jesus que trouxe a salvação ao mundo. De fato, Deus usa os fracos e desamparados para louvá-lo e ajudar a derrotar seus inimigos (1 Co 1:27). O próprio Davi era apenas um menino quando calou Golias e o derrotou (1 Sm 17:33, 42, 43), trazendo grande glória para o nome do Senhor (17:45-47). Deus não precisa de nós, mas, ainda assim, ele nos criou e preparou um mundo maravilhoso para nós. Como declara o Catecismo de Westminster, nosso propósito é “glorificar a Deus e gozá-lo para sempre” e, se deixamos Deus de fora da nossa vida, perdemos a maior de todas as oportunidades da vida.

2. DEUS CUIDA DE NÓS (Sl 8:3, 4)

O Sol governa o dia, mas sua luz ofuscante normalmente nos impede de ver qualquer outra coisa nos céus; à noite, porém, somos maravilhados pelo espetáculo de beleza da Lua, das estrelas, dos planetas e das galáxias. Ralph Waldo Emerson escreveu que, se as estrelas aparecessem somente uma vez a cada século, as pessoas passariam a noite toda acordadas, só para contemplá-las. Aquilo que sabemos hoje sobre o tamanho do Universo faz a Terra e sua população parecerem ainda mais insignificantes do que no tempo de Davi. Nosso conhecimento sobre os anos-luz e a vastidão do espaço é motivo ainda maior para considerarmos nossa insignificância no sistema solar e a preocupação admirável de Deus conosco. Em seu grande

amor, o Senhor escolheu a Terra para si (Sl 24:1) e nos criou a sua própria imagem. O “homem”, no versículo 4, é *enosh*, “homem frágil” e o “filho do homem” é o “filho de *adamah* - filho da terra, nascido da terra” (Gn 2:7). Os dois títulos enfatizam a fragilidade dos seres humanos.

Com sua palavra, Deus fez mundos existirem, mas para Davi, a criação era proveniente dos dedos de Deus (v. 3; ver Êx 8:19 e 21:18) e também de suas mãos (v. 6), obra de um Artífice magistral. Era uma grande perversidade o povo de Israel adorar os exércitos dos céus (Êx 20:4-6; Dt 4:15-19; 17:2-7), uma vez que a criação era prova de um Criador carinhoso, que havia preparado o mundo para o prazer e o trabalho da humanidade. Deus está sempre atento a nós (ele se “lembra” de nós; ver Gn 8:1; 19:29; 30:22) e cuida de nós (ele nos “visita”; ver Jr 29:11; Jó 10:12). Deus completou sua criação antes de fazer Adão e Eva e de colocá-los no jardim, de modo que tudo estava pronto para eles e à sua disposição para suprir todas as suas necessidades.

3. DEUS NOS COROA (Sl 8:5-8)

Por que Deus dá atenção a “frágeis criaturas feitas do pó”? Porque ele as criou a sua imagem e são especiais. Em vez de considerarmos os seres humanos “um pouco maiores que os animais”, como crê a ciência, na verdade, são “por um pouco, menores do que Deus”. O termo *elohim* pode significar criaturas angelicais (ver Hb 2:7), mas nesse caso, sem dúvida, quer dizer “Deus”. O Senhor coroou Adão e Eva e lhes deu domínio sobre todas as outras criaturas (Gn 1:26, 27). Somos co-regentes da criação com o Senhor! Os anjos são servos (Hb 1:14), mas nós somos reis, e, um dia, todos que crêem em Cristo serão como ele (1 Jo 3:1-3; Rm 8:29).

Hoje em dia, as pessoas vivem mais como escravas do que como governantes. Por que não vivemos como reis? Porque nossos primeiros antepassados pecaram e perderam suas coroas, abrindo mão desse domínio glorioso. De acordo com Romanos 5, é o pecado que governa nosso mundo (v. 21); a morte também reina (vv. 14 e 17), mas Jesus

Cristo readquiriu esse domínio para nós e, um dia, o compartilhará conosco quando governar em seu reino (Hb 2:6-8). Quando Jesus ministrou aqui na Terra, exerceu o domínio que Adão havia perdido, pois governou sobre os animais (Mc 1:13; 11:1-7), as aves (Lc 22:34) e os peixes (Lc 5:4-7; Mt 17:24-27; Jo 21:1-6). Hoje, Cristo está assentado em seu trono no céu, e todas as coisas estão “debaixo dos pés” do Senhor (1 Co 15:27; Ef 1:22; Hb 2:8), uma expressão que significa “inteiramente sujeitas a ele” (47:4; Js 10:24; 1 Rs 5:17). Por meio do Cristo exaltado, a graça de Deus está reinando nos dias de hoje (Rm 5:21), de modo que os filhos de Deus podem “reinar em vida” por intermédio de Jesus Cristo (v. 17). Ele “nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” (Ap 1:6). Pela fé, vemos Jesus (Hb 2:8, 9) coroado no céu, o que nos dá a certeza de que, um dia, reinaremos com ele e receberemos nossa coroa (Ap 20:1-6).

Em síntese: Deus o Pai nos criou para sermos reis, mas a desobediência de nossos primeiros antepassados nos privou de nossas coroas. Deus o Filho veio à Terra e nos redimiu para sermos reis (Ap 1:5, 6) e, hoje, o Espírito Santo de Deus pode nos dar poder para “[reinar] em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo” (Rm 5:17). Quando coroamos Jesus Cristo como Senhor de tudo, somos soberanos, não escravos; somos vitoriosos, não vítimas. “Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!”

SALMO 9

A ênfase deste salmo é sobre o louvor jubiloso (vv. 1, 2, 11, 14), especialmente pelo cuidado de Deus para com Israel e seu julgamento justo das nações que atacaram seu povo. Encontramos o tema do julgamento e da justiça nos versículos 4, 7, 8, 16 e 19, 20 e podemos observar a menção ao trono de Deus (vv. 4, 7, 11). Para uma passagem paralela, ver Isaías 25:1-5. O termo “*Muthlabben*”, que aparece no original, quer dizer “a morte para o filho”, mas não sabemos de que modo se relaciona a esse salmo. Talvez

fosse o nome de uma melodia conhecida com a qual o salmo devia ser cantado. Desde que o Senhor proferiu as palavras registradas em Gênesis 3:15 e 12:1-3, o mundo é o campo de batalha em que, até hoje, as forças de Satanás lutam contra as forças de Deus e cujo foco é a nação de Israel (ver Ap 12).

1. LOUVOR PESSOAL: DEUS SALVA O REI (Sl 9:1-8)

Davi oferece louvores sinceros ao Senhor (Mt 15:8) por livrá-lo e a seu exército das nações inimigas que atacaram Israel. Seu objetivo não é glorificar a si mesmo, mas sim honrar ao Senhor. Sua alegria está no Senhor, não apenas na grande vitória que ele concedeu (Fp 4:4), e seu desejo é contar a todos sobre os feitos maravilhosos de Deus (ver v. 14 e 103:1, 2; 117:1; 138:1; 1 Pe 2:9 e Ef 2:7). O Deus "Altíssimo" é *El Elyom* (ver 7:8, 10, 17; 18:13; 21:7). Foi esse o nome que Abraão honrou depois que Deus lhe deu vitória sobre os reis (Gn 14).

Davi descreve a vitória nos versículos 3 a 6, passagem que deve ser lida no passado: "Pois retrocederam os meus inimigos, tropeçaram e sumiram-se". Observe o uso repetido da segunda pessoa do singular nos versículos 4 e 5 para indicar a ação de Deus: "[tu] sustentas [...]; te assentas e julgas [...]. Reprendes as nações, destróis o ímpio [...] lhes apagas o nome". Deus fez os inimigos recuarem e, quando estavam batendo em retirada, tropeçaram e pereceram diante do Senhor. Por que o Senhor fez isso? Para guardar o direito de Davi ser rei sobre Israel e realizar os propósitos de Deus neste mundo. A repreensão de Deus é uma expressão de sua ira (2:5; 76:6). "Apagar" um nome significava destruir de todo a pessoa, lugar ou nação (83:4; Êx 17:14; Dt 25:19; 1 Sm 15; e ver Dt 9:14; 25:19; 29:20). Ao contrário da obliteração das nações, o Senhor e seu grande nome permanecem para sempre. Seu trono é inabalável. Na verdade, na vitória que recebeu de Deus, Davi vê um retrato do julgamento e vitória finais, quando Deus julgará o mundo. Paulo faz referência ao versículo 8 em seu discurso em Atenas (At 17:31).

2. LOUVOR NACIONAL: DEUS PROTEGE O POVO (Sl 9:9-20)

A atenção volta-se agora para o povo da terra, ao qual Davi se refere como "oprimido" (v. 9), "afilito" (v. 12) e "necessitado" (v. 18). Trata-se dos adoradores fiéis do Deus verdadeiro perseguidos, abusados e explorados pelos governantes locais por se manterem firmes no Senhor (ver 10:17; 25:16; 40:17; 102:1; Sf 2:3 e 3:12, 13). Davi louva ao Senhor por sua fidelidade ao cuidar de suas ovelhas.

O refúgio - Deus não os abandonará (vv. 9, 10). O primeiro "refúgio" refere-se a "um lugar alto e seguro", e o segundo, a "uma fortaleza". Durante os anos do exílio, Davi descobriu que as fortalezas do deserto eram lugares de segurança, mas sabia que o Senhor era seu refúgio mais seguro (46:1). A expressão "horas de tribulação" significa, literalmente, "momentos de extremidade, aflição" (ver 10:1; 27:5; 37:39; 41:1; 73:5; 107:6, 13, 19, 26, 28). "Conhecer o nome de Deus" ou "amar o nome de Deus" significa crer nele e ser salvo (5:11; 69:36; 91:14; 119:132; 1 Sm 2:12). Deus abandonou seu próprio Filho (Mt 27:46) para que jamais abandonasse seu povo.

O vingador - Deus não faltará com eles (vv. 11-17). Davi chama o remanescente sofredor para cantar louvores a Deus, pois ele está a seu lado, lutando suas batalhas. Não deixará de ouvir seus clamores e de fazer justiça em seu favor. O chamado de Israel é dar testemunho às nações de que Jeová é o único e verdadeiro Deus vivo (18:49; 44:11; 57:9; 106:27; Is 42:6; 49:6). A arca estava em Jerusalém, de modo que Deus encontrava-se em seu trono em Israel. "Requerer o sangue" quer dizer conduzir uma investigação oficial sobre um homicídio e determinar quem era culpado do crime, simbolizado pela presença de sangue em sua casa (Dt 22:8), nas mãos (Ez 3:17-21; 33:1-9), ou sobre a cabeça (At 18:6; ver Gn 9:5 e 10:13). Israel não possuía uma força policial, mas um parente próximo poderia vingar o homicídio de um membro da família. Assim, Deus separou as seis "cidades de refúgio" onde as pessoas que matavam alguém

acidentalmente poderiam se abrigar (Nm 35). Porém, quando Deus é o vingador, tem todas as evidências de que precisa para encontrar e castigar os pecadores rebeldes. O remanescente sofredor ora ao Senhor nos versículos 13 a 17, pedindo para ser livrado das portas da morte (*sheol*, o mundo dos mortos, ver 107:18; Jó 17:16; 38:17; Is 38:10) e colocado nas portas de Sião (v. 14). Da morte para a vida! Também pedem a Deus que pegue seus inimigos em suas próprias armadilhas (vv. 15, 16; ver 7:14-16) e, por fim, os entregue à cova (*sheol*). O termo *Higgaion*, empregado no original, pode significar “meditação” ou, ainda, ser uma referência a um som solene dos instrumentos de acompanhamento.

O conquistador – Deus não se esquecerá deles (vv. 18-20). As palavras “Levanta-te, SENHOR” lembram a marcha da conquista de Israel (Nm 10:35), quando Deus foi adiante de seu povo para derrotar os inimigos. O “mortal” no versículo 19 é *enosh*, “homem fraco e frágil”, fato que os pecadores recusam-se a admitir (como veremos no Sl 10). Um dia, o Senhor colocará os rebeldes em seu devido lugar, e eles descobrirão que não passam de pó!

SALMO 10

O problema no Salmo 9 é o inimigo invasor, uma ameaça externa. No Salmo 10, o inimigo corrompe e destrói internamente.¹¹ Havia nações perversas ao redor de Israel (9:5), mas também havia pessoas perversas dentro da comunidade da aliança (10:4), que diziam conhecer a Deus, mas cuja vida mostrava que não sabiam quem era o Senhor (Tt 2:16). Sabem que existe um Deus, mas vivem como se não existisse Deus algum, ou como se jamais fosse haver um julgamento final. São os “ateus pragmáticos” que se declaram seus próprios deuses e fazem o que bem entendem.

1. QUESTIONANDO DEUS (Sl 10:1)

O salmista trata de um problema de longa data: “Por que Deus não faz alguma coisa sobre a prosperidade dos perversos (vv. 2, 3, 4, 7, 10, 15) e o sofrimento dos aflitos

(vv. 2, 8-10, 12, 14, 17, 18)?” Essa questão também é discutida em 13:1-3; 27:9; 30:7; 44:23, 24; 73; 88:13-15, bem como em Jó 13:24ss e em Jeremias 14. Os perversos estão marchando pela terra, mas o Senhor parece distante e indiferente. Ao longo do século passado, milhões de pessoas tementes a Deus perderam seus lares, empregos, bens, famílias e até mesmo a vida por causa de atos desumanos de líderes perversos – e onde estava Deus? (ver 22:1,11; 35:22; 38:21; 42:9; 43:2; 71:12; 74:1; 88:14). Deus expressou uma preocupação especial pelas viúvas, pelos órfãos e pelos desamparados (68:5; 82:3; Dt 10:18; 24:17-21; 26:12, 13; 27:19) e, no entanto, não se mostra presente. Ele “cobre os seus olhos” como se nada estivesse acontecendo (ver Lv 20:4; 1 Sm 12:3; Pv 28:27).

2. REJEITANDO DEUS (Sl 10:2-13)

Agora, o salmista descreve esses perversos, o que fazem e o que os leva a agir desse modo. Faz quatro declarações que expressam aquilo em que crêem, pois suas convicções determinam seu comportamento.

“Não há Deus” (vv. 2-4). Crer nessa mentira libera os perversos para fazerem o que bem entendem, pois se tornam seus próprios deuses. “Como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5 e 6:5). Os perversos conspiram astutamente contra os justos e os perseguem com violência até conseguirem o que querem. Esses malfeitores vivem em função de si mesmos e para satisfazer seus desejos egoístas, e, depois, se vangloriam de seus pecados! (Fp 3:18-21). Maldizem o Senhor (vv. 3, 13) e se mostram arrogantes quando alguém os questiona.

“Jamais serei abalado” (vv. 5-7). Essa insolência é decorrente da ignorância das leis de Deus, pois aqueles que não foram transformados pelo Senhor não possuem conhecimento algum da Palavra de Deus nem dos caminhos de Deus (1 Co 2:10-16). Uma vez que Deus é longânimo, acreditam que permanecerão impunes (Ec 8:11). A paz e a prosperidade lhes conferem uma falsa sensação de segurança que acabará de modo extremamente súbito (ver Lc 12:13-21 e 1 Ts 5:1-3).

Mentem e fazem juramentos que não pretendem cumprir, escapam das penas da lei e prosseguem em seus caminhos corruptos. Como quem degusta um alimento saboroso, guardam debaixo da língua mentiras que lhes dão prazer (Jó 20:12-15; Pv 4:17). Paulo cita o versículo 7 em Romanos 3:14. Foi aos justos que Deus prometeu verdadeira segurança (15:15; 16:8; 21:7; 62:2; 112:6).

“Deus não está me vendo” (vv. 8-11).

Feito leões ferozes, os perversos se escondem e ficam à espreita de oportunidades para atacar suas vítimas indefesas; como caçadores ou pescadores, capturam as presas em suas redes. Estão certos de que não serão pegos pela lei e de que o Senhor não atenta para aquilo que fazem. O leão é usado com frequência como um retrato dos pecadores cruéis que atacam a outros (17:12; 37:32; 56:6; 59:3; 64:4).

“Deus não me julgará” (vv. 12, 13). Nesse ponto, o salmista clama a Deus por ajuda e usa três nomes diferentes para o Senhor: Jeová, o Deus da aliança, *El* e *Elohim*, o Deus do poder. Os perversos se gabam de que Deus não os julgará, mas Deus diz: “Sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32:23). Haverá um acerto de contas, um dia em que os pecadores serão julgados por um Deus justo. As palavras: “Levanta-te, SENHOR”, remetem a Números 10:35 e à marcha triunfante de Israel.

Releia essas declarações e veja como expressam o modo de pensar dos pecadores de hoje.

3. CONFIANDO EM DEUS (Sl. 10:14-18)

À medida que o salmo chega ao fim, o salmista expressa sua total confiança no fato de que Deus está assentado em seu trono e de que tudo está sob seu controle. O Senhor pode não explicar para nós por que algumas pessoas parecem escapar incólumes de seus atos perversos, mas garante que julgará os pecadores e, a seu tempo, defenderá o seu povo. Neste parágrafo, o Senhor responde às quatro declarações dos perversos citadas nos versículos 2 a 13.

Deus vê o que está acontecendo (v. 14).

Essa é a resposta para a declaração nos

versículos 8 a 11, segundo a qual o Senhor não presta atenção àquilo que os perversos estão fazendo. Deus não apenas vê os problemas (as circunstâncias externas) como também sabe da tristeza (os sentimentos internos) causada pelos perversos ao perseguirem os desamparados e tomará as devidas providências. Os pobres e necessitados podem se entregar confiantemente nas mãos do Senhor (55:22; 1 Pe 5:7).

Deus julga o pecado (v. 15), e isso responde à declaração falsa dos versículos 12 e 13. O salmista ora pedindo ao Senhor que investigue cuidadosamente a vida e as obras de cada pecador, até que toda maldade seja revelada e julgada. Porém, pede que os pecadores sejam julgados nesta vida e que sejam despojados de seu poder (“quebranta o braço”). Trata-se de uma oração que nem sempre é respondida (ver Ap 6:9-11).

Deus é Rei (v. 16). Os perversos afirmam que não há Deus (vv. 1-4), mas a verdade é que Deus existe e governa sobre todas as coisas! (ver 2:6; 5:2; 24:7-10; 29:10; 1 Sm 8:6, 7). Depois de serem libertos do Egito, os israelitas cantaram louvores ao seu Rei: “O SENHOR reinará por todo o sempre” (Êx 15:18).

Deus defende seu povo (vv. 17, 18). Os perversos vangloriam-se de que não serão abalados (vv. 5-7), mas Deus tem outros planos para eles. Ele ouve as orações dos perseguidos, vê sua terrível situação, fortalece seu coração para aquelas provações que permite sofrerem (Rm 8:28) e, a seu tempo, julga todos que se aproveitam deles. Aqueles que têm fé podem depender do Deus do céu, mas as “pessoas da terra” que confiam em si mesmas e são arrogantes não passarão a eternidade com o Senhor. A vida sem o Senhor é vazia e fútil (49:12-20; 62:9). A cidadania dos cristãos encontra-se no céu (Fp 3:20), onde seus nomes estão escritos (Lc 10:20). Apesar de terem um ministério aqui na terra, os cristãos não pertencem a este mundo. Aqueles que são do povo de Deus “foram comprados da terra” (Ap 14:3) e seu lar se encontra no céu. A expressão “o homem, que é da terra”, no versículo 18, aparece com frequência no Livro de Apocalipse (3:10; 6:10; 8:13; 11:10; 12:12; 13:8, 12, 14; 14:6;

17:2, 8) e descreve não apenas onde os incrédulos vivem, mas aquilo para que vivem: as coisas da terra. No momento, pode parecer que esses "habitantes da terra" têm todo o poder em suas mãos, mas espere até o Senhor revelar sua mão de poder!

SALMO 11

É difícil determinar o contexto histórico desse salmo. Davi viu-se em perigo em várias situações, quer na corte de Saul (1 Sm 19:1), no deserto, sendo perseguido por Saul, quer durante a rebelião de seu filho, Absalão. Davi fugiu da corte de Saul e se escondeu no deserto por cerca de dez anos e, também, deixou Jerusalém nas mãos de Absalão e buscou refúgio do outro lado do Jordão, duas decisões sábias. Porém, durante a crise descrita nesse salmo, Davi não abandonou seu posto, mas confiou que o Senhor o protegeria, como de fato ele o fez. Qualquer que tenha sido a crise, esse salmo nos ensina que devemos escolher entre ter medo (andar de acordo com o que vemos) e confiar (andar pela fé), entre ouvir o conselho dos homens ou obedecer à sabedoria que vem do Senhor (Tg 1:5).

1. O QUE DAVI DEVE FAZER (SL 11:1)

Quando a crise surgiu, imediatamente os conselheiros de Davi lhe disseram para deixar Jerusalém e buscar um refúgio seguro nas montanhas. Não pareciam crer que o Senhor poderia protegê-lo (ver 3:2 e 4:6). Davi usa a imagem do pássaro em 55:6-7, mas, nesse caso, não precisa de asas como as de uma pomba, e sim como as de uma águia (Is 40:31) para que possa, pela fé, elevar-se acima da tempestade e derrotar seus inimigos. No original, o verbo "fugir" é usado no plural e se refere a Davi e sua corte. É certo fugir da tentação (2 Tm 2:22), como fez José (Gn 39:11-13), mas é errado fugir das responsabilidades, como Neemias foi convidado a fazer (Ne 6:10, 11). O líder que foge da crise sem necessidade não é um pastor fiel às ovelhas, mas sim um mercenário (Jo 10:12, 13). Devemos ter cuidado com os conselhos insensatos. Ao depositar nossa fé no Senhor, ele nos protegerá e nos guiará em nossos caminhos.

2. O QUE O INIMIGO FAZ (SL 11:2)

A expressão "porque eis aí" indica que esses conselheiros estavam andando de acordo com o que podiam ver e avaliando a situação do ponto de vista humano (ver 2 Rs 6:8-23). É bom saber dos fatos, mas é melhor ainda olhar para esses fatos à luz da presença e das promessas de Deus. Uma conspiração estava em andamento, algo que não era raro nos palácios do Oriente. Os arcos e as flechas podem ser literais, porém o mais provável é que sejam metáforas para descrever palavras enganosas e destrutivas (57:4; 64:3, 4; Pv 26:18, 19; Jr 9:3, 8; 18:18). Talvez este salmo tenha sido escrito no início da campanha de Absalão (2 Sm 15:1-6). Davi era um homem reto (v. 2) e justo (vv. 3, 5) diante de Deus e sabia que o Senhor, em sua justiça, faria a coisa certa (v. 7).

3. O QUE O JUSTO PODE FAZER? (SL 11:3)

Davi havia sido escolhido por Deus para ser rei, de modo que qualquer coisa que o atacasse pessoalmente abalaria os alicerces de sua nação. Deus havia abandonado Saul como rei, e Absalão nunca havia sido escolhido para ser rei - e esses dois homens abalaram os alicerces do governo divino (ver 75:3 e 82:5). A sociedade é construída sobre a verdade, e, quando a verdade é questionada ou negada, seus fundamentos são enfraquecidos (Is 59:11-15). A pergunta: "Que poderá fazer o justo?" também pode ser traduzida por: "O que o Justo está fazendo?" Por vezes, Deus "sacode" as coisas para que seu povo se dedique à edificação da igreja, em vez de se concentrar na manutenção de seus andaimos (Hb 12:25-29; Ag 2:6). Mas a tradução tradicional é precisa, e a resposta à pergunta é: "Voltar a lançar os alicerces!". Cada nova geração deve providenciar para que os fundamentos da verdade e da justiça permaneçam sólidos. Samuel lançou novamente os alicerces da aliança (1 Sm 12), e Esdras lançou outra vez os alicerces do templo (Ed 3). Apesar de todas as suas provações, Davi viveu tempo suficiente para fazer os preparativos para a construção do templo e a organização do culto nele. Ao longo dos altos e baixos da história de Judá,

reis piedosos purificaram a terra da idolatria e conduziram o povo de volta à adoração verdadeira ao Senhor. A mensagem de Cristo às igrejas em Apocalipse 2 - 3 deixa claro que as igrejas locais precisam ser examinadas com freqüência a fim de determinar se estão sendo fiéis ao Senhor, e precisamos orar por uma obra constante de reavivamento pelo Espírito.

4. O QUE DEUS FARÁ (Sl 11:4-7)

Quando olhamos ao redor, vemos os problemas, mas quando olhamos para o Senhor pela fé, vemos a solução para os problemas. Quando as coisas a seu redor parecem sombrias, tente olhar para o alto! "No SENHOR me refugio", declarou Davi, pois sabia que Deus estava assentado no trono, em seu santo templo no céu (Hc 2:20; Is 6), vendo tudo o que o inimigo fazia. A expressão "pôr à prova", no versículo 5, dá idéia de "testar metais pelo fogo", como em Jeremias 11:20 e 17:10. Os olhos de Deus penetram nosso coração e nossa mente (Hb 4:12; Ap 2:23). O Senhor testa os justos a fim de fazer aflorar o que há de melhor nesses, mas Satanás os tenta a fim de fazer aflorar o que há de pior. Quando confiamos no Senhor em meio às dificuldades da vida, nossas tribulações trabalham a nosso favor, não contra nós (2 Co 4:7-18).

Davi usa três imagens para descrever o julgamento que Deus tem preparado para os perversos. Em primeiro lugar, vê fogo e enxofre descendo sobre eles, semelhante ao que o Senhor enviou sobre Sodoma e Gomorra (v. 6a; Gn 19:24; ver também Is 30:33; Ap 9:17). Então, vê uma terrível tempestade destruir o inimigo, um "vento abrasador" como aquele que soprava com freqüência no deserto (v. 6b). Davi usa a imagem da tempestade no cântico sobre seu livramento das mãos dos inimigos e do rei Saul (18:4-19). A terceira imagem mostra uma poção venenosa num cálice (v. 6c). "Beber do cálice" é uma expressão usada em várias ocasiões para se referir ao julgamento do Senhor (75:8; Is 51:17, 22; Jr 25:15-17; Ez 38:22; Ap 14:10; 16:19; 18:6). Para a aversão do Senhor ao pecado e aos violentos, ver 5:5.

O que Deus tem planejado para seu povo? "Os retos lhe contemplarão a face" (v. 7; ver 17:15 e 1 Jo 3:1-3). "Contemplar a face" significa ter acesso à pessoa, como no caso de "[ver] a face do rei" (2 Sm 14:24). Quando Deus vira sua face, quer dizer que nos rejeita, mas quando nos contempla com prazer, significa que vai nos abençoar (Nm 6:22-27). Quando Jesus voltar, aqueles que o rejeitaram serão "banidos da face do Senhor e da glória do seu poder" (2 Ts 1:8-10; Mt 7:21-23), enquanto seus filhos serão recebidos de braços abertos em sua presença (Mt 25:34).

SALMO 12

Em algumas universidades norte-americanas, cursos antes designados de "economia doméstica", hoje são denominados "estudos práticos vivenciais". Em Tucson, no Estado do Arizona, as estradas não têm mais buracos, pois estes passaram a ser conhecidos como "defeitos no asfalto". Na política, impostos novos são "otimizações de renda", e nos meios militares, "recuar" é "reverter a operação ofensiva". Se, no meio dessa "reversão", o indivíduo receber um tiro, o buraco da bala é um "orifício balisticamente induzido na camada subcutânea".¹² Esse tipo de linguagem artificial e evasiva é conhecido como linguagem ambígua, e o fato de se encontrar presente em quase todas as áreas da vida mostra como a linguagem e a comunicação vão mal das pernas. Nossa capacidade de falar e escrever palavras é uma dádiva preciosa de Deus, e esse salmo trata das formas devidas e indevidas de uso desse dom.

1. OS HOMENS PIEDOSOS - PALAVRAS DE DESESPERO (Sl 12:1)

No Salmo 11, os alicerces da sociedade são abalados (v. 3), mas aqui Davi pede socorro (salvação, livramento), pois o remanescente piedoso de fiéis está cada vez maior. Não se trata da reclamação de um velho esquisito, com saudades dos "bons tempos" de outrora. Antes, é o clamor de um servo verdadeiramente fiel de Deus que deseja ver Israel cumprir seus propósitos divinos na terra. A fidelidade de Israel envolvia trazer ao mundo

o Salvador e abençoar todas as nações (Gn 12:1-3). Não foi apenas Davi que demonstrou essa preocupação. Elias pensou que era o único profeta fiel que ainda restava (1 Rs 18:22; 19:10, 18), e os profetas Isaías (Is 57:1) e Miquéias (Mq 7:1-7) expressaram sua preocupação com a falta de líderes tementes a Deus. Ver, ainda, Salmos 116:1, Eclesiastes 10:5-7 e Jeremias 5:1. Ao escrever 1 Timóteo, Paulo lamenta o que “certas pessoas” estavam fazendo na igreja (1:3, 6, 19; 4:1; 5:15; 6:10), mas em 2 Timóteo, um grupo de pessoas transforma-se em “todos” (1:15; 4:16). Uma das coisas mais tristes nos dias de hoje é que uma nova geração de cristãos parece não saber o que qualifica um líder piedoso, de modo que tomam emprestadas certas idéias de liderança da sociedade secular e colocam todo tipo de pessoa sem preparo nem qualificação para ser líderes.

2. OS PERVERSOS – PALAVRAS DE DISSIMULAÇÃO (Sl 12:2-4)

Um dos atributos que marca o cristão cheio do Espírito é a capacidade de detectar e de evitar mentiras e mentirosos (1 Jo 2:18-29), e Davi sabia que estava vivendo numa sociedade controlada pela falsidade. Não eram apenas algumas pessoas que contavam mentiras; a dissimulação era uma das principais características de toda aquela geração (ver 5:9; 28:3; 34:13; 55:21; 141:3). O que Davi diria se vivesse hoje e visse a vulgarização e a promoção daquilo que chamamos com a maior naturalidade de “mídia”? É bem provável que despreveria a “comunicação” de hoje como fez séculos atrás: palavras vazias, imprestáveis (“falsidade”) e lisonjeiras (“lábios bajuladores”).

Saul mentiu para enganar seus líderes a respeito de Davi, e Absalão usou da lisonja para envenenar a mente do povo ingênuo de Israel contra Davi. Bajulação não é comunicação, mas sim manipulação (ver Pv 26:28; 28:23). Até mesmo no ministério cristão é possível usar a bajulação para influenciar e explorar as pessoas (1 Ts 2:1-6; At 20:28-31). Esse tipo de discurso mexe com o ego e influencia especialmente aqueles que desejam parecer importantes (Jd 11). Podemos adular

a nós mesmos (36:2), a outros (5:9; 12:2) e até mesmo a Deus (78:34-37). É claro que as palavras dos lábios vêm do coração (Mt 12:33-37) e, por isso, Davi acusa esses mentirosos de duplicidade, ou seja, de ter um coração dividido (“fingido”; literalmente, “um coração e um coração”). Trata-se do oposto do coração disposto ou resolutivo, que indica a lealdade absoluta a Deus e a sua verdade (86:11; 1 Cr 12:33, 38; Rm 16:17, 18).

A “língua que fala soberbamente” é uma referência ao discurso jactancioso que impressiona as pessoas com sua eloquência e vocabulário. As expressões usadas para isso em 2 Pedro 2:18 e em Judas 1:16 são “palavras jactanciosas de vaidade” e “grandes arrogâncias”, respectivamente. Daniel (7:20, 25) e João (Ap 13:2, 5) dizem que o Anticristo falará dessa maneira e governará o mundo. Esse tipo de discurso é motivado pelo orgulho e é usado por pessoas que acreditam que estão no controle e jamais terão de prestar contas a qualquer um, inclusive nem ao Senhor. Seus lábios lhes pertencem e podem falar como bem entenderem.

3. O SENHOR – PALAVRAS DE LIVRAMENTO (Sl 12:5-8)

Porém, Deus vê a opressão dos fracos (Êx 3:7), ouve a dor em seus clamores e assevera que se levantará e julgará os mentirosos e enganadores. A declaração: “Eu me levantarei” remete a 3:7; 7:6; 9:19 e 10:12 (ver também Nm 10:35 e Is 33:11, 12). “Pôr a salvo”, no versículo 5, vem do mesmo radical hebraico que “socorro”, no versículo 1, e “ouviu a súplica”, em 6:9, e é a base dos nomes “Jesus” e “Josué” (“Jeová é salvação”). A última oração do versículo 5 deve ser traduzida como aparece em algumas versões: “darei a segurança pela qual ele anseia”. Quando Deus vier para livrar seu povo, “cortará fora” aqueles que praticam a bajulação e a falsidade (v. 3), indicando a separação da comunidade da aliança (Gn 17:14), da mesma forma que os cabritos eram separados das ovelhas (Mt 25:31-33).

Mas será que essa promessa do Senhor é digna de confiança? Sem dúvida! Ao contrário

das palavras inúteis dos enganadores, a Palavra do Senhor é como prata preciosa (19:9, 10), aquecida sete vezes no cadinho antes de ser derramada no molde. Sua Palavra é perfeita e podemos confiar nela; sua Palavra é preciosa e deve ser estimada (119:14, 72, 127, 162). Que grande paradoxo a sociedade de hoje considerar as Escrituras algo praticamente sem valor e, ao mesmo tempo, pagar verdadeiras fortunas para pessoas que criam dissimulação e bajulação. Não importa quantas mentiras esta geração possa contar, a Palavra de Deus é certa, pois ele disse: “Eu velo sobre minha palavra para a cumprir” (Jr 1:12). Além disso, Deus é apto para proteger seu povo piedoso das mentiras do inimigo. O povo de Deus é “a linhagem do justo” (14:5); a “geração dos que o buscam, dos que buscam a face do Deus de Jacó” (24:6); “a geração de teus filhos” (73:15); “a geração dos justos” (112:2). Se o povo de Deus se farta com a Palavra de Deus, não será seduzido por esta geração enganadora. Quando a igreja adota as técnicas e as motivações do sistema em que o mundo vive, ela deixa de glorificar ao Senhor.

O último versículo é um chamado para entrar em ação, pois “por todos os lugares andam os perversos, quando entre os filhos dos homens a vileza é exaltada”. A “vileza” é promovida e exaltada na mídia: imoralidade, brutalidade, homicídios, mentiras, embriaguez, nudez, ganância, abuso da autoridade. Aquilo que Deus condena é considerado, hoje, uma forma universal de diversão, e a indústria do entretenimento oferece prêmios para aqueles que produzem essas coisas. As pessoas orgulham-se daquilo de que deveriam envergonhar-se (Fp 3:18, 19). Existe um modo de refrear e de superar essa decadência nacional? Sem dúvida! O povo de Deus é sal e luz (Mt 5:13-16). Se houvesse mais luz na terra, haveria menos trevas e, com mais sal, haveria menos deterioração. À medida que o povo de Deus adora o Senhor, orar e falar do evangelho aos perdidos, mais pessoas virão a crer em Cristo, trazendo mais luz e sal para a terra. Além disso, devemos compartilhar a verdade da Palavra com a geração seguinte (2 Tm 2:2) e prepará-la

para as batalhas e oportunidades por vir (78:1-8; 102:18). A igreja está sempre a uma geração da extinção, portanto devemos ser fiéis em ganhar os que não crêem e em ensinar os que crêem; de outro modo, a maldade tomará conta da terra.

SALMO 13

É bem possível que este salmo tenha sido escrito durante os anos difíceis que Davi passou no exílio, quando o rei Saul o estava perseguindo. Houve ocasiões em que confessou: “apenas há um passo entre mim e a morte” (1 Sm 20:3). Pela graça de Deus, Davi transformou seu sofrimento em cânticos e os deixou para nos encorajar em nossas tribulações (2 Co 1:2-11). Neste salmo curto, Davi trata de seus sentimentos, de seus adversários e de sua fé.

1. A LUTA INTERNA – SEUS SENTIMENTOS (Sl 13:1, 2)

Deus prometeu o trono de Israel a Davi, e, no entanto, o dia da coroação parece cada vez mais distante. Saul age com perversidade, e Deus não julga. Davi, por sua vez, age com retidão e se sente abandonado pelo Senhor. Sem dúvida, Davi está perturbado com as atitudes do inimigo, mas sua maior preocupação é com as atitudes que o Senhor *não* está tomando. A pergunta: “Até quando?” aparece com frequência nas Escrituras (ver 6:3) e é perfeitamente válida, desde que seja feita por alguém com um coração puro diante de Deus. Até os santos nos céus fazem essa pergunta (Ap 6:10). Quando estamos passando por dificuldades e oramos pedindo socorro, mas não o recebemos, nossa tendência é nos sentirmos abandonados. Para Davi, Deus o está ignorando, e essa alienação é definitiva e completa. Além disso, sente que Deus está escondendo seu rosto dele em vez de fazê-lo resplandecer sobre ele (ver 30:7; 44:24; Lm 5:20). Contemplar a face de Deus pela fé e ver sua glória sempre foi um grande estímulo para Davi (11:7; 17:15; 27:4, 8; 31:16; 34:5; 67:1), mas nesse momento, parece que foi abandonado.

Sentindo como se houvesse sido entregue à própria sorte, Davi tenta imaginar várias

formas de vencer o inimigo (“relutando dentro de minha alma”; v. 2), mas, ao que parece, nenhuma dessas idéias o satisfaz. Crer é viver sem tramar; é não depender das próprias experiências e aptidões nem tentar criar os próprios planos (Pv 3:5, 6). O céu pode estar repleto de nuvens de tempestade que escondem o sol, mas continua brilhando do outro lado das nuvens. É perigoso nos entregarmos a nossos sentimentos, pois são enganosos e instáveis (Jr 17:9). Ao saber que Simeão havia sido deixado como refém no Egito, Jacó entregou os pontos e declarou que tudo conspirava contra ele (Gn 42:36), quando, na verdade, Deus estava fazendo tudo cooperar *para o bem* dele. Não devemos negar nossos sentimentos e fingir que tudo está bem, e não é pecado perguntar “Até quando?”. Ao mesmo tempo, no entanto, devemos estar cientes de o que nossos sentimentos são enganosos e de como Deus é maior que nosso coração (1 Jo 3:20) e pode nos elevar acima das tempestades emocionais da vida. Davi aprendeu a substituir a pergunta “Até quando, SENHOR?” pela declaração: “Nas tuas mãos, estão os meus dias” (31:15). Trata-se de uma lição que todos os cristãos devem aprender.

2. O PERIGO EXTERNO – SEUS ADVERSÁRIOS (Sl 13:3, 4)

É bom ter paz interior, mas também é preciso ter proteção ao redor. Por isso, Davi ora ao Senhor e faz três pedidos. O primeiro é: “Atenta para mim”, uma súplica para que o Senhor olhe para seu servo e o examine. Para Davi, parece que Deus escondeu dele sua face, e o desejo do rei é que o Senhor volte sua face para ele novamente. Seu segundo pedido é para que o Senhor responda e envie algum tipo de encorajamento. Davi sente que foi abandonado e que suas orações não estão surtindo efeito algum. “Ilumina-me os olhos” – esse é o terceiro pedido, referindo-se não apenas ao esclarecimento espiritual (19:8), mas também à vitalidade e às forças físicas e emocionais (Ed 9:8; 1 Sm 14:24-30). Como é fácil desanimar quando a mente e o corpo estão cansados! Talvez Davi estivesse doente e sua vida estivesse em perigo (v. 3;

ver 7:5). O que seria do trono de Israel se ele morresse?

Ainda que Davi estivesse preocupado com suas necessidades pessoais, sua preocupação maior era com a glória de Deus (v. 4). Afinal, Deus escolhera Davi e ordenara a Samuel que o ungesse rei, e, se Davi fracassasse, o nome de Deus seria ridicularizado. “Não dê ao inimigo a alegria de me ver derrotado!”, pede ao Senhor. O verbo “vacilar”, no versículo 4, significa “oscilar, perturbar-se, cambalear, estremecer” (ver 10:6). Se Davi começasse a vacilar, o povo fiel da terra pensaria que Deus não era capaz de cumprir suas promessas (ver 35:19-21; 38:16, 17).

3. A PERSPECTIVA DO ALTO – SUA FÉ (Sl 13:5, 6)

A expressão “no tocante a mim” indica uma transição do medo para a fé, do questionamento para a convicção das promessas de Deus. Os inimigos que se regozijem em sua falsa segurança; Davi exultará no Senhor seu Deus! Os sentimentos de Davi passaram por altos e baixos, mas Deus ainda está assentado em seu trono, e seu caráter não mudou. A misericórdia de Deus (seu amor inabalável) é tudo o que Davi precisa, pois esta jamais falhará (ver 25:6; Is 63:9; Lm 3:22, 23). O povo de Deus não vive de explicações, mas sim de promessas, tão imutáveis quanto o caráter de Deus. “Faça-se-vos conforme a vossa fé” (Mt 9:29).

A confiança no Senhor conduz ao regozijo no Senhor e em sua salvação (*yeshua*). Davi declara que Deus, em sua graça, tem tratado seu povo com generosidade (“porquanto me tem feito muito bem”; ver 103:2; 116:7; 119:17 e 142:7). As circunstâncias de Davi não mudaram, mas Deus o transformou quando Davi parou de olhar para seus sentimentos e adversários e, pela fé, começou a olhar para o Senhor.

SALMO 14

Este salmo trata do caráter e da conduta do “ateu pragmático” e expande a mensagem dos Salmos 10 e 12. Esses três salmos apresentam um retrato vívido dos ímpios – sua atitude insolente (10), suas palavras dissimuladas

(12) e, aqui, seus atos corruptos (14). Tudo o que são, dizem e fazem é decorrente de sua convicção arrogante (e ignorante) de que "não há Deus". O Salmo 14 é repetido no Salmo 53 com duas alterações: no original, o Salmo 53 emprega o nome "Deus" (heb. *elohim*) em vez de "Jeová" e substitui 14:6 com um acréscimo ao versículo 5. Davi contrasta os "obreiros da iniquidade" de Israel com o remanescente fiel (a "linhagem do justo"; vv. 4, 5), que buscava a Deus e obedecia aos preceitos de sua aliança. Durante o reinado de Saul, a espiritualidade dos israelitas decaiu terrivelmente, e muitos seguiram o péssimo exemplo do primeiro rei de Israel. Porém, mesmo nos piores tempos, Deus cuidou de seu remanescente fiel e foi seu refúgio nos momentos de dificuldade. Observe as características dos "ateus pragmáticos".

1. INSENSATEZ DELIBERADA – OS ÍMPIOS IGNORAM DEUS (SL 14:1-3)

Na língua hebraica, há três palavras básicas para definir o "insensato": *kesyl*, o insensato lerdo e estúpido; *ewiyil*, o insensato irracional e perverso; e *nabal*, a pessoa bruta semelhante a um animal teimoso. *Nabal* é o termo usado em 14:1 e também era o nome de um homem grosseiro que se recusou a ajudar Davi (1 Sm 25). As pessoas que dizem: "Não há Deus" não sofrem, necessariamente, de falta de inteligência; na verdade, muitas delas são bastante perspicazes. Porém, o que lhes falta é sabedoria e discernimento espiritual. O problema do insensato *nabal* é de ordem moral e afeta seu coração, não, sua mente. O evangelista norte-americano Billy Sunday costumava dizer que os pecadores não conseguem encontrar Deus pelo mesmo motivo que criminosos não conseguem encontrar policiais – simplesmente porque não estão procurando!

Os insensatos *nabal* são hipócritas e não querem Deus ou não precisam dele. Desejam viver a vida a seu próprio modo. Não se trata de um problema de falta de inteligência, mas sim de uma questão de ignorância intencional (2 Pe 3:5; Rm 1:18-28). No entanto, as conseqüências dessa decisão são tristes e se refletem tanto em seu caráter

quanto em sua conduta. Ao deixarem Deus de fora de sua vida, corrompem cada vez mais seu ser interior – o coração (v. 1), a mente (vv. 2, 4) e a vontade (v. 3). O verbo "corromper" refere-se a "decompor, apodrecer, deteriorar". É usado para descrever o cinto que "para nada prestava", na ilustração de Jeremias (Jr 13:7). Quando, do céu, o Senhor examina a terra (Gn 6:5, 11, 12; 11:15; 18:21), vê pessoas corrompidas (v. 3), adjetivo também empregado para descrever o leite que azedou. O verbo "extraviar", nesse mesmo versículo, significa que essas pessoas deram as costas a Deus (Jr 2:21) e se recusaram a cumprir o propósito para o qual foram criadas: glorificar a Deus.

Essa condenação é universal: ninguém, individualmente ou em conjunto, pode fazer coisa alguma boa o suficiente para se tornar merecedor da vida eterna no céu – nem uma pessoa sequer. Paulo cita essa passagem em Romanos 3 como parte de sua demonstração de que o mundo todo é culpado diante de Deus e pode ser salvo somente pela graça de Deus, conforme revelada em Jesus Cristo (Rm 3:9-26). A depravação humana não significa que todas as pessoas desenvolvem seu potencial absoluto de perversidade ou que nenhum homem ou mulher seja capaz de falar alguma coisa boa (Lc 11:13). Antes, quer dizer que todos têm uma natureza decaída a qual são incapazes de mudar e que, sem a graça de Deus, ninguém pode ser salvo do julgamento eterno.

2. MEDO SÚBITO – OS ÍMPIOS ENCONTRAM-SE COM DEUS (SL 14:4-6)

Alguém perguntou ao filósofo agnóstico britânico Bertrand Russell o que ele diria se, ao morrer, se visse de repente diante de Deus. De acordo com Russell, suas palavras a Deus seriam: "Você não nos deu provas suficientes!" Se os céus sobre nossa cabeça, a terra debaixo de nossos pés, as maravilhas da natureza a nosso redor e a vida e consciência dentro de nós não bastam para nos convencer da existência de um Criador sábio e poderoso, quantas provas mais o Senhor precisa apresentar? Um cosmonauta ateu afirmou ter perscrutado o espaço com grande

atenção e não ter visto Deus, ao que alguém comentou: “Se ele tivesse aberto a porta da cápsula espacial então o teria encontrado!” Chega um momento em que Deus e o pecador se encontram de súbito. Ver os casos de Belsazar em Daniel 5, do fazendeiro rico em Lucas 12:13-21 e das pessoas em Apocalipse 6:12-17.

O versículo 4 apresenta mais duas acusações: esses ímpios aproveitam-se dos fracos e pobres e não invocam o Senhor. A expressão “devoram o meu povo, como quem come pão” é uma metáfora bíblica para expressar a exploração dos desamparados (27:2; 35:25; 53:4; Mq 3:1-3; Lm 2:16; e ver Is 3:12; Jr 10:25; Am 2:6-8; Mq 2:2 e 7:3). As pessoas jamais devem ser usadas como meio para alcançar um fim nem ser “tratadas como bens de consumo”, como diz Eugene H. Peterson.¹³ Em vez de orar a Deus, os perversos dedicam-se a explorar aqueles que amam a Deus. Porém, quando o Senhor aparecer repentinamente para julgar a terra, ele se identificará com o remanescente fiel. Não sabemos a qual acontecimento Davi está se referindo, mas a passagem paralela em 53:5 indica uma grande vitória militar, que deixou todos os inimigos aniquilados, insepultos e, portanto, humilhados. Alguns interpretam essa cena como uma metáfora do tribunal e a relacionam com o versículo 6: “Meteis a ridículo [frustrais] o conselho [planos] dos humildes”. Imagine Deus aparecendo de repente no tribunal e expulsando o juiz corrupto! Qualquer que seja o significado, uma coisa fica clara: Deus está presente na linhagem dos justos; ele é seu refúgio quando os inimigos atacam e protegerá seu povo.

3. FUTURO SEM ALEGRIA – OS ÍMPIOS NÃO TÊM DEUS (Sl 14:7)

Deus prometeu que, um dia, o Redentor virá de Sião para livrar seu povo com grande poder (Is 59:16-21; Jr 31:33, 34), e Paulo confirma esse fato no encerramento de sua conhecida argumentação sobre a redenção futura dos judeus (Rm 11:25-32). A expressão “restaurar a sorte” no versículo 7 não se refere à volta do povo do cativoiro da Babilônia, pois Jeremias deixou claro que o

exílio chegaria ao fim depois de setenta anos (Jr 25:8-14). Refere-se, antes, a “mudar radicalmente as circunstâncias desfavoráveis de modo a torná-las favoráveis”. Um dia, Jesus Cristo voltará, derrotará os inimigos, purificará a nação de Israel e estabelecerá seu reino de justiça sobre a terra (Zc 10 - 14). Que tempo de regozijo será quando a oração “Venha o teu reino” for respondida!

E quanto aos perversos? Não têm futuro algum com o Senhor, pois escolheram não conhecer o Senhor nem viver para ele. Viveram de acordo com os desejos de seu próprio coração, não para agradar ao Senhor e glorificá-lo. Aqueles que rejeitam Jesus Cristo passarão a eternidade separados do Senhor e poderão dizer, com toda sinceridade: “Não há Deus – aqui!”

SALMO 15

O Salmo 14 nos diz que há dois grupos em Israel: os “obreiros da iniquidade” e a “linhagem do justo” (vv. 4, 5). O primeiro grupo abandonou a lei, mas o segundo constituiu um remanescente fiel que manteve viva a fé em Israel (Ml 3:16-18). Hoje, a Igreja é essa “linhagem do justo”, os cidadãos da Sião celestial (Hb 12:19-25), aqueles que devem fazer diferença neste mundo (Fp 2:12-16). Os Salmos 10 e 12 concentram-se nos que não são aceitáveis ao Senhor, enquanto o Salmo 15 descreve os que são aceitáveis e estão convidados a habitar em seu tabernáculo. É possível que Davi tenha escrito esse salmo em sua segunda – e bem-sucedida – tentativa de levar a arca da aliança para o monte Sião (em Jerusalém; 2 Sm 6), onde foi colocada numa tenda.

Os rabinos ensinavam que havia 613 mandamentos que o povo judeu deveria obedecer, a fim de ser justo, mas esse salmo reduz o total de mandamentos para onze. Isaías 33:15, 16 apresenta seis requisitos, e Miquéias 6:8 fala de três. Habacuque 2:4 cita apenas um – a fé –, pois a fé em Cristo é o único caminho para o perdão dos pecados e o acesso à presença do Senhor (Jo 14:6; Rm 1:7; Gl 3:11; Hb 10:38). O salmo não diz coisa alguma sobre a oferta de sacrifícios, pois os israelitas espirituais sabiam que a

salvação se dava em função de sua fé pessoal (Mc 12:28-34). É importante observar que o Salmo 15 não é uma *prescrição* para ser salvo, mas uma *descrição* de como as pessoas salvas devem viver a fim de agradar a Deus e ter comunhão com ele. Por meio de orações afirmativas e negativas, a lista apresenta várias qualidades que devem estar presentes em todas as áreas da vida em todo tempo. Os cristãos que desejam ter comunhão profunda com Deus devem seguir o exemplo de Davi e preencher três requisitos pessoais.

1. BUSCAR A PRESENÇA DE DEUS (Sl 15:1)

Depois que seus homens tomaram o monte Sião, Davi o transformou no local de sua residência e no santuário de Deus, e Jerusalém tornou-se a “Cidade de Davi” (2 Sm 5:1-16). O tabernáculo, o trono e o “santo monte” deveriam ficar juntos (ver 24:3-6; 2:6; 3:4; 43:3). Para o cristão de hoje, o monte Sião refere-se à cidade celestial, onde o povo de Deus habitará para sempre (Hb 12:19-25). Davi fez essa pergunta porque amava a casa do Senhor (26:8; 27:3-5; 65:4) e desejava, de todo coração, conhecer melhor a Deus e ter uma comunhão mais profunda com ele. Os sacerdotes tinham livre acesso à casa do Senhor, mas, apesar de ser rei, Davi não possuía esse mesmo privilégio. O verbo “habitar” quer dizer: “permanecer temporariamente como um estrangeiro”, enquanto “morar” refere-se a viver em caráter permanente num determinado local; porém, nesse caso, é bem provável que os verbos sejam sinônimos. Uma vez que conhecia a hospitalidade do Oriente, Davi sabia dos benefícios de morar na casa do Senhor – desejava desfrutar comunhão com Deus e receber a proteção e provisão do Senhor. No hebraico, o termo “morar” é *shakan* e dá origem à palavra *shekineh*, que se refere à presença (habitação) da glória de Deus no santuário (Êx 25:8; ver também 29:46; 1 Cr 22:19; Sl 20:2; 78:69; 150:1). O maior desejo de Davi é estar com Deus no céu e habitar em sua casa para sempre (23:6; 61:4), pois Deus é nosso lar eterno (90:1). Os cristãos de hoje podem desfrutar a comunhão íntima com

Deus por meio de Jesus Cristo (Jo 14:19-31; Hb 10:19-25).

2. OBEDECER AOS PRECEITOS DE DEUS (Sl 15:2-5A)

O versículo 2 cita três áreas fundamentais da vida – um caráter irrepreensível, uma conduta reta e palavras verdadeiras – aplicadas de modo prático e específico nos versículos 3 a 5a. Tendo essas três virtudes básicas, procuraremos desenvolvê-las em todas as áreas de nossa vida e seremos obedientes ao Senhor. Os verbos “viver, praticar e falar” encontram-se no presente do indicativo, mostrando que o cristão devoto obedece ao Senhor a todo tempo e sempre procura lhe agradar.

Integridade – um caráter irrepreensível (vv. 2a, 4a, 4b). Aquilo que *somos* determina, em grande parte, aquilo que *fazemos* e *dizemos*, de modo que a primeira ênfase é sobre o caráter piedoso (ver Is 33:14-16; 58:1-12; Jr 7:1-7; Ez 18:5-9; Os 6:6; Mq 6:6-8; Mt 5:1-16). Ser “irrepreensível” não significa ser “impecável”, pois não há pessoa alguma na terra sem pecado. O caráter irrepreensível diz respeito a sua solidez, integridade e lealdade total a Deus. Noé era irrepreensível (Gn 6:9), e Deus admoestou Abraão a ser “perfeito” (Gn 17:1), ou seja, dedicado inteiramente ao Senhor (ver 18:13, 23-25; 101:2, 6; Dt 18:9-13; Lc 16:13). Quem possui integridade honra os que também são íntegros e que temem ao Senhor (15:4; 119:63). Não é enganado por bajuladores (12:2, 3) nem seduzido pelos depravados (1:1). Quando pessoas piedosas apóiam as palavras e atos dos ímpios, trazem confusão para a igreja. “Como fonte que foi turvada e manancial corrupto, assim é o justo que cede ao perverso” (Pv 25:26).

Honestidade – uma conduta justa (vv. 2b, 5a, 5b). As pessoas que “praticam a justiça” são honestas em tudo o que fazem e desejam que se faça justiça na terra. Na monarquia israelita da Antiguidade, não havia muita coisa que um cidadão comum pudesse fazer sobre juízes corruptos e problemas de extorsão (Ec 3:16, 17; 4:1-3), mas nas democracias de hoje, pelo menos cada

cidadão tem um voto. Alguém definiu “política” como “a administração dos assuntos públicos visando o proveito privado” e, com muita frequência, esse é o caso. No versículo 5, Davi aplicou o princípio da honestidade a duas áreas: a cobrança de juros exorbitantes e o recebimento de subornos. Essas duas práticas eram pecados comuns no tempo do reino dividido, e os profetas pregaram contra ambas (Is 1:23; 5:23; 10:2; Ez 22:12; Am 5:11, 12). O povo de Israel não tinha permissão de cobrar juros de seus compatriotas (Êx 22:25; 23:7, 8; Lv 25:35-38; Dt 23:20), e os juízes haviam sido advertidos a não aceitar subornos (Êx 23:8; Dt 10:17, 18; 27:25; 2 Cr 19:5-7). Não é possível haver justiça numa terra onde o dinheiro diz aos tribunais o que é certo ou errado.

Sinceridade – palavras verdadeiras (vv. 2c, 3, 4c). A verdade é o amálgama que mantém a sociedade unida. Se as pessoas conseguem escapar incólumes a suas mentiras, então toda promessa, acordo, juramento, compromisso e contrato perde imediatamente sua validade. O falso testemunho transforma um julgamento numa farsa e provoca o sofrimento dos inocentes. Porém, devemos dizer a verdade em amor (Ef 4:15) e usá-la como instrumento para construir relacionamentos e também como arma para lutar contra a dissimulação. Quando a verdade encontra-se no coração, os lábios não profere mentiras, não espalham fofocas (Lv 19:16) nem atacam os inocentes. As pessoas com um coração sincero guardam seus votos e cumprem suas promessas (Dt 23:22-24; Ec 5:1-5). Os íntegros não precisam usar de juramentos para dar peso a suas palavras. Um simples sim ou não serve para comprovar sua veracidade (Mt 5:33-37). A maioria dos problemas em família, entre vizinhos, no escritório e na igreja decorre de fofocas e de mentiras propagadas pelos que se dedicam a manter os mexericos sempre em circulação. O Senhor deseja que nosso ser mais interior seja repleto de verdade (51:6) e que amemos e guardemos a verdade.

O Senhor é irreprensível em seu caráter (1 Jo 1:6), justo em seus atos (Ed 9:15) e verdadeiro em suas palavras (1 Sm 15:29);

e ele deseja que os hóspedes em sua casa tenham essas mesmas características.

3. CONFIAR NA PROMESSA DE DEUS (Sl 15:5c)

“Quem deste modo procede não será jamais abalado.” Isso significa que os justos descritos no salmo têm segurança e estabilidade em sua vida e não precisam temer terremotos nem ordens de despejo. O termo “abalado” vem de uma palavra hebraica que se refere a um tremor violento (46:3, 4; 82:5; 93:1; 96:10; Is 24:18-20). Deus promete que os justos não precisam temer, pois estão firmemente fundamentados nas promessas de sua aliança. “Aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17). Nestes últimos tempos, Deus está fazendo o mundo estremecer, a fim de que os fiéis permaneçam e os infiéis sejam expostos (Hb 12:18-29). Jesus encerra o Sermão do Monte com uma parábola sobre dois construtores (Mt 7:24-27) cujos edifícios (vidas) foram testados pela tempestade do julgamento. Somente uma dessas estruturas permaneceu firme – a vida da pessoa que fez a vontade de Deus. A vida de piedade sobre a qual Jesus fala no Sermão do Monte é paralela às características da pessoa piedosa descrita no Salmo 15,¹⁴ e, nas duas passagens, encontramos a promessa: “Quem deste modo procede não será jamais abalado”.

SALMO 16

Trata-se de um hino de alegria bastante pessoal que se concentra na bondade de Deus. O pronome possessivo “meu” é usado diversas vezes (meu Senhor, meu prazer, meus lábios etc.). O regozijo de Davi (vv. 9, 11) é expressado por termos como “prazer” (v. 3), “herança” (v. 9) e “alegria” (v. 11). Davi encontra seu prazer somente no Senhor e confessa que tudo o que há de bom em sua vida vem de Deus. É possível que este salmo tenha sido escrito logo depois que Deus, em sua graça, fez uma aliança com Davi e lhe garantiu um trono eterno (2 Sm 7). Essa aliança foi cumprida em Jesus Cristo, o filho de Davi (Lc 1:32, 33). A reação de Davi diante dessa aliança (2 Sm 7:18-29) parece com suas

emoções no Salmo 16 – uma combinação de alegria, louvor a Deus, humildade e submissão à vontade de Deus. Essa é a primeira vez que o termo *Michtam* é empregado no original dos Salmos e volta a aparecer nos sobrecritos dos Salmos 56 a 60. Os estudiosos não apresentam um consenso quanto ao significado do termo: gravado em ouro, cobrir, tesouro secreto, um poema com dizeres incisivos. Os seis salmos do *Michtam* terminam em tom alegre e triunfante. O Salmo 16 também é messiânico, pois em sua mensagem no dia de Pentecostes (At 2:25-28), Pedro declarou que essas palavras se referiam a Jesus, como também o fez Paulo em seu sermão na sinagoga de Antioquia da Pisídia (At 13:35). Em seu louvor a Deus por sua graça e bondade, Davi apresenta três descrições do Senhor, sendo que todas elas podem ser aplicadas a Jesus Cristo.

1. O SENHOR DA VIDA (Sl 16:1-8)

O pedido “Guarda-me” não indica que Davi estivesse passando por dificuldades ou em perigo, como é o caso nos Salmos 9 e 13. Mostra, simplesmente, que ele precisava do cuidado constante de Deus e de sua orientação de modo a poder honrar ao Senhor e desfrutar todas as coisas boas que apenas Deus poderia lhe dar. Só Deus é bom (Mt 19:17), e fora dele não temos qualquer coisa boa.

Um bom relacionamento (vv. 1, 2). O Senhor é nosso maior bem e tesouro (73:25, 28), o doador de toda dádiva boa e perfeita (Tg 1:17). Nosso mais elevado privilégio na vida é conhecê-lo por intermédio de Jesus Cristo. Se considerarmos bom algo que possuímos e se isso não vem de Deus, então não podemos dizer que é, verdadeiramente, bom. Deus nos supre “das bênçãos de bondade” (21:3), e sua bondade nos segue até chegarmos à casa do Pai (23:6). Quando Jesus Cristo é nosso Salvador (refúgio) e Senhor, experimentamos a bondade de Deus mesmo em meio às tribulações. Nossa relação conosco mesmos, com as circunstâncias em que nos encontramos e com as outras pessoas depende do relacionamento que temos com o Senhor.

Uma boa companhia (vv. 3, 4). Não vivemos a vida cristã de forma isolada, pois somos parte de uma grande família espiritual e precisamos uns dos outros. Como em salmos anteriores, vemos aqui a descrição de dois grupos: o remanescente fiel (“santos”) e os ímpios idólatras (10:8-10; 11:2, 3; 12; 14:5, 6). Os santos são aqueles que confiam no Senhor e que guardam sua aliança, aqueles que são separados para o Senhor. Obedecem à ordem de Deus: “Santos sereis, por que eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo” (Lv 19:2; 20:7, 8, 26; 21:8). Israel era um reino de sacerdotes (Êx 19:6; Dt 7:6) e uma nação santa, assim como a Igreja o é nos dias de hoje (1 Pe 2:9). Davi chamou os israelitas de “notáveis”, palavra com a conotação de excelência, nobreza e glória. Apesar de nossas imperfeições e fracassos, os cristãos são a elite de Deus, sua nobreza na terra. Devemos todos amar uns aos outros e usar as aptidões e recursos que recebemos do Senhor para ministrar à família de Deus (Gl 6:1-10). Assim como Davi, não devemos compactuar com aqueles que desobedecem ao Senhor e que adoram ídolos (dinheiro, sucesso, fama etc.); antes, devemos procurar conduzi-los a Cristo, a fonte, de tudo o que é bom e duradouro. O grande número de deuses só traz um grande número de tristezas. Davi nem sequer deseja citar o nome dos falsos deuses dos israelitas que abandonaram a aliança (Êx 23:13; Js 23:7). Não devemos nos isolar, pois o Senhor nos deixou neste mundo para sermos sal e luz; porém, devemos cuidar para não sermos contaminados pelos seus pecados (Tg 1:27; 4:4; Rm 12:2). Nenhuma igreja é perfeita, pois nenhum cristão é perfeito, mas ainda assim devemos dar graças pelo povo de Deus e procurar encorajá-lo de todas as formas possíveis.

Uma boa mordomia (vv. 5, 6). Depois que Israel conquistou a Terra Prometida, cada uma das tribos – exceto a de Levi – recebeu uma herança (Js 13 – 21). Pelo fato de servirem no santuário e de comerem dos sacrifícios sagrados, o Senhor era a herança dos sacerdotes e levitas (Nm 18:20-32; Dt 10:8, 9; 14:27-29; Js 13:14, 23), e Davi

considera-se parte desse grupo privilegiado. “O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice” (v. 5). Possuir grande riqueza e não ter o Senhor é, na verdade, a mais absoluta pobreza (Lc 12:13-21); desfrutar as dádivas e ignorar o Doador é, na verdade, a mais absoluta perversidade. Se Jesus é o Senhor de nossa vida, os bens que possuímos e as circunstâncias em que nos encontramos representam a herança que ele nos dá. As linhas de demarcação determinavam as heranças das tribos, clãs e famílias de Israel, e cada lote individual era definido por “divisas” que não deviam ser movidas (Dt 19:14; 27:17; Pv 15:25; 22:28; 23:10, 11). Davi regozija-se, pois Deus fez as divisas de sua herança abrangerem lugares agradáveis, de modo que pode declarar: “é mui linda a minha herança”. Ele deseja ser um bom administrador de tudo o que Senhor lhe deu.

Uma boa comunhão (vv. 7, 8). A comunhão pessoal de Davi com o Senhor é sua maior alegria. Nessas ocasiões, Deus instruíra e aconselhava Davi e lhe dizia o que fazer e como fazê-lo. Davi chega a passar por um “curso noturno”, a fim de descobrir a vontade de Deus (ver 17:3; 42:8; 63:6; 77:2, 6). No original, o termo “noite” aparece no plural, sugerindo “noites escuras” ou “noite após noite” de aprendizado do Senhor. O termo “aconselhar” dá a idéia de disciplina e de castigo, pois Davi aprendeu muitas lições ao ser disciplinado pela mão amorosa de Deus (Hb 12:1-12). A presença do Senhor à sua direita indica Deus como seu advogado e defensor (ver 73:23; 109:31; 110:5; 121:5; 1 Jo 2:2; At 2:33; 5:31). Uma vez que o Senhor está a seu lado para guardá-lo e guiá-lo, Davi não tem o que temer e não será abalado (10:6; 15:5). O futuro é nosso aliado quando Jesus é nosso Senhor.

2. O CONQUISTADOR DA MORTE (vv. 9, 10)

Deleitar-se no Senhor e em sua bondade para, depois, perder todas essas bênçãos seria uma grande tragédia. “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (1 Co 15:19). Porém, em sua morte e ressurreição,

Jesus conquistou a morte, e, pela fé em Cristo, temos uma “viva esperança” dentro de nós (1 Pe 1:3ss). Quando Davi escreveu “até o meu corpo repousará seguro” (v. 9), estava se referindo ao Messias, não a ele próprio”. Ao usar esse versículo, Pedro provou que Jesus havia sido ressurreto dos mortos, pois é evidente que Davi estava morto e seu corpo havia se decomposto em seu túmulo (At 2:22-31). Porém, Jesus não viu a corrupção! Quando ressuscitou no terceiro dia, tinha um corpo real e sólido; era, no entanto, um corpo glorificado, que podia ingerir alimentos (Lc 24:36-42) e também aparecer e desaparecer (Lc 24:28-31), bem como atravessar portas trancadas (Jo 20:19-29). Davi seria capaz de enfrentar a morte com o coração e a alma alegres e de repousar no túmulo com esperança, sabendo que, um dia, também teria um corpo novo e glorificado. Paulo usa esse mesmo texto para provar a ressurreição de Cristo (At 13:26-39). A revelação plena da morte e da ressurreição ainda não havia sido apresentada no Antigo Testamento, apesar de certa alusão a ela em versículos como 17:15 e 73:24-26. Mas, por intermédio de Jesus Cristo, Deus “trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho” (2 Tm 1:10).

3. A ALEGRIA DA ETERNIDADE (Sl 16:11)

O conhecido filósofo e professor de Harvard, Alfred North Whitehead, disse certa vez a um amigo: “Com respeito à teologia cristã, pode imaginar idéia mais pavorosamente absurda do que o conceito cristão de céu?”¹⁵ Porém, o mais importante no céu não são as portas de pérolas, as ruas de ouro nem mesmo os anjos e santos gloriosos. A principal glória e alegria do céu é Jesus Cristo (Ap 4 - 5). O caminho da vida que ele nos mostra na terra terminará numa vida ainda mais extraordinária quando entrarmos no céu. Então, estaremos em sua presença e experimentaremos para sempre a mais plena felicidade e prazer. As caricaturas mais ridículas do céu mostram santos vestidos de branco, com auréolas e harpas, repousando sobre pequenas nuvens; mas não encontramos nada

parecido na Bíblia. Em nosso corpo glorificado, seremos como Jesus Cristo (Fp 3:20, 21; 1 Jo 3:1-3) e o adoraremos e serviremos para sempre. Os prazeres do céu vão muito além de qualquer prazer que possamos experimentar aqui na terra e, ao desfrutarmos e servirmos ao Senhor, não sofreremos as restrições ou obstruções do tempo, das fraquezas físicas nem das conseqüências do pecado. As glórias do céu são tão magníficas que o apóstolo João teve de esquadriñar a linguagem humana, a fim de encontrar palavras para descrevê-la (Ap 21 - 22).

Jesus Cristo é o Senhor de sua vida? Você aceitou sua herança e a está usando da melhor maneira possível para a glória de Deus? Aguarda com ansiedade o dia em que estará com Cristo na glória? Ele é a alegria de sua vida hoje? *Se não é, quando você vai se preparar para desfrutá-lo por toda a eternidade?*

SALMO 17

Este é um dos cinco salmos identificados como "orações" (17, 86, 90, 102, 142). O título também é usado em Habacuque 3:1 e em Salmos 72:20. Uma vez que a maioria dos salmos contém orações ao Senhor, podemos nos perguntar por que cinco deles foram designados por essa categoria específica. Com exceção do Salmo 90, escrito por Moisés, eles descrevem o escritor numa situação perigosa, clamando a Deus por livramento. Somente os salmos 17, 86 e 142 são atribuídos a Davi, e é bem provável que os tenha escrito durante os anos em que foi perseguido por Saul. A língua hebraica possui pelo menos uma dúzia de palavras para "oração", e esta (*tepillá*) também pode significar "intervir". Talvez o título servisse ainda para dizer aos músicos do templo qual melodia usar ao cantar esses salmos nos cultos públicos. O Salmo 17 é claramente ligado ao Salmo 16 - "Guarda-me" (16:1 / 17:8); a noite (16:7 / 17:3); o uso de *El* como nome de Deus (16:1 / 17:6); a mão direita/destra (16:8 / 17:7, 14); a presença de Deus (16:11; 17:15); sustentar ou apoiar (16:5 / 17:5). Apesar de haver indicações de perigo no Salmo 16 (vv. 1, 8, 10), o ambiente é muito mais calmo do que aquele do Salmo 17. Nessa

oração, Davi trata de três questões prementes e apresenta ao Senhor três pedidos mais importantes. Cada seção começa com Davi dirigindo-se ao Senhor.

1. JUSTIFICAÇÃO - "SONDA-ME" (Sl 17:1-5)

O salmo começa e termina com o conceito de "justiça" (vv. 1 e 15), pois Davi deseja que o Senhor o examine e o justifique diante de seus inimigos. Para ele, Deus é o justo juiz que lhe concederá um julgamento imparcial. O rei Saul e seus líderes espalham uma série de mentiras sobre Davi e crêem nelas, mas o Senhor e Davi sabem a verdade. Davi pede a Deus que ouça sua súplica, examine sua vida e declare sua integridade dando-lhe vitória sobre o exército de Saul. Assim, todos saberão que Deus está ao lado de Davi, o homem que ele escolheu para ser o rei de Israel. Deus sabe que a oração de Davi é sincera e que sua vida, apesar de não ser impecável, é irrepreensível. Davi é um homem de integridade com uma causa justa. Durante os anos de exílio, Deus provou o coração dele e o visitou e sondou, testando-o como o ouro e a prata são testados e refinados no cadinho ("provas-me no fogo"; ver 26:2; 66:10; 81:7; 95:9; 139:23, 24; e também Jó 23:10; Ap 3:18). Não importa o que Saul e seus homens disseram a respeito dele, Davi pode declarar ao Senhor que não falou mal do rei. Na verdade, em pelo menos duas ocasiões, Davi poderia ter matado Saul, mas se recusou a ferir o líder escolhido e ungido do Senhor (1 Sm 24, 26). Saul teria dado cabo de Davi (v. 9, "inimigos que me assediavam de morte"), mas Davi obedeceu à Palavra do Senhor e disse "não" à violência. Apesar de ser um fugitivo no deserto, Davi anda nos caminhos do Senhor e obedece à lei de Deus.

Ao declarar sua retidão, Davi não está demonstrando orgulho ou hipocrisia, mas sim dando prova da fidelidade de Deus em meio a situações difíceis. Encontramos uma linguagem semelhante em 18:19-28; ver também João 18:22, 23 e Atos 23:1 e 24:16. A consciência de Davi estava limpa diante de Deus.

2. PROTEÇÃO – “GUARDA-ME” (Sl 17:6-12)

O inimigo o cercou (vv. 9, 11; ver 1 Sm 23:19-29), e, apesar de Davi ser um tático militar magistral, sabe que não pode escapar sem a ajuda do Senhor. Deus não é apenas o justo Juiz, mas também o poderoso Defensor que pode proteger Davi e seus homens do inimigo. Ao se dirigir ao Senhor, Davi usa o nome hebraico *El*, o qual enfatiza o grande poder de Deus, pois ele é o “Deus Todo-Poderoso”. Seu pedido no versículo 7 faz lembrar o “Cântico de Moisés” em Êxodo 15:1-19. Jeová é o Deus dos feitos gloriosos e maravilhas (Êx 15:11) e da beneficência (15:13), e sua destra opera em favor de seu povo (15:12). Se Deus pôde livrar seu povo do Egito, também poderá livrar Davi das mãos de Saul. (No Salmo 18, Davi celebra essa vitória.) Davi pede que o Senhor mostre as maravilhas da sua bondade (v. 7) derrotando seus inimigos.

No versículo 8, Davi usa duas imagens – os olhos e as asas – para lembrar a Deus como seu servo lhe é precioso. A “menina dos olhos” corresponde à pupila, a parte mais delicada do olho. O original hebraico diz: “o pequeno homem dos olhos”, pois quando fitamos os olhos de alguém, vemos nosso próprio reflexo. Davi deseja que o Senhor o proteja da mesma forma como protegemos nossos olhos de qualquer agressão. É possível que Davi tenha tomado essa imagem emprestada de Deuteronômio 32:10. A expressão: “à sombra das tuas asas” retrata, por vezes, a galinha protegendo seus pintinhos (Mt 23:37), mas se refere, com frequência, às asas dos querubins no Santo dos Santos do tabernáculo (Êx 25:18-20). Davi pede ao Senhor que o refugie no Santo dos Santos, o lugar do trono e da glória de Deus, protegido pelos seus anjos (ver 36:7, 8; 57:1; 61:4; 63:7; Rt 2:12). Graças à intercessão celestial de Jesus Cristo, hoje o povo de Deus pode entrar no Santo dos Santos e ter comunhão com Deus (Hb 10:1-25).

Os inimigos falam com arrogância e seu coração é “cercado de gordura” (“cerrado”; v. 10), ou seja, calejado por sua desobediência contumaz ao Senhor. Nas Escrituras, a

“gordura” é, por vezes, associada a um estilo de vida egoísta e profano (73:1-9; 119:70; Is 6:10). Essas pessoas mostram-se moral e espiritualmente insensíveis ao que é justo e não se perturbam quando fazem algo de errado. Paulo chama isso de “consciência cauterizada” (1 Tm 4:2), pois um coração coberto de gordura não pode ser sensível às necessidades dos outros (1 Jo 3:17). O coração de Davi é sensível à vontade de Deus; sabe que Deus deseja que ele tenha um “coração compungido e contrito” (51:17). Davi é um pastor compassivo, mas Saul é uma fera devoradora (v. 12; ver 57:4 e 2 Sm 1:23). Em duas ocasiões, Saul atirou sua lança contra Davi (1 Sm 18:11; 19:10), em outras quatro ocasiões, enviou soldados para capturá-lo e foi pessoalmente à caça de Davi (1 Sm 19:11-23). Agora, como um leão, Saul persegue sua presa e espera pelo momento certo para atacá-la; mas o Senhor está protegendo Davi.

3. SALVAÇÃO – “LIVRA-ME” (Sl 17:13-15)

Nesta passagem, Davi vê o Senhor como seu Redentor bondoso, salvando a ele e seus homens das mãos perversas de Saul. Esses versículos fazem um contraste entre os “homens mundanos” e o “povo de Deus” que vive em função daquilo que é eterno. As palavras “Levanta-te, SENHOR” nos lembram 3:7; 7:6; 9:19 e 10:12, sendo que todos esses versículos remetem a Números 10:35. Ele pede ao Senhor que confronte Saul e seu exército, que os arrase e use sua espada para derrotá-los. O verbo “arrasar” (v. 13) pode ser traduzido por “fazê-los abaixar-se como um leão dominado” (ver v. 12). Com exceção de seu filho, Jônatas, Saul e seus líderes não davam atenção alguma à vida espiritual; antes, pensavam apenas nas coisas deste mundo passageiro (39:5; 49:1; 89:47). Como “homens mundanos”, viviam em função do tempo, não da eternidade, somente para seu próprio prazer, não para a glória de Deus (ver Lc 16:8, 25 e Tg 5:5).

O versículo 14 é difícil de ser traduzido, mas o sentido parece claro: Deus está reservando julgamento para os inimigos de Davi

(Mt 23:32; 1 Ts 2:16) e sua única recompensa será nesta vida, não na eternidade depois dela. São cheios de tesouros, têm muitos filhos, aos quais não falta coisa alguma, e deixam suas riquezas para esses descendentes. Mas também deixam como herança as conseqüências de seus pecados (Êx 34:7; Nm 14:18). No entanto, o versículo 15 descreve o futuro glorioso de Davi: ver a face de Deus e participar da sua semelhança. Trata-se de um dos poucos textos de Salmos que falam da vida depois da morte (ver 16:11 e 73:23-26). O verbo "acordar" é uma metáfora para a ressurreição do corpo humano (2 Rs 4:31; Jó 14:12, 14; 26:19; Dn 12:2; Jo 11:11; 1 Ts 4:13-18). Ao que parece, Davi está dizendo: "Mesmo quando eu morrer, o Senhor não me abandonará, pois serei despertado e receberei um corpo glorificado. Verei a face do Senhor e ficarei satisfeito!"

SALMO 18

Este salmo de triunfo e louvor foi escrito e entoado depois que o Senhor coroou Davi rei sobre todo o Israel e lhe deu vitória sobre as nações que se opunham a seu governo (2 Sm 5, 8, 10). Outra versão deste cântico encontra-se em 2 Samuel 22, e é possível ver citações e alusões a ele no Salmo 116. Por mais que Davi fosse perseguido por Saul, não o considerava seu inimigo. Uma das palavras-chave deste salmo é "livrar", que aparece nos versículos 17, 19, 43 e 48. É possível que o novo rei tenha usado esse cântico num dia nacional de oração e louvor para dar graças ao Senhor por suas muitas misericórdias para com Israel. O salmo começa (vv. 1-3) e termina (vv. 46-50) com uma doxologia. Davi, o servo de Deus (78:70; 89:3, 20, 39; 132:10; 144:10), dirige-se ao Senhor nos versículos 1, 25-29, 35, 36, 39, 40, 43 e 48 e, no restante do salmo, diz ao povo o que Deus fez por ele, de modo que o cântico mistura louvor e testemunho. O salmo gira em torno do Senhor e daquilo que ele, em sua graça, fez por seu servo; mostra também o que o Senhor pode fazer por nós nos dias de hoje se crermos nele e lhe obedecermos.

1. DEUS LIVRA QUANDO CLAMAMOS POR ELE (Sl 18:1-18)

Ao expressar seu amor pelo Senhor, Davi usa uma palavra especial que significa "amar profundamente, ter compaixão". É relacionada ao termo hebraico para "ventre, útero" (ver Jr 21:7) e descreve o amor de uma mãe por seu bebê (Is 49:15), de um pai por seus filhos (103:13) e do Senhor por seu povo escolhido (102:13; Os 1:7; Dt 13:17). Trata-se de um amor profundo e zeloso, o tipo de amor que todos nós devemos ter pelo Senhor (31:23). Davi expressa seu amor (v. 1), sua fé (v. 2) e sua esperança (v. 3). As sete metáforas que usa refletem, sem dúvida alguma, a vida de um soldado e de um homem que passou muito tempo ao ar livre. "Rocha" (vv. 2, 31, 46) é uma metáfora conhecida para o Senhor, referindo-se à força e à estabilidade, a um lugar de refúgio (19:14; 28:1; 31:2, 3; 42:9; 62:2, 6, 7; 71:3; 78:20; 89:26; 92:15; 94:22; 95:1; 144:1; 1 Sm 23:25). Remonta a Gênesis 49:24 e a Deuteronômio 32:4, 15, 18 e 30, 31. A imagem de uma "cidadela" mostra Deus como um forte, uma cidade fortificada como Jerusalém no alto do monte Sião (1 Sm 22:4; 24:22; 2 Sm 5:17; 23:14). O "escudo" diz respeito à proteção de Deus (3:3; 7:10; 28:7; 33:20; Gn 15:1; Dt 33:29), mas também simboliza o rei (84:9; 89:18). Davi era o escudo de Israel, mas o Senhor era o escudo de Davi. O "baluarte" também se refere a força e poder e, em algumas versões, é traduzido por "chifre" (ver Dt 33:17; 1 Sm 2:1,10; 1 Rs 22:11), tendo conotações messiânicas (Lc 1:69). Esse Deus é digno de nossas orações e louvores! (ver 48:1; 96:4; 145:3).

Depois de expressar sua devoção, Davi fala de sua aflição (vv. 4-6) e descreve a si mesmo como um homem cercado por todos os lados, pego numa armadilha, atado com cordas e lançado na água para morrer afogado (ver 88:16-18; 69:2, 15; 124:4; Jó 22:11). Porém, quando clama, Deus começa a operar em seu favor. O grande livramento (vv. 7-19) é descrito como uma tempestade. O Senhor havia sido longânimo com o rei Saul, mas sua ira acendeu-se e começou a estremecer todas as coisas como um terremoto e um

vulcão em erupção (vv. 7, 8; Êx 15:8; Dt 32:22). Deus desceu na tempestade, como um guerreiro em seu carro, puxado velozmente por um querubim (ver Gn 3:24; Êx 25:18; 2 Rs 19:15; Ez 1, 10). Foi acompanhado de trevas, chuva, vento e granizo (algo raro na Terra Santa), trovões e relâmpagos ("suas setas"; v. 14; ver 77:17; 144:6). Tudo isso porque Davi clamou ao Senhor! (v. 6). Na hora certa, Deus estende sua mão e livra Davi (vv. 16-19). Assim como Moisés, ele é tirado da água (Êx 2:10). O inimigo cai derrotado, mas Davi mantém-se firme, sustentado pelo Senhor (23:4) e se torna o rei de Israel. Dez anos de exílio chegaram ao fim e sua vida foi poupada; diante dele se encontra, agora, seu ministério.

2. DEUS RECOMPENSA NOSSA OBEDIÊNCIA A ELE (Sl 18:19-27)

O termo "angústia", no versículo 6, significa "estar num lugar apertado, encurralado, cercado", mas quando a tempestade termina, Davi vê-se num "lugar espaçoso", onde pode dar grandes passos de fé a serviço do Senhor (v. 36). Deus aumentou as tribulações de Davi e as usou para engrandecer seu servo. Assim como nós, Davi não era perfeito, mas era um homem segundo o coração do Senhor (ver 1 Sm 13:14; 15:28) e que possuía o coração de um pastor (78:70-72; 2 Sm 24:17). Deus se alegrava com Davi como os pais se alegram ao ver seus filhos amadurecendo em caráter, obediência e serviço. Davi foi fiel ao Senhor (vv. 20-24; 17:3-5), de modo que o Senhor cuidou fielmente dele (vv. 25-29). Apesar das circunstâncias difíceis do exílio, Davi conhecia a lei de Deus (v. 22) e lhe obedecia. Assim como Samuel (1 Sm 12:3) e Ezequias (2 Rs 20:3), sua declaração de retidão é uma prova de humildade e de honestidade, não uma demonstração de orgulho e de dissimulação. Observe o uso dos termos justiça, pureza (vv. 20, 24; puro, v. 26) e integridade (íntegro, vv. 23, 25).

As mãos de Davi são caracterizadas por pureza (vv. 20, 24) e destreza (v. 34; 78:72).

A maneira de nos relacionarmos com o Senhor define a maneira como ele se relaciona conosco (vv. 25-27). Davi foi misericordioso

para com Saul, e Deus usou de sua misericórdia para com Davi (Mt 5:9). Davi foi leal ("íntegro"), e Deus foi fiel a ele e cumpriu suas promessas de abençoá-lo. Davi não foi perfeito, mas se mostrou irrepreensível em suas motivações. Os "limpos de coração" (Mt 5:8) são aqueles que dedicam todo o coração ao Senhor. Saul havia sido desonesto em seu relacionamento com o Senhor, com Davi e com o povo, enquanto Davi foi franco e sincero. É verdade que, no começo do exílio, mentiu para o sacerdote Aimeleque e para Aquis, rei de Gate (1 Sm 21), mas logo aprendeu que crer é viver sem tramar. Ao ler o versículo 26 em algumas versões mais atuais da Bíblia, vemos que Deus usa de sua própria astúcia para tratar de nossa "sagacidade e obstinação". O termo traduzido por "astuto" ou "sagaz" significa "lutar", o que nos lembra de como Deus lidou com Jacó (Gn 32). O caráter e as alianças de Deus nunca mudam, mas seu modo de tratar conosco é determinado pelas condições em que nosso coração se encontra.

3. DEUS NOS CAPACITA QUANDO NOS SUJEITAMOS A ELE (Sl 18:28-45)

O que Deus fazia durante esses anos difíceis do reinado de Saul? Dentre outras coisas, estava disciplinando seu povo por haver se precipitado e coroado Saul para ser seu rei (Os 13:10, 11). Em sua longanimidade, também estava dando a Saul a oportunidade de se arrepender. Ao mesmo tempo, capacitava Davi para os anos em que serviria ao Senhor como rei. Deus gasta tempo preparando seus servos: treze anos com José, quarenta com Moisés e quarenta com Josué. As lições que Davi aprendeu sobre si mesmo e sobre Deus durante aqueles anos de exílio ajudaram a transformá-lo no homem que veio a ser. As imagens desses versículos mostram Deus desenvolvendo um grande guerreiro, um líder compassivo e um homem piedoso.

A imagem da lâmpada (v. 28) refere-se à graça de Deus em guardar a vida de Davi durante aqueles anos de tanto perigo (Jó 18:5, 6; Pv 13:9). Também diz respeito à perpetuidade de sua família e dinastia (132:17; 2 Sm 21:17; 1 Rs 11:36; 15:4; 2 Rs 8:19; 2 Cr

21:7), atingindo o ápice com a vinda de Jesus Cristo à terra (Lc 1:26-33). Pelo fato de Davi ter confiado em Deus (v. 30), o Senhor capacitou-o a correr, saltar, lutar e derrotar o inimigo (vv. 29, 32-34, 37-45). Poderia atravessar uma tropa, saltar muralhas ou pular como uma corça montanha acima (ver Hc 3:19). Não se trata aqui de uma exaltação à guerra, pois Deus o treinou para lutar suas batalhas (v. 34) e para proteger Israel de modo que cumprisse seus propósitos na terra. Davi não invadiu outros países apenas para agregar territórios a seu reino. As terras que conquistou vieram das vitórias sobre os exércitos que atacaram Israel primeiro.

Apesar de Davi ser um homem de guerra, reconhece que foi a bondade de Deus que moldou seu caráter. O termo significa “condescendência”. Deus achou por bem olhar para Davi e chamá-lo (1 Sm 16), curvar-se para ele e moldá-lo (v. 35) e estender sua mão e salvá-lo (v. 16); e, a seu tempo, exaltá-lo e colocá-lo em seu trono (vv. 39-45). Isso lembra o que Jesus, o Filho de Davi, fez quando “se esvaziou” para vir à Terra como um servo e morrer por nossos pecados (Fp 2:1-11; ver também Jo 8:1-11 e 13:1-11). Uma vez que Davi se sujeitou ao Senhor, Deus pôde confiar-lhe a autoridade e a glória do trono. Somente os que estão sujeitos à autoridade devem exercê-la.

4. DEUS É GLORIFICADO QUANDO O ADORAMOS (SL 18:46-50)

Depois de olhar para a graça que Deus revelou em seu ministério para com ele, que mais Davi pode fazer senão adorá-lo? “Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3:30). Davi não tomou tudo em suas mãos; antes, permitiu que o Senhor o justificasse no momento certo (1 Sm 24:1-7; 26:1-12; Rm 12:17-21).

Paulo cita o versículo 49 em Romanos 15:9 e aplica essas palavras aos judeus louvando a Deus no meio dos gentios. Em Romanos 15:10, 11, judeus e gentios regozijam-se juntos – como resultado do ministério de Paulo aos gentios –, e Romanos 15:12 anuncia o reinado de Jesus Cristo sobre judeus e gentios (ver Is 11:10).

O salmo chega a seu auge quando Davi exalta o Senhor por sua aliança com ele e com seus descendentes (v. 50; 2 Sm 7). É comum as crianças pequenas usarem o próprio nome quando vão pedir alguma coisa (“o Pedrinho quer um biscoito, por favor”); Davi faz o mesmo, como se fosse um garotinho (ver também 2 Sm 7:20). Davi usa as palavras “para sempre”, de modo que devia ter consciência de que as promessas do reino se cumpririam por intermédio do Messias. “E ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11:15).

SALMO 19

Há duas citações que nos ajudam a apresentar este salmo. A primeira é do filósofo alemão Immanuel Kant: “Duas coisas encham a mente de admiração e de espanto renovados e cada vez maiores, à medida que se refletem sobre elas com mais freqüência e seriedade: o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim”.¹⁶ A segunda, é do conhecido escritor cristão C. S. Lewis: “Considero este salmo [19] o maior poema do Livro de Salmos, com algumas das mais maravilhosas palavras de um cântico de todo o mundo”.¹⁷ De acordo com o lecionário da igreja, este salmo deve ser lido no dia de Natal, quando o “sol da justiça” (Ml 4:2) veio ao mundo e o “Verbo” foi colocado na manjedoura (Jo 1:14). Sua ênfase é sobre a revelação própria de Deus em sua criação, nas Escrituras e no coração humano.

1. O MUNDO A NOSSO REDOR – DEUS O CRIADOR (SL 19:1-6)

Davi volta sua atenção para os céus acima dele e, especialmente, para o caminho percorrido diariamente pelo Sol; mas a criação de Deus é ainda muito maior. Inclui a Terra debaixo de nossos pés, o mundo animal e vegetal na terra, nos céus e nas águas, o mundo dos seres humanos, o mundo das rochas e cristais – mundos visíveis a olho nu – e também mundos tão pequenos que só podem ser vistos com equipamentos especiais. O conhecido biólogo Edward O. Wilson afirma que há cerca de 6,1 milhões de tipos de fungos na Terra hoje em dia, bem

como 10 mil espécies de formigas, 300 mil tipos de plantas com flores, cerca de 4 a 5 mil espécies de mamíferos e aproximadamente 10 mil espécies de aves.¹⁸ Porém, esses números tão elevados tornam-se insignificantes quando começamos a examinar o céu, como Davi faz, e calcular distâncias em anos luz. Davi não tinha qualquer dado científico moderno e, no entanto, ao refletir sobre o céu, é sobrepujado pela glória do Senhor.

O povo de Israel não podia adorar os corpos celestes (Êx 20:4, 5; Dt 4:14-19; 5:8, 9) nem praticar a astrologia (Is 47:13, 14; Jr 10:1-5). Adoravam o Criador e não a criação (Rm 1:25). A existência da criação implica a existência de um Criador; e a natureza da criação significa que esse Criador teve a sabedoria necessária para planejá-la e o poder necessário para concretizar seu plano e mantê-lo em funcionamento. Um Universo tão complexo requer um Criador capaz de fazer qualquer coisa, que sabe todas as coisas e que pode estar presente em toda parte. Mais do que isso, porém, *Davi sabia que Deus estava falando com os habitantes da Terra por intermédio de sua criação*. A criação é um “livro sem palavras” que todos podem ler, pois não precisa de tradução. Cada dia e cada noite, Deus nos fala por meio da criação. Seu discurso é “derramado” silenciosa, abundante e universalmente.

Em Romanos 10:18, Paulo cita o versículo 4 como parte de sua explicação para o fato de Israel ter rejeitado o evangelho e as consequências que essa rejeição trouxe sobre a nação. O povo de Israel não poderia jamais dizer que não havia ouvido a mensagem de Deus, pois o Salmo 19:4 diz que o mundo todo a ouviu. Assim, tanto judeus como gentios são considerados culpados diante de Deus e precisam da salvação pela fé em Jesus Cristo, de modo que devemos levar a todos a mensagem da salvação (Rm 10:1-15). Paulo cita a versão da Septuaginta do Antigo Testamento, que usa o termo “som” em vez de “voz”, mas o sentido é o mesmo. Alguns tradutores empregam o termo “influência” no lugar de “voz”. A voz do poder de Deus na criação prepara o caminho

para a voz de sua graça no evangelho. Em sua pregação aos gentios, Paulo começa pela criação e, em seguida, passa à mensagem do evangelho (At 14:14-18; 17:22-31). Phillips Brooks transmitiu a Helen Keller, cega e surda, os primeiros ensinamentos bíblicos, e ela respondeu que sempre soubera que havia um Deus, mas não sabia qual era seu nome. Nossa incumbência é dizer ao mundo que seu nome é Jesus (At 4:12).

Davi era um homem acostumado a viver ao ar livre e que observava com freqüência o nascer e o pôr-do-sol, e aquilo que via dia após dia o lembrava de um noivo deixando seus aposentos para tomar para si sua noiva,¹⁹ e, também, um atleta vigoroso competindo numa corrida. A primeira imagem refere-se à glória (um noivo ricamente adornado), ao amor e a uma espera ansiosa, enquanto a segunda diz respeito à força e à determinação.

Porém, apesar dessa mensagem universal derramada dia e noite sobre todo o mundo, a maioria das pessoas ignora e rejeita Deus, pois deseja viver como bem entende (Rm 1:18-23). A pergunta levantada com tanta freqüência: “As pessoas que nunca ouviram falar de Jesus estão perdidas?” pode ser respondida com uma afirmação e com outra pergunta: (1) Sim, pois Deus lhes fala o dia todo e elas se recusam a ouvir; (2) *O que você está fazendo para transmitir a mensagem do evangelho a essas pessoas?*

2. A PALAVRA DIANTE DE NÓS – DEUS O INSTRUTOR (SL 19:7-11)

A revelação de Deus na criação é, verdadeiramente, maravilhosa, mas em se tratando da manifestação dos atributos de Deus e de seus propósitos para a criação, é uma revelação limitada. Depois da queda do homem, a criação viu-se sujeita à servidão e à futilidade (Gn 3:17-19; Rm 8:20-22), de modo que precisamos de algo que revele mais claramente o caráter de Deus. Esse “algo” é a Palavra inspirada de Deus. Ao escrever sobre a criação, Davi usa a designação *Elohim* (v. 1) para Deus, referindo-se a seu grande poder; porém, ao escrever sobre a Palavra de Deus, usa sete vezes “Jeová”, o nome de

Deus na aliança, pois o Deus da criação também é o Deus da revelação pessoal a seu povo. Israel era uma nação muito especial, escolhida por Deus para receber sua lei, suas alianças e promessas (Rm 9:4). "Mostra a sua palavra a Jacó, as suas leis e os seus preceitos, a Israel. Não fez assim a nenhuma outra nação; todas ignoram os seus preceitos" (147:19, 20). Os céus declaram a glória de Deus, mas as Escrituras dizem o que Deus fez a fim de que possamos participar dessa glória. Não existe conflito algum entre o que Deus faz em seu universo e aquilo que diz em sua Palavra. Foi por sua Palavra que criou tudo o que há (33:9) e é por sua Palavra que controla todas as coisas (33:11; 148:8). Davi registra seis nomes para a Palavra de Deus, seis atributos para a Palavra e seis ministérios da Palavra na vida daqueles que a recebem e lhe obedecem.

A lei do SENHOR (v. 7a). Trata-se do termo hebraico *torah*, que significa "instrução, orientação, ensinamento". O povo judeu chama os rolos da lei de "A Torah", mas a palavra refere-se a toda a revelação de Deus. Vem de um termo que quer dizer "lançar uma flecha", pois um mestre mira seu alvo e atinge objetivos específicos na vida dos alunos. Ao contrário dos livros didáticos que escrevemos, a Palavra de Deus é perfeita e completa. As mudanças em nossa linguagem tornam necessária a realização de novas traduções da Palavra de Deus; mas essa Palavra nunca precisa de revisões nem de aperfeiçoamento. No texto original, o verbo "restaurar" também é usado no Salmo 23:3 ("refrigerar") e tem o sentido de "reanimar, dar nova vida". A Palavra do Senhor não apenas *tem* vida (At 7:3; Hb 4:12), como *confere* vida a todos que a recebem (1 Pe 1:23) e também *sustenta* a vida (119:25, 37, 40, 88, 107, 149, 156 e 159).

O testemunho do SENHOR (v. 7). Os dez mandamentos eram conhecidos por esse nome (Êx 25:21) e constituem a base da lei de Deus. Porém, todas as Escrituras são testemunho de Deus para nós de quem ele é, o que ele diz e faz e o que deseja que sejamos e façamos. O testemunho que Deus dá de si mesmo na Palavra escrita é infalível e confiável. Por meio da Palavra, crescemos em

sabedoria quanto à salvação (2 Tm 3:15) e aos princípios para uma vida bem-sucedida (Pv 2; 8:33; 10:8). Os "simplices" não são pessoas com deficiências mentais e nem gente ingênua que acredita em tudo, mas sim pessoas que, como crianças, recebem a verdade de Deus com humildade (Mt 11:25; Lc 10:21-24).

Os preceitos do SENHOR (v. 8). São as instruções detalhadas que Deus deu com referência às questões práticas da vida cotidiana. Para o povo de Deus no tempo do Antigo Testamento, os preceitos diziam respeito ao que comer, como se vestir, como se manter puro e assim por diante. Deus determinou certas leis e mandamentos fundamentais, e os preceitos eram aplicações desses fundamentos a situações específicas. As epístolas do Novo Testamento repetem nove dos dez mandamentos para os cristãos de hoje, deixando de fora o quarto mandamento e apresentando aplicações desses princípios (ver Ef 4:20-32). Alguns preceitos determinados por governantes são errados e causam sofrimento, mas os preceitos do Senhor trazem alegria.

O mandamento do SENHOR (v. 8). O termo significa "aquilo que é estabelecido". Uma vez que o Senhor nos ama, determina o que devemos fazer e nos adverte sobre o que não devemos fazer. A forma de respondermos a suas prescrições é uma questão de vida ou morte (Dt 30:15-20). Os mandamentos de Deus são puros e, se lhes obedecermos de todo o coração, conduzirão a uma vida pura. A Bíblia é a Escritura *Sagrada* (Rm 1:2; 7:12; 2 Tm 3:15), e, portanto, sua Palavra é "puríssima" (119:140; Pv 30:5). Somos esclarecidos e aprendemos sobre a verdade de Deus quando obedecemos ao que ele ordena (Jo 7:17), não quando apenas lemos ou estudamos essas prescrições (Tg 1:22-25). Somos peregrinos nesta terra, e a Palavra de Deus é o mapa que nos orienta (119:19). Como um viajante seguindo por uma estrada, se tomarmos deliberadamente o caminho errado, faremos um desvio e não chegaremos ao nosso destino.

O temor do SENHOR (v. 9). Trata-se de um nome incomum para as Escrituras, mas nos

lembra de que não podemos aprender da Palavra de Deus sem demonstrar reverência pelo Deus da Palavra. Ensinar a Bíblia é ensinar o temor do SENHOR (34:11; Dt 4:9, 10), e a marca do verdadeiro estudante da Bíblia é um coração desejoso de aprender, não uma atitude de quem sabe tudo (Lc 24:32; 1 Co 8:1). Apesar de alguns medos causarem aflição e até mesmo desonra, o temor do SENHOR traz maturidade e pureza. Ao andar no temor do SENHOR, não nos corrompemos nem nos desviamos (2 Co 4:16-18).

Os juízos do SENHOR (v. 9). O termo “juízos” pode ser traduzido por “decretos” ou mesmo “veredictos” e diz respeito à decisão de um juiz. Ao longo da Bíblia, vemos o Senhor julgando os atos de indivíduos e de nações, e as recompensas, repreensões e castigos de Deus ajudam a descobrir aquilo que lhe agrada. Em Israel, os decretos instruíam oficiais e juizes na resolução de problemas entre indivíduos e na determinação de castigos para os transgressores. Hoje em dia, os cristãos não se encontram mais debaixo das leis do Antigo Testamento, mas o modo de aplicação dessas leis nos ajuda a entender a justiça de Deus e a necessidade que temos de sua graça.

Da mesma forma que tratamos a Bíblia, tratamos o Senhor, de modo que não é difícil determinar se nosso relacionamento com Deus está em ordem. *Desejamos sua Palavra* porque ela é preciosa para nós, mais do que riquezas (v. 10; 119:14, 72, 127, 162) ou alimentos saborosos (119:106; 1 Pe 2:2)? Ficamos satisfeitos quando nos “alimentamos” da Palavra de Deus (ver Mt 4:4; Jó 23:12; Jr 15:16)? Estamos dispostos a deixar de fazer uma refeição a fim de passar tempo meditando nas Escrituras? Participamos dos jantares da igreja, mas não de seus estudos bíblicos? *Aceitamos as advertências da Palavra e agimos de acordo com elas?* Ter conhecimento dessas advertências e não dar ouvidos é pecado (Tg 4:17). Desfrutamos as *bênçãos de Deus* decorrentes da obediência a sua vontade? O apetite pela Palavra de Deus é a marca de um cristão saudável e com prioridades corretas. O Senhor enviou o Espírito Santo para nos ensinar sua Palavra,

e, se andarmos no Espírito, aprenderemos e viveremos a verdade (Jo 14:26; 16:12-15; 1 Co 2:9, 10; 1 Jo 2:20-29).

3. O TESTEMUNHO DENTRO DE NÓS – DEUS O REDENTOR (Sl 19:12-14)

A menos que tenhamos um relacionamento pessoal com o Senhor, no qual Deus é nosso Pai e Jesus é nosso Redentor, aquilo que vemos na criação e lemos na Bíblia não adianta muita coisa. Os magos de Mateus 2:1-12 começaram sua jornada seguindo a estrela de Deus, um mensageiro especial colocado no céu para orientá-los. Em seguida, consultaram a Palavra de Deus e descobriram que o Rei nasceria em Belém, de modo que se dirigiram até essa cidade, onde encontraram e adoraram o Salvador.²⁰ Ao estudar a criação com a Bíblia na mão, vemos, inevitavelmente, a presença de Jesus! Ele pode ser encontrado na videira (Jo 15), no sol (Jo 8:12; Mt 4:2), nas estrelas (Nm 24:17), nos cordeiros (Jo 1:29), nas macieiras e lírios (Ct 2:3, 16; 6:3), na semente plantada na terra (Jo 12:23, 24) e no pão sobre a mesa (Jo 6:35). Ter a Palavra nas mãos é bom; tê-la na mente é ainda melhor; mas ter a Palavra no coração é que nos transforma e edifica em Cristo (119:11; Cl 3:16, 17).

A Palavra é uma luz (119:105) e um espelho (Tg 1:22-25) para nos ajudar a enxergar quem somos, sondar nosso coração (Hb 4:12) e reconhecer e confessar nossos pecados. “Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3:20; 7:7-14). Os “pecados ocultos” são aqueles que nem sequer vemos; os “pecados por ignorância” são os que não conseguimos perceber quando os cometemos. A lei do Antigo Testamento possuía prescrições específicas para o perdão desses pecados (Lv 4; Nm 15:22-29), pois os pecadores eram culpados mesmo quando não tinham conhecimento daquilo que haviam feito (Lv 5:17). Porém, a lei não oferecia expiação alguma pelos pecados cometidos “atrevidamente” (Nm 15:30-36; Dt 17:12, 13). Quando Davi cometeu adultério e providenciou para que Urias fosse morto (2 Sm 11 - 12), pecou insolentemente e com consciência disso, portanto, não

pôde oferecer sacrifício algum por esses pecados (Sl 51:16, 17). Quando confessou seus pecados, em sua graça Deus o perdoou (2 Sm 12:13), mas Davi pagou caro por suas transgressões. Os pecados não confessados – mesmo aqueles cometidos por ignorância – podem crescer dentro do coração e começar a nos dominar, levando-nos a desobedecer deliberadamente (“grande transgressão” – o texto hebraico também não apresenta artigo).

A criação é o “livro sem palavras” de Deus, as Escrituras são a Palavra Sagrada de Deus, mas Deus deseja ouvir nossas palavras como “sacrifícios” que lhe são agradáveis (141:1, 2; Os 14:2; Hb 13:15). O termo traduzido por “agradável” refere-se ao procedimento no qual o sacerdote examinava os sacrifícios para se certificar de que não tinham defeito algum. Se o sacrifício não era aceitável ao Senhor, o adorador também não o era (Lv 1:1-9; 22:17-25; Ml 1:6-8). As palavras que saem de nossa boca começam com os pensamentos em nosso coração (Mt 12:33-37), de modo que é importante meditar na Palavra e nas obras de Deus, os dois primeiros temas do Salmo 19. Se temos prazer na Palavra de Deus, será natural meditar nela e expressar suas verdades com nossos lábios, o que, por sua vez, nos guardará do pecado (119:9-16, 23, 24, 47, 48, 77, 78, 97-99). O uso do termo, nesse caso, se refere ao “parente resgatador” (*goel* – “aquele que tem o direito de redimir”), que podia resgatar um parente de situações difíceis (Lv 25:25-28; Nm 35:11-34; o Livro de Rute; Is 43:14). Jesus é nosso Redentor (Gl 3:13; 4:5; Tt 2:14; Hb 9:12; 1 Pe 1:18) e passou a ser nosso “parente resgatador”, quando se tornou um ser humano sem pecado e morreu por nós na cruz. Ele é tanto a Rocha quanto o Redentor, pois não apenas pagou o preço para nos libertar como também nos mantém em segurança.

SALMO 20

Este salmo é uma oração antes da batalha, e o Salmo 21 é o louvor depois da vitória. Nos versículos 1 a 5, o povo ora por seu rei; nos versículos 6 a 8, o rei Davi encoraja o povo;

e no versículo 9, o rei e o povo falam, sendo que, nesse caso, “o rei” é o Deus Jeová, O Rei. O salmo começa e termina com uma súplica para que Deus ouça sua oração e dê vitória ao exército de Israel (vv. 1, 9). O rei ungido era a vida e o fôlego de Israel como nação (Lm 4:20) e também sua lâmpada (2 Sm 21:17), de modo que os soldados do inimigo concentrariam sobre ele seus ataques (1 Rs 22:31). Aqueles que se perturbam com o aspecto militar de alguns dos salmos de Davi devem lembrar que Davi só guerreava quando algum inimigo atacava Israel. Não invadia outras nações apenas para conquistar territórios e lutava somente as batalhas do Senhor (1 Sm 17:47; 25:28; 2 Cr 20:15). A aliança que Deus fez com Davi (2 Sm 7:11) lhe garantia a vitória sobre seus inimigos. Nesse sentido, Davi é um retrato de nosso Senhor Jesus Cristo, o Comandante dos exércitos do Senhor (Js 5:14, 15), que um dia conquistará a vitória sobre todos os exércitos deste mundo (Sl 45:3-7; Ap 3:14; 17:14; 19:11-21). Como o médico que luta contra a enfermidade e a morte, a guerra de nosso Senhor é contra o pecado e o mal. “Conosco está Jesus, / O que venceu na cruz, / Senhor dos altos céus; / E, sendo o próprio Deus, / Triunfa na batalha” (Martinho Lutero). O salmo descreve três elementos essenciais para a vitória quando o povo de Deus luta contra as forças do mal.

1. UM POVO DE ORAÇÃO (Sl 20:1-5)

A lei de Moisés determinava que, antes de um exército sair para a batalha, os oficiais e soldados deveriam consagrar-se ao Senhor (Dt 20:1-4), e este salmo refere-se a um desses cultos de consagração. “As batalhas são vencidas no dia anterior”, disse Marshall Foch, comandante dos Aliados na Primeira Guerra Mundial. O presente do subjuntivo é usado seis vezes nos versículos 1 a 5, quando o povo ora por seu rei. O que estava em jogo não era apenas a vida do rei e seu exército, mas também a glória do Senhor (vv. 5, 7). Aquele era um “dia de tribulação” (ver 50:15; 59:16; 77:2; 86:7; 102:2), mas Jeová é “socorro bem presente na tribulação” (Sl 46:1). No versículo 1, o povo pede a Deus

que responda às orações do rei e que o eleve acima dos seus inimigos ("em segurança"). A designação "Deus de Jacó" é um título usado com freqüência para o Senhor (24:6; 46:7, 11; 75:9; 76:6; 81:1, 4; 84:8; 94:7; 114:7; 132:2, 5; 146:5; e ver Is 49:26 e 60:16). Indica que Deus opera em favor dos fracos e necessitados (ver Gn 35:1-3).

Davi levava a arca da aliança para o monte Sião (2 Sm 6), o que significava que Deus estava entronizado no meio de seu povo e os ajudaria (Sl 80:1 e 99:1). Seu santo nome encontrava-se no santuário (Dt 14:23; 16:2, 11), e, portanto, sua glória também estava em jogo. Em várias ocasiões, Davi havia levado sacrifícios (holocaustos) para o altar e se consagrado ao Senhor, dando-lhe graças e, provavelmente, havia oferecido sacrifícios antes de chegar para comandar o exército (ver 1 Sm 7:9ss e 13:9ss). O Senhor não se esqueceu dessas ofertas, dadas como memoriais a seu grande nome (Lv 2:1, 2, 9, 16; 5:12; e ver At 10:4). Porém, Davi havia feito mais do que adorar a Deus - havia buscado a vontade do Senhor com referência às estratégias para a batalha (ver 1 Sm 23). O povo ora para que Deus abençoe esses planos, pois os pedidos e os planos devem andar juntos. O versículo 5 é a parte central do salmo, uma declaração confiante de vitória antes mesmo de a batalha começar. Erguer e agitar os estandartes era um sinal de vitória, e um dos nomes especiais de Deus pelos quais o povo chama o Senhor é "Jeová é nossa bandeira" (ver Êx 17:15, 16). O tema da salvação (vitória) repete-se nos versículos 6 e 9.

2. UM LÍDER CONFIANTE (SL 20:6-8)

Como diz o Dr. Lee Roberson, com toda razão: "A ascensão e queda de todas as coisas deve-se à liderança". Nesta passagem, é o rei quem fala e garante ao povo que está certo de seu sucesso, pois o Senhor o escolheu ("ungido") e ouviu suas orações. O povo ora pedindo: "O SENHOR te responda" (v. 1), e Davi declara: "ele lhe responderá" (v. 6). O Senhor não apenas enviará ajuda de Sião (v. 2) como também do trono do céu (v. 6)! Assim como Deus havia estendido sua mão

para salvar Davi no passado (18:9-18), sua mão também o livraria do inimigo. Na aliança que Deus havia feito com Davi, ele prometera-lhe sucesso na batalha (2 Sm 7:11), e Davi apropriou-se dessa promessa pela fé.

O inimigo está a caminho com cavalos e carros? Não há motivos para temer, pois Israel deposita sua fé no Senhor. Os reis de Israel não deveriam adquirir grande número de cavalos e de carros (Dt 17:16), lei que Salomão não respeitou (1 Rs 10:26, 27). Observe que a lei sobre as guerras até menciona os cavalos e carros (Dt 20:1-4; e ver 32:20 e 2 Sm 10:18). Deus havia derrotado os melhores soldados do Egito (Êx 14:6ss; 15:4) e poderia derrotar os inimigos que atacavam Davi (Sl 33:16, 17; Pv 21:31; 2 Rs 19:20-23). "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8:31). O povo de Deus não se vangloria de seus recursos humanos; antes, sua glória está em Deus, o único que pode salvá-lo em todas as situações. Somente esse tipo de fé honra o nome poderoso do Senhor. O inimigo será derrotado, mas Israel se manterá em pé como nação vitoriosa.

3. UM SENHOR SOBERANO (SL 20:9)

Os tradutores não concordam entre si quanto à identidade do "rei" mencionado neste versículo. Trata-se de uma referência a Davi ou ao Senhor, o Rei de Israel (5:2; 10:16; 48:1, 2; 84:3; 95:3; 145:1)? Algumas versões optam por: "Ó SENHOR, dá vitória ao rei; responde-nos quando clamarmos", enquanto outras trazem: "Salva-nos, SENHOR, e ouve nos, ó Rei do céu, quando clamamos a ti" ou ainda "Salva-nos, SENHOR: Que o Rei nos responda quando clamamos". Quer o versículo esteja se referindo ao "rei" Davi quer ao Senhor como "Rei", afirma que o Senhor é soberano, pois ouve as orações e pode lhes responder. A meu ver, o mais apropriado é "Rei", e posso ver Davi, o povo e o exército reconhecendo a soberania do grande Rei de Israel. Se o Senhor não for Rei, não pode haver vitória: "Porque o SENHOR é o Deus supremo e o grande Rei acima de todos os deuses" (95:3). "Quem é esse Rei da Glória? O SENHOR dos Exércitos, ele é o Rei da Glória" (24:10). Davi planeja sua estratégia (v. 4),

mas somente o Senhor pode determinar os resultados.

SALMO 21

É bem provável que este salmo seja o hino de louvor que Davi e seu povo cantaram depois das vitórias pelas quais pediram a Deus no Salmo 20, comemorando um dia nacional de ação de graças. Havia orado pedindo bênçãos específicas, e Deus as havia concedido. O hino começa e termina com louvores pela força que Deus deu a seu rei e ao exército (vv. 1, 13). As orações respondidas devem ser reconhecidas com fervente louvor. Uma vez que somente o Messias pode conquistar as vitórias preditas nos versículos 8 a 12, de acordo com o Targum judaico, esse é um salmo sobre o "Rei Messias". Sem dúvida, Davi é um tipo de Jesus Cristo.

1. OLHANDO PARA TRÁS: A COMEMORAÇÃO DE VITÓRIAS PASSADAS (SL 21:1-7)

O povo e seu rei dirigem-se ao Senhor e lhe agradecem o que fez em resposta a suas orações. Compare 21:1 com 21:5; 21:2 com 20:4 e 21:5 com 20:1. O termo "salvação", nos versículos 1 e 5, significa "livramento, vitória". Davi havia orado pedindo que sua vida fosse poupada (v. 4), e o Senhor o havia atendido (v. 2; 20:1, 6). Essa bênção fazia parte da aliança de Deus com Davi (2 Sm 7:16). O termo "suprir", no versículo 3, significa "providenciar de antemão". O Senhor foi ao encontro de Josué antes da batalha de Jericó (Js 5:13-15), e Melquisedeque (um tipo de Jesus Cristo) encontrou-se com Abraão depois da batalha com os reis (Gn 14); Deus foi adiante de Davi e lhe "deu as boas-vindas" no campo de batalha, concedendo a vitória. É um grande estímulo saber que Deus vai adiante de seu povo obediente (48:14; 77:20; Jo 10:4; Dt 8:2).

Alguns estudiosos associam a coroa de ouro no versículo 3 com a vitória de Israel sobre os amonitas em Rabá (2 Sm 12:26-31), mas, na verdade, essa vitória foi conquistada por Joabe. Davi só chegou ao local do cerco no final. É bem possível que a coroa seja símbolo "de glória e de honra"

(8:5; ver 21:5). Para Davi, essa vitória que recebeu de Deus foi como uma segunda coroação, garantindo-lhe que era, de fato, o ungido de Deus. "Longevidade para todo o sempre" (v. 4) e "bênção para sempre" (v. 6) são expressões que nos fazem lembrar a aliança de Deus com Davi, que se cumpriu, definitivamente, em Cristo (2 Sm 7:6, 13, 16, 29; Lc 1:30-33; ver também Sl. 10:16; 45:17; 48:14 e 133:3). Era costume, na época, atribuir vida eterna aos reis (Ne 2:3; Dn 2:4). Enquanto estivesse governando, Davi não "vacilaria" diante de seus inimigos, pois havia depositado sua fé no Senhor (v. 7; 10:6; 16:8; 55:22; 121:3). Essa declaração de fé é o versículo central do salmo.

2. OLHANDO PARA FRENTE: AGUARDANDO FUTURAS VITÓRIAS (SL 21:8-12)

O rei confiava no Senhor, e o povo também, e declararam sua fé ao dirigir essas palavras ao rei. A ênfase, nesse caso, é sobre as vitórias que Deus dará a Davi e Israel, pois crêem no Deus vivo (ver 20:7). A mão direita ("destra") de Deus é mais do que um símbolo de poder; ela opera ativamente em favor de seu povo e derrota seus inimigos (89:13; 118:15, 16; Dt 5:15). Como o fogo devora tudo aquilo que toca, também o Senhor consumiria os inimigos de Davi; ele os devoraria como a lenha queimada na fornalha (79:5; 89:46; 97:6; Ml 4:1). A nação de Israel e a descendência de Davi seriam preservadas (18:50; 2 Sm 7:16; Gn 12:1-3), mas não haveria futuro algum para o inimigo. De fato, Deus deu muitas vitórias a Davi, expandiu grandemente as fronteiras de Israel e trouxe paz ao reino. As nações poderiam reunir-se e conspirar contra ele, mas, ainda assim, Davi seria vitorioso nas batalhas.

3. OLHANDO PARA O ALTO: EXALTANDO O SENHOR DAS VITÓRIAS (SL 21:13)

Como em 20:9, o salmo encerra com uma declaração ao Senhor e expressa louvores por sua grandeza. O povo sabia que Davi não lutava as batalhas nem conquistava vitórias a fim de exaltar a si mesmo, mas sim com o objetivo de engrandecer ao Senhor. O rei demonstrou esse mesmo espírito em sua

juventude, quando matou o gigante Goliás (1 Sm 17:36, 45-47). O Salmo 20 termina com o povo e o rei pedindo a Deus para ouvir suas orações, e o Salmo 21 encerra com uma oração pedindo que Deus seja exaltado em sua força. “Porque aos que me honram, honrarei” (1 Sm 2:30).

SALMO 22

Os Salmos 22, 23 e 24 constituem uma trilogia sobre Cristo, o Pastor. No Salmo 22, o Bom Pastor dá a vida por suas ovelhas (Jo 10:1-18); no Salmo 23, o Grande Pastor dedica a vida às ovelhas e cuida delas (Hb 13:20, 21); e no Salmo 24, o Pastor Supremo volta à glória para recompensar suas ovelhas por seu serviço (1 Pe 5:4). A expressão *Aijeleth Shahar* (ou *Hash-shahar*) é interpretada como “a corça da manhã” ou “ajuda ao romper do dia”. Pode ser o nome da melodia com a qual este salmo deveria ser cantado.

Davi é o autor, mas é difícil determinar a ocasião de sua vida que teria dado origem a esse tipo de salmo. De acordo com o relato bíblico, o Senhor jamais o abandonou em seu momento de necessidade; antes, sempre lhe deu amigos para ajudá-lo e o livrou de seus inimigos. O sofrimento intenso descrito aqui não corresponde a um homem enfermo em seu leito nem a um soldado na batalha. *É a descrição de um criminoso sendo executado!* Várias citações do salmo nos quatro Evangelhos, bem como em Hebreus 2:10-12, indicam que se trata de um salmo messiânico. Podemos não saber a relação desse salmo com a experiência pessoal de seu autor, mas sabemos que Davi foi um profeta (At 2:30) e que, nesse salmo, escreveu sobre a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. A primeira parte (vv. 1-21) concentra-se na oração e no sofrimento e nos remete à cruz, enquanto a segunda parte (vv. 22-31) anuncia a ressurreição e expressa louvores para a glória de Deus. A fim de compreender a mensagem da Bíblia, é essencial entender o sofrimento e a glória do Messias (Lc 24:25-27; 1 Pe 1:11). Ao estudar este salmo, procuraremos ver em suas palavras tanto Davi quanto o Filho de Davi.

1. A ORAÇÃO NUM MOMENTO DE SOFRIMENTO (Sl 22:1-21)

Três coisas pesavam no coração de Davi e o levaram a orar pedindo o socorro de Deus, e essas mesmas questões também se aplicam a Jesus.

Ele foi abandonado pelo Senhor (vv. 1-5).

As primeiras palavras do salmo nos transportam imediatamente ao Calvário, pois Jesus citou-as no final do período de três horas de trevas (vv. 1, 2; Mt 27:45, 46; Mc 15:34). “Não estou só”, disse Jesus a seus discípulos, “porque o Pai está comigo” (Jo 16:32), e, no entanto, clamou em alta voz que o Senhor o havia abandonado. Ao dizer essas palavras, estava envolvido numa transação misteriosa com o Pai, na qual o Filho estava morrendo pelos pecados do mundo (1 Jo 2:2; 4:14). Na cruz, Jesus “[se] fez pecado” (2 Co 5:21) e “[se fez] maldição” (Gl 3:13) por nós. De alguma forma inexplicável, experimentou aquilo que os pecadores condenados vivenciam quando são “banidos da face do Senhor” (2 Ts 1:9; ver Mt 25:41). Observe, porém, que tanto Davi quanto Jesus chamam o Senhor de “meu Deus”, deixando claro que ainda conhecem o Pai e confiam nele.

Não é o lamento de um servo queixoso, mas sim o pranto de uma criança magoada que pergunta: “Onde está meu pai quando preciso dele?”. Enquanto orava por ajuda, Davi imaginava por que o Senhor não respondia. Afinal, era um Deus de compaixão, que se preocupava com seu povo; era também um Deus santo, que praticava a justiça. Além disso, Israel era a nação especial de Deus, segundo sua aliança com o povo, e o Senhor estava “entronizado entre os louvores de Israel” (v. 3; ver 80:1; 99:1; Is 66:1, 2). Somente Israel possuía a lei de Deus e podia adorá-lo de maneira aceitável (Jo 4:21-24). Em várias ocasiões, no passado, Deus havia cumprido suas promessas da aliança com Israel e lutado em suas batalhas; então, por que havia se distanciado? A compaixão, a justiça e a aliança sagrada eram argumentos fortes para que Deus interviesse – mas ele permaneceu calado.

Ele foi desprezado pelo povo (vv. 6-11).

Essas palavras aplicam-se de modo especial

a nosso Salvador. “Sou verme e não homem” é uma declaração esquecida que mostra quão pouco valor os líderes de Israel e os oficiais romanos davam a Jesus de Nazaré. Um verme é uma criatura que vive no solo, indefesa, frágil e indesejável. Isaías 52:14 predisse que o Messias seria terrivelmente desfigurado por seus inimigos e nem sequer pareceria mais humano (ver também Is 49:7; 50:6 e 53:3; para “opróbrio”, ver 69:9 e Rm 15:3. Para o cumprimento dos vv. 7, 8, ver Mt 27:39, 43; Mc 15:29; Lc 23:35, 36). Davi lembrou o Senhor de que, desde seu nascimento, Deus havia cuidado dele; então, por que abandoná-lo naquele instante? (ver 139:13-16). Davi aprendera a confiar no Senhor desde a mais tenra idade e não estava prestes a ceder. O verbo “confiar” é usado três vezes nos versículos 4 e 5 e também no versículo 8.

Foi condenado pela lei (vv. 12-21). Davi olhou ao redor e viu seus inimigos; de tão selvagens que eram, comparou-os com animais: touros (vv. 12, 21), leões (vv. 13, 21; e ver 7:2; 10:9; 17:12; 35:17; 57:4; 58:6) e cães (vv. 16, 20). Basã era uma região extremamente fértil, a leste do mar da Galiléia e norte do rio Jarmuque até o monte Hermom, conhecida hoje como Colinas de Golã (Jr 50:19; Dt 32:14; Ez 39:18; Am 4:1). Os touros selvagens rodeavam sua presa e, então, atacavam para matá-la. Os cães eram animais selvagens carniceiros, que viviam nos depósitos de lixo e andavam em matilhas à procura de vítimas. O povo que participou da prisão e condenação de Jesus não passava de um bando de feras selvagens atacando seu Criador (2:1-3; At 4:23-28). Davi olha para si mesmo e acaba (vv. 14-18) fazendo uma descrição que, sem dúvida, correspondia à de um homem sendo crucificado. Suas roupas são removidas, ele é colocado numa cruz, e pregos são cravados em suas mãos e pés. Dependurado entre o céu e a terra, seu corpo está desidratado, ele é tomado de uma sede intensa, e o final é o “pó da morte” (v. 15; ver Gn 3:19; Jó 7:21; 10:9; 17:16; Ec 3:20). Desfalece como a água que se esvai e a cera que derrete e se torna como um caco de barro. (Para a aplicação dessa

imagem a Jesus, ver Mt 27:35; Mc 14:24; Lc 23:34; Jo 19:23, 24, 28.) É impressionante como Davi descreve a crucificação, pois essa não era a pena capital usada em Israel, e é pouco provável que ele alguma vez tenha presenciado esse tipo de execução. Davi, o salmista profético (At 2:30), viu o que aconteceria ao Messias séculos depois.

Por fim, Davi olhou para o alto, para o Senhor, e orou pedindo mais uma vez pelas forças de que precisava (vv. 19-21). No versículo 1, disse que Deus estava longe de ajudá-lo, e repete isso no versículo 11, mas pede pela terceira vez para que o Senhor se aproxime e intervenha. A “espada” do versículo 20 pode ser uma referência à autoridade do governo romano (Rm 13:4), pois foi Pilatos quem autorizou a morte de Cristo. O termo traduzido por “minha vida”, no versículo 20, pode significar “querido, único”, como um filho único (Gn 22:2), e se refere à única vida que Davi possuía (ver 35:17, “minha predileta”). Uma vez que a perdesse, não poderia recuperá-la. Podemos traduzir o versículo 21 por: “Salva-me da boca do leão; dos chifres dos touros selvagens me livraste” ou “me atendeste”. No versículo 2, Davi escreveu que Deus não lhe havia respondido, mas agora, quase grita: “Sim, tu me respondes” (ver também versículo 24), definindo, assim, o ponto crítico do salmo.

2. LOUVOR EM TEMPOS DE VITÓRIA (Sl 22:22-31)

Passamos, agora, do sofrimento para a glória, da oração para o louvor (vv. 22, 23, 25, 26). Nos versículos 1 a 21, Jesus “suportou a cruz”, mas aqui entra na “alegria que lhe estava proposta” (Hb 12:2; ver também Jd 24). Havia orado pedindo para ser liberto da morte (Hb 5:7), e essa oração fora respondida. Jesus entoou um cântico de Páscoa antes de ir para a cruz (Mt 26:30; Mc 14:26), e, de acordo com Hebreus 2:12, o Cristo ressurreto louvou a Deus no meio de seu povo (ver Mt 18:20). Observe que, em seu cântico, o Senhor fala do alcance cada vez maior da obra expiatória que ele completou na cruz.

A grande congregação (vv. 22-25). Não há qualquer evidência bíblica de que Jesus tenha aparecido a algum incrédulo assim que ressuscitou (1 Co 15:1-7). “A grande congregação” (assembléia) era constituída daqueles que criam em Jesus e que se tornaram parte de sua Igreja quando o Espírito veio em Pentecostes. Mas a Igreja é composta de judeus e de gentios que formam um só corpo em Cristo (Ef 2:11ss), de modo que o cântico incluiu a semente de Jacó (Israel). Os primeiros cristãos eram judeus que crearam em Cristo, e todos os gentios na Igreja são, pela fé, filhos de Abraão (Gl 3:26-29). Deus não desprezou seu Filho, do qual se compraz (v. 24); antes, aceitou sua obra na cruz e provou que recebeu esse sacrifício ao ressuscitar Cristo dentre os mortos (Rm 4:24, 25).

O reino glorioso (vv. 26-29). Vemos aqui um banquete, uma imagem conhecida do povo de Israel que esperava o reino messiânico (Is 25:6-9; Mt 8:10-12; Lc 13:29; 14:15). Quando um adorador judeu levava uma oferta pacífica ao Senhor, tomava parte do sacrifício para si a fim de usá-lo num banquete com sua família e com quaisquer amigos que desejasse convidar (Lv 3; 7:15ss). Essa tradição tornou-se um retrato do futuro reino glorioso. Porém, os fiéis gentios também farão parte dessa festa (v. 27), e o Messias reinará sobre toda a Terra. Deus prometeu a Abraão que seus descendentes trariam bênçãos a todo o mundo (Gn 12:1-3). Essa promessa cumpriu-se com a vinda de Cristo para morrer pelo mundo. Mas, quando ele voltar, a promessa se cumprirá de modo glorioso no estabelecimento de seu reino magnífico. Tanto os prósperos quanto os pobres se sujeitarão a ele (v. 29) e encontrarão satisfação somente na graça do Senhor. Os judeus ortodoxos terminam seu culto recitando Zacarias 14:9: “O SENHOR será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o SENHOR, e um só será o seu nome”.

As gerações vindouras (vv. 30, 31). As bênçãos da expiação e do reino não serão temporárias; serão eternas, de geração em geração. Nessa passagem, são apresentadas três gerações: uma semente (ver Is 53:10),

uma segunda geração e um povo que surgirá. Isso nos lembra 2 Timóteo 2:2. Porém, a ênfase não é sobre o que os filhos de Deus fizeram, mas sim sobre o fato de que o Senhor realizou todas as coisas. “Foi ele quem o fez” (v. 31). “Está consumado!”, foi o que Jesus clamou na cruz (Jo 19:30).

SALMO 23

Este é o salmo do Grande Pastor que cuida de suas ovelhas e que as prepara para o ministério (Hb 13:20, 21), o “grande Sumo Sacerdote” (Hb 4:14) que “[vive] para sempre para interceder por [nós]” (Hb 7:25). Sem dúvida, este salmo tem uma mensagem para os que estão profundamente entristecidos, mas é uma pena que seja tão usado principalmente em funerais, pois, na verdade, o Salmo 23 concentra-se naquilo que Jesus faz por nós “todos os dias da [nossa] vida” e não apenas na morte (v. 6). Também é uma pena que a tendência seja espiritualizar o salmo e deixar de vê-lo dentro de seu verdadeiro contexto. Muita gente imagina Davi como um “pastorzinho”, deitado num pasto meditando sobre as coisas de Deus, quando, na realidade, é bem provável que ele tenha escrito esse salmo quando já era um homem idoso, possivelmente durante a rebelião de Absalão (2 Sm 13 - 19). Nessa passagem, Davi trata de algumas dificuldades pelas quais passou ao longo de sua caminhada com o Senhor. Apesar de pessoas de todas as idades gostarem de citar esse salmo, sua mensagem é para os cristãos maduros, que passaram por batalhas e carregaram fardos.

Abel, o primeiro mártir, era um pastor (Gn 4:2), como também o eram os patriarcas de Israel. Moisés passou quarenta anos cuidando das ovelhas de seu sogro, e Davi, o maior rei de Israel, ajudou o pai trabalhando como pastor. A imagem de Deus como o pastor de Israel aparece pela primeira vez em Gênesis 48:15 e 49:24 e continua a ser usada ao longo das Escrituras (Sl 28:9; 80:1; 95:7; 100:3; Is 40:11; 49:10; Jr 31:10; Ez 34:11-15; Mt 10:6; 15:24; Mc 6:34). O Messias prometido era visto como um pastor (Ez 34:16, 23; Mq 5:4; Zc 13:7; Mt 2:6; 26:3; Mc 14:27; Jo 10). No Salmo 22, Davi com-

parou o inimigo a animais astutos e fortes (22:12-16,21), enquanto, neste salmo, retrata o povo de Deus como simples ovelhas. Com isso, podemos aprender sobre o Pastor e perceber quão bondoso é seu cuidado para conosco. As ovelhas são animais indefesos que se perdem com facilidade e precisam de cuidados quase constantes. Não se pode tanger ovelhas como se faz com o gado; as ovelhas precisam ser conduzidas. Os pastores do Oriente conhecem as ovelhas pelo nome, e elas atendem quando são chamadas (Jo 10:1-5). As ovelhas não são criadas por sua carne, mas sim por sua lã, seu leite e para reprodução. Neste salmo, Davi explica que, se seguirmos ao Senhor e confiarmos nele, ele suprirá todas as nossas necessidades, quaisquer que sejam as circunstâncias.

1. NOS PASTOS – SUFICIÊNCIA (Sl 23:1-3)

“O SENHOR” é o Deus Jeová, o Deus que fez uma aliança com Israel. Os nomes compostos de Jeová no Antigo Testamento refletem o conteúdo deste salmo.

“Nada me faltará” – Jeová-Jiré, “O SENHOR Proverá” (Gn 22:14).

“Águas de descanso” – Jeová-Shalom, “O SENHOR É Paz” (Jz 6:24).

“Refrigera-me a alma” – Jeová-Rafá, “O SENHOR que te Sara” (Êx 15:26).

“Veredas da justiça” – Jeová-Tsidkenu, “SENHOR, Justiça Nossa” (Jr 33:16).

“Tu estás comigo” – Jeová-Shamá, “O SENHOR Está Ali” (Ez 48:35).

“Presença dos meus adversários” – Jeová-Nissi, “O SENHOR É Minha Bandeira” (Êx 17:15).

“Unges-me a cabeça” – Jeová-Mekadesh, “O SENHOR Que Santifica” (Lv 20:8).

No original, o verbo se encontra no gerúndio e significa “está me pastoreando”. Os pastores do Oriente guardavam suas ovelhas, conduziam-nas, proviam alimento e água para elas, cuidavam delas quando estavam cansadas, feridas ou doentes, salvavam-nas quando se perdiam, conheciam o nome delas e, de todas as maneiras, simplesmente as amavam. O que isso mostra aos pastores de hoje?

Na Terra Santa, os pastos eram viçosos e verdejantes depois da estação das chuvas, mas não ficavam assim o ano todo. Não havia cercas, a terra era acidentada e perigosa, cheia de animais selvagens e de cobras, e o rebanho indefeso precisava de cuidados constantes. Mesmo quando as ovelhas não lhe pertenciam, o pastor as tratava como se fosse dele e deveria prestar conta daquelas que estavam faltando. Jesus chamou os cristãos de “minhas ovelhas”, pois morreu por elas (1 Pe 1:18, 19), e o Pai as entregou a ele (Jo 17:12). Os versículos 1 a 3 enfatizam que Jesus é suficiente para todas as necessidades que suas ovelhas possam ter enquanto pastam. Precisam, principalmente, de alimento (capim), de água, de descanso e de um pastor que as conduza. Quando o povo de Deus segue o seu Pastor, tem tudo de que precisa e não carece de coisa alguma para viver adequadamente (37:25; Mt 6:33; Fp 4:19). As ovelhas não se deitam quando estão famintas e não bebem água de riachos com correntezas fortes. Às vezes, o pastor cria uma represa temporária num córrego para que as ovelhas possam saciar sua sede. No versículo 2, pode-se ler: “leva-me para junto das águas *aquietadas*”. No céu, nosso Pastor nos conduzirá a fontes de água viva (Ap 7:17).

O termo traduzido por “levar”, no versículo 2, significa “conduzir gentilmente”. As ovelhas não podem ser empurradas. Elas ouvem a voz do pastor e o seguem, assim como ouvimos Cristo em sua Palavra e lhe obedecemos (Jo 10:3-5, 16, 27). Se uma ovelha se perde, o pastor deixa o rebanho sob os cuidados de seus ajudantes e vai procurá-la (ver Mt 9:36; 18:12-14; Lc 15:3-7). O termo “veredas”, no versículo 3, quer dizer “caminhos percorridos com frequência, trilhas”. Quando as ovelhas começam a explorar caminhos novos e empolgantes, acabam se metendo em apuros. “Não vos deixeis envolver por doutrinas várias e estranhas” (Hb 13:9). Deus cuida de nós porque nos ama e deseja que o glorifiquemos (“por amor do seu nome”). O pastor cuida de suas ovelhas porque as ama e quer manter uma boa reputação como pastor fiel.

2. NO VALE – SERENIDADE (Sl 23:4)

Este é o versículo central do salmo, e o pronome pessoal muda de *ele* para *tu*. Davi não está falando sobre o pastor, mas sim com ele. No vale escuro, não vai adiante de nós, mas sim a nosso lado, nos guiando e aqueitando nossos medos. O “vale da sombra da morte” representa qualquer experiência difícil em nossa vida que nos enche de temor, inclusive a morte. As ovelhas não enxergam muito bem e se assustam com facilidade quando se vêem em circunstâncias desconhecidas, especialmente no escuro. É a presença do pastor que as acalma. O bordão era um bastão pesado com o qual o pastor podia atordoar ou matar uma fera que tentasse atacar o rebanho. O cajado era uma vara com uma das extremidades curvadas, usada para ajudar as ovelhas individualmente. No final do dia, o pastor fazia as ovelhas passarem, uma por uma, debaixo do cajado para que pudesse contá-las e examiná-las (Lv 27:32). O rebanho sossegava com a presença do pastor, preparado para qualquer emergência. Ele é “Emanuel [...] Deus conosco” (Mt 1:23). Jesus não é um servo contratado, que foge ao se deparar com o perigo. Ele é o verdadeiro Pastor que dá a vida por suas ovelhas (Jo 10:11-15). As ovelhas de Deus têm “paz com Deus” (Rm 5:1) e, quando confiam no Senhor, podem desfrutar a “paz de Deus” (Fp 4:4-7). Ao longo da vida, enquanto seguimos o Pastor, teremos muitas experiências diferentes, sendo que algumas serão provações, mas nenhuma delas pegará o Senhor de surpresa. Podemos confiar nele e ter paz. Quanto mais nos aproximamos de nosso Pastor, mais seguros ficamos e mais a sua paz enche o nosso coração (ver Is 40:9-11; 43:1-3; Ap 1:17, 18).

3. NO APRISCO – CERTEZA (Sl 23:5)

Alguns estudiosos acreditam que, nesse ponto, ocorre uma mudança de metáfora, passando do pastor e de suas ovelhas para um anfitrião e seus convidados, mas não é, necessariamente, o caso. A “mesa” não é, obrigatoriamente, um móvel usado por seres humanos, pois o termo significa simplesmente “algo estendido, espalhado”. Lugares pla-

nos numa região montanhosa podem ser chamados de “mesas”, e, por vezes, o pastor parava com seu rebanho num desses locais e deixava que as ovelhas se alimentassem e descansassem ali antes de prosseguir para o aprisco (ver 78:19). Depois de cada dia difícil de trabalho, o objetivo do pastor era levar o rebanho em segurança de volta para o aprisco, onde as ovelhas cansadas poderiam repousar protegidas durante a noite. Por vezes, no aprisco, o pastor colocava comida em cochos, pois as ovelhas se deitam e descansam depois de comer. Enquanto dormiam, eram protegidas por um muro de pedra que as cercava, e o próprio pastor se deitava na abertura e servia de porta (Jo 10:7-9). Durante a noite, ladrões ou animais perigosos poderiam aproximar-se do aprisco, mas não tinham como chegar até as ovelhas. O Senhor nem sempre remove o perigo de nossa vida, mas nos ajuda a vencê-lo e a não permitir que o medo nos paralise. É isso o que significa ser “mais que vencedores” e ter paz em meio aos perigos (Rm 8:31-39).

Enquanto as ovelhas entravam no aprisco, o pastor as examinava para se certificar de que nenhuma delas havia se ferido ou adoecido por ter ingerido alguma planta venenosa. Se necessário, aplicava um unguento nas ovelhas feridas e, para as que estavam sedentas, oferecia água num cálice grande com duas asas. Também colocava óleo na cabeça e nos chifres das ovelhas para afastar moscas e outros insetos. As ovelhas sabiam que estavam seguras e que podiam dormir tranqüilas.

4. NA CASA DO PAI – ETERNIDADE (Sl 23:6)

Todas as noites, quando se deitava na entrada do aprisco, o pastor se lembrava do que havia acontecido ao longo do dia e dava graças ao Senhor por tê-lo abençoado com bondade e misericórdia. Já idoso, Davi fez uma retrospectiva de sua vida longa e chegou à mesma conclusão. Apesar de seus pecados e erros, havia sido acompanhado de bondade e de misericórdia, equivalentes, no Antigo Testamento, de Romanos 8:28. “Certamente”, nesse caso, significa “somente”. Ao olhar adiante, Davi sabia que habitaria no céu – a

casa do Pai – para sempre. Não se trata aqui de uma referência ao templo, pois o rei não morava no templo. Além disso, ninguém poderia viver lá ou em qualquer outro lugar para sempre. Jesus usou esses termos para falar sobre o céu (Jo 14:1-6). As coisas que nos deixam confusos e perturbados hoje em dia se esclarecerão e dissiparão quando chegarmos ao céu. Então, olharemos para trás e diremos: “somente bondade e misericórdia”. Na antiga aliança, as ovelhas morriam pelo pastor, mas na nova aliança, foi o Pastor quem morreu pelas ovelhas – e nos encontraremos com nosso Pastor no céu! “Pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima” (Ap 7:17).

SALMO 24

A maioria dos comentaristas associa este salmo à ocasião em que Davi levou a arca da aliança para Jerusalém (2 Sm 6; 1 Cr 15:1 – 16:3), e é bem possível que Davi o tenha escrito para esse acontecimento. Tudo indica que se trata de um salmo antifônico. O povo (ou um coral de levitas) iniciava o cântico com os versículos 1 e 2, um dirigente fazia as perguntas nos versículos 3, 8a e 10a, e o coral ou o povo respondia com os versículos 4 a 6, 8b e 10b. Era entoado todo domingo no templo de Herodes, e alguns relacionam este cântico com a entrada do Senhor em Jerusalém no Domingo de Ramos. Há anos, a igreja lê o salmo 24 no Dia da Ascensão, o quadragésimo dia depois da Páscoa. Para os cristãos, Jesus é o “Rei da Glória”, voltando ao céu depois de sua paixão (Ef 4:8; Cl 2:15), e, um dia, voltando em glória para estabelecer seu reino (Mt 25:31). Isso explica a repetição de “Levantai, ó portas, as vossas cabeças” nos versículos 7 e 9. O salmo apresenta um privilégio triplo concedido por Deus a seu povo.

1. SOMOS MORDOMOS QUE DESFRUTAM A BONDADE DE DEUS NA CRIAÇÃO (Sl 24:1, 2)

De todos os corpos celestes criados pelo Senhor, a Terra é o único escolhido por ele para ser sua esfera de atividade. Clarence

Benson chamou a Terra de “teatro do universo”, pois nela o Senhor demonstrou seu amor por meio do que Dorothy Sayers chamou de “maior drama de todos os tempos”. Escolheu um planeta, um povo e uma terra e para lá enviou seu Filho, para que vivesse, ministrasse, morresse e fosse ressurreto dentre os mortos para que os pecadores pudessem ser salvos. A Terra pertence a Deus; tudo o que existe na Terra é de Deus; todas as pessoas que habitam na Terra são de Deus, feitas a sua imagem e responsáveis perante ele. O nome divino “SENHOR” é usado seis vezes neste salmo. “Toda a terra é minha” (Êx 19:5), disse o Criador, mas em sua bondade, ele a compartilha conosco. Ele é quem “possui os céus e a terra” (Gn 14:19, 22), e somos seus convidados neste planeta, mordomos de tudo o que ele nos concede para desfrutarmos (1 Tm 6:17). Essa mordomia é a base para o modo de tratar o planeta e de proteger os tesouros que Deus dividiu conosco. Qualquer coisa que possamos oferecer a ele é algo que, antes, recebemos dele (50:10-12; 1 Cr 29:14). Em 1 Coríntios 10:25, 26, Paulo cita o Salmo 24:1 para lembrar os cristãos de que todo alimento lhes é permitido (ver também Mc 7:14-23; 1 Tm 4:3-5). O lugar da “água” na criação pode ser visto em 104:5-9; 136:6; Gênesis 1:1, 6, 7, 9; 49:25; Êxodo 20:4; Deuteronômio 33:13.

2. SOMOS ADORADORES QUE EXPERIMENTAM A GRAÇA DE DEUS NA REDENÇÃO (Sl 24:3-6)

O Salmo 15 é um texto paralelo, e os dois salmos enfatizam o fato de que adorar a Deus significa elevar-se. O Filho de Deus está assentado no trono na cidade celestial de Sião (2:6), e o propiciatório da arca era o trono de Deus na cidade terrena de Sião. Os levitas que carregavam a arca deveriam estar cerimonialmente puros, e o povo de Deus deve manter-se puro, a fim de adorar e de agradecer a seu Rei. A expressão “o que é limpo de mãos” refere-se a uma conduta íntegra (Is 1:15, 16, 18), e “puro de coração” refere-se a motivações e caráter piedosos (Mt 5:8). A “falsidade” diz respeito à idolatria (adoração de “coisas desprezíveis”) e

“jurar dolosamente” refere-se a todo tipo de dissimulação, especialmente o falso testemunho num tribunal.

A recompensa é a dádiva da salvação, a justiça de Deus (Gn 15:6). Porém, ninguém neste mundo é capaz de preencher esses requisitos. “Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:23). As boas obras ou o caráter religioso não bastam para nos salvar. A única maneira de entrar na presença de Deus é por intermédio dos méritos de Jesus Cristo, o que significa que devemos nos arrepender de nossos pecados e crer no Senhor. Somente Jesus Cristo é qualificado para entrar na presença do Pai, e ele voltou para o céu, a fim de representar seu povo e de interceder por ele junto ao trono do Pai. “Buscar a face de Deus” significa ter uma audiência com o Rei (Gn 44:23; Êx 10:28; 2 Sm 14:24, 28, 32), o que agora é possível por meio daquilo que Cristo fez na cruz (Hb 10:1-25). A justiça de Deus é uma dádiva, não uma recompensa por boas obras (Rm 3:21 - 4:9; 5:17; 10:1-10). Davi compara a geração de pessoas que buscam a Deus a seu antepassado, Jacó, que viu a face de Deus e esperou pela fé até receber uma bênção (Gn 32:24-32). Por certo, Jacó não era um homem perfeito, mas o Senhor o salvou e se permite ser chamado de “Deus de Jacó” (Sl 46:7, 11).

3. SOMOS VENCEDORES QUE CELEBRAM A GLÓRIA DE DEUS NA CONQUISTA (Sl 24:7-10)

Em cinco ocasiões neste texto, Deus é chamado de “Rei da Glória”. Jesus é o Pastor Supremo que, um dia, voltará em glória e dará a cada servo fiel uma coroa de glória (1 Pe 5:1-4; e ver 1:7; 4:11-14 e 5:10; 1 Co 2:8). Tendo em vista que as portas de Jerusalém se abriam para fora, o que significa a expressão “Levantai-vos, ó portais”? Sem dúvida, havia espaço suficiente para os levitas passarem com a arca e não seria preciso erguer as vergas das portas. Martinho Lutero sugeriu a tradução: “Escancarai os portais”, ou seja, “Dai boas-vindas ao Senhor de todo o coração!” Trazer a arca para a cidade pode ter lembrado Davi daquilo que Moisés e os

líderes de Israel cantavam quando a arca era carregada no deserto (Nm 10:33-35; Sl 68:1-3; 132:8). A administração e as transações de uma cidade antiga concentravam-se nas portas da cidade, de modo que estas equivaliam a nossas prefeituras de hoje. Davi está ordenando que a cidade inteira receba o Senhor de braços abertos e lhe dê todas as honras. O Rei da Glória é, ainda, o “SENHOR dos Exércitos”, título usado para Deus quase trezentas vezes no Antigo Testamento. O termo “exércitos” também é usado com referência às estrelas (Is 40:26), aos anjos (Sl 103:20, 21), à nação de Israel (Êx 12:41) e a todos os cristãos que pertencem ao exército de Cristo (2 Tm 2:3, 4; 2 Co 10:3-6; Ef 6:10ss).

Mas por que o cântico refere-se duas vezes às portas de Jerusalém (vv. 7 e 9)? O Rei da Glória é Jesus Cristo. Quando entrou em Jerusalém no Domingo de Ramos, nem todos na cidade o receberam e louvaram. Esse salmo havia sido cantado no templo naquela manhã, mas não foi aplicado a Jesus de Nazaré. Em vez de recebê-lo e de honrá-lo, os líderes o rejeitaram e o enviaram ao Gólgota para ser crucificado. Porém, em sua morte e ressurreição, Jesus venceu a batalha contra Satanás e o pecado e, quando subiu de volta aos céus e entrou na cidade celestial de Sião (Hb 12:18ss), foi recebido como vencedor, o SENHOR dos Exércitos e o Rei da Glória. Mas Jesus voltará à Terra, lutar novamente contra os exércitos do mundo e será vitorioso (Ap 19:11ss; Is 63:1-3). Livrará Jerusalém de seus inimigos (Zc 12 - 14) e estabelecerá seu reino na Terra. Então, seu povo o receberá em Jerusalém, como o SENHOR dos Exércitos, o Rei da Glória. “O SENHOR será Rei sobre toda a terra” (Zc 14:9). Enquanto isso, podemos triunfar em nossa vida por meio de Jesus Cristo (2 Co 2:14) e ser “mais que vencedores” pela fé em Cristo Jesus (Rm 8:31-39).

Como filhos de Deus, pertencemos a três mundos: o mundo da criação a nosso redor, o mundo da nova criação dentro de nós (2 Co 5:17) e o “mundo por vir”, da maravilhosa criação final, que será nosso lar eterno (Ap 21 - 22).

SALMO 25

Este salmo retrata a vida como uma jornada difícil que não podemos completar com sucesso por nossa própria conta. O termo “caminho” é usado quatro vezes (vv. 4, 8, 9, 12), e a palavra “veredas” aparece uma vez (v. 10) nesse texto, em que encontramos o salmista clamando a Deus por sabedoria ao ter de tomar decisões (vv. 4, 5). Está cercado de inimigos (v. 2) que o odeiam (v. 19), que preparam armadilhas para ele (v. 15) e que desejam que fracasse e seja envergonhado (vv. 2, 3, 20). O salmista sabe que é pecador e que não merece a ajuda de Deus (vv. 7, 11, 18), mas confia na bondade e na misericórdia do Senhor. Como escreve o psicólogo M. Scott Peck: “Uma vez que sabemos, de fato, que a vida é difícil – uma vez que, verdadeiramente, compreendemos e aceitamos isso – ela deixa de sê-lo”.²¹ Davi sabia que o caminho da vida não era fácil, mas foi bem-sucedido em sua jornada, pois se apegou a três certezas inabaláveis.

1. A AJUDA DE QUE PRECISAMOS VEM DE DEUS (Sl 25:1-7)

Outras pessoas podem elevar sua alma a ídolos (24:4), que não passam de substitutos manufaturados para Deus, mas Davi eleva sua alma para o Senhor, pois ele é a única fonte verdadeira de ânimo. Num dos momentos mais sombrios de sua vida, quando Davi havia perdido tudo, ele “se reanimou no SENHOR, seu Deus” (1 Sm 30:6). Alguém disse bem: “Quando a situação a seu redor é desanimadora, tente olhar para o alto”. Davi afirma sua fé em Deus e o desejo de glorificar o nome do Senhor. Não quer fracassar e envergonhar o nome do Senhor. Assim, espera no Senhor, adora a Deus e, com segurança, pede sua ajuda. Precisa encarecidamente de sabedoria para tomar a decisão certa, esquivar-se de armadilhas e alcançar seu objetivo.

Ao orar, Davi não apenas pede sabedoria, mas também discernimento para compreender a Palavra, pois somente assim pode aprender os caminhos de Deus e entender seu próprio caminho. A súplica, “guia-me na tua verdade”, nos lembra que a Palavra e a

oração sempre andam juntas (1 Sm 12:23; Jo 15:7). Davi está se referindo às alianças de Deus com seu povo, aos preceitos e promessas que ele lhe deu a fim de mantê-lo dentro de sua vontade para que pudesse desfrutar suas bênçãos (v. 10; Dt 27 - 30). Davi conhecia a história de Israel e sabia que Deus, em sua graça, ajudava seu povo quando clamava por ele, de modo que ora com segurança e fé. Porém, ora também com uma atitude de contrição, confessando seus pecados ao Senhor (vv. 7, 11). Está arrependido pelas vezes que, em sua juventude, deixou de obedecer e pecou e deseja ser perdoado. Ora pedindo que Deus se lembre dele “segundo a [sua] misericórdia, por causa da [sua] bondade” (v. 7) e “por causa do [seu] nome” (v. 11; ver 23:3; 31:3; 79:9; 106:8; 109:21; 143:110). “O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra” (121:2).

2. NOSSO DEUS É CONFIÁVEL (Sl 25:8-14)

Neste ponto, Davi faz uma pausa a fim de meditar sobre o caráter do Senhor seu Deus. Afinal, por que orar ao Senhor, se ele não for digno de confiança? Mas ele é confiável! Em primeiro lugar, ele é “bom e reto”, e aquilo que faz e diz é sempre certo. Se nos sujeitarmos a ele com mansidão, o Senhor nos ensinará seus caminhos, mas se formos arrogantes, ele se calará. No Novo Testamento, o termo “manso” descreve um cavalo domado, um medicamento ou um vento refrescante num dia quente. Mansidão não é o mesmo que fraqueza; é poder sob controle. Podemos crer que Deus guiará aqueles que obedecem à sua Palavra (v. 10), pois o desejo de obedecer é o primeiro passo para o conhecimento (Jo 7:17).

Podemos confiar que Deus usará de misericórdia e graça para com aqueles que se arrependem (v. 11), mas devemos caminhar no temor do Senhor, pois “Ao homem que teme ao SENHOR, ele o instruirá no caminho que deve escolher” (v. 12). Saber que o Senhor tem um plano para a nossa vida e que esse plano é o melhor para nós deve ser motivo de grande alegria e de convicção ao buscaremos sua vontade (16:11; 139:13-16; Ef 2:10). De acordo com as estipulações da

aliança de Deus, aqueles que obedecem a seus preceitos recebem sua provisão e proteção, trazendo bênçãos também para a geração seguinte de sua família (Dt 4:1-14). O termo “filhos” é usado quase quarenta vezes em Deuteronômio, lembrando que nossos descendentes podem receber bênçãos resultantes de nossa obediência ou tristezas decorrentes de nossos pecados. Demonstramos nosso amor ao Senhor ao temê-lo e obedecer à sua Palavra, e, assim, ele se aproxima de nós e compartilha seus planos conosco. A “intimidade”, no versículo 14, refere-se a uma “conversa íntima, planos e propósitos”, o tipo de relacionamento ao qual Jesus se referiu em João 15:15 e que Abraão experimentou em Gênesis 18:16ss (ver também Jr 23:18, 22; Pv 3:32; Am 3:7). Ao andarmos com o Senhor à luz da sua Palavra, desenvolvemos uma comunhão muito próxima com ele e entendemos melhor seus caminhos. Sem dúvida, podemos confiar que o Senhor nos ajudará, e, quando o fizer, será em “misericórdia e verdade”.

3. CONFIAR NO SENHOR NOS DÁ A VITÓRIA (Sl 25:15-22)

Davi volta a orar e diz ao Senhor quais são os fardos que estão pesando sobre ele nessa ocasião, os inimigos a seu redor e as aflições em seu coração. *Por certo, não colocaria tais questões diante do Senhor se não cresse que o Senhor podia ajudá-lo!* Quais foram os inimigos que Deus o ajudou a conquistar?

O perigo (v. 15). O inimigo havia colocado armadilhas em seu caminho, mas Davi confiava no Senhor para protegê-lo. Satanás é destruidor e homicida e, se pudesse, pegaria todos nós com suas armadilhas. Porém, se estamos dentro da vontade de Deus, o maligno não pode nos tocar.

A solidão (v. 16). Aqueles que nunca precisaram exercer autoridade nem tomar decisões difíceis envolvendo outras pessoas por vezes não se dão conta da solidão inerente à liderança. Há ocasiões em que nossa obediência ao Senhor leva amigos e membros da família a se voltarem contra nós, causando grande sofrimento. Três dos filhos de Davi - Absalão, Amnom e Adonias - voltaram-se

contra ele, como também o fez seu amigo chegado e conselheiro, Aitofel.

Um coração ferido (v. 17). Se nos sentarmos sozinhos num canto e deixarmos a autocomiseração tomar conta de nós, jamais cresceremos no Senhor nem realizaremos coisas maiores para ele. As grandes dificuldades têm o poder de nos fortalecer ou de nos quebrar, de nos transformar em gigantes ou em pigmeus. Ao reler 4:1 e 18:19 e 36 vemos como Deus ajudou Davi a crescer. Deus pode curar um coração ferido se o entregarmos a ele e deixarmos que ele cuide de tudo a seu modo.

Arrependimentos (v. 18). Como vimos no versículo 7, é bem possível que Davi estivesse arrependido de muitas das coisas que havia feito no passado e que esse arrependimento estivesse tirando dele sua paz e alegria. Satanás é o acusador (Ap 12:10) e deseja sempre nos lembrar de nossos pecados, mesmo quando o Senhor já os perdoou e não nos incrimina por eles (Hb 10:11-18).

Medo (vv. 19, 20). Não sabemos qual era a situação, mas fica claro que Davi estava com medo de morrer. Mais do que isso, porém, temia fracassar e envergonhar o nome do Deus que ele amava. Seus inimigos eram cada vez mais numerosos, e seu medo, cada vez maior, mas ele confiou que o Senhor poderia dar cabo tanto de um quanto do outro.

Desespero (vv. 21, 22). “Em ti espero” também significa “Tu és a minha esperança”. Perder a esperança é o mesmo que entregar o futuro ao inimigo, o que, por sua vez, destrói o significado do presente. Davi era um homem íntegro (7:8; 26:1, 11; 41:12; 78:72) e sincero em sua obediência ao Senhor. Não importavam as mentiras que o inimigo espalhava a seu respeito, pois Davi sabia que o Senhor via seu coração e aprovava seu caráter. É possível que a oração, no versículo 22, tenha sido acrescentada de modo que o salmo pudesse ser usado no culto público; de qualquer forma, expressa uma verdade fundamental: jamais estamos sozinhos em nossas tribulações, pois, como membros da comunidade daqueles que crêem em Deus, encorajamos uns aos outros. Nossos irmãos

e irmãs de todo o mundo também estão passando por provações (1 Pe 5:9), de modo que não estamos sós.

Davi sobreviveu a suas provações e pôde escrever as palavras do Salmo 26:12: “O meu pé está firme em terreno plano; nas congregações, bendirei o SENHOR”. Que possamos seguir seu exemplo!

SALMO 26

Os Salmos 26, 27 e 28 revelam o amor de Davi pelo santuário de Deus (26:6-8; 27:4-7; 28:2), que no tempo de Davi era o tabernáculo no monte Sião. Deus não permitiu que Davi construísse o templo (2 Sm 7), mas lhe deu os projetos da construção e possibilitou que, por meio dos espólios das batalhas, juntasse riqueza suficiente para fornecer o material necessário para execução dessa empreitada (1 Cr 22, 28, 29). Porém, nem todos os que se reuniam para adorar no santuário eram sinceros em seu modo de viver e de adorar, e alguns desobedeciam a Deus abertamente e espalhavam mentiras sobre o rei. Foi essa situação que levou Davi a escrever este salmo. Nele, o rei faz três pedidos ao Senhor.

1. “FAZE-ME JUSTIÇA” (Sl 26:1)

Os inimigos que difamavam Davi são descritos nos versículos 4, 5 e 9, 10. Eram dissimulados, hipócritas e perversos, pecadores que conspiravam para roubar de outros e que aceitavam subornos (Êx 25:8; Am 5:12), matando todos os que se colocavam em seu caminho. O rei Davi era um homem piedoso, mas nem todos os juizes e oficiais de seu governo mostravam-se tementes a Deus. Talvez esses acontecimentos tenham ocorrido quando Absalão estava tentando usurpar o trono espalhando mentiras sobre seu pai (ver 2 Sm 14 - 15). O rei via esses homens dissimulados levando suas ofertas ao altar do tabernáculo e se entristecia profundamente com isso (ver 119:28, 115, 136, 150, 158). Ao longo da história, tanto de Israel quanto da Igreja, sempre houve uma “súcia de malfeitores” (v. 5; 50:16-21) no meio da congregação de verdadeiros adoradores (v. 12) - o joio no meio do trigo (Mt 13:24-30, 36-

41), lobos em pele de ovelha (Mt 7:15; At 20:26-31).

O pedido “faze-me justiça” refere-se a defender a reputação do rei (ver 7:8; 35:24; 43:1). Davi era um homem íntegro (7:8; 25:21; 41:12; 78:72), uma verdade que o próprio Senhor afirmou (1 Rs 9:4, 5). As pessoas que o estavam atacando eram “dissimuladores” (v. 4) ou hipócritas, atores que usavam máscaras para cobrir seu caráter perverso. Ser íntegro significa ter o caráter completo, a mente e o coração sem qualquer divisão e completamente consagrados ao Senhor. Davi representava o que era correto e não vacilava, mas os indivíduos de mente dobre são instáveis em seus caminhos (Tg 1:8). Sua vida revelava um equilíbrio entre a fé (“confio no SENHOR”) e as obras (“tenho andado”), conforme a instrução de Tiago 2:14-26. Quando nosso caráter e conduta são atacados, não é errado nos justificarmos, como Paulo fez (2 Co 10 - 12). Também não é errado pedir que o Senhor nos justifique. Não estamos defendendo apenas a nós mesmos, mas também o nome do Senhor ao qual servimos. Nossa justificação é “por amor do seu nome” (23:3; 25:11).

2. “EXAMINA-ME” (Sl 26:2-8)

Como no caso das palavras de Davi em 18:20-24, não se trata aqui de uma expressão de superioridade hipócrita (ver Lc 18:9-14), mas sim do testemunho honesto de um verdadeiro homem de Deus. Os termos “examinar” e “provar” referem-se ao processo de testar metais a fim de determinar seu verdadeiro valor e também de remover deles as impurezas (12:6; 17:3). No original, a expressão usada para “o coração e os pensamentos” é “os rins e o coração”, sendo os rins o centro das emoções e o coração o lugar das decisões morais (ver 139:23; Fp 4:7 e Ap 2:23). A vida de Davi era motivada e controlada pelo amor e pela verdade de Deus (sua fidelidade, ver 6:4; 25:5-7, 10; 40:10; 57:3; Êx 34:6). O Senhor foi fiel a sua aliança, e Davi foi fiel ao Senhor. Apesar de, em certas ocasiões, Davi ter tropeçado e caído - como acontece com todos nós -, a disposição habitual de sua vida era voltada para o Senhor

e para sua Palavra. Recusou-se a ter comunhão com os hipócritas da congregação, “homens falsos” e “dissimuladores”, que fingiam adorar ao Senhor e guardar sua aliança. Com isso, não se está dizendo que ele era isolado do mundo real (1 Co 5:10), mas sim que não se permitia contaminar por este mundo (1:1, 2; 2 Co 6:14 - 7:1). A súcia de malfeitores precisa de nosso testemunho, mas é com a congregação dos justos que compartilhamos nossa adoração (35:18; 40:9, 10; 89:5; 107:32; 149:1). Davi era um homem equilibrado: detestava o pecado, mas amava as coisas de Deus (vv. 5, 8). Em seu modo de caminhar (vv. 1, 3, 11), de se levantar (v. 12) e de assentar (v. 4), ou seja, em seu modo de viver, ele se guardava do mal (ver 1:1).

Os perversos iam ao santuário para ocultar seus pecados; faziam daquele lugar um “covil de salteadores”, o esconderijo para onde os criminosos fogem (Mt 21:13; Jr 7:1). Davi, no entanto, ia ao santuário para adorar a Deus e dar testemunho de sua graça e misericórdia. Suas mãos estavam limpas (24:4), seu sacrifício era aceitável (ver Is 1:10-17) e sua voz era clara ao louvar ao Senhor. A purificação se dá pelo sangue de Cristo (1 Jo 1:7, 9) e pela água da Palavra (Ef 5:26, 27; Jo 15:3). A fim de servir a Deus de modo aceitável, os sacerdotes deviam usar a bacia de água para lavar suas mãos e pés (Êx 30:17-21). A lei de Moisés não apresenta instrução alguma sobre procissões e louvores ao redor do altar, mas também não proíbe tais práticas. Davi adorava ao Senhor com grande entusiasmo (ver 43:4; 2 Sm 6:12-23) e gostava desses momentos de adoração (para mais explicações sobre a prática de lavar as mãos a fim de provar inocência, ver Dt 21:1-9). O rei levava sacrifícios de ação de graças (Lv 3:1-17; 7:11-38), pois amava o Senhor e sua casa (27:4-6; 42:4; 122:1-4, 9; 1 Cr 29:3). Glorificava a Deus no lugar onde sua glória habitava (Êx 40:35). Davi é um bom exemplo para seguirmos em nossa adoração pessoal.

3. “LIVRA-ME” (Sl 26:9-12)

Davi não podia impedir os hipócritas de participar do culto com o restante da congregação,

mas podia tomar providências para não se tornar como eles, de modo que pediu ao Senhor que o livrasse desse pecado. “Não colhas a minha alma com a dos pecadores!” As ovelhas e cabritos, assim como o trigo e o joio, estão misturados hoje, mas chegará o dia em que Deus os separará; nesse dia, os perversos perecerão (1:4-6; Mt 7:21-23; 25:31-46). Os justos devem sempre estar atentos às más influências do mundo e, especialmente, daqueles que dizem amar a Deus, mas que estão usando a “religião” para encobrir seus pecados. A fim de permanecermos fiéis, devemos também pedir a Deus que tenha misericórdia de nós e que nos ajude a manter nossa integridade. Uma vez que começamos a vacilar (v. 1), torna-se muito mais fácil tropeçar e cair. “Aquele, pois, que pensa em estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12). Davi estava em pé numa verdade plana (ver 27:11; 143:10; Is 40:4) e não seria abalado.

SALMO 27

De acordo com o título deste salmo, conforme se encontra registrado na Septuaginta, Davi o escreveu “antes de ser ungido”. Isso significa que, provavelmente, foi escrito quando estava no exílio, sendo perseguido pelo rei Saul e seus homens. O salmo revela, de fato, que Davi corria grande perigo por causa de malfeitores violentos (v. 2) que o estavam difamando (v. 12) e que desejavam matá-lo (vv. 2 e 12), o que descrevem bem as atitudes de Saul e de seus homens. Porém, apesar dessa situação difícil e perigosa, Davi era confiante (v. 3), corajoso (v. 14) e destemido (v. 1). Neste salmo, Davi ensina que, quando conhecemos o Senhor e confiamos nele, recebemos sua ajuda para superar os medos que podem paralisar nossa vida.

1. O MEDO DAS CIRCUNSTÂNCIAS (Sl 27:1-6)

Davi não fecha os olhos para as circunstâncias a seu redor; antes, volta-os pela fé para o Senhor e examina essas circunstâncias do ponto de vista do céu (Hb 12:1-3). O Senhor é tudo de que ele precisa, como também é tudo de que precisamos hoje. Ele é nossa

luz, de modo que não precisamos temer a escuridão; ele é nossa força (ou fortaleza; ver 18:2; 31:2, 3), de modo que não precisamos temer por causa de nossas fraquezas; ele é nossa salvação, e, portanto, a vitória é certa. Essa é primeira passagem das Escrituras em que a luz é usada como metáfora para Deus (ver Jo 1:4, 9; 8:12; 1 Jo 1:3; Ap 21:23), mas, em vários textos, o Senhor é associado à luz (4:6; 18:28; 43:3; 84:11; Is 10:17; 62:1, 20; Mq 7:8). Davi não sabe se o ataque do inimigo será repentino, como o de uma fera que devora a presa (v. 2; ver 1 Sm 17:43-47), ou se seus adversários estão se preparando para um longo cerco (v. 3a), ou, ainda, aguardando um momento propício para declarar guerra e atacar (v. 3b). Não importa a tática, Davi não se assusta com inimigo. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31).

O segredo da confiança demonstrada por Davi em público é a obediência que exercitava em sua vida privada: ele gastava tempo em comunhão com o Senhor e recebia dele as suas orientações. Davi sabe que a parte mais importante da vida é aquela que somente Deus pode ver – uma prioridade que, para ele, não era negociável.²² Estava vivendo no deserto da Judéia, longe do santuário do Senhor, mas ainda assim poderia ter comunhão com Deus. O templo ainda não havia sido construído, e a casa de Deus era apenas uma tenda (vv. 5, 6). No entanto, era chamada de “templo de Deus” (ver 1 Sm 1:9; 3:3). As imagens usadas nos versículos 4 a 6 são o equivalente do Antigo Testamento à idéia de “permanecer em Cristo” (Jo 15:1-8). No antigo Oriente Próximo, quando um convidado entrava na tenda de seu anfitrião, esse era pessoalmente responsável por sua proteção e provisão, de modo que a tenda frágil se transformava numa fortaleza. O termo “beleza”, no versículo 4, não significa apenas a glória do caráter de Deus, mas também a riqueza de sua bondade e favor para com seu povo (16:11; 90:17; 135:3). Davi dedicava tempo meditando e contemplando as maravilhas da graça de Deus. Terminados esses períodos de adoração, sentia a rocha debaixo de seus pés e, muito acima e

além do inimigo, podia ver as vitórias que Deus havia preparado. Não é de se admirar ter feito um voto a Deus prometendo que, ao voltar a Jerusalém, levaria ofertas de ação de graças ao Senhor e o adoraria com grande alegria.

2. O MEDO DO FRACASSO (Sl 27:7-10)

A confiança de Davi no Senhor não o impede de se preocupar consigo mesmo, pois sabe que é um pecador e um homem formado de barro. Uma coisa é contemplar o Senhor no santuário e outra bem diferente é ver o inimigo se aproximando no campo de batalha. E se houvesse algo de errado na vida de Davi e o Senhor o abandonasse no meio da batalha? Quando Davi clama, Deus lhe responde em seu coração e diz: “Buscai a minha presença” (ver 24:6; 105:4; Dt 4:29; 1 Cr 16:11; 2 Cr 7:14; Os 5:15). Quando o Senhor faz resplandecer seu rosto sobre nós (Nm 6:22-27), significa que está satisfeito conosco e que nos ajudará; quando esconde seu rosto de nós, revela seu desprazer (69:16-18; 143:7), de modo que devemos sondar nosso coração e confessar nossos pecados. Os pais de Davi nunca o abandonaram (ver 1 Sm 21:3, 4). Essa declaração é um provérbio bastante conhecido. Deus cuida de nós como o pai e a mãe cuidam de seus filhos (Is 49:15; 63:16); e, apesar de os pais dificilmente abandonarem os filhos, é certo que Deus jamais abandona os seus (Hb 13:5, 6).

3. O MEDO DO FUTURO (Sl 27:11-14)

Davi escreveu essas palavras depois de ter vencido a batalha? Como soldado sábio que era, percebeu que uma única vitória não era garantia alguma de que o inimigo cessaria seus ataques. Talvez o inimigo houvesse recuado e Davi estivesse preocupado com sua volta. “Permaneçamos tão vigilantes depois da vitória quanto antes da batalha”, aconselhou com sabedoria o pregador escocês Andrew Bonar. Davi pede a orientação do Senhor (ver 25:4, 5); pede também uma vareda plana sem armadilhas e a vitória sobre os mentirosos que estão difamando seu nome. Sua declaração no versículo 13 – “Eu creio que verei a bondade do SENHOR na terra

dos viventes” – mostra como Davi acredita que a bondade de Deus o acompanha (23:6) e também vai adiante dele (21:3), que Deus guarda sua bondade para usá-la quando for necessário (31:19). A bondade de Deus nunca se esgota (52:1), pois Davi pode entrar na casa (presença) de Deus e receber tudo de que precisa (65:4). A chave é a *fé em Deus*.

Em vez de se precipitar, Davi espera calmamente no Senhor, pois a fé e a paciência sempre andam juntas (Is 28:16; Hb 6:12; 10:36). Talvez, no versículo 14, esteja se dirigindo a seus soldados, pois os homens precisarão de coragem e de força para a batalha seguinte e para a jornada que se estende diante deles. Essa admoestação lembra as palavras de Moisés a Josué (Dt 31:7, 23), as palavras de Deus a Josué (Js 1:6, 7, 9) e o estímulo que Josué recebeu dos líderes de Israel (Js 1:18). Em uma de suas canções, Stuart Hamblin escreveu: “Não sei o que o futuro colocará em minhas mãos / mas conheço Aquele que tem o futuro em suas mãos”. Se Jesus é nosso Salvador e Senhor, então o futuro é nosso aliado, e não temos coisa alguma a temer.

SALMO 28

Mais uma vez, Davi se vê numa situação difícil e clama ao Senhor por socorro. Não sabemos o que causou o problema, mas envolve os ímpios e os que praticam a iniquidade, bem como pessoas dissimuladas que fingem ser amigas de Davi, mas que procuram arruiná-lo. O período que culminou com a rebelião de Absalão encaixa-se nessa descrição, mas será que Davi pediria ao Senhor pela destruição de seu próprio filho quando, na verdade, seu desejo era que Absalão fosse poupado (vv. 4, 5; 2 Sm 18:5)? Não importa qual foi o contexto em que Davi escreveu este salmo, pois suas palavras nos ensinam algumas lições importantes sobre a oração e a paciência.

1. O PROBLEMA DAS ORAÇÕES NÃO RESPONDIDAS (Sl 28:1-5)

Davi orou fervorosamente sobre essa situação perigosa, mas o Senhor não lhe respondeu (ver 13:1; 35:22; 39:12; 40:17; 69:3;

83:1; 109:1; 119:82). Diz-se que “as demoras de Deus não são recusas”, e Davi está aprendendo essa lição importante. No versículo 1, ele “clama” ao Senhor e, no versículo 2, clama por socorro com “vozes súplicas”, demonstrando assim seu desespero, mas o Senhor não responde. A Rocha imutável mudou! (19:14; 31:2, 3; 62:2). O Senhor está calado porque não pode mais ouvir nem falar? Davi levanta as mãos em adoração ao orar voltado para o santuário de Deus (63:4; 141:2; Êx 17:19; 1 Rs 8:44ss; Lm 2:19; 3:41; 1 Tm 2:8), mas parece que o Senhor não o vê. Porém, Jeová é o “Deus vivo”, que vê seu povo, ouve seus clamores e lhes fala em sua Palavra! (115:1-8). Davi se sente como um homem morto, cujo corpo está no túmulo e cuja alma está no *Sheol*, o reino dos mortos (22:20; 30:9; 88:4; 143:7). Também se sente como um criminoso sendo levado com os perversos para a execução (vv. 3-5). Seus adversários são hipócritas, mas ele está falando a verdade. Não têm consideração alguma pelas palavras e obras do Senhor, mas Davi é um servo de Deus que o adora fielmente. De acordo com a aliança entre Deus e Israel, os inimigos idólatras de Davi deveriam ser julgados e condenados, mas o Senhor não toma providência alguma. Como Deus pode tratar seu rei ungido feito um criminoso? Porém, devemos lembrar que o Pai permitiu que seu Filho fosse tratado injustamente, como um criminoso qualquer (Is 53:7, 8, 12; Lc 22:37). A oração de Davi não é uma expressão de vingança pessoal, mas um clamor para que Deus cumpra sua aliança e traga justiça e paz à terra. Seu pedido é para que “ceifassem o que haviam semeado”.

2. A ALEGRIA DO LOUVOR IRRESTRITO (Sl 28:6, 7)

De repente, a cena se transforma e Davi está cantando em vez de chorar! O motivo dessa mudança radical é apresentado no versículo 7: “nele o meu coração confia, nele fui socorrido”. A fé em Jeová fez toda a diferença. As mãos dos inimigos estavam ocupadas com o mal (v. 4), mas quando Davi creu em Deus e ergueu as mãos em oração (v. 2), então as

mãos do Senhor se puseram a trabalhar para suprir essa necessidade (v. 5). A fé move as mãos de Deus, e as mãos de Deus controlam o Universo.

Davi bendiz ao Senhor por seu livramento e não se envergonha de confessar o que se passou. Seu testemunho é claro: “Deus me ouviu e me socorreu! Confie nele e agora o louvo!”. Não importa o que o inimigo possa fazer; agora, Davi possui as forças necessárias para realizar a vontade de Deus, e, além disso, o Senhor é seu escudo (3:3; 7:10; 18:2, 30; 33:20; 84:11; Gn 15:1; Dt 33:29). Também tem o poder e a proteção de Deus. Como é maravilhoso ver Davi transformar uma situação dolorosa num cântico de louvor ao Senhor e deixar um testemunho que tem dado ânimo a outros cristãos ao longo dos séculos!

3. A PROMESSA DA BÊNÇÃO IMERICIDA (SL 28:8, 9)

Davi encerra seu cântico encorajando o povo com o que aprendeu do Senhor. Deus não apenas salvou seu rei ungido, como também salvaria seu povo, Israel. O grito de “Deus salve o rei!” deve ser acompanhado de “Deus salve o povo!”, de modo que a Israel só resta confiar no Senhor. Davi considera a nação como herança de Deus (33:12; 78:62, 71; 79:1; 94:14; Dt 4:20; 9:26, 29; 32:11; Mq 7:14, 18), rebanho de Deus e família de Deus. O verbo “apascentar”, no versículo 9, quer dizer “pastorear” (ver Sl 23), e o verbo “exaltar” tem o sentido de “carregar como uma criança”. É evidente que o pastor cuidadoso precisa, por vezes, carregar os cordeiros, de modo que essas duas imagens se fundem em uma só (Is 40:11). Apesar de ser o rei de Israel, Davi sempre se considerou um pastor (2 Sm 24:17). Na verdade, a nação de Israel era a herança de Deus, pois o Senhor lhes confiou os tesouros espirituais dos quais o mundo perdido precisa (Rm 9:1-5). “A salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Deus não abandonou seu povo.

SALMO 29

Davi era um homem acostumado a viver ao ar livre, que apreciava a natureza e celebrava

o poder de Jeová como Criador. Hoje em dia, os judeus usam este salmo nas sinagogas como parte de sua comemoração de Pentecostes. Ao ler Ato 2 e encontrar o som do vento, as línguas de fogo e o “trovejar” da voz de Deus por meio de sua Palavra, vemos que a Igreja de Deus, em nosso tempo, também pode usar o Salmo 29 para celebrar Pentecostes. Os vizinhos de Israel acreditavam que Baal, o deus da tempestade, controlava a chuva e a fertilidade, mas este salmo diz algo bem diferente. Exalta a soberania de Deus e seu poder na criação, sendo que ambos glorificam a Deus. O termo “glória” é usado quatro vezes no salmo (1-3, 9), pois na tempestade Davi vê a glória de Deus revelada em três lugares diferentes.

1. A GLÓRIA DE DEUS NO TEMPLO CELESTIAL (SL 29:1, 2)

O céu é um lugar de adoração (ver Ap 4 - 5), e, nessa passagem, os anjos (“filhos de Deus”; “filhos do Todo-Poderoso”) são ordenados a atribuir (“tributar”; 96:7-9) glória e força a Deus, pois esses atributos divinos engrandecem seu nome. O salmo começa e termina falando da “força” de Deus (v. 11), e os versículos 4 a 9 demonstram essa força na descrição da tempestade. Os anjos também são chamados de “filhos de Deus” em Jó 1:6; 2:1 e 38:7; ver também Salmo 89:6. Os sacerdotes e levitas deveriam se vestir de modo apropriado ao servir no santuário (Êx 28:1ss), e até mesmo os anjos de Deus devem se apresentar diante dele com “trajes” corretos, chamados aqui de “beleza da santidade” (ver 27:4 e 96:9). A verdadeira santidade é algo belo de contemplar e, sem dúvida, sua maior demonstração se deu na vida de Jesus Cristo, quando ministrou aqui na Terra. Não importa o nome que recebe, o pecado é repulsivo, mas a verdadeira santidade é bela e glorifica a Deus.

2. A GLÓRIA DE DEUS NA TEMPESTADE AQUI NA TERRA (SL 29:3-9)

Trata-se de uma descrição dramática e inspirada de uma tempestade que começou em algum lugar sobre o mar Mediterrâneo (v. 3) e seguiu para o leste, em direção à cordilheira

do Líbano, na região norte da terra de Israel (v. 5). A tempestade continuou a se deslocar para o leste por terra, até o monte Hermom (v. 6; Sirmom, Dt 3:8, 9), onde tomou o rumo do sul e percorreu mais de trezentos quilômetros até Cades, no deserto (v. 8), e ali se dispersou. Foi acompanhada de fortes trovoadas (“a voz do SENHOR”; ver 18:13, 14 e Jó 37:1-5; 40:9) e também de relâmpagos (v. 7). A expressão “a voz do SENHOR” é repetida sete vezes (ver Ap 10:3, 4) e é a voz do “Deus da glória” trovando e revelando sua majestade. Afinal, ele também é o “Rei da Glória” (24:7).

A cordilheira do Líbano ficava cerca de 3.500 metros acima do nível do mar, e os cananeus acreditavam que era lá que seus deuses habitavam. Era conhecida por seus bosques de cedro (72:16; 1 Rs 4:33), mas até mesmo essas árvores robustas foram quebradas pelo trovão do Senhor (v. 5). Na verdade, o trovão fez as árvores e montanhas saltarem como bezerros! (v. 6; ver 114:1ss). Nas Escrituras, o cedro é usado em algumas ocasiões como símbolo de uma nação ou reino, inclusive da dinastia de Davi (Ez 17:1-3), da Assíria (Ez 31:3) e até mesmo de Israel (Nm 24:6). O profeta Isaías considerou a queda dos cedros altivos um retrato da derrota das nações no Dia do SENHOR (Is 2:10-17). Observe que foi o trovão – a voz de Deus – que quebrou as árvores, não o vento ou os raios. A voz de Deus é poderosa e capaz de fazer o deserto estremecer como um terremoto (v. 8). Os animais ficaram tão assustados que as corças entraram prematuramente em trabalho de parto e deram à luz seus filhotes. Imagine nascer no meio de uma tempestade! Enquanto essa demonstração do poder extraordinário de Deus se desenrolava, os anjos observavam com admiração e gritavam “Glória!”. Os anjos aprenderam sobre a graça, a sabedoria e o poder de Deus observando o Filho de Deus quando ele serviu aqui na terra (1 Tm 3:16). Também aprenderam durante a semana da criação (Jó 38:7) e estão aprendendo nos dias de hoje, ao contemplarem a Igreja na terra (Ef 3:10; 1 Pe 1:12). De acordo com o versículo 9, depois que os anjos assistiram à tempestade descrita neste salmo, exclamaram “Glória!”

3. A GLÓRIA DE DEUS NO TRONO CELESTE (Sl 29:10, 11)

Ao ver a chuva e os rios cada vez mais cheios, ao ouvir o trovão e ver os relâmpagos, Davi começa a meditar sobre o dilúvio ocorrido nos tempos de Noé (Gn 6 - 9). “O SENHOR preside aos dilúvios” (v. 10) – era Deus quem estava no controle, não Baal. Ele enviou a chuva, abriu as fontes das profundezas, fez a chuva parar e esperou a água escoar e a terra secar e depois tirou Noé e sua família da arca. Enquanto vê a tempestade se deslocar para Cades, Davi se regozija com o fato de que o Deus Criador do Universo também está no controle das forças da natureza, não havendo, portanto, o que temer. Nesses onze versículos, Davi chama Deus dezoito vezes de “SENHOR”, o que significa que ele é Senhor dos céus e da terra, é Senhor de tudo.

Hoje, o Senhor é Rei, e o será para sempre! Pode dar força a seu povo e atravessar as tempestades da vida com eles. Depois dos trovões, relâmpagos, vento e chuva, vem a calma que sempre segue a tempestade, quando o Senhor “abençoa com paz ao seu povo” (v. 11; ver 107:29 e 148:8). Noé viu o arco-íris da aliança depois da tempestade (Gn 9:8-17), enquanto o apóstolo João o viu antes da tempestade (Ap 4:3) e Ezequiel o viu no meio da tempestade (Ez 1:26-28). Sempre temos as promessas de Deus para nos dar ânimo.

SALMO 30

Este salmo começa e termina com ações de graças (vv. 1, 12; e ver 4 e 11).

A ênfase é sobre o louvor ao Senhor por salvar Davi de uma situação perigosa e difícil, que inclui enfermidade (v. 2), proximidade da morte (vv. 3, 9), a ira de Deus (v. 5), choro (vv. 5, 11) e grande agitação emocional (v. 7). Pode-se ver, porém, que essa tribulação também afetou Israel, pois nos versículos 4 e 5 Davi se dirige ao povo. Ao que parece, tratou-se de uma crise nacional que Davi colaborou para desencadear por haver desobedecido à vontade de Deus. Ocorreu num tempo em que o rei estava desfrutando tranquilidade e segurança e estava cheio de

orgulho de si mesmo e de seu reino (vv. 6, 7). De acordo com o sobrescrito, Davi escreveu esse salmo para a “dedicação da casa”. O termo “casa” pode ser traduzido por “palácio”, referindo-se à casa de Davi ou, ainda, por “templo”, referindo-se, então, à casa do Senhor. Se a primeira opção for a mais correta, talvez 2 Samuel 5 descreva o contexto histórico, quando Davi tomou o monte Sião e fez de Jerusalém sua capital (observe o uso da expressão “minha montanha” em Sl 30:7). Todo Israel havia coroado Davi seu rei, e ele havia conquistado muitas vitórias sobre os filisteus e construído um palácio para si. Sabia que seu reino havia sido estabelecido e exaltado pelo Senhor (5:12). Esse contexto apresenta todos os elementos necessários para fazer aflorar o orgulho de Davi e, desse modo, chamar sobre ele a disciplina do Senhor.

Porém, se a “casa” é uma referência ao templo do Senhor, devemos buscar o contexto em 1 Crônicas 21:1 – 22:1 e em 2 Samuel 24. Essas passagens registram uma grande peste que feriu a nação toda quando, com um coração arrogante, Davi ordenou a realização de um censo; 70 mil pessoas morreram. Esse episódio foi motivo de grande aflição para o rei (2 Sm 24:10, 14), levando-o a se vestir de panos de saco e a implorar ao Senhor que tivesse misericórdia de seu povo (1 Cr 21:16; ver Sl 30:11). Davi comprou um pedaço de terra de Ornã e consagrou essa propriedade para ser o local do templo (1 Cr 22:1), usando-a, a partir de então, como seu lugar pessoal de adoração. A segunda explicação parece abranger melhor os fatos envolvidos. De qualquer modo, a mensagem do salmo é clara: o Senhor perdoou Davi e o abençoou com um recomeço. Nas palavras do conhecido pregador escocês George Morrison: “A vida cristã vitoriosa é uma série de recomeços”. Essa definição encaixa-se perfeitamente no Salmo 30.

1. UMA NOVA VITÓRIA – DA MORTE À VIDA (Sl 30:1-3)

Davi enfrentou três problemas – o lodo de baixo de seus pés, que o faria afundar até a cova, os inimigos a seu redor, que desejavam

sua morte, e a aflição dentro dele, que era como uma enfermidade dolorosa –, e o Senhor o livrou de todos! Por causa de sua desobediência, Davi se viu nas profundezas, de onde o Senhor precisou erguê-lo (ver 18:4-6; 69:1, 2, 14, 15; 71:20; 88:6; 130:1-3; Lm 3:55; e Jn 2:2). A “cova” é uma referência ao *Sheol*, o reino dos espíritos que partiriam (o equivalente no grego é *Hades*). Porém, em vez de permitir que Davi descesse à sepultura, Deus o levantou e o fez subir, algo que já havia feito por Davi em outra ocasião (18:16).

Os inimigos de Davi teriam se alegrado com sua morte (13:4; 25:2; 41:11), mas o Senhor salvou sua vida e calou a zombaria dos adversários de seu servo. É possível que o verbo “sara”, no versículo 2, não tenha envolvido uma cura física propriamente dita, pois esse termo é usado não apenas para descrever o perdão e a restauração espiritual (41:4; Is 6:10; 53:5; Os 6:1 e 7:1), como também o livramento da aflição mental e emocional (Jr 8:21, 22; 14:19; Lm 2:13). Foi o orgulho de Davi que trouxe a peste sobre seu povo, e a dor que esse flagelo lhe causou foi tão profunda que o rei pensou que sua consciência culpada e seu coração aflito o levariam à morte. Porém, Deus ouviu suas súplicas e o conduziu da morte para a vida.

2. UM NOVO DIA – DA NOITE AO ROMPER DO DIA (Sl 30:4, 5)

Este salmo não é uma expressão pessoal de louvor e ação de graças apenas de Davi, pois também era usado no culto da congregação; nesses dois versículos, Davi dirige-se ao povo. “Engrandeci o SENHOR comigo, e todos, à uma, lhe exaltemos o nome” (34:3). A adoração pessoal que não enriquece nosso culto como congregação pode se tornar egoísta e gerar ainda mais orgulho! São os contrastes do versículo 5 que levam Davi a louvar: da ira para o favor de Deus; da disciplina por um momento para uma vida inteira de sua graça (Is 54:7, 8); de uma noite de pranto para uma manhã de alegria. Para Davi, era o começo de um novo dia, depois de um tempo doloroso de sofrimento na escuridão. A cada manhã, as misericórdias de Deus se

renovam (Lm 3:22, 23), e, com freqüência, o seu socorro chega com o romper do dia. “Deus [...] ajudará desde antemanhã” (46:5; e ver 59:16; 143:8). A ressurreição de Jesus Cristo foi a aurora de um novo dia para todos os que crêem nele (Mt 28:1). O pranto é um visitante passageiro, mas o favor de Deus em sua graça permanece conosco por toda a vida (ver 2 Co 4). Como Jesus explicou a seus discípulos, Deus não *substitui* a tristeza pela alegria, mas sim *transforma* esse pesar em regozijo (Jo 16:20-22). O mesmo bebê que causa dor a sua mãe também lhe dá grande alegria.

3. UM NOVO CORAÇÃO – DO ORGULHO À HUMILDADE (Sl 30:6-10)

Este foi, na verdade, o começo da história, pois Deus precisou disciplinar Davi por causa de seu orgulho. A “prosperidade” refere-se a uma “comodidade despreocupada, uma autoconfiança leviana decorrente do fato de tudo estar indo bem”. Pode-se observar essa atitude com freqüência na vida dos incrédulos (10:6; 73:12; Lc 12:16-21), mas ela também é uma tentação constante para os cristãos (ler Dt 8). Um dos motivos pelos quais Deus permite que passemos por tribulações é evitar que nos acomodemos em nossa fé e deixemos de crescer. “Em paz eu vivia”, disse Jó, “porém ele me quebrantou; pegou-me pelo pescoço e me despedaçou; pôs-me por seu alvo” (Jó 16:12). A prosperidade sem humildade pode levar à adversidade. A montanha de Davi (seu reino, como em Jr 51:25) parecia inabalável, mas o Senhor mostrou a Davi como ele era frágil.

Quando o rosto de Deus resplandece sobre nós (Nm 6:23-27), desfrutamos suas ricas bênçãos, mas quando nos rebelamos, ele pode esconder de nós seu rosto, e a ausência de suas bênçãos pode nos trazer grandes dificuldades (ver 10:11; 13:1; 27:9; 88:14; Dt 31:17, 18; 32:20). O termo hebraico traduzido por “conturbado” descreve “agonia intensa, terror, angústia”. É usado em 1 Samuel 28:21 para descrever o que o rei Saul sentiu quando estava na casa da feiticeira. Ciente de seu pecado, Davi continuou a clamar ao Senhor por misericórdia, chegando

até a argumentar com Deus. “Acaso sou mais útil ao Senhor no túmulo do que vivo aqui na Terra? Podem os mortos louvar e servir ao Senhor?” (ver 88:7-12; 115:17; Is 38:18,19). Davi era um grande rei e governava um reino poderoso, mas não passava de pó, separado da morte apenas por um breve suspiro. O rei humilhou-se e confessou seu pecado, e, em sua misericórdia, o Senhor o perdoou e restaurou.

4. UM NOVO CÂNTICO – DO PRANTO AO REGOZIO (Sl 30:11, 12)

Em sete ocasiões neste salmo, Davi fala daquilo que Deus fez (vv. 1-3, 7, 11), dando testemunho da mão forte e bondosa do Senhor operando em favor dele. Até mesmo a disciplina de Deus sobre Davi foi uma expressão de seu amor (Hb 12:1-11). Quando Davi soube que estava perdoado e que Deus o havia aceito de volta, saiu do luto e começou a festejar. Despiu-se dos panos de saco que representavam sua tristeza e colocou vestes de alegria. Nas Escrituras, uma mudança dramática na vida de uma pessoa é, muitas vezes, marcada pela troca de roupas (Gn 35:2; 41:14; 45:22; Êx 19:10,14; 2 Sm 12:20; Lc 15:22). Ao afirmar que seu espírito cantaria louvores, Davi estava dizendo que louvaria ao Senhor do mais profundo de seu ser e que o faria para sempre (v. 12). Cada experiência difícil da vida – e Davi teve muitas – é uma oportunidade para se entregar à autocomiseração ou para ensaiar os cânticos de adoração que entoaremos no céu! Temos uma vida inteira do favor de Deus (v. 5) para nos prepararmos para uma eternidade de glória.

SALMO 31

Este salmo enfatiza a confiança (“se refugiar”) no Senhor, por mais difíceis que sejam as circunstâncias (vv. 1, 6, 14, 19). Davi estava cercado de tramas veladas e de conspirações perversas (vv. 8, 13, 15, 18, 20), e tudo parecia opor-se a ele. Até mesmo seus melhores amigos e vizinhos não queriam ser vistos com ele (vv. 11-13), e havia “terror por todos os lados” (v. 13). A referência a uma “cidade sitiada”, no versículo 21, levou alguns

estudiosos a relacionar essa situação instável à experiência de Davi em Queila (1 Sm 23:1-15) ou, possivelmente, em Ziclague (1 Sm 30). Porém, tudo indica que a situação descrita no salmo mostra uma correspondência maior com o que se passou durante a rebelião liderada por Absalão (2 Sm 15 - 18). Ao longo de vários meses, Absalão liderou uma campanha subversiva contra o pai, e até mesmo Aitofel, o conselheiro mais sábio de Davi, desertou o rei e se juntou a Absalão. As palavras “conspirando contra mim” (v. 13) lembram a reunião registrada em 2 Samuel 17. Se considerarmos a expressão “cidade sitiada” literalmente, é possível que se refira a Jerusalém. Depois de fugir de Jerusalém, Davi instalou seu quartel-general em Maanaim (2 Sm 17:24, 27), mas essa cidade nunca foi sitiada. Talvez a expressão deva ser considerada de forma metafórica: “Deus demonstrou maravilhosa bondade para comigo, como se eu fosse uma cidade sitiada”. Se for esse o caso, então há um paralelo, no versículo 20, que mostra Deus escondendo seus fiéis no Santo dos Santos, o que, certamente, não deve ser entendido de forma literal. Davi tirou algumas lições preciosas dessa experiência angustiante e as registrou neste salmo. Podemos resumí-las em três declarações.

1. QUANDO OS OUTROS PRATICAREM O MAL, CONFIE QUE DEUS LHE DARÁ FORÇAS (Sl 31:1-8)

Os três primeiros versículos são citados em 71:1-3, um salmo sem título provavelmente escrito por Davi. O salmista declara sua confiança no Senhor e pede que Deus o livre e o defenda com base em sua justiça divina. “Não fará justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18:25). Como o Deus justo pode permitir que os perversos prosperem e derrubem seu rei ungido? Um golpe desses traria vergonha a Davi, fato que ele repete no versículo 17. Como de costume, Davi suplica para que Deus interfira sem demora (69:17; 70:1, 5; 71:12; 141:1; 143:7) e que seja para ele uma rocha e uma fortaleza (ver 18:1-3). Além da proteção de Deus, Davi também precisa de sua orientação para evitar as armadilhas que

o inimigo lhe preparou. Ele declara sua fé dizendo: “Tu és a minha fortaleza” (v. 4), pois sua própria força já havia falhado (v. 10).

Sua oração de entrega no versículo 5 é citada por Jesus na cruz (Lc 23:46; ver At 7:59). Pedro também toma essa idéia emprestada (1 Pe 4:19) e usa o termo “encomendar”, que significa “depositar, confiar à proteção, como quem coloca-dinheiro num banco”. A mão do inimigo estava contra Davi (vv. 8, 15), mas ele sabia que estava seguro na mão de Deus (ver Jo 10:27-30). O Deus da verdade cumpriria suas promessas. Seus inimigos eram ídólatras e não criam no Deus vivo, mas sim em “ídolos vãos”. Observe a repetição da declaração “confio no SENHOR” (vv. 6, 14). O verbo confiar significa depender de algo/alguém, escorar-se. Jonas citou o versículo 6 deste salmo enquanto orava dentro do grande peixe (Jn 2:8). Em sua misericórdia, Deus livrou Davi de muitos lugares perigosos, e Davi sabia que podia confiar em Deus outra vez, o que lhe era motivo de alegria. Como havia feito no passado, Deus o livraria de “um aperto” e permitiria que permanecesse num “lugar espaçoso” (v. 8; ver 18:19, 36; 4:1). As tribulações e sua fé em Deus cooperariam para seu crescimento.

2. QUANDO OS OUTROS O FIZEREM SOFRER, PEÇA PELA MISERICÓRDIA DE DEUS (Sl 31:9-18)

Davi orou: “tu és a minha fortaleza” (v. 4), mas nesse momento declara: “tu és o meu Deus” (v. 14) e pede que o Senhor lhe conceda a misericórdia da qual necessita encarecidamente (v. 16). Ao observarmos o vocabulário que Davi emprega para descrever sua terrível situação, podemos entender bem sua necessidade de misericórdia. Estava cheio de tristeza profunda e suspirava; suas forças físicas estavam falhando, e até seus ossos enfraqueciam. Sua alma e seu ser interior encontravam-se angustiados pelo sofrimento que outros lhe causavam. É provável que o rei tenha examinado seu coração e descoberto a presença de algum pecado, de modo que o confessou ao Senhor. Além da angústia física e emocional, havia ainda a forma de o povo tratá-lo (vv. 11-13). Seus

inimigos espalharam mentiras maldosas a seu respeito, calúnias que o povo julgava serem verdades. Sem dúvida, essas mentiras propagaram-se rapidamente, e os amigos e vizinhos de Davi também acreditaram. Até mesmo seus conhecidos o evitavam ao vê-lo se aproximar, pois, afinal, quem desejava conversar *com um homem perverso? Davi tornou-se como um homem morto, esquecido, e como um pote quebrado e imprestável que havia sido jogado fora. Não levou muito tempo para a “contenda de línguas” (v. 20) envenenar a nação e preparar o caminho para o golpe de Absalão.*

A expressão “terror por todos os lados” (v. 13) é usada seis vezes pelo profeta Jeremias (6:25; 20:3,10; 46:5; 49:29; Lm 2:22). No tempo de Davi, a desestruturação do governo e o exílio do rei enchiam o povo de medo e faziam rumores de todo tipo se espalharem pela terra. Qual foi a resposta de Davi para toda essa confusão? “Nas tuas mãos, estão os meus dias” (v. 15). Ele havia colocado sua vida nas mãos de Deus (v. 5), e agora também estava entregando a ele suas circunstâncias. A expressão “meus dias” não se refere a um determinado cronograma, mas sim a todos os acontecimentos e circunstâncias que cercavam o rei (ver 1 Cr 29:30). Hoje diríamos “Todas as questões e detalhes da minha vida estão nas mãos do Senhor”. Trata-se da versão do Antigo Testamento de Romanos 8:28. Davi acreditava que Deus traria luz às trevas e verdade ao mar de mentiras que se apoderava de todo o povo. Em vez de o rei ser envergonhado, seus inimigos seriam humilhados, quando o Senhor revelasse a perversidade desses homens e os derrotasse.

3. QUANDO OS OUTROS VIREM A VITÓRIA, DÊ TODA A GLÓRIA A DEUS (Sl 31:19-24)

O rosto do Senhor resplandeceu sobre Davi (Nm 6:22-27), e, apesar de ele ter sofrido severa disciplina de Deus, não foi abandonado. Davi sabia que o Senhor tinha um suprimento de bondade reservado para ele (ver 21:3) e que suas misericórdias nunca falhariam. Ao longo de todas as circunstâncias trágicas da revolta de Absalão, Deus havia

protegido Davi do perigo. Estava tão seguro quanto alguém escondido no Santo dos Santos. Quanto às conspirações dos inimigos e as mentiras que espalharam sobre o rei, o Senhor também cuidou disso e revelou a verdade ao povo. A bondade extraordinária e a misericórdia maravilhosa de Deus eram tudo de que Davi precisava para atravessar a tempestade e sobreviver, a fim de liderar seu povo.

No entanto, é possível que, a certa altura dos acontecimentos, Davi tenha sentido vontade de desistir: “Eu disse na minha pressa: estou excluído da tua presença!” (v. 22; ver também 30:6). Não foi o inimigo que o assustou, mas a idéia de ter sido abandonado pelo Deus no qual ele confiava e ao qual servia. O rei fez aquilo que todos nós devemos fazer quando temos a impressão de que Deus não está mais perto: clamou ao Senhor por sua misericórdia, e o Senhor respondeu. Quando a experiência terrível daquela rebelião chegou ao fim, Davi dirigiu-se ao povo (vv. 23, 24) e glorificou a Deus por livrá-lo. Davi havia escrito sobre a fé no Senhor (vv. 1, 6, 14, 19), mas nessa passagem encorajou o povo a amar o Senhor e a depositar nele sua esperança. A fé, a esperança e o amor sempre andam juntos (1 Co 13:13). Quando cremos no Senhor, ele coloca à nossa disposição a coragem e a força de que precisamos nas tribulações da vida. Não devemos deixar de lhe dar toda a glória.

SALMO 32

Este é o segundo dos sete salmos penitenciais (ver Sl 6). Davi escreveu-o depois de confessar a Deus seus pecados de adultério, homicídio e dissimulação (ver 51; 2 Sm 11 - 12). Em 51:13, fez um voto solene de compartilhar com outros essa experiência que havia lhe custado tão caro, e esse salmo é uma parte do cumprimento de tal promessa. Trata-se do primeiro salmo *Maschil* (ver 42, 44, 45, 52-55, 74, 78, 88, 89, 142), termo que já recebeu várias interpretações: “um cântico astucioso, um cântico de instrução, um poema contemplativo”. O termo significa “instrução” e é traduzido dessa forma no versículo 8. No entanto, é possível que *Maschil* seja

uma instrução musical, cujo significado ainda é desconhecido. Esse salmo é usado pelos judeus no final da comemoração anual do Dia da Expição; de acordo com o calendário eclesiástico, deve ser lido na Quarta-Feira de Cinzas. Paulo cita os versículos 1 e 2 em Romanos 4:7, 8 como parte de sua argumentação em favor da salvação exclusivamente pela graça, sem as obras da lei. Neste salmo, Davi fala de quatro fatos básicos sobre o pecado e o perdão que devem ser compreendidos por todos os crentes.

1. A BÊNÇÃO DA ACEITAÇÃO (Sl 32:1, 2)

Em vez de começar com uma lista de seus pecados, Davi inicia o salmo com um cântico de louvor para toda a congregação ouvir. A primeira bem-aventurança de Salmos bendiz os obedientes (1:1), enquanto esta bênção desobedientes perdoados (para outras bem-aventuranças, ver 34:8; 40:4; 65:4; 84:5,12; 94:12; 112:1). Em termos cronológicos, sua experiência de perdão ocorreu bem depois de os pecados terem sido cometidos e de ele os ter encoberto por quase um ano (vv. 3-5). Porém, uma vez que passou a desfrutar da liberdade do perdão, Davi não pôde esperar para proclamar essa bênção. Se temos a aceitação de Deus, não importa o que mais nos aconteça.

A *iniquidade* (em algumas versões “*transgressão*”; v. 1) refere-se a “passar dos limites” e a se rebelar contra Deus. Davi conhecia os Dez Mandamentos e sabia que proibiam o adultério, o homicídio e a falsidade. O *pecado* diz respeito a “errar o alvo” e a não viver dentro dos padrões determinados por Deus. *Iniquidade* (v. 2) quer dizer “distorção” e descreve o que acontece no caráter do pecador. *Dolo* refere-se à “dissimulação”. Davi tentou encobrir seus pecados e fingir que nada havia acontecido, mas o Senhor o disciplinou até ele confessar que havia pecado. Esses termos voltam a aparecer no versículo 5. *Perdoar* quer dizer “remover um fardo”; o perdão é retratado pelo “bode expiatório” no Dia da Expição, pois esse animal simbolicamente “carregava” os pecados do povo para o deserto (Lv 16:20-22; Sl 103:12; Jo 1:29). Como Adão e Eva (Gn 3:8), Davi ten-

tou “encobrir” seus pecados, mas não foi bem-sucedido. Trata-se de um expediente que nunca funciona (Pv 28:13), pois quando Deus cobre os pecados que lhe confessamos, esses são lançados fora para nunca mais serem vistos (ver Is 38:17; 43:25; 44:22; Jr 31:34; Mq 2:18,19; 1 Jo 1:7-9). No Dia da Expição, o sumo sacerdote aspergia o sangue do sacrifício sobre o propiciatório e, com isso, cobria os pecados que o povo havia cometido. *Atribuir* tem o sentido de “imputar” e, nesse caso, é usado como um termo de contabilidade, que significa “colocar na conta, acrescentar ao registro”. Quando confessamos nossos pecados, Deus cancela a dívida e a remove de seus registros. Essas dívidas “não contam mais”, pois Jesus Cristo pagou por elas na cruz, e seu sangue limpa *todo o registro, bem como o coração do transgressor*. O perdão do Senhor é, sem dúvida alguma, motivo para cânticos. Infelizmente, muitos filhos de Deus não dão o devido valor a essa bênção.

2. A INSENSATEZ DA IMPENITÊNCIA (Sl 32:3, 4)

Nesta parte do salmo, Davi conta a própria história e admite abertamente que foi insensato ao tentar esconder seus pecados durante quase um ano. Como disse Charles Spurgeon: “Deus não permite que seus filhos pequem com sucesso”. E John Donne escreveu: “O pecado é uma serpente, e aqueles que o encobrem mantêm aquecido esse réptil venenoso para que possa picar com mais violência e espalhar seu veneno e malignidade de modo mais eficaz”. O Senhor disciplinou Davi durante quase um ano e o fez infeliz até que o rei parou de mentir, humilhou-se diante de Deus e confessou seus pecados. Essa disciplina não é como aquela de um juiz que castiga um criminoso; antes, é como a disciplina de um pai amoroso, que trata de seus filhos desobedientes a fim de conduzi-los, por sua própria vontade, ao arrependimento. De acordo com Hebreus 12:1-13, a disciplina de Deus é prova de que ele nos ama e está, verdadeiramente, interessado em seus filhos.

O que aconteceu com Davi durante esses meses tão difíceis? Dentre outras coisas,

sua saúde se deteriorou. É provável que tivesse cerca de 50 anos de idade quando desobedeceu ao Senhor, mas começou a se sentir e a parecer um homem idoso e enfermo. Ao contrário de sua robustez e disposição habituais, as dores constantes por todo o corpo (ver 51:8) o faziam gemer. A mão de Deus pesava sobre ele e, ao invés de se sentir forte e revigorado, estava debilitado, murcho como uma planta durante a estação seca (ver 38:2 e 39:10). Não sabemos se o rei sofreu de uma febre que o desidratou. De qualquer modo, sua aflição era intensa, pois sua consciência o acusava, sua mente estava repleta de preocupações (“Quando serei desmascarado?”) e seu corpo se encontrava enfermo. Mas a dor valeu a pena, pois o conduziu de volta ao Senhor.

3. O CAMINHO DO LIVRAMENTO (Sl 32:5-7)

O Senhor enviou o profeta Natã para confrontar Davi com seus pecados e lhe transmitir a mensagem do perdão de Deus (2 Sm 12). A confissão de Davi: “Pequei contra o SENHOR”²³ foi respondida com a declaração: “Também o SENHOR te perdoou o teu pecado” (2 Sm 12:13). O rei não precisou fazer penitência nem passar por um “período de *sursis*”; tudo o que teve de fazer para que o Senhor o perdoasse foi confessar sinceramente seus pecados (1 Jo 1:9). O fardo da transgressão foi removido, a dívida foi cancelada, o que estava distorcido se endireitou, e o Senhor não registrou os pecados de Davi. Em vez de nos imputar nossos pecados, o Senhor coloca em nossa conta a retidão de Cristo, nos aceitando em sua família por meio de seu Filho (ver Rm 4:3ss; 5:13; 2 Co 5:19-21; Gl 3:6). Davi não ofereceu qualquer justificativa; admitiu que havia pecado e que era culpado diante de Deus. A culpa é para a consciência aquilo que a dor é para o corpo: ela nos diz que algo está errado e deve ser tratado, do contrário, as coisas podem piorar. A promessa aplica-se a todos (“todo homem piedoso”, ou seja, os escolhidos, o povo de Deus; 4:3), e devemos confessar nossos pecados imediatamente, no momento em que os descobrimos e enquanto Deus pode ser encontrado (69:14; Is 55:9; Pv 1:24-33). As

águas da disciplina ficam cada vez mais profundas, e a tempestade torna-se cada vez mais intensa, portanto, não devemos tentar o Senhor!

No entanto, o perdão de Deus não é algo negativo; o Senhor acrescenta bênçãos maravilhosas para nos ajudar em nosso caminho rumo à recuperação. Davi trocou seus esforços para esconder os pecados por um esconderijo no Senhor. Deus removeu suas tribulações e colocou um muro a seu redor. Mas será que Davi merecia essas bênçãos? Claro que não – nem nós tampouco! Porém, essa é a graça de Deus que se encontra em Jesus Cristo, nosso Senhor. Nas palavras de Alexander Maclaren: “O beijo de perdão do Senhor remove todo o veneno da ferida”. Isso não significa que Davi não sofreu com as conseqüências de seus pecados. Em sua graça, Deus nos perdoa, mas em sua soberania ele diz: “Você terá de ceifar aquilo que semeou”. Bate-Seba concebeu e deu à luz um filho, mas o bebê morreu. Amnom, o filho de Davi, estuprou sua meia-irmã, Tamar (2 Sm 13), e foi morto por Absalão, outro filho de Davi. Absalão tentou usurpar o trono do pai e foi morto por Joabe (2 Sm 14 - 18). Quando Davi estava próximo da morte, seu filho Adonias tentou usurpar o trono de Salomão (1 Rs 1) e também foi morto. Mas Davi enfrentou todas essas calamidades com ajuda de Deus e viveu o suficiente para juntar o material necessário para que Salomão (o segundo filho de Bate-Seba) construísse o templo.

Depois que Davi foi perdoado e restaurado, dirigiu-se ao santuário para adorar ao Senhor (2 Sm 12:15-23), e lá, com outros adoradores, foi cercado de “cantos de livramento”, ou seja, de louvores a Deus por sua misericórdia. Era exatamente isso o que Davi precisava ouvir!

4. A ALEGRIA DA OBEDIÊNCIA (Sl 32:8-11)

Nos versículos 8 e 9, Deus fala a Davi, garantindo a seu servo que a alegria da salvação lhe será restaurada (51:12) se ele obedecer ao Senhor e andar em seus caminhos. O raciocínio incorreto de Davi o havia colocado em sérios apuros, mas o Senhor o instruirá,

guiará e o manterá sobre ele seu olhar amoroso (ver 33:18; 34:15). A fé de Davi (vv. 5, 6) deve redundar em obediência, pois é preciso que a fé e as obras andem juntas. Deus não nos perdoa para que possamos voltar a pecar! “Contigo, porém, está o perdão, para que te temam” (130:4).

Ao contemplar Bate-Seba, desejá-la e, em seguida, cometer adultério e matar o marido dela, Davi acreditou que estava agindo como um homem livre, *mas para Deus, ele estava agindo como um animal!* Somos feitos à imagem de Deus, mas quando escolhemos deliberadamente nos rebelar contra a lei de Deus, decaímos até uma condição que algumas traduções mais antigas da Bíblia chamam de “bestial, estúpida” (ver 92:6; 94:8; Jr 10:8, 14, 21), e que as traduções mais modernas chamam de “insensata”. Davi precipitou-se impetuosamente como um cavalo e tentou encobrir seus pecados obstinadamente como uma mula. A única maneira de controlar os animais é domá-los e arreá-los, mas Deus não queria fazer isso com Davi, seu servo amado. Em vez disso, o Senhor lhe ensinaria sua Palavra e o manteria sob suas vistas, cercado-o de misericórdia (ver 23:6).

Quando se juntou aos outros adoradores no santuário de Deus (vv. 1, 2), Davi começou seu cântico com o anúncio jubiloso de que Deus o havia perdoado. Agora, encerra o salmo exortando os outros fiéis a celebrar com ele a alegria do Senhor. “Alegrai-vos! Regozijai-vos! Exultai!” Anos depois, seu filho Salomão escreveria: “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv 28:13).

SALMO 33

Os verbos deste salmo encontram-se no plural, o que significa que o cântico envolvia a comunidade de adoradores no santuário. O líder os chamava para adorar (vv. 1-3), o coral dirigia a congregação no louvor ao Senhor, e todos terminavam com a declaração de fé nos versículos 20 a 22. É bem provável que seu louvor tenha sido ocasionado pela vitória de Israel sobre um inimigo (vv. 10, 11, 16-19). Exceto pela oração no versículo

22, o salmo todo é dedicado exclusivamente ao louvor e serve como excelente modelo para aqueles que desejam louvar.

1. QUEM DEVE ADORAR AO SENHOR? (Sl 33:1)

Este versículo é paralelo a 32:11 e nos lembra que somente aqueles que são justificados pela fé e obedientes em seus caminhos (“retos”) é que podem adorar ao Senhor de todo o coração (Sl 15; Gn 15:1-6). Para aqueles que experimentaram a graça de Deus e seu perdão (32:1-3), é correto e apropriado louvar ao Senhor (147:1). Ele é o Criador e cuida de nós. “Somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio” (100:3). O Senhor nos redimiu, e pertencemos a ele. Não é de se admirar que o dirigente desse culto exortasse o povo a se regozijar, louvar, tocar instrumentos e cantar ao Senhor. Um pecador salvo pela graça de Deus não deve ter dificuldade alguma de louvar ao Senhor.

2. COMO DEVEM ADORAR AO SENHOR? (Sl 33:2-4)

A adoração no santuário incluía o uso de vozes e de instrumentos (ver 1 Cr 25). De acordo com o versículo 3, as vozes deviam ser cheias de entusiasmo no Espírito, porém discretas; jubilosas no Senhor, mas reverentes. Os instrumentos deveriam ser tocados com habilidade, e os músicos deveriam dar o melhor de si para o Senhor. É possível que o “novo cântico” refira-se a algo novo quanto ao tempo ou à forma de expressão. O termo é usado nove vezes nas Escrituras (40:3; 96:1; 98:1; 144:9; 149:1; Is 42:10; Ap 5:9; 14:3). O Espírito de Deus pode transformar um cântico antigo para nós em um cântico novo, à medida que crescemos no conhecimento de Deus e de sua Palavra, ou quando temos novas experiências; também pode abrir nosso coração para um cântico inteiramente novo. (Algumas pessoas não gostam de aprender canções novas.) Uma apreciação cada vez maior dos “salmos [...], hinos e cânticos espirituais” (Ef 5:19) indica nosso desenvolvimento na vida cristã. É de suma importância que a adoração seja bíblica (v. 4a; e ver Cl 3:16). Assim como um pastor

não pode pregar uma mentira, um coral também não pode cantar algo que não é verdadeiro, e nem todas as “canções religiosas” são corretas em termos doutrinários. A operação de Deus se dá de acordo com a própria Palavra, de modo que qualquer forma de adoração contrária à Palavra de Deus não pode agradar ao Senhor.

3. POR QUE DEVEM ADORAR AO SENHOR? (Sl 33:5-19)

A menção à Palavra de Deus, no versículo 4, lembra que, ao conhecer melhor Palavra de Deus, ficamos mais íntimos do Deus da Palavra. A criação revela a existência, o poder, a sabedoria e a majestade de Deus, mas a revelação nas Escrituras fala de sua misericórdia e graça e de seu plano maravilhoso de salvação. Ele é um Deus fiel, o Deus da verdade, da retidão, da justiça e da bondade. O trono de Deus descansa sobre a retidão e a justiça (89:14; 97:2; Is 9:7; 32:1, 17). Para os olhos da fé, a terra está repleta de sua bondade (v. 5), de sua glória (Is 6:3; Nm 14:21, 22) e de louvor (Hc 3:3), e, um dia, também transbordará do conhecimento do Senhor (Hc 2:14).

A beleza do caráter de Deus deve suscitar em seu povo cânticos de louvor e de ação de graças. A menos que nossa adoração se concentre no caráter de Deus, deixamos de fora a pessoa que deve ser o centro da verdadeira adoração.

Também adoramos o Criador e o louvamos pelas obras maravilhosas de suas mãos (vv. 6-9). Pelo poder de sua Palavra, ele criou do nada tudo o que há (vv. 6, 9; 119:89-91; 147:15, 18; 148:5; Gn 1:1 - 2:1; Hb 11:3). A Palavra que criou o Universo também o sustenta (Hb 1:3; 2 Pe 3:5-7). O “sopro de sua boca” pode ser uma referência ao Espírito de Deus (Gn 1:1, 2), pois, no hebraico, a mesma palavra é usada para “sopro” e “espírito”. O termo “exército” inclui as estrelas e os planetas (Gn 2:1), e o versículo 7 nos remete a Gênesis 1:9, 10. Quando vemos os céus e a terra, não podemos deixar de admirar as obras da mão de Deus e reverenciar o poder da sua Palavra. Ao adorar ao Senhor, devemos louvar o Criador e agradecer por

tudo o que ele proveu para que pudéssemos viver neste planeta. Também devemos nos manter firmes no propósito de ser bons mordomos e de não usar mal nem desperdiçar suas dádivas tão maravilhosas.

Em nosso louvor, devemos agradecer a Deus pela sabedoria de seu conselho (vv. 10, 11). Certos líderes tomam decisões que afetam o destino das nações e, mesmo quando Deus não tem permissão de governar, ainda assim prevalece, e sua vontade sempre se realiza. O Senhor pode frustrar planos de governos e projetos de uma nação (Is 8:10; 19:3). A vontade de Deus para seus filhos vem do coração de Deus e é uma expressão de seu amor por eles, de modo que não há motivo algum para inquietação nem coisa alguma a temer (Jr 29:11). É um grande privilégio de Israel ser o povo de Deus e a herança preciosa do Senhor (vv. 12; 28:9; 74:2; 78:6, 21; Dt 4:20; 32:9). Que a Igreja nunca deixe de se maravilhar com esse privilégio de ser o povo de Deus! (1 Jo 3:1-3).

Adoramos o Senhor pela certeza de seu cuidado divino (vv. 13-19). Não apenas mantém cada um de seus filhos sob suas vistas (32:8; 34:15; 1 Pe 3:12) como também “vê todos os filhos dos homens” e “contempla todas as suas obras”. Sabe o que os justos fazem e também o que os perversos estão fazendo com os justos! O termo traduzido por “observar”, no versículo 14, significa “olhar atentamente”. Ao observar os seres humanos, Deus não apenas vê sua movimentação física, mas também “os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4:12). Foi ele quem criou o coração do ser humano e o entende melhor do que qualquer pessoa (Jr 17:9); sabe quais são nossas motivações (11:4; 34:15; 2 Cr 16:9). O coração do rei é exatamente igual ao coração de qualquer outro homem, e nenhuma nação é capaz de vencer uma guerra pelo simples fato de ter um grande exército e um suprimento considerável de armas e de munição. No êxodo, Deus olhou para o exército poderoso do Egito e o destruiu (Êx 14:24ss). Deus livra seu povo do perigo e da morte e guarda sua vida quando as circunstâncias se tornam difíceis. Ele cuida de nós (1 Pe 5:6, 7).

4. QUAIS DEVEM SER AS CONSEQUÊNCIAS DE SUA ADORAÇÃO AO SENHOR? (SL 33:20-22)

É possível que essas palavras viessem da congregação e do coral no final do cântico e que servissem de confissão de fé no Deus vavo. Uma vez que haviam adorado ao SENHOR, tinham paz no coração e podiam esperar tranquilamente até ele agir. Sua esperança havia sido fortalecida e aguardavam com expectativa que o Senhor cumprisse seus propósitos na vida de seus filhos, por meio deles e para eles. Estavam certos de que o Senhor enviaria socorro quando precisassem (ver 30:10; 40:17; 46:1; 54:4; 63:7; 70:5; 115:9-11; 146:5). Para mais informações sobre “escudo”, ver 3:3; observar que “auxílio” e “escudo” são dois termos que aparecem juntos com frequência (28:7; 115:9-11; Dt 33:29). Deus não mima seus filhos, mas sim os protege e os prepara para voltar à batalha. Ele é “refúgio e força” e nos esconde o tempo necessário para nos ajudar.

A adoração deve não apenas fortalecer nossa paz e poder interior e desenvolver nossa esperança e nossa confiança no Senhor, mas também aumentar nossa alegria. Com essas bênçãos, descobrimos que nossa fé se fortalece ao contemplarmos a beleza e a glória do Senhor em nossa adoração. O salmo termina com a oração: “Seja sobre nós, SENHOR, a tua misericórdia, como de ti esperamos”. Assim, vemos reunidas nessa passagem as três grandes virtudes cristãs: a fé (v. 21), a esperança e o amor (v. 22). Não basta deixarmos o lugar de adoração simplesmente nos “sentindo bem”, pois os sentimentos são temporários e, por vezes, enganosos. Nosso louvor só alcança o objetivo de Deus quando passamos a amar mais ao Senhor e a seu povo, a ter mais fé e esperança no Senhor e a avançar na batalha da vida com mais confiança e alegria.

SALMO 34

Como no caso do Salmo 25, este é um salmo acróstico, no qual a letra hebraica *waw* foi omitida e a letra *pe* foi acrescentada ao início do versículo 22. O título associa o salmo a um episódio perigoso envolvendo Davi

e os filisteus em Gate, conforme o relato de 1 Samuel 21:10 - 22:1, depois do qual Davi fugiu para a caverna de Adulão. A ênfase sobre temer o Senhor (vv. 7, 9, 11) e a confiança em sua bondade (vv. 8, 10, 12) encaixa-se com o contexto histórico. O rei filisteu é chamado de Aquis em 1 Samuel, mas o título dinástico dos monarcas da Filístia era Abimeleque, conforme se vê no sobrescrito deste salmo. Os governantes egípcios eram chamados de Faraó, e os reis dos amalequitas recebiam o título de Agague. O versículo 8 é citado em 1 Pedro 2:3 e os versículos 12 a 16, em 1 Pedro 3:10-12. A partir dessa experiência em Gate, Davi apresenta, neste salmo, quatro instruções para seus seguidores (1 Sm 22:1, 2) bem como para nós, hoje, a fim de nos ajudar a ficar longe de apuros e a viver de modo agradável a Deus.

1. BENDIZEI O SENHOR (SL 34:1-3)

Davi não consegue esconder sua satisfação por estar fora do território inimigo (onde, para começar, não deveria ter ficado) e de volta ao deserto com seus homens. Observe os verbos: bendizer, gloriar, engrandecer, exaltar. O nome “SENHOR” é usado 16 vezes no salmo. Se, originalmente, esse foi um discurso de Davi a seus homens, estava ordenando que interrompessem os combates e se concentrassem na adoração. Como escreveu o pregador puritano Thomas Watson: “Ao orarmos, agimos como seres humanos, mas ao adorarmos, agimos como anjos”. Davi dá graças ao Senhor engrandecendo e exaltando seu nome. Veja o que o Senhor fez por Davi: respondeu à sua oração (vv. 4, 15), supriu suas necessidades (vv. 9, 10), livrou-o das dificuldades (v. 17) e protegeu-o do perigo (v. 7). Davi não se gloria em sua astúcia ou habilidade; antes, se gloria no Senhor, em quem ele é e naquilo que ele faz. Para Davi, o povo de Deus, por si mesmo, não é coisa alguma, apenas os mais humildes e pobres dentre os homens (vv. 2, 6); porém, é um povo que tem todas as coisas, pois pertence ao Senhor. Os israelitas temiam ao Senhor (vv. 7, 9), eram separados (“santos”) como seus justos (vv. 10, 15, 19, 21) e eram servos do Senhor (v. 22). Saber quem

somos em Cristo e quem o Senhor é deve criar em nós o desejo de bendizer o Senhor.

2. BUSCAI O SENHOR (Sl 34:4-8)

Davi dá um testemunho triplo daquilo que o Senhor faz por seu povo: ele salva (vv. 4-8), ele guarda (v. 7) e ele satisfaz (v. 8). Davi buscou o Senhor e foi salvo dos temores (ver 31:13). Em seu interior, clamou ao Senhor e foi liberto das tribulações a seu redor. Buscar o Senhor é o mesmo que olhar para ele, e, quando olhamos para o Senhor pela fé, ele olha para nós e “[levanta] sobre nós a luz do seu rosto” (4:6; Nm 6:22-27). Se andarmos com incredulidade, nosso rosto será envergonhado; se andarmos pela fé, nosso rosto será iluminado (Êx 34:29; Mt 17:2; At 6:15; 2 Co 3:18). O termo “iluminados”, no versículo 5, descreve o semblante radiante de alegria de uma mãe que recebe seus filhos em casa (Is 60:4, 5). Depois que o Senhor nos salva, ele nos guarda e envia seus anjos para nos proteger (v. 7; 35:5, 6; Gn 48:16; Êx 14:19). O Anjo do SENHOR é Jesus Cristo, a segunda Pessoa da Trindade (Js 5:13-15), o SENHOR dos exércitos angelicais que, no Antigo Testamento, visitava seu povo em forma pré-encarnada. Ao pensar na imagem dos anjos acampados a seu redor, é possível que Davi estivesse se lembrando da experiência de Jacó em Maanaim (“os dois acampamentos”, Gn 32:1, 2). Os anjos são servos dos santos hoje, e só ficaremos sabendo de vários de seus ministérios quando chegarmos ao céu (Hb 1:14).

Aqueles que buscam o Senhor descobrem que ele não apenas os salva e os guarda como também os satisfaz (v. 8). O verbo “provar” não se refere a experimentar alguma bebida ou comida, mas sim a se alimentar do Senhor por meio de sua Palavra e experimentar tudo o que ele tem para nós (1 Pe 2:3; ver Hb 2:9 e 6:3). Significa conhecer melhor a Deus e desfrutá-lo cada vez mais. Foi uma grande bênção para Davi ser liberto de Gate, mas foi uma bênção ainda maior ser protegido pelo Senhor depois de fugir; porém, Davi considerava que a maior bênção de todas era se aproximar de Deus e desfrutar sua presença, não apenas suas dádivas. Para

Davi, a Palavra de Deus era doce (119:103), e ele se regozijava com a bondade do Senhor. Os termos “bom” e “bem” são importantes neste salmo (vv. 8, 10, 12, 14).

3. TEMEI O SENHOR (Sl 34:9-16)

Aqueles que temem o Senhor (vv. 7, 9, 11) não precisam ter medo de coisa alguma, pois é esse temor que lança fora todo o medo (112:1). Quando tememos o Senhor, ele supre tudo de que precisamos no momento em que precisamos. O versículo 9 é o equivalente, no Antigo Testamento, a Mateus 6:33. “Nenhum bem sonega aos que andam retamente” (84:11). Deus promete nos dar aquilo que é bom para nós e fazer todas as coisas cooperarem para nosso bem (Rm 8:28). Se não recebemos aquilo que consideramos necessário, significa que não é bom para nós ou que, por enquanto, não é essencial. É possível que, nesse momento, Davi tenha reunido as crianças e jovens a seu redor para lhes ensinar o segredo da verdadeira vida. Pedro cita os versículos 12 a 14 em 1 Pedro 3:10-12, apresentando instruções sábias e práticas.

Desejar o que é bom (v. 12). “Amar a vida” significa ansiar por vida plena, pela vida em abundância que Cristo veio oferecer (Jo 10:10). Esse tipo de vida não tem a ver com bens, posição social ou fama; antes, diz respeito ao caráter, à fé e a um desejo de honrar o Senhor. Os justos buscam o Senhor e não desejam coisa alguma que fique aquém da vontade dele para sua vida. Salomão possuía riquezas, conhecimento, fama e poder e, no entanto, escreveu: “Aborreci a vida” (Ec 2:17-20). Cultivar um coração que deseje o que é bom, que se agrada do Senhor (37:4), é o primeiro passo para uma vida transbordante das bênçãos do Senhor.

Dizer a verdade (v. 13). Se conseguimos controlar a língua, somos capazes de controlar também o resto do corpo (Tg 3:1-12). “O que guarda a boca e a língua guarda a sua alma das angústias” (Pv 21:23). Dizer a verdade em amor (Ef 4:15) e não dizer coisa alguma destrutiva é extremamente difícil na sociedade competitiva e corrupta em que vivemos nos dias de hoje, mas não é impossível. Observe a oração de Davi em 141:3, 4.

Buscar o que é certo (v. 14). Isso significa abandonar o pecado de uma vez por todas, fazer o bem à medida que Deus nos dá forças e oportunidade e ser pacificadores, não agitadores. Os cristãos não procuram a “paz a qualquer custo”, pois a paz depende da pureza (Tg 3:13-18; Is 32:17), mas se esforçam ao máximo para não fazer inimigos (Mt 5:9; Rm 14:19; Hb 12:14-21). Por vezes, nossos maiores esforços parecem inúteis, mas pelo menos obedecemos ao Senhor (Mt 5:21-26; 18:15-35). “Procurar” significa que precisamos nos esforçar para isso com a ajuda do Senhor;

Esperar o que é melhor (vv. 15, 16). Devemos viver pela fé, crendo que o Senhor nos guiará, cuidará de nós e nos ajudará a fazer o que é certo. Não precisamos temer coisa alguma, pois estamos “sob [suas] vistas” (32:8) e seus ouvidos estão atentos a nossas orações. O rosto de Deus está contra aqueles que nos fazem mal. Essa promessa é ilustrada em Atos 12, quando Pedro está na prisão, aguardando sua execução, enquanto a igreja ora por ele e o rei Herodes parece fazer o que bem entende. Deus viu a terrível situação em que Pedro se encontrava, ouviu as orações dos santos e livrou Pedro, mas destruiu Herodes.

4. CONFIAI NO SENHOR (Sl 34:17-22)

Em nenhum momento, neste salmo, Davi dá a entender que a vida de fé e obediência poupará os filhos de Deus de enfrentar problemas (ver vv. 4, 6, 17, 19). No entanto, ele promete que, se confiarmos no Senhor e o invocarmos, ele pode atravessar os problemas conosco e transformá-los em bênção para nós e, por meio de nós, pode ainda abençoar a outros (ver 28:7; Is 41:10; Hb 13:6). Além disso, o Senhor também pode nos ajudar com nossos sentimentos (v. 18). A garantia é a de que Deus estará perto de nós quando nosso coração estiver quebrantado e nosso espírito oprimido, *quer sintamos sua presença quer não*. Não se trata de uma promessa condicional, mas sim de um fato (ver 69:20; 119:151; 147:3; Is 50:8; 61:1; Lc 4:18).

O Senhor cuidará de nossa segurança física (vv. 19, 20) até que nosso trabalho aqui

tenha sido completado. O termo “preservar” quer dizer “cuidar com grande zelo”, como quando Adão cuidava do jardim (Gn 2:15) ou Jacó cuidava de suas ovelhas (Gn 30:31). O apóstolo João citou o versículo 20 em João 19:36 e aplicou essas palavras a Jesus, o Cordeiro de Deus (Êx 12:46; Nm 9:12). O Senhor pode deter nossos inimigos, os quais serão destruídos pelas perversidades que eles mesmos praticam, pois o pecado é seu próprio executor (v. 21; ver 7:14-16; 9:16; 10:2; Pv 5:22; Rm 12:17-21). Os perversos são condenados, mas para os justos não há condenação alguma, pois confiam no Senhor (Rm 8:1, 33, 34). Deus livrou Davi da mesma forma como libertou Israel do Egito; também pode nos libertar hoje de nossas tribulações.

SALMO 35

Mais uma vez, Davi está sendo perseguido por Saul e difamado pelos homens do rei, muitos dos quais haviam sido amigos de Davi. O servo do Senhor defende a causa certa, pois é o rei escolhido por Deus, enquanto Saul tenta destruí-lo para que um de seus filhos fique com o trono. Em vez de cuidar dos negócios do reino, Saul se deixou levar por sua paranóia de perseguir e de tentar matar Davi, e seu zelo era alimentado pelas mentiras de seus oficiais. (Para o contexto histórico, ver 1 Sm 19:5; 20:1; 23:25; 24:9-15; 25:29; 26:18, 19.) Este salmo é classificado como um salmo imprecatório (ver Sl 5 para comentários). Davi faz três pedidos a Deus, e, a seu tempo, Deus atendeu a todos eles.

1. PROTEGE-ME (Sl 35:1-10)

No versículo 1, Davi faz uma fusão de duas imagens: o tribunal (“contende”; ver 43:1; 74:22; Jr 2:9; Mq 6:1) e o campo de batalha. Saul escolheu o campo de batalha, mas Davi se voltou para o Senhor e pediu que fosse o Advogado e Juiz dessa contenda. “O SENHOR [é] poderoso nas batalhas” (24:8; 45:3-5; Êx 15:3; Js 5:13-15). Portanto, se Saul quisesse lutar, Deus aceitaria seu desafio (ver 18:25-27). Como soldado, Davi imagina o Senhor vestido com uma armadura, empunhando suas armas. O broquel era um escudo pequeno, enquanto o escudo comum era gran-

de e cobria a maior parte do corpo. O inimigo odiava Davi (v. 19), mentia a seu respeito (v. 11), o perseguia (v. 2) e desejava feri-lo e matá-lo (vv. 4, 26), de modo que esse conflito era uma questão de vida ou morte. *Porém, não havia qualquer justificativa plausível para essa oposição* (ver vv. 7, 19; 38:19; 69:4; 109:3; 119:78, 86, 161).

Davi pede que o Senhor obstrua a passagem e se coloque entre ele e Saul com seu exército (v. 3), como havia feito no êxodo (Êx 14:19ss). Em seguida, pede que o anjo do SENHOR (34:7) confunda os inimigos, fazendo-os recuar e perseguindo-os (v. 4). Isso envergonharia, derrotaria e, por fim, destruiria seus adversários (v. 8). A oração do versículo 4 é repetida no versículo 26. Davi menciona com frequência que é um homem com a cabeça a prêmio (37:32; 38:12; 40:14; 54:3; 63:9; 70:2), de modo que não deve causar espanto pedir ao Senhor uma palavra especial que lhe dê segurança (v. 3; 27:1-3). Diante do exército celestial de Deus, Saul e seus homens eram como palha: inúteis, desprezíveis, indefesos e inofensivos (ver 1:4; 83:13; Is 17:13; 29:5; Dn 2:35; Mt 3:12). Tentariam fugir pelas trilhas escorregadias das montanhas e, na escuridão, cairiam e morreriam ou seriam pegos pelas próprias armadilhas (vv. 7, 8). É bem provável que essas armadilhas fossem buracos cobertos com redes e camuflados com galhos e folhas. Saul tratava Davi como uma criatura selvagem quando, na verdade, eram Saul e seus homens que agiam como animais (vv. 15, 17, 25).

Nesse salmo, depois de cada um dos três pedidos, Davi acrescenta um cântico de louvor a Deus (vv. 9, 10, 17, 18 e 27, 28), mostrando que seu grande desejo é engrandecer o Senhor. Davi alegra-se com a salvação de Deus, pela qual somente Deus pode receber glórias. Todo o seu ser ("todos os meus ossos"; ver 51:8) dará graças ao Senhor e o louvará. A pergunta: "Quem contigo se assemelha?" (v. 10) lembra o cântico de vitória de Israel depois do êxodo (Êx 15:11). Davi sabia que Deus o havia escolhido para ser o rei de Israel e que sua maior incumbência era unir e fortalecer o reino e conduzir o povo

de volta a Deus. Israel tinha um trabalho importante a fazer no mundo, e a liderança de Davi era crucial.

2. RECOMPENSA-ME (Sl 35:11-18)

Davi apresenta as provas de sua inocência. O inimigo dependia de mentiras, de falsas testemunhas ("testemunhas iníquas") que acusavam Davi de traidor (ver 27:12; Dt 19:15-21; 1 Sm 24:10). Na realidade, era justamente o contrário, pois Saul e seus oficiais se tornaram traidores ao pagarem com o mal todo o bem que Davi lhes havia feito. Davi poderia ter dado cabo de Saul em duas ocasiões, mas em vez disso lhe pagou o mal com o bem (1 Sm 24, 26; ver 38:20; 109:5; Jr 18:18-23). Saul chegou a admitir que Davi era um homem de mais caráter do que ele (1 Sm 24:17). Davi entristeceu-se profundamente de ser traído pelos homens com os quais havia servido no exército de Saul (ver 41:9; 55:12-14). Havia orado por esses homens quando estavam necessitados, mas suas orações não foram respondidas. Davi recebeu uma bênção por ter orado, mas Deus não poderia abençoar homens perversos como aqueles. O único "retorno" que Davi tivera por tais orações foi o mal em troca do bem, de modo que pediu ao Senhor que lhe desse o bem, a fim de compensar pelo mal de seus inimigos. Aqueles que criticam Davi por sua oração imprecatória nos versículos 4 a 8 devem lembrar que, antes de tudo, ele orou pedindo socorro e cura. Os homens de Saul "dilaceraram" Davi com suas palavras maldosas (v. 15). Como bobos da corte, usavam Davi nas piadas cruéis que contavam em suas refeições (v. 16; ver 69:12) (para mais comentários sobre a pergunta "Até quando?", ver 6:3). Davi sabia que, a seu tempo, Deus o recompensaria por sua fidelidade, só não tinha idéia de quando isso aconteceria. Seu primeiro louvor a Deus (vv. 9, 10) é pessoal, mas a segunda expressão de louvor (v. 18) se dá na congregação dos fiéis.

3. JUSTIFICA-ME (Sl 35:19-28)

As tribulações estavam prestes a terminar, e o inimigo continuava certo da vitória. "Pegamos! Pegamos! Vimo-lo [Davi derrotado]

com os nossos próprios olhos." Em sua imaginação, Davi vê os homens de Saul cheios de arrogância, fazendo sinais uns para os outros com os olhos (Pv 6:13; 10:10), como quem diz: "Ele já era!". Nem pensariam em aceitar uma trégua ou mesmo em negociar a paz, mas essa era a maneira de Deus julgar Saul por seus pecados e de tirá-lo do cenário político de Israel. Depois da morte de Saul, Davi passou mais sete anos enfrentando problemas com o filho de Saul (2 Sm 1 - 4), mas, a seu tempo, o Senhor encerrou essa questão. Davi ora pedindo que Deus o justifique, pois sua causa também é a causa de Deus, e o que está em jogo era sua reputação (v. 24). O versículo 26 repete o pedido do versículo 4 e também pede que o inimigo seja vergonhosamente derrotado. O desejo de Davi era que o Senhor fosse engrandecido a seu modo e a seu tempo.

Os gritos alegres dos justos pela vitória de Davi contrastam claramente com a vergonha do inimigo derrotado. Ao contrário de Elias, que pensou estar lutando completamente sozinho (1 Rs 19:10-18), Davi sabia que contava com o apoio de muitos israelitas, daqueles que eram "os pacíficos da terra" (v. 20). Até mesmo nos dias mais sombrios da história de Israel, sempre houve um remanescente fiel que permaneceu firme no Senhor e orou pedindo que Deus fizesse sua vontade. Davi encerra o salmo com um cântico de confiança e de alegria, testemunhando da retidão e do poder de Deus. O termo traduzido por "prosperidade" (v. 27) é a palavra hebraica bastante conhecida *shalom*, "paz", que quer dizer muito mais do que uma simples cessação das hostilidades. Seu sentido diz respeito à idéia de bem-estar em todos os aspectos da vida, inclusive paz com Deus, com os outros, consigo mesmo e com as circunstâncias de sua vida.

A experiência de Davi lembra a de Jesus Cristo, o Filho de Davi, que também foi odiado sem motivo algum (Jo 15:25), falsamente acusado e atacado por aqueles aos quais não havia demonstrado outra coisa senão bondade e amor. Deus livrou Davi de seus inimigos, mas o Pai "não poupou o seu próprio Filho"

(Rm 8:32), mas sim o entregou voluntariamente para morrer pelos pecados do mundo.

SALMO 36

Este salmo é atribuído a Davi, o "servo do SENHOR" (ver 18, sobrescrito; 35:27; Dt 34:5; Js 24:29; Dn 6:20; Tg 1:1; Tt 1:1). Davi reflete sobre a realidade do mal no mundo de Deus (vv. 1-4), louva o caráter de Deus (vv. 5-9) e, por fim, ora pedindo a Deus que o proteja do mal e que, a seu tempo, julgue os perversos. Sua solução para o problema tão perturbador do mal no mundo foi ser um adorador, não um filósofo, e assumir a responsabilidade pessoal de obedecer a Deus e de lhe servir. Se houvesse mais sal e luz neste mundo, haveria menos corrupção e escuridão na sociedade.

1. REVELAÇÃO: A CORRUPÇÃO DO CORAÇÃO HUMANO (Sl 36:1-4)

Nas Escrituras, um oráculo normalmente é um pronunciamento feito com autoridade conferida pelo Senhor; porém, nesse caso, quem está pronunciando um oráculo nas profundezas do coração do pecador é o próprio pecado. No Salmo 10, o pecador fala consigo mesmo, mas aqui o pecado fala com o pecador. O pecado nos engana (Rm 7:11) e lisonjeia (10:3; Dt 29:18, 19), dando-nos a falsa sensação de segurança de que escaparemos incólumes de nossa rebelião (Gn 3:1-5). O mundo nos diz para "escutar o coração", mas se esquece de que: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" (Jr 17:9).

É evidente que a segurança arrogante do pecador tem conseqüências trágicas, a começar pela *ausência do temor de Deus* (v. 1). Não se trata do termo empregado para o respeito reverente a Deus que todos os cristãos devem cultivar, mas sim de uma palavra que significa medo intenso de Deus e de seu julgamento. Paulo cita esse versículo em Romanos 3:8, juntamente a outras declarações do Antigo Testamento que revelam a perversidade do coração humano. Quando não tememos a Deus, lisonjeamos a nós mesmos, o que, por sua vez, nos dá ainda

mais segurança para pecar. Não nos vemos com os olhos de Deus e ficamos cegos para nossos próprios pecados e para aquilo que podem fazer conosco. (Para mais sobre o temor do SENHOR, ver 34:9; 55:19; 64:4; 111:10; 119:120; Js 24:14; Pv 1:7.) Pessoas assim não detestam o pecado (v. 2), nem o desprezam ou o rejeitam (v. 4); antes, têm prazer em pecar.

Quando perdem o temor do SENHOR, começam a perder, também, todas as outras coisas importantes a um bom caráter e conduta. Do coração pecaminoso, brotam palavras e atos pecaminosos (v. 3; Mt 12:34, 35). Em vez de agir com sabedoria, essas pessoas se dispõem a fazer o mal. Em vez de meditar sobre a verdade de Deus em seu leito (1:2; 16:7; 42:8; 63:6), tramam conspirações perversas. Não conseguem relaxar e pegar no sono até haverem maquinado uma nova intriga (Mq 2:1). O coração corrupto gerou uma consciência corrupta, uma mente confusa e uma vontade pervertida.

2. ADORAÇÃO: O CARÁTER DO CORAÇÃO DE DEUS (SL 36:5-9)

Davi age com sabedoria ao parar para observar os pecadores e ao começar a voltar sua atenção para a glória do Senhor. O conhecimento do caráter de Deus é essencial para uma vida cristã equilibrada, e estes cinco versículos constituem uma teologia sistemática resumida. Em algumas versões, o termo *misericórdia* (vv. 5, 7, 10) é traduzido por "benignidade" (ARA) ou "amor" (NVI). Algumas traduções sugerem "amor pactual" ou "amor inabalável". A misericórdia e a fidelidade aparecem lado a lado com frequência (57:3; 61:7; 85:10; 86:15), sendo que o mesmo acontece com a retidão e a justiça (33:5; 89:14; 97:2). A misericórdia e a fidelidade de Deus são ilimitadas como o céu, sua retidão é firme como as montanhas e seus juízos (justiça) são inesgotáveis e misteriosos como as profundezas do oceano (ver Rm 11:33-36). E, no entanto, ele cuida das pessoas e animais na terra! Que Deus bondoso e generoso! Sua misericórdia é inestimável, pois seu Filho precisou morrer para salvar o mundo perdido (1 Pe 1:18, 19).

O lugar onde os homens se acolhem "à sombra das tuas asas" é, provavelmente, o Santo dos Santos no santuário do Senhor, pois a casa de Deus é mencionada no versículo 8. Se essa é a idéia, então as "asas", no versículo 7, são as asas dos querubins do propiciatório da arca (Êx 37:9; ver 57:1; 61:4; 63:7; Rt 2:12; Hb 10:19-25). A "sombra" de Deus dá mais proteção do que os exércitos do mundo! Em 90:1 e 4, vemos a imagem de uma galinha protegendo seus pintinhos com as asas abertas (ver Mt 23:37 e Lc 13:34). Os sacerdotes recebiam determinadas porções de alguns dos sacrifícios para a própria alimentação e as consumiam no santuário (Lv 6:14-23; 7:11-38; Dt 18:1-5; 1 Sm 2:12-17). Porém, Davi vê todo o povo de Deus banqueteadando na casa de Deus, onde há abundância de comida e de água (63:1-5; 65:4). A imagem do rio do Senhor que sacia toda sede pode ser encontrada com frequência nas Escrituras: 46:4; Isaías 8:5-8; Jeremias 2:13-19; Ezequiel 47; João 4:1-15 e 7:37-39; Apocalipse 22:1. O termo "delícias", no versículo 8, vem do mesmo radical hebraico que "Éden", em Gênesis 2 e 3, e significa "deleite, prazer". O homem pecou e foi expulso do jardim, mas, pela fé em Cristo, temos acesso à presença de Deus e podemos nos deleitar com suas bênçãos. O rio do versículo 8 nos faz lembrar os rios do Éden (Gn 2:8-14). A vida e a luz andam juntas (v. 9; 49:19; 56:13; Jo 1:4; 8:12), e ambas vêm do Senhor. Os perversos alimentam-se de lisonjas (v. 2), mas os justos se alimentam das ricas bênçãos do Senhor.

3. EXPECTATIVA: A CONVICÇÃO DO CORAÇÃO DAQUELE QUE CRÊ (SL 36:10-12)

Que grande privilégio ser filhos de Deus! Descansamos em segurança sob suas asas, banqueteamo-nos alegremente à sua mesa, bebemos abundantemente de seus rios e caminhamos com confiança em sua luz! Diante dessas bênçãos, Davi ora para que o Senhor continue abençoando seu povo (v. 10) e para que, um dia, julgue os perversos (vv. 11, 12). Deus continuará a nos abençoar se o amarmos, se o conhecermos melhor e caminhamos em obediência dentro de sua vontade.

Davi sabe que o inimigo é ardiloso, e, portanto, o rei não se permite confiar demais em si mesmo. Assim, ora ao Senhor pedindo que o proteja das mãos e dos pés de seus adversários. Não quer ser derrubado, pisoteado e forçado a deixar a própria terra. Pela fé, Davi olha para o futuro e vê os inimigos do Senhor completamente derrotados e, com essa convicção em seu coração, continua a servir ao Senhor.

SALMO 37

Davi escreveu sobre os perversos no Salmo 36 (ver vv. 1 e 11), tema que retoma no Salmo 39. O Salmo 37 foi escrito quando o rei já era um homem maduro (v. 25) e, nele, discute um problema de longa data: por que os justos sofrem, enquanto os perversos parecem prosperar. É possível que este salmo fizesse parte da preparação de Salomão por Davi para subir ao trono de Israel (1 Rs 2:3; ver Pv 23:17, 18; 24:19, 20). Os ateus e agnósticos sinceros não precisam tratar desse problema, pois sua filosofia relativista não lhes permite usar termos como bom, mau, justo e perverso. Porém, aqueles que crêem em Deus, por vezes, se perguntam por que ele permite que os perversos sejam bem-sucedidos, enquanto os justos sofrem. No original, o termo equivalente a “perverso” é usado 14 vezes neste salmo, sendo traduzido também por “malfeitores” e “ímpios”. O fundamento teológico para o salmo é a aliança de Deus com Israel, registrada em Levítico 26 e Deuteronômio 27 a 30. A terra pertencia a Deus e, se o povo lhe obedecesse, poderia viver na terra e desfrutar suas bênçãos. Porém, se Israel desobedecesse ao Senhor, primeiro ele os disciplinaria *na terra* (invasões, secas e escassez de alimentos) e, se persistissem em sua desobediência, ele os levaria para *fora da terra* (cativo) (ver Dt 11 e 33:28; Lv 26:3-10.) A impressão, porém, era a de que os ímpios estavam prosperando e Deus não tomava providência alguma (ver Jr 12). Os justos podiam indignar-se com esse problema (vv. 1, 7, 8), deixar a terra (v. 3) ou continuar sendo fiéis e crendo que o Senhor cumpriria sua Palavra (vv. 3, 5, 7, 34, 39). Como muitos cristãos maduros que já

passaram por um bocadinho de sofrimento, Davi escolheu ver a situação de maneira mais ampla e avaliou aquilo que era mais imediato e passageiro à luz do que era final e eterno. Incentivou Salomão e o povo a crer nas promessas de Deus e a esperar nele. Neste salmo, Davi apresenta quatro garantias que servem de encorajamento para o cristão que questiona o modo de Deus governar seu mundo (ver também Sl 49 e 73).

1. O SENHOR É CONFIÁVEL (Sl 37:1-11)

Davi apresenta uma instrução negativa expressa em três imperativos: “Não te indignes”, “não te irrites” e “não te impacientes” (vv. 1, 7, 8 respectivamente) e quatro instruções positivas: “Confia no SENHOR” (v. 3), “Agrada-te do SENHOR” (v. 4), “Entrega o teu caminho ao SENHOR” (vv. 5, 6) e “Descansa no SENHOR” (v. 7).

“*Não te indignes*” (vv. 1, 2). O termo traduzido por “indignar-se” significa “arder, acalorar”. A mensagem de Davi é: “Esfriem a cabeça, mantenham a calma!” Quando vemos o mal no mundo, devemos sentir uma ira santa contra o pecado (Ef 4:26), mas invejar os perversos causa apenas exasperação, e esta, por sua vez, desperta a ira (v. 8). De acordo com sua argumentação, os ímpios são temporários e, um dia, desaparecerão (ver vv. 9, 22, 28, 34, 38). São como a erva que murcha ou é cortada e queimada. No Oriente, a vegetação logo depois das estações da chuva é abundante, mas desaparece rapidamente quando o ar perde sua umidade (ver 90:5, 6; 102:11; 103:15, 16; Is 40:6-8; Tg 1:10, 11; 1 Pe 1:24).

“*Confia no SENHOR*” (v. 3). Um coração indignado não é um coração confiante, pois lhe falta alegria e paz (Rm 15:13). A fé e as obras andam juntas, de modo que também devemos fazer o bem enquanto esperamos no Senhor (34:14; Lc 6:35; Gl 6:10). Alguns do povo de Deus foram tentados a deixar sua terra (ver Rt 1; 1 Sm 26:19), o que era o mesmo que dizer que Deus não era fiel e nem digno de confiança. Porém, Davi instou-os a permanecer na terra e a confiar que Deus supriria suas necessidades (v. 27). Cada tribo, clã e família de Israel possuía sua respectiva

herança, que não devia mudar de mãos, e o Senhor prometeu cuidar da terra daqueles que fossem fiéis (vv. 9, 11, 22, 29, 34). A promessa no versículo 3 é traduzida de várias formas: “desfrutará segurança” (NVI), “alimenta-te da verdade” (ARA) ou “alimentarás em segurança” (VR). Se fomos fiéis a Deus, ele será fiel a nós. A confiança em Deus é o tema central deste salmo (vv. 4, 5, 7, 34, 39).

“Agrada-te do SENHOR” (v. 4). O termo traduzido por “agrada-te” vem de um radical que significa “ser criado em meio ao luxo, ser mimado”. Refere-se à abundância de bênçãos que temos no próprio Senhor, sem considerar aquilo que ele nos dá. Desfrutar as bênçãos e esquecer Aquele que as concede é idolatria. Em Jesus Cristo, temos todos os tesouros de Deus e não precisamos de qualquer outra coisa. Se, verdadeiramente, nos agradarmos do Senhor, o maior desejo de nosso coração será conhecê-lo melhor para que possamos ter ainda mais prazer nele – e o Senhor satisfará esse desejo! Não se trata de uma promessa para quem quer “coisas”, mas sim para os que desejam mais de Deus em sua vida.

“Entrega o teu caminho ao SENHOR” (vv. 5, 6). O verbo quer dizer “deixar seu fardo” (1 Pe 5:7). Deus não carrega nossos fardos para que nos tornemos irresponsáveis, mas sim para que possamos lhe servir melhor. Por vezes, a ausência de preocupação nos torna descuidados e mais susceptíveis ao fracasso. Uma das coisas que ele “fará” será a justificação de seus servos difamados pelos inimigos de Deus (v. 6; ver vv. 28, 32, 33).

“Descansa no SENHOR” (vv. 7-11). Esse verbo quer dizer “calar, aquietar”. Descreve uma entrega tranqüila de nosso ser ao Senhor (62:5). Hoje em dia, o silêncio criativo é um bem precioso, até mesmo nos cultos. As pessoas não suportam o silêncio. Um rádio ou aparelho de TV não fica desligado por muito tempo. Mas, a menos que aprendamos a esperar silenciosamente no Senhor, jamais experimentaremos sua paz. Deixar que as tramas perversas dos ímpios nos revoltem é duvidar da bondade e justiça de Deus. “Mansidão” não é o mesmo que “fraqueza”. Antes, se refere à força sob o controle

da fé (vv. 7, 12, 32). Moisés era manso (Nm 12:3), mas também era um homem de grande poder. Jesus citou o versículo 11 (Mt 5:5). “Herdar a terra” (vv. 9, 11, 22, 29) é uma referência à segurança das gerações futuras na Terra Prometida, de acordo com a aliança de Deus (Gn 12:1-3; 13:14-18; 15:7-17), pois o Senhor tinha uma grande obra a ser realizada por seu remanescente fiel, a qual culminou com a vinda do Messias. A seu tempo, os ímpios serão eliminados (vv. 9, 22, 28, 34, 38), o que, em Israel, normalmente significava a exclusão da comunidade da aliança (Êx 12:15; 30:33, 38; 31:14; Lv 7:20, 21), mas também podia significar execução (Gn 9:11; Lv 20:17; Nm 15:30, 31).

2. O SENHOR COMPREENDE NOSSA SITUAÇÃO (Sl 37:12-20)

Uma vez que Deus é confiável, não devemos nos indignar e, já que Deus compreende nossa situação, não devemos temer. Os perversos tramam contra os pobres e necessitados (v. 12; ver vv. 7, 32) e agem como animais selvagens prestes a devorá-los (o verbo “abater”, no v. 14, refere-se a matar um animal para consumi-lo, como faz um açougueiro), mas o Senhor se ri dos perversos (ver 2:4), pois sabe que seu julgamento está a caminho. Também sabe que as armas dos ímpios se voltarão contra eles (v. 15; 7:15ss; 9:15ss). Deus sustenta os justos (vv. 16, 17) e supre todas as suas necessidades (Pv 15:16; 16:8). Assim como Jesus providenciou alimento em quantidade com uns poucos pães e peixes, o Senhor também pode fazer “um pouco render muito”. No versículo 18, o verbo “conhecer” vai além da compreensão intelectual – “Deus sabe o que está acontecendo” – e indica que Deus está envolvido conosco e cuida de nós diariamente (ver 1:6; 31:7, 15). “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6:11).

O versículo 18 deixa subentendido algo além das necessidades desta vida. A ênfase no Salmo 34 é sobre a vida de Israel como nação na terra, sendo que o israelita da Antiguidade via essa “imortalidade” nos seus descendentes. Porém, de quando em vez, os Salmos deixam entrever algum aspecto da

eternidade. (Ver 16:11; 17:15 e o uso de “para sempre” e “perpétuo” em 37:18 e 27-29.) Os perversos desaparecerão como a fumaça que se dissipa no altar (102:3; Os 13:3; a NVI usa a expressão “como a beleza dos campos”, uma imagem que aparece no v. 20). Se o castigo dos perversos vai muito além do sofrimento e da morte nesta vida, acaso o mesmo não se aplica às bênçãos concedidas aos justos?

3. O SENHOR ABENÇO A SEU POVO (Sl 37:21-31)

Em primeiro lugar, ele os abençoa com *provisão*, suprimindo suas necessidades diárias (vv. 21, 22). Os perversos podem ser bem-sucedidos por algum tempo, mas acabam tendo de fazer empréstimos para conseguir sobreviver. Os justos, por sua vez, têm tudo de que precisam e podem emprestar a outros (Dt 15:6; 28:12, 44). Não se trata de uma promessa para todos os cristãos, a todo tempo e em todos os lugares, pois muitos cristãos morreram em meio à pobreza e à fome. Assim como as declarações no Livro de Provérbios, essa é uma generalização que vale para tantos casos que podemos aplicá-la à vida de modo geral. Deus não apenas supre as necessidades, como também dá *proteção* (vv. 23, 24). “Firmar” significa “amparar, estabelecer” (119:133), e, quando os cristãos tropeçam, Deus os ergue e ajuda a recomeçar a caminhada. Ele pode nos guardar de tropeçar (Jd 24) e nos restaurar quando tropeçamos. Isso porque o Pai se deleita com seus filhos e deseja vê-los aprender a andar.

Com as bênçãos de provisão e de proteção, o Senhor abençoa seu povo com sua presença (vv. 25, 26). Como um homem maduro e temente a Deus, Davi testemunhou da fidelidade do Senhor a ele e a seus descendentes. Deus não apenas supriu todas as necessidades, mas também deu o suficiente para que Davi pudesse dividir com outros (Lc 6:38). Quando oramos pedindo o pão de cada dia (Mt 6:11), o Senhor responde. Deus também abençoa seu povo capacitando-o a viver em *obediência* (vv. 27-29), o que significa retidão em seu caráter e justiça

em sua conduta. A bênção de Deus sobre os justos tem continuidade na vida de seus descendentes, mas os descendentes dos ímpios são destruídos. Infelizmente, os pecados dos pais que não temem ao Senhor exercem influência negativa sobre os filhos, levando-os a desobedecer a Deus e tornando necessário que o Senhor também os discipline. Por fim, Deus abençoa os justos com a *sua Palavra* (vv. 30, 31). A Palavra de Deus no coração é o segredo de uma vida de santidade (1:1-3; 40:8; 119:9-16; Dt 6:6).

4. O SENHOR JULGA OS PERVERSOS (Sl 37:32-40)

Três imagens são usadas para ilustrar o julgamento sobre aqueles que o rejeitam e que se rebelam contra sua lei: o julgamento num tribunal (vv. 32-34), a árvore (vv. 35, 36) e o livramento (vv. 37-40). Os perversos observavam os justos e procuravam encontrar algum motivo para acusá-los. Apesar da integridade de Davi e da grande sabedoria de Salomão, o sistema judiciário de Israel deixava muito a desejar em termos de eficiência, e era fácil os ricos oprimirem os pobres e tirarem deles o pouco que possuíam (Am 2:4-8; 4:1-3). Porém, o Senhor é o Juiz supremo e sabe como livrar os justos das testemunhas mentirosas e dos juizes que receberam subornos.

O justo é descrito como uma árvore com muitos frutos (1:3), e o perverso, como um arbusto ou árvore exuberante (“prepotente a expandir-se”), plantada em solo nativo em que as raízes podem aprofundar-se (vv. 35, 36). Não apenas a árvore morre e cai, como também não deixa vestígio algum de ter existido! Deus fará o mesmo com os perversos, que parecem bem-sucedidos e duradouros, mas que estão destinados ao julgamento. O Senhor não apenas julga os ímpios, como também livra os justos de suas garras (vv. 37-40). A questão mais importante não é o que as pessoas ostentam ou possuem, mas sim o fim que têm (ver Pv 5:4; 14:12, 13; 16:25; 24:20). “O homem de paz terá posteridade [...] a descendência dos ímpios será exterminada” (vv. 37, 38). Alguns acreditam que se trata de uma referência às gerações

posteriores, o que certamente pode estar incluído nessa declaração, mas, sem dúvida, ela descreve o destino final dos justos e dos ímpios. O Senhor não apenas livra os justos do julgamento eterno, como também os livra dos ataques e acusações dos perversos aqui neste mundo. Ele o faz “porque nele buscam refúgio” (v. 40). A indignação e o medo não resistem à fé no Deus vivo.

SALMO 38

Trata-se do terceiro salmo penitencial e, como é de se esperar, apresenta pontos em comum com os outros dois que o antecedem (6, 32). Compare 6:1 com 38:1; 32:3 com 38:3, 8, 13, 14; e 32:5 com 38:18. A descrição da condição física de Davi neste salmo é semelhante àquela do Salmo 32, de modo que é possível que ambos (e também o 51) sejam resultantes da mesma situação difícil. Os pecados de Davi (vv. 3, 4, 18) haviam trazido a disciplina de Deus sobre a vida dele, e Davi encontrava-se enfermo. Nem toda aflição é resultante de desobediência (Jo 9:1-3), mas alguns problemas físicos podem ser consequência de pecados (Jo 5:14). Davi não questiona a justiça de seu sofrimento, pois reconhece seus pecados (v. 18); ainda assim, se pergunta por que seu sofrimento é tão intenso. Como o profeta Habacuque, Davi desejava que Deus se lembrasse de ser misericordioso (Hc 3:2). O sobrescrito “Em memória” (“Uma petição”; nvi) também aparece no Salmo 70. Quando Deus “se lembra” de alguém, significa que começa a agir em favor dessa pessoa e supre uma determinada necessidade (Gn 8:1; 19:29; 30:22; 1 Sm 1:19). Davi queria que Deus se lembrasse dele e lhe concedesse o perdão e a cura. Quando o povo de Deus sofre as consequências de seus pecados e sente a mão disciplinadora do Senhor, deve escolher entre três atitudes.

1. PODEMOS NOS CONCENTRAR EM NÓS MESMOS E EXPERIMENTAR A AFLIÇÃO DO PECADO (Sl 38:1-8)

O sofrimento causa dor profunda, e Davi não se envergonha de escrever sobre isso usando diversas imagens vívidas para transmitir

ao Senhor e a nós a severidade de sua aflição. Como um Pai amoroso, o Senhor primeiro repreendeu Davi e, depois, o disciplinou, sendo que ambas as coisas são prova de seu amor (Pv 3:11, 12; Hb 12:1-11). Se não dermos ouvidos às palavras do coração de Deus, teremos de sentir o peso de sua mão (32:4; 39:10, 11). Alexander Maclaren comparou o “furor” com “lava quente e borbulhante”, prestes a entrar em erupção. Deus também estava lançando suas “flechas” contra Davi, enviando com grande intensidade uma série de aflições (ver Jó 6:4; 7:20; 16:12). Davi estava se afogando em um mar de sofrimento (v. 4; ver 42:7; 69:2, 14; 88:16; 124:4; 130:1, 2), e a experiência toda era um fardo pesado demais para ele carregar.

Davi descreve em detalhes sua enfermidade repugnante (“não há parte sã na minha carne”; v. 7). Não era uma doença isolada, mas sim um conjunto de problemas físicos que produziam dor ardente, febre e inflamações. Tinha feridas purulentas (v. 5) que cheiravam mal e apresentavam uma aparência asquerosa; seu coração não estava funcionando normalmente, e sua visão estava se turvando (v. 10). Não havia saúde alguma em seu corpo (vv. 3, 7); uma hora queimava de febre e, no momento seguinte, estava entorpecido de frio (vv. 7, 8). Seu corpo enfraquecido contorcia-se de dor, e ele andava de um lado para o outro como um homem num funeral (vv. 6, 8). Por vezes, sua dor era tão intensa que ele gemia feito um animal selvagem (v. 8). Tudo isso aconteceu em decorrência de sua insensatez e de seu pecado contra o Senhor (v. 5; 107:17). Temos liberdade de desobedecer ao Senhor, *mas não temos liberdade de mudar as consequências dessa desobediência.*

2. PODEMOS NOS CONCENTRAR NOS OUTROS E EXPERIMENTAR A SOLIDÃO DO PECADO (Sl 38:9-14)

Davi começou o salmo com a designação “SENHOR – Jeová” e agora se dirige novamente a Deus, usando dessa vez o nome “Senhor – Adonai – Mestre”. Volta a usar essas duas designações nos versículos 15 e 21, 22. Por um breve momento, Davi tira os olhos das

próprias aflições e olha para o Senhor, sabendo que Deus está vendo seu coração e conhece todos os seus anseios. Deus sabe o que desejamos, mas também sabe de que precisamos. Então, por que orar? Porque Deus nos ordenou que o fizéssemos e porque “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4:2). Além disso, quando oramos, Deus trabalha em nosso coração e nos dá uma compreensão mais clara de nós mesmos e de sua vontade para nós. A oração não é um conceito teológico a ser analisado e explicado, mas sim um privilégio ao qual devemos dar o devido valor e uma bênção da qual devemos nos apropriar.

Na seqüência, Davi concentra-se nas pessoas a seu redor e se sente abandonado e solitário. Aqueles que deveriam tê-lo encorajado e consolado – seus entes queridos e amigos – mantinham-se afastados, junto aos inimigos que desejavam sua morte. Davi esperava que seus inimigos conspirassem contra ele (v. 12), que se alegrassem com sua queda (v. 16), que o odiassem e difamassem, pagando com o mal todo o bem que ele lhes havia feito (vv. 19, 20), mas não imaginava que seus amigos e parentes se voltariam contra ele (ver 31:11, 12; 41:9; 69:8; 88:8, 18; Jó 19:13-19). O termo “praga”, no versículo 11, refere-se a “um golpe”, “uma pancada” e também é a palavra usada para descrever a lepra. A família de Davi e seus amigos mais próximos o estavam tratando como se ele fosse um leproso e se mantendo afastados dele. Não queriam ser contaminados! Porém, antes de criticar essas pessoas que conviviam com o rei, devemos refletir se obedecemos a Gálatas 6:1, 2 e 2 Coríntios 2:5-11.

Enquanto se angustiava com seus pecados e com a indiferença de seus entes queridos, Davi se deu conta de que seus inimigos planejavam tirá-lo do caminho (v. 12). Ele os ouviu falando sobre ruína e destruição, mas não respondeu a suas ameaças nem a suas falsas acusações. Sabia que havia pecado, então por que apresentar uma defesa mediocre? Porém, também sabia que seus acusadores estavam pecando e não tinham qualquer motivo verdadeiro para depô-lo. Mas e se ele se defendesse com sucesso e

depois caísse novamente (v. 16)? Então, seus inimigos teriam ainda mais argumentos para usar contra ele. Portanto, o mais sábio a fazer era se calar, e foi o que ele fez, além de colocar essa situação nas mãos do Senhor. Desse modo, seguiu as instruções que havia dado no Salmo 37.

3. PODEMOS NOS CONCENTRAR NO SENHOR E EXPERIMENTAR O PERDÃO DOS PECADOS (Sl 38:15-22)

Davi se dirige ao Senhor pela terceira vez, mas aqui vai direto ao assunto e trata de seus pecados. Depositou sua esperança no Senhor, sabendo que Deus ouviria suas orações. Não orava apenas pelo próprio livramento e conforto. Seu desejo era que Deus operasse de tal modo que o inimigo não o usasse como pretexto para pecar (vv. 16, 19, 20; 25:2; 35:19). Quando difamavam o nome de Davi, faziam o mesmo com o nome do Senhor (ver 2 Sm 12:14), e Davi queria honrar o Senhor. Sentia que estava prestes a morrer (v. 17) e confessou seus pecados a Deus com atitude de verdadeiro arrependimento e fé.

O que Davi quer dizer quando usa o termo “vigorosos” (v. 19) para descrever seus inimigos? Trata-se de um contraste entre sua própria condição e a condição deles: Davi estava fraco, enquanto eles eram fortes; estava para morrer, enquanto eles estavam cheios de vida; estava enfermo, enquanto eles eram “vigorosos”. Convicto de que o Senhor o havia perdoado, encerrou sua oração com três pedidos. *Não me desampares* (v. 21), uma súplica respondida em Deuteronômio 4:31 e 31:6, 8 e Hebreus 13:5. *Não te ausentes de mim* (v. 21), cuja resposta encontra-se em 16:8; 34:18 e Tiago 4:8. *Apressa-te em socorrer-me* (v. 22), que nos remete a 28:7, Isaías 41:10 e Romanos 8:33-39. Esses três pedidos abrangem quase tudo!

SALMO 39

Nos Salmos 38 e 39, Davi relata que procurou permanecer calado num tempo de tribulação, a fim de não dizer algo que ofendesse aos justos nem dar munição aos ímpios (38:13, 14; 39:1-3, 9; ver 73:15) (para outros paralelos, ver 38:15, 16 / 39:7, 8;

38:1-3, 11/ 39:10, 11.) Neste salmo, Davi não parece estar gravemente enfermo, mas sofreu um “golpe” do Senhor por causa de seus pecados (vv. 9-11). Também volta à baila o problema da prosperidade dos ímpios (v. 1). Ao que parece, os perversos (“o insensato”; v. 8) blasfemavam contra Deus e caluniavam Davi em meio a sua aflição, e o rei estava extremamente preocupado em não envergonhar o nome do Senhor. O salmo tem um tom de canto fúnebre, e é de se admirar que Davi tenha entregado esse hino ao mestre de canto para ser usado no culto público. Jedutum era um dos três músicos que Davi encarregou do culto no santuário; os outros dois eram Hemã e Asafe (ver 1 Cr 16:37-43; 2 Cr 5:12; 35:15). Jedutum é mencionado no sobrescrito dos Salmos 62 e 77. O salmo registra quatro estágios progressivos do processo pelo qual Davi passou, a fim de superar essa experiência difícil.

1. SILÊNCIO – UM CORAÇÃO ARDENTE (Sl 39:1-3)

Ao ver a prosperidade dos perversos e ouvir suas palavras blasfemas, Davi irou-se de tal modo que quis revidar e dizer algo para defender Deus, mas achou melhor permanecer calado. Porém, reprimir as palavras fez seu coração arder com dor intensa (ver 32:3 e Jr 20:9) até que, por fim, precisou falar. O coração dos dois discípulos de Emaús ardeu com o modo de o Senhor lhes explicar a Palavra, e o espírito de Ezequiel angustiou-se por causa do chamado desafiador que recebeu de Deus. Davi nem sequer disse coisas boas; apenas se calou enquanto pôde. Há “tempo de estar calado e tempo de falar” (Ec 3:7), e aquele que é sábio distingue um do outro. Davi não argumentou com Deus (v. 9) nem com aqueles que o repreenderam; antes, orou ao Senhor.

2. DESALENTO – UM CORAÇÃO PESADO (Sl 39:4-6)

Quando reprimimos nossos sentimentos e começamos a sofrer a dor física e emocional decorrente dessa repressão, é hora de conversar com o Senhor e buscar sua ajuda. Davi sabia que a vida era curta e que os

dias passariam rapidamente; também sabia que era frágil e que, um dia, morreria. Começou a medir seus dias (“contar”; 90:12; 119:84). Viu que não passavam de alguns palmos de extensão e que, aos olhos de Deus, sua idade era insignificante (ver 90:1-11). A declaração “Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é pura vaidade” (v. 5) parece as palavras de Salomão, filho de Davi, no Livro de Eclesiastes. O termo hebraico traduzido por “vaidade” quer dizer “sopro, vazio” (ver 62:9; 144:4; Jó 14:2; Ec 6:12). Um dos meus professores de hebraico descrevia “vaidade” como “o que resta depois que estouramos uma bolha de sabão”. No versículo 6, Davi compara a vida com um “espetáculo vazio”, cheio de sombras de pessoas correndo de um lado para outro tentando enriquecer. Qual é o motivo de tanta atividade? Para que enriquecer? Anos depois, Salomão faz as mesmas perguntas (Ec 2:18, 19), e Jesus enfatiza esse fato em Lucas 12:16-21. Se medirmos a extensão da nossa vida, talvez sejamos tomados de desalento, mas se olharmos a nosso redor e medirmos a profundidade de nossa vida, ficaremos assustados. A vida é curta, passa num piscar de olhos e, para a maioria das pessoas, é vazia. Em termos mais atuais, podemos dizer que as pessoas vivem em função da imagem e não da realidade.

3. CONVICÇÃO – UM CORAÇÃO CONFIANTE (Sl 39:7)

Trata-se do versículo central do salmo e do ponto crítico da experiência de Davi. “Se a vida é curta e passa tão rapidamente, o que estou esperando?”, perguntou o rei. “Se o mundo é apenas uma sombra, devo me entregar ao Senhor, o fundamento de tudo o que é real e duradouro.” Hoje em dia, diríamos: “O corpo [a realidade] é de Cristo” (Cl 2:17). A maior preocupação não é *quanto tempo* vivemos, mas *sim como* vivemos. A vida não é medida pela riqueza de bens materiais, mas pelos valores duradouros que temos. Estamos vivendo de acordo com os valores da eternidade? “Aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17). Ao se voltar para o

Senhor pela fé, Davi passou do desespero para a esperança, da imobilidade para a ação. Os versículos seguintes descrevem o que ele fez para realizar essa mudança.

4. ARREPENDIMENTO – UM CORAÇÃO QUEBRANTADO (Sl 39:8-13)

Começamos com Davi, o pecador, e ouvimos sua oração pedindo perdão (vv. 8, 9). Como todo pecador verdadeiramente convicto de sua transgressão, ele havia sido calado (Rm 3:19) e reconheceu sua culpa diante de Deus (ver 1 Sm 3:18; Lm 1:21). Não sabemos, nem precisamos saber, quais foram os pecados específicos que causaram esse golpe da mão do Senhor. Mas sabemos que Deus ouve o clamor daqueles que têm um coração quebrantado (51:17) e nos perdoa quando confessamos nossos pecados (1 Jo 1:9). Davi estava particularmente preocupado em não dar motivo para “o insensato” ridicularizar sua fé (14:1; 69:7; 74:22; 79:4).

Em seguida, Davi, o sofredor, roga ao Senhor que remova de sobre ele o flagelo e o golpe de sua mão (vv. 10, 11; ver 32:4; 38:2). C. S. Lewis estava certo quando escreveu em sua obra *The Problem of Pain* [*O problema da Dor*]: “Deus sussurra a nós por meio de nossos prazeres, fala por meio de nossa consciência, mas grita por meio de nossas dores: são o seu megafone para despertar um mundo ensurdecido”.²⁴ O corpo humano envelhece, definha e morre; as riquezas materiais que juntamos vão, aos poucos, perdendo o valor, como a traça que destrói silenciosamente uma roupa. As palavras de Jim Elliot, citadas com tanta frequência, cabem muito bem aqui: “Não é insensato aquele que dá o que não pode guardar, a fim de ganhar o que não pode perder”.²⁵ Vaidade das vaidades, tudo é vaidade – a menos que depositemos nossa fé e esperança em Deus.

Por fim, Davi, o peregrino, pede a orientação de Deus ao realizar sua jornada pela vida, com suas alegrias e tristezas. O mundo é um “espetáculo vazio” (v. 6) – aquilo que John Bunyan chamou de “Feira das Vaidades” – e os que fazem parte do povo de Deus são estrangeiros e forasteiros neste mundo (119:19; Gn 23:4; Lv 25:23; 1 Cr

29:15; Hb 11:13; 1 Pe 1:1; 2:11). Não somos forasteiros para Deus, pois ele nos conhece e vice-versa; antes, somos seus hóspedes bem-vindos (90:1; 23:6). Ele ouve nossas orações e clamores e vê nossas lágrimas. Jesus disse a seus discípulos: “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16:33). Sua oração final é para que Deus desvie dele seu rosto irado e lhe dê forças para voltar à vida com todos os seus deveres e fardos, permitindo que, um dia, ele passe à eternidade. A expressão “deixar de existir” não indica uma desmaterialização ou ausência de vida após a morte, mas sim que Davi deixaria para trás sua peregrinação aqui neste mundo e “[habitaria] na Casa do SENHOR para todo o sempre” (23:6).

SALMO 40

Hebreus 10:5-9 cita 40:6-8 e aplica essa passagem a Jesus Cristo, fazendo desse um salmo messiânico. Há quem veja o nascimento de Cristo no versículo 7, sua vida sem pecado algum no versículo 8 e sua morte sacrificial no versículo 6. Porém, esse cântico é, antes de tudo, sobre Davi, suas necessidades e como Deus as supriu. Não se sabe, ao certo, qual é seu contexto histórico, mas é possível que Davi o tenha escrito durante os anos difíceis de exílio ou, talvez, nos primeiros anos de seu reinado. Não é comum um salmo apresentar uma oração pedindo misericórdia logo depois de uma expressão de louvor e consagração. Mas se os versículos 1 a 5 descrevem seu livramento do perigo nos anos de exílio e os versículos 6 a 10 falam de sua consagração como o novo rei, então os versículos 11 a 17 podem ser um registro de sua oração pedindo perdão pessoal (v. 12; ver 38:3-5 e 39:8, 9) e vitória sobre os inimigos depois de sua coroação. Tudo indica que o versículo 16 é uma oração de Davi como rei pedindo as bênçãos de Deus sobre a nação. Encontramos os versículos 13 a 17 repetidos de forma modificada no Salmo 70. Quaisquer que tenham sido as experiências que o levaram a escrever este salmo, Davi aprendeu algumas lições preciosas e nos apresenta algumas instruções importantes para tempos de dificuldade.

1. LOUVAR AO SENHOR POR TUDO O QUE ELE FEZ (Sl 40:1-5)

Não importam quais são nossos problemas ou tribulações, é sempre bom olhar para trás e lembrar a bondade de Deus. Davi se recorda de quanto esperou para o Senhor livrá-lo de seus inimigos e de Saul, até que, no devido tempo, Deus inclinou o seu ouvido (31:2), escutou seu clamor e o tirou da cova. Davi aprendeu pelo menos uma coisa nos anos de exílio: que o sucesso final depende da fé no Senhor e da paciência, enquanto ele opera de modo providencial (5:3; 33:20; 37:34; 38:15; Hb 6:12). Não devemos entender a descrição do “poço de perdição” (lama, lodo, barro) de modo literal, mas sim de maneira figurativa, como um retrato daqueles anos difíceis que Davi teve de suportar. “Poço” ou “cova” também é um termo usado para o *Sheol*, o reino dos mortos; sem dúvida, a vida de Davi fora ameaçada. Certo pastor de uma cidadezinha do interior, um tanto original em suas colocações, usou os versículos 2 e 3 como texto-base de um sermão de três “pontos” do seguinte modo: Deus plantou e colheu Davi, deixou-o um tempo de molho e depois ajustou o tempo-ro! Davi recomeçou com um novo cântico de louvor em seus lábios (18:49; 22:22; 33:3). Recebeu a ajuda do Senhor, pois creu nele, não deu confiança aos arrogantes que se opunham a Deus e se manteve fiel ao Deus de Israel. O termo “mentira”, no versículo 4, é uma referência aos ídolos. Ao contrário de Davi, o rei Saul era um homem arrogante, que confiava em si mesmo e se colocava antes de Deus. Ao fazer uma retrospectiva daqueles anos como um homem exilado e caçado, Davi pôde ver a grandeza das obras de Deus (“maravilhas”) e a sabedoria dos planos divinos (v. 5). Essa é a versão davidica de Romanos 8:28.

2. ENTREGAR A DEUS TUDO O QUE ELE PEDIR (Sl 40:6-10)

Depois de ir do poço à rocha, Davi passa agora ao santuário de Deus. Ao considerar tudo o que o Senhor havia feito por ele, de que maneira o rei poderia expressar sua gratidão pelas misericórdias de Deus? Poderia

levar sacrifícios para o altar, mas esse não era o maior desejo de Deus. Isso não significa que tais sacrifícios eram errados, nem que Deus não queria que seu povo os oferecesse, mas sim que Deus desejava, antes de tudo, o coração de seu povo. Ao longo de todo o Antigo Testamento, o Senhor deixa claro que não poderia aceitar os sacrifícios a menos que o adorador demonstrasse devoção, consagração e obediência sinceras. Sem dúvida, Davi ficou sabendo como Saul aprendeu essa lição – tarde demais (1 Sm 15:22; ver 50:8-15; 51:16, 17; Pv 21:3; Is 1:11-17; Jr 7:22, 23; Os 6:6; Mq 6:6-8; Mc 12:32, 33).

No versículo 6, o termo *sacrifícios* refere-se a qualquer animal cujo sangue era oferecido no altar, seguido de uma refeição comunitária. As *oferas* eram porções de manjares (cereais) que podiam acompanhar os sacrifícios, e os *holocaustos* simbolizavam a consagração total ao Senhor. As *oferas pelos pecados* eram apresentadas em função de transgressões específicas e promoviam a reconciliação entre Deus e o transgressor. Todas essas *oferas* e *sacrifícios* cumpriram-se em Jesus Cristo, cujo sacrifício na cruz satisfaz a justiça de Deus de uma vez por todas e para todo sempre (Lv 1 – 7; Hb 10:1-17). Os ouvidos abertos (“abriste os meus ouvidos”) dizem respeito a sua disposição para ouvir a vontade de Deus e lhe obedecer (1 Sm 9:15; 20:2; Is 48:8; 50:4, 5; Mt 3:9, 43; At 7:51, 57). Não se trata de uma referência ao servo em Êxodo 21:1-6. Essa passagem é parafraseada em Hebreus 10:5-10 como: “um corpo me formaste”, ou seja, o corpo no qual o Messias serviu ao Pai aqui na Terra. Ter um ouvido aberto significa entregar todo o corpo e todos os desejos ao Senhor. Quando o coração se deleita com a lei do Senhor, não é difícil ter vontade de obedecer (119:11; Dt 6:6; 11:18; Pv 3:3; 7:3; Jr 31:33). A disposição de se entregar aparece na expressão “eis aqui estou” (v. 7; ver 1 Sm 3:4, 6, 8; Is 6:8). O “rolo do livro” pode ser uma referência a Deuteronômio 17:14-20; ver também 2 Reis 11:12 e 22:13. O Antigo Testamento prediz a vinda do Messias (Lc 24:27).

Pode-se observar o entusiasmo de Davi para contar aos outros o que o Senhor fez por ele - um excelente exemplo para nós (22:25; 26:12; 35:18; 111:1; 149:1). O rei dá glórias ao Senhor no meio dos adoradores no santuário. Isso lembra os louvores pela ressurreição de Cristo (22:31; Hb 2:12).

3. CONFIAR EM DEUS QUANTO A TODO O RESTO (Sl 40:11-17)

Quando o culto terminou, Davi voltou a suas responsabilidades como rei e descobriu que havia novas batalhas a lutar e novos problemas a resolver, de modo que buscou, mais uma vez, a ajuda do Senhor. A adoração não é uma fuga da vida, mas sim uma oportunidade de honrar ao Senhor, de ser preparado para enfrentar a vida e de viver para a glória de Deus. Davi tinha seus problemas pessoais para resolver (vv. 11-13), pois sua consciência era sensível, e ele sabia que era pecador. Também tinha inimigos que queriam destroná-lo (vv. 14, 15), de modo que orou pedindo vitória (ver 25:4, 21-27). Acima de tudo, porém, Davi desejava que o Senhor fosse engrandecido e que seu povo fosse abençoado ao servi-lo (vv. 16, 17). Não sabia o que o futuro lhe reservava (v. 12; 31:9; 38:10), mas Deus conhecia o futuro e estava no controle de todas as coisas. Como fazia com frequência (7:1, 5; 22:19; 38:22; 71:12), Davi orou pedindo um livramento rápido. A declaração "Eu sou [...]; tu és" (v. 17) diz tudo. O grande EU SOU é suficiente para todas as necessidades.

SALMO 41

Enfermidade (vv. 8, 10) e pecado (v. 4) unem-se novamente para afligir Davi e colocá-lo em perigo, enquanto seus inimigos conspiram contra ele e esperam por sua morte. Considerando esses elementos, podemos datar o salmo do tempo da revolta de Absalão. A enfermidade de Davi impediu-o de governar a nação como desejava (2 Sm 15:1-6), e Absalão aproveitou-se disso para se promover como rei. A questão do contexto histórico resolve-se, caso consideremos que o "amigo íntimo" do versículo 9 é Aitofel, conselheiro de Davi (2 Sm 16:15ss). Jesus

cita o versículo 9 no cenáculo ao se referir a Judas (Jo 13:38), de modo que esse salmo apresenta características messiânicas. Quando nos encontramos em dificuldades, podemos usar esse salmo para avaliar nossa situação espiritual refletindo sobre quatro questões.

1. INTEGRIDADE: O MODO COMO TRATAMOS OS OUTROS (Sl 41:1-4)

Antes de nos apropriarmos das promessas de Deus, devemos examinar nosso coração e ver se, de fato, preenchemos os requisitos estipulados pelo Senhor. Sem dúvida, Davi baseou sua oração nas cláusulas da aliança (Lv 26:1-13; Dt 7:13-16; 28:1-14). Ele sabia que não tinha direito algum de reivindicar a misericórdia do Senhor, já que ele próprio não havia usado de misericórdia para com os outros. Porém, Davi obedecera inteiramente às leis do Senhor e havia se mostrado misericordioso com o rei Saul e também com o neto de Saul, Mefibosete, e com os necessitados da terra (ver Mt 5:7 e Lc 6:37, 38). O termo "necessitado" refere-se aos desamparados, os que passavam por dificuldades e dependiam da ajuda de outros. "Acudir" essas pessoas significava preocupar-se com suas necessidades e contribuir para supri-las. Também significava não julgar nem imputar qualquer culpa, como os amigos de Jó fizeram com ele, e os discípulos, com o homem cego (Jo 9:1-4). Temos motivos suficientes para crer que Davi procurou cuidar dos pobres e necessitados de seu reino e, portanto, orava com integridade. No versículo 1, refere-se a si mesmo na terceira pessoa, um verdadeiro sinal de humildade diante do Senhor.

Nos versículos 2 e 3, apresenta uma lista das bênçãos que Deus lhe concederia, pois confessou seus pecados e pediu que o Senhor tivesse misericórdia dele (v. 4). Deus o protegeria de seus inimigos e prolongaria sua vida na terra. Esse fato, por si mesmo, daria testemunho aos inimigos de Davi de que ele era um homem que tinha o favor de Deus. O Senhor também o sararia de sua doença e o levantaria de seu leito de enfermidade. A expressão "tu lhe afofas a cama"

(v. 3) significa, simplesmente, “tu o curas e ergues”. Seria um ato decorrente da graça e da misericórdia de Deus, que Davi não merecia, mas que Jeová lhe concederia com amor. “Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido” (66:18). Portanto, é importante confessarmos nossos pecados ao Senhor. *Como podemos ter o coração em ordem para pedir a misericórdia de Deus se não usamos de misericórdia para com os outros?*

2. TRAIÇÃO: O MODO COMO OS OUTROS NOS TRATAM (SL 41:5-9)

Como se não bastasse Davi estar enfermo e de cama, ainda precisou lidar com a traição no meio de sua própria família e de seu círculo de amigos, inclusive homens como Aitofel, seu conselheiro oficial, que tomou o partido de Absalão. Aitofel era avô de Bate-Seba (2 Sm 11:3 e 23:34) e odiava Davi por aquilo que havia feito a ela e ao marido, Urias. Esses amigos dissimulados visitavam o rei e mentiam para ele (“esperamos que se recupere logo”), mas, na verdade, queriam que Davi morresse e até conspiravam contra ele. Porém, se Absalão se tornasse rei, seria o fim da dinastia davídica, pois ele não tinha nenhum filho (2 Sm 18:18). Deus prometeu a Davi que seus descendentes se assentariam no trono de Israel para sempre (2 Sm 7:11-16), uma promessa que se cumpriu finalmente em Jesus Cristo (Lc 1:31-33). Davi tinha um talento especial para ver o interior das pessoas (2 Sm 14:17-20) e sabia o que estava acontecendo.

Jesus usa o versículo 9 ao se referir a Judas, o traidor (Jo 13:18, 19; ver também 55:12-14; 69:25; 109:8; Mt 26:63; Mc 14:18; Lc 22:21; At 1:16-20). Observe que Jesus não diz “em quem eu confiava”, como aparece no versículo 9, pois ele sabia que Judas não era salvo pela fé (Jo 6:70, 71). Este salmo começa com uma declaração sobre os necessitados, com os quais, aliás, Judas tentou se identificar (Jo 12:4-6; 13:26-30). Os inimigos de Davi desejavam que o nome do rei percesse, mas foi Judas quem destruiu um bom nome, “Judá”, que quer dizer “louvor”. Podemos dar o nome de Davi a

um filho, mas jamais o chamaríamos de Judas (ver 2 Sm 16:15 - 17:23 para a participação de Aitofel na revolta de Absalão). A expressão “levantou contra mim o calcanhar” descreve um ataque traiçoeiro; ver, porém, Josué 10:4 e Romanos 16:20.

3. MISERICÓRDIA: O MODO COMO DEUS NOS TRATA (SL 41:10-12)

Em sua misericórdia, Deus não nos dá o que merecemos e, em sua graça, ele nos dá o que não merecemos e o faz por Jesus Cristo, seu Filho, que morreu por nós na cruz. Davi ora pedindo misericórdia, pois sabe que pecou (v. 4). Também afirma sua integridade (v. 12), pois andou diante do Senhor com humildade e submissão (7:8; 18:19-25; 25:21; 78:72). Ao ser confrontado com seus pecados, confessou-os e buscou a face do Senhor (2 Sm 12:13ss). Davi ansiava por misericórdia para si mesmo, mas não para seus inimigos, com exceção de seu filho Absalão (2 Sm 18:5). Isso porque seus inimigos (especialmente Absalão) haviam traído o rei escolhido e ungido por Deus. Não se tratava de uma vingança pessoal da parte de Davi, mas sim de uma preocupação com o futuro de Israel como nação e da dinastia davídica. Como governante da terra, Davi empunhava a espada da justiça (Rm 13:1-4), e, hoje em dia, em algumas nações, a pena por traição é a morte.

Acima de tudo, Davi desejava agradar a Deus (v. 11; 18:19; 22:8; 35:27; 2 Sm 15:26). Estava certo de que Deus o sararia, restauraria ao trono e trataria daqueles que haviam se voltado contra ele. Também tinha certeza de que, um dia, estaria na presença do Senhor e lhe serviria em seus âtrios sagrados no céu para sempre (v. 12; 16:11; 17:15; 21:6; 101:7; 2 Sm 7:16).

4. GLÓRIA: O MODO COMO TRATAMOS DEUS (SL 41:13)

É bem provável que este versículo tenha sido acrescentado posteriormente por um editor para marcar o final do Livro I de Salmos. Cada um dos quatro primeiros livros termina com uma doxologia parecida (72:18-20; 89:52; 106:48), e o Livro V encerra com um salmo

de louvor (150). Porém, este versículo lembra que nossa maior prioridade deve ser o louvor eterno e a glória do Senhor. “Santificado seja o teu nome” é o primeiro pedido na oração do Pai Nosso (Mt 6:9) e rege todos os outros pedidos. Deus não responde a orações para deixar seu povo mais confortável, mas sim para glorificar seu nome.

O Senhor ainda tinha mais trabalho reservado para Davi, especialmente com referência aos preparativos para a construção do templo, e, um dia, sua glória habitaria naquele santuário (1 Rs 8:1-11).

Podemos dizer, de todo o coração, “Amém e amém!” para a oração no versículo 13?

1. O termo “homem” é genérico e se refere a homens e mulheres.
2. A palavra hebraica *letz* significa “zombar, desprezar”. No hebraico moderno, *letzen* quer dizer “um palhaço”.
3. O versículo 1 pode ser traduzido por: “não andou [...] não se deteve [...] não se assentou [...]”. A única pessoa na terra que viveu desse modo foi Jesus Cristo e, nele, temos a justiça de Deus (2 Co 5:21).
4. Ver Gn 18:19, Êx 33:12, 2 Sm 7:20 e 2 Tm 2:19 para outros exemplos desse significado de “saber”.
5. O termo usado para “Filho” é *bar*, palavra aramaica, e não o termo mais comum hebraico, *ben*. Porém, o Espírito está se dirigido às nações gentias fora de Israel.
6. Os “lamentos comunitários” são 36, 44, 60, 74, 79, 80, 83, 90, 112, 137.
7. Nos Salmos, o Senhor também é chamado de “Deus da minha salvação” (27:9), “meu auxílio” (27:9), “Deus da minha misericórdia” (59:17), “Deus do meu louvor” (109:1) e “Deus da minha vida” (42:8).
8. Para outros salmos sobre “intrigas”, ver 17, 25, 27, 28, 31, 35, 41, 52, 54-57, 59, 63, 64, 71, 86, 109, 140, 141.
9. LEWIS, C. S. *Reflections on the Psalms*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1958, p. 30.
10. SAYERS, Dorothy. *Christian Letters to a Post-Christian World*. Eerdmans, 1969, p. 14.
11. Uma vez que tratam dos mesmos temas, os Salmos 9 e 10 apresentam declarações paralelas. Ver 9:10 / 10:1, 18; 9:20,21 / 10:12, 18; 9:13 / 10:4,12,13; 9:19 / 10:11; 9:6 / 10:16.
12. Ver *Double-Speak* de William Lutz (1989) e *The New Double-Speak* (1996), ambos publicados pela editora HarperCollins.
13. *Earth and Altar*, IVP, 1985, p. 111.
14. Para uma comparação entre Mateus 5 - 7 e Salmo 15, ver o Apêndice 70 de *The Companion Bible*, por E. W. Bullinger. Londres: Lamp Press.
15. *Dialogues of Alfred North Whitehead*, compilado por Lucien Price. New American Library, 1964, pp. 223, 224.
16. *Critique of Practical Reason*, p. 2.
17. Lewis, C. S. *Reflections on The Psalms*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1958, p. 63.
18. *The Future of Life*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2002, capítulo 1.
19. De acordo com alguns estudiosos, essa imagem mostra o noivo saindo da tenda nupcial depois de haver consumado o casamento, se regozijando porque “os dois se tornaram um só”. De qualquer modo, para Davi, a aurora é um momento de alegria ao encarar um novo dia e também um tempo de determinação de alcançar os objetivos para aquele dia.
20. Talvez isso explique por que o lecionário da igreja pede que o Salmo 19 seja lido no dia de Natal.
21. *The Road Less Traveled*. Nova York: Simon and Schuster, 1978, p. 15.
22. Para outras declarações importantes desse tipo, ver Js 23:14; Ec 3:19; Mc 10:21; Lc 10:42; 18:22; Jo 9:25 e Fp 3:13.
23. Em mais de uma ocasião, Davi declarou que havia pecado (2 Sm 12:13; 24:10, 17; 1 Cr 21:8, 17; Sl 41:4 e 51:4). Para outros casos em que alguém reconheceu (nem sempre com sinceridade) haver pecado, ver Êx 9:27; 10:16; Nm 22:34; Js 7:20; 1 Sm 15:24, 30; 26:21; Mt 27:4; Lc 15:18, 21.
24. LEWIS, C. S. *The Problem of Pain*. Londres: Geoffrey Bles, 1950, p. 81.
25. *The Journals of Jim Elliot*, editado por Elizabeth Elliot, Revell, 1978, p. 174.

LIVRO II

SALMOS 42 – 72

SALMOS 42 E 43

O refrão (42:5, 11; 43:5) e o tema geral destes dois salmos indicam que, originalmente, eram um único salmo, mas ninguém parece saber por que foram separados. Corá era neto de Coate e foi morto por se rebelar contra o Senhor (Nm 16). Porém, seus filhos escaparam do julgamento (Nm 16:11) e se tornaram líderes da adoração no santuário (1 Cr 9:19ss; 26:1-19). Seus nomes também aparecem nos sobrescritos dos Salmos 44 a 49, 84, 87 e 88; ver ainda a introdução do Salmo 39. Alguns estudiosos associam estes salmos à revolta de Absalão, mas a localização geográfica dos pontos citados em 42:6 parece situá-los muito ao norte, uma vez que Davi acampou em Maanaim, do outro lado do Jordão. Fica claro que o autor era um levita exilado no meio dos gentios (43:1) que o oprimiam e questionavam sua fé (42:3, 10; 43:2). Era um líder espiritual que havia conduzido grupos de peregrinos a Jerusalém para as festas prescritas (84:7; Êx 23:14-17; 34:18-26; Dt 16:1-17). Era tempo de fazer essa jornada novamente, mas ele não podia ir; seu coração estava entristecido por sentir que o Senhor havia se esquecido dele (42:9; 43:2). No Salmo 42, o autor usa as designações *El* ou *Elóim* vinte vezes e o nome *Jeová* (SENHOR) apenas uma vez (42:8). São cânticos extremamente íntimos, contendo mais de cinquenta pronomes pessoais, e nos quais se pode observar o salmista oscilando entre a fé e o desespero em seu conflito com o Senhor. Questiona o Senhor 11 vezes e se pergunta por que o Senhor não faz alguma coisa por ele. Podemos vê-lo passar

por três estágios antes de chegar à vitória e à paz.

1. O ANSEIO POR DEUS (SL 42:1-5)

Durante um período de seca, o autor viu uma corça arquejando e se esforçando para chegar até a água e saciar sua sede (Jl 1:20); essa imagem o fez lembrar de que ansiava pelo Senhor e desejava participar da peregrinação para Jerusalém. O Deus vivo era o Deus de sua vida (v. 8; ver 84:2), e ele não poderia viver sem o Senhor. Observe como o salmista cita os elementos mais essenciais da vida física: ar (suspirar), água (v. 2) e alimento (v. 3), mas sem a adoração (v. 4), a vida não faz sentido para ele. A fome e a sede são imagens usadas com frequência para a busca pela comunhão com Deus e a satisfação que ela traz (36:8, 9; 63:1; Mt 5:6; Jo 4:10-14; 7:37-39; Ap 21:6; 22:17). Dia e noite (vv. 3, 8), ele sentia a dor causada pela separação do santuário de Deus e pela zombaria constante das pessoas a seu redor. Alimentava-se de sua tristeza (uma atitude nada sábia) e de suas lágrimas. Seu choro era tão freqüente quanto, em outros tempos, haviam sido as refeições.

Era comum os gentios idólatras perguntarem ao povo de Israel: “O teu Deus, onde está?” (vv. 3, 10; 79:10; 115:2; Jl 2:17; Mq 7:10; ver Mt 27:43). No entanto, essa pergunta indica que o escritor provavelmente era um homem consagrado ao Senhor e que não se envergonhava de sua fé, pois, de outro modo, aqueles que o importunavam não o teriam interrogado. Lembrava-se de dias melhores, quando costumava liderar a procissão de peregrinos até Jerusalém para comemorar suas festas. A memória tanto pode ser um remédio abençoado para o coração perturbado como é capaz de abrir novas feridas e de manter a dor continuamente viva. O salmista derrama o coração em oração (v. 4; 62:8; 104, ver sobrescrito), suplicando que o Senhor o liberte e o leve de volta a Jerusalém. Mas, então, confronta a si mesmo (v. 5) e se admoesta a não ficar abatido, mas a esperar no Senhor. A repetição dessa admoestação (v. 11; 43:5) indica que o autor estava tendo “altos e baixos” ao lutar consigo mesmo e

com as circunstâncias a seu redor. Somente no Senhor encontraria consolo, não na natureza (vv. 1, 6, 7), nem nas memórias (v. 4), nem alimentando sua tristeza (v. 3). Suas esperanças haviam sido despedaçadas, suas orações não foram respondidas, seus inimigos expressavam-se livremente, e ele não conseguia lidar com seus sentimentos, *mas Deus ainda estava assentado em seu trono*. A presença de Deus era com ele, e ainda teria a alegria de adorar ao Senhor em Jerusalém. Essa era a promessa de Deus em sua aliança (Dt 30).

2. A LEMBRANÇA DE DEUS (Sl 42:6-11)

O panorama emocional e espiritual passa de uma seca para uma tempestade, uma vez que o salmista sente como se estivesse se afogando em sua dor e tristeza (vv. 6, 7). A nascente do rio Jordão fica na cadeia de montanhas do Hermom, e as chuvas, bem como a água do degelo, transformam os arroios em cascatas (“catadupas”) e torrentes perigosas, uma imagem de sofrimento intenso (69:1, 2; 88:7; Jn 2:4). O termo *Mizar* significa “pequenez” e, sem dúvida, o autor sentia-se extremamente pequeno em meio à tempestade. Porém, tomou a decisão sábia de se lembrar de Deus e não dos “bons tempos” do passado (v. 6). As cascatas, torrentes e ondas pertenciam a Deus, e o salmista não precisava temer coisa alguma. Isso nos lembra a noite em que Jesus andou sobre as águas e assustou seus discípulos, mesmo estando inteiramente no controle da situação (Mt 14:22-33). Deus estava no controle (v. 8; ver 33:9; 44:4; 71:3; 91:11), o Sol nasceria para um novo dia, e a situação mudaria de figura. Assim como a experiência de Davi com uma tempestade relatada no Salmo 29, ao ver Deus em seu trono, podemos antever a glória e a paz depois da tempestade. Os cristãos recordam como as ondas da ira de Deus cobriram Jesus na cruz, quando ele passou pelo seu “batismo” no Calvário (Mt 20:22; Lc 12:50). Enquanto esperamos o novo dia raiar, Deus pode nos dar “canções de louvor durante a noite” (77:4-6; Jó 35:10; Mt 26:30; At 16:25).

No versículo 8, o salmista usa a designação Jeová (SENHOR) em lugar de Eloim, e essa

passagem marca um ponto crítico de sua experiência difícil. Jeová é o Deus da aliança, o Deus fiel que se preocupa com seu povo. Ele é o Deus que derrama sua bondade sobre seu povo, que lhes dá as promessas das quais se apropriam quando oram e que ouve quando o louvam e o adoram. O autor não precisava ir a Jerusalém para adorar; podia adorar a Deus exatamente onde estava! A mão de Deus estava com ele durante o dia, e o cântico do Senhor o acompanhava nas longas horas da noite. Era possível que tudo estivesse mudando, mas o Senhor ainda era sua Rocha – estável, forte e inabalável (ver 18:2, 31, 46; Êx 33:22; Dt 32:4; 1 Sm 2:2).

3. A CONFIANÇA EM DEUS (Sl 43:1-5)

O cenário muda outra vez, enquanto a alvorada anuncia a manhã e lembra o salmista da luz e da verdade de Deus (v. 3). O Senhor conduziu Israel do Egito até a Terra Prometida com uma coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite. Da mesma forma, sua luz e sua verdade (fidelidade) levariam o salmista de volta a Jerusalém. O exilado inocente seria justificado diante de seus acusadores e salvo daquela nação ímpia. Somente o Senhor era sua força, a Rocha de sua salvação (42:9), e logo seu desespero seria substituído pela alegria. Ao confiar no Senhor, o povo de Deus deve lembrar que sua bondade e misericórdia sempre os seguirão (23:6) e que sua luz e verdade os conduzirão (43:3; ver 27:1; 26:3; 30:9; 40:10). O “santo monte” de Deus é o monte Sião, onde ficava o santuário de Deus, o lugar onde ele habitava.

Porém, o salmista não exulta simplesmente em ser libertado de seus inimigos e em voltar a sua terra natal, mas também no privilégio de visitar o altar de Deus, em lhe oferecer sacrifícios e em louvar ao Senhor. Fez um grande progresso desde que observou a corça em busca de água. O “Deus vivo” (42:2) tornou-se o “Deus da minha vida” (42:8) e agora é “Deus que é a minha grande alegria” (43:4). Sua atenção não está mais voltada para si mesmo, para suas decepções ou circunstâncias, mas sim para o Senhor seu

Deus, e isso faz toda a diferença. O refrão em 43:5 não deve ser lido com a mesma voz abatida que em 42:5 e 11, pois a fé em Jeová mudou tudo. Na oração: “Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu”, o termo “auxílio” pode ser traduzido por “saúde”. Quando, pela fé, vemos o rosto de Deus resplandecer sobre nós (Nm 6:22-27), nosso semblante se ilumina e se torna espiritualmente saudável. Sabemos que Deus é por nós, que Deus nos libertará e nos conduzirá a sua cidade santa, onde o adoraremos e cantaremos louvores a ele. “Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (30:5).

SALMO 44

O povo de Israel cantava louvores a Deus depois de suas grandes vitórias (Êx 15; Jz 5), mas este salmo foi escrito depois de uma derrota humilhante (vv. 9-14, 22). Os paralelos entre os Salmos 44 e 60 indicam que os inimigos em questão eram os edomitas e os arameus (44:3 / 60:5; 44:5 / 60:12; 44:9, 23 / 60:1, 10; ver 2 Sm 8 e 10; 1 Cr 18). Apesar de Israel ter, finalmente, conquistado grandes vitórias sobre seus adversários, o povo deve ter sofrido algumas derrotas ao longo do caminho e se inquietado. Afinal, Jeová era seu Rei (v. 4) e havia capacitado Israel a conquistar a terra; então por que abandonaria seu povo enquanto procuravam proteger sua herança? Talvez este salmo tenha sido usado num “dia nacional de oração”, tendo um dirigente para dizer os versículos com “eu/meu”, enquanto o povo dizia os versículos com “nós/nosso”. As quatro estrofes que constituem o cântico revelam quatro atitudes diferentes da parte do povo.

1. GLORIANDO-SE EM DEUS: “TU NOS AJUDASTE” (SL 44:1-8)

Ao recapitular a história de Israel desde o êxodo do Egito, o salmista glorifica a Deus por tudo o que ele fez para derrotar as nações cananéias e permitir que Israel se apropriasse de sua herança (v. 8). Os pais israelitas obedeceram a Deus e contaram a seus filhos e netos o que o Senhor havia feito (ver 78:3; Êx 12:26, 27; 13:8, 14; Dt 6:1ss; 32:7; Js 4:6, 21).

Deus havia arrancado da terra as nações ímpias, plantado Israel em seu lugar e dado a seu povo as condições para se arraigar e crescer na Terra Prometida (80:8-11; Êx 15:17; Is 5). Isso tudo não foi feito porque Israel merecia, mas sim pelo amor e pela graça de Deus (Dt 4:34-37; 7:7-9, 19; 8:17; 9:4-6; 26:8, 9). O poder de Deus deu a vitória, e seu rosto resplandeceu sobre seu povo (4:6; 31:16; 80:3, 7, 19). O salmista declara que Jeová ainda é seu Rei (v. 4; 10:16; 29:10; 47:6; 74:12) e pode ordenar (decretar) as vitórias para seu povo. A nação não almejava glória alguma para si; antes, desejava que o Senhor recebesse toda glória.

2. ABANDONADOS POR DEUS: “TU NÃO ESTÁS NOS AJUDANDO” (SL 44:9-16)

No entanto, o povo estava confuso. Se Deus, em sua graça, havia lhes dado a terra e permitido que derrotassem seus inimigos, por que os havia desprezado nesse momento, deixando que nações idólatras fossem vitoriosas sobre eles? Ao longo de muitos anos, o Senhor havia sido o “guerreiro invisível”, que marchara adiante dos exércitos de Israel e que os havia conduzido à vitória (Js 5:13-15; 6:6; Nm 10:35; 2 Sm 11:11), mas, então, parecia ter deixado seu povo e abandonado sua aliança. Israel era o rebanho precioso de Deus (74:1; 77:20; 80:1; 100:3; Nm 27:17; Ez 34), mas o Senhor estava permitindo que fossem massacrados pelo inimigo e tratados como seres desprezíveis (Jz 2:14; 3:8; 4:2, 9). Quando não eram executados, os prisioneiros de guerra eram vendidos como escravos e espalhados no meio das nações vizinhas. Essas nações alegravam-se com as derrotas humilhantes de Israel e zombavam dos israelitas. Foi um tempo sombrio para o povo de Deus, que não conseguia entender o que o Senhor estava fazendo (ver 42:10; 74:10, 18, 22; 79:4, 12). A desonra e a desgraça levaram o povo à submissão e à intercessão.

3. FIÉIS A DEUS: “TU DEVES NOS AJUDAR” (SL 44:17-22)

Quando havia problemas em Israel, costumava-se atribuí-los, em primeiro lugar, ao

pecado de alguém. Por certo, esse foi o caso na derrota de Israel em Ai (Js 7), no período de três anos de escassez de alimentos nos dias de Davi (2 Sm 21) e quando Davi fez um censo do povo (2 Sm 24). Porém, o salmista não sabia de pecado algum que devesse ser confessado, pois o povo estava sendo fiel ao Senhor. Deus poderia sondar a mente e o coração deles e não encontraria qualquer transgressão da aliança. Estavam se dedicando inteiramente a Deus, sem buscar a ajuda de ídolos, e davam a vida para proteger a terra que o Senhor, em sua bondade, lhes havia concedido.

Paulo cita o versículo 11, em Romanos 8:36, como parte da argumentação magnífica de que nada pode separar o povo de Deus de seu amor, *nem mesmo a derrota depois de um histórico de vitórias!* O princípio é o mesmo, tanto para o povo de Deus em sua antiga aliança quanto para seu povo na nova aliança: aqueles que dão a vida pela causa do Senhor são conquistadores, não vítimas, e Deus pode ser glorificado mesmo em meio a aparentes derrotas. Quando cinco jovens deram a vida no Equador para ajudar a alcançar os índios aucas, muita gente perguntou: "Por que esse desperdício?" Mas aquilo que pareceu uma derrota terrível mostrou-se uma vitória gloriosa, quando muitos jovens de todo o mundo sentiram o chamado de Deus e se consagraram para seu serviço por causa do exemplo deles. A derrota de Israel não significava que Deus amasse menos os israelitas, mas sim que permitiu que isso acontecesse para cumprir um propósito do qual somente ele tinha conhecimento. Como o martírio de Estêvão (At 6:9 - 8:3), a derrota de Israel deu aos inimigos novas oportunidades de conhecer o Senhor. Saulo de Tarso foi profundamente tocado pela morte de Estêvão (At 22:17-21), o que, sem dúvida, contribuiu para prepará-lo para seu encontro com Cristo na estrada de Damasco. Não importa como sua vida termina, o servo de Deus nunca morre como alguém sem valor algum, pois: "Preciosa é aos olhos do SENHOR a morte dos seus santos" (116:15).

4. CONFIANDO EM DEUS: "TU NOS AJUDARÁS" (Sl 44:23-26)

No versículo 23, o salmista usa o nome *Adonai* (Senhor) para se referir a Deus. Esse é o nome que declara que Deus é o Senhor de tudo, inclusive das nações do mundo. Às vezes, é traduzido por "SENHOR Deus" (*Adonai* Jeová - Soberano Senhor; 2 Sm 7:18-20, NVI). Ele é o "Senhor [*Adonai*] de toda a terra" (97:5), e a terra deve estremecer "na presença do Senhor [*Adonai*]" (114:7). O salmista chegou a um ponto em que sabia que poderia confiar em Deus para lidar com as derrotas da vida e, por fim, transformá-las em vitórias. Sem dúvida, Deus parecia estar dormindo, e a nação teve de despertá-lo (7:6; 78:65), mas: "É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel" (121:4). O povo de Israel chegara ao mesmo ponto que Jó, quando disse: "Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento [confiarei nele]" (Jó 13:15).

Nem sempre podemos explicar as "tragédias" da vida, especialmente aquelas que ocorrem ao povo de Deus, mas Romanos 8:28 ainda faz parte da Bíblia. O profeta Isaías nos dá um conselho sábio em Isaías 50:10: "Quem há entre vós que tema ao SENHOR e que ouça a voz do seu Servo? Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie em o nome do SENHOR e se firme sobre o seu Deus". Podemos parecer ovelhas sendo levadas para o matadouro, mas, aos olhos de Deus, "somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou" (Rm 8:37).

SALMO 45

O sobrescrito "Cântico de Amor" identifica este salmo como um cântico matrimonial, e o termo *Shoshannim* (lírios), que aparece no original, identifica a melodia com a qual deveria ser entoado (ver 60, 69, 80). É evidente que se trata do casamento de um rei (vv. 1, 11, 14; observar ainda a menção a trono, cetro e majestade); alguns estudiosos o identificam com Salomão, que se casou com uma princesa egípcia (1 Rs 3:1; 9:24). *Dentre todos os filhos de Davi, somente*

Salomão foi ungido rei (v. 7). Ficou conhecido por sua riqueza em ouro (vv. 9, 13; 1 Rs 9:28) e teve uma relação muito próxima com a cidade poderosa de Tiro (v. 12; 1 Rs 9:10-14). Porém, fica claro que alguém “maior do que Salomão” (Mt 12:42) está presente neste belo salmo e que esse alguém é Jesus Cristo, o Rei dos reis. Se esse fosse apenas um cântico secular de amor, por que teria sido entregue ao mestre de canto para ser usado no culto ao Senhor em seu santuário? Um gesto desses teria sido blasfemo. Salomão não era um guerreiro (vv. 3-5) e, sem dúvida, o escritor inspirado não faria referência a ele como “Deus” (v. 6). Hebreus 1:8, 9 indica que se trata de um salmo messiânico, de modo que, independentemente de seu uso histórico, em última análise, fala de Jesus Cristo e de sua noiva, a Igreja (Ef 5:23ss; Ap 19:6-21; 22:17). O salmista apresenta quatro retratos de Cristo e, ao fazê-lo, também descreve sua noiva.

1. GRAÇA: O FILHO DO HOMEM (Sl 45:1, 2)

Trata-se de um cântico para o coração e proveniente do coração de um escritor inspirado e cheio de entusiasmo. Seu coração “transborda” com seu tema, pois é o maior tema do universo: as glórias do Filho de Deus. Jesus Cristo suportou a cruz “em troca da alegria que lhe estava proposta” (Hb 12:2), a alegria de apresentar sua noiva ao Pai em glória (Jz 24; Jo 17:24). Cabe ao Espírito Santo glorificar Jesus Cristo neste mundo (Jo 16:14), e foi ele quem inspirou o salmista a fazer exatamente isso. O Rei descrito neste salmo é tanto Deus (v. 6) quanto um homem (v. 2), que não pode ser outro senão Jesus.

O escritor começa com a beleza do Rei (v. 2), “o mais formoso dos filhos dos homens”, o que, literalmente, significa “embelezado de beleza”. O rei Saul era considerado um homem bem apessoado (1 Sm 9:2; 10:23), como também o era Davi (1 Sm 16:12), mas nenhum deles sobrepuja Jesus. Quando ministrou aqui na terra, Jesus não mostrou uma beleza física especial (Is 53:2), e quando seus algozes haviam acabado de torturá-lo, nem sequer tinha mais aparência

humana (Is 52:14). Mas hoje, Jesus Cristo é o centro da glória e da adoração do céu (Ap 4 - 5). Amamos Jesus mesmo sem jamais tê-lo visto, mas, um dia, contemplaremos o Rei em sua beleza (Is 33:17) e seremos como ele (1 Jo 3:1-3). O salmista também se maravilha com suas palavras repletas de graça, como também fizeram os que o ouviram pregar e ensinar aqui na terra (Lc 4:18, 22, 32; Jo 7:46; ver Mc 1:22; 6:2; 11:18). Visitantes de lugares distantes iam a Israel para ouvir a sabedoria de Salomão (1 Rs 4:29-34), mas o Pai ocultou todos os tesouros da sabedoria divina em Jesus Cristo (Cl 2:3). Salomão morreu, e, com exceção de seus textos que se encontram nas Escrituras, sua sabedoria morreu com ele, mas Jesus é abençoado para sempre (v. 2), tem um trono para todo o sempre (v. 6), e seu nome será louvado para sempre (v. 17). Na Bíblia, a expressão “para sempre” pode significar “enquanto viver” (Êx 21:6), mas, nesse caso, quer dizer “por toda a eternidade”. “Como rei, o SENHOR presidirá para sempre” (29:10).

2. VITÓRIA: O GUERREIRO (Sl 45:3-5)

Nos dias de hoje, o aspecto militante da fé cristã é criticado e até mesmo eliminado - uma atitude antibíblica e, ao mesmo tempo, perigosa. Desde Gênesis 3:15, Deus está em guerra com Satanás e o pecado, pois o Cordeiro de Deus também é o “Leão da tribo de Judá” (Ap 5:5). Jesus sofreu e morreu na cruz, não apenas para salvar os pecadores, mas também para derrotar Satanás (Cl 2:13-15) e, um dia, voltará como um guerreiro, será vitorioso sobre os inimigos e estabelecerá seu reino de justiça (Ap 19:11ss). Sua destra fará “proezas” (maravilhas). A Igreja de Jesus Cristo não emprega armas humanas para realizar sua vontade (Jo 18:10, 11, 36, 37), mas sim a espada do Espírito, a Palavra de Deus (Hb 4:12; Ef 6:17; ver Ap 1:6 e 19:15). Jesus está lutando “pela causa da verdade e da justiça” (v. 4), e é difícil crer que exista alguém disposto a fazer frente a esse tipo de guerra. Quando o povo de Deus compartilha seu amor, serve a outros e proclama a Palavra, está promovendo a paz e procurando reconciliar homens e mulheres com Deus

(2 Co 5:14-21). O Pai prometeu dar seu Filho às nações da Terra como herança (2:8, 9), e ele cumprirá essa promessa.

3. JUSTIÇA: O REI (SL 45:6, 7A)

Aqueles que negam a divindade de Cristo recusam-se a aceitar a tradução “o teu trono, ó Deus”, pois preferem considerar esse salmo apenas uma parte da história de Israel, não uma profecia messiânica. Porém, o sentido do texto é, claramente, “o teu trono, ó Deus”, como confirmam Hebreus 1:8, 9 e Lucas 1:30-33. “E ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11:15). Apesar de ser verdade que as Escrituras usam a designação *elohim* para se referir aos governantes humanos (82:6, 7; Êx 21:6; Jo 10:35), esse não é o sentido do termo nessa passagem. O salmista declara, inequivocamente, o reino eterno do Filho eterno de Deus. Seu reino também será justo, e todo mal será removido. Neste momento, Jesus está reinando no céu, assentado à destra do Pai (110:1, 2; Mt 26:64; At 2:33; 5:31; 7:55, 56; Rm 8:34; Ef 1:20; Cl 3:1; Hb 1:3). Ele é Rei e Sacerdote “segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 7 - 9). Um dia, seu povo reinará com ele e participará de sua glória (Ap 5:10; 20:6).

4. GLÓRIA: O NOIVO (SL 45:7B-17)

Estes versículos descrevem o casamento real, começando com a *preparação do Noivo* (vv. 7b-9). O uso do óleo, no versículo 7b, não se refere a sua unção como Rei, mas sim como convidado de honra no banquete de casamento. É o “óleo de alegria” que representa o regozijo eterno da noiva e do Noivo (Is 61:3). Os soldados lançaram sortes para dividir entre si as vestes de Cristo enquanto ele estava na cruz (Jo 19:23, 24), mas no banquete de casamento, suas vestes serão perfumadas e gloriosas. Ter painéis de marfim nas paredes da casa era o auge da prosperidade (Am 3:15; 1 Rs 22:39), mas o palácio do Rei é feito de marfim. Enquanto o Rei se prepara para ir ao encontro da noiva, os músicos tocam belas canções. Na Antiguidade, um noivo israelita ia à casa da noiva a fim de tomá-la para si e, então, levá-la para a própria casa. Será exatamente isso o que

Jesus fará quando voltar, a fim de levar para si sua Igreja (1 Ts 4:13-18). As “filhas do rei” (v. 9) são princesas que acompanham a noiva, como as madrinhas de hoje. O versículo 14 refere-se a elas como “as virgens, suas companheiras”, de modo que não devem ser confundidas com as mulheres do harém que, certamente, não participavam de um cortejo de casamento.

Em seguida vem a *preparação da noiva* (vv. 10-13). Hoje, a Igreja de Cristo encontra-se maculada pelo mundo e tem uma aparência envelhecida e enrugada, em função de sua decomposição interior, mas um dia será uma noiva gloriosa e imaculada, sem qualquer ruga e irrepreensível (Ef 5:27). Apesar de ser criticada em nosso tempo, nesse dia, a Igreja será bela e glorificará a Cristo grandemente (Ef 1:6-12, 18). Enquanto espera em seus aposentos no palácio (v. 13), a rainha é vestida com os trajes finos, bordados com o ouro mais puro (1 Rs 9:28), e recebe conselhos ao entrar nesse novo relacionamento. Deve se esquecer do passado, sujeitar-se ao seu Marido, o Rei, e não buscar outra coisa senão lhe agradecer. Que mensagem para a Igreja de hoje: “esquecendo-me das coisas que para trás ficam” (Fp 3:13). Nosso Senhor nos ama e vê a beleza de sua noiva, mas devemos reconhecer que ele é Senhor e adorá-lo, demonstrando respeito e deferência (1 Pe 3:6; Gn 18:12). Seria idolatria adorar um rei humano, mas neste caso, trata-se do Rei da Glória (24:7-10). A “filha de Tiro” é uma referência ao “povo de Tiro”, assim como “filhas de Sião” significa “aqueles que vivem em Jerusalém” (Mt 21:5; Is 4:4). Tiro era uma cidade rica e poderosa no tempo de Davi, e seu rei foi o primeiro governante estrangeiro a reconhecer o reinado de Davi (2 Sm 5:11). Um dia, os reis de toda a Terra levarão sua riqueza e glória para a cidade do grande Rei (Ap 21:24-26).

Na parte seguinte da cerimônia de casamento, a *noiva é levada até o Rei* (vv. 14, 15), juntamente com suas acompanhantes. É uma ocasião cheia de beleza e de alegria, quando os convidados da cerimônia entram no salão do palácio e participam do banquete de casamento (ver Ap 19:1-10). Enquanto o Rei

e sua rainha deixam a festa, o salmista pronuncia uma *bênção* (vv. 16, 17), referindo-se especialmente ao Rei (os pronomes são masculinos). Podemos parafraseá-la como: “Por maiores que tenham sido teus antepassados, teus descendentes serão ainda maiores. Não serão apenas oficiais de teu reino, mas príncipes sobre toda a Terra. Reinarás para todo o sempre, e teu nome jamais será esquecido. O povo te louvará eternamente”. Palavras como essas, proferidas num casamento no antigo Oriente Próximo, seriam consideradas um exagero cortês, mas quando se aplicam a Jesus Cristo, não são enfáticas o suficiente! Ele está levando muitos filhos à glória (Hb 2:10, 13), e toda a família participará de sua glória e de seu reino.

Aleluia, grande Salvador!

SALMO 46

A maioria das pessoas identifica este salmo como a inspiração para o hino “Castelo Forte é Nosso Deus”, de Martinho Lutero. É bem provável que seu contexto histórico seja a ocasião em que Deus livrou Jerusalém dos assírios no tempo do rei Ezequias (2 Rs 18 - 19; 2 Cr 32; Is 36 - 37). Pode ser bastante proveitoso ler esses relatos antes de estudar o salmo. O rei Ezequias era poeta, e é possível que tenha escrito não apenas esse salmo, mas também o 47 e o 48, provavelmente originados no mesmo contexto histórico, e celebram a vitória de Deus sobre o inimigo. Os pronomes do Salmo 46 encontram-se no plural (nós, nosso), de modo que se trata de um cântico para o encorajamento e adoração da comunidade. O termo *Alamoth* (em voz de soprano), que aparece no original, significa “moças” e constitui uma orientação musical que não podemos determinar com precisão. Não havia corais femininos no santuário, apesar de 68:25 dar a entender que as mulheres participavam dos cultos (ver Êx 15:20, 21). A ênfase deste salmo é sobre a presença do Senhor com seu povo (vv. 1, 5, 7, 11) e sobre como faz uma grande diferença confiar nele durante as transformações e as dificuldades da vida. O salmo concentra-se no Senhor e em quem ele é para o povo que nele confia.

1. DEUS É NOSSA FORTALEZA (Sl 46:1-3)

A palavra traduzida por “refúgio”, no versículo 1, significa “um abrigo, uma rocha de refúgio”, enquanto essa mesma palavra, nos versículos 7 e 11, quer dizer “um baluarte, uma torre alta, uma fortaleza”. Os dois termos declaram que Deus é um refúgio confiável para seu povo quando tudo a seu redor parece estar desmoronando (ver 61:3; 62:7, 8; 142:5). Mas ele não nos protege a fim de nos mimar. Antes, abriga-nos a fim de nos fortalecer para que voltemos à vida com suas responsabilidades e perigos (29:11; 68:35; Is 40:31). Esses dois conceitos podem ser encontrados em 71:7. Em tempos de crise, os líderes de Israel mostravam-se propensos demais a buscar a ajuda do Egito (Is 30:1, 2), quando, na verdade, deveriam buscar ao Senhor e crer nele. Ele é um “socorro bem presente”, mas não pode operar em nosso favor a menos que confiemos nele (Mt 13:58).

A palavra “tribulações” refere-se a pessoas em lugares apertados, encurraladas num canto e incapazes de sair dessa situação. A admoestação para tais ocasiões é: “Não temas!”. Quando os oficiais assírios ameaçaram Jerusalém, Isaías disse ao rei: “Não temas por causa das palavras que ouviste” (2 Rs 19:6). A terra pode mudar, as montanhas podem ser arremessadas violentamente no mar, podem vir terremotos e maremotos, mas todas as coisas estão sob o controle de nosso Senhor soberano. As “águas”, no versículo 3, também podem simbolizar a inquietação das nações, mencionada no versículo 6 (Dn 7:2, 3; Lc 21:25; Ap 13:1; 17:15). As circunstâncias podem se alterar, mas a aliança de Deus com seu povo nunca muda (Is 54:10). Ele é nossa fortaleza e nosso refúgio em meio às incertezas da vida.

2. DEUS É NOSSO RIO DE ALEGRIA (Sl 46:4-7)

A cena seguinte mostra Jerusalém, onde o povo encontrava-se sitiado pelo exército assírio. A água era um bem precioso na Palestina, especialmente em Jerusalém, uma das poucas cidades da Antiguidade não construída à beira de um rio. Ezequias havia usado de sabedoria e construído um sistema

subterrâneo de abastecimento que ligava os mananciais de Giom, no vale do Cedrom, ao Tanque de Siloé, dentro da cidade, de modo que havia água disponível (2 Rs 20:20; 2 Cr 32:30). Porém, o salmista sabe que Deus era seu rio, aquele que supre a água da vida (36:8; 65:9; 87:7; e ver Jo 7:37-39). No tempo do rei Acaz, Isaías comparou uma invasão dos assírios a um rio transbordante, mas lembrou o povo de que seu Deus era como um rio tranqüilo (Siloé) que lhes traria a paz (Is 8:1-10). O povo de Deus sempre dependeu dos recursos espirituais mais recônditos, que vêm somente de Deus. Sempre que Israel buscava a ajuda de uma nação pagã, acabava numa situação ainda mais difícil.

Sem dúvida, Jerusalém era uma cidade santa, separada por Deus, e que abrigava seu santuário, mas isso não era garantia alguma de vitória (Jr 7:1-8). A fim de que o Senhor os ouvisse e salvasse, o rei e o povo precisavam voltar-se para o Senhor com uma atitude de contrição e de fé - e foi o que fizeram. Deus socorreu Jerusalém quando o dia amanheceu ("desde antemanhã"; v. 5), pois o Anjo do SENHOR matou 185 mil soldados assírios e mandou Senaqueribe de volta para casa (Is 37:36).

Por certo, Jeová é o Deus Altíssimo! (v. 4). Bastou dar sua ordem (v. 6), e o inimigo foi derrotado. Ele é o "SENHOR dos Exércitos - o Senhor dos exércitos dos céus e da terra". Esse nome de Deus aparece pela primeira vez nas Escrituras quando Ana pede a Deus que lhe dê um filho (1 Sm 1:11). O Comandante dos exércitos do Senhor está sempre conosco (Js 5:13-15), pois ele é "Emanuel, Deus conosco" (Mt 1:23; Is 7:14; 8:8). Em todas as circunstâncias, podemos beber de seu rio de alegria e encontrar a paz e as forças de que precisamos.

3. DEUS É NOSSO DEUS! ELE SERÁ GLORIFICADO! (Sl 46:8-11)

A terceira cena mostra os campos ao redor de Jerusalém, em que os soldados assírios estão mortos, suas armas e equipamentos espalhados e quebrados. Não havia ocorrido batalha alguma, mas o Anjo do SENHOR deixara esses vestígios, a fim de estimular a

fé do povo de Deus. "Vinde, contemplai as obras do SENHOR, que assolações efetuou na terra" (v. 8). O Senhor derrotou e desarmou seus inimigos e destruiu suas armas, de modo que não podiam mais atacar.

"Aquietai-vos" quer dizer, literalmente: "Não mexam em nada! Descansem!". Gostamos de "mexer em tudo" e de dirigir nossa vida a nossa maneira, mas Deus é Deus, enquanto nós não passamos de servos do Senhor. *Pelo fato de Ezequias e de seus líderes terem permitido que Deus fosse Deus, ele os livrou de seus inimigos.* Foi assim que o rei Ezequias orou: "Agora, pois, ó SENHOR, nosso Deus, livra-nos das suas mãos, para que todos os reinos da terra saibam que só tu és o SENHOR Deus" (2 Rs 19:19). O Senhor chama a si mesmo de "Deus de Jacó", e lembramos como Jacó meteu-se em apuros em várias ocasiões por tentar intervir nas circunstâncias e fazer o papel de Deus. Há um momento certo para obedecer a Deus e agir, mas até que chegue essa hora, devemos deixar que Deus trabalhe livremente, a seu tempo e a seu modo. Se nos dedicarmos a crer em suas promessas, estaremos ocupados demais para interferir!

Deus permite que fiquemos em "aper tos" para que nossa fé cresça e ele seja exaltado (ver 22:27; 64:9; 86:9; 102:15). O tema do salmo seguinte é a exaltação de Deus em toda a Terra (47:9), sendo bem provável que Ezequias também tenha escrito esse texto. As pessoas gloriam-se das coisas que fizeram e não dão crédito algum a Deus, esquecendo-se até mesmo de que foi ele quem lhes deu fôlego e forças. "Os olhos altivos dos homens serão abatidos, e sua altivez será humilhada; só o Senhor será exaltado naquele dia" (Is 2:11).

SALMO 47

A promessa de 46:10 cumpre-se no Salmo 47: "sou exaltado entre as nações, sou exaltado na terra". O salmista ordena cinco vezes que o povo louve ao Senhor, que "reina sobre as nações" (v. 8). Se este salmo foi escrito para comemorar a derrota de Senaqueribe (ver 46), então descreve o povo de Israel proclamando às nações gentias vizinhas a

vitória gloriosa de seu Deus, uma vitória conquistada sem que os israelitas sequer tivessem de lutar! Esse salmo é usado nas sinagogas em *Rosh Hashanah*, o Ano Novo judeu, e, nas igrejas, costuma ser lido no Dia da Ascensão (ver v. 5; 68:18; Ef 4:8-10). Trata-se também de um salmo messiânico que enfatiza a vinda do reino. Ao louvar seu Deus diante dos gentios, o povo de Israel faz três declarações a respeito do Senhor.

1. NOSSO DEUS É UM REI TREMENDO (Sl 47:1-4)

Passamos de “aquietai-vos” (46:10) para gritos, palmas e toques de trombeta. A adoração do povo de Israel era cheia de entusiasmo, mas o povo também sabia como se calar diante do Senhor e esperar nele (Lm 2:10; Hc 2:4; Sf 1:7; Zc 2:13). Uma vez que o tema do salmo é a soberania do Senhor, o povo o adorou da mesma forma como recebia um novo rei (1 Sm 10:24; 2 Rs 11:12, 13, 20). “O SENHOR, seu Deus, está com ele [seu povo], no meio dele se ouvem aclamações ao seu Rei” (Nm 23:21). A Igreja primitiva adotou o modelo de adoração da sinagoga para seus cultos, enfatizando a oração, a leitura das Escrituras e o cântico de salmos, hinos e cânticos espirituais. As palmas e gritos de Israel eram para o Senhor, em resposta a seus feitos maravilhosos. Não eram aplausos para os que estavam participando do culto de adoração.

Conhecer a Deus significa conhecer aquele que é tremendo em seu caráter e suas obras (65:8; 76:7, 12). O livramento de Jerusalém das mãos de Senaqueribe provou, mais uma vez, que o Deus de Israel era maior do que todos os deuses e merecia todo o louvor do seu povo. O Senhor lhes deu a vitória sobre as nações de Canaã e uma terra para ser sua herança (135:4; Êx 15:17; 19:5; Dt 4:21, 37, 38; 32:8). Uma vez que os israelitas haviam sido escolhidos pelo amor de Deus e que haviam recebido a terra pela graça de Deus, que direito os assírios tinham de tentar tomar essa terra do povo escolhido? (ver 2 Cr 20:10-12). A terra de Israel é extremamente especial para o Senhor e é objeto de seu cuidado (Dt 8:7-20; 11:10-12).

2. NOSSO DEUS É UM REI TRIUNFANTE (Sl 47:5)

Deus está por toda parte nos céus e na Terra, mas quando age em favor de seu povo, às vezes as Escrituras o descrevem como se ele “descesse”. Ele desceu para visitar a torre de Babel e para julgar seus construtores (Gn 11:5), como também desceu para investigar a cidade perversa de Sodoma e destruí-la (Gn 18:21). Na noite em que os 185 mil soldados assírios foram mortos pelo Anjo, Deus desceu e executou seu julgamento (Is 37:28, 29, 36) e, então, “subiu” em grande glória para o seu santo trono (v. 8). Davi apresenta uma descrição semelhante de vitória em 68:18, versículo citado por Paulo em Efésios 4:8-10, aplicado à ascensão de Jesus Cristo. Do ponto de vista humano, a crucificação de Jesus Cristo foi uma grande derrota e tragédia, mas não foi assim que Deus viu o que se passou no Calvário. Em seu sacrifício na cruz, Jesus conquistou a vitória sobre o mundo e o diabo (Jo 12:31, 32; Cl 2:15) e cumpriu os preceitos da lei santa de Deus para que os pecadores pudessem crer e ser salvos. Que grande vitória! Em seguida, subiu ao céu, longe do inimigo (Ef 1:19-22), onde está assentado “à direita da Majestade, nas alturas” (Hb 1:3).

3. NOSSO DEUS É O REI DOS REIS (Sl 47:6-9)

Algo extraordinário acontece: os governantes e povos das nações gentias louvam ao Senhor Jeová com Israel! Ele não é apenas o Rei de Israel, mas o “Rei de toda a terra”. Quando Deus chamou Abraão, estava em seu plano que Israel servisse de bênção para toda a terra (Gn 12:1-3; Jo 12:32; Gl 3:7-9), “porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Ao longo de sua história, Israel tem sido perseguido por muitas nações e, ainda assim, tem abençoado o mundo. Foi por meio de Israel que recebemos o conhecimento do verdadeiro Deus vivo, as Escrituras e Jesus Cristo, o Salvador do mundo. Hoje, os judeus e os gentios da Igreja estão louvando a Deus juntos (Ef 2:11ss), e, um dia, no reino glorioso, judeus e gentios o glorificarão e louvarão (67:1-7; 72:8-11; Rm 15:8-13).

O salmista considerou a vitória de Deus sobre os assírios um sinal de sua vitória sobre todas as nações e do estabelecimento de seu reino glorioso. Os profetas anunciaram que os gentios se voltariam para o Senhor e compartilhariam o reino com Israel (Is 2:1-5; 11:1-10; Mq 4:1-5), e o salmista olhou através das eras e viu o cumprimento dessa profecia. Os líderes representantes dos povos gentios demonstrarão sua sujeição e darão louvores a Jesus Cristo. "O SENHOR será Rei sobre toda a terra" (Zc 14:9). Paulo faz alusão ao versículo 7 em 1 Coríntios 14:15, quando nos admoesta a "[cantar] com a mente". O termo "escudos" pode ser uma referência aos Reis, uma vez que estes são considerados protetores do povo (89:18). Os reis da terra pertencem ao Senhor, pois ele é o Rei dos Reis (Ap 19:16). A imagem de Deus assentado em seu trono é usada com frequência no Livro de Apocalipse (4:2, 9, 10; 5:1, 7, 13; 6:16; 7:10, 15; 19:4; 21:5).

Para o povo de Deus, todo dia é Dia de Ascensão ao louvarmos e adorarmos o Senhor exaltado que ascendeu aos céus.

SALMO 48

Este é o terceiro salmo que celebra a vitória de Jeová ao livrar Jerusalém dos assírios (ver 46 e 47). A ênfase é sobre o Senhor e o monte Sião. Os salmos 76, 84, 87, 122 e 132 também são sobre Sião. Os cristãos são cidadãos da cidade celestial de Sião (Gl 4:21-31; Hb 12:18-24; Fp 3:20), e nos regozijamos porque o Senhor cuida de nós como cuidava de seu povo Israel na Antiguidade. As diversas vezes que se manifestam neste salmo tratam de quatro assuntos relevantes.

1. DEUS E A CIDADE DO SEU POVO (Sl 48:1-3)

Na primeira seção, o povo de Jerusalém fala de sua cidade com orgulho e gratidão. Davi tomou o monte Sião dos jebuseus (2 Sm 5:6-9; 2 Cr 11:4-7) e transformou Jerusalém na capital de seu reino. Com sua localização ideal, mais de 800 metros acima do nível do mar, a cidade era praticamente invencível. Sua proximidade com o cruzamento das rotas comerciais norte-sul e leste-oeste era um

fator importante para a economia e as comunicações. Davi levou a arca da aliança para Jerusalém, fazendo de Sião um "santo monte", pois era lá que o Senhor habitava (2:6; 3:4; 15:11; 43:3; 99:9). Assim, Jerusalém tornou-se a "cidade do nosso Deus" (vv. 1, 8) e a "cidade do grande Rei" (v. 2; 47:2; ver Mt 5:35). Essa grandeza pertence ao Senhor e não à cidade (47:9), pois, em sua graça, o Senhor escolheu Sião (78:68; 132:13). O povo de Israel via Jerusalém como uma cidade bela (50:2), uma fortaleza segura e "a alegria de toda a terra" (ver, porém, Lm 2:15). Em termos espirituais, a cidade também trouxe alegria a toda a Terra, pois foi do lado de fora de seus muros que Jesus morreu pelos pecados do mundo e em Jerusalém que o evangelho de Jesus Cristo foi proclamado pela primeira vez. Um dia, Jerusalém será o centro do reino glorioso de Cristo (Is 2:2ss e 60:1ss). A expressão "os lados do Norte" refere-se à montanha de Zefom, no norte da Síria, onde, supostamente, o deus Baal habitava (ver Êx 14:1, 9; Nm 33:7). A segurança de Jerusalém não estava em sua localização nem em seus muros (vv. 14, 15), mas sim em seu Deus, pois ele era a sua fortaleza (v. 3; ver 46:1, 7). Foi na derrota do exército de Senaqueribe que "Deus se [fez] conhecer como alto refúgio" (v. 3).

2. DEUS E OS INIMIGOS DO SEU POVO (Sl 48:4-7)

Até aqui, o povo de Jerusalém havia falado sobre o Senhor, mas agora falam ao Senhor sobre o que ele fez aos assírios. Senaqueribe e seu imenso exército, juntamente aos reis vassallos do império (v. 4; Is 10:8), cercaram Jerusalém a fim de capturar a cidade, mas com a ajuda do profeta Isaías (Is 14:24-27), o rei Ezequias, um homem temente a Deus, buscou o socorro do Senhor, e Deus os salvou (Is 36 - 37). O Senhor lutou por Israel da mesma forma como havia lutado contra os egípcios (Êx 14:25). Enviou seu Anjo ao acampamento assírio e matou 185 mil homens. O julgamento veio de súbito, como as dores de uma mulher em trabalho de parto, e a destruição foi como aquela causada por uma tempestade despedaçando uma frota

de navios (Ez 27:26). Observe as armas destruídas em 46:8, 9. Petulantes e cheios de confiança em si mesmos, os assírios e seus aliados foram derrotados, humilhados e obrigados a voltar para casa.

3. DEUS E A ADORAÇÃO DO SEU POVO (Sl 48:8-11)

Ao que parece, essa seção é narrada por um grupo de peregrinos indo a Jerusalém depois da grande vitória. Haviam ficado sabendo da derrota da Assíria e, agora, vêem com os próprios olhos as maravilhas que o Senhor fez por seu povo (é bem provável que o Salmo 126 também esteja relacionado a esse acontecimento). Os peregrinos foram direto ao templo adorar ao Senhor, meditar sobre sua fidelidade e louvá-lo com grande alegria. A adoração é a resposta humana apropriada diante das misericórdias de Deus. Observe como a notoriedade do Senhor espalha-se da cidade de Jerusalém (v. 11a) para as cidades menores de Judá, que haviam sido saqueadas por Senaqueribe (v. 11b; Is 36:1) e até aos confins da terra (v. 10). Que o mesmo aconteça com a mensagem do evangelho (At 1:8)! Quando Jesus Cristo voltar para derrotar seus inimigos e estabelecer seu reino, sua glória e domínio serão de mar a mar (Zc 9:9, 10), e a cidade de Jerusalém será chamada de “SENHOR, Justiça Nossa” (Jr 23:6; 33:16).

4. DEUS E O FUTURO DE SEU POVO (Sl 48:12-14)

Terminado o culto de adoração, é possível que um dos filhos de Corá (ver o sobrescrito do salmo) tenha servido de “guia turístico” para os peregrinos, levando-os a conhecer a cidade. Mostrou aos visitantes as torres e muros externos (baluartes), tendo o cuidado de lembrar-lhes, porém, de que a proteção da cidade não vinha das pedras nem da argamassa, mas sim do Senhor Jeová. Os oficiais assírios haviam contado as torres (Is 33:18) e calculado como poderiam tomar a cidade, mas não haviam levado o Senhor em consideração. O guia disse aos visitantes israelitas que era sua responsabilidade instruir as gerações futuras nos caminhos do Senhor, a fim de que a nação não abandonasse

o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. A maior ameaça para uma nação não é o inimigo invasor, mas sim, o inimigo interior – um povo que, aos poucos, vai se afastando da fé de seus pais e corrompendo os alicerces de sua nação. Cada geração deve transmitir à geração seguinte o conhecimento de quem é o Senhor, o que ele tem feito e o que seu povo deve fazer em resposta a sua bondade e fidelidade (71:18; 78:4, 6; 79:13; 109:13; 145:4; 2 Tm 2:2). O plano de Deus é transformar Jerusalém em júbilo para muitas gerações (Is 60:15). Obedecer a um Senhor que é “nosso Deus” e “nosso Guia” e confiar nele é ter um futuro garantido e abençoado.

SALMO 49

O salmista tem uma mensagem a todos: ao poderoso e ao João-ninguém, ao rico e ao pobre (vv. 1, 2). A expressão “moradores da terra” é a tradução de um termo hebraico incomum, que significa “o panorama humano como um todo, o âmbito da vida passageira”, semelhante ao “mundo” em 1 João 2:15-17. O escritor está falando com toda sinceridade (v. 3; ver 45:1), transmitindo a sabedoria e o entendimento que recebeu do Senhor, tratando de um enigma que só o Senhor pode explicar (v. 4). O enigma é a própria vida e sua relação misteriosa com a distribuição da riqueza e do poder decorrente disso. Qual deve ser a posição daqueles que temem a Deus num mundo em que os ricos ficam cada vez mais ricos? Devem temer que os mais ricos se aproveitem dos mais pobres? Devem se impressionar com a riqueza dos outros e procurar imitá-los? O salmista nos lembra de três coisas para nos ajudar a manter uma perspectiva correta em um mundo obcecado pela riqueza e pelo poder que ela traz consigo.

1. A RIQUEZA NÃO PODE EVITAR A MORTE (Sl 49:5-12)

Não é pecado ser rico, desde que reconheçamos que Deus é o Doador e que usemos aquilo que ele nos dá a fim de ajudar outros a glorificar seu nome (1 Tm 6:7-19; Mt 6:33). Porém, a maior riqueza, muitas vezes, leva à maior perversidade. É bom ter as coisas que

o dinheiro pode comprar, desde que não se percam as coisas que o dinheiro não compra. Como é triste quando as pessoas começam a confundir preços com valores. Jesus concluiu seu sermão sobre as riquezas dizendo: "Pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus" (Lc 16:15). O salmista temia que os ricos da terra começariam a se aproveitar das pessoas mais pobres. Não era difícil para os mais abastados subornar juízes e privar os pobres de seus direitos (ver Tg 2:1-9; 5:1-6; Am 4:1-3; 5:10-15).

A sensação de segurança daqueles que se vangloriam da riqueza é falsa, pois seus bens não podem protegê-los do "último inimigo": a morte (1 Co 15:26). Jesus tinha esse fato em mente quando falou sobre o fazendeiro rico em Lucas 12:13-21. Se um israelita era pobre, um parente seu poderia resgatá-lo pagando suas dívidas (Lv 25:23ss), mas se estava morrendo, não havia dinheiro que pudesse salvá-lo - além do mais, a quem daria o dinheiro? Um homicida não podia ser resgatado (Nm 35:31), mesmo supondo que fosse possível calcular o preço de uma vida humana. Assim, dinheiro não salva ninguém, nem deste lado do túmulo nem do outro, pois não podemos levá-lo conosco quando morremos (vv. 10-12 e 17; Ec 2:18, 21; 7:2; 9:5). Quer você seja rico quer seja pobre, sábio ou insensato, ao partir deste mundo, deixará tudo para trás. Muitas pessoas ricas pensam que vão existir para sempre e aproveitar suas casas e terras, mas descobrem que a morte nivela todos. Depois da morte, os ricos e os pobres serão iguais diante de Deus. Os ricos podem dar seu nome a suas propriedades, mas esses nomes entalhados em pedra durarão mais que os seus proprietários. A frase: "é, antes, como os animais, que perecem" (v. 12; ver Ec 3:10, 19; 7:2) não sugere que os seres humanos estejam no mesmo nível que os animais irracionais, mas apenas que, no final, os dois estão sujeitos à morte e à decomposição física.

2. A RIQUEZA NÃO DETERMINA NOSSO DESTINO (Sl 49:13-15)

Os discípulos espantaram-se quando Jesus lhes disse que era difícil uma pessoa rica entrar

no reino dos céus; para a maioria dos judeus, os bens eram um sinal das bênçãos de Deus (Mt 19:23-30). Se era difícil para pessoas mais abastadas entrar no reino, que esperança haveria para o resto do povo? Porém, quem possui muitos bens têm a tendência de confiar em si e em seu dinheiro e em crer na bajulação dos outros (v. 13). O salmista retrata os ricos perdidos como ovelhas simplórias sendo levadas para o matadouro pela Morte - pastor que pretendia devorá-las (ver Lc 16:14, 19-31).

Para o cristão, a morte é apenas um vale de sombras temporárias, e Jesus é o Pastor (23:4). Está chegando a "manhã", quando aqueles que morreram em Cristo serão ressurretos e participarão da glória do Senhor (1 Ts 4:13-18; ver Sl 16:10, 11; Is 26:19; Dn 12:3). Não podemos resgatar algo que está prestes a morrer (vv. 7, 8), mas o Senhor já nos resgatou do pecado e do poder da morte (v. 15; 1 Co 15:20ss). Quando morremos, Deus nos receberá junto a si de braços abertos (73:24; 2 Co 5:1-8; Gn 5:24), e quando Jesus voltar, ressuscitará os corpos de suas sepulturas. Nosso destino eterno não é determinado por grandes riquezas, mas pela decisão de aceitar a salvação em Cristo.

3. A RIQUEZA NÃO DEVE ALIMENTAR NOSSOS DESEJOS (Sl 49:16-20)

Não se impressione nem tema quando vir outros se enriquecendo, comprando casas maiores e carros novos. Quando morrerem, tudo isso será deixado para trás e, por fim, perderá o valor. Os ricos não poderão louvar a si mesmos nem ouvir outros louvá-los. Não levaremos coisa alguma conosco quando morrerem (Jó 1:21; Ec 5:14; 1 Tm 6:7). Se somos mordomos fiéis daquilo que Deus nos deu, possuímos riquezas eternas que jamais desvanecerão (Mt 6:19-34). Não dá para levar as riquezas conosco, mas é possível enviá-las antes de nós.

A declaração do versículo 12 é repetida no versículo 20 com o acréscimo de "mas sem entendimento". O escritor redigiu este salmo para que tivéssemos entendimento! Precisamos entender que as riquezas não podem evitar a morte nem determinar nosso

destino, que não devemos dar lugar à cobiça quando vemos outros prosperando neste mundo. Não é pecado ter riquezas, desde que sejam obtidas honestamente, empregadas sabiamente e investidas fielmente naquilo que agrada ao Senhor.

SALMO 50

A cada sétimo ano, durante a Festa dos Tabernáculos, os sacerdotes deveriam ler a lei ao povo e explicar seu significado (Dt 31:9-18; Ne 8), e é possível que esse salmo tenha sido escrito para essa ocasião. A ênfase é sobre uma vida inteiramente piedosa, que deve resultar da verdadeira adoração espiritual. Asafe era um dos mestres de canto de Davi (ver introdução do Sl 39 e 1 Cr 15:17ss; 16:4ss). Costuma-se atribuir a ele os Salmos 73 a 83. Deus, o Juiz, convoca o tribunal (vv. 1-6) e confronta dois transgressores: o formalista, para o qual a adoração é um ritual a ser seguido (vv. 7-15), e o hipócrita, para o qual a adoração é um disfarce para encobrir os pecados (vv. 16-21). O salmo termina com um apelo para que todos os adoradores sejam fiéis ao Senhor (vv. 22, 23).

1. O SANTO JUIZ (Sl 50:1-6)

Os juizes humanos são tratados pelo título "Meritíssimo", mas esse Juiz é chamado de "Poderoso" (*El*), "Deus" (*Elohim*), "SENHOR" (*Jeová*), "Altíssimo" (*Elion*; v. 14), e "Deus" (*Eloah*). Ele é o Juiz (vv. 4, 6), o Promotor e o Júri - e sabe absolutamente tudo sobre aqueles que estão envolvidos no julgamento! Ele chama os céus e a terra como testemunhas do processo (vv. 1, 4, 6; ver Dt 4:26, 32; 31:28; 32:1; Is 1:2; Mq 1:2; 6:1, 2). Quando um juiz entra no tribunal, todos se levantam em sinal de respeito; porém a entrada de Deus nesse tribunal é acompanhada do esplendor de sua glória (80:1; 94:2) e de uma tempestade de fogo, não muito diferente da cena no monte Sinai, na ocasião em que o Senhor entregou sua lei (Êx 19:18; 24:17; Dt 4:11, 12; 33:2; Hb 12:18, 29). Temos mais facilidade de pecar quando nos esquecemos da transcendência de Deus. A arca estava com o povo no monte Sião ("Emanuel, Deus

conosco"), mas a nação não deveria esquecer do monte Sinai, onde seu Deus revelou sua santidade e grandeza. O salmista louva Sião por sua beleza (v. 2; 48:2; Lm 2:15), mas também deseja que nos lembremos da "beleza da santidade" (ver 27:4; 90:17; 110:3).

Deus é o Juiz (vv. 4, 6; 7:11; 9:8; 11:4-7; 75:2; 96:10, 13; 98:9), e o julgamento começa com seu próprio povo (1 Pe 4:17). São os "santos", ou seja, o povo separado exclusivamente para o Senhor em função de sua santa aliança (vv. 5, 16; Êx 19:1-9; 24:4-8; Am 2:3). Alguns de seu povo haviam pecado, e ele havia sido longânimo para com eles e se mantido calado sobre o assunto (vv. 3, 21). Os transgressores haviam interpretado o silêncio como consentimento (Ec 8:11; Is 42:14; 57:11), mas era chegada a hora do Deus Santo falar. O propósito desse "julgamento" não era julgar nem condenar os pecadores, mas sim trazer à luz seus pecados e lhes dar a oportunidade de se arrepender e de voltar para o Senhor.

2. OS ADORADORES INSINCEROS (Sl 50:7-15)

A oração "Escuta, povo meu" apresenta um tom majestoso (Dt 4:1; 5:6; 6:3, 4; 9:1; 20:3; 27:9). O Senhor fala primeiro aos que são, de fato, seu povo, mas cuja adoração é insincera. Sua devoção era fiel, mas não passava de rotina. Assim como a igreja de Éfeso, "[abandonaram] o seu primeiro amor" (Ap 2:4) e estavam adorando ao Senhor por hábito, não de coração. Por fora, faziam o que o Senhor havia ordenado e honravam os sacrifícios diários (Êx 29:38-42), mas, por dentro, lhes faltava o amor que Deus desejava encontrar em seu coração, mais do que desejava seus sacrifícios (Is 1:11-15; Jr 7:21-23; Os 6:6; 8:13; Am 5:21-26; Mq 6:6-8; Mc 12:28-34).

Os sacrifícios que o Senhor havia prescrito eram, de fato, importantes para a vida espiritual de Israel, mas de nada adiantavam aos adoradores, a menos que houvesse fé no coração e um desejo de honrar ao Senhor. Os animais que levavam ao sacerdote pertenciam ao Senhor muito antes de os adoradores

sequer os terem visto! O mundo e tudo o que há nele pertence a Deus (v. 12; 24:1; 89:11; At 17:24, 25; 1 Co 10:26), e não temos coisa alguma para oferecer a Deus. Algumas das religiões pagãs daquela época ensinavam que os deuses e deusas “alimentavam-se” dos animais que o povo sacrificava, mas essa idéia não fazia parte da religião de Israel (Dt 32:37-40). O que o Senhor queria de seu povo era a gratidão sincera, obediência à sua Palavra, oração e um desejo de honrá-lo em todas as coisas (vv. 14, 15). O Senhor não quer ritualismo nem formalismo, mas sim nossa adoração mais sincera.

3. OS PECADORES HIPÓCRITAS (Sl 50:16-21)

Essa mensagem é dirigida aos israelitas “ímpios” dentro da comunidade da aliança que recitavam o credo com seus lábios, mas, deliberadamente, desobedeciam à lei de Deus. Depois de transgredir a lei do Senhor, dirigiam-se para o santuário e agiam de modo extremamente religioso, a fim de encobrir seus pecados. Contribuíam para transformar o santuário num “covil de salteadores” – lugar onde os criminosos se escondiam depois de terem cometido seus atos de perversidade (Jr 7:11; Mt 21:13). Não tinham respeito algum pela Palavra de Deus (v. 17). Não apenas consentiam com os pecados de outros, mas também participavam deles e tinham prazer no que faziam (vv. 18-20). A expressão “aborrecer a disciplina” significa rejeitar um modo de vida ordenado, segundo a Palavra de Deus, rejeitar uma vida responsável. O Senhor cita especificamente roubar (o oitavo mandamento, Êx 20:15), cometer adultério (o sétimo mandamento, Êx 20:14) e falar de modo enganoso e mal-dizer (o nono mandamento, Êx 20:16). Não se tratam de “transgressões da aliança”, pois os cristãos podem ser igualmente culpados de cometê-las.

O silêncio de Deus volta a ser mencionado (v. 21; ver v. 3). Deus é longânimo para com os pecadores, mas essa gente perversa interpretou o silêncio do Senhor como sua aprovação (ver Is 42:14; 57:11; 64:12; 65:6; Mt 2:17; 3:14-18). Seu raciocínio estava tão

confuso que acabaram criando um deus a sua própria imagem (v. 21). Deus estava nas mãos de pecadores ignorantes! Havia se esquecido de Jeová (Rm 1:22-28) e não queriam que interferisse com o estilo de vida deles. Tinham uma falsa sensação de segurança e acreditavam que poderiam pecar e escapar impunes.

4. O ADORADOR SINCERO (Sl 50:22, 23)

Nos dois versículos finais, o salmista resume sucintamente as características do tipo de adorador que Deus procura (Jo 4:23, 24). O verdadeiro adorador tem um temor apropriado do Senhor e, em sua adoração, busca somente honrar a Deus. Obedece à vontade de Deus (“prepara o seu caminho”) e pode “ver” a salvação do Senhor. Quando combinamos essas características com os versículos 14 e 15 – gratidão ao Senhor, oração e desejo de glorificar a Deus – temos uma descrição do adorador que alegra o coração de Deus.

SALMO 51

Ao longo de sua vida, o rei Davi fez o que era agradável ao Senhor, “senão no caso de Urias, o heteu” (1 Rs 15:5). Este é o quarto salmo penitencial (ver 6) e também a oração de Davi depois que o profeta Natã confrontou-o com seus pecados (ver 32; 2 Sm 11 – 12). Trata-se do primeiro de 15 salmos consecutivos, no Livro II, atribuídos a Davi. Em sua oração, Davi expressa três pedidos centrais.

1. “LAVA-ME” (Sl 51:1-7)

O pecado é para o ser interior aquilo que a sujeira é para o corpo, de modo que era apropriado Davi sentir-se sujo por causa do que havia feito. Ao cometer adultério e homicídio, havia atravessado a linha instituída por Deus em sua lei (“transgressão”); havia errado o alvo determinado por Deus para ele (“pecado”) e cedido à sua natureza pecaminosa e perversa (“iniquidade”). Havia se rebelado intencionalmente contra Deus, e, de acordo com a lei, não existiam sacrifícios de expiação para esses pecados deliberados (Lv 20:10; Nm 35:31, 32). Só restava a Davi

apelar para a misericórdia, a graça e o amor de Deus (v. 1; Êx 34:6, 7; 2 Sm 12:22). O verbo “apagar” refere-se a uma dívida que ainda deve ser paga (130:3; Is 43:25), e “lavar” diz respeito à contaminação decorrente de tocar em algo imundo (Lv 11:32) ou de alguma enfermidade (Lv 13:1-3). “Purificar” (vv. 2, 7) está associado à lavagem de roupas impuras (Is 1:18; 64:6). Na sociedade israelita daquela época, lavar e trocar de roupas era um modo de marcar um recomeço na vida (Gn 35:2; 41:4; 45:22; Êx 19:10, 14), e foi isso o que Davi fez (2 Sm 12:20).

Sem dúvida, Davi havia pecado contra Bate-Seba e Urias, mas sua maior responsabilidade era para com o Senhor, que havia dado a lei a seu povo (2 Sm 12:13; Êx 20:13, 14). Os israelitas tementes a Deus consideravam que todos os pecados eram, antes de tudo, ofensas contra o Senhor (Gn 39:9). Davi reconheceu seus pecados abertamente e defendeu a justiça do Senhor (v. 4; 1 Jo 1:9, 10). Paulo cita o versículo 4 em Romanos 3:4 como parte de sua argumentação de que o mundo todo é culpado diante de Deus. Além disso, Davi confessou que não era apenas um pecador por opção, mas também por natureza (v. 5; 1 Jo 1:8). Sua declaração não dá a entender que sexo no casamento seja pecaminoso ou que sua natureza decaída hereditária seja uma desculpa para desobedecer. Antes, mostra apenas que o rei não era melhor do que qualquer outro homem em sua nação (ver Gn 6:5; 8:21; Jr 17:9; Mt 15:19; Rm 1:19ss). A pecaminosidade dos seres humanos não significa que não podem fazer coisa alguma que seja boa (Lc 11:13), mas sim que sua “bondade” não lhes dá o direito de entrar na família de Deus (Ef 2:8-10; Tt 3:3-7).

Davi conhecia a verdade da Palavra de Deus e a amava (19:7-11), mas havia deliberadamente mentido a si mesmo (“posso escapar impune”) e ao povo, e também havia tentado mentir a Deus. Procurou encobrir seu pecado durante quase um ano, mas Deus não permite que seus filhos sejam bem-sucedidos em seus pecados. Agora, o rei pede que Deus lhe dê verdade e sabedoria no mais íntimo de seu ser (v. 6).

O “hissopo” (v. 7) era um arbusto com hastas cheias de pêlos, que poderiam ser mergulhadas em líquidos, usado pelos sacerdotes para aspergir sangue ou água sobre quem precisava de purificação cerimonial (Lv 14:4, 6; Nm 19:6, 18; ver Êx 12:22). Os cristãos de hoje são purificados pela obra realizada por Jesus Cristo na cruz (1 Jo 1:5-10; Hb 10:19-25).

2. “RESTITUI-ME” (Sl 51:8-12)

Os pecados de Davi o haviam afetado como um todo, atingindo seus olhos (v. 3), sua mente (v. 6), seus ouvidos e ossos (v. 8; ver 32:3, 4; 35:9, 10; 38:8), seu coração e espírito (v. 10), suas mãos (v. 14) e seus lábios (vv. 13-15). Esse é o preço elevado que se paga pelo pecado. Davi sabia disso e, portanto, pediu que o Senhor fizesse mais por ele do que apenas purificá-lo. Por mais importante que fosse a purificação, Davi queria que todo seu ser fosse restaurado, a fim de que pudesse servir ao Senhor de maneira aceitável. Desejava ter dentro dele a alegria do Senhor (ver v. 12) e ver a face do Senhor resplandecendo sobre ele (10:1; 44:24; 88:14; 104:29). “Júbilo e alegria” é uma expressão hebraica que significa “profunda alegria”. Davi pediu ao Senhor que criasse dentro dele um coração novo e que lhe desse um espírito firme, que não vacilasse. O versículo 10 é a parte central do salmo e expressa o cerne da preocupação de Davi. Sabia que o ser interior - o coração - era a origem de seu problema bem como o lugar que abrigava sua alegria e bênção, e sabia também que não era capaz de mudar o próprio coração. Esse é um milagre que somente Deus pode operar (Jr 24:7; Ez 11:19; 36:25-27).

O Senhor concedeu seu Espírito Santo a Davi quando ele foi ungido por Samuel (1 Sm 16:13), e Davi não desejava perder essa bênção do Espírito, nem sua ajuda, como havia acontecido com Saul quando ele pecou (1 Sm 16:1, 14; ver 2 Sm 7:15). Hoje, o Espírito habita nos cristãos para sempre (Jo 14:15-18), mas os filhos de Deus podem perder a eficácia de seu ministério ao entristecer o Espírito (Ef 4:30-32), mentir para ele (At 5:1-3) e apagá-lo pela desobediência

deliberada (1 Ts 5:19). A expressão “espírito voluntário”, no versículo 12, refere-se ao próprio espírito de Davi, como também o “espírito inabalável” do versículo 10. Um “espírito voluntário” não vive na servidão, mas sim em liberdade e entrega ao Espírito de Deus, que ministra a nosso espírito e por meio dele (Rm 8:14-17). Não basta simplesmente confessar o pecado e receber a purificação de Deus; também é preciso deixar que Deus nos renove interiormente, a fim de que possamos conquistar o pecado e resistir à tentação. O Senhor perdoou Davi, mas permitiu que sofresse as conseqüências trágicas de seus pecados (2 Sm 12:13, 14).

3. “USA-ME” (Sl 51:13-19)

Davi era um servo de Deus e desejava recuperar seu ministério e liderar seu povo. Desejava, especialmente, preparar todos os detalhes para a construção do templo. É interessante que Salomão, o filho nascido de Bate-Seba algum tempo depois, tenha sido escolhido como sucessor de Davi e como o rei que dirigiria a construção do templo. “Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20). Davi desejava testemunhar aos perdidos e conduzi-los de volta ao Senhor (v. 13), e desejava cantar louvores a Deus (vv. 14, 15). A expressão “crimes de sangue” refere-se ao sangue de Urias nas mãos de Davi, pois a ordem para matar o marido de Bate-Seba havia partido de Davi (2 Sm 11:6ss; ver Ez 3:18-20; 18:13; At 20:26).

Davi era rico o suficiente para oferecer inúmeros sacrifícios ao Senhor, mas sabia que isso não seria agradável a Deus (50:8-15; ver 1 Sm 15:22) e que o sangue desses animais não poderia lavar seus pecados. Davi não negava a importância nem a validade do sistema sacrificial de seu povo; antes reafirmava a importância de um coração arrependido e de um espírito submisso ao Senhor (Is 57:15). Deus não aceitava animais imperfeitos ou feridos como sacrifício (Ml 1:6-8), mas receberia um coração quebrantado!

Alguns estudiosos acreditam que os versículos 18 e 19 foram acrescentados posteriormente, a fim de adaptar esse salmo, de caráter extremamente pessoal, à adoração

congregacional, mas nada impede que o próprio Davi tenha escrito essas palavras. Como rei, certamente se preocupava com o bem de Jerusalém e do reino e sabia que seus pecados haviam enfraquecido a situação de Israel entre as nações (2 Sm 12:14). É provável que Davi tenha começado o trabalho de construção e de reparo dos muros, pois, de outro modo, Salomão não poderia ter completado essas obras logo no começo de seu reinado (1 Rs 3:1). Davi destruiu muita coisa boa com seu pecado, mas também foi autor de grandes realizações ao longo de sua vida e foi um servo fiel do Senhor.

SALMO 52

Quando Davi escreveu este salmo, estava irado – e com razão (para o motivo, ver 1 Sm 21:1-9 e 22:6-23). Doegue era um dos vários homens que cercavam Saul, satisfaziam seus caprichos e alimentavam seu ego, a fim de obter poder e riquezas. Caracteriza todos aqueles que se promovem à custa da verdade e da justiça. Doegue era edomita, o que significa que era descendente de Esaú, inimigo de Jacó (Gn 27 - 28; Hb 12:16, 17). A batalha entre a carne e o Espírito ainda está em andamento hoje. No entanto, é possível que Davi também estivesse escrevendo sobre Saul, que certamente se encaixa na descrição apresentada do tirano soberbo e poderoso. A perversidade sempre esteve presente nos altos escalões, e o povo de Deus deve aprender a lidar com esse fato da maneira condizente com sua devoção. Davi nos apresenta três cenas contrastantes.

1. OS PECADORES SE VANGLORIAM (Sl 52:1-4)

A designação “homem poderoso” é equivalente ao que chamaríamos de “chefão” e é usada com sarcasmo. Doegue e Saul eram poderosos a seus próprios olhos, mas aos olhos de Deus, eram insignificantes. Consideravam Davi desprezível, mas aos olhos de Deus, ele era importante. Davi dependia da misericórdia do Senhor (vv. 1, 8), enquanto Saul e seus homens dependiam de si mesmos e de seus próprios recursos. Com línguas afiadas como navalhas, davam ordens

e contavam mentiras sem refletir sobre as conseqüências (ver 5:9; 55:21; 57:4; 59:7; 64:3). Mesmo quando diziam a verdade – como fez Doegue com relação a Davi –, faziam isso com intenções perversas, pois estavam possuídos de um espírito maligno. Suas palavras devoravam e destruíam as pessoas (ver 35:25). Em nosso mundo do século XXI, não é difícil encontrar pessoas como Doegue e Saul.

2. OS SANTOS SE RIEM (SL 52:5-7)

O versículo 5 é a passagem central do salmo e marca o ponto crítico da experiência de Davi ao refletir sobre a perversidade do coração humano. Estava certo de que, um dia, Deus julgaria Saul, Doegue e todos os que seguiam sua filosofia de vida perversa. Observe o uso de verbos fortes: “te destruirá”, “há de arrebatarte e arrancar-te” e “te extirpará” (para uma descrição semelhante, ver Jó 18). Os justos apenas *veriam*, mas não experimentaríamos essa devastação (91:8) e se encheriam de temor da ira santa de Deus (40:3). Então, se ririam com menosprezo da queda humilhante de seus líderes pomposos (2:4). Deus faria com Saul e Doegue o que haviam feito à comunidade sacerdotal de Nobe (1 Sm 22:6ss), pois os pecadores acabam caindo nas covas que eles próprios cavam para outros (9:15; Pv 26:24-28; 29:6).

3. OS FIÉIS SERVEM (SL 52:8, 9)

O contraste é claro: os perversos são como árvores desarraigadas, enquanto os justos são como oliveiras verdejantes, belas e cheias de frutos. Saul e Doegue seriam rejeitados pelo Senhor e pereceriam, mas Davi e sua dinastia permaneceriam em segurança na casa do Senhor! É possível que o tabernáculo de Nobe tivesse oliveiras plantadas a seu redor e que Davi tivesse visto essas árvores. A oliveira vive e dá frutos por muitos anos (1:3; 92:12-15; ver Jr 17:7, 8, e ver 37:35, 36). Sem dúvida, tanto em vida quanto depois de sua morte, Davi foi uma bênção para sua nação e continua nos abençoando nos dias de hoje. Davi confiou na bondade de Deus, e o Senhor não o decepcionou; o rei também nunca deixou de dar

toda glória a Deus. A expressão “esperarei no teu nome” (v. 9) significa esperar e depender do caráter de Deus, conforme este se encontra expresso em seu grande nome. O salmo termina com Davi fazendo votos de louvar ao Senhor na congregação logo que Deus o estabelecesse em seu reino. As vitórias pessoais que o Senhor nos dá devem ser anunciadas publicamente para servir de ânimo ao povo de Deus. Apesar de o mal parecer triunfar, devemos continuar obedecendo e servindo ao Senhor sem desanimar. É o povo de Deus que vai “rir por último”.

SALMO 53

Temos aqui o Salmo 14 com algumas pequenas alterações e o acréscimo das duas últimas linhas do versículo 5. Um dos músicos do santuário revisou o salmo original de modo a adequá-lo a uma nova ocasião, talvez a derrota do exército assírio no tempo do rei Ezequias (v. 5; Is 37). É bom adaptar cânticos mais antigos para celebrar novas experiências com o Senhor. A principal mudança é o uso de *Elohim* (“Deus”) em vez de Jeová, o Deus da aliança. O salmo ainda revela e refuta a incredulidade insensata daqueles que rejeitam Deus. A jactância dos assírios é um ótimo exemplo.

A segunda parte do versículo 5 descreve os corpos espalhados de um exército aniquilado depois da vitória esmagadora de Deus. No antigo Oriente Próximo, era uma grande desonra um corpo permanecer insepulto; até mesmo criminosos executados deveriam receber um enterro decente (Dt 21:23; ver 2 Rs 23:14; Ez 6:5). O Senhor desprezou a arrogância dos assírios e os envergonhou publicamente e fará o mesmo com os exércitos do mundo que se opõem a ele (Ap 19:11-21).

SALMO 54

Os zifeus viviam cerca de 25 quilômetros a sudeste de Hebrom (ver o contexto em 1 Sm 23:13-24). Entregaram Davi a Saul duas vezes (ver 1 Sm 26:1), e, nas duas ocasiões, o Senhor livrou seu servo. Este salmo revela três estágios da experiência de Davi ao buscar o socorro de Deus.

1. O PONTO DE PARTIDA – A AMEAÇA DOS ADVERSÁRIOS (Sl 54:1-3)

A vida de Davi estava em perigo (v. 3; ver 1 Sm 23:15), e ele clamou ao Senhor pedindo que o salvasse e justificasse sua causa (1 Sm 24:15). Davi era o rei de Israel por direito, e nele se encontrava o futuro nacional e dinástico, inclusive a promessa da vinda do Messias pela linhagem de Davi (2 Sm 7). A expressão “pelo teu nome” significa “com base em teu caráter”, especialmente com referência a sua força (v. 1) e fidelidade (v. 5). Davi promete louvar o nome do Senhor depois da grande vitória (v. 6) e, neste salmo curto, usa três designações para Deus: *Elohim* (vv. 1, 2, 3, 4), *Adonai* (Senhor, v. 4) e *Jeová* (SENHOR, v. 6). A súplica “Escuta, ó Deus, a minha oração” (v. 2) aparece com frequência nas orações de Davi (4:1; 39:12; 143:1).

O termo “insolentes” (v. 3), por vezes traduzido por “estranhos”, não indica que seus inimigos eram gentios, pois os zifeus pertenciam à tribo de Judá, a mesma tribo de Davi. O termo é usado em Jó 19:13 para descrever a família e os amigos de Jó, e Davi o emprega de maneira semelhante em 69:8. Trata-se de uma palavra que pode ser usada para descrever alguém que deu as costas a outra pessoa, o que certamente foi o que os zifeus fizeram com Davi, seu rei. Essa atitude foi resultante do desprezo ao Senhor e a sua vontade em relação à nação de Israel. Ao contrário de Davi (16:8), não colocavam Deus sempre adiante deles (ver 10:4, 5; 36:1; 86:14).

2. O PONTO CRÍTICO – CONFIANÇA NO SENHOR (Sl 54:4)

Esse é o versículo central do salmo e registra o ponto crítico da experiência de Davi. O termo traduzido por “ajuda” ou “ajudador” é relacionado a “Ebenézer”, em 1 Samuel 7:12, “Até aqui nos ajudou o SENHOR”, palavra que Davi usava com frequência em suas orações (10:14; 30:10; 33:20; 79:9; 86:17; 115:9-11). É interessante observar que foi nessa época que Jônatas visitou Davi e que o Senhor o usou para dar novo ânimo a seu servo (1 Sm 23:16-18). Nem sempre o Senhor envia anjos para nos animar; por vezes, usa outros cristãos para ministrar a nosso

coração (ver At 9:26-28; 11:19-26). Todo cristão deve ser um Barnabé, um “filho de exortação [encorajamento]”.

3. O PONTO FINAL – LOUVOR AO SENHOR (Sl 54:5-7)

Em duas ocasiões, Davi teve oportunidade de matar Saul, mas não o fez, pois sabia que, um dia, Deus trataria com seu rei rebelde (ver 1 Sm 26:8-11). “Ele retribuirá o mal aos meus opressores” (v. 5; ver 7:15, 16; 35:7, 8; Pv 26:27; 28:10; 29:6). Davi estava longe do santuário, mas elevou sua voz em louvor a Deus, e suas palavras foram como uma oferta voluntária ao Senhor (Hb 13:15). Nos versículos 1 a 6, Davi fala diretamente ao Senhor, mas no versículo 7, dirige-se àqueles ao seu redor e dá testemunho da bênção do Senhor. Suas palavras revelam sua fé, pois fala de seu livramento como se esse já tivesse ocorrido e contempla seus inimigos com tranqüilidade (22:17; 59:10; 92:11; 118:7). Davi ainda teria de enfrentar mais sofrimento e perigos antes de subir ao trono, mas estava certo de que o Senhor o acompanharia até o fim – e foi exatamente o que aconteceu!

SALMO 55

É bem provável que este salmo tenha sido escrito no começo da revolta de Absalão (2 Sm 15 - 17), quando Davi ainda estava em Jerusalém (vv. 9-11) e a rebelião ganhava força. Se esse é o caso, o “amigo” dos versículos 12 a 14 e 20 e 21 deve ser Aitofel, o conselheiro de Davi que havia se juntado a Absalão. Vários comentaristas afirmam que o rei e seus oficiais só ficaram sabendo da traição de Aitofel depois que Davi fugiu da cidade (2 Sm 15:31), mas isso não é afirmado com clareza nas Escrituras. Davi era um homem de discernimento apurado, e é difícil crer que não tivesse conhecimento algum da traição de seu conselheiro mais próximo. Se este salmo é uma oração de Davi enquanto ainda estava em Jerusalém, então sua oração em 2 Samuel 15:31 é simplesmente uma repetição do versículo 9. O salmo revela quatro abordagens possíveis para lidar com as batalhas da vida e com os problemas que nos causam dor.

1. PODEMOS OLHAR PARA OS SENTIMENTOS DENTRO DE NÓS (Sl 55:1-5)

Davi começa com uma súplica para que o Senhor não esconda dele a sua face. “Não ignore minha oração!” (ver 10:1; 13:1; 27:9; 44:24; 69:17; 143:7). Davi sabia que sua negligência como pai havia feito Absalão voltar-se contra ele, contra o Senhor e contra a nação. Também sabia que a revolta era parte da disciplina que o profeta Natã havia prometido como consequência de Davi ter cometido adultério com Bate-Seba e mandado matar Urias (2 Sm 12:9-12). O que Davi ouviu e viu na cidade deixou-o profundamente angustiado (vv. 2, 17), e o rei percebeu que sua vida estava em perigo. A oposição lhe causava problemas como os soldados lançam seixos contra o inimigo ou fazem rolar grandes pedras sobre eles (v. 3). Mas a preocupação de Davi era com a segurança de seu povo e com o futuro das promessas do Senhor à dinastia davídica (2 Sm 7). Parrecia-lhe que tudo estava se desintegrando e que não havia esperança alguma. É natural olhar para nossos sentimentos e expressar nossos medos, mas isso não resolve os problemas.

2. PODEMOS OLHAR PARA UM REFÚGIO SEGURO MAIS ALÉM (Sl 55:6-8)

Quando nos vemos no meio de dificuldades, a primeira coisa que nos ocorre é: “Como posso sair dessa situação?” Na verdade, porém, o cristão consagrado deve perguntar: “O que posso aprender com essa situação?” Davi havia aprendido algumas lições estratégicas enquanto se escondia de Saul no deserto, mas nos anos posteriores de seu reinado, ainda teve de aprender outras lições mais importantes. O coração humano anseia por um refúgio seguro e tranqüilo, longe de problemas e de fardos da vida. Elias fugiu do lugar onde deveria exercer seu ministério e se escondeu numa caverna (1 Rs 19). Jeremias desejou uma estalagem sossegada onde pudesse se abrigar dos perversos a seu redor (Jr 9:2-6), mas quando teve a oportunidade de sair de Judá, mostrou ser um verdadeiro pastor e permaneceu com seu povo (Jr 40:1-6). As pombas

podem voar para lugares distantes e buscar refúgio nas rochas mais altas (Jr 48:28). Mas não precisamos de asas como de pomba para voar para longe das tempestades. Antes, precisamos de asas como de águia para voar *acima* da tempestade (Is 40:30, 31). Em mais de uma ocasião, Davi orou pedindo ao Senhor: “esconde-me” (17:8; 27:5; 64:2), e Deus respondeu à sua oração. De fato, Davi fugiu de Jerusalém (2 Sm 15:14ss) e se abrigou no deserto do outro lado do Jordão, em Maanaim.

3. PODEMOS OLHAR PARA AS CIRCUNSTÂNCIAS A NOSSO REDOR (Sl 55:9-15, 20, 21)

Davi não se negava a encarar a realidade; sabia o que se passava a seu redor e dirigiu as operações com uma competência digna de sua reputação. Além disso, porém, orou ao Senhor pedindo que causasse confusão no meio dos homens de Absalão (v. 9; 2 Sm 15:31) – e foi exatamente o que aconteceu. O Senhor usou Husai para influenciar Absalão a rejeitar o conselho de Aitofel, o que, por fim, levou à derrota do exército rebelde (2 Sm 16:15 – 17:31).

Enquanto ainda estava em Jerusalém, Davi pôde ver com os próprios olhos a violência e os conflitos, à medida que cada um se posicionava de um lado da rebelião, sendo que muitos seguiram Absalão (2 Sm 15:10-14). O versículo 10 refere-se à violência e à contenda personificadas como se estivessem caminhando pelos muros ao lado da perversidade e da malícia. Davi destaca, dentre os rebeldes, um homem que lhe causou grande dor: Aitofel, “meu igual”. Como conselheiro de Davi, Aitofel não era igual ao rei em termos de cargo ou autoridade, mas era muito próximo de Davi. Os dois haviam adorado ao Senhor juntos, mas Aitofel estava aconselhando o filho de Davi a rebelar-se contra o pai! Nos versículos 20 e 21, Davi fala novamente de Aitofel, mencionando como ele rompeu a aliança de sua amizade com o rei e como seu discurso era persuasivo (ver 5:9; 7:4; 12:2; 28:3; 41:9; Pv 5:3). Porém, Deus usou Husai para neutralizar os planos de Aitofel, e, com isso, Absalão foi

derrotado e Davi foi poupado (2 Sm 17). O retrato do versículo 15 nos lembra o julgamento de Deus sobre Corá, Datã e Abirão (Nm 16:28-33). Davi era o rei ungido de Deus, e o Senhor o protegeu.

4. PODEMOS OLHAR PARA DEUS E CONFIAR NELE (Sl 55:16-19, 22, 23)

Apesar de ser normal ter esperanças de encontrar uma forma rápida de escapar e de ser importante compreender nossos sentimentos e circunstâncias, é muito mais importante olhar para Deus e pedir sua ajuda. Davi não podia mais comandar um exército na batalha, mas podia orar para que Deus derrotasse as forças rebeldes, uma oração a que o Senhor respondeu. No texto original, Davi usa a designação Jeová, o nome de Deus na aliança, ao dizer: "O SENHOR me salvará" (v. 16). O povo de Israel tinha certos horários fixos para orar (Dn 6:10; At 3:1), mas a expressão "à tarde, pela manhã e ao meio dia" (v. 17) significa que Davi estava orando o dia todo! Sem dúvida, também orou durante a noite (v. 10). Davi estava certo de que o Senhor o ouviria e o resgataria, pois se encontrava entronizado no céu e inteiramente no controle. O trono de Davi corria perigo, mas o trono de Deus estava seguro (9:7, 8; 29:10; 74:12).

Durante os anos difíceis de preparação, Davi havia passado por várias mudanças e aprendido, com isso, a confiar no Deus que nunca muda (Ml 3:6; Tg 1:17). Absalão e seus amigos viveram em meio ao luxo e à comodidade e nada sabiam dos desafios envolvidos nas circunstâncias incertas; não tinham fé em Deus nem temor do Senhor. Uma vida próspera pode ser fácil até nos vermos em meio à tempestade e descobriremos como estamos despreparados, pois aquilo que a vida faz conosco depende do que ela encontra em nós.

O uso dos pronomes "teus" e "te", no versículo 22, indica o singular, mas quem está falando com quem? É bem provável que Deus esteja falando a Davi por intermédio de Natã ou de outro profeta e que, então, Davi se dirija à pessoa que está lendo o salmo. Essa promessa é repetida em 1 Pedro

5:7. O termo "cuidados", que também pode ser traduzido por "fardos", significa "aquilo que lhe é entregue" e nos faz lembrar que até mesmo os fardos da vida vêm das mãos e do coração amoroso de Deus (Sl 33:11; Rm 8:28). A felicidade e o sucesso da vida de Davi eram provenientes do Senhor (16:5, 6) e, quando o rei passou por momentos de dor e de tristeza, o Senhor continuou no controle.

Davi encerra o salmo falando ao Senhor e declarando sua fé (7:1; 10:1), certo de que Deus julgaria seus inimigos. Será que, com isso, estava prenunciando o suicídio de Aitofel (2 Sm 17:23)?

Não devemos nos esquecer de que Jesus Cristo também foi traído por um homem que depois se enforcou (Mt 27:1-10), também atravessou o vale do Cedrom (2 Sm 15:23; Jo 18:1) e chorou no monte das Oliveiras (2 Sm 15:30; Lc 22:39-44; Hb 5:7). Rejeitado pelo próprio povo, hoje ele está entronizado nos céus e, um dia, voltará a Jerusalém para estabelecer seu reino (Zc 14:4ss).

SALMO 56

Num momento de dúvida e de desespero profundos, Davi saiu de Judá e fugiu para Gate, cidade filistéia associada ao gigante Golias, a quem Davi havia executado (1 Sm 17). Davi estava sozinho e não foi bem recebido (na segunda vez que foi para Gate, estava acompanhado de seus homens e foi aceito; ver 1 Sm 27 - 30). Este salmo revela que sua vida corria grande perigo e, de acordo com o relato histórico, precisou fingir que era louco a fim de conseguir escapar (1 Sm 21:10 - 22:1). O Salmo 34 também é resultante dessa experiência em Gate. O sobrescrito musical pode ser traduzido de várias maneiras: "a pomba silenciosa em meio àqueles que estão distantes"; "a pomba silenciosa em meio a estranhos" e "a pomba nos terebintos (carvalhos) distantes". Alguns relacionam esse sobrescrito com 55:6-8 e consideram que Davi é a pomba (inocência) silenciosa sendo atacada num lugar distante de seu lar. Em meio ao perigo e ao medo (vv. 3, 4, 11), Davi apresenta três pedidos ao Senhor, e suas súplicas são respondidas.

1. LIVRA-ME DA MORTE (Sl 56:1-4)

Davi era atormentado “todo o dia” pelos filisteus, que lembravam como Israel havia cantado louvores a ele como seu grande líder militar. Seus inimigos o perseguiram como animais famintos e ofegantes, levando Davi a suplicar por misericórdia (ver 51:1; 57:1). O relato em 1 Samuel não fala de qualquer ataque físico a Davi, mas ele ouviu muitas calúnias e sua vida esteve em perigo. Em seu clamor a Deus, Davi demonstra medo e, ao mesmo tempo, fé (Mt 8:26; 14:30; Mc 5:6). O refrão nos versículos 3 e 4 se repete nos versículos 10 e 11, quando Davi afirma que somente Deus lhe dá forças para louvá-lo e para confiar nele. “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). A fé e o louvor não podem ser “fabricados”; devem ser recebidos como dádivas de Deus. O “mortal” é o “simples homem, feito de carne”. Essa expressão é citada em 118:6 e em Hebreus 13:6. As Escrituras referem-se de forma negativa à natureza humana decaída (Jo 6:63; Rm 7:18; Fp 3:3).

2. LIVRA-ME DOS TROPEÇOS (Sl 56:5-11)

Davi precisava, literalmente, olhar onde estava pisando em Gate, não apenas quanto ao que fazia, mas também quanto ao que dizia, pois era objeto de suspeitas e estava sendo vigiado. Tinha um alvo em suas costas e só podia ser protegido pelo Senhor. Davi escolheu Gate por pensar que aquele seria o último lugar onde Saul esperaria encontrá-lo, mas tomou essa decisão com base nas aparências, não pela fé. Crer é viver sem tramar. Davi ora pedindo que Deus julgue os inimigos de Israel.

Nos versículos 8 e 9, Davi lembra o Senhor dos sofrimentos que suportou no exílio e sugere que, em função dessas aflições, suas orações devem ser respondidas, e seus inimigos, derrotados. Para Davi, essa resposta seria uma garantia de que Deus estava apoiando sua causa (Rm 8:31-39). Deus conhecia todos os passos de Davi e os havia contado (121:8), como também havia guardado suas lágrimas (ver 2 Rs 20:1-6). O Senhor inscreveu suas lágrimas em seu livro ou as recolheu em seu odre (v. 8) ou garrafa.

Foram encontradas em escavações arqueológicas pequenas garrafas, chamadas de “lacrimários”, que os pranteadores usavam para coletar suas lágrimas e que, depois, colocavam perto do túmulo de seu ente querido. Com isso, Davi está simplesmente dizendo que Deus sabe como nos sentimos e como sofremos, e que seus registros são precisos (69:28; 87:6; 130:3; 139:16; Êx 32:32; Ne 13:14; Ez 13:9; Dn 7:10; Ml 3:16; Ap 20:12; 21:27). Davi repete o refrão nos versículos 10 e 11, mas, dessa vez, usa a designação “Jeová”, o nome de Deus na aliança.

3. LIVRA-ME PARA QUE EU POSSA TE LOUVAR (Sl 56:12, 13)

O maior desejo de Davi era glorificar ao Senhor, e foi isso que o levou a escrever este salmo. Ele havia feito votos de servir ao Senhor e pretendia cumpri-los. Também havia feitos votos de apresentar ofertas de ação de graças (ofertas pacíficas) ao Senhor quando seus dias, vagando de um lado para o outro, chegassem ao fim. Parte das ofertas de ação de graças ficavam com o adorador para que pudesse desfrutar uma refeição de comunhão com a família e amigos – uma bênção que Davi aguardava com ansiedade.

De acordo com o versículo 13, Deus respondeu às orações de Davi. *Livrou-o da morte*; guardou-o de tropeçar e permitiu que andasse em retidão e louvasse ao Senhor. A expressão “luz da vida” também é usada por Jesus em João 8:12. Ao seguirmos ao Senhor Jesus nos dias de hoje, desfrutamos a plenitude de vida e a luz gloriosa de sua presença. Andamos na luz.

SALMO 57

Depois de seu livramento de Gate, relatado no Salmo 56, Davi fugiu para a caverna de Adulão (1 Sm 22:1ss) e, posteriormente, se mudou para uma caverna em En-Gedi (1 Sm 24; ver Sl 142). Melhor fazer a vontade de Deus numa caverna do que estar fora de sua vontade no palácio do um rei. A melodia: “Não destruas” também é prescrita para os Salmos 58, 59 e 75. Este salmo trata de um dia na vida de Davi como fugitivo: o versículo 4 mostra-o indo deitar e o versículo 8 fala

dele despertando para um novo dia. Deus aquietou seu coração e lhe deu o sono de que precisava (ver 4:8 e 5:3). É interessante observar a repetição dos termos *misericórdia* (v. 1), *enviar* (v. 3), *coração* (v. 7) e *despertar* (v. 8) e do refrão nos versículos 5 e 11. Usando sua experiência em Gate, Davi fala de algumas responsabilidades (e privilégios) dos cristãos a cada dia.

1. CADA DIA É UM DIA DE ORAÇÃO (Sl 57:1-5)

Como em 56:1, Davi começa com uma súplica por misericórdia, pois depende da graça de Deus para fazê-lo atravessar suas tribulações. Sua adoração e oração transformaram a caverna no Santo dos Santos, onde poderia esconder-se sob as asas dos querubins do propiciatório da arca (Êx 25:17-20, observe o uso do verbo “cobrir” no v. 20). Trata-se de uma imagem que pode ser encontrada com frequência nas Escrituras e não deve ser confundida com a imagem das asas do pássaro, como no caso de 91:4, Deuteronômio 32:11, Mateus 23:37 e Lucas 13:34 (ver 17:8; 36:7, 8; 61:4; Rt 2:12). Davi desejou ter as asas de uma pomba a fim de voar para longe (55:6), quando, na verdade, o que precisava era das asas dos querubins no “esconderijo do Altíssimo”, onde poderia encontrar refúgio seguro (Hb 10:19-25). Davi já havia se refugiado no Senhor em várias ocasiões e sabia que o Senhor era fiel. O termo “calamidades” significa “uma tempestade destruidora que poderia me tragar”.

Saul e seus homens eram como animais vorazes perseguindo sua presa (vv. 3, 4; ver 7:2; 10:9; 17:12; 57:4; Dn 6; 1 Pe 5:8), mas Deus protegeria Davi com seu amor e fidelidade. Se Davi se deitasse na caverna para dormir, era possível que Saul e seus homens o encontrassem. Mas o Deus de Davi era o “Deus Altíssimo” (7:17; 57:2; 78:56), “que possui os céus e a terra” (Gn 14:19) e cumpriria os grandes propósitos que havia preparado para o seu servo (138:8). Davi incluiu um cântico de louvor nessa oração vespertina (v. 5), então se deita e dorme. Não orava apenas na hora de dormir, mas também ao longo do dia; porém, encerrava o dia com

uma oração especial de adoração e de compromisso.

2. CADA DIA É UM DIA DE LOUVOR (Sl 57:6-11)

Nos versículos 1 a 5, vemos a seqüência: oração (v. 1), testemunho (vv. 2, 3), uma descrição do inimigo (v. 4), seguida de um refrão; nesta seção, porém, a seqüência é: o inimigo (v. 6), testemunho ao Senhor (vv. 7, 8) e louvor (vv. 9-11), tendo como ênfase o louvor. Aqui, Davi compara os inimigos a caçadores que colocavam armadilhas para suas presas, figura usada com frequência na poesia bíblica (7:15; 9:15ss; 35:7). Porém, Davi confia em Deus, e não lhe faltam motivos para cantar e louvar ao Senhor. Um coração “firme” é aquele que se apega às promessas do Senhor e não vacila entre a dúvida e a fé (51:10; 108:1; 112:7; 119:5). Esse é o mesmo termo usado para descrever a constância dos corpos celestes (8:3; 74:16). É importante observar que os versículos 7 a 11 também aparecem em 108:1-5. Davi louvava ao Senhor o dia todo, mas começava o dia com um louvor especial que antecedia até mesmo o nascer do Sol. Ao invés de ser acordado pelo novo dia, era ele que, com sua voz, despertava o alvorecer (ver 30:5; Lm 3:22, 23).

Davi desejava que sua vitória no Senhor servisse de testemunho a outras nações, pois, como rei, sabia que Israel deveria ser uma luz para os gentios. Hoje, seus salmos dão testemunho das grandes coisas que Deus fez por ele. No versículo 3, Deus envia *do céu* sua misericórdia e fidelidade, mas, no versículo 10, a misericórdia e a verdade *elevam-se até as nuvens!* Que abundância incomparável!

3. CADA DIA É DIA DE EXALTAR O SENHOR (Sl 57:5, 11)

Esse refrão pede que Deus manifeste sua grandeza de tal modo que o povo seja compelido a dizer: “Isto procede do SENHOR e é maravilhoso aos nossos olhos” (118:23). Em seu outro salmo de Gate, Davi conclama o povo a exaltar o Senhor (34:3; ver também 18:46; 21:13; 30:1; 35:27; 40:16; 99:5, 9;

107:32; 145:1; 108:5; Mt 5:16). Se estamos orando, crendo e louvando ao Senhor, não devemos ter dificuldade de exaltar seu nome em tudo o que dizemos, fazemos e experimentamos. Devemos fazer tudo para a glória de Deus (1 Co 10:31), e se “tudo” inclui esconder-se em cavernas, então que o Senhor seja exaltado! A oração, o louvor e o desejo de que Deus seja exaltado são elementos que transformam qualquer caverna no Santo dos Santos para a glória de Deus.

SALMO 58

Durante os anos que Davi passou no exílio, Saul conduziu a nação à ruína política e espiritual, ao desobedecer à lei do Senhor e se opor ao rei ungido de Deus. Saul estava cercado por um grupo de bajuladores que alimentavam seu ego e satisfaziam seus caprichos tolos (1 Sm 22:6ss) e colocou em cargos de autoridade pessoas que usavam sua posição em benefício próprio, sem levar em consideração o bem de Israel como nação. Desejavam conseguir o máximo possível antes que o reino se desintegrasse. O próprio Davi havia sido tratado sem qualquer respeito às leis, e é provável que seus homens tenham perdido tudo quando decidiram segui-lo (1 Sm 22:1, 2). Possivelmente, este salmo foi escrito no final do exílio de Davi, ou, ainda, no início de seu reinado em Hebrom, e talvez tenha surgido de suas reflexões sobre a confusão que herdou de seu sogro (ver 82 para um salmo paralelo de Asafe). Os profetas pregaram, em inúmeras ocasiões, contra os líderes ilegítimos de Israel (Is 1:23-28; 5:22-25; 10:1-4; Am 5:7-13; Mq 3:1-4, 9-12; 7:1-6). Sem dúvida, as nações, empresas e até mesmo igrejas de hoje precisam levar a sério esse tipo de crise de liderança. Trata-se de um salmo imprecatório (ver 6).

1. ACUSAÇÃO – O DESRESPEITO ÀS LEIS (Sl 58:1-5)

Davi dirige-se aos líderes que não praticam as leis e lhes pergunta se suas palavras são imparciais, se suas decisões são legais, se suas sentenças são justas e se seus silêncios são honestos. Estavam guardando a lei e defendendo os justos ou distorcendo a lei e

beneficiando os perversos? Sabia a resposta, como nós também. Quando deviam falar, permaneciam calados, e, quando falavam, ignoravam a lei de Deus. Tinham um coração maligno, pois haviam nascido em pecado, como todos nós (51:5; Gn 8:21). No entanto, não faziam esforço algum para buscar a ajuda de Deus a fim de controlar essa natureza pecaminosa, entregando-se, antes, a seus impulsos perversos. Foi justamente por causa da perversidade humana que Deus instituiu o governo e a lei, pois sem leis a sociedade se transformaria em caos. É do coração que saem as palavras malignas de nossos lábios e as obras perversas de nossas mãos.

Esses juízes iníquos eram mentirosos. Em vez de serem um remédio, promovendo a cura na sociedade, suas palavras eram como veneno que a intoxicava (Pv 12:18; 15:4). Davi os compara a serpentes (vv. 4, 5) e leões (v. 6), duas figuras usadas para Satanás (Gn 3; 2 Co 11:3; 1 Pe 5:8). Como uma víbora, só obedeciam ao encantador quando recompensados, mas tomavam as próprias decisões. As serpentes não possuem ouvidos visíveis nem tímpanos internos, mas têm pequenos ossos na cabeça que servem para conduzir as vibrações sonoras. A víbora reage mais ao movimento do encantador do que à música que ele toca.

2. CONDENAÇÃO – O DESRESPEITO ÀS LEIS É PUNIDO (Sl 58:6-8)

Foi com razão que Davi irou-se ao ver pessoas inocentes sofrendo por causa de juízes iníquos. Existe uma ira justa que deve se manifestar sempre que inocentes são condenados ou que desamparados sofrem abusos. Davi não colocou em prática nenhuma das coisas que menciona; antes, pediu ao Senhor que as fizesse. Sabia que a vingança pertence ao Senhor (Dt 32:35; Hb 10:30; Rm 12:19). A falta de dentes é uma limitação terrível para um leão quando vai atacar uma presa; a água que foi absorvida pelo solo não tem mais poder algum de destruição (2 Sm 14:14); as flechas sem ponta não são capazes de penetrar o corpo do inimigo. As lesmas, na verdade, não se “diluem” enquanto se

deslocam sobre uma pedra, mas deixam para trás um rastro viscoso que dá essa impressão. O aborto é uma criança morta e, portanto, não pode fazer coisa alguma. Na realidade, Davi estava dizendo: "Que esses líderes injustos sejam exterminados!"

3. JUSTIFICAÇÃO – A RETIDÃO É LOUVADA (Sl 58:9-11)

Davi acrescenta a sexta figura para descrever o julgamento final dos ímpios que ocorrerá sem qualquer aviso. Um viajante desesperado passando pelo deserto seria capaz de cozinhar uma refeição numa fogueira feita com espinhos, mas o fogo poderia apagar de repente, pois os espinhos queimam com muita rapidez; ou um redemoinho poderia passar por ali, espalhando a lenha, o fogo e as panelas. Usando uma expressão mais moderna, esses líderes ímpios estavam "fritos". O dia do julgamento virá e não terão como escapar (118:12; 2 Sm 23:6).

A segunda ilustração vem do campo de batalha e é ainda mais vívida (v. 10). Quando os soldados vitoriosos andavam pelo campo de batalha e recolhiam os espólios, seus pés ficavam manchados com o sangue dos inimigos. Lavar os pés em leite e andar em azeite são figuras que retratam grande riqueza (Jó 29:6), assim como banhar os pés em sangue ilustra uma vitória esmagadora (ver 68:23; Is 63:1-6; Ap 14:17-20). A alegria dos justos com esse julgamento é tão pecaminosa quanto a alegria de prisioneiros de guerra ao serem libertos de campos de extermínio ou de cidadãos oprimidos que comemoram a queda de um ditador cruel. Afinal, o céu se regozija com a queda da Babilônia (Ap 18:20 - 19:6). Deus vindica a si mesmo, sua lei e seu povo e o faz legitimamente. Seu julgamento será tão eficaz que os de fora dirão: "há um Deus, com efeito, que julga na terra" (v. 11).

SALMO 59

O medo e o ódio que o rei Saul alimentava contra Davi tornaram-se tão compulsivos que, por fim, ele ordenou que seu genro fosse morto. Em duas ocasiões, o próprio Saul tentou dar cabo de Davi (1 Sm 19:1-10).

Em seguida, tramou para que Davi fosse morto na cama em sua casa (1 Sm 19:11-18), mas a esposa de Davi ajudou-o a escapar por uma janela (ver At 9:23-25). Antes dessa tentativa, Saul mandou homens para vigiar seu inimigo (vv. 6, 14), e Davi escreveu este salmo como um pedido de socorro a Deus. O salmo concentra-se no Senhor, o Libertador (vv. 1-9) e Juiz (vv. 10-17). Observe a "declaração de fé" que Davi repete nos versículos 9 e 17. Davi esperou e observou, enquanto Deus operava, e, então, cantou louvores ao Senhor por suas misericórdias.

1. DEUS, O LIBERTADOR (Sl 59:1-9)

O povo de Deus pode sempre se voltar para o Senhor em momentos de perigo e de provação, pois *ele ouve nossas orações* (vv. 1, 2). Davi pede que Deus o coloque num lugar elevado, pois para ele o Senhor é sua fortaleza e baluarte (18:2; 20:1; 46:7, 11; 91:14). Depois de orar, Davi não ficou de braços cruzados, pois "a fé sem obras é morta" (Tg 2:26). O aviso de Mical e sua iniciativa salvaram a vida dele, e o fato de ela usar um "boneco" no lugar dele na cama ajudou-a a ganhar tempo para que o marido chegasse até a casa de Samuel em Ramá. Porém, foi o Senhor quem respondeu às orações e orquestrou essa fuga. O Senhor também *conhece nosso coração* (vv. 3, 4) e sabia que Davi era inocente daquilo que os homens de Saul o estavam acusando (7:1-5; ver 1 Sm 20:1 e 24:11). Davi dirigiu-se ao Senhor como se Deus estivesse adormecido (vv. 4, 5; ver 7:6 e 44:23). Em momentos de grande necessidade, muitas vezes sentimos que Deus precisa começar a agir em nosso favor e que deve fazê-lo sem demora!

O Senhor *vê e ouve nossos inimigos* (vv. 5-7) e sabe o que estão fazendo e dizendo. Davi se dirige a Deus como Jeová (o Deus da aliança), o SENHOR dos Exércitos e o Deus de Israel. Ele era o rei ungido de Israel e um filho da aliança que Deus havia feito com seu povo, de modo que estava exercendo um direito seu ao pedir a ajuda do Senhor. Jeová é o SENHOR dos Exércitos (SENHOR Sabaoth) e pode derrotar qualquer um que se opõe a sua vontade. Considerando-se que

Saul e seus homens eram o problema mais imediato, a quem Davi está se referindo quando fala sobre “as nações” (vv. 5 e 8)? As nações ao redor quase sempre estavam prontas a atacar Israel, um inimigo de longa data, e o governo incompetente de Saul poderia facilitar esse ataque. O rei estava tão obcecado com seu desejo de destruir Davi que havia deixado de lado suas responsabilidades e colocado a nação numa posição vulnerável. Porém, Davi era o rei ungido de Deus, e os ataques de Saul eram exatamente o que as nações gentias fariam contra Israel se tivessem uma oportunidade. Ao contrário de Saul, Davi entendia que Israel ocupava um lugar único entre as nações e procurou manter essa posição (Gn 12:1-3; Nm 23:9; 24:8, 9).

A descrição vívida que Davi faz dos homens de Saul (vv. 6, 7 e 12-15) revela quanto desprezo sentia por eles. Não passavam de cães rondando e rosnando, a boca espumando e cuspidando palavras malignas, enquanto reviraram os depósitos de lixo da cidade. O povo de Israel costumava chamar os *gentios* de cães! Por fim, como nosso grande Libertador, o Senhor *defende nossa causa* (vv. 8, 9). Os “cães” estavam andando à volta da cidade e rosnando, mas Deus estava rindo (ver 2:4 e 37:13). Os espias espreitavam Davi, mas o servo de Deus vigiava e esperava o Senhor agir (vv. 9, 17; ver 121:3-5, 7, 8). Deus era sua força e sua fortaleza (46:1), de modo que não havia motivo algum para temer.

2. DEUS, O JUÍZ (SL 59:10-17)

Deus não apenas cuidaria de Davi, como também confrontaria seus inimigos e trataria deles. Se os pedidos de Davi parecem violentos e inapropriados para o espírito cristão, é importante ter em mente que o futuro de Israel e da dinastia escolhida de Davi estavam em jogo. Não se tratava de uma cruzada pessoal da parte de Davi, pois havia pedido que Deus combatesse o inimigo por ele (Rm 12:17-21).

Quando devemos enfrentar o inimigo e lutar contra ele, o Senhor vem ao nosso encontro (v. 10). A misericórdia (“benignidade”) do Senhor iria adiante de Davi e prepararia o caminho para a vitória, como quando Davi

matou Golias. O Senhor também *luta por nós* (vv. 11-13a) ao dispersar o inimigo, fazendo desviar de seu curso e interromper seu ataque. O Senhor é nosso Escudo e pode nos proteger em qualquer batalha (3:3; 18:2; Gn 15:1; Dt 33:29). No entanto, é preciso deixar clara uma distinção: Davi desejava que Deus destruísse as nações gentias e, desse modo, revelasse seu grande poder (v. 13), pois as vitórias de Deus dão testemunho àqueles que não têm conhecimento dele. Porém, pediu que Deus não matasse Saul e seus homens com um julgamento súbito, mas sim que permitisse que sofressem as conseqüências de seus próprios pecados e que fossem, portanto, consumidos aos poucos. Isso serviria de testemunho claro e de aviso para o povo de Israel e lhes ensinaria uma lição que não podiam aprender de nenhuma outra forma. As vitórias de Deus *glorificam seu grande nome* (v. 13b) e exaltam o nome do Senhor até aos confins da Terra (Êx 9:16; Dt 28:9, 10; Js 4:23, 24; 1 Sm 17:46; 1 Rs 8:42, 43). Por fim, o Senhor *nos dá um cântico* (vv. 16, 17) e, *mesmo antes da vitória*, o louvamos por seu caráter e seus feitos poderosos! A noite de perigo nunca é agradável, mas temos as misericórdias do Senhor “pela manhã” (v. 16), pois seu amor e compaixão “renovam-se cada manhã” (Lm 3:22, 23).

SALMO 60

De acordo com o sobrescrito, este salmo é parte da história registrada em 2 Samuel 8:1-14 e 10:6-18, 1 Crônicas 18:1-13 e 19:6-19, ocasião em que Davi estava vencendo uma série de batalhas e formando sua reputação (2 Sm 8:13). Enquanto se encontrava no Norte lutando contra os arameus (sírios), os edomitas atacaram Israel pelo Sul, causando grandes estragos. Davi enviou Joabe com parte de seu exército, e Joabe e Abisai (1 Cr 18:12) derrotaram Edom no vale do Sal, ao sul do mar Morto. É bem provável que Davi tenha escrito este salmo pouco depois de ficar sabendo que os edomitas haviam invadido Israel, mas se pode observar um espírito de confiança e de certeza de que o Senhor daria a vitória a Israel, o que de fato ocorreu.

A instrução musical “Lírios do testemunho” refere-se à aliança (ver 45, 69 e 80).

1. ABANDONO – UM POVO AFLITO (SL 60:1-5)

A forma plural dos pronomes indica que Davi estava se dirigindo ao Senhor em nome dos israelitas, os quais se sentiam abandonados por Deus. A vitória inicial de Edom foi como água rompendo uma represa (v. 1; 2 Sm 5:20) ou como um terremoto abalando toda a terra (v. 2). O povo agia como se estivesse embriagado com vinho, cambaleando transtornado de um lugar para outro (v. 3; 75:8; Is 51:17, 22). Davi interpretou a derrota de Israel como um sinal de que Deus havia rejeitado seu povo (44:9-16; 89:38-45). Porém, sendo um homem de fé, em vez de desistir, reuniu o povo ao redor do estandarte do Senhor (v. 4; 20:5). O Deus de Israel é “Jeová Nissi – o SENHOR É Minha Bandeira” (Êx 17:15). Davi sabia que Israel era a “propriedade peculiar” de Deus, seu povo amado (o nome “Davi” quer dizer “amado”) que o temia e com o qual Deus havia feito uma aliança de lhes dar vitória sobre os inimigos (2 Sm 7:9-11). A fé estava conquistando o medo no coração de Davi.

2. ENCORAJAMENTO – UMA MENSAGEM DE TRIUNFO (SL 60:6-8)

O texto não explica de que maneira Davi recebeu essa mensagem do Senhor, mas ele creu imediatamente e a passou adiante ao povo. A mensagem descreve Jeová como o Guerreiro que derrotou as nações em Canaã e dividiu a terra entre seu povo (vv. 6, 7; ver Êx 15:3, 13-18; Js 18:10). Siquém era a principal cidade de Efraim e, com Sucote, ficava do lado ocidental do rio Jordão, enquanto Gileade e Manassés (a meia tribo) ficavam na margem do lado oriental do mesmo rio. O patriarca Jacó era associado tanto a Sucote quanto a Siquém (Gn 33:17, 18). Efraim era uma tribo forte chamada para defender Israel (“defesa de minha cabeça” ou “elmo”), e Judá havia sido escolhido para ser a tribo real, aquela que carregava o cetro (Gn 49:10). O Senhor não deu a terra a seu povo só para, depois, a entregar nas mãos de seus inimigos!

Deus refere-se com desprezo aos inimigos que atacaram Israel, pois tanto Edom quanto Moabe eram conhecidos por sua arrogância (Is 16:6-14; Ob, e ver Êx 15:14, 15 e Nm 20:14-21). Aos olhos de Deus, Moabe não passava de uma bacia usada para lavar pés imundos e Edom era um servo que limpava sapatos sujos! (Davi era associado aos moabitas; ver Rt 4:13-22.) Quanto aos filisteus, eternos inimigos de Israel, sobre eles Deus se “jubilaria”, ou seja, daria seu grito de vitória (v. 8). Pela fé, Davi tomou essas promessas para si, enviou parte do exército comandado por Joabe e Abisai para lutar contra Moabe e posteriormente se juntou a eles numa grande vitória. Lutar em duas frentes não é fácil, mas Deus lhes deu vitória.

3. CAPACITAÇÃO – UM SENHOR CONFIÁVEL (SL 60:9-12)

Davi orou fervorosamente para que o Senhor honrasse sua Palavra e desse a seu povo amado vitória sobre os inimigos, e o Senhor respondeu. Deixou claro que não estava olhando para trás e vendo a derrota (vv. 9, 10). Era o tipo de líder que olhava para o futuro e confiava no Senhor. É provável que a “cidade fortificada” fosse Petra (ou Sela), a capital de Edom. Davi não interpretou esse revés como um sinal de derrota absoluta. Com suas inúmeras vitórias, Davi estava formando uma excelente reputação, e essa derrota talvez tenha servido para humilhá-lo e aproximá-lo ainda mais do Senhor. Davi não confiava em si mesmo nem em seus oficiais competentes ou soldados valentes (v. 11). Confiava inteiramente no Senhor e sua fé foi honrada. O inimigo seria completamente derrotado – pisoteado na terra – e Israel triunfaria. Israel se reuniu ao redor do “estandarte” da fidelidade de Deus (v. 4), e o Senhor lhes deu a vitória (1 Jo 5:4). “Edom será uma possessão; Seir, seus inimigos, também será uma possessão; mas Israel fará proezas” (Nm 24:18).

SALMO 61

Davi pode ter escrito este salmo numa das muitas vezes em que se viu em perigo, mas talvez o melhor contexto seja a revolta de Absalão (2 Sm 15 – 18). O rei ora sobre um

inimigo (v. 3), pede proteção para sua vida (v. 6) e segurança para seu trono (v. 7, em que “permanecer” significa “ser entronizado”). O salmo começa com Davi clamando em meio a sua aflição, mas encerra com ele cantando louvores ao Senhor.

1. “OUVE” – UM CLAMOR AO SENHOR (Sl 61:1-4)

Há um tom de urgência no clamor de Davi, pois se vê sobrepujado pelo que estava acontecendo e sucumbindo sob a pressão (ver Sl 142). É evidente que não se encontrava nos “confins da terra”, mas era assim que se sentia, pois se encontrava longe de casa e do santuário de Deus. Com isso, descreve a “geografia espiritual” e sua necessidade de saber que Deus estava presente naquilo que se passava. A figura do Senhor como uma “rocha” aparece com frequência nos escritos de Davi (18:2, 31, 46; 62:2, 6, 7 etc.). Ele não era capaz de se elevar com as próprias forças; precisava do Senhor para ajudá-lo e sustentá-lo (ver 62:2, 6, 7). Nunca estamos tão distantes a ponto de não podermos orar a Deus, ou, como no caso de Jonas, num lugar profundo demais (Jn 2). Davi faz uma retrospectiva de sua vida e se anima ao lembrar que Deus não lhe faltou em nenhum momento de crise (v. 3) e, por certo, não o faria dessa vez. Para Davi, a casa de Deus era o tabernáculo, o lugar onde sua glória habitava. Davi ansiava voltar a Jerusalém para adorar seu Senhor (v. 4). É bem provável que as “asas” sejam uma referência aos querubins do propiciatório que cobria a arca da aliança no Santo dos Santos (36:7, 8; 57:1; 63:2, 7). Davi não era um sacerdote, de modo que não podia entrar no Santo dos Santos, mas podia permanecer no Senhor e se refugiar nele (46:1; 90:1). As “asas” de Deus protegiam Davi exatamente onde ele estava, de modo que não precisava ter as próprias “asas” a fim de voar para longe (55:6-8). A expressão “para sempre”, no versículo 4, tem o sentido de “por toda a minha vida” (1 Sm 1:22).

2. “OUVISTE” (Sl 61:5-8)

Quando Davi subiu ao trono, fez algumas promessas ao Senhor e ao povo e pretendia

cumpri-las. Durante todo o seu exílio no deserto, enquanto se escondia de Saul, Davi obedeceu ao Senhor (18:19-27) e procurou ser um pastor para a nação. Por que o Senhor cuidaria de Davi ao longo de todos aqueles anos e depois permitiria que Absalão, o filho perverso de Davi, tomasse seu lugar? O trono era a herança que ele havia recebido do Senhor (16:5, 6), assim como a terra de Israel era a herança (propriedade) do povo de Deus (37:9, 11, 22, 29, 34).

Seus pedidos, nos versículos 6 e 7, são relacionados à aliança que Deus, em sua bondade, havia feito com Davi (2 Sm 7). O Senhor prometeu a Davi um trono para sempre e uma dinastia eterna (89:36), promessa que se cumpriu em Jesus Cristo (Lc 1:30-37; At 2:22-36). A preocupação de Davi não era com seu nome ou com sua família, mas sim com o futuro de Israel e o plano maravilhoso de redenção que Deus estava realizando. Seu trono corria perigo nessa ocasião, mas ele confiava que Deus cumpriria suas promessas. A oração “permanença [seja entronizado] para sempre diante de Deus” (v. 7) significa “que o rei Davi viva em plenitude”, protegido pela misericórdia e a fidelidade de Deus. Para os cristãos de hoje, porém, quer dizer: “Que Jesus Cristo reine para sempre!”. O trono da glória está seguro, pois Deus colocou seu Rei no seu santo monte de Sião! (2:6). Portanto, sigamos o exemplo de Davi e confiemos no Senhor, clamemos por ele, obedeçamos “dia após dia” e cantemos louvores a ele.

SALMO 62

Este salmo pode ser resultante do período de provação na vida de Davi em que seu filho, Absalão, tentou lhe tomar o trono (vv. 3, 4), mas também pode ter sido escrito quando Davi estava reinando sobre Judá em Hebrom (2 Sm 1 - 4). Foram anos difíceis, durante os quais o exército de Saul procurou dar continuidade a sua dinastia e destronar o rei ungido de Deus (sobre “Jedutum”, ver o Sl 39 e observar como os dois salmos apresentam diversos paralelos). Neste salmo, Davi demonstra uma fé extraordinária ao descansar somente em Deus (vv. 1, 2, 5, 6) e

ao confiar que ele derrotaria o inimigo e restituiria a paz na terra. Três verdades poderosas surgem dessa experiência.

1. SOMENTE DEUS NOS SALVA (Sl 62:1-4)

O termo traduzido por “somente” ou “só”, nos versículos 1, 2, 4, 5, 6 e 9, é um advérbio hebraico traduzido também por “de fato, verdadeiramente, porém” ou, até mesmo, deixado de fora da tradução. A intenção de Davi é nos mostrar que não crê em Deus e também em outras coisas, mas sim que crê única e exclusivamente em Deus. Sem dúvida, Deus usa certos meios para realizar sua obra, e o mesmo Deus que determina o final também determina os meios, mas nossa fé encontra-se nele e não nos meios. Davi não discutiu com o inimigo nem tentou dizer a Deus o que fazer; simplesmente orou, confiou e esperou, sabendo que, a seu tempo, Deus lhe daria o reino. As figuras de Deus como “rocha” e “fortaleza” nos remetem ao Salmo 18:1, 2. Uma vez que era um homem humilde, Davi se via como uma parede inclinada ou um muro prestes a cair (ver 1 Sm 24:14 e 26:20). Mas Deus era seu baluarte! O inimigo poderia ameaçá-lo, mentir a seu respeito e até mesmo atacá-lo, mas ele não perderia a paz que Deus havia colocado em seu coração. Esperar silenciosamente no Senhor não é o mesmo que ficar ocioso. Antes, é uma combinação serena de fé e adoração que se sujeita e descansa na grandeza da vontade de Deus. É uma preparação para o momento em que Deus ordena a seu servo que entre em ação (18:30-45).

2. SOMENTE DEUS NOS ENCORAJA (Sl 62:5-8)

Davi passa de “não serei muito abalado” (v. 2) para “não serei jamais abalado” (v. 6). Quanto melhor é a compreensão de que Deus é sua fortaleza, maior é a tranqüilidade em seu coração. Não estava dependendo de si nem de seus próprios recursos, mas sim do Senhor Deus Todo-Poderoso. Seu trono, sua reputação e sua vida dependiam exclusivamente da fidelidade do Senhor. No versículo 8, Davi exortou aqueles que o acompanhavam a considerar Deus seu refúgio, a confiar sempre

nele e a derramar o coração em oração (42:4; 142:2). Davi dependia das orações de outros e, como Paulo, não tinha medo de dizer: “Irmãos, orai por nós” (1 Ts 5:25; 2 Ts 3:1). Períodos de espera podem ser difíceis, se não dependermos inteiramente do Senhor. As demoras de Deus não são recusas, mas nossa impaciência pode ser usada pelo diabo para nos conduzir a desvios perigosos e destrutivos.

3. SOMENTE DEUS RECOMPENSA (Sl 62:9-12)

Quando Davi olhou para o Senhor, viu a si mesmo como um muro inclinado e uma parede prestes a cair (v. 3). Agora, olha para o inimigo e o vê como se não fosse coisa alguma! Não importa quão elevada seja sua posição social ou quão afluente seja sua situação econômica, todos os homens são apenas vaidade (“fumaça”, 102:3; “neblina”, Tg 4:14; “um sopro”, Jó 7:7). Se forem colocados numa balança, ela não registrará coisa alguma, pois não pesam coisa alguma (Jó 6:2; Is 40:15; Dn 5:27). Os inimigos de Davi haviam adquirido seu poder e riqueza pela opressão e o abuso de outros, e Davi advertiu seu próprio povo para não adotar essa filosofia de vida. Como é triste ver que, nos dias de hoje, o povo de Deus muitas vezes deposita sua confiança nas riquezas, *status* e capacidades humanas e não no Único que pode, verdadeiramente, abençoá-los.

A expressão: “Uma vez [...] duas vezes”, no versículo 11, é a maneira hebraica de dizer, “várias vezes, repetidamente” (Am 1:3, 6, 9, 11, 13; Jó 33:14). Davi havia ouvido essas palavras em diversas ocasiões, e a lição que transmitiam estava gravada em seu coração: a força e a bondade de Deus são suficientes para todas as crises da vida, pois estamos nas mãos de um Deus cujo amor onipotente jamais pode falhar. “Caiamos nas mãos do SENHOR, porque muitas são as suas misericórdias” (2 Sm 24:14). De fato, Deus justificou Davi e lhe deu o trono, no qual Davi reinou com grande honra. Não importa o que as pessoas nos façam ou o que possam dizer sobre nós, Deus guarda seus registros e, um dia, dará aos pecadores e santos

as recompensas que cada um merece. “E cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho” (1 Co 3:8).

SALMO 63

O sobrescrito diz que Davi estava no “deserto de Judá” quando escreveu este salmo, de modo que o cântico provavelmente corresponde ao tempo da revolta de Absalão (2 Sm 15:23). Porém, Davi não olhou para o passado com remorso pelos erros que cometeu como pai, como também não olhou ao redor com medo e lamentação diante dos desconfortos e perigos do deserto. Antes, olhou para o alto, para o Senhor, e reafirmou sua fé e seu amor. Num momento em que poderia estar desanimado, estava alegre em Deus e, num lugar onde não havia qualquer santuário ou ministério sacerdotal, Davi buscou ao Senhor pela fé e recebeu deles novas forças. É interessante observar a maneira como suas experiências progredem, à medida que ele busca a orientação e a ajuda do Senhor num momento difícil de sua vida.

1. O ANSEIO POR DEUS (Sl 63:1, 2)

Ser capaz de dizer, pela fé, “tu és o meu Deus forte” transformou a experiência de Davi no deserto num ato de adoração. Estava num lugar ermo, sentindo fome e sede, mas seus anseios mais profundos eram de ordem espiritual, não física. Com todo o seu ser, corpo e alma, ele almejava satisfação que só poderia encontrar na presença de Deus (v. 5; 42:1, 2). Assim como temos nossos sentidos físicos saciados pela criação de Deus, também temos sentidos espirituais (Hb 5:14) que só podem ser saciados por Cristo. Ele é o pão da vida (Jo 6) e, por seu Espírito, nos dá a água viva (Jo 4:1-14; 7:37-39; Ap 22:17). Aqueles que têm fome e sede de alimento e de bebida espiritual serão fartos (Mt 5:6). Davi podia dizer como Jesus: “Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis” (Jo 4:32).

De que maneira Davi adquiriu esse apeteite espiritual maravilhoso? Adorando a Deus no seu santuário (v. 2; ver 27:4; 84:1, 2). Havia erguido uma tenda no monte Sião e colocado a arca de volta em seu devido lugar;

também havia descoberto um imenso prazer em ir até lá e meditar sobre o Senhor (36:8, 9; 46:4). Uma vez que não pertencia à tribo de Levi, Davi não poderia entrar no santuário propriamente dito, mas, por seus estudos dos livros de Moisés, sabia qual era o aspecto desse lugar e os rituais que ali deveriam ser realizados e compreendia seu significado mais profundo. *É nossa adoração constante que nos prepara para as crises da vida.* Aquilo que a vida faz conosco depende daquilo que a vida encontra em nós, e Davi possuía dentro de si um amor profundo pelo Senhor e o desejo de lhe agradar. Pelo fato de ter visto o poder e a glória de Deus na casa do Senhor, também conseguia vê-los no deserto!

2. O LOUVOR A DEUS (Sl 63:3-5)

Davi não dependia do tabernáculo nem de sua mobília e utensílios – tanto que enviou a arca de volta a Jerusalém (2 Sm 15:24-29) –, mas sim do Deus vivo cujo caráter e obras se encontravam representados nesses objetos. Ao contrário do povo supersticioso de Judá no tempo de Jeremias (Jr 3:16; 7:1-16), Davi olhou além do que era material e viu as realidades espirituais. No lugar onde estava, não tinha sacerdote nem altar, mas poderia levantar as mãos como os sacerdotes e bendizer o Senhor e abençoar o seu povo (Nm 6:22-27). Apesar de não estarem segurando sacrifício algum, suas mãos erguidas demonstravam as orações e o amor em seu coração elevado ao Senhor (ver 28:2; 141:2; 1 Tm 2:8). Pela fé, estava sob as asas dos querubins do Santo dos Santos, protegido de seus inimigos (v. 7; 36:7). Não havia como desfrutar uma refeição sacrificial no meio do deserto, mas sua alma se deleitou com iguarias espirituais que nem mesmo os sacerdotes poderiam provar (v. 5; Lv 3:16, 17). “Banha e gordura” representam as comidas mais finas (81:16; 147:14; Dt 32:14; Is 25:6). Em vez de murmurar, como é nossa tendência quando as coisas dão errado, Davi cantou louvores ao Senhor.

3. A LEMBRANÇA DE DEUS (Sl 63:6-8)

O coração de Davi estava em paz, e ele pôde deitar-se e meditar sobre o Senhor e adorá-lo

tranqüilamente (3:5, 6; 42:8). A oração “te busco ansiosamente”, no versículo 1, pode significar “te busco logo cedo”, o modo que vemos Davi pela manhã e também à noite. “De ti me recordo” (v. 6) refere-se à lembrança de tudo o que Deus havia dito e feito no passado, aplicando essas recordações à situação presente (42:6; 77:1-11; 105:1-5; 119:55). Foi pelo fato de Israel ter se esquecido dos feitos poderosos de Deus que o povo rebelou-se contra ele e lhe desobedeceu (78:40-43; 106:6ss). Nosso Deus é o EU SOU, e não o “Eu era”, e deve sempre ser reconhecido na situação em que nos encontramos agora. Havia três vigílias em Israel, estendendo-se do pôr-do-sol até às 22 horas, das 22 horas até às 2 horas da manhã e das 2 horas da manhã até o nascer do Sol. Portanto, toda vez que Davi despertava durante a noite, lembrava-se imediatamente do Senhor (ou, talvez, passasse a noite toda acordado, porém não agitado e virando de um lado para o outro). Sua cama estava sob as asas dos querubins e ele se sentia seguro ao meditar sobre o Senhor (16:7; 119:148; Dt 6:4-9).

Porém, Davi não assumiu uma atitude passiva em sua devoção, pois continuou a se apegar ao Senhor e a descansar na segurança de sua mão direita (17:7; 18:35; 41:12). A fé sem obras é morta. Os cristãos estão seguros nas mãos do Pai e do Filho (Jo 10:27-29), mas isso não nos dá o direito de fazer coisas tolas que poderiam nos colocar em perigo. A oração “A minha alma apegue-se a ti” é uma tradução literal do versículo 8, que inclui tanto uma fé submissa a Deus quanto uma busca ativa de Deus. Jesus descreve essa experiência em João 14:21-27.

4. O REGOZIO EM DEUS (Sl 63:9-11)

Há quem critique Davi pelo fato de ele desejar que seus inimigos fossem destruídos e os corpos deles deixados ao ar livre para serem devorados por animais carniceiros. No entanto, é preciso lembrar que esses rebeldes eram inimigos de Deus e dos propósitos de Deus para Israel e que esses propósitos incluíam a vinda do Messias ao mundo (ver em Sl 55). Davi não executou os inimigos

com as próprias mãos; antes pediu ao Senhor que tratasse deles, o que, de fato, aconteceu (2 Sm 18:6-8). Davi desejava apenas que a verdade de Deus triunfasse sobre os mentirosos (31:5; 40:11; 43:3; 45:4). Não se regozijou com a destruição dos inimigos, mas sim no Deus de Israel. Além disso, incentivou todo o povo a louvar a Deus com ele. Em várias ocasiões, o louvor pessoal de Davi se transformou num louvor comunitário enquanto ele glorificava publicamente ao Senhor por suas misericórdias. Devemos fazer o mesmo nos dias de hoje.

SALMO 64

“A primeira qualidade de um comandante-em-chefe é uma cabeça fria que lhe permita ter uma percepção correta das coisas”, disse Napoleão I. “Não deve permitir ser confundido pelas boas nem pelas más notícias.”

É bem provável que Davi estivesse servindo na corte de Saul quando escreveu este salmo (1 Sm 18 - 20). Sabia que Saul era seu inimigo e desejava matá-lo e que a maioria dos oficiais de Saul também estava conspirando contra ele. Apesar de ser o rei ungido, Davi não possuía autoridade alguma para se opor a Saul e, por fim, teve de fugir e de se esconder no deserto. As pessoas podem nos causar todo tipo de dificuldade, mas nossa luta não é contra carne e sangue, mas sim contra Satanás e suas hostes (Ef 6:10ss). Este salmo nos instrui sobre o que fazer nas batalhas da vida.

1. BUSCAR A PROTEÇÃO DO SENHOR (Sl 64:1, 2)

Davi se dirige ao Senhor com frequência dizendo: “Ouve, ó Deus, a minha voz” ou “Responde-me quando clamo”, não porque Deus não estivesse prestando atenção, mas porque Davi estava orando com fervor (4:1; 5:3; 27:7; 28:2; 39:12; 54:2; 55:17; 61:1; 64:1; 140:6; 143:1). O termo traduzido por “a minha voz” (v. 1) também significa “a minha queixa” (ver 142:2). Davi não pediu que Deus mudasse as circunstâncias, mas que fortalecesse seu coração e o livrasse do medo. O temor do Senhor nos mobiliza, enquanto o medo dos homens nos paralisa.

Como um jovem membro da corte, amado pelo povo, porém invejado e odiado pelo rei, Davi enfrentava dois problemas: a conspiração secreta de Saul e seus oficiais e o "tumulto" (v. 2) aberto daqueles que desejavam agradar a Saul oprimindo Davi. Esse tumulto não indica a revolta de Absalão, mas sim os acontecimentos descritos em 2:1, 2 e 31:13. As mentiras sobre Davi se espalhavam cada vez mais, e ele sabia que não estava seguro na corte de Saul. Tanto sua vida quanto sua reputação estavam sendo atacadas, e somente o Senhor poderia salvá-lo.

2. PEDIR A SABEDORIA DO SENHOR (Sl 64:3-6)

Davi sabia exatamente o que o inimigo estava dizendo e fazendo; da mesma forma, também precisamos conhecer as estratégias de Satanás quando ele nos ataca (2 Co 2:11). Como um leão, vem para devorar (1 Pe 5:8) e, como uma serpente, vem para enganar (2 Co 11:1-4), e uma das suas principais armas é a acusação (Ap 12:10; Zc 3). Davi compara a língua de seus inimigos com espadas (55:21; 57:4; 59:7) e suas palavras com flechas envenenadas (57:4; Pv 25:18; 26:18, 19; Jr 9:8). Também colocam armadilhas no caminho dele, certos de que ninguém sabe o que estão fazendo, nem mesmo o Senhor (10:11, 13; 12:4; 59:7). (Para algumas das armadilhas de Saul e de como o Senhor as frustrou, ver 1 Sm 18 - 19.) Davi sabia que o coração humano é "um abismo" (ver Jr 17:9) e que há sempre novos perigos dos quais escapar, de modo que buscava constantemente a sabedoria do Senhor ao tomar decisões. Tiago 1:5 é uma excelente promessa da qual podemos nos apropriar!

3. CONFIAR QUE O SENHOR DARÁ A VITÓRIA (Sl 64:7, 8)

Ao depender do Senhor e obedecer a suas instruções, Davi estava certo de que Deus derrotaria seus inimigos. "Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder" (Ef 6:10). Os inimigos de Davi dispararam flechas contra ele repentinamente (vv. 3, 4), de modo que o Senhor fez o mesmo contra eles (v. 7).

Tentaram fazê-lo tropeçar e cair em suas armadilhas (v. 5), de modo que o Senhor os fez tropeçar e cair (v. 8). Deus usaria a própria língua cortante desses homens para lutar contra eles, e acabariam em envergonhados e desgraçados (v. 8). O Senhor derrota nossos inimigos com as mesmas armas que usam contra nós.

4. DAR GLÓRIA AO SENHOR (Sl 64:9, 10)

Enquanto a nação observava os inimigos de Davi serem derrotados e ele ser elevado ao trono, tudo isso glorificou ao Senhor grandemente. Algumas pessoas meneavam a cabeça num gesto de incredulidade (v. 8a). Como o Dr. Bob Cook costumava dizer: "Se você consegue explicar o que está acontecendo, então não é obra do Senhor". A fé espera ver Deus fazer o impossível! A nação experimentou um novo temor do Senhor ao ver o pecado ser julgado e seu rei piedoso ser vingado (59:9-13). O povo louvou ao Senhor por aquilo que ele havia feito e, enquanto adoravam, meditavam também em seu caráter e em seus propósitos. Não basta ter conhecimento das obras do Senhor; também devemos procurar compreender seus caminhos e aprender a agradá-lo (103:6,7). A grande preocupação de Davi era que o Senhor fosse glorificado, e foi por isso que Deus o abençoou. Regozijem-se!

SALMO 65

Trata-se do primeiro de quatro salmos (65 - 68) que se concentram no louvor ao Senhor por suas muitas bênçãos na natureza e por sua bondade para com seu povo. Ele é o Deus da criação e o Deus da aliança. O salmo reconhece nossa dependência do Senhor para suprir nossas necessidades espirituais e materiais. A expressão "Coroas o ano" (v. 11) indica uma festa de colheita em outubro, o primeiro mês do ano civil de Israel (o calendário religioso começava com a Páscoa; Êx 12:2). É possível que o versículo 3 seja uma referência ao Dia da Expição, que dava início à Festa dos Tabernáculos, uma festa associada às colheitas (Lv 17; 23:26-44). As chuvas anuais normalmente começavam no final de outubro, amolecendo o

solo duro, possibilitando que os agricultores o arassem e semeassem (vv. 9-13). Talvez Deus tivesse disciplinado seu povo enviando seca e fome (Lv 26:3-6; Dt 11:8-17) e permitindo que outras nações ameaçassem Israel (v. 7). Essa disciplina os conduziu ao arrependimento e aguardavam com ansiedade as chuvas prometidas e uma colheita abençoada das mãos do Senhor. A experiência incomum de Davi com os gibeonitas pode ter sido o pano de fundo para esses acontecimentos (2 Sm 21:1-14). Qualquer que seja o contexto histórico, o salmo nos ajuda a adorar nosso Deus maravilhoso e a glorificá-lo por seu caráter e por aquilo que faz a nosso favor.

1. ELE É O SALVADOR DOS PECADORES (Sl 65:1-4)

A tradução literal da primeira frase é: "Para ti, o louvor é silêncio", o que não diz muita coisa. Algumas versões apresentam uma combinação: "Haverá silêncio diante de ti e louvores em Sião, ó Deus". O termo hebraico para "silêncio" é bastante parecido com "próprio, devido", de modo que também é possível traduzir por: "É apropriado te louvar". Porém, o silêncio também faz parte da adoração, e devemos aprender a esperar silenciosamente no Senhor (62:1). Nos dias de hoje, Israel não tem um santuário, mas um dia, o templo será reconstruído (Ez 40 - 48; Dn 9:20-27), e as nações gentias virão e adorarão o verdadeiro Deus vivo (v. 2; Is 2:1-3; 56:7; Mq 4:1-5; Mc 11:17).

Antes de nos aproximarmos do Senhor, devemos confessar nossos pecados e crer no seu perdão (1 Jo 1:9; ver também Sl 15, Is 6). Os sacerdotes haviam sido escolhidos por Deus para servir no seu santuário (Nm 16:5), mas Deus desejava que todo o seu "povo escolhido" vivesse como sacerdotes (Êx 19:3-8; Dt 7:6-11; Sl 33:12). Os cristãos de hoje são um "reino de sacerdotes" (1 Pe 2:9, 10; Ap 1:5, 6), escolhidos pelo Senhor, que lhe oferecem louvores e adoração. Aquilo que os adoradores de Israel tinham em seu santuário, os cristãos de hoje têm em Jesus Cristo e encontramos nele a mais plena satisfação. Todas essas bênçãos nos foram concedidas

somente pela graça de Deus, pois ele nos escolheu (Jo 15:16).

2. ELE REINA SOBRE TODAS AS NAÇÕES (Sl 65:5-8)

Passamos do povo de Israel para todas as nações do mundo e da graça de Deus oferecida a seu povo para seu domínio sobre os gentios. Deus realizou "tremendos feitos" por Israel (47:2-4; 66:1-7; 68:35; 89:5-10), feitos esses que serviram para testemunhar às nações pagãs a seu redor que Jeová é o verdadeiro Deus vivo e Senhor de todas as nações (Rm 9:17; Js 2:1-14; At 14:15-17; 17:26-28; Am 1 - 2 e 9:7). Ele escolheu Israel a fim de que fosse uma luz para os gentios (Is 42:6; 49:6), o que, por fim, se cumpriu com a vinda de Cristo ao mundo (Lc 2:32; At 13:47). Dia e noite, a criação de Deus dá testemunho dele às nações, de modo que não têm qualquer desculpa (19:1-6; Rm 1:18-25; 10:14-18). Jesus Cristo é a única esperança do mundo. O "rugir dos mares" é um símbolo de tumulto e confusão no meio das nações (v. 7; Is 17:12, 13; 60:5; Dn 7:2, 3; Ap 13:1; 17:15). Seu nome será reverenciado de leste a oeste (do nascente ao poente). Um texto missionário e tanto! As nações da Terra precisam conhecer o evangelho de Jesus Cristo para que possam entoar cânticos de júbilo ao Senhor.

3. ELE SUPRE TODAS AS NOSSAS NECESSIDADES (Sl 65:9-13)

O salmo inicia com a minúscula nação de Israel (a graça de Deus), passando, então, para todas as nações da Terra (o governo de Deus). Agora, o Universo todo entra em cena, pois o Criador do Universo é quem provê o sol e a chuva no devido tempo e estação, de modo que as pessoas possam arar a terra, semear e, por fim, colher o alimento (ver Gn 1; 8:20 - 9:17). O texto enfatiza a bondade e a generosidade de Deus para com seu povo. As chuvas são abundantes; os rios e córregos transbordam; a colheita é farta; os carros de grãos estão cheios e os grãos transbordam pelo caminho. Isso tudo se deve à promessa pactual de Deus de cuidar da terra de Israel e de visitá-la com suas bênçãos,

se seu povo o honrasse e lhe obedecesse (Dt 11:8-15; Lv 26:3-5).

Essas bênçãos eram prometidas para o ano todo, ano após ano, e até mesmo durante os anos sabáticos, quando o povo não devia cultivar a terra (Lv 25:1-22). De acordo com os versículos 12 e 13, as “pastagens do deserto” (terras não cultivadas) produziam vegetação e os montes ficariam cobertos de beleza. Os campos alimentariam os rebanhos de gado e ovelhas e os vales produziriam os grãos. Todos se reuniriam como um coral silencioso, que exultaria ao Deus do universo, o Criador de toda dádiva boa e perfeita. É impossível ler esses versículos sem expressar gratidão e adoração a nosso Deus por sua bondade e tomar o propósito de não desperdiçar os alimentos (Jo 6:12) nem as terras e recursos preciosos que ele nos deu. Um dia, Deus destruirá aqueles que destroem a terra (Ap 11:18), que não compreendem que somos mordomos das dádivas preciosas do Senhor.

SALMO 66

No final do salmo anterior, ouvimos a natureza louvando ao Senhor, e este salmo exorta toda a humanidade a se juntar à criação e a celebrar a grandeza de Deus. Ao que parece, Israel havia passado por tribulações terríveis (vv. 8-12) e, no entanto, havia conquistado uma grande vitória com a ajuda do Senhor. Alguns estudiosos acreditam que esse acontecimento foi a derrota miraculosa da Assíria pelas mãos do Senhor (Is 36 - 37) e que o indivíduo que fala nos versículos 13 a 20 é o rei Ezequias, a cuja oração o Senhor respondeu (37:14-20). A exortação para louvar ao Senhor começa com as nações gentias (vv. 1-7), passa a Israel (vv. 8-12) e encerra com cada indivíduo que teme ao Senhor (vv. 13-20).

1. UM CONVITE GLOBAL: “LOUVEM AO SENHOR, TODAS AS NAÇÕES!” (Sl 66:1-7)

O salmista convida as nações gentias a louvarem a Deus *por aquilo que ele fez por Israel!* Isso porque, por meio de Israel, o Senhor trouxe verdade e salvação aos gentios. “Porque

a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Trata-se de um salmo missionário que mostra a importância de levar as boas novas de Jesus Cristo a todo o mundo. O propósito de Deus é que todas as nações o louvem (98:4; 100:1; Rm 15:9-12), mas não podem fazer isso sem que criam nele (Rm 10:1ss). É triste ver que as nações de hoje atacam e perseguem Israel em vez de agradecer a Deus pela contribuição espiritual desse povo. Porém, as nações não conhecem a Deus, e Israel foi cegada e endurecida por sua incredulidade (Rm 11:25ss). Quando Israel vir seu Messias e crer nele, a situação do mundo sofrerá uma transformação (Zc 13 - 14) e as nações adorarão ao Senhor. Um dia, os louvores a Jesus Cristo serão universais (Fp 2:10, 11; Ap 11:15-18).

As nações recebem um convite: “Vinde e vede as obras de Deus”, e o escritor faz uma retrospectiva de alguns milagres da história de Israel: o êxodo do Egito, a travessia do Jordão e a derrota das nações em Canaã (vv. 5-7; ver Êx 15:18). O êxodo era o “aniversário” de Israel como nação e sua maior demonstração do poder glorioso do Senhor (77:14-20; 78:12ss; 106:7-12; 114; 136:13; Is 63:10-14). O êxodo representava para Israel o que a ressurreição de Jesus Cristo representa para os cristãos de hoje (Ef 1:15-23). Os judeus recordam o êxodo na Páscoa, e a Igreja recorda a morte e ressurreição de Cristo na Ceia do Senhor. Como escreveu Alexander Maclaren: “A obra de Deus nunca é antiquada. Tudo é uma revelação de suas atividades eternas. Ele é aquilo que sempre foi. Ele faz aquilo que sempre fez. Portanto, a fé pode se alimentar de todos os relatos de outrora e esperar pela repetição de tudo o que essa história contém”¹.

2. UMA PROCLAMAÇÃO NACIONAL: “LOUVE AO SENHOR, ISRAEL!” (Sl 66:8-12)

Se existe uma nação que tem motivos para louvar ao Senhor, é Israel, pois ele os salvou da escravidão, guiou pelo deserto, conduziu a sua terra e deu forças para que derrotassem seus inimigos e se apropriassem de

sua herança. Ele lhes deu sua lei, seu santuário, seus sacerdotes e profetas e os abençoou com tudo de que precisavam. Quando desobedeceram, ele os disciplinou. Como um artesão cuidadoso, ele os fez passar pelo fogo e removeu suas impurezas (ver 17:3; 26:2; Jr 9:7; Ml 3:2, 3; 1 Pe 1:6, 7; 4:12). Quando se voltaram para o Senhor, transformou seu sofrimento em bênçãos e os engrandeceu (v. 12; ver 4:1; 18:19, 36; 25:17). O mesmo se aplica à Igreja. Sempre que o Senhor permitiu perseguições, elas redundaram em bênçãos e em crescimento. Podemos passar pelo fogo e pela água e sair aperfeiçoados (Is 43:2).

3. UMA DECLARAÇÃO PESSOAL: "LOUVEM A DEUS COMIGO!" (Sl 66:13-20)

A mudança da primeira pessoa do plural para a primeira pessoa do singular é bastante sugestiva, pois a adoração conjunta é o ministério de muitos indivíduos, e Deus vê cada coração. Durante seus tempos de tribulação, o salmista havia feito votos ao Senhor e, agora, se apressa em cumpri-los. Leva diversos holocaustos para o altar, oferecendo aquilo que tem de melhor, desse modo demonstrando sua dedicação total ao Senhor. Hoje, obedecemos a Romanos 12:1, 2 e nos apresentamos como sacrifícios vivos. Quando o Senhor faz algo maravilhoso por nós, devemos compartilhar com outros a fim de ajudar a fortalecer sua fé. A Bíblia toda é um registro de como Deus trata seu povo com bondade e graça, e apesar de nossas palavras não serem inspiradas, nosso testemunho pode glorificar ao Senhor. A oração e o louvor andam juntos (v. 17).

O verbo "contemplar" (v. 18) significa "reconhecer, apreciar e não se mostrar disposto a confessar e abandonar pecados dos quais se tem conhecimento" – ou seja, aprovar aquilo que Deus condena. Quando reconhecemos o pecado em nosso coração, devemos julgá-lo, confessá-lo a abandoná-lo imediatamente (1 Jo 1:5-10); de outro modo, o Senhor não pode trabalhar para nosso bem (Is 59:1, 2). Encobrir o pecado é chamar sobre si dificuldades e disciplina (Pv 28:13; Js 7).

SALMO 67

Com exceção dos versículos 1 e 6, cada um dos versículos deste salmo curto menciona "todas as nações" ou "todos os povos" e, nesse sentido, pode ser agrupado com os Salmos 65 e 66. Trata-se de um salmo de louvor a Deus por todas as suas bênçãos e também uma oração para que as bênçãos do Senhor – especialmente sua salvação – transbordem sobre os gentios, o que, aliás, fazia parte da aliança com Abraão (Gn 12:1-3). Uma bênção é uma dádiva de Deus que glorifica seu nome, ajuda seu povo e, por intermédio dele, alcança outros que, por sua vez, também dão glórias ao Senhor. Deus nos abençoa para que possamos abençoar a outros. O salmo descreve os estágios dessa seqüência.

1. ISRAEL ABENÇOA AS NAÇÕES (Sl 67:1, 2)

Essa oração pede a Deus que abençoe Israel para que os caminhos do Senhor (suas leis) e sua salvação sejam conhecidos ("experimentados pessoalmente") por todo o mundo. O texto é uma adaptação da oração sacerdotal em Números 6:24-26, sendo que o salmista emprega a designação *Elohim* em vez de Jeová (outras referências a essa oração podem ser encontradas em 4:6; 29:11; 31:16; 80:3, 7, 19). A glória de Deus era parte importante da herança de Israel (Rm 9:1-5), pois era essa glória que conduzia Israel pelo deserto e descansava sobre o tabernáculo onde quer que a nação acampasse. Ter o rosto de Deus resplandecendo sobre eles (sorrindo para eles) era a bênção suprema de Israel, e perder essa glória significava julgamento (1 Sm 4, especialmente vv. 21, 22). O profeta Ezequiel viu a glória partir antes de o templo ser destruído (Ez 8:4; 9:3; 10:4, 18; 11:22, 23). Nos dias de hoje, o povo de Deus tem essa glória dentro de si (1 Co 6:19, 20; 2 Co 4:6), e devemos revelá-la ao mundo por meio de nossas boas obras, caráter piedoso e ministério de amor (Mt 5:16; Fp 2:14-16). Da mesma forma, Israel deveria ser luz e bênção para as nações (Is 42:6; 49:6, 7; At 13:47). Israel nos deu o conhecimento do verdadeiro Deus

vivo, a Palavra de Deus e o Filho de Deus, Jesus Cristo, o Salvador do mundo.

2. AS NAÇÕES LOUVAM AO SENHOR (Sl 67:3-5)

Estes três versículos constituem o núcleo do salmo e se concentram na adoração e louvor das nações gentias ao Deus de Israel. Hoje, as nações conspiram para tirar o Senhor de seu trono e não querem saber de seus caminhos (2:1-3), mas chegará o dia em que todas as nações irão ao monte do Senhor e adorarão ao Deus de Jacó (Is 2:1-5). Isso acontecerá quando Jesus Cristo estabelecer seu reino, julgar os povos com justiça e os guiar ("apascentar" - Mq 5:2; Mt 2:6) pelos caminhos do Senhor. A oração nestes versículos é o equivalente do Antigo Testamento do pedido "Venha o teu reino" na oração do Pai Nosso (Mt 6:9-13). Uma vez que não há rei em Israel nos dias de hoje, as nações do mundo estão agindo como bem entendem (Jz 17:6; 18:11; 19:1; 21:25), mas isso mudará quando os reinos do mundo pertencerem a Jesus Cristo (Ap 11:15).

3. O SENHOR ENVIA A COLHEITA (Sl 67:6, 7)

Qual é a relação entre a colheita e a conversão das nações do mundo? A oração "A terra deu o seu fruto" (v. 6) é uma citação de Levítico 26:4, e Levítico 26 é um resumo da aliança de Deus com Israel (ver também Dt 28 - 30). Deus deixou claro que sua bênção sobre a terra dependia da obediência de Israel à lei (Lv 26:1-13). As bênçãos que ele derramaria sobre Israel serviriam de testemunho para as nações pagãs, mostrando que somente Jeová é o verdadeiro Deus vivo, e isso daria aos israelitas a oportunidade de compartilhar com esses povos a Palavra de Deus (Dt 28:1-14). Porém, se Israel desobedecesse ao Senhor, ele reteria a chuva e não haveria colheita nos campos (Lv 26:14-39), o que, por sua vez, envergonharia Israel diante das nações gentias (Jr 33:1-9; Jl 2:17-19; Dt 9:26-29). Por que "todos os confins da terra" temeriam um Deus que não provia o alimento para o próprio povo? A aplicação para a Igreja de hoje é clara: quando

obedecermos ao Senhor, oramos e confiamos nele, então ele supre todas as nossas necessidades; aqueles que não são salvos e que se encontram a nosso redor podem ver que ele cuida de nós. Temos, assim, a oportunidade de lhes falar de Jesus. Enquanto o versículo 6 se refere à colheita em termos literais, também nos lembra a "colheita espiritual" resultante de testemunhar sobre o Senhor (Jo 4:34-38).

Deus abençoa as nações por meio de seu povo, Israel, e por meio de sua Igreja, e todas as nações devem crer no Senhor, obedecer e temer a ele.

SALMO 68

Antes de estudar este salmo, é interessante ler o cântico de Débora (Jz 5) e fazer uma comparação entre seus paralelos: Salmos 68:4/ Juízes 5:3; 7 - 8 / 4 - 5; 12 / 30; 13 / 16; 18 / 12 e 27 / 14, 18. A ênfase é sobre os feitos poderosos de Deus em favor de Israel e sua decisão de habitar no monte Sião. O salmista usa vários dos nomes do Senhor, inclusive *Elohim* (23 vezes), *Jeová*, *Jah* (abreviação de Jeová, como em Aleluia, Elias etc.), *Adonai* (6 vezes) e *Shaddai*. Trata-se de um salmo messiânico, e Paulo cita o versículo 18 em Efésios 4:8, aplicando-o à ascensão de Cristo. O uso do termo "templo", no versículo 29, não impede que esse seja um salmo davídico, uma vez que a palavra *hekal* aplicava-se também ao tabernáculo (1 Sm 1:9; 3:3; e ver Sl 5:7; 41:4; 18:6; 27:4; 65:4). O salmo é um hino jubiloso de louvor a Jeová, no qual a nação de Israel apresenta quatro expressões de triunfo por meio de seu Deus.

1. NOSSO DEUS ESTÁ VINDO A NOSSO ENCONTRO (Sl 68:1-6)

O versículo 1 é uma citação de Números 10:33-35, o "grito de marcha" de Israel sempre que partiam em suas jornadas. A citação é apropriada, pois o salmo retrata o Senhor "marchando" em favor de seu povo. Ele luta em suas batalhas, os conduz para a terra de sua herança e faz sua morada no santuário sobre o monte Sião. Os inimigos de Israel são dissipados como fumaça (37:20)

e derretidos como cera (97:5), enquanto os justos (Israel) se regozijam com as obras de Deus e cantam louvores a ele. É bem provável que a oração “exaltai o que cavalga sobre as nuvens” (v. 4) deva ser entendida como “preparai uma estrada para aquele que cavalga pelo deserto”. Trata-se da imagem de um monarca do Oriente, acompanhado de seu séqüito, aproximando-se de uma cidade, e os cidadãos do lugar livrando a estrada de qualquer obstáculo (Is 40:3; 57:14; 62:10; Mt 3:1-3). A vinda do Rei enche de ânimo o povo desamparado, especialmente os órfãos e as viúvas, os solitários e os que se encontram injustamente encarcerados (vv. 5, 6; ver Dt 10:18, 19; 27:17-19; Lc 4:16-19). Mas os rebeldes devem ter cuidado, pois podem ser expulsos da Terra Prometida que mana leite e mel!

2. NOSSO DEUS ESTÁ MARCHANDO ADIANTE DE NÓS (Sl 68:7-18)

Davi faz uma recapitulação da marcha triunfante de Israel, começando com o êxodo do Egito e a jornada até o Sinai (vv. 7, 8; ver Êx 12 - 19, especialmente 19:9, 16). Pode-se entender a chuva literalmente, mas também é possível que seja uma referência ao maná que descia dos céus seis dias por semana (Sl 78:24, 27; Êx 16:4; Dt 11:10-12). Então, Israel entrou na terra e a conquistou (vv. 9-14), pois o Senhor proferiu sua Palavra de vitória (v. 11; ver 33:11). Ele havia prometido que Israel tomaria a terra, e foi exatamente o que aconteceu (Êx 23:20-33; Dt 11:22-32). Como no êxodo (Êx 15:20, 21), são as mulheres que cantam louvores ao Senhor (ver também v. 25; Jz 5 e 1 Sm 18:6, 7). Há muito tempo, os versículos 13 e 14 são motivo de perplexidade para os estudiosos e nem sempre há um consenso quanto a sua tradução ou interpretação. Ao que parece, há uma referência ao “Cântico de Débora”, registrado em Juízes 5:15-18, em que ela humilha a tribo de Rúben por ficar em casa e não combater o inimigo, mas louva as tribos de Benjamim, Zebulom e Naftali por participarem da batalha. Essas três tribos são elogiadas em 68:27, mas não sabemos de tribo alguma que tenha deixado de colaborar

com a conquista de Canaã. Uma possível interpretação sugerida para os versículos 12 a 14 é: “Os reis inimigos e seus exércitos fogem, enquanto as mulheres de Israel dividem os espólios. Apesar de viverem no meio dos apriscos, estão cobertas agora de prata e ouro, como a rola coberta por suas asas. O Todo-Poderoso dispersa os reis inimigos como uma tempestade de neve que sopra do monte Zalmom”. Israel é comparada com uma rola em 74:19.

Porém, Deus conquistou Canaã não apenas para dar um lar a seu povo, mas também para ter a própria “morada”. Deus escolheu para si o monte Sião, apesar de este ser muito menor e menos imponente que o monte Hermom que, com seus mais de 3 mil metros de altitude, é, possivelmente, o pico mais elevado da Palestina. Davi descreve outras montanhas demonstrando inveja por não terem sido escolhidas. Deus fez uma visita passageira a seu povo quando desceu sobre o monte Sinai (Êx 23:16), mas Sião seria sua morada permanente (132:13, 14; 1 Rs 8:12, 13). Os “carros de Deus” formam seu exército celestial, pois ele é o SENHOR dos Exércitos (46:7, 11; 2 Rs 2:11; 6:17; Dn 7:10; Mt 26:53). “Subir às alturas” significa conquistar a vitória e voltar triunfante (47:1-6). Alguns estudiosos acreditam que essa é uma referência ao tempo em que a arca estava “no campo” com o exército e foi levada de volta para o santuário em Sião (2 Sm 11:11; 12:26-31). Paulo cita o versículo 18 em Efésios 4:8 quando se refere à ascensão de Cristo (ver também At 2:30-36; Cl 2:15). Um rei que sobe ao trono recebe e distribui presentes, e até mesmo aqueles que o rejeitam fazem-lhe reverências externas.

3. NOSSO DEUS ESTÁ HABITANDO CONOSCO (Sl 68:19-27)

Davi considerava que a presença de Deus em Sião era, antes de tudo, uma bênção para aqueles que estavam oprimidos e em perigo. Nosso Rei Jeová carrega nossos fardos e derrota nossos inimigos. Sem dúvida, Davi podia ver o Senhor conquistando grandes vitórias para Israel, de tal modo a expandir consideravelmente as fronteiras do reino.

O “cabeludo crânio” (v. 21) refere-se aos guerreiros viris do inimigo que confiavam em sua juventude e força. O inimigo pode fugir, mas o Senhor o perseguirá, o fará descer do alto das montanhas e o trará das profundezas do mar, de leste (Basã) a oeste (o mar) (ver Am 9:1-3). A imagem, no versículo 23, não é agradável, mas “cães lambendo sangue” era uma expressão comum para julgamento e humilhação totais (58:10; 1 Rs 21:17-24; 2 Rs 9:30-37).

Em seguida, o Rei recebe a homenagem de seu povo, que o chama com alegria de “Meu Deus, meu Rei” (vv. 24-27). Homens e mulheres, leigos e sacerdotes participam dos louvores ao Senhor. Sião ficava na fronteira entre Judá e Benjamim, e Davi era de Judá, enquanto Saul era de Benjamim. Como filho mais novo de Jacó e, talvez, como a tribo do primeiro rei de Israel, Benjamim conduz a procissão com os líderes de Judá (representando as tribos do Sul) e os líderes de Zebulom e Naftali (as tribos do Norte). Israel é visto como um povo unido louvando ao Senhor. A “estirpe de Israel” (v. 26) é uma referência ao Senhor (ver 36:9) ou aos patriarcas, especialmente a Jacó.

4. NOSSO DEUS RECEBE TRIBUTOS UNIVERSAIS (Sl 68:28-35)

Essa seção de encerramento tem um tom profético, uma vez que descreve as nações gentias sujeitando-se a Jeová, o Deus de Israel, e o adorando (Is 2:1-4; Ap 21:24). Não é possível haver paz na terra enquanto o Senhor não estiver reinando em Jerusalém (Is 9:6, 7; 11:1-9). Deus derrotará o Egito, um inimigo de longa data dos israelitas, com seus aliados (ver Ez 29), e os enviados dessas nações irão a Jerusalém pagar tributos. As nações gentias se juntarão a Israel nos cânticos de louvor ao Senhor e na exaltação de sua majestade e poder. Talvez o santuário do versículo 35 seja aquele descrito em Ezequiel 40 - 48. Sem dúvida é um lugar impressionante!

SALMO 69

Trata-se de um salmo messiânico, imprecatório e, depois dos Salmos 22 e 110, aquele

que é citado com mais freqüência no Novo Testamento. É atribuído a Davi e, sem dúvida alguma, apresenta semelhanças em relação aos Salmos 35, 40 e 109, também davídicos. Mas e quanto aos versículos 35 e 36? Em que ocasião, no reinado de Davi, as cidades de Judá precisaram ser reconstruídas e seu povo levado de volta para casa? Em que momento os bêbados cantavam sobre ele em suas portas (v. 12) e seus inimigos estavam prestes a destruí-lo (vv. 4, 18, 19)? Algumas das informações que aparecem no salmo correspondem às épocas tanto de Jeremias quanto de Ezequias, mas é difícil encaixar todos os dados no tempo de Davi. Talvez o salmo original de Davi terminasse no versículo 29, e o Espírito Santo tenha dirigido o profeta Jeremias para que acrescentasse os versículos 30 a 36 depois da queda de Judá e de Jerusalém para os babilônios. A coleção de salmos era uma “herança viva”, e alguns dos salmos foram adaptados para novas ocasiões. Qualquer que seja a resposta, ao ler este cântico, encontramos o autor confrontando o Senhor com três questões importantes.

1. LIVRAMENTO: “SALVA-ME!” (Sl 69:1-18)

O salmista começa pedindo livramento *por amor a si mesmo* (vv. 1-5) e descreve sua situação perigosa com a metáfora de um homem se afogando (ver 18:4-6; 30:1; 32:6; 42:7; 88:7, 17; 130:1, 2). Seu clamor ao Senhor mostra quão desesperadora é sua situação: “Salva-me” (v. 1); “Livra-me” (v. 14); “Responde-me” (vv. 16, 17); “Resgata-me” (v. 18); “ponha-me [...] em alto refúgio [protege-me]” (v. 29). Havia orado ao Senhor, mas ainda não obtivera uma resposta (v. 3) e desejava recebê-la imediatamente (v. 17)! Apesar de não ser inculpável (v. 5), era inocente das acusações do inimigo e, no entanto, estava sendo tratado como se fosse culpado (v. 4). Isso nos lembra nosso Salvador, que não cometeu pecado algum e, ainda assim, foi tratado como transgressor (Is 53:5, 6, 9, 12. (Ver também 35:11-19; 38:19; 109:3; 119:78, 86, 161.)) Jesus citou o versículo 4 em seu discurso no cenáculo

(Jo 15:25). Numa referência aos versículos 1 e 2, Amy Carmichael escreveu: “Nossas águas são rasas porque as dele são profundas”. Que grande verdade!

O salmista também ora pedindo livramento *por amor ao Senhor* (vv. 6-12), pois aqueles que estavam caluniando Davi também blasfemavam contra o nome do Senhor. Davi não queria que o povo de Deus fosse envergonhado por causa dele (v. 6; ver 25:3; 38:15, 16). Termos associados a “vergonha” aparecem seis vezes neste salmo: “afronta” e “vexames” (vv. 7, 10, 19); “injúrias” (v. 9); “opróbrio” (v. 20). Ele foi afrontado por se manter fiel ao Senhor (v. 7) e por seu zelo para com a casa de Deus (v. 9). Até mesmo sua família o desprezou (v. 8; ver Jo 7:5; Mc 3:31-35) e os insultos do povo contra o Senhor também foram dirigidos a ele (v. 9; Jo 2:17; Rm 15:3; ver Is 56:7 e Jr 7:11). Quando blasfemavam contra o Senhor, também blasfemavam contra Davi, e seus ataques contra ele eram ataques contra Deus, ataques estes que Davi sentia. O rei possuía um zelo intenso pela casa de Deus e, além de receber do Senhor os projetos do templo, juntou os materiais necessários para sua construção. Não é difícil encontrar Jesus nesse salmo e ver como o povo o tratou durante seu ministério aqui na Terra.

Seu terceiro argumento para que o Senhor o livrasse tem como base o caráter de Deus (vv. 13-18). As palavras de Deus a Moisés em Êxodo 34:5-9 se refletem nesta passagem. Nos versículos 14 e 15, Davi repete a metáfora dos versículos 1 e 2, mas vê esperança na bondade de Deus e em sua compaixão, pois o Senhor é cheio de misericórdia e graça. Sua fidelidade é eterna, e ele sempre cumpre suas promessas.

2. JUSTIFICAÇÃO: “JULGA OS MEUS INIMIGOS!” (SL 69:19-29)

Davi diz ao Senhor que seus inimigos o envergonharam e o insultaram a ponto de afetar sua saúde física (vv. 19-21). Em sua aflição, não encontrou quem o consolasse (Mt 26:37), e seu alimento e bebida não eram apropriados para o consumo humano (v. 21; Mt 27:34, 48; Mc 15:23, 36; Lc 23:36; Jo 19:29).

Em seguida, Davi ora ao Senhor e pede que dê a seus inimigos aquilo que merecem (vv. 22-29) (para um comentário sobre esse tipo de oração, ver as observações referentes ao Sl 5). Os inimigos haviam colocado fel e vinagre sobre a mesa de Davi, de modo que ele ora para que as mesas deles sejam transformadas em armadilhas. Com isso, quer dizer que o julgamento lhes sobrevirá quando estiverem despreparados e despreocupados, desfrutando seus banquetes (1 Ts 5:3). A idéia também pode ser aplicada aos banquetes associados aos sacrifícios. Enquanto estivessem se alegrando depois de adorar ao Senhor, experimentariam o julgamento de Deus. Em Romanos 11:9, 10, Paulo aplica os versículos 22 e 23 a Israel, cuja complacência religiosa (“Acabamos de oferecer sacrifícios ao Senhor!”) levou-os à cegueira espiritual. Nos versículos 22 a 25, Davi pede que seus inimigos sejam privados de algumas das bênçãos mais fundamentais da vida – comer, enxergar, caminhar e ter descendentes – e, então, que a vida deles lhes seja tomada! (vv. 27, 28). Em Atos 1:20, Pedro aplica esse versículo a Judas.

No versículo 28, Davi pede que seus inimigos sejam mortos e apagados do livro da vida. Mais ainda, não deseja que, ao morrerem, sejam identificados com os justos, o que significa que estavam destinados ao julgamento eterno. Apesar de esse tipo de oração dificilmente servir de modelo para o povo de Deus nos dias de hoje (Mt 6:12; Lc 23:34), podemos entender o ódio de Davi contra o pecado desses homens perversos e seu desejo de proteger Israel e sua missão no mundo.

3. LOUVOR: “SEJAS GLORIFICADO, Ó SENHOR!” (SL 69:30-36)

Talvez essa seja uma promessa que Davi fez ao Senhor e, sem dúvida alguma, cumpriu. Desejava que o Senhor fosse glorificado em sua adoração (vv. 30, 31), em seu testemunho aos necessitados (vv. 32, 33), em toda a criação (v. 34) e em todo Israel (vv. 35, 36). Pede ao Senhor que o proteja e supra as necessidades dos pobres que sofrem o abuso e a exploração dos pecadores. Vê um dia

em que a terra será unida e curada e as cidades voltarão a ser habitadas. "Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam" (122:6). "Amém! Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22:20).

SALMO 70

Salvo algumas pequenas alterações, este salmo é uma cópia de 40:13-16.

SALMO 71

Trata-se de um salmo anônimo, escrito por uma pessoa temente a Deus que tinha inimigos e que precisava da ajuda e da proteção do Senhor (vv. 4, 10, 13, 24). É bem provável que tivesse passado da meia-idade e estivesse extremamente preocupado com as dificuldades da velhice (vv. 9, 18). Desejava terminar bem. Desde o nascimento, havia sido sustentado pelo Senhor (v. 6) e, em sua juventude, havia sido instruído por ele (v. 17). É possível que fosse um dos músicos do templo encarregado de louvar ao Senhor em seu santuário dia e noite (vv. 22-24; 134:1). Quem quer que seja o salmista, faz quatro declarações sobre o Senhor e seu auxílio para aqueles que clamam por ele e confiam nele.

1. "O SENHOR ME AJUDA NO PRESENTE" (Sl 71:1-4)

Os três primeiros versículos são uma adaptação de 31:1-3, uma prática perfeitamente aceitável entre os salmistas. O escritor toma emprestado de 22, 31, 35 e 40, dentre outros. Sobre o versículo 1, ver 7:1; 11:1; 16:1; 22:5; 25:2, 20; 31:17 (para a imagem da rocha, ver 18:2). Se o autor era, de fato, um dos músicos do templo, sua mente e coração deviam estar repletos dos salmos que havia entoado no santuário dia após dia. Pede ao Senhor que o proteja e que o livre para ser capaz de permanecer fiel a sua fé e não ser envergonhado (1 Jo 2:28). Nos anos de decadência do reino de Judá, alguns de seus governantes promoveram a adoração de ídolos juntamente ao culto a Jeová e pressionaram os levitas a fazer certas concessões à idolatria. O salmista não deseja fugir e se esconder da vida, mas sim receber as forças necessárias para enfrentá-la com todos os

seus desafios. O Senhor é sua morada (90:1) e seu socorro. A "justiça" é mencionada cinco vezes no salmo (vv. 2, 15, 16, 19, 24) e se refere não apenas a um dos atributos de Deus, mas também a sua fidelidade em cumprir sua Palavra. Um Deus justo é ativo, ajudando seu povo nos momentos de necessidade. Dá sua ordem, e ela é cumprida (v. 3; 33:9; 44:4; 68:28). Seu povo pode dirigir-se a ele em qualquer circunstância (v. 3; Hb 10:19-25), louvá-lo em qualquer ocasião (vv. 6, 8, 15, 24) e esperar sempre nele (v. 14). O Senhor nunca falha. É possível que o versículo 4 descreva os perversos que exploravam os pobres e desamparados, inclusive, quem sabe, os levitas, que não tinham herança alguma em Israel e viviam das ofertas do povo de Deus (Dt 10:8, 9; Nm 18:20-24). Serviam dos 25 aos 50 anos de idade (Nm 8:23-26), de modo que, talvez, o salmista estivesse se aproximando de sua aposentadoria e estivesse preocupado com seu futuro.

2. "O SENHOR ME AJUDOU NO PASSADO" (Sl 71:5-13)

Quando nos sentimos desanimados e preocupados, faz bem olhar para trás e contar nossas bênçãos, lembrando-nos da fidelidade do Senhor. Assim como Samuel, podemos levantar nosso próprio "Ebenézer" e dizer: "Até aqui nos ajudou o SENHOR" (1 Sm 7:12). Desde a concepção até o nascimento e desde o nascimento até a idade adulta, o Senhor havia acompanhado o salmista e não estava prestes a abandoná-lo agora nem em sua velhice (22:9, 10; 37:25; 92:14; 139:13-16). A esperança não termina quando chega a aposentadoria! (vv. 5, 15; ver 1 Tm 1:1; Cl 1:27; Hb 6:18, 19; 1 Pe 1:3).

O termo "portento" significa um sinal ou maravilha, uma demonstração especial do poder de Deus. Por vezes, o Senhor escolhia pessoas especiais para serem um sinal para a nação (Is 8:18; Zc 3:8), e, em algumas ocasiões, esses portentos eram mensageiros que transmitiam avisos (Dt 28:45-48). Paulo considerava a si mesmo e aos outros apóstolos "portentos" para honrar ao Senhor e envergonhar os cristãos mundanos (1 Co 4:8-13). O salmista devia ser um homem proeminente,

pois as pessoas o conheciam e viam o que acontecia com ele. Ao que parece, suportara muitas adversidades ao longo da vida, mas não vacilara nem negara o Senhor. Sua existência toda havia sido um prodígio e um testemunho para outros da bondade e fidelidade do Senhor (vv. 20, 21). Seus inimigos estavam certos de que o Senhor o deixaria, mas ele sabia que o Senhor *jamaís* o abandonaria (Hb 13:5). Seus inimigos tentaram envergonhá-lo, mas ele confiou que o Senhor o guardaria e voltaria esse opróbrio contra eles.

3. "O SENHOR ME AJUDARÁ NO FUTURO" (Sl. 71:14-21)

O salmista olha para o futuro e passa de "tu és a minha esperança" (v. 5) para "esperarei sempre" (v. 14; ver 36:5; 47:10). O futuro não é ameaçador quando Jesus é nosso Senhor. O termo traduzido por "esperar", no versículo 14, refere-se a uma espera longa e paciente apesar de demoras e decepções. Quando confiamos em Deus, as tribulações da vida trabalham a nosso favor, não contra nós, e nos conduzem à glória (2 Co 4:16-18; Rm 5:1-5). É admirável o salmista dizer: "Quanto a mim", no versículo 14, pois revela sua coragem e seu compromisso. Outros poderiam fazer como todo mundo e negar o Senhor, mas ele continuaria a ser fiel e a dar testemunho das misericórdias de Deus. Não era capaz sequer de começar a medir ou contar os atos de justiça ou "feitos [de] salvação" de Deus (v. 15), mas jamais cessaria de louvar ao Senhor, especialmente em sua velhice. Isso porque desejava contar aos da geração seguinte o que o Senhor poderia fazer por eles (v. 18; ver 48:13; 78:4, 6; 79:13; 102:18; 145:4; 2 Tm 2:2).

Estava certo de que nem mesmo a morte o separaria de seu Deus (vv. 19-21). Alguns estudiosos acreditam que a expressão "dos abismos da terra" é uma metáfora para as provações pelas quais ele havia passado ("soterado por dificuldades"), mas suas provações são descritas, no Salmo 69:1, 2, como torrentes de água. Além disso, alguns textos apresentam a primeira pessoa do plural em vez do singular, o que pode ser uma referência à

futura "ressurreição" e restauração de Israel como nação (80:3, 19; 85:4; Ez 37). Talvez o que esteja em questão seja tanto uma ressurreição pessoal (16:8-11; 17:15; 49:15) quanto nacional. Não importa o que seus inimigos dizem sobre ele, um dia Deus o honrará e recompensará.

4. "O SENHOR SEJA LOUVADO POR SUA AJUDA!" (Sl. 71:22-24)

O escritor era um poeta, um cantor e um instrumentista e usou todos os seus dons para louvar ao Senhor. A designação divina "Santo de Israel" é usada trinta vezes em Isaías, mas apenas três vezes nos Salmos (71:22; 78:41; 89:18). É um nome relacionado à ênfase do salmo sobre a retidão de Deus. "Não fará justiça o Juiz de toda a terra?" (Gn 18:25). O salmista cantava e louvava a Deus em alta voz o dia todo (vv. 24, 8), não apenas nos cultos prescritos do templo. Começou o salmo pedindo que jamais fosse humilhado ou confundido e, agora, o termina com a certeza de que humilhação e confusão sobrevirão a seus inimigos! Fez uma retrospectiva de sua vida de tribulações e de bênçãos do Senhor; olhou ao redor e viu seus inimigos; olhou adiante e viu a velhice e seus problemas; chegou até mesmo a olhar para as profundezas da terra (v. 20). Porém, quando olhou para o alto e percebeu que a justiça de Deus "se eleva até aos céus" (v. 19; ver 36:5; 57:10; 108:4), encheu-se de confiança e deixou as preocupações com o Senhor. Um ótimo exemplo a ser seguido.

SALMO 72

Salomão é associado a este salmo e ao Salmo 127. Se o sobrescrito for traduzido por "de Salomão", ele é o autor e escreve sobre si mesmo na terceira pessoa. Com isso, o texto pode ser uma oração pedindo que Deus o ajude a reinar sobre o povo de Israel. Porém, se o sobrescrito for traduzido por "para Salomão", é possível que Davi seja o autor (v. 20) e que o salmo seja uma oração a ser usada pelo povo para pedir a bênção de Deus sobre o novo rei. Se, de fato, Salomão escreveu o salmo, ele o fez no início de seu reinado, uma vez que, algum tempo depois,

afastou-se do Senhor (1 Rs 11; Pv 14:34). Porém, muito além de Davi e de Salomão, encontra-se o Filho de Davi, aquele que é “maior do que Salomão” (Mt 12:42), Jesus Cristo, o Messias de Israel. O salmo não é citado em parte alguma do Novo Testamento como sendo uma referência a Jesus, mas sem dúvida descreve os elementos que constituirão o reino prometido quando Jesus voltar.

1. UM REI JUSTO (Sl 72:1-7)

O Senhor era Rei sobre seu povo, e o homem assentado no trono em Jerusalém era seu representante. Como tal, era sua obrigação conduzir o povo de acordo com a lei de Deus (Dt 17:14-20). Devia ser imparcial em sua conduta (Êx 23:3, 6; Dt 1:17; Is 16:5) e se certificar de que os fundamentos de seu trono eram a retidão e a justiça (89:14; 92:2). Quando o Senhor perguntou qual era o presente de coroação que Salomão desejava receber, o jovem inexperiente pediu sabedoria, e Deus atendeu seu pedido (1 Rs 3:1-15). Revelou a sabedoria que havia recebido de Deus numa das primeiras decisões que precisou tomar em um julgamento (1 Rs 3:16-28). É importante observar que a justiça é mencionada quatro vezes nos versículos 1 a 3 e 7; ver também Provérbios 16:12. Um dia, o Messias reinará com eqüidade e fará justiça pelo mundo inteiro (Is 9:7 e 11:4, 5; Jr 23:5, 6; Zc 9:9). Desde as montanhas até as colinas, o reinado de Salomão traria paz e prosperidade a Israel, pois essas bênçãos dependem da justiça (Is 32:17). É pelo fato de Jesus Cristo ter cumprido a justiça de Deus em sua vida e morte que os pecadores podem ter paz com Deus (Rm 5:1-8); ele é nosso “Rei de justiça” e “Rei de paz” (Hb 7:1-3). O nome de Salomão é associado ao termo hebraico *shalom*, que quer dizer “paz, prosperidade, bem-estar”. O ministério do rei aos pobres e aflitos nos lembra o ministério de Jesus (vv. 2, 4, 12-14; Mt 9:35-38). No início de seu reinado, Salomão demonstrou esse tipo de preocupação, porém, mais tarde, seus valores mudaram, e ele oprimiu o povo com impostos pesados (1 Rs 12:1-16; 4:7; 5:13-15).

A tônica dos versículos 5 e 15 é “Longa vida ao rei!”, enquanto o Sol e a Lua existirão (89:29, 36, 37; 1 Sm 10:24; 1 Rs 1:31, 34, 39; Dn 2:4). Deus prometeu a Davi uma dinastia eterna (2 Sm 7:16, 19, 26), promessa que se cumpriu em Jesus, o Filho de Davi (Lc 1:31-33). A figura da chuva (vv. 6, 7) lembra que o rei justo promoverá a justiça a seu povo, e um povo justo receberá as bênçãos de Deus de acordo com sua aliança (Lv 26:1-13; Dt 11:11-17; 28:8-14). Davi usa uma metáfora parecida em 2 Samuel 23:34. Os líderes piedosos são como a chuva refrescante que torna a terra fértil e bela, de modo que até mesmo os campos ceifados há pouco tempo podem produzir uma segunda colheita. Também são como lâmpadas que iluminam o caminho (2 Sm 21:17), escudos que protegem (84:9; 89:16) e o próprio sopro de vida que nos sustenta (Lm 4:20). Infelizmente, pouquíssimos reis que governaram depois de Davi foram modelos de piedade.

2. UM DOMÍNIO UNIVERSAL (Sl 72:8-11)

Deus prometeu a Abraão que daria a seus descendentes toda a terra do rio do Egito, ao sul, até o Eufrates, ao norte (Gn 15:18), e reafirmou essa promessa por intermédio de Moisés (Êx 23:31). Tanto Davi quanto Salomão governaram sobre reinos extensos (1 Rs 4:21, 24; 1 Cr 9:26), mas nenhum deles dominou “de mar a mar e desde o rio [Eufrates] até os confins da terra” (v. 8). Esse privilégio está reservado a Jesus Cristo (2:8; Zc 9:9, 10; Mq 4:1-5; Lc 1:33). Davi obteve o controle do reino por meio de suas conquistas e o deixou para seu filho, que o fortaleceu por meio de tratados. Seus casamentos com filhas de reis vizinhos eram garantias de que essas nações cooperariam com as políticas externas de Salomão. Até mesmo Sabá e as tribos nômades da Arábia chegaram a pagar tributos a Salomão, como também Seba no alto Egito e reis de terras distantes, como Târsis na Espanha, se sujeitaram a ele (ver 1 Rs 4:21, 34; 10:14, 15, 24, 25; 2 Cr 9:23, 24). Mas há somente um Rei dos reis, Jesus Cristo, o Filho de Deus (Is 2:1-4; Dn 7:13, 14; Ap 17:14; 19:16). *Só haverá paz na terra*

quando o Príncipe da Paz estiver reinando e as nações tiverem se sujeitado a ele.

3. UM REINO COMPASSIVO (Sl 72:12-14)

O rei de Israel era considerado um pastor escolhido por Deus que cuidava com amor do rebanho do Senhor (78:70-72; 100:3; Ez 34). Qualquer cidadão tinha acesso ao rei para obter ajuda na resolução de problemas legais, e o rei deveria se certificar de que os juízes locais estavam sendo justos e honestos em suas decisões. Apesar de ter um amplo sistema burocrático, Salomão não conseguiu alcançar esse ideal, pois infelizmente nem sempre seus oficiais ajudavam o povo (Ec 4:1). O que vemos nesta passagem é, sem dúvida, uma descrição de nosso Salvador, que teve grande compaixão pelos desvalidos e supriu suas necessidades (Mt 9:36). Não apenas o “sangue” (a vida) dos necessitados é precioso para ele (v. 14; 116:15) como também derramou o próprio sangue para a salvação do mundo (1 Pe 1:19). O termo “redimir” (v. 14) é usado para o “parente resgatador”, exemplificado por Boaz no Livro de Rute.

4. UMA NAÇÃO PRÓSPERA (Sl 72:15-17)

A aliança de Deus com Israel lhes garantia prosperidade, desde que os governantes e o povo obedecessem a seus mandamentos. O Senhor também assegurou a Davi que sempre teria um herdeiro no trono, se ele e seus descendentes obedecessem à vontade de

Deus (2 Sm 7:11, 12, 16). Em função das promessas do Salvador vindouro, era importante que a dinastia de Davi tivesse continuidade. Porém, no caso de Jesus, ele reina “segundo o poder de vida indissolúvel” (Hb 7:16). Ele é vida (Jo 14:6) e estava vivo para sempre (Ap 1:18). Ele é Rei para sempre!

A prosperidade de Israel não seria apenas política (o rei), mas também econômica (ouro), espiritual (oração) e comercial (colheitas abundantes). Em cumprimento a sua aliança com Abraão (Gn 12:1-3), Deus abençoaria todas as nações por intermédio de Israel, o que já fez ao enviar Jesus Cristo (Gl 3). Os profetas escreveram sobre esse reino glorioso, e suas profecias se cumprirão (Is 35 e 60 - 62; Ez 40 - 48; Am 9:11-15; Mq 4; Zc 10 e 14). Haverá fartura de cereais até mesmo no alto dos montes nas regiões mais improdutivas. Os campos de cereais se parecerão com os bosques de cedro do Líbano (1 Rs 4:33).

A bênção final (vv. 18, 19) não faz parte do salmo propriamente dito, mas constitui a conclusão do Livro II de Salmos (ver 41:13; 89:52; 106:48). Sem dúvida, é uma conclusão apropriada, pois ressalta a glória do Senhor. O reino de Salomão teve sua parcela de glória, mas foi passageira. Quando Jesus reinar sobre a Terra, a glória de Deus será revelada como nunca antes (Nm 14:21; Is 6:3; 11:9; 40:5; Hc 2:14).

Que o Salmô 72 nos ajude a lembrar de orar sempre: “Venha o teu reino”!

1. MACLAREN, Alexander. *The Expositor's Bible*. Grand Rapids, MI: Ferdmans, 6 vols., vol. 3, 1947, p. 170.

LIVRO III

SALMOS 73 – 89

SALMO 73

Asafe, Hemã e Etã (Jedutum) eram levitas que atuavam como músicos e líderes dos cultos no santuário durante o reinado de Davi (1 Cr 15:16-19; 16:4-7, 37-42; 2 Cr 5:12-14; 29:13; 35:15). Ao que parece, fundaram “associações” para seus filhos e outros músicos, a fim de que estes pudessem dar continuidade à tradição dos cultos ao Senhor. São atribuídos a Asafe 12 salmos (50, 73 – 83). Este salmo trata de um problema de longa data: por que os justos sofrem, enquanto os ímpios parecem prosperar (37; 49; Jó 21; Jr 12; Hc 1:13ss)? Asafe não poderia liderar o povo no culto a Deus se duvidasse dos caminhos do Senhor, mas foi na adoração que encontrou a resposta para seus problemas. Observe os cinco estágios de sua experiência.

1. AQUELE QUE CRÊ: FIRMADO EM SEUS CONHECIMENTOS (Sl 73:1)

A mística francesa madame Guyon escreveu: “No início da vida espiritual, nossa tarefa mais difícil é o relacionamento com o próximo; à medida que esta progride, a maior dificuldade torna-se o relacionamento conosco mesmos; por fim, nosso maior desafio é nos relacionarmos com Deus”. Os problemas de Asafe são com Deus. Ele declara que “Deus é”, de modo que o salmista não se mostra ateu nem agnóstico e está certo de que o Deus ao qual presta culto é bom. Além disso, sabe que o Senhor fez uma aliança com Israel que prometia bênçãos caso o povo lhe obedecesse (Lv 26; Dt 28 – 30). A expressão “de coração limpo” não significa sem pecado, mas sim inteiramente comprometido com

o Senhor, o contrário do versículo 27 (ver 24:4 e Mt 5:8). Porém, foram justamente essas crenças fundamentais afirmadas por ele que deram origem a seu problema, uma vez que os incrédulos não enfrentam dificuldades desse tipo. Se o Senhor era bom e cumpria as promessas que havia feito na aliança, então por que seu povo sofria e os perversos prosperavam? Esse primeiro versículo marca tanto o início quanto o final de suas reflexões, indicando que faz uma volta completa. É interessante observar que o salmista usa “com efeito” e “certamente” nos versículos 1, 13 e 18 e que a palavra “coração” aparece seis vezes no salmo (vv. 1, 7, 13, 21, 26). Ao ponderar sobre os mistérios da vida, devemos nos apegar àquilo que sabemos com certeza e, quando estivermos em trevas, jamais duvidar daquilo que Deus nos ensinou na luz.

2. AQUELE QUE DUVIDA: O CONHECIMENTO É ABALADO (Sl 73:2, 3)

O termo hebraico traduzido por “porém”, no versículo 2, e por “quanto a mim”, nos versículos 2 e 28, indica um contraste claro. No versículo 2, quanto mais avalia sua situação em comparação com os ímpios, mais difícil é manter-se sobre seus fundamentos firmes. Há uma diferença entre dúvida e incredulidade. A dúvida nasce da mente em conflito, enquanto a incredulidade nasce da vontade obstinada, da recusa de se entregar a Deus (v. 7). A pessoa incrédula *não quer acreditar*, enquanto aquela que duvida *esforça-se para acreditar*, mas não consegue. A “prosperidade”, no versículo 3, é o conhecido termo hebraico *shalom*. Invejar os perversos é um ato de desobediência (37:1; Pv 3:31; 23:17; 24:1,19).

3. AQUELE QUE LUTA: O CONFLITO COM O QUE ELE VÊ E SENTE (Sl 73:4-14)

Do ponto de vista de Asafe, os ímpios “estavam feitos” na vida. Tinham saúde (vv. 4, 5) e não enfrentavam lutas nem na vida, nem na morte (Jó 21:13, 23). Orgulhavam-se de suas riquezas e posições sociais e usavam seu orgulho como se fosse uma jóia. Empregavam a violência para obter suas riquezas e

vestiam essa violência como se fosse um traje fino. Como um rio transbordante, seu coração endurecido e sua mente perversa produziam uma infinidade de idéias para obter mais riquezas e, com freqüência, preferiam palavras contra o Senhor no céu. As palavras do arrogante “[percorriam] a terra” e se apropriavam de tudo o que desejavam. O mais triste, porém, é que muitos do povo de Deus parecem não ter qualquer consciência, seguem esse péssimo exemplo e desfrutam a amizade dos ímpios! (v. 10). Esses homens perversos estão em pecado, mas seus seguidores “os [têm] por fonte de que bebe a largos sorvos” (sobre “beber” como uma metáfora para o pecado, ver Jó 15:16; 34:7; Pv 4:17; 19:28; Ap 14:8). A fim de animar seu coração endurecido e de aquietar sua consciência maligna, os ímpios afirmavam que Deus não sabia o que estava fazendo (Sl 10).

Com base nas evidências que vê a seu redor, Asafe chega à conclusão equivocada de que perdeu tempo e energia mantendo as mãos limpas e o coração puro (v. 13 e 1; ver também 24:4 e 26:6). Se Asafe havia lido o Livro de Jó, não compreendeu sua mensagem, pois não servimos a Deus em função do que ganhamos com isso, mas sim *porque ele é digno de nossa adoração e serviço, independentemente daquilo que ele permita acontecer em nossa vida*. Satanás tem uma concepção comercial da vida de fé e nos incentiva a servir a Deus visando os benefícios que poderemos obter (Jó 1 - 2), e Asafe quase comprou essa idéia (ver também Dn 3:16-18).

4. AQUELE QUE ADORA: UMA PERSPECTIVA MAIS AMPLA (Sl 73:15-22)

Antes de tornar pública sua filosofia e renunciar seu cargo, Asafe detém-se para considerar as conseqüências. De que maneira os fiéis mais jovens da terra reagiriam se um dos líderes do culto no santuário desse as costas a Jeová, à aliança e à fé? Abandonar a fé seria o mesmo que destruir tudo o que ele havia ensinado e cantado no santuário! Quanto mais reflete sobre o problema, mais seu coração se aflige (ver vv. 21, 22). Assim, ele

decide ir ao santuário e passar algum tempo com o Senhor em adoração. Lá estaria com outras pessoas, ouviria a Palavra e os cânticos de louvor e participaria de uma comunidade de adoradores. Afinal, Jeová não é um problema com o qual devemos lidar, mas sim o Ser transbordante de graça que devemos amar e adorar – especialmente quando não entendemos o que ele está fazendo. Deus é tremendo em seu santuário (68:35), e quando temos comunhão com ele, vemos as coisas do mundo da perspectiva correta.

De fato, o ponto de vista de Asafe sobre o problema mudou quando considerou não as circunstâncias a seu redor, mas o destino adiante dele. Percebeu que aquilo que observou na vida dos ímpios que prosperam não é a imagem verdadeira, mas apenas uma simulação: “Como ao sonho, quando se acorda, assim, ó Senhor, ao despertares, desprezarás a imagem deles” (v. 20). Na linguagem do Novo Testamento: “Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência...” (1 Jo 2:17). Deus pode dar (e dá) sucesso e riqueza a cristãos consagrados, mas o sucesso mundano e a prosperidade fazem parte da esfera passageira dos incrédulos, e esta é apenas um sonho que, um dia, se tornará um pesadelo (ver Lc 12:16-21). Asafe encontrava-se humilhado diante do Senhor e readquiriu o equilíbrio espiritual.

5. AQUELE QUE CONQUISTA: O REGOZILHO PELA BONDADE DE DEUS (Sl 73:23-28)

O salmo começa com a declaração: “Com efeito, Deus é bom para com Israel”, mas Asafe não estava certo do verdadeiro significado da palavra “bom” (ver Mt 19:16,17). A “boa vida” é aquela cheia de riqueza e autoridade, pompa e prazer? Certamente que não! É gritante o contraste entre a descrição que Asafe apresenta da vida dos ímpios, nos versículos 4 a 12, e a vida dos justos, nos versículos 23 a 28. Os ímpios impressionam uns aos outros e atraem admiradores, mas não têm consigo a presença de Deus. O Senhor exalta o justo, mas humilha o perverso (v. 18). Os justos são guiados pela verdade de Deus (v. 24), enquanto os ímpios são iludidos pelas próprias fantasias. O destino

daqueles que crêem verdadeiramente é a glória (v. 24), mas o destino dos incrédulos é a destruição (vv. 19, 27). “Os que se afastam de ti, eis que perecem” (v. 27). Os ímpios têm tudo o que desejam, exceto Deus, e os justos têm em Deus tudo o que desejam ou precisam. Ele é seu bem para sempre (ver 16:2). As posses dos ímpios não passam de ídolos que tomam o lugar do Senhor, e a idolatria é uma forma de prostituição (Êx 34:15, 16; 1 Cr 5:25). Nem mesmo a morte pode separar o povo de Deus de suas bênçãos, pois o espírito vai para o céu, a fim de estar com o Senhor, e o corpo espera pela ressurreição na terra (vv. 25, 26; 2 Co 5:1-8; 1 Ts 4:13-18).

Quando o culto terminou e Asafe voltou a plantar os pés firmemente em sua fé, saiu do santuário e contou a todos o que havia aprendido. Havia se achegado a Deus, confiava nele e estava pronto a declarar as obras do Senhor. “Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm 8:37).

SALMO 74

O Salmo 73 trata de uma crise pessoal de fé, mas o Salmo 74 passa para o cenário nacional e se volta para a destruição do templo em Jerusalém pelos babilônios em 587-586 a.C. Certamente o autor não é o Asafe do tempo de Davi, mas sim um descendente dele com o mesmo nome. O Salmo 79 é associado a esse salmo, e podemos encontrar passagens paralelas no Livro de Lamentações (4 / 2:6, 7; 7 / 2:2; 9 / 2:6, 9) e no Livro de Jeremias (6 - 7 / 10:25; 1, 13 / 23:1). Apesar de os profetas terem avisado que o julgamento estava a caminho (2 Cr 36:15-21), a queda de Jerusalém e a destruição do templo foram acontecimentos catastróficos que abalaram a fé do povo. Ao fazer um levantamento da situação, Asafe passa do desespero à confiança e, no final, afirma que nem tudo está perdido.

1. O SANTUÁRIO: “O SENHOR NOS REJEITOU!” (Sl 74:1-11)

Trata-se de uma conclusão lógica para qualquer um que estivesse vendo o que os

babilônios haviam feito com a cidade e o templo (Lm 5:20-22). Porém, o Senhor havia prometido não abandonar seu povo (Dt 4:29-31; 26:18, 19), pois era seu rebanho precioso (77:20; 78:52; 79:13; 100:3; Nm 27:17), e ele era o Pastor de Israel (80:1). Israel era a tribo de sua herança, e o futuro da promessa messiânica dependia de sua sobrevivência (algumas versões apresentam o termo “cetno” em vez de “tribo” no versículo 2. Números 17 mostra a relação entre cetnos e tribos). O Senhor os havia resgatado do Egito e feito deles sua herança (Êx 19:5; 34:9; Dt 32:9), indo habitar com eles no monte Sião. O verbo “lembrar” (v. 2) não significa “trazer à memória”, pois Deus não se esquece de coisa alguma. Na verdade, quer dizer “começar a operar em favor de alguém”. *Por que Deus permitiu que uma nação pagã derrotasse seu povo e destrísse a cidade santa e o templo sagrado e por que permanecia indiferente diante de tudo isso?*

O povo de Judá acreditava que a presença do templo era sua garantia de segurança, independentemente do modo como vivessem, mas o profeta Jeremias refutou essa mentira (Jr 7). Jeremias chegou a usar a expressão “perpétuas ruínas” (v. 3; “ruínas perpétuas”, Jr 25:9) e avisou que o templo seria destruído e que a nação seria levada para o cativeiro. Em várias ocasiões no passado, Deus interviu para salvar Israel, mas agora parecia não estar fazendo coisa alguma. Asafe ora: “Levanta os teus pés! Tira a tua mão de dentro da veste! Levanta-te e pleiteia a nossa causa!” (vv. 1, 11, 22). Faça alguma coisa!

Com gritos de batalha, os soldados babilônios levaram suas flâmulas pagãs para dentro do templo e começaram a arrancar pedaços dos painéis recobertos de ouro que revestiam as paredes (ver 1 Rs 6:18-22). Era no santuário que Deus se encontrava com seu povo (Êx 29:42) e, no entanto, não havia saído ao encontro deles quando precisaram. A expressão “lugares santos”, no versículo 8, também é traduzida por “sinagogas”, mas, na verdade, tem o sentido de “lugares de encontro”, uma vez que as sinagogas só passaram a existir quando os judeus voltaram a sua terra depois do cativeiro. Havia somente

um templo e um altar para os sacrifícios, mas deveria haver outros lugares onde o povo se encontrava para estudar as Escrituras e orar. A Babilônia estava decidida a mostrar seu poder sobre o Deus de Israel. Os mensageiros de Deus haviam advertido os líderes e o povo que o julgamento estava a caminho, mas eles se recusaram a ouvir. Assim, o Senhor não levantou mais novos profetas (Lm 2:9). Em se tratando do cativo, a pergunta "Até quando?" (vv. 9, 10) foi respondida por Jeremias (25; 29:10). Quanto à duração da destruição e à desonra causada pela Babilônia em Jerusalém e no templo, não havia resposta. O povo sentia que havia sido rejeitado para sempre (v. 1), arruinado para sempre (v. 3), humilhado para sempre (v. 10) e esquecido para sempre (v. 19). Se estivéssemos lá, provavelmente nos sentiríamos assim também.

2. O TRONO: "O SENHOR REINA!" (Sl 74:12-17)

O versículo 12 é o versículo central do salmo e o ponto crítico da experiência de Asafe. Pela fé, ergueu os olhos das ruínas ainda em chamas para o trono santo de Deus no céu e vislumbrou uma nova perspectiva da situação (o Asafe que escreveu o Salmo 73 teve uma experiência parecida; ver 73:17). Por mais desanimadora que fosse a situação, Asafe sabia que Deus ainda estava assentado em seu trono e não havia abdicado de sua autoridade aos babilônios. Jeremias chegou à mesma conclusão (Lm 5:19). O pronome importante deste parágrafo é "tu". Deus opera "feitos salvadores" na terra (v. 12; ver 44:4), de modo que Asafe recapitulou esses feitos de Deus no passado. O Senhor orquestrou o êxodo de Israel e a derrota dos "monstros marinhos" (o Egito; vv. 13, 14; Êx 12 - 15). Proveu água no deserto (15a; Êx 17; Nm 20) e abriu o rio Jordão para que Israel pudesse entrar em Canaã (15b; Js 3 - 4). Asafe voltou até mesmo à criação (v. 16; comparar 136:7-9; Gn 1 - 2) e à divisão de territórios entre as nações (v. 17a; Gn 10 - 11; At 17:26). Que Deus poderoso! Que Rei poderoso! Quando a situação ao redor é sombria, devemos olhar para o alto.

3. A ALIANÇA: "O SENHOR SE LEMBRA DE NÓS!" (Sl 74:18-23)

Uma vez que a retidão e a justiça são os fundamentos do trono de Deus (89:14), é lógico que, depois de refletir sobre isso, Asafe pensasse na aliança do Senhor com Israel (Lv 26; Dt 28 - 30). Asafe conhecia as estipulações da aliança: se Israel obedecesse ao Senhor, ele os abençoaria; se desobedecesse, ele os disciplinaria; se confessasse seus pecados, ele os perdoaria. Os babilônios zombavam do Senhor enquanto destruíam a cidade e o templo, mas o povo de Judá havia escarnecido dos profetas que Deus havia lhes enviado para afastá-los da idolatria (2 Cr 36:16). Israel não honrara o nome de Deus, mas sim transformara seu templo num covil de salteadores (Jr 7:11). Asafe vê a nação como uma pomba indefesa que não tem como escapar. Se os reis e líderes tivessem dado ouvidos aos profetas e conduzido a nação de volta ao Senhor, toda essa carnificina e destruição teriam sido evitadas. *Mas o Senhor estava cumprindo sua aliança!* Por isso, estava disciplinando seu povo. A preocupação de Asafe é a glória do nome de Deus e a sobrevivência de seu povo. A causa do Senhor ocupa o primeiro lugar em sua mente. O profeta Jeremias havia pregado sobre a confiabilidade da aliança de Deus (Jr 33:19-26), e Asafe pede que Deus cumpra seus propósitos para a nação.

A nação havia sido devastada, a cidade de Jerusalém estava arruinada e o templo fora destruído e incendiado - *porém tudo o que havia de mais essencial não fora tocado pelo inimigo!* O Deus Jeová ainda era o Deus de Israel, sua Palavra e sua aliança não haviam mudado e Jeová ainda operava no mundo! Não precisamos nos desesperar, pois Deus está trabalhando em nosso mundo hoje.

SALMO 75

Este salmo de Asafe pode ser lido como uma "resenha" de um culto de gratidão ao Senhor por aquilo que havia feito por seu povo. Dada a advertência contra a jactância (vv. 4-7), alguns estudiosos associam este salmo ao rei Ezequias e ao livramento de Jerusalém das mãos dos invasores assírios (Is 36 - 37).

Também relacionam a esse grande acontecimento os Salmos 76, 77 e 78. Os oficiais de Senaqueribe certamente se vangloriaram de suas realizações, mas, no devido tempo, Deus destruiu o exército da Assíria que se encontrava acampado ao redor do monte Sião. A melodia "Não destruas" é usada com os Salmos 57, 58 e 59. Passemos agora ao culto.

1. COMEÇAMOS COM UMA INVOCAÇÃO DE LOUVOR (SL 75:1)

A verdadeira adoração concentra-se no Senhor, não em nós, em nossos problemas pessoais ou nas necessidades que acreditamos ter. Louvamos a Deus por seu caráter – seus atributos gloriosos – e por suas obras maravilhosas (ver 44:1-8; 77:12; 107:8,15). O nome de Deus é um sinônimo para a pessoa e a presença de Deus (Dt 4:7; Is 30:27). Sem dúvida, ele é "socorro bem presente nas tribulações" (46:1), e quando o povo de Deus invoca o Senhor, sabe que ele ouvirá. Agradecemos a Deus por aquilo que ele fez e falamos a outros de suas obras maravilhosas. Apesar de Deus desejar que levemos a ele nossos fardos e busquemos sua ajuda, a adoração começa com o ato de tirar os olhos da fé das circunstâncias da vida e voltá-los para o Senhor Deus Todo-Poderoso.

2. OUVIMOS A MENSAGEM DO SENHOR (SL 75:2-5)

Se esperamos que o Senhor receba nossas palavras de louvor, devemos prestar atenção em sua Palavra da verdade enquanto é lida, cantada e pregada. A mensagem transmitida aqui é dupla: uma palavra de encorajamento para os justos (vv. 2, 3) e uma palavra de advertência para os ímpios (vv. 4, 5). Quando vemos os ímpios prosperarem em seus atos de perversidade, muitas vezes perguntamos a Deus: "Até quando?" (ver 10:6; 74:9, 10; 79:5; 89:46; 94:34 e Ap 6:9-11). Deus garantiu a seu povo que já havia escolhido o tempo determinado para o julgamento e que seu povo poderia esperar com paz e confiança, pois tudo estava sob o controle do Senhor. Deus tem seus tempos e épocas (102:13; At 1:7) e nunca se atrasa. Podemos ter a impressão de que os alicerces

da sociedade estão sendo destruídos (11:3; 82:5) e de que os "pilares" da moralidade estão ruindo, mas o Senhor sabe o que está fazendo (46:6; 1 Sm 2:8). Jesus Cristo está assentado no trono e cuida de tudo (Cl 1:17; Hb 1:3).

Porém, o texto também traz uma mensagem para os ímpios (vv. 4, 5) e os adverte a não ser arrogantes nem desobedecer deliberadamente à vontade de Deus. Antes de baixar a cabeça e atacar, um animal com chifres ergue a cabeça com altivez e desafia seu oponente, exatamente o que os ímpios estavam fazendo. O termo hebraico traduzido por "levantar" ou "exaltar" é usado cinco vezes neste salmo (vv. 4, 5, 6, 7, 10), e nos versículos 4 e 5 é associado à arrogância que causa problemas. Uma "cerviz dura" e um discurso arrogante são sinais característicos da pessoa insolente e rebelde, não daquele que está curvado em submissão ao Senhor (Dt 31:27; 2 Rs 17:14; 2 Cr 36:13; Jr 7:26).

3. APLICAMOS A MENSAGEM DO SENHOR A NOSSA VIDA PESSOAL (SL 75:6-8)

Como é fácil ouvir a mensagem do Senhor, sair do culto e, então, esquecer de obedecer ao que ouvimos! A bênção não vem de ouvir, mas de praticar a Palavra de Deus (Tg 1:22-25). O termo traduzido por "exaltar", nos versículos 7 e 10, é relacionado ao livramento que Deus concedeu a seu povo e a sua libertação. Os arrogantes estavam se exaltando, mas seriam humilhados por Deus; os humildes, por outro lado, esperam no Senhor e ele os exalta (1 Pe 5:6). Um israelita poderia olhar em qualquer direção – leste, oeste ou para o deserto (Sul, Egito) – e jamais encontraria alguém capaz de realizar os grandes feitos que só podem vir de Deus. Por que o norte não é citado? Olhar nessa direção significava buscar ajuda dos inimigos – Assíria e Babilônia! (ver Jr 1:13-16; 4:6; 6:22-26). O Senhor livrou José e fez dele o segundo no poder no Egito. Livrou Davi e fez dele o rei de Israel. Livrou Daniel e fez dele o terceiro no poder no reino (ver 1 Sm 2:7, 8 e Lc 1:52, 53).

O cálice (v. 8) é uma imagem usada com frequência para o julgamento (Jó 21:20; Is 51:17, 22; Jr 25:15ss; Ap 16:19; 18:6).

Os israelitas costumavam beber vinho diluído com água, mas dentro desse cálice havia vinho misturado com especiarias - aquilo que era chamado de "bebida misturada" (Pv 23:30). Se os fiéis voltaram para casa depois do culto confiando que o Senhor os livraria e julgaria seus inimigos, os ímpios deveriam ter ido para casa preocupados com o julgamento vindouro. O Senhor Jesus Cristo bebeu do cálice por nós (Mt 26:36-46), mas aqueles que se recusam a crer nele beberão do cálice de julgamento até às escórias.

4. ENCERRAMOS COM LOUVORES E COM O TEMOR DO SENHOR (Sl 75:9, 10)

As palavras "Quanto a mim" (v. 9) indicam uma decisão da parte do salmista. Asafe havia participado do culto no santuário e ajudado a dirigir a música, mas também deveria tomar a decisão de obedecer ao Senhor e de falar dele a outros. O testemunho e o louvor andam juntos. "O Deus de Jacó" é um título usado com frequência para Jeová nos Salmos (20:1; 24:6; 46:7; 81:1,4; 84:8; 94:7; 114:7; 132:2, 5; 146:5). É fácil nos identificarmos com Jacó, que nem sempre foi um grande homem de fé, e, no entanto, aprovou a Deus ser chamado pelo nome de Jacó! Que grande estímulo para nós! O fato de que, um dia, Deus julgará os perversos deve servir de motivação para compartilharmos o evangelho com eles, e o fato de que, um dia, o povo de Deus ("os justos") será exaltado deve nos humilhar e dar fé e coragem nos momentos difíceis da vida.

SALMO 76

É bem provável que o contexto deste salmo seja o julgamento de Deus sobre o exército da Assíria, um episódio relatado em Isaías 37 - 38 e 2 Reis 18 - 19. Os Salmos 46, 48, 87, 126, 132 e 137 são os outros "Salmos de Sião". Porém, a ênfase deste salmo é sobre o Deus que conquistou a vitória, não sobre o milagre em si. Os grandes feitos de Deus revelam a grandeza de seu caráter e de seu poder (75:1). Os oficiais de Senaqueribe vangloriavam-se de seu rei e de suas conquistas, mas seus ídolos mortos não eram páreo para o verdadeiro Deus vivo (115:1-18).

Asafe fala de quatro verdades fundamentais sobre o Deus Jeová.

1. DEUS DESEJA QUE O CONHEÇAMOS (Sl 76:1-3)

Quando Israel, o reino do Norte, foi tomado pelos assírios em 722 a.C., muitas pessoas tementes a Deus se mudaram para Judá, onde um descendente de Davi ocupava o trono e sacerdotes de verdade ministravam no templo estabelecido por Deus (2 Cr 11:13-17; 15:9). Asafe cita tanto Israel quanto Judá, pois apesar de os reinos se encontrarem politicamente divididos, aos olhos do Senhor ainda eram um único povo da aliança. O nome de Deus era grande em Judá e em Jerusalém (47:1, 2; 48:1, 10; 77:13), mas deveria ser engrandecido entre as nações vizinhas, pois essa era a vocação de Israel (v. 11; Gn 12:1-3; Is 49:6). "Ouvi vós, os que estais longe, o que tenho feito; e vós, os que estais perto, reconhecei o meu poder" (Is 33:13).

Jeová havia escolhido Judá para ser a tribo de onde viriam os reis (Is 49:10) e Jerusalém para ser o local de seu santuário sagrado (Ed 7:19; Zc 3:2). Quando o exército assírio acampou perto de Jerusalém e ameaçou atacar, o Anjo do Senhor visitou o acampamento e matou 185 mil soldados. Todos os equipamentos de guerra que deixaram para trás serviram apenas de monumentos silenciosos ao poder do Deus de Israel.

"A salvação vem dos judeus" (Jo 4:22), e se desejamos conhecer o verdadeiro Deus vivo, devemos ler a Bíblia - um livro judeu - e crer no Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus que veio pela nação dos judeus e que morreu pelos pecados do mundo. O verdadeiro Deus vivo é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó e o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Co 1:3; Ef 1:3; 1 Pe 1:3).

2. DEUS DESEJA QUE CONFIEMOS NELE (Sl 76:4-6)

Quando lemos o relato da invasão assíria de Judá em 2 Reis e Isaías, vemos como a situação de Ezequias era difícil e quanta fé precisou ter para confiar que Deus daria a vitória. Porém, a glória de Deus, mais resplandecente que a mais brilhante das luzes e

mais majestosa que as montanhas, exterminou os soldados assírios enquanto dormiam. Em vez de a Assíria saquear Jerusalém, foi Jerusalém que saqueou a Assíria, e o leão assírio foi derrotado pelo leão de Judá (Is 14:24-27; Ne 2:11-13). O Deus de Jacó (v. 6; ver 75:9) não apenas deu cabo daqueles soldados e dos cavalos de seus carros, como também tomou as armas (v. 3) e colocou o temor do Senhor no coração de seus líderes (v. 12). Isso porque o rei Ezequias, o profeta Isaías e os anciãos de Judá em Jerusalém deram ouvidos à Palavra de Deus e depositaram sua fé no Senhor. “Porque eu defenderei esta cidade, para a livrar, por amor de mim e por amor do meu servo Davi” (Is 37:35). “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17).

3. DEUS DESEJA QUE O TEMAMOS (Sl 76:7-9)

O temor do Senhor é um dos temas principais deste salmo (vv. 7, 8, 11, 12). Significa, evidentemente, temor cheio de reverência, respeito e veneração que pertencem somente a Deus. O povo de Deus o ama e se regozija nele, mas também “[serve] ao SENHOR com temor e [alegra-se] nele com tremor” (2:11). Como escreveu A. W. Tozer: “Ninguém que primeiro não tenha conhecido o temor de Deus pode conhecer a verdadeira graça de Deus”.¹ O Senhor havia sido longânimo para com os oficiais de Senaqueribe enquanto blasfemavam contra seu nome e ameaçavam seu povo, mas então revelou sua ira e acabou com o cerco antes que começasse de fato. A pergunta feita no versículo 7 também aparece em 130:3 e em Apocalipse 6:17, e é respondida em Esdras 9:15. Regozijamo-nos com o fato de que “Deus é amor” (1 Jo 4:8, 16), mas devemos nos lembrar de que “o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:29).

Do seu trono no céu, o Senhor anunciou o veredicto, e o julgamento chegou ao fim (v. 8). Não poderia haver apelo, pois não há corte superior à de Deus e seu julgamento cala os réus (Rm 3:19). “Tremeu a terra e se aquietou” (v. 8). De acordo com os versículos 9 e 10, os julgamentos de Deus cumprem pelo menos três propósitos: glorificam a Deus ao

revelar sua justiça e santidade, castigam os perversos por suas maldades e trazem salvação àqueles que confiam no Senhor (ver 72:4).

4. DEUS DESEJA QUE LHE OBEDEÇAMOS (Sl 76:10-12)

Comparada com a ira de Deus, a ira dos homens não é coisa alguma. Quanto mais os homens se enfurecem contra ele, mais Deus é glorificado! Quanto mais o Faraó se demorava em sua recusa de se sujeitar a Deus, mais o Egito era destruído e mais Deus era glorificado (Êx 9:16; Rm 9:14-18). Os estudiosos encontram dificuldades na tradução da segunda linha do versículo 10, sendo que algumas traduções acrescentam uma observação de acordo com a qual “o significado é incerto” ou “o hebraico não é claro”. Ao que parece, essa passagem expressa a idéia de que o Senhor não é abalado pela ira do homem, mas que a usa como uma espada (ou veste) e que, no devido tempo, a empregará contra os inimigos.

Em vez de resistir ao Senhor – uma batalha perdida –, devemos ser gratos a ele por nos salvar (v. 9). Asafe dirige-se ao povo fiel e lhes diz para cumprir as promessas que fizeram ao Senhor quando Jerusalém estava em perigo. Como é fácil fazer votos e depois deixar de cumprí-los (Ec 5:1-6)! A grande vitória do Senhor também deve ter servido de testemunho às nações vizinhas e motivado esses povos a ir a Jerusalém com dádivas de adoração a ele (ver 2 Cr 32:23). O salmo começa em Jerusalém e suas cercanias (vv. 1-6), passa para todo o Israel (vv. 7-9) e, agora, alcança toda a Terra (v. 12). Um dia, os governantes da Terra se curvarão diante de Jesus Cristo e o adorarão como Rei dos reis (Is 2:1-4; 11:1ss; Ap 19:11-16).

SALMO 77

Tudo indica que este salmo pode ser associado ao Salmo 74, que também lamenta a destruição de Jerusalém e o cativo de Judá. Ambos tratam da aparente rejeição do povo pelo Senhor (74:1; 77:7) e ambos procuram revigorar as esperanças voltando-se para o êxodo (74:12-15; 77:16-19). Quando Jerusalém caiu, muitos israelitas foram mortos e

outros tantos foram levados cativos para a Babilônia. É bem possível que Asafe fizesse parte do "círculo" de Jeremias e que tenha sido deixado para trás a fim de ministrar ao remanescente sofredor (Jr 30 - 40). Porém, o próprio Asafe estava sofrendo em seu leito durante a noite (vv. 2, 6) e lutava para entender os acontecimentos que havia testemunhado. Neste salmo, Asafe descreve como passou da decepção e do desespero para a confiança de que Deus cuidaria de seu povo.

1. AS TREVAS DO DESESPERO (Sl 77:1-9)

Sem conseguir dormir, Asafe começa a *orar* (vv. 1, 2); então, passa a se *lembrar* (vv. 3-6) e, por fim, *vê-se a questionar* (vv. 7-9). Em tempos de crise e sofrimento, a oração é a reação mais natural daquele que crê, e Asafe estendeu as mãos em meio às trevas e clamou ao Senhor. Era um servo de Deus e havia dirigido o povo nos cultos no templo; no entanto, não conseguia encontrar consolo algum para o próprio coração. Quando se lembra do Senhor e medita sobre o assunto (v. 3; ver 6, 11, 12), só lhe resta gemer, pois parece que o Senhor abandonou seu povo. Mas será que isso é verdade? A própria disciplina é prova de seu amor (Pv 3:11, 12). Asafe se lembra de outros tempos, quando Israel desfrutava a bênção do Senhor, e também dos cânticos que havia entoado no templo, mesmo quando servia durante a noite (134; ver 42:8; 92:2; Jó 35:10). Havia levantado as mãos no santuário e recebido as bênçãos de Deus, mas agora levanta as mãos e não recebe coisa alguma.

Não é pecado questionar Deus, pois tanto Davi quanto Jesus fizeram a mesma pergunta ao Senhor (22:1; Mt 27:46), mas é pecado exigir uma resposta imediata ou insinuar que Deus precisa de nosso conselho (Rm 11:33-36). Asafe faz seis perguntas, sendo que todas elas se referem ao caráter e aos atributos de Deus.

Acaso ele nos rejeitou? Não! Ele é fiel a sua Palavra (Lm 3:31-33).

Voltará a demonstrar o seu favor por Israel? Sim! (Sl 30:5; Is 60:10).

Seu amor inabalável desapareceu para sempre? Não! (Jr 31:3).

Suas promessas falharam? Não! (1 Rs 8:56).

Esqueceu-se de sua bondade? Não! (Is 49:14-18).

Acaso está tão irado que reteve sua compaixão? Não! (Lm 3:22-24).

Alguém disse bem que, quando estamos em trevas, não devemos jamais duvidar daquilo que Deus nos disse na luz, mas era exatamente isso que Asafe estava prestes a fazer. Não importa o que a mão de Deus está fazendo em nossa vida, o coração dele não muda. Ele ainda nos ama e sempre nos amará.

2. O ALVORECER DA DECISÃO (Sl 77:10-12)

Durante as crises da vida, chega um momento em que é preciso ser agarrado pelo colarinho e sacudido até sair do poço de autocomiseração e voltar à realidade - e foi isso o que Asafe fez. Sua atitude mostra que chegou a um ponto de decisão e de determinação. "Isto é a minha aflição; mudou-se a destra do Altíssimo" (v. 10). Seria, sem dúvida, uma grande aflição, se o caráter de Deus tivesse mudado! "Deus desertou seu povo, e esse é um fardo que devo carregar!" É evidente que sua conclusão estava equivocada, pois o Senhor não muda (102:26; Nm 23:19; 1 Sm 15:29). No entanto, estava certo ao tomar a decisão de deixar para trás sua postura de dúvida e atravessar a crise até chegar ao outro lado. Resolveu meditar sobre o que o Senhor havia feito por Israel no passado e descobrir, por meio dos feitos de Deus, quais eram os planos dele para seu povo.

3. O DIA DO LIVRAMENTO (Sl 77:13-20)

Os pronomes mudam repentinamente da primeira para a segunda pessoa do singular e passam a se referir ao Senhor. Quando olhamos para as circunstâncias, concentramo-nos em nós mesmos e não vemos esperança alguma, mas quando, pela fé, olhamos para o Senhor, as circunstâncias talvez não se alterem, mas *nós* somos transformados. Asafe não resolveu seus problemas de todo, mas certamente saiu das sombras da dúvida

para a luz da comunhão com o Senhor e para a confiança nele.

Primeiro, ele olha para o alto pela fé e se regozija com a grandeza de Deus (vv. 13-15). Percebe que os caminhos de Deus são sempre santos, que ele é um Deus grande e que seus propósitos são sempre corretos (ver Êx 15:11, 13, 14 e 16). Então, Asafe olha para trás, para o êxodo de Israel do Egito (Êx 12 - 15), em busca de provas da graça e do poder do Senhor. O Senhor teria remido Israel com seu braço só para, depois, entregar o povo à destruição? De modo algum! São os descendentes de Jacó, cujos doze filhos fundaram as doze tribos de Israel. São os irmãos de José, que Deus enviou ao Egito a fim de preservar a nação. Por que proteger seu povo se planejava aniquilá-lo? O relato do êxodo, não faz menção alguma de uma tempestade, mas fala de um vento forte (Êx 14:21). Alguns estudiosos acreditam que os versículos 17 e 18 se referem à criação e não ao êxodo, e, de fato, a criação engrandece o poder e a glória de Deus (ver Gn 2:5, 6).

Como cristãos, olhamos para trás, para o Calvário, onde o Cordeiro de Deus entregou sua vida por nós. Se Deus o Pai não poupou seu próprio Filho por nós, acaso não suprirá todas as nossas outras necessidades (Rm 8:32)? Por certo o povo de Deus tem um futuro maravilhoso!

Por fim, Asafe compreende, mais uma vez, que o Senhor é o Pastor de Israel (v. 20; ver 74:1; 78:52, 70-72; 79:13; 80:1). Assim como chamou Moisés, Arão (Nm 33:1) e Davi (78:70-72) para conduzir seu rebanho, escolheria outros pastores nos anos por vir. Um dia, o Bom Pastor viria e daria a vida pelas ovelhas (Jo 10). Asafe teve alguns conflitos durante esse período difícil da vida, mas, no final, descobriu que poderia estar seguro de que o Senhor faria todas as coisas cooperarem para seu bem e, como uma ovelha obediente, sujeitou-se ao Pastor. É isso o que devemos fazer.

SALMO 78

Este é um salmo histórico (ver 105, 106, 114, 135 e 136). De acordo com Hegel, filósofo alemão, a única coisa que aprendemos com a

história é que não aprendemos coisa alguma com a ela. Estudando a Bíblia e a história da Igreja, descobrimos que o povo de Deus cometeu o mesmo erro. Ao recapitular a história de seu povo, Asafe viu um triste registro de esquecimento, infidelidade, insensatez e fracasso e procurou entender o significado de tudo isso. Tais coisas foram escritas para o bem dos cristãos de hoje (1 Co 10:11, 12), de modo que devemos dar ouvidos às palavras de Asafe. Como disse A. T. Pierson: "A nossa História é a história de Deus".

O salmo termina com a coroação de Davi, mas a menção do templo no versículo 69 indica que o reinado de Davi havia terminado. No versículo 9, é bem provável que a designação "Efraim" não seja uma referência à tribo, mas sim ao reino do Norte (Israel) que havia se separado de Judá e de Benjamim quando Roboão subiu ao trono (1 Rs 12). Os líderes de Israel abandonaram a fé de seus pais e instituíram sua própria religião, enquanto o povo de Judá procurou ser fiel ao Senhor. Neste salmo, Asafe adverte o povo de Judá a não imitar seus antepassados incrédulos nem seus vizinhos idólatras em sua desobediência ao Senhor. Admoesta-os a aprender as Escrituras e a ensiná-las a seus filhos. Judá possuía o templo sobre o monte Sião, as alianças, o sacerdócio e a dinastia davídica, e tudo isso poderia se perder em uma geração (ver Jz 2). Uma vez que Israel é uma nação da aliança, cabe-lhe obedecer e honrar ao Senhor, e este salmo apresenta três responsabilidades que Deus esperava que seu povo cumprisse.

1. PROTEGER O FUTURO (Sl 78:1-8)

Onde estaríamos hoje se, ao longo dos séculos, o remanescente dos líderes espirituais judeus não tivesse preservado as Escrituras para nós? Até o Novo Testamento ser completado no final do primeiro século, a única Bíblia que a Igreja primitiva possuía era o Antigo Testamento. A lei de Deus ordenava que cada geração de seu povo transmitisse a Palavra de Deus para a geração seguinte (71:18; 79:13; 102:18; 145:4; ver Êx 10:2; 12:26, 27; 13:8, 14; Dt 4:9; 6:6-9, 20-25), uma lei que se aplica a sua Igreja

hoje (2 Tm 2:2). Ao contar “os louvores do SENHOR” – seus feitos dignos de louvor –, Asafe ajudou seus líderes a compreenderem um enigma de sua história (ver Mt 13:35). Explicou por que Deus rejeitou a tribo de Efraim e escolheu a tribo de Judá e, dela, separou Davi para ser rei e, também, por que o Senhor abandonou o tabernáculo em Siló e ordenou que o templo fosse construído no monte Sião. As gerações futuras precisavam entender esses fatos, a fim obedecer ao Senhor e de fazer sua vontade. Asafe não desejava que o povo imitasse a “geração do êxodo” que havia morrido no deserto, nem a terceira geração em Canaã que se entregou à idolatria, tampouco as dez tribos que deixaram os caminhos do Senhor e fundaram um novo reino e uma religião falsa. A nação havia sido obstinada e rebelde (vv. 8, 37; Dt 21:18) e sofrera por causa de sua desobediência. No entanto, Asafe desejava que as gerações futuras confiassem em Deus, aprendessem com o passado e obedecessem à Palavra (v. 8). Só então poderiam estar certas da bênção do Senhor – um princípio que ainda é válido hoje.

2. COMPREENDER O PASSADO (Sl 78:9-64)

Asafe faz uma retrospectiva, começando com a apostasia de Efraim (vv. 9-11) e continuando com os pecados de Israel no deserto (vv. 12-39) e em Canaã (vv. 54-64). Uma das causas de sua rebelião foi terem esquecido que Deus havia sido vitorioso sobre os deuses do Egito libertando Israel da escravidão (vv. 12, 13, 40-53). Também desconsideraram seu cuidado por eles durante a jornada pelo deserto. “Aqueles que não conseguem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo” (George Santayana).

A apostasia de Efraim (vv. 9-11). Esta passagem refere-se ao reino do Norte de Israel. Quando as dez tribos se separaram de Judá e de Benjamim, assumiram informalmente o nome da maior e mais forte de suas tribos: Efraim. Manassés e Efraim, os filhos de José, foram adotados e abençoados por Jacó, que declarou Efraim o primogênito (Gn 48:8-20; ver Dt 33:13-17). Esse fato conferia prestígio

ainda maior à tribo. Josué, sucessor de Moisés, era da tribo de Efraim (Nm 13:8), como também o era Jeroboão, o rei que fundou Israel/Efraim (1 Rs 11:26; 12:16ss). Orgulhosa e militante, essa tribo criou problemas tanto para Josué (Js 17:14-18) quanto para Gideão (Jz 8:1-3). O tabernáculo ficava em Siló, uma cidade de Efraim, aumentando ainda mais a honra da tribo. Como um guerreiro fugindo do campo de batalha, Israel deu as costas ao Senhor, desobedeceu a ele e se esqueceu do que Jeová havia feito por eles. Para a imagem do “arco”, ver também o versículo 57 e Oséias 7:16. Ao começar essa longa seção histórica com uma descrição da apostasia do reino do Norte, Asafe adverte Judá a não seguir o exemplo de seus vizinhos.

Os pecados de Israel no deserto (vv. 12-39). Em seguida, Asafe volta ao relato dos pecados de Israel como uma nação integrada, antes da divisão política subsequente à morte de Salomão. O povo de Israel esqueceu aquilo que o Senhor havia feito por eles no Egito quando enviou as pragas sobre os egípcios e libertou os hebreus no êxodo. Esse povo testemunhou milagres subsequentes, enquanto o Senhor mostrava claramente a futilidade dos deuses e das deusas egípcios (Êx 12:12; Nm 33:4), mas essa lembrança não demorou a desvanecer (Asafe volta a mencionar a experiência no Egito nos vv. 40-53). Deus conduziu a nação durante o dia e a noite e proveu água para o povo de modo sobrenatural. Nos versículos 15 e 16, o salmista combina o milagre da água em Êxodo 17:1-7 com aquele em Números 20:1-13. Porém, em vez de confiar no Senhor, o povo tentou a Deus pedindo comida, uma “mesa no deserto” (vv. 17-31). Ele enviou maná , o “pão do céu” e também aves comestíveis (Êx 16; Nm 11), mas os julgou por sua insolência e apetite carnal. Por vezes, o maior julgamento de Deus é nos dar aquilo que desejamos (ver vv. 21, 31, 49, 50, 58, 59, 62). “Fez que os seus dias se dissipassem num sopro” (v. 33; 90:7-12) em Cades-Barnéia, quando o povo se recusou a entrar na terra (Nm 13 - 14). Vagaram pelo deserto durante 38 anos, até que todos com 20 anos

ou mais de idade tivessem morrido (Nm 14:28-38). De tempos em tempos, a disciplina de Deus humilhava-os e os levava a um arrependimento passageiro, mas as confissões do povo não passavam de adulação (v. 36), e logo voltava a se rebelar. Em sua misericórdia, Deus os perdoou e reteve sua ira, mas foram uma geração que entristeceu seu coração.

As lições esquecidas do Egito (vv. 40-53).

O povo não se lembrou das demonstrações do poder de Deus ao enviar as pragas do Egito (Êx 7 - 12; Nm 14:32-35) e abrir o mar Vermelho (Êx 12 - 15). Asafe apresenta uma lista de seis das dez pragas, mas não menciona os piolhos (Êx 8:16-19), a morte dos rebanhos (Êx 9:1-7), as úlceras (Êx 9:8-12) e os três dias de trevas antes da morte dos primogênitos (Êx 10:21-29). Depois dessa grande demonstração de poder divino, o povo deveria ser capaz de confiar no Senhor em qualquer situação, sabendo que ele estava no controle. Em vez disso, porém, o entristeceram, provocaram e tentaram a demonstrar sua ira contra eles! A natureza humana continua a mesma. De acordo com Spurgeon, temos a forte tendência de gravar nossas tribulações em mármore e de escrever nossas bênçãos na areia. O povo opôs-se ao Santo de Israel (v. 41; 71:22; 89:18) e, em várias ocasiões, sofreu a disciplina do Senhor.

Os pecados em Canaã (vv. 54-64). Depois de cuidar do povo no deserto durante 38 anos, o Senhor conduziu-o novamente a Cades-Barnéia (Dt 1:1, 2). Lá, recapitulou sua história e lhe ensinou a lei de Deus, preparando a nova geração para entrar na terra e conquistar o inimigo. Em seu discurso de despedida (o qual chamamos de Deuteronômio - a segunda lei), Moisés exortou os israelitas com frequência a se lembrarem e a não esquecerem o que o Senhor havia lhes dito e o que havia feito por eles. Eram uma nova geração, recomeçando com um novo líder (Josué) e recebendo uma nova oportunidade de confiar em Deus. Sob a liderança competente de Josué, os israelitas conquistaram a terra e tomaram posse de sua herança e, por duas gerações, foram obedientes ao Senhor. Porém, a terceira geração repetiu os

pecados de seus antepassados e se esqueceu do que o Senhor havia dito e feito (vv. 56, 57; Js 2:7-10). A imagem do "arco enganoso" (v. 57) volta a aparecer em Oséias 7:16. Em vez de destruírem os altares e os ídolos, os israelitas misturaram-se com o povo da terra e assimilaram seus costumes perversos, de modo que Deus teve de disciplinar seu povo entregando-o nas mãos dos seus inimigos (v. 59). O Livro de Juízes relata como sete nações invadiram Israel e como Deus levantou juízes para livrar seu povo quando os israelitas se arrependeram e buscaram sua ajuda. Nos dias do sumo sacerdote Eli, o Senhor castigou o povo com severidade e chegou a permitir que a arca da aliança fosse tomada pelos filisteus (1 Sm 1-7). Isso representou o fim do tabernáculo em Siló. A tenda da congregação ficou algum tempo em Nobe (1 Sm 21:22; 2 Sm 6:1, 2) e também em Gibeão (1 Rs 3:4), duas cidades na tribo de Benjamim. Davi levou a arca para uma tenda que havia levantado para ela no monte Sião (v. 68; 2 Sm 6), e ali ela permaneceu até ser transferida para o templo durante o reinado de Salomão (1 Rs 8:3-9).

Alguém disse bem que, para superar um problema de caráter, não basta superar as circunstâncias, e a história de Israel ilustra essa verdade. Quer estivessem no Egito, quer caminhando pelo deserto, quer habitando em sua própria terra, os israelitas demonstravam predisposição para fazer tudo a seu modo e a se rebelar contra o Senhor. Quando eram disciplinados, fingiam estar arrependidos, recebiam a ajuda de Deus e eram perdoados. Não demorava muito, porém, voltavam a meter-se em apuros. Mas será que existe algum povo ou indivíduo que não esteja sujeito a esse mesmo mal? Pelo menos, os escritores israelitas que nos deram a Bíblia foram honestos e relataram não apenas suas realizações, mas também seus pecados! A Igreja de hoje pode aprender tanto com os exemplos negativos quanto com os positivos que Israel nos deu (1 Co 10).

3. VALORIZAR O PRESENTE (Sl 78:65-72)

A declaração no versículo 65 é metafórica, pois o Senhor nunca fica embriagado nem

dorme. No tempo de Samuel e de Saul, Israel derrotou os inimigos com a ajuda do jovem Davi, mas foi quando Davi subiu ao trono que a nação conquistou suas maiores vitórias e expandiu mais expressivamente as suas fronteiras. Esse é um dos motivos pelos quais Deus rejeitou a tribo de Efraim e escolheu a tribo de Judá e porque abandonou o tabernáculo em Siló e decidiu colocar o templo no monte Sião. Jacó havia profetizado que o rei viria de Judá (Gn 49:10), e o rei Saul era de Benjamim. Quando o Senhor dirigiu Davi para que tomasse o monte Sião e transformasse Jerusalém em sua capital, foi um gesto de amor (47:4; 87:2). Se Asafe escreveu este salmo depois da divisão do reino, então está lembrando o povo de Judá como eram, de fato, privilegiados por terem Jerusalém, o monte Sião e um rei da linhagem de Davi, *da qual viria um dia o Messias!* (ver Lc 1:30-33, 66-79; Mt 2:6). Se dessem o devido valor a esses privilégios, não seguiriam o péssimo exemplo do reino do Norte, pecando contra o Senhor ao se entregar à idolatria.

Os reis eram chamados de “pastores” (Jr 23:1-6; Ez 34), pois o povo escolhido de Deus era considerado seu rebanho (v. 52; 77:20; 100:3), e ninguém melhor do que Davi para receber esse título (2 Sm 5:1-3). Ele amava suas “ovelhas” (2 Sm 24:17) e, em várias ocasiões, arriscou a vida por elas no campo de batalha. Suas mãos eram hábeis, quer estivesse segurando uma espada, uma harpa, uma pena ou um cetro, e, ao contrário de seu antecessor Saul, o coração de Davi era inteiramente dedicado ao Senhor (sobre “integridade”, ver 7:8; 25:21; 26:1, 11; 41:12). A integridade e a aptidão são interdependentes, pois não há habilidade que compense um coração pecaminoso, assim como também não há devoção a Deus que supere a falta de aptidão.

SALMO 79

Deus deu a seu povo vitória sobre o Egito (77) e ajudou-o a marchar pelo deserto e, posteriormente, a conquistar Canaã (78). Também lhes deu o rei Davi, que derrotou seus inimigos e expandiu o reino. Mas agora,

o povo de Deus encontra-se cativo, a cidade e o templo estão destruídos, e as nações pagãs triunfaram (o Sl 74 apresenta os seguintes paralelos: 79:1 / 74:3, 7; 79:2 / 74:19; 79:5 / 74:10; 79:12 / 74:10, 18, 22). Vemos Asafe desempenhando quatro papéis diferentes ao refletir sobre a derrota de Judá pelos babilônios. Cada divisão deste salmo começa com palavras dirigidas a Jeová: “Ó Deus” (v. 1); “Até quando, SENHOR?” (v. 5); “Assisteste, ó Deus e Salvador nosso” (v. 9); “Retribui, Senhor” (v. 12).

1. O PRANTEADOR QUE VÊ O JULGAMENTO DE DEUS (Sl 79:1-4)

A Babilônia foi a nação que liderou a conquista de Judá, mas as nações vizinhas (Amom, Moabe, Edom) ficaram extremamente satisfeitas com a derrota do povo de Deus (vv. 4, 12; ver 44:13; 80:6; 137:7; Ez 25). A terra era herança de Deus (Êx 15:17), e ele a havia compartilhado com o povo de Israel, também sua herança (28:9; 33:12; Dt 4:20). Podiam viver na terra e desfrutar suas bênçãos desde que obedecessem à aliança (Lv 26; Dt 28 - 30), mas a rebelião contumaz traria sobre eles dolorosa disciplina, que incluía a expulsão da terra (Lv 26:33-39; Dt 28:64-68). Seriam derrotados pelos inimigos (v. 1; Dt 28:25), e os corpos dos mortos ficariam insepultos, desgraça terrível para um israelita (v. 2; Dt 28:26; Lv 26:30; e ver Jr 7:33; 8:2; 9:22). Suas cidades seriam destruídas (v. 1; Dt 28:52), e Israel seria envergonhado perante os vizinhos (vv. 4, 12; Dt 28:37). Observe como Asafe identifica o Senhor com a situação: “tua herança [...] teu santo templo [...] teus servos [...] teus santos”.

2. O SOFREDOR QUE SENTE A IRA DE DEUS (Sl 79:5-8)

A pergunta “até quando?” pode ser encontrada com frequência nas Escrituras (ver 6:3). Os zelos de Deus não se devem ao fato de ele *precisar* de algo ou de alguém, mas sim ao fato de *cuidar* com profunda afeição de sua terra e de seu povo (ver 78:58; Êx 20:5; Dt 4:24; 6:15, 16; 29:20). Ele zela por seu nome (Ez 39:25), por sua terra (Jl 2:18) e por sua herança (Zc 1:14). Asafe não nega que

ele e o povo merecem a disciplina (v. 9), mas se os israelitas são culpados, as nações pagãs que os atacaram são ainda mais! O salmista pede que Deus derrame sua ira sobre os invasores por causa do que fizeram à terra, à cidade e ao templo (vv. 6, 7).

Ao longo do declínio do reino de Judá, seus reis e líderes tornaram-se cada vez menos dedicados ao Senhor. Houve uns poucos reis piedosos, como Asa, Josias, Joás e Ezequias, mas as alianças com outras nações, a idolatria e a incredulidade combinaram-se para enfraquecer o reino e torná-lo o alvo do julgamento divino. Os pecados dos pais acumularam-se até que Deus não pôde mais reter sua fúria (Gn 15:16; Mt 23:32, 33; 1 Ts 2:13-16). Diante de Deus, somos culpados somente de nossos próprios pecados (Dt 24:16; Jr 31:29, 30; Ez 18), mas podemos sofrer em decorrência das transgressões de nossos antepassados (Êx 20:5; 34:7; 2 Rs 17:7ss; 23:26, 27; 24:3, 4; Lm 5:7; Dn 9:4-14).

3. O INTERCESSOR QUE SUPLICA PELA AJUDA DE DEUS (SL 79:9-11)

A preocupação do salmista é com a glória do nome de Deus (vv. 9, 12), e, a seu ver, o livramento sobrenatural de Judá glorificaria o Senhor; porém, esse livramento não veio. Asafe confessou mais que depressa os próprios pecados, bem como os de seus contemporâneos, pois não eram apenas seus antepassados que haviam desobedecido ao Senhor (v. 8; ver 25:11; 31:3; 65:3 e 78:38). Naquele tempo, a vitória de uma nação era prova de que seus deuses eram mais poderosos que os deuses do inimigo, de modo que a Babilônia zombou do povo de Judá e perguntou: "Onde está o teu Deus?" (ver 42:3, 10; 115:2). Moisés usou esse mesmo argumento quando rogou a Deus que perdoasse a nação (Êx 32:12; Nm 14:13).

Outra preocupação de Asafe era a justiça de Deus. Em duas ocasiões, fala do derramamento de sangue (vv. 3, 10), referindo-se àqueles que foram mortos, pois o sangue era extremamente sagrado para os israelitas (Lv 17). O derramamento de sangue animal no altar pelo menos tinha o propósito de

cobrir os pecados dos adoradores, mas para que servia o derramamento de tanto sangue humano? No versículo 11, Asafe ora com base na grande compaixão do Senhor, lembrando-se, talvez, das palavras de Jeová a Moisés (Êx 33:12-23; e ver Dt 32:36). Deus havia sentido o fardo dos hebreus quando chamou Moisés para liderá-los em sua saída do Egito (Êx 2:24, 25; 6:1-9), de modo que, certamente, teria piedade dos cativos e daqueles que estavam prestes a morrer. A cruz de Jesus Cristo é para nós, em nosso tempo, a única prova de que precisamos do amor de Deus por nós (Rm 5:8).

4. O ADORADOR QUE PROMETE LOUVAR A DEUS (SL 79:12, 13)

Como poderia alguém testemunhar o que a Babilônia havia feito ao povo de Judá e não clamar ao Senhor pedindo vingança? (Ver 55 para um comentário sobre as orações imprecatórias nos Salmos.) Deus havia escolhido a Babilônia para disciplinar Judá por seus pecados, mas os babilônios haviam se regozijado com o privilégio e se excedido em sua crueldade (Jr 50:11-16; 51:24). O que pesa para Asafe é o fato de os babilônios terem não apenas castigado o povo de Deus, mas também difamado o Senhor e, portanto, ele pede que Deus lhes pague com a mesma medida (ver Is 65:6; Jr 32:18; Lc 6:38). Na aliança de Deus com Israel, é freqüente o uso da expressão "sete vezes" (Lv 26:18, 21, 24, 28; Dt 28:7, 25). O profeta Jeremias prometeu que Deus julgaria a Babilônia por seus pecados (Jeremias 50 - 51) e, se Asafe sabia dessas profecias, estava simplesmente orando para que Deus cumprisse sua vontade aqui na terra.

O povo de Judá não passava de um rebanho de ovelhas (74:1; 77:20; 78:72; 95:7; 100:3), mas seus inimigos os haviam abatido impiedosamente e o nome de Deus havia sido difamado. Deus havia chamado seu povo para louvá-lo e para servir de testemunho às nações pagãs (Is 43:21), e é isso o que Asafe promete fazer se Deus livrar seu povo. Quando o cativo chegou ao fim, alguns filhos de Asafe encontravam-se no meio do povo que voltou para

Judá, de modo que a promessa de Asafe ao Senhor foi cumprida (Ed 2:41; 3:10; Ne 7:44; 11:17, 22; 12:35, 36).

SALMO 80

Este salmo é uma oração de Asafe a Deus em favor do reino do Norte ("Israel", "Samaria") depois que este foi levado cativo pelos assírios em 722-721 a.C. Apesar de ser possível que a designação "José" refira-se à nação como um todo (77:15; 80:4, 5), a menção de Efraim, Manassés (filhos de José) e Benjamim (irmão de José), no versículo 2, indica que se trata do reino do Norte. Esses são os filhos e netos de Raquel, esposa predileta de Jacó. Samaria, capital do reino do Norte, ficava dentro da tribo de Efraim. O templo ainda estava em pé em Jerusalém (v. 1), e a queda de Samaria deveria ter servido de aviso para que Judá não desobedecesse ao Senhor. O fato de Asafe orar pelo reino do Norte e de pedir a Deus restauração e a união para a nação como um todo mostra que parte da rivalidade antiga estava chegando ao fim e que algumas pessoas de Judá estavam preocupadas com "a ruína de José" (Am 6:6). Infelizmente, às vezes é preciso haver dissensão, divisão e destruição para que irmãos se reconciliem. José e seus irmãos são um exemplo disso. O refrão "Restaura-nos" (vv. 3, 7, 19) marca os três pedidos que Asafe faz ao Senhor em favor dos reinos.

1. "SALVA O TEU REBANHO" (Sl 80:1-3)

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o rebanho é uma imagem comum para o povo de Deus (23:1; 28:9; 74:1; 77:20; 78:52; 79:13; Jo 10; 1 Pe 5:1-4; Hb 13:20, 21). O pedido dessa passagem é que Deus dirija seu povo em meio a essa crise, como os conduziu em segurança pelo deserto. Ele os guiou por meio da arca (o trono de Deus; Nm 10:33; 99:1; 1 Sm 4:4 e 6:2) e da nuvem (o esplendor da glória de Deus; Nm 14:14; ver 50:2; 94:1; Dt 33:2). Depois da arca, vinha o povo de Judá, Issacar e Zebulom. Em seguida, os levitas de Gérson e Merari carregando a estrutura do tabernáculo, seguidos de Rúben, Simeão e Gade. Então, vinham os levitas de Coate, carregando os utensílios do

tabernáculo, seguidos de Efraim, Manassés e Benjamim e, por fim, Dã, Aser e Naftali (ver Nm 10). Asafe pede ao Senhor: "desperta o teu poder e vem salvar-nos" (7:6; 78:65), súplica que traz à memória as palavras de Moisés sempre que o acampamento partia: "Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos" (Nm 10:35). O "resplendor do rosto" de Deus no refrão lembra a bênção sacerdotal (Nm 6:22-27); ver também 4:6; 31:16; 67:1 e 119:135. Quando Deus esconde sua face, as coisas vão de mal a pior (13:1; 27:9; 30:7; 44:24; 69:17; 88:14). Pedir que Deus faça resplandecer seu rosto é o mesmo que pedir "restaura nossa condição anterior de bênção e de relacionamento com o Senhor" (ver 85:4; 126:1, 4; Lm 5:21).

2. "TEM PIEDADE DO TEU POVO" (Sl 80:4-7)

A imagem do pastor mistura-se à de Israel como povo de Deus: "Somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio" (100:3). Porém, nesse momento, o Senhor está irado com seu rebanho, e sua fúria arde como um fogo prestes a irromper e a consumir seu povo (ver 74:1 e 79:5; Dt 29:20; Is 65:5). Sua ira abrangia até mesmo as orações do povo ou "apesar de" suas orações [para a pergunta "Até quando?", ver 6:3; ver também Lm 3:8 e 44, e lembre que Deus disse a Jeremias que não orasse por seu povo desobediente (Jr 7:16; 11:14; 14:11; e ver 1 Jo 5:16)]. Enquanto Israel vagava pelo deserto, Deus proveu pão do céu e água da rocha (Êx 16 - 17; Nm 20), mas agora, só restavam lágrimas que serviam tanto de alimento como de bebida para o povo (ver 42:3; 102:9; Is 30:20). Para piorar a situação, os povos vizinhos zombavam do povo de Deus (44:13-16; 79:4). Encontramos mais uma vez o refrão lamentoso (v. 7), observando, porém, que a expressão "ó Deus", do versículo 3, torna-se "ó Deus dos Exércitos". Jeová é o SENHOR dos Exércitos dos céus e da terra, mas seu povo não está mais marchando em vitória.

3. "REAVIVA A TUA VIDEIRA" (vv. 8-19)

Temos agora a imagem de Israel como uma videira (Is 5:1-7; Jr 2:21; 6:9; Ez 15:1, 2; 17:6-8;

19:10-14; Os 10:1; 14:7; Mt 20:1-16; Mc 12:1-9; Lc 20:9-16). Jesus usou essa imagem para descrever a si mesmo e a seus seguidores (Jo 15), e em Apocalipse 14:17-20, João escreve sobre a “videira da terra”, as nações gentias corruptas no fim dos tempos. O Senhor transplantou Israel do Egito para Canaã, desarraigou as nações de Canaã e plantou seu povo na terra de sua herança. Enquanto o povo obedeceu ao Senhor, a videira cresceu e cobriu cada vez mais a terra. As fronteiras de Israel estenderam-se da região montanhosa ao sul até os grandes cedros do Líbano ao norte, do mar Mediterrâneo a oeste, até o Eufrates a leste — e além (72:8; Êx 23:21; Dt 11:24; 2 Sm 8:6; 1 Rs 4:24).

Porém, essa videira tão viçosa desobedeceu ao Senhor, produziu “uvas bravas” (Is 5:2) e sentiu a mão disciplinadora de Deus. Ele retirou de sobre ela sua proteção e permitiu que o inimigo invadissem a terra e arruinasse o vinhedo. Asafe ora para que Deus perdoe e volte a abençoar seu povo. O termo “sarmento” (um ramo da videira), no versículo 15, é traduzido por “filho” na NVI, talvez numa referência às palavras de Jacó sobre José em Gênesis 49:22. Israel era chamado de “filho” de Deus (Êx 4:22, 23; ver Os 11:1, uma referência messiânica em Mt 2:15) e Benjamim significa “filho de minha destra”. Apesar de ser possível que haja um tom messiânico nos versículos 15 e 17 (ver 100:1, 5), de acordo com a idéia central do salmo, Israel é o povo de Deus, sua videira, seu filho escolhido. O Senhor plantou a nação em Canaã e somente ele pode protegê-la e livrá-la. Havia tratado seu povo como filho favorecido, da mesma forma que Jacó havia colocado a mão direita da bênção sobre Efraim em vez de colocá-la sobre Manassés, o primogênito (Gn 48:12-20). Não mereciam essa bênção, mas, em sua graça, Deus a havia concedido. Também é possível que o versículo 17 seja uma referência ao rei de Israel e que expresse a esperança na dinastia davídica.

O último refrão apresenta um terceiro nome de Deus, emprestado do versículo 4: “Ó SENHOR, Deus dos Exércitos”. SENHOR é o

nome “Jeová”, o nome de Deus na aliança. O salmista apela para a aliança e pede que Deus seja fiel e perdoe seu povo quando clamam por ele e confessam seus pecados (Lv 26:40-45; Dt 30:1-10). Trata-se de uma versão do Antigo Testamento de 1 João 1:9. Em termos espirituais, as raízes de Israel ainda são fortes (Rm 11:1ss, especialmente vv. 16-24), e, um dia, a videira e a oliveira serão restauradas, e a oração de Asafe será respondida.

SALMO 81

O salmista chama o povo a se reunir e a adorar ao Senhor, mas nesse momento o mensageiro do Senhor recebe uma mensagem especial de Deus e a transmite ao povo. A ocasião é uma das festas prescritas no calendário de Israel, porém o texto não diz qual delas. Os versículos 5 a 7 e 10 dão a entender que se trata da Páscoa, mas a menção da lua nova e da lua cheia (v. 3) indica a Festa das Trombetas ou Tabernáculos. O ano religioso judaico tem início no mês de nisan (março-abril em nosso calendário), durante o qual é comemorada a Páscoa (Êx 12). O ano civil começa com tisri (setembro-outubro), o sétimo mês do calendário religioso, durante o qual é comemorada a Festa das Trombetas (primeiro dia, “Rosh Hashanah”), o Dia da Expição (décimo dia, “Yom Kippur”) e a Festa dos Tabernáculos (do dia quinze ao dia vinte e dois) (ver Lv 23:23-44 e Nm 29). O primeiro dia corresponderia, então, à lua nova, e o décimo quinto dia, à lua cheia. As trombetas mencionadas no texto não são as trombetas de prata (Nm 10), mas o *chofar*, o chifre de carneiro, do tipo usado em Jericó (Js 6). Isso argumenta em favor da Festa dos Tabernáculos, apesar de ser possível também que Asafe tenha juntado as Festas da Páscoa e dos Tabernáculos, pois são duas festas relacionadas. A Páscoa comemorava a libertação da escravidão no Egito, e Tabernáculos celebrava o cuidado de Deus por seu povo durante os anos que vagaram pelo deserto. Tabernáculos também era uma festa na qual todos se alegravam pelas colheitas. O salmo nos traz à mente três aspectos diferentes da verdadeira adoração.

1. LOUVAR O NOME DO SENHOR (Sl 81:1-5)

O líder convoca uma reunião com o povo (v. 1), os músicos (v. 2) e os sacerdotes, que deveriam tocar as trombetas (v. 3). Na lei do Antigo Testamento, encontramos tempos prescritos de adoração (o sábado semanal, as festas anuais etc.) e ocasiões de adoração espontânea (como, por exemplo, a derrota dos inimigos). Tanto um quanto outro são essenciais para uma adoração equilibrada, e ambos devem concentrar-se na bondade do Senhor. Se toda a adoração fosse pessoal e espontânea, haveria diversidade, mas faltaria unidade. Se, no entanto, toda a adoração fosse realizada somente de acordo com um calendário, haveria uniformidade, mas faltaria diversidade. Nessa ocasião, foram usados instrumentos e vozes para adorar a Deus. A nação é chamada de “Jacó, Israel e José” (vv. 4, 5). Jacó e suas esposas constituíram a família, e José preservou a vida dessa família no Egito. Deus chamou Jacó de Israel, que quer dizer “lutaste com Deus e [...] prevaleceste” (Gn 32:22-32).

2. OUVIR A PALAVRA DE DEUS (Sl 81:6-10)

A última oração do versículo 5 deve ser traduzida por “ouvimos uma voz da qual, até então, não tínhamos conhecimento”, referindo-se à mensagem enviada por Deus e registrada nos versículos 6 a 10. Em algum ponto da celebração dessa festa, um sacerdote recebeu uma mensagem de Deus e a proclamou ao povo. A ênfase deste salmo é sobre ouvir a Palavra de Deus (vv. 6, 11, 13; ver 95:7-11 e Hb 3). A cada sétimo ano, na Festa dos Tabernáculos, os sacerdotes liam o Livro de Deuteronômio ao povo, e é possível que a ocasião descrita aqui fosse um desses anos sabáticos especiais (ver Dt 31:9-13 e observe a ênfase em Deuteronômio em “ouvir a Deus” [Dt 4:1, 6, 10; 5:1; 6:3, 4; 9:1]). É muito bom cantar louvores a Deus e orar, mas se desejamos que ele nos ouça, devemos antes ouvir o que ele tem a dizer.

O Senhor lembrava seu povo com frequência do livramento sobrenatural da escravidão

no Egito (v. 6), de seu poder, que havia realizado tal feito, e de seu amor, que o havia motivado. Também os lembrava da aliança que haviam aceitado no Sinai (v. 7a; ver Dt 5:2, 3). O povo que ouvia essa mensagem não estivera no Sinai, mas a decisão de seus antepassados era um compromisso que se estendia a seus descendentes. A mensagem de Deus também lembra como o povo não confiou em Deus em Meribá (Êx 17; Nm 20). Na Festa dos Tabernáculos, os sacerdotes derramavam água no templo para comemorar esses acontecimentos (Jo 7:37-39). O Senhor enfatizou que não aceitaria que seu povo adorasse ídolos (vv. 8, 9; Êx 20:1-4; Dt 4:15-20). O que os falsos deuses das nações vizinhas tinham a oferecer a Israel? “Abre bem a boca, e ta encherei” (v. 10).

3. OBEDECER À VONTADE DE DEUS (Sl 81:11-16)

A adoração e o serviço andam juntos (Mt 4:10; Dt 6:13), o que significa que devemos seguir as ordens de Deus. Porém, a nação não obedeceu à Palavra de Deus, e ele precisou destruir todos do povo de 20 anos para cima (Nm 14:26ss). Mas essa atitude de “surdez” espiritual e de desobediência deliberada persistiu, mesmo depois que Israel entrou na Terra Prometida, conforme encontramos registrado no Livro de Juízes (ver 78:10, 17, 32, 40, 56). O maior julgamento que Deus pode enviar é deixar que seu povo consiga exatamente aquilo que deseja (ver Rm 1:24, 26, 28).

Se seu povo tivesse obedecido, o Senhor teria cumprido as promessas de sua aliança e o teria abençoado com proteção e provisão (Dt 28:15ss; Lv 26:17-20; 27-31). Quando desobedecemos ao Senhor, não apenas sentimos a dor de sua disciplina, como também perdemos as bênçãos que ele tanto deseja nos dar. O Senhor tirou água da rocha para Israel, mas estava preparado para tirar mel da rocha para lhes dar (Dt 32:13). Enviou o maná do céu, mas teria lhes dado o mais fino trigo. “Se” (v. 13) é uma palavra pequena, mas acarreta sérias conseqüências (Dt 5:29; 32:29; Is 48:18; Mt 23:37).

Das palavras mais tristes
 que se podem dizer ou escrever,
 As mais tristes são estas:
 "Poderia ter sido, mas não chegou a ser".
 - John Greenleaf Whittier

SALMO 82

No salmo anterior, Asafe descreveu o Senhor julgando seu povo durante um de seus dias de festa, mas, neste salmo, os juízes do povo é que são acusados (ver também 50 e 75). O salmista fala, no versículo 1, e anuncia que está passando a palavra ao Juiz, e, no versículo 8, Asafe ora pedindo que Deus faça justiça em toda a Terra. Entre uma coisa e outra, é o próprio Deus quem fala aos juízes.

1. O Juiz (Sl 82:1)

Uma vez que Deus é o Legislador, ele também é o Juiz (Is 33:22), e o Juiz de toda a Terra faz o que é certo (Gn 18:25). Preside sobre a congregação de Israel e sobre seus juízes. O Senhor não está assentado na cadeira do juiz ouvindo pacientemente a apresentação do processo, pois Deus é Juiz e júri e não precisa de pessoa alguma para lhe contar os fatos. Sabe o que as pessoas estão fazendo na Terra e julgará com equidade (11:4-7). Em seu tribunal, não há "defesa" nem "recurso". Ele é onisciente, e seu veredicto é final. Trata-se de uma ocasião solene: o Senhor está em pé e prestes a anunciar sua decisão (Is 3:13-15).

Os "deuses" (vv. 1, 6) não são os falsos deuses dos pagãos, pois essas divindades inexistentes não são representantes judiciais de Jeová na Terra. Também não são anjos, pois os anjos não podem morrer (v. 7). Antes, esses "deuses" (*elohim*) são pessoas que receberam a enorme responsabilidade de representar o Senhor na Terra e de interpretar e aplicar sua lei (Êx 18:13-17; 21:6; Dt 16:18-20; 17:2-13; 19:15-20; 21:2). Jesus deixa isso claro ao citar o versículo 6 em João 10:34-36. É uma responsabilidade tremenda representar o Senhor na Terra (Lv 19:15; Dt 1:17; 16:19) e procurar fazer justiça mediante a aplicação correta da lei. As autoridades são "ministros de Deus" (Rm 13).

2. Os Juízes (Sl 82:2-7)

"Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus" (Mq 6:8). Esses juízes não praticavam a justiça (v. 2) nem amavam a misericórdia (vv. 3, 4) e andavam em oposição à vontade de Deus (v. 5). Os verbos, no versículo 2, são conjugados na segunda pessoa do plural, pois o Senhor está se dirigindo a todos os juízes culpados. Defendiam a causa dos criminosos que os subornavam e deixavam de cuidar dos órfãos e viúvas (ver Êx 22:21-24; Dt 10:17, 18; Is 1:17; 10:1, 2; Jr 5:28; 22:3, 16; Am 2:7; 4:1; 5:11, 12; 8:6; Ez 16:49; 18:12; 22:29). Os juízes devem guardar a lei de Deus e não demonstrar parcialidade (Lv 19:15; Dt 16:19; Is 3:13-15; Mq 3:1-4), princípio também válido para a Igreja (1 Tm 5:21). Mesmo nos dias gloriosos do reinado de Salomão, as autoridades do governo abusavam do povo e desobedeciam à lei (Ec 5:8) - e, no entanto, Salomão havia pedido um coração compreensivo (1 Rs 3:9).

O versículo 5 descreve os juízes perversos ou as pessoas que maltratam? Caso se refira aos juízes, então é uma acusação terrível contra pessoas que deveriam conhecer a lei e andar na luz (Is 8:20; 59:1-15; Rm 1:21, 22). No entanto, é possível que "eles", no versículo 5, remeta aos fracos e necessitados descritos no versículo 4. Nem sempre os sacerdotes e levitas faziam bem seu trabalho, e nem sempre o povo tinha conhecimento suficiente da lei para se defender. "O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento" (Os 4:6). A desobediência ou descaso às leis de Deus abala os fundamentos da sociedade e ameaça sua integridade (11:3; 89:14; 97:2), pois a lei moral de Deus é o parâmetro pelo qual as leis dos homens devem ser julgadas.

3. O Julgamento (Sl 82:6-8)

Apesar de essas pessoas terem cargos elevados e de serem chamadas de "*elohim* - deuses" (Êx 21:6), não passavam de seres humanos e seriam julgadas por seus pecados. O privilégio traz consigo responsabilidade,

e a responsabilidade implica prestação de contas. Jesus citou o versículo 6 (Jo 10:34-36) para defender sua declaração de que era o Filho de Deus. Se o Senhor chamou de “deuses” juízes humanos imperfeitos escolhidos por outros homens, Jesus Cristo era mais do que digno de ser chamado de “Filho de Deus”, aquele que foi separado pelo Pai e enviado para a Terra! Apesar de seus títulos e cargos, um dia, esses juízes morreriam como qualquer outra pessoa e pagariam por seus pecados. Quando Deus, o Juiz, termina seu discurso, Asafe acrescenta sua oração pedindo que Deus faça justiça em toda a Terra e não apenas em Israel (v. 8; 9:7, 8). Quando o Senhor vier para julgar a Terra, ninguém escapará, e sua sentença será justa. A oração de Asafe é semelhante à oração da Igreja: “venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6:10).

SALMO 83

Este é o último salmo associado a Asafe (50, 73-83). Descreve uma coalizão de dez nações gentias que tenta apagar Israel da face da Terra. Alguns estudiosos relacionam este salmo à grande vitória de Josafá sobre uma coalizão menor (2 Cr 20), apesar de ser possível que o cronista não tenha mencionado todas as nações envolvidas. 2 Crônicas 20:11 é paralelo a 83:12, e 20:29 é paralelo a 83:16 e 18, mas essas semelhanças não provam que o salmista escreveu sobre esse mesmo acontecimento. Israel era objeto de ódio e de oposição desde o tempo em que se encontrava no Egito, mas o Senhor cumpriu suas promessas e guardou seu povo (Gn 12:1-3). O Faraó, Hamã (Livro de Ester), Hitler e todos os outros exterminadores de judeus acabaram humilhados e derrotados. Isso nos lembra que a Igreja de Jesus Cristo também é odiada e atacada pelo mundo (Jo 15:18, 19; 17:14) e que, como o povo de Israel no tempo de Asafe, nossa defesa é a oração e a fé nas promessas de Deus (At 4:23-31). Ao comentar sobre este salmo, Alexander Maclaren escreveu: “O mundo está armado contra o povo de Deus, e qual é a arma de Israel? Não é outra coisa senão a oração”. Mas por acaso existe arma melhor do que

essa? Ao ver os exércitos inimigos cercando Israel, Asafe faz três pedidos sinceros ao Senhor.

1. “SENHOR, ATENTA PARA O QUE ESTÁ ACONTECENDO!” (Sl 83:1-8)

O salmo começa com dois nomes de Deus - *Elohim* e *El* - e termina com outras duas designações divinas - *Jeová* e *El Elyon* (Deus Altíssimo). O último nome faz lembrar a vitória de Abraão sobre os reis e seu encontro com Melquisedeque (Gn 14:18-20). Asafe está perturbado, pois o Senhor não disse coisa alguma por intermédio de seus profetas e não fez coisa alguma por meio de sua obra providencial, a fim de impedir o avanço dessa enorme confederação. Literalmente, o salmista ora: “Que não haja descanso algum para ti” (ver 28:1, 2; 35:21, 22; 39:12; 109:11; Is 62:6). Esses homens eram inimigos de Deus, atacando o povo de Deus e ameaçando os “protegidos” de Deus (ver 27:5 e 31:21), de modo que havia chegado a hora de Deus atentar para essa situação e agir!

Os invasores eram muitos, estavam unidos, erguiam a cabeça com arrogância e desafiavam o Senhor Deus de Israel (ver 2:1-3). Haviam tramado juntos em segredo, mas agora estavam “rugindo como o mar” (“se alvoroçam”, v. 2; ver 46:3). Seu objetivo era destruir o povo de Deus e tomar posse da terra (v. 12). Ao que parece, Moabe e Amom - frutos da união incestuosa de Ló com suas filhas (Gn 19) - eram os líderes da coalizão incentivados pela Assíria que, a essa altura, ainda não era uma potência mundial (v. 8). Moabe e Amom viriam do leste com os ismaelitas, enquanto Edom viria do sudeste com seu vizinho, Gebal. Ismael era inimigo e rival de Isaque (Gn 21:1-21). Os hagarenos viviam a nordeste de Israel, e os amalequitas, a sudoeste. Os povos da Filístia e Fenícia (Tiro) ficavam a oeste de Israel. O inimigo veio contra Israel de todas as direções e cercou o povo de Deus!

2. “SENHOR, FAZE O QUE É PRECISO!” (Sl 83:9-15)

Mesmo que a situação de Josafá não seja a mesma descrita por Asafe, sua oração teria

sido apropriada para a ocasião: “Ah! Nosso Deus, acaso, não executarás tu o teu julgamento contra eles? Porque em nós não há força para resistirmos a essa grande multidão que vem contra nós, e não sabemos nós o que fazer; porém os nossos olhos estão postos em ti” (2 Cr 20:12). Asafe recorda algumas das grandes vitórias de Jeová na história de Israel, especialmente a vitória de Gideão sobre os midianitas (vv. 9a, 11; Juízes 6 - 8) e a vitória de Débora e Baraque sobre Sísera e Jabim (vv. 9b-10; Jz 4 - 5). En-Dor não é mencionada em Juízes 4 e 5, mas era uma cidade próxima a Taanaque (Jz 5:19), que, por sua vez, não ficava longe de En-Dor (Js 17:11). A oração “tornaram-se adubo para a terra” (v. 10) descreve os corpos insepultos dos soldados inimigos decompondo-se no solo. O inimigo havia sido derrotado e desonrado. Orebe e Zeebe eram comandantes (príncipes) do exército midianita, e Zeba e Zalmuna eram reis midianitas (Jz 7:25 - 8:21). A vitória de Gideão (“o dia dos midianitas”) destacava-se na história de Israel como um exemplo do poder de Deus (Is 9:4; 10:26; Hc 3:7). Asafe encerra sua oração pedindo a Deus que envie uma vitória como essa a Israel para que os soldados inimigos fugissem em pânico, feito palha ou folhas ao vento. Seus exércitos seriam consumidos como o bosque é devorado pelo fogo na encosta da montanha. A imagem do julgamento de Deus como uma tempestade pode ser encontrada em 18:7-15; 50:3 e 68:4. Se a oração de Asafe parece vingativa, devemos lembrar que ele está pedindo que Deus proteja seu povo especial, que havia recebido uma missão especial para cumprir na Terra (ver Sl 55 para comentários sobre os “salmos imprecatórios”).

3. “GLORIFICA O TEU NOME” (Sl 83:16-18)

Antes de orar para que os inimigos sejam destruídos, Asafe pede que sejam “envergonhados e confundidos” e que se voltem para o verdadeiro Deus vivo. Foi o que aconteceu no tempo de Josafá: “Veio da parte de Deus o terror sobre todos os reinos daquelas terras, quando ouviram que o SENHOR havia pelejado contra os inimigos de Israel” (2 Cr 20:29).

O rei Ezequias fez uma oração semelhante pelos invasores assírios (Is 37:14-20). As tropas das dez nações dependiam de vários deuses para lhes dar a vitória, mas o Deus de Abraão, Isaque e Jacó derrotou os exércitos e seus deuses! “Santificado seja o teu nome” – esse é o primeiro pedido da oração do Pai Nosso (Mt 6:9) e deve ser a motivação de todas as nossas orações. O Deus Altíssimo é soberano sobre toda a Terra!

SALMO 84

A oração “aparece diante de Deus em Sião” (v. 7) indica que este salmo foi escrito por um israelita que não poderia ir a Jerusalém para celebrar uma das três festas anuais (Êx 23:17; 34:23). Durante quarenta anos após o êxodo do Egito, os israelitas foram um povo nômade, porém mesmo depois que os israelitas entraram na Terra Prometida, as três festas continuaram a lembrá-los de que ainda eram peregrinos aqui na terra (1 Cr 29:15), como também o é o povo de Deus hoje (1 Pe 1:1; 2:11). Um homem errante não tem lar; um estrangeiro está longe do lar; um peregrino está se dirigindo a seu lar. O fato de o salmista não poder ir à festa não o privou das bênçãos da comunhão com o Senhor. Todos os que são verdadeiros peregrinos também podem fazer estas três declarações.

1. MEU PRAZER ESTÁ NO SENHOR (Sl 84:1-4)

Na sua declaração inicial, o salmista diz duas coisas: “O templo é lindo” e “O templo é amado por todos os que amam o Senhor”. Aquele era o local onde o Senhor habitava, sua casa (vv. 4, 10), o palácio onde residia sua glória (26:8). Hoje, Deus não vive em construções feitas por homens (At 7:47-50), mas, ainda assim, devemos ter uma reverência especial para com as construções consagradas a ele. Podemos adorar a Deus a qualquer hora e em qualquer lugar, mas os lugares especiais e os rituais prescritos são importantes para a estruturação de nosso culto ao Senhor. O mais importante é ter um coração dedicado ao Senhor, um “apetite” espiritual que anseia pela comunhão fortalecedora com o Senhor (42:1-4; Mt 5:6).

O salmista clama a Deus com todo o seu ser. Inveja os pássaros que podem fazer seu ninho nos átrios do templo, próximo ao altar, e também os sacerdotes e levitas, que trabalham e vivem nas imediações do santuário (v. 4). Como é fácil esquecer de dar o devido valor ao privilégio de adorar o "Deus vivo" (ver 115:1-8), privilégio comprado para nós na cruz.

2. MINHA FORÇA ESTÁ NO SENHOR (Sl 84:5-8)

Apesar de o salmista não poder sair de casa, seu coração peregrinava e trazia gravado em si o mapa de Jerusalém. Seu amor por Deus e pelo santuário o ajudava a tomar as decisões certas na vida para que não se desviasse. Uma das referências geográficas citadas – o "vale de Baca" ou o "vale árido" – não é identificada em parte alguma das Escrituras. "Baca" é o termo hebraico para "árvore de bálsamo", e a seiva dessa árvore escorre lentamente como lágrimas. O "vale de Baca" é o nome dado a qualquer lugar difícil e doloroso da vida, onde não parece haver esperança alguma, onde nos sentimos desamparados, no "poço do desespero". Aqueles que amam a Deus sabem que vão atravessar vales como esse, mas não vão permanecer ali. A experiência dessa travessia redundava em bênçãos para eles, e esses fiéis também deixam uma bênção por onde passam. Como Abraão e Isaque, "cavam um poço" (Gn 21:22-34; 26:17-33), e como Samuel e Elias, suas orações trazem a chuva (1 Sm 12:16-25; 1 Rs 18). É maravilhoso receber uma bênção, mas é ainda melhor ser uma bênção e transformar um deserto num jardim. Os verdadeiros peregrinos "vão indo de força em força" (v. 7; Dt 33:25; Is 40:28-31; Fp 4:13) e confiam que Deus os capacitará a dar um passo de cada vez e a trabalhar um dia de cada vez. São pessoas de oração, sempre em comunhão com Deus, quaisquer que sejam as circunstâncias. "Bem-aventurado o homem cuja força está em ti" (v. 5).

3. MINHA CONFIANÇA ESTÁ NO SENHOR (Sl 84:9-12)

Da súplica "Escuta-me a oração" (v. 8), o salmista passa às petições ao Senhor, come-

çando com uma oração pelo rei (v. 9). O "escudo" é um símbolo usado tanto para o Senhor (3:3; 7:10; 18:2, 30; Gn 15:1) como para o rei ungido de Israel (89:18; ver 2 Sm 1:21). Mas por que orar pelo rei? Porque o futuro da promessa messiânica estava na linhagem do rei Davi (2 Sm 7), e o desejo do salmista é que o Messias venha. Os cristãos de hoje devem ser fiéis em suas orações pelas autoridades (1 Tm 2:1-4).

Quando caminhamos pela fé, colocamos o Senhor e sua vontade em primeiro lugar e mantemos nossas prioridades em ordem (v. 10). Essa é versão do Antigo Testamento de Mateus 6:33 e Filipenses 1:21. De acordo com o sobrescrito, este salmo é associado aos "filhos de Corá", levitas encarregados de guardar a entrada do santuário (1 Cr 9:19), um cargo importante e honrado. Seus antepassados rebelaram-se contra Deus e contra Moisés e foram mortos pelo Senhor (Nm 16; observe a expressão "tendas da perversidade", em 84:10, e "tendas destes homens perversos", em Nm 16:26). Os filhos de Corá não foram mortos por causa do pecado de seu pai (Nm 26:11); antes, continuaram a servir no santuário. O salmista não almejava um cargo elevado ("guarda da entrada" em 1 Cr 9:19 não é o mesmo que "estar à porta" em 84:10), mas estava disposto a se "assentar na entrada" do templo só para ficar perto do Senhor.

Para homens e mulheres de fé, o Senhor é tudo de que precisam. É, para eles, o que o Sol é para nosso Universo – a fonte de vida e luz (27:1; Is 10:17; 60:19, 20; Ml 4:2). Sem o Sol, a vida desapareceria da Terra e, sem Deus, não teríamos vida física (At 17:24-28) nem espiritual (Jo 1:1-14). Deus é nossa provisão e proteção ("escudo"; ver referências nos vv. 8, 9). Ele é o Deus vivo e dá graça e glória – graça para a jornada e glória no final da jornada (ver Rm 5:1, 2; 1 Pe 5:10). Se caminarmos pela fé, tudo o que começar com a graça de Deus terminará com glória. Deus não nos dá tudo o que desejamos, mas nos concede tudo o que é bom para nós, tudo de que precisamos (ver 1:1-3).

Apesar de períodos de solidão e de retiro espiritual poderem ser extremamente

benéficos para nós, em termos espirituais, os cristãos de hoje têm acesso livre e constante à presença de Deus por causa do sangue que Jesus Cristo derramou e de sua intercessão por nós no céu (Hb 7:25; 10:19-25). É no Senhor que encontramos nosso prazer e é ao Senhor que buscamos? Dependemos da força dele? Caminhamos e trabalhamos pela fé? Estamos entre aqueles que “andam retamente” (v. 11)?

SALMO 85

É provável que este salmo tenha sido escrito depois que o povo judeu voltou para sua terra após os setenta anos de cativo na Babilônia (Jr 29). Observe a ênfase sobre a terra (vv. 1, 9 e 12) e sobre a ira de Deus contra seu povo (vv. 3-5). Pela intervenção divina, o povo cativo obteve a simpatia de seus captores, e o Senhor levantou líderes como o governador Zorobabel, o sumo sacerdote Josué e o escriba Esdras, e protegeu o remanescente judeu, enquanto viajava de volta a sua pátria destruída pela guerra. Ao ler Esdras 6 e os profetas Ageu, Zacarias e Malaquias, vemos que a vida foi extremamente difícil para os que regressaram a sua terra. Nem sempre obedeceram ao Senhor nem usaram de bondade uns para com os outros, mas, sem dúvida, começaram de novo. Como disse com toda razão o pregador escocês George H. Morrison: “A vida cristã vitoriosa é uma série de recomeços”. É pecado desobedecer a Deus e cair, mas também é pecado permanecer caído. Devemos sempre começar de novo, e este salmo nos dá algumas instruções que podemos seguir depois de tempos de fracasso e de disciplina.

1. DAR GRAÇAS AO SENHOR (SL 85:1-3)

A invasão da terra pelos babilônios, a destruição da cidade e do templo e o cativo não deveriam ter surpreendido os habitantes de Judá. Afinal, conheciam os termos da aliança (Lv 26; Dt 28 - 30), e, repetidamente, o Senhor enviou seus profetas com mensagens de advertência, mas o povo se recusou a ouvir (2 Cr 36:15-21). Jeremias havia dito ao povo que o cativo duraria setenta anos

e que, depois, o Senhor levaria um remanescente de volta à terra (Jr 29). Deus protegeu esse remanescente em sua jornada de volta ao lar. Perdoou seus pecados e lhe deu um recomeço; e, por isso, ele deu graças ao Senhor (Is 40:1, 2). O termo hebraico *shuv* significa, essencialmente, “tornar ou voltar” e, no original, é usado nos versículos 1, 3, 4, 6 e 8, sendo traduzido por “restaurar”, “restabelecer” e “tornar”. Quando voltamos para Deus, nos arrependemos e confessamos nossos pecados, ele torna a nós e nos restaura.

2. PEDIR AO SENHOR UMA VIDA RENOVADA (SL 85:4-7)

Uma coisa é a nação renascer em liberdade coletivamente, outra é a necessidade de mudanças nos indivíduos. O louvor iniciado nos versículos 1 a 3 (possivelmente com um coral) torna-se uma prece vinda do coração do povo. Observe o uso de “nós” e “nos” em seis ocasiões nessa passagem, pois quem está orando agora é o povo, não o coral ou o dirigente do culto. A tônica de sua oração é “restabelece-nos”. Alguém disse bem que é impossível superar uma falha de caráter com uma simples mudança geográfica. O regresso do povo a sua terra não era garantia de que todos haviam voltado para o Senhor. Não apenas desejavam que a disciplina de Deus encerrasse em sua geração, como também não queriam que fosse passada a seus filhos e netos. Não devemos confundir a expressão “tornar a vivificar”, no versículo 6, com a idéia atual de reavivamento relacionada a encontros evangelísticos especiais. Estabelecer a nação, reconstruir o templo e restaurar a liturgia não daria a certeza da bênção do Senhor sobre seu povo. O remanescente precisava encarecidamente da vida de Deus dentro de si. Será que, enquanto estavam na Babilônia, ouviram ou leram a mensagem de Ezequiel sobre os ossos secos (Ez 37) e ansiaram que o vento do Espírito soprasse em sua vida e seu lar? Uma vida nova não é algo que podemos criar por nossa própria conta; somente o Espírito Santo de Deus pode concedê-la. Deus deu uma mensagem especial sobre esse assunto a Ageu (Ag 2:1-9) e também a Zacarias (Zc 4:6).

3. OUVIR A MENSAGEM DE DEUS PARA NÓS (Sl 85:8-13)

A afirmação “escutarei” indica que o líder do culto ou um profeta deu um passo à frente e, na verdade, disse: “É tempo de se calar diante de Deus e ouvir sua mensagem dirigida a nós para esta ocasião”. Deus e seu povo haviam se reconciliado, e o Senhor estava lhes falando de paz (Jr 29:11). Os “santos” são as pessoas “separadas para Deus”. Infelizmente, Israel tinha um longo histórico de “[cair] em insensatez”! De acordo com o Livro de Juízes, Deus enviou sete nações para disciplinar Israel; cada vez, o povo se arrependia, mas sempre recaía na idolatria. Depois da morte de Salomão, seu filho Roboão mostrou-se imprudente ao se recusar a ouvir os sábios da terra e, com isso, provocou a divisão do reino. Jeroboão, governante do reino do Norte, criou a própria religião e levou a nação a se desviar dos caminhos do Senhor. Quanta insensatez! Cabe ao povo de Deus temer ao Senhor e glorificá-lo (v. 9). O verbo “assistir” é o termo hebraico *shechinah* e se refere à glória de Deus habitando no tabernáculo (Êx 40:34) e no templo (2 Cr 7:1-3). Antes de o templo ser destruído, Ezequiel viu a glória de Deus deixar seu santuário (Ez 9:3; 10:1-4, 18, 19; 11:22, 23). Quando o remanescente judeu reconstruiu o templo, o profeta Ageu prometeu que Deus voltaria a habitar ali de modo ainda mais glorioso (Ag 2:6-9).

Nos versículos 10 a 13, o Senhor anuncia as bênçãos que enviará caso seu povo continue a caminhar com ele. A justiça e a paz – ambas atributos de Deus – são personificadas e se “beijarão”, pois a guerra terá chegado ao fim (ver Is 32:17; Rm 3:21-31 e 5:1-3). Sem dúvida, trata-se de um vislumbre da pessoa e da obra de Jesus Cristo, pois somente nele a misericórdia e a verdade podem andar juntas, uma vez que, ao dizer a verdade, é possível que não recebamos misericórdia! Mas a bênção muda as pessoas, pois a verdade brota da terra! O povo de Deus é fiel e anda na verdade. O salmista descreve um mundo de santidade e de harmonia, um retrato do reino vindouro sobre o qual Cristo governará. E que colheita haverá,

não apenas do alimento necessário para a subsistência (Ag 1:3-11), mas também de bênçãos dos céus que alegrarão a terra. Em sua caminhada, o povo será precedido da justiça de Deus, que preparará seu caminho. A vontade de Deus será feita na terra assim como é feita hoje no céu. “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20).

SALMO 86

No meio de um grupo de quatro salmos atribuídos aos filhos de Corá, encontramos um salmo de Davi – o único atribuído a ele em todo o terceiro livro de Salmos. Quando Davi o escreveu, enfrentava alguns inimigos terríveis que não temos como identificar (v. 14), num momento em que estava “aflito e necessitado” (v. 1), clamando pela ajuda do Senhor. O aspecto mais admirável desse salmo é o fato de ser um mosaico de citações de outras passagens do Antigo Testamento, especialmente dos Salmos 25 a 28, 40 e 54 a 57, e Êxodo 34. Uma vez que Davi escreveu esses salmos, tinha todo o direito de citá-los e de adaptá-los a suas necessidades naquela ocasião. Num momento de perigo, quando se sentiu inepto para enfrentar a batalha, Davi encontrou três estímulos no Senhor, e podemos encontrá-los também hoje.

1. A ALIANÇA DE DEUS É INABALÁVEL (Sl 86:1-7)

Não há egotismo algum em sua afirmação “sou piedoso [santo]” (v. 2); antes, é uma declaração de que Davi era um filho da aliança e pertencia inteiramente ao Senhor. Trata-se da tradução do termo hebraico *hesed* (4:3; 12:1), que equivale aos “santos” do Novo Testamento, ou seja, “os que são separados pelo Senhor e para ele”. Esse termo é relacionado a *hasid*, que quer dizer “misericórdia, benignidade, amor inabalável” (vv. 5, 13, 15). Ao começar sua oração, Davi pede socorro com base em sua relação de aliança com o Senhor, da mesma forma que os cristãos podem orar em nome de Jesus com base na aliança da graça (Lc 22:20; 1 Co 11:25; Hb 10:14-25).

O salmo apresenta vários vínculos com a aliança davídica (2 Sm 7). A impressão é de

que Davi tinha diante de si o texto da aliança e selecionou versículos de seus salmos para fazer um paralelo com aquilo que o Senhor havia lhe dito e com o que havia dito ao Senhor. Davi é chamado de “servo” (7:5, 8, 19, 20, 25, 26, 29; 86:2, 4, 16), e os dois textos referem-se às grandes coisas que Deus fez (7:21; 86:10). O caráter singular do Senhor é outro tema em comum (7:22; 86:8), bem como a supremacia de Jeová sobre os supostos “deuses” (7:23; 86:8). Em ambos os textos, o nome maravilhoso de Deus é engrandecido (7:26; 86:9, 11, 12). Em seu salmo, Davi usa três nomes principais de Deus: *Jeová* (vv. 1, 6, 11, 17), *Adonai* (vv. 3, 4, 5, 8, 9, 12, 15) e *Elohim* (vv. 2, 10, 12, 14). Tomando por base as promessas de Deus na aliança, Davi “discute” com o Senhor e defende sua causa. Nos versículos 1 a 7, a conjunção “pois” normalmente indica um dos motivos persuasivos que Davi apresenta para que o Senhor o ajude. No versículo 5, muda de “pois eu” para “pois tu” ou “porque tu” (vv. 5, 7, 10), culminando com o versículo 10, “Pois tu és grande”. O salmo apresenta pelo menos 14 pedidos pessoais, mostrando que a oração eficaz é específica. Davi “clama”, e o Senhor responde (vv. 3, 5, 7).

(Para algumas das citações e paralelos no Antigo Testamento, ver: v. 1 - 17:6; 31:2; 35:10; 37:14; 40:17; 70:5; v. 2 - 25:20; v. 3 - 57:1, 2; v. 5 - Êx 34:6ss; v. 6 - 28:2; 55:1, 2; v. 7 - 17:6; 77:2; v. 8 - 35:10; 71:19; 89:6; Êx 8:10; 9:14; 15:11; v. 10 - 72:18; 77:13, 14; v. 11 - 27:11; vv. 12, 13 - 50:15, 23; 56:13; 57:9, 10; v. 16 - 25:16.)

2. O CARÁTER DE DEUS É IMUTÁVEL (Sl 86:8-13)

“Não há entre os deuses semelhante a ti, Senhor” (v. 8). Essa é a confissão de um homem que, verdadeiramente, conhece a Deus e se lembra da confissão de Israel no êxodo (Êx 15:11). Em seus dez anos de exílio no deserto da Judéia, Davi havia aprendido muita coisa sobre o caráter de Deus e seu modo de trabalhar na vida de seu povo. A grandeza de Deus encontra-se naquilo que é e naquilo que faz, e os falsos deuses de todas as nações não são coisa alguma. Apesar das

dificuldades pelas quais está passando, como profeta (At 2:30), Davi antevê o dia em que todas as nações entrarão no reino messiânico (v. 9; ver Ap 15:3, 4). Foi Deus quem fez as nações e é ele quem determina suas fronteiras e seu destino (At 17:22-28; Is 2:1-4; 9:6, 7; 11:1-16). Nos versículos 11 a 13, Davi se volta para a própria jornada com o Senhor. O pedido “dispõe-me o coração” quer dizer: “desejo um coração indiviso, inteiramente voltado para o Senhor”. Um coração perfeito é um coração sincero que ama somente a Deus e é fiel a ele (Tg 1:8; 4:8; Dt 6:4, 5; 10:12). Em seguida, o salmista promete louvar a Deus para sempre por livrá-lo “do mais profundo poder da morte” (*sheol*; v. 13) e sugere, aqui, a ressurreição futura (ver 49:15 e 73:23, 24).

3. A GLÓRIA DE DEUS PREVALECERÁ (Sl 86:14-17)

Os inimigos de Davi orgulhavam-se de si mesmos e de suas habilidades, eram violentos, completamente ignorantes do Deus de Israel e indiferentes para com ele. Porém, Davi deixa de olhar para eles e se volta para o Senhor, que o salvou e o guiou ao longo de toda a vida. (Sua confissão no v. 15 é baseada em Êx 34:6ss; ver também v. 5; 103:8-13; 116:5; 145:8; Ne 9:17; e Jn 4:2.) O apóstolo Paulo diz que conhecer esses atributos de Deus deve conduzir as pessoas ao arrependimento (Rm 2:4). A designação “o filho de tua serva” (v. 16) quer dizer “teu servo dedicado” (116:16; Rt 2:13; 3:9; 1 Sm 1:11, 12, 18). Os filhos que nasciam dos servos eram considerados especialmente fiéis, pois eram criados na casa de seu senhor (Gn 14:14). Uma vez que Davi era servo fiel do Senhor, era dever do Senhor protegê-lo e livrá-lo (143:11, 12). Porém, Davi desejava que esse livramento glorificasse o nome do Senhor e mostrasse às nações que somente Jeová é Deus. Não se tratava apenas de uma guerra, mas também de um testemunho, um “sinal” da bondade do Senhor para com Davi. Esse é o modo de Davi orar: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6:9). Quando nossos pedidos estão de acordo com a vontade de Deus e glorificam seu nome, podemos ter certeza de que ele responderá.

SALMO 87

Este é mais um salmo que exalta a glória do monte Sião (ver 46-48, 76, 125, 129, 137). O salmista não se entrega a um nacionalismo arrogante, mas procura glorificar o Deus de Israel e as bênçãos que concede. O salmo deve ser lido em dois níveis diferentes. É uma profecia sobre o reino futuro, no qual todas as nações irão a Jerusalém adorar (86:9; Is 2:1-5) e também um retrato da Jerusalém celestial, da qual os filhos de Deus serão cidadãos (Lc 10:20; Gl 4:21-31; Fp 3:20, 21; Hb 12:18-24). Deus prometeu que Abraão teria aqui na terra uma família tão numerosa quanto os grãos de areia do mar, e essa família é Israel; prometeu também uma família no céu, que seria como as estrelas do firmamento, e essa família é a Igreja (Gn 13:16; 15:4, 5). É bem provável que este salmo tenha sido escrito no tempo do rei Ezequias, depois que o exército assírio havia sido derrotado e a Babilônia estava em ascensão (Is 36 - 39). Na seqüência dessa grande vitória, as nações vizinhas, normalmente hostis para com o povo de Deus, honraram Ezequias e levaram presentes ao rei e sacrifícios para o Senhor (2 Cr 32:23). O salmista compartilha três verdades maravilhosas sobre a cidade de Jerusalém.

1. A CIDADE É OBRA DAS MÃOS DE DEUS (Sl 87:1-3)

Depois da batalha contra os reis (Gn 14:18), Abraão encontrou-se com Melquisedeque, o rei e sacerdote de Salém (Jerusalém, "cidade da paz", ver 76:2), e Hebreus 7 nos diz que Melquisedeque é um tipo de Jesus Cristo, nosso Rei-Sacerdote no céu. Davi escolheu Jerusalém para ser sua capital (2 Sm 5:6-10), e o Senhor confirmou essa escolha colocando lá seu templo. A nação de Israel devia ser separada das outras nações, tanto em termos políticos (Nm 23:9) quanto geográficos. Por isso, Deus chamou Jerusalém de "minha cidade" (Is 45:13), "santa cidade" (Is 48:2; 52:1) e Sião, "meu santo monte" (Is 11:9; 56:7; 57:13). Ela é a "alegria de toda a terra... a cidade do grande Rei" (48:2). É o alicerce sobre o qual o Senhor construiu sua grande obra redentora (Is 14:32). Jesus afirmou que

"a salvação vem dos judeus" (Jo 4:22) e, se não fosse por Israel, o mundo não teria conhecimento do verdadeiro Deus vivo, nem das Escrituras inspiradas e nem do Salvador. Jesus morreu e ressuscitou fora dos muros de Jerusalém, o Espírito Santo desceu sobre a igreja reunida em Jerusalém por ocasião de Pentecostes, e foi a partir de Jerusalém que os primeiros cristãos judeus se dispersaram para levar o evangelho às nações do mundo.

A expressão "portas de Sião" refere-se à cidade em si, uma cidade que Deus ama acima de todas as outras da Terra Santa (ver Dt 7:6-9; 2 Cr 6:5, 6; Is 60:11, 12; Zc 1:14). Em Jerusalém se encontrava não apenas o templo do Senhor, mas também o trono de Davi, sendo que da linhagem davídica viria o Salvador, Jesus Cristo. No fim dos tempos, Jerusalém será o centro de controvérsias e de conflitos, mas o Senhor salvará sua cidade amada (Zc 12:1 - 13:1). Os profetas escreveram coisas ainda mais gloriosas sobre a Jerusalém celestial!

2. A CIDADE É HABITADA PELOS FILHOS DE DEUS (Sl 87:4-6)

O Senhor é descrito como um rei realizando um censo e registrando o nome de cada pessoa, porém o mais admirável é que são gentios que Deus está adotando como filhos e como cidadãos de sua cidade santa! E mais: as nações citadas são inimigas declaradas dos judeus! A ênfase desses três versículos é sobre o *nascimento*, indicando que o povo que entrar no glorioso reino futuro passará por um "novo nascimento" e fará parte da família de Deus. Como no caso de Paulo, essa cidadania será por nascimento (At 22:25-29), não por aquisição mediante pagamento. A oração "dentre os que me conhecem" indica mais do que uma compreensão intelectual do Senhor. Descreve um relacionamento pessoal com ele, como o que existe entre o marido e sua esposa (Gn 4:1; 19:8; 1 Sm 2:12; 3:7).

A designação "Raabe" é uma referência ao Egito (89:10; Is 51:9), a nação inimiga de Israel ao sul, e o termo significa "arrogante, jactancioso". O Egito escravizou os hebreus e, no entanto, compartilhará com esse povo

a cidadania na cidade de Deus e a participação na família de Deus! (Is 19:18-25). A Babilônia, inimiga de Israel ao norte, destruiria Jerusalém e devastaria o reino de Judá e os judeus fariam um juramento de vingança (137:1, 8, 9); porém, ela também fará parte do reino glorioso! A Filístia e Tiro, a oeste, sempre representaram uma ameaça para Israel, mas também serão incluídas no reino. A Etiópia ou “Cuxe”, uma nação da África, conhecida naquele tempo, também é mencionada. É evidente que, de todas essas nações, somente o Egito ainda existe no mapa, mas a mensagem é clara: quando o Senhor estabelecer seu reino glorioso e o Messias reinar em Jerusalém, os inimigos de Israel serão transformados em concidadãos. Pela pregação do evangelho hoje, esse milagre está ocorrendo na Igreja de Cristo (Ef 2:11-22; Gl 3:26-29). Os profetas do Antigo Testamento prometeram que cristãos de todas as nações da Terra seriam incluídos no reinado do Messias (Is 2:1-5; Mq 4:1-5; Zc 8:23; 14:16-20), como também o fez o salmista (22:27; 46:10; 47:9; 57:5, 11; 98:2,3; 99:2,3). “Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Hc 2:14).

3. A CIDADE DESFRUTA AS BÊNÇÃOS ABUNDANTES DE DEUS (Sl 87:7)

Como cidadãos de Sião e filhos de Deus, judeus e gentios não apenas vivem juntos, mas também cantam em coro e tocam instrumentos musicais ao se regozijar com as bênçãos de Deus. Jerusalém é uma das poucas cidades da Antiguidade que não foi construída à beira de um grande rio, o que sempre lhe causou problemas de suprimento de água, especialmente no caso de um cerco. A fim de ajudar a resolver essa questão, o rei Ezequias ordenou que fosse construído um sistema de abastecimento subterrâneo (2 Rs 20:20; 2 Cr 32:30). O termo traduzido por “fontes” ou “mananciais” refere-se à água corrente e não àquela retirada de poços. Uma fonte ou manancial representa a origem de algo, como Jacó é a “fonte” de onde veio a nação (Dt 33:28). Todas as bênçãos, especialmente as espirituais, fluirão do Senhor, que reina sobre a Cidade de Davi, da mesma

forma como, hoje, somos supridos pela riqueza encontrada somente em nosso Senhor exaltado (Rm 2:4; 9:23; 11:33; Ef 1:3; 2:4-10; 3:8; Fp 4:19; Cl 1:27). A imagem de um rio de água viva também pode ser encontrada em 36:8, 9; 46:4; 89:6; Ezequiel 47; João 7:37-39; e Apocalipse 22:1, 2.

SALMO 88

Hemã, filho de Joel, foi um dos músicos do templo durante o reinado de Davi (1 Cr 6:33, 37; 15:17; 16:41, 42; 2 Cr 35:15) e é o candidato mais provável à autoria deste salmo. A segunda opção é Hemã, filho de Maol, um dos sábios durante o reinado de Salomão (1 Rs 4:31). Os termos hebraicos *mahalath* e *leannoth* significam “enfermidade” e “para cantar” ou “para humilhar”, respectivamente. É provável que a primeira palavra se refira a uma melodia triste para acompanhar esse cântico melancólico, enquanto a segunda palavra pode identificar o propósito do salmo: nos humilhar diante do Senhor. Este é o último salmo dos “filhos de Corá” e, talvez, o cântico mais lastimoso de todo livro. No texto hebraico, o salmo termina com a palavra *hoshek*, “trevas”, e não encerra com um tom de triunfo, como acontece com outros salmos que começam com sofrimento e perplexidade. Este salmo fala de trevas (vv. 1, 6, 12, 18), da vida à beira do abismo (vv. 3, 4, 6), da iminência da morte (vv. 5, 10, 11), da sensação de estar se afogando (vv. 7, 16, 17), da solidão (vv. 5, 8, 14, 18) e da prisão (v. 8). Hemã era um servo de Deus que experimentava sofrimento intenso, sem compreender o motivo de sua aflição. Ainda assim, porém, perseverou em suas orações a Deus e não abandonou sua fé. Nem todas as histórias da vida têm um final feliz, mas isso não significa que o Senhor nos abandonou. Na experiência que Hemã registra neste salmo podemos encontrar quatro instruções a serem seguidas quando a vida se desintegra e nossas orações parecem não ser respondidas.

1. BUSCAR AO SENHOR PELA FÉ (Sl 88:1, 2)

A vida de Hemã não havia sido fácil (v. 15) e, agora, torna-se ainda mais difícil, a ponto de

ele sentir que está à beira da morte (vv. 3, 10, 11). Mas ele não desiste! Continua confiando em Deus, ao qual se dirige como "SENHOR - Jeová" quatro vezes nesta oração (vv. 1, 9, 13, 14). "Jeová" é o nome do Senhor que enfatiza sua relação de aliança com seu povo, e Hemã era um filho dessa aliança. Também se dirige ao Senhor como "Deus - Elohí", designação que expressa seu poder. A expressão "Deus da minha salvação" indica que Hemã havia confiado que o Senhor o salvaria, e o fato de orar dessa maneira mostra que sua fé ainda está viva. Em três ocasiões, o texto diz que ele clamou ao Senhor, e, para isso, são usadas três palavras diferentes: versículo 1 - "um clamor por socorro em meio a grande aflição"; versículo 2 - "um grito alto"; versículo 13 - "um clamor de angústia". A oração de Hamã é fervorosa. Ele crê em um Deus que pode ouvir suas súplicas e fazer maravilhas (vv. 10, 12), um Deus que o ama e que é fiel a seu povo (v. 11). Tudo isso é prova da fé ainda viva no coração de Hemã, apesar de suas palavras darem a impressão de ele estar pronto para desistir. Ele ora dia e noite (vv. 1, 9) e crê que nenhum obstáculo se colocará entre suas orações e o Senhor (v. 2; 18:6; 22:24; 35:13; 66:20; 79:11). Não importa como nos sentimentos ou quão impossíveis sejam nossas circunstâncias, podemos sempre buscar ao Senhor e colocar diante dele nossos fardos.

2. DIZER AO SENHOR COMO NOS SENTIMOS (Sl 88:3-9)

Não há lugar para a hipocrisia na oração pessoal. Um dos primeiros passos para o reavivamento é a mais completa transparência ao orar e a determinação de não dizer ao Senhor coisa alguma que não seja verdadeira e sincera. Hemã confessa que sua alma "está farta de males" e que se sente como um "morto-vivo". Não tem forças e se sente abandonado pelo Senhor. Os fiéis do Antigo Testamento não possuíam uma revelação mais detalhada da morte e da vida depois da morte, de modo que não devemos ficar espantados com essa descrição de *sheol*, o reino dos mortos. O Senhor não se esquece de seu povo quando morre, como também não deixa de

se importar com ele, pois "deixar o corpo" significa "habitar com o Senhor" (2 Co 5:6-8; ver também 25:7; 74:2 e 106:4).

Porém, Hemã também diz ao Senhor que ele é responsável pelos males que afligem seu servo! A mão de Deus colocou-o na cova (*sheol*, o túmulo), e a ira de Deus fluiu sobre ele como as ondas do mar (ver 42:8). Qualquer que seja sua enfermidade, foi causada pelo Senhor e o tornou tão repulsivo que seus amigos o evitam (ver 31:1). Não tem riquezas, não tem luz, não tem amigos - e sente como se qual tivesse Deus! É um prisioneiro sem qualquer esperança de escapar. Como Jó, Hemã deseja saber o motivo desse sofrimento que lhe sobreveio.

3. DEFENDER NOSSA CAUSA DIANTE DO SENHOR (Sl 88:10-14)

O pastor escocês Samuel Rutherford (1600-1661), que passou por muito sofrimento por causa de sua fé, escreveu: "É obra da fé reivindicar e se apropriar da bondade presente até mesmo nos golpes mais duros de Deus". E perguntou: "Por que estremecer com o arado do Senhor que cava sulcos tão profundos em minha alma? Sei que ele não é um agricultor preguiçoso e que seu propósito é plantar e colher sua safra". O argumento de Hemã é simplesmente de que sua morte privará Deus da grande oportunidade de demonstrar seu poder e glória. Que serventia Hemã teria para o Senhor no *sheol*?

Os espíritos dos falecidos não se levantam no mundo dos mortos para obedecer às ordens do Senhor (ver Is 14:9-11), mas Hemã pode servir ao Senhor na terra dos vivos (ver 30:8-10; 115:17). Antes de ir ao santuário para auxiliar no culto, Hemã ora pedindo que o Senhor conceda restabelecimento e forças, e, no final de um dia atarefado, volta a orar. Durante seu ministério diário, ouve a bênção sacerdotal: "O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o rosto e te dê a paz" (Nm 6:24-26), mas não a recebe! Sente-se rejeitado e sabe que o rosto de Deus não está voltado para ele. Ainda assim, continua orando!

4. ESPERAR PELA RESPOSTA DO SENHOR (Sl 88:15-18)

Não sabemos o que foi essa aflição que lhe sobreveio ainda em sua juventude, mas é triste pensar que sofria todos os dias e o dia todo (vv. 15, 17). Nem sequer conseguia se lembrar de uma época em que desfrutasse de boa saúde. Os vagalhões que quase o afogam (v. 7) transformam-se em ondas abrasadoras de tormento (v. 16), enquanto a “ira ardente” de Deus o sobrepuja (ver 42:7). A cheia está subindo, e ele sente que está prestes a se afogar (ver 130:1); não há ninguém por perto para salvá-lo. Está sozinho! A escuridão é sua amiga, pois o esconde dos olhos daqueles que observam seus sofrimentos e talvez digam (como fizeram os amigos de Jó): “Deve ter pecado grandemente para que o Senhor o aflija de tal modo!”

Mas ele continua orando e buscando o socorro de Deus! “Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele” (Jó 13:15, NVI). “Eu creio que verei a bondade do SENHOR na terra dos viventes. Espera pelo SENHOR, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo SENHOR” (Sl 27:13, 14). O Senhor sempre tem a última palavra, e ela não será “trevas”. Quando estamos em trevas, não devemos jamais duvidar daquilo que o Senhor nos ensinou na luz.

SALMO 89

Se o autor deste salmo é o sábio Etã, do reino de Salomão (1 Rs 4:31), então os versículos 39 a 45 descrevem a invasão de Sisaque e do exército egípcio relatada em 1 Crônicas 12, que ocorreu durante o reinado de Roboão, filho de Salomão. Porém, essa invasão não representou o fim da dinastia davídica, o maior tema deste salmo. Ainda assim, a invasão de Judá pelos babilônios e o cativo do povo de Deus nessa terra estrangeira foram o fim da dinastia de Davi, de modo que este salmo pode ter sido escrito depois dessa crise por um “Etã” desconhecido. O jovem rei Joaquim já havia sido levado para o exílio na Babilônia, e seu tio, Zedequias, havia sido colocado no trono em seu lugar (2 Rs 24), e Jeremias anunciara que nenhum dos filhos de Joaquim sentaria no

trono de Davi (Jr 22:24-29). O que é feito, então, da aliança na qual Deus prometeu a Davi que seu trono seria eterno (vv. 3, 28, 34, 39; e ver 2 Sm 7)? Jeová não cumpre mais suas promessas? A fidelidade do Senhor é o tema principal deste salmo (vv. 1, 2, 5, 8, 14, 33, 49). É evidente que o cumprimento final nas grandes promessas de Deus a Davi deu-se em Jesus Cristo, o Filho de Davi (Lc 1:26-38, 68-79). O salmo oferece quatro garantias da fidelidade do Senhor.

1. DEUS É FIEL EM SEU CARÁTER – LOUVEM-NO (Sl 89:1-18)

O salmo começa com um tom alegre de adoração e com louvores ao Senhor da parte do salmista (vv. 1-4), no céu (vv. 5-8) e na Terra (vv. 9-13), especialmente do povo de Israel (vv. 14-18), que se regozija no Senhor o dia todo (v. 16). O salmista canta (v. 1), os anjos louvam (v. 5), e até as montanhas entoam cânticos de júbilo (v. 12). Etã louva a fidelidade do caráter de Deus (vv. 1, 2) e sua aliança (vv. 3, 4), sobre a qual diz várias coisas (vv. 3, 28, 34, 39). Etã escrevia seu louvor e sua oração, pois desejava instruir e encorajar as gerações vindouras (ver 78:1-8). Deus prometeu a Davi que sua dinastia e seu trono permaneceriam para sempre (vv. 28, 29, 35, 36, 49; 2 Sm 7:13), mas as gerações futuras do povo de Israel não teriam rei algum, muito menos da linhagem de Davi. Etã desejava que soubessem que a misericórdia de Deus (“benignidade”, ARC) continua firme em seus fundamentos (v. 2), apesar de a cidade e o templo terem sido destruídos e a coroa de Davi ter sido lançada por terra (vv. 39, 44). Deus ainda está assentado em seu trono (v. 14), e a linhagem de Davi (“posteridade”) permanecerá em Jesus Cristo, o Filho de Deus (vv. 4, 29, 36, 37; ver Hb 1:8; 5:6; 7:28; 10:12; 13:8, 21; Ap 11:15). As “fiéis misericórdias prometidas a Davi” (“misericórdias”, v. 1) jamais falharão (Is 55:3; At 13:34). Deus não havia desamparado seu servo Davi (vv. 3, 20, 39; 2 Sm 7:5, 8, 20, 21, 25-29).

O céu é um lugar de adoração, e os anjos louvam ao Senhor por seus atributos gloriosos (vv. 5-8; ver Ap 4 e 5), pois não há

deus como ele (Êx 15:11). Mas a Terra também toma parte nesse cântico; até as ondas poderosas do mar obedecem ao Senhor e o louvam. O mar agitado é uma imagem das nações (93:3; Is 17:12, 13; Ap 13:1; 17:15), de modo que Etã menciona a vitória de Deus sobre o Egito (Raabe, 87:4; Is 51:9). A “dispersão” dos inimigos de Deus (v. 10) traz à memória Números 10:35. Hermom é uma montanha imponente no extremo norte, próximo a Damasco, e Tabor é um monte bem menor a cerca de 80 quilômetros do Hermom. Como Isaías, séculos antes (Is 55:12), Etã ouviu as montanhas cantando louvores a Deus.

Se há um povo na Terra que tem todo o direito de louvar ao Senhor é a nação de Israel, povo escolhido de Deus. Tinha uma terra santa que Deus havia lhes dado, uma dinastia real escolhida por Deus e a luz das santas leis para guiar seus passos nos caminhos do Senhor. Tinha um sacerdócio sagrado para servi-lo e abençoá-lo (v. 15; ver Nm 6:24-26), homens que tocavam as trombetas para indicar os dias santos e festas especiais (“os vivas de júbilo”, ver 81:1). No versículo 18, a expressão “nosso escudo” é uma referência ao rei (84:9) que, agora, se encontra no cativo. Em várias sinagogas de hoje, os versículos 15 a 18 são recitados no Ano Novo judaico depois do toque do chofar.

2. DEUS É FIEL EM SUA ALIANÇA – CONFIEM NELE (Sl 89:19-29)

Do versículo 19 ao 37, quem fala é o Senhor, e ele nos lembra do que fez por Davi. É bem provável que o salmista estivesse se perguntando: “Se o Senhor fez tantas coisas por Davi, por que rompeu sua aliança e nos rejeitou?” Qual foi a visão e a quem foi concedida? Deus deu a Samuel a mensagem de que Davi seria o sucessor de Saul (1 Sm 13:13-15 e 16:1-13) e a Natã transmitiu a mensagem de que Davi não construiria o templo, mas teria um trono “para sempre” e uma “casa” (família) edificada sobre o Senhor (2 Sm 7:1-17). É possível que o Senhor tenha dirigido Etã de modo a repetir essa informação vital, pois era algo que as gerações depois do exílio precisavam saber. Israel possuía um

ministério extremamente importante a cumprir na vinda do Messias ao mundo, e ele viria pela família de Davi (é interessante consultar 2 Sm 7:1-17, pois os versículos 19 a 29 são um resumo das promessas de Deus a Davi).

Num ato soberano de sua graça, o Senhor escolheu Davi para ser o rei de Israel (vv. 19, 20). Saul, membro da tribo de Benjamim e primeiro rei de Israel, não deveria estabelecer uma dinastia, pois não era da tribo real de Judá (Gn 49:10). Davi havia demonstrado seu caráter ao Senhor, mesmo antes de entrar no cenário histórico e de matar Golias (1 Sm 17:32-37). Havia sido fiel no pouco, e Deus o estava promovendo a coisas maiores (ver Mt 25:21). O Senhor, que escolheu Davi, também o preparou para lutar, comandar o exército e construir o reino (vv. 21-23). Ainda em sua juventude, Davi tornou-se conhecido por sua bravura e habilidade militar. O Senhor exaltou Davi, pois foi um homem humilde que não se promoveu (vv. 24-27). E, de fato, Deus o ajudou a expandir as fronteiras do reino, que se estenderam do mar Mediterrâneo a oeste até os rios Tigre e Eufrates a leste (ver Êx 23:31). O sucesso de Davi pode ser atribuído exclusivamente a seu relacionamento íntimo com o Senhor e a seu desejo de exaltar somente a Deus (v. 26). Davi era o oitavo filho da família de Jessé (1 Sm 16:13), mas Deus fez dele o primogênito, o filho honrado que recebeu a maior herança de todas. Jesus Cristo, o Filho ainda maior de Davi, é chamado de “primogênito” (Rm 8:29; Cl 1:15, 18; Hb 1:6; Ap 1:5). Se Davi foi “o mais elevado entre os reis da terra” (v. 27), então foi um “rei dos reis”, como nosso Salvador (ver Ap 17:14 e 19:16). Por fim, o Senhor estabeleceu Davi e lhe prometeu um trono e uma dinastia para sempre (v. 4; 2 Sm 7:13, 16, 24-26, 29, 31), promessa que se cumpriu em Jesus Cristo.

3. DEUS É FIEL EM SUA DISCIPLINA (Sl 89:39-45)

Mais uma vez, Etã se depara com a questão: “Se Deus fez tanto por Davi, por que seu trono e coroa caíram em derrota e em desgraça?” A resposta: porque os termos da

aliança declaram que o mesmo Senhor que abençoa os obedientes também disciplina os desobedientes. O princípio não se aplica somente aos sucessores de Davi no trono (vv. 30-37; 2 Sm 7:12-15), mas, em termos coletivos, à nação de Israel (Dt 28). "Porque o SENHOR repreende a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem" (Pv 3:12; Hb 12:3-11). Em decorrência de sua desobediência e obstinação, muitos reis de Judá foram disciplinados pelo Senhor, mas em momento algum Deus quebrou sua promessa a Davi. A "testemunha", no versículo 37, é provavelmente o próprio Senhor, mas a constância dos corpos celestes também é uma testemunha da fidelidade das promessas do Senhor (Gn 8:20-22; Jr 31:35, 36; 33:19-26).

Etã diz ao Senhor o que ele fez ao rei ungido de Judá, descendente de Davi. O Senhor estava irado com os reis por causa de seus pecados, especialmente de sua idolatria (v. 38), de modo que permitiu que os babilônios invadissem e devastassem a terra, destruíssem Jerusalém e queimassem o templo (vv. 40, 41). Para Etã, na verdade o Senhor estava ajudando o inimigo! (vv. 42, 43). Porém, a glória havia partido outra vez do templo (v. 44; ver 1 Sm 4:21, 22; Ez 8:1-4; 9:3; 10:4, 18; 11:22, 23), porque os líderes haviam dado as costas para o Senhor e se voltado para os ídolos. Ao que parece, o versículo 45 aplica-se especificamente ao rei Joaquim, que subiu ao trono com 18 anos de idade e reinou durante três meses e dez dias (2 Cr 36:9), passando os 37 anos seguintes no cativeiro na Babilônia.

4. A FIDELIDADE DE DEUS NÃO TERMINA – ESPEREM NELE (Sl 89:46-52)

Etã olha para o futuro (vv. 46-48) e faz uma pergunta difícil: "Até quando, SENHOR?" (para outras referências, ver 6:3). Sem dúvida, ele sabia da profecia de Jeremias, segundo a qual o povo passaria setenta anos no exílio

e, então, teria permissão de voltar para sua terra (Jr 25:1-14; 29:4-14), mas quando estamos no meio da tempestade, nosso maior desejo é que Deus nos livre o mais rápido possível. Para Etã, tudo parece fútil. A vida é curta, as pessoas vão morrer, e o povo de Deus teve de passar seus dias no exílio. Em seguida, Etã olha para trás (v. 49) e pergunta o que havia acontecido com a grande misericórdia ("tuas benignidades") que Deus havia demonstrado a Davi. Porém, o amor de Deus não mudou; antes, o amor de Judá pelo Senhor é que havia desvanecido. Como qualquer bom pai, Deus mostra seu amor a seus filhos abençoando sua obediência ou disciplinando-os por sua desobediência, mas tanto num caso quanto no outro, manifestando seu amor.

Por fim, Etã olha a seu redor e sente como o povo de Israel foi terrivelmente envergonhado diante de seus inimigos (vv. 50, 51). O rei de Judá não passa de um prisioneiro qualquer numa cidade estrangeira! Certamente os babilônios exibiram Joaquim sem qualquer pudor, como prova viva de que os deuses da Babilônia eram mais poderosos do que o Deus de Judá. Os babilônios devem ter se divertido ao acompanhar o desfile e zombar dos cativos de Judá, especialmente do rei ungido!

O versículo 52, que não faz parte do salmo original, é a conclusão do Livro III de Salmos (ver 41:13 e 72:18-19). Porém, expressa uma grande verdade: por mais que soframos em função dos pecados de outros e por mais que fiquemos perplexos com a maneira como Deus opera providencialmente no mundo, ainda devemos ser capazes de dizer pela fé: "Louvado seja o Senhor! Aleluia!", e nossos companheiros de sofrimento devem responder: "Amém e amém! Assim seja!"

Esse é o caminho da confiança – o caminho da fé na fidelidade do Senhor.

LIVRO IV

SALMOS 90 – 106

SALMO 90

Este é o salmo mais antigo do Livro de Salmos e foi escrito por Moisés, o homem de Deus (Js 14:6; Ed 3:2). Trata de temas que começaram com a queda de nossos primeiros antepassados e que continuarão sendo importantes e enigmáticos até que nosso Salvador volte: o Deus eterno e os seres humanos frágeis; a vida e a morte; o significado da vida neste mundo confuso e difícil. É possível que Moisés tenha escrito este salmo depois que Israel fracassou em sua fé em Cades-Barnéia (Nm 13 – 14), quando a nação foi condenada a vagar pelo deserto durante quarenta anos, até que a geração mais velha tivesse morrido. Essa tragédia foi seguida da morte de Miriã, a irmã de Moisés (Nm 20:1), e de seu irmão Arão (Nm 20:22-29), e, entre essas duas mortes, Moisés desobedeceu ao Senhor e feriu a pedra em vez de apenas lhe falar (Nm 20:2-13). Como foi que Moisés se tornou um “homem de Deus” depois de passar quarenta anos terminados em fracasso na terra pagã do Egito, quarenta anos como um humilde pastor de ovelhas em Midiã e mais quarenta anos liderando uma marcha fúnebre pelo deserto? Apesar de não ter uma vida fácil, Moisés triunfou e, neste salmo, compartilha seus *insights* para que também possamos ter forças para a jornada e terminemos bem.

1. SOMOS VIAJANTES E DEUS É NOSSO LAR (Sl 90:1, 2)

“Porque somos estranhos diante de ti e peregrinos como todos os nossos pais”, disse o rei Davi (1 Cr 29:15). Para todos os mortais,

a vida é uma peregrinação, que se estende do nascimento à morte e, para os cristãos, é uma jornada da terra para o céu, mas o caminho não é fácil. De acordo com Jacó, os 130 anos da sua peregrinação foram “poucos e maus” (Gn 47:9); ele foi um peregrino até o fim, pois morreu apoiado sobre a extremidade de seu bordão (Hb 11:21). Os primeiros oitenta anos da vida de Moisés foram relativamente sossegados, primeiro no Egito e depois em Midiã. Depois disso, porém, passou quarenta anos no deserto, liderando uma nação de ex-escravos murmuradores que nem sempre aceitavam sua liderança nem lhe davam o devido valor. Números 33 cita o nome de quarenta e dois lugares diferentes nos quais Israel acampou ao longo de sua jornada, *mas onde quer que Moisés morasse, Deus sempre era seu lar*. Ele “viveu no Senhor”. Sabia como “permanecer no Senhor” e encontrar forças, consolo, ânimo e ajuda para as responsabilidades de cada dia. Armava uma tenda especial do lado de fora do acampamento de Israel e lá se encontrava com o Senhor (Êx 33:7-11). Trata-se do equivalente, no Antigo Testamento, à exortação “permanecei em mim” (ver Jo 15:1-11). Devemos todos fazer do Senhor nossa “morada” (91:9).

Moisés dirige-se a Deus como *Elohim*, o Deus de poder e o Deus da criação. Descreve Deus “dando à luz” as montanhas (v. 2; Jó 15:7; 38:8, 28, 29) e formando o mundo. Para as pessoas do mundo antigo, as montanhas simbolizavam tudo o que era duradouro e confiável e, para o povo de Israel, as montanhas representavam o Deus eterno de Israel (93:1, 2). Houve sete gerações de Abraão a Moisés – Abraão, Isaque, Jacó, Levi, Coate, Anrão e Moisés –, e o mesmo Deus os havia conduzido e abençoado! Aqueles que possuem antepassados tementes a Deus certamente têm uma herança valiosa e devem ser gratos por ela. Uma vez que vivemos na frágil estrutura da “casa terrestre deste tabernáculo” (2 Co 5:1-4), devemos atentar para as palavras de Moisés: “O Deus eterno é a tua habitação e, por baixo de ti, estende os braços eternos” (Dt 33:27).

2. SOMOS APRENDIZES, E A VIDA É NOSSA ESCOLA (Sl 90:3-12)

Moisés “foi educado em toda a ciência dos egípcios” (At 7:22), mas as lições que aprendeu em sua caminhada com Deus foram muito mais importantes. Há duas lições fundamentais que devemos aprender na escola da vida: *nossa existência aqui na terra é breve e passa rapidamente* (vv. 4-6), portanto devemos usá-la da melhor maneira possível; e a vida é difícil, às vezes parece fútil (vv. 7-11), mas viver é o único modo de amadurecer. Se não houvesse pecado no mundo, não haveria sofrimento nem morte; mas os seres humanos, *feitos de pó*, rebelaram-se contra o Deus do universo e tentam revogar a lei inexorável do pecado e da morte, “porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3:19). Agradecemos a Deus pela ciência moderna e pelo ministério de profissionais competentes da área da saúde, mas não podemos negar a realidade da morte nem adiá-la quando chegar nossa hora. A escola da vida é uma preparação para a eternidade com Deus e, sem ele, não podemos aprender nossas lições, passar nas provas e progredir do jardim da infância para a pós-graduação!

À medida que envelhecemos, compreendemos cada vez melhor que a vida é curta e passa rapidamente. Deus habita na eternidade (Is 57:15) e não é limitado pelo tempo. Pode condensar vários anos de experiência e de trabalho no tempo de vida de uma pessoa ou fazer os séculos passarem num instante, como os dias da semana (2 Pe 3:8). Comparada à eternidade, até uma vida longa é como o dia de ontem que passou ou como a troca de guarda enquanto dormimos (uma “vigília” durava quatro horas). Somente Deus é eterno, e nós, seres humanos, somos como objetos levados pela enchente (Mt 7:24-27) ou como a erva que aparece e logo murcha. No Oriente, é comum a grama crescer sobre uma camada muito fina de terra e não ter raízes profundas (Mt 13:20, 21). Assim, um campo pode estar perfeitamente verdejante pela manhã e secar antes do anoitecer por causa do sol causticante (ver 37:1, 2; 97:7; 103:15; Is

40:6, 7; 1 Pe 1:24). É Deus quem ordena: “Tornai, filhos dos homens” (v. 3; ver 104:29; 146:4; Jó 34:15; Ec 3:20), e devemos temê-lo, honrá-lo e usar nossa vida para sua glória. Na escola da vida, os alunos que aprendem mais são os que percebem que, quando me-nos se espera, o sinal pode bater indicando o fim das aulas!

Nos versículos 7 a 11, Moisés reflete sobre a experiência triste de Israel em Cades-Barnéia (Nm 13 - 14), quando a nação recusou-se a obedecer ao Senhor e a entrar na Terra Prometida. Essa decisão insensata resultou em quatro décadas de tribulações e de provas no deserto, enquanto a geração mais velha ia morrendo gradualmente, com exceção de Josué e de Calebe. Deus é “longânimo” (Êx 34:6), mas as murmurações e rebeldia constantes de seu povo testaram até sua longanimidade (ver Êx 32:10; Nm 11:11, 33; 12:9; 25:3; 32:10, 13; Dt 4:24, 25; 6:15; 9:7, 18, 19). Deus via o que Israel fazia e tinha conhecimento do que Israel *pretendia fazer!* Para o Senhor, não existem segredos. Quando a nação voltasse a Cades-Barnéia, aqueles com 20 anos de idade então estariam beirando os 60, e Moisés considerava que o limite de idade para o ser humano era de 80 anos. Ele morreu com 120 anos e Josué, com 110, mas o rei Davi tinha apenas 70 anos quando faleceu. A humanidade paga um preço por seus pecados, e não se vê mais a mesma longevidade registrada em Gênesis 5. Ninguém gosta de pensar na ira de Deus, mas cada registro de óbito no jornal é uma lembrança de que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23). Terminamos os anos “como um breve pensamento” (v. 9) e nos admiramos de como tudo passou tão depressa! Assim, este é o momento de pedir a Deus sabedoria para nos tornarmos bons alunos e mordomos do tempo e das oportunidades que recebemos (v. 12; Dt 32:29). Não contamos nossa idade em dias, mas sim em anos. No entanto, precisamos viver um dia de cada vez, e não sabemos quantos dias ainda nos restam. Uma vida bem-sucedida é constituída de dias bem-sucedidos que honram ao Senhor.

3. SOMOS CRISTÃOS, E O FUTURO É NOSSO ALIADO (Sl 90:13-17)

Sem dúvida, a vida é uma escola difícil, e Deus nos disciplinará, se não aprendermos as lições sujeitando-nos a sua vontade, mas a história não termina aí. Apesar da “moldura sombria” que envolve este salmo, sua ênfase é sobre a *vida* e não sobre a morte. As experiências passadas e presentes da vida nos preparam para o futuro, enquanto a vida como um todo nos prepara para a eternidade. Ao fazer um contraste entre os versículos 13 a 17 e os versículos 7 a 12, vemos a diferença. Essa oração final enfatiza a compaixão e o amor de Deus, que nunca falham, seu desejo de nos dar alegria e satisfação mesmo em meio às dificuldades da vida e sua capacidade de tornar nossa vida relevante para a eternidade. Quando Jesus Cristo é nosso Salvador e Senhor, o futuro é nosso aliado.

A injunção: “Volta-te” (v. 13) dá a idéia de “voltar o rosto – deixar a ira e mostrar o esplendor da sua face” (Êx 32:12; Nm 6:23-26; Dt 32:36). A pergunta “Até quando?” aparece com freqüência; ver 6:3. No versículo 14, Moisés pode estar se referindo ao maná que caía a cada manhã, seis dias por semana, e supria as necessidades físicas do povo (Êx 16:1-21). O maná era um retrato de Jesus Cristo, o pão da vida. Sustentou a vida dos israelitas durante quase quarenta anos, mas Jesus deu ao mundo inteiro vida eterna! Quem começa o dia com o Senhor e se alimenta de sua Palavra (Dt 8:3; Mt 4:4) caminha com ele ao longo das horas seguintes e desfruta suas bênçãos. O sustento da Palavra permite-nos ser peregrinos fiéis e aprendizes bem-sucedidos.

Talvez só sejamos capazes de compreender o valor de certas compensações na vida depois de entrarmos na eternidade. Moisés pediu a Deus que desse a ele e a seu povo tanta alegria no futuro quanto as tristezas que haviam experimentado no passado. Talvez Paulo tivesse essa idéia em mente ao escrever Romanos 8:18 e 2 Coríntios 1:5 e 4:16-18 – mas, na verdade, Deus prometeu a seus filhos bênçãos mais numerosas do que os fardos que carregam! A glória vindoura

excede em muito o sofrimento que suportamos hoje. Moisés perdeu a calma e não pôde entrar em Canaã (Nm 20:2-13), mas chegou à Terra Prometida com Jesus, compartilhando a glória de Deus com Elias e três dos discípulos (Mt 17:1-8).

As dificuldades não compensadas pelo Senhor aqui na terra serão compensadas no céu (1 Pe 5:10), e isso inclui também o serviço que realizamos para ele. É possível que, por vezes, Moisés sentisse que seu trabalho era temporário e vão, que não valia a pena. Em várias ocasiões, o povo o magoou profundamente e entristeceu seu espírito. Ele se sacrificou para servir os israelitas, e estes quase nunca lhe deram o devido valor. Porém, nenhum trabalho realizado para o Senhor ficará sem recompensa, e todos aqueles que fazem a vontade de Deus permanecem para sempre (1 Jo 2:17). Até mesmo um copo de água fresca oferecido a alguém em nome de Jesus será recompensado (Mt 10:42; 25:31-46). O favor do Senhor não nos abandona em nossa velhice, nos tempos de aflição ou quando nos encontramos com a morte; as bênçãos de nosso trabalho e testemunho terão continuidade. No versículo 13, Moisés chama Deus de Jeová, o Deus da aliança que nunca quebra suas promessas – esse é o Deus que amamos, adoramos e a quem servimos.

A vida é curta, e, por isso, Moisés ora: “Ensina-nos a contar os nossos dias”. A vida é difícil, e, por isso, ele pede: “Confirma as obras das nossas mãos”. Deus respondeu a essas orações de Moisés e fará o mesmo por nós. O futuro é nosso aliado, quando Jesus é nosso Salvador e Senhor.

SALMO 91

O Salmo 90 trata das dificuldades da vida, enquanto a ênfase deste salmo é sobre os perigos da vida. O autor anônimo (apesar de alguns estudiosos crerem que se trata de um salmo de Moisés) adverte sobre armadilhas ocultas, pragas mortais, terrores durante a noite e flechas durante o dia, tropeçar em pedras e enfrentar leões e cobras! Porém, diante de ataques terroristas, de franco-atiradores, de motoristas imprudentes, de doenças

novas e exóticas e da venda irrestrita de armas, a situação de nossos dias pode ser tão perigosa quanto a que vemos descrita neste salmo. Os santos que permanecem em Cristo (vv. 1, 9) não podem evitar deparar-se com perigos desconhecidos, mas podem escapar de suas terríveis conseqüências. Moisés, Davi, Paulo e inúmeros outros servos de Deus enfrentaram situações muito arriscadas enquanto faziam a vontade de Deus, e o Senhor sempre os livrou. Porém, Hebreus 11:36 adverte que “outros” foram torturados e martirizados; no entanto, sua fé era igualmente verdadeira. Mas, em termos gerais, caminhar com o Senhor ajuda a discernir e a evitar um bocado de problemas, e é melhor sofrer dentro da vontade de Deus do que enfrentar as dificuldades decorrentes da desobediência ao Senhor (1 Pe 2:18-25). O salmista descreve os elementos que fazem parte de uma vida de fé e vitória.

1. FÉ EM DEUS – A VIDA OCULTA DE COMUNHÃO E ADORAÇÃO (Sl 91:1-4)

A parte mais importante da vida do cristão é aquela que somente Deus pode ver, a “vida oculta” de comunhão e adoração simbolizada pelo Santo dos Santos no santuário do tabernáculo e do templo em Israel (Êx 25:18-22; Hb 10:19-25). Deus é nosso refúgio e fortaleza (46:1). Ele nos esconde a fim de nos ajudar e, depois, nos manda de volta para lhe servir em meio às lutas da vida (ver 27:5; 31:19, 20; 32:7; 73:27, 28; 94:22; 142:5; Dt 32:37). O autor deste salmo tem dois “endereços”: sua tenda (v. 10) e seu Senhor (vv. 1, 9). O lugar mais seguro da terra é uma sombra, se essa sombra for do Deus Todo-Poderoso. Por meio de Jesus Cristo, encontramos segurança e satisfação sob as asas dos querubins no Santo dos Santos (36:7, 8; 57:1; 61:4; 63:2, 6, 7). Jesus retrata a salvação descrevendo os pintinhos se escondendo sob as asas da galinha (Mt 23:37; Lc 13:38), e o salmista apresenta a comunhão com os fiéis repousando sob as asas dos querubins no tabernáculo.

Os nomes de Deus usados nestes versículos nos incentivam a confiar nele. Ele é o Altíssimo (*Elion*; vv. 1, 9), nome que aparece

pela primeira vez em Gênesis 14:18-20. É mais exaltado do que os reis da Terra e do que os falsos deuses das nações. Também é o *Todo-Poderoso* (*Shaddai*), o Deus que não depende de pessoa nem de coisa alguma e que é suficiente para todas as situações (ver Gn 17:1; 28:3; 35:11). Ele é o *Senhor* (vv. 2, 9, 14), Jeová, o Deus da aliança fiel a suas promessas. Ele é *Deus* (*Elohim*, v. 2), o Deus de poder, cuja grandeza e glória sobrepujam qualquer coisa que possamos imaginar. *Esse é o Deus que nos convida a ter comunhão com ele no Santo dos Santos!* A vida oculta de adoração e de comunhão permite uma vida pública de obediência e serviço. Esse Deus nos abriga sob as asas dos querubins, mas também nos fornece a armadura espiritual de que precisamos (v. 4; Ef 6:10-18). Sua verdade e fidelidade nos protegem ao nos apropriarmos de suas promessas e obedecermos à sua Palavra (ver Gn 15:1; Dt 33:29; 2 Sm 22:3). O termo “pavês” também pode ser traduzido por “baluarte” ou “bastião”. A palavra hebraica quer dizer “rodear, envolver” e descreve uma barreira de terra ao redor de uma fortaleza. A mensagem, porém, é clara: aqueles que habitam no Senhor permanecem seguros quando estão fazendo a vontade dele. Até que tenham completado seu trabalho, os servos de Deus são imortais (Rm 8:28-39).

2. PAZ DE DEUS – UMA VIDA PROTEGIDA (Sl 91:5-13)

Não estamos sozinhos na prática da “vida oculta” de comunhão e adoração, pois Deus está conosco e nos compensa por nossas inadequações. Este parágrafo enfatiza que não precisamos temer, pois o Senhor e seus anjos nos guardam. No antigo Oriente Próximo, a menos que se tivesse a proteção de guardas armados, as viagens de modo geral eram arriscadas (o que não é muito diferente das cidades grandes nos dias de hoje). O “terror noturno” pode significar, simplesmente, “o medo do escuro” ou daquilo que pode acontecer no escuro. Água e alimentos contaminados bem como falta de medidas apropriadas de higiene facilitavam a propagação de doenças a todo tempo, apesar de o texto

referir-se à “peste que se propaga nas trevas” e da “mortandade que assola ao meio-dia” (v. 6), sendo que esta última pode ser uma referência aos efeitos dos raios abrasadores do Sol.

Os versículos 7 e 8 parecem apresentar a descrição de uma batalha e podem estar diretamente relacionados às promessas da aliança que Deus fez com Israel (Lv 26:8; Dt 32:30). Os hebreus viram com os próprios olhos a aflição dos egípcios quando seus primogênitos foram mortos na noite de Páscoa (Êx 12:29, 30), assim como viram o exército egípcio morrer à beira do mar Vermelho (Êx 14:26-31), e, no entanto, nenhum mal sobreveio ao povo de Israel. O Anjo do SENHOR foi adiante deles para preparar o caminho e conduzir o povo (Êx 23:20). Satanás citou parte dos versículos 11 e 12 quando tentou Jesus no deserto (Mt 4:6), ao que Jesus respondeu com Deuteronômio 6:16. Se o Pai tivesse ordenado que Jesus saltasse do alto do templo, os anjos teriam guardado Jesus, mas saltar sem ordem do Pai teria sido arrogância e não fé, portanto o mesmo que tentar o Pai. Nas Escrituras, o leão e a serpente são figuras de Satanás (1 Pe 5:8; Gn 3; 2 Co 11:3; Ap 12:9; 20:2 e ver Lc 10:19 e Rm 16:20). No antigo Oriente Próximo, ambos eram inimigos perigosos, especialmente para os viajantes que percorriam caminhos estreitos.

3. AMOR A DEUS – A VIDA DE CONTENTAMENTO (Sl 91:14-16)

O Senhor falou e anunciou o que faria por aqueles de seu povo que verdadeiramente o amavam e o reconheciam por meio de uma vida de obediência. O termo traduzido por “amor” não é a palavra usada habitualmente no hebraico para expressar esse sentimento. Antes, é um termo que expressa o ato de “apegar-se, prender-se, ser fervoroso”. É usado em Deuteronômio 7:7 e 10:15 para falar do amor de Jeová por seu povo, Israel (ver Jo 14:21-24). Dentre as bênçãos prometidas, estão o livramento e a proteção (“pô-lo-ei a salvo”), resposta às orações, companhia em momentos de dificuldade, honra, contentamento e uma vida longa (ver 21:4; Êx 20:12; Dt 30:20). A salvação mencionada no final

do salmo pode significar ajuda e livramento durante a vida, como no caso de 50:23, ou a alegria de contemplar a glória de Deus depois de uma vida longa e plena. Para os israelitas, a longevidade que permitia ver os filhos, netos e bisnetos era a maior de todas as bênçãos nesta vida. Como Abraão, desejavam ter uma boa velhice e morrer “avançado em anos” (Gn 25:8); ou seja, “uma vida satisfeita”. Uma coisa é os médicos nos ajudarem a viver mais alguns anos de vida, mas Deus tem o poder de acrescentar vida a nossos anos e de fazer essa vida valer a pena.

SALMO 92

O tema principal é o governo soberano de Deus, conforme diz o versículo 8, versículo central deste salmo. Proclama que Deus é o Altíssimo, que está no céu e é exaltado para sempre. A designação *Jeová* (SENHOR), o nome de Deus na aliança, é usada sete vezes; *Elion* (Altíssimo) aparece no versículo 1 e *Elohim*, no versículo 13. O sobredito associa esse salmo ao culto de sábado no santuário. Durante a semana, um cordeiro era sacrificado a cada manhã e outro no final do dia, mas, no sábado, esses sacrifícios eram dobrados (Êx 29:38-46; Nm 28:1-10). Uma vez que Deus reina supremo hoje e para sempre, podemos ser as pessoas que ele deseja. O salmo descreve as características dos fiéis que confiam num Deus soberano.

1. UM POVO QUE ADORA (Sl 92:1-5)

Honrar o sábado fazia parte da relação de aliança entre o Senhor e Israel e era um sinal especial desse pacto (Êx 20:8-11; 31:12-17; Ne 9:13-15), que lembrava o povo de que Deus os havia livrado do Egito (Dt 5:12-15). Porém, o sábado também os lembrava de Deus o Criador (Gn 2:1-3; Êx 20:8-11) e, em sete ocasiões em Gênesis 1, o texto diz que algo criado por Deus era “bom”. O salmista acrescenta um oitavo item: “bom é render graças ao SENHOR e cantar louvores ao teu nome”. Os cristãos podem louvar ao Senhor por suas dádivas generosas na criação, por sua salvação pelo sangue do Cordeiro e pela aliança de sua graça, firmada conosco pela obra realizada por Cristo na cruz. A adoração

deve ser a efusão natural de um coração que ama ao Senhor e que dá o devido valor a quem ele é, bem como àquilo que ele fez por seu povo.

Quer se use somente a voz, quer esta seja acompanhada de instrumentos, é possível expressar louvores a Deus e concentrar-se em seus atributos magníficos. Podemos adorar o dia todo, de manhã até à noite. Podemos começar o dia certos de seu amor e terminá-lo fazendo uma retrospectiva de sua fidelidade. Podemos olhar a nosso redor e nos maravilhar com suas obras, inclusive com seu cuidado providencial e com sua orientação em nossa vida. Podemos, então, nos voltar para sua Palavra e sondar a profundidade de seus pensamentos incomparáveis (Rm 11:33-36). Quer sejamos tocados pela criação a nosso redor, quer pelas Escrituras diante de nós, temos motivos mais do que suficientes para adorar e louvar a Deus, pois ele reina acima de nós! A oração de 90:15, 16 é respondida no versículo 4.

2. UM POVO QUE CONQUISTA (Sl 92:6-11)

O salmista volta sua atenção para os inimigos do Senhor que transtornaram a vida do povo de Deus. Os adjetivos “inepto” e “estulto” também podem ser traduzidos por “insensato, grosseiro, inculto, selvagem, sem valores nem discernimento”. O insensato do Salmo 14 encaixa-se nessa definição; ver também 49:10-12, 20 e 94:8-11. Pessoas desse tipo são como a relva; não têm raízes profundas, e seu aspecto verdejante desaparece rapidamente (90:5, 6). Os fiéis a Deus, porém, são como palmeiras e cedros (v. 12). O texto original fala de “chifre”, no versículo 10, um símbolo de poder, sendo que Deus dá poder a seu povo para conquistar os inimigos (75:4, 5, 10; 89:17, 24; 1 Sm 2:1, 10; Lc 1:69). O óleo era usado para ungir pessoas especiais – reis, sacerdotes e profetas –, mas o salmista anônimo regozija-se, pois o Senhor o ungiu para falar a todo Israel e louvar a Deus por uma vitória especial que o Senhor havia lhes dado. Deus quer ter um povo constituído de conquistadores (Rm 12:21; 1 Jo 2:13, 14; 4:4; 5:4, 5; Ap 2:7, 11,

17, 26; 3:5, 12, 21; 21:7), e isso só acontece a partir do momento em que nos tornamos adoradores.

3. UM POVO QUE FLORESCE (Sl 92:12-15)

Os estúpidos e insensatos são como a relva (v. 7), mas os justos são como árvores (ver 1:3; 52:8; Pv 11:30; Is 1:30; 61:3; Jr 11:16; 17:8). Os perversos podem parecer árvores robustas, mas não duram muito tempo (37:35, 36; 52:5). O verbo “florescer”, no versículo 7, significa “ser notável, resplandecer”, enquanto o mesmo verbo, nos versículos 12 e 13, quer dizer “ser vigoroso, florescer abundantemente”. A tamareira (um tipo de palmeira) e o cedro, duas árvores imponentes, eram extremamente valorizadas pelo povo do Oriente Próximo – a tamareira, por seus frutos, e o cedro, por sua madeira. Ambas também eram apreciadas por sua beleza e podiam durar muitos anos. Nem todos os justos têm vida longa. Alguns, como Robert Murray M’Cheyne e David Brainerd morreram extremamente jovens. Más, em termos gerais, aqueles que obedecem a Deus evitam um bocado de perigos e doenças que podem causar morte prematura. A promessa de 91:16 ainda vale para nós, como também a descrição de 92:13, 14. Permanecer “verdejante e viçoso” na velhice e não passar a vida se queixando e fazendo exigências é um sinal da bênção especial de Deus (para uma descrição de um homem piedoso que, em sua velhice, é cheio de vigor, de frutos e de flores, ver o Salmo 71). Podemos mudar à medida que envelhecemos, mas o Senhor nunca muda. Ele é nossa Rocha (32:4, 15, 18, 30, 31), e sua vontade para nossa vida é perfeita, de modo que não devemos nos queixar.

SALMO 93

Os Salmos 93 e 95 a 100 enfatizam o domínio soberano de Jeová, o Rei de Israel, sobre os assuntos das nações. (O Salmo 94 trata especialmente de Deus como Juiz, um aspecto importante de seu governo justo.) É possível que o Salmo 93 tenha sido escrito por um dos levitas que voltaram a Judá com o remanescente judeu depois do exílio na

Babilônia. Os medos e os persas derrotaram os babilônios em 539 a.C, e, no ano seguinte, *Ciro, o novo rei, deu permissão aos judeus para voltar a sua terra, reconstruir o templo e restaurar sua nação.* Foi um tempo particularmente difícil para o remanescente judeu (ver os livros de Esdras e Ageu), e seu trabalho foi interrompido, atacado e negligenciado. Os líderes e o povo precisavam de ânimo para continuar a trabalhar, um estímulo que só poderia vir do Senhor. Este hino curto engrandece ao Senhor apresentando três certezas em relação a Deus.

1. DEUS REINA ABSOLUTO (Sl 93:1, 2)

Foi Deus quem permitiu que Nabucodonosor atacasse e conquistasse o reino de Judá, destruindo o templo e a cidade santa. O Senhor usou Daniel na Babilônia para ensinar essa verdade fundamental a Nabucodonosor (Dn 1 - 4; ver especialmente Dn 4:17, 25, 32), mas Belsazar - sucessor de Nabucodonosor - aprendeu a lição quando era tarde demais (Dn 5). Os medos e persas atacaram a Babilônia e mataram Belsazar exatamente na mesma noite em que ele se vangloriava de seu reino e blasfemava contra o Senhor. "Reina o SENHOR!" (ver 92:8; 96:10; 97:1; 99:1; Êx 15:18; Dt 33:5). Ele está entronizado no céu, vestido de mantos majestosos de glória e armado de todo o poder necessário para humilhar soberanos insignificantes. Seu trono eterno é majestoso, forte e seguro (65:6; 104:1), e o mundo que criou também se encontra firmemente estabelecido (24:2; 78:69; 119:90). Não importa o que venha a acontecer aos governantes da Terra, o trono do céu é inabalável.

2. DEUS É MAIOR QUE NOSSAS CIRCUNSTÂNCIAS (Sl 93:3, 4)

As águas tempestuosas e as ondas fragorosas são usados com frequência como símbolos da ascensão e queda das nações e do alarde dos governantes em suas tentativas de impressionar as pessoas (ver 46:1-3, 6; 60:5; 65:6, 7; 74:13, 14; Is 17:12, 13; 51:15; 60:5; Jr 31:5; 51:42; Dn 7:1-3; Lc 21:25; Ap 13:1; 17:15). Deus usou o rio Eufrates para ilustrar os assírios (Is 8:7, 8) e relacionou o Egito

ao rio Nilo (Jr 46:7, 8). Não importa quão tempestuosas as nações da Terra se tornem, Deus continua assentado em seu trono, e seus propósitos não são frustrados pelas palavras tolas dos "grandes líderes", que, na verdade, não passam de homens feitos de barro. Não devemos nos concentrar nas ameaças a nosso redor, mas sim no trono acima de nós (ver 29; Is 6; Ap 4 - 5).

3. DEUS SEMPRE CUMPRE SUAS PROMESSAS (Sl 93:5)

Quando nos vemos cercados pela tempestade, olhamos pela fé para o trono da graça que se encontra acima de nós e para a Palavra de Deus diante de nós. A verdade sobre o que está acontecendo neste mundo não se encontra nos jornais, mas sim nas Escrituras. Os falsos profetas no meio do povo de Judá, exilado na Babilônia, transmitiram uma mensagem diferente das palavras de Jeremias, o verdadeiro profeta do Senhor (Jr 29), mas, no final, foi a mensagem dos servos de Deus que se mostrou verdadeira. "Fidelíssimos são os teus testemunhos" (v. 5; ver Jr 25:12; 27:22; 29:10; 2 Cr 36:22, 23; Ed 1:1 e Is 44:28 - 45:3). Falsos profetas, falsos mestres e escarnecedores nunca faltam (2 Pe 2 - 3), mas todas as promessas de Deus se cumprirão em seu devido tempo, e os filhos de Deus não vivem de explicações, mas sim de promessas. Satanás tem atacado a Palavra de Deus desde que mentiu para Eva em Gênesis 3, mas a Palavra continua firme. "O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações" (33:11).

Liderados pelo governador Zorobabel, pelo sumo sacerdote Josué e pelos profetas Ageu e Zacarias, o remanescente judeu confiou em Deus, trabalhou, sacrificou-se e completou o templo. As Escrituras não dizem que a glória de Deus foi habitar no segundo templo, como havia feito antes no tabernáculo (Êx 40) e no primeiro templo (1 Rs 8:10, 11), mas, ainda assim, o Senhor estava com seu povo e continuava realizando seus propósitos. O que torna o templo um lugar santo é um povo santo; a "beleza da santidade" (29:2) é o adorno mais esplendoroso de qualquer edifício consagrado ao Senhor.

SALMO 94

Assim como nos Salmos 10, 14, 73 e 92, aqui o autor trata do aparente triunfo dos perversos e do tratamento injusto que os desamparados recebem. Porém, os culpados, nesse caso, não são os conquistadores estrangeiros, mas sim os líderes nacionais e os juizes locais. Até mesmo o rei estava abusando do povo pela publicação de decretos injustos (v. 20). Talvez este salmo seja resultante do sofrimento do povo piedoso durante o reinado do perverso rei Manassés (2 Rs 21), o homem que o Senhor culpou pela destruição de Jerusalém (2 Rs 24:1-4). Porém, o que levaria esse salmo a ser incluído numa seção que engrandece a soberania de Deus (93 - 100)? Talvez seja o fato de não haver muitos problemas que levem o povo de Deus a questionar mais sua soberania do que a pergunta: "Porque os desamparados e justos sofrem, enquanto os perversos cometem seus crimes e permanecem impunes?"

Em se tratando de injustiças sociais, este salmo nos ensina que os justos têm quatro responsabilidades.

1. ORAR AO SENHOR PEDINDO JUSTIÇA (Sl 94:1-7)

Os requisitos de Deus para seu povo são: "que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus" (Mq 6:8), pois o Senhor ama a justiça (33:5; 37:28) e ouve as orações dos injustiçados (Êx 22:26, 27; Dt 24:14, 15; Tg 5:1-4). O termo "vinganças" é interpretado incorretamente como "desforra" ou "ser vingativo", mas, nesse caso, refere-se a guardar a lei e a fazer justiça aos injustiçados. Uma vez que o Senhor é onisciente, pode julgar não apenas as ações, mas também as motivações e tratar circunstâncias e pessoas com equidade (Lv 19:18; Dt 32:35, 41; Rm 12:17-21; Hb 10:30, 31). Ele é o Juiz de toda a Terra (58:11; 82:8) e sempre faz o que é certo (Gn 18:25). O pedido "exalta-te" significa "revela-te, mostra teu poder e tua glória" (50:2; 80:1; Dt 33:2; Hb 3:1-5).

Nosso desejo é que o Senhor entre em ação de imediato (v. 3; ver 6:3), mas ele é compassivo e longânimo (Êx 34:6, 7), e

devemos caminhar pela fé (Lc 18:1-8). Os orgulhosos e arrogantes proferem palavras maldosas e cometem atos de perversidade (10:2-11), e os justos não podem fazer coisa alguma para detê-los. Os órfãos, as viúvas e os estrangeiros da terra estavam sob o cuidado especial do Senhor (68:5, 6; 146:9; Êx 22:20-24; Dt 10:18, 19; 14:28, 29; 24:17, 18; 26:12, 13; 27:19; Is 1:17; 7:6; 22:3). Os desamparados são o povo da aliança de Deus e ele é Jeová - o SENHOR - designação usada nove vezes neste salmo (vv. 1, 3, 5, 11, 14, 17, 18, 22, 23). Os perversos se convencem de que Deus não vê suas maldades (v. 7; 10:11; 59:7), mas estão enganados!

2. ADVERTIR OS PERVERSOS DO PERIGO (Sl 94:8-11)

Depois de orar ao Senhor, sempre que ele nos der oportunidade, devemos confrontar os perversos com a verdade. Nos versículos 8 a 11, o salmista fala dos transgressores e se refere a eles como "estúpidos" e "insensatos" (49:10; 92:6; e ver 2 Pe 2:12 e Jd 10). Tais pessoas se comportavam como animais, não como seres humanos criados à imagem de Deus. Seu conceito de Deus era tão baixo (v. 7) que nem sequer conseguiam pensar de maneira lógica. Se foi Deus quem criou os olhos e os ouvidos, acaso não é capaz de ver e ouvir? Acaso a criatura é maior que o Criador? Se Deus é capaz de governar sobre as nações por meio das leis eternas de sua providência (At 17:24-28), acaso não é capaz de tratar de um bando de oficiais perversos que transgridem sua lei e exploram seu povo? Uma vez que foi o Senhor quem deu sua lei a Israel e que lhe ensinou o significado de seus preceitos, acaso não poderia aplicar essa lei? O termo traduzido por "pensamentos", no versículo 11, significa "invenções, intrigas, planos". Os planos e conspirações desses líderes perversos não poderiam ser escondidos do Senhor, como também não ficariam impunes. Paulo cita esse versículo em 1 Coríntios 3:20, a fim de advertir os líderes de Corinto a não tentar conduzir a igreja usando a sabedoria do mundo; antes, deviam se firmar somente na sabedoria de Deus encontrada nas Escrituras comparável ao

ouro, à prata e às pedras preciosas (3:12-15; Pv 2:1-4; 3:13-15; 8:10, 11, 18, 19).

3. ACEITAR A DISCIPLINA DE DEUS (Sl 94:12-15)

O verbo “repreender” ou “disciplinar” (v. 12) significa “ensinar e instruir na lei de Deus” (Dt 8:5; Pv 3:11, 12). O salmista reconhece que as dificuldades da vida podem ajudá-lo a amadurecer em sua fé. Se Deus livrasse seu povo imediatamente de todas as suas dificuldades, os filhos de Deus se tornariam “crianças mimadas” e jamais cresceriam na fé nem em seu caráter. “Pois o Senhor corrige a quem ama” (Hb 12:6). Deus usa as dificuldades pessoais para nos ensinar verdades novas da sua Palavra (Sl 119:50, 75, 92-95). O julgamento (“dias maus”) virá, mas o Senhor poupará seu povo. Quanto mais os perversos persistem em seus pecados, mais funda é a cova que cavam para si e mais resistente a rede na qual eles próprios serão pegos (9:15, 16). Deus não pode rejeitar seu povo, ligado a ele por sua aliança (37:28, 29; Dt 32:9; Is 49:14-18; Jr 10:16). O salmista crê na justiça de Deus, no julgamento vindouro dos perversos e na promessa de um reino de justiça para os que têm um coração reto.

4. TRABALHAR COM DEUS EM PROL DA JUSTIÇA (Sl 94:16-23)

Até mesmo no tempo de Salomão, pessoas abusadas e exploradas não recebiam reparação alguma e não encontravam quem fizesse justiça em seu favor (Ec 4:1), de modo que deve ter sido muito pior no tempo de Manassés, pouco antes da queda de Jerusalém. A pergunta no versículo 16 é retórica, e o próprio salmista lhe responde no versículo 17: “o SENHOR.” O salmista foi vítima das intrigas dos líderes perversos e clamou a Deus por socorro. Sabia que os juízes distorciam as leis a fim de explorar os pobres (v. 20) e se viu cada vez mais envolvido numa situação perigosa. Seu coração estava repleto de ansiedade, mas o Senhor o sustentou, o trouxe para fora e lhe deu paz interior. É grato por outros homens tementes a Deus que permaneceram a seu lado e oraram com eles, pois

o “meu Deus” do versículo 22 transforma-se em “nosso Deus” no versículo 23. Ele confia que o Senhor fará sobrevir o julgamento merecido aos líderes perversos. Assim como Asafe, no Salmo 73, havia começado a escorregar em sua fé e em sua caminhada, mas o Senhor lhe mostrou que os perversos é que estavam em lugares escorregadios e caminhando rapidamente para o julgamento (73:2, 3, 18, 27, 28).

Nos dias maus, seremos gratos por termos o Senhor como nosso refúgio e fortaleza. Porém, não nos escondemos sob sua proteção para escapar das responsabilidades, mas a fim de nos preparar para prosseguir e lutar contra o inimigo. Como sal da terra e luz do mundo (Mt 5:13-16), os filhos de Deus devem fazer todo o possível para promover a justiça aqui na Terra. Como disse Edmund Burke: “Para que o mal triunfe, o homem bom só precisa cruzar os braços”. Porém, no final, é o Senhor quem conhece o coração das pessoas e quem julgará com justiça.

SALMO 95

A festa anual dos Tabernáculos era um acontecimento jubiloso, durante o qual o povo olhava para trás e lembrava o tempo em que seus antepassados vagaram pelo deserto, olhava ao redor e via colheitas abundantes e olhava para o alto e agradecia ao Senhor (Lv 23:33-44). Há quem suponha que este salmo foi escrito exatamente para a festa dos Tabernáculos depois que os exilados deixaram a Babilônia e voltaram para Judá.¹ Sem dúvida, os versículos 8 a 11 trariam à memória do povo aqueles anos no deserto, mas são citados em Hebreus 3:7 a 4:13 e aplicados aos cristãos. A Igreja deve atentar para o que aconteceu a Israel (ver 1 Co 10:1-13). Enquanto o Salmo 89 chama Israel para adorar, o Salmo 96 chama todas as nações da Terra para adorar o Deus de Israel (96:1, 3, 7, 10, 13). Ao conchamar o povo de Deus para celebrar o Senhor, o salmista apresenta três admoestações que devem ser obedecidas.

1. VIR E LOUVAR AO SENHOR (Sl 95:1-5)

O salmista diz *como* louvar a Deus (vv. 1, 2) e *por que* louvá-lo (vv. 3-5). Trata-se de um

louvar em comunidade, não individual, apesar de ambos serem importantes. Nosso louvor deve ser cheio de alegria e entusiasmo – em algumas versões, a injunção é para fazê-lo em alta voz (v. 1) – e inteiramente voltado ao Senhor. “Sair ao encontro”, no versículo 2, é “sair para encontrar-se com Deus face a face, estar em sua presença”. Os cristãos fazem isso por meio de Jesus Cristo (Hb 10:19-25). Devemos ser gratos em nosso louvor ao exaltarmos o Senhor por suas grandes misericórdias. (Para mais sobre Deus como Rocha, ver 18:2.)

Por que devemos louvá-lo? Porque ele é grande e está acima dos falsos deuses deste mundo (v. 3; 81:8; 92:8; 93:4; 96:4; Êx 18:11). Depois de sua ascensão, Jesus Cristo foi entronizado e “exaltado sobremaneira” (At 2:33; Ef 1:19-23; Fp 2:9-11; Cl 1:15-18) e nada pode nos separar do seu amor (Rm 8:37-39). Ele é nosso “Grande Deus e Salvador” (Tt 2:13) e devemos ter prazer em louvá-lo. Porém, nosso Deus também é o Criador do Universo e controla todas as coisas (vv. 4, 5). As profundezas do mar e da Terra e os cumes dos montes pertencem todos ao Senhor, e ele sabe o que se passa tanto nas águas quanto na terra. As nações pagãs tinham deuses e deusas para as diferentes partes da criação – os mares, a terra, os picos das montanhas, o Sol, a Lua e as estrelas, as tempestades, as colheitas –, mas nosso Deus é Rei sobre todas essas coisas. Não é de se admirar que o louvemos!

2. PROSTRAR-SE PARA ADORAR AO SENHOR (Sl 95:6, 7A)

Louvar significa olhar para o alto, mas adorar significa prostrar-se. Infelizmente, há os que gostam de levantar as mãos e de louvar em alta voz, mas não gostam de dobrar os joelhos e de se sujeitar. A verdadeira adoração é muito mais profunda do que o louvor comunitário, pois implica estar conscientes da magnificência de Deus e experimentar o temor do Senhor e um amor mais intenso por ele. Muitas vezes, o “louvor” cristão não passa de entretenimento religioso e não conduz a um enriquecimento espiritual na presença do Senhor. Nossos cânticos devem dar

lugar ao silêncio ao nos curvamos diante do Senhor. Somente ele é Jeová, o SENHOR, o Deus que faz e cumpre as alianças com seu povo. É nosso Criador e Pastor (ver 23 e Jo 10). O júbilo só tem o devido lugar quando se torna adoração e quando nos prostramos diante do Senhor num gesto de submissão total, entregues ao enlevo, amor e louvor. Que milagre maravilhoso da graça, nós, pecadores, sermos chamados de “seu povo”. Ele nos fez, nos salvou e cuida de nós! Por que hesitar em nos prostrar diante dele e em nos render inteiramente?

3. OUVIR E OBEDECER AO SENHOR (Sl 95:7B-11)

A Palavra de Deus é parte essencial da adoração cristã, especialmente numa época como esta, na qual a inovação do culto é algo tão comum, substituindo a teologia pelas novidades. Ouvir e atentar para a Palavra de Deus deve ser a prática mais fundamental em nossa adoração, seja ela particular ou comunitária, a fim de que prestemos um culto verdadeiramente cristão ao Senhor. Não basta Deus ouvir minha voz; também devo ouvir a voz dele na leitura, pregação e ensino da Palavra. As Escrituras, redigidas séculos atrás, continuam tendo autoridade nos dias hoje, e não temos direito algum de ignorá-las, mudá-las ou desobedecer a elas. Devemos responder à Palavra de Deus agora, quando a ouvimos, não apenas durante a semana quando relemos as anotações sobre o sermão ou escutamos a gravação da mensagem de domingo. Como é triste quando os adoradores voltam para casa com um caderno de anotações cheio e um coração vazio! (ver Hb 3:7 - 4:13, em que essa passagem é aplicada à igreja, advertindo para que não se endureça o coração contra o Senhor). *Do mesmo modo que tratamos a Palavra de Deus tratamos o Deus da Palavra.* Jesus nos admoesta a ouvir (Mt 13:9), a atentar para aquilo que ouvimos (Mc 4:24) e para como ouvimos (Lc 8:18).

O salmista recorre ao passado e cita dois acontecimentos trágicos da história de Israel – a murmuração dos israelitas em Refidim (“Massá e Meribá”; Êx 17:1-7) e sua incredulidade e desobediência em Cades-Barnéia

(Nm 13 - 14). Os israelitas haviam testemunhado as maravilhas e prodígios de Deus no Egito, especialmente sua vitória sobre o exército egípcio ao abrir e fechar o mar Vermelho, mas se recusaram a confiar que ele supriria suas necessidades diárias. Mal haviam sido libertos do Egito e já estavam se queixando de fome, de modo que Deus mandou o maná, o pão do céu (Êx 16). Quando chegaram a Refidim, voltaram a murmurar, pois estavam com sede (Êx 17:1-7). Em vez de crer, culparam o Senhor e seu servo, Moisés. Em sua bondade, Deus lhe deu água da rocha, mas Moisés solenizou esse acontecimento chamando o lugar por dois nomes novos: Meribá, que significa “desavença, disputa, contenda”, e Massá, que quer dizer “provar, tentar” (ver também Nm 20:1-13). Em vez de confiar em Deus, o povo contendeu com ele e o tentou com suas atitudes e palavras arrogantes. O Senhor poderia tê-los julgado no mesmo instante, e eles o desafiaram a agir.

Israel passou um ano e dois meses no Sinai (Nm 10:11) e, então, partiu para Cades-Barnéia, a porta de entrada para Canaã (Nm 13 - 14). Lá, se recusaram a confiar em Deus, a obedecer a suas ordens, a entrar na terra e a tomar posse de sua herança. Apesar de todas as maravilhas que haviam visto Deus operar, os israelitas endureceram o coração e se recusaram a fazer a vontade de Deus. O Senhor julgou seu povo em Cades-Barnéia e determinou que passariam 38 anos no deserto, tempo durante o qual a geração mais velha pereceu. Foi a mais longa marcha fúnebre do mundo. “Não entrarão no meu descanso” (v. 11; Nm 14:26-38). O escritor de Hebreus usa esse acontecimento para advertir os cristãos a não endurecer o coração deixando, desse modo, de reivindicar, receber e desfrutar aquilo que Deus tem preparado para eles. Deus tem um plano perfeito para cada um de seus filhos (Ef 2:10) e nos apropriamos de nossa herança pela fé na Palavra de Deus, o tipo de fé que conduz à obediência.

No tempo de Moisés, o “descanso” de Deus era a terra de Canaã, onde os israelitas não precisariam mais vagar como haviam feito no deserto (Êx 33:14; Dt 12:9, 10; Js 1:13, 15). Hebreus 4, porém, amplia o significado

de “descanso” de modo a incluir o descanso da salvação e a herança que temos em Cristo (Mt 11:28-30; Ef 1:3, 11, 15-23) e o futuro e eterno “repouso sabático” na glória (Hb 4:9; Ap 14:13). Hebreus 1 a 4 é a admoestação de Deus à igreja para que viva pela fé e, “assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Pelo fato de os israelitas terem se recusado a ouvir sua Palavra endurecendo o coração, Deus se desagradou de seu povo, e todos com 20 anos ou mais de idade morreram durante a jornada no deserto. Endurecemos o coração quando vemos aquilo que Deus pode fazer e, ainda assim, nos recusamos a confiar nele de modo que possa realizar sua obra por nós. Deixamos de cultivar um coração piedoso que teme e honra ao Senhor. Pedir as dádivas (alimento, água etc.), mas ignorar o Doador, é um pecado abominável e que traz conseqüências dolorosas.

SALMO 96

Outra versão deste salmo pode ser encontrada em 1 Crônicas 16:23-33. O salmo em Crônicas é uma combinação de citações dos Salmos 96, 105 (1-15 = 16:8-22) e 106 (1, 47, 48 = 16:35, 36). Conduzidos pelo Espírito de Deus, os líderes do culto em Israel sentiam liberdade de selecionar e de combinar partes dos salmos existentes de modo a compor cânticos para ocasiões especiais. Alguns estudiosos acreditam que o Salmo 96 foi usado na consagração do segundo templo, quando os judeus voltaram a Judá depois do exílio na Babilônia. Ao ler o salmo, podemos perceber como se aplicaria ao frágil remanescente judeu cercado por poderosas nações gentias. O salmo também olha para o futuro, para a era do reino, quando o Messias reinará e as nações gentias adorarão o Deus de Israel. O salmista apresenta quatro prescrições para o povo de Deus e apóia cada uma delas com um motivo para que sejam obedecidas.

1. CANTEM! AS NOVAS SÃO BOAS! (Sl 96:1-3)

Em três ocasiões, o texto ordena que cantemos ao Senhor, num paralelo com o imperativo triplo dos versículos 7 e 8 para “tributar”

(atribuir) glória ao Senhor. (Para mais sobre um “cântico novo”, ver 33:3.) Uma nova experiência da bênção de Deus, uma nova verdade descoberta na Palavra, um novo começo depois de uma crise, uma nova porta que se abre para o serviço – tudo isso pode renovar um cântico antigo ou nos dar uma nova canção do Senhor. Esse convite à adoração não se estende apenas a Israel, mas a todas as nações gentias (ver também vv. 3, 7, 9, 11, 13). Um dia, quando Jesus reinar sobre a Terra, todas as nações irão a Jerusalém para adorá-lo (Is 2:1-4). Será um tempo em que a glória de Deus se revelará a todos os povos (vv. 3, 7, 8; Gn 12:1-3; 22:18; Is 60:1-3). Na tradução grega do Antigo Testamento, “proclamar” (v. 2) é o termo usado no Novo Testamento para “pregar as boas novas”, dando origem a nosso verbo “evangelizar”. As boas novas da vitória de Jesus Cristo nos dão algo sobre o que cantar, pois ele é o único Salvador e salvará os que confiam nele (Jo 14:6; 4:22; At 4:12; Rm 10:1-15).

2. LOUVEM! NOSSO DEUS É GRANDE! (Sl 96:4-6)

Os deuses das nações eram “não-deuses”, pois o termo traduzido por “ídolos”, no versículo 5, significa “aquilo que não é coisa alguma, aquilo que é fraco e imprestável”. “Sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo” (1 Co 8:4). Foi Jeová quem criou o Universo, e sua glória magnífica habitava em seu santuário em Jerusalém (Êx 40:34-38; 1 Rs 8:10, 11; Rm 9:4). A presença de sua glória dava ao povo o esplendor, a majestade e o poder de Deus. A arca da aliança no Santo dos Santos era o trono de Deus, e ele governava sobre seu povo (ver 21:5; 45:3; 104:1). Tanto em seu santuário no céu quanto em seu santuário na terra, Deus estava entronizado em glória e poder. Devemos louvá-lo de todo o coração!

3. ADOREM! O SENHOR É DIGNO! (Sl 96:7-9)

Quando louvava ao Senhor, o povo levantara as mãos e a voz e olhava para o alto, mas quando adorava, se prostrava em sinal de reverência (ver 29:1, 2). Todas as nações são

convidadas a ir ao santuário de Deus, a levar um sacrifício e a adorá-lo (ver 65:4; 84:2, 10; 92:13; 100:4; 116:19; 135:2). A oração “tremei diante dele” (v. 9) também pode ser traduzida por “temei perante o Senhor” (ver 29:9; 97:4; 114:7). Assim como os sacerdotes de Israel deviam usar as vestes prescritas pelo Senhor (Êx 28), também o povo de Deus deveria adorar “limpo de mãos e puro de coração” (24:4) e ser purificado diante do Senhor antes de adorá-lo (Hb 10:19-25). A única beleza que Deus aceita é a “beleza da santidade”, a retidão de Cristo que nos é imputada pela fé (Rm 4) e a retidão de uma vida de obediência ao Senhor pelo poder do Espírito (Rm 8:1-4). É somente por meio da retidão de Cristo que podemos nos aproximar de Deus, e é somente sendo filhos obedientes que podemos agradecer a Deus.

4. REGOZIJEM-SE! O REI ESTÁ CHEGANDO! (Sl 96:10-13)

A oração “Reina o SENHOR” (v. 10; ver 93:1), também pode ser traduzida por “o Senhor se tornou Rei” (ver Ap 11:17), numa referência ao dia em que Jesus se assentará no trono de Davi e governará sobre as nações (Lc 1:26-33; Ap 19:11-16). Só então haverá verdadeira justiça na Terra (Is 9:6, 7; 32:1, 16; 42:1-4). Hoje, a criação está sujeita à corrupção e à futilidade por causa do pecado de Adão, mas quando Cristo voltar e os filhos de Deus forem inteiramente remidos, a criação também será liberta (Rm 8:18-23). Não é de se admirar que o salmista descreva a alegria do céu e da terra, dos mares e das porções secas e até mesmo das árvores ao receberem o Criador. Então, haverá justiça na Terra (7:6-8; 9:7, 8; 98:7-9; Is 55:12). “A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8:19). Regozijem-se!

SALMO 97

O salmista retoma o tema de 96:13 e descreve o rei vindo para julgar os inimigos e recompensar seu povo. No Salmo 95, a ênfase é sobre o povo de Deus, enquanto o Salmo 96 volta nossa atenção para as nações do mundo. Este salmo combina os dois

temas e diz que Jeová é “o Altíssimo sobre toda a terra” (v. 9), aquele que tem todas as coisas sob controle. Para os cristãos, Jesus é o Rei exaltado de Deus (ver At 2:32, 33; 5:31; Ef 1:17-23; Fp 2:5-11; Hb 1:3; 1 Pe 3:22; Ap 3:21).

1. O SENHOR É EXALTADO EM SEU TRONO (Sl 97:1, 2)

Quaisquer que sejam as circunstâncias a nosso redor ou os sentimentos dentro de nós, o Senhor reina (93:1; 96:10; 99:1; 117:1), e seu reino estende-se por sobre toda a Terra (vv. 1, 4, 5, 9; 96:1, 9, 11, 13; 98:3, 4, 9). Sua autoridade soberana vai além da terra de Israel e chega às ilhas e litorais mais distantes, lugares que os israelitas jamais haviam visitado. O desejo de Deus é que Israel seja uma luz para os gentios (Gn 12:1-3; Is 42:6; 49:6), a fim de lhes mostrar a fidelidade do verdadeiro Deus vivo, da mesma forma que a Igreja deve ser uma luz para o mundo ao proclamar a mensagem do evangelho (Lc 2:32; At 13:47). Saber que “reina o Senhor, nosso Deus, Todo-Poderoso” (Ap 19:6) deve encher de alegria nosso coração e nosso culto ao Senhor (vv. 1, 8, 11, 12; ver 96:11). Apesar de seu trono estar cercado de nuvens e de escuridão e de não compreendermos inteiramente os mistérios de sua providência, sabemos que seu trono encontra-se firmado sobre a retidão e a justiça e que “[...] fará justiça o Juiz de toda a terra” (Gn 18:25). O salmo começa com escuridão (v. 2), mas termina com luz para os justos (v. 11).

2. O SENHOR É EXALTADO SOBRE OS SEUS INIMIGOS (Sl 97:3-6)

O salmista apresenta uma tempestade varrendo a terra e destruindo tudo em seu caminho (ver 18:9-12; 29; Hb 3:3-15). A imagem da tempestade remete ao êxodo de Israel do Egito (68:7, 8; 77:15-20) bem como ao encontro de Israel com Deus no Sinai (Êx 19:9, 16-19; 20:21; 24:15, 16; Dt 4:11; 5:22; Hb 12:18-21). A tempestade também se refere ao dia vindouro do Senhor, quando Deus julgará as nações do mundo (Is 2:10-21; 8:22; Jl 2:2; Am 5:16-20; Zc 1:7-18). O fogo e os relâmpagos lembram que nosso Deus “é fogo

que consome” (Dt 4:24; 32:22; Hb 12:29). Seus julgamentos o glorificam e manifestam sua santidade a um mundo de impiedade. A designação “Senhor de toda a terra” (v. 5) pode ser encontrada em apenas outras quatro passagens do Antigo Testamento: proferidas por Josué antes de Israel atravessar o rio Jordão (Js 3:11, 13) e pelos profetas Miquéias (4:13) e Zacarias (4:14; 6:5; ver também 50:12). Desde o começo da história de Israel como nação, o povo sabia que Jeová não era um “deus tribal” como os falsos deuses das nações vizinhas, mas sim o Senhor de toda a Terra (Êx 19:5; Dt 10:14. Jesus usou esse título ao se referir a seu Pai [Lc 10:21]).

3. O SENHOR É EXALTADO SOBRE OS FALSOS DEUSES (Sl 97:7-9)

No antigo Oriente Próximo, quando uma nação conquistava outra, as pessoas interpretavam a vitória como um sinal de que os deuses do povo conquistador eram mais poderosos do que os deuses do povo derrotado. Os israelitas aprendiam que Jeová era o Deus de toda a Terra e que os ídolos não eram coisa alguma (ver 95:3; 96:5). O Senhor permitiu que a Babilônia derrotasse Judá porque o povo de Deus havia pecado grandemente contra ele, não porque os deuses da Babilônia fossem mais fortes que Jeová. A derrota da Babilônia pelos medos e persas foi obra das mãos de Deus e não de seus falsos deuses, pois os profetas também renunciaram esse acontecimento (Is 45 - 47; Jr 50 - 51; Dn 2:36-38; 7:1-5). A libertação de Israel do cativo foi prova de que Jeová estava no controle (Jr 25:1-14; 29:1-14). As vitórias de Deus sobre as nações idólatras envergonhavam seus ídolos e respectivos idólatras (v. 7; ver Is 15:15-17). Não é de se admirar que o povo de Israel se regozijasse, pois as vitórias de Deus comprovaram que somente ele é “o Altíssimo sobre toda a terra” (v. 9; 83:18). Pode ser que, hoje em dia, as pessoas não se curvem diante de ídolos horríveis, feitos por mãos humanas, mas certamente há falsos deuses de sobra para adorarem - dinheiro, poder, bens, sexo, prazer, reconhecimento -, pois tudo aquilo a que alguém serve e sacrifica é o que adora (Mt 4:10).

4. O SENHOR É EXALTADO NO MEIO DE SEU POVO (Sl 97:10-12)

O povo de Deus é constituído por todos aqueles que o amam e que não buscam a ajuda dos ídolos (91:14; 1 Co 8:1-3). Porém, se amamos Aquele que é santo, odiaremos tudo o que não é santo (34:14; 36:4; 37:27; 119:104; Pv 8:13; Rm 12:9). Neste parágrafo, o povo de Deus é chamado de "santos", "justo[s]", "retos de coração", sendo que todos esses nomes referem-se a uma vida consagrada ao Senhor. Devemos amá-lo ("detestar o mal"), nos regozijar nele e lhe dar graças por todas as suas misericórdias. Afinal, ele protege e livra seu povo, dá luz para seu caminho e coloca a alegria em seu coração. O que mais poderíamos desejar?

O versículo 11 apresenta a figura de um semeador; o Senhor planta a luz como se fossem sementes, para que seu povo não ande sempre em trevas, e aquilo que ele planta um dia dará frutos. "Semear" é uma metáfora que aparece com freqüência nas Escrituras, sendo usada para atos divinos e também humanos (112:4; Pv 11:18; Os 8:7; 10:12; Tg 3:18). O salmo começa com uma revelação universal da glória de Deus (vv. 2-6), com clarões dramáticos de relâmpagos, mas termina com a luz do Senhor brilhando tranqüilamente sobre o caminho de seu povo. Alguns estudiosos consideram essa figura como da aurora, sendo a luz matinal espalhada pela terra como se o Senhor a estivesse semeando. Porém, com essa luz, Deus também semeia alegria, pois, quando caminhamos na luz, temos alegria no Senhor (16:11; Is 60:1-5). O povo de Deus passa por dias de escuridão, quando a vida não é fácil, mas sempre há sementes de luz e de alegria para nos acompanhar ao longo do caminho. Existe algum motivo para não nos regozijarmos agora?

SALMO 98

Foi neste salmo que Isaac Watts inspirou-se para seu conhecido hino "Povos, Cantai, Jesus Nasceu", considerado, quase sempre, uma canção de Natal, mas que pode ser descrito de modo mais preciso como um "hino do Reino". Watts descreve a segunda vinda

de Cristo, não seu primeiro advento; fala do reino messiânico, não da manjedoura. Os paralelos com o Salmo 96 são claros, mas os salmos não são idênticos. Este salmo foi escrito para louvar ao Senhor por uma grande vitória sobre os inimigos de Israel ("salvação", vv. 1-3), talvez a vitória dos medos e dos persas sobre a Babilônia (Dn 5) que possibilitou a volta dos exilados judeus a sua terra (Ed 1). Parte do vocabulário do salmo é semelhante à linguagem do profeta Isaías, que, nos capítulos 40 a 46 de seu livro, escreve sobre o êxodo dos judeus da Babilônia (44:23; 49:13; 51:3; 52:9, 10; 59:16; 63:5). Porém, o salmo também fala de um julgamento vindouro (vv. 7-9). O salmista vê na destruição da Babilônia antiga um retrato do julgamento de Deus sobre a Babilônia do fim dos tempos (Ap 17 - 18).

1. UMA SALVAÇÃO MARAVILHOSA (Sl 98:1-3)

Esta seção concentra-se no povo de Deus e na demonstração maravilhosa do poder do Senhor que o povo havia testemunhado, a qual, de tão magnífica, exigia deles um cântico novo (ver 33:3; 96:1). O retrato de Deus como guerreiro incomoda os que parecem esquecer que um Deus santo não pode se mostrar transigente com o pecado (ver 68:1-10; 77:16-19; e Êx 15:1, 2). A cruz declara não apenas o amor de Deus pelos pecadores (Rm 5:8), mas também que Deus abomina o pecado e se opõe a ele (Mt 12:22-30; Cl 2:15). Deus é Espírito (Jo 4:24) e, portanto, não é dotado de corpo, de modo que as referências a sua mão e a seu braço são apenas metafóricas (17:7; 18:35; 20:6; 44:3; 60:5; 77:10; Êx 15:6, 11, 12; Is 52:10; 59:16; 63:5). Aquilo que Deus fez por Israel foi um testemunho às nações gentias e uma vívida demonstração de sua fidelidade a sua aliança e de seu amor pelo povo escolhido. Sem dúvida, porém, o salmista volta os olhos para algo que vai além de uma vitória local, uma vez que escreve sobre o testemunho desse acontecimento às nações (v. 2), à terra (vv. 3, 4, 9) e ao mundo (vv. 7, 9). Tudo indica que este salmo aponta para a volta de Jesus Cristo (ver Is 52:1-10).

2. UMA CELEBRAÇÃO JUBILOSA (Sl 98:4-6)

Todas as nações da Terra são instadas a louvar ao Senhor com grande alegria por aquilo que ele fez por Israel, e a ênfase dessa seção é sobre o Rei (v. 6). Mais uma vez, vêm-nos à memória as palavras do profeta Isaías sobre o “êxodo” dos judeus da Babilônia (Is 14:7; 44:23; 49:13; 52:9; 54:1; 55:12). Porém, as exclamações em alta voz são apenas o começo, pois são seguidas de cânticos e de música instrumental. A música alta e o entusiasmo eram característicos do louvor em Israel (2 Cr 5:11-14; Ed 3:10-13; Ne 12:27-43).

3. UMA EXPECTATIVA GLORIOSA (Sl 98:7-9)

Em versículos anteriores, o salmista refere-se ao Senhor como Libertador e Rei, e agora o apresenta como o Juiz que, um dia, virá e tratará o mundo como fez com o reino da Babilônia. Vira Israel ser liberto do cativo (vv. 1-3) e ouvira as nações do mundo louvando ao Senhor (vv. 4-6). Agora, vislumbra toda a criação aguardar ansiosa a volta do Senhor, pois a segunda vinda de Cristo libertará a natureza da escravidão do pecado decorrente da queda de Adão (Rm 8:18-25). As ondas do mar batendo na praia soam, para ele, como uma oração ao Senhor, e o fluir de um rio, como aplauso em resposta à proclamação: “O Rei está chegando!” O vento passando pelas montanhas é como um cântico de louvor (ver Is 55:12). A natureza toda se une para cantar: “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20). Chegará um dia em que todas as injustiças serão reparadas e todos os pecados serão julgados, e o Juiz trará justiça e equidade a toda a Terra.

SALMO 99

Este é o sexto dos “salmos reais” (93, 95 - 100), sendo que todos eles engrandecem o governo soberano do Rei Jeová. Como os Salmos 93 e 97, este salmo também começa com as palavras “Reina o SENHOR” e enfatiza que Jeová é exaltado sobre todas as nações (v. 2), não apenas sobre Israel. O salmista descreve o trono do Senhor e incentiva o

povo a exaltar o Senhor em sua adoração (vv. 5, 9).

1. UM TRONO MAGNÍFICO (Sl 99:1-3)

Jeová está assentado em seu trono no céu (9:11; 110:2; 146:10), mas no tempo do salmista, também estava entronizado no propiciatório da arca, no Santo dos Santos do santuário sobre o monte Sião (ver 80:1; 1 Sm 4:4; 2 Sm 6:2; 2 Rs 19:15 [Is 37:16]; 1 Cr 13:6). Era lá que a glória de Deus habitava, e, de lá, Deus falava a Moisés e governava a nação de Israel (Nm 7:89). Deus escolheu os israelitas como seu instrumento para testemunhar às nações gentias sobre o verdadeiro Deus vivo; e Deus escolheu o monte Sião para ser sua habitação. Tanto o profeta Isaías (Is 6) como Ezequiel (Ez 1) viram o trono celestial. O nome SENHOR é usado sete vezes neste salmo, pois Deus fez sua aliança somente com Israel, seu povo especial. “Porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Ao ver o que Deus havia feito por Israel, os gentios deveriam ter estremecido de temor e depositado nele sua confiança (96:9; 114:7). O trono de Deus é magnífico, pois Deus é santo (Lv 11:44, 45; 1 Pe 1:15, 16). “O Santo de Israel” é uma designação usada trinta vezes no Livro de Isaías. O termo “santo” significa “separado, colocado à parte, totalmente diferente”. A natureza de Deus é “inteiramente distinta”, e, no entanto, ele está disposto a habitar no meio de seu povo e a suprir suas necessidades (observe a repetição de “é santo” [vv. 3, 5, 9]; ver também Is 6:3).

2. UM TRONO JUSTO (Sl 99:4, 5)

O Senhor governava sobre o povo de Israel por meio dos reis da dinastia de Davi (Dt 17:14-20). Ele é perfeitamente reto em seu caráter e justo em seu proceder e desejava que o trono de Israel também fosse justo. Um líder que ama a justiça tem as forças necessárias para obedecer à Palavra de Deus e procura agradar ao Senhor. Romanos 13 diz que as autoridades públicas são ministros de Deus, não apenas funcionários do governo. Nas Escrituras, os termos “escabelo” ou “estrado” para os pés (v. 5) podem se

referir à arca da aliança (1 Cr 28:2), ao santuário de Deus (132:7; Is 60:13; Ez 43:7), à cidade de Jerusalém (Lm 2:1) ou mesmo à Terra como planeta (Is 66:1; Mt 5:35). O trono de Salomão tinha um estrado feito de ouro (2 Cr 9:18), em que os visitantes se ajoelhavam em sinal de reverência ao rei. O santuário no monte Sião era o lugar onde Deus havia escolhido habitar, a arca no santuário era seu trono, de modo que os peregrinos israelitas dirigiam-se a Jerusalém, a fim de adorar junto ao “escabelo” do Senhor. Observe que o versículo 5 é o versículo central do salmo e enfatiza seus três temas principais: a santidade de Deus, nosso privilégio e nossa responsabilidade de adorá-lo e exaltá-lo (ver vv. 3 e 9).

3. UM TRONO DE GRAÇA (Sl 99:6-9)

Ninguém poderia aproximar-se do trono do rei da Pérsia a menos que ele erguesse seu cetro e desse permissão (Et 4:10, 11), mas todos os filhos de Deus têm livre acesso ao seu trono por meio de Jesus Cristo (Hb 10:19-25). Na antiga aliança, Deus provia sacerdotes que ministravam no altar e atuavam como mediadores entre seu povo necessitado e o Senhor, mas, nos dias de hoje, Jesus Cristo é o Mediador (1 Tm 2:5) que intercede por nós em todo tempo (Rm 8:34; Hb 7:25). Para o pecador, o trono de Deus é um trono de julgamento, mas para aquele que crê, é um trono de graça (Hb 4:14-16), e podemos nos aproximar dele não só com adoração e louvor, mas também com nossos fardos e necessidades.

Em várias ocasiões, Moisés, Arão e Samuel tiveram de interceder pelo povo desobediente de Israel, e o Senhor os ouviu e lhes respondeu (Êx 17:1; 32 - 33; Nm 14:11-38; 16:48; 1 Sm 7, 12). Deus chamou Moisés e Samuel de grandes homens de oração (Jr 15:1). O ministério da graça de Deus a seu povo da antiga aliança ainda está à disposição de sua família da nova aliança: ele nos fala por meio de sua Palavra (Êx 33:9; Nm 12:5, 6; 1 Sm 3:3), ouve nossas orações e lhes responde, nos disciplina quando pecamos e nos perdoa quando confessamos nossos pecados (1 Jo 1:9). Quantas vezes o

Senhor perdoou Israel e lhe deu uma nova chance de servi-lo! (103:13-18). No santuário de Deus, o trono e o altar não ficavam longe um do outro (ver Is 6:1-7).

Que devemos fazer diante de um Deus como esse, que se assenta num trono assim? Devemos adorá-lo (vv. 5, 9), louvá-lo e exaltá-lo (vv. 3, 5, 9) e lembrar que ele é santo (vv. 3, 5, 9). Devemos orar a ele e procurar glorificar seu nome com nossa obediência e serviço. O salmo seguinte descreve tudo isso e constitui o ápice da série de “salmos reais”.

SALMO 100

Por séculos, os cristãos têm cantado a paráfrase de William Kethe deste salmo com a melodia da canção “Old Hundredth”. Escrita em 1561, a letra resume a mensagem do salmo e ajuda o adorador a dar graças ao Senhor. Por vezes, a tradicional “Doxologia” (A Deus supremo Criador, /Vós, anjos e homens, dai louvor; /A Deus, o Filho, a Deus, o Pai, a Deus, Espírito, glória dai), de Thomas Ken, é cantada como a última estrofe desse cântico. Este salmo, que serviu de inspiração para tantos hinos, é um clímax apropriado para a coleção de “salmos reais” (93, 95 - 100). Resume sua ênfase sobre o governo soberano de Deus, a bondade para com seu povo, a responsabilidade das nações em reconhecê-lo e a importância do povo de Deus de exaltar e adorar a seu Rei (ver 95:1, 2, 6, 7).

Efésios 5:18 nos admoesta a buscar uma vida cheia do Espírito Santo, o que é comprovado por nossa alegria (5:19), gratidão (5:20) e submissão (5:21 - 6:9). Em Colossenses 3:16-25, somos instruídos a buscar uma vida cheia da Palavra de Deus, demonstrada pela alegria (3:16), gratidão (3:17) e submissão (3:20-25). Essas características do cristão controlado pelo Espírito e pela Palavra de Deus - que, aliás, andam juntas - são apresentadas neste cântico maravilhoso de ação de graças.

1. ALEGRIA (Sl 100:1, 2)

É de se entender que o povo de Israel louvasse a Deus alegremente e a plenos pulmões (vv. 3, 5), mas o salmista convida todas as

nações da Terra a louvar ao Senhor. Trata-se de um tema que se repete nos “salmos reais” (97:1, 6; 98:2-4, 7; 99:1, 2), pois era responsabilidade de Israel apresentar o verdadeiro Deus vivo aos gentios. A Igreja recebeu a comissão de levar as boas novas a todo o mundo (Mt 28:18-20; Mc 16:15), e será um dia glorioso quando o povo de Deus, gente “de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7:9), se reunir diante do trono celestial. Porém, nosso louvor deve nos despertar para o serviço do Senhor, pois somente ele é o Deus verdadeiro (Dt 6:13; 10:12; Js 24:15-24). A adoração conduz ao serviço, e o verdadeiro serviço é uma forma de adoração. Se cantamos no Espírito e com entendimento, nossos cânticos são recebidos no céu como sacrifícios ao Senhor (Hb 13:15).

2. SUBMISSÃO (Sl 100:3)

O verbo “saber” significa “ter conhecimento adquirido pela experiência”. Também tem o sentido de “reconhecer”. Confessamos abertamente a outros aquilo que experimentamos no coração e damos testemunho de nosso Deus glorioso (ver 1 Rs 18:39). A oração: “foi ele quem nos fez” vai muito além do fato de termos sido criados por Deus, pois ele também criou as nações que não o conhecem. Significa “Jeová nos constituiu como uma nação, seu povo escolhido” (ver 95:6, 7; 149:2; Dt 32:6, 15; Is 29:23; 60:21). “Dele somos” liga a frase anterior à declaração seguinte: “Somos o seu povo” (ver Is 43:1). A imagem do povo de Deus como um rebanho de ovelhas aparece com frequência nas Escrituras (74:1; 77:20; 78:52; 79:13; 80:1; 95:7; Gn 48:15; 49:24; Nm 27:17; Is 40:11; Jo 10; 21:16, 17; Hb 13:20, 21; 1 Pe 2:25; 5:1-4). Este versículo é uma simples declaração de fé: Jeová é Deus, Criador, Redentor e Pastor, e nos sujeitamos a ele. As ovelhas que não são submissas ao pastor acabam se perdendo e correndo perigo.

3. GRATIDÃO (Sl 100:4, 5)

A precissão de adoradores chega às portas do santuário e irrompe em cânticos de louvor. Os fiéis louvam ao Senhor por sua bondade, misericórdia e fidelidade (ver paralelos em

106:1; 107:1; 118:1 e 136:1-3; ver também 1 Cr 16:34 e 2 Cr 5:13). “Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom” (34:8), e nos dá tudo o que é bom (85:12; Rm 8:28). O termo “fidelidade”, no versículo 5, é a forma hebraica da palavra *amém* e se refere ao caráter constante e confiável de Deus. É o mesmo termo usado em Êxodo 17:12 para descrever como as mãos de Moisés permaneceram “firmes” e traduzido em Gênesis 15:6 como “crer” (“firmar-se em”; literalmente, “dizer amém para o Senhor”; ver Dt 7:9 e 32:4). De geração em geração, o Senhor é digno de confiança (90:1; Êx 34:5-7). É importante observar que a forma como pais e mães adoram agora influencia a vida de seus filhos no futuro.

Quem é controlado pelo Espírito Santo de Deus e pela Palavra sagrada de Deus revela esse fato na maneira de adorar a Deus. Em vez de imitar o mundo, é levado pela Palavra e pelo Espírito a ter alegria no Senhor, e o mundo verá a diferença. Por fim, é preciso observar que um espírito de gratidão ajuda a superar pecados sobre os quais não falamos muito, mas que ainda assim invadem nossa vida com frequência: murmuração (v. 1), idolatria (v. 2), orgulho (v. 3) e ingratidão (v. 4). Quando nossos primeiros antepassados tornaram-se ingratos, a raça humana entrou em decadência, rumando direto para o pecado e para o julgamento (Rm 1:18-32; observar o v. 21). Em vez de ser gratos pelo que possuíam, Adão e Eva creram na mentira de Satanás de que o Senhor lhes negara certas coisas (Gn 3:1 - “toda árvore”), o que, por sua vez, os levou a pecar. Um espírito grato é um espírito triunfante.

SALMO 101

Quando Davi subiu ao trono, primeiro em Hebrom e depois em Judá, herdou uma terra dividida e um povo desanimado, cuja vida espiritual encontrava-se extremamente decaída. Asafe descreve essa situação em 78:56-72 e afirma que Davi foi a solução de Deus para o problema de Israel. A ascensão e queda de todas as coisas deve-se à liderança, porém muitos oficiais de Saul eram bajuladores incapazes de trabalhar com um homem como Davi. Uma vez que

Davi encontrava-se estabelecido no trono em Jerusalém, sentiu um desejo ardente de levar a arca de Deus de volta ao santuário, de modo que o trono de Deus pudesse estar próximo de seu trono. A pergunta: “Quando virás ter comigo?” reflete esse desejo. A arca havia passado vários anos na casa de Abinadabe (1 Sm 6:1 - 7:2) e, posteriormente, na casa de Obede-Edom, depois da tentativa frustrada de Davi de mudá-la de lugar (2 Sm 6:1-11). É bem provável que este salmo de consagração tenha sido escrito no começo do reinado de Davi em Jerusalém. Podemos chamá-lo, devidamente, de “Curso Básico de Liderança”, pois nele Davi descreve os elementos essenciais para uma liderança bem-sucedida na obra do Senhor.

1. DEDICAÇÃO AO SENHOR (Sl 101:1, 2)

O rei de Israel era o representante de Deus na terra, e se esperava que governasse segundo as prescrições divinas (Dt 17:14-20; e ver 2 Rs 23:1-3). A ênfase desta passagem é sobre o coração, pois o cerne da liderança é a dedicação do líder ao Senhor. Essa dedicação redundava numa vida irrepreensível, que busca exclusivamente glorificar a Deus. Davi estava decidido a ser um líder assim e começa o salmo com a declaração de que fará algo (“Cantarei”), afirmando em mais oito ocasiões o que pretende fazer. Deixa claro que não deve haver separação alguma entre a vida pessoal do líder e sua vida oficial, entre a esfera privada e a pública. Davi desejava que seu reino fosse caracterizado pela misericórdia e a justiça, pois é desse modo que Deus governa o mundo (89:14; Is 16:5).

Percorrer o “caminho da perfeição” não significa ser “impecável”, pois, como todos nós, Davi foi um pecador. Porém, ao contrário de Davi, o relato de nossos pecados não foi escrito para o mundo inteiro ler! Essa “perfeição” é outra forma de expressar a idéia de integridade, o desenvolvimento do coração e da mente que não se mostram doubles (15:2; 18:23, 25; 26:1, 11; 78:70-72; 86:11; Gn 6:9; 17:1). Sejam líderes ou não, os cristãos de hoje devem ter integridade (119:1; Mt 5:8; Ef 1:4; Fp 1:10; 2:15). Crer é viver sem

tramar, e o caminho da fé é o “caminho da perfeição” (v. 2). Davi prometeu viver no temor do Senhor em sua “casa” (palácio) e ter uma administração caracterizada pela misericórdia, justiça e integridade.

2. DISCERNIMENTO (Sl 101:3-5)

Davi passa do coração do líder para o coração dos pecadores (vv. 4, 5), enfatizando os olhos do líder e aquilo que ele vê (vv. 3, 5, 6, 7 [“não permanecerá ante os meus olhos”]). O coração e os olhos funcionam juntos, pois os olhos buscam e encontram aquilo que o coração preza (Ec 2:10; Jr 22:17). Essa seção é paralela ao Salmo 15, no qual Davi descreve o adorador ideal que Deus recebe de braços abertos em sua morada. Davi não queria em sua família oficial pessoa alguma que não estivesse caminhando com o Senhor. A declaração: “Não porei coisa injusta diante dos meus olhos” (v. 3a) vai além da contemplação de coisas indignas ou da “concupiscência dos olhos” (1 Jo 2:16). Trata-se de ter alvos desprezíveis e de procurar alcançá-los. Com a ajuda de Deus, os líderes devem determinar para si mesmos os melhores alvos possíveis, pois é sua perspectiva que determina os resultados. O líder espiritual não define apenas os melhores alvos, mas também usa os melhores métodos para alcançá-los (v. 3b). Aqueles que “se desviam” são os apóstatas, que deixam os caminhos de Deus a fim de seguir os próprios caminhos e os caminhos do mundo. Os olhos de Davi estavam à procura de fiéis (v. 6), não de apóstatas. Um “coração perverso” é um coração corrupto, que não se encontra dentro da vontade de Deus (Pv 3:32; 6:16-19; 11:20) e que se traduz numa língua enganosa (v. 7; Mt 12:34, 35; ver Pv 17:20). O termo traduzido por “soberbo”, no versículo 5, quer dizer “amplo, expandido” e descreve pessoas cheias de si mesmas. É importante que os líderes cultivem a humildade e liderem como servos, não como ditadores.

3. DETERMINAÇÃO (Sl 101:6-8)

Passamos do coração do líder para seus olhos, e agora vemos sua vontade. As repetidas declarações daquilo que fará mostram a

firme determinação de Davi em ser bem-sucedido em seu serviço a Deus e a seu povo e de ser um homem resoluto. Não criaria pretextos nem adiaría suas decisões. Sabia, porém, que algumas decisões seriam difíceis de tomar e mais difíceis ainda de colocar em prática. Desejava andar na companhia daqueles que não eram contaminados pelo pecado, que viviam de modo irrepreensível e que tratavam os outros com justiça. Davi sabia que nenhum rei podia construir um governo duradouro pobre mentiras (31:5; 43:3; 57:10). Uma das armas do diabo é o engano, e sempre que uma mentira entra em cena, Satanás põe-se a trabalhar (2 Co 11:1-3). Era comum os reis do Oriente irem à porta da cidade pela manhã a fim de julgar as causas do povo (2 Sm 15:1, 2; Jr 21:12), de modo que Davi promete ouvir essas causas com paciência, refletir sobre elas com cuidado e, então, julgá-las com sabedoria. Promete também que Deus castigará os transgressores de acordo com a lei divina, calando os mentirosos e expulsando dali os perversos. Jerusalém era conhecida como a “cidade de Deus” (46:4; 48:1), a “cidade do grande Rei” (48:2), e era a cidade que Deus mais amava (87:1-3), de modo que Davi não desejava difamá-la.

Davi conseguiu manter os padrões elevados dessa declaração? Apenas em parte. Mas que líder além de Jesus Cristo foi capaz de manter um procedimento irrepreensível? Davi falhou com a própria família. Seu pecado com Bate-Seba foi um péssimo exemplo para seus filhos e filhas (2 Sm 11 - 12). Davi também errou ao não disciplinar Amnom e Absalão por seus pecados (2 Sm 13 - 15). Teve problemas com seus generais, Joabe e Abisai, e foi traído por Aitofel, seu conselheiro de confiança. No entanto, Davi reinou durante quarenta anos e, nesse tempo, expandiu as fronteiras do reino, derrotou os inimigos de Israel, juntou os recursos necessários para a construção do templo, escreveu os salmos e estabeleceu a dinastia que, no devido tempo, trouxe Jesus Cristo ao mundo. Como nós, teve suas fraquezas e falhas, mas, acima de tudo, procurou honrar ao Senhor e ser um bom líder. Jerusalém é conhecida como a “cidade de Davi”, e Jesus

é chamado de “Filho de Davi”. Pode haver elogio maior?

SALMO 102

Trata-se de um salmo penitencial (ver 6) e também messiânico (vv. 25-27 = Hb 1:10-12). É bem provável que o autor anônimo o tenha escrito depois da destruição de Jerusalém (vv. 8, 14, 16), por volta da época em que estavam prestes a se cumprir os setenta anos de cativeiro profetizados por Jeremias (v. 13; Jr 25:11, 12; 29:10; ver Dn 9:2). De acordo com o sobrescrito, o salmista estava se sentindo angustiado, fraco (61:2; 77:3; 142:3; 143:4) e ansioso para apresentar sua queixa (“súplica”) ao Senhor. Gemia de aflição (vv. 2, 5) e chorava pelas ruínas de Jerusalém (v. 9). Sua oração de abertura, nos versículos 1 e 2, lança mão de vários outros salmos, oferecendo-nos um exemplo do que significa orar de acordo com a Palavra do Senhor (ver 18:16; 27:9; 31:2; 37:20; 59:16; 69:17; 88:2). Ao enfrentar as crises que surgem em nossa vida e tratar delas, devemos ter sempre em mente três certezas.

1. AS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA MUDAM (Sl 102:1-11)

Quanto mais tempo vivemos, mais provas temos de que as coisas mudam. O filósofo grego Heráclito escreveu: “Não há nada permanente, a não ser a mudança”, uma declaração que John F. Kennedy parafraseou como: “Tudo muda, menos a mudança em si”. Existem as mudanças normais da vida, desde o nascimento, passando pela maturidade e até a morte. Mas há, também, mudanças providenciais promovidas por Deus para nosso bem e para a glória dele. Vários líderes do povo de Deus, no tempo do profeta Jeremias, acreditavam que Deus jamais permitiria que Judá fosse capturado e que Jerusalém e o templo fossem destruídos (Jr 7), mas foi exatamente o que o exército da Babilônia fez. Além disso, os conquistadores também levaram prisioneiros para a Babilônia, deixando para trás apenas os mais pobres do povo, a fim de cuidar da terra. Em decorrência de sua rebelião contra a lei de Deus, Israel ficou sem rei, sem sacerdócio, sem templo e sem

sacrifícios. Em vez de ver a face do Senhor resplandecendo sobre eles (Nm 6:25), viram-na voltando-se para o outro lado em julgamento (27:9; 59:17; Gn 43:3, 5; Dt 31:17, 18).

Quer estejamos sofrendo em função de nossos pecados, ou de nossa fidelidade ao Senhor, quer simplesmente porque precisamos nos preparar melhor para servi-lo, essas mudanças não são agradáveis. O salmista relata sua situação pessoal numa série de retratos vívidos. Sentia-se como um homem numa fornalha, pois seus dias eram vazios e efêmeros como a fumaça e seu corpo queimava de febre (31:10; 32:3; 42:10). Seu coração era como a relva cortada que logo seca (vv. 4, 9; 90:4, 5; Jó 19:20; Lm 4:8), causando-lhe tanta dor que esquecia de se alimentar. Quando o fazia, a comida tinha gosto de cinzas e sua bebida era como lágrimas (v. 9; 42:3; 80:5; Lm 3:16). Assim, tornou-se um esqueleto vivo que não fazia outra coisa senão gemer por causa de sua situação miserável (v. 5). Ele se compara a aves imundas (Lv 11:17, 18) que viviam solitárias no meio das ruínas da cidade. Passava as noites em claro, um homem solitário como um pardal que perdeu a companheira e que pia lamentosamente nos telhados. Os oficiais inimigos não mostravam compaixão alguma, usando o nome do salmista em suas maldições (v. 8). Era como se a mão de Deus o tivesse lançado no monte de lixo, como um resto indesejado (v. 10; 51:11; 71:9; 147:17; Is 22:17, 18). Sua vida mudava a cada instante, como as sombras da tarde enquanto o Sol se põe, *mas seus dias não tinham qualquer significado*. Logo vinha a escuridão e a noite longa e repleta de angústia (ver Dt 28:66, 67).

Um dos primeiros passos para encontrar a paz interior e a vitória é aceitar o fato de que haverá mudanças na vida; nossa reação determinará o que essas mudanças farão em nós e por nós. O salmista responde voltando-se para o Senhor em busca de socorro.

2. A ALIANÇA DE DEUS NÃO MUDA (Sl 102:12-22)

As palavras “Tu, porém, SENHOR” marcam uma transição na perspectiva do salmista, na qual ele deixa de olhar para si mesmo e para seus

problemas e passa a contemplar, pela fé, o Senhor entronizado no céu (ver 93:2; 97:2; 99:1; 113:5; Lm 5:19). O trono de Davi não existia mais e só seria reivindicado quando viesse ao mundo o Filho de Davi (Lc 1:30-33), mas o trono celeste de Deus permanecia inabalável. Judá e Jerusalém haviam sido envergonhados, mas “a memória do teu nome [de Deus]” não mudaria. Um dia, as nações respeitarão esse nome (v. 15) e o louvarão na nova cidade de Jerusalém (v. 21). De geração em geração, o povo de Deus havia ouvido e reverenciado esse nome. O Senhor jamais havia falhado com seu povo, mas ele lhe foi infiel. Fizera uma aliança maravilhosa com seu povo (Lv 25 - 26; Dt 28 - 30) e não a havia alterado. Se o povo obedecesse à sua lei, Deus os abençoaria; mas, se desobedecessem e se entregassem à idolatria, o Senhor os disciplinaria. Quer fosse pela bênção, quer pela disciplina, o Senhor lhes mostraria seu amor e sua fidelidade.

O salmista está certo de que Deus se levantará para salvar Sião, pois é hora de suas promessas se cumprirem (Jr 25:11,12; 29:10). Além disso, o Senhor amava Sião mais do que o povo de Judá estimava sua capital, e eles reverenciavam até mesmo o pó e as pedras de Jerusalém! (ver 46:4; 48; 69:35, 36; 87:1-5; 132:13; 137). A restauração de Sião redundará em glória para o Senhor (vv. 15, 16, 21, 22) e envolve a salvação das nações gentias. A libertação dos exilados judeus da Babilônia e sua volta a Judá foi um testemunho para as nações vizinhas de que Jeová estava assentado em seu trono dirigindo o destino de seu povo. E quanto às futuras gerações em Israel? A aliança do Senhor inclui todas elas, e Deus cumprirá sua parte do pacto (vv. 18, 28). A compaixão de Deus, sua aliança, sua glória e seu povo, tudo isso faz parte do futuro de Jerusalém! Nas palavras de Alexander Maclaren: “Enquanto o Deus de Sião viver, Sião não morrerá”. Sem dúvida, o Senhor cumprirá suas promessas, e sua glória voltará a Sião (Ez 40 - 48). Ele ouve as orações de seu povo e, um dia, lhes responderá. Israel e as nações gentias se reunirão e, juntas, adorarão ao Senhor (vv. 21, 22; Is 2:1-4).

3. O CARÁTER DE DEUS NÃO MUDA (Sl 102:23-28)

O salmista teme morrer na meia-idade sem ver a restauração de Judá, de Jerusalém e do templo (ver Is 38:10). O Deus eterno permanecerá para sempre, mas os frágeis seres humanos têm apenas alguns breves momentos aqui na terra (90:1-12). Esta passagem (vv. 25-27) é citada em Hebreus 1:10-12 e aplicada a Jesus Cristo, lembrando que nele essa promessa se cumprirá. Ele é Deus e é o mesmo de geração em geração (Hb 13:5-8). Os líderes passam, as cidades e construções aparecem e desaparecem, mas o Senhor é o mesmo e jamais deixa seu trono. A eternidade de Deus lembra nossa fragilidade e o caráter transitório de nossa vida, mas também que suas promessas e propósitos se cumprirão. O salmista encerra sua oração lembrando das gerações futuras, pois, apesar de não ter visto sua oração atendida em seus dias, sabia que a resposta viria. Que possamos, hoje, nos preocupar com a obra de Deus na terra e com as gerações futuras que o servirão quando não estivermos mais aqui! Que outros no futuro não tenham de sofrer porque não fomos fiéis!

SALMO 103

Os quatro salmos que encerram o Livro IV do Livro de Salmos (90 - 106) enfatizam o louvor ao Senhor por diversos motivos: seus benefícios para o seu povo (103), seu cuidado com a criação (104), seus grandes feitos em favor de Israel (105) e a longanimidade para com a rebelião de seu povo (106). O Salmo 103 não apresenta nenhum pedido, dedicando-se exclusivamente a louvar ao Senhor. Ao estudar este cântico, devemos nos lembrar de que as bênçãos concedidas por Deus a Israel dependiam de sua obediência à aliança (vv. 17, 18), e os cristãos também devem obedecer à vontade de Deus, a fim de desfrutar aquilo que o Senhor tem de melhor para eles (2 Co 6:14 - 7:1). O salmo admoesta, ainda, a não esquecer as bênçãos depois de tê-las recebido e desfrutado. "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1 Ts 5:18). Davi começa com o louvor individual

e pessoal (vv. 1-6), passa, em seguida, ao louvor nacional (6-19), concluindo, então, com o louvor universal (vv. 20-22).

1. O LOUVOR PESSOAL AO SENHOR (Sl 103:1-5)

"Bendizer" ao Senhor significa alegrar o coração do Senhor expressando amor e gratidão por tudo o que ele é e tudo o que ele faz. Os pais se alegram quando seus filhos lhes agradecem e os amam, sem pedir coisa alguma. O verdadeiro louvor vem de um coração grato, que tem o desejo sincero de glorificar e agradar ao Senhor. A oração "e tudo o que há em mim" indica que todo nosso ser interior está voltado para o Senhor - nosso coração, nossa alma, nossa mente e nossas forças (Mc 12:28-31). Também significa que estamos preparados para obedecer à vontade de Deus depois de concluirmos nosso louvor. Os pronomes indefinidos "tudo" e "todos(as)" aparecem pelo menos nove vezes neste salmo (1-3, 6, 19, 20, 21, 22), pois se trata de um convite a um compromisso total com Deus. É certo agradecer ao Senhor antes de comer, mas o povo de Israel também dava graças *depois* da refeição, como forma de lembrar que o Senhor havia provido seu alimento (Dt 8:7-20). Meus parentes suecos que emigraram para os Estados Unidos tinham esse costume. Em pelo menos catorze ocasiões no Livro de Deuteronômio, Moisés admoesta o povo a se lembrar de Deus e daquilo que o Senhor fez por seu povo e, em nove ocasiões, ele os adverte a não esquecer (ver Dt 32:18). A decadência nacional teve início quando a terceira geração de israelitas entrou em cena e esqueceu o Senhor (Jz 2:7 - 3:7).

Davi cita seis bênçãos especiais das mãos do Senhor (vv. 3-5): o perdão, a cura, a redenção, o amor, a satisfação e a renovação. O termo traduzido por "perdoar" é usado nas Escrituras somente com referência ao perdão que Deus concede aos pecadores (ver vv. 10-12). O termo para "iniquidade" descreve o pecado como algo corrupto e distorcido. Aqueles que aceitaram a Cristo receberam o perdão de Deus (Ef 1:7; Cl 1:14 e 2:13). Ao ler os Salmos 32 e 51, vemos que

Davi conhecia, por experiência própria, o perdão concedido por Deus em sua graça (ver também vv. 10-12). Deus pode curar todas as enfermidades (Mt 9:35), mas não tem obrigação alguma de fazê-lo. Paulo não pôde curar dois de seus amigos (Fp 2:25-30; 2 Tm 4:20), e, apesar de todo seu jejum e oração, Davi perdeu um filho recém-nascido (2 Sm 12:15-23). O corpo do cristão só será completamente liberto das fraquezas e enfermidades ao ser redimido e glorificado, quando Jesus Cristo voltar (Rm 8:18-23). Nas Escrituras, a enfermidade é, por vezes, usada como imagem do pecado, e a cura como um retrato da salvação (41:4; 147:3; Is 53:10; Lc 5:18-32; 1 Pe 2:23, 24).

O verbo “redimir” (v. 4) deve ter trazido à memória do povo seu livramento da escravidão no Egito no êxodo (Êx 12 - 15). Essa declaração descreve Deus salvando alguém prestes a cair numa cova, sendo que a “cova” é um símbolo do *sheol* (6:5; 16:10; 28:1), o reino dos mortos. O próprio Davi havia visto a morte de perto em várias ocasiões, de modo que talvez estivesse pensando, mais especificamente, numa morte prematura. Davi também tinha certo conhecimento dos paramentos reais, mas a coroa que usava jamais poderia ser comparada à misericórdia e compaixão de Deus. Esses atributos também aparecem nos versículos 8, 11, 13 e 17. Os cristãos devem “[reinar] em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo” (Rm 5:17; e ver Ap 1:1-6). Estamos assentados com Cristo nos “lugares celestiais” (Ef 2:1-7), e ele nos ajuda a “reinar em vida”.

Este mundo não oferece satisfação alguma; antes, nossa verdadeira satisfação está em Cristo, o Pão da Vida (Jo 6:33-40) e Bom Pastor que nos conduz a pastos verdejantes (23:2; ver 107:9 e 145:16). A tradução “farta de bens a tua velhice” não é inteiramente satisfatória, e alguns estudiosos acreditam que o termo “bens” refere-se a “duração” ou “anos”, indicando longevidade. Não importa quão longa seja nossa vida, Deus pode suprir todas as nossas necessidades e os anseios espirituais de nosso coração. No versículo 5, Davi não está se referindo a uma lenda sobre a renovação física da águia.

Como acontece com a maioria das aves, a águia também troca todas as penas e parece receber uma “prorrogação” de seu tempo de vida. Neste caso, porém, a imagem é do justo sendo fortalecido pelo Senhor, mesmo em sua velhice, e podendo “alçar vôo” como a águia (Is 40:31; ver 71:17, 18; 92:14; 2 Co 4:16-18).

2. O LOUVOR NACIONAL AO SENHOR (Sl 103:6-18)

Sem dúvida alguma, a nação de Israel era abençoada pelo Senhor e, portanto, via-se constrangida a expressar seu louvor e gratidão a ele. Jeová havia sido seu Libertador justo (v. 6), não apenas ao salvá-los do Egito, mas também ao longo de toda a sua história até então. Havia concedido a Davi inúmeras vitórias importantes no campo de batalha. Conduzira seu povo (v. 7) por meio da nuvem de glória, de sua Palavra e de seus profetas. As pessoas conheciam as obras de Deus, sabiam o que ele estava fazendo, porém Moisés conhecia os caminhos de Deus, por que ele fazia tais coisas. Moisés tinha um relacionamento íntimo com o Senhor e compreendia sua vontade. Jeová também havia sido o Salvador misericordioso e compassivo, perdoadando seu povo quando este pecou. Nos versículos 8 a 12, encontramos um resumo daquilo que Moisés aprendeu sobre Deus enquanto estava no Sinai (ver Êx 33:12, 13; 34:5-9; e ver Nm 14:18). Uma vez que é um Deus santo, irou-se com o pecado de seu povo, que, aliás, demonstrou forte propensão a se rebelar contra ele. Porém, em sua compaixão, ele os perdoou. Tal perdão só foi possível porque, um dia, o Filho de Deus morreria numa cruz por esses pecados (ver 86:15; Is 57:6). Os versículos 8 a 12 mostram um tribunal, no qual Deus é tanto o Juiz quando o Procurador. Tem todas as provas necessárias para nos condenar, mas não prolonga o julgamento. Tendo em vista que o Juiz é nosso Pai e que Jesus morreu por nossos pecados, o perdão total e gratuito encontra-se à disposição de todos os que o pedirem. Se Deus nos desse o castigo que merecemos, não teríamos esperança alguma (Ed 9:13). O castigo que nos é devido recaiu sobre Jesus (Is 53:4-6).

Davi olha para o alto e diz que o amor de Deus alcança os céus e vai além. Lembra a cerimônia anual do Dia da Expição (Lv 16), quando um bode era solto no deserto e, simbolicamente, levava sobre si para bem longe os pecados do povo de Israel (ver Jo 1:29). (Para outras descrições do perdão de Deus, ver Is 1:18; 38:17; 43:25; Jr 31:34.) No entanto, não podemos esquecer que não é o amor nem a compaixão de Deus que nos salva, mas sim sua graça (Ef 2:8-10), pois a graça é o amor que pagou um preço. Sem a morte de Cristo na cruz, não haveria perdão para nossos pecados. Por certo, Deus é um Pai amoroso, mas sua compaixão não é um sentimento superficial e piegas. Um Deus santo exige que sua lei seja cumprida, algo que somente seu Filho perfeito pode fazer (Rm 3:19-31). A raça humana é digna de salvação? Somos apenas relva que cresce e logo murcha e morre (vv. 15, 16; ver 37:2, 10, 36; 40:6-8; 90:6-8). Mas o Senhor conhece nossa “estrutura”, pois foi ele quem nos formou do pó (Gn 2:7) e cuidou de nós quando ainda estávamos no ventre de nossa mãe (139:13-16). Ele é um Deus eterno e deseja compartilhar conosco seu lar eterno. Que maravilhosa graça! Prometeu a seu povo que, se o temesse e guardasse seus preceitos, ele o abençoaria e também a seus descendentes (ver Dt 6:1-15). Os cristãos já foram abençoados “com toda sorte de bênção espiritual [...] em Cristo” (Ef 1:3), e quando cremos nele e obedecemos à sua vontade, ele supre todas as nossas necessidades.

3. O LOUVOR UNIVERSAL AO SENHOR (Sl 103:19-22)

Quando adoramos o Senhor Deus, adoramos o Rei do universo. O “SENHOR dos Exércitos” é soberano sobre todas as coisas que criou, inclusive as estrelas e os planetas (33:6; Is 40:26) e também os anjos (91:11; 2 Rs 6:17-20), servos dos santos (Hb 1:14). Quando era jovem, Davi confrontou o gigante Goliás dizendo: “Eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel” (1 Sm 17:45). O apóstolo João ouviu o enorme coro constituído

de toda a criação louvar ao Senhor (Ap 5:13), e, um dia, também cantaremos esse hino. Porém, o louvor final do salmo não vem dos anjos, mas sim de Davi, o salmista: “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR”. Afinal, homens e mulheres remidos têm mais motivos para louvar ao Senhor do que os anjos no céu e todas as galáxias do Universo.

Ninguém no inferno bendiz ao Senhor, mas toda criatura do céu não faz outra coisa senão bendizer ao Senhor. Nós, que estamos neste mundo, podemos ter um “céu na terra” ao nos juntar a eles expressando gratidão e bendizendo a nosso grande Deus. “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR!”

SALMO 104

Trata-se de um hino magnífico celebrando a glória do Criador e a grandeza extraordinária de sua criação. É possível que Paulo estivesse pensando neste salmo quando falou aos filósofos de Atenas (At 17:22-34, especialmente vv. 24-28), pois apresenta um Deus Criador e Sustentador de um mundo lindo e farto, o qual reflete sua glória (v. 31). Sem dúvida, o escritor deste salmo tinha em mente Gênesis 1 quando o escreveu, ainda que não tenha seguido em detalhes os seis dias da criação nem incluído a criação do homem e da mulher (ver vv. 14, 23). O salmista começa com a luz (v. 2; Gn 1:1-5) e prossegue com a separação entre as águas debaixo do firmamento e sobre o firmamento (vv. 2-4; Gn 1:6-8) e a separação entre a terra e a água (vv. 5-9; Gn 1:9, 10). Menciona, em seguida, a criação da vegetação (vv. 14-17; Gn 1:11-13), bem como a disposição do Sol e da Lua no céu (vv. 19-23; Gn 1:14-19) e a criação dos seres terrestres e marinhos (vv. 24, 25; Gn 1:20-28). O salmo declara que nosso Deus é extremamente grandioso (v. 1), sábio (v. 24) e generoso (v. 27). Apesar de a criação estar sofrendo a servidão decorrente da queda do homem (Rm 8:18-23), ainda vivemos em um Universo maravilhoso, cujo funcionamento é regido por leis divinamente ordenadas e tão extraordinárias que podemos enviar pessoas à Lua e trazê-las de volta! Quer os cientistas usem um telescópio, um microscópio ou um equipamento de

raios x, aquilo que vêem são as maravilhas da criação de Deus.

1. A GRANDIOSIDADE DE NOSSO DEUS (Sl 104:1-9)

O salmo começa com uma descrição de um Rei tão grandioso (95:3; Hb 3:4) que veste a luz como um manto (93:1; Is 59:17; 1 Jo 1:5; 1 Tm 6:16) e tem um palácio no céu, sobre as águas (Gn 1:7). Usa as nuvens como sua carruagem, e esta é impelida pelos ventos (18:7-15; 68:4; 77:16-19). Seus servos (os anjos, 148:8; Hb 1:7) trabalham de modo rápido e invisível como o vento e têm o mesmo poder assustador que as chamas do fogo. Esse Rei é tão grandioso que, para ele, criar os céus foi tão fácil quanto armar uma tenda (19:4; Is 40:22). Apesar de a Terra estar suspensa sobre o nada (Jó 26:7), permanece firme em seu lugar, como se descansasse sobre um alicerce inabalável (Jó 38:6). Quando esse Rei criou a Terra, ela estava envolta em águas, como se fossem seu manto (Gn 1:2, 6-10), mas com uma ordem dele, essas águas “fugiram” e “bateram em retirada”. Colocaram-se em seu devido lugar no planeta e não ousaram ir além dos limites estabelecidos (Jó 38:8-11; Jr 5:22). Por meio de toda essa atividade criadora, o Senhor revelou-se em seu poder e glória. “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (19:1). Dia e noite, as coisas visíveis da criação proclamam em alta voz aos habitantes da Terra que há um Deus, que ele é poderoso e sábio e que todos prestam contas a ele (Rm 1:18-32). Resta saber se as pessoas estão atentas.

2. A GENEROSIDADE DE NOSSO DEUS (Sl 104:10-23, 27-30)

Deus não deu corda no relógio da criação e deixou seu mecanismo correr até a corda acabar, pois o tempo verbal empregado aqui indica que Deus está trabalhando de modo constante, suprimindo as necessidades de suas criaturas. Observe a ênfase sobre a água, tanto das fontes (v. 10) quanto da chuva (v. 13), lembrando que a água é um bem precioso no Oriente Próximo. “Os montes” (v. 13) são uma referência às regiões mais elevadas, onde

crescem as lavouras de cereais (76:16; Dt 11:10-12). Deus não apenas provê água para a vegetação, mas também alimento para as aves e animais (vv. 14, 21, 27, 28), e as plantas e animais suprem o alimento necessário para os seres humanos. Deus usa o serviço dos agricultores e dos criadores de animais para prover esse alimento (v. 14; Gn 2:8-15; Êx 20:9), mas, em última análise, ele é o Provedor. O vinho, o azeite e o pão eram os alimentos básicos nos tempos bíblicos. O vinho era diluído em água, e a embriaguez era considerada inaceitável (Jz 9:13 e Ec 10:19). O vinho, o azeite e a água são símbolos do Espírito Santo (Ef 5:18; Jo 7:37-39; Zc 4:1-7), enquanto o pão se refere ao sustento provido pela Palavra de Deus (Mt 4:4). A natureza é repleta de verdades espirituais que Deus deixou gravadas em suas páginas.

Porém, sem os dias, as noites e as estações, a terra não poderia produzir – daí os louvores a Deus pelo Sol e pela Lua (ver Gn 1:14-19). O calendário religioso hebraico era elaborado em torno das estações do ano (Lv 23); também havia comemorações mensais especiais (Êx 12:2; Nm 10:10; 28:14; 1 Cr 23:31). Sem o ciclo de dia e noite e a seqüência das estações, a vida cessaria. “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu” (Ec 3:1). A criação toda se volta para o Senhor na expectativa de que ele supra suas necessidades (vv. 27-30), o que ele faz com muita generosidade. Porém, os seres humanos criados à imagem de Deus acreditam que podem “se virar” por sua própria conta. No entanto, Deus provê até o ar que respiramos, e, quando determina o momento de nossa respiração cessar, a vida chega ao fim (Gn 2:7; Ec 12:7). No primeiro dia da criação, o Espírito Santo movia-se sobre as águas (Gn 1:1, 2), e esse mesmo Espírito dá nova vida à criação quando o inverno termina (v. 30). O Espírito também provê a vida e o poder da Igreja, a “nova criação” de Deus. A humanidade aprendeu a controlar boa parte da natureza, mas as questões de vida ou morte ainda se encontram nas mãos de Deus. Como ele é generoso para com este mundo que o ignora e que raramente dá graças por suas dádivas

abundantes! (reflita sobre Jó 34:14,15; At 17:25-28; Cl 1:17).

3. A SABEDORIA DE NOSSO DEUS (Sl 104:24-35)

Quer estudemos as formas microscópicas de vida, invisíveis a olho nu, a fauna e a flora visíveis, a vida humana ou uma infinidade de coisas inanimadas, a diversidade da criação é absolutamente admirável. Deus poderia ter criado um mundo sem graça, sem cor, com uma única estação em toda parte, somente um tipo de cada planta e animal, seres humanos de aparência igual, sem sons musicais e com uma variedade mínima de alimentos... Mas não foi o que ele fez, e como somos gratos por isso! Somente um Deus sábio poderia ter planejado tantas coisas diferentes e somente um Deus poderoso seria capaz de fazê-las existir. “Cheia está a terra das tuas riquezas” (v. 24). O termo traduzido por “riquezas” significa “bens, propriedades” e lembra que foi Deus quem criou todas as coisas, que todas elas lhe pertencem e que ele tem o direito de nos dizer como usá-las. Deus quer que desfrutemos sua criação (1 Tm 6:17) e que a aproveitemos com sabedoria. Quando exploramos indevidamente este mundo maravilhoso, pecamos e esquecemos que somos apenas mordomos, não proprietários, e que, um dia, teremos de prestar contas de como empregamos esses recursos preciosos e insubstituíveis. Os monstros marinhos (baleias? Gn 1:21) brincam no oceano, e Deus se agrada deles! Porém, Deus não tem prazer algum em nos ver destruindo as obras de suas mãos só para ganhar dinheiro. A criação se regozija com o que o Senhor fez (v. 26), e a humanidade também deve se alegrar (v. 15). O povo de Deus, em especial, tem motivos para se alegrar (v. 34) – e o próprio Senhor se regozija com suas obras! (v. 31).

Sabendo de tudo isso sobre Deus e sua criação, temos sérias responsabilidades a cumprir, sendo que a primeira delas é *glorificar ao Senhor* (vv. 31, 32). A começar com nosso próprio corpo e mente, nossas aptidões e bens, devemos aceitar com gratidão tudo o que Deus nos deu, expressando sua

bondade e usando todas essas coisas para glorificar ao Senhor, não para nos satisfazer (Rm 12:1, 2; 1 Co 4:7). Em segundo lugar, devemos *louvar ao Senhor, o Criador*. Que dádiva maravilhosa é sua criação! Precisamos voltar a cantar hinos e a parafrasear os salmos que exaltam a Deus, o Criador. Quanto mais agradecermos a Deus, menos exploraremos indevidamente suas dádivas. Em terceiro lugar, devemos *meditar sobre a criação e nos regozijar nela* (v. 34). Estudar as ciências naturais é apenas “pensar a posteriori sobre aquilo que Deus já pensou”. Se os céus e a terra estão declarando a glória de Deus (19:1), então nós, salvos por sua graça, devemos glorificá-lo ainda mais! Por fim, devemos *orar pedindo a volta de Cristo* (v. 35), pois só então a maldição do pecado será retirada da criação (Rm 8:18-25). Devemos compartilhar o evangelho com os pecadores para que também possam dizer conosco: “Este é o mundo de meu Pai”.

SALMO 105

O Salmo 104 engrandece o Deus da criação, e o Salmo 106 magnifica o Deus que disciplina e perdoa seu povo, mas este salmo concentra-se no Deus da aliança (vv. 8-10), que realiza seus propósitos divinos na história humana. “Fazei conhecidos, entre os povos, os seus feitos” (vv. 1, 2, 5) – essa é a essência do salmo, referindo-se, obviamente, aos grandes feitos de Deus em favor de Israel (ver também 78; observar que 105:1-15 é adaptado em 1 Cr 16:8-22). O salmo não vai além da conquista de Canaã (v. 44) nem menciona a dinastia de Davi, o que indica que pode ter sido escrito depois do exílio na Babilônia, possivelmente por um dos levitas que voltaram a Judá com o remanescente do povo. O salmista vê a mão de Deus nos acontecimentos da história de Israel, exatamente o tipo de estímulo que o remanescente precisava em meio a suas muitas lutas. Ele os lembra de que são o povo escolhido de Deus e de que Deus faz tudo a seu tempo. Desde o Egito, o Senhor vinha revelando seu poder sobre as nações gentias e sempre cumprirá suas promessas. Lembrar dessas verdades pode ser um grande encorajamento para o

povo de Deus em qualquer momento da história! (v. 5).

1. OS PATRIARCAS – A ELEIÇÃO PELA GRAÇA DE DEUS (SL 105:1-15)

Como em 32:1, 2, o louvor jubiloso registrado nos versículos 1 a 5 é a resposta dos adoradores às verdades maravilhosas declaradas neste salmo. O nome “Jeová – SENHOR” é usado cinco vezes (vv. 1, 3, 4, 7, 19) e é o nome de Deus na aliança, o “santo nome” que Israel deve invocar (v. 1) e no qual deve se gloriar (v. 3) em sua adoração. Israel era o povo escolhido; Jeová não havia entrado em aliança com qualquer outra nação (147:20; Rm 9:1-5). Os versículos 1 a 5 apresentam dez orações imperativas (“buscai” é usado duas vezes no versículo 4) que chegam a seu ápice com “Lembrai-vos”, no versículo 5. Suas ações de graças, orações e cânticos eram um testemunho para as nações a seu redor e uma demonstração do poder e da glória do Senhor. Um Israel obediente deveria ser a “prova irrefutável” para as nações de que valia a pena conhecer o verdadeiro Deus vivo do povo israelita.

Em sua graça soberana, o Senhor escolheu Abraão (vv. 6, 9, 42) e fez aliança com ele (Gn 12:1-5; 15:9-21; At 7:1-8), válida para todos os descendentes físicos de Abraão bem como para os cristãos, filhos espirituais de Abraão (Lc 1:68-79; Gl 3:1-9, 29). Uma das promessas da aliança era a posse da terra de Canaã pelo povo de Israel (vv. 11, 42-44), e essa promessa foi repetida a Isaque, filho de Abraão (Gn 26:1-6), e a Jacó, neto de Abraão (Gn 28:13-17). Vemos, aqui, a graça eletiva de Deus, pois ele escolheu Isaque e não Ismael, e também Jacó e não Esaú (Rm 9:6-18). Essa aliança permanecerá para sempre (vv. 8-11; Dt 7:9). Mais uma vez, trata-se de um ato da graça do Senhor, pois nenhum dos patriarcas tinha o direito de reivindicar coisa alguma, assim como Deus não lhes devia coisa alguma. Eram nômades sem um lar – “estrangeiros e peregrinos sobre a terra” (Hb 11:8-16) – que dependiam do Senhor para protegê-los e guiá-los (Gn 34:30; Dt 7:6-11; 26:5). Mesmo quando falharam, o Senhor os protegeu

e até mesmo repreendeu reis em favor deles (Gn 12:10ss; 20; 26; 32 – 33). Deus é soberano e, apesar de não transformar os seres humanos em robôs, continua governando e prevalece quando desobedecem. Sua vontade se realizará e seus planos se cumprirão (vv. 8-11; 19, 42; 33:11).

2. JOSÉ – A PREPARAÇÃO PELA SABEDORIA DE DEUS (SL 105:16-25)

De acordo com o versículo 6, o povo judeu é constituído de descendentes de Abraão, o patriarca que creu em Deus e que recebeu a aliança, bem como dos filhos de Jacó, cujos descendentes formaram a nação de Israel. Deus havia prometido a José em sonhos que, um dia, seus irmãos se curvariam diante dele, mas não explicou de que maneira isso aconteceria. A inveja e uma briga de família levaram José para o Egito, onde preparou o caminho para seus parentes e os manteve vivos durante a terrível escassez de alimentos (Gn 45:55-57; 50:20). Porém, antes de se tornar o segundo no poder no Egito, José passou por grandes sofrimentos na prisão, uma vez que, dentro do sistema de Deus, o sofrimento precede a glória (1 Pe 5:10) e servir vem antes de governar (Mt 25:21). Porém, a Palavra que Deus deu a José cumpriu-se, e Jacó e sua família se mudaram de Canaã para o Egito (Gn 46, a “terra de Cam”; vv. 23, 27; 78:51; 106:22; Gn 10:6). Foi lá que o Senhor, em sua graça, transformou as setenta pessoas da família de Jacó em uma nação tão grande e poderosa que chegou a ameaçar a segurança do Egito. Por mais sombrios que sejam os dias, o Senhor sempre manda seus servos adiante para preparar o caminho. Deus permitiu que os egípcios perseguissem seu povo, pois o sofrimento é um dos segredos de uma vida abundante em frutos. Deus não forçou os egípcios a odiar os hebreus, assim como não obrigou o Faraó a endurecer seu coração. O Senhor dispôs as situações de modo que o Faraó e seus oficiais pudessem obedecer ou não à sua Palavra, e foi a própria desobediência repetida desses homens que endureceu ainda mais o coração deles. De acordo com o relato de Êxodo, o Faraó endureceu seu coração

(Êx 7:13, 14, 22; 8:15, 19, 32; 9:7, 34, 35; 13:15), mas Deus também o endureceu (4:21; 7:3; 9:12; 10:1, 20, 27; 11:10; 14:4, 8, 17). Deus enviou pragas, mas o Faraó não obedeceu. O mesmo sol que derrete o gelo endurece a argila.

3. MOISÉS – OS JULGAMENTOS PODEROSOS DE DEUS (Sl 105:26-41)

Mais uma vez, Deus tinha servos preparados para fazer Israel atravessar outra crise. As dez pragas foram uma demonstração do poder do Deus de Israel e também uma condenação dos deuses do Egito (Êx 12:12; 18:11; Nm 33:4). O Egito adorava o Sol, de modo que Deus enviou três dias de trevas. O rio Nilo era um Deus, de modo que Deus transformou sua água em sangue. Os egípcios veneravam mais de oitenta deuses e deusas, e nenhum deles foi capaz de livrar a terra da devastação das pragas, dos “juízos de seus lábios” (v. 5). Jeová mostrou como os falsos deuses dos egípcios eram impotentes.

O salmista começa sua lista com a praga das trevas (v. 28), que, na verdade, foi a nona praga. Em seguida, mantém a seqüência original: a água transformada em sangue, a invasão das rãs, moscas e piolhos. Deixa de fora a quinta e a sexta pragas – a morte dos rebanhos e as úlceras – e prossegue com o granizo, os gafanhotos e a morte dos primogênitos na noite de Páscoa. Que demonstração extraordinária do grande poder de Jeová! Assim, o povo de Israel deixou o Egito em triunfo, como um exército vitorioso carregando os espólios da batalha (v. 37; Êx 3:21, 22; 11:1-3; 12:36, 37; Gn 15:14). Essa riqueza foi o pagamento pelo serviço escravo que os hebreus prestaram durante tantos anos. Deus foi adiante de seu povo e o conduziu por meio de uma nuvem (78:14; Êx 13:21, 22; 14:19, 20), abriu o mar para que atravessasse e, em seguida, fechou as águas e afogou o exército egípcio. Por isso, essa noite deveria ser observada solenemente ao Senhor (Êx 12:42).

O Senhor não abandonou seu povo depois de libertá-lo, pois o havia tirado do Egito para levá-lo até a Terra Prometida (Dt 4:37, 38). Ele o conduziu pelo deserto, abrigou-o

do sol, alimentou com pão (maná) e carne e proveu água para saciar sua sede (ver Êx 16, 17 e Nm 20). “O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará” (23:1). A lembrança do livramento de Deus e de seu cuidado por seu povo deve ter dado coragem ao remanescente judeu quando voltaram para a terra de Judá, a fim de restabelecer a nação. Deus se lembra de sua aliança (v. 8), e o povo de Deus deve se lembrar do Senhor e daquilo que fez.

4. TODOS OS QUE CRÊM – A PROMESSA CONFIÁVEL DE DEUS (Sl 105:42-45)

O salmista passa do êxodo imediatamente para a conquista de Canaã. Não escreve coisa alguma sobre as faltas de Israel no Sinai (o bezerro de ouro), no deserto (freqüente murmuração) e em Cades-Barnéia (recusa em entrar na Terra Prometida). Afinal, o propósito do salmo é engrandecer as obras magníficas de Deus, não expor os grandes fracassos humanos. Deus cumpriu a promessa feita a Abraão e deu a terra a seus descendentes, ajudando Josué e seu exército a derrotar inimigos que os cercavam de todos os lados. O povo de Israel apropriou-se de sua herança, inclusive das riquezas tomadas dos habitantes anteriores – outro pagamento por seus serviços no Egito. “Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel; tudo se cumpriu” (Js 21:45, e ver 23:14; 1 Rs 8:56; Ne 9:8).

O povo de Deus não vive de explicações, mas sim de promessas, e “pela fé e longanimidade, herdamos as promessas” (Hb 6:12). Porém, para Israel, a fidelidade de Deus a suas promessas significava muito mais do que vitória sobre os inimigos e aquisição de riquezas. *Significava aceitar a responsabilidade de obedecer ao Deus que havia sido fiel a eles.* Antes de sua morte, Josué lembrou o povo do que o Senhor havia feito por eles e os admoestou a servir ao Senhor e a não se voltar para ídolos (Js 24:1-28). Quando pensamos em tudo o que o Senhor fez por nós, descobrimos que temos essa mesma obrigação.

SALMO 106

Depois de ler este salmo, podemos ser tentados a dizer: “Aqueles israelitas eram mesmo

um bando lamentável de pecadores!” Em vez disso, porém, devemos elogiar o salmista por revelar a verdade sobre seu povo. A maioria dos historiadores apresenta sua nação da melhor maneira possível, jogando a culpa de seus erros sobre outros povos, mas nosso salmista anônimo disse a verdade. “A história provará que estou certo”, disse Sir Winston Churchill, “especialmente porque eu mesmo vou escrever essa história”. Porém, o salmista também deve ser elogiado por se identificar com o povo em sua situação difícil e dizer: “Pecamos” e “Salva-nos” (vv. 6 e 47). Observamos que o Salmo 105 não diz coisa alguma sobre as faltas de Israel, mas essa omissão é reparada no Salmo 106. Porém, o propósito do salmo não é condenar Israel, e sim exaltar o Senhor por sua longanimidade e misericórdia para com seu povo. A fim de glorificar a Deus, o autor teve de contrastar as misericórdias do Senhor com a desobediência freqüente de Israel. É bem provável que o salmo tenha sido escrito depois do cativeiro na Babilônia, quando o povo judeu foi disperso e um remanescente voltou para a terra, a fim de reconstruir o templo e de restaurar a nação (vv. 44-47). Depois de expressar seu louvor ao Senhor (vv. 1-6), o autor fala de nove ofensas graves cometidas pela nação. Começa com o êxodo e termina com o cativeiro na Babilônia e, no centro da lista, coloca a rebelião de Israel em Cades-Barnéia. O salmista não apresenta esses acontecimentos organizados na ordem em que ocorreram, pois seu propósito não é ensinar cronologia, mas sim teologia.

1. UMA FÉ JUBILOSA (SL 106:1-6)

O salmo começa com um tom positivo de adoração e louvor. Antes de fazer uma retrospectiva das faltas de seu povo ou de olhar a seu redor e ver as ruínas do reino, o salmista volta os olhos para o alto e dá graças a Deus por sua bondade e misericórdia (vv. 1-3). Jeová havia sido misericordioso em tudo o que havia feito, e o escritor aceita a vontade de Deus como sendo justa e correta. Em seguida, passa do louvor à oração e pede que Deus o inclua nas bênçãos da restauração nacional (vv. 4, 5). Os profetas

havam prometido que o cativeiro terminaria e que o povo voltaria para sua terra e a reconstruiria, e o salmista acreditava nessas promessas. Porém, sua oração não foi egoísta, pois desejava que a nação toda prosperasse, se regozijasse no Senhor e louvasse seu nome. A oração chega a seu auge com a penitência, enquanto o autor confessa os próprios pecados e os pecados de seu povo (v. 6). É melhor dizer: “Pecamos, como nossos pais” do que “Nossos pais pecaram” (ver Ne 1:6; Dn 9:5, 8, 11 e 15; Lm 5:16). O salmista reivindica a promessa que o rei Salomão havia pedido a Deus para honrar na consagração do templo (1 Rs 8:46-53). Ao estudar este salmo, tem-se a impressão de estar assistindo a uma autópsia, mas a experiência será benéfica, se, como o salmista, nossos olhos forem mantidos fixos no Senhor da glória, contemplando sua bondade e fidelidade para com seu povo pecador.

2. COMEÇOS TRIUNFANTES (SL 106:7-12)

Esta passagem refere-se ao medo e à incredulidade dos hebreus no êxodo, quando se viram encurralados, tendo atrás deles o exército egípcio e, diante deles, o mar Vermelho (Êx 14:10-31). Havia testemunhado o poder extraordinário de Deus devastando o Egito com pragas, mas não creram que o Senhor seria capaz de livrá-los dos egípcios. Em vez de olharem para o alto, estavam olhando para trás, e em vez de caminharem pela fé, estavam se deixando levar pelas aparências. Preferiam a segurança da escravidão aos desafios da liberdade. Quando se viam numa situação que exigia fé, sua reação costumava ser: “Vamos voltar para o Egito!” No momento desesperador ao qual o salmista se refere, o povo de Israel não se lembrou da bondade de Deus nem de suas promessas e entrou em pânico. Porém, Deus os fez atravessar o mar a pés enxutos e destruiu inteiramente o exército inimigo que havia tentado segui-los. “Então, creram nas suas palavras e lhe cantaram louvor” (v. 12; ver Êx 15). Esse milagre, por si mesmo, deveria ter-lhes dado confiança em meio a todas as provações vindouras, mas não levaram o grande feito do

Senhor a sério nem entenderam os caminhos de Deus (78:42-51; 95:10; 103:7). Para Moisés, foi uma experiência de fé, que glorificou a Deus. Para o povo, porém, não passou de mais um acontecimento espetacular. Agiram como se fossem a platéia de uma apresentação, não os participantes de um milagre. Mas será que o povo de Deus é muito diferente hoje?

3. UM DECLÍNIO PERIGOSO (Sl 106:13-23)

A semente da incredulidade enterrada no coração do povo de Israel criou raízes e deu frutos amargos nos anos vindouros. Como escreveu George Morrison: "O Senhor tirou Israel do Egito em uma noite, mas levou quarenta anos para tirar o Egito de dentro de Israel". O povo foi lento para lembrar daquilo que Deus havia feito por eles no passado, mas não tardou em se precipitar e em desconsiderar a vontade de Deus. Não hesitou em deixar claro o que desejava: água (Êx 15:22-27), alimento (Êx 16) e carne (Nm 11:4-15, 31-35). "O que havemos de comer? O que havemos de beber?" (ver Mt 6:25ss). Deus proveu o maná diariamente ("o pão dos anjos", 78:25), água num oásis e, posteriormente, de uma rocha (Êx 17) e aves em quantidade suficiente para que todo o povo comesse carne. As pessoas que murmuram e que se queixam não vivem pela fé nas promessas de Deus (Fp 2:14, 15). Devemos resistir à tentação de nos entregar aos anseios da carne (1 Co 10:1-13).

A rebelião de Corá (Nm 16 - 17) ocorreu logo depois da apostasia de Israel em Cades-Barnéia, quando a nação se recusou a entrar na Terra Prometida. Por causa dessa crise, Corá juntou outros 250 rebeldes. Para isso, teve apenas de colocar a culpa em Moisés e de declarar que a nação precisava de uma nova liderança (desde então, os candidatos a cargos políticos vêm fazendo a mesma coisa). Corá era um levita da família de Coate, cujo privilégio era carregar os utensílios do tabernáculo. Porém, não se contentou com essa tarefa e quis servir junto ao altar como sacerdote (Nm 14:8-10). O orgulho e a ambição egoísta sempre causaram

problemas para o povo de Deus (Fp 2:1-11; Tg 4:1-10). Esses rebeldes opunham-se à vontade de Deus, pois o Senhor havia escolhido Moisés e Arão para liderarem a nação, de modo que o Senhor destruiu Corá e seus seguidores. Um elemento importante para o sucesso da obra do Senhor é o respeito pelos líderes escolhidos por Deus (Hb 13:7, 17).

A primeira transgressão do povo foi relacionada à "concupiscência da carne", enquanto a segunda demonstrou a "soberba da vida" (ver 1 Jo 2:15-17). A terceira falta, a adoração do bezerro de ouro (Êx 32; Dt 9:8-29), envolveu a "concupiscência dos olhos". Moisés estava com o Senhor no Sinai havia quarenta dias, e o povo de Israel começava a ficar irrequieto com a ausência de seu líder (mas quando Moisés permanecia com o povo, era alvo de sua crítica e oposição!). Apesar do que o Senhor havia lhes ensinado no Sinai, o povo de Israel quis um deus visível (Dt 4:12-19). Arão reuniu as jóias de ouro dos israelitas e, com elas, fez um bezerro de ouro que todo o povo pudesse ver e adorar, e, por fim, Moisés teve de interceder junto ao Senhor para que não derramasse sua fúria sobre o povo. Israel rejeitou o Deus eterno ("a glória do Deus incorruptível"; ver Rm 1:23), trocando-o por um pedaço de ouro confeccionado por mãos humanas, uma imagem que não podia ver, ouvir, falar nem agir! Mais uma vez, Israel se esqueceu daquilo que o Senhor havia feito por eles. O verbo "interpor" (v. 23) descreve um soldado que se coloca numa brecha do muro da cidade e impede que o inimigo entre por ali. Que retrato impressionante da oração intercessora! (Ez 22:30).

4. UM FRACASSO TRÁGICO (Sl 106:24-27)

Fazia cerca de dois anos que Israel havia saído do Egito quando o Senhor os conduziu até Cades-Barnéia, na fronteira com a Terra Prometida (Nm 13 - 14). Em vez de crer que Deus lhes daria a terra, o povo pediu a Moisés que nomeasse um comitê para investigar Canaã (Deus já havia feito isso para eles, Ez 20:6). No entanto, Israel não precisava de mais fatos, e sim de mais fé. Aquela era uma

“terra aprazível” (v. 24; Jr 3:19; 12:10) e uma “boa terra” (Dt 8:7-9), porém dez dos doze espias relataram que Canaã era uma terra perigosa, repleta de gigantes, cidades com muralhas altas e exércitos enormes. O povo voltou à sua atitude de sempre diante das crises e começou a chorar, a murmurar e a planejar sua volta ao Egito (Nm 14:1-10). O Senhor anunciou que todos com 20 anos ou mais de idade morreriam no deserto ao longo dos 38 anos subseqüentes e, em seguida, enviou uma praga que matou os dez espias incrédulos. Aquilo que deveria ter sido uma grande marcha de vitória triunfante, transformou-se numa trágica marcha fúnebre. É isso o que acontece quando queremos fazer as coisas a nossa maneira e nos recusamos a crer no Senhor e a lhe obedecer.

5. UMA DESOBEDIÊNCIA CUSTOSA (Sl 106:28-33)

Estes dois acontecimentos ocorreram no final da marcha de Israel pelo deserto e ilustram o alto preço da desobediência ao Senhor. Sua transgressão em Baal-Peor é descrita em Números 25, mas é recomendável ler Números 22 a 24, a fim de compreender o contexto. O rei de Moabe contratou o profeta Balaão para amaldiçoar a nação de Israel, mas Deus transformou suas maldições em bênçãos (Dt 23:5; Ne 13:2; ver 109:28). Porém, Balaão preparou uma armadilha para Israel: sugeriu ao rei que agisse como um bom vizinho e que convidasse os líderes das tribos de Israel a participar de um banquete com os moabitas. Seria, evidentemente, um banquete religioso, o que significava que os israelitas teriam de comer carne oferecida a demônios e aos mortos e coabitar com prostitutas cultuais. Mais uma vez, o povo de Deus entregou-se a seus desejos carnavais e provou a fúria de Deus, e 24 mil pessoas morreram (Nm 25:9). A praga poderia ter tirado mais vidas, se não fosse por Finéias, filho do sumo sacerdote, que matou um homem israelita e sua companheira moabita, enquanto pecavam sem qualquer pudor no acampamento de Israel. “Porque o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23; sobre o v. 30, ver Gn 15:6 e Rm 4).

Moisés foi responsável pela segunda manifestação de concupiscência ao cometer um pecado que não foi da carne, mas sim do espírito. O líder de Israel ensoberbecu-se e se irou de modo pecaminoso, tomando sobre si a glória que pertencia somente ao Senhor (Nm 20:1-13). Diante da provocação do povo, Moisés foi tomado de “soberba da vida” e, em decorrência disso, perdeu a cabeça e se dirigiu ao Senhor com palavras ríspidas e ofensivas (78:40; Is 63:10; 1 Jo 2:15-17). Esse pecado custou a Moisés o privilégio de liderar o povo para dentro da Terra Prometida (Dt 3:23-29). “Meribá” quer dizer “contenda” (ver Êx 17:1-7).

6. A REBELIÃO REPETIDA (Sl 106:34-46)

Em sua graça, Deus conduziu o povo a Canaã e lhe deu a vitória sobre as nações que ali viviam. As doze tribos tomaram posse de sua herança e se assentaram na terra para desfrutá-la e servir ao Senhor. Foram fiéis enquanto estiveram sob a liderança de Josué e, posteriormente, dos anciãos que ele havia escolhido e treinado. A terceira geração, porém, começou a fazer concessões e a servir os falsos deuses de seus inimigos derrotados (Jz 2:7-23). Os israelitas conheciam as estipulações da aliança que Moisés havia lhes dado (Lv 26; Dt 28 - 30), mas, ainda assim, desobedeceram. Em vez de destruir as sociedades ímpias das nações de Canaã, conforme Deus havia ordenado (Nm 33:50-56; Dt 7:12-26; 20:16-18), o povo de Israel foi, aos poucos, se acomodando aos costumes dessa gente para, depois, passar a imitá-los até nas práticas desumanas que profanavam a terra que Deus havia lhes dado (Lv 18:24-28; Nm 35:30-34; Dt 21:22, 23; Jr 3:1-10). Israel havia se “casado” com Jeová no Sinai, mas se prostituiu com ídolos e enristeceu o Senhor, atraindo sobre si sua disciplina. Deus permitiu que seis nações invadissem Israel e, por mais de cem anos, castigou seu povo na própria terra de Canaã. Quando clamavam por misericórdia, o Senhor os ouvia e levantava juizes para libertá-los de seus inimigos; porém, quando a nação recaía em idolatria, o ciclo se repetia. Em sua misericórdia, o

Senhor ouvia as súplicas de seu povo e o perdoava (Jz 3:9, 15; 4:3; 6:6, 7; 10:10; Lv 26:40-42), mas era uma situação que não poderia continuar indefinidamente.

7. A DISCIPLINA FINAL (Sl 106:47)

Em sua aliança, o Senhor advertiu que, se, mesmo depois de disciplinado, Israel continuasse a resistir e a desobedecer, tiraria o povo da terra e dispersaria os israelitas (Lv 26:27-39; Dt 28:48-68). Primeiro, o reino foi dividido entre as dez tribos de Israel (o reino do Norte) e as duas tribos de Benjamim e de Judá (o reino do Sul). Em 722 a.C., os assírios capturaram Israel e assimilaram as dez tribos a seu império. Em 606-586 a.C., os babilônios

invadiram Judá, destruíram Jerusalém e o templo e levaram a elite do povo para a Babilônia. O povo de Deus foi arrancado de sua "terra aprazível", sendo disperso entre as nações. Os medos e os persas conquistaram a Babilônia em 539 a.C. e, no ano seguinte, Ciro decretou que os judeus poderiam voltar a sua terra. Porém, a dinastia davídica não foi restaurada durante seu reinado. O salmista encerra com uma oração pedindo que, um dia, os filhos dispersos de Abraão, Isaque e Jacó fossem ajuntados outra vez, para que dessem louvores a Jeová e glorificassem seu nome.

O último versículo, escrito por um editor antigo, encerra o Livro Quatro de Salmos.

1. Hebreus 4:7 atribui este salmo a Davi.

LIVRO V

SALMOS 107 – 150

SALMO 107

A ênfase do Salmo 105 é sobre o êxodo de Israel do Egito, enquanto o Salmo 106 enfatiza o cuidado longânimo de Deus para com seu povo. Este salmo concentra-se na redenção oferecida pelo Senhor a sua nação que se encontra no cativeiro babilônio (vv. 2, 3). Apesar de as circunstâncias descritas neste salmo não serem incomuns, aplicam-se de maneira mais específica àquilo que o povo de Israel teve de suportar no cativeiro. O verbo “remir”, e suas variações, é usado com frequência em Isaías para descrever esse grande livramento (Is 35:9; 43:1; 44:22, 23; 48:20; 62:12). Observe os termos que descrevem a situação do povo: “mão do inimigo” e “adversidade” (vv. 2, 39), “angústia e tribulações” (vv. 6, 13, 19, 28), “aflição” (vv. 10, 17), “trabalho” (v. 12), “opressão” (vv. 39, 41) e “sofrimento” (v. 39). O salmista começa instando-nos a dar graças ao Senhor por sua bondade e misericórdia e encerra com uma exortação para sermos sábios e aprendermos com outras pessoas (v. 47). As pessoas descritas neste salmo precisavam da ajuda de Deus, quer por sua própria insensatez, quer por circunstâncias fora de seu controle, e, portanto, clamaram ao Senhor pedindo socorro. Cinco situações específicas são descritas envolvendo gente que perdeu algo de valor.

1. QUANDO SE PERDE O RUMO (Sl 107:4-9)

Era uma viagem longa da Babilônia a Judá, e não faltavam perigos pelo caminho, mas o Senhor levou seu povo de volta para casa em segurança (Ed 1 – 2; Is 41:14-20; 43:1-21).

Em meio a sua necessidade, o povo clamou ao Senhor (vv. 6, 13, 19, 28) e ele os tirou do cativeiro, guiou pelo deserto e os levou para sua terra, onde encontraram cidades para habitar. Durante a jornada, Deus lhes proveu água e comida (ver Lc 1:53; Jr 31:25). Sem dúvida, desejariam dar graças ao Senhor por tudo o que ele havia feito por eles (vv. 8, 15, 21, 31).

2. QUANDO SE PERDE A LIBERDADE (Sl 107:10-16)

Essas pessoas estavam presas (vv. 10, 14, 17), pois haviam se rebelado contra o Senhor; uma boa descrição do povo de Judá exilado na Babilônia (2 Cr 36:15-23). Havia transgredido a aliança com o Senhor, e ele teve de discipliná-los (Lv 26:33; Dt 28:47, 48). Deus usou Ciro, um rei pagão, para libertar seu povo (Is 45:1-7; observar também 45:2 e 107:16). Todo aquele que rejeita a mensagem de vida oferecida por Deus em Cristo é prisioneiro do pecado, e somente Jesus pode conceder a liberdade (Lc 1:79; 4:18ss).

3. QUANDO SE PERDE A SAÚDE (Sl 107:17-22)

Mais uma vez, vemos insensatos rebeldes que desobedeceram deliberadamente à lei de Deus e sofreram as conseqüências de sua insensatez. As “portas da morte” (v. 18) levavam ao *sheol*, o reino dos mortos (9:13; Jó 17:16; 38:17; Is 38:10). O Senhor ouviu seus clamores e os deteve nessas portas, permitindo que vivessem. Não mereciam essa bênção, mas assim é a misericórdia do Senhor. Nas Escrituras, a enfermidade é usada com frequência como retrato do pecado e de suas conseqüências dolorosas, mas nem toda doença é decorrente de algum pecado (Jo 9:1-3; 2 Co 12:7-10). Uma vez que o Senhor curou esses rebeldes arrependidos, deveriam louvá-lo, entoar-lhe cânticos e levar suas ofertas de ação de graças. No versículo 20, a Palavra de Deus é comparada a um remédio administrado por Deus para curar essa gente. Isso nos traz à memória as três pessoas que Jesus curou à distância: o servo do centurião (Mt 8:5-13), a menina endemoninhada

(Mt 15:21-28) e o filho do oficial do rei (Jo 4:46-54).

4. QUANDO SE PERDE A ESPERANÇA (Sl 107:23-32)

Para os exilados, estar longe de casa e viverem no cativeiro da Babilônia era como estar numa embarcação em meio a uma tempestade terrível (ver Is 54:11). O povo de Israel não era tão ligado ao mar como os fenícios, mas, ainda assim, Salomão promoveu um comércio marítimo bastante rentável (1 Rs 9:26-27). Nas duas imagens anteriores (vv. 10-22), as pessoas ficaram em dificuldades porque haviam pecado contra o Senhor, mas esses marinheiros não causaram a tempestade que quase os afogou. Trata-se de uma das descrições mais intensas de uma tempestade em alto-mar encontrada em qualquer obra da literatura. A tripulação havia usado, sem qualquer sucesso, todos os recursos que conhecia para salvar o navio e, por fim, clamaram ao Senhor pedindo socorro. Ele não apenas acalmou a tempestade (ver Lc 8:22-25), como também os guiou até o porto certo (Jo 6:21). Esse livramento maravilhoso deveria levar os marinheiros a agradecer ao Senhor pessoalmente, a exaltá-lo no culto no santuário e a dar testemunho aos líderes do povo. As ações de graças vão se propagando! Aos olhos de Deus, não existem situações desesperadoras, pois ele pode fazer o impossível. Ninguém além da tripulação e do Senhor testemunhou o milagre, de modo que cabia aos marinheiros agradecidos proclamar esse grande feito de Deus e dar glória ao Senhor.

5. QUANDO SE PERDE O LAR (Sl 107:33-43)

A abordagem muda nesta passagem, e a atenção volta-se para o Senhor, não mais para aqueles que se encontram em dificuldades. O Senhor pode transformar o jardim num deserto e o deserto num jardim (Is 35; 41:18; Dt 28:1-5). Deus pode julgar a terra em função da perversidade de seu povo (v. 34; ver Gn 19:24-28); também pode sarar a terra e abençoá-la em função da fé e da obediência de seu povo. Trata-se de uma parte de sua

relação de aliança com Israel (Dt 28:15, 22-24, 58, 59, 62, 63). Caso se faça necessário, o Senhor pode convocar exércitos estrangeiros, como a Babilônia, para invadir a terra, usando-os para disciplinar os líderes (vv. 39, 40; Jô 12:21, 24). Porém, seu propósito com isso não é destruir, mas sim purificar e, a seu tempo, restaurar as bênçãos sobre a terra e o povo (vv. 41, 42). O último parágrafo (vv. 39-42) traz à memória o cântico de Maria em Lucas 1:46-55.

O que devemos aprender com essas cinco imagens que retratam o poder e a misericórdia de Deus em ação? A ser sábios e a dar ouvidos à Palavra de Deus (v. 43; Os 14:9). Sem dúvida, Deus mostra seu amor e misericórdia para com os desobedientes que se arrependem e invocam seu nome, mas nosso Pai prefere compartilhar esse amor com filhos *obedientes*, que podem desfrutar ainda mais suas dádivas (2 Co 6:14 - 7:1).

SALMO 108

O líder do culto no santuário tomou os cinco primeiros versículos emprestados de 57:7-11, e os últimos oito, de 60:5-12 e, com eles, fez um novo salmo. (Para mais comentários, ver esses salmos.) A verdade de Deus pode ser adaptada a situações novas, e cânticos mais antigos podem se tornar um "cântico novo" quando novos desafios são superados com uma teologia imutável. O escritor começa com louvores ao Senhor (vv. 1-5) e, em seguida, lembra o Senhor de suas promessas de conquistar os inimigos de Israel e de lhes dar a terra (vv. 6-9). Encerra com uma oração pedindo a ajuda de Deus e com uma expressão de confiança no poder do Senhor (vv. 10-13). O louvor, a oração e as promessas formam uma combinação que pode ser encontrada com frequência nos salmos, um padrão que devemos imitar em nossa vida diária.

SALMO 109

Trata-se do último "salmo imprecatório", e alguns estudiosos o consideram o mais veemente (ver Sl 5). Este salmo é atribuído a Davi (At 1-20), mas deve ter sido escrito antes de sua ascensão ao trono, pois nenhum

rei teria obrigação de suportar esse tipo de tratamento da parte de um oficial (v. 8) da própria corte. Esse homem possuía aparência religiosa (v. 7), mas odiava Davi (vv. 3, 5), fez acusações falsas contra ele (vv. 1, 2, 4; ver Êx 23:6-8; Dt 19:15-21) e o amaldiçoou (vv. 17-19). As tentativas de Davi de pagar o mal com o bem não foram bem-sucedidas (vv. 4, 5), e o homem não demonstrou misericórdia alguma para com ele (v. 16). É possível que esse adversário fosse o próprio rei Saul, cuja vida Davi poupou em duas ocasiões, ou talvez fosse um dos oficiais mais importantes de Saul, que desejava agradar seu senhor. Se nos encontrássemos numa situação como essa de Davi, talvez fizéssemos a mesma oração! Havia injustiças terríveis na terra, e somente o Senhor poderia remover Saul e colocar no trono o rei legítimo de Israel. Em vez de se vingar, Davi colocou todo esse problema nas mãos do Senhor (Rm 12:17-21). O salmo é elaborado ao redor de três pedidos principais.

1. SENHOR, FAZE ALGUMA COISA! (Sl 109:1-5)

O silêncio de Deus indicava que o Senhor não estava respondendo às orações de Davi nem operando em favor dele (28:1; 35:22-24; 50:3; 83:1). Muitas vezes, clamamos ao Senhor, mas temos a impressão de que nada acontece. Davi lembrou o Senhor de que não orava somente quando precisava de ajuda, mas que também o louvava com frequência e lhe agradecia por suas misericórdias (“Ó Deus do meu louvor!”; ver versículo 30; 22:25; Dt 10:21; Jr 17:14). Deus estava calado, mas o inimigo falava sem qualquer reserva, proferindo palavras odiosas e mentirosas e acusando Davi de crimes que ele jamais havia cometido. É do termo traduzido por “acusador”, “contrários” ou “adversários” (vv. 6, 20, 29) que vem a palavra “Satanás”, um dos nomes do diabo (ver 38:20; 71:13; Jó 1 - 2; Zc 3). Satanás é o acusador (Ap 12:10) e o adversário dos cristãos (1 Pe 5:8) e usa pessoas para cumprir seus propósitos. Assim como Jesus Cristo, que foi falsamente acusado, Davi era inocente dessas acusações (v. 3; 35:7, 19, 20; 69:4; Jr 18:18;

20:10). O povo de Deus paga o mal com o bem, a maioria das pessoas paga o mal com o mal, mas o povo de Satanás, paga o bem com o mal (v. 5; 35:12; 38:20; Jr 18:20). Davi reagiu ao silêncio de Deus e aos ataques do inimigo orando ao Senhor. Sua fé não vacilou.

2. SENHOR, JULGA O MEU INIMIGO! (Sl 109:6-20)

Alguns estudiosos tentam abrandar os termos da oração de Davi considerando os versículos 6 a 20 como palavras do inimigo sobre Davi, abordagem não muito eficaz. O versículo 18 aplica-se a Davi? E quanto ao versículo 20? Anos depois, o profeta Jeremias fez uma oração semelhante contra os inimigos que desejavam matá-lo (Jr 18:18-23), e o Senhor não o repreendeu. Também foi sugerido que os tempos verbais devem ser interpretados como declarações sobre o futuro, não como pedidos: “Seus dias serão poucos [...] andará errantes os seus filhos e mendigarão”, e assim por diante. Sabendo da aliança de Deus, Davi estava prevenido o que aconteceria em decorrência dos pecados que seu inimigo havia cometido (ver Lv 26:14-39).

Davi sentia-se disposto a ir a um tribunal para resolver seu problema, pois essa é a imagem retratada nos versículos 6 e 7. Observe que os pronomes mudam da terceira pessoa do plural para a terceira pessoa do singular. Davi concentra sua oração no líder do bando perverso que o estava atacando e pede que Deus indique um juiz ou procurador tão perverso quanto o próprio réu! Afinal, seremos julgados de acordo com o modo que julgamos os outros (Mt 7:1, 2). Talvez Davi quisesse que o próprio Satanás estivesse presente (Zc 3:1ss). Davi esperava que o Senhor se colocasse à sua destra para defendê-lo (v. 31; 16:8). Nosso Salvador está entronizado à destra de Deus e intercede por nós (110:1; At 2:25, 34; Rm 8:34).

Davi ora pedindo que o julgamento de Deus seja completo e inclua a família de seu inimigo (vv. 9-13). Sem dúvida, sabia o que a lei dizia a esse respeito (Dt 24:16), de modo que a família deve ter participado dos pecados do pai. Todo homem israelita desejava muitos descendentes para perpetuar seu

nome, bem como muita riqueza e uma vida longa. Davi, porém, pede que nenhuma dessas bênçãos seja concedida ao inimigo. Mais ainda, pede que os pecados dos pais de seu inimigo jamais sejam perdoados (ao que parece, tratava-se de uma família extremamente perversa). Isso representaria julgamento perpétuo contra essa família até que ela percesse (Êx 20:5; 34:7; Lv 26:39). Pedro cita o versículo 8 e 69:25 em Atos 1:20, quando a igreja elegeu um novo apóstolo para tomar o lugar de Judas. Nos versículos 16 a 20, Davi volta sua atenção para os pecados de omissão de seu inimigo: não usava de bondade para com os pobres e não procurava ser uma bênção para outros (ver Êx 22:22-24; Dt 10:18; 14:29; 16:11-14; 24:17-21). Tudo isso recairia sobre sua própria cabeça e penetraria até o mais profundo de seu ser, pois os pecadores causam danos muito mais graves a si mesmos do que a suas vítimas.

3. SENHOR, AJUDA-ME! (Sl 109:21-31)

Como filho fiel da aliança, Davi tinha o direito de pedir a Deus a ajuda de que necessitava. Seu desejo era que Deus pudesse ser glorificado ao demonstrar misericórdia para com seu servo (vv. 21, 27). Desejava que Deus fizesse algo maravilhoso, algo que só ele poderia realizar, mostrando aos inimigos que Jeová lutava as batalhas de Davi. “Livrame, porque é grande a tua misericórdia” – esse é o clamor de Davi (vv. 21, 26). Desejava que o Senhor suprisse aquilo de que precisava, pois era “afrito e necessitado” (vv. 22-25; 70:5; 86:1). Seu coração estava quebrantado e sentia a vida desvanecer como as sombras do anoitecer. À medida que o Sol se põe, as sombras vão ficando cada vez mais alongadas e estreitas e, por fim, desaparecem. Como um gafanhoto agarrado precariamente a uma vestimenta, Davi não tinha mais forças para se agarrar à vida e podia ser sacudido para longe a qualquer momento. Imagine o futuro rei de Israel se comparando a um inseto frágil! Davi pede que o Senhor lhe dê uma bênção cada vez que o inimigo o amaldiçoar e que alegre seu servo envergonhando seu adversário. Por fim, Davi promete louvar ao Senhor e lhe dar glória quando

todas essas tribulações tiverem chegado ao fim. Depois que Davi se tornou rei de Israel, levou a arca da aliança para Jerusalém e procurou honrar o Senhor (2 Sm 5 - 6). Por certo, Deus ajudou Davi – a seu tempo e a sua maneira – e fará o mesmo por nós.

SALMO 110

Tanto Jesus quanto Pedro afirmaram que esse é um salmo de Davi (Mt 22:43; Mc 12:36; Lc 20:42; At 2:33-35), e, uma vez que Davi era um profeta, escreveu essas palavras sobre o Messias (At 2:30; 2 Sm 23:2). Certamente não estava se referindo a algum de seus descendentes, pois nenhum rei de Israel jamais foi sacerdote, muito menos sacerdote para sempre (v. 4; 2 Cr 26:16-23). Além disso, nenhum rei de Israel jamais conquistou todos os governantes da Terra (v. 6). O Salmo 110 tem mais citações e alusões no Novo Testamento do que qualquer outro salmo. Apenas no Livro de Hebreus, é possível encontrar dez dessas citações ou alusões. Jesus usou o versículo 1 para provar sua divindade e calar os fariseus (Mt 22:41-46) e também para responder ao sumo sacerdote durante seu julgamento (Mt 26:64). O salmo apresenta dois retratos do Messias do passado – sua exaltação como Rei (vv. 1-3) e sua consagração como Sacerdote (v. 4) – bem como um retrato do futuro, sua vitória sobre os inimigos de Deus (vv. 5-7).

1. EXALTAÇÃO: JESUS É REI (Sl 110:1-3)

No original, o salmo começa com as palavras: “Disse Jeová ao meu *Adonai*” e, uma vez que Davi era o governante em posição mais elevada no reino, seu *Adonai* tinha de ser o próprio Senhor. Foi esse fato que Jesus apresentou aos fariseus (Mt 22:41-46), perguntando-lhes como o Senhor de Davi poderia ser também seu filho (Messias). A única resposta possível é *pela encarnação*: o Filho eterno de Deus havia vindo à terra como um ser humano nascido na família de Davi (Lc 1:26-38). Como Deus eterno, Jesus é a “Raiz [aquele que deu origem] de Davi”, e, como homem, é a “Geração de Davi” (Ap 22:16; 5:5). Se os fariseus houvessem encarado ho-

nestamente esse fato, teriam sido obrigados a confessar que Jesus é, sem dúvida, o Filho de Deus vindo ao mundo como homem, mas se recusaram a fazê-lo.

Era uma grande honra assentar-se do lado direito do rei (1 Rs 2:19; Mt 20:21). Quando Jesus subiu ao céu, o Pai o honrou colocando-o a sua destra, uma declaração repetida com frequência no Novo Testamento (ver At 2:33, 34; 5:31; Rm 8:34; Ef 1:20; Cl 3:1; Hb 1:3, 13; 8:1; 10:12; 12:2; 1 Pe 3:22). Jesus está “acima de tudo” (Ef 1:21; 4:10; Cl 2:10; ver Fp 2:9-11). Quando o Filho foi exaltado e entronizado em sua ascensão, o Pai lhe fez três promessas: que derrotaria seus inimigos (v. 1), que ampliaria seu reino (v. 2) e que lhe daria um exército vitorioso (v. 3). Observe que, nos versículos 1 a 3, a ênfase é sobre o Pai dizendo o que fará ao Filho, enquanto nos versículos 5 a 7, é sobre as palavras do salmista a respeito do Filho. Usar o inimigo como estrado para os pés significa derrotá-lo e humilhá-lo (Js 10:24; ver 1 Co 15:24, 25 e Ef 1:22), e essa vitória é descrita nos versículos 5 a 7. Ver também as promessas messiânicas no Salmo 2. Tanto Davi quanto Salomão expandiram as fronteiras do reino de Israel, mas quando o Messias estabelecer seu reino, tendo como centro a cidade de Jerusalém (2:6), a Terra toda participará da glória e das bênçãos (72:1-11; Is 2:1-4; Mq 4:1-3). Hoje, o Senhor tem inimigos que lhe fazem oposição, mas é soberano e reina de seu trono mesmo quando seus adversários recusam sujeitar-se a ele. Quando Cristo estava aqui na Terra, o ministério poderoso dos apóstolos derrotou o diabo (Lc 10:17-20), e, em nosso tempo, a Igreja do Senhor é vitoriosa por meio de Jesus Cristo ao orar, compartilhar a Palavra e depender do Espírito.

A terceira promessa é a de que o Messias teria um grande exército para assisti-lo na batalha final contra os inimigos do Senhor (v. 3). Esse exército é extraordinário em três sentidos: é composto de voluntários ansiosos para lutar; esses voluntários estão vestidos em trajes sagrados, como sacerdotes (Ap 19:14), e constituem uma grande multidão, como o orvalho que cai no início da manhã (2 Sm 23:4). Assim como a aurora dá

à luz o orvalho brilhante, também o Senhor “dará à luz” esse enorme exército santo. É esperado que reis sejam guerreiros – Davi é um ótimo exemplo –, mas não se espera isso de sacerdotes. No entanto, Benaia foi um sacerdote (1 Cr 27:5) que também se dedicou à carreira militar. Foi um dos valentes de Davi (2 Sm 23:20-23), tornou-se capitão da guarda pessoal do rei (1 Cr 18:17) e, por fim, foi nomeado general sobre o exército de Salomão (1 Rs 2:35). Imagine um imenso exército de homens como Benaia! O Livro de Apocalipse dá a entender que, no fim dos tempos, serão travadas grandes batalhas (ver 14:14-20; 16:12-16; 19:11-21; 20:7-10) e que Jesus Cristo derrotará o inimigo.

2. CONSAGRAÇÃO: O REI É UM SACERDOTE (Sl 110:4)

Este versículo central do salmo declara que o Messias também será um sacerdote, algo inédito na história do Antigo Testamento. Trata-se de um versículo importante para a mensagem da carta aos Hebreus (Hb 5:6, 10; 6:20; 7:17, 21; ver Rm 8:34), pois esse é o livro que descreve o ministério de Cristo nos dias de hoje como sumo sacerdote no céu. Se Jesus estivesse na Terra, não poderia ministrar como sacerdote, pois era da tribo de Judá, não da tribo sacerdotal de Levi. Porém, pelo fato de seu sacerdócio ser segundo a ordem de Melquisedeque, que foi tanto rei quanto sacerdote (Gn 14:18-24), hoje ele pode ministrar no céu. Melquisedeque não foi uma aparição de Jesus Cristo na terra; antes, foi apenas um tipo de Cristo, representando seu atual ministério sacerdotal (ver Hb 5:1-11; 7:8; Zc 6:12). Nenhum sacerdote da linhagem de Arão foi “sacerdote para sempre”, pois cada um dos sumos sacerdotes morreu e foi substituído por seu filho mais velho. Uma vez que não passava de um simples ser humano, Melquisedeque também morreu, *mas as Escrituras não apresentam registro algum de seu nascimento, nem de sua morte*. Isso o torna um tipo de Cristo, o Filho eterno de Deus e o Sumo Sacerdote para sempre. Por meio de Jesus Cristo, Davi tem um trono (2 Sm 7:13, 16, 25, 29; Lc 1:30-33) e um sacerdócio que permanecem para

sempre, e todos os que crêem em Cristo podem participar dessas bênçãos. Jesus Cristo é nosso Sacerdote e Rei glorificado no céu, onde intercede por nós (Rm 8:34). Seu trono é um trono de graça, do qual podemos nos aproximar a qualquer momento para buscar a ajuda de que precisamos (Hb 4:14-16).

3. VINDICAÇÃO: O SACERDOTE-REI É UM CONQUISTADOR (Sl 110:5-7)

Todos os "salmos reais" apresentam previsões de batalhas e de vitórias para o Rei de Deus (2:7-9, 12; 18:16-19, 31-34, 37-42; 20:1, 2, 7, 8; 21:8-12; 45:3-5; 61:3; 72:8, 9; 89:22, 23; 132:18). Hoje é "o dia da salvação" (2 Co 6:1, 2), no qual Cristo está chamando os pecadores a se reconciliar com Deus (2 Co 5:18-21). Porém, haverá um dia de ira, o "dia do Senhor", quando Jesus, o Cordeiro de Deus, começará a "rugir" como o Leão da tribo de Judá (Ap 5:5, 6), e o mundo todo será julgado. Essa é a vitória prometida pelo Pai no versículo 1 e também em 2:5, 9. O salmista descreve montes de corpos empilhados no campo de batalha sem que haja quem os sepulte. Mesmo considerando o uso de certa licença poética, não se trata de uma descrição agradável. Observe, porém, o que João (o apóstolo do amor) escreve em Apocalipse 14:17-20 e 19:11-19 (ver também Is 66:24). No original hebraico, o termo "chefes" (ou "chefes, líderes, governantes"), no versículo 6, é usado no singular. Pode se tratar de um substantivo coletivo ou de uma referência ao grande governante mundial, o Anticristo ou a Besta (Ap 13:1-10), que será destruído por Jesus Cristo quando ele voltar (2 Ts 2:1, 2; Ap 19:17-21).

Não é fácil decifrar a imagem do versículo 7. Pode significar que Cristo conquistará a vitória e receberá o trono prometido. Para dar esse sentido, porém, é necessário alterar o texto hebraico. Por certo, não se deve considerar a imagem literalmente, pois um Rei cavalgando em direção ao céu não precisa fazer uma pausa para beber água de um riacho antes de prosseguir. Na verdade, o guerreiro Davi, um homem que conhecia bem a vida de soldado, está dizendo: "Nada poderá detê-lo, desviá-lo ou fazê-lo desistir de seu

ataque. Como todo bom soldado, só demonstrará tempo suficiente para um gole rápido de água e, em seguida, levantará a cabeça e continuará a perseguição". Cabe lembrar que, antes de sua crucificação, Jesus recusou receber uma bebida narcótica, escolhendo sentir toda a dor da morte de cruz (Mt 27:34). Gideão e seus homens também nos vêm à memória (Jz 7:4-7), pois sua adequação para a batalha foi testada por seu modo de beber água junto ao rio.

Jesus é exaltado e está entronizado no céu! Um dia, virá para conquistar Satanás e seus exércitos e estabelecer seu reino na Terra! Aleluia, que Salvador maravilhoso!

SALMO 111

O remanescente judeu que voltou do exílio na Babilônia para Jerusalém não tinha uma vida fácil. Seus vizinhos muitas vezes se mostravam hostis, os oficiais persas nem sempre se dispunham a cooperar, e a situação econômica era complicada. O escriba Esdras e o profeta Ageu descrevem alguns desses problemas em seus livros e ressaltam que os judeus nem sempre foram fiéis ao Senhor e generosos uns para com os outros, e, por esse motivo, Deus reteve a sua bênção. Este salmo pode ter sido escrito por um dos levitas para lembrar ao povo que deveria colocar o Senhor em primeiro lugar e crer que ele supriria todas as suas necessidades. O salmo seguinte descreve as bênçãos que Deus concederá àqueles que verdadeiramente o temerem e fizerem sua vontade. Os dois salmos são acrósticos – cada linha começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. Os salmos 9, 10, 24, 34, 37, 119 e 145 também são acrósticos. É possível que esse estilo especial de escrever usando a organização alfabética ajudasse o povo a memorizar a Palavra de Deus. O salmista nos dá quatro instruções a serem seguidas se desejamos desfrutar a ajuda e as bênçãos do Senhor nas situações difíceis da vida.

1. COMEÇAR COM A ADORAÇÃO E O LOUVOR (Sl 111:1)

Os Salmos 111 e 112, bem como 115 a 117, são salmos de "Aleluia", que iniciam ou

terminam com a exclamação “Louvai ao SENHOR!”. Se não podemos nos regozijar com as circunstâncias, podemos sempre nos regozijar com o Senhor (Fp 4:4). Este versículo inicial é, na verdade, uma promessa; não importa o que possa acontecer, o salmista está decidido a louvar ao Senhor. Às vezes, é preciso simplesmente erguer a cabeça, seguir em frente e fazer as escolhas necessárias sem levar em conta como nos sentimos! Porém, o escritor não fica em casa, adorando em particular, por mais importante que isso seja também; antes, vai ao santuário e se reúne com outros, pois encorajamos uns aos outros quando louvamos a Deus juntos. A “companhia [assembleia, conselho] dos justos” é um grupo menor de amigos do salmista que, como ele, fazem parte de uma “congregação” maior. Todos nós temos amigos na igreja que consideramos mais especiais, e, desde que não formemos “panelinhas”, não há nada de errado em adorar a Deus junto com os mais chegados. O atual movimento de “células” tem se mostrado bastante proveitoso, especialmente nas igrejas maiores. Porém, o mais importante é que nossa adoração seja sincera e que ofereçamos a Deus o que temos de melhor.

2. LEMBRAR-SE DAS GRANDES OBRAS DE DEUS (Sl 111:2-6)

O povo de Deus não vive em função do passado, mas sabe como usá-lo para lhe dar estímulo para o presente e esperança para o futuro. A comemoração de dias e de semanas especiais é estipulada em Levítico 23, como uma das maneiras de o Senhor ajudar seu povo a se lembrar das grandes coisas que Deus fez por eles. Além disso, suas obras revelam seus atributos, pois, como ele, essas obras são grandes (v. 2), gloriosas, majestosas e retas (v. 3), maravilhosas, benignas e misericordiosas (v. 4), poderosas (v. 6), verdadeiras, justas e fiéis (v. 7), santas e tremendas (v. 9). É impossível não confiar num Deus com um caráter desses!

Ao recapitular as diversas obras realizadas pelo Senhor, o salmista também nos lembra de algumas delas. Deus proveu alimento para seu povo depois de deixar o Egito e lhe

deu sua aliança no Sinai (v. 5). Ajudou-o a conquistar as nações de Canaã (v. 6; Dt 4:35-40) e o livrou do cativo na Babilônia (v. 9). Como A. T. Pierson costumava dizer: “Nossa história é a história de Deus”, e devemos ler o Salmo 111 com essa verdade em mente. Devemos nos alegrar ao refletir sobre o registro das obras de Deus e, por meio de nosso estudo, aprender mais sobre o Senhor; porém devemos lembrar, ainda, de como ele operou em nossa vida. O termo “memoráveis”, no versículo 4, se refere a um “memorial”, ou seja, Deus transformou suas maravilhas em memoriais. Na verdade, Israel em si é um memorial do poder e da graça de Deus. Ao se deslocar de um lugar para outro, Abraão deixava para trás altares e poços que serviam de memoriais, indicando que Deus o havia conduzido por aqueles caminhos e, depois de entrar em Canaã, o povo de Israel ergueu “pedras memoriais” (Js 4:1-7) no rio Jordão e em sua passagem pela terra. Os pais israelitas deviam ensinar a seus filhos o significado dos dias especiais e das pedras memoriais (Êx 13:3-10; Dt 6:4-9; Js 4:4-7). Não existem “lugares sagrados” onde Deus habite de maneira singular, mas há lugares especiais onde Deus pode trazer à mente memórias edificantes que nos ajudarão a lembrar sua grandeza e sua graça.

3. CONFIAR NA PALAVRA DE DEUS (Sl 111:7-9)

Tomando como ponto de partida as obras de Deus, não é difícil fazer a transição para a Palavra de Deus, pois foi por sua Palavra que todas as coisas vieram a existir e é por meio dela que todas as coisas são mantidas (33:6-11). Deus deu a lei a seu povo para que pudessem desfrutar suas bênçãos. Sua justiça permanece para sempre (v. 3), bem como suas alianças (vv. 5, 9) e seus preceitos (v. 8). Podemos crer na Palavra de Deus, pois ela é confiável. Seus preceitos são dados em amor, e suas promessas nunca falham. Quanto à aliança que fez com Israel, o Senhor sempre foi fiel a ela, mesmo quando Israel não cumpriu sua parte. Se obedecermos à sua Palavra, Deus é fiel em nosabençoar; se desobedecermos, ele é fiel em nos

disciplinar em amor. Como povo de Deus, somos portadores de seu nome e desejamos glorificar esse nome com tudo o que fazemos. "Santo e tremendo é o seu nome" (v. 9). Para o povo de Israel, o nome de Deus era tão tremendo que nem sequer proferiam a palavra "Jeová", substituindo-a por "Adonai", a fim de não blasfemar inadvertidamente contra o santo nome do Senhor. Que bom seria se o povo de Deus tivesse tamanha reverência pelo nome do Senhor!

4. OBEDECER À VONTADE DE DEUS (Sl 111:10)

A importância de temer ao Senhor e de obedecer à sua vontade é decorrente desse caráter santo e tremendo do nome de Deus. O temor do Senhor é um assunto mencionado com frequência nas Escrituras, especialmente no Livro de Provérbios. Não se trata de um medo opressor, como o de um criminoso diante de um juiz, mas sim de um temor amoroso e reverente, como o de um filho para com seus pais. *Se desejamos compreender as obras e a Palavra de Deus, devemos manter esse temor reverente do Senhor, pois essa atitude é a base para recebermos bênçãos espirituais e discernimento* (ver Jó 28:28; Pv 1:7 e 9:10). O termo "princípio" significa "a parte principal" e, sem isso, não estamos preparados para receber a verdade de Deus. O temor do Senhor conduz à obediência ao Senhor, e a obediência é importante para o discernimento espiritual (Jo 7:17). O salmo seguinte explica a aplicação prática de tudo isso em nossa vida diária.

SALMO 112

No salmo anterior, o escritor exaltou o Senhor por suas grandes e maravilhosas obras e terminou nos admoestando a temer ao Senhor e a obedecer a seus preceitos (111:10). As bênçãos decorrentes da obediência a essa admoestação são descritas no Salmo 112 (observar o v. 1). Os Salmos 111 e 112 são acrósticos e apresentam um vocabulário parecido. Os dois usam os termos "comprazer" (111:2; 112:1), "justiça" (111:3; 112:3, 4, 6, 9), "estável / bem firmado" (111:8; 112:8), "benigno e misericordioso" (111:4; 112:4),

"fiéis / justos" (111:7; 112:5). Os dois salmos devem ser lidos dentro do contexto da aliança de Deus com Israel, na qual ele promete abençoar seu povo, se o temer e obedecer à sua Palavra (Lv 26:1-13; Dt 28:1-14). O texto não faz menção alguma da presença de uma esposa e mãe nesse lar mas, sem dúvida, a esposa de um homem com um caráter tão piedoso era semelhante àquela descrita em Provérbios 31. Não devemos tomar este salmo como base para concluir que todos os cristãos terão, automaticamente, saúde, riquezas, sucesso e felicidade se obedecerem ao Senhor, pois não se trata de uma promessa da nova aliança. Aliás, o justo descrito neste salmo passava por momentos de trevas (v. 4), recebia notícias ruins de vez em quando (v. 7), tinha inimigos (vv. 8, 10) e precisava refletir sobre a justiça de suas decisões (v. 5). Nós, que vivemos sob a nova aliança, temos em Jesus Cristo todas as bênçãos espirituais de que precisamos (Ef 1:3; 2 Pe 1:3, 4) e temos a promessa de que nosso Deus suprirá nossas necessidades (Fp 4:19). Os atributos de Deus apresentados no Salmo 111 passam a ser as qualidades do caráter daquele que é justo e temente a Deus no Salmo 112, pois se tornar cada vez mais semelhante a Jesus Cristo é a maior recompensa possível para uma vida fiel de obediência (Rm 8:29; 2 Co 3:18). Queremos mais do que bênçãos; queremos Aquele que concede as bênçãos. O salmista descreve a pessoa justa e fiel dentro do contexto de diversos relacionamentos.

1. NOSSO RELACIONAMENTO COM O SENHOR (Sl 112:1)

O salmista escreve sobre o receio de receber más notícias (v. 7) e o medo do inimigo (v. 8), porém o mais essencial é o temor do Senhor. Este versículo nos remete a 111:10, pois se tememos a Deus, não precisamos ter medo de coisa alguma. Salomão chegou à mesma conclusão: "De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem" (Ec 12:13). O medo, em si, não é algo ruim. Ensinamos nossos filhos a temerem o perigo quando atravessam a rua,

usam objetos afiados ou são abordados por pessoas desconhecidas; trata-se, porém, de medos racionais, que nos dão força e proteção. O salmista escreve aqui sobre medos que nos paralisam e transtornam nossa vida. A fim de superá-los, devemos cultivar um relacionamento correto com o Senhor: temê-lo, descobrir sua vontade para nós pela sua Palavra e obedecer a seus mandamentos. Descobrir a vontade de Deus não é algo enfadonho, pois sua Palavra nos dá prazer (1:2; 119:16, 35, 47, 48, 70, 97, 143). O temor e o prazer podem conviver no mesmo coração, pois são unidos pelo amor (2:11; 119:19, 20; 1 Jo 4:16-19). Pelo fato de amarmos ao Senhor, seus mandamentos não são penosos (1 Jo 5:3).

A pessoa descrita neste salmo louva ao Senhor em adoração e o reverencia, sente prazer em ter comunhão com ele e procura lhe obedecer. Esse tipo de vida traz bênçãos para toda a família (34:8-14; 37:25; 127:3-5; 128:3). Se nossa vida não causar impacto em nosso lar, entre aqueles que conhecemos e amamos, não fará muita diferença no mundo em geral, onde as pessoas blasfemam contra o nome do Senhor. Essa pessoa também é uma bênção para “a geração dos justos” (v. 2), o povo de Deus que freqüenta o santuário (33:1; 37:37; 111:1; 140:13). Em momento algum, as Escrituras falam de um cristão isolado que ignora o restante do corpo de Cristo. Todos precisam uns dos outros, e a adoração em conjunto pode realizar muito mais do que se é capaz de fazer sozinho. Mais uma vez, não se deve usar o versículo 1 como “simpatia” para repelir as dificuldades da vida, pois Jó possuía as qualidades relacionadas nesse versículo (Jó 1:8) e, ainda assim, passou por sofrimentos terríveis. Esse tipo de caráter piedoso não nos protege da dor e das tribulações, mas permite que usemos essas provações para glorificar a Deus e para crescer na graça (1 Pe 3:13-17; 4:12-19; 5:10).

2. NOSSO RELACIONAMENTO COM AS RIQUEZAS MATERIAIS (SL 112:3-5, 9)

Dentro da antiga aliança, as riquezas materiais eram um dos sinais da bênção de Deus sobre seu povo na Terra Prometida (Dt 7:12ss;

28:1-14). Isso explica por que os apóstolos ficaram chocados quando Jesus disse que era difícil para os ricos entrar no reino de Deus (Mt 19:16-30). Se os ricos não poderiam ser salvos, quem poderia? Para os três amigos de Jó, o fato de Jó ter perdido tudo era prova de que Deus o estava castigando por seus pecados. Era uma lógica distorcida, mas, ainda assim, se apegavam a ela com unhas e dentes. A pessoa descrita neste salmo era justa diante do Senhor (vv. 3, 4, 6, 9) e não obteve sua riqueza de maneira indevida. Era generosa no uso dos bens que o Senhor havia lhe dado, dividindo-os com os pobres e emprestando, de bom grado, sem cobrar juros (Dt 23:19, 20). Sem dúvida, não era avarento nem cobiçoso e obedecia à admoestação do Senhor de cuidar dos pobres e necessitados (Êx 23:11; Lv 25:35-38; Dt 15:7, 11). Ao citar o versículo 9 em 2 Coríntios 9:9, o apóstolo Paulo usa essa pessoa como exemplo a ser seguido pelos cristãos de hoje (ver também Pv 11:24). O termo “poder”, no versículo 9, aparece no original como “chifre”, um símbolo de poder e de dignidade (75:5; 132:17; Lc 1:69). Por causa da generosidade desse homem, o Senhor permitiu que fosse exaltado diante de seus semelhantes. Ao ver a fé desse homem no Senhor e seu amor pelos necessitados, é impossível não pensar em Mateus 6:33.

3. NOSSO RELACIONAMENTO COM AS CIRCUNSTÂNCIAS (SL 112:6-8)

Um coração que crê é um coração firme, que não é facilmente abalado por notícias ruins ou circunstâncias desfavoráveis. A pessoa descrita aqui estava certa de que o Senhor era capaz de lidar com qualquer problema que surgisse. Uma pessoa de mente dobre não tem estabilidade alguma (119:113; Tg 1:8; 4:8) e, portanto, não é capaz de enfrentar as exigências da vida (ver 57:7; 108:1 e Is 26:3). Os cristãos que têm coração confiante e consciência limpa não precisam temer quando recebem notícias desagradáveis, pois sabem que o Senhor está no controle de tudo. Quando se vêem cercados pelas trevas, esperam que o Senhor envie sua luz (v. 4). Foi o que deu forças a José durante os

13 anos de espera e de sofrimento no Egito. “Espera pelo SENHOR, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo SENHOR” (27:14).

4. NOSSO RELACIONAMENTO COM OS PERVERSOS (Sl 112:10)

Deus recompensa os justos naquilo em que se comprazem (v. 1), mas ignora os desejos dos perversos (v. 10; ver 35:16; 37:12). Aqueles que caminham com o Senhor e têm uma vida de piedade são alvo do ódio e da oposição dos perversos, pois as boas obras dos justos são como luzes que revelam o mal no mundo (Mt 5:14-16; Ef 5:1-14). O fato de os perversos se oporem aos justos é um bom sinal, pois indica que os justos estão vivendo como devem. O testemunho de uma vida dedicada é uma luz em meio às trevas deste mundo. Depois de verem e de ouvirem o testemunho dos justos, os perversos não terão justificativa alguma quando estiverem diante do Senhor (Jo 15:22).

SALMO 113

O povo de Israel costumava cantar os Salmos 113 e 114 antes da refeição de Páscoa e encerravam essa refeição com os Salmos 115 a 118 (Mt 26:30; Mc 14:26). Estes salmos também eram entoados para comemorar Pentecostes, Tabernáculos, os festivais da lua cheia e a Festa da Consagração. Tendo em vista a ênfase do Salmo 114, essa pequena coleção de salmos é chamada de “*Hallel Egípcio*”. O salmo começa e termina com a palavra “Aleluia” (“louvem Jeová”) e apresenta três motivos maravilhosos para louvar ao Senhor.

1. O NOME DE DEUS É O MAIS GRANDIOSO (Sl 113:1-3)

Encontramos o termo “louvar” em três ocasiões (vv. 1, 3), mas quem são esses “servos” que o salmista admoesta a cantar louvores a Deus? Talvez seja o coro do templo recém-restaurado, pois este é um salmo do pós-exílio. Porém, o mais provável é que o salmista esteja se dirigindo a todo o povo de Israel, chamado, com freqüência, de “servo de Deus” (34:22; 69:36; 136:22; Is 41:8, 9; 54:17). Tinham o privilégio e a responsabilidade de

falar do verdadeiro Deus vivo aos povos gentios a seu redor (Is 42:6), e Paulo aplica esse versículo a seu próprio ministério e ao ministério da igreja (At 13:47; 26:26; e ver Lc 2:32). A palavra “nome” é usada três vezes nestes versículos e se refere ao caráter de Deus e à revelação de sua essência e de seus atos. Deus tem um “bom nome”, e esse nome deve ser engrandecido aqueles que entre não crêem no Senhor. “Bendizer” o nome de Deus significa falar bem de Deus para aqueles que o ignoram, que se opõem a ele ou que não o conhecem. Esse tipo de louvor vai além do tempo (“agora e para sempre”) e do espaço (“do nascimento ao ocaso” – de Leste a Oeste). O profeta Malaquias anteviu o dia em que gentios prestarão culto ao nome do Senhor (Ml 1:11). O nome de Deus é ligado à sua aliança com Israel (Dt 28:1-14, notar v. 10), e tanto seu nome quanto sua aliança são confiáveis.

2. O TRONO DE DEUS É O MAIS EXALTADO (Sl 113:4-6)

Os reis da terra preocupam-se com o esplendor e a proeminência de seus tronos (2 Rs 25:27-30), mas o trono do Senhor é exaltado acima das nações e até mesmo acima dos céus (57:5, 11; 99:2). Hoje, Jesus Cristo, o Rei dos reis (Ap 19:16), encontra-se exaltado “acima de todos os céus” (Ef 4:10; Fp 2:9-11). A pergunta, nos versículos 5 e 6, lembra Êxodo 15:11 (e ver 35:10; Dt 3:24; Is 40:18, 25; e Mq 7:18). Não é a transcendência de nosso Senhor que cativa o salmista, mas sim sua disposição de “se inclinar” e de prestar atenção nos simples mortais, que nem sempre o reverenciam. A maioria dos reis da Antiguidade era inacessível a seu povo, mas nosso Deus nos vê e conhece todas as nossas necessidades (138:6; Is 57:15). Para o cristão, o trono de Deus não é apenas um trono de glória, mas também um trono de graça, assunto que o salmista explica nos três versículos seguintes.

3. O AMOR DE DEUS É O MAIS BONDOSO (Sl 113:7-9)

Em sua graça, o Senhor não apenas nos vê, como também cuida de nós e nos ajuda. Ele

“se inclina” e se dispõe a trabalhar em nosso favor (138:6-8). A imagem dos versículos 7 e 8 vem de dois versículos (7, 8) do cântico de Ana (1 Sm 22:1-10), sendo que Maria tomou parte desse cântico emprestada ao entoar seu louvor a Deus (Lc 1:46-55). Ana era uma mulher estéril, à qual Deus deu um filho, o juiz e profeta Samuel. Dentro da história de Israel, podemos encontrar várias mulheres estéreis às quais Deus deu filhos. A primeira delas foi Sara, esposa de Abraão e mãe de Isaque (Gn 17:15-19). Em seguida veio Rebeca, esposa de Isaque, que deu à luz Jacó, o pai das doze tribos de Israel (Gn 25:19-23). Raquel, a esposa predileta de Jacó, deu à luz José (Gn 29:31; 30:22-24), o homem que protegeu os filhos de Israel no Egito. Ana deu à luz Samuel (1 Sm 1:1 - 2:11), e Isabel deu à luz João Batista (Lc 1:13-15), o precursor de Jesus Cristo.

O monturo era um monte de cinzas onde ficavam os párias da cidade, os pobres indezados e os doentes (Jó 2:8). O sol aquecia o monturo durante o dia, e as cinzas mantinham essas pessoas aquecidas durante a noite. Era uma parte da cidade que as pessoas evitavam, mas nosso Deus visita os rejeitados e os transforma! Se esse é um salmo do pós-exílio, como vários estudiosos acreditam ser o caso, essa verdade deve ter servido de grande estímulo para o remanescente judeu que lutava com dificuldade para reconstruir a nação e a própria vida. O amor e a graça de Deus o levaram a curvar-se até nosso nível, especialmente quando enviou Jesus Cristo para se tornar um de nós e morrer por nós na cruz (Fp 2:1-11). Em João 8:6, 8 e 13:1-11, Jesus inclinou-se para perdoar uma mulher pecadora e para lavar os pés de seus discípulos. Porém, sua maior demonstração de graça foi quando morreu por nós na cruz. Ele foi como nós para que possamos ser como ele (1 Co 1:26-29; Ef 2:1-10). Não pode haver amor maior (Jo 15:13). Somente Jesus Cristo pode erguer os pecadores do monturo e colocá-los no trono! (Ef 2:1-10). Um dia, o Senhor visitará a “terra estéril de Israel” e abençoará a nação com muitos filhos (Is 54:1-3; 66:8-11). Por mais escuro que seja o dia ou por mais extremas

que sejam as circunstâncias, nosso Deus é capaz de fazer o impossível (Ef 3:19, 20).

SALMO 114

Usando uma bela linguagem poética, este salmo descreve o êxodo de Israel do Egito, a provisão do Senhor na jornada do povo pelo deserto, sua entrada na Terra Prometida e a conquista de seus inimigos. O salmista usa metáforas poéticas intensas para ensinar história e teologia, uma abordagem que estimula a imaginação e que toca o coração. Quando as famílias judias cantam este salmo na Páscoa, deve ter um significado profundo para elas. É um salmo sobre Deus e revela seu relacionamento cheio de graça para com seu povo escolhido.

1. DEUS É POR NÓS (Sl 114:1)

O êxodo é mencionado com freqüência nos salmos (74:13; 77:17-20; 78:12-16, 52, 53; 106:9-12; 136:10-15), pois o livramento de Israel do Egito marcava seu “nascimento” como nação. O povo estava livre para servir a Deus e realizar as tarefas importantes das quais ele os havia incumbido: dar testemunho do verdadeiro Deus vivo, registrar as Escrituras e trazer ao mundo o Salvador. Em termos de “geografia bíblica”, o Egito representa o mundo e a escravidão dos pecadores sob o jugo das forças do mal (Ef 2:1-3). Foi o sangue do cordeiro colocado nas portas que protegeu os primogênitos de Israel da morte, da mesma forma que o sangue de Cristo, o Cordeiro de Deus, nos salva do pecado e da morte. O poder de Deus ao abrir o mar Vermelho libertou Israel e o separou de seus capatazes cruéis. Trata-se de um retrato da ressurreição de Cristo e da participação dos cristãos nessa ressurreição (Ef 2:4-10; Cl 3:1ss). Nos séculos subsequentes, cada celebração anual da Páscoa lembrava o povo de Israel de que Jeová era seu Deus e de que era por eles. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31). O profeta Isaías considerou o livramento dos exilados judeus do cativeiro na Babilônia como um “segundo êxodo” (Is 43:14-21). Que grande estímulo para o remanescente judeu saber que o Deus Jeová era por eles!

2. DEUS ESTÁ CONOSCO (Sl 114:2A)

O Senhor não apenas separou o povo de Israel do Egito, como também os separou *para* si. Eram seu povo, seu tesouro e sua herança. As designações “Judá” e “Israel” referem-se à nação como um todo e não aos dois reinos que se formaram depois da morte de Salomão. Depois que as tribos conquistaram a terra de Canaã, o santuário foi colocado em Judá (Êx 15:17), onde o rei Salomão, posteriormente, construiu o templo. As nações ao redor de Israel tinham seus templos, mas eram vazios. A presença gloriosa de Deus habitou no tabernáculo (Êx 40) e, mais tarde, no templo (1 Rs 8:1-11). Nos dias de hoje, Deus não habita em edifícios feitos por mãos humanas (At 7:48-50); antes, habita com seu povo, pois nosso corpo é templo do Senhor e a Igreja é seu santuário (1 Co 3:16, 17; 6:19, 20; 2 Co 6:14-18; Ef 2:19-22). Jesus é “Emanuel, Deus conosco” (Mt 1:23; 28:19, 20). Que privilégio maravilhoso fazer parte da família de Deus!

3. DEUS ESTÁ ACIMA DE NÓS (Sl 114:2B)

Judá era o lugar onde ficava não apenas o santuário de Deus, mas também seu trono (Êx 19:6). Davi e seus descendentes eram os governantes escolhidos por Deus. Eram, portanto, representantes de Deus e deveriam obedecer à sua lei. Deus fez uma aliança com Davi, na qual lhe prometeu um trono eterno e um herdeiro que ocuparia esse trono para sempre (2 Sm 7). O trono de Davi não existe mais (Os 3:4, 5), mas essa aliança cumpriu-se em Jesus Cristo (Lc 1:30-33, 68-73). Um dia, ele se assentará no trono de Davi e governará sobre seu reino. Se o povo de Israel tivesse obedecido ao Senhor e permitido que Deus exercesse domínio sobre ele, teria sido um testemunho extraordinário para as nações gentias a seu redor. Em vez disso, porém, eles assimilaram os costumes dessas nações e adoraram falsos deuses, em lugar do verdadeiro Deus vivo.

4. DEUS ESTÁ ADIANTE DE NÓS (Sl 114:3-8)

Grande parte do salmo descreve os milagres realizados por Deus em favor de Israel,

quando o povo saiu do Egito e rumou para Canaã. A idéia central é a de que Deus foi adiante de seu povo e tudo na natureza estremeceu com sua presença e obedeceu à sua vontade (v. 7). O mar Vermelho abriu-se, e Israel marchou através da terra seca. Quarenta anos depois, o rio Jordão se abriu e o povo de Israel marchou para a Terra Prometida. Durante essa longa marcha, Deus proveu pão e carne para comer e água para beber. No versículo 8, dois termos hebraicos diferentes são usados para “rocha”. O primeiro se refere a Êxodo 17:1-7, e o segundo (“seixo”), a Números 20:1-13, um no começo da jornada e outro próximo do fim. É bem provável que os montes e as colinas mencionados nos versículos 4 e 6 ficassem em Canaã e que se trata de uma imagem de Deus removendo todos os obstáculos que se encontravam adiante de Josué e do exército vitorioso de Israel. Deus vai adiante de seu povo e os conduz por lugares impossíveis (mar Vermelho, rio Jordão) e difíceis (montes, colinas), e até provê a água fazendo-a jorrar de rochas! (Também pode prover mel, ver 81:16. A doçura extraída da dureza!)

O Senhor só é mencionado pelo nome no versículo 7, e, em seguida, o salmista convoca o mundo todo para estremecer diante da presença do Senhor! O êxodo poderia ser parte da história, mas a presença do Deus de Jacó é uma realidade atual para os que crêem em Cristo e que permitem que o Senhor os conduza (Jo 10:4). Lembre-se de que os judeus usaram esse salmo naqueles dias difíceis depois do exílio, quando o trabalho era árduo e os perigos eram muitos. A imagem vívida de Deus indo adiante de seu povo ajudou-os a crescer na fé e a confiar que o Senhor supriria todas as suas necessidades e também pode nos ajudar nos dias de hoje. “Se Deus é por nós — se está conosco, acima de nós e se vai adiante de nós —, quem será contra nós?”

SALMO 115

O Senhor havia dado a seu povo uma grande vitória, e os israelitas desejavam professá-la diante de seus vizinhos pagãos e dar glória a Deus. Se os povos a seu redor tivessem

visitado os exilados que haviam regressado e se tivessem visto seu templo reconstruído, teriam perguntado: “Onde está o seu deus?” Não havia ídolos no templo nem na cidade de Jerusalém (ver a diferença clara em At 17:16). Com essa pergunta, os judeus teriam a oportunidade de contrastar os falsos deuses de seus vizinhos com o verdadeiro Deus vivo de Israel. Este salmo é escrito como uma litania, iniciada pelo dirigente no versículo 1. Em seguida, o povo responde em coro, nos versículos 2 a 8, o coral nos versículos 9 a 11 e, mais uma vez, o povo, nos versículos 12 e 13. Os sacerdotes ou membros do coral falam nos versículos 14 e 15, e o povo encerra a litania com os versículos 16 a 18. É possível que esse salmo tenha sido usado na consagração do segundo templo (Ed 6:16). *Ele não apenas diz onde o Deus de Israel está, mas também revela o tipo de Deus que ele é.*

1. O DEUS SOBERANO (SL 115:1-3)

Onde está o Deus de Israel? Está no céu, em seu trono glorioso, reinando como Deus soberano do Universo! Os alicerces de seu trono são a misericórdia e a verdade (amor e fidelidade), o que nos faz lembrar sua aliança com Israel. Deus os amava e, por isso, os escolheu (Dt 7:7-11) e lhes deu sua aliança, a qual guardou fielmente. Todo o povo de Deus pode dizer em alta voz: “Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:6).

2. O DEUS VIVO (SL 115:4-8)

A idolatria sempre foi o pecado contumaz de Israel e aquele que lhe custou mais caro (Jz 2:11 - 3:6), e, apesar de seus profetas ridicularizarem esses ídolos feitos por mãos humanas (1 Rs 18:27; Is 44:9-20; Jr 10:1-16) e do Senhor disciplinar Israel com frequência, o povo insistia em transgredir a lei de Deus. Ao que parece, Israel só aprendeu sua lição quando a Babilônia levou o povo cativo, depois de ter destruído Jerusalém e o templo. Na grande cidade da Babilônia, duas ou três gerações de judeus viram a idolatria de perto e sentiram na pele o tipo de sociedade que ela produzia. *Só então, foram*

curados de seu culto aos falsos deuses. Precisavam lembrar-se de que eram servos do verdadeiro Deus vivo (42:2; 84:2; Dt 5:26; Js 3:10; 1 Sm 17:26, 36; 2 Rs 19:4, 16), e a Igreja de hoje também não pode se esquecer dessa verdade (At 14:15; 1 Ts 1:9; 1 Tm 3:15; 4:10; 6:17).

Deus é Espírito e, portanto, não tem corpo (Jo 4:24), de modo que, quando os autores das Escrituras falam de seus olhos, ouvidos, mãos, pés e assim por diante, estão apenas usando aquilo que os teólogos chamam de “antropomorfismos” (*anthropo* = humano; *morphos* = forma). Trata-se de um recurso literário que emprega características humanas para descrever atributos divinos. Deus usa aquilo que conhecemos para nos ensinar aquilo que não entendemos e aquilo que é incompreensível. *Esta seção volta a aparecer em 135:15-18.* Uma vez que os ídolos mortos careciam dos atributos do Deus vivo, não eram capazes de fazer o bem nem o mal e, no entanto, eram objeto da adoração do povo!

Não têm boca – Não podem falar a seu povo, fazer alianças ou promessas, oferecer orientação ou encorajamento. Nosso Deus fala conosco!

Não têm olhos – Não oferecem proteção nem cuidado algum a seus seguidores. Os olhos de nosso Deus estão sobre nós (32:8; 1 Pe 3:12) e podemos confiar nele.

Não têm ouvidos – Por mais que os ídólatras orem, seus deuses não podem ouvi-los! Lembre-se de Elias no monte Carmelo (1 Rs 18:20ss). Os olhos de nosso Deus estão sobre nós, e seus ouvidos estão abertos a nosso clamor (34:15).

Não têm nariz – Essa é uma referência ao fato de Deus receber nossa adoração (Gn 8:21) e de se agradar daquilo que oferecemos a ele (ver Jo 12:1-8; Ef 5:2; Fp 4:18).

Não têm mãos – Os artesãos que com suas mãos confeccionaram imagens de escultura têm mais poder do que esses ídolos que chamam de “deuses”.

Nosso Deus pode operar em nosso favor quando procuramos lhe servir. Seus dedos fizeram o Universo (8:3), e seu braço nos trouxe a salvação (Is 53:1) (ver também Is 41:10 e 46:1-7).

Não têm pés – O povo precisava carregar seus ídolos (Is 46:1-7; Jr 10:1-10), mas nosso Deus nos carrega e caminha junto conosco (ver Is 41:10, 13).

Porém, o mais triste de tudo não é aquilo que os ídolos não podem fazer, mas sim aquilo que podem fazer com as pessoas que os adoram. *Tornamo-nos semelhantes ao Deus que adoramos.* Quem adora o verdadeiro Deus vivo tem os ouvidos transformados para ouvir sua verdade e também os clamores dos necessitados. Ele nos dá olhos para vermos sua Palavra e seu mundo e também o caminho por onde ele deseja que andemos. Nossos “sentidos espirituais” desenvolvem-se e nos tornamos mais maduros em Jesus Cristo (Hb 5:10-14). Porém, aqueles que adoram falsos deuses perdem o uso desses sentidos espirituais e se tornam cegos para a luz e surdos para a voz de Deus.

3. O DEUS DOADOR (SL 115:9-15)

O tema desta seção é: “Confie em Deus, e ele dará sua bênção”, uma certeza absolutamente necessária para o remanescente desanimado. Careciam da bênção de Deus sobre suas lavouras e desejavam crescer em número (v. 14). Por certo, o Senhor havia afirmado isso em sua aliança com Israel (Lv 26:1-13; Dt 28:1-14), e o povo precisava apenas ser lembrado dessa verdade. Nos versículos 11 e 13, “os que temem o SENHOR” não são os gentios “tementes a Deus” que vemos no Novo Testamento (At 13:16, 26; 16:14; 17:17; 18:7), mas sim os judeus devotos em Israel (22:23; 111:10). Encontramos listas triplas semelhantes em 118:1-4 e 135:19-21. Tanto Esdras 6:21 quanto Neemias 10:28 dão a entender que o remanescente que regressou da Babilônia não era muito hospitaleiro com os “forasteiros” na terra. Deus havia sido o “amparo e escudo” de Abraão (Gn 15:1) e também nos protegerá e suprirá nossas necessidades (3:3; 28:7;

33:20; Dt 33:29). Uma vez que Jeová é o “SENHOR, que fez os céus e a terra” (v. 15; 121:2; 124:8; 134:3; 146:6; Is 40:12-26; Jr 10:11), nossa adoração deve ser dedicada a ele, não àquilo que ele criou nem àquilo que produzimos com as próprias mãos.

4. O DEUS QUE É DIGNO DE NOSSO LOUVOR (SL 115:16-18)

O verbo “abençoar” é usado cinco vezes nos versículos 12 a 15, e não podemos viver sem a bênção de Deus. No entanto, também é bom bendizer ao Senhor (v. 18). Esse “bendizer” significa tributar ou dedicar a ele toda a glória e o louvor, dar prazer a seu coração com ações de graças e obediência voluntária e alegre (ver 16:7; 26:12; 34:1; 100:4; 103:1; 134:2). Ele fez a terra e a entregou aos seres humanos, a fim de suprir suas necessidades, e lhes deu trabalho, cooperando com eles no desenvolvimento de seus recursos abundantes (Gn 2:8-25). Quem adora ídolos mortos também está morto, mas nós estamos vivos em Jesus Cristo e devemos exaltar ao Senhor! Afinal, se esperamos louvá-lo para todo o sempre, é melhor começar agora e estar preparados quando o encontrarmos!

SALMO 116

O salmista desfrutava o “sossego” (v. 7), quando homens inescrupulosos nos quais havia confiado mentiram a seu respeito (v. 11) e o colocaram em dificuldades. Na verdade, essa dissimulação de seus homens de confiança quase lhe custou a vida (vv. 3, 4), mas ele clamou ao Senhor e foi salvo da morte (vv. 1, 2). Trata-se de um salmo bastante pessoal, no qual a primeira pessoa do singular aparece mais de trinta vezes. Ao expressar seu louvor ao Senhor, o escritor toma emprestados trechos de outros salmos, especialmente 18, 27, 31 e 56. Ao que parece, também conhecia os textos da oração do rei Ezequias (Is 37) e de seu salmo de ação de graças (Is 38). Ao refletir sobre a experiência que colocou sua vida em risco, o salmista descobriu vários motivos pelos quais o Senhor Deus livra seu povo do perigo e da morte.

1. ELE RESPONDE ÀS ORAÇÕES DE SEUS FILHOS (Sl 116:1-4)

O escritor sabe que não pode confiar em si mesmo para se livrar (v. 3) e que também não pode confiar nas pessoas a seu redor, uma vez que algumas delas são mentirosas (v. 11), mas sabe que pode confiar no Senhor e clamar a ele por socorro (vv. 2, 13, 17). “Inclinar” o ouvido significa prestar atenção e se concentrar naquilo que está sendo dito (113:5, 6; 17:6). Somente um Deus tão grande quanto Jeová pode ouvir as vozes de milhões de seus filhos orando a ele ao mesmo tempo. O escritor encontra-se em dificuldades e aflições, como um homem se afogando, tão emaranhado numa rede que a morte parece inevitável (vv. 3, 8, 15; ver 18:4-6). O nome do Senhor representa tudo o que Deus é e faz, e clamar por seu nome é crer que ele agirá em nosso favor (ver vv. 4, 13, 17). Como Pedro afundando no mar durante a tempestade, o salmista suplica: “SENHOR, salva-me” (Mt 14:29-31), e o Senhor o livra. Quando nos vemos em grande perigo sem ter culpa alguma, podemos clamar ao Senhor e pedir socorro. Pedro refere-se ao versículo 3 em seu sermão em Pentecostes (At 2:24, “rompendo os grilhões da morte”) e o aplica à ressurreição de Jesus Cristo.

2. ELE É UM DEUS DE MISERICÓRDIA E DE GRAÇA (Sl 116:5-11)

O nome de Deus representa seu caráter. Ele é um Deus de misericórdia e de graça, é compassivo e poderoso. O Senhor amava o salmista e o salvou; e agora, o salmista o ama ainda mais (v. 1, 5; ver 1 Jo 4:19). Observe a expressão “nosso Deus”, no versículo 5, que indica que o salmista está dando seu testemunho a um grupo de pessoas, provavelmente no santuário (vv. 14, 18, 19). Os “simples” não são pessoas ignorantes ou supersticiosas, mas sim aqueles que têm fé semelhante à de uma criança, sinceros e íntegros, que têm a coragem de levar a sério o que Deus diz.

Porém, o Senhor fez mais do que livrar o salmista da morte. Também “tem sido generoso para [com ele]” (v. 7), e parte dessa generosidade é descrita nos versículos 8 e 9.

O Senhor enxugou suas lágrimas, o levantou quando estava prostrado, o impediu de tropeçar (Jd 24) e andou com ele, a fim de protegê-lo de seus inimigos. Deus fez tudo isso apesar da ambivalência da fé do salmista, que num instante está desanimado com a dissimulação de seus supostos amigos e, no momento seguinte, afirma sua fé no Senhor (vv. 10, 11). Em meio às pressões do perigo e da dor, muitas vezes dizemos coisas que não correspondem a nossa realidade interior, mas Deus conhece nosso coração e sabe em que verdadeiramente cremos. Apesar de suas palavras, o salmista manteve-se firme em sua fé, e o Senhor relevou aquilo que ele havia dito apenas com os lábios e respondeu aquilo que estava dizendo em seu coração. Paulo cita o versículo 10 em 2 Coríntios 4:13.

3. ELE CONSIDERA SEUS FILHOS PRECIOSOS (Sl 116:12-15)

Depois de ter sido liberto, o salmista desejava expressar sua gratidão ao Senhor, o que fez de quatro maneiras. Em primeiro lugar, levou ao santuário uma oferta de ação de graças ao Senhor (v. 17; Lv 3; 7:11-21). Em segundo lugar, como parte desse sacrifício, o sacerdote derramou uma porção de vinho sobre o altar, simbolizando a vida do adorador sendo derramada para servir ao Senhor. Sem dúvida, era um “cálice da salvação” para o salmista, cuja vida poderia ter sido destruída pelo inimigo. Em terceiro lugar, o sacerdote separou uma parte da oferta a ser usada numa refeição depois do sacrifício, na qual o adorador compartilhava seu alimento e sua alegria com sua família e amigos. Nessa refeição, o salmista invocou o Senhor e agradeceu publicamente a ele por suas misericórdias. Em quarto lugar, depois da cerimônia e da refeição, o salmista começou a cumprir as promessas que havia feito ao Senhor durante seu tempo de grande sofrimento e perigo (vv. 14, 18). Não devemos considerar nossos votos como um “suborno santo”, uma forma de pagarmos Deus por sua ajuda, pois o salmista certamente sabia que a vontade de Deus não pode ser influenciada por dádivas humanas (ver Jó 41:11, citado em Rm 11:35: “Ou quem

primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído?”).

O Filho de Deus é precioso para o Pai e para todos os cristãos (1 Pe 2:4-7), e o amor do Pai por nós é tão grande que ele entregou Jesus Cristo para morrer na cruz em nosso lugar (Rm 5:8). Se nosso Pai nos ama desse modo, então deve se preocupar não apenas com a forma como vivemos, mas também com o tempo e o modo como morremos. Para os cristãos, a morte não é um acidente, mas sim um encontro marcado (Sl 139:16; ver também 39:4-6; 92:12). Se o Pai dá atenção à morte de um pardal, certamente se preocupa com a morte de seus santos (Mt 10:29-31; Jo 11:1-16). Assim como o sangue de Cristo é precioso (1 Pe 1:19), nosso sangue também é precioso para Deus (72:12-14). *Os servos de Deus são imortais até que tenham concluído seu trabalho aqui na terra.* Podem ser insensatos e encurtar seus dias, mas não podem estender a vida além de seu tempo determinado. Esse dia final encontra-se nas mãos de Deus (48:14; Jó 14:5; Lc 2:26).

4. ELE É FIEL A SUA ALIANÇA (Sl 116:16-19)

A oração “deveras sou teu servo” equivale a “sou um filho da aliança”. Em seu oitavo dia de vida, seus pais o levaram ao sacerdote e, nessa ocasião, o salmista recebeu o sinal da aliança e o nome que seus pais haviam escolhido para ele (Lv 12:3; Lc 1:57-63; 2:21). Se guardasse a aliança e obedecesse ao Senhor, teria o direito de levar até o Senhor suas necessidades e de lhe pedir ajuda. Os cristãos pertencem à família da nova aliança de Deus em Cristo, mas não devemos entender isso como uma garantia de que seremos protegidos do sofrimento e das provações. Porém, é uma garantia de que Deus está no controle e fará com que tudo coopere para nosso bem e para a glória dele, inclusive nossa morte (Rm 8:28; Jo 21:17-19; 2 Pe 1:12-15). Até mesmo Jesus Cristo viveu de acordo com o tempo que lhe foi determinado pelo Pai e não pode ser crucificado até que tivesse chegado a hora escolhida (Jo 2:4; 7:30; 8:20; 12:23; 13:1; 17:1). Que o Senhor nos ajude a terminar bem e ser fiéis a ele (2 Tm 4:6-8).

SALMO 117

Este, que é o mais curto dos salmos, foi escrito por um autor anônimo que, em três frases breves, abrangeu o mundo todo. O salmo é um convite para as pessoas de toda a parte se voltarem para o Senhor e a se unirem aos fiéis de todos os lugares para louvar a Deus. Uma compreensão correta deste salmo nos ajuda a dar o devido valor a pelo menos quatro privilégios do povo de Deus.

1. ADORAR A DEUS (Sl 117:1A)

O salmo começa e termina com “Louvai ao SENHOR” (“Aleluia”), pois louvar ao Senhor deve ser a marca de todo cristão de hoje, como era dos novos cristãos na Igreja primitiva (At 2:47). O primeiro “louvai” é uma tradução do termo hebraico bastante conhecido, *hallel*, de onde temos “Aleluia - louvai ao SENHOR”. O segundo “louvai” é *shavah*, que significa “elogiar, exaltar, enaltecer”. Quando louvamos ao Senhor, não apenas lhe falamos de sua grandeza, mas também o elogiamos diante daqueles que ouvem nossos cânticos. A adoração e o louvor são as ocupações mais elevadas às quais podemos dedicar nossa voz e as atividades que nos ocuparão por toda a eternidade!

2. COMPARTILHAR O EVANGELHO (Sl 117:1B)

O termo traduzido por “gentios” também pode significar “nações”, referindo-se especificamente a todos os que não são de origem semita. A palavra hebraica “povos” se refere às diversas nacionalidades do mundo (Ap 7:9). Encontramos as expressões “toda a terra” e “todos os povos” com frequência no Livro de Salmos (47:1; 66:1; 96:1; 98:4, 7; 100:1). O povo de Israel devia ser *separado* dos gentios, porém não *isolado* deles, pois Deus chamou Abraão para fundar uma nação que abençoaria toda a terra (Gn 12:1-3; Rm 4:17, 18; Gl 3:8). Porém, Israel falhou e acabou imitando os gentios em vez de iluminá-los com a luz da verdade de Deus (Is 42:6; 49:6). “A salvação vem dos judeus” (Jo 4:22; Lc 2:32), pois Deus escolheu esse povo para dar ao mundo o conhecimento do Deus verdadeiro e também as Escrituras e o Salvador.

A Igreja de hoje deve levar a luz do evangelho a todo o mundo (At 13:47). Paulo cita esse versículo em Romanos 15:11, como parte de sua explicação sobre a relação entre a Igreja e Israel. Os apóstolos e outros judeus cristãos da Igreja primitiva louvavam ao Senhor tanto *entre* judeus quanto *entre* gentios (Rm 15:9), conforme relata o Livro de Atos. Por meio desse testemunho cada vez mais amplo, muitos gentios vieram a crer em Cristo e passaram a louvar a Deus *com* os cristãos judeus (Rm 15:10), pois cristãos judeus e gentios constituíam um só corpo em Cristo (Ef 2:11-22).

Se somos um povo que adora louvando ao Senhor, então seremos também um povo que testemunha e diz aos outros como esse Deus é maravilhoso. Como os leprosos do lado de fora da porta de Samaria, os cristãos de hoje devem confessar: “Não fazemos bem; este dia é dia de boas-novas, e nós nos calamus” (2 Rs 7:9). Que possamos imitar os apóstolos, os quais declararam “não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4:20).

3. DEPENDER DO GRANDE AMOR DE DEUS (Sl 117:2A)

Será que nos esquecemos de que “as misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos” (Lm 3:22)? Fomos salvos pela graça, não por nossas boas obras (Ef 2:8, 9), e se não fosse pela bondade misericordiosa de Deus, ainda estaríamos em trevas, condenados à morte. Infelizmente, alguns líderes de Israel encheram-se de orgulho por fazer parte do povo escolhido de Deus e começaram a desprezar os outros. Chegavam até a chamar os gentios de “cães”. No entanto, o povo de Deus hoje também é culpado desse pecado. “Mui grande é a sua misericórdia para conosco” (v. 2a), de modo que não temos coisa alguma de que nos vangloriar. “Não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:9). Se formos humildes diante do Senhor, ele poderá usar nossa vida para alcançar outros, mas se formos arrogantes, ele nos rejeitará. “Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça” (1 Pe 5:5). Somos salvos pela graça e

vivemos pela graça, dependendo exclusivamente da generosidade do Senhor em Jesus Cristo. Uma igreja arrogante é uma igreja fraca. Desfrutar o louvor dos homens é perder a bênção de Deus.

4. DESCANSAR NAS PROMESSAS DE DEUS (Sl 117:2B)

Por certo, o povo de Deus é salvo e vive pela fé, mas nossa fé não faria sentido algum se não fosse pela fidelidade de Deus que “subsiste para sempre”. O termo traduzido por “fidelidade” ou “verdade” significa, no hebraico, “ser firme, ser inabalável”. O caráter de Deus não muda, como também suas promessas não mudam, então, por que nos afligimos com os sentimentos dentro de nós e as circunstâncias a nosso redor? Tendo em vista que sua fidelidade é tão abundante, por que hesitamos em lhe obedecer? (Êx 34:6). Quando Deus nos chama para fazer alguma coisa, ele é fiel e nos ajuda a cumprir nossa missão (1 Ts 5:24). Confiar em nossa fé é o mesmo que crer na fé, mas confiar na fidelidade de Deus é crer no Senhor. Nossa segurança é a Palavra de Deus e o Deus da Palavra.

SALMO 118

Interposto entre o salmo mais curto e o mais longo, este é o último cântico do Hallel Egípcio. É bem provável que seu contexto seja a consagração dos muros e portas restaurados de Jerusalém durante a Festa dos Tabernáculos, em 444 a.C., no tempo de Esdras e de Neemias. Os judeus que se encontravam em Jerusalém estavam cercados por inimigos que, a princípio, os ridicularizaram e, depois, ameaçaram atacá-los e interromper seu trabalho (vv. 10-14; Ne 2:19, 20; 4:1-9; 6:1-9).

O projeto de reconstrução levou 52 dias, e o relato dessa façanha causou espanto entre as nações (vv. 15, 16, 23, 24; Ne 6:15, 16). O salmo fala de portas (vv. 19, 20) e de construção (v. 22) e, sem dúvida, expressa a alegria do povo ao contemplar aquilo que o Senhor havia feito. As orações repetidas, nos versículos 2-4, 10-12 e 15, 16, indicam que o salmo foi escrito para o culto público.

Os pronomes na primeira pessoa do singular, nos versículos 5 a 21, referem-se à nação de Israel, não ao salmista. Porém, este salmo também traz uma mensagem para todos os crentes de todas as eras e lhes dá quatro instruções práticas.

1. DAR GRAÇAS AO SENHOR EM TODO TEMPO (Sl 118:1-4)

O salmo começa e termina com ações de graças (vv. 1-4, 28, 29), pois este é um dos propósitos dos salmos de "Aleluia", e vimos essa declaração tripla anteriormente (115:9-11). A situação humana pode mudar uma porção de vezes, mas a bondade misericordiosa de Deus dura para sempre. Por certo, a nação de Israel deveria louvar a Deus por todas as bênçãos e privilégios que o Senhor havia lhes concedido (Rm 9:1-5). A casa de Arão deveria agradecer a Deus pelo grande privilégio de servir no santuário e junto ao altar. "Os que temem ao SENHOR" são todos os que fazem parte do povo fiel de Deus, quer judeus quer gentios - os "retos de coração" - que obedecem fielmente à Palavra de Deus e temem seu nome. O povo de Deus, nos dias de hoje, tem todas as bênçãos espirituais em Jesus Cristo (Ef 1:3) e, sem dúvida, deve louvar o nome do Senhor.

2. CONFIAR NO SENHOR EM TODAS AS CRISES (Sl 118:5-14)

"O Senhor" é mencionado em todos os versículos deste parágrafo, pois foi ele quem protegeu Israel de seus inimigos e quem capacitou o povo a completar o trabalho nos momentos difíceis. Israel foi liberto do cativeiro em 537 a.C. (v. 5), e cerca de 50 mil judeus voltaram para Jerusalém sob a liderança do governador Zorobabel e do sumo sacerdote Josué (ver Ed 3 - 6). Os judeus lançaram os alicerces do templo em 536 a.C., mas os governantes locais interferiram e as obras ficaram paradas de 536 a 520 a.C. As nações ao redor da cidade não queriam um Estado judeu restaurado naquela região, de modo que se opuseram tanto à reconstrução do templo quanto à fortificação da cidade. O trabalho foi retomado em 520 a.C., e o templo foi concluído e consagrado em

515 a.C. O povo aprendeu a confiar não em reis e príncipes, mas somente no Senhor (vv. 8, 9). Também aprenderam que, ainda que o inimigo os atacasse como abelhas, o Senhor lhes daria a vitória (vv. 10-12). Neemias teve uma experiência parecida quando chegou a Jerusalém em 444 a.C. e coordenou a reconstrução dos muros e a restauração das portas da cidade. Sabendo que a nação de Israel era o instrumento escolhido por Deus para abençoar o mundo, Satanás fez frente a essas obras e tentou destruir tanto o povo quanto sua cidade, mas a coragem e a fé levaram Israel a um fim vitorioso (vv. 5-7; Hb 13:6). A declaração no versículo 14 é bastante sugestiva. O povo de Israel cantou quando foi liberto do Egito (Êx 15:2) e quando Deus permitiu que reconstruissem seu templo e os muros da cidade (118:14). Os israelitas cantarão quando o Messias os redimir e estabelecer seu reino (Is 12:2, ver contexto). No futuro, Israel sofrerá ataques de "todas as nações", como aconteceu no passado (Is 29:2-7; Zc 12:9; 14:1-5; Jl 3:1, 2) e, mais uma vez, será salvo pelo Senhor. O povo de Deus deve aprender a confiar do Senhor em todas as crises da vida.

[Observação: A título de curiosidade, vale comentar, ainda, que os versículos 8 e 9 são os versículos que se encontram exatamente no meio da Bíblia, lembrando que a divisão de versículos das Escrituras não foi inspirada.]

3. GLORIFICAR AO SENHOR DEPOIS DE CADA VITÓRIA (Sl 118:15-21)

Quando o muro foi consagrado, pôde-se ouvir de longe o clamor de júbilo do povo (Ne 12:47), fato mencionado pelo salmista (vv. 15, 16). As "tendas dos justos" são as casas do povo de Israel, bem como suas habitações temporárias durante a Festa dos Tabernáculos (Lv 23:33-44). O povo fez questão de dar ao Senhor toda a glória por aquilo que Israel havia feito na reconstrução da cidade. Apesar da disciplina dolorosa que Israel havia sofrido, a nação não pereceria (vv. 17, 18). Uma procissão festiva chega às portas da cidade (ver Sl 24), ou talvez aos átrios do templo (ver v. 27), pois a comemoração

envolvia a oferta de sacrifícios no altar do templo. Uma das melhores formas de “selar” as bênçãos de Deus em nosso coração e de dar toda a glória a ele é louvá-lo publicamente – e continuar louvando!

4. VER A PRESENÇA DO SENHOR EM TODAS AS EXPERIÊNCIAS (SL 118:22-29)

O povo judeu havia reconstruído o templo sob a liderança de Zorobabel e de Esdras e restaurado os muros e portas de Jerusalém sob a liderança de Neemias. Será que, no transcurso dessas atividades, encontraram uma grande pedra no meio dos escombros e a rejeitaram, só para descobrir, mais tarde, que era a pedra mais importante de todas? As nações gentias haviam desprezado e rejeitado Israel (Ne 2:18-20; 4:1ss), mas Deus os havia poupado a fim de concluírem o trabalho do qual os havia incumbido.

Nas Escrituras, a pedra ou rocha é usada com frequência como figura do Senhor Deus (18:2, 31, 46; Gn 49:24; Dt 32:4, 15, 18, 30, 31; 2 Sm 22:2, 3, 32, 47; Is 17:10; 26:4, 30:29; 33:6), indicando, particularmente, o Messias (Is 8:14; 28:16; Dn 2:34, 35, 45; Mt 21:42-44; Mc 12:10; Lc 20:17, 18; At 4:11; Rm 9:32, 33; 1 Co 10:4; 1 Pe 2:6-8). Pedro deixa claro que os líderes judeus (os “construtores”) rejeitaram o Messias, a Pedra (At 4:11), e Cristo tornou-se para eles uma pedra de tropeço (Is 28:16; Rm 9:32, 33). Porém, em sua morte, ressurreição e ascensão, Jesus Cristo tornou-se a pedra angular da Igreja, o templo de Deus, unindo judeus e gentios em um só santuário (Ef 2:19-22). Um dia, Jesus voltará como Pedra de julgamento e esmagará os reinos arrogantes deste mundo (Dn 2:34, 44, 45). Todo cristão pode usar os versículos 22 a 24 para louvar ao Senhor pela salvação oferecida em Cristo Jesus. A expressão: “Salva-nos, SENHOR!” (v. 25) é a palavra “*hosanna*”, que o povo clamou quando Jesus entrou em Jerusalém montado num jumento (Mt 21:9; Mc 11:9, 10). Observe, ainda, a oração: “Bendito o que vem em nome do Senhor”.

O sacerdote passava o sangue do sacrifício nos chifres do altar (“pontas do altar”, v. 27; Lv 4:7), mas não há evidência alguma

de que os animais para o sacrifício ficassem amarrados ao altar antes de ser abatidos. O altar era considerado extremamente santo, de modo que dificilmente seria usado para prender animais. Alguns comentários sugerem que o animal amarrado era *levado até o altar*, onde os sacerdotes cortavam a garganta dele, coletavam o sangue e, depois, ofereciam tanto o animal quanto o sangue sobre o altar do Senhor. É evidente que cada sacrifício era um retrato da morte de Jesus Cristo, o Salvador do mundo. Em cada um dos sete dias da Festa dos Tabernáculos, os sacerdotes conduziam uma procissão ao redor do altar e, depois, ofereciam um holocausto. No oitavo dia, porém, a procissão marchava sete vezes ao redor do altar, e os sacerdotes ofereciam sete sacrifícios.

Podemos ver Jesus Cristo neste salmo – sua entrada triunfal (vv. 25, 26), sua rejeição (v. 27), sua morte e ressurreição (v. 17) e sua exaltação como Pedra escolhida de Deus (vv. 22, 23). Talvez o versículo 24 faça uma alusão ao Dia do Senhor, o dia da ressurreição, como o “*novo dia*” da nova criação que se tornou possível com a obra expiatória de Cristo. É importante ver Jesus Cristo em todas as experiências da vida, pois assim essas experiências nos ajudarão a crescer na graça e a nos tornar mais semelhantes ao Salvador.

SALMO 119

A ênfase deste salmo, o mais longo de todos, é sobre o ministério da Palavra de Deus na vida espiritual interior dos filhos de Deus. Descreve como a Palavra nos capacita a crescer em santidade e a lidar com as perseguições e pressões que sempre acompanham uma caminhada obediente na fé. O salmo é um acróstico e traz oito linhas em cada seção, sendo que as seções sucessivas seguem as letras do alfabeto hebraico. Cada uma das oito linhas de 1 a 8 começa com a letra *Aleph*, as linhas 9 a 16 começam com *Beth*, 17 a 24 com *gimel*, e assim por diante. O autor desconhecido usa oito palavras diferentes para se referir às Escrituras: lei (*Torá*), testemunho, preceito, estatuto, mandamento, juízos (com o sentido de “regra para a vida”), palavra (de Deus) e promessa. Todas essas

designações podem ser encontradas em 33-40, 41-48, 57-64, 73-80, 81-88 e 129-136. Os estudiosos não apresentam um consenso quanto a essa questão, mas, ao que parece, cada versículo contém uma menção *direta* à Palavra de Deus, com exceção de sete versículos: 3, 37, 84, 90, 121, 122 e 132. Se considerarmos “caminhos” um sinônimo para a Palavra de Deus, podemos eliminar os versículos 3 e 27. É possível que o salmista estivesse meditando sobre o Salmo 19, no qual Davi apresenta seis nomes para as Escrituras, sendo que cinco deles podem ser encontrados no Salmo 119: lei, testemunho, preceito, mandamento e juízos. Também podemos encontrar parte do vocabulário do Salmo 19 no Salmo 119, incluindo os seguintes termos: “irrepreensível” (13 / 119:1, 80); puro (8 / 119:9, 140); reto (9; 119:7, 40, 62, 75, 106, etc.); e meditar ou guardar (14 / 119:21, 51, 69, 78, 85, 122). Os dois salmos comparam a Palavra de Deus ao ouro (10 / 119:72, 127) e ao mel (10 / 119:103), e em ambos pode-se observar uma ênfase sobre guardar a Palavra de Deus ou lhe obedecer (11 / 119:4, 5, 8, 9, 17, 34, 44, 55, 57, 60, 63, 67, 88, 101, 106, 134, 136, 146, 158, 167, 168).

1. O ESCRITOR E SUA ÉPOCA

Uma vez que não sabemos quem escreveu o salmo, também não temos como determinar com certeza quando ele foi escrito, mas nossa falta de conhecimento nesse sentido não precisa servir de empecilho para aprendermos com esse salmo magnífico. Alguns atribuem o salmo a Moisés, o que é pouco provável, enquanto outros acreditam que seu autor foi um sacerdote ou levita que serviu no segundo templo depois do cativeiro na Babilônia. Qualquer que seja a identidade do salmista, ele é um bom exemplo a ser seguido, pois almejava a santidade e desejava intensamente compreender a Palavra de Deus de maneira mais profunda. Com exceção de catorze versículos, suas palavras são dirigidas todas ao Senhor, de modo que, basicamente, este salmo é uma combinação de adoração, oração, louvor e admoestação. O escritor deve ter sido um homem importante,

pois menciona a oposição de governantes (vv. 23, 161; “príncipes”), termo que se refere aos governantes gentios ou líderes tribais de Israel (Ne 3) e também fala de “reis” (v. 46). O salmo não faz referência alguma ao santuário, a sacrifícios ou ao ministério sacerdotal. Os personagens são o Senhor Deus, um remanescente piedoso em Israel (vv. 63, 74, 79, 120, etc.), o salmista e os perversos que o desprezavam (v. 141), perseguiam (vv. 84, 85, 98, 107, 109, 115, 121, 122, etc.) e desejavam destruí-lo (v. 95). O salmista se refere a eles como “os malditos” ou “os soberbos” (vv. 21, 51, 69, 78, 85, 122). Eram pessoas que haviam nascido dentro da aliança, mas que não valorizavam as riquezas espirituais desse relacionamento. Desprezavam a lei e lhe desobedeciam abertamente. O escritor é insultado por eles (vv. 22, 23, 39, 42) e sofre terrivelmente com suas falsas acusações (vv. 50, 51, 61, 67, 69-71, 75, 78).

Não sei se estou certo, mas imagino que o profeta Jeremias pode ter escrito o Salmo 119 e que seu objetivo era ensinar e encorajar seus jovens discípulos (v. 9) depois da destruição do templo. Várias das declarações ao longo do salmo poderiam ser aplicadas a Jeremias. Ele falou com cinco reis (Jr 1:2) e sofreu vergonha por servir ao Senhor fielmente (Jr 15:15; 20:8). Viu-se cercado de críticos e de inimigos que não guardavam a lei de Deus (Jr 11:19), mas que desejavam se ver livres do profeta (Jr 18:23). Sem dúvida, Jeremias era um profeta que possuía a palavra de Deus “inscrita em seu coração” (Jr 31:31-34), uma das ênfases do Salmo 119 (vv. 11, 32, 39, 80, 111). Como Jeremias, o salmista também chorou pela situação lamentável de seu povo (vv. 28, 136; Jr 9:1, 18; 13:17; 14:17; Lm 1:16; 2:18; 3:48). Porém, em meio à tragédia e ao perigo, Jeremias se regozijou na Palavra de Deus e fez dela seu sustento (v. 111; Jr 15:16). Tanto em termos de vocabulário quanto de mensagem, esse salmo tem como base o Livro de Deuterônimo (a “segunda lei”), a segunda declaração da lei feita por Moisés. Porém, ao contrário de Êxodo, Deuterônimo enfatiza o amor e a obediência sincera, não apenas um cumprimento “ritual” dos

preceitos de Deus. Jeremias foi sacerdote e profeta e possuía conhecimento profundo de Deuteronômio.

2. O TEMA

O tema principal do Salmo 119 é o uso prático da Palavra de Deus na vida daquele que teme ao Senhor. Quando consideramos que o salmista provavelmente não possuía um Antigo Testamento completo, muito menos uma Bíblia completa, essa ênfase passa a ser não apenas extraordinária, mas também essencial. Os cristãos de hoje têm a Bíblia completa e, no entanto, quantos declaram que amam a Palavra de Deus e se levantam durante a noite ou bem cedo pela manhã a fim de lê-la e de meditar sobre seu texto (vv. 55, 62, 147, 148)? Quantos cristãos ignoram as Escrituras do Antigo Testamento ou simplesmente as lêem de maneira superficial e descuidada? Porém, vemos aqui um homem que se alegrava nas Escrituras do Antigo Testamento – a única Palavra de Deus que possuía – e que considerava essa Palavra seu alimento (v. 103) e sua maior riqueza (vv. 14, 72, 127, 162)! Seu amor pela Palavra de Deus envergonha muitos cristãos de hoje. Se o salmista, com seu conhecimento e recursos limitados, era capaz de ter uma vida piedosa e vitoriosa alimentando-se do Antigo Testamento, quanto mais nós, cristãos de hoje, devemos viver para o Senhor. Afinal, somos precedidos por dois milênios de história da Igreja e temos diante de nós a Bíblia toda!

Quando o salmista emprega o termo “lei” (*torah*) ou qualquer uma das outras sete palavras para Escrituras, está se referindo a muito mais do que os Dez Mandamentos e as instruções cerimoniais que se cumpriram em Cristo. Tem em mente toda a revelação de Deus encontrada nas Escrituras do Antigo Testamento. Antes de os livros do nosso Novo Testamento terem sido escritos e distribuídos no primeiro século, as *Escrituras do Antigo Testamento eram a única Palavra de Deus que a Igreja possuía!* Ainda assim, com o Antigo Testamento e a ajuda do Espírito Santo, os primeiros cristãos puderam exercer um ministério dinâmico e levar os pecadores a Cristo. Pedro usou os Salmos 69:25 e 109:8

como orientação para a escolha de um novo apóstolo (At 1:15-26). Citou Joel 2:28-32 em Pentecostes para explicar a vinda do Espírito Santo, e os Salmos 16:8-11 e 110:1 para provar a ressurreição de Jesus Cristo (At 2:14-39). Em sua defesa perante o Sinédrio (At 7), Estêvão começou citando Gênesis 12:1 e encerrou com Isaías 66:1, 2 e, ao longo do discurso, fez referência a Êxodo, Deuteronômio e Amós. Filipe levou um homem a Cristo usando apenas Isaías 53 (At 8:26-40). Paulo encontrou em Isaías 49:6 uma injunção para que continuasse ministrando aos gentios (At 13:47), e Tiago encerrou as deliberações em Jerusalém citando Amós 9:11-15 (At 15:13-21). Paulo chegou a citar um versículo do Antigo Testamento sobre bois para incentivar as igrejas a sustentar seus líderes espirituais (Dt 25:4; 1 Co 9:9; 1 Tm 5:18). (Hc 2:4 é citado como versículo-chave em Rm 1:17; Gl 3:11 e Hb 10:37, 38.) Em sua teologia, decisões e ministério, os primeiros cristãos dependiam da orientação das Escrituras do Antigo Testamento.

Muitos cristãos de hoje ignoram o Antigo Testamento, com exceção de alguns “salmos prediletos”, e, portanto, muitos não têm conhecimento daquilo que a lei de Deus ensina. “A lei é um jugo”, dizem uns e citam Atos 15:10 e Gálatas 5:1. O salmista, porém, encontrou liberdade na lei (vv. 45, 133). “Dar atenção à lei é voltar às sombras!”, argumentam referindo-se a Colossenses 2:16-17 e a Hebreus 10:1, mas o escritor do Salmo 119 descobriu que a lei era sua luz (vv. 105, 130). “Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3:20), mas o salmista usou a lei para conquistar a vitória sobre o pecado (vv. 9-11). “A lei mata!” (Rm 7:9-11), dizem outros; mas foi a lei que vivificou o salmista quando sua alma estava “apegada ao pó” (ver vv. 25, 40, 88, 107, 149, etc.). “A lei e a graça são opostos!”, declaram ainda outros; mas o salmista dá testemunho de que a lei e a graça trabalharam em conjunto em sua vida (vv. 29 e 58). Deus usou Moisés para libertar o povo do Egito, mas, em seguida, deu a Moisés a lei para que a entregasse ao povo no Sinai. O filósofo alemão Goethe escreveu: “Tudo aquilo que liberta nosso espírito sem

nos dar autocontrole é catastrófico". A lei e a graça não são inimigas, pois a lei determina os padrões e a graça permite que os alcancemos (Rm 8:1-3).

O escritor do Salmo 119 encontrava *prazer* na lei de Deus (vv. 16, 24, 35, 47, 70, 77, 92, 143; ver também 1:1 e 19:8 e 10), e essa alegria é repetida por Paulo (Rm 7:22). Paulo não anulou a lei de Deus e colocou-a de lado; antes, disse que o mandamento (lei) era "santo, e justo, e bom" e também "espiritual" (Rm 7:12-14). Apesar de sermos carnis, os preceitos de Deus podem ser usados de modo legítimo em nosso ser interior. A lei de Deus é espiritual e pode ser usada pelo Espírito para ministrar a nosso espírito. Por certo, ninguém é salvo nem santificado por seus esforços para obedecer à lei. Porém, para o cristão consagrado, a lei possui um significado mais profundo: é a inscrição da Palavra em nosso coração (Dt 4:9, 29, 39; 6:5; 10:12; etc.), em função da nova aliança em Jesus Cristo (Jr 31:31-34; Hb 8:8-12; 10:16-17; 2 Co 3).

Para os pecadores não salvos, a lei representa *um inimigo*, pois anuncia sua condenação e não pode salvá-los. Para os cristãos legalistas, a lei representa *um senhor dominador*, que lhes rouba a liberdade. Para os cristãos espirituais, a lei representa *um servo* que os ajuda a ver o caráter de Deus e a obra de Cristo. O homem justo do Antigo Testamento que escreveu o Salmo 119 não se contentava em ter a lei em sua casa, em sua cabeça ou em sua mão; desejava ter a lei em seu coração, pois assim ela o ajudaria a amar o que é santo e fazer o que é certo (v. 11). Foi essa abordagem que Jesus usou no sermão do monte. Os atributos de Deus revelados no Antigo Testamento são paralelos às características da Palavra de Deus, conforme a descrição no Salmo 119. Ambos são cheios de graça (vv. 29, 58; 86:15), verdadeiros e fiéis (vv. 30, 43, 160; Êx 34:6), retos (vv. 106, 123, 137, 138, 143, 151), bons (vv. 39, 68), confiáveis (vv. 9, 73, 86, 90, 138), eternos (vv. 89, 152, 160; Dt 33:27) e luz (v. 105; 27:1). Tratamos a Palavra de Deus da mesma forma como tratamos o Deus da Palavra.

A Palavra de Deus realiza vários mistérios maravilhosos na vida do cristão dedicado. Ela nos mantém puros (v. 9), nos dá alegria (vv. 14, 111, 162), nos guia (vv. 24, 33-35, 105) e estabelece nossos valores (vv. 11, 37, 72, 103, 127, 148, 162). A Palavra nos ajuda a orar com eficácia (v. 58) e nos dá esperança (v. 49), paz (v. 165) e liberdade (vv. 45, 133). O amor à Palavra fará com que tenhamos os melhores amigos (vv. 63, 74, 79), nos ajudará a descobrir e cumprir os propósitos de Deus (v. 73) e nos fortalecerá para testemunhar (vv. 41-43). Quando acreditamos estar "no fim da linha", a Palavra nos reanima (vv. 25, 37, 40, 88, 107, 149, 154, 156, 159). Se tivermos prazer na Palavra, se aprendermos com ela, se a guardarmos no coração como um tesouro e se lhe obedecermos, o Senhor trabalhará em nós e por nosso intermédio, a fim de realizar grandes coisas para sua glória! Ao ler e estudar o Salmo 119, veremos o salmista em várias situações, mas sua devoção ao Senhor e a sua Palavra não muda. As circunstâncias podem mudar, mas Deus e sua Palavra permanecem os mesmos.

3. ÁLEF (SL 119:1-8) – BEM-AVENTURADO E IRREPRENSÍVEL

A primeira palavra do salmo – "bem-aventurado" – repete-se no versículo 2, mas não volta a aparecer mais neste salmo. De que maneira podemos receber as bênçãos de Deus e ser "bem-aventurados"? Mostrando-nos irrepreensíveis diante do Senhor, obedientes a sua lei e sinceros em nosso relacionamento com ele. Porém, algumas das palavras que aparecem na seqüência – lei, preceitos, estatutos, decretos, mandamentos – costumam nos assustar e, por vezes, quase nos paralisar de desespero. Quando pensamos na lei, normalmente, nos vêm à memória as "maldições", não as "bênçãos" (ver Dt 27:1 – 28:68; Js 9:30-35), mas devemos lembrar que Jesus levou sobre si na cruz a maldição da lei (Gl 3:10-13). A lei é uma arma nas mãos de um juiz irado, mas um instrumento nas mãos de um Pai amoroso, um recurso usado pelo Espírito Santo para nos tornar mais semelhantes a Jesus Cristo. A Palavra nos permite

conhecer melhor a Deus e nos achegar a ele. Ser "irrepreensível" não significa ser "impecável", mas sim cultivar sinceridade, integridade e uma devoção verdadeira ao Senhor. Somente Jesus Cristo foi completamente impecável em seu relacionamento com Deus e com a lei, mas pelo fato de nós, cristãos, estarmos "em Cristo", devemos ser "santos e irrepreensíveis perante ele" (Ef 1:4). Seu amor está em nosso coração (Rm 5:5) e seu Espírito nos capacita (Gl 5:16-26), de modo que sua lei não é um jugo cansativo que nos oprime. "Seus mandamentos não são penosos" (1 Jo 5:3).

Buscar a Deus é muito mais do que ler a Bíblia ou mesmo estudá-la. Significa ouvir a voz de Deus em sua Palavra, amá-lo cada vez mais e desejar lhe agradar e dar prazer a seu coração. Significa uma entrega total a ele (vv. 2, 10, 34, 58, 69, 145) e uma recusa em permitir que qualquer coisa venha a competir por nossa afeição. Todos os salmos deixam claro que esse tipo de vida não é livre de perigos e decepções, pois muitas vezes fracassamos. O escritor deste salmo viu-se no pó e teve de suplicar para ser "vivificado" (vv. 25, 37, 40, 50, 88, 93, 107, 149, 154, 156, 159). Uma vez que fez isso, confessou seus pecados, levantou-se e começou a caminhar com o Senhor novamente. *A vida cristã vitoriosa é uma série de recuperações.* Ao cultivar um anseio pela Palavra (vv. 10, 20, 40, 81, 131) e nos alimentar dela, damos ao Espírito algo com que trabalhar em nosso coração, e ele nos capacita para que trilhemos os caminhos de Deus. Se nos sentimos envergonhados quando lemos a Palavra (v. 6; ver v. 80), então precisamos parar e descobrir o motivo e confessá-lo ao Senhor. Se nossa desobediência nos causa embaraço, não será possível testemunhar a outros (v. 46) e nos envergonharemos de nossa esperança (v. 116). É melhor nos envergonharmos agora e confessarmos, do que sermos envergonhados quando nos encontrarmos com o Senhor (1 Jo 2:28).

O louvor é uma boa forma de nos prepararmos para aprender de Deus e de sua Palavra (v. 7). Trata-se de uma verdade tão importante que é repetida nos versículos 12

e 171. É possível que nossos caminhos (v. 5) ainda não sejam os caminhos de Deus (v. 3), mas ao persistirmos, pela fé, ele nos ajudará e não nos abandonará (v. 8; Hb 13:5). Quando Jacó fugiu de casa, ainda faltava muito para ele ser um homem espiritual, mas o Senhor prometeu não abandoná-lo, e Jacó creu nessa promessa e se tornou um homem piedoso (Gn 28:10-22) a ponto de Deus permitir ser chamado "o Deus de Jacó".

4. BÊT (Sl 119:9-16) – CULTIVANDO A SANTIDADE

O salmista encerra a primeira seção decidido a guardar a lei do Senhor (v. 8), uma promessa repetida no versículo 145. Começa a seção como um verdadeiro mestre judeu, fazendo uma pergunta aos jovens que está instruindo: "Como podemos cumprir essa promessa?" Promete, ainda, meditar na Palavra (vv. 15, 48, 78), deleitar-se com a Palavra e não esquecê-la (vv. 16, 47, 93) e percorrer os caminhos do Senhor (v. 32). Porém, sabe que é sempre mais fácil fazer promessas do que cumpri-las, lição que Paulo aprendeu quando tentou obedecer à lei com as próprias forças (Rm 7:14-25). Assim como Paulo, todos nós precisamos aprender que é o Espírito Santo habitando em nós que nos permite cumprir os juízos de Deus na vida diária (Rm 8:1-11). Devemos viver de acordo com a Palavra de Deus, o que significa cultivar um coração dedicado ao Senhor. Paulo chama isso de "[buscar] as coisas lá do alto" (Cl 3:1).

Precisamos de um coração que busca ao Senhor, pois quando fazemos isso, nossos pés não se desviam dos caminhos do Senhor (v. 10; Pv 4:23). Um coração com essa disposição é capaz de ver Deus em todas as circunstâncias da vida, de aprender cada vez mais sobre ele, de ter comunhão com ele e de glorificá-lo em tudo o que diz e faz. Mais uma vez, o Espírito Santo nos capacita a todas essas coisas quando nos entregamos a ele. Devemos, ainda, gastar tempo com a Palavra de Deus e guardá-la em nosso coração como um bem precioso (v. 11; Jó 23:12; Pv 2:1; 7:1). A vitória sobre o pecado não se dá por meio de nossas promessas ao Senhor,

mas sim pelas promessas do Senhor a nós. Precisamos também de um coração agradecido e de um espírito receptivo que nos permita aprender do Senhor (vv. 12, 108, 171). A. W. Tozer costumava advertir sobre o perigo de ser instruído pelos homens em vez de ser instruído por Deus (v. 102). O Senhor nos deu mestres em sua Igreja, e devemos dar ouvidos a eles. Porém, a menos que as verdades que ouvimos passem de nossa mente (e de nossas anotações) para nosso coração, onde são escritas pelo Espírito Santo (2 Co 3:1-3) e, depois, para nossa vontade, não aprendemos de fato da Palavra nem somos abençoados por ela. A bênção não vem de ouvir a Palavra, mas sim de lhe obedecer (Tg 1:22-25). Também devemos falar da Palavra a outros (v. 13), a fim de procurar enriquecê-los com tesouros espirituais. O coração é como uma caixa de tesouros, de onde tiramos riquezas espirituais para encorajar e ajudar a nós mesmos e a outros (Mt 12:35; 13:51, 52). O tema das Escrituras, como riquezas, aparece em várias ocasiões no Salmo 119 (vv. 14, 72, 127, 162; ver 19:10). Prezar qualquer outro bem acima da Palavra de Deus é idolatria e traz problemas. Considere os exemplos negativos de Ló (Gn 13, 18 - 19), Acã (Js 6 - 7), o rei Saul (1 Sm 15) e Ananias e Safira (At 5). E também os exemplos positivos de Abraão (Gn 14:18-24), Moisés (Hb 11:24-27), Maria de Betânia (Mc 14:3-9) e Paulo (Fp 3:1-11).

Tudo o que nos dá prazer cativa nossa atenção, nossos pensamentos e meditação. O mesmo se aplica à Palavra de Deus. Neste salmo, deleitar-se na Palavra, amar a Palavra e meditar sobre a Palavra são práticas que aparecem juntas (vv. 15, 16, 23, 24, 47, 48, 77, 78, 97-99) e que também devem andar juntas em nosso coração e em nossa vida. Devemos cultivar a santidade.

5. GUÍMEL (Sl 119:17-24) – PRECISAMOS DA PALAVRA DE DEUS!

Este texto é perfeito para as ocasiões em que sentimos vontade de deixar de lado nosso tempo diário com Deus e sua Palavra. Precisamos da Palavra porque somos servos (vv. 17, 23, 38, 49, 65, 76, 84, 122, 124, 125,

135, 140, 176) e, em sua Palavra, nosso Senhor nos dá as orientações sobre o trabalho que deseja que realizemos. O sacerdote Eli falhou em muitas áreas, mas acertou quando ensinou o jovem Samuel a orar: “Fala, SENHOR, porque o teu servo ouviu” (1 Sm 3:9). Como servo fiel de Deus, o salmista anônimo pode ser colocado ao lado de Moisés, Josué, Davi, Daniel, Tiago, Paulo e Timóteo – homens que foram assim chamados. Porém, todo filho de Deus pode servir ao Senhor e receber essa mesma designação (113:1; 134:1; 2 Tm 2:24; 1 Pe 2:16). Todas as coisas na criação servem ao Senhor (v. 91), e nós, que somos seu povo redimido, devemos fazer o mesmo. Deus é sempre generoso com seus servos e supre todas as suas necessidades (13:6; 116:7; 142:7; Lc 22:35; Fp 4:19).

Não somos apenas servos, mas também aprendizes (v. 18), e nosso manual básico é a Palavra de Deus. Porém, a menos que Deus abra nossos olhos, jamais veremos as coisas extraordinárias que se encontram escondidas em suas páginas (Ef 1:17, 18). A Palavra de Deus é admirável (v. 129), suas obras são maravilhosas (107:8, 15, 21, 24, 31) e ele “engrandeceu a sua misericórdia para comigo” (31:21, NVI), de modo que devemos meditar sobre o caráter admirável de sua Pessoa, sua verdade e suas obras poderosas. Os olhos têm desejos (vv. 82, 123; 1 Jo 2:16), e devemos tomar cuidado com o que olhamos (v. 37). Os olhos que se regalam com as vaidades deste mundo jamais verão as maravilhas contidas na Palavra de Deus.

Como os patriarcas da Antiguidade, também somos *peregrinos* neste mundo (vv. 19, 20; 39:12; 105:12, 23; Gn 23:4; Êx 2:22; Lv 25:23; Hb 11:8, 9, 13-16; 1 Pe 1:1; 2:11) e precisamos da orientação do Senhor em nossa jornada. As leis de trânsito na Grã-Bretanha são diferentes das leis nos Estados Unidos, e fazer confusão entre as duas pode ser perigoso. O povo de Deus está sendo guiado pelo caminho estreito que conduz à vida, enquanto o povo do mundo está no caminho largo que conduz ao julgamento (Mt 7:13, 14). Assim como as colunas de fogo e de nuvem guiaram Israel em sua jornada pelo

deserto (Nm 9:15-23), as Escrituras também nos guiam em nossa jornada aqui na terra (v. 105). O salmista sentia um anseio profundo de ler e de meditar sobre os preceitos de Deus e, ao contrário de muitos viajantes de hoje, não tinha medo de pedir orientação ao Senhor. Se gastarmos tempo meditando na Palavra e buscando ao Senhor, ele nos mostrará o caminho da vida (16:11).

Uma vez que temos outro Senhor, obedecemos a um conjunto diferente de leis e temos cidadania em outra pátria (Fp 3:20). Somos diferentes das pessoas perdidas que Jesus chamou de “filhos do mundo” (Lc 16:8). Não nos conformamos com o mundo (Rm 12:2), e, por isso, o mundo opõe-se a nós e nos persegue. Assim, somos *sufredores* que levam sobre si o opróbrio por Jesus Cristo (vv. 21-24; Mt 13:20, 21; Hb 13:13). O salmista chama seus perseguidores de “soberbos” (v. 21) e os descreve desobedecendo à lei de Deus (vv. 126, 158), ignorando-a (v. 139), desviando-se dela (vv. 21, 118) e a abandonando (v. 53). Uma vez que rejeitam a Palavra de Deus, também rejeitam e zombam do povo de Deus (v. 51), mentem a seu respeito (v. 69), tentam pegá-los em suas armadilhas (v. 85) e os oprimem sem motivo (vv. 78, 122). Essa é a “grande transgressão” à qual Davi se refere em 19:13. A oposição que o salmista sofria vinha dos altos escalões (vv. 23, 161), ou seja, dos nobres e dos governantes da terra. O salmista desejava que Deus removesse o opróbrio que haviam colocado sobre ele como uma vestimenta (v. 22; ver 35:26; 109:29; 132:18), mas seu sofrimento deu-lhe a oportunidade de testemunhar a nobres e reis (v. 46; e ver Mt 10:18; At 9:15; Fp 1:12-18; 4:22). O escritor precisava de sabedoria para lidar com essas situações difíceis e encontrou orientação na Palavra de Deus (v. 24). Em vez de dar ouvidos às calúnias do inimigo, meditou sobre a verdade de Deus. Trata-se de uma boa maneira de manter a mente pura e confiante (Fp 4:4-7).

6. DÁLET (Sl 119:25-32) – NEM TUDO ESTÁ PERDIDO

A seção anterior encerra com o salmista deleitando-se na Palavra de Deus, e esta seção

começa com ele no pó! É de se esperar que o inimigo nos ataque com mais intensidade quando estamos desfrutando as bênçãos de Deus. Quando as coisas estão tranquilas e nos sentimos bem, há sempre o risco de relaxarmos e de colocarmos a armadura de lado (Ef 6:10-18). “Permanecemos tão vigilantes depois da vitória quanto antes da batalha”, disse Andrew Bonar com toda razão. O salmista soube o que fazer quando se viu arrasado – ele orou!

“Vivifica-me!” (v. 25; ver 143:11). Seus inimigos estavam difamando seu nome (v. 23), cercando-o de armadilhas (v. 61), mentindo a seu respeito (v. 69), fazendo-o sofrer e ser desprezado (vv. 83, 141) e até mesmo ameaçando sua vida (v. 109), portanto, não é de se admirar que ele se sentisse como um inseto no pó. Mas, quando temos a impressão de estar “na pior”, o Senhor aparece com o que há de melhor e nos concede a graça de que precisamos (2 Co 1:3-11; 12:1-10). Algumas versões traduzem o pedido do salmista por: “preserva a minha vida” (NVI), mas essa súplica vai muito além. Sem dúvida, inclui a salvação de sua vida, mas também envolve o revigoramento e a renovação de seu ser. Essa oração é repetida com frequência (vv. 25, 37, 40, 50, 88, 93, 107, 149, 154, 156, 159), e o Senhor sempre lhe responde.

“Ensina-me” (vv. 26, 27). Muitas vezes perguntamos: “Como posso sair dessa dificuldade?”, quando, na verdade, deveríamos perguntar: “O que posso aprender com essa experiência?” Nos momentos de crise, precisamos da sabedoria de Deus, a fim de não desperdiçarmos nosso sofrimento (Tg 1:2-8). O salmista sabia que ainda havia lições a aprender na escola da vida e não queria perdê-las. Conversou com o Senhor sobre o que estava se passando, e o Senhor respondeu concedendo sabedoria e força. Pela fé, o salmista esperava ver as maravilhas de Deus manifestas em meio a suas batalhas.

“Fotalece-me” (vv. 28-30). Ao longo de todo o salmo, o escritor deixa claro que seu sofrimento era decorrente de seu compromisso com Deus e sua Palavra (vv. 28, 50, 67, 71, 75, 83, 92, 107, 143, 153). Na verdade, arriscava a vida para obedecer ao

Senhor (v. 109). No entanto, não se enfureceu com seus inimigos nem procurou destruí-los; antes, chorou por eles e os entregou a Deus (vv. 115, 136). Tudo o que desejava era ter forças para continuar vivendo para o Senhor e engrandecendo sua Palavra. Descobriu que a graça de Deus era, de fato, tudo de que precisava (2 Co 12:9). Estava determinado a percorrer o caminho da verdade de Deus e a evitar o caminho enganoso do inimigo (vv. 29, 30, 104, 128). Quando somos pressionados pelo inimigo, nossa primeira reação normalmente é orar pedindo que Deus mude essas pessoas, quando, talvez, uma reação mais adequada seria pedir para Deus nos mudar e capacitar de modo a superarmos a dificuldade.

“Defende-me” (vv. 31, 32). O salmista não desejava envergonhar o nome do Senhor (vv. 31, 46, 78, 80), de modo que, pela fé, entregou a situação nas mãos de Deus. O Senhor não é capaz de nos defender quando elaboramos planos engenhosos para preservar nossa imagem e denegrir a imagem de outros (Rm 12:17-21). Ao nos apegarmos a sua Palavra e crermos em suas promessas, o Senhor é capaz de trabalhar a seu tempo e a seu modo. A fé nos livra do confinamento das tramas do inimigo e nos liberta para desfrutarmos um lugar mais amplo. O salmista saiu do pó em que estava caído (v. 25) e passou a correr livremente pelo caminho do Senhor! (ver vv. 45, 96; 4:1 e 18:36).

7. HE (vv. 33-40) – PARA TERMINAR BEM Paulo (2 Tm 4:6-8) e Jesus (Jo 17:4) terminaram bem, glorificando o nome de Deus; mas nem todo cristão alcança esse objetivo tão almejado. Um bom começo deveria resultar num bom final, mas nem sempre esse é o caso. Ló, Salomão, o rei Saul, Aitofel e Demas começaram bem, mas terminaram a vida de maneira trágica. O salmista desejava terminar bem (v. 33), mas isso é consequência de viver bem. Quais são os elementos essenciais a uma vida coerente que termina bem?

Aprendizado (vv. 33, 34). Devemos orar pedindo esclarecimento espiritual para aprender a Palavra de Deus e a prática dessa Palavra. Não basta ler a Bíblia, estudar livros,

obter respostas para certas perguntas e ser capazes de discutir teologia. Devemos compreender o caráter de Deus e a operação de sua providência (27:11; 86:11; 103:7). Assim como as crianças aprendem sobre o caráter de seus pais e descobrem o que lhes agrada, devemos conhecer melhor a Deus e discernir seus desejos. Temos a revelação completa do Senhor e de sua vontade nas Escrituras, mas precisamos de esclarecimento interior, a fim de descobrir o que ele significa para nossa vida. Nossa oração “Ensina-me” deve ser contrabalançada com “Dá-me entendimento”, e tanto uma coisa quanto outra devem conduzir à obediência.

Obediência (v. 35). Aquilo que aprendemos com a mente e compreendemos com o coração deve nos motivar a ter o desejo de fazer o que Deus ordena. Porém, nossa obediência não pode ser como a de um escravo que obedece a seu senhor a fim evitar a disciplina. Antes, deve ser a obediência de um filho grato, que tem prazer em agradar a seus pais. “Fazendo, de coração, a vontade de Deus” (Ef 6:6). Foi assim que Jesus obedeceu ao Pai: “Agradar-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Sl 40:8). “Porque eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8:29). Se desejamos conhecer a verdade de Deus, devemos estar dispostos a fazer a vontade de Deus (Jo 7:17).

Prazer (vv. 36, 37). Estes versículos nos advertem de que nosso coração e nossa mente (“olhos”) devem estar voltados inteiramente para a verdade de Deus e não para as riquezas materiais e as vaidades do mundo (vv. 51, 157). A perspectiva determina o resultado. Abraão olhou para a cidade celestial e terminou bem; Ló olhou para Sodoma e teve um fim trágico (Gn 13; Hb 11:8-16). Os olhos vêem aquilo que o coração ama e deseja (101:2-6; Nm 15:37-41; Jr 22:17). Ter um dos olhos voltado para o mundo e outro voltado para a Palavra é o mesmo que ter uma “mente dobre”, e Deus não abençoa pessoas assim (Tg 1:5-8).

Temor (vv. 38, 39). O temor do Senhor conquista todo medo. O medo do homem conduz à servidão e à derrota (Pv 29:25). O salmista não tinha medo de seus inimigos;

seu receio era envergonhar o Senhor e infamar seu grande nome. O salmista apropriou-se das promessas de Deus e *confiou* que o Senhor trataria de seus inimigos; afinal, vivemos de promessas e não de explicações. Nossa fé é provada pelas promessas de Deus, e nossa fidelidade é provada pelos preceitos de Deus; tanto uma quanto a outra são importantes. (Para mais sobre as promessas de Deus, ver os vv. 41, 50, 58, 76, 82, 116, 123, 140, 148, 154, 162 e 170.) O que conta, de fato, não são nossas promessas para Deus (v. 57), mas sim as promessas dele para nós.

Anseio (v. 40). Ter um anseio profundo pela verdade de Deus é a marca do cristão que está amadurecendo na fé. A alma do salmista era “consumida por desejar, incessantemente”, os preceitos de Deus (v. 20), tanto que ele declara: “abro a boca e aspiro, porque anelo os teus mandamentos” (v. 131). Ansiava pelo dia em que a salvação de Deus seria revelada (v. 174; Rm 8:18-23). Enquanto isso, seu desejo era saciado pela Palavra viva de Deus, que é, para aquele que crê, como mel (v. 103), pão (Mt 4:4), leite e alimento sólido (1 Co 3:1-3; Hb 5:12-14; 1 Pe 2:1-3).

8. VAV (Sl 119:41-48) – CAMINHAR E CONVERSAR

Podemos ouvir várias vozes nessa seção, que começa com **Deus nos falando (v. 41)**. É evidente que ele o faz enquanto lemos sua Palavra e meditamos sobre ela. Ele nos fala com amor e misericórdia, e mesmo suas advertências vêm de um coração compassivo. A Palavra de Deus é a expressão do amor de Deus por nós (33:11) e deve redundar em amor em nosso coração, tanto pelo Senhor, quanto por seu povo e pelos perdidos. A Palavra de Deus compartilha as promessas de Deus, e essas promessas sempre representam esperança. As Escrituras são “as suas boas promessas [de Deus]” (1 Rs 8:56), e todas as suas promessas se cumprem em Jesus Cristo (2 Co 1:20). As Escrituras também são “palavra desta salvação” (At 13:26), pois a Palavra declara que Jesus é o único Salvador e que podemos confiar nele. Como é maravilhoso saber que Deus fala conosco! (Hb 1:1, 2). Será que estamos ouvindo?

Porém, enquanto Deus está falando, **o inimigo também fala (v. 42)**. Como vimos anteriormente, o escritor deste salmo estava sendo oprimido por seus inimigos que mentiam sobre ele, difamavam seu nome e até ameaçavam sua vida. Nossa principal arma contra esses ataques é “a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus” (Ef 6:17), pois somente a verdade de Deus pode calar as mentiras do diabo (Mt 4:1-11). Precisamos da verdade de Deus em nosso coração, não apenas para nos guardar de cairmos em pecado, mas também para nos preparar, a fim de respondermos àqueles que nos questionarem sobre nossa fé (1 Pe 3:15).

O povo de Deus fala ao Senhor (v. 43).

Assim como Neemias, podemos fazer “orações instantâneas” para o Senhor em meio ao trabalho e às batalhas (Ne 2:5; 4:4; 5:19; 6:9, 14; 13:14, 22, 31). Quando formos confrontados pelo inimigo, o Senhor não nos dará palavras das Escrituras sobre as quais nunca refletimos, mas seu Espírito pode nos trazer à memória aquilo que lemos e aprendemos (Jo 14:25, 26). O salmista relaciona a Palavra de Deus a sua boca, pois o termo “meditar”, em hebraico, significa “falar em voz baixa”. Os israelitas costumavam repetir a Palavra em voz baixa, enquanto meditavam e oravam (Js 1:8).

Nossa vida fala do Senhor aos outros (vv. 44, 45) quando nosso “caminhar” está de acordo com nosso “falar”. A melhor defesa da fé é uma vida transformada e sensível aos outros. Nossa obediência ao Senhor e nosso ministério de amor aos outros (Mt 5:13-16) demonstram a realidade de nossa fé com muito mais eficácia do que qualquer outra coisa. Pelo fato de conhecer e de obedecer à “Palavra da verdade” (v. 43), podemos desfrutar a liberdade da escravidão do pecado (v. 45), pois é a verdade que nos liberta (Jo 8:32; Tg 1:25; 2:12).

Por fim, **o povo de Deus fala aos outros (vv. 46-48)**. Se, verdadeiramente, amamos a Deus e sua Palavra, não teremos vergonha de compartilhar essa Palavra, mesmo com pessoas importantes como reis (vv. 6, 80; Rm 1:16; Fp 1:20; 2 Tm 1:12; 2:15; 1 Pe 4:16). Quando amamos e obedecemos à

Palavra e nos deleitamos com ela, compartilhar sua mensagem com outros é decorrência natural disso. Testemunhar significa dizer a outros aquilo que vimos e ouvimos sobre Jesus Cristo (At 4:20) e aquilo que ele tem feito por nós. Um cristão contente é uma testemunha poderosa, cujo testemunho Deus pode usar para convencer e converter a outros. Não adoramos a Bíblia, mas honramos a Palavra de Deus e levantamos as mãos em louvor e em ações de graças por sua dádiva. Em muitas igrejas, é costume todos se levantarem para a leitura pública das Escrituras (ver 28:2; 63:4; 134:2 e 141:2).

As virtudes cristãs mais fundamentais (1 Co 13:13) podem ser observadas naqueles que vivem de acordo com a Palavra de Deus: fé (v. 42), esperança (v. 43) e amor (vv. 41, 47 e 48). O amor é citado três vezes, pois "o maior destes é o amor" (sobre amar a Deus e sua Palavra, ver vv. 97, 113, 119, 127, 140, 159, 163, 165, 167; 1 Tm 1:5).

9. ZAIN (Sl 119:49-56) – O MINISTÉRIO DA MEMÓRIA

Se o salmista era um sacerdote ou levita, o que é bem provável, então era exigido dele que conhecesse a fundo o Livro de Deuterônomo, cujo nome significa "segunda lei". Esse livro registra o "discurso de despedida" de Moisés, preparando a nova geração de israelitas para a conquista de Canaã. Depois de quarenta anos vagando pelo deserto, a nação deixaria de ser nômade e se assentaria na terra, mas novas gerações viriam, e a tendência seria que esquecessem as lições do passado. Em Deuterônomo, encontramos o verbo "lembrar" quinze vezes, e a palavra "esquecer" é usada quatorze vezes. Há certas coisas do passado que devemos esquecer (Fp 3:12-14), mas há outras que devemos guardar sempre na memória. Nas palavras de George Santayana: "Aquele que não se lembra do passado está condenado a repeti-lo".

Deus se lembra de seu povo (vv. 49-51).

Quando se aplica ao Senhor, o verbo "lembrar" significa "prestar atenção em, operar em favor de". Uma vez que é onisciente, Deus não se esquece de coisa alguma, mas pode decidir não "se lembrar de algo contra nós"

(Is 43:25; Jr 31:34; Hb 8:12; 10:17). Entretanto, ele se "lembra" de nos fazer o bem e de nos conceder sua bênção. Lembrou-se de Noé e o livrou (Gn 8:1); lembrou-se de Abraão e livrou Ló (Gn 19:29); lembrou-se de Raquel e Ana e permitiu que concebessem (Gn 30:22; 1 Sm 1:19). Lembrar não é o mesmo que trazer à memória, pois Deus nunca se esquece; antes, é se relacionar com o seu povo de modo especial. O salmista ora pedindo que Deus use a Palavra para operar em favor dele. Suas esperanças vêm das promessas que Deus lhe deu, e ora para que essas promessas se cumpram. Quando Daniel descobriu a promessa de livramento do cativeiro na profecia de Jeremias, começou a orar imediatamente para que a promessa se cumprisse (Dn 9). A verdadeira fé não apenas crê nas promessas, mas também ora para que Deus opere. O escritor do salmo encontrou ânimo em sua convicção e oração (o termo "consolo" é sinônimo de "conforto", palavra de origem latina que significa "com força") e não abandonou a fé nem fugiu dos problemas. Foi reanimado com novo fôlego de vida!

Seu povo se lembra da Palavra de Deus (vv. 52-54). Como esse líder espiritual conhecia os "juízos de outrora", que Deus havia dado a Moisés séculos antes? A nação havia preservado a Palavra (Dt 31:24-29) e a havia ensinado a cada nova geração (Dt 4:1-14), e essa é a responsabilidade da Igreja hoje (2 Tm 2:2). A menos que a Palavra de Deus seja honrada, ensinada e obedecida na igreja, essa congregação está a apenas uma geração da extinção. O salmista estava indignado com o que as pessoas mundanas ("os soberbos") estavam fazendo ao abandonar a herança espiritual de Israel (vv. 53, 104, 128, 163) e chorou pela perversidade dessa gente (v. 136). Quando é expressa sozinho, a ira pode ser destrutiva, mas somada ao amor, produz a angústia, e a angústia pode levar a ações construtivas. A reação do salmista foi transformar os estatutos de Deus em cânticos e usar a Palavra para louvar ao Senhor (v. 54; Ef 5:19; Cl 3:16). Ele não considerava a lei de Deus um fardo a ser carregado; antes, via a Palavra como uma bênção

a ser compartilhada – o que ele fez em forma de cântico! O louvor que não se baseia na verdade das Escrituras não é agradável ao Senhor. Estamos numa difícil peregrinação da terra para o céu e precisamos dos cânticos de Deus para nos encorajar e nos ajudar a testemunhar a outros ao longo do caminho (At 16:22-34). Somos peregrinos na terra, e a Bíblia é nosso guia para este mundo (vv. 19, 64) e para nós mesmos (v. 64).

O povo de Deus se lembra do nome de Deus (vv. 55, 56). O nome de Deus – Jeová, Yahweh – é cheio de significado e de poder. A tradução “EU SOU” deixa de fora grande parte da dinâmica que esse nome contém (Êx 6:1-3). Podemos parafusá-lo por: “eu estou presente, estou ativamente presente e posso fazer o que achar melhor quando achar melhor”. O nome Yahweh não se refere apenas à existência e ao caráter eterno de Deus, mas também a sua soberania, seu poder e ao cumprimento dinâmico da sua vontade neste mundo. Os israelitas da Antiguidade reverenciavam esse nome a tal ponto que temiam usá-lo e, portanto, empregavam a designação Adonai a fim de não pecar contra seu Deus. Só no Livro de Salmos, há mais de cem referências ao nome do Senhor. Devemos amar seu nome (5:11), cantar louvores a seu nome (7:17; 9:2; 18:49) e glorificar seu nome (29:2). É por meio desse grande nome que triunfamos sobre os inimigos (44:5; 54:1; 118:10-12), de modo que devemos sempre invocá-lo para pedir socorro (116:4, 13, 17). Lembrar-se desse nome é animar nosso coração a confiar nele, obedecer e não temer. “Em ti, pois, confiam os que conhecem o teu nome, porque tu, SENHOR, não desamparas os que te buscam” (9:10).

Lembrar-se do nome de Deus é pedir que ele se lembre de nós e que opere em nosso favor. Devemos fazê-lo quando estamos em trevas e com medo (v. 55), ou quando estamos sozinhos e desanimados (42:6). “Torre forte é o nome do SENHOR, à qual o justo se acolhe e está seguro” (Pv 18:10). Se você deseja saber quão forte é esse nome, estude as designações de Deus no Antigo Testamento e as declarações de Jesus com “EU SOU” no Evangelho de João. Porém, não se esqueça

de fazer como o salmista e cultivar a prática de confiar nesse nome e de honrá-lo em todos os aspectos da vida (v. 56), não apenas nas emergências.

10. HÊT (SL 119:57-64) – DEUS É TUDO DE QUE PRECISAMOS

Toda vez que o povo de Israel traía o Senhor e buscava a ajuda dos ídolos, mostrava que, na verdade, não acreditava que Jeová era capaz de suprir suas necessidades. No tempo de Elias, Israel tentou resolver o problema da seca voltando-se para Baal, o deus cananeu da tempestade, mas foi o Senhor quem enviou a chuva em resposta à oração de seu profeta. Quando o inimigo ameaçava invadir a terra, os líderes de Israel costumavam buscar a ajuda do Egito, como se Jeová não estivesse interessado nem fosse capaz de livrá-los. Nesta seção, o salmista deixa claro que o Senhor Deus Todo-Poderoso é tudo de que precisamos.

O Senhor é nossa porção (vv. 57, 58). Trata-se de um termo ligado a bens imóveis, referente à divisão da terra de Canaã entre as tribos de Israel (78:55; Js 13 – 21). Os sacerdotes e levitas não receberam uma herança na terra, pois o Senhor era sua herança e sua porção (Nm 18:20-24; Dt 10:8, 9; 12:12). O sacerdote Jeremias, chamado para ser profeta, chamou o Senhor de “Porção de Jacó” (Jr 10:16; 51:19; Lm 3:24), e Davi usou essa mesma imagem no Salmo 16:5, 6. As “divisas”, em 16:6, eram linhas que separavam uma propriedade da outra, de acordo com a herança que o povo havia recebido de Deus. Os cristãos possuem uma rica herança espiritual no Senhor Jesus Cristo, pois nele se encontra a plenitude da Divindade, e nele estamos completos (“aperfeiçoados”; Cl 2:9, 10). Ele é nossa vida (Cl 3:4) e nosso “tudo em todos” (Cl 3:11). Pelo fato de estarmos nele, temos “todas as coisas que conduzem à vida e à piedade” (2 Pe 1:3). Nossas riquezas em Cristo são reveladas na Palavra, nossa “caderneta bancária”, e sua riqueza nunca se deprecia. O salmista havia feito promessas de obedecer ao Senhor (vv. 8, 15, 16, 32-34, 47, 106, 115), mas não é assim que obtemos nossa riqueza do Senhor.

Aquilo que ele nos oferece é uma dádiva de sua graça, não um empréstimo que temos a obrigação de prometer pagar de volta (Rm 11:33-36). Aceite a herança que Deus lhe deu, alegre-se com ela e confie que o Senhor suprirá todas as necessidades.

Deus é nosso Senhor (vv. 59-61). Na verdade, a terra que os israelitas herdaram pertencia ao Senhor (Lv 25:23), e ele cuidava dela (Dt 11:8-17). Se o povo obedecesse às estipulações da aliança, Deus abençoaria as pessoas e seu trabalho na terra, mas, se Israel se entregasse à idolatria, Deus os disciplinaria, primeiro na terra e depois em outras terras. A obediência em amor era a condição para a bênção de Deus, como também o é ainda hoje. Nossa mente pertence ao Senhor (“considero os meus caminhos”), bem como nossos pés (“e volto os meus passos”). Nosso tempo lhe pertence, e não devemos nos demorar em obedecer à sua vontade (v. 60). Na Antiguidade, nenhum servo poderia dizer “não”, nenhum servo poderia demorar a obedecer a seu senhor nem dar desculpas ou dizer que havia se esquecido. A responsabilidade do servo é ouvir as ordens do Senhor, lembrar-se delas e lhes obedecer imediatamente.

Deus é nossa maior alegria (vv. 61-64). A maior alegria do cristão deve ser conhecer e amar a Deus, ouvir sua voz e obedecer à sua vontade. Orar a ele e louvá-lo devem ser práticas mais revigorantes do que o sono. Estar com seu povo deve satisfazer nosso coração, e devemos ver o amor e a glória de Deus em toda a criação. Quer estejamos deitados na cama à meia noite, meditando em sua Palavra (vv. 55, 62, 147, 148), em comunhão com o povo de Deus, quer fazendo uma caminhada em meio à criação maravilhosa de Deus, devemos demonstrar nosso amor por ele, ouvir sua voz e lhe agradecer. A expressão “todos os que te temem” é uma boa descrição (vv. 63, 74, 79, 120), pois o temor do Senhor deve ser a marca do povo de Deus. Apesar da desobediência da humanidade e dos efeitos devastadores do pecado sobre a criação de Deus, a terra ainda é repleta da bondade de Deus, e, apesar de sermos peregrinos e forasteiros nesta terra,

Deus é nosso lar (90:1), e não temos coisa alguma a temer.

11. TÊT (SL 119:65-72) – DEUS É SEMPRE BOM

A ênfase deste salmo é sobre aquilo que é bom na vida do justo. O termo hebraico *tob* é usado seis vezes nestes oitos versículos e pode ser traduzido por bom, agradável, benéfico, precioso, aprazível e correto. Deus faz o que é bom porque Deus é bom e porque aquilo que ele faz é “segundo a sua palavra”, e sua Palavra é boa (v. 39). Nem seu caráter nem sua Palavra jamais mudarão, de modo que “Deus é sempre bom”.

Deus faz aquilo que é bom (vv. 65, 66). O termo “segundo” (“de acordo com”) aparece com freqüência no Salmo 119, de modo a relacionar um pedido ou um fato à Palavra de Deus. Deus age segundo os preceitos, as promessas e os princípios revelados em sua Palavra, e devemos orar e agir de acordo com essa revelação. É ignorância e egoísmo pedir a Deus algo que não está de acordo com sua vontade e com sua Palavra (Tg 4:3), e se ele atender esse pedido, *nos arrependemos e desejaremos não ter orado por isso*. Foi o que aconteceu a Israel quando pediram que Deus lhes desse carne (106:15; Nm 11:31-35). Assim, devemos fazer a oração do versículo 66, pois quanto melhor conhecermos a Palavra de Deus, melhor poderemos orar dentro da vontade de Deus e obedecer a essa vontade.

Deus prevalece sobre o mal e o faz redundar em bem (vv. 67-71). O salmista havia desobedecido à Palavra e se desviado. É provável que seu pecado não fosse um ato flagrante de rebelião, mas sim de ignorância (Lv 5:17-19; Nm 15:28), e, em seu amor, Deus enviou uma aflição para discipliná-lo (Hb 12:1-11). Enquanto estava sendo aplicada, a disciplina não foi agradável, mas conduziu o servo de Deus de volta à obediência, de modo que valeu a pena (vv. 71, 75). Porém, há ocasiões em que somos *obedientes* e, ainda assim, passamos por sofrimentos, mas Deus usa tais aflições para nos fazer amadurecer e para nos ensinar sua Palavra. Spurgeon disse que as promessas de

Deus brilham com mais intensidade na fornalha da aflição. Há momentos em que o sofrimento vem dos inimigos de Deus, pessoas de coração insensível (“como se fosse de sebo”; 17:10; 73:7), mas o Senhor pode usar até mesmo a oposição dos perversos para nosso bem e para sua glória (Rm 8:28; 1 Pe 1:6-9 e 4:12-19). O ato de maior perversidade praticado na face da Terra foi a crucificação do Senhor da Glória e, no entanto, foi isso o que Deus usou para trazer ao mundo sua salvação.

Deus usa a Palavra para nos mostrar o que é bom (v. 72). A expressão “vale mais” é a tradução do termo hebraico *tob*. Essa é a segunda vez no salmo que o escritor compara a verdade de Deus a um tesouro (v. 14), e voltará a usar essa imagem nos versículos 127 e 162. Davi a empregou em 19:10. A pessoa que caminha na fé não vive de acordo com as prioridades e valores do mundo (Hb 11:24-27); antes, coloca a vontade de Deus em primeiro lugar. Quando encontramos o bom tesouro da verdade na Palavra de Deus, nos alegramos com a bondade do Senhor e não temos desejo algum de “chafurdar” nas coisas deste mundo. Qualquer que seja nossa situação, podemos afirmar de todo coração: “Deus é sempre bom!”

12. IODE (Sl 119:73-80) – LEIA AS INSTRUÇÕES

Guiado pelo Espírito, o autor escreveu esse longo salmo para nos convencer de que devemos transformar o conhecimento e a obediência à Palavra de Deus nas coisas mais importantes de nossa vida. Na seção anterior, ele nos lembra quanto a Palavra de Deus é importante quando passamos por dificuldades, enquanto nesta seção ele vai além. Menciona vários ministérios da Palavra necessários à vida dos filhos fiéis de Deus.

Aprendemos sobre nós mesmos (v. 73). Quando compramos um eletrodoméstico novo, normalmente gastamos algum tempo lendo o manual de instruções. A Bíblia é o manual do fabricante para o povo de Deus. É o único livro que nos diz a verdade a respeito de nossas origens, do motivo de estarmos aqui, do que devemos fazer para

ser bem-sucedidos na vida e do lugar para onde estamos indo. Deus nos fez (139:13-18), conhece-nos melhor do que nós mesmos nos conhecemos e compartilha esse conhecimento conosco em sua Palavra. Quando lemos a Bíblia, podemos nos identificar com as pessoas e circunstâncias descritas em suas páginas. Não vemos a história passada, mas sim a realidade presente! Aqueles que não crêem não fazem idéia de qual é a verdadeira realidade do mundo e de suas pessoas, pois o “mundo real” e as “pessoas reais” são apresentados nas páginas da Bíblia. Ela é um espelho no qual nos vemos – e tomamos uma atitude em relação ao que vemos (Tg 1:22-27).

Nós nos tornamos uma bênção para outros (v. 74, 79). Quando nossa esperança está na Palavra de Deus, encontramos na vida uma alegria que nos ajuda a encorajar a outros. “Seja bondoso, pois todos com quem você se encontra estão lutando alguma batalha” (Ian Maclaren). As pessoas ficam felizes ao nos ver chegar ou se alegram mais quando vamos embora? Quando nossos amigos e conhecidos estão carregando fardos pesados, procuram nossa ajuda ou sabem que tornaremos esses fardos ainda mais difíceis de carregar? A Palavra ordena que carreguemos os próprios fardos com coragem e que ajudemos a outros a carregar os deles (Gl 6:2, 5).

Em nossas aflições, recebemos o que Deus tem de melhor (v. 75-78, 80). A vida é difícil, e devemos aceitar da mão de Deus tanto as experiências agradáveis quanto as desagradáveis (Jó 2:1-10; Fp 4:10-13). Nos momentos sombrios da vida, a Palavra é uma luz que nos mostra o caminho (v. 105), de modo que não tropeçamos por trilhas erradas. Temos o amor de Deus para nos consolar e as promessas de Deus para nos encorajar. Podemos não ter prazer nas circunstâncias, mas oramos pedindo que Deus use essas situações para propagar seu evangelho e glorificar seu nome (Fp 1:12-16). O inimigo nos ataca, mas nos voltamos para a Palavra e encontramos a ajuda de que precisamos. Nossa determinação em Cristo é a de que não seremos envergonhados. As leis de Deus

são perfeitas e vêm de seu coração amoroso (33:11), de modo que não temos coisa alguma a temer.

Quando tudo mais falhar, leia as instruções.

13. KAF (SL 119:81-88) – FÉ E PACIÊNCIA

Esta seção concentra-se nas respostas do salmista enquanto esperava que o Senhor julgasse seus inimigos e o livrasse da perseguição e do perigo. Seus opressores também eram inimigos do Senhor e de Israel, de modo que sua preocupação ia além da esfera pessoal. Satanás tem procurado exterminar o povo de Deus (v. 87) desde o tempo em que a nação de Israel se encontrava no Egito, e continuará a fazê-lo até o fim dos tempos (Ap 12). A vida cristã é um campo de batalha, não um parque de diversão, e devemos esperar tribulações (Jo 16:33).

Desfalecendo, mas esperando (vv. 81-83). O ser interior do salmista estava exausto de ansiar pela intervenção de Deus. Seus olhos estavam cansados de buscar alguma evidência da presença do Senhor (Lm 2:11). Sentia-se como um odre seco jogado fora por não prestar mais para coisa alguma. Porém, nunca perdeu as esperanças, pois, por mais sombrio que seja o momento, o futuro é nosso aliado quando Jesus é nosso Senhor. “É sempre cedo demais para desistir” (V. Raymond Edman).

Questionando, mas aguardando (vv. 84, 85). “Quantos vêm a ser os dias?”, pergunta o salmista no versículo 84 e “Quando?”, nos versículos 82 e 84. São perguntas que muitos justos já fizeram em meio a seu sofrimento (ver sobre 6:3) e que ocorrem até mesmo aos mártires no céu (Ap 6:9-11), pois são a reação natural dos aflitos (ver Jr 12:3, 4; 15:15 e 20:11, 12). Para a maioria das pessoas, é difícil esperar pelas coisas visíveis – sair de um congestionamento de trânsito, avançar na fila do caixa, receber uma carta ou e-mail importante – e muito mais difícil ainda esperar que nosso Senhor invisível faça sua vontade. É “pela fé e pela longanimidade” que herdamos o que Deus tem para nós (Hb 6:12; ver Rm 15:4). Se confiarmos no Senhor,

nossas provações produzirão paciência (Tg 1:3, 4). Os inimigos podem estar abrindo covas, mas o Senhor providenciará para que eles próprios caiam em suas armadilhas primeiro (9:15; Pv 26:27).

Confiando e despertando (vv. 86-88). Se o inimigo está espalhando mentiras a nosso respeito, podemos crer na Palavra de Deus que nunca falha (vv. 128, 142, 151, 160). Se sentimos que nossa derrota está próxima, podemos descansar nas promessas do Senhor e confiar em seu amor. Quando Deus permite que seus filhos passem pelas provações, sabe exatamente quanto podem suportar e por quanto tempo. Caminhar pela fé nos faz sentir inquietos e fracos, mas meditar sobre a Palavra nos dá paz e poder. Mais uma vez, o salmista ora pedindo para ser vivificado (ver v. 25), e o Senhor o atende. “Seu Pai no céu ama você demais para lhe fazer algum mal e é sábio demais para cometer algum erro” (Robert T. Ketcham).

14. LÂMED (SL 119:89-96) – O INCONSTANTE E O IMUTÁVEL

Há um hino que diz: “A inconstância e a ruína me cercam por todos os lados”. Se essa afirmação era verdadeira quando Henry Lyte a escreveu em 1847, quem dirá nos dias de hoje! Para os jovens, as mudanças são estimulantes, mas para os mais velhos, são ameaçadoras. Gostamos de nos acomodar dentro de uma esfera de conforto e de resistir a mudanças drásticas, tanto a nosso redor quanto dentro de nós. Porém, se nos acomodarmos, deixamos de crescer espiritualmente e perdemos as oportunidades que Deus nos dá de alcançar a outros com o evangelho. O salmista faz algumas declarações maravilhosas que, se forem levadas a sério, podem nos firmar em tudo o que é eterno e permitir que sejamos usados por Deus nestes tempos tão turbulentos.

A Palavra de Deus está firmada (v. 89). Satanás tem atacado a Palavra de Deus desde que perguntou a Eva: “É assim que Deus disse?” (Gn 3:1). Ateus, agnósticos, filósofos, cientistas e pecadores de todos os tipos desprezam a Bíblia, zombam de suas palavras e tentam se livrar do que ela diz, mas a

Palavra continua inabalável. Apesar de ter nascido na eternidade, a Palavra de Deus tem suas raízes na história e fala a toda geração que se dispuser a ouvir. A palavra é “[esta-belecida] para sempre” (v. 152) e “dura para sempre” (v. 160) (ver Mt 24:34, 35). Se construímos nossa vida sobre a Palavra de Deus, sobreviveremos a todas as mudanças!

Deus é fiel (v. 90a). Faça uma pausa e leia o Salmo 90, observando o que Moisés diz sobre o Deus eterno e as mudanças que ocorrem ao longo da vida. De geração em geração, ele é Deus, e podemos entregar a nós mesmos, nossos filhos, netos e bisnetos a seus cuidados. Abraão, Isaque e Jacó foram três homens absolutamente distintos um do outro, mas o Senhor foi o “Deus de Abraão, Isaque e Jacó”.

A criação de Deus permanece (vv. 90b-91). Essa criação permanecerá até o último dia, quando o fogo de Deus purificar todas as coisas, e o Senhor fundar novos céus e nova terra (2 Pe 3; Ap 21 - 22). As leis que ele infundiu na criação também permanecerão, quer os cientistas as compreendam ou não. As pessoas podem abusar dos recursos da terra e desperdiçá-los, mas a criação de Deus continuará a servir seu Criador. Tudo na criação serve ao Senhor, exceto os seres humanos criados à imagem de Deus! Que coisa mais triste! Este ainda é o mundo de nosso Pai, e podemos crer que o Senhor nos ajudará a administrá-lo com sabedoria.

A paz de Deus está disponível (v. 92-95). Não abrimos a Bíblia a fim de fugir da realidade da vida, mas sim para ser fortalecidos e para poder enfrentar a vida e servir a Deus com eficácia. É possível que não sejamos capazes de nos agradar com o que está acontecendo no mundo, mas podemos nos deleitar com o que Deus diz em sua Palavra. A Palavra nos capacita a lidar com as mudanças da vida e com as crises que surgem. O verbo “buscar”, no versículo 94, significa “consultar, investigar, abrir um caminho, ler repetidamente”. Vemos aqui um homem justo que abria um caminho para a Bíblia, lia seu texto sempre e de novo e, quando precisava tomar uma decisão, consultava as Escrituras com grande cuidado. As filosofias

mudam, as propostas políticas fracassam, promessas e contratos são quebrados, mas a Palavra de Deus permanece.

Deus deseja que avancemos (v. 96). Este versículo é tão repleto de verdades que poderíamos meditar sobre ele durante horas. Não há nada que a humanidade faça que alcance a perfeição, pois os empreendimentos do ser humano são resultantes de sua mente, força e capacidade limitadas. Talvez o salmista estivesse lendo o Livro de Eclesiastes, pois a limitação das realizações humanas é um dos temas desse livro. “Vaidade das vaidades!” Em contraste com os limites da humanidade, a Palavra e a obra de Deus não têm limites. Seu mandamento (singular - é um único Livro) - é ilimitado, irrestrito e imensurável. Apesar de Jesus ter vivido, ensinado e morrido na pequena região da Palestina, sua vida e seu ministério alcançaram o mundo todo. Maria ofereceu seu sacrifício a Jesus numa casa em Betânia, mas seu gesto tem abençoado gerações sucessivas ao redor do mundo (Mc 14:1-9).

Não faz sentido o povo de Deus ficar estagnado, quando a Palavra de Deus é tão irrestrita e não há limites para o que ele pode fazer! Podemos não gostar das mudanças que estão ocorrendo no mundo, mas isso não precisa nos frustrar nem assustar. No tempo dos apóstolos, não havia noticiários como hoje em dia, mas a situação não era muito diferente - e esses homens revolucionaram o mundo! Deus está assentado em seu trono; o Senhor tem o mundo em suas mãos, e suas promessas não falham; portanto, vamos nos mexer!

15. MEM (SL 119:97-104) - ALÉM DO ESTUDO BÍBLICO

Nunca houve tantas ferramentas à disposição daqueles que desejam realizar um estudo mais sério da Bíblia, e somos gratos por isso. No entanto, a Palavra de Deus é diferente de todos os outros livros: nosso relacionamento com o Autor deve estar em ordem, a fim de aprendermos com aquilo que ele escreveu. Nosso relacionamento com o Senhor é determinado pela forma como nos relacionamos com sua vontade, o que, por

sua vez, é definido pela forma como nos relacionamos com sua Palavra. Muitos cristãos possuem apenas conhecimento acadêmico e intelectual da Palavra, mas não sabem como colocá-la em prática nas decisões da vida diária. Precisamos todos conhecer a Palavra não apenas com a mente, mas também com o coração, o que, por sua vez, significa ser ensinados por Deus (v. 102). Eis os requisitos a preencher.

Devemos amar sua Palavra e meditar nela (vv. 97-100). Gostamos de pensar nas pessoas e atividades que amamos, e meditar significa amar a Deus refletindo em sua Palavra e deixando que suas verdades penetrem nosso coração (ver vv. 48, 113, 127, 159, 165, 167; 1:2). Isso não implica abandonar nossas responsabilidades diárias ou citar versículos bíblicos para nós mesmos o tempo todo, deixando o trabalho de lado. Antes, quer dizer que nossa mente e coração estão de tal modo entregues ao Espírito que ele pode nos lembrar da Palavra quando precisamos dele e nos dar uma compreensão original diante dos novos desafios que enfrentamos. Há várias maneiras de aprender a verdade. Podemos aprender com os inimigos nos conflitos da vida (v. 98), com os professores nas explicações sobre a vida encontradas em livros e lições (v. 99), e com cristãos mais maduros que passaram por várias experiências e que conhecem os princípios que funcionam (v. 100). Josué aprendeu com seu serviço a Moisés, com as batalhas nas quais lutou e com as experiências positivas e negativas de sua vida. Porém, a coisa mais importante que fez foi meditar na Palavra (Js 1:1-9), pois sua meditação o ajudou a testar aquilo que havia aprendido em outras “salas de aula” e a integrar seus conhecimentos de modo a constituir um todo equilibrado. Deus revela suas verdades aos pequeninos (Lc 10:21) e àqueles que são humildes o suficiente para recebê-las (1 Co 1:18 - 2:8).

Devemos obedecer à Palavra (vv. 101, 102). O verdadeiro estudioso da Palavra não é uma pessoa presunçosa, que transborda de todo tipo de conhecimento, mas sim aquele que tem um coração obediente e que ama fazer a vontade de Deus. Ao mesmo tempo

que a verdade de Deus é alimento para nossa alma, não é um “bufê” do qual escolhemos apenas as coisas que nos apeteçam. Se a Bíblia diz que algo é errado, ficamos longe desse caminho. Se Deus diz que algo é certo, não saímos desse caminho. “A obediência é o órgão do conhecimento espiritual” (F. W. Robertson, Jo 7:17).

Devemos desfrutar a Palavra (vv. 103, 104). Para o salmista, o mel era a coisa mais doce que existia. A Palavra, porém, contém tanto doçura quanto amargura, e devemos aprender a receber ambos (19:10; 104:34; Pv 16:24; Ez 2:9 - 3:15; Ap 10). Sansão meteu-se em apuros porque comeu mel contaminado da carcaça de um leão (Jz 14:1-18). Era nazireu e jamais deveria tocar um cadáver (Nm 6), de modo que contaminou tanto a si mesmo quanto a seus pais, pois o povo de Israel não deveria ter qualquer contato com animais mortos (Nm 5:2; 9:10). A Palavra de Deus é pura e nos dá a doçura e a energia de que precisamos para obedecer aos mandamentos do Senhor. Os não salvos acham a Bíblia um livro enfadonho, mas os filhos dedicados de Deus alimentam-se das Escrituras e encontram prazer na doçura da verdade. É isso o que significa ir além do estudo bíblico.

16. NUN (Sl 119:105-112) - SEREMOS FIEIS

Alguém disse bem que a maior de todas as habilidades é a confiabilidade, fato que se aplica especialmente à vida cristã. Considerando que desejamos que Deus seja fiel a nós, é errado Deus esperar que sejamos fiéis a ele? A fidelidade é uma demonstração de fé, que vem de ouvir e receber a Palavra de Deus (Rm 10:17; 2 Ts 2:13). O salmista descreve diversas áreas nas quais a fidelidade manifesta-se na vida daquele que crê.

Os pés (v. 105). Este versículo combina duas imagens bíblicas conhecidas: a vida é um caminho (vv. 32, 35, 101, 128; 16:11; 23:3; 25:4) e a Palavra de Deus é a luz que nos ajuda a seguir o caminho certo (v. 130; 18:28; 19:8; 36:9; 43:3; Pv 6:23; 2 Pe 1:19). O mundo antigo não conhecia iluminação como a que temos hoje; as pessoas carregavam

consigo pequenos potes de cerâmica contendo óleo, e a luz dessas lamparinas iluminava apenas o próximo passo do caminho. Não vemos o percurso todo de uma só vez, pois quando seguimos a Palavra, caminhamos pela fé. Cada ato de obediência mostra o passo seguinte, e, por fim, chegamos a nosso destino. Dizem que vivemos numa "era esclarecida", mas, na verdade, vivemos em um mundo coberto de trevas (Jo 1:5; 3:19; 8:12; 12:46; Cl 1:13; 1 Pe 2:9), e somente a luz de Deus pode nos guiar pelo caminho certo. Se obedecermos à Palavra, continuaremos andando na luz (1 Jo 1:5-10).

As palavras (vv. 106-108). Viver fazendo promessas a Deus e aos outros não nos elevará aos níveis mais altos da vida cristã (Rm 7:14 - 8:4), mas devemos cumprir aquilo que prometemos ao Senhor ou a nossos amigos (Mt 5:33-37; Nm 30:2; Dt 23:21; Ec 5:1-7). Se dependermos do poder do Espírito Santo, ele pode nos ajudar a cumprir novas decisões. Também devemos ser sinceros naquilo que dizemos quando estamos orando (v. 107). Falar com Deus num tom piedoso quando, na verdade, não estamos dispostos a lhe obedecer nas questões sobre as quais estamos orando é trazer hipocrisia para dentro de nossa comunhão com Deus. Será que, depois de orar, nos colocamos à disposição do Senhor para ser parte da resposta (Ef 3:20, 21)? Talvez a maneira mais nobre de usar a fala seja a adoração ao Senhor (v. 108), e devemos considerar nossas palavras sacrifícios oferecidos ao Senhor (Os 14:1, 2; Hb 13:15). Será que cantamos a ele de coração (Ef 5:19)? Somos sinceros em tudo o que oramos, cantamos e lemos em voz alta na liturgia? Se a adoração é a maneira mais nobre de usar as palavras, então a adoração descuidada é um pecado extremamente sério.

A memória (vv. 109, 110). Os fiéis do Antigo Testamento não possuíam uma Bíblia de bolso para consultar sempre que desejassem, pois as Escrituras eram registradas em grandes rolos que ficavam sob os cuidados dos sacerdotes. Assim, o povo deveria escutar com muita atenção a leitura pública da Palavra e se lembrar do que havia ouvido, uma arte quase extinta hoje. *Um dos ministérios*

do Espírito Santo é trazer à memória a Palavra de Deus quando precisamos dela (Jo 14:25, 26; 16:12-15), mas não podemos nos lembrar daquilo que nunca ouvimos nem aprendemos (v. 11; Hb 5:12-14). O salmista corria perigo, como nós também, ao caminhar pelos campos minados deste mundo, mas ele sabia que a Palavra o dirigiria.

O coração (vv. 111, 112). Que tesouro mais precioso é a Palavra de Deus! (vv. 14, 72, 127, 162; 61:5). É como uma mina profunda repleta de ouro, prata e pedras preciosas e devemos gastar tempo "cavando" em busca desses tesouros (Pv 2:1-9; 3:13-15; 8:10, 11; 1 Co 3:9-23). Uma simples leitura superficial da Bíblia não coloca tesouros espirituais em nosso coração. Garimpar tesouros é um trabalho árduo, mas também alegre, quando "garimpamos" a Bíblia enquanto o Espírito nos conduz à verdade. Então, o Espírito nos ajuda a transformar essas riquezas em "moedas" que podemos investir em nossa vida (obediência) e na vida de outros (testemunho). Por vezes, Deus nos faz passar pela fornalha do sofrimento, a fim de que fiquemos mais preparados para receber o tesouro em nossa vida (1 Pe 1:6-12). A Palavra não precisa ser depurada (v. 140; 12:6; 19:8), mas nós precisamos ser purificados, a fim de apreciar a verdade de Deus e de nos apropriar dela. Uma vez que nosso coração está determinado a obedecer à Palavra, a vida também entra no rumo certo (Mt 6:33; Pv 4:20-27).

17. SÂMEQ (SL 119:113-120) – LIDANDO COM O INIMIGO

Se a vida de fé consistisse apenas em meditar na Palavra e em amar a Deus, não seria tão difícil, mas as pessoas de fé têm inimigos, e a vida neste mundo não é fácil. "Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus" (At 14:22). Como os dez espíritos incrédulos que fizeram o reconhecimento do território de Canaã, podemos olhar para o inimigo e para nós mesmos, o que nos levará a desanimar e ter vontade de desistir. Porém, se, como Josué e Calebe, olharmos para o Senhor, poderemos conquistar o inimigo (Nm 13:27-33). *Quatro certezas nestes*

versículos nos ajudam a enfrentar o inimigo com coragem e vencer a batalha.

Deus protege seu povo (vv. 113-115). Os “dúpliques” eram as pessoas indecisas que, portanto, não assumiam um compromisso com o Senhor (1 Rs 18:21; Tg 1:8; 4:8). Hoje, dizemos que pessoas assim são “frouxas”. Não há nada de estranho em cristãos amarem a Deus e sua Palavra e, ao mesmo tempo, abominarem a perversidade daqueles que rejeitam o Senhor (vv. 104, 128, 163; 101:3; Am 5:15; Mq 3:2). “Vós que amais o SENHOR, detestai o mal” (97:10). Se amamos a Palavra, abominaremos a mentira e resistiremos aos mentirosos. O salmista sabia que o Senhor era seu único refúgio e escudo e confiava nele. Não estava se escondendo atrás do Senhor por medo de enfrentar o inimigo, pois fala diretamente ao inimigo no versículo 115. Somente no Senhor poderia encontrar o socorro de que precisava. O Senhor nos protege a fim de nos preparar para enfrentar o inimigo e lutar na batalha (3:3; 27:5; 28:7; 31:20; 32:7; 33:20; 46:1, 2; 61:4; 84:11; 91:1). O coração do salmista estava firme no Senhor (v. 112), de modo que não precisava reconsiderar a questão. Estava resolvido!

Deus ampara o obediente (vv. 116, 117).

Algumas versões trazem o verbo “amparar” no versículo 116 e “sustentar” no versículo 117, mas são termos praticamente sinônimos. Amparar traz à mente a imagem do justo se escorando no Senhor, buscando apoio e descanso, enquanto sustentar tem esse mesmo sentido, mas também inclui a idéia de refrigério. (Para o primeiro caso, ver Gn 3:6 e 37:17, 24, e, para o segundo, ver Gn 18:15.) Quando temos vontade de desmoronar e de desistir, o Senhor nos socorre de maneiras que jamais poderíamos compreender inteiramente.

Deus rejeita o perverso (vv. 118, 119). O povo de Deus no Antigo Testamento lutou contra o inimigo com espadas e fundas, mas o povo de Deus hoje usa a espada do Espírito (Ef 6:17; Hb 4:12). Trata-se de um conflito entre a verdade e as mentiras, e a verdade de Deus deve prevalecer. O escritor descreve os inimigos como ovelhas perdidas (vv. 10,

21, 176) e como escória a ser descartada (Pv 25:4; 26:23; Is 1:22, 25). Em seus julgamentos, Deus purifica os santos, mas revela a perversidade dos pecadores, da mesma forma que o crisol revela a escória (Jr 6:28-30; Ez 22:18, 19; Ml 3:2, 3). De acordo com o versículo 118, os pensamentos e planos dos perversos são baseados em mentiras, mas, na realidade, estão enganando apenas a si mesmos, e seus planos serão frustrados.

Somente Deus deve ser temido (v. 120).

Sobre o temor de Deus, ver os comentários referentes ao versículo 63. O temor do Senhor supera todos os medos. “O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que poderá fazer o homem?” (Hb 13:6; Sl 118:6). O salmista não se aproxima de Deus como um criminoso prestes a ser executado, mas como um filho mostrando seu respeito carinhoso pelo pai. Deus honra aqueles que o temem (15:4) e também os abençoa (115:13). Se tememos ao Senhor, nos apartamos do mal (v. 115; Pv 3:7). Isso nos leva de volta ao versículo 113: se somos sinceros, tememos ao Senhor e confiamos nele, “a peleja não é vossa, mas de Deus” (2 Cr 20:15).

**18. ÁIN (Sl 119:121-128) -
SEGURANÇA BENDITA**

Os termos “oprimir” e “opressores” são usados pela primeira vez neste salmo (vv. 121, 122 e ver 134). Descrevem o abuso de poder e de autoridade, a prática de tirar proveito dos mais fracos por violência ou dolo. O termo inclui a idéia de acusação e de difamação. A lei proibía os israelitas de oprimirem uns aos outros (Lv 25:14, 17; Dt 24:5-22), uma prescrição que também incluía os forasteiros que viviam na terra (Êx 22:21; 23:9). Muitas vezes, o povo de Deus é oprimido, enquanto os culpados permanecem impunes. Quando isso acontece, precisamos nos lembrar do Senhor e daquilo que ele faz por nós.

O Senhor nos recompensa (v. 121). O salmista não está se vangloriando, mas sim declarando para o Senhor que era culpado de qualquer coisa que merecesse castigo. Era um homem íntegro, com a consciência limpa; havia tratado os outros com justiça e

guardado as santas leis de Deus com diligência. Esse fato, em si, é uma bênção, mas o povo de Deus deseja ver a justiça reinando na terra. Quando Deus recompensa seu povo, isso serve de testemunho para os pecadores, mostrando que seu dia de julgamento é certo (Hb 10:35; Is 40:10; Ap 22:12).

O Senhor é nosso fiador (v. 122). Uma pessoa torna-se fiadora quando se compromete a pagar a dívida ou a cumprir a promessa de outro. Quando Jacó se recusou a permitir que Benjamim fosse ao Egito com os irmãos para buscar alimento, Judá se ofereceu como fiador de seu irmão mais novo (Gn 43:1-10; 44:18-34). Ao ouvir o discurso veemente de Judá no Egito, José teve certeza de que seu irmão havia, de fato, passado por uma transformação e que era seguro revelar sua identidade aos outros irmãos. De acordo com as Escrituras, uma pessoa não deve ser fiadora, pois pode acabar assumindo uma dívida maior do que tem condições de pagar (Pv 11:15; 17:18; 22:26, 27). Porém, o Filho de Deus tornou-se fiador de todos aqueles que crêem nele! (Hb 7:22). Não importa quantas promessas façamos ao Senhor, jamais seremos capazes de cumprilas. Porém, em sua morte na cruz, Jesus pagou nossa dívida e, em seu ministério de intercessão no trono celestial, ele é nosso Fiador. Enquanto ele viver, nossa salvação está garantida, e ele vive “segundo o poder de vida indissolúvel” (Hb 7:16). Assim, não importa o que as pessoas nos fazem ou como nos sentimos, nosso Fiador é confiável, e continuamos na família de Deus. Jesus tomou sobre si a responsabilidade de nossa salvação e jamais nos faltará.

O Senhor é nosso dono (v. 123-125). Sempre que as pessoas nos atacam, também atacam o Senhor, pois pertencemos a ele. Quando Saulo de Tarso perseguiu os cristãos na terra, também perseguiu o Senhor no céu (At 9:1-5). Deus se preocupa com seus servos. Nem sempre ele evita que sejamos oprimidos, mas sempre tem um bom motivo para permitir que isso aconteça. Ele é um Senhor amoroso que nos ensina sua vontade

e nos dá o discernimento necessário para lidar com os problemas da vida. Além disso, nos dá promessas das quais podemos nos apropriar e, desse modo, encontrar a força e a sabedoria de que precisamos. Os servos de Deus não vivem de explicações, mas sim de promessas.

O Senhor é o Juiz Supremo (v. 126-128). Em nossa impaciência, por vezes desejamos que Deus intervenha imediatamente e resolva todas as coisas, mas seu tempo e seus caminhos nem sempre são iguais aos nossos. A fé e a paciência andam juntas (Hb 6:12), e as demoras de Deus não são recusas. Um dia, a vontade de Deus será revelada e o pecado será julgado; enquanto isso, em vez de nos queixarmos sobre o que pagamos ou perdemos, vamos nos alegrar com a riqueza que temos na Palavra de Deus, uma riqueza que jamais poderá ser tomada de nós. Todos os preceitos de Deus em todos os aspectos são sempre justos, de modo que podemos depender das Escrituras e obter a orientação de que precisamos. Se amamos a Palavra, abominaremos os caminhos maus dos pecadores e ficaremos longe deles. Não daremos *um passo sequer* no caminho dos perversos! (Pv 1:13).

19. PÊ (Sl 119:129-136) - UMA REAÇÃO EM CADEIA

Esta seção começa com o caráter admirável da Palavra de Deus e termina com as lágrimas do salmista pela desobediência dos arrogantes à Palavra. Assim como o amor e a aversão (vv. 127, 128), a alegria e a aflição podem coexistir no mesmo coração (vv. 111, 107), também a reverência e a angústia podem estar presentes simultaneamente. Na verdade, quando começamos a perceber a beleza e maravilha das Escrituras, também começamos a entender a indignidade do pecado e a vulgaridade do que o mundo tem a oferecer. Esta seção descreve uma reação em cadeia, em nível espiritual, na vida do salmista, algo que também pode ocorrer em nossa vida se meditarmos sobre quanto a Palavra de Deus é admirável.

A admiração conduz à obediência (v. 129). As pessoas obedecem à Palavra de

Deus por motivos diferentes: algumas porque têm medo de ser castigadas, outras porque desejam receber suas bênçãos, outras ainda porque amam a Deus e desejam lhe agradecer. O salmista ficou maravilhado ao se dar conta de quão admirável é a Palavra de Deus. Encantou-se com sua harmonia, beleza, perfeição, praticidade, poder e revelação. Quanto mais leio e estudo a Bíblia, mais maravilhosa ela se torna para mim, e um Deus que escreveu um livro tão admirável merece minha obediência. Obedecer à Palavra significa tornar-se parte dessa maravilha e experimentar poder e transformação espiritual em nossa vida.

A obediência conduz ao entendimento (v. 130). A luz da Palavra penetra nosso coração e nossa mente e traz consigo discernimento espiritual e entendimento (2 Co 4:1-6). O termo “esclarece” também é traduzido por “acesso” e “desdobramento” e tem o sentido de “revelação” ou de “exposição”, como em Lucas 24:32 e 35. Quando os mestres conduzidos pelo Espírito “expõem” a Palavra, a luz da verdade de Deus se propaga e promove transformação espiritual (v. 135; 2 Co 3:18).

O entendimento conduz a um desejo mais profundo (v. 131). Assim como uma pessoa sufocando arqueja ou como uma pessoa sedenta almeja pela água, também o filho de Deus anseia pela Palavra de Deus, e nada mais pode saciá-lo. “Do mandamento de seus lábios nunca me aparte, escondi no meu íntimo as palavras da sua boca” (Jó 23:12). Quando perdemos nosso desejo pela Palavra de Deus, ficamos vulneráveis para os substitutos que o mundo oferece (Is 55:1, 2).

O desejo conduz ao amor por Deus (v. 132). Como crianças anseiam por receber o amor de seus pais, também o filho de Deus experimenta seu amor por intermédio da Palavra (Jo 14:21-24). Amar o nome de Deus é o mesmo que amar a Deus, pois seu nome revela o seu caráter. Neste versículo, o salmista reivindica as promessas da aliança que o Senhor deu à nação de Israel (69:36). Se Israel tivesse amado ao Senhor e guardado as estipulações da aliança, Deus

teria abençoado o povo e demonstrado seu poder e misericórdia para com eles.

O amor de Deus conduz à orientação e à liberdade (v. 133, 134). Quando experimentamos o amor de Deus em nosso coração, guardamos seus mandamentos (Jo 14:15), e a obediência a seus mandamentos nos liberta da escravidão do pecado (Rm 6). O verbo “dominar” refere-se a “exercer um governo autocrático”, mas o pecado não deve exercer domínio sobre nós (Rm 6:12-16). Além disso, somos libertos da opressão das pessoas e da escravidão que podem impor (v. 134). Quando somos servos de Jesus Cristo, deixamos de ser escravos das pessoas. “Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens” (1 Co 7:23).

A liberdade em Cristo traz as bênçãos de Deus (v. 135, 136). Quando Deus esconde sua face de seu povo, significa que os está disciplinando (13:1; 80:3-7), mas quando faz resplandecer sua face sobre eles, mostra que os está abençoando (4:6; 67:1; Nm 6:25). Buscar a face do Senhor significa buscar sua bênção (v. 58). Ao caminhar com o Senhor em liberdade, caminhamos na luz e não temos o que esconder. Porém, desfrutar a liberdade e a bênção de Deus não elimina o fardo que carregamos em decorrência da perversidade do mundo (v. 136). O coração de uma pessoa pode ser, ao mesmo tempo, quebrantado e abençoado. Jeremias chorou pelos pecados de uma nação prestes a ser destruída (Jr 9:1, 18; 13:17; Lm 1:16), e Jesus chorou por Jerusalém, pois seu povo o havia rejeitado (Lc 19:41-44). O apóstolo Paulo chorou pelas almas perdidas (Rm 9:1-3) e também por aqueles da igreja que se diziam cristãos mas estavam vivendo em função do mundo e da carne (Fp 3:17-21). Se o prazer que sentimos na Palavra de Deus e nas bênçãos de sua graça chegou, de fato, a nosso coração, devemos sentir um peso pelos perdidos e procurar alcançá-los para Cristo.

20. TSADE (Sl 119:137-144) – EM DEUS CONFIAMOS

O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus para implantar a fé em nosso coração (Rm 10:17), e quanto mais vivemos de acordo

com a Palavra, mais nossa fé se fortalece. Algumas pessoas não têm fé alguma (Mc 4:40), outras têm uma fé pequena (Mt 8:26; 14:31) e poucas têm grande fé (Mt 8:10; 15:28). Como uma semente de mostarda, a fé contém vida, e, se a semente é plantada e cultivada, ela cresce e dá frutos (Mt 17:20). A mensagem desta seção do salmo é que podemos depender da Palavra de Deus, portanto, tenha fé!

Não importa o que as pessoas fazem, a Palavra de Deus é confiável (vv. 137-139). O salmista havia se cansado de tentar convencer as pessoas a confiar na Palavra de Deus (ver 69:9; Jo 2:12); elas ignoravam tanto o Senhor quanto as Escrituras. Deve ter sentido que seu ministério havia fracassado, mas havia sido fiel, assim como a Palavra é fiel. Deus e sua Palavra são justos, e aquilo que Deus diz é reto. Sua Palavra é inteiramente confiável. Ainda que grandes intelectuais desfirmem ataques contra ela e até mesmo a ridicularizem, a Palavra permanece e ainda estará aqui muito tempo depois que esses homens tiverem morrido e ninguém mais se lembrar de seus livros. As pessoas pecam e morrem, mas a justiça de Deus e sua Palavra justa permanecem (vv. 137, 138, 142, 144).

Não importa o que as pessoas dizem, a Palavra de Deus é confiável (vv. 140, 141). Ao longo de vários séculos as Escrituras foram inteiramente testadas pelo fogo das perseguições e críticas, da mesma forma que o ourives prova os metais preciosos (12:6, 7; 18:30), e a Palavra mostrou que é pura. Uma das alegrias da vida cristã é encontrar novas promessas na Palavra, testá-las na vida diária e descobrir que são confiáveis. O inimigo deseja esquecer a Palavra (v. 139), mas nós queremos nos lembrar e depender dela. O mundo pode considerar o povo de Deus "pequeno e desprezado", mas quando firmamos os pés nas promessas de Deus, somos gigantes.

Não importa como nos sentimos, a Palavra de Deus é confiável (vv. 142, 143). Podemos passar por dificuldades e angústias, como aconteceu com o salmista e, ainda assim, encontrar prazer na verdade de Deus. Nossos sentimentos mudam, mas a Palavra

de Deus é constante. A Palavra não é apenas verdadeira, mas é também a verdade (v. 142; Jo 17:17). A Palavra de Deus é a verdade, o Filho de Deus é a verdade (Jo 14:6) e o Espírito de Deus é a verdade (1 Jo 5:6). O Espírito da verdade escreveu a Palavra da verdade, e essa Palavra revela o Filho de Deus. Quando nossos sentimentos nos enganam e nos levam a concluir que não vale a pena servir ao Senhor, devemos nos voltar imediatamente para as Escrituras e nos agradar de nosso Senhor.

Não importa quanto tempo vivemos, a Palavra de Deus é confiável (v. 144). Quando fazemos nossa leitura silenciosa das Escrituras, vemos palavras escritas em tinta sobre o papel. Quando lemos a Palavra em voz alta, ouvimos sons que logo desaparecem. Tinta, papel e sons podem não durar, mas a Palavra de Deus é eterna e está firmada para sempre (vv. 89, 160). Construir a vida sobre a Palavra de Deus significa participar da eternidade (Mt 7:24-29; 1 Jo 2:17). Não é a extensão da vida que conta, mas sim sua profundidade, que vem da assimilação da Palavra e da obediência a ela. Jesus passou 33 anos aqui na Terra, e seu ministério público durou apenas três anos; no entanto, realizou uma obra eterna.

21. COF (Sl 119:145-152) – UM MODELO DE ORAÇÃO

O escritor ora ao longo de todo este salmo, mas, nestes versículos, se concentra na oração e clama ao Senhor dia e noite. Por sua experiência, recebemos algumas instruções fundamentais sobre a oração eficaz.

Orar com sinceridade (vv. 145, 146). Devemos buscar a Deus de todo o coração (vv. 2, 10, 58) e lhe obedecer de todo o coração (vv. 34, 69). Nas palavras de John Bunyan: "Na oração, é melhor ter um coração sem palavras do que ter palavras sem coração". No santuário do Antigo Testamento, o altar de ouro do incenso representava a oração intercessora (Êx 30:1-10). O incenso especial era queimado no altar, e uma fumaça perfumada elevava-se em direção ao céu simbolizando as orações subindo ao Senhor (141:1, 2; Ap 8:3, 4). A devoção do coração

é o que “acende” nossas orações e permite que apresentemos nossos pedidos ao Senhor. A declaração “observo os teus decretos” pode ser traduzida por: “para que observe os teus decretos”. O salmista não está negociando com Deus (“Responda a minhas orações e lhe obedecerei”), mas sim se consagrando a Deus e assumindo o compromisso de lhe obedecer, qualquer que seja a resposta a suas orações. Antes de orar corretamente, devemos orar por nós mesmos, pedindo que Deus nos dê um coração que arde com o fogo do Espírito Santo.

Orar sem cessar, de acordo com as Escrituras (vv. 147, 148). Vemos aqui dois elementos importantes da oração eficaz. O primeiro é que devemos cultivar, em todo tempo, uma atitude de oração e permanecer em comunhão com o Senhor. O salmista orava ao Senhor pela manhã e durante as vigílias da noite (do pôr-do-sol até às 22h, das 22h às 2h e das 2h até o amanhecer). Jesus chamou isso de “permanecer” (Jo 15:1-11). “Orar sem cessar” (1 Ts 5:17) não significa andar de um lado para outro murmurando orações. Antes, quer dizer “deixar o telefone fora do gancho” para que nada se interponha entre o Pai e nós.

O segundo elemento da oração eficaz é a Palavra de Deus, pois sem ela não temos como conhecer a vontade de Deus. Cada versículo desta seção faz menção das Escrituras e da devoção do salmista à Palavra de Deus. Nossa vida devocional e ministério devem mostrar equilíbrio entre a oração e a Palavra, pois somente a leitura da Bíblia sem oração é o mesmo que luz sem calor, enquanto só oração sem Bíblia pode levar ao zelo sem conhecimento. Em 1 Samuel 12:23, Samuel enfatiza tanto a Palavra quanto a oração, e Jesus faz o mesmo em João 15:7. Os líderes espirituais da Igreja primitiva dedicavam-se à oração e à Palavra (At 6:4). Quando meditamos na Palavra, o Pai fala conosco, e, quando oramos, falamos com o Pai. Precisamos tanto da instrução quanto da intercessão, a fim de termos uma vida equilibrada como filhos de Deus.

Orar como um ato de amor (v. 149). Este versículo combina o amor e a lei, pois se

amamos ao Senhor, guardamos seus mandamentos. Muitas vezes, consideramos a oração uma medida de emergência e corremos para a presença de Deus clamando por socorro. Mas o que pensaríamos de filhos que só falam com os pais quando precisam de alguma coisa? Orar é muito mais do que pedir: orar é amar. Se amamos a Palavra de Deus, também devemos amar o Deus da Palavra e expressar esse amor por ele. Dizer ao Senhor que o amamos, só porque desejamos receber alguma coisa, é sinal de infantilidade. Quando compartilhamos nosso amor com o Senhor, somos revigorados por ele.

Orar com os olhos abertos (vv. 150-152). Enquanto ora, o salmista vê seus inimigos se aproximando, de modo que pede que Deus também se aproxime dele e o socorra. A frase tão conhecida: “vigiar e orar” remonta ao tempo em que Neemias liderava o povo na reconstrução dos muros e na restauração das portas de Jerusalém. Os inimigos não desejavam que a cidade santa fosse reconstruída, de modo que usaram medo, dissimulação e todo tipo de artifício para atrapalhar o trabalho. De que maneira Neemias se defendeu? “Porém nós oramos ao nosso Deus e, como proteção, pusemos guarda contra eles [os inimigos], de dia e de noite” (Ne 4:9). Jesus (Mt 26:41; Mc 13:33), Paulo (Cl 4:2) e Pedro (1 Pe 4:7) ordenaram que o povo de Deus “vigiase e orasse”, que se mantivesse atento e orasse com inteligência e vigilância. Somos soldados numa batalha e não podemos adormecer em nosso turno.

22. RÊSH (Sl 119:153-160) – FORÇAS PARA A JORNADA

Podemos observar que, ao se aproximar do final do salmo, o escritor torna-se cada vez mais urgente. O alfabeto hebraico está prestes a terminar, mas suas provocações continuariam, e ele precisava da ajuda do Senhor. As três últimas estrofes falam de perseguição e tribulações, e, no entanto, o salmista continua confiando no Senhor. A vida cristã é como a terra de Canaã, “terra de montes e vales” (Dt 11:11), e não há como ter montanhas sem ter vales. O elemento central desta estrofe é o pedido “vivifica-me” (vv. 154, 156, 159),

que quer dizer: “dá-me vida, ergue-me e dá-me forças para prosseguir”. Ele havia feito essa oração anteriormente (vv. 25, 37, 40, 88, 107 e 149), e o Senhor havia respondido. O salmista não apenas ora, mas também apresenta alguns motivos pelos quais o Senhor deve responder à sua oração.

Vivifica-me, pois tu és o meu Redentor (vv. 153-155). “Atenta para a minha aflição” é um pedido para que o Senhor supra suas necessidades. Abraão usa esse termo quando responde à pergunta de seu filho em Gênesis 22:8 – “Deus proverá para si”, ou seja, proverá o sacrifício. Nosso Senhor maravilhoso não apenas vê nossas necessidades, mas também as supre: “Os olhos do SENHOR repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor” (34:15; 1 Pe 3:12). O verbo “livrar” refere-se ao parente resgatador, que podia resgatar um membro da família que estivesse passando por necessidades, como Boaz fez com Rute (ver Lv 25:23-34). Em sua encarnação, Jesus entrou na família humana e se tornou nosso resgatador e, na crucificação, pagou o preço para nos resgatar do pecado, da morte e do inferno. A súplica “defende a minha causa” refere-se a Jesus como nosso Parente Resgatador e também como nosso Fiador (v. 122), Mediador e Advogado, que nos representa diante do trono de Deus (1 Jo 2:1, 2). Em nossa aflição, é um consolo saber que o Filho de Deus intercede por nós, ouve nossas orações e supre nossas necessidades.

Vivifica-me, pois tu és misericordioso (vv. 156-158). Se orássemos com base em nosso próprio mérito, Deus não poderia jamais nos responder, mas nos chegamos ao Pai em nome do Filho (Jo 14:14; 15:16) e com a ajuda do Espírito (Ef 2:18; Rm 8:26, 27). Em sua graça, Deus nos dá aquilo que não merecemos e, em sua misericórdia, ele deixa de nos dar aquilo que merecemos. Seu trono é um trono de graça, em que encontramos graça e misericórdia em abundância, a nossa disposição (Hb 4:16). O salmista ainda estava desgostoso com o modo de os incrédulos viverem (v. 158; ver 53, 136), mas o péssimo exemplo dessa gente não mudou as convicções dele.

Vivifica-me, pois tua Palavra é confiável (vv. 159, 160). “As tuas palavras são em tudo verdade” (v. 160), e isso quer dizer que são dignas de confiança. A totalidade da revelação escrita de Deus não é apenas verdadeira – é a verdade. Amar a Palavra significa obedecer a ela, o que, por sua vez, significa receber a vida que ela tem a oferecer. A Bíblia não é um livro mágico que transmite vida divina a qualquer um que o abre e lê. A Palavra viva de Deus transmite sua vida e poder àqueles que a lêem, meditam nela e lhe obedecem, porque amam Deus e sua Palavra. Quando Jesus ressuscitou os mortos, ele o fez recitando a Palavra (Lc 7:11-17; 8:40-56; Jo 11:38-44; ver Jo 5:24), e sua Palavra nos dá vida nos dias de hoje, quando nos encontramos abatidos (v. 25).

23. SHIN (Sl 119:161-168) – BEM-AVENTURADOS OS EQUILIBRADOS

Ao longo de nosso estudo do Salmo 119, observamos que a vida de fé do salmista era equilibrada, qualidade que aparece de maneira mais específica nesta estrofe.

Respeito e regozijo (vv. 161, 162). Os príncipes começaram sua campanha de oposição falando mal do salmista (v. 23), mas agora sua perseguição é mais direta. Mas o salmista não temia seus perseguidores e se maravilhou diante da Palavra de Deus. Vemos, mais uma vez, que, quando tememos a Deus, não precisamos ter medo de coisa alguma. Ele respeitava a Palavra e se regozijava nela, pois a alegria e a grandeza do Senhor andam juntas. Os príncipes desejavam roubar isso dele, mas ele encontrou grandes riquezas na Palavra de Deus (ver vv. 14, 72). As promessas de Deus na Bíblia são melhores do que dinheiro no banco, pois jamais perdem o valor, e ninguém pode tirá-las de nós.

Amor e aversão (v. 163). “Vós que amais o SENHOR, detestai o mal” (97:10). O salmista amava a lei de Deus, mas detestava todos os caminhos falsos (vv. 97, 104, 127, 128) e tinha aversão aos doubles (v. 113). Aqui, declara que ama a lei de Deus, mas abomina a falsidade. Quem ama e pratica a mentira não entrará na cidade celestial e será banido da

presença de Deus para sempre (Ap 21:17; 22:15).

Louvor e equilíbrio (vv. 164, 165). Os israelitas devotos louvavam a Deus e oravam três vezes por dia (55:17; Dn 6:10, 11), mas o salmista ia além e adorava “sete vezes no dia”. Essa expressão significa, “com frequência, muito além do esperado”. O legalista estabelece um objetivo e se orgulha de cumpri-lo; o cristão cheio do Espírito não estabelece objetivos, mas vai além de qualquer objetivo que poderia ter estabelecido. O louvor, assim como a oração, pode trazer paz a nosso coração (Fp 4:4-7). Concentrar-se no Senhor sem lhe pedir coisa alguma e se entregar inteiramente ao louvor a Deus faz, de algum modo, os problemas parecerem menores, e o futuro, mais promissor. Porém, o louvor também nos ajuda a ter equilíbrio em nossa caminhada e a não tropeçar (Jd 24) nem servir de tropeço para outros (1 Co 8:13; Rm 14:13). O cristão que entoa louvores é estável, percorrendo um caminho plano, mesmo quando os inimigos abrem covas e colocam obstáculos diante dele.

Caminhar e esperar (vv. 166-168). Assim como o salmista, esperamos na salvação do Senhor. Esperamos o dia em que o Senhor voltará e libertará sua criação e seu povo (Rm 8:18-25; 13:11; Hb 9:28; 1 Pe 1:9). Essa é a “bendita esperança”, que todo cristão aguarda e anseia (Tt 2:13). Porém, ao aguardar com esperança, devemos caminhar e trabalhar, pois queremos ser aprovados como servos fiéis quando Jesus voltar (Mt 24:45-51). Quando amamos sua Palavra, também amamos sua vinda (2 Tm 4:6-8) e vivemos como aqueles que estão prontos a se encontrar com seu Senhor (1 Jo 2:28).

24. TAU (Sl 119:169-176) – OUVE A MINHA ORAÇÃO!

Com exceção do versículo 174, cada um desses versículos é uma oração ao Senhor, e todas elas se concentram em sua capacidade maravilhosa de suprir nossas necessidades quando confiamos nele.

Os pronomes na segunda pessoa do singular aparecem com frequência e nos ajudam

a compreender os pedidos que o salmista está fazendo.

Preciso de tua Palavra (vv. 169-172). Não importa há quanto tempo caminhamos com o Senhor, nunca somos maduros demais para deixar de precisar da Palavra de Deus. Sempre temos algo novo a aprender e, muitas vezes, encontramos novas aplicações para verdades antigas. Os cristãos que se gabam de conhecer a Bíblia “de capa a capa” estão apenas mostrando quão pouco sabem sobre a Palavra de Deus, pois passaremos a eternidade aprendendo de sua Palavra. O salmista pede entendimento e livramento, pois sabe que a verdade o libertaria (Jo 8:32). Depois de aprender os estatutos de Deus, começa a louvar ao Senhor, pois o estudo e a oração andam juntos. Depois de falar sobre as leis maravilhosas de Deus (Rm 9 - 11), Paulo irrompe em adoração e em louvor (Rm 11:33-36).

Preciso de tua mão (v. 173). Sabemos que “Deus é espírito”(Jo 4:24) e, portanto, não tem um corpo com mãos, pés e assim por diante. A fim de se revelar a nós, ele usa aquilo que conhecemos para explicar aquilo que não conhecemos, de modo que a Bíblia o descreve em termos humanos. Essa é a única menção que se faz à mão do Senhor neste salmo, mas ela pode ser encontrada várias vezes no Livro de Salmos. Os ídolos dos pagãos têm mãos que não se movem nem sentem (115:7), mas a mão de Deus trabalha em favor de seu povo. Somos as “ovelhas de sua mão” (95:7), imagem que Jesus emprega em João 10:28, 29.

Preciso de tua salvação (v. 174). Nesse caso, o termo “salvação” significa livramento dos inimigos que o estavam ameaçando, mas esse mesmo termo também pode significar a libertação das preocupações, a cura de uma enfermidade, a provisão de fundos para pagar uma conta ou o livramento da opressão satânica. Como vimos no versículo 166, nossa salvação final se dará quando Jesus Cristo voltar para livrar todas as suas criaturas da escravidão do pecado.

Preciso de tua ajuda (v. 175). No versículo 86, o salmista ora “Ajuda-me”, mas o povo de Deus está sempre suplicando por ajuda.

“Nele o meu coração confia, nele fui socorrido” (28:7). A mão de Deus pode nos socorrer (v. 173), mas seus juízos também nos ajudam. O termo “juízos” é sinônimo de Palavra de Deus, mas também pode se referir à operação da providência divina neste mundo (105:7; Rm 11:33). É evidente que os dois andam juntos, pois Deus sempre obedece à própria Palavra quando opera neste mundo. Deus nos ajuda ao dispor como lhe apraz o que se passa neste mundo e em nossa vida, pois nada é acidental para o cristão. Nosso Pai cuida de nós e realiza sua vontade (23:3; Jo 10:4; Rm 8:28).

Sou teu servo (v. 176). O salmista não diz que pecou grandemente contra o Senhor, *nem que estava se rebelando contra a vontade de Deus*. A essa altura, sente a própria fraqueza e ignorância e as expressa em termos do que lhe é significativo. No versículo 110, afirmou que não havia se desviado, mas agora percebe o perigo do excesso de confiança (1 Co 10:12). Ao longo da jornada espiritual registrada neste salmo, o salmista passou por altos e baixos, mas sempre se firmou na Palavra de Deus e continua a fazê-lo até o final. Ele começa o salmo com uma bem-aventurança (v. 1), mas o encerra com uma advertência – duas coisas importantes que devem ser equilibradas na vida cristã. Deus nos dá promessas e certezas para que não fiquemos desesperados, mas também nos dá advertências para que não nos torneamos atrevidos. O salmista ainda era um servo do Senhor, não do pecado, e ainda se lembrava da Palavra de Deus, de modo que não ficaria longe do caminho por muito tempo. O Bom Pastor o encontraria e o levaria de volta ao aprisco. Ungiria suas feridas com óleo curativo e lhe daria água fresca para beber (23:5).

25. OS SALMOS PEREGRINOS (Sl 120 – 134)

Cada um desses quinze salmos é chamado de “Cântico de Romagem”. O termo hebraico traduzido por “romagem” também pode significar “degraus”¹ ou “escaladas” e vem de um radical que quer dizer “subir”, como quem sobe uma escada. Dez desses salmos

são anônimos, quatro são atribuídos a Davi (122, 124, 131, 133) e um a Salomão (127). Esses salmos foram selecionados a fim de constituir um “hinário” para ser usado pelo povo que ia a Jerusalém celebrar as três festas anuais (Êx 23:14-19) – a Páscoa, na primavera; Pentecostes, no começo do verão; e Tabernáculos, no outono. Os peregrinos entoavam esses cânticos em conjunto, enquanto viajavam em grupos de famílias para Jerusalém (Lc 2:41-52), e isso os ajudava a concentrar os pensamentos naquilo que o Senhor havia feito por sua nação. O santuário é mencionado em 122:1, 9; 132:7, 8 e 134:1, 2, e o monte Sião e Jerusalém são mencionados em 122:2, 3, 6; 125:1, 2; 126:1; 128:5; 129:5; 132:13; 133:3 e 134:3. Três temas especiais são repetidos: (1) as aflições sofridas por Israel nas mãos de outras nações; (2) a proteção e o cuidado bondoso de Deus para com seu povo escolhido; (3) a bênção de estar em Jerusalém. Israel havia sido vítima de desprezo e escárnio (123:3, 4), havia beirado à extinção (124:1-5; 130:1), caído em armadilhas (124:6, 7), se sujeitoado à escravidão (126:1, 4) e sofrido aflições (129:1-3), mas sobreviveu!

Sob a liderança de Moisés, os israelitas viveram quarenta anos como um povo nômade. Porém, depois de se assentar em Canaã, o Senhor determinou que deveriam ir a Jerusalém três vezes por ano. Isso os lembrava de que, em termos espirituais, ainda eram um povo peregrino e precisavam depender do Senhor. “Porque somos estranhos diante de ti e peregrinos como todos os nossos pais”, disse Davi (1 Cr 29:15; e ver Sl 84:5-7; 119:19, 54). Muitos cristãos hoje desejam ser “colonos”, não peregrinos e estrangeiros (Hb 11:8-10, 13-16; 1 Pe 1:1; 2:11). Damo-nos por satisfeitos em nos acomodar em nossa área de conforto e em viver como se Jesus nunca tivesse morrido, como se não fosse voltar outra vez e como se nossa vida não fosse terminar. Somos culpados daquilo que Eugene Peterson chama de “mentalidade de turista”: contentamo-nos em fazer visitas rápidas e ocasionais ao Senhor, passando com ele momentos que consideramos de descontração e de entretenimento, ao

mesmo tempo nos agradando do mundo e nos conformando com ele (ver *A Long Obedience in the Same Direction*, IVP, p. 12). Nossa cidadania encontra-se no céu (Lc 10:20; Fp 3:20; Hb 12:22-24), fato que deve fazer diferença em nossa vida aqui na terra. Precisamos de um "senso de temporariedade" ao realizar essa peregrinação que chamamos de vida.

SALMO 120

O salmo começa com angústia (v. 1), termina com guerra (v. 7) e, entre uma coisa e outra, trata da dissimulação e da difamação. Difícilmente parece um hino adequado a ser cantado por um grupo de peregrinos a caminho do santuário de Deus. Tudo indica que o autor deste salmo encontra-se na mesma situação que o autor do Salmo 42: as circunstâncias o impediam de comparecer à festa, de modo que teve de ficar em casa, no meio de pessoas que atribulavam sua vida (ver 42:3, 9, 10). Ao entoar este salmo, os peregrinos lembrariam que, de fato, eram privilegiados de poder ir a Jerusalém e que outros gostariam de ter ido com eles. Também se lembrariam de que, quando voltassem para casa, teriam de levar consigo parte da bênção para os que haviam ficado e lhes dar um pouco de alívio de suas dificuldades. Quando nos sentimos aflitos e decepcionados, temos três responsabilidades a cumprir para que nossos fardos sejam transformados em bênçãos.

1. ORAR (Sl 120:1, 2)

O primeiro verbo do salmo pode ser traduzido por "tenho clamado", pois o tempo verbal do original combina passado e presente. O salmista havia orado numa ocasião anterior de dificuldade, e o Senhor havia respondido, de modo que se sentia seguro para orar outra vez. Em vez de se queixar de sua situação, compartilhou-a com o Senhor e, por meio desse salmo, também a divide conosco. Estava sendo alvo de mentiras, e seu nome era difamado (ver 5:9; 12:1-8; 26:24; 31:18; 52:3ss; Pv 10:18; 26:24). É possível que estivesse envolvido em algum tipo de litígio e que a outra parte tivesse subornado

falsas testemunhas para depor contra ele. Não desejava correr o risco de ir a Jerusalém, pois temia que seus inimigos aproveitassem sua ausência para fazer ainda mais estragos.

2. CONFIAR EM DEUS (Sl 120:3, 4)

É pouco provável que o salmista esteja, de fato, se dirigindo diretamente a seus inimigos, mas esta é a mensagem que Deus lhe deu em resposta a suas orações. O escritor não precisava atacar o inimigo, pois o Senhor o faria por ele. *Setas e brasas* são imagens de palavras perversas e mentirosas e aparecem com frequência nas Escrituras (55:21; 57:4; 59:7; 64:3, 4; Pv 16:27; 25:18; 26:18, 19; Jr 9:3, 8; Tg 3:6). O salmista estava certo de que Deus castigaria o inimigo com as próprias armas, mas as conseqüências seriam muito piores. As setas se tornariam mais afiadas ao serem lançadas contra eles por um guerreiro poderoso – uma provável referência ao Senhor Deus (24:8; Is 9:6, "o SENHOR forte e poderoso"). O zimbro é um arbusto do deserto que oferece sombra (1 Rs 19:4) e cujas raízes podem ser usadas como um ótimo tipo de carvão. Nosso mundo de hoje está cheio de palavras perversas, e os cristãos devem ter cuidado com o que ouvem e como isso os afeta. Não devemos apenas desviar os olhos para que não vejam maldade (119:37), mas também desviar os ouvidos para que não ouçam insensatez. "Atentai no que ouvis" (Mc 4:24). Quando somos difamados e caluniados, devemos entregar tudo nas mãos do Senhor e confiar que ele fará sua parte.

3. SUPORTAR COM PACIÊNCIA (Sl 120:5-7)

No antigo Oriente Próximo, Meseque ficava na Ásia Menor, a noroeste de Israel, e Quedar era uma nação nômade do norte da Arábia, a sudeste de Israel. Meseque era uma nação gentia (Gn 10:2), e o povo de Quedar era descendente de Ismael, o filho de Abraão com Hagar (Gn 16; 25:13, 18). Esses dois povos viviam longe de Israel e eram considerados inimigos dos israelitas. O salmista não está, de fato, vivendo no meio desses povos, pois

não poderia viver em dois lugares diferentes ao mesmo tempo, especialmente lugares separados por milhares de quilômetros. Antes, encontrava-se no meio de israelitas *que se comportavam como pessoas de fora das bênçãos da aliança de Deus*. Qualquer israelita que temesse a Deus e guardasse os dez mandamentos não daria falso testemunho nem difamaria o nome de outrem. Não devia ser fácil habitar no meio desses povos estrangeiros, mas era mais difícil ainda viver com israelitas que se comportavam como estrangeiros.

Os cristãos vivem não apenas no meio de incrédulos, mas também entre pessoas que se dizem cristãs mas que agem como incrédulas. Em algumas ocasiões, Paulo repreendeu os cristãos para os quais estava escrevendo comparando-os com os gentios, ou seja, com “estrangeiros, não-salvos” (1 Co 5:1, 12, 13; Ef 4:17; Cl 4:5; 1 Ts 4:12; 1 Tm 3:7). O salmista era um pacificador e tentou incentivar os vizinhos israelitas ímpios a também ser pacíficos, mas estavam determinados a manter uma atitude bélica. Suas palavras de amor só serviriam para enfurecê-los ainda mais. Depois de mais de cinquenta anos de ministério, estou convencido de que a maior parte dos problemas nas famílias e igrejas é causada por pessoas que se dizem cristãs, mas que não têm um relacionamento real e vital com Jesus Cristo. Não são pacificadores humildes, mas sim agitadores arrogantes. Até que Deus transforme esses indivíduos ou que eles resolvam ir para algum outro lugar, os cristãos consagrados devem ser pacientes e se manter em oração. Foi assim que José lidou com os irmãos em Canaã e com os acusadores no Egito. Também foi como Davi lidou com o rei Saul e como Jesus se relacionou com os inimigos (1 Pe 2:18-25).

SALMO 121

É possível que este fosse um salmo antifônico, entoado pelos peregrinos em sua jornada rumo a Jerusalém para celebrar uma festa. Os líderes dos grupos começavam com os versículos 1 e 2, que se encontram na primeira pessoa do singular, e outras pessoas

ou grupos respondiam com os versículos 3 e 4, que se encontram na terceira pessoa do singular, e assim por diante. O tema é a proteção de Deus sobre seu povo, e o verbo “guardar” é usado seis vezes. A segurança era uma das grandes preocupações dos peregrinos ao viajarem por estradas que passavam pela região montanhosa de Israel. O peregrino poderia tropeçar e se machucar, sofrer de insolação ou pegar uma gripe durante as noites frias. Além disso, ainda havia o perigo constante de serem atacados por assaltantes. Porém, a mensagem do salmo aplica-se aos peregrinos de Deus nos dias de hoje e nos dá a segurança de que precisamos, enquanto percorremos a jornada desta vida.

1. “A CRIAÇÃO DE MEU PAI ESTÁ DIANTE DE MIM” (SL 121:1, 2)

A primeira linha pode ser traduzida no presente ou no futuro – “elevarei meus olhos” –, como é o caso em algumas versões. Se Jeová criou os céus e a terra, então é um Deus de poder, sabedoria e glória, e não temos coisa alguma a temer. Satanás e seu exército demoníaco podem estar trabalhando contra os cristãos, mas este mundo ainda pertence ao Senhor. Os israelitas apóstatas adoravam outros deuses em santuários (“altos”) nos montes (2 Rs 16:4; Jr 3:23; 13:27; 17:2; Os 4:11-13), mas o povo fiel a Deus olhava acima dos montes, para o grande Deus que havia criado todas as coisas. Quando olhavam para os montes e viam Jerusalém (87:1; 125:1, 2; 133:3), sabiam que Deus habitava ali em seu santuário e dava a seu povo toda a ajuda de que precisavam (3:4; 20:2; 46:1; 124:8; 134:3; 1 Rs 8:29-53). Tudo nos céus e na terra dá testemunho do grande Criador, que também é nosso Pai celestial; então por que temer? (ver 33:3; 89:11-13; 96:4, 5; 104:2-9; 115:15; 124:8; 134:3; 136:4-9).

2. “OS OLHOS DE MEU PAI ESTÃO SOBRE MIM” (SL 121:3, 4)

O termo traduzido por “vacilar” significa “escorregar, derrapar, cambalear, ser abalado”. Não devia ser difícil torcer o tornozelo nem mesmo cair e sofrer uma fratura ao caminhar pelos caminhos pedregosos. O Senhor

preocupa-se com nossos pés e nosso caminhar (ver 31:8; 56:13; 66:9; 125:1; 1 Sm 2:9; Pv 2:8; 3:21, 23, 25, 26). O verbo “guardar” – e o substantivo “guarda”, v. 4 – tem o sentido de proteger e é usado seis vezes neste salmo (vv. 3, 4, 5, 7 [duas vezes] e 8). Aparece pela primeira vez na Bíblia em Gênesis 2:15, onde o Senhor coloca Adão no jardim para “o cultivar e guardar”, ou seja, proteger e tomar conta. Deus nos guarda mesmo enquanto dormimos, pois ele não dorme (ver 1 Rs 18:41). O Senhor prometeu guardar Jacó, que se tornou o pai das doze tribos de Israel (Gn 28:15; 48:15, 16), e também protege os descendentes de Jacó (Dt 32:10). “Os olhos do SENHOR repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor” (34:15; 1 Pe 3:12). “Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho” (Sl 32:8).

3. “A PRESENÇA DE MEU PAI ESTÁ JUNTO DE MIM” (SL 121:5, 6)

Aquele que nos guarda não está apenas assentado em seu trono, nos vendo lá do alto, mas também está junto de nós, para nos proteger de todo o mal. Isso não significa que os cristãos obedientes nunca enfrentam dificuldades e perigos, ou que nunca sofrem dores físicas e emocionais. As coisas que Deus permite que aconteçam conosco dentro de sua vontade podem causar dor, *mas não nos farão mal*. Davi havia passado por muitas experiências que lhe causaram angústia e até mesmo ameaçaram sua vida, mas o Senhor capacitou-o a transformar essas aparentes tragédias em belíssimos salmos que nos enchem de ânimo nos dias de hoje. A presença do Senhor a nossa direita nos dá a “sombra” de que precisamos (17:8; 36:7; 57:1; 63:7; 91:1; Is 25:4; 49:2; 51:16).

O salmista diz várias coisas ao escrever sobre o Sol e a Lua. Em primeiro lugar, na parte do mundo onde ele vivia, o sol escaldante é ameaçador (2 Rs 4:18, 19; Jn 4:8), mas à noite, a queda brusca de temperatura também é desconfortável e prejudicial à saúde para aqueles que não estão devidamente protegidos. Dia e noite, nosso Pai está conosco para nos abrigar daquilo que pode

nos fazer mal. O povo de Israel seguia um calendário lunar (81:3), de modo que o escritor também está se referindo a dias (Sol) e meses (Lua). Dia após dia, mês após mês, estação após estação (Gn 1:16-18), ano após ano, nosso Pai está junto de nós em meio aos inúmeros desafios e mudanças da vida. O salmista não acreditava na superstição de que as fases da Lua afetam a mente e o corpo das pessoas. O termo “lunático”, por exemplo, vem do latim *luna*, “Lua”, e o termo “epiléptico” vem do termo grego que quer dizer “exposto excessivamente à Lua” (ver Mt 4:24 e 17:15). Quer durante o dia ou à noite, no calor ou no frio, quaisquer que sejam as mudanças, a presença do Pai supre tudo de que precisamos. Não precisamos temer os ataques repentinos em momento algum do dia, pois estamos protegidos “à sombra do Onipotente” (ver Sl 91).

4. “O CUIDADO DE MEU PAI ESTÁ A MEU REDOR” (SL 121:7, 8)

Não precisamos temer a vida nem a morte; o dia de hoje nem o amanhã; o tempo nem a eternidade, pois estamos sob os cuidados amorosos de nosso Pai. A expressão “todo mal” refere-se a qualquer coisa que poderia nos prejudicar. Porém, em sua graça, Deus *transforma em bem as coisas que consideramos más*. José teve de suportar a maledicência e o ódio de seus irmãos, treze anos de separação do pai, acusações falsas da esposa de seu patrão e vários anos na prisão, tudo por causa dos pecados de seus irmãos. Mas, no final, José pôde dizer: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem” (Gn 50:20) – a mesma coisa que Paulo diz em Romanos 8:28!

A oração “guardará a tua saída e a tua entrada” refere-se às atividades diárias da vida (Dt 28:6; 1 Sm 29:6; 2 Sm 3:25). Sem dúvida, o Pai se preocupa com nossas tarefas, com nossa agenda e, até mesmo, com aqueles “detalhes menos importantes” aos quais, muitas vezes, não damos o devido valor. Os judeus ortodoxos obedecem a Deuteronômio 6:9 e 11:20 literalmente e prendem pequenas caixas de metal contendo partes das Escrituras do lado direito dos

batentes das portas de suas casas; cada vez que entram e saem, tocam a caixa num sinal de reverência. Essas caixinhas são chamadas de *mezuzas*, o termo para “batente”. Alguns judeus também prendem *mezuzas* aos batentes das portas internas dos cômodos da casa. Como é bom saber que, ao entrar e sair de casa, ao ir de uma cidade ou de um país para outro, o Pai está conosco e cuida de todas as nossas necessidades. “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5:7). E seu cuidado amoroso durará para sempre! (v. 8). “Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória. [...] Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre” (73:24, 26).

“Quem pode se queixar da jornada quando o caminho nos conduz ao nosso Lar?”

SALMO 122

Quatro dos “salmos peregrinos” são atribuídos a Davi. O tema principal do Salmo 122 é a cidade de Jerusalém (vv. 2, 3, 6) e a casa de Deus (vv. 1 e 9). O Salmo 124 descreve como Deus protege Israel dos inimigos, e o Salmo 131 fala da submissão de Davi ao Senhor. Alguns negam que Davi seja o autor do Salmo 122, datando-o do tempo de Esdras e de Neemias, mudança que parece contrária ao conteúdo do salmo. A dinastia de Davi se extinguiu depois do exílio (v. 5), tempo em que Jerusalém não era mais uma cidade bem edificada como nos dias de Davi (v. 3; 2 Sm 5:9, 11). A designação “Casa do SENHOR” também era usada para o tabernáculo (1 Sm 1:7, 24; 2 Sm 12:20), de modo que certamente pode se referir à tenda que Davi ergueu para a arca em Jerusalém (2 Sm 6). O salmo fala de um povo unido, o que de fato era o caso no tempo de Davi. Porém, depois da morte de Salomão, o reino se dividiu (1 Rs 12:25-33), e não se pode dizer que as tribos alcançaram a unificação depois do exílio. O fato de o rei Jeroboão ter instituído a própria religião depois da divisão do reino mostra que as tribos provavelmente subiam a Jerusalém todos os anos durante o reinado de Davi e, subsequentemente, de Salomão. No tempo

da monarquia, o trono e o templo eram separados, mas hoje nosso Senhor Jesus Cristo é tanto Rei quanto Sacerdote (110; Hb 7 - 9) e aqueles que fazem parte do povo de Deus são cidadãos da “Jerusalém lá de cima” (Gl 4:25, 26; Fp 3:20; Hb 12:22-29). Um dia, haverá uma nova Jerusalém, uma cidade santa preparada por Deus para seu povo (Ap 3:12; 21:1-10).

Os cristãos de hoje não precisam realizar longas peregrinações até “lugares santos” a fim de adorar a Deus, pois o Senhor não habita em edifícios construídos por mãos humanas (At 7:48-50). Também não precisamos do “entretenimento religioso” que atrai as pessoas a algumas reuniões. O mais essencial é o coração. Considerando as palavras de Davi neste salmo, podemos discernir facilmente que tipo de coração os cristãos precisam ter, a fim de agradecer a Deus em sua adoração.

1. UM CORAÇÃO DEDICADO A DEUS (Sl 122:1, 2)

A oração “Vamos à Casa do SENHOR” parece mais um dócil convite para tomar chá. Poderia ser traduzida mais apropriadamente por: “Iremos, sim, à Casa do SENHOR”. Quer seja um convite dirigido a alguém que vive longe de Jerusalém, quer a Davi, que mora em Jerusalém, essa oração expressa determinação e dedicação. Depois que a tenda havia sido erguida e a arca havia sido colocada em seu interior, Davi sem dúvida se dirigia àquele local com frequência para adorar ao Senhor, pois, como se sabe muito bem, Davi amava grandemente a casa de Deus (27:4; 65:4; 2 Sm 7:1-3). O rei se alegrava com a oportunidade de louvar ao Senhor com outros adoradores. Apesar de esse salmo estar entre os “Cânticos de Romagem”, o texto não diz coisa alguma sobre uma peregrinação. Davi morava em Jerusalém e precisava percorrer apenas uma pequena distância para chegar até a tenda e a arca. Mesmo vivendo na cidade santa, Davi atribuía a esse privilégio o valor que lhe era devido, pois seu coração era dedicado a Deus e à casa de Deus. Davi foi um homem segundo o coração de Deus (1 Sm 13:14). O peregrino vindo de

longe não reclamava da jornada, pois seu coração estava inteiramente voltado para o Senhor. O amor alivia os fardos e encurta as distâncias. Observe que Jerusalém é mencionada não apenas nos versículos 2, 3 e 6, mas também em 125:1; 126:1; 128:5; 129:5; 132:13 e 133:3.

2. UM CORAÇÃO DEDICADO AO LOUVOR (Sl 122:3-5)

O Senhor havia dito a seu povo que, um dia, teriam um local central de culto (Êx 23:14-19; Dt 12:5-7, 11-14, 17-19; 14:23; 16:2, 16), e esse lugar era Jerusalém. O Senhor instruiu Davi a escolher o monte Moriá - onde o rei havia construído um altar - para ser o local do templo (1 Cr 21 - 22) e também deu a Davi o projeto para essa construção (1 Cr 28). Antes de ser capturada por Davi e transformada em sua capital, a "cidade de Davi" (2 Sm 5:6-10), Jerusalém havia sido uma fortaleza dos jebuseus. Davi escolheu bem sua capital, pois não apenas o monte Sião era uma fortaleza inexpugnável, como também ficava na fronteira entre as tribos de Judá e Benjamim e ajudou a fortalecer os vínculos entre as tribos do Norte e as do Sul. O rei Saul era de Benjamim, e Davi era de Judá.

Quando o salmista olha para a cidade, pensa em unidade e segurança. Assim como as pedras das paredes e casas eram ligadas firmemente umas às outras ("cidade compacta"), também o povo era unido em sua adoração ao Senhor e seu respeito pelo trono. As doze tribos distintas, mais a tribo de Levi, partilhavam dos mesmos ancestrais e da mesma história, participavam do culto na mesma cidade santa e eram governadas pelas mesmas leis divinas. A Igreja já possui unidade espiritual (Ef 4:1-6), mas devemos nos esforçar para mantê-la e mostrá-la ao mundo, que nos observa (Jo 17:20-23). Quanto à segurança, Jesus prometeu que nem mesmo as forças do inferno poderiam prevalecer na oposição ao avanço da Igreja (Mt 16:18).

O mais essencial neste salmo, porém, é o louvor ao SENHOR (v. 4). Deus havia ordenado que seu povo fosse a Jerusalém para as festas da Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos

(Êx 23:14-19; Jo 4:20, 21), ocasiões em que os israelitas se dirigiam para lá como adoradores, não como turistas. Sem dúvida, havia muito que ver em Jerusalém, mas a tarefa mais importante e o maior privilégio do povo era dar graças ao Senhor. Ao mesmo tempo, com sua ida a Jerusalém, os israelitas demonstravam lealdade à dinastia de Davi, pois o mesmo Senhor que instituiu as festas também estabeleceu o trono. Em Romanos 13, Paulo deixa claro que o Senhor instituiu o sistema governamental de autoridade que temos e que devemos respeitar os cargos, mesmo que, nem sempre, possamos respeitar aqueles que os ocupam. Apesar de as democracias modernas separarem a Igreja do Estado, um país nunca deve se separar de Deus. Quaisquer que sejam nossas preferências políticas, nosso maior dever cívico é orar pelas autoridades (1 Tm 2:1-6).

3. UM CORAÇÃO DEDICADO À ORAÇÃO (Sl 122:6-9)

O nome "Jerusalém" significa "fundamento de paz"; no entanto, há séculos a cidade tem sido o centro de inúmeros conflitos. Uma compreensão correta das profecias mostra que só haverá paz em Jerusalém e na Terra quando o Príncipe da Paz reinar no trono de Davi (Is 9:6, 7; Lc 1:26-33). Assim, quando oramos pela paz em Jerusalém, na verdade estamos pedindo: "venha o teu reino" (Mt 6:10) e "Amém! Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22:20). Jesus chorou pela cidade, pois seu povo não conhecia a paz que Deus desejava lhes oferecer (Lc 19:41-48) e rejeitou o próprio Messias (Jo 11:47, 48). Porém, nossa intercessão não deve consistir simplesmente de orações mecânicas e superficiais; antes, deve vir do coração, pois amamos a Deus e amamos seu povo. Observe os frutos do Espírito presentes neste salmo: amor (v. 6), alegria (v. 1) e paz (vv. 6-8; Gl 6:22).

A "prosperidade" mencionada no versículo 6 não se refere às riquezas materiais, mas principalmente ao enriquecimento espiritual concedido àqueles que amam a Deus, a seu Filho (que nasceu como judeu), a sua Palavra (um Livro judeu) e a seu povo escolhido. "Porque a salvação vem dos judeus"

(Jo 4:22). A idéia de que orar pela paz de Jerusalém traz grandes riquezas materiais é uma interpretação inteiramente equivocada dessa promessa. Paulo orava por seu povo (Rm 10:1) e, no entanto, em termos materiais, era um homem pobre (2 Co 6:10). Os cristãos têm uma dívida para com Israel pelas incontáveis riquezas espirituais que esse povo nos deu (Rm 15:25-27). É egoísmo pensar na prosperidade pessoal, quando a ênfase dessa passagem é sobre a cidade de Deus, o povo escolhido de Deus (vv. 6-8) e a casa de Deus (v. 9). No entanto, esse texto apresenta uma aplicação prática para os cristãos, pois somos o povo de Deus, cidadãos da pátria celestial, e devemos orar uns pelos outros e pelo ministério da Igreja. Pertencemos uns aos outros, precisamos uns dos outros e devemos ajudar uns aos outros. Devemos orar pela paz dentro das igrejas e entre elas. Devemos orar pelas necessidades de nossos “irmãos e amigos” e, sem dúvida alguma, devemos orar por aqueles que ainda estão perdidos.

Um coração dedicado a Deus certamente é um coração que transborda de louvor e oração.

SALMO 123

É só ao ler o versículo 4 que descobrimos o que aflige o salmista: o modo como o povo de Israel é constantemente perseguido e tratado com escárnio e desprezo. No Salmo 124, Israel é quase consumido, afogado e preso numa armadilha. O Salmo 126 fala do cativo e o Salmo 129 compara o sofrimento do povo com um agricultor arando as costas dos israelitas. Existe alguma outra nação que tenha sofrido tanto quanto Israel? É evidente que o povo de Deus nos dias de hoje também sofre em função de seu compromisso com Cristo (Jo 16:30). De acordo com os especialistas em missiologia, mais cristãos foram martirizados no século vinte do que em todos os outros séculos anteriores! Alguns estudiosos datam este salmo do tempo do rei Ezequias, quando os assírios estavam atacando Jerusalém e humilhando o povo de Deus com seus discursos (Is 36 - 37). Porém, no período depois do exílio,

Israel também foi ridicularizado e desprezado por seus vizinhos gentios (Ne 2:19; 4:1-4, 7ss). Este salmo fala do Deus que se encontra entronizado no céu e cuja mão opera em favor de seu povo – temas que não encontramos nem em Esdras e nem em Neemias. A “mão de Deus” é mencionada em Esdras 7:6, 9, 28; 8:18, 22, 31 e Neemias 2:8, 18. O “Deus dos céus” aparece em Esdras 1:2; 5:11, 12; 6:9, 10; 7:12, 21, 23 e Neemias 1:4; 2:4. Este salmo começa na primeira pessoa do singular (“[eu] elevo”; v. 1), mas muda para a primeira pessoa do plural (“nossos”, “nós”). Talvez se trate de uma oração iniciada por um sacerdote ou levita (v. 1), que prossegue com a participação do coro (v. 2) e é encerrada pela congregação (vv. 3, 4).

Onde buscamos socorro quando somos difamados, ridicularizados e perseguidos? O salmo apresenta três respostas para essa pergunta.

1. BUSCAMOS, PELA FÉ, O TRONO DE DEUS (Sl 123:1)

É evidente que nossos olhos humanos não são capazes de ver Deus assentado em seu trono, mas nossos olhos da fé podem vê-lo quando cremos em sua Palavra. “Os meus olhos se elevam continuamente ao SENHOR” (25:15). Olhar para o Senhor significa confiar nele e entregar a ele nossos problemas pela fé. “Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus” (Hb 12:2). O trono de Deus é mencionado com frequência no Livro de Salmos (9:4, 7; 11:4; 45:6; 47:8; 93:2; 97:2; 103:9) e, para os cristãos, é um trono de graça (Hb 4:14-16). A vida de fé começa quando olhamos para o Senhor pela fé e cremos na salvação que ele nos concede (Is 45:22). Essa vida de fé tem continuidade quando mantemos nossos olhos da fé em Jesus (Hb 12:2) e chegará ao auge quando nossos olhos humanos também puderem ver Jesus em sua glória (1 Jo 3:1, 2).

2. BUSCAMOS, PELA FÉ, A MÃO DE DEUS (Sl 123:2)

Nos países do Oriente, era comum os senhores transmitirem ordens a seus servos por meio de gestos, de modo que os servos observavam

atentamente a mão de seu senhor. Era assim que recebiam as instruções para executar seu trabalho. Além disso, porém, a mão do senhor era a fonte de sua provisão e dependiam dela para o sustento diário. Por fim, a mão do senhor os protegia em tempos de perigo. O mesmo acontece com o povo de Deus hoje: é da mão de nosso Senhor que recebemos nossa orientação, provisão e proteção, e sua mão nunca falha. Até mesmo o coração do rei está nas mãos do Senhor (Pv 21:1), de modo que o remanescente frágil de Deus em Jerusalém não precisava temer as nações a seu redor.

3. BUSCAMOS A MISERICÓRDIA E A GRAÇA DE DEUS (SL 123:3, 4)

Os exilados de Judá haviam passado setenta anos na Babilônia. A maioria dos mais velhos havia morrido e pelo menos duas gerações haviam nascido. Agora, cerca de 50 mil dessas pessoas tentavam reconstruir o templo, restaurar a cidade e revitalizar a nação. Não era uma tarefa simples, e as nações a seu redor não desejavam que Israel entrasse em cena novamente. Nem sempre os governantes persas que haviam prometido ajudá-los cumpriam suas promessas e, às vezes, os oficiais persas locais interferiam em seus planos. Tudo isso era apenas mais uma prova do ódio dos gentios contra os judeus. “Estamos sobremodo fartos de desprezo” (v. 3; ver 31:11, 18; 44:13; 119:22, 141; Ne 2:19; 4:1-4, 7ss; Lm 3:15, 30). Porém, Deus escolhe e usa as coisas desprezadas do mundo (1 Co 1:28). Afinal, nossa salvação foi comprada por aquele que foi “desprezado e o mais rejeitado entre os homens” (Is 53:3).

Não somos apenas súditos do Rei (v. 1) e servos do Senhor (vv. 2, 3); também somos filhos de um Pai bondoso que ouve o clamor de seus filhos e os socorre. Ele possui a graça e a misericórdia necessárias em cada situação. Nos tempos depois do exílio, o povo escolhido de Deus foi vítima de calúnias, difamação, escárnio e oposição, mas Deus lhes deu a graça de que precisavam para concluir o templo e restituir o culto ao Senhor. Os inimigos eram pretensiosos e arrogantes, *mas Deus não estava operando no meio deles.*

A nação de Israel prosseguiu e, num dia muito especial, o Messias veio ao mundo na pequena cidade de Belém. Se somos vítimas de escárnio e críticas por pertencermos a Jesus, fazemos parte de um grupo extremamente seletivo, e *não devemos nos envergonhar nem procurar um lugar onde nos esconder!* O Deus de toda a graça nos concede a graça de que precisamos, portanto eleve seus olhos da fé para ele.

SALMO 124

O desprezo e escárnio do Salmo 123 misturaram-se agora com a ira (v. 3) e se transformaram em hostilidade explícita. Quando Davi começou seu reinado em Jerusalém, sofreu dois ataques dos filisteus, e o Senhor concedeu grande livramento a seu rei (2 Sm 5:17-25). Este salmo pode ser o cântico de ações de graças de Davi ao Senhor. Observe a imagem da “inundação” em 2 Samuel 5:10 e 124:4, 5. Porém, quando Neemias e o povo estavam reconstruindo os muros e portas de Jerusalém, as nações vizinhas também os ridicularizaram (Ne 2:19, 20; 4:1-5) e ameaçaram atacá-los (Ne 4:7-23). As palavras de Neemias: “O nosso Deus pelejará por nós” (Ne 4:20) lembramos 124:1, 2 e 8. Pode ser que não estejamos sofrendo a oposição de nações e exércitos inteiros, mas ainda assim enfrentamos crises grandes demais para resolver sozinhos. É nesses momentos que nos voltamos para o Senhor e pedimos socorro, pois ele está a nosso lado e nos ajuda a lidar com essas crises.

1. O ATAQUE REPENTINO (SL 124:1, 2)

A oração “os homens se levantaram contra nós” dá a idéia de uma emboscada, de um ataque surpresa que poderia ter derrotado Israel, se Deus não estivesse a seu lado. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31; Sl 56:9; 118:6; Gn 31:42). Satanás, nosso inimigo, não avisa de antemão quando serão seus ataques, de modo que devemos permanecer “sóbrios e vigilantes” (1 Pe 5:8), vestir a armadura completa de Deus (Ef 6:10-18) e nos manter alertas em nossas orações. Deus prometeu a seu povo escolhido que *amaldiçoaria aqueles que os amaldiçoassem*

(Gn 12:3), e cumpriu essa promessa. Exércitos invasores, como a Assíria e a Babilônia, não conquistaram Israel e Judá porque seus exércitos eram poderosos demais para Deus, mas sim porque o povo de Deus havia pecado grandemente e o Senhor teve de discipliná-los. Se estamos caminhando com o Senhor, não precisamos nos sentir despreparados para ataques repentinos do inimigo.

2. A CHEIA CRESCENTE (Sl 124:3-5)

Vemos aqui uma situação em que nos encontramos impotentes, enquanto os problemas tornam-se cada vez piores. Durante a estação das chuvas e quando a neve das montanhas derrete, os leitos secos dos rios de Israel transbordam rapidamente, ameaçando as casas e as pessoas com cheias repentinas. Jeremias comparou a invasão inimiga com enchentes inesperadas (Jr 47:1-4), e Jó 27:19, 20 usa essa mesma imagem em nível pessoal (ver também 18:4, 16; 32:6; 69:1, 2, 15; 88:17). Essa imagem da perseguição dos judeus também pode ser encontrada em Apocalipse 12:13-17. O salmista temia que ele e seu povo seriam sobrepujados pelas águas agitadas da perseguição e que seriam consumidos de vez. Jeremias retratou o cativo de Judá na Babilônia como se Nabucodonosor tivesse trago a nação (Jr 51:34, 44). Porém, se o Senhor está do nosso lado, certamente abrirá uma rota de fuga.

3. A FERA AMEAÇADORA (Sl 124:6)

Sofrer o ataque repentino de um animal selvagem é uma das ilustrações bíblicas para a perseguição (7:1, 2; 10:8-11; 27:1, 2; 57:4). A língua hebraica tem doze palavras para "leão", o que mostra como, naquele tempo, o povo de Israel era extremamente cauteloso com os animais selvagens. Jeremias comparou a Babilônia com um leão (Jr 4:7; 51:38), e Pedro comparou Satanás com um leão que "anda em derredor" (1 Pe 5:8). Como um animal astuto, Satanás nos espregueia e espera até que tenhamos baixado a guarda e, então, lança-se sobre nós. Porém, o Senhor é mais forte

do que Satanás e, se permanecermos em Cristo, poderemos conquistar a vitória.

4. A ARMADILHA OCULTA (Sl 124:7, 8)

Devemos usar a Palavra de Deus para iluminar nosso caminho, de modo que possamos ver e evitar as armadilhas do inimigo (119:105; 91:1-3; 1 Tm 3:7; 6:9; 2 Tm 2:24-26). Vemos aqui a figura de um pássaro frágil que entrou numa armadilha para comer o camariz. Satanás sempre oferece uma isca sedutora. O Senhor pode permitir que caiamos na armadilha, mas ninguém pode nos prender quando Deus deseja que fiquemos livres. O Senhor não apenas abriu a armadilha, mas também a destruiu para que não pudesse ser usada novamente! A morte e a ressurreição de Jesus Cristo romperam o domínio do pecado e da morte, e podemos caminhar em liberdade por meio de nosso Salvador.

Louvado seja Deus, pois não estamos desamparados! "O nosso socorro está em o nome do SENHOR" (v. 8).

SALMO 125

Este salmo fala de três tipos de pessoas: "os que confiam no SENHOR" (v. 1), também chamados de "justos" e "bons" (vv. 3, 4); os que negociam com o inimigo (v. 3); e os que escolhem trilhar o caminho errado (v. 5). Poderíamos chamá-los de fiéis, transigentes e apóstatas. É bem provável que este salmo tenha sido redigido no tempo de Esdras e de Neemias, depois do exílio. Neemias cita pessoas de todo tipo que dificultaram seu trabalho, começando com Semaías, o "informante secreto", e Noadia, a profetisa mercenária (Ne 6:10-14). Eliasibe foi um sacerdote transigente (Ne 13:4-9), e um de seus netos casou-se com uma filha de um inimigo dos judeus (Ne 13:28). Muitos homens judeus, cujos nomes não são citados, mas que também se casaram com mulheres gentias, transgrediram, semelhantemente, a lei de Deus (Ne 13:1-9, 23-31; Ed 9 - 10). Graças a Deus pelos fiéis que creram em Deus e que obedeceram à sua Palavra! Este salmo fala dos benefícios da fé e da fidelidade para o povo de Deus.

1. A FÉ NOS MANTÉM FIRMES (Sl 125:1, 2)

A segurança e a estabilidade espirituais são características dos que caminham pela fé. A cidade de Judá possuía alicerces firmes e não podia ser abalada. Dentre outras coisas, havia sido construída sobre fundamentos sólidos de rocha, que penetravam as camadas mais profundas do solo. A cidade era cercada por vários montes e, provavelmente, por dois conjuntos de muralhas. Além disso, abrigava o santo templo de Jeová e o trono de Davi. A glória e a autoridade de Deus habitavam no meio do povo.

O salmista não diz que, como povo de Deus, *devemos ser* como o monte Sião, mas sim que *somos* como o monte Sião. Somos edificados sobre Jesus Cristo, uma Rocha firme (1 Co 3:11; 1 Pe 2:4-8). Ele habita no meio de nós e nos cerca de sua proteção e misericórdia. Como um povo de fé, não seremos abalados (16:8; 21:7; 62:6). Ocupamos uma posição privilegiada, pois “estamos firmes” na graça de Deus (Rm 5:2; Gl 5:1) e permanecemos inabaláveis pela fé (Rm 11:20). Colocamo-nos firmemente sobre as verdades da Palavra de Deus (2 Ts 2:15) e sobre a vontade de Deus (Cl 4:12). É Deus quem nos mantém firmes (2 Co 1:21, 24), e, por isso, podemos realizar sua obra (1 Co 15:58). Quando começamos a confiar em nós mesmos e em outras pessoas e deixamos o Senhor de lado, vacilamos, tropeçamos e caímos.

2. A FÉ NOS MANTÉM OBEDIENTES (Sl 125:3)

A terra de Israel pertence ao Senhor, e Deus permitiu que seu povo habitasse nela enquanto obedecesse à sua aliança (Lv 25:2, 23, 38). A terra havia sido dividida entre as tribos (Js 14 - 19) e não deveria jamais ser vendida a alguém de fora da tribo. Porém, ao longo dos anos, os pecados dos israelitas contaminariam a terra, e, por fim, o Senhor teve de mandar seu povo para a Babilônia, a fim de purificar e de dar descanso à terra. Enquanto o povo de Deus não estava no cativeiro, parte da terra foi tomada por forasteiros, inclusive gentios das nações vizinhas,

problema que precisou ser sanado quando os exilados retornaram. Nesse período do pós-exílio, Israel encontrava-se sob o domínio da Pérsia, e os governantes persas poderiam fazer o que bem entendessem. Alguns judeus se cansaram dessa situação e se entregaram aos persas. “Se é impossível vencê-los, junte-se a eles”. Mas “o cetro dos ímpios” não era carregado apenas pelos persas, mas também pelos judeus gananciosos que desobedeciam à lei de Deus e exploravam seu próprio povo (Ne 5). O predomínio do mal facilita o pecado de todos (Mt 24:12), mas o Senhor não permitiria que isso continuasse para sempre. O povo que confia em Deus obedece à sua Palavra, não se preocupa com aquilo que os outros podem lhe fazer e não sucumbe à tentação (1 Co 10:13).

3. A FÉ NOS MANTÉM EM ORAÇÃO (Sl 125:4)

Jesus nos ensinou a orar sem cessar e a não desanimar se a resposta demorar (Lc 18:1-8). As circunstâncias podem ser difíceis, mas há sempre pessoas boas em tempos ruins, pessoas que crêem em Deus e que obedecem à sua vontade. Por mais deprimente que seja a situação, as pessoas de fé oram e recebem coisas boas das mãos do Pai (Lc 11:9-13). Viver pela fé é manter os olhos fixos no Senhor (123:1; Hb 12:1, 2), descansar nas promessas de sua Palavra e fazer o que é certo, sem se preocupar com o que outros possam fazer ou dizer. Crer é viver sem tramar.

4. A FÉ MANTÉM VIVA NOSSA ESPERANÇA (Sl 125:5)

As pessoas de fé sabem que, um dia, Deus julgará os desobedientes, ainda que, por ora, pareçam escapar impunes de sua resistência ao Senhor e dos abusos que cometem. O futuro é nosso aliado quando Jesus é nosso Senhor. Não é fácil trilhar o caminho mais estreito, mas ele conduz à vida, enquanto o caminho largo leva à destruição (Mt 7:13-27). Pode ser que, no momento, essas pessoas estejam desfrutando os prazeres do pecado, mas qual será o resultado final? “Observa o homem íntegro e atenta no que é reto; porquanto o homem de paz terá posteridade.

Quanto aos transgressores, serão, à uma, destruídos; a descendência dos ímpios será exterminada” (37:37, 38).

A vida de fé não é fácil, mas a vida de incredulidade é muito mais difícil – tanto aqui quanto no porvir.

SALMO 126

Alguns estudiosos associam este salmo ao livramento repentino de Jerusalém do cerco assírio durante o reinado de Ezequias (Is 36 – 37). Porém, o verbo hebraico traduzido por “restaurar”, nos versículos 1 e 4, também é usado para descrever a volta dos judeus de seu exílio na Babilônia (Ed 2:1; Ne 7:6; Is 10:22; Jr 22:10). *Ciro* publicou seu decreto em 537 a.C., fato profetizado por Isaías (44:24 – 45:7). Esse mesmo profeta prenunciou a alegria do povo por ocasião de sua libertação (Is 48:20; 49:8-13; 51:11; 54:1; 55:10-12) e testemunhou desse acontecimento às outras nações (Is 43:10-21; 44:8, 23; 52:7-10). Porém, de volta a sua terra, a alegria dos exilados começou a desaparecer, pois nem sempre as coisas são fáceis quando estamos recomeçando depois de um tempo de disciplina. Mas a vida transcorre de tal modo que somos levados a recomeçar com frequência, e o Senhor nos ajuda provendo ânimo especial.

1. DENTRO DE NÓS: A ALEGRIA DA LIBERDADE (Sl 126:1-3)

A geração de israelitas que conquistaram a Terra Prometida permaneceu fiel ao Senhor, como também o fez a geração seguinte. Porém, a terceira geração rompeu a aliança e se entregou à idolatria (Jz 2:7-23). Deus castigou seu povo *na terra*, permitindo que sete nações invadissem, saqueassem e destruíssem o território de Israel. Quando a rebelião do povo tornou-se tão grande a ponto de contaminar a própria terra, Deus os levou *para fora da terra*, para um exílio de setenta anos na Babilônia. Então, foram libertos e mal podiam crer no que estava acontecendo. Sem dúvida, sabiam que tanto Isaías quanto Jeremias haviam prometido um “segundo êxodo”, mas era bom demais para ser verdade. Durante os longos anos de espera, haviam

sonhado voltar para casa, e esse sonho havia se realizado. Em sua graça, Deus os havia perdoado (Is 40:1, 2; 44:21, 22), de modo que podiam recomeçar. Na Babilônia, os judeus tinham perdido seus cânticos (137:1-5), mas agora estavam gritando, rindo e cantando! Que testemunho maravilhoso da fidelidade de Deus em cumprir suas promessas!

As nações vizinhas, algumas das quais odiavam Israel, ficaram atônitas com esse acontecimento e confessaram publicamente que o Deus de Israel havia feito grandes coisas por seu povo. Os judeus responderam que, de fato, Deus havia feito grandes coisas por eles e deram glórias ao Senhor. “Se você é capaz de explicar o que está acontecendo, então não é obra de Deus” (Dr. Bob Cook). Outros indivíduos aparecem nas Escrituras confessando a grandeza de Deus: Moisés (Dt 10:21), Jó (Jó 5:8, 9), Samuel (1 Sm 12:24), Davi (2 Sm 7:21-23), o profeta Joel (Jl 2:21), Maria (Lc 1:49) e o endemoninhado anônimo que Jesus curou (Lc 8:39). Essa deve ser a *confissão de todos os cristãos em todas as igrejas*.

2. A NOSSO REDOR: A PROMESSA DE VIDA (Sl 126:4)

O cativo havia terminado, e os judeus pediam as bênçãos de Deus sobre sua vida na terra. Porém, nem todos os judeus deixaram a Babilônia, pois apesar de muitos terem voltado durante o reinado de *Ciro* (Ed 1 – 3), outros regressaram no tempo de *Dario* (Ed 6) e, posteriormente, de *Artaxerxes* (Ed 7 – 8). Era importante que o povo voltasse para sua terra e pusesse mãos à obra, mas também era importante que Deus abençoasse seu trabalho (127:1, 2). Se o Senhor não cumprisse sua aliança e não enviasse as chuvas em seu devido tempo (Lv 26:4; Dt 11:10-12; 28:12), não haveria colheitas, e o trabalho todo seria em vão. Cada gota de chuva é algo minúsculo, mas quando cai sobre a terra, é uma promessa de vida. Quanta bondade do Senhor mandar “chuvas de bênçãos” (Ez 34:26) a seu povo! Como é importante que o povo de Deus ore e peça suas bênçãos e se prepare para recebê-las (2 Cr 7:14; Ml 3:8-12). Nas Escrituras, a água potável é

uma figura do Espírito de Deus e do vigor restaurador que ele concede àqueles que o buscam (Jo 7:37, 38).

3. DIANTE DE NÓS: O DESAFIO DO TRABALHO (Sl 126:5, 6)

“A fé sem obras é morta” (Tg 2:26), de modo que depois de termos louvado a Deus e orado, devemos arregaçar as mangas, pois o trabalho é uma bênção, não uma maldição. Deus incumbiu nossos primeiros antepassados de trabalhar no jardim antes mesmo de o pecado entrar na humanidade (Gn 2:15). Nas Escrituras, as pessoas que Deus comissionou para tarefas específicas estavam ocupadas quando ele as chamou: Moisés cuidava de ovelhas (Êx 3); Gideão debulhava o trigo (Jz 6); Davi cuidava do rebanho da família (1 Sm 16); Neemias servia o rei (Ne 1); Pedro, André, Tiago e João trabalhavam em seu negócio de pesca (Lc 5:1-11); e Mateus estava na coletoria, cobrando os impostos (Mt 9:9).

O remanescente que regressou havia passado por fases difíceis (Ag 1:9-11), mas Deus prometeu que enviaria as chuvas e as colheitas (Ag 2:15-19). Se esse povo fosse fiel às estipulações da aliança, Deus certamente cumpriria suas promessas. Os grãos que o lavrador semeava poderiam ter sido usados para fazer pães para sua família, e, portanto, não é de se surpreender que chorasse enquanto trabalhava. Naquela época, muitas vezes as lágrimas e o regozijo andavam juntos (Ed 3:8-13; 6:16, 22), mas o lavrador confiava que o Senhor multiplicaria os grãos, de modo que houvesse o suficiente para os pães de sua família e também para semear a lavoura seguinte (2 Co 9:10, 11). Em sua aliança, Deus prometeu alimentação adequada ao povo (Dt 28:1-14), de modo que o semeador reivindicava essa promessa. É agradável ao Senhor que reguemos a semente da Palavra com nossas lágrimas. Não podemos colher sem antes haver semeado, e a semente deve ser regada com lágrimas e orações.

Há bênçãos que Deus envia repentinamente (vv. 1-3), enquanto outras vêm com o passar do tempo (v. 4); outras, ainda, vêm

depois de semear, chorar e esperar com paciência (Tg 5:7). Porém, sua promessa não falha: “Porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gl 6:9).

SALMO 127

Não há sacrifício ou trabalho humano capaz de realizar muita coisa, a menos que a bênção de Deus esteja sobre seu povo. Essa é a mensagem central do salmo, atribuído a Salomão, construtor e pai. Porém, a mensagem também parece encaixar com o período de Neemias após o exílio. A população de Jerusalém era pequena, e o povo precisava construir e fazer reparos nos edifícios. Famílias precisavam de casas com urgência; de outro modo, mesmo com todos os seus esforços, a nação judaica não teria futuro algum (Ne 7:4). Cercada de inimigos, Jerusalém precisava de portas e de muros fortes bem como de vigias em alerta dia e noite (Ne 4:9ss; 7:3). Observe que o salmo trata dos mesmos elementos sobre os quais Jeremias escreveu em sua carta ao povo de Judá no exílio (Jr 29:4-7). Porém, este salmo também se aplica a nós, em nossos tempos, e nos lembra de alguns de nossos privilégios como povo de Deus em um mundo perigoso e ameaçador.

1. CONSTRUIR (Sl 127:1A)

Uma equipe de demolição é capaz de destruir, em poucas horas ou dias, aquilo que engenheiros e construtores levaram meses para projetar e construir. Até mesmo uma criança pequena e frágil pode destruir acidentalmente algo de valor, e alguns adultos passam a vida destruindo coisas a seu redor. Deus nos chamou para edificar – nossa vida, nosso lar, nossa igreja e o reino de Deus ao redor do mundo. Antes de dar início a seu ministério público, Jesus foi carpinteiro (Mc 6:3) e, presentemente, está edificando sua Igreja neste mundo (Mt 16:18). O apóstolo Paulo considerava-se um construtor (Rm 15:20) e advertiu de que é perigoso destruir a igreja local (1 Co 3:11-17). Quer estejamos construindo edifícios com tijolos, argamassa e aço, quer construindo vidas, famílias e igrejas com a verdade e o amor, não podemos ser bem-sucedidos sem a ajuda do Senhor.

Jesus disse: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5).

2. GUARDAR (SL 127:1B)

A fim de proteger aquilo que construímos, é essencial colocar muros fortes ao redor da cidade e ter vigias atentos sobre esses muros. Construir e não guardar é uma grande insensatez! Muitas crianças e ministérios já foram perdidos para o inimigo, pois os vigias não permaneceram alerta e não advertiram que o inimigo estava se aproximando. Construir e batalhar devem ser concomitantes, e, por isso, os homens de Neemias seguravam as ferramentas com uma das mãos e carregavam consigo uma espada (Ne 4:17, 18). Jesus uniu as duas coisas em Lucas 14:25-33. O conhecido pregador inglês Charles Haddon Spurgeon chamou seu periódico de *A Espada* e a *Pá*, pois seu objetivo era edificar os cristãos e a Igreja e lutar contra o pecado e as falsas doutrinas. Ao aguardar sua execução numa prisão romana, Paulo incentivou Timóteo a pregar a Palavra e a ser “sóbrio [vigilante] em todas as coisas” (2 Tm 4:1-5). Nossa construção será em vão se pais, professores e líderes não cuidarem dos muros e não guardá-los do inimigo.

3. DESFRUTAR (SL 127:2)

O versículo 1 nos adverte sobre o excesso de confiança (“Podemos fazer isso sem a ajuda de Deus!”) e o versículo 2 nos adverte sobre o trabalho excessivo e a labuta ansiosa (“Preciso fazer isso agora mesmo!”). Este versículo não diz que é errado acordar cedo, trabalhar com afinco e fazer sacrifícios (ver 2 Ts 3:6-15). Apenas nos adverte de que nosso trabalho deve ser uma bênção da qual desfrutamos, não um fardo que suportamos. Sem dúvida, trabalho físico e mental fazem parte deste mundo corrompido (Gn 3:17), mas obedecer à vontade de Deus não deve ser um castigo, e sim algo que nos sustenta. O trabalho adequado a nossos dons e personalidade alimenta a alma (Jo 4:34), mas o trabalhador ansioso come “pão de lágrimas” – cheio de tristeza enquanto trabalha e também enquanto tenta descansar durante a noite em meio às preocupações com o dia

seguinte. Deus “tudo proporciona ricamente para o nosso aprazimento” (1 Tm 6:17), inclusive nosso “ganha-pão” diário. Observe o que Salomão diz em Eclesiastes sobre desfrutar a vida e o trabalho (2:24; 3:12-15, 22; 5:18-20; 8:15; 9:7-10; 11:9, 10).

Deus deu a Salomão um nome especial: “Jedídias – por amor do SENHOR [amado pelo Senhor]” (2 Sm 12:25). Porém, *todo* o povo de Deus é “amado de Deus” (Rm 1:7; Cl 3:12; 1 Ts 1:4; 2 Ts 2:13), pois somos todos aceitos e abençoados em Jesus Cristo, o Amado (Ef 1:6; Mt 3:17; 17:5). A última linha do versículo pode ser traduzida e interpretada de maneiras diferentes, mas sua essência parece clara. Nós nos cansamos *durante* a obra de Deus, mas não nos cansamos *da* obra de Deus, pois o Senhor, que nos dá forças para trabalhar, também nos dá o descanso de que precisamos. “Doce é o sono do trabalhador” (Ec 5:12). Porém, mesmo enquanto dormimos, Deus trabalha por nós de diversas maneiras, pois nunca dormita nem dorme (ver 121:4). Quando chega a noite e nos deitamos para dormir, podemos olhar para o dia que passou e desejar ter trabalhado com mais afinco, feito mais coisas e tido menos interrupções, mas podemos entregar o trabalho desse dia nas mãos do Senhor e nos aquietar. Depois de um dia cansativo de ministério, Jesus conseguiu adormecer num barco no mar durante uma forte tempestade! (Mt 8:23-27).

4. PRESERVAR (SL 127:3-5)

De nada adianta construir e guardar nossas casas e cidades se não há gerações futuras para herdá-las e para dar continuidade à família, à cidade e à nação. Havia poucas pessoas vivendo em Jerusalém logo depois do exílio (Ne 7:4), e era importante que os jovens se casassem e constituíssem família. No meio do povo de Israel, não acontecia de um casal não querer filhos, nem de uma criança ser abortada. Como escreve o rabino Leo Trepp: “Para os judeus, os filhos são a bênção. Cada criança traz consigo uma benção própria, como diriam nossos antepassados. Alegramo-nos com os filhos porque somos um povo, um povo histórico” (*The Complete*

Book of Jewish Observance [O Livro Completo das Observâncias Judaicas], p. 217). Os filhos são preciosos - uma herança - e fazem do lar um lugar repleto de tesouros. Além disso, são úteis - como frutos e flechas - e tornam o lar um pomar ou um arsenal. O que acontecerá se não educarmos nossos filhos de modo que conheçam e amem a verdade e que lutem contra as mentiras e o mal nos anos por vir? (Para outras comparações, ver 128:3 e 144:12.) As portas da cidade eram o local em que se realizavam as transações legais mais importantes (Dt 21:19; Rt 4:1ss; Am 5:12), e era de grande ajuda ter uma família temente a Deus para dar apoio nessas ocasiões. Além disso, o inimigo tentava entrar pelas portas da cidade e, quanto mais filhos para lutar ao lado de cada homem, maiores as probabilidades de conquistar a vitória. É na família que preservamos o melhor do passado e que investimos no futuro. Cada bebê que nasce é um voto de confiança de Deus no futuro da humanidade e nossa oportunidade de contribuir com alguns recomeços.

Nem todo mundo deve se casar e nem todo casal pode ter filhos. Porém, todos os adultos podem valorizar as crianças, orar por elas, ser um bom exemplo para elas e cooperar para que sejam mantidas em segurança, recebam todos os cuidados necessários e sejam incentivadas em sua educação espiritual. Cabe lembrar o que Jesus disse sobre isso em Mateus 18:5, 6.

SALMO 128

Uma vez que as famílias viajavam juntas para Jerusalém, nada mais apropriado do que haver outro salmo dedicado aos pais e a seus filhos. O Salmo 127 retrata os filhos como uma rica herança e como flechas para derrotar o inimigo (127:3-5). Este salmo usa imagens do campo, tanto para a esposa quanto para os filhos. Em quatro ocasiões, pode-se encontrar nos versículos a idéia de "bênção", sendo empregados dois termos hebraicos para esse conceito. Nos versículos 1 e 2, a palavra usada é *asher*, traduzida com frequência por "feliz" ou "bem-aventurado" (Gn 30:12, 13), e nos versículos 4 e 5, a palavra

usada é *barak*, que significa "abençoado do Senhor". O segundo termo é usado pelo Senhor quando abençoa seu povo, e o primeiro, descreve os benefícios decorrentes do fato de o povo agradar ao Senhor. Assim como o Salmo 127 e Jeremias 29:4-7, este salmo fala de proteção (v. 1), trabalho (v. 2), família (vv. 3, 4, 6) e da bênção de Deus a Jerusalém (v. 5). Apesar de o salmista incluir todos os que temem ao Senhor (v. 1), o salmo é dirigido especificamente ao homem da casa (v. 3). Vemos um homem e uma mulher felizes ao passar por diversos estágios da vida.

1. UM CASAL PIEDOSO (Sl 128:1)

No antigo Oriente Próximo, a maioria dos casamentos era arranjada pelos pais, mas a história de Jacó (Gn 28 - 30) e a história de Rute mostram que esses casamentos não eram absolutamente desprovidos de amor. Neste salmo, temos um casal de israelitas que temia verdadeiramente ao Senhor e desejava estabelecer um lar que pudesse ser abençoado por Jeová. Temar ao Senhor significa reverenciá-lo e procurar lhe agradar obedecendo à sua Palavra. O contexto é a aliança de Deus com Israel (Lv 26; Dt 28 - 30). Se o povo fosse obediente, Deus supriria suas necessidades, mas se desobedecesse, ele os disciplinaria. Trata-se da versão do Antigo Testamento para Mateus 6:33. Para que um casamento seja feliz, é preciso haver três pessoas: um homem e uma mulher que amam a Deus e o Senhor, aquele que fez o primeiro casamento no jardim do Éden.

2. TRABALHADORES BEM-SUCEDIDOS (Sl 128:2)

É o Senhor quem dá a seu povo "força para [adquirir] riquezas" (Dt 8:18). Como é fácil nos enganarmos e pensarmos que nosso planejamento, nossas aptidões e trabalho árduo foram responsáveis por tudo o que realizamos! Como vimos no salmo anterior, sem a bênção do Senhor, todo nosso trabalho é em vão. Cada israelita deveria dar o dízimo ao Senhor, mas o Senhor desejava que os trabalhadores compartilhassem uns com os outros o fruto de seu trabalho. Se a nação se voltasse para outros deuses, alguns dos primeiros

alvos do julgamento do Senhor seriam o lar e o campo (Lv 26:14ss; Dt 28:30-34).

3. PAIS FELIZES (Sl 128:3, 4)

Tanto as videiras quanto as oliveiras eram importantes para a economia de Israel, sendo que dos frutos da videira produzia-se o vinho e das oliveiras consumiam-se os frutos e seu azeite (104:14, 15). A videira e a oliveira são usadas para ilustrar o amor do marido por sua esposa (Ct 7:6-9). Em Israel, os casais desejavam ter famílias grandes e consideravam cada filho uma bênção do Senhor. A expressão “no interior de tua casa” refere-se aos aposentos da esposa na parte posterior da tenda, onde ficava o mais afastado possível da entrada. A esposa fiel não é infeliz em seu próprio lar, cuidando dos filhos que ama com tanto carinho. A esposa infiel deixa a segurança e a santidade de seus aposentos e sai em busca de vítimas (Pv 7:10-13). Os brotos (“rebentos”) da oliveira ao redor da base da árvore são viçosos e cheios de vigor e retratam os filhos ao redor da mesa da família. É preciso paciência para cuidar das crianças enquanto estão crescendo, mas tais esforços são gratificantes. Essas famílias da Antiguidade ficariam estarecidas se visitassem um lar moderno e vissem pais e filhos espalhados pela casa, raramente fazendo uma refeição juntos e sem pressa.

4. CIDADÃOS PRODUTIVOS (Sl 128:5)

O povo de Israel orgulhava-se de sua herança e desejava que Deus concedesse tudo o que havia de melhor para Jerusalém. Sabiam como Sião os enriquecia, e seu anseio era que cada criança honrasse sua nação e orasse pela paz e prosperidade de Israel e de Jerusalém. Vários salmos terminam com uma oração pela terra e pela cidade (14:7; 25:22; 72:18, 19; 106:48; 130:7, 8; 125:5; 131:3; 134:3; 135:21; 148:14). O verdadeiro patriotismo começa em casa, onde o amor a Deus se entrelaça com o amor à família e à pátria.

5. AVÓS SATISFEITOS (Sl 128:6)

Do noivado aos netos em apenas seis versículos! O tempo voa! Este salmo apresenta três gerações, todas tementes ao Senhor.

Nossa tendência é lembrar que Deus julga as gerações subseqüentes, caso imitem os pecados de seus antepassados, mas não podemos esquecer que ele também transmite bênçãos de uma geração para outra quando os antepassados foram piedosos (Êx 34:6, 7; Nm 14:18, 19; Dt 5:9, 10). Muitas vezes, é a terceira geração que abandona a fé (Jz 2), de modo que devemos orar constantemente por nossos filhos e netos, pedindo ao Senhor que mantenha sobre eles sua boa mão, abençoando a vida deles para sua glória. “Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR” (33:12).

SALMO 129

Os profetas descreveram a destruição de Jerusalém pela Babilônia com o verbo “lavar”. Os babilônios afligiram o povo de Judá como quem passa o arado sobre a terra (vv. 3, 4; Is 51:23; Mq 3:12; Jr 26:17, 18), de modo que, provavelmente, este salmo foi escrito depois que os exilados voltaram a Judá. Estavam cercados de povos inimigos que os odiavam, de modo que o tema é apropriado. O salmista fala à nação e aos Estados, dizendo que, por mais severa que seja a perseguição, nada pode destruir o povo de Israel. Porém, a Igreja de Deus também tem sido grandemente perseguida ao longo dos séculos, e cristãos fiéis muitas vezes enfrentam hostilidades em nível pessoal. “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Tm 3:12). O salmo nos dá três instruções que devemos seguir quando estivermos sofrendo por Jesus Cristo.

1. ACEITAR (Sl 129:1, 2)

A perseguição não é algo “estranho”, nem na vida de Israel e nem na história da igreja (1 Pe 4:12). Perguntar: “Por que, Senhor?” é confessar que não sabemos qual é o lugar do povo de Deus neste mundo perverso. Quando o Senhor chamou Abraão, revelou que alguns abençoariam o povo de Deus, enquanto outros o amaldiçoariam (Gn 12:1-3). Isaque foi perseguido por Ismael (Gn 21:8-21; Gl 4:21-31), e os hebreus foram terrivelmente oprimidos no Egito (88:15; Os 11:1). Porém, quanto mais eram perseguidos, mais

se multiplicavam (Êx 1:9-14), e foi lá que a família de Jacó foi transformada em povo e em nação de Israel. Israel sofreu mais do que qualquer outra nação na história e, *no entanto, nunca foi destruído!*

O Egito tentou afogar os hebreus (Êx 1:15-22), mas o Senhor afogou o exército egípcio (Êx 14:19-31). Os assírios tentaram fazer Israel passar fome até se render, mas o Senhor exterminou o exército assírio (Is 37 - 38). Nabucodonosor, governante da Babilônia, tentou queimá-los, mas o Senhor os livrou (Dn 3). Belsazar blasfemou contra o Deus de Israel e profanou os utensílios sagrados do templo, mas naquela mesma noite, os medos e persas o mataram. Os conselheiros persas tentaram entregar Daniel aos leões, mas o Senhor o salvou das feras e matou os conselheiros (Dn 6). Hitler matou mais de seis milhões de judeus em suas câmaras de gás, mas sofreu derrota total e, poucos anos depois, nasceu o Estado de Israel. A Igreja de Jesus Cristo passou por perseguições, mas ainda permanece e continuará a existir até que Cristo volte (Mt 16:18). O verdadeiro cristão pode identificar-se com o testemunho de Paulo em 2 Coríntios 4:7-12. Tratando-se do sofrimento por amor ao Senhor, devemos, em primeiro lugar, aceitar essa aflição por inteiro.

2. APROVEITAR (Sl 129:3, 4)

Ao ler estes versículos, podemos quase sentir as lâminas afiadas de um arado. O inimigo tratou Israel como se fosse terra e tripudiou sobre o povo (ver Js 10:24 e Is 51:23). Alguns estudiosos vêem na figura do arado as chibatadas às quais os prisioneiros eram submetidos e que deixavam feridas longas e profundas em suas costas. Se esse flagelo faz parte desse retrato, Cristo suportou o mesmo sofrimento - e, no entanto, esses açoites produzem cura espiritual em todos aqueles que crêem nele (Is 50:6; 53:5). A nação de Israel tem sido arada com frequência e sofrido sulcos longos e profundos, mas que grande colheita de bênçãos essa nação tem oferecido ao mundo! Um dia, Deus cortou as amarras que prendiam os bois ao arado e Israel foi liberto (ver 124:7). Os exilados voltaram

para casa aperfeiçoados em Deus e mais sábios, pois haviam sentido a dor do arado. Em vez de culparem ao Senhor por sua aflição, confessaram: "O SENHOR é justo".

A figura do arado é bastante apropriada para hoje, pois lembra que é possível haver uma colheita maravilhosa, *mas ela depende das sementes que plantamos*. O sofrimento em si não produz bênçãos. Se plantarmos sementes de ódio e de ressentimento, a colheita será de amargura. Porém, se plantarmos fé, esperança, amor e as promessas preciosas da Palavra, então a colheita não trará bênçãos apenas para nós, mas também para outros e glorificará o nome de Deus (ver 1 Pe 4:12-19). Deus permite que as pessoas nos tratem como o pó da terra, e devemos aceitar esse tratamento. Porém, temos o privilégio de transformá-lo, pela graça de Deus, num caráter que honra ao Senhor.

3. ENTREGAR AO SENHOR (Sl 129:5-8)

A figura da colheita prossegue, mas passa dos campos para o alto das casas. Os telhados eram planos e feitos de uma mistura de barro e argamassa, madeira e palha. Era fácil sementes carregadas pelo vento caírem no telhado, criarem raízes no solo raso, crescerem depressa e depois morrerem. Jesus usou essa figura na parábola do semeador (Mt 13:5, 6, 20, 21). É difícil obter uma boa colheita de uma terra não arada. O salmista pede ao Senhor para que os inimigos de Sião pereçam rapidamente, como o capim inútil que nasce no telhado. O que levaria alguém a odiar o povo de Israel? Trata-se mesmo de ódio ou de inveja? A resposta mais lógica é que Satanás odeia Israel e sempre esteve em guerra com os israelitas (ver Ap 12). Satanás também está em guerra com a Igreja (Jo 15:18-25; 17:14; 1 Jo 3:13).

Em vez de retribuir o mal com o mal, os israelitas entregaram esse conflito ao Senhor e confiaram que ele faria justiça a seu povo (Rm 12:17-21). Os segadores israelitas costumavam abençoar uns aos outros enquanto trabalhavam nos campos (Rt 2:4), mas os inimigos de Israel não receberiam bênção alguma, pois estavam se rebelando contra o Deus de Israel. Em primeiro lugar, esses

inimigos seriam expulsos e humilhados por não serem capazes de exterminar Israel; depois, secariam como a erva do campo e, por fim, seriam ceifados e queimados como combustível. Porém, o povo de Israel poderia sempre dizer ao mundo: "Nós vos abençoamos em nome do SENHOR!", pois foi por meio de Israel que o mundo veio a conhecer o verdadeiro Deus vivo, as Escrituras e o Salvador. "Porque a salvação vem dos judeus" (Jo 4:22).

Quando o povo nos trata como o pó da terra porque pertencemos a Jesus, devemos nos lembrar das instruções básicas deste salmo e aceitar o sofrimento, aproveitar a oportunidade contida nele e entregar os frutos ao Senhor.

SALMO 130

O Salmo 130 é o sexto dos sete Salmos Penitenciais (ver 6) e enfatiza o que Deus faz pelas pessoas desamparadas que clamam por sua misericórdia. Talvez os peregrinos israelitas costumassem cantar este salmo a fim de confessar seus pecados e de buscar o perdão e a bênção de Deus enquanto se dirigiam ao santuário (ver Hb 10:19-25 para os preparativos que os cristãos precisam realizar a fim de se aproximar do Senhor). Não importa quais são nossas necessidades: quando clamamos ao Senhor pela fé, ele nos ouve e faz as mudanças necessárias em nossa vida.

1. DA MORTE PARA A VIDA (Sl 130:1, 2)

Trata-se da imagem de uma pessoa se afogando num lugar que não dá pé e de onde é impossível sair (ver 40:2; 69:1-3,13-15; Is 51:10; Ez 27:34). O tempo do verbo "clamar" indica que o escritor havia clamado continuamente no passado e que continua clamando enquanto escreve o salmo, pois sem a intervenção misericordiosa de Deus, a morte é certa. Porém, lembra-se da oração de Salomão, quando o rei consagrou o templo ao Senhor, e sabe que os olhos de Deus estão sobre ele e seus ouvidos abertos a suas súplicas (2 Cr 6:40; Sl 34:15; 1 Pe 3:12). Em cinco ocasiões, dirige-se a Jeová, o Deus da aliança (SENHOR), e em três ocasiões, a Adonai,

o Senhor. Podemos clamar a Deus do abismo das decepções, derrotas, medo e perplexidade. Como um peso enorme, o pecado puxa suas vítimas para as profundezas, mas Deus nos criou para as alturas (Is 40:31; Cl 3:1).

2. DA CULPA PARA O PERDÃO (Sl 130:3, 4)

O salmista passa do mar ao tribunal, onde o pecador não pode se erguer por causa de sua culpa. A única maneira de se livrar do registro do pecado é chegar-se a Deus e buscar o perdão que ele concede em sua graça, perdão que só é possível em função da obra de Cristo na cruz (32:1, 2; Rm 4:1-8). O termo traduzido por "observar" tem o sentido de "tomar nota, manter um registro", algo que Deus pode fazer (90:8; 139:23, 24; Jr 2:22; 16:17; Ez 11:5; Os 7:2). Os pecadores não têm como se colocar diante do Santo Juiz e pleitear a própria causa (1:5; 143:2; Ed 9:15; Na 1:6; Ml 3:2). Porém, Deus está pronto a perdoar (86:5; Ne 9:17), e a fé no Salvador traz o perdão para a alma. Deus lança fora nossos pecados e os apaga de seu livro (Is 38:17; 43:25; 44:22). Ele os carrega a um lugar tão afastado quanto o Oriente dista do Ocidente (103:11, 12), e os lança no mar (Mq 7:19) e não os emprega contra nós (Jr 31:34; Hb 10:17). Porém, o perdão é uma bênção a ser considerada com seriedade, pois custou a Deus seu Filho, de modo que devemos amar e temer a Deus (76:7). Se levarmos a sério a culpa do pecado, também levaremos a sério a graça do perdão. A salvação é uma transação pela qual foi pago um alto preço.

3. DA ESCURIDÃO PARA A LUZ (Sl 130:5, 6)

Deslocamo-nos do tribunal para os muros da cidade, onde os vigias encontram-se alertas, perscrutando a escuridão, a fim de detectar a aproximação de qualquer perigo. Não podem fazer coisa alguma para obrigar o Sol a nascer mais cedo, mas quando amanhece o dia, os guardas alegram-se, pois a cidade permaneceu em segurança por mais uma noite. Quando o Senhor perdoa os pecadores, para eles é como se nascesse um novo

dia ao saírem das trevas e entrarem na luz maravilhosa de Deus (1 Pe 2:9; Lc 1:76-79; ver comentários no Sl 27). O pecador perdoado contenta-se em esperar por aquilo que o Senhor tem planejado para aquele dia. Essa espera não é decorrente da *resignação desesperada*, mas sim da *expectativa esperançosa*, pois cada dia que nasce traz consigo novas bênçãos da mão do Senhor (119:74, 81, 82; Lm 3:22-26). Se fomos perdoados, mas ainda estamos em trevas, devemos esperar no Senhor e crer em sua Palavra, mas não devemos tentar produzir a própria luz (Is 50:10, 11).

4. DA ESCRAVIDÃO PARA A LIBERDADE (Sl 130:7, 8)

Nossa última parada é o mercado de escravos, e o tema é a *redenção*, que significa "libertação de uma pessoa mediante o pagamento de um preço". Israel tinha conhecimento profundo da redenção de Deus, pois no êxodo o poder de Deus libertou-os da tirania egípcia (Êx 12 - 15). Os hebreus não tinham esperança alguma e não eram capazes de libertar a si mesmos, mas o Senhor os livrou. Deu a seu povo "copiosa redenção", que inclui a libertação da escravidão, vitória sobre os inimigos e uma Terra Prometida para ser seu lar. O escravo não tem esperança, mas o filho espera receber, um dia, sua herança. Todos os que crêem em Jesus Cristo são filhos da família de Deus, não escravos, e seu futuro está garantido (Gl 3:26 - 4:7). Não é apenas o salmista que vê uma redenção futura para o povo de Israel. Paulo (Rm 11) e os profetas (Is 11, 60, 65, 66; Zc 12:10 - 14:21) também tratam desse assunto. Os cristãos aguardam a vinda de Cristo e a redenção que trará (Rm 8:18-30).

SALMO 131

Se havia alguém em Israel com motivos de sobra para se orgulhar era Davi. Oitavo filho de um cidadão comum, Davi começou trabalhando como simples pastor de ovelhas e, no entanto, se tornou o maior rei de Israel. Soldado corajoso, general e tático talentoso e servo sincero de Deus, foi Davi quem derrotou os inimigos de Israel, expandiu as fronteiras de sua terra e juntou a riqueza que

Salomão usou para construir o templo. Escreveu quase metade dos salmos e, apesar de (como nós) ser culpado de desobedecer ao Senhor, sempre se arrependeu e buscou o perdão misericordioso de Deus. Foi por amor a Davi que o Senhor manteve acesa sua lâmpada em Jerusalém durante os anos de decadência em Judá, e foi pela linhagem de Davi que Jesus Cristo veio ao mundo. Com exceção de algumas ocasiões em que cedeu a seus desejos egoístas, Davi andou com o Senhor mantendo sempre um espírito humilde. Neste salmo curto, fala dos elementos essenciais de uma vida que glorifica a Deus e que realiza sua obra aqui na terra.

1. HONESTIDADE - ACEITAR A SI MESMO (Sl 131:1)

Movemo-nos em direção à maturidade, estágio no qual reconhecemos honestamente nossa identidade, compreendemos nossas capacidades, aceitamos essas duas coisas e vivemos para a glória de Deus. Rejeitar ou odiar a si mesmo, iludir-se a respeito de si mesmo e invejar a outros são sinais de maturidade. Davi havia observado alguns comportamentos desse tipo em seu filho, Absalão, e também no rei Saul. Um coração orgulhoso recusa-se a encarar a realidade. Um conceito excessivamente elevado de nós mesmos ("olhar altivo") encobre a inadequação, e as ambições arrogantes (andar "à procura de grandes coisas") podem impressionar algumas pessoas, mas terminam em fracasso vergonhoso (Jr 45:5). Quando aceitamos a nós mesmo e nossas circunstâncias e agradecemos a Deus pelo modo como ele nos criou, não precisamos impressionar as pessoas. Elas verão nosso valor e nos amarão por aquilo que somos de fato. (Ver 16:5, 6; Pv 18:12; Fp 4:11, 12; Hb 13:5.) Crianças mimadas querem ser vistas e ouvidas e se metem em situações com as quais não conseguem lidar. Davi não se promoveu, mas foi exaltado por Deus.

2. HUMILDADE - ACEITAR A VONTADE DE DEUS (Sl 131:2)

A comparação com uma criança desmamada é um retrato muito bonito do significado

da humildade e da maturidade. As crianças israelitas eram desmamadas aos 3 ou 4 anos de idade, um acontecimento que marcava o fim da primeira infância. Mas as crianças, de modo geral, não desejam ser privadas dos braços carinhosos da mãe e da saciedade que encontram em seus seios, de modo que se sentem rejeitadas e indesejadas. Porém, depois da crise do nascimento, toda criança deve, mais cedo ou mais tarde, ser desmamada e aprender a primeira lição da escola da vida: o processo de crescimento envolve perdas dolorosas que podem levar a ganhos maravilhosos. O termo hebraico para “desmamar” significa “completar, amadurecer, tratar com bondade”. As pessoas em processo de amadurecimento sabem que a vida é uma série de perdas e ganhos e aprendem a usar suas perdas de maneira construtiva. A fim de não apenas crescer, mas também se desenvolver, as crianças devem ser capazes de atuar de modo independente da mãe. Isso implica desmamar, ir à escola, escolher uma profissão e, provavelmente, se casar e constituir um novo lar. Devem aprender que existe uma diferença entre a independência física e a independência emocional de sua família e que essas separações não os privam do amor da mãe.

O objetivo de Deus é que alcancemos maturidade emocional e espiritual (1 Co 13:11; 14:20; Ef 4:13-15), e, por vezes, Deus precisa nos desmamar de coisas boas para nos dar coisas melhores. Abraão teve de deixar sua família e sua cidade, mandar Ismael embora, separar-se de Ló e colocar Isaque sobre o altar. Que desmames dolorosos! José teve de ser separado do pai e dos irmãos, a fim de ver seus sonhos realizados. Tanto Jacó quanto Pedro tiveram de ser desmamados de sua auto-suficiência e aprender que crer é viver sem tramar. À criança que Davi descreve debate-se e chora, mas, no final, se acalma e aceita o inevitável. O termo descreve o mar que se acalma ou o lavrador que aplaina o solo depois de ará-lo (Is 28:25). Em vez de ter altos e baixos emocionais, a criança desenvolve reações constantes e uniformes, indicando um passo enorme na busca pela maturidade. A vida bem-sucedida implica

uma passagem da dependência para a independência e, em seguida, para a interdependência, sempre dentro da vontade de Deus. Aceitar a vontade de Deus nas perdas e ganhos da vida é experimentar uma serenidade interior essencial para que nos tornemos pessoas maduras.

3. ESPERANÇA – AS EXPECTATIVAS PARA O FUTURO (Sl 131:3)

As crianças pequenas não entendem que a decisão da mãe é para o bem delas, pois o desmame as liberta para ir de encontro ao futuro e aproveitá-lo ao máximo. A criança pode querer que as coisas continuem como estão, mas esse é o caminho da imaturidade e da infelicidade. Quando nos debatemos para manter um passado confortável, abrimos mão de um futuro desafiador. No vocabulário cristão, o verbo esperar não tem o sentido vago da expressão “ah! espero que sim!”. Antes, é uma expectativa jubilosa daquilo que o Senhor fará, com base em suas promessas que nunca mudam. Como crianças sendo desmamadas, podemos nos debater com as circunstâncias em que nos encontramos no presente, mas sabemos que toda essa agitação é errada. Essas circunstâncias são o ventre de dentro do qual nascerão novas bênçãos e oportunidades (Rm 8:28).

SALMO 132

É pouco provável que se trate de um salmo escrito depois do exílio. Faz-se menção à arca (v. 8) que, depois da destruição do templo, sumiu de cena. Além disso, no versículo 10, o salmista refere-se a um rei da dinastia de Davi, e depois de Zedequias não houve qualquer outro rei da linhagem de Davi antes de Jesus Cristo vir à terra. Ninguém foi ungido rei em Jerusalém depois do exílio. Uma vez que os versículos 8 a 10 são citados por Salomão em sua oração na consagração do templo (2 Cr 6:41, 42), talvez o Salmo 132 tenha sido escrito para essa ocasião. Pode muito bem ser uma litania, que começa com o dirigente do culto (vv. 1-5) e depois apresenta a resposta do povo (vv. 6-10). Em seguida, o líder cita palavras de Davi (vv. 10-12) e

o povo encerra em coro, recitando as promessas de Deus a Israel (vv. 13-18). É interessante observar especialmente as referências a Davi na oração de Salomão (2 Cr 6:3-11, 15-17). O Salmo 132 também é paralelo ao Salmo 89, apresentando, no entanto, uma perspectiva mais otimista. Podemos ver ainda neste cântico o uso dos termos “ungir” (v. 20; 132:10), “inimigo” (vv. 22, 23; 132:18), “poder” (v. 24; 132:17) e “trono” (v. 29). (Para outros “Salmos de Sião”, ver 24, 48, 68 e 89.) A conclusão do templo não era garantia alguma da bênção de Deus sobre Israel, pois o mais importante era que o povo cumprisse suas responsabilidades diante do Senhor.

1. DAR A DEUS O LUGAR QUE LHE É DEVIDO (SL 132:1-5)

A arca representava o trono de Deus na Terra (80:1 e 99:1), e seu devido lugar era o Santo dos Santos do santuário de Deus. A menos que Deus ocupe o trono de nossa vida, nenhum dos empreendimentos aos quais nos dedicarmos será bem-sucedido. A arca havia passado por vários lugares antes de Salomão colocá-la no templo (2 Cr 5). Foi adiante dos filhos de Israel quando seguiram a coluna de nuvem e de fogo pelo deserto e também foi à sua frente na água, quando o povo atravessou o rio Jordão e entrou em Canaã. É possível que tenha permanecido temporariamente em Betel (Jz 20:27) e depois em Mispa (Jz 21:5), mas, por fim, parou em Siló (1 Sm 1 - 3). Os filhos perversos de Eli usaram a arca como um “amuleto” e a levaram para a batalha contra os filisteus, sendo capturada por eles (1 Sm 4 - 5). Aterrorizados com os julgamentos que Deus enviou, os filisteus devolveram a arca aos israelitas, e, durante vinte anos, ela permaneceu na casa de Abinadabe em Quiriate-Jearim (1 Sm 6:1 - 7:2). Quando Davi subiu ao trono, quis ter a arca em Jerusalém e preparou uma tenda para ela, mas não foi bem-sucedido em sua primeira tentativa (2 Sm 6:1-11). A arca passou três meses na casa de Obede-Edom, depois do que Davi conseguiu levar o trono de Deus para Jerusalém (2 Sm 6:12-19; 1 Cr 15 - 16). Ao que parece, o tabernáculo

de Moisés e seus móveis e utensílios ficaram em Gibeão (1 Cr 21:29).

Davi possuía duas grandes ambições: levar a arca para Jerusalém e, em seguida, construir um templo glorioso para abrigá-la. Chegou a fazer um voto, mas o Senhor permitiu que ele cumprisse apenas seu primeiro desejo (2 Sm 7). Davi havia passado por várias dificuldades com referência à construção do templo (v. 1; 1 Cr 22:14), pois a riqueza que entregou a Salomão veio dos espólios de suas muitas batalhas. O líder do culto pede que Deus se lembre de tudo o que Davi havia feito, pois, humanamente falando, sem Davi teria sido impossível construir o templo. Até mesmo o pedaço de terra em que o templo foi construído custou a Davi um bocado de dor (2 Sm 24). As palavras do versículo 4 não significam que Davi deixou de dormir todos esses anos; antes, expressam simplesmente o ardor de seu coração e o desejo de alcançar esse objetivo sem demora (Pv 6:4). O “Poderoso de Jacó” (vv. 2, 5) é um nome bastante antigo de Jeová, pois Jacó o usou em suas últimas palavras à sua família (Gn 49:24; ver Is 1:24; 49:26; 60:16).

2. EXPRESSAR A DEUS NOSSO LOUVOR JUBILOSO (SL 132:6-9)

Temos a impressão de que a arca ficou praticamente esquecida nos anos que passou na casa de Abinadabe em Quiriate-Jearim (“cidade dos bosques”). A cidade encontrava-se a apenas 13 quilômetros de Jerusalém, de modo que não se tratava de um problema de distância. Será que alguns do povo de Belém (Efrata - “terra frutífera”) deram o “pontapé inicial” e incentivaram o rei a tomar uma providência? Qualquer que tenha sido o caso, uma vez que a arca voltou a Jerusalém, o povo sentiu-se compelido a peregrinar para a cidade. Quando Salomão colocou a arca no Santo dos Santos, a glória de Deus mudou-se para lá, como quando Moisés consagrou o tabernáculo (1 Rs 8:1-11; Êx 40). (Para a expressão “estrado dos pés”, ver notas em 99:4, 5.) A declaração do versículo 8 é extraída de Números 10:33-36 e lembrava os adoradores da orientação e poder de

Deus demonstrados no tempo de Moisés. A oração pelos sacerdotes, no versículo 9, é respondida no versículo 16. Um sacerdócio sagrado era importante para a prosperidade de Israel, como também o era uma nação dedicada ao Senhor. Depois de vários anos vagando de um lugar para outro, o Senhor poderia “descansar” em sua casa (2 Sm 7:6; 1 Cr 28:2).

3. LEMBRAR DEUS DE SUA ALIANÇA FIEL (Sl 132:10-12)

A aliança com Davi (2 Sm 7) garantia a Israel que um dos descendentes de Davi se assentaria no trono, e, nesse momento, o rei era Salomão, o “ungido” de Deus. Assim, foi por amor a Davi, e não a Salomão, que Deus abençoou o rei e seu povo. O profeta Isaías chama isso de “fiéis misericórdias prometidas a Davi” (Is 55:3). O salmista lembra o Senhor de sua aliança, pois deseja que alguém da dinastia davídica se assente no trono de Israel. Essa promessa cumpriu-se de uma vez por todas em Jesus Cristo, o Filho de Davi, cujo trono e reino são eternos (2 Sm 7:11-17; At 13:26-39; Lc 1:30-33). Se os sucessores de Davi desejavam ser abençoados por Deus, era necessário que obedecessem à lei de Deus, coisa que muitos não fizeram. Os cristãos de hoje estão ligados ao Senhor pela nova aliança que Jesus selou com o próprio sangue (Mt 26:26-30; Hb 12:24), aliança que jamais romperá. O salmista usa o nome de Davi quando ora ao Senhor, mas nós oramos em nome de Jesus (Jo 14:13, 14; 15:16; 16:23-26). O Pai é fiel ao Filho, e o Filho é fiel à aliança que fez com o próprio sangue.

4. CONFIAR QUE DEUS DARÁ BÊNÇÃOS ABUNDANTES (Sl 132:13-18)

Deus não apenas escolheu Israel para ser seu povo e Davi e seus descendentes para serem seus reis, como também escolheu Sião para ser o lugar de seu templo e seu trono (a arca). O grande anseio de Davi era construir uma casa para Deus, mas o Senhor não permitiu que ele o fizesse. Em vez disso, lhe concedeu os recursos necessários, o projeto de construção e a possibilidade de comprar a

terra sobre a qual o templo seria construído. Essa compra foi decorrente do pecado de Davi ao realizar um censo da população (2 Sm 24). Quando o fogo do céu consumiu seu sacrifício, Davi soube que aquele era o lugar que Deus havia escolhido. Outras nações tinham templos, mas nenhum deles era habitado pela glória do verdadeiro Deus vivo.

Nos versículos 14 a 18, Deus fala ao povo e reafirma sua aliança com Israel (Lv 26; Dt 27 - 30), pois se o povo e o rei desejavam receber as bênçãos do Senhor, era sua obrigação obedecer à lei (v. 12). Deus prometeu habitar com Israel, prover seu alimento, abençoar seu culto e derrotar seus inimigos. Duas imagens especiais aparecem nessa passagem - a lâmpada e a força que brota (v. 17) - e ambas se referem a Davi e ao Messias prometido, Jesus Cristo. A lâmpada acesa simbolizava o rei (2 Sm 21:17), a preservação da vida (18:28-30) e a perpetuação da dinastia real (1 Rs 11:36; 15:4; 2 Rs 8:19; 2 Cr 21:7). Os pecados de alguns dos sucessores de Davi mereciam castigos enérgicos, mas, por amor a Davi, o Senhor permitiu que reinassem no trono davídico. A força que brota é um retrato da vinda do Messias prometido. O termo hebraico para “brotar” é traduzido por “Renovo” em Isaías 4:2, Jeremias 23:5, 33:15 e Zacarias 3:8, 6:12 e se refere ao Messias. O termo traduzido por “florescer”, no versículo 18, é usado em Números 17:8 para se referir à florescência do cajado de Arão - mais uma imagem messiânica. Assim, este salmo termina apontando para Jesus Cristo.

O salmo trata de Davi e da aliança de Deus com ele, mas aponta para o Filho maior de Davi, Jesus Cristo, e sua aliança com sua Igreja. A preocupação do salmista é com a arca da aliança que, por sua vez, aponta para Jesus Cristo, hoje entronizado no Santo dos Santos no céu. Não vemos a cidade de Sião aqui da terra, mas sim a cidade celestial (Hb 12:22-24), e nos regozijamos por ser um “reino de sacerdotes” pela graça de Deus (Ap 1:5, 6). Assim, vamos dar a Deus o lugar que lhe é devido, vamos adorá-lo com grande alegria e descansar em sua aliança fiel, crendo

que concederá as bênçãos prometidas àqueles que fizerem sua vontade.

SALMO 133

De seu trono em Hebrom, Davi reinou sobre Judá e Benjamim durante sete anos e meio. Herdou uma nação dividida e à beira de uma guerra civil, mas algum tempo depois, o Senhor deu-lhe um reino unido (2 Sm 5; 1 Cr 12:38-40). Davi pode muito bem ter escrito este salmo quando começou a reinar em Jerusalém. O povo costumava viajar para Jerusalém em grupos de famílias (ver Lc 2:41-52), de modo que se trata de um salmo perfeitamente apropriado para essa ocasião. Além disso, vale para os cristãos e igrejas de hoje, pois também temos nossas “brigas de família” e precisamos aprender a caminhar juntos em amor. Manter a união espiritual do povo de Deus é responsabilidade de cada cristão, com a ajuda do Espírito Santo (Ef 4:1-6), e neste salmo encontramos ilustrações de três ministérios do Espírito.

1. NASCEMOS DO ESPÍRITO (Sl 133:1)

Ao ler as Escrituras, é impossível não observar que, nem sempre, os “irmãos” vivem em união. Caim matou Abel (Gn 4), Ló se desentendeu com Abraão (Gn 13), os irmãos de José o odiavam e o venderam como escravo (Gn 37) e esses mesmos irmãos também não se entediavam uns com os outros! (Gn 45:24). Miriã e Arão criticaram seu irmão Moisés (Nm 12), e alguns dos filhos de Davi se voltaram contra ele (2 Sm 13 - 18; e notar 2 Sm 12:10). Os discípulos de Jesus discutiam com frequência sobre quem deles era o maior (Mt 18:1ss; Mc 9:33ss; Lc 22:23ss), e Paulo e Barnabé desentenderam-se por causa de João Marcos e, por fim, tomaram rumos separados e escolheram outros companheiros de ministério (At 15:36-41). A Igreja teve início visivelmente unida (At 2:1, 44, 46), mas quando lemos as cartas de Paulo, encontramos uma história triste de rivalidade e divisão, e, nos dias de hoje, a situação não é muito melhor.

Uma coisa era as famílias de israelitas passarem alguns dias juntas enquanto viajavam para Jerusalém, outra bem diferente era morarem juntas em casa no resto do ano! No

entanto, todos tinham Abraão como antepassado em comum, falavam a mesma língua, adoravam o mesmo Deus, partilhavam a mesma terra e eram governados pela mesma santa lei. Os cristãos de hoje passaram pelo mesmo nascimento espiritual, adoram o mesmo Deus, proclamam a mesma mensagem do evangelho, pregam as mesmas Escrituras e estão caminhando para a mesma cidade celestial. Porém, infelizmente, muitas vezes há mais divisão do que união entre nós! No entanto, todos sabemos que a união espiritual em Cristo (Gl 3:26-29; Ef 4:1-6) é algo “bom e agradável”. Existe uma “união” artificial baseada na teologia do “mínimo denominador comum”, mais uma uniformidade organizacional do que o tipo de união espiritual pela qual Jesus orou (Jo 17:11, 21-23). Devemos evitar essa uniformidade superficial. Aqueles que, verdadeiramente, são “nascidos de Deus” (1 Jo 2:29; 3:9; 4:7; 5:1, 4, 18) pertencem à mesma família e devem amar uns aos outros.

2. SOMOS UNGIDOS PELO ESPÍRITO (Sl 133:2)

Em sua ordenação, o sumo sacerdote era ungido com um óleo especial, produzido de acordo com as instruções que Moisés havia recebido de Deus (Êx 30:22, 23). O sumo sacerdote e os outros sacerdotes eram aspergidos com óleo e sangue dos sacrifícios (Êx 29:1-9, 21). Nas Escrituras, o óleo é um símbolo do Espírito Santo (Is 61:1-3; Zc 4; Lc 4:17-19; At 10:38), pois essa unção era dada a sacerdotes, profetas e reis, sendo que todos precisavam da ajuda do Espírito para exercer seu ministério com eficácia (1 Sm 16:13). É comum ouvir cristãos orarem pedindo a “unção do Espírito” sobre os servos de Deus, mas todo cristão verdadeiro já foi ungido por Deus. Essa unção nos confirma para que não venhamos a cair (2 Co 1:21, 22) e nos ilumina para que não venhamos a nos desviar (1 Jo 2:20, 27). Todo cristão precisa desse ministério de fortalecimento e ensino do Espírito de Deus.

Quando o sumo sacerdote era ungido, o óleo escorria por sua barba, para seu colarinho e sobre seu peito. Isso indica que o óleo

“banhava” as doze pedras preciosas que usava no peitoral sobre o coração, e esse “banho” era uma imagem de união espiritual. Quando o povo de Deus anda no Espírito, esquece as coisas externas e se concentra nas coisas eternas do Espírito. As coisas externas nos dividem – gênero, riqueza, aparência, preconceitos étnicos, condição social e posicionamento político –, enquanto o Espírito promove nossa união e glorifica a Cristo.

3. SOMOS REVIGORADOS PELO ESPÍRITO (Sl 133:3)

Os israelitas eram, basicamente, um povo agrário que dependia das chuvas que ocorriam duas vezes por ano (“as primeiras e as últimas”) e também do orvalho para regar suas plantações (Dt 11:10-17). Nas Escrituras, o orvalho simboliza a Palavra vivificadora de Deus (Dt 33:2), a bênção de Deus que traz fertilidade (Gn 27:28, 39; Dt 33:13, 28) e o revigoramento especial que Deus oferece a seu povo (Os 14:5; Zc 8:12). Quantas vezes precisamos do refrigério do Espírito que vem silenciosa porém abundantemente, como o orvalho sobre a relva! Quando as coisas “secam”, começam a murchar e se desintegrar, mas quando o orvalho chega, traz nova vida e coesão. Vida significa união, morte significa decomposição, e a diferença é o orvalho que cai do céu. O *Hermom*, no extremo norte de Israel, é o monte mais alto da região, com quase 3 mil metros, e Sião é um dos montes mais baixos de Israel. Os dois são separados por uma distância de mais de 300 quilômetros, e, ainda assim, Deus faz cair o orvalho sobre ambos! De acordo com os viajantes, em certas partes da Terra Santa, o orvalho da manhã dá a impressão de que uma chuva forte caiu durante a noite, saturando toda a terra com sua umidade. O orvalho é relacionado à fertilidade, enquanto a unção com óleo é associada à fragrância, pois a união do povo de Deus é “boa e agradável”.

Qual o significado de “ali” no versículo 3? Provavelmente, o advérbio refere-se a duas coisas: (1) Sião e Jerusalém, de onde o Senhor ordenava bênção (132:13-18; Lv 25:21; Dt 28:8), “porque a salvação vem dos judeus”

(Jo 4:22); e (2) todo lugar onde há união entre o povo de Deus (v. 1). O Espírito Santo se entristece com os pecados que causam divisão (Ef 5:25-32). As duas imagens – do óleo e do orvalho – lembram que a união não é algo que construímos, mas sim algo que Deus envia do alto. Quando chegarmos à Sião celestial (Hb 12:18-29), desfrutaremos uma “vida para sempre” em união. Mas por que não buscar esse tipo de união no dia de hoje? “Porventura, não tornarás a vivificar-nos, para que em ti se regozije o teu povo?” (85:6).

SALMO 134

O último salmo da série de “Cânticos de Rômagem” é conciso – o mais curto, porém, é o Salmo 117 –, mas trata de um assunto abrangente: adorar ao Senhor e compartilhar suas bênçãos com outros, tema sobre o qual se pode escrever muita coisa. O salmo encerra a coleção com uma bênção e serve de transição para uma série de salmos que enfatizam o louvor ao Senhor. As inferências que podemos fazer a partir deste salmo devem nos servir de estímulo em nossa jornada de peregrinos e nos transformar em bênção para outros.

1. UM DEUS QUE NÃO DORME (Sl 134:1)

Ao recapitular esses quinze salmos, vemos que os peregrinos passam por várias experiências ao longo de sua jornada, mas chegam em segurança à Cidade Santa, cumprem seus deveres e estão prontos a voltar para casa. É noite e desejam fazer uma última visita ao templo. Sob a direção do sumo sacerdote, os sacerdotes e levitas do templo eram incumbidos de verificar se tudo estava em ordem para o ministério do dia seguinte. Faziam, também, uma vistoria do edifício, a fim de se certificar de que nada perigoso ou impuro havia passado pelos porteiros e se encontrava escondido nos recintos sagrados. Os peregrinos ouvem o coro do templo entoando louvores a Jeová, um ministério que se estende por toda a noite. Os templos pagãos ficavam envoltos em silêncio durante a noite, pois seus deuses precisavam descansar

(1 Rs 18:27), mas aquele que guarda Israel “não dormita, nem dorme” (121:3, 4). Deus permite que seu povo amado tenha uma boa noite de sono, mas ele próprio permanece desperto e guarda sua família (127:1,2). Além disso, o Senhor ouve os louvores de seu povo.

“O SENHOR, criador do céu e da terra” (v. 3), também fez o dia e a noite (Gn 1:14-19), e, para ele, a escuridão e a luz são indistintas (139:11, 12). Quando nos deitamos para dormir, sabemos que o Pai está cuidando de nós e, quando despertamos, está a nosso lado para nos saudar (91:1-6). Se despertamos no meio da noite, podemos ter comunhão com ele e meditar em sua Palavra (119:55, 62, 147, 148). Uma vez que Deus não cochila nem dorme, por que passar a noite acordados e agitados, virando de um lado para o outro? “Aquietai-vos e sabeí que eu sou Deus” (46:10).

2. UMA ADORAÇÃO INFINDÁVEL (Sl 134:2)

Às vezes, quando alguém visita uma igreja, pergunta que horário o culto termina. Se perguntássemos isso a um sacerdote ou levita do templo, ele responderia “Nunca!”. Davi organizou os corais do templo de tal modo que louvassem ao Senhor dia e noite (92:1, 2; 1 Cr 9:33; 23:30). Enquanto você e eu estamos dormindo em nossa parte do mundo, cristãos adoram a Deus em algum outro lugar. O mais importante, porém, é que nosso Sumo Sacerdote está no céu, intercedendo por nós e nos capacitando para orar ao Senhor e adorá-lo. Para certas pessoas, é difícil permanecer acordado e atento durante um culto de uma hora. O que fariam se Deus lhes ordenasse que adorassem a noite toda? Como disse Charles Spurgeon: “Qualquer um pode cantar durante o dia, mas o cantor capaz de entoar cânticos quando não há um único raio de luz para ajudá-lo a ler a partitura consegue cantar de memória e de coração...”.

Quando as circunstâncias são difíceis e não conseguimos enxergar o caminho, Deus nos dá “canções de louvor durante a noite” (Jó 35:10; ver Sl 42:8; 77:6; Is 30:29). Na escuridão de uma caverna, deu cânticos noturnos a Davi quando sua vida corria perigo

(142:7-11) e deu cânticos a Paulo e Silas quando estavam sofrendo na cadeia em Filipos (At 16:25). Jesus entoou um cântico à noite, pouco antes de sair para o Getsêmani e, de lá, para o Calvário (Mt 26:30). A maior responsabilidade e o mais elevado privilégio das igrejas é adorar a Deus, pois tudo o que somos e fazemos flui da adoração. Porém, nos dias de hoje, essa adoração é, com frequência, banalizada de tal modo que não passa de entretenimento barato, e o santuário torna-se apenas um teatro. Ao levantar as mãos em direção aos céus (ver comentário sobre 28:2), o coro do templo apontava para o Deus que é a Fonte de todas as coisas boas e o adorava por sua misericórdia e graça. Os verdadeiros adoradores levantam mãos limpas e coração puro ao Senhor (24:4; Tg 4:8), pois o Senhor vê o coração. É melhor começar agora a aprender como adorar a Deus, pois será isso que faremos por toda a eternidade (Ap 4 - 5).

3. UMA BÊNÇÃO INCESSANTE (Sl 134:3)

Quando os peregrinos estavam saindo do templo, o sacerdote oficiante exclamou: “De Sião te abençoe o SENHOR!” (ver 20:2; 128:5). O pronome “te” é singular, pois a bênção de Deus é para cada um de nós, pessoalmente. Também é singular na bênção sacerdotal em Números 6:22-27. Deixar a casa de Deus com a bênção dele sobre nós é, ao mesmo tempo, um grande privilégio e uma grande responsabilidade, pois devemos compartilhar essa bênção com outros. *Se receber* uma bênção é uma grande alegria, *ser* uma bênção é uma alegria ainda maior. Em termos espirituais, Deus nos abençoa de Sião, “porque a salvação vem dos judeus.” (Jo 4:22). Desde o dia em que chamou Abraão e lhe deu sua aliança (Gn 12:1-3), Deus tem abençoado as nações em função do povo de Israel, pois foi por intermédio dele que nos deu a conhecer o verdadeiro Deus vivo e ofereceu a Palavra de Deus e nosso Salvador. Se Deus nunca dorme, e nossa adoração nunca termina, então as bênçãos também são incessantes. Como o presente precioso que Maria de Betânia deu a Jesus, o perfume

da bênção se espalhará por todo o mundo (Mc 14:1-9).

SALMO 135

A ênfase do salmo é sobre o louvor ao Senhor em função de seu caráter e de suas obras em favor de seu povo. Começa com uma injunção para louvar ao Senhor, que se repete quatro vezes. No original, a designação "Jeová" aparece treze vezes no salmo, e a expressão "aleluia" (louvai ao SENHOR) é usada oito vezes. Este salmo é considerado "mosaico", pois contém várias citações de outras partes das Escrituras reunidas, sem dúvida alguma, por um liturgista do templo que, sob a orientação do Espírito Santo, juntou esses textos para um culto especial. Alguns estudiosos acreditam que essa ocasião foi o evento descrito em Neemias 9, e o uso da expressão "nosso Deus" (vv. 2, 5) é característico do Livro de Neemias (4:4, 20; 6:16; 9:32; 13:2; ver também Êx 5:8; Dt 31:7; 32:3; Js 24:18). O povo de Israel se referia a Jeová como "nosso Deus" para reafirmar sua separação dos falsos deuses das nações vizinhas (vv. 15-18; 48:14; 67:6; 77:13; 115:3; 116:5). O Salmo 135 é uma *confissão de fé inspirada*, e os cristãos podem exclaimar "Amém!" de todo o coração para suas declarações.

1. O SENHOR É NOSSO DEUS – ELE NOS ESCOLHEU (Sl 135:1-4)

O fato de Deus haver escolhido Israel separava o povo de todas as outras nações, pois era "seu povo" (vv. 12, 14; 100:3; Dt 32:9, 36, 43, 50). Israel é sua "possessão" preciosa (v. 4; Êx 19:5, "propriedade peculiar"; Dt 7:6 e 14:2, "povo próprio"), e foi o Senhor quem lhe deu sua terra (v. 12). Seu templo ficava em Jerusalém e seus sacerdotes lhe ofereciam louvores e sacrifícios. O povo de Israel havia sido separado para honrar o nome do Senhor e testemunhar a outras nações que Jeová é o único Deus verdadeiro. Por que Deus escolheu Israel? "Porque o SENHOR é bom" (v. 3). A Igreja é um povo eleito, salvo pela graça de Deus (Rm 1:6; 8:30; Ef 1:4) e chamado para glorificar a Deus (1 Pe 2:9-12). Todos os cristãos são

sacerdotes do Senhor, e devemos adorá-lo conforme sua instrução na Palavra.

2. O SENHOR É SOBERANO – ELE FAZ O QUE LHE APRAZ (Sl 135:5-12)

O Senhor é grande (115:3; Êx 15:11; 18:11), maior do que os falsos deuses das nações. Seus deuses não podem fazer coisa alguma (vv. 15-18), mas Jeová pode fazer qualquer coisa que lhe aprouver! Deus mostrou seu poder sobre os deuses do Egito e de Canã ao derrotar seus exércitos e entregar suas riquezas a Israel (vv. 8-12; Êx 7 - 14; Nm 21:21-35). O Senhor governa sobre toda a criação, desde as alturas dos céus até as profundezas do mar (Êx 20:4). Até mesmo o clima está sob seu controle (v. 7; 33:7; Jó 38:22; Jr 10:13; 51:16). O êxodo de Israel do Egito é um fato histórico, e a fé de Israel é edificada sobre a revelação de Deus na história, não sobre fantasias de deuses da mitologia. A fé cristã também é fundamentada em fatos históricos inabaláveis (1 Co 15:1-8; 1 Jo 1:1-4).

3. O SENHOR É COMPASSIVO – ELE DEFENDE O SEU POVO (Sl 135:13, 14)

O nome de Jeová é glorioso, conhecido e eterno. Poucas pessoas hoje em dia pensam nos deuses do passado ou falam sobre eles, mas o nome do Senhor Deus ainda é reverenciado. Como escreveu um poeta: "O grande deus Ra, a quem tantas riquezas eram dedicadas / Hoje não passa de vocábulo nas palavras cruzadas". Quem estuda ciência das religiões sabe o nome de uma porção de deuses e deusas, mas não é preciso fazer faculdade para conhecer o nome do Deus Jeová ou de Jesus Cristo. No entanto, esse Deus glorioso, cujo nome é eterno, tem compaixão dos pecadores e de seu povo. Em várias ocasiões ao longo de sua história, o povo de Israel foi resgatado e defendido pelo Senhor, enquanto seus inimigos foram envergonhados (ver 102:12; Êx 3:15; Dt 32:26; e Hb 10:30).

4. O SENHOR É O DEUS VIVO E VERDADEIRO – ELE CUIDA DE NÓS (Sl 135:15-18)

Exceto por algumas pequenas variações, estes versículos são uma citação de 115:4-8.

Os ídolos mortos não podem falar, ver, ouvir nem respirar; também não podem dar vida àqueles que os adoram. Uma vez que Jeová é o Deus vivo, ele nos fala por sua Palavra, nos vê em todas as circunstâncias, ouve nossas orações e vem até nós quando precisamos da ajuda que somente ele pode dar (ver os comentários sobre o Sl 115).

5. O SENHOR SEJA LOUVADO – ELE ESTÁ CONOSCO (Sl 135:19-21)

Israel poderia louvar ao Senhor, pois estava presente com seu povo – e nenhuma outra nação seria capaz de dizer o mesmo sobre seus deuses. Sua glória conduziu Israel pelo deserto e habitou no santuário até que Deus teve de partir por causa dos pecados do povo (Ez 7 – 11). Que outra nação tinha a glória de Deus habitando em seu meio (63:2; Rm 9:4)? O Senhor não é um Deus distante; ele é “socorro bem presente nas tribulações” (46:1). Jesus é “Emanuel – Deus conosco” (Mt 1:20-25; 28:20). “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (Hb 13:5; Gn 28:15; Js 1:5; Is 41:10, 17). Louvado seja o Senhor!

SALMO 136

Trata-se de um salmo antifônico, preparado para ser usado por um dirigente do culto e por um coro, ou por um dirigente e a congregação, ou ainda, talvez, por dois coros. Os rabinos o chamavam de “O Grande Hallel” (louvor). Este salmo é uma recapitulação de como Deus se relaciona com seu povo transformando a história em teologia e a teologia em adoração. Se nossa adoração não se baseia na história – naquilo que Deus fez neste mundo –, carece de uma mensagem teológica e, portanto, não é adoração coisa nenhuma. O refrão é conhecido, pois foi entoado na consagração do templo de Salomão (2 Cr 7:3, 6), e também pelos cantores do rei Josafá, quando Judá foi atacado por Moabe e Amom (2 Cr 20:21; ver, ainda, 106:1; 107:1 e 118:1, 29). O Senhor é chamado de “Deus dos céus” (v. 26), o que indica uma data após o exílio, pois se trata de um título usado com frequência nesse período (Ed 1:2; 5:11, 12; 6:9, 10; 7:12, 21, 23; Ne 1:4; 2:4; Dn 2:18, 19, 44).

O tema central é a gratidão a Deus por seu caráter e suas obras em favor de seu povo.

1. O CRIADOR – ELE FAZ EXISTIR (Sl 136:1-9)

O Deus de Israel é Jeová, o Deus da aliança; ele é bom e misericordioso. As nações tinham seus deuses e senhores (1 Co 8:5, 6), mas somente Jeová é o Deus dos deuses e Senhor dos senhores. Os deuses mortos das nações (135:15-18) jamais poderiam fazer maravilhas como aquelas que o Senhor fez, nem poderiam ser bons e cheios de misericórdia (bondade, amor segundo sua aliança, amor inabalável). Em 1 Timóteo 1:2; 2 Timóteo 1:2 e Tito 1:4, o apóstolo Paulo junta a misericórdia e a graça, como também o fazem João (2 Jo 3) e Judas (Jd 2). Em sua misericórdia, Deus não nos dá aquilo que merecemos e, em sua graça, ele nos dá aquilo que não merecemos – tudo isso por amor a Jesus Cristo. Não é de se admirar que o salmista dê graças ao Senhor!

O salmista começa no princípio dos tempos, com a criação do Universo, conforme o relato de Gênesis 1. O Senhor teve sabedoria para planejar a criação e poder para executar esse plano, e tudo o que precisou fazer foi proferir sua Palavra (33:6-9). Uma vez que a humanidade se recusou a ser grata pela criação, começou sua decadência terrível, que a levou à ignorância, idolatria, imoralidade e julgamento final (Rm 1:18ss). Durante o dia ou à noite, quer olhemos para os céus, para a terra ou para as águas, devemos ver provas da mão de Deus e ter a consciência de que foi um Criador quem fez tudo existir a partir do nada. Sua criação contém tudo de que precisamos para a vida e o trabalho; portanto, louvemos ao Senhor!

2. O REDENTOR – ELE NOS FAZ SAIR (Sl 136:10-12)

O salmista não escreve sobre os anos de sofrimento de Israel no Egito, nem sobre os julgamentos de Deus contra os deuses egípcios (Êx 12:12), mas se concentra no êxodo. “Fazer sair” é uma expressão que o povo de Israel usava para descrever seu livramento e, com frequência, é traduzida por “tirar”

(Dt 1:27; 4:20, 37; 5:6; 16:1). A terra do Egito, seus filhos primogênitos, sua religião e seu exército haviam sido todos destruídos pelo poder de Deus quando o povo de Israel atravessou o mar Vermelho. O êxodo marcou o nascimento de Israel como nação, e, a partir desse momento, a cada ano, os israelitas passaram a comemorar a Páscoa, lembrando-se do que o Senhor havia feito por eles. O êxodo também é um retrato da redenção que temos em Jesus Cristo, o Cordeiro perfeito de Deus que derramou seu sangue para libertar os pecadores (1 Pe 1:18, 19; Jo 1:29; Ef 1:7; Cl 1:14; Hb 9:12). O braço poderoso de Deus, que se manifestou no êxodo (Êx 15:16), foi revelado ainda mais na cruz (Is 53:1ss; Lc 1:51).

3. O PASTOR – ELE NOS FAZ PASSAR (Sl 136:13-16)

O Senhor fez Israel passar pelo mar (vv. 13-15) e pelo deserto (v. 16). Uma coluna de nuvem guiava o povo durante o dia, e, durante a noite, ele era conduzido por uma coluna de fogo (Êx 13:21, 22). Ele os levou para o Sinai, onde ficaram mais de um ano, enquanto Moisés recebia e ensinava a lei divina e supervisionava a construção do tabernáculo. Antes de entrar em Canaã e de se apropriar da terra, a nação precisava da disciplina da lei e do prazer da adoração. A incredulidade e desobediência de Israel em Cades-Barnéia enviaram o povo de volta para o deserto (Nm 13 - 14), onde a geração rebelde pereceu ao longo dos 38 anos subsequentes. Moisés ordenou que a nova geração se lembrasse daqueles anos no deserto e obedecesse à Palavra de Deus (Dt 8). Sem dúvida, o Senhor Jesus Cristo é nosso Pastor nesta vida (23:1; 78:52-55; 80:1; Jo 10:11-14; Hb 13:20; 1 Pe 5:4) e o será por toda a eternidade (Ap 7:17).

4. O CONQUISTADOR – ELE NOS FAZ ENTRAR (Sl 136:17-22)

No final dos quarenta anos, Moisés conduziu o povo de volta à entrada da Terra Prometida e, no caminho, Israel derrotou reis importantes e poderosos e tomou suas terras (Nm 21). Rúben, Gade e Manassés se apropriaram de

sua herança a leste do rio Jordão (Nm 32; Js 18:7), mas seus homens marcharam com Israel para dentro de Canaã e ajudaram a conquistar o inimigo e tomar posse da terra (135:10-12; Js 22). A terra pertencia ao Senhor, mas ele a entregou a Israel como sua herança, e, desde que obedecessem à aliança, os israelitas gozariam as bênçãos do Senhor nesse lugar. Os cristãos foram libertos do pecado pela fé em Cristo e se encontram, agora, no “reino do Filho do seu amor” (Cl 1:13). Canaã não é um retrato do céu, pois não haverá guerras no céu. Antes, descreve nossa herança presente em Jesus Cristo, da qual nos apropriamos à medida que caminhamos pela fé e derrotamos Satanás e suas forças, que desejam nos manter escravos e vivendo em pobreza espiritual. Esse é o tema de Hebreus 1 a 4.

5. O LIBERTADOR – ELE NOS TRAZ DE VOLTA (Sl 136:23-25)

Estes versículos resumem como Israel deixou de servir a Deus e como o Senhor trouxe sete nações sobre a terra para castigar seu povo. O relato desses acontecimentos encontra-se no Livro de Juízes. O povo entregava-se à idolatria, e o Senhor os disciplinava, como havia prometido fazer. Então, a situação tornava-se tão insuportável que o povo se arrependia e suplicava por misericórdia, e o Senhor “se lembrava” deles (ver 132:1) e os resgatava (Jz 2:11-23). Não era assim que deveriam viver na terra maravilhosa que Deus havia lhes dado, mas se trata de uma boa descrição de como muitos cristãos professos vivem hoje. Quando as coisas estão indo bem, se esquecem do Senhor, mas quando a situação fica difícil, voltam-se para ele em busca da ajuda. O fato de o versículo 25 mencionar o alimento lembra que as nações que invadiam Israel destruíam ou levavam embora suas colheitas, deixando o povo sem ter o que comer (Jz 6:1-6). Se somos, de fato, agradecidos por nosso alimento e reconhecemos que ele é provido por Deus, dificilmente daremos as costas ao Senhor a fim de adorar outros deuses. As criaturas da Terra buscam em Deus o suprimento de todas as suas necessidades e agradecem ao Senhor

obedecendo à sua vontade e lhe dando glória (104:10-18).

Há somente um modo de terminar um salmo como esse: "Oh! Tributai louvores ao Deus dos céus, porque a sua misericórdia dura para sempre" (v. 26).

SALMO 137

Os verbos "lembrar" e "esquecer" são usados quatro vezes nestes nove versículos. O humorista norte-americano Elbert Hubbard disse: "Pode ser louvável ter uma boa memória, mas a verdadeira marca da grandeza é ter a capacidade de esquecer". Às vezes, precisamos nos lembrar de esquecer. Um judeu, provavelmente um levita, escreveu este salmo ao voltar a sua terra com o remanescente, em 536 a.C., depois do exílio na Babilônia. Vinte anos depois, a Babilônia foi destruída. O salmista estava com um grupo de ex-cativos (observe o uso da terceira pessoa do plural nos vv. 1-4), recordando suas experiências e, a partir desse encontro com o passado, aprendeu algumas lições sobre a memória, sobre si mesmo e sobre o Senhor.

1. A MEMÓRIA PODE ABRIR FERIDAS (Sl 137:1-4)

O luto oficial exigia que o pranteador ficasse assentado, e os exilados judeus se sentiam e agiam como pranteadores num funeral. Os dois rios mais importantes da região eram o Tigre e o Eufrates, mas a Babilônia possuía uma rede de canais que ajudavam a transformar o deserto num jardim. Talvez os judeus se reunissem ao redor dos canais, pois precisavam de água para seus rituais religiosos (At 16:13). Haviam deixado muitas coisas para trás em Judá, mas trouxeram consigo suas harpas, pois a música era parte importante de seu culto ao Senhor (81:1-3). A música também era uma das maneiras de expressarem sua tristeza e de buscarem a ajuda do Senhor, "que inspira canções de louvor durante a noite" (Jó 35:10). Esses ex-cativos lembravam-se dos tempos em que os guardas haviam exigido que os distraíssem entoando um dos "cânticos de Sião". Quanto sarcasmo! Os babilônios sabiam

que os judeus honravam o monte Sião e a cidade de Jerusalém e que se vangloriavam da força e da segurança de Sião (46:5, 7, 10, 11; 48; 76:1-3; 87), mas agora a cidade e o templo não passavam de ruínas. Com essa zombaria, os guardas perguntavam: "Onde está o seu Deus? Por que ele não livrou seu povo?" (ver 42:3, 10; 79:10; 115:2).

Os exilados se recusaram a obedecer e não cantaram a seus opressores. Um dos motivos para essa recusa foi o fato de os babilônios pedirem que entoassem o "canto do SENHOR" (v. 4), e os judeus não estavam dispostos a usar os hinos sagrados do templo para entreter os pagãos. Como é triste ver, nos dias de hoje, celebridades usando hinos tradicionais para o entretenimento de multidões pagãs que não conhecem o Senhor nem sua graça. Jesus falou sobre lançar preciosidades aos cães e porcos (Mt 7:6). Mais do que isso, porém, os exilados não tinham qualquer disposição para fazer uma apresentação musical. Seus opressores desejavam ouvir cânticos alegres, mas não havia alegria alguma no coração dos cativos. Haviam perdido tudo, exceto Deus e a própria vida, e, como pessoas normais que eram, sentiam-se profundamente angustiados. Sua cidade, seu templo e seus lares haviam sido destruídos, seu povo havia sido deportado, e o trono de Davi fora arrasado. O pior de tudo, porém, havia sido ver os soldados babilônios se divertirem imensamente lançando bebês judeus contra os muros e esmagando sua cabeça (v. 9) - uma forma de os babilônios limitarem a próxima geração de seus inimigos.

Sem dúvida, as memórias podem causar dor, e essa dor não vai embora quando tentamos "enterrar" as lembranças. Normalmente, a negação só piora a situação. Porém, o fato de os exilados poderem falar sobre essas coisas dolorosas indica que encaravam as circunstâncias de maneira honesta e aprendiam a lidar com o sofrimento de maneira madura. Um coração despedaçado precisa de tempo para ser curado, mas se entregamos todos os pedaços a Jesus, ele pode restaurá-lo (147:3; Lc 4:18).

2. A MEMÓRIA PODE CONSTRUIR O CARÁTER (Sl 137:5, 6)

Por vezes, é preciso perder alguma coisa para verdadeiramente apreciá-la. Vemos os exilados na Babilônia pranteando a perda de tudo o que lhes era mais importante e se perguntando: “Será que demos o devido valor a tudo o que o Senhor nos concedeu – nossa terra, nosso lar, nossos filhos?”. Pelo menos um homem fez um voto enquanto estava no exílio, prometendo lembrar-se de Jerusalém e fazer dela sua mais elevada prioridade e a maior alegria de sua vida. É evidente que, com o nome “Jerusalém”, o devoto está se referindo ao Senhor Jeová, ao templo e seu ministério, à cidade e seu povo e ao ministério de Israel no mundo. Antes de escrever sobre os julgamentos de Deus contra Edom e a Babilônia (vv. 7-9), o salmista julga a si mesmo por seu descuido e chega a pedir que Deus o castigue, caso não cumpra seu voto. Ao fazer uma retrospectiva da vida e avaliar nossas experiências, é importante aprender nossas lições e desenvolver um caráter piedoso. “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio” (90:12). “Pagar-te-ei os meus votos, que proferiram os meus lábios, e que, no dia da angústia, prometeu a minha boca” (66:13, 14).

3. A MEMÓRIA PODE ESTIMULAR A FÉ (Sl 137:7-9)

Estes três versículos são um problema sério para os ignorantes e um alvo para os incrédulos que vivem em pé de guerra com Deus e com a Bíblia. Porém, uma vez compreendida, essa passagem deve estimular a fé do povo de Deus em tempos turbulentos, durante os quais o Senhor parece estar fazendo tudo estremecer (Hb 12:25-29). Os guardas babilônios insultavam os exilados judeus, pedindo que cantassem sobre seu Deus, *que não havia salvado seu povo, e sobre sua cidade, que não passava de um montão de ruínas*. Não se tratava de uma questão política, mas sim teológica; também não era uma ofensa pessoal, mas sim um conflito entre duas nações. Como indivíduos, temos o direito de perdoar um ofensor, mas se um juiz perdoasse todos os criminosos que aparecem em

seu tribunal, os alicerces da sociedade seriam abalados, trazendo conseqüências caóticas.

A lei que Deus entregou a Israel tinha como base a *lex talionis* – a lei da retaliação –, e retaliação não é o mesmo que vingança. Significa, simplesmente, “pagar na mesma moeda”. Em resumo, o castigo deve ser apropriado para o crime, um princípio seguido até hoje em nossos tribunais. Na Inglaterra do século XVIII, havia mais de duzentos crimes capitais sujeitos à pena de morte por enforcamento, mas nenhuma nação segue esse padrão nos dias de hoje. “Olho por olho, dente por dente” (Dt 19:16-21) não é uma apologia à violência, mas sim um preceito de justiça. Uma questão ignorada com frequência é que, apesar de a Babilônia ter sido o instrumento escolhido por Deus para disciplinar o povo de Judá, *os babilônios foram longe demais e trataram os judeus com brutalidade* (ver Is 47:1-7 e 51:22, 23). Abusaram dos idosos, assassinaram bebês e crianças, estupraram mulheres e mataram indiscriminadamente. Apesar de essas práticas serem consideradas normais nas guerras da Antiguidade (2 Rs 8:12; 15:16; Is 13:16; Ne 3:10), a Babilônia chegou a extremos de desumanidade. No entanto, devemos ser honestos e reconhecer que, quando as nações de hoje cometem atrocidades – como, por exemplo, o holocausto –, outras nações horrorizadas levantam-se para pedir justiça. Se consideramos essa reação correta para nós, por que deveria ser errada para o salmista?

Pelos escritos dos profetas, o salmista sabia que Deus julgaria Edom e a Babilônia, *de modo que orou para que o Senhor cumprisse suas promessas*. Esaú, pai dos edomitas, era irmão de Jacó (Gn 25:30), e os edomitas deveriam ter demonstrado misericórdia para com seus parentes de sangue. (Sobre o futuro de Edom, ver Is 63:1-6; Jr 49:7-22; Ez 25:12-14 e 35:1ss; o Livro de Obadias. Quanto ao futuro da Babilônia, ver Is 13, especialmente o v. 16; Jr 50 – 51.) O salmista conhecia essas Escrituras e pediu que o Senhor as cumprisse em seu devido tempo. “Porque o SENHOR, Deus que dá a paga, certamente, lhe retribuirá” (Jr 51:56). Por fim, pelo modo

como é usado nos versículos 8 e 9, o termo “feliz” não significa “bem-aventurado”, no sentido de Salmos 32:1, nem “favorecido por Deus”, como em Salmos 1:1. Antes, tem o sentido de “moralmente justificado”, como em Salmos 106:3: “Bem-aventurados os que guardam a retidão”. Não foi o povo judeu, individualmente, que castigou a Babilônia, mas sim o Deus de Israel que respondeu a suas orações e defendeu seu povo (Rm 12:17-21). Um dia, fará o mesmo por sua Igreja e castigará aqueles que perseguiram e mataram seus servos (Ap 6:9-17).

SALMO 138

Este é o primeiro de oito salmos atribuídos a Davi. Os oito cânticos formam uma coleção especial imediatamente anterior aos “Salmos de Aleluia”, ponto culminante do livro. É bem provável que o salmo tenha nascido da oposição das nações vizinhas, quando Davi tornou-se rei de Israel como nação unificada (2 Sm 5; 8:1-14). Fazia parte do plano de Deus que Davi reinasse sobre Israel (v. 8), mas os jebuseus, filisteus e moabitas desejavam que Israel permanecesse dividida e com um líder inexpressivo. Davi conhecia a vontade de Deus, orou pedindo ao Senhor que o ajudasse (v. 3), confiou que Deus lhe daria a vitória (vv. 7, 8) e derrotou o inimigo. O nome de Deus é mencionado pela primeira vez neste salmo no versículo 4, mas não há dúvidas de que Davi dirige suas orações e louvores a Jeová. Este cântico nos ajuda a entender melhor o que acontece, de fato, quando Deus responde a orações.

1. AS ORAÇÕES RESPONDIDAS GLORIFICAM O NOME DE DEUS (Sl 138:1-3)

Os “poderosos” são os falsos deuses das nações que atacaram Davi (82:7). Suas vitórias sobre seus exércitos foram vitórias de Deus, e Davi desejava que Jeová recebesse todo louvor e glória (Jr 50:1, 2). O termo traduzido por “templo” quer dizer “santuário” e era usado para o santuário em Siló (ver 1 Sm 1:9; 3:3). A terceira linha no versículo 2 é traduzida de várias maneiras, de modo a não dar a impressão de que a Palavra de Deus é maior que o caráter e a reputação

(“nome”) de Deus. Ao que parece, a idéia é: “Confiei em tuas promessas e orei, e o Senhor respondeu muito acima e além de tudo o que havia prometido”. Trata-se de outra maneira de expressar Efésios 3:19, 20. Deus deu a Davi a ousadia necessária para enfrentar seus inimigos e a força de que precisava para derrotá-los. Deus respondeu à oração e, assim, glorificou seu nome.

2. AS ORAÇÕES RESPONDIDAS DÃO TESTEMUNHO AOS PECADORES (Sl 138:4, 5)

Jeová não é apenas mais exaltado que os deuses dos inimigos, mas também maior do que seus governantes, como comprovaram as vitórias de Davi. Porém, alguns reis gentios regozijaram-se com o triunfo de Davi nas batalhas – governantes como Hirão (2 Sm 5:11) e Toí (2 Sm 8:9). Davi orou para que, um dia, todos os reis da Terra ouvissem a Palavra de Deus e louvassem ao Senhor por suas promessas a Israel. A começar pelo Egito, todas as nações que se opuseram aos israelitas e que os perseguiram foram derrotadas, conforme Deus havia prometido a Abraão (Gn 12:1-3; ver 68:29-32; 72:8-11; 96:1, 3, 7, 8; 102:15-17). A esperança messiânica de Israel é sua única esperança e a única esperança do mundo. Jesus Cristo já veio; ele é “o Soberano dos reis da terra” (Ap 1:5), o Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 19:16). Que grande dia será quando os governantes da Terra se juntarem ao povo de Deus para louvar ao Senhor!

3. AS ORAÇÕES RESPONDIDAS CUMPREM OS PROPÓSITOS DE DEUS EM NOSSA VIDA (Sl 138:6-8)

Jeová é o Altíssimo dentre os altos e o Maior dentre os grandes, mas também está disposto a se tornar o Menor dentre os humildes e a se curvar para suprir nossas necessidades. A expressão “atentar para os humildes” significa cuidar deles e considerá-los de maneira favorável (11:4; 113:5-9; Is 57:15 e 66:2; Lc 1:47-55). A prova máxima disso é a encarnação de Jesus Cristo, pois ele se fez pobre para que nos tornássemos ricos (2 Co 8:9) e se tornou um servo para que fôssemos

libertos (Fp 2:1-12). Foi humilde em sua vida e também em sua morte, pois Aquele que é perfeito foi tratado como criminoso e pregado a uma cruz e, nessa cruz, se fez pecado por nós (2 Co 5:21). Davi deu graças porque o Senhor conhecia sua necessidade e o socorreu. Em sua aliança com Davi (2 Sm 7), Deus revelou que tinha um grande propósito a cumprir por meio da vida de Davi e que não permitiria que o inimigo frustrasse esse propósito. O mesmo vale para os cristãos de hoje (Fp 1:6 e 2:13; Ef 2:10 e 3:20; Cl 1:29), e Deus não nos abandonará. Alguém disse bem que o propósito da oração não é garantir que a vontade do homem seja feita no céu, mas sim que a vontade de Deus seja feita na terra, e é isso o que vemos na vida de Davi.

SALMO 139

Nossos conceitos a respeito de Deus e nosso relacionamento com ele determinam o que pensamos sobre todas as outras coisas deste mundo tão agitado em que vivemos – outras pessoas, o Universo, a Palavra e a vontade de Deus, o pecado, a fé e a obediência. Idéias erradas sobre Deus acabam levando a um tipo errado de vida, trilhando o caminho errado rumo ao destino errado. Em outras palavras, a teologia – o conhecimento correto de Deus – é essencial para se ter uma vida plena neste mundo. Davi contemplou a Deus e escreveu para nós um salmo, cuja mensagem não pode fazer outra coisa senão nos incentivar a permanecer num relacionamento correto com o Senhor.

1. DEUS NOS CONHECE INTIMAMENTE – NÃO PODEMOS ENGANÁ-LO (Sl 139:1-6)

O verbo “sondar” significa “examinar com grande empenho, cuidado e em profundidade”. O povo de Israel usava esse termo para descrever a escavação profunda numa mina, a exploração de uma terra e a investigação de uma causa legal. Nossos amigos vêem a aparência, mas Deus vê o coração, e não podemos enganá-lo. Adão e Eva tentaram (Gn 3:7-24), também Caim (Gn 4:1-15) e até mesmo Davi (2 Sm 11 - 12), e todos eles descobriram que Deus sabia tudo a respeito

deles. No versículo 2, o verbo “saber” significa “distinguir e discernir com entendimento” e não apenas reunir dados brutos. “Esquadrinhar”, no versículo 3, descreve o ato de selecionar os grãos, e, no original, o termo traduzido por “sondar”, no versículo 23, se refere a “testar um metal”. O fato de Deus nos conhecer completa e intimamente é afirmado nos versículos 1, 2, 4, 14 e 23. Ele conhece nossas ações, situações, pensamentos, palavras, costumes e motivações. “Todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4:13). Mais do que isso, porém, ele sabe o que é melhor para nós e faz de tudo para nos conduzir em direção a esse ideal. Ele nos cerca “por trás e por diante” e coloca sua mão sobre nós para nos firmar e dirigir. O termo traduzido por “cercar” significa “guardar um objeto valioso”, de modo que somos protegidos pelo conhecimento e a orientação de Deus. Como devemos responder a isso? Deixando-nos ser sobrepujados pela altura e pela profundidade do conhecimento de Deus e sendo gratos porque ele nos conhece perfeitamente. Diante disso, Davi exclama: “Tal conhecimento [...] é sobremodo elevado; não o posso atingir!”

2. DEUS ESTÁ A NOSSO LADO CONSTANTEMENTE – NÃO PODEMOS ESCAPAR DELE (Sl 139:7-12)

Se Deus sabe tanta coisa a nosso respeito, talvez o melhor a fazer seja fugir e se esconder, mas as “rotas de fuga” são inúteis. Se vamos para o céu ou para o *sheol*, o reino dos mortos, Deus está lá; se viajamos de leste a oeste (o mar Mediterrâneo ficava a oeste de Israel) na velocidade da luz, sua mão nos toma e gentilmente nos conduz. Não podemos nos esconder nem mesmo nas trevas, pois para o Senhor, as trevas são como luz. *Deus quer falar conosco e nos guiar, pois seu plano para nós é o ideal.* Por que temos esse desejo de fugir e de nos esconder? Adão e Eva tentaram essa tática e falharam (Gn 3:8), e o mesmo aconteceu ao profeta Jonas, que só foi de mal a pior. Se desejamos desfrutar o amor de Deus e cumprir seus propósitos,

precisamos de sua presença em nós (ver Is 43:1-7; Sl 23:4; Mt 28:19, 20).

3. DEUS NOS CRIOU MARAVILHOSAMENTE – NÃO PODEMOS IGNORÁ-LO (Sl 139:13-18)

Trata-se de uma das passagens mais maravilhosas da literatura sobre o milagre da concepção e o nascimento humano. Como disse Eugene Petersen: “Ao testemunhar o nascimento, não calculamos – apenas nos maravilhamos”. Davi declarou que Deus está presente na concepção e no nascimento, pois somos feitos à imagem de Deus, e ele tem um propósito específico para cada pessoa que nasce. Vivemos em nosso corpo e com ele toda nossa vida, e sabemos como é admirável. Deus nos formou da maneira como deseja que sejamos, e quaisquer que sejam nossas opiniões sobre nossa estrutura, aparência ou habilidades, devemos aceitar sua vontade. O verbo “tecer” (v. 13) significa cobrir ou “cingir” (ver Is 32:12). Deus tece o ser humano no útero da mãe, e o aborto interrompe esse milagre. Que tragédia!

Porém, o Senhor fez mais do que criar e formar nosso corpo; também planejou e determinou nossos dias (v. 16). É bem provável que isso incluía a extensão da vida (Jó 14:5) e as tarefas que reservou para realizarmos (Ef 2:10; Fp 2:12, 13). Não se trata de uma forma de fatalismo ou de predestinação insensível, pois aquilo que somos e aquilo que Deus tem planejado para nós vêm de seu coração amoroso (33:11) e é seu melhor para nós (Rm 12:2). Se vivemos de modo insensato, podemos morrer antes do tempo determinado por Deus, mas os filhos fiéis de Deus são imortais até que tenham completado seu trabalho. Como ignorar que Deus nos deu um corpo tão maravilhoso e planejou uma vida tão extraordinária? A vida não é uma prisão, mas sim uma peregrinação emocionante, e o Senhor nos preparou para aquilo que tem reservado para nós. Nossa responsabilidade é entregar todo nosso ser a ele diariamente, meditar sobre seus pensamentos que se encontram em sua Palavra (92:5; Is 55:8, 9) e caminhar no Espírito. Deus pensa em nós! (Jr 29:11). Será que não devemos pensar nele também?

4. DEUS JULGA RETAMENTE – NÃO PODEMOS CONTESTÁ-LO (Sl 139:19-24)

Se não podemos enganar a Deus, escapar dele nem ignorá-lo, o mais sensato é lhe obedecer, mas há aqueles que preferem opor-se a ele e contestar o que ele lhes diz em sua Palavra. Davi chamou pessoas assim de perversas, violentas, mentirosas, blasfemadoras e rebeldes e se angustiou por causa delas. Os pecadores também causam tristeza profunda a Deus Pai (Gn 6:6), Filho (Mc 3:5; Lc 19:41) e Espírito (Ef 4:30). Sem dúvida, é difícil amar os pecadores rebeldes e, ao mesmo tempo, aborrecer seus pecados, mas precisamos de mais “aversão santa” nesses tempos em que o pecado ostensivo é uma forma tão popular de entretenimento (ver 11:5; 45:7; 97:10; Am 5:14, 15; Rm 12:9, 19-21). Sempre que oramos “Venha o teu reino”, estamos pedindo que o Senhor julgue os perversos e estamos deixando essa questão em suas mãos. Davi, porém, encerrou com uma oração pedindo que o Senhor sonde seu coração, conheça suas ansiedades e preocupações, o perdoe e o conduza. Devemos ser cautelosos em nossas introspecções, pois nem sequer conhecemos nosso coração (Jr 17:9). A melhor coisa a fazer é abrir a Palavra e deixar que o Espírito nos esquadrinhe e nos fale, pois desse modo podemos descobrir a verdade. Não devemos jamais contestar as ordens de Deus, pois ele nos ama e quer nos dar apenas o que há de melhor.

SALMO 140

Ao que parece, as circunstâncias que serviram de pano de fundo para este salmo deram-se durante os anos em que Davi era parte da corte de Saul, quando a paranóia e a inveja de Saul ainda estavam se desenvolvendo. Em sua tentativa de agradar o rei, alguns oficiais de Saul espalharam mentiras sobre o jovem Davi e prepararam armadilhas para acabar com sua reputação. O povo de Deus enfrenta situações parecidas hoje, pois Satanás é homicida (Jo 8:44), caluniador, acusador (Ap 12:10) e enganador (2 Co 11:3). Este salmo ensina quatro lições que nos incentivam a confiar em Deus e a ser

fiéis quando os servos de Satanás se opõem a nós.

1. O QUE OS PECADORES FAZEM COM O POVO DE DEUS (SL 140:1-5)

A presença de Davi entre os líderes de Saul era como uma luz em meio às trevas (Ef 5:8ss) e como saúde dentro de um hospital. Ao ser confrontados por um homem como Davi, Saul e seus líderes poderiam mudar seu comportamento ou se livrar daquela presença incômoda, e é evidente que escolheram a segunda alternativa. Eram homens perversos (v. 1), que tramavam o mal (v. 2), falavam o que era mal (v. 3) e praticavam o mal (vv. 4, 5). Observe que o versículo 3b é citado em Romanos 3:13 como parte das evidências que Paulo reúne para provar a depravação do coração humano. A expressão “homem perverso” (v. 1) tem sentido coletivo, pois os pronomes do salmo encontram-se no plural (vv. 2-4, 6, 8). Davi precisava que o Senhor lhe desse sabedoria para se esquivar das armadilhas dos perversos e proteção para não ser vítima de seus planos violentos. Vemos a “metáfora da caça” em 9:16; 31:4; 19:110; 141:9 e 142:3 e a imagem da “língua aguçada / afiada” aparece em 52:2; 55:21; 57:4; 59:7 e 64:3. Uma vez que o povo de Deus encontra-se neste mundo perverso, devemos esperar a oposição inimiga e confiar que o Senhor nos capacitará a superá-la (Jo 16:33).

2. O QUE O POVO DE DEUS DEVE FAZER COM OS PECADORES (SL 140:6-8)

Em primeiro lugar, devemos declarar nossa fé no Senhor e não nos envergonhar de confessá-la abertamente. Devemos pedir humildemente que o Senhor nos conceda a ajuda de que precisamos para viver e trabalhar no meio de pessoas difíceis, que nos odeiam e que desejam que fracássemos. Sempre que Davi se encontrava nesse tipo de situação, punha-se a orar e a pedir que Deus lhe desse sabedoria para discernir o que fazer e forças para fazê-lo. Aqui, ele pede que Deus coloque um capacete em sua cabeça e que o proteja da dissimulação e do perigo (60:7; Ef 6:17). Também

ora por seus inimigos, para que seus desejos perversos sejam transformados e para que os planos de seu coração não sejam bem-sucedidos. Caso se saíssem bem, se encheriam de orgulho e praticariam perversidades ainda maiores. Nossas orações pelos ímpios devem se concentrar na mudança de seu caráter, não apenas no fim de sua perseguição aos cristãos. Davi obedeceu a Mateus 5:44.

3. O QUE O PECADO FAZ COM OS PECADORES (SL 140:9-11)

Nossos inimigos acreditam que estão nos ferindo, mas, na realidade, estão apenas ferindo a si mesmos. Os problemas que causam acabam recaindo sobre eles, pois pela lei inexorável de Deus, as pessoas colhem aquilo que semeiam. Jogaram brasas sobre a cabeça de Davi, mas Deus faria o mesmo com eles (ver 11:6; 18:8; 120:4; Pv 25:22; Gn 19:24). Acabariam sendo queimados pelo fogo destruidor que haviam começado com a própria língua e cairiam nas covas que haviam aberto para Davi (v. 10; ver 7:15; 9:15; 35:7, 8; Pv 26:27). Caçavam Davi e colocavam armadilhas para ele, mas a seu tempo seriam caçados e perseguidos pelo mal (v. 11). “Sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32:23).

4. O QUE DEUS FAZ POR SEU POVO (SL 140:12, 13)

Lemos a história toda e, portanto, sabemos que Deus defendeu a causa de Davi, derrotou seus inimigos e cumpriu sua promessa de colocá-lo no trono de Israel. Davi fundaria uma dinastia que, por fim, traria ao mundo o Salvador. Escreveria quase metade dos salmos, expandiria e defenderia as fronteiras do reino e faria os preparativos necessários para a construção do templo. Davi foi um grande homem, pois confiou no Senhor! Mostrou-se grato a Deus por sua intervenção e tomou o propósito de viver de modo a glorificar o Deus de Israel. Nas palavras do próprio Davi: “O que a mim me concerne o SENHOR levará a bom termo” (138:8), e Deus honrou sua fé. Para o povo consagrado ao Senhor, o melhor ainda está por vir. Se nos

entregarmos a ele, Deus realizará o que tem planejado para nós e nos satisfará.

SALMO 141

Até mesmo uma leitura superficial dos Salmos 140 e 141 mostra que os dois são relacionados e que empregam vocabulário parecido – coração, língua, mãos, armadilhas, o justo e assim por diante. O inimigo perseguia Davi outra vez, e ele precisava de socorro imediato. Foi sugerido que Davi escreveu este salmo depois do episódio com Saul na caverna (1 Sm 24), mas naquela ocasião não se viu, de fato, em perigo. Outra possibilidade é que o tenha escrito quando estava longe do santuário durante a rebelião de Absalão. A vida é construída sobre o caráter, e o caráter é construído sobre decisões. Este salmo mostra Davi tomando várias decisões sábias ao enfrentar os ataques do inimigo.

1. “BUSCAREI A AJUDA DO SENHOR” (Sl 141:1, 2)

Sempre que o inimigo lhe causava problemas, a primeira coisa que Davi fazia era conversar com Deus. “O SENHOR é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O SENHOR é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?” (27:1). Davi era um homem de discernimento espiritual e sabia que poderia orar e adorar a Deus mesmo quando estava afastado do santuário e não havia sacerdote para assisti-lo (40:6-8; 50:8, 9; 51:16-17; Is 1:11-17; Jr 7:22, 23; Os 6:6; Mq 6:6-8; Mc 12:32, 33). No final de cada dia, um sacerdote israelita oferecia um holocausto no altar de bronze e queimava incenso no altar de ouro, mas Deus aceitou a oração e as mãos levantadas de Davi. O incenso costumava ser incluído no holocausto (ver Êx 30:1-10, 34-38; Lv 2:2) e é uma imagem da oração subindo ao Senhor (Ap 5:8; 8:4). As mãos de Davi estavam vazias, mas seu coração estava cheio de amor pelo Senhor e de fé em suas promessas. Tanto Esdras (Ed 9) quanto Daniel (Dn 9) oravam no horário em que eram oferecidos os sacrifícios do final do dia. Depois da construção do segundo templo, este salmo passou a ser lido na oferta dos

sacrifícios do final do dia e no momento em que as lâmpadas eram acesas no lugar santo.

2. “GUARDAREI MEU CORAÇÃO DO PECADO” (Sl 141:3, 4)

Para Davi, era extremamente tentador agir como o inimigo, mas ele sabia que isso era errado. Uma vez que o estavam difamando, por que não fazer o mesmo? Porém, o problema estava em seu coração, não em sua boca, de modo que orou pedindo um coração que não se mostrasse propenso a aprovar os pecados deles e imitá-los (Pv 4:23). Davi descreve sua tentação como “comer das iguarias” do inimigo (ver Pv 4:14-17). Quando paramos de crer e começamos a tramar, quando perguntamos: “Como posso sair dessa situação?” em vez de: “O que posso aprender com essa situação?”, os tempos de provação tornam-se tempos de tentação.

3. “ACEITAREI DE BOM GRADO O CONSELHO SÁBIO” (Sl 141:5)

A designação “o justo” também pode ser traduzida por “O Justo”, numa referência ao Senhor, mas isso não altera a mensagem. Quando nos sujeitamos à vontade de Deus, as dificuldades da vida passam a ser ferramentas que Deus usa para promover nossa maturidade. Muitas vezes, o Senhor envia pessoas para nos falar; as palavras podem nos magoar, mas não nos causam dano (Pv 9:8; 17:10; 19:25; 27:10). O rei Saul não deu ouvidos às repreensões e foi de mal a pior. No mundo antigo, os convidados de honra de uma refeição eram ungidos com óleo perfumado (Lc 7:44-46), mas Davi sabia que as iguarias e o óleo de seu inimigo eram apenas chamarizes nas armadilhas que haviam preparado para ele (vv. 9, 10). Davi preferia ser admoestado a ser ungido. Ao enfrentar os problemas e perigos da vida cristã, é importante dar ouvidos e seguir conselhos sábios.

4. “DEIXAREI QUE DEUS JULGUE MEUS INIMIGOS” (Sl 141:6-7)

Para muitos comentaristas e tradutores, estes dois versículos são um tanto confusos, mas tudo indica que sua mensagem geral é

clara. Davi continua orando pelos inimigos e vislumbra um dia em que Deus os julgará e defenderá a causa de seu servo (138:8; 140:12). Talvez o mais correto seja traduzir o tempo verbal da seguinte maneira: “Sejam os seus juízes precipitados [...] ouçam minhas palavras”. Lançar alguém de um penhasco era uma forma terrível de execução (2 Cr 25:12; Lc 4:29), mas, sem dúvida, Davi está usando linguagem metafórica, como faz nos versículos 1 a 5. Quando Deus tiver julgado os líderes, seus seguidores concordarão que as palavras de Davi eram retas, especialmente ao verem os ossos insepultos desses líderes alvejando no sol, depois de toda a carne ter sido removida pelas aves carniceiras. Se a terceira pessoa do plural, no versículo 7, se refere aos homens de Davi, é possível que se trate de uma descrição da disposição deles para morrer pela causa de seu líder e ser “lavrados”, sabendo que mais adiante isso redundaria numa colheita de justiça na terra. A imagem é semelhante àquela apresentada em 129:1-4. Porém, a primeira explicação parece mais adequada.

5. “PROSSEGUIREI PELA FÉ” (Sl 141:8-10)

Manter os olhos fixos no Senhor invisível significa viver pela fé em sua Palavra (Is 45:22; Hb 12:1, 2). Deus havia ungido Davi para ser rei de Israel, e nada além da desobediência de Davi frustraria esse plano. Ao contrário de Pedro quando caminhou sobre as águas na tempestade, Davi não desviou os olhos da fé de seu Senhor (Mt 14:22-33). Deus era o refúgio de Davi, tornando-o imortal até que tivesse concluído seu trabalho. Se Davi tivesse se preocupado com as armadilhas e laços ocultos preparados por seus inimigos, o medo o teria paralisado; porém, entregou-se ao Senhor e caminhou em segurança pelo campo de batalha. Sua declaração de fé aparece resumida em três palavras “me salvo incólume” (v. 10). Isso lembra a experiência de Jesus na sinagoga em Nazaré, quando o povo se irou de tal modo com sua mensagem que tentou atirá-lo de um penhasco, mas “passando por entre eles, [Jesus] retirou-se” (Lc 4:28-30). A vida continua, e

há um trabalho a ser feito, de modo que não devemos permitir que as situações difíceis nos paralisem, mas sim que nos encham de energia ao confiarmos no Senhor. As tribulações da vida não são motivo de ficarmos parados; antes, são oportunidades para nos apropriarmos das promessas de Deus e de experimentarmos seu poder miraculoso.

SALMO 142

Este é o último salmo atribuído a Davi que fala dos anos que passou fugindo de Saul (ver 7, 34, 52, 54, 56, 57 e 59). Não sabemos, ao certo, se seu “cárcere” (v. 7) era a caverna de Adulão (1 Sm 22) ou uma caverna em En-Gedi (1 Sm 24), mas fica claro que Davi estava em perigo, sentindo-se deprimido e abandonado. Porém, deu o exemplo daquilo que o povo de Deus deve sempre fazer em tempos de crise: buscar a ajuda do Senhor. Não sabia muita coisa sobre Saul e seus planos, mas conhecia Jeová e suas grandes promessas; por causa de sua fé nessas promessas, triunfou sobre seus sentimentos e seus inimigos.

1. O SENHOR OUVE NOSSAS ORAÇÕES (Sl 142:1, 2)

Davi não apenas clama ao Senhor em voz alta, mas também suplica fervorosamente com seu coração. Era um jovem piedoso, que servia ao Senhor e a seu rei, no entanto, se encontrava numa caverna, se escondendo feito um criminoso. Anos depois, Davi entenderia melhor que, durante aqueles anos que passou como fugitivo, Deus o estava preparando para o trabalho que realizaria pelo resto de sua vida. Naquele momento, porém, sua situação era desesperadora. Seus sentimentos estavam tão reprimidos dentro dele que Davi precisou “derramá-los” perante o Senhor (43:4; 62:8; sobrescrito de 102), juntamente a sua agitação interior (“queixa”). Deus conhecia a situação difícil de Davi melhor do que ele próprio, mas o Senhor determinou que nossas orações devem fazer parte de suas respostas providenciais. Quando precisamos de pão, nosso Pai celeste deseja que o busquemos e que lhe peçamos (Lc 11:9-13). O termo “tribulação” significa

“estar num lugar apertado, em apuros” (120:1; 138:7; 143:11). Davi descobriria que essas passagens estreitas e perigosas normalmente conduzem a lugares mais espaçosos e a maiores oportunidades (18:18, 19; 4:1; 25:17).

2. O SENHOR CONHECE NOSSAS CIRCUNSTÂNCIAS (SL 142:3, 4)

No versículo 3, o pronome muda da primeira para a segunda pessoa do singular (ver 23:4). Davi era um grande guerreiro, mas sentia-se sobrepujado e via seu espírito “esmorecer” dentro dele (77:3; 143:4; Jn 2:7; Lm 2:12). Porém, aquilo que a vida faz conosco depende daquilo que ela encontra em nós, e Davi era um homem com fé em seu coração. Acreditava que Deus lhe mostraria o caminho a seguir e que o protegeria nessa vereda. Um dia, olharia para trás e veria que a “bondade e misericórdia” de Deus o haviam acompanhado ao longo de toda a sua vida (23:6). Se havia armadilhas escondidas em seu caminho, o Senhor o guiaria e protegeria (140:5; 141:9). Não tinha um guarda-costas a seu lado direito, e ninguém parecia se preocupar se ele sobreviveria ou não, mas o Senhor se importava e estava a sua direita (16:8; 109:31; 110:5; 121:5). Sejam quais forem as circunstâncias a nosso redor ou os sentimentos em nosso interior, Deus cuida de nós (1 Pe 5:7). Podemos ter certeza de que está trabalhando a fim de que tudo coopere para a glória dele e para nosso bem (Rm 8:28).

3. O SENHOR SUPRE NOSSAS NECESSIDADES (SL 142:5-7)

Ele é nosso “refúgio e fortaleza” (46:1), portanto temos toda proteção de que precisamos. A caverna talvez fosse seu lar temporário, mas Davi sabia que o Senhor era sua Rocha e seu refúgio (90:1; 91:1, 2). Além disso, o Senhor era sua porção (16:5; 73:26), de modo que, na verdade, sua situação desesperadora não o privou de coisa alguma. No Senhor, sempre temos tudo de que precisamos. O Senhor era seu libertador e, em várias ocasiões, muitas vezes no último instante, Deus o livrou das mãos dos inimigos.

Enquanto Davi orava, percebeu que, na verdade, o que importava era o nome e os propósitos do Senhor, não sua segurança pessoal, conforto ou o reinado que Deus lhe havia prometido. Orou para ser liberto, a fim de que pudesse louvar a Deus e glorificá-lo. Esperava com ansiedade pelo dia em que a oração daria lugar ao louvor, e o povo se reuniria a seu redor para recebê-lo como rei. Seria uma jornada longa e difícil, mas o Senhor o aperfeiçoaria para aquilo que havia planejado para ele (138:8). Por fim, Davi foi liberto, e a nação unificou-se em torno dele e o recebeu como o seu escolhido por Deus. O Senhor provê a rei filhos em abundância (13:6; 116:7; 119:17; Ef 1:3). Quando nos deu Jesus Cristo, nos deu tudo de que podemos precisar.

SALMO 143

Este é o sétimo e último “salmo penitencial” (ver comentários sobre o Sl 6). Foi incluído principalmente porque Davi sentiu que precisava confessar os pecados que o estavam impedindo de desfrutar a ajuda e as bênçãos de Deus (vv. 1, 2). Davi havia concluído que o sofrimento pelo qual estava passando em função dos ataques do inimigo era, na verdade, a disciplina do Senhor, de modo que suplicou pela misericórdia divina. Por certo, o Senhor pode usar circunstâncias dolorosas para nos conduzir ao arrependimento, mas às vezes essas situações são “instrumentos” de Deus para nos polir e desenvolver, não para nos castigar. Neste salmo, Davi apresenta vários pedidos ao Senhor, mas todos podem ser resumidos em duas orações: “Ouve-me” (vv. 1-6) e “Responde-me” (vv. 7-12). Esse tipo de oração é um ótimo exemplo a ser seguido.

1. “OUVE-ME” – CONTAR A DEUS A NOSSA SITUAÇÃO (SL 143:1-6)

Davi baseou sua oração no caráter de Deus, em sua fidelidade e justiça, atributos que voltam a ser mencionados no versículo 11. Deus é justo em tudo o que faz, pois é santo e também fiel a sua aliança e a suas promessas. Rogamos em função desses mesmos atributos quando confessamos nossos pecados

ao Senhor e pedimos seu perdão (1 Jo 1:9). Ao se chamar servo de Deus (vv. 2, 12), Davi declara que é um filho da aliança e pode suplicar com base na Palavra de Deus. Declara, ainda, a própria pecaminosidade (130:3, 4; Jó 9:32; 22:4; ver também Rm 3:20 e Gl 2:16).

Depois de se concentrar no caráter de Deus e em suas próprias necessidades, Davi fala ao Senhor do sofrimento pelo qual está passando por causa dos inimigos. É bem provável que se trate de uma referência à perseguição implacável do rei Saul, durante os anos de exílio de Davi. Sua descrição vívida nos leva quase a sentir a dor de Davi e seus homens. Estavam arrasados, deitados numa cova escura como se fossem cadáveres (v. 7; 7:5; 74:20; 85:5, 6; Lm 3:6), tomados de um desânimo que havia feito seu coração desfalecer e envoltos num espírito deprimido, aterrorizado e desolado. Aqueles que pensam que o povo de Deus nunca tem dias sombrios e semanas difíceis, precisam meditar com atenção sobre esta passagem.

A situação ficava ainda pior quando Davi se lembrava dos bons “dias de outrora” (v. 5; ver 77:5, 11, 12). Será que se recordava dos dias tranquilos em que era pastor dos rebanhos do Pai? Mas um leão e um urso atacaram o rebanho (1 Sm 17:34-36), e, portanto, é possível que esses “bons tempos” não tenham sido assim tão bons! Será que se trata de uma recordação dos dias em que serviu na corte de Saul, tocando harpa para o rei paranóico e conduzindo seus soldados à vitória? Mas Saul tentou matar Davi e chegou a ordenar que seus homens o executassem. Na verdade, Davi se recordava das grandes obras de Deus registradas nas Escrituras – a criação (“obras das tuas mãos”), o chamado de Abraão, a peregrinação de Jacó, a vida de José (do sofrimento à glória), o êxodo do Egito e a conquista de Canaã. Davi possuía a própria versão de Hebreus 11 para encorajar sua fé. Transformou a caverna onde se encontrava no Santo dos Santos ao erguer as mãos esperançosamente ao Senhor em louvor e em adoração (ver 28:2; 44:20; 63:4; 77:2; 88:9; 141:2).

O texto hebraico do versículo 6 diz: “Minha alma – por ti”, pois não há verbo algum.

A imagem da terra seca sugere o verbo “ter sede” ou, ainda, a idéia de “ansiar”. A idéia é a mesma: as mãos de Davi estavam levantadas para Deus, pois ele ansiava pelo Senhor, tinha sede de se relacionar e de ter comunhão com ele (42:2; 63:1; 84:2; 107:9; Jo 7:37-39; Ap 21:6; 22:17). Quando estendemos as mãos para o Senhor, é porque, antes de tudo, ele estendeu a mão para nós.

2. “RESPONDE-ME” – AGUARDAR A RESPOSTA COM ESPERANÇA (Sl 143:7-12)

Quais eram as respostas que Davi aguardava com tanta ansiedade? Eram as mesmas que desejamos receber nos dias de hoje. Em primeiro lugar, *desejamos ver a face de Deus* (v. 7). Davi ouviu, em várias ocasiões, a bênção sacerdotal declarar que o rosto de Deus resplandeceria sobre seu povo e o abençoaria em sua graça (Nm 6:22-27), mas se Deus estivesse descontente, esconderia o rosto do povo (10:1; 13:1; 69:17; 102:2). Conhecer o esplendor de sua face significa andar na sua luz e desfrutar o sorriso de Deus em nossa vida, mas a ausência dessa bênção é como a morte em vida (28:1).

Também desejamos *ouvir a Palavra de Deus* (v. 8). Ao ver seu sorriso e ouvir sua voz, recebemos as forças de que precisamos para vencer o inimigo. Davi desloca-se das trevas (v. 3) para o amanhecer de um novo dia (5:3; 30:5; 59:16; 88:13; 130:6; 90:14). A Palavra o faz lembrar do amor inabalável de Deus, fortalece sua fé (Rm 10:17) e lhe dá direção no caminho perigoso que deve percorrer da caverna até a coroa.

Desejamos, ainda, *experimentar a proteção de Deus* (v. 9). Jeová era a “Rocha” de Davi (18:2, 31, 46; 19:14) e ele se escondeu “numa fenda da penha” (Êx 33:22). Ali ficou protegido dos inimigos. Nas palavras de um hino: “Deus das eras / Transpassado por mim / Deixa-me esconder em ti”. Também queremos *conhecer a vontade de Deus* (v. 10). O “bom Espírito” (Ne 9:20) de Deus nos ensina pela Palavra e nos mostra o caminho que devemos tomar (119:105). O conhecimento de Deus nos dá segurança em meio às dificuldades da vida e nos ajuda a prosseguir quando as coisas ficam difíceis. Por fim,

Deus responde à nossa oração nos ajudando a *glorificar seu grande nome* (vv. 11, 12). “Por amor do teu nome” foi a motivação central da vida e do ministério de Davi (ver 1 Sm 17:26, 36, 45-47). “Santificado seja o teu nome” é o primeiro pedido da oração do Pai Nosso e deve ser a motivação de todas as nossas orações. Davi sabia que tinha um trabalho importante a realizar para o Senhor e que dependia do Senhor para ajudá-lo a levar a cabo essa incumbência e honrar o nome de Deus.

SALMO 144

Davi escreveu este salmo para “bendizer ao SENHOR” (v. 1), glorificando a Deus por fazer dele um guerreiro e rei bem-sucedido e, também, para orar pedindo que o Senhor continuasse a abençoar seu povo. Estava preocupado com os perigos ao redor deles (vv. 6, 7, 11) e com as necessidades dentro da terra (vv. 12-14). Ao escrever este salmo, usou partes do Salmo 18, seu grande cântico de vitória quando se tornou rei, de modo que, talvez, o Salmo 144 tenha sido escrito nessa mesma época (1 Sm 5, 8). Durante os anos de exílio, Davi havia aprendido muita coisa a respeito de si mesmo e do Senhor. Neste salmo, dá testemunho de Jeová, o Deus de Israel, e lembra o povo de que seu Deus não é como os deuses de seus vizinhos.

1. O DEUS AMOROSO QUE CUIDA DE NÓS PESSOALMENTE (Sl 144:1-4)

Davi havia passado cerca de dez anos como fugitivo e havia reinado sobre Judá por sete anos e seis meses. Quando se tornou rei de todas as tribos e transformou Jerusalém em sua capital, já havia visto muitas batalhas e ainda teria outras tantas pela frente. Porém, Deus prepara e equipa seus líderes, de modo que Davi não temia o futuro (18:34, 45; 55:21; 78:9). (Para a imagem de Deus como Rocha e fortaleza, ver 18:2; como escudo, ver 3:3.) A expressão “minha misericórdia” também pode ser traduzida por “minha bondade” e “meu Deus amoroso” (ver 18:2, 47). A associação entre amor e guerra é incomum, mas o Salmo 97:10 diz: “Vós que amais o

SENHOR, detestai o mal”. Davi herdou doze tribos que nem sempre se entendiam; nos anos subseqüentes à morte do rei Saul, a rivalidade e os conflitos entre as tribos geraram inúmeros problemas. Porém, Deus promoveu a união política em Israel e deu a Davi a vitória sobre os inimigos de fora (18:47, 48).

O cargo e a reputação de Davi não lhe subiram à cabeça, pois ele pergunta: “Quem sou eu para que Deus faça isso por mim?” As declarações, nos versículos 3 e 4, trazem à memória 8:4, um lembrete necessário, especialmente quando pensamos que podemos lidar com a vida sem confiar em Deus. O termo hebraico traduzido por “sopro” é *habel*, nome de um dos filhos de Adão (Abel) – a mesma palavra traduzida 38 vezes por “ vaidade ” em Eclesiastes (ver também 39:4-6, 22; 62:9; 78:33; 94:11). A imagem da “sombra que passa” pode ser encontrada em 102:11, 109:23, Jó 8:9, 14:2 e Eclesiastes 6:12 e 8:13. Não temos poder algum sem o Senhor!

2. O DEUS PODEROSO QUE NOS LIVRA VITORIOSAMENTE (Sl 144:5-11)

Davi usou essas mesmas imagens em 18:8, 9, 14-17, 45 e 50. O povo de Israel não se esqueceu da aparição dramática de Deus no monte Sinai (Êx 19:15-25 e 20:18-21), mas aqui as montanhas e “muitas águas” parecem representar os inimigos de Israel (104:32; Is 8:7; 59:19; 64:1-5; Mq 1:4; Na 1:5; e Hb 3:10). Os “estranhos”, no versículo 7, são forasteiros que atacavam Israel. Alguns deles também tentavam se tornar parte do povo e causar problemas (v. 11). Contavam mentiras e faziam juramentos que não tinham intenção alguma de cumprir. Quando levantavam a mão direita para jurar, não passava de um gesto de dissimulação. Ao contemplar o poder e a misericórdia de Deus, Davi entoava um cântico novo ao Senhor (ver 33:3), pois havia experimentado a ajuda de Deus de uma nova maneira, tendo aprendido algo mais sobre o caráter maravilhoso do Senhor, e recomeçava como rei de Israel. O plural “reis” é uma referência aos sucessores de Davi.

3. O DEUS BONDOSO QUE NOS ABENÇOA ABUNDANTEMENTE (Sl 144:12-15)

Em momento algum Davi entrou em guerra simplesmente para conquistar territórios. Seu objetivo era defender a terra para que sua gente pudesse viver de modo pacífico e produtivo. O povo de Israel era o povo de Deus e tinha uma missão a cumprir aqui na Terra. Assim, era necessário que tivessem filhos (v. 12), que suas necessidades fossem supridas (v. 13) e que houvesse paz na terra (v. 14). Todas essas bênçãos lhes haviam sido prometidas na aliança de Deus (Dt 28:1-14), se o povo e seus governantes obedecessem às leis do Senhor. Davi menciona o lar e a família primeiro, pois a situação de uma nação é determinada pela situação de seus lares. Compara os filhos com plantas que crescem vigorosas (127:3-5; 128:3) e as filhas com belas e graciosas estátuas que podem sustentar edifícios. Em seguida, passa aos campos para contemplar colheitas abundantes e rebanhos se multiplicando, bênçãos que também fazem parte da aliança de Deus. Há mais de uma tradução possível para o versículo 14. As vacas “pejadas” estão prenhas ou carregando cargas pesadas por causa da produção farta dos campos? Trata-se do retrato de uma família de animais que dá à luz os filhotes sem perder nenhum deles ou Davi está descrevendo uma cena de batalha com o inimigo rompendo os muros e o povo gritando pelas ruas? Os “gritos de lamento” também podem ser uma expressão de tristeza ao ver o povo sendo levado cativo pelo inimigo. Em sua aliança com Israel, Deus prometeu vitória sobre os inimigos, paz, prosperidade e uma vida feliz. Infelizmente, a nação rebelou-se contra Jeová e perdeu todas essas bênçãos no cativeiro na Babilônia. “Bem-aventurado é o povo cujo Deus é o SENHOR!”, pois ele cuida de nós pessoalmente, nos livra vitoriosamente e nos abençoa abundantemente.

SALMO 145

Este salmo acróstico é o último do livro atribuído a Davi. A letra hebraica *nun* (nossa letra *n*) não aparece no versículo 14, apesar de algumas versões mais antigas, com base

na Septuaginta, terem um versículo que começa com *nun*. Esse é o único salmo chamado de “salmo de louvor”. Davi menciona sete atributos de Deus: sua grandeza (v. 3), sua graça, bondade e compaixão (vv. 8, 9), sua glória e poder (v. 11), sua justiça e benignidade (v. 17) e seu cuidado providencial (v. 20). Quem poderia deixar de louvar um Deus com essas características maravilhosas? Porém, além de nos dizer por que devemos louvar ao Senhor, Davi também nos diz como devemos louvá-lo.

1. LOUVAI A DEUS DIA APÓS DIA (Sl 145:1, 2)

No céu, louvaremos ao Senhor para sempre, mas agora é tempo de nos preparar ao louvá-lo a cada dia. Não importa quão sombrio e difícil seja o dia, sempre há motivos para louvar ao Senhor – ainda que seja pelo fato de não nos vermos sempre numa situação tão ruim! Nosso Universo funciona um dia de cada vez, à medida que os corpos celestes percorrem sua órbita ao redor do Sol, de modo que é tolice tentar viver dois dias de cada vez. “Como os teus dias, durará a tua paz” (Dt 33:25), e parte dessa paz vem de nosso louvor e gratidão ao Senhor.

2. LOUVAI A DEUS GERAÇÃO APÓS GERAÇÃO (Sl 145:3-7)

Uma das responsabilidades importantes das gerações mais antigas é transmitir às gerações mais jovens o conhecimento do Senhor. Quer reconhecamos quer não, toda igreja local está a apenas uma geração da extinção e devemos obedecer a 2 Timóteo 2:2 (ver 48:13; 71:18; 78:6; 79:13; 102:18; Êx 3:15; 12:14, 17, 42; Jz 2:10). Deus é grande demais para ser perscrutado pela mente humana (Is 40:28; Jó 5:9; 9:10; 11:7; Rm 11:33; Ef 3:8), mas nosso coração pode amá-lo e falar a outros de sua grandeza. O caráter de Deus e suas obras extraordinárias são inesgotáveis, e teremos a eternidade toda para continuar a aprender ainda mais! No entanto, Davi não está escrevendo apenas sobre teologia, mas também sobre o testemunho pessoal, aquilo que o Senhor tem feito em nossa vida. “Vinde, filhos, e escutai-me; eu vos ensinarei

o temor do SENHOR” (34:11). A geração mais velha deve olhar para trás e “divulgar a memória” da imensa bondade de Deus (v. 7). O termo traduzido por “divulgar” quer dizer “verter incessantemente como uma fonte borbulhante” (19:2; 59:7; 94:4; 119:17).

3. LOUVAI A DEUS NAÇÃO APÓS NAÇÃO (Sl 145:8-13A)

Davi sabia qual era sua teologia básica (v. 8; Ez 34:6; Nm 14:18; Ne 9:17), mas também sabia que essa verdade maravilhosa deve ser compartilhada com outros. Jonas também tinha esse conhecimento, mas se recusou a compartilhá-lo (Jn 4). O pronome “todos” é um termo-chave deste salmo. O Senhor é bom “para todos” (v. 9) e seu domínio permanece “por todas” as gerações (v. 13). Ele sustenta “todos os prostrados” (v. 14) e os olhos “de todos” voltam-se para o Senhor, esperando sua provisão (v. 15). Ele satisfaz a “todo vivente” (v. 16) e ajuda a “todos os que o invocam” (v. 18). Um dia, “toda carne” o louvará (v. 21). “A salvação vem dos judeus” (Jo 4:22), mas a mensagem da salvação não deveria ficar apenas entre os judeus. Não bastava o povo de Israel louvar a Deus e ensinar seus filhos a fazer o mesmo. Era seu dever compartilhar a verdade sobre o Senhor com seus vizinhos gentios e deixar sua luz brilhar (Is 42:6). O salmo começa com a declaração: “Exaltar-te-ei”, mas termina com “toda carne louve o seu santo nome” (v. 21). A Igreja de hoje tem uma responsabilidade e um privilégio semelhante. Todas as obras de Deus na criação o louvam ao redor do mundo, mas, por algum motivo, seu próprio povo não segue esse exemplo. Deus tem compaixão de todos – Deus ama o mundo perdido (Jo 3:16) – e guardamos essa verdade para nós mesmos! A glória e a maravilha do reino espiritual de Deus devem ser proclamadas em todas as nações e em todas as casas (observe que o v. 13 é citado em Dn 4:3).

4. LOUVAI A DEUS NECESSIDADE APÓS NECESSIDADE (Sl 145:13B-16)

Nosso grande Deus não é um “proprietário ausente”, que recebe o aluguel mas não conserta o telhado. Conhece todas as nossas

necessidades e está presente para ajudar aqueles que o invocam – os que caem, que estão carregando fardos pesados, que têm fome e, certamente, os que desejam ser salvos de seus pecados (At 2:21). Labutamos pelo pão de cada dia, mas tudo o que o Senhor precisa fazer quando ouve nossas súplicas é abrir a mão e prover tudo de que precisamos! “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5:7; ver 104:27, 28 e Mt 6:26).

5. LOUVAI A DEUS ORAÇÃO APÓS ORAÇÃO (Sl 145:17-21)

Esta parte do salmo enfatiza o clamor a Deus. “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4:2). Deus é justo, de modo que desejamos nos apresentar diante dele com mãos limpas e coração puro (66:18), mas Deus é também amoroso, de modo que devemos amá-lo e obedecer a ele. A oração não consiste apenas de uma criatura se dirigindo a seu Criador, nem de um servo se dirigindo a seu Senhor; é um filho falando com o Pai celestial, sabendo que há de prover tudo de que precisamos (Lc 11:1-13). Ele nos ouve, cuida de nós e supre todas as nossas necessidades (Fp 4:19). Quando responde a uma oração, devemos louvá-lo, e quando responde a outra oração, devemos louvá-lo novamente. Davi termina o salmo dizendo: “Profira a minha boca louvores ao SENHOR”, e cabe a nós seguir seu exemplo. Quanto aos perversos que Deus destrói, o mais triste é que não têm a quem agradecer quando recebem alguma bênção! Precisamos lhes falar sobre nosso Senhor maravilhoso que morreu por eles e que deseja salvá-los.

SALMO 146

Os cinco últimos salmos são os “salmos de Aleluia”, que voltam nossa atenção para o louvor ao Senhor. Este salmo começa com um voto de louvar a Deus por toda a vida. O salmo seguinte diz que é “bom e amável” louvar ao Senhor, e o Salmo 148 lembra que, ao louvar a Deus, juntamo-nos a toda criação, pois os céus e a terra o louvam. No Salmo 149, o povo de Deus é admoestado a adorar com alegria, e o último salmo diz

onde, por que e como “todo ser que respira” deve louvar ao Senhor. Esses cinco salmos são um curso rápido de adoração, e o povo de Deus de hoje deve dar ouvidos a sua mensagem. Os templos das igrejas estão se transformando em teatros religiosos, e os “cultos” são cada vez mais parecidos com *shows* de entretenimento. O autor deste salmo sabia que Deus não é apenas uma parte da vida, mas a própria essência da vida. Uma convicção que Paulo também possuía (Fp 1:21; Cl 3:4).

1. VIVER É LOUVAR A DEUS (SL 146:1, 2)

Deus nos dá a vida e a respiração (At 17:25), e, portanto, é mais do que certo usar essas dádivas para louvá-lo (150:6). Recebê-las e ignorar o Doador é a essência da idolatria. O salmista promete louvar a Deus todos os dias de sua vida, e, sem dúvida, essa é uma forma sábia de se preparar para louvá-lo por toda a eternidade (104:33). Ter uma vida de louvor é superar as críticas e queixas, é deixar de competir com os outros e de nos comparar com eles. É ser grato em tudo e por tudo (1 Ts 5:18; Ef 5:20) e crer, de fato, que Deus está fazendo com que tudo coopere para nosso bem (Rm 8:28). Uma vida de louvor não é cheia de ansiedade e de desânimo constante, pois nos concentramos no Senhor, mencionado onze vezes neste salmo.

2. VIVER É CRER EM DEUS (SL 146:3-6)

A maioria das pessoas confia nos “homens”, ou seja, em si mesmas e nos outros, em vez de crer no Senhor e de se colocar a serviço de Deus para realizar sua vontade (118:5-9; 44:4-8). Deus pode fazer por nós e por meio de nós aquilo que ninguém mais é capaz de realizar. Estes versículos indicam que uma das preocupações do salmista era que os líderes de Israel não fizessem alianças com os ímpios, buscando, antes, a ajuda de Deus. Começando com Abraão (Gn 12:10ss) e a geração do êxodo (Êx 14:10-14; 16:1-3; Nm 14:1-10), o povo de Israel voltou-se para o Egito em várias ocasiões em vez de confiar no Senhor, padrão que persistiu até os tempos de Isaías (Is 31) e Jeremias (Jr 2:18; 37:1-10; 42 - 43). Confiar na sabedoria e na força

humanas é depender daquilo que não pode durar, pois todos morrem, e as idéias brilhantes de um líder são substituídas pelas idéias não tão brilhantes de outro. No texto hebraico, o termo “homem” é *adam*, da palavra *adamah*, que significa “terra, pó”. Viemos do pó e para o pó voltaremos (Gn 3:19).

Muitos cristãos se perguntam se Deus está disposto a ajudar pessoas fracas e imperfeitas como nós. Ele é o “Deus de Jacó” (v. 5), título usado pelo menos doze vezes nos Salmos (ver 20:1; 24:6; 46:7, 11). Jacó estava muito aquém da perfeição, e, no entanto, Deus honrou sua fé e o ajudou nos momentos de necessidade. Jacó creu nas promessas de Deus, pois sua esperança estava no Senhor; porém, em várias ocasiões, dependeu das próprias manobras para tentar se livrar das dificuldades. A *bem-aventurança*, no versículo 5, é a última de vinte e cinco *bem-aventuranças* que aparecem nos Salmos, começando com 1:1. Porém, Jeová não é apenas o Deus de Jacó; também é o Deus “que fez os céus e a terra” (v. 6; 115:5; 121:2; 124:8; 134:3; Ed 5:11) e tem poder de agir em favor de seu povo. Quando oramos, nos aproximamos do trono do Universo para pedir a nosso Pai aquilo de que necessitamos. Por fim, ele é o Deus que “mantém para sempre a sua fidelidade” (v. 6). Israel o conhece como Deus da aliança, e os cristãos o conhecem como o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que deu início a uma nova aliança entregando sua vida na cruz. Podemos crer que Jeová cumpre sua Palavra.

3. VIVER É AMAR A DEUS (SL 146:7-9)

Esta lista dos ministérios que Deus, em sua graça, exerce para com as pessoas necessitadas tem como cerne a declaração: “o SENHOR ama” (v. 8). Ele ama a igreja (Ef 5:25), o mundo perdido (Jo 3:16) e seu povo, Israel (Dt 4:37), e a maior prova desse amor é a cruz (Rm 5:8). Nas palavras de Paulo: “[ele] me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2:20). Todos os pecados contribuem para gerar essa triste situação humana da qual Jesus tratou na cruz, mas sua existência na sociedade é prova de que este mundo está sendo governado pela lei do pecado e da

morte (Rm 5:12-21). Jesus revelou o amor de Deus ajudando pessoas famintas e doentes, aleijados, cegos, encurvados e todos os que, de algum modo, se encontravam desesperados (Lc 4:16-21; Is 61:1-3). Amamos a Deus porque ele nos amou primeiro (1 Jo 4:19), e se verdadeiramente amamos a Deus, também amaremos aqueles a quem Deus precisa ajudar e faremos todo o possível para socorrê-los (1 Jo 3:10-24; Tg 2:14-26). Viver em amor é muito mais do que desfrutar o amor de Deus por nós (Jo 14:21-24). Também é compartilhar o amor de Deus com outros. Talvez não sejamos capazes de realizar milagres para curar os aflitos, mas podemos ajudá-los de outras formas.

4. VIVER É REINAR COM DEUS (SL 146:10)

Essa declaração vem do cântico de vitória entoado por Israel no êxodo: "O SENHOR reinará por todo o sempre" (Êx 15:18). A afirmação "Reina o SENHOR" pode ser encontrada em 93:1, 96:10, 97:1 e 99:1. É impressionante saber que o Senhor soberano do Universo é nosso Pai celestial e que ele nos ama! Não apenas o Senhor reina sobre as nações (47:8) como nós também podemos "reinar em vida", por meio de Jesus Cristo, ao nos entregarmos a ele e andarmos no Espírito (Rm 5:17). Neste momento, estamos assentados com Cristo nos lugares celestiais (Ef 1:18-23; 2:4-10; Cl 3:1-4), e o trono do Universo é, para nós, um trono de graça (Hb 4:14-16). "Reinamos em vida" à medida que, pela fé, lançamos mão de nossos recursos espirituais em Cristo e, com ele, tomamos decisões e exercemos nosso ministério. Não precisamos esperar pela vinda do reino para começar a reinar com Cristo (Mt 19:28; Ap 22:5), pois a graça de Deus está reinando (Rm 5:20, 21) e somos capazes de reinar com Cristo em nossos dias (Rm 5:21). Então, podemos viver louvando a Deus, crendo em Deus e amando a Deus e, desse modo, glorificando o nome de Deus.

SALMO 147

Quando Neemias e seus colaboradores terminaram de reconstruir os muros de Jerusalém,

de restaurar as portas e de reassentar o povo, convocaram uma grande assembléia de celebração e de consagração, e é bem provável que este salmo tenha sido escrito para essa ocasião (vv. 2, 12-14; Ne 12:27-43). O verbo "congregar", no versículo 2, é usado no original em Ezequiel 39:28 ("juntar") com referência ao regresso dos cativos a Judá, e o termo "dispersos", também no versículo 2, é usado para esses exilados (Ne 1:9). Uma das características singulares deste salmo é o grande número de verbos no presente do indicativo - "edifica, sara, conta, ampara" e assim por diante -, sendo que todos eles mostram a atuação constante e dinâmica do Senhor em favor de seu povo. O salmo apresenta três motivos pelos quais devemos louvar ao Senhor, e cada sessão é marcada pela injunção de louvá-lo (vv. 1, 7 e 12).

1. LOUVAI AO SENHOR - SEU POVO FOI RESTAURADO (SL 147:1-6)

Os medos e os persas tomaram a Babilônia em 539 a.C., e, em 537 a.C., Ciro publicou um decreto permitindo que os judeus voltassem a sua terra. Liderados por Zorobabel, um grupo numeroso de exilados voltou a Judá no ano seguinte, e o templo foi reconstruído. Neemias chegou em 444 a.C. para restaurar os muros e as portas de Jerusalém. Tanto Isaías quanto Jeremias haviam previsto o cativoiro dos judeus, bem como sua libertação e regresso, e, como sempre, a Palavra profética de Deus mostrou-se verdadeira. Porém, o salmista não se atém a mencionar o acontecimento; também observa o modo como o Senhor cuidou ternamente de seu povo. Muitos perderam entes queridos na invasão e durante o cativoiro na Babilônia, e todos voltaram a uma terra devastada e a casas arruinadas. Não é de se admirar que estivessem quebrantados (34:18; Is 61:1). As "feridas" (v. 3) não estavam no corpo, mas sim no coração, pois muitos haviam se arrependido e confessado seus pecados ao Senhor, e, por meio da Palavra, Deus lhes deu o consolo de que precisavam (107:20; Is 40). Nosso Deus é tão grande que conhecia cada uma daquelas pessoas e cada uma de suas necessidades (Jo 10:14, 27, 28). O Deus das galáxias, que sabe

o nome de cada estrela, também é o Deus que cura o coração quebrantado de seu povo (Lc 4:16-21). Edifica Jerusalém e ampara seu povo, pois nada é difícil demais para ele (ver 20:8; 146:9 e Is 40:26-29).

2. CANTAI AO SENHOR – A TERRA FOI REVIGORADA (Sl 147:7-11)

Os exilados voltaram a uma terra que havia permanecido devastada pela guerra durante sete décadas e precisavam das primeiras e das últimas chuvas a fim de obter uma colheita. O Senhor juntou as nuvens sobre a terra e derramou sua chuva vivificadora sobre as sementes recém-plantadas. Fez até a relva crescer nas montanhas onde ninguém havia semeado! Alimentou as feras do campo para que não atacassem as pessoas e enviou comida até para os filhotes barulhentos dos corvos (ver 104:1-24). Os antigos acreditavam que os filhos dos corvos eram abandonados pelos pais e precisavam encontrar o próprio alimento (Lc 12:24). Era essencial que os homens e seus animais domésticos tivessem saúde, para que pudessem trabalhar na colheita, alimentar e prover o sustento para si mesmos e suas famílias. Mas, por mais importante que fosse trabalhar e colher, o mais essencial de tudo era confiar no Senhor, temer e agradar a ele, enquanto contemplava a devoção e obediência de seu povo (33:16, 17; 146:3, 4; Mt 6:33). É extraordinário e assustador pensar que podemos dar prazer ao coração do Pai celestial (35:27; 37:23; 149:4).

3. EXALTAI AO SENHOR – A PALAVRA FOI REVELADA (Sl 147:12-20)

A Palavra profética de Deus permitiu a reconstrução de Jerusalém (Ne 3:3, 6, 13-15; 7:1-4; Lm 2:9), e, em seguida, o Senhor acrescentou sua bênção sobre a cidade e seu povo. Na língua hebraica, o termo “paz” (*shalom*) é muito mais do que a ausência de guerra. Descreve bem-estar absoluto, inclusive prosperidade material, saúde física e espiritual. Paz nas fronteiras significava paz para a nação como um todo, pois os invasores tinham de atravessar as fronteiras antes de atacar. Fronteiras tranquilas, muros fortificados, portões

trancados – a soma de todas essas coisas resultava em proteção e segurança. Por causa de sua desobediência, a nação havia perdido seu direito de desfrutar “o melhor do trigo” (81:16; Dt 32:13, 14), mas o Senhor voltaria a dar a seu povo o que havia de melhor. Afinal, o Senhor controla o tempo com uma só palavra (33:9) e pode fazer o que bem lhe aprouver. As tempestades de granizo e de neve são muito raras na Terra Santa, exceto nos lugares mais altos, mas a Palavra de Deus cumpre os propósitos divinos. A Palavra traz o inverno e, depois, a primavera, pois toda a criação obedece à vontade do Senhor.

Esse fato prepara o caminho para a última tônica do salmo: Deus deu sua Palavra a Israel, e seu povo deve obedecer a ela como a criação lhe obedece (vv. 19, 20; Dt 4:7, 8, 32-34; Rm 3:1, 2; 9:4). Que grande privilégio para o povo de Israel ser portador da Palavra Sagrada de Deus e compartilhá-la com o mundo! Depois da queda de Jerusalém, Jeremias escreveu: “Já não vigora a lei” (Lm 2:9), mas a Palavra de Deus não foi destruída com a cidade e o templo. A Palavra de Deus permanece para sempre (1 Pe 1:25). A Igreja é abençoada por ter a Palavra de Deus, mas devemos obedecer a ela e compartilhá-la com o mundo perdido. A nação de Israel era extremamente zelosa em sua tarefa de proteger os manuscritos da Palavra de Deus, e seus estudiosos contavam cuidadosamente todas as suas letras e palavras, mas não olhavam além do texto de modo a ver a verdade ensinada (Jo 5:38-40). Quando seu Messias veio, não o reconheceram (Jo 1:26; 1 Co 2:6-12). Como é fácil pregar o respeito da Palavra de Deus, encaderná-la com uma capa sofisticada de couro e explicá-la com anotações minuciosas e, *no entanto, não obedecer ao que ela ordena que façamos!* Como disse o evangelista D. L. Moody: “Toda Bíblia deve ser encadernada com couro de sapato”, ou seja: “A fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2:14-26).

SALMO 148

O verbo “louvar” é usado 13 vezes nos 14 versículos deste salmo, que começa nos mais altos céus e encerra na minúscula nação de

Israel. Se há um salmo que revela a glória e a majestade da adoração ao Senhor é este, pois apresenta dimensões cósmicas e, ao mesmo tempo, propósitos extremamente pessoais. É difícil entender como alguém pode banalizar o privilégio e a responsabilidade de adorar depois de refletir sobre esse salmo.

1. OS CÉUS LOUVAM AO SENHOR (Sl 148:1-6)

Não louvamos um deus feito na terra; antes, louvamos o verdadeiro Deus vivo que reina dos mais altos céus, o Deus que criou todas as coisas. Salomão estava certo quando disse: “Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter” (1 Rs 8:27; ver Dt 10:14; Ne 9:6; 2 Co 12:2). As “legiões celestes” incluem os anjos (103:20, 21), as estrelas e planetas (Dt 4:19), sendo que todos louvam ao Senhor. Ele é “o Senhor dos Exércitos” (Rm 9:29; Is 1:9; Tg 5:4). As Escrituras apresentam algumas descrições da adoração no céu (Is 6; Dn 7:9, 10; Ap 5:11-14) e nos advertem a não adorar os anjos (Cl 2:18; Ap 22:8, 9). O Sol, a Lua e as estrelas também louvam a Deus ao fazer simplesmente aquilo que ele lhes ordena (8:1-3; 19:1-6; 89:36, 37; 136:7-9). Não podemos ver os anjos no céu, mas podemos ver os corpos celestes durante o dia e a noite, e eles nos mostram que existe um Deus e que ele é poderoso, glorioso e sábio (Rm 1:18-20). As nações pagãs adoravam a criação em vez do Criador, e em várias ocasiões Israel caiu nesse mesmo pecado. As águas acima e abaixo do firmamento remetem a Gênesis 1:6, 7 e 7:11; ver também 104:3. Por que as “legiões celestes” devem louvar ao Senhor? Pelo simples fato de que ele as fez e lhes deu o privilégio de servi-lo e também a seu povo e de glorificar seu nome. Temos muitos motivos mais para louvá-lo, no entanto com frequência não o fazemos.

2. A TERRA LOUVA AO SENHOR (Sl 148:7-13)

As criaturas marinhas das profundezas do oceano abrem a lista (104:6; Gn 1:21), seguidas das demonstrações do poder de Deus na atmosfera (107:25), o que nos faz lembrar o

salmo de Davi sobre a tempestade (29). É bem provável que o “fogo”, no versículo 8, seja uma referência aos relâmpagos, apesar de certos estudiosos acreditarem que se trata de erupções vulcânicas. Na Terra Santa, relâmpagos e raios são, com frequência, acompanhados de chuvas de granizo. Para nós, as tempestades são imprevisíveis e parecem descontroladas quando causam danos graves, mas temos a garantia de que estão cumprindo a vontade de Deus. Em seguida, o salmista passa do mar e da atmosfera para a terra, onde Deus colocou alguns tipos de árvores para dar alimento e outros para serem usados em construções; animais selvagens e domésticos, criaturas pequenas (“répteis da terra”) e aves. Porém, as criaturas mais sublimes da criação de Deus são o homem e a mulher, pois foram criados à imagem de Deus (Gn 1:26-28). Assim, a humanidade é a parte da criação de Deus com mais motivos para louvar ao Senhor, uma vez que temos o privilégio de conhecer a Deus de maneira mais íntima e a promessa de que, um dia, seremos como Cristo. Os anjos se regozijam quando os pecadores são salvos, mas não podem experimentar a graça de Deus (Lc 15:7, 10). Perguntamo-nos quantos líderes mundiais separam um tempo específico para agradecer e louvar a Deus. Seja homem ou mulher, jovem ou velho, famoso ou anônimo, todos podem conhecer o Senhor e louvá-lo. *Sabemos seu nome!* Que grande privilégio ser um filho do Rei!

3. O POVO DE ISRAEL LOUVA AO SENHOR (Sl 148:14)

Quando o Senhor trouxe os cativos de volta do exílio na Babilônia, ele “[exaltou] o poder do seu povo”. Essa oração não pode ser uma referência à dinastia do rei Davi, pois esta chegou ao fim quando Zedequias foi preso, de modo que o remanescente que regressou não tinha rei. No entanto, tinha uma nação, um templo e um sacerdote e havia preservado a Palavra sagrada que o Senhor lhes dera por intermédio de seus profetas (147:19, 20). Mas Lucas 1:69 permite aplicar esse conceito a Jesus Cristo, o Filho de Davi, a única pessoa qualificada a se assentar no trono de

Davi (Lc 1:30-33). "Porque a salvação vem dos judeus" (Jo 4:22), e os judeus ainda são um povo precioso para o Senhor (Êx 19:6; Nm 16:5; Dt 4:1-8).

Ao reler este salmo pensando em Jesus, podemos ver como ele é maior do que qualquer coisa ou pessoa mencionada, pois é o Criador de todas as coisas (Jo 1:1-3; Cl 1:16, 17). É o "Príncipe do exército do SENHOR" (Js 5:14), o "Sol da Justiça" (Ml 4:2; Lc 1:78) e a "Estrela da Manhã" (Ap 22:16). Quando estava ministrando aqui na terra, mostrou seu poder sobre as tempestades (Mt 8:23-27; 14:23-33), as árvores (Mt 21:18-22) e os animais domésticos e selvagens (Mc 1:13; 11:1-3). Está muito acima dos anjos (Hb 1; Ef 1:18-23 e 3:10, 11). Revelou o nome do Pai (Jo 17:6) e glorificou esse nome em tudo o que foi, disse e fez (Jo 1:14; 2:11; 11:4, 40; 12:28; 14:13; 17:4). Jesus tem primazia sobre todas as coisas (Cl 1:18).

SALMO 149

Tudo o que o povo de Deus faz ao servir e glorificar ao Senhor deve vir da adoração, pois sem Deus não podemos fazer coisa alguma (Jo 15:5). A atividade mais importante da Igreja é a adoração a Deus; é isso o que continuaremos a fazer no céu por toda a eternidade. Este salmo é um pequeno manual sobre adoração e nos dá quatro instruções básicas de que precisamos.

1. ADORAI AO SENHOR COM INTELIGÊNCIA (Sl 149:1, 2)

A adoração é algo que devemos aprender a fazer, um aprendizado que se estende por toda a vida. Nos momentos de adoração conjunta, os santos ministram uns aos outros (Ef 5:19; Cl 3:16), mas o foco principal de nossa atenção deve ser o Senhor. Sem dúvida, podemos e devemos adorar o Senhor quando estamos sozinhos (v. 5), mas não devemos abrir mão da comunhão com os santos (Hb 10:25). Como membros do corpo de Cristo (1 Co 12:12, 13, 27), pertencemos uns aos outros, afetamos a vida uns dos outros e precisamos uns dos outros. Precisamos tanto dos hinos mais antigos quanto dos cânticos novos (ver comentário sobre 33:3), o que

indica um equilíbrio inteligente na adoração. A família da igreja tem membros jovens e idosos, recém-convertidos e cristãos maduros (1 Tm 5:1, 2; Tt 2:1-8; 1 Jo 2:12-14), e ninguém deve ser preterido. Os hinos tradicionais dão testemunho da firmeza de nossa fé, mas os cânticos mais novos mostram que estamos amadurecendo na fé à medida que crescemos no conhecimento da Palavra e na graça de Deus (2 Pe 3:18). Uma fé mais madura exige expressões mais maduras de adoração, da mesma forma que um casamento mais maduro exige novas expressões de devoção, mas não abandonamos as coisas mais antigas para ficar só com as novidades. "Deixemo-nos levar para o que é perfeito" (Hb 6:1). A fim de ser cristãos equilibrados, precisamos aprender a integrar o antigo e o novo (Mt 13:51, 52). Devemos andar no Espírito (Ef 5:18-21) e crescer no conhecimento da Palavra (Cl 3:16), aprendendo novas verdades sobre antigas verdades, passando por novas experiências e recebendo novas bênçãos de ambas.

Como Israel, a Igreja pode dizer: "Deus é nosso Criador e Rei!" (ver 95:6; 100:3; 10:16; 24:7-10; Ef 2:10; Ap 15:3; 19:16). A forma como nos criou é sua dádiva para nós, e o que fazemos com isso é nossa dádiva para ele. Devemos nos lembrar de que viemos do pó, mas pela graça de Deus somos destinados à glória! "Breve, muito breve / Estaremos vendo nosso Rei", como diz um hino.

2. ADORAI AO SENHOR COM FERVOR (Sl 149:3, 4)

O povo de Israel era bastante expressivo e usava instrumentos musicais, cânticos e danças em seu culto ao Senhor. É evidente que as danças daquela época eram diferentes das danças de salão e das danceterias de hoje. Eram expressões de caráter interpretativo que apontavam para o Senhor, não para o talento dos dançarinos (ver Êx 15:20; Jz 11:34; 1 Sm 18:6; Jr 31:4). Não encontramos evidência alguma de que a Igreja do Novo Testamento usasse a liturgia judaica do templo como modelo para seus cultos. Ao que parece, tomaram como exemplo os cultos nas sinagogas locais, com ênfase na oração, leitura da

Palavra, exposição, exortação e o cântico de hinos. No entanto, é importante não confundir fervor espiritual com efervescência carnal. Existem adoradores verdadeiros e falsos (Jo 4:22-24; Cl 2:16-23), e algumas pessoas que acreditam estar cheias do Espírito, na verdade, estão sendo enganadas por espíritos. Levar fogo falso para dentro do santuário pode ser fatal (Lv 10:1-11). Nosso propósito não é agradar a nós mesmos nem demonstrar como somos “espirituais”. Nosso propósito é agradar ao Senhor (147:11), e uma das virtudes que alegram o coração de Deus é a humildade (Is 66:1, 2). O Senhor concede beleza espiritual àqueles que o deleitam com sua adoração. A adoração deve ser bela, pois estamos contemplando a beleza do Senhor (27:4; 29:2; 90:17; 96:9) e nos tornando mais semelhantes a ele (2 Co 3:18). A adoração deve se concentrar em Deus, não em nós, e deve promover crescimento, não o entretenimento. A verdadeira adoração pode nos ajudar a experimentar a libertação da escravidão do pecado e do mundo.

3. ADORAI AO SENHOR COM GRATIDÃO (Sl 149:5)

A “glória” à qual este versículo se refere é o privilégio de adorar o verdadeiro Deus vivo. Deus deu sua Palavra e sua glória à nação de Israel (147:19, 20; Rm 9:1-5), e tanto uma quanto a outra foram transmitidas à Igreja (Jo 17:8, 14, 22). Quando a adoração particular do cristão e o culto na igreja tornam-se rotineiros, o Espírito se entristece e a bênção desaparece. A adoração deve ser tão importante para nós a ponto de cantarmos até mesmo quando estamos na cama! O termo usado é “leito” e pode se referir a alguém reclinado junto à mesa ou descansando na cama. Podemos alegrar o Senhor com nosso cântico à mesa ou na cama. Em vez de um leito “nadando em lágrimas” (ver 6:6), teremos um leito cheio de “canções de louvor durante a noite” (Jó 35:10; ver 42:8; 77:6). Mesmo quando estamos na cama por causa de alguma enfermidade, podemos olhar para Deus e adorá-lo. Sem o louvor particular não passamos de hipócritas nos cultos em comunidade.

4. ADORAI AO SENHOR COM GRANDE JÚBILLO (Sl 149:6-9)

O Livro de Apocalipse deixa claro que a guerra e a adoração andam juntas.² Satanás sempre quis ser adorado (Is 14:12-15) e está disposto a pagar por isso (Mt 4:8-11). Sempre trabalha para seduzir o mundo a lhe prestar culto (Ap 13), pois não se importa se as pessoas são “religiosas”, desde que deixem Jesus Cristo e a mensagem do evangelho de fora. Nos últimos anos, infelizmente, algumas denominações têm eliminado os “hinos militantes” de seus hinários e cultos. Quer gostemos desse fato quer não, a Igreja é um exército, este mundo é um campo de batalha e há uma luta em andamento pela alma dos pecadores (Mt 16:17, 18; Ef 6:10ss; 2 Tm 2:3, 4; 2 Co 10:3-5). Jesus Cristo, o Príncipe da Paz (Is 9:6), também é o Guerreiro Conquistador (45:3-7; Ap 19:11-21), e, como os trabalhadores no tempo de Neemias, devemos ter tanto ferramentas para construir quanto espadas para lutar (Ne 4:17, 18). Nossas armas são a oração, a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus (Ef 6:17; Hb 4:12), e os hinos de louvor ao Senhor. A adoração é um ato de guerra, pois somos soldados que cantam! Jesus Cristo cantou antes de ir para a cruz e de lutar contra o mal (ver Mt 26:30; Jo 12:31, 32; e Cl 2:13-15).

Deus declarou por escrito que o “dia do Senhor” virá e será um dia em que ele julgará o mundo que rejeitou Cristo e que escolheu adorar Satanás (Ap 6 - 19). O povo de Deus parecerá ter perdido a guerra, mas no final conquistará o inimigo e reinará com Cristo (Ap 19:11ss). Hoje, a espada pertence ao governo humano e a seus representantes (Rm 13) e não é empunhada pelos servos de Deus (Jo 18:10, 11, 36, 37). Mas o dia do Senhor virá “como ladrão de noite” (1 Ts 5:2ss), e, então, Cristo será aquele que “cinge a espada no [seu] flanco [...] e nessa majestade cavalga prosperamente” (45:3-5). Enquanto esse dia não chega, a Igreja deve adorar com seriedade e se conscientizar de que a adoração é parte da guerra espiritual do cristão. Ignorar ou banalizar a adoração, transformá-la em entretenimento ou em rotina é fazer exatamente o que o inimigo deseja. É uma

grande honra servir no exército daqueles que adoram ao Senhor!

SALMO 150

Ao ler e estudar os salmos, nos deparamos com alegrias e tristezas, com lágrimas e tribulações, com dores e prazeres, *mas o Livro de Salmos termina com o mais excelso louvor!* Assim como o Livro de Apocalipse, que encerra o Novo Testamento, este último salmo diz ao povo de Deus: “não se preocupem – é assim que a história vai terminar. Estaremos todos louvando ao Senhor!” O verbo “louvar” é usado treze vezes neste salmo, e em dez dessas ocasiões é de caráter *imperativo*: “Louvai”. Cada um dos quatro Livros anteriores de Salmos termina com uma bênção (41:13; 72:18, 19; 89:52; 106:48), mas este último Livro termina com um salmo inteiro dedicado ao louvor. Seguindo a mesma linha do Salmo 149, ele apresenta um resumo dos elementos essenciais da verdadeira adoração.

1. O OBJETO DA ADORAÇÃO: O SENHOR (SL 150:1A, 6B)

Hallelu Yah – aleluia – “Louvai ao SENHOR!”. Jeová (ou *Yah*, de *Iavé*) é o nome do Senhor na aliança. Esse nome lembra que o Senhor nos ama e, em sua aliança, comprometeu-se a nos salvar, guardar, cuidar de nós e, no devido tempo, nos glorificar, graças ao sacrifício de seu Filho, Jesus Cristo, na cruz. A nova aliança não foi selada com o sangue de sacrifícios de animais, mas sim com o precioso sangue de Cristo. “Deus” é o nome que se refere ao poder do Senhor (*El, Elohim*), o que lembra que ele é capaz de cumprir tudo o que promete. O foco da adoração não é o adorador e suas necessidades. O objeto da adoração é Deus, seu poder e sua glória. Sem dúvida, levamos nossos fardos e necessidades conosco ao santuário (1 Pe 5:7), mas concentramos nossa atenção no Senhor.

2. OS LUGARES DE ADORAÇÃO: O CÉU E A TERRA (SL 150:1B)

O “firmamento” é a vastidão do céu (11:4; 148:1; Gn 1:6), onde os anjos e os “espíritos dos justos aperfeiçoados” (148:1-7; Hb 12:23)

adoram ao Senhor. O “santuário” era o tabernáculo ou templo de Israel, onde os sacerdotes e levitas dirigiam o povo no louvor a Deus. Sabemos que o Senhor não vive nos edifícios que projetamos e construímos (At 7:48-50; 17:24,25), mas não há nada de pecaminoso em separar um lugar totalmente dedicado à adoração do Senhor. A Igreja primitiva reunia-se no templo, em cenáculos, nas casas de seus participantes e até mesmo em sinagogas, e, quando começaram a ser perseguidos, passaram a encontrar-se em cavernas e em catacumbas. As pessoas que não participam de cultos públicos, usando como desculpa o fato de “adorarem a Deus na natureza”, precisam ser lembradas de que o Deus da natureza revelou-se em Jesus Cristo e ordenou que nos reuníssemos com outros cristãos (Hb 10:25). Podemos elevar nosso coração ao Senhor em qualquer lugar que estivermos, pois nosso Deus enche os céus e a Terra.

3. OS TEMAS DA ADORAÇÃO: OS FEITOS E ATRIBUTOS DE DEUS (SL 150:2)

O Antigo Testamento é um registro dos “poderosos feitos” de Deus em favor de Israel, seu povo escolhido. Dentre esses feitos, os mais notáveis são o êxodo do Egito, a conquista da Terra Prometida, a expansão do reino de Davi, a libertação dos judeus da Babilônia e a restauração de Israel como nação. Nos quatro Evangelhos, vemos os feitos de Deus realizados pelas mãos de Jesus Cristo, o Filho de Deus, enquanto em Atos e nas Epístolas, temos um relato dos poderosos feitos do Espírito Santo, realizados por meio do povo de Deus. Aquilo que Deus faz revela seu caráter – sua santidade, seu amor, sua sabedoria, seu poder, sua graça e assim por diante – aquilo que o salmista chama de “sua muita grandeza”. A nação de Israel possuía um calendário de festas especiais que ajudavam o povo a lembrar quem Deus era e o que ele havia feito (Lv 23), e não há nada de errado em ter um calendário semelhante nas igrejas para os grandes acontecimentos no ministério de Cristo. Porém, devemos cuidar para não deixar que o uso rotineiro do calendário torne-se mais importante do que

o significado dos dias, ou que a observação desses dias seja considerada um meio para alcançar a salvação (Rm 14:1 - 15:13; Gl 4:8-10; Cl 2:16, 17). Não podemos sondar as profundezas de tudo o que Deus é ou de tudo o que ele faz (106:2; 145:4, 11, 12). Por isso, nunca ficaremos entediados em nossa adoração eterna a Deus!

4. OS MEIOS DE ADORAR: INSTRUMENTOS MUSICAIS E VOZES (Sl 150:3-6)

Quando usada corretamente pela graça de Deus e para sua glória, a voz humana é o instrumento musical mais perfeito do mundo, mas não encontramos proibição alguma nas Escrituras para o uso de instrumentos feitos pelo homem na adoração a Deus. No céu, serão usados instrumentos (Ap 5:8; 8:6-12), e também haverá cântico (Ap 5:9-14; 6:12; 11:16-18; 15:1-4; 16:5-7; 19:1-9). Ao que parece, o salmista descreve uma orquestra constituída de instrumentos de corda,

percussão e sopro. O *shofar* era uma trombeta ou chifre de carneiro usado pelos sacerdotes e levitas (47:6; 98:6) com a harpa e a lira ou o "saltério" (1 Cr 25:1). É bem provável que o "adufe" fosse o instrumento que conhecemos hoje como tamborim. Costumava ser tocado por mulheres como acompanhamento de suas danças sacras (Êx 15:20, 21). Há dois tipos de címbalos, sendo que os pequenos ("sonoros") emitem um som mais límpido e os maiores ("retumbantes") emitem um som mais forte. O último versículo resume tudo. Não importa se você toca um instrumento musical ou não, onde você mora, qual é sua origem étnica, se é homem ou mulher, jovem ou velho: "Todo ser que respira louve ao SENHOR!" Afinal, essa respiração vem do Senhor (At 17:25), e se coisas que não têm fôlego de vida podem louvá-lo (148:8, 9), certamente nós também podemos!

Louvado seja o Senhor!

1. Alguns estudiosos associam o termo "degraus" aos quinze degraus do relógio de sol do rei Ezequias (Is 38:8; 2 Rs 20:9,10). Ver J. W. Thirtle, Morgan & Scott, *Old Testament Problems*, 1916; Apêndice 67 de *The Companion Bible*; e J. Sidlow Baxter, *Mark These Men*, capítulo 10. Pode-se observar alguns paralelos interessantes entre Isaías 36 - 38 e os Salmos 120 - 134, mas os estudiosos evangélicos modernos não aceitam a teoria interessante de Thirtle.
2. Ver os capítulos 13 - 15 de minha obra *Real Worship: Playground, Battleground or Holy Ground?* [Adoração Verdadeira: Parque de Diversões, Campo de Batalha ou Campo Santo?] (Baker Books) para uma discussão mais detalhada do desejo de Satanás de ser adorado.

PROVÉRBIOS

1

NÃO SE CONTENTE EM GANHAR A VIDA: VIVA!

INTRODUÇÃO AO LIVRO DE PROVÉRBIOS

Minha esposa, Betty, é a “piloto” de nossa família. Há mais de quarenta anos, dependo dela para planejar nossas viagens ministeriais e, de vez em quando, nossas férias, bem como para me dar as indicações de para onde devo ir quando estou dirigindo. Ela sabe que não tenho um bom senso de direção e que já me perdi a apenas alguns quilômetros de casa. Mas o Senhor a criou com um “radar embutido”, e aprendi a confiar nela, quer estejamos numa cidade grande, numa savana na África ou numa cidadezinha do interior na Inglaterra.

Preciso de um “radar espiritual” desse tipo para me guiar quando estou embarcando numa “jornada de estudo” a um livro da Bíblia. Quem provê esse radar é o Espírito Santo, que nos conduz à verdade de Deus (Jo 16:13), e, se permitirmos, o Espírito nos guardará de seguir por desvios inúteis. Se começo minha jornada respondendo a algumas perguntas básicas sobre o livro que estou estudando, o Espírito Santo me encontra

mais preparado para seu ministério de ensino. As perguntas que costumo fazer a mim mesmo são:

- (1) Qual é o tema central do Livro de Provérbios?
- (2) Quem escreveu o Livro de Provérbios e como ele foi escrito?
- (3) Qual é o versículo-chave que nos ajuda a desvendar a mensagem deste livro?
- (4) O que este livro diz sobre Jesus Cristo?
- (5) O que devo fazer para tirar o máximo de proveito deste livro?

Prepare-se para a viagem pelo Livro de Provérbios respondendo a estas cinco perguntas.

1. QUAL É O TEMA CENTRAL DO LIVRO DE PROVÉRBIOS?

Essa pergunta pode ser respondida com uma palavra: *sabedoria*. Em Provérbios, as palavras *sábio* e *sabedoria* são usadas pelo menos 125 vezes, pois o objetivo do livro é nos ajudar a *adquirir* e a *colocar em prática* a sabedoria de Deus nas decisões e atividades da vida diária.

O Livro de Provérbios pertence ao que os estudiosos chamam de “literatura de sabedoria” do Antigo Testamento, a qual também inclui Jó e Eclesiastes.¹ Os escritores desses livros debateram-se com algumas das perguntas mais difíceis da vida ao procurar compreender os problemas existenciais do ponto de vista de Deus. Afinal, só porque somos cristãos, isso não significa que guardamos o

cérebro numa gaveta e deixamos de pensar. O Senhor espera que nos esforcemos intelectualmente e que nos dediquemos com seriedade a refletir enquanto estudamos sua Palavra. Devemos amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e mente (Mt 22:37).

A sabedoria era um bem importante no antigo Oriente Próximo; todo governante possuía “sábios” que costumava consultar antes de tomar decisões críticas. No Egito, José era considerado um sábio, e na Babilônia, Daniel e seus amigos eram respeitados por sua sabedoria. Nos dias de hoje, o Senhor deseja que seus filhos sigam a orientação de Efésios 5:15: “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios”. Entender o Livro de Provérbios pode nos ajudar a andar como sábios. Por mais importante que seja a escolaridade, não basta ter estudos e conhecimento. Também precisamos de sabedoria, que é a capacidade de usar o conhecimento. As pessoas sábias têm a competência necessária de captar o significado de uma situação e de compreender o que fazer e como fazer – da maneira correta e no momento mais apropriado.

Para os israelitas da Antiguidade, a sabedoria ia muito além de bons conselhos e de um planejamento bem-sucedido. Gosto da definição que o Dr. Roy Zuck dá para esse termo: “Ter sabedoria significa ser hábil e bem-sucedido nos relacionamentos e responsabilidades [...] observar e seguir os princípios de ordem do Criador no Universo moral”.² Encontramos nessa definição os elementos mais importantes da sabedoria bíblica, do tipo que aprendemos em Provérbios.

A sabedoria bíblica tem como ponto de partida um relacionamento correto com o Senhor. A pessoa sábia acredita que existe um Deus, que ele é o criador e governante de todas as coisas e que incutiu na natureza uma ordem divina; se esta é obedecida, conduz, por fim, ao sucesso. As pessoas sábias também afirmam que existe uma lei moral em funcionamento neste mundo, um princípio de justiça divina que garante que, no devido tempo, os perversos são julgados e

os justos, recompensados. A sabedoria bíblica não está relacionada ao QI ou ao grau de instrução, pois é uma questão de entendimento moral e espiritual. Diz respeito ao caráter e aos valores e significa olhar para o mundo mediante os padrões da verdade de Deus.

No Antigo Testamento, o termo hebraico para “sábio” (*hakam*) é usado para descrever pessoas hábeis em trabalhos manuais, como os artesãos que ajudaram a construir o tabernáculo (Êx 28:3; 35:30 – 36:2) e o templo de Salomão (1 Cr 22:15). A sabedoria não é algo teórico, mas sim bastante prático, e afeta todas as áreas da vida. Dá ordem e propósitos à vida, oferece discernimento para as decisões e produz um senso de realização para a glória de Deus.

A sabedoria nos mantém em harmonia com os princípios e propósitos que o Senhor incutiu em seu mundo, de modo que, ao obedecer a Deus, tudo trabalha em nosso favor, não contra nós. Isso não significa que estamos isentos de provações e de dificuldades, pois as tribulações são parte normal da vida. Mas quer dizer que temos a capacidade de lidar adequadamente com essas adversidades, de tal maneira que crescamos espiritualmente e que o Senhor seja glorificado.

Pessoas sábias têm a capacidade de enfrentar a vida com honestidade e coragem e de administrá-la com sucesso, de modo que os propósitos de Deus se cumpram em sua vida. Quando escrevi a primeira série de estudos sobre o Livro de Provérbios, chamei-a de *Seja Hábil*, pois, ao estudar Provérbios, procuramos aprender os princípios que nos tornam aptos não apenas para ganhar a vida, mas para viver a vida de verdade. As páginas da história estão cheias de nomes de gente brilhante e talentosa, *esperta* o suficiente para ter riqueza e fama, mas não *sábia* o suficiente para ter uma vida de sucesso e de satisfação. Pouco antes de morrer, um dos homens mais ricos do mundo disse que teria dado toda sua riqueza só para que um de seus seis casamentos não tivesse fracassado. Uma coisa é saber ganhar a vida, outra bem diferente é saber viver.

2. QUEM ESCREVEU O LIVRO DE PROVÉRBIOS E COMO ELE FOI ESCRITO?

Autor. Em 1:1, 10:1 e 25:1, o texto indica que o rei Salomão é o autor dos provérbios deste livro. Deus deu a Salomão uma sabedoria tão extraordinária (1 Rs 3:5-15) que pessoas dos confins da Terra iam a Israel para ouvi-lo e voltavam para casa maravilhadas (4:29-34; Mt 12:42). O rei proferiu mais de 3 mil provérbios, sendo que a maioria deles não se encontra neste livro. O Espírito Santo escolheu apenas os provérbios que o povo de Deus compreenderia e obedeceria em todas as eras.³

Porém, outros servos guiados pelo Espírito de Deus também participaram da composição do livro. Os “homens de Ezequias” (Pv 25:1) eram um grupo de estudiosos do tempo do rei Ezequias (700 a.C.) que compilaram o material registrado nos capítulos 25 a 29. Em Provérbios 30 e 31, vemos também “Agur, filho de Jaque” e o “rei Lemuel”, apesar de muitos estudiosos acreditarem que “Lemuel” era outro nome de Salomão. A maior parte do material deste livro veio do rei Salomão, de modo que pode ser chamado devidamente de “Provérbios de Salomão” (1:1).

Como todo leitor da Bíblia sabe, Salomão começou seu reinado como um homem sábio, mas terminou a vida praticando a maior insensatez de todas (1 Rs 11; Dt 17:14-20). A fim de alcançar seus objetivos políticos e de manter a paz em seu reino, Salomão se aliou a outras nações casando-se com centenas de mulheres, e, aos poucos, essas princesas pagãs foram minando a lealdade do rei ao Senhor. Como é triste ver que Salomão nem sequer seguiu os preceitos que escreveu em seu próprio livro!

Abordagem. “Faça sempre o que é certo – com isso, vai agradecer alguns e surpreender o restante.” O presidente Harry S. Truman gostava tanto dessa frase de Mark Twain que mandou fazer um quadro com ela para colocar na Sala Oval da Casa Branca.

Quer representem toda a verdade quer não, ditados perspicazes como esse de Mark Twain ficam gravados em nossa memória e logo nos pegamos lembrando deles e citando-os.

Isso vale especialmente para os provérbios, alguns dos quais tão antigos que se tornaram expressões de uso comum. Certa vez, quando disse a um pastor que não poderia aceitar o convite para pregar em sua igreja, pois tinha outro compromisso naquela data, ele respondeu: “Bem, quem não arrisca não petisca!” Esse provérbio é tão antigo que o poeta inglês Chaucer citou uma versão dele em um de seus poemas – em 1385!

Quase toda tribo e nação tem uma série de provérbios expressos de maneira a facilitar a memorização de sua sabedoria. “Todo paciente é um médico”, diz um provérbio irlandês e, de acordo com um provérbio sérvio: “Se o vinagre é de graça, é mais doce que o mel”. Um de meus prediletos é um provérbio da ilha de Creta: “Ninguém compra uma vaca quando quer apenas um gole de leite”. Séculos atrás, os romanos sorriam para os políticos mais tímidos e diziam entre si: “O gato quer comer peixe, mas não quer molhar os pés”.

Como um exercício intelectual, proponho que desenvolva esses quatro provérbios em quatro parágrafos explicativos. Se o fizer, aprenderá a dar valor à concisão e à riqueza dos bons provérbios. Os provérbios são declarações incisivas que resumem em poucas palavras cuidadosamente selecionadas verdades práticas relacionadas a certos aspectos da vida diária. O escritor espanhol Miguel de Cervantes definiu os provérbios como “frases curtas baseadas em longas experiências”. Do ponto de vista literário, é uma ótima definição.

Acredita-se que o termo *provérbio* vem do latim *proverbium*, que significa “um conjunto proposto de palavras” ou “um ditado que apóia um argumento”. É possível, ainda, que tenha origem nos termos em latim *pro* (“em lugar de” ou “em favor de”) e *verba* (“palavras”), ou seja, uma declaração curta no lugar de uma porção de palavras. O ditado “Grandes amizades são feitas de pequenos ajustes” transmite uma mensagem mais poderosa do que uma palestra sobre o perdão entre amigos. Sempre que ouvia um burburinho em sala de aula, uma de minhas professoras costumava dizer que “latas vazias

são as mais barulhentas”, e isso resolvia a questão.

O termo hebraico *mashal* é traduzido por “provérbio”, “parábola” ou mesmo “alegoria”, mas seu significado básico é “uma comparação”. Vários provérbios de Salomão são comparações ou contrastes (ver 11:22; 25:25; 26:6-9), e alguns deles apresentam as comparações usando o advérbio “melhor” (ver 15:16, 17; 16:19, 32; 17:1; 19:1).

Ao longo dos séculos, inúmeros ditados e provérbios foram compilados e transformados em livros, mas nenhuma coleção é mais importante do que o Livro de Provérbios. Em primeiro lugar, Provérbios faz parte das Escrituras e, portanto, foi inspirado pelo Espírito de Deus (2 Tm 3:16, 17). Provérbios apresenta muito mais do que ditados astutos com base nas investigações de um homem e em suas interpretações de experiências humanas. Uma vez que foi Deus quem inspirou este livro, ele faz parte da revelação divina e relaciona as questões da vida humana com Deus e com tudo o que é eterno. O Livro de Provérbios é citado no Novo Testamento⁴ e, portanto, tem aplicação prática para a vida dos cristãos.

De acordo com 2 Timóteo 3:16, 17: “Toda a Escritura é [...] útil” para: a *doutrina* – aquilo que é certo; a *repreensão* – aquilo que não é certo; a *correção* – como voltar ao que é certo; e a *educação na justiça* – como se manter dentro do que é certo. O Livro de Provérbios cumpre esses quatro propósitos. As palavras inspiradas de seu texto ensinam sobre Deus, o homem, o pecado, a criação e várias outras questões doutrinárias. Esses provérbios repreendem e reprovam os pecadores por suas mentiras, preguiça, embriaguez, pecados sexuais e outras transgressões pessoais. Porém, Provérbios não se atém a condenar; o livro também administra a correção e nos diz como deixar o pecado e trilhar o caminho da sabedoria sem se desviar.

Meu amigo Dr. Bob Cook, já no lar eterno com o Senhor, me contou que começou a ler Provérbios com frequência quando ainda era menino. O livro tem 31 capítulos e, portanto, pode ser lido uma vez por mês, reservando um dia para cada capítulo. O pai

de Bob lhe prometeu um dólar para cada vez que terminasse fielmente a leitura do livro, e assim, a cada ano, Bob adquiria um tesouro espiritual e ganhava doze dólares só de ler o Livro de Provérbios.

Nem todos os provérbios de inspiração humana são corretos, e vários deles se contradizem, mas podemos confiar no Livro de Provérbios. “Olhe antes de saltar” aconselha a prudência, enquanto: “Quem pensa muito não age” adverte para o perigo de perder boas oportunidades. Qual desses ditados devemos seguir? “Quanto mais mãos, menos trabalho” é uma contradição de “Ajuda demais atrapalha”. Os provérbios das Escrituras, porém, são coerentes entre si e com o padrão geral da verdade divina revelada na Bíblia. Além disso, os filhos de Deus têm o Espírito Santo para guiá-los em sua busca pela sabedoria de Deus na Palavra de Deus, pois o Espírito Santo é o “Espírito de sabedoria” (Is 11:2; Ef 1:17).

Porém, ainda resta uma pergunta importante a ser respondida: “Por que Salomão usou provérbios e não algum outro tipo de recurso literário ao registrar essas verdades divinas?”. Não se esqueça de que, com exceção dos reis, profetas e sacerdotes, os adultos israelitas, de modo geral, não possuíam cópias de seus livros sagrados e dependiam da memória para meditar sobre a Palavra de Deus e discuti-la (Dt 6:1-9). Se Salomão tivesse escrito um longo texto expositivo sobre o orgulho, poucas pessoas se lembrariam dele. Assim, em vez disso, optou por escrever um provérbio: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18). O original hebraico tem apenas sete palavras, e até mesmo uma criança pode memorizar sete palavras!

Uma vez que os provérbios são curtos e expressivos, são fáceis de memorizar, recordar e compartilhar. A peça oratória de duas horas proferida por Edward Everett no campo de batalha em Gettysburg está registrada nos livros de história, mas o pequeno “discurso de Gettysburg” de dois minutos proferido por Lincoln está escrito no coração de milhões de pessoas. Os cristãos que aprenderem os provérbios mais relevantes deste

livro terão à sua disposição a sabedoria necessária para tomar decisões corretas cada dia. As verdades encontradas em Provérbios tratam de todas as áreas importantes da vida: como adquirir e usar as riquezas, fazer e manter amizades, edificar um lar feliz, evitar a tentação e os aborrecimentos, controlar os sentimentos, disciplinar a língua e construir um caráter piedoso.

Análise. Mas por que o Espírito Santo não orientou os autores a organizar esses provérbios por assunto, a fim de que encontrássemos mais rapidamente aquilo que precisamos saber? Derek Kidner lembra que Provérbios “não é uma antologia, mas um curso de educação na vida de sabedoria”.⁵ Ao ler capítulo por capítulo, o Espírito de Deus tem a liberdade de nos ensinar sobre muitos assuntos, e não sabemos, a cada dia, de qual tema vamos precisar mais. Assim como a Bíblia, em si, não é organizada como uma teologia sistemática, Provérbios também não apresenta uma estruturação desse tipo. Aquilo que Salomão escreveu é mais parecido com um caleidoscópio do que com um vitral: nunca sabemos o que vai aparecer em seguida.

Os nove primeiros capítulos de Provérbios constituem uma unidade que enfatiza a “sabedoria” e a “insensatez” personificadas em duas mulheres. (O termo hebraico para sabedoria também é feminino.) Nos capítulos 1, 8 e 9, a Sabedoria chama os homens e mulheres para segui-la e para desfrutar de salvação, riqueza⁶ e vida. Nos capítulos 5, 6 e 7, a Loucura chama essas mesmas pessoas e lhes oferece satisfação imediata, mas não avisa das conseqüências trágicas de rejeitar a Sabedoria: condenação, pobreza e morte. Os capítulos 10 a 15 formam a unidade seguinte e apresentam uma série de contrastes entre a vida de sabedoria e a vida de insensatez. Os capítulos finais (16-31) apresentam vários provérbios que nos dão *conselhos* sobre diversos aspectos importantes da vida.

Ao avaliar a abordagem de Salomão, vemos a sabedoria de Deus ao organizar o livro dessa maneira. A sabedoria não é um tesouro abstrato e inalcançável. Por intermédio de sua Palavra e de seu Espírito, Deus

nos chama a cada dia para viver com sabedoria. Se desejamos viver sabiamente, *nosso ponto de partida deve ser um compromisso com Jesus Cristo*, a “sabedoria de Deus” (1 Co 1:30). Tanto a Sabedoria quanto a Loucura desejam controlar nossa vida, e cabe a nós fazer a escolha.

Depois que nos entregamos ao Senhor e à sua sabedoria, devemos reconhecer que nossas decisões têm conseqüências. Os provérbios dos capítulos 10 a 15 retratam, de modo extremamente vívido, os contrastes que existem entre a vida de sabedoria e a vida de insensatez, a fé e a incredulidade, a obediência e a desobediência. Não podemos transigir e ainda esperar que Deus nos abençoe. A última seção do livro (caps. 16 - 31) apresenta mais conselhos necessários para desenvolvermos discernimento espiritual e para tomarmos decisões sábias.

3. QUAL É O VERSÍCULO-CHAVE QUE NOS AJUDA A DESVENDAR A MENSAGEM DESTES LIVROS?

Sugiro 1:7 como o versículo-chave que estamos procurando: “O temor do SENHOR é o princípio [parte principal] do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino”. Essa declaração é ampliada em 9:10: “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência” (ver também Jó 28:28 e Sl 111:10).

Há pelo menos 18 referências ao “temor do SENHOR” em Provérbios (1:7, 29; 2:5; 3:7; 8:13; 9:10; 10:27; 14:2, 26, 27; 15:16, 33; 16:6; 19:23; 22:4; 23:17; 24:21; 31:30). Ao ler esses versículos com atenção, pode-se ter uma boa idéia do que essa expressão bíblica importante significa.

Se, de fato, “tememos o Senhor”, reconhecemos de coração que ele é o Criador e nós somos as criaturas; ele é o Pai e nós somos os filhos; ele é o Senhor e nós somos os servos. Esse temor significa respeitar Deus em função de quem ele é, ouvir com cuidado aquilo que diz e obedecer à sua Palavra, cientes de que nossa desobediência o desagrada, rompe nossa comunhão com ele e faz sobrevir sua disciplina. Não se trata do medo servil de um escravo diante de seu senhor,

mas sim do temor reverente e respeitoso de uma criança diante de seus pais. O temor dos filhos não se deve apenas ao fato de que seus pais podem magoá-los, mas também de que *eles podem magoar seus pais*. Provérbios 13:13 nos admoesta a temer os mandamentos de Deus, o que sugere que devemos tratar a Bíblia da mesma forma como tratamos Deus.

“Mas o que vem a ser esse temor do Senhor?”, pergunta Charles Bridges, e em seguida responde de maneira bastante apropriada: “É a reverência afetuosa que leva o filho de Deus a sujeitar-se humilde e cuidadosamente à lei de seu Pai. Sua ira é tão amarga e seu amor é tão doce que fazem surgir um desejo de lhe agradar e – por causa do perigo de ficar aquém dessa sujeição em virtude de fraquezas e tentações – uma vigilância e *temor santos*, ‘para que não peque contra ele’”.⁷

Os seis versículos que antecedem esse versículo-chave (1:7) explicam por que o livro de Provérbios foi escrito: para dar sabedoria, instrução, entendimento, prudência, conhecimento, juízo, saber e conselho. Tudo depende da sabedoria; essas outras sete palavras são praticamente sinônimas.

De acordo com Louis Goldberg, ter sabedoria significa demonstrar “seu [de Deus] caráter nas muitas questões práticas da vida”.⁸ A instrução dá a idéia de disciplina, uma correção dos pais que resulta na construção do caráter do filho. O entendimento é a capacidade de compreender a verdade com critério e discernimento. A prudência é o tipo de inteligência que vê as motivações por trás das coisas. As pessoas prudentes conseguem pensar com clareza sobre questões difíceis e ver o que há por trás delas, tomando, desse modo, decisões sábias a respeito de tais questões. (Num sentido negativo, esse termo também pode ser traduzido por “sagacidade”, como na descrição de Satanás em Gn 3:1.)

A palavra traduzida por *conhecimento* vem de um radical hebraico que descreve aptidão para caçar (Gn 25:27), navegar (2 Cr 8:18) e tocar instrumentos musicais (1 Sm 16:16). O conhecimento envolve a capacidade de

distinguir, sendo que nossa palavra *ciência* vem de seu equivalente em latim.

O juízo é a capacidade de elaborar planos sábios depois de compreender uma questão. Seu sentido negativo é “maquinar, tramar”.

O radical hebraico para *saber* significa “aprender, captar, adquirir ou comprar”. Quando captamos alguma coisa com a mente, isso quer dizer que sabemos do que se trata. O termo traduzido por *conselho* é relacionado ao verbo “pilotar uma embarcação”. O conselho é a orientação sábia que coloca a vida de uma pessoa no rumo certo.

Essas oito palavras são repetidas com frequência ao longo de Provérbios e, quando as reunimos, temos um resumo daquilo que Salomão entende por sabedoria.

4. O QUE ESTE LIVRO DIZ SOBRE JESUS CRISTO?

É em Jesus Cristo que “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Cl 2:3), e ele é nossa sabedoria (1 Co 1:24, 30). Salomão foi o governante mais sábio que já existiu, e, no entanto, Jesus é “maior do que Salomão” (Mt 12:42). Todas as belas qualidades da sabedoria descritas em Provérbios podem, sem dúvida alguma, ser vistas em Jesus Cristo, e sua vida aqui na terra é o padrão a ser seguido pelo povo de Deus (1 Jo 2:6).

A descrição da sabedoria em Provérbios 8:22-31 sugere Jesus Cristo como a sabedoria eterna de Deus, mas essa não é a tônica da passagem. Salomão personifica a sabedoria como o filho alegre de um mestre artífice e lembra que a sabedoria é um dos atributos eternos do Senhor. Deus engrandeceu sua sabedoria no modo de criar o Universo. As “leis da natureza” que constituem a base para a ciência moderna foram incutidas no Universo pela sabedoria de Deus. Quando estudamos a criação de maneira honesta, não importa o ramo da ciência que seguirmos, apenas acompanhamos a linha de raciocínio de Deus. Jesus Cristo, o Verbo Criador eterno, estava lá no princípio (Jo 1:1-5; Hb 1:1-4; Cl 1:15-17).⁹ Os sábios aprendem os “princípios de sabedoria” eternos que

se encontram na criação e procuram obedecer a eles.

5. O QUE DEVO FAZER PARA TIRAR O MÁXIMO DE PROVEITO DESTES LIVROS?

Salomão usa com freqüência a expressão "filho meu" (Pv 1:8, 10, 15; 2:1; 3:1, 11, 21; 4:10, 20; 5:1, 20; 6:1, 3, 20; 7:1; 19:27; 23:15, 19, 26; 24:13, 21; 27:11), o que indica que Provérbios contém verdades que pais tementes a Deus passariam adiante a seus filhos¹⁰ (ver 1 Cr 29:1). Como filhos de Deus, precisamos de seu terno conselho, e é isso o que ele nos oferece neste livro. Assim, a primeira prescrição para um estudo proveitoso deste livro é *crer em Jesus Cristo para poder, de fato, chamar Deus de Pai*. Não podemos ganhar a vida sem antes ter a vida, e essa vida nos é concedida pela fé em Jesus Cristo (Jo 3:16, 36).

Aquilo que se aplica a Provérbios também se aplica ao estudo de qualquer livro da Bíblia: a menos que estejamos espiritualmente preparados, sendo diligentes, disciplinados em nosso estudo e obedientes ao que Deus diz, não temos como compreender muita coisa da Palavra de Deus. O desejo de obedecer é absolutamente essencial (Jo 7:17). Como disse F. W. Robertson: "A obediência é o órgão do conhecimento espiritual". O Espírito Santo ensina os zelosos, não os curiosos.

Pode-se encontrar em Provérbios pelo menos uma dúzia de imperativos, como "ouve", "aceita" e "recebe" ¹¹ (Pv 1:8; 4:1, 10; 5:7; 7:24; 8:6, 32, 33; 19:20; 22:17; 23:19, 22), e muitos outros versículos explicam as bênçãos concedidas àqueles que obedecem (ouvem e aceitam) à Palavra de Deus (1:5, 33; 8:34; 12:15; 15:31, 32). Salomão também adverte contra dar ouvidos a instruções que nós farão desviar (19:27; ver Sl 1:1). Isso não significa que os cristãos não podem estudar pensadores clássicos e livros escritos por incrédulos, mas que devem ter o cuidado de lê-los à luz das Escrituras. O conselho de Robert Murray M'Cheyne é bastante apropriado: "Tome cuidado com o ambiente dos clássicos", escreveu ele a um amigo na faculdade. "Por certo, devemos

conhecê-los, mas apenas como os químicos manipulam substâncias tóxicas: para descobrir suas propriedades, não para intoxicar o sangue com elas".¹²

Ao longo de nosso estudo, devemos ter em mente que os provérbios hebraicos são declarações generalizadas a respeito daquilo que normalmente ocorre na vida e que, portanto, não devem ser considerados promessas. "Em todo tempo ama o amigo" (Pv 17:17), mas, por vezes, até os amigos mais dedicados podem se desentender. "A resposta branda desvia o furor" (15:1) na maioria dos casos, mas a mansidão de Cristo não o poupou da vergonha e do sofrimento. Em várias ocasiões, vemos a garantia de vida para os que são obedientes (3:2, 22; 4:10, 22; 8:35; 9:11; 10:27; 12:28; 13:14; 14:27; 19:23; 21:21; 22:4), o que, em termos gerais, é verdade. Os cristãos obedientes cuidam do corpo e da mente e evitam substâncias e hábitos destrutivos, porém alguns cristãos devotos morreram ainda jovens, enquanto vários ímpios e rebeldes tiveram uma vida longa. David Brainerd, missionário entre os índios norte-americanos, morreu aos 30 anos de idade. Robert Murray M'Cheyne morreu dois meses antes de completar 30 anos. Henry Martyn, missionário na Índia e na Pérsia, morreu com 32 anos. William Whiting Borden, que doou sua fortuna para a obra de Deus, tinha apenas 25 anos de idade quando morreu no Egito a caminho da China.

"O justo é libertado da angústia, e o reverso a recebe em seu lugar" (11:8). Sem dúvida, foi o que ocorreu com Mordecai (Et 7) e com Daniel (Dn 6), mas milhões de mártires cristãos são a prova de que essa declaração não é um fato absoluto da vida. Na verdade, no Salmo 73, Asafe conclui que os perversos normalmente se saem bem neste mundo, enquanto os justos são recompensados na eternidade. O Livro de Provérbios não diz muita coisa sobre a vida eterna; antes, se concentra na existência presente e oferece diretrizes para tomar decisões sábias que podem levar a uma vida de satisfação.

Deus nos chama para receber sua sabedoria e para ser aptos a viver de modo a glorificá-lo. O mais importante não é quanto

tempo vivemos, mas como vivemos; a vida não deve ser medida por sua extensão, mas sim por sua profundidade. Os insensatos

vadeiam pelas águas mais rasas, enquanto os sábios se lançam às profundezas e permitem que Deus lhes dê o que ele tem de melhor.

1. Também há "salmos de sabedoria": 1, 19, 32, 34, 37, 49, 73, 78, 112, 119, 127, 128, 133.
2. ZUCK, Roy. *Biblical Theology of the Old Testament*. Chicago: Moody, 1991, p. 232.
3. Entre os israelitas, os provérbios eram uma forma bastante conhecida e aceita de compilar e de preservar a sabedoria (para provérbios fora do Livro de Provérbios, ver 1 Sm 10:11, 12; 24:13; Ez 12:22, 23; 16:44; 18:1, 2. Ver também Mt 9:12, 17; 24:18; Jo 4:35, 37; 9:4; 1 Co 6:13; 14:8; 15:33).
4. Provérbios 3:11, 12 é citado em Hebreus 12:5, 6; 3:34 em Tiago 4:6 e 1 Pedro 5:5; 11:31 em 1 Pedro 4:18; 25:21, 22 em Romanos 12:20; e 26:11 em 2 Pedro 2:22.
5. KIDNER, Derek. *Provérbios – Introdução e Comentário: São Paulo: Vida Nova / Mundo Cristão, 1980, p. 22.*
6. É importante lembrar que a "riqueza" compreende muito mais do que a posse de bens materiais. A Bíblia não promete que todos os cristãos obedientes serão saudáveis, ricos e bem-sucedidos. Mas promete que terão um caráter piedoso, desfrutarão as dádivas generosas do Pai para suprir todas as suas necessidades e serão poupados de várias dores e problemas emocionais e físicos que os ímpios sofrem com frequência. A aliança de Deus com o povo de Israel prometia bênçãos especiais se obedecessem e disciplina se desobedecessem (ver Dt 27 - 28), mas o Livro de Provérbios também enfatiza as "verdadeiras riquezas" da vida espiritual que se encontram resumidas nas bem-aventuranças de Cristo. Alguém disse bem que a verdadeira felicidade não se encontra na grande quantidade de bens, mas na pequena quantidade de necessidades.
7. BRIDGES, Charles. *Exposition of the Book of Proverbs*. Grand Rapids: Zondervan, 1959, pp. 3, 4.
8. HARRIS, L. C.; ARCHER, Gleason; WATKE, Bruce. *Theological Wordbook of the Old Testament*, Chicago: Moody, 1980, v. 1, p. 283.
9. A oração "o princípio da criação de Deus", em Apocalipse 3:14, não pode significar que Jesus foi a primeira coisa que Deus criou, pois o Filhos de Deus já estava com o Pai antes do início da criação (Jo 1:15). A palavra grega *arche* pode significar "primeiro em termos cronológicos" ou "primeiro em termos de hierarquia"; de modo que algumas versões traduzem essa oração por "o governante da criação de Deus". O título conhecido, "primogênito", também pode ter conotação hierárquica. Como "o primogênito de toda a criação" (Cl 1:15), Jesus é o cabeça da criação.
10. Cabe lembrar que a sociedade israelita era pronunciadamente masculina e que os pais instruíam principalmente os filhos, enquanto as mães instruíam as filhas. A ênfase masculina encontrada nas Escrituras não deve ser interpretada como tendenciosidade machista, mas sim como uma característica da cultura de Israel naquela época que não deve persistir à luz do evangelho (Gl 3:26-29).
11. O termo hebraico para "ouvir" é *shema*. A confissão da fé judaica em Deuterônimo 6:4, 5 é chamada de "O Shema". "Ouvir" significa receber a Palavra de Deus e lhe obedecer.
12. BONAR, Andrew A. *Memoir and Remains of Robert Murray M'Cheyne*. Londres: Banner of Truth, 1966, p. 29.

ALGUÉM ESTÁ OUVINDO?

PROVÉRBIOS 1:7-33; 8 - 9

Trezentos anos antes de Cristo, o filósofo grego Zenão jamais imaginou que uma de suas declarações se transformaria numa arma poderosa para os pais de todo o mundo. Sem dúvida, seus pais citaram as palavras de Zenão a você quando, em sua infância, falava demais: “Temos dois ouvidos e apenas uma boca, porque devemos ouvir mais e falar menos”.

Se a Grécia antiga fosse tão barulhenta quanto nosso mundo de hoje, talvez Zenão tivesse mudado de idéia e tapado os ouvidos. Os gregos não possuíam todo o aparato que nos cerca hoje em dia: aparelhos de som e de televisão (grandes e portáteis), *rock* amplificado (120 decibéis), telefones e *tele-marketing* inconveniente, filmadoras e DVDs e mais uma porção de dispositivos que invadiram a vida moderna. Zenão nunca ouviu um jato (140 decibéis), nem uma motosserra (100 decibéis), tampouco parou num semáforo ao lado de um carro com aquelas caixas de som que fazem o veículo todo sacudir. Também nunca passou a noite num apartamento com um vizinho obviamente surdo que coloca a TV no volume máximo.

“Ouça mais e fale menos.” Bobagem! Há certas ocasiões em que uma das poucas coisas que podem proteger nossa sanidade mental e audição é abrir a boca e dizer alguma coisa, nem que seja para dar um grito primitivo.

Porém, o mais triste da vida não é o fato de outros invadirem nossa privacidade, nos exasperarem e ajudarem a destruir nosso delicado sistema auditivo. O mais triste é que em meio a tanto barulho as pessoas não

conseguem ouvir aquilo que é mais necessário. Deus está tentando se comunicar com elas através da voz da sabedoria, mas só são capazes de ouvir uma porção de ruídos confusos e vozes insensatas que as afastam cada vez mais da verdade. Mesmo sem nossos equipamentos modernos de produzir barulho, o povo de Israel tinha um problema parecido, quando Salomão escreveu Provérbios, pois, de fato, não há nada de novo debaixo do sol. Deus falava ao povo do tempo de Salomão, mas ele não ouvia.

De acordo com o esboço sugerido de Provérbios, os nove primeiros capítulos apresentam duas mulheres, a Sabedoria e a Loucura, personificadas – enquanto ambas procuram receber atenção e obediência das pessoas nas ruas e praças da cidade. Neste capítulo, estudaremos os chamados da Sabedoria e, no capítulo seguinte, veremos o que a Loucura tem a oferecer.

1. A SABEDORIA CONVIDA À SALVAÇÃO (Pv 1:8-33)

Esse parágrafo registra três vozes que devem ser identificadas pelo leitor de Provérbios.

A voz da instrução (vv. 8-10, 15-19). Trata-se da voz de um pai temente a Deus, instando o filho a dar ouvidos à Sabedoria e a obedecer a suas instruções. Observe que tanto o pai quanto a mãe participam da educação do menino,¹ e ambos advertem a criança a não abandonar o que lhe foi dito. Esses pais estão seguindo as instruções de Moisés (Dt 6:6-9) e sendo fiéis no ensino da Palavra de Deus à sua família. Mas o que seus filhos farão com todos esses ensinamentos?

O desejo dos pais é que seus filhos obedeam àquilo que aprenderam, de modo que a verdade de Deus possa tornar sua vida mais bela, como a coroa de um rei ou o colar de uma rainha. Paulo pediu aos servos cristãos para “ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador” (Tt 2:10), o que significa simplesmente tornar a Bíblia bela a outros por meio de uma vida de piedade. Pedro exortou as esposas cristãs a ganhar o marido para Cristo, concentrando sua atenção na beleza imperecível do caráter cristão, em vez de na beleza artificial do

glamour criado por mãos humanas (1 Pe 3:3, 4).

Em Provérbios 1:15-19, o pai diz ao filho como evitar se entregar à tentação. De acordo com ele, em primeiro lugar é preciso considerar com cuidado o caminho que estamos trilhando e não caminhar com pessoas erradas (*conselho bastante parecido com o de Sl 1:1 e de 2 Co 6:14-18*). Se andarmos com as pessoas erradas, acabaremos fazendo coisas erradas. Em segundo lugar, não devemos brincar com a tentação, pois ela sempre conduz a uma armadilha (Pv 1:17). Os pássaros não apaham a isca quando conseguem ver a armadilha, e as pessoas devem ser mais espartas do que os pássaros.²

Em terceiro lugar, quando desobedeçemos a Deus fazendo mal a outros prejudicamos a nós mesmos (vv. 18, 19). Temos liberdade de fazer o que bem entendemos com a vida; porém, cedo ou tarde, pagamos o preço por nossas escolhas, e o preço das escolhas erradas é mais alto que aquilo que oferecem. No final, sacrificamos o permanente em troca do imediato - um péssimo investimento.

A voz da tentação (vv. 11-14). Qualquer um que torna mais fácil a alguém desobedecer a Deus certamente não é um amigo. A oferta até parece empolgante, mas só leva à desgraça. Como é triste saber que há pessoas que têm prazer em fazer o mal, e como é tolo da parte delas acreditar que seus ganhos ilícitos satisfarão seus desejos. Rejeitam os tesouros eternos da sabedoria (3:14-16; 16:16) em troca de quinquilharias baratas deste mundo e, nessa negociação, o que perdem é sua alma.

A voz da salvação (vv. 20-33). De que maneira a Sabedoria se comunica? Numa voz alta e clara que pode ser ouvida por todos! Por meio da criação (Rm 10:18; Sl 19:1-4) e da consciência (Rm 2:14-16), "porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou" (Rm 1:19). A Igreja é incumbida de transmitir a mensagem do evangelho, de modo que todos possam ouvir, crer e ser salvos.

Onde a Sabedoria fala? Nas ruas cheias de gente e nos lugares públicos onde pessoas

atarefadas se reúnem para cuidar de seus negócios. A verdade de Deus é destinada a todos, não a uma pequena elite; devemos compartilhá-la "na rua [...], nas praças [...] do alto dos muros [...] à entrada das portas e nas cidades" (Pv 1:20, 21). A Sabedoria vai até as portas da cidade, onde os líderes realizam seus negócios oficiais. Não importa onde as pessoas estejam, precisam ouvir o chamado da Sabedoria.

A quem a Sabedoria se dirige? A três tipos de pecadores: os néscios, os escarneceadores e os loucos³ (v. 22). Os *néscios* são pessoas ingênuas que crêem em qualquer coisa (14:15), mas que não examinam coisa alguma. São crédulos e se deixam desviar facilmente. Os *escarneceadores* pensam que sabem tudo (21:24) e se riem de coisas que, na verdade, são importantes. Enquanto o néscio tem um olhar perdido, o escarnecedor tem os olhos cheios de sarcasmo. Os *loucos* são pessoas ignorantes da verdade por causa de sua estupidez e obstinação. Não se trata de um QI baixo nem de falta de escolaridade; seu problema é falta de desejo espiritual de buscar e de encontrar a sabedoria de Deus. Os loucos gostam de sua insensatez, mas não sabem como são, de fato, imbecis! Sua visão de mundo é puramente materialista e humanista. Detestam o conhecimento e não têm interesse algum nas coisas eternas. Apresentaremos outros comentários sobre cada um desses tipos mais adiante.

O que a Sabedoria lhes diz? Em primeiro lugar, apresenta *acusações* contra eles (1:22) e pergunta por quanto tempo planejam permanecer em sua situação espiritual perigosa. A Sabedoria lhes falou repetidamente, mas se recusaram a ouvir. Por isso, seu julgamento será ainda mais severo. A Sabedoria faz um *convite* a que deixem seus caminhos maus e recebam as dádivas que ela oferece (v. 23). Trata-se de um convite ao arrependimento e à fé. Ela promete transformar o coração deles e ensinar-lhes a sabedoria de Deus, que vem de sua Palavra.

De que maneira os néscios, escarneceadores e loucos respondem à Sabedoria? Recusam-se a obedecer à sua voz; não aceitam sua mão estendida; riem de suas advertências

e zombam de suas palavras. Observe o uso do advérbio “também” no versículo 26. Tendo em vista que riram da sabedoria, um dia ela rirá deles, e porque zombaram da Sabedoria, um dia ela também zombará deles. A sabedoria vê uma tempestade de julgamento, que trará consigo aflição e angústia a todos os que rejeitaram o convite de Deus.

Quando esse julgamento chegar, os pecadores clamarão ao Senhor, mas será tarde demais. “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto” (Is 55:6). Os pecadores colherão aquilo que semearam. “Portanto, comerão do fruto do seu procedimento e dos seus próprios conselhos se fartarão” (Pv 1:31). Não deram ouvidos à verdade (v. 32; ver 2 Tm 4:4) e, em sua complacência, se contentaram em acreditar em mentiras. Ao contrário do julgamento prometido aos incrédulos, a Sabedoria promete segurança e paz àqueles que lhe derem ouvidos e que obedecerem a ela (Pv 1:33).

2. A SABEDORIA CONVIDA À VERDADEIRA RIQUEZA (Pv 8:1-36)

Em sua misericórdia, o Senhor continua a chamar os pecadores, pois ele é “longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pe 3:9). A Sabedoria volta aos lugares cheios de gente na cidade e fala em alta voz, para que todos possam ouvir. Observe, porém, que se dirige somente aos sábios e loucos, *mas não aos escarnecedores* (comparar Pv 1:22 com 8:5). Eles haviam zombado de sua mensagem e dado as costas à verdade, de modo que sua oportunidade havia passado, não porque Deus havia deixado de falar, mas porque o coração deles se recusava a escutar. “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração” (Hb 4:7, 8). “Tende cuidado, não recuseis ao que fala” (Hb 12:25).

A segunda mensagem da Sabedoria apresenta três pontos bastante claros, seguidos por uma chamada à decisão.

“Podem confiar em minhas palavras” (vv. 6-9). A mensagem proclamada pela Sabedoria é descrita com cinco adjetivos. Suas palavras são “excelentes” (v. 6), termo que,

no Antigo Testamento, é traduzido com frequência por “comandante” ou “príncipe”. Uma vez que a mensagem de Deus é a Palavra do Rei, pode-se dizer que suas palavras são nobres e magníficas.

A mensagem também fala de coisas “retas” (vv. 6, 9), adjetivo que descreve algo direito. O termo “reto” vem do latim *rectus*, que significa “sem curvas, que segue a mesma direção”. Esse radical também aparece em palavras como “correto” e “direto”. A Palavra de Deus também é verdadeira (v. 7) e justa (v. 8). A insensatez usa palavras enganosas e “sinuosas” para alcançar seus propósitos, aquilo que George Orwell chamou de “linguagem de noticiário”, em seu romance *1984*, e que, hoje, poderia ser chamado de “linguagem ambígua”. O que a Palavra de Deus diz sobre todo e qualquer assunto é correto e confiável (Sl 119:128). “Os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos” (Sl 19:9).

As palavras da Sabedoria são francas, proferidas clara e abertamente para que não haja confusão. É evidente que os que rejeitam o Senhor não compreendem o que Deus está dizendo (1 Co 2:12-16), mas isso não significa que a Palavra de Deus seja confusa ou ininteligível, mas sim que os pecadores são espiritualmente cegos e surdos (Mt 13:14, 15). O problema está com quem está ouvindo, não com quem está falando. Diz-se que foi Mark Twain quem declarou: “O que me preocupa não é aquilo que não compreendo na Bíblia, mas sim aquilo que compreendo”.

“Podem receber a verdadeira riqueza” (vv. 10-21). Esta passagem trata de um tipo de enriquecimento que não se refere aos bens materiais. A Sabedoria não promete colocar dinheiro em nossa conta bancária; antes, está nos instando a buscar a riqueza eterna em lugar de ouro, prata e pedras preciosas (ver vv. 18, 19; e também 2:4; 3:13-15 e 1 Co 3:12). Trata-se da versão do Antigo Testamento para Mateus 6:33: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”.

No tempo do Antigo Testamento, alguns israelitas acreditavam que a riqueza era sinal

da bênção de Deus, enquanto as dificuldades eram sinal de que a pessoa não tinha o favor divino. Pelo fato de serem numa "teologia da prosperidade", os amigos de Jó concluíram que ele era um grande pecador; de outro modo, não estaria sofrendo tanto. Quando Jesus disse que era difícil um homem rico entrar no reino de Deus, seus discípulos perguntaram cheios de espanto: "Sendo assim, quem pode ser salvo?" (Mt 19:23-26). Se os ricos não vão conseguir chegar ao céu, então quem vai?

Porém, a Sabedoria tem algo melhor a oferecer do que riquezas perecíveis - bênçãos como prudência, conhecimento, juízo ("conselhos", Pv 8:12), o temor do Senhor, humildade, palavras de piedade, admoestações sábias, direção nos caminhos da vida e "bens duráveis". Uma vida enriquecida por Deus pode ser pobre neste mundo, mas é rica nas coisas que mais importam. É bom desfrutar as coisas que o dinheiro pode comprar, desde que não se percam as coisas que o dinheiro não compra. *Por mais dinheiro que alguém tenha, aquilo que a Sabedoria oferece não pode ser comprado em lugar algum.*

De que maneira podemos obter essa riqueza satisfatória e duradoura? Ouvindo a Palavra de Deus (v. 6), recebendo sua instrução (v. 10), amando a verdade e a sabedoria (vv. 17, 21) e buscando a Deus e sua sabedoria diariamente (v. 17). Muitos filhos de Deus descobriram como é importante começar cada dia com o Senhor, meditando em sua Palavra, orando e adorando a Deus (ver Sl 57:8 e 63:11; Gn 19:27; Êx 24:4; Mc 1:35).

"Podem ver minhas obras" (vv. 22-31). Tocamos neste assunto no capítulo 1 e consideramos que se trata de uma explicação sobre a sabedoria de Deus operante na criação do Universo. Apesar de não ser uma descrição de Jesus Cristo, pois o Filho eterno de Deus não foi criado, é verdade que prefigura Cristo como o Verbo Criador que fez todas as coisas existirem (Jo 1:1-4; Cl 2:3).

Uma das lições deste parágrafo é que o poder e o esplendor de Deus, encontrados em toda parte na criação a nosso redor, são

prova daquilo que a sabedoria de Deus pode fazer. O mesmo Deus que trabalhou na "antiga criação" também deseja trabalhar em nossa vida, em suas "novas criaturas" (2 Co 5:17; Ef 2:10; 4:24; Cl 3:10). O Senhor Jesus Cristo, que cuida do Universo e faz com que realize sua vontade, pode cuidar de nossa vida e realizar seus propósitos para sua glória.

Quando pertencemos a Jesus Cristo e andamos em sua sabedoria, toda a natureza trabalha a nosso favor; se nos rebelamos contra sua sabedoria e sua vontade, as coisas começam a trabalhar contra nós. Foi o que Jonas descobriu quando tentou fugir do Senhor.

"Devem tomar uma decisão" (vv. 32-36). Depois de declarar a verdade de Deus, a Sabedoria exige uma decisão, como todo arauto fiel deve fazer. A maneira de as pessoas responderem à mensagem de Deus é uma questão de vida ou morte (vv. 35, 36), e é impossível permanecer neutro. A sabedoria pede uma decisão sincera e transformadora, que implica abandonar o pecado (arrependimento) e se voltar para Cristo (fé). Se a decisão for real, resultará num compromisso com o Senhor, o que, por sua vez, levará a um encontro diário com ele, como um servo à porta de seu senhor.

Aqueles que rejeitam a verdade de Deus pecam contra a própria alma. Aqueles que odeiam a verdade de Deus estão rumando para a morte eterna (Ap 20:11-15).

3. A SABEDORIA CONVIDA A VIVER (Pv 9:1-18)

Em vez de ir aos lugares de maior movimento na cidade, a Sabedoria fica em casa e oferece um grande banquete.

Preparativos (vv. 1, 2). No capítulo anterior, vimos a Sabedoria trabalhando na criação, mas aqui a vemos depois de construir uma casa espaçosa ("sete colunas"), onde prepara um banquete suntuoso. Os israelitas não costumavam abater os animais de seus rebanhos para consumi-los, de modo que eram raras e bem-vindas as oportunidades de comer carne de boi ou de cordeiro assada. A mesa seria posta com inúmeras iguarias e

também com vinho. O vinho poderia ser misturado com água (normalmente três partes de água para uma de vinho) ou com especiarias. Porém, a presença de vinho à mesa não deve ser interpretada como um endosso divino para o consumo de bebidas alcoólicas. O vinho era parte normal das refeições em Israel, mas em momento algum a Bíblia aprova a embriaguez (ver 20:1; 23:29-35; 31:4-7). Outros comentários sobre essa questão serão apresentados mais adiante.

Convite (vv. 3-9). Em vez de ela própria sair, como nos outros dois “convites”, dessa vez a Sabedoria envia suas belas servas para os lugares mais altos da cidade, a fim de convidar as pessoas para o banquete. Naquele tempo, era costume o anfitrião ou a anfitriã fazerem dois convites. O primeiro, realizado com alguns dias de antecedência, informava os convidados sobre o dia e a hora do banquete e o segundo, realizado no dia da festa, confirmava quem estaria presente (ver Lc 14:16-24; Mt 22:1-14). Sabendo o número aproximado de convidados, os cozinheiros poderiam preparar carne suficiente para que houvesse bastante para todos sem que nada fosse desperdiçado. Esta passagem não fala de um convite preliminar. As servas dizem apenas: “Venham imediatamente!”

Observe que seu convite é dirigido a um grupo de pessoas: os simples (Pv 9:4). O primeiro convite da Sabedoria foi para os néscios, os escarnecedores e os loucos (1:22). Os escarnecedores riram dela, de modo que seu segundo convite foi apenas para os néscios e loucos (8:5). Mas os loucos rejeitaram a sabedoria de Deus, de modo que, neste terceiro convite, ela chama apenas os néscios (“simples”) para o banquete. É arriscado rejeitar o convite de Deus, pois nunca sabemos se é nossa última chance de participar dele (Lc 14:24).

É evidente que, quando os néscios aceitaram o convite, isso implica deixar para trás sua “turma”, e os escarnecedores e loucos tentam convencê-los a ficar (Pv 9:6-8). Os pecadores rejeitam a repreensão e a reprovação, mas os sábios aceitam ambas e se beneficiam delas. Os néscios, escarnecedores e loucos preferem fazer as coisas a seu

modo e ouvir os outros dizerem que estão certos, mas os sábios querem ouvir a verdade. Ensine os sábios, e eles aceitarão a verdade e se tornarão ainda mais sábios; tente ensinar os insensatos, e eles rejeitarão a verdade e se tornarão ainda mais insensatos.

Celebração (vv. 10-12). O que recebemos quando aceitamos o convite da Sabedoria e comparecemos ao banquete? Em primeiro lugar, crescemos em nossa reverência pelo Senhor e nos aprofundamos em nosso conhecimento do Santo (v. 10). Quanto mais completo é nosso conhecimento de Deus, mais aguçado se torna o nosso discernimento com relação às decisões da vida.

Além disso, a Sabedoria promete dar vida longa (v. 11) e encher nossos dias e anos de experiências ricas da graça de Deus. O Senhor quer acrescentar anos a nossa vida e vida a nossos anos, e ele o fará, se obedecermos à sua sabedoria. O versículo 12 lembra que o Senhor deseja construir um caráter piedoso em nós e que não podemos tomar esse caráter emprestado de outros nem transferi-lo para outros. Trata-se de uma questão individual, que implica decisões individuais. Pertencer a uma boa família, freqüentar uma igreja fiel ou estudar nos melhores estabelecimentos de ensino não garante a construção de nosso caráter. O caráter é construído com base nas decisões, e, quando estas são erradas, criam um mau caráter.

Condenação (vv. 13-18). O capítulo encerra com um vislumbre da prostituta (Loucura), enquanto chama os mesmos néscios e os convida para sua casa. Porém, se aceitarem seu convite, em vez de um banquete, participarão de um funeral – o deles!

Em 5:15-18, Salomão compara as alegrias do amor conjugal com beber água pura de uma fonte refrescante, mas a Loucura (a adúltera) oferece “água roubada” da fonte de outra pessoa. Deus ordenou que o casamento fosse uma “cerca” ao redor da fonte, para que ninguém a poluísse. “Não adulterarás” (Êx 20:14) nunca deixou de fazer parte da lei de Deus.

Em se tratando de possuir vida eterna e de viver de modo agradável a Deus, não há meio-termo. Aceitamos o convite ou o

recusamos; obedecemos à sabedoria ou a rejeitamos. Aqueles que se dizem neutros, na verdade, estão rejeitando a Palavra tanto quanto aqueles que a recusam de todo.

“Quem não é por mim é contra mim” (Mt 12:30).

Qual será sua escolha: um banquete ou um funeral?

1. A declaração do pai, “filho meu”, aparece vinte e três vezes em Provérbios, mas a influência da mãe não é deixada de fora. Ver 1:8; 4:3; 6:20; 10:1; 15:20; 19:26; 20:20; 23:22; 23:25; 28:24; 30:11, 17; 31:1ss.
2. Tiago 1:14 usa as imagens de caça e pesca para tratar da mesma questão. Os verbos “atrair” e “seduzir” transmitem a idéia de “engodar” ou “atrair com uma isca”, numa armadilha ou num anzol. A tentação é a isca, e Satanás deseja que pensemos que podemos pegá-la sem sofrer qualquer conseqüência (Gn 3:5). Infelizmente, não é assim que funciona.
3. Em Provérbios, três termos hebraicos são traduzidos por “néscio” ou “louco”: *kesyl*, o néscio grosseiro e estúpido; *ewiyal*, o néscio corrupto, moralmente pervertido e irracional e *nabal*, o néscio bruto, semelhante a um animal obstinado, ver 1 Samuel 25.

O CAMINHO DA SABEDORIA E DA VIDA

PROVÉRBIOS 2 – 4

Uma tira de história em quadrinhos no jornal mostrava um carro equilibrado precariamente na beirada de um penhasco, com um marido desconcertado ao volante e a esposa, contrariada, no banco do passageiro, ouvindo-o dizer, muito pacato:

– Não fique assim, benzinho. Com certeza podemos aprender alguma lição com isso...

Sem dúvida! A lição é esta: *a única maneira de chegar ao destino certo é escolher o caminho certo. Se alguma vez você pegou um caminho errado e se perdeu, sabe como essa lição é importante.*

A metáfora da vida como uma jornada é bastante conhecida; pode ser encontrada tanto na Bíblia quanto na literatura clássica. A *Odisseia*, de Homero, descreve a viagem de dez anos de Ulisses desde Tróia até sua casa em Ítaca; *O Peregrino*, de Bunyan, narra a jornada de Cristão da Cidade da Destruição para a cidade celestial. A Bíblia, com frequência, nos exorta a escolher o caminho certo, mas o mundo contemporâneo acredita que “*todos os caminhos levam a Deus*” e que, se você seguir um deles com sinceridade, certamente chegará ao lugar desejado.

Jesus deixou claro que, nesta vida, podemos tomar apenas um de dois caminhos e que cada um deles leva a lugares bem diferentes. Todos precisam escolher entre o caminho cheio de gente que leva à destruição ou o caminho estreito que leva à vida (Mt 7:13, 14). Não há “rota alternativa”.

No Livro de Provérbios, as palavras “caminho” e “vereda” (também no plural) aparecem quase cem vezes. A sabedoria não é apenas uma pessoa a ser amada, mas também

um caminho a ser trilhado, e a ênfase dos capítulos 2, 3 e 4 é sobre as bênçãos que o povo de Deus desfruta quando anda pelo caminho da Sabedoria. O caminho da Sabedoria conduz à vida, enquanto o caminho da Loucura conduz à morte. Quando trilhamos o caminho da Sabedoria, temos certeza de três verdades maravilhosas: a Sabedoria *guarda* nosso caminho (cap. 2), *dirige* nosso caminho (cap. 3) e *aperfeiçoa* nosso caminho (cap. 4).

1. A SABEDORIA GUARDA NOSSO CAMINHO (Pv 2)

O versículo-chave do capítulo 2 é o versículo 8: “(Ele) guarda as veredas do juízo e conserva o caminho dos seus santos”. A repetição das palavras “filho meu” (2:1; 3:1, 11, 21; 4:10, 20; ver também 4:1, “filhos”) lembra que o Livro de Provérbios registra os conselhos sábios de um pai amoroso para a família. Como disse o estadista inglês, Lord Chesterfield: “Nunca ofereço conselhos em questões de matrimônio e de religião, pois não quero ser culpado pelos suplícios de ninguém, nem nesta vida e nem na próxima”. Porém, era um *dever* dos pais israelitas ensinar a sabedoria a seus filhos (Dt 6:1-9). Se os filhos eram espertos, davam ouvidos e obedeciam. A vida é perigosa, e é sábio ouvir o conselho de pessoas tementes a Deus que já trilharam esse caminho.

Este capítulo descreve três formas de caminhar.

Caminhar com Deus (vv. 1-9). Os capítulos 2 a 4 começam sempre com uma *admoestação para ouvir as palavras de Deus* e obedecer a elas (3:1-12; 4:1-9), pois essa é a única maneira de andar com Deus e de viver de modo inteligente. As oito injunções deste parágrafo revelam nossa responsabilidade para com a Palavra de Deus: *aceitar* a Palavra de Deus e *escondê-la* (guardá-la) em nossa mente e coração; *fazer atentos* os ouvidos e *inclin*ar o coração ao entendimento; *clamar* por inteligência e *alçar a voz* por entendimento; *buscar* a sabedoria e *procurá-la*. Se desejamos ter sabedoria, devemos ouvir com toda atenção aquilo que Deus tem a dizer (Mt 13:9), obedecer *humildemente* a suas

palavras (Jo 7:17), pedir a Deus com sinceridade (Tg 1:5) e buscá-lo com diligência (Is 55:6, 7), como um garimpeiro procura o ouro e a prata.

Obter sabedoria espiritual não é um *hobby* a se praticar uma vez por semana; antes, é uma disciplina diária para o resto da vida. Porém, em nossos tempos de fornos de microondas, *fast foods*, resumos e versões “simplificadas” de livros, muita gente não tem o hábito de investir tempo e energia diariamente numa investigação mais profunda das Escrituras e no aprendizado da sabedoria do Senhor. Graças à televisão, o período de atenção é curto; graças ao entretenimento religioso chamado adoração, o apetite espiritual é fraco, e o conhecimento espiritual não é “agradável à [sua] alma” (Pv 2:10). Não é de se admirar que um número cada vez menor de pessoas está dedicando tempo à busca pela santidade e cada vez mais pessoas tornam-se vítimas dos inimigos que as espreitam ao longo do caminho.

Se fizermos nossa parte, Deus cumprirá suas promessas e nos protegerá do adversário (vv. 7, 8): “Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos; é escudo para os que caminham na sinceridade, guarda as veredas do juízo e conserva o caminho dos seus santos”. “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Sl 119:11).

As pessoas estão dispostas a se dedicar diligentemente a seu trabalho, pois sabem que, no fim do mês, receberão o respectivo salário, mas e quanto à dedicação à Palavra de Deus a fim de obter riquezas espirituais mais valiosas que ouro, prata e pedras preciosas, riquezas que durarão para sempre? (ver 2:4; 3:13-15; 8:10-21; 16:16). Há um preço a pagar para obter a sabedoria espiritual, mas o preço que se paga pela falta de sabedoria é ainda mais alto. Devemos andar com Deus pelo estudo de sua Palavra.

Caminhar com os perversos (vv. 10-19). Encontramos aqui o “homem que diz coisas perversas” e a “mulher adúltera”, duas pessoas perigosas, pois desejam levar os filhos de Deus para longe do caminho da vida. Pode-se identificar o homem mau por suas palavras perversas (ver vv. 12, 14; 6:14; 8:13; 10:31,

32 e 16:28, 30). Ele anda nos caminhos escuros da desobediência e gosta de praticar o mal. Pertence ao grupo sobre o qual Salomão adverte em 1:10-19. A pessoa que trilha o caminho da sabedoria percebe imediatamente a dissimulação desse homem e o evita.

A “mulher adúltera” é a esposa leviana descrita de modo tão vívido em 7:1-27. Se o homem mau usa palavras *perversas*, a adúltera usa palavras *lisonjeiras*. Alguém disse que a adulação não é comunicação e, sim, manipulação; é quando as pessoas dizem a nosso respeito coisas que nos agradam e que gostaríamos que fossem verdade. A mulher adúltera sabe como usar a adulação com eficácia. Não tem respeito algum por Deus, pois transgredir a sua lei (Êx 20:14); não tem respeito algum pelo marido, pois quebra as promessas que lhe fez quando se casou com ele. Não tem mais a orientação e a amizade do Senhor e nem do marido, pois optou pelo caminho do pecado. Qualquer um que dá ouvidos a suas palavras e segue seus passos está caminhando para o cemitério.

Caminhar com os justos (vv. 20-22). Observe o argumento que Salomão apresenta neste capítulo, que começa com “se”, no versículo 1, e continua com “então”, no versículo 9, e “assim”, no versículo 20. Se recebermos as palavras de Deus e lhes obedecermos, *então*, teremos sabedoria para tomar decisões sensatas, e, *assim*, Deus cumprirá suas promessas e nos protegerá do homem perverso e da mulher adúltera. Quando obedecermos a Deus, temos o privilégio de andar “pelo caminho dos homens de bem” (v. 20). *Se seguirmos a Palavra de Deus, jamais nos faltarão amigos do tipo certo.*

Os perversos podem parecer bem-sucedidos, mas o fim deles é a destruição (Sl 37). Os justos serão plantados no lugar da bênção de Deus (Sl 1:3), mas os ímpios serão arrancados da terra. O caminho mais seguro e realizador é o caminho da sabedoria, o caminho da vida.

2. A SABEDORIA DIRIGE O NOSSO CAMINHO (Pv 3)

Os versículos-chave deste capítulo são os versículos 5 e 6, promessa da qual o povo

de Deus apropria-se com freqüência ao buscar a orientação do Senhor em sua vida. Trata-se de uma promessa que nunca falha - caso sejam preenchidas as condições que Deus apresenta nos versículos 1 a 12. Deus cumpre suas promessas quando obedecemos a seus preceitos, pois nossa obediência nos prepara para receber e desfrutar aquilo que ele tem planejado para nós.

As condições (vv. 1-12): A primeira condição para receber a orientação de Deus é *aprender a verdade de Deus* (vv. 1-4). A vontade de Deus é revelada na Palavra de Deus (Cl 1:9, 10), e a única maneira de conhecer sua vontade é estudar sua Palavra e obedecer a ela. Ao receber a Palavra em nosso coração, desenvolvemos um caráter piedoso, de tal modo que a misericórdia e a verdade ("benignidade e fidelidade") tornam-se belos ornamentos em nossa vida (Pv 3:3; 1:9). Não basta os cristãos carregarem a Bíblia consigo; é preciso que deixem o Espírito Santo escrevê-la em seu coração (3:3; 7:3; 2 Co 3:1-3). A obediência à Palavra pode acrescentar anos a nossa vida e vida a nossos anos.

Em segundo lugar, devemos *obedecer à vontade de Deus* (vv. 5-8). A promessa é: "ele endireitará as tuas veredas" (v. 6), mas o cumprimento dessa promessa é vinculado a nossa obediência ao Senhor. Devemos crer nele de todo coração e obedecer a ele em todos os nossos caminhos. Isso significa ter um compromisso total com ele (Rm 12:1, 2). O termo traduzido por "confiar", no versículo 5, significa "prostrar-se com o rosto em terra numa posição vulnerável". Retrata um servo esperando as ordens de seu senhor e pronto a obedecer, ou, ainda, um soldado derrotado entregando-se ao general vitorioso.

O perigo, evidentemente, é aprender com base em nosso próprio entendimento e, desse modo, não compreender a vontade de Deus. Essa advertência não dá a entender que os filhos de Deus devem desligar seu cérebro e ignorar sua inteligência e bom senso. Apenas nos adverte a não depender de nossa própria sabedoria e experiência, nem da sabedoria e experiência de outros. Abraão fez isso quando foi para o Egito (Gn 12:10-20), e Josué fez o mesmo quando atacou a

pequena cidade de Ai (Js 7). Quando nos tornamos "sábios aos [nossos] próprios olhos" (Pv 3:7), estamos pedindo para nos meter em apuros.

A terceira condição a cumprir, se desejamos que Deus dirija nossos caminhos, é *compartilhar as bênçãos de Deus* (vv. 9, 10). Na vida cristã, não existe uma divisão entre o que é "espiritual" e o que é "material", pois todas as coisas vêm de Deus e pertencem a ele. Os israelitas do Antigo Testamento levavam ao Senhor os primogênitos de seus rebanhos (Êx 13:1, 2) e as primícias de seus campos (Lv 23:9-14) e, desse modo, reconheciam a bondade e soberania do Senhor. O paralelo no Novo Testamento pode ser encontrado em Mateus 6:33.

Se não somos fiéis em ofertar ao Senhor, mostramos que, na verdade, não confiamos nele. Por certo, nossos dízimos e ofertas não são "pagamentos" por suas bênçãos; antes, são evidência de nossa fé e obediência. O industrial cristão R. G. LeTourneau costumava dizer: "Se você contribui visando retorno, não terá retorno algum". Contribuir de coração é uma forma de nós prepararmos para aquilo que Deus deseja nos dizer e fazer por nós. "Porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6:21).

Nossa quarta responsabilidade é *nos sujeitarmos à disciplina de Deus* (Pv 3:11, 12). A disciplina faz parte do plano de Deus para que seus filhos e filhas desenvolvam um caráter piedoso (Hb 12:1-11). Deus não nos disciplina como um juiz castiga um criminoso, mas sim como um pai corrige um filho. Age em função de seu amor, e seu propósito é que nos tornemos "participantes da sua santidade" (Hb 12:10). Às vezes, Deus nos disciplina, porque nos rebelamos e precisamos nos arrepender; em outras ocasiões, a disciplina do Senhor nos guarda de pecar e nos prepara para uma bênção especial de Deus. Não importa quanto essa experiência nos magoa; ela não nos *faz mal*, pois Deus sempre disciplina em amor (Dt 8:2-5).

As bênçãos (vv. 13-35). Se confiarmos e obedecermos, nosso Pai dirigirá nosso caminho rumo às bênçãos que tem planejado para nós; a primeira dessas bênçãos é a *verdadeira*

riqueza que vem da sabedoria (vv. 13-18). Algumas pessoas sabem o preço de tudo, mas não sabem o valor de coisa alguma; em decorrência disso, fazem escolhas insensatas e acabam adquirindo mercadorias de qualidade inferior. Um conhecido meu pensou que estava fazendo um grande negócio quando comprou uma caixa de camisas brancas por uma bagatela em um camelô. Quando abriu a caixa em casa, descobriu que não eram camisas coisa nenhuma: eram peitinhos falsos, para vestir corpos para o sepultamento. Lá se foi seu grande negócio. Você pega o que quer da vida e paga por isso.

É bom ter as coisas que o dinheiro pode comprar, desde que não deixemos de lado as coisas que o dinheiro não compra. De que adianta ter uma mansão se não há um lar feliz dentro dela? A felicidade, o bem-estar e a paz não são conseqüências naturais do sucesso financeiro, mas são garantidas àqueles que vivem pela sabedoria de Deus. A sabedoria torna-se uma "árvore da vida" para o cristão que se apega a ela e, portanto, passa a ser um antegozo do céu (Ap 22:1, 2).

Outra bênção é a *harmonia com a criação de Deus* (Pv 3:19, 20). A pessoa que caminha de acordo com a sabedoria de Deus entende o que significa, de fato, que este mundo pertence ao Pai. Foi a sabedoria de Deus que fez todas as coisas existirem (8:22ss), inclusive aquilo que a ciência chama de "leis da natureza". A obediência a essas leis e à criação faz com que trabalhem em nosso favor; a desobediência faz com que trabalhem contra nós. Os membros do movimento "Nova Era" tentam se unir perfeitamente à natureza, mas estão condenados a fracassar, pois rejeitam a sabedoria de Deus. Os cristãos que vivem de acordo com a sabedoria de Deus são bons mordomos da criação e usam as dádivas divinas para a glória de Deus.

A terceira bênção é o *cuidado providencial do Pai* (3:21-26). Uma vez que é Deus quem dirige nosso caminho, ele é capaz de guardá-lo. O Senhor não tem obrigação de proteger seus filhos quando se desviam deliberadamente de seus caminhos. Ao fazê-lo, estão apenas tentando o Senhor, algo extremamente perigoso. No começo da década

de 1940, um cristão exasperado perguntou a um amigo meu que era pastor:

— Por que Deus não dá um fim a essa guerra terrível?

Meu amigo respondeu calmamente:

— Porque não foi ele quem a começou.

A guerra foi iniciada por pessoas que rejeitaram a sabedoria de Deus e foram atrás de seus próprios planos egoístas.

Ao nos entregarmos a Deus, todo nosso corpo pertence a ele e será protegido por ele. Deus nos ajudará a manter os olhos voltados para a direção certa (v. 21) e não deixará que nosso pescoço nos faça virar o rosto para longe do caminho de Deus (v. 22; ver Lc 9:53); manterá nossos pés na trilha correta (Pv 3:23, 26) e guardará até mesmo nossa coluna enquanto dormimos (v. 24). Se algo assustador acontecer de repente, não temeremos (v. 25; ver Sl 112:7; 121:3-6), pois o Senhor está nos protegendo. Por vezes, a qualidade de nosso sono mostra o quanto confiamos no Senhor (Sl 4 - 5).

Um relacionamento saudável com outros (Pv 3:27-35) é a quarta bênção que o cristão recebe quando caminha na sabedoria de Deus. Os cristãos sábios são generosos com o próximo e vivem em paz com ele (vv. 27-30), esforçando-se ao máximo para evitar conflitos desnecessários (Rm 12:18). Afinal, se verdadeiramente amamos a Deus, também amaremos nosso próximo da mesma forma como gostaríamos que ele nos amasse.

Entretanto, se nosso próximo for uma pessoa perversa que zomba de nossa fé (Pv 3:31-35), o Senhor nos guiará para que nossa luz brilhe e o amor dele transpareça de modo a influenciarmos essa pessoa sem que nos faça desviar do caminho do Senhor. Por vezes, é necessário um bocado de oração, paciência e sabedoria para se relacionar corretamente com pessoas que não querem cristãos por perto; mas talvez seja exatamente por isso que Deus nos colocou ao lado delas.

É possível ter um lar piedoso em meio a uma vizinhança ímpia, pois "a morada do justo ele [Deus] abençoa" (v. 33). Somos o sal da terra e a luz do mundo, e um cristão consagrado numa vizinhança pode fazer uma

grande diferença e testemunhar do Senhor com grande poder.

3. A SABEDORIA APERFEIÇO A NOSSO CAMINHO (Pv 4)

O versículo-chave do capítulo 4 é o versículo 18: “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito”. Trata-se da imagem do Sol nascendo e da luz cada vez mais intensa no caminho do peregrino, à medida que o dia avança. Se andarmos na sabedoria de Deus, o caminho torna-se cada vez mais luminoso e o Sol nunca se põe! Quando o caminho termina, entramos numa terra onde a luz nunca se apaga, pois “já não haverá noite” (Ap 22:5).

Deus tem um plano para cada um de seus filhos (Ef 2:10), e se caminhar-mos em sua sabedoria, podemos dizer com segurança: “O que a mim me concerne o SENHOR levará a bom termo” (Sl 138:8). Nosso caminho pode não ser fácil, mas enquanto andarmos na vontade do Pai, ele sempre nos trará satisfação. Isso implica três responsabilidades de nossa parte: conhecer a Palavra de Deus (Pv 4:19), confiar na providência de Deus (vv. 10-19) e obedecer à vontade de Deus (vv. 20-27).

Conhecer a Palavra de Deus (vv. 1-9). Alguns filhos não gostam quando o pai começa a contar histórias da infância dele, mas poderiam aprender um bocado se prestassem atenção. Ele aprendeu a sabedoria com seu pai e, agora, a está transmitindo à geração seguinte. De acordo com o que Deus ordenou, esta é a principal forma de preservar a verdade do Senhor: transmitindo-a de geração em geração (Dt 6:3-9; Ef 6:1-4; 2 Tm 1:3-5; 2:2; 3:14-17). Os filhos que têm pais e avós tementes a Deus devem dar graças ao Senhor por essa rica herança em vez de desprezá-la e de abandoná-la a fim de seguir os caminhos do mundo.

A injunção “adquire a sabedoria” (Pv 4:5) sugere a idéia de “comprar a sabedoria”, pois o termo hebraico refere-se a uma transação comercial. Se desejamos conhecer a verdade de Deus e obedecer a ela, devemos pagar certo preço por ela. “Compra a verdade e

não a vendas” (23:23). Os pais e avós podem nos ensinar, mas somente *nós mesmos* podemos receber a Palavra em nosso coração, guardá-la como um tesouro precioso e pagar o preço de lhe obedecer.

O pai diz a seus filhos para tratar a sabedoria da mesma forma como tratariam sua mãe, irmã ou esposa: devem amá-la, honrá-la, abraçá-la e exaltá-la! Além do adesivo de carro que pergunta: “Você já abraçou seus filhos hoje?”, deveria haver outro perguntando: “Você já abraçou a sabedoria hoje?” Em Provérbios, a Sabedoria é personificada como uma linda mulher que nos convida para um banquete suntuoso, enquanto a Loucura é uma adúltera ou prostituta que tenta nos conduzir à pobreza e à morte. Nossa vida será controlada por aquela que amamos. Ao abraçar a sabedoria, teremos segurança (4:6), honra (v. 8) e beleza (v. 9).

Confiar na providência de Deus (vv. 10-19). Ao receber a verdade de Deus em nosso coração, o Senhor renova nossa mente (Rm 12:2) e nos permite pensar com sabedoria. Isso nos ajuda a tomar as decisões certas e a receber a orientação de Deus cada dia. Em sua terna providência, Deus nos dirige e prepara o caminho para nós. Como disse Agostinho: “Confie o passado à misericórdia de Deus; o presente, a seu amor; e o futuro, a sua providência”. Porém, o rei Davi expressou-se ainda melhor, muito antes de Agostinho: “Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente” (Sl 16:11).¹

Se estivermos dispostos a fazer a vontade de Deus, receberemos a orientação de Deus (Jo 7:17), mas se tratarmos a vontade de Deus como um bufê de restaurante, escolhendo apenas aquilo que nos agrada, ele jamais nos orientará. Como disse antes, a vontade de Deus é para os zelosos, não para os curiosos. Ao fazer uma retrospectiva de mais de quarenta anos de casamento e de ministério, minha esposa e eu podemos dar testemunho da providência de Deus conduzindo nossa vida de maneiras absolutamente inesperadas.

Porém, os filhos de Deus não podem esperar ser conduzidos pelo Pai se andam, ora

pelo caminho da sabedoria, ora pelo caminho da perversidade (Pv 4:14-17). Devemos ficar o mais longe possível desse caminho! Não devemos entrar nele nem nos aproximar dele! Sem dúvida, é nossa responsabilidade testemunhar aos não-salvos que o Senhor coloca diante de nós, mas não devemos adotar seu estilo de vida nem imitar suas atitudes. *Deus não conduz seus filhos quando estão caminhando nas trevas. Ao viver dentro da vontade de Deus, o caminho torna-se cada vez mais luminoso, não cada vez mais sombrio* (1 Jo 1:5-10).

Existe, no entanto, o perigo de deixarmos as lições da sabedoria escaparem por entre nossos dedos e perdê-las. "Retém a instrução e não a largues" (Pv 4:13). Devemos nos agarrar à sabedoria da mesma forma que uma criança segura a mão dos pais e confiar que nossa mãe ou pai nos conduzirá e protegerá. Deus pode nos guardar de tropeçar (Jd 24), se nos mantivermos dentro de sua sabedoria.

Obedecer à vontade de Deus (vv. 20-27). Este parágrafo maravilhoso apresenta um inventário espiritual pessoal que pode ser usado para avaliarmos se estamos, de fato, vivendo em obediência ao Senhor. Algumas perguntas que devemos fazer a nós mesmos:

O que entra pelos meus ouvidos? (v. 20). Aquilo que entra pelos meus ouvidos irá, em última análise, influenciar minha mente, meu coração e minhas decisões, de modo que devo ter cuidado com aquilo que ouço. Paulo nos adverte sobre a "conversação torpe [...], palavras vãs ou chocarrices" (Ef 5:4), e o Salmo 1:1 nos diz para evitarmos o conselho dos ímpios. Quando as pessoas falam, devemos ser capazes de identificar a voz de Deus em seu discurso (Jo 10:3-5, 16) e obedecer àquilo que ele ordena.

O que há dentro de meu coração? (v. 23). Os ouvidos escutam e os olhos vêem aquilo que o coração ama. Quando nossos filhos eram pequenos, não importava por onde passássemos, sempre encontravam as sorveterias e as lojas de brinquedos; devo confessar que eu, no entanto, sempre via as livrarias! "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda

o coração, porque dele procedem as fontes da vida" (v. 23). Se poluímos as fontes, essa infecção espalha-se, e logo desejos secretos transformam-se em pecados explícitos e em vergonha pública.

A Bíblia nos adverte a evitar um coração dissimulado (Sl 12:2), endurecido (Pv 28:14), orgulhoso (21:4), incrédulo (Hb 3:12), frio (Mt 24:12) e impuro (Sl 51:10). "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração" (139:23).

O que está nos meus lábios? (v. 24). Tudo o que se encontra no coração acaba saindo pela boca (Mt 12:33, 34). Os filhos de Deus devem cuidar para ter uma "língua sã e irrepreensível" (Tt 2:8), uma palavra bondosa, "temperada com sal" (Cl 4:6). Ao ouvir seus oradores, os romanos antigos sorriam uns para os outros e diziam:

- *Cum grano salis* ("ouça com um grão de sal").

Mas os cristãos devem *colocar o sal em seu discurso* e manter suas palavras puras e honestas.

Como veremos num capítulo mais adiante, Provérbios fala muita coisa sobre nosso discurso, e o termo "boca" é usado mais de cinquenta vezes, enquanto "lábios" aparece mais de quarenta vezes na maioria das traduções deste livro. Dentre outras coisas, Salomão nos adverte sobre os lábios perversos (Pv 4:24), mentirosos (12:22), bajuladores (20:19), enganadores (24:28) e indisciplinados (10:19). "O que guarda a boca conserva a sua alma, mas o que muito abre os lábios a si mesmo se arruína" (13:3).

O que está diante dos meus olhos? (v. 25). A perspectiva determina os resultados. Abraão era amigo de Deus porque vivia pela fé e "porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Hb 11:10). Ló tornou-se amigo do mundo, porque andava de acordo com o que podia ver e se aproximou cada vez mais da cidade perversa de Gomorra (Gn 13:10, 12). Todos têm diante de si algum tipo de visão que os ajuda a determinar seus valores, ações e planos. Um bom exemplo a ser seguido é o de Davi, que disse: "Não porei coisa injusta diante dos meus olhos" (Sl 101:3), e do escritor do Salmo 119, que orou:

“Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade” (v. 37). Se estamos “olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus” (Hb 12:2), enquanto percorremos nosso caminho nesta vida, devemos manter essa atitude de fé. Se estamos olhando para trás (Lc 9:62) ou a nosso redor (Mt 14:30), poderemos acabar num desvio.

O que se encontra além do meu caminho? (vv. 26, 27). O termo hebraico traduzido por “ponderar” significa “pesar” ou “nivelar” e é relacionado a uma palavra que quer dizer “balança” (16:11). Em seu último discurso, antes de beber cicuta, Sócrates disse: “A vida que não é examinada não é digna de ser vivida”. Nas palavras de Paulo: “Examinai-vos

a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos” (2 Co 13:5). O Senhor está considerando nossas veredas (Pv 5:21) e sondando nosso coração (21:2), bem como nossas ações (1 Sm 2:3), e devemos fazer o mesmo. A vida é curta e preciosa demais para ser desperdiçada com tudo o que é temporário e trivial.

Se estamos andando em sabedoria, Deus promete proteger, dirigir e aperfeiçoar nosso caminho.

Tudo o que a insensatez pode nos oferecer é perigo, desvios, decepções e, por fim, a morte.

Não deve ser tão difícil tomar a decisão certa!

-
1. Esse tem sido o versículo-chave de minha vida desde 1948, quando entrei no seminário a fim de me preparar para o ministério, e posso dar testemunho de que nunca falhou. Ao andar pelo caminho de Deus, agradamo-nos de sua presença e desfrutamos seus prazeres. Temos vitalidade, alegria e satisfação – e tudo isso melhora à medida que a vida progride!
-

O CAMINHO DA LOUCURA E DA MORTE

PROVÉRBIOS 5 – 7

“**N**ão adulterarás.” O Senhor Deus proferiu essas palavras no monte Sinai, e as chamamos de sétimo mandamento, a intimidade sexual fora dos laços do matrimônio é errada, mesmo que ocorra entre “dois adultos, com o consentimento de ambas as partes”.¹ Essa lei menciona especificamente o adultério, mas o mandamento abrange os pecados sexuais proibidos em outras partes das Escrituras (Lv 18; Rm 1:18-32; 1 Co 6:9-20; Ef 5:1-14). Foi Deus quem criou o sexo e ele tem todo o direito de nos dizer como usar essa dádiva de maneira apropriada.

Porém, ao ouvir o sétimo mandamento, muitas pessoas de nossa sociedade atual sorriem com indiferença e perguntam: “O que há de errado com o sexo antes ou fora do casamento ou com qualquer outro tipo de prática sexual?”

Argumentam que, afinal, muita gente entrega-se a esses prazeres e, ao que parece, não sofre conseqüência alguma. Além disso, tais atividades são mais aceitáveis hoje do que no tempo de Salomão; então, por que fazer tempestade num copo d’água? Como diz um escritor contemporâneo: “A vida é um jogo cujas regras estão sempre mudando; nada tira mais a diversão de um jogo do que aqueles que o levam a sério demais”.² Eis, portanto, o veredicto: o sexo é divertido, de modo que não deve ser levado muito a sério.

Por certo, algumas pessoas bastante conhecidas entregaram-se a aventuras sexuais e até contaram vantagem sobre isso, inclusive governantes, artistas de Hollywood,

atletas famosos e (infelizmente!) pastores, mas nem por isso tais práticas são corretas. O pecado sexual é um dos temas principais de vários filmes, programas de TV, livros de ficção e contos; porém, a popularidade não serve de parâmetro para o que é certo ou errado. Muitas coisas aceitáveis para a lei são consideradas perversidade pela Bíblia, e não haverá um júri assentado no trono branco de julgamento (Ap 20:11-15; 21:27; 22:15).

Por que se preocupar com os pecados sexuais? Estes três capítulos de Provérbios nos dão três motivos pelos quais devemos nos importar com as leis de pureza de Deus: mais cedo ou mais tarde, o pecado sexual mostra-se uma grande decepção (Pv 5); possui efeito gradativamente destrutivo (cap. 6) e, por fim, conduz à morte (cap. 7). Por isso Deus diz: “Não adulterarás”.

1. MAIS CEDO OU MAIS TARDE, O PECADO SEXUAL CAUSA DECEPÇÃO (Pv 5)

Quando as pessoas casadas honram e respeitam o sexo conforme as instruções de Deus em sua Palavra, podem experimentar prazer cada vez maior, à medida que sua intimidade se desenvolve. Porém, quando as pessoas quebram essas regras, o resultado é exatamente o oposto. Sofrem decepções e desilusões e precisam buscar “doses” cada vez mais altas de aventura sexual, a fim de obter o nível imaginário de prazer sexual que desejam.

Deus não criou o sexo apenas para a reprodução, mas também para o prazer, e não colocou o “muro do casamento” ao redor do sexo para nos *privar* de prazer, mas sim para *umentar e proteger* esse prazer. Neste capítulo, Salomão explica as decepções que ocorrem quando as pessoas transgridem as leis que Deus, em seu amor, determinou para a pureza sexual.

A doçura transforma-se em amargura (vv. 1-6). Vimos a “mulher adúltera” anteriormente (2:16) e ela voltará a ser mencionada em outras ocasiões (5:20; 6:24; 7:5; 20:16; 22:14; 23:27; 27:13). O termo traduzido por “adúltera” também significa “estranha” ou “que não é relacionada”. A “mulher adúltera”

é aquela com a qual o homem não é relacionado pelo casamento e, portanto, com a qual não pode ter qualquer envolvimento sexual. O começo dessa relação pecaminosa pode parecer emocionante e doce, pois os beijos e palavras dos lábios dessa mulher gotejam como o mel (7:13-20), porém, no final, a “doçura” transforma-se em amargura, e o mel passa a ser veneno (5:4).

Provérbios enfatiza a importância de *olhar adiante para ver aonde nossos atos nos levarão* (ver 5:11; 14:12-14; 16:25; 19:20; 20:21; 23:17, 18, 32; 24:14, 20; 25:8). A pessoa prudente verifica o lugar de destino antes de comprar uma passagem (4:26), mas a sociedade moderna acredita que as pessoas podem transgredir a lei de Deus e escapar das conseqüências. Estão certas de que aquilo que aconteceu com os outros nunca acontecerá com elas. Infelizmente, sua ignorância e insolência jamais será capaz de neutralizar os resultados trágicos de se transgredir as leis de Deus. “Tomara fossem eles sábios! Então, entenderiam isto e atentariam para o seu fim” (Dt 32:29).

Os ganhos transformam-se em perdas (vv. 7-14). A tentação sempre inclui promessas cheias de esperança; de outro modo, as pessoas nunca morderiam a isca que o diabo oferece. Por um tempo, pode parecer que essas promessas foram cumpridas, e os pecadores se refestelam no sol das experiências agradáveis e da falsa segurança. É o que o conselheiro familiar J. Allan Petersen chama de “o mito da grama mais verde”.³ Quem comete pecados sexuais acredita que seus problemas foram resolvidos (“Ela me entende muito melhor do que minha esposa!”) e que a vida ficará cada vez melhor. Porém, a desobediência às leis de Deus sempre tem conseqüências trágicas e, mais cedo ou mais tarde, os pecadores pagam um alto preço por seus breves momentos de prazer.

Ao ler os versículos 9 a 14, ouvimos as palavras de um pecador angustiado lamentando o alto preço a ser pago por desobedecer às leis de Deus, pois *de tudo o que há no mundo, o que custa mais caro é o pecado*. Esse pecador descobre que o marido da mulher em questão é um homem cruel, que

exige que ele pague pelo que fez, de modo que o adúltero acaba dando seus bens a outros e labutando a fim de pagar sua dívida. Ao invés de luxo, o que resta ao pecador é a miséria; ao invés de sucesso, a ruína e, ao invés de uma boa reputação, a fama de adúltero. Ele olha para trás e deseja que tivesse dado ouvidos a seus pais e líderes espirituais, mas seus desejos não são capazes de mudar sua situação miserável. Sem dúvida, em sua *graça*, Deus perdoará todos os pecados, se esse homem se arrepender; em sua *soberania*, porém, Deus providencia para que ele colha aquilo que plantou.

A pureza transforma-se em contaminação (vv. 15-20). Salomão compara desfrutar o amor dentro do casamento com beber a água pura de um poço novo, enquanto cometer pecado sexual é como beber a água contaminada da sarjeta ou de um esgoto. O sexo dentro do casamento é um lindo rio que oferece vida e refrigério, mas o sexo fora do casamento é um esgoto que contamina tudo o que toca. Cometer um pecado sexual é o mesmo que derramar as águas do rio puro nas ruas – um desperdício enorme! “Embriagar-se” com o tipo errado de amor (7:18) conduz à destruição.

O compromisso com o casamento é como as margens de um rio, delimitando-o de modo que não se transforme num pântano. A santa lei de Deus restringe as águas ao espaço entre essas duas margens e, desse modo, produz uma corrente intensa e profunda. As aventuras antes e fora do casamento não satisfazem, pois são superficiais, e as águas rasas logo ficam enlameadas. Um homem e uma mulher comprometidos um com o outro pelo casamento podem experimentar a satisfação cada vez maior que vem com o amor, a profundidade e a pureza.

No entanto, a passagem trata ainda de outro elemento. Salomão admoesta o marido a “saciar-se” com o amor da esposa (5:19, 20); o verbo “saciar-se” também pode ser traduzido por “embriagar-se” e “encantar-se”.⁴ O adúltero vê o rio transformar-se em esgoto, mas o marido fiel vê a água tornar-se vinho! Creio que é bastante significativo o fato de Jesus ter transformado água em vinho

numa festa de casamento, como se estivesse ilustrando os prazeres cada vez maiores dentro desse relacionamento comprometido (Jo 2:1-11).

Quando o marido e a esposa são fiéis ao Senhor e um ao outro e quando obedecem às instruções de textos das Escrituras, como 1 Coríntios 7:1-5 e Efésios 5:22-33, nenhum dos dois sairá em busca de satisfação em qualquer outro lugar. Se amam um ao outro e procuraram agradar um ao outro e ao Senhor, seu relacionamento será de felicidade e de satisfação cada vez mais profundas e não olharão ao redor em busca de "pastos mais verdes".

A liberdade transforma-se em escravidão (vv. 21-23). A liberdade de escolha é um dos privilégios que Deus nos deu, mas ele nos instrui e insta a usar essa liberdade com sabedoria. As leis de Deus são placas sinalizadoras que nos conduzem pelo caminho da vida, e Deus vê as decisões que tomamos e as veredas que escolhemos. "Os olhos do SENHOR estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons" (15:3).

Se usamos nossa liberdade com sabedoria, desenvolvemos nosso caráter cristão, e Deus poderá nos confiar liberdade ainda maior. Porém, se abusamos de nossa liberdade e desobedecemos deliberadamente à Palavra de Deus, essa liberdade transforma-se, aos poucos, numa escravidão da qual não conseguiremos nos livrar com facilidade. "Quanto ao perverso, as suas iniquidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido" (5:22). Essas palavras poderiam ter sido usadas como epítáfio para Sansão (Jz 13 - 16).

É impossível pecar sem se prender. Um dos aspectos enganosos do pecado é o fato de que ele promete liberdade, mas só traz escravidão. "Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado" (Jo 8:34). "Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedecéis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?" (Rm 6:16).

As cordas do pecado tornam-se mais fortes a cada dia e, no entanto, o pecado pode

nos iludir e nos levar a pensar que somos capazes de deixar o pecado quando desejarmos. À medida que as cadeias do vício são forjadas, descobrimos horrorizados que não temos forças para rompê-las. Neste momento, milhões de pessoas por todo o mundo encontram-se em algum tipo de escravidão e estão buscando livramento, mas o único que pode livrá-las é Jesus Cristo. "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (Jo 8:36).

Não é de se admirar que o pai advirta os filhos a se manterem afastados da mulher adúltera. "Afasta o teu caminho da mulher adúltera e não te aproximes da porta da sua casa" (Pv 5:8). "A sua casa é caminho para a sepultura e desce para as câmaras da morte" (7:27).

2. O PECADO SEXUAL POSSUI EFEITO GRADATIVAMENTE DESTRUTIVO (Pv 6)

O capítulo 6 trata de três inimigos que podem destruir uma pessoa financeira, física, moral ou espiritualmente: compromissos financeiros insensatos (vv. 1-5), preguiça (vv. 6-11) e lascívia (vv. 20-35). Não é raro uma pessoa cometer pecados desses três tipos, pois a preguiça e a lascívia com freqüência andam juntas. Quem é facilmente pressionado a se tornar fiador de outros também pode ser pressionado a fazer coisas insensatas, como, por exemplo, cometer adultério. "Porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6:21).

Trataremos de Provérbios 6:1-11 em nosso estudo sobre a riqueza e o trabalho. Os versículos 12 a 19 serão incluídos no capítulo 5, em nosso estudo sobre "os perversos" mencionados em Provérbios. Nos versículos 20 a 35, Salomão trata do adultério e ressalta o que as pessoas perdem ao cometer esse pecado abominável.

Perdem a Palavra de Deus (vv. 20-24). Nos capítulos 5 a 7, cada uma das advertências contra o adultério tem como prefácio uma admoestação para dar ouvidos à Palavra de Deus (5:1, 2; 6:20-24; 7:1-5). Ao crer na Palavra e obedecer a ela, Deus nos guarda de cair nas mentiras do inimigo. Sem dúvida os filhos têm a obrigação de honrar pai e mãe

(6:20; ver 1:8), e os filhos de Deus têm a responsabilidade e o privilégio de glorificar o nome do Pai. “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hb 13:4).

A Palavra deve ser guardada no coração (Sl 119:11), pois é do coração que “procedem as fontes da vida” (Pv 4:23).⁵ A verdade de Deus também deve controlar o pescoço, pois *um homem pode ser tentado a voltar a cabeça a fim de olhar para uma linda mulher com propósitos lascivos* (Mt 5:27-30). É possível que não tenha como evitar vê-la pela primeira vez, mas é o segundo olhar que se torna problemático.

A Palavra de Deus na mente e no coração é como um guia que nos conduz pelo caminho seguro e que nos protege de ataques. Também é como um amigo que conversa conosco e que nos aconselha ao longo da jornada (Pv 6:22). Andamos na luz, pois a Palavra é lâmpada (v. 23; Sl 119:105, 130). Se ouvirmos a voz de Deus em sua Palavra, não seremos enganados pela bajulação do inimigo (Pv 6:24).

Ao ler 1 João 1:5-10, podemos observar que “andar na luz” nos garante que ouviremos a Palavra de Deus, enquanto “andar nas trevas” nos faz perder sua Palavra. Se desobedecemos a Deus e não *praticamos* a verdade (Pv 6:6), não *temos* a verdade (v. 8) e *sua Palavra não está em nós* (v. 10). Uma erosão gradual da vida espiritual leva da luz para as trevas, e, com essa erosão, vem também uma deterioração do caráter cristão.

Perdem riquezas (vv. 25, 26). Trata-se de uma passagem paralela a 5:7-14; ver também 29:3. “Pagar um pedaço de pão” significa ser degradado ao nível mais baixo possível de pobreza (ver Lc 15:13-16, 30). Se o adultério resultar em escândalo, processo judicial e divórcio, o custo não será baixo; nestes tempos de Aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis, o adúltero coloca em risco sua saúde e sua vida.

Perdem o prazer (vv. 27-31). Quando restrito e controlado, o fogo é bom. Serve para nos aquecer, cozinhar os alimentos, impulsionar turbinas e gerar energia elétrica.

O sexo é uma dádiva de Deus, mas, assim como o fogo, se não for controlado, torna-se destrutivo. O que começa como “calor”, transforma-se numa experiência ardente, como segurar no colo uma tocha ou andar sobre brasas vivas.

Há quem argumente que “o sexo é um desejo normal, que recebemos de Deus. Assim, temos o direito de usá-lo mesmo sem casar. É como comer: Deus nos deu o alimento para saciar nossa fome; também nos deu o sexo para desfrutarmos dele quando nos sentimos solitários”. Algumas pessoas na igreja de Corinto usaram essa mesma argumentação para justificar suas práticas pecaminosas: “Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos” (1 Co 6:13). Mas Paulo deixa claro que o corpo do cristão pertence a Deus e que a presença de um desejo não é o mesmo que o privilégio de satisfazer esse desejo (vv. 12-20).

Salomão emprega uma abordagem semelhante em Provérbios 6:30, 31. Sem dúvida, a fome é uma força poderosa na vida humana, e a única forma de satisfazê-la é alimentar-se, mas se roubarmos o pão que comemos, estamos transgredindo a lei. Acabamos pagando mais caro por esse pão do que se o tivéssemos comprado na padaria. Sentados na cadeia ou em pé diante de num tribunal, esquecemos rapidamente o prazer de ter comido aquele pão.

O adultério é uma forma de roubo: “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição [...] e que, nesta matéria, ninguém ofenda nem defraude a seu irmão; porque o Senhor, contra todas estas coisas, como antes vos avisamos e testificamos claramente, é o vingador” (1 Ts 4:3, 6). Quando o adultério entra no casamento, todos saem perdendo.

Perdem seu bom senso (v. 32). O rei Davi era um estrategista brilhante no campo de batalha e um governante sábio no trono, mas perdeu seu bom senso ao olhar para a esposa de seu próximo e cobiçá-la para si (2 Sm 12). Tinha certeza de que poderia escapar impune de seu pecado, mas o bom senso teria lhe mostrado que estava errado. Todos os estratagemas usados por

Davi para comprometer o marido de Bate-Seba falharam, de modo que o rei acabou ordenando que ele fosse morto. Sem dúvida, Davi sabia que colhemos aquilo que semeamos, e foi exatamente o que aconteceu com ele, bem nos campos de sua própria família.

Perdem sua paz (vv. 33-35). O marido irado usa todos os meios possíveis para se vingar, pois para um marido amoroso é preferível que seu vizinho roube seu dinheiro do que sua esposa. “Porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura, o ciúme; as suas brasas são brasas de fogo, são veementes labaredas” (Ct 8:6). O transgressor não terá paz, e o marido ofendido não aceitará oferta alguma de dinheiro. O adúltero perderá sua reputação na comunidade e poderá, inclusive, sofrer castigos físicos. Sem dúvida, de acordo com a lei, ele e a mulher deveriam ser apedrejados até a morte (Lv 20:10; Dt 22:22), mas não sabemos ao certo se essa pena era sempre executada.

Na sociedade de hoje, se uma pessoa tem dinheiro e influência suficientes, é possível que consiga sobreviver a um escândalo envolvendo adultério, mas ainda assim sua vida nunca mais será exatamente a mesma. Quer nesta vida quer na próxima, os pecadores podem estar certos de que seus pecados os encontrarão. Entregar-se ao pecado sexual é um negócio que sempre acaba dando prejuízo.

3. POR FIM, O PECADO SEXUAL CONDUZ À MORTE (Pv 7)

Pela terceira vez, Salomão chama o jovem de volta à Palavra de Deus (vv. 1-5), pois guardar os mandamentos de Deus é uma questão de vida ou morte. A adúltera mora numa rua sem saída. “A sua casa é caminho para a sepultura e desce para as câmaras da morte” (v. 27).

A expressão conhecida “menina dos teus olhos” (v. 2) refere-se à pupila do olho. Protegemos nossos olhos, pois eles nos são extremamente valiosos e, da mesma forma, devemos proteger e honrar a Palavra de Deus ao lhe obedecer. Com frequência, o pecado

sexual começa com olhos e mãos indisciplinados (Mt 5:27-30), mas o cerne do problema é o coração (Pv 7:2, 3). Se amamos a sabedoria de Deus como amamos os membros de nossa família, não temos desejo algum de visitar a casa de uma prostituta.

Este capítulo apresenta uma descrição vívida de um jovem que cai na armadilha da mulher adúltera. Observe os passos que o conduzem a sua destruição.

Ele tenta a si mesmo (vv. 6-9). Temos a impressão de que o jovem é terrivelmente estúpido ou muito orgulhoso, convencido de que pode brincar com o pecado e escapar incólume. Na verdade, porém, está apenas tentando a si mesmo e se metendo em apuros. Em primeiro lugar, está fora de casa “na escuridão da noite, nas trevas” (ver 2:13; Jo 3:19-21; 1 Jo 1:5-7), deliberadamente caminhando perto de um lugar de tentação e perigo. Não deu ouvidos ao conselho sábio do Senhor: “Afasta o teu caminho da mulher adúltera e não te aproximes da porta da sua casa” (5:8). Seus pés não estavam sendo controlados pela Palavra de Deus (3:26; 4:27).

Ao longo de mais de quarenta anos de ministério, tenho ouvido várias histórias tristes de pessoas que se entregaram a pecados sexuais e que passaram por sofrimento intenso; em quase todos os casos, essas pessoas colocaram-se intencionalmente num lugar de tentação e de perigo. Ao contrário de Jó, não fizeram “aliança com [seus] olhos” para não olhar para uma donzela com lascívia (Jó 31:1) nem seguiram o exemplo de José, que fugiu da tentação (Gn 39:7ss; 2 Tm 2:22). Não podemos evitar ser tentados, mas certamente podemos evitar tentar a nós mesmos.

Ele é tentado pela mulher (vv. 10-20). Como uma aranha perigosa em sua teia, a mulher olha de sua janela, pronta para se lançar sobre sua presa. É casada com outro homem, mas seu marido está viajando, e ela se veste como uma prostituta para atrair aqueles que procuram seus serviços (Gn 38:14, 15; Ez 16:16). Não vê motivo algum para não ganhar dinheiro e se entreter enquanto o marido está fora. Havia procurado

vítimas nas ruas (Pv 7:11, 12), mas agora vê uma delas à porta!

Ela o agarra (Cn 39:12), o beija (Pv 5:3) e o convence de que é o momento oportuno para ele ir visitá-la. Antes de viajar, seu marido havia ido com ela ao templo oferecer um sacrifício pacífico (Lv 7:11-21), de modo que tinha um pouco de carne em casa. Ela lhe prepararia um banquete inesquecível. "Tal é o caminho da mulher adúltera: come, e limpa a boca, e diz: Não cometi maldade" (Pv 30:20).

A mulher apela para o ego do rapaz ao lisonjeá-lo e fazê-lo pensar que o considera alguém especial. Jamais ofereceria a outra pessoa aquilo que oferece a ele! Apela também a sua imaginação ao descrever sua linda cama e as especiarias caras com as quais a perfuma. Garante que ninguém ficará sabendo (mas alguém os está observando 7:6) e que seu marido ficará fora por muitos dias. Os dois têm tempo de sobra para se entreter.

Ele tenta o Senhor (vv. 21-27). Quando oramos: "Não nos deixes cair em tentação" (Mt 6:13), sabemos que Deus não nos tenta (Tg 1:13-16); porém, podemos tentar a nós mesmos, a outros e até mesmo a Deus (Êx 17:1-7; Nm 14:22; Dt 6:16; Sl 78:18, 56; 1 Co 10:9). Tentamos Deus quando lhe desobedecemos deliberadamente, colocando-nos em situações tão difíceis que só podemos ser libertos por Deus. É como se o "desafiássemos" a fazer alguma coisa.

O jovem tomou uma decisão precipitada quando seguiu a mulher e, ao fazê-lo, começou a agir como um animal. Deixou de ser um rapaz, criado à imagem de Deus, e passou a ser como um boi a caminho do matadouro, ou como um pássaro rumando direto para uma armadilha. Os seres humanos são os únicos membros da criação de Deus que podem escolher que tipo de criatura desejam ser. Deus quer que sejamos ovelhas (Sl 23:1; Jo 10; 1 Pe 2:25), mas há outras opções, como cavalos ou mulas (Sl 32:9) e até mesmo porcos e cães (2 Pe 2:22).

Sempre que vivemos fora da vontade de Deus, perdemos os privilégios como seres humanos feitos à imagem divina.

Ao entrar na casa da mulher adúltera, assentou-se a sua mesa e deitar em sua cama, o rapaz desobedeceu à lei de Deus intencionalmente, *mas o Senhor não interveio*. Permitiu que o jovem saciasse seus apetites sexuais e sofresse as conseqüências. Deus poderia tê-lo detido, mas não o fez, pois a Palavra diz: "Não tentarás o Senhor, teu Deus" (Mt 4:7; Dt 6:16). Se, em vez de tentar o Senhor, o jovem tivesse *olhado para cima*, para o Senhor, e se lembrado de sua Palavra (Pv 7:24), *olhado para dentro de si* e mantido seu coração voltado para a verdade de Deus (v. 25) e *olhado para a frente* a fim de ver as conseqüências terríveis de seu pecado (vv. 26, 27), teria dado meia-volta e fugido das garras da prostituta.

A sociedade de hoje não apenas aceita tranquilamente os pecados sexuais como também os aprova e incentiva. Perversões que só de ser mencionadas deixariam as pessoas horrorizadas cinquenta anos atrás, hoje são tema de livros, filmes e programas de televisão. O que Paulo viu em seu tempo e descreveu em Romanos 1:18-32 é aparente em nossos dias, mas as pessoas não gostam quando chamamos essas práticas de "pecado". Afinal "é o que todos estão fazendo".

Porém, o evangelho ainda é "o poder de Deus para a salvação" (Rm 1:16), e Cristo ainda pode transformar a vida das pessoas (1 Co 6:9-11). Não basta os cristãos protestarem contra o mal; também devem praticar o bem (Mt 5:13-16) e proclamar as boas novas de que os pecadores podem ser transformados em novas criaturas em Cristo (2 Co 5:17).

Se o mundo tivesse mais luz, haveria menos trevas.

Se o mundo tivesse mais sal, haveria menos corrupção.

Se o mundo ouvisse mais a verdade, haveria menos dissimulação.

Temos um trabalho a fazer!

1. Sei que a psicologia moderna considera que várias, senão a maioria, de nossas reações em relação uns aos outros podem ser consideradas "sexuais"; afinal, somos seres sexuais, não robôs. Porém, a expressão "intimidade sexual fora

dos laços do matrimônio” refere-se especificamente à relação sexual em si e a outras formas de relacionamento sexual que assumem seu lugar. Jesus fala de “adulterios” (plural) em Mateus 15:19; o édito da conferência em Jerusalém fala de “relações sexuais ilícitas”, expressão que certamente incluía pecados sexuais condenados pela lei de Moisés (At 15:20; Lv 18). Ao que parece, em alguns contextos, o termo “adulterio” inclui várias formas de pecado sexual.

2. De CRISP, Quentin. *Manners from Heaven*, cap. 7.
3. PETERSEN, J. Allan. *O Mito da Grama Mais Verde*. Rio de Janeiro: JUERP, 1985. Este é, do ponto de vista bíblico, um dos melhores livros sobre a compreensão e prevenção de relacionamentos extraconjugais e cura de casamentos que sofreram com esse tipo de envolvimento. Como todo pastor sabe, pecados nessa área são mais freqüentes nas igrejas locais do que temos coragem de reconhecer abertamente.
4. O significado básico do termo hebraico é “se desviar, vaguear” e pode descrever os resultados do consumo excessivo de álcool (20:1; Is 28:7). É traduzido por “cambaleiar” em Provérbios 5:23; nos versículos 19 e 20, significa “estar encantado, inebriado”.
5. A ordem para atar a Palavra de Deus a diversas partes do corpo era obedecida literalmente pelos fariseus (3:3; 6:21; 7:3; Dt 6:8, 9), dando origem ao “filactério” (Mt 23:5), uma pequena caixa de couro contendo quatro partes do Antigo Testamento (Êx 13:1-10 e 11-16; Dt 6:4-9 e 11:13-21) escritos num pergaminho. Ao comparecer a orações públicas, os judeus ortodoxos amarravam um filactério na testa e outro no braço esquerdo e também colocavam um filactério na porta da casa. O termo “filactério” vem do grego e significa “guardar, proteger”. O povo acreditava que usar a Palavra de Deus como um amuleto os protegeria do mal.

INTERLÚDIO

A partir deste capítulo, estudaremos o Livro de Provérbios de modo *temático*, reunindo os textos que tratam dos mesmos assuntos e mostrando como se encontram relacionados entre si e com nossa vida cristã pessoal nos dias de hoje. Em certo sentido, estudaremos o que a Bíblia ensina sobre a vida cristã usando o Livro de Provérbios como ponto de referência.

Nenhuma classificação textual é inspirada ou definitiva, e muitos versículos podem

ser encaixados em várias categorias diferentes. O salmista estava certo quando disse: “Tenho visto que toda perfeição tem seu limite; mas o teu mandamento é ilimitado” (Sl 119:96). Uma vez que citarei todos os versículos relevantes, o mais proveitoso é procurar e ler as referências apresentadas. É importante refletir sobre essas Escrituras, a fim de ser plenamente beneficiado por seu estudo.

A maneira mais fácil de estudar Provérbios é por seus temas, porém a melhor maneira de ler Provérbios é passar capítulo por capítulo. Isso porque cada capítulo apresenta diversas verdades, e não sabemos de qual precisaremos para determinado dia. Na verdade, alguns versículos são repetidos, a fim de garantir que entendemos a mensagem.

“O temor do SENHOR é o princípio do saber” (Pv 1:7), por isso, mantenha-se reverente diante do Senhor e esteja pronto a obedecer ao que ele lhe disser.

PESSOAS SÁBIAS E PESSOAS INSENSATAS — PARTE 1

(OS SÁBIOS E OS PERVERSOS)

Ao observar atentamente as multidões em *shopping centers*, vemos que existem pessoas de todo tipo neste mundo. Sem dúvida, toda essa gente também chega à mesma conclusão ao olhar para nós. Como disse o dramaturgo George Bernard Shaw: “Se os outros planetas são habitados, então devem estar usando a Terra como hospício”. Assim, Linus, personagem de histórias em quadrinhos de Charles M. Schulz, exclama: “Adoro a humanidade. O que não suporto são os seres humanos!”

O Livro de Provérbios trata, basicamente, de tipos diferentes de gente, daquilo em que crêem, do que fazem e de como interagem. As pessoas criam circunstâncias boas ou ruins, e, ao longo da vida, somos obrigados a lidar com indivíduos e com circunstâncias. O objetivo de Salomão ao escrever este livro é nos ajudar a ser mais aptos em nossos relacionamentos tanto com as pessoas quanto com as circunstâncias, de modo a ter uma vida bem-sucedida para a glória de Deus.

Ao longo de nosso estudo de Provérbios 1 a 9, vimos de passagem cinco tipos distintos de pessoas: o sábio, o perverso, o insensato, o simples e o escarnecedor. Cabe, agora, nos familiarizarmos um pouco mais com essas pessoas e aprender o que significa, de fato, ser sábio.

1. O SÁBIO

O Livro todo de Provérbios é um guia para se obter sabedoria, mas em alguns pontos, Salomão ressalta várias características importantes da pessoa sábia. É evidente que o primeiro passo em direção à sabedoria é a *fé salvadora em Jesus Cristo*. Antes de obter

sabedoria em relação a qualquer outra coisa, as pessoas sábias são “[sábias] para a salvação” (2 Tm 3:15), pois Jesus Cristo é a Sabedoria de Deus (Cl 2:3; 1 Co 1:30). As pessoas estudadas e treinadas que ignoram ou rejeitam a Cristo podem ser bem-sucedidas em sobreviver, mas sem ele jamais conseguirão viver de fato, ou seja, ter uma vida que glorifica a Deus. A coisa mais sábia que uma pessoa pode fazer é crer em Jesus e viver em obediência a ele.

Consideremos algumas das características importantes das pessoas sábias.

Os sábios dão ouvidos às instruções sábias, especialmente às que se encontram na Palavra de Deus. “Ouça o sábio¹ e cresça em prudência; e o instruído adquira habilidade” (1:5). As pessoas sábias atentam para a instrução oral e também para a instrução escrita que se encontra na Palavra de Deus (22:17-21). Jesus nos adverte para dar atenção *àquilo* que ouvimos (Mc 4:24) e *como* ouvimos (Lc 8:18). “Filho meu, se deixas de ouvir a instrução, desviar-te-ás das palavras do conhecimento” (Pv 19:27). “Compra a verdade e não a vendas; compra a sabedoria, a instrução e o entendimento” (23:23). A sabedoria custa caro, mas vale a pena!

Isso significa que devemos gastar tempo lendo e estudando a Palavra de Deus com diligência, guardando suas verdades em nosso coração e obedecendo aos mandamentos de Deus (2:1-9). Não basta ter uma Bíblia de estudos e ler livros sobre a Bíblia, por mais úteis que sejam. Uma coisa é ter conhecimento sobre a Palavra e outra bem diferente é ouvir Deus falar através dela e nos ensinar a sabedoria que nos tornará mais parecidos com Jesus Cristo. Ao longo de muitos anos de ministério, encontrei algumas pessoas que possuíam conhecimento fenomenal das Escrituras, mas que não manifestavam o fruto do Espírito (Gl 5:22, 23). “O saber ensoberbece, mas o amor edifica” (1 Co 8:1).

Além disso, os sábios não desperdiçam seu tempo ouvindo tolices e mentiras. Têm cuidado com o que lêem, ouvem e vêem e também com o que falam em suas conversas no dia-a-dia. Esforçam-se para manter o

coração e a mente livres de qualquer lixo, pois "todo lixo que entra acaba saindo" (ver Pv 4:23). Por esse motivo, são extremamente seletivos quanto aos programas de rádio e de televisão que ouvem e a que assistem e quanto aos livros que lêem.

Os sábios beneficiam-se da repreensão (9:8, 9; 10:17; 17:10) e do conselho (13:10; 12:15; 19:20). Seu conceito de si mesmos não é tão elevado a ponto de serem que não têm o que aprender com outros (3:7; 26:12). Se somos sábios a nossos próprios olhos, certamente não o seremos aos olhos de Deus!

Os sábios temem ao Senhor. "O temor do SENHOR é o princípio do saber" (1:7). "Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal" (3:7). Como vimos anteriormente, possuir "temor do SENHOR" significa respeitá-lo de modo a obedecer à sua vontade e procurar honrar seu nome. Temer ao SENHOR é o contrário de tentar o SENHOR deliberadamente ao desobedecer a ele e desafiá-lo a intervir. "Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor" (Fp 2:12). "Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor" (Sl 2:11).

"O temor do SENHOR é fonte de vida" (Pv 14:27) e conduz à vida (19:23). Esse temor dá segurança (14:26), esperança (23:17, 18) e a promessa de uma vida longa (10:27). Quando tememos ao SENHOR, organizamos corretamente nossas prioridades. "Melhor é o pouco, havendo o temor do SENHOR, do que grande tesouro onde há inquietação" (15:16). Também nos apartamos do mal (8:13; 16:6; ver também 14:2).

Os sábios relacionam-se com outros sábios. "Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau" (13:20). Ao ler e estudar as Escrituras, identificamo-nos com mulheres e homens sábios das histórias bíblicas e aprendemos com eles. Ao passar tempo com amigos tementes a Deus, podemos adquirir sabedoria e crescer em nosso conhecimento de Cristo. Ao fazer uma retrospectiva de minha peregrinação cristã, agradeço a Deus pelas muitas pessoas que o Senhor colocou em minha vida que me ajudaram a compreender melhor a sabedoria e os caminhos do Senhor.

"O justo serve de guia para o seu companheiro, mas o caminho dos perversos os faz errar" (12:26).

Uma das melhores maneiras de "andar com os sábios" é ler biografias cristãs e a história da Igreja. Tenho centenas de livros de biografia e autobiografia em minha biblioteca. Li alguns deles uma porção de vezes, e esses livros enriqueceram minha vida grandemente. Não tive o privilégio de conhecer pessoalmente J. Hudson Taylor, Amy Carmichael, Santo Agostinho, Dwight L. Moody, Billy Sunday, G. Campbell Morgan, Fanny Crosby ou Robert Murray M'Cheyne, mas ao ler suas biografias e autobiografias, sermões e cartas, fui beneficiado por sua jornada com o Senhor.

Os sábios preservam e usam o que adquiriram. "Os sábios entesouram o conhecimento, mas a boca do néscio é uma ruína iminente" (10:14). Se tivermos sabedoria guardada em nosso coração, diremos a coisa certa no momento certo e ajudaremos outras pessoas. Os insensatos, porém, perdem qualquer sabedoria que porventura tenham adquirido, e suas palavras causam destruição.

Pode-se observar um texto paralelo em 12:27: "O preguiçoso não assará a sua caça, mas o bem precioso do homem é ser ele diligente". O pregador escocês George Morison tem um excelente sermão sobre esse texto e o chamou de *Benefícios Desperdiçados*² (o próprio título já é um sermão!). Como é triste quando as pessoas desperdiçam seus benefícios ao deixarem de usar a instrução, os sermões e as lições bíblicas que ouviram ou os livros que leram! Por certo, os sábios entesouram o conhecimento e as aptidões que adquirem e usam esse tesouro para a glória de Deus.

Lembro-me de ouvir alguns de meus colegas de seminário exclamarem na formatura: "Grego e hebraico nunca mais!" Depois de vários anos aprendendo a usar as línguas bíblicas, estavam vendendo esses instrumentos valiosos e, desse modo, desperdiçando seus benefícios.

Ao longo dos anos, tenho usado com frequência as margens da Bíblia para fazer anotações de coisas que Deus me ensinou

e que aprendi com outros. Em várias ocasiões, usei essas anotações num sermão que estava preparando ou num livro que estava escrevendo. Ao ler um bom livro, sublinho as frases importantes, faço comentários nas margens e organizo meu próprio índice de idéias no final do livro. Minha máquina fotocopiadora trabalha um bocado, pois copio materiais de livros e coloco tudo em pastas para usar em ocasião futura. Assim, não desperdiço esses benefícios.

Os sábios fogem do pecado. “O sábio é cauteloso e desvia-se do mal, mas o insensato encoleriza-se e dá-se por seguro” (14:16). Uma consequência natural de temer ao Senhor é abominar o pecado (8:13; ver Sl 97:10; Rm 12:9). A pessoa que confia em si mesma não é sábia. Josué confiou em si mesmo e perdeu uma batalha (Js 7); Sansão tinha essa atitude e acabou se tornando um prisioneiro (Jz 16:20ss); Pedro confiou em si mesmo e negou o Senhor três vezes (Lc 22:33, 34). “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12).

As pessoas sábias não se arriscam desnecessariamente nem fazem experiências para ver quão perto conseguem chegar do precipício sem cair. Quando José se viu diante do mal, fugiu (Gn 39:7ss). Ouvi falar de um jovem assistente de pastor, bem-apegoado, que era perseguido por diversas moças da igreja, e o pastor principal o advertiu a tomar cuidado.

— Ah, estou seguro enquanto estiverem vindo “em números”... — o jovem costumava brincar, defendendo-se.

Ao que o pastor mais velho respondia com sabedoria:

— Sim, enquanto estiverem “em números” estará seguro, mas às vezes é mais seguro um “êxodo”.

Paulo corroboraria essa atitude, pois escreveu a Timóteo: “Foge, outrossim, das paixões da mocidade” (2 Tm 2:22).

Os sábios são disciplinados em seu falar. “O coração do sábio é mestre de sua boca e aumenta a persuasão nos seus lábios” (Pv 16:23). “No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente” (10:19). Provérbios trata com tanta frequência

da dinâmica e dos perigos das palavras que dedicaremos um capítulo inteiro a esse tema. Por ora, basta dizer que as pessoas sábias têm consciência do poder de sua língua e deixam que Deus a controle. “Mas o fruto do Espírito é [...] domínio próprio” (Gl 5:22, 23; ver Tg 3). As palavras das pessoas sábias instruem, inspiram e promovem nosso desenvolvimento; as palavras dos insensatos são destrutivas e nos fazem sentir vazios e desanimados (ver Ef 5:1-7).

Os sábios são diligentes em seu trabalho. “O que trabalha com mão remissa empobrece, mas a mão dos diligentes vem a enriquecer-se” (Pv 10:4). A diligência e a preguiça são temas-chave de Provérbios dos quais trataremos em detalhes mais adiante. Salomão deixa claro que Deus não aprova, de maneira alguma, as pessoas descuidadas e preguiçosas. Os sábios são trabalhadores, aproveitam ao máximo suas oportunidades e assumem sua parte da responsabilidade. Meu amigo Dr. Bob Cook costumava dizer que o trabalho árduo é uma fonte de prazer e de alegria quando estamos fazendo a vontade de Deus. Nas palavras do escritor escocês George MacDonald: “Deus quer nosso melhor trabalho, não os restos de nossa exaustão”.

Os sábios procuram influenciar outros a confiar no Senhor. “O fruto do justo é árvore de vida, e o que ganha almas é sábio” (11:30). O termo traduzido por “ganhar” significa “capturar”, como um caçador captura sua presa. As pessoas sábias procuram capturar os ignorantes e desobedientes, compartilhando com eles a sabedoria de Deus. Jesus disse a seus discípulos pescadores que pescariam homens em vez de peixes (Lc 5:10). A sabedoria conduz à justiça, a justiça produz frutos (“árvore de vida”), e esses frutos “atraem” aqueles que têm fome do que é real e eterno. Por meio de sua vida e também de suas palavras, as pessoas sábias procuram conduzir outros ao Senhor.

Ao continuar nosso estudo de Provérbios, veremos outras características pessoais dos sábios; espero que procuremos imitá-los. Afinal, Deus promete que os sábios herdarão a glória (3:35), darão alegria a outros (10:1; 15:20), trarão o socorro de Deus (12:18),

não passarão necessidades (21:10) e terão forças para lutar (24:5, 6). O caminho da sabedoria é o caminho da vida verdadeira.

2. OS PERVERSOS

Os perversos e suas perversidades são mencionados pelo menos cem vezes no Livro de Provérbios, normalmente em contraste com a bondade e a retidão. De certa forma, Provérbios 6:12-19 é uma declaração resumida, que descreve as pessoas perversas e os pecados abomináveis³ que cometem.

O perverso é “vil”, ou seja, pode ser comprado por baixo preço, pois tem pouco valor. Pessoas desse tipo são descritas pela expressão “homem de Belial”. Em hebraico, *beli* significa “desprovido de” e *yaal* quer dizer “lucro” (Dt 13:13; Jz 19:22; 1 Sm 25:25; 1 Rs 21:10, 13). O pecado não apenas é destrutivo como também é improdutivo.

Todas as partes da anatomia da pessoa perversa são dedicadas ao mal, e sua “linguagem corporal” transmite o mal (ver Rm 3:10-18). Sua boca é perversa, termo que significa “distorcida”, e, portanto, essa pessoa não é confiável. Quando deseja fazer um sinal a seus comparsas, indicando que é hora de fazer o mal, dá uma piscadela, move os pés, faz um gesto com os dedos, e eles entendem a mensagem. A causa de todo esse mal é a perversidade em seu ser interior, pois é do coração que brota a perversidade (Mc 7:14-23; Jr 17:9). Planeja o mal com grande aptidão e gera discórdia. Aquele que semeia desavenças não passa de um agitador, mas o julgamento é certo e virá quando ele menos espera. Como é muito melhor quando o corpo todo é consagrado a Deus (Rm 12:12) e controlado por sua Palavra (Pv 4:20-27)!

Vemos essas características manifestas nos pecados específicos descritos em Provérbios 6:16-19, pecados estes que Deus aborrece.

O primeiro da lista é o *orgulho*, pois costuma ser a motivação básica de todos os outros pecados. Foi o orgulho que transformou Lúcifer em Satanás (Is 14:12-14) e que levou Eva a comer do fruto proibido (Gn 3:1-6; “como Deus, sereis conhecedores do bem e

do mal”). “O temor do SENHOR consiste em aborrecer o mal; a soberba, a arrogância, o mau caminho e a boca perversa, eu os aborreço” (Pv 8:13).

Deus também aborrece a *língua mentirosa*, pois é um Deus da verdade (Dt 32:4; Jo 14:6; 1 Jo 5:6), e sua lei declara: “Não dirás falso testemunho” (Êx 20:16). Deus não considera a mentira uma questão retórica, mas sim uma força mortal que opera na sociedade causando divisões e destruição. Quando mentimos, abrimos a porta para Satanás trabalhar, pois ele é mentiroso (Jo 8:44); quando falamos a verdade, damos a oportunidade de o Espírito trabalhar (Ef 4:14-25). O inferno tem um lugar reservado para os mentirosos (Ap 21:8, 27; ver 2 Ts 2:10).

O terceiro pecado que Deus aborrece é o *homicídio*: “mãos que derramam sangue inocente”. Seu mandamento diz: “Não matarás” (Êx 20:13). Deus permite que o governo aplique a pena capital e fortaleça a justiça na terra (Gn 9:5, 6; Rm 13:1-7), mas o derramamento de sangue inocente polui a terra (Nm 35:30-34). Os homicidas têm um lugar no lago de fogo (Ap 21:8; 22:15).

Um *coração que trama projetos iníquos* aborrece a Deus, pois usa indevidamente a grande dádiva da imaginação que ele nos concedeu (ver Gn 6:5; 8:21; Jr 23:17; Rm 1:21). A imaginação é o “ventre” de onde nasce o bem ou o mal. Pessoas que podem tramar perversidades para ferir a outros também podem planejar coisas boas para ajudar a outros. A imaginação precisa ser purificada e mantida limpa diante de Deus, a fim de que a use para seu serviço. Somente Deus pode transformar o coração pecaminoso (Jr 31:33, 34; Hb 10:14-18; Sl 51:10), e o povo de Deus deve guardar o coração do mal (Pv 4:23).

Os pecadores têm *pés que se apressam a correr para o mal*, pois desejam colocar seus planos perversos em prática o mais rápido possível e desfrutar imediatamente seus prazeres. O povo de Deus deve ter pés purificados (Jo 13:1-17; 1 Jo 1:9), formosos (Rm 10:14, 15), preparados (Ef 6:15) e obedientes (Gn 13:17; Js 1:3; 3:15). Se nossos pés forem assim, levaremos as bênçãos de Deus

a outros. Mas os perversos usam os pés para pecar: intrometendo-se na vida alheia (2 Ts 3:11; 1 Tm 5:13), tentando outros a pecar (Pv 5:5 e 7:11) e transgredindo as leis de Deus (1:10-16). Se os santos estivessem tão dispostos e ansiosos a obedecer ao Senhor quanto os pecadores para lhe desobedecer, não tardaria para que todo o mundo perdido ouvisse o evangelho!

Deus chamou seu povo para ser testemunha da verdade (At 1:8), mas o perverso é *testemunha falsa que profere mentiras*. Dar falso testemunho é uma transgressão do penúltimo mandamento (Êx 20:16). Sem a verdade, tudo se desintegra; quando as pessoas “mentem oficialmente”, os alicerces da sociedade começam a ruir. Quer seja uma declaração de um governante, uma cláusula num contrato, um depoimento num tribunal, quer uma promessa no altar de matrimônio, a verdade não pode ser violada sem causar danos à sociedade. Nas palavras do poeta inglês John Dryden: “A verdade é o alicerce de todo conhecimento e a argamassa de todas as sociedades”.

O último dos sete pecados que Deus abomina é *semear contendas entre irmãos*. “Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!” (Sl 133:1). O perverso destrói a união lançando “sementes” que produzem uma colheita de amargura e de desavenças. Algumas dessas sementes são: o orgulho (Pv 13:10; ver 3 Jo 9, 10), a fofoca (Pv 16:28; 17:9; 18:8; 26:20), a ira e o ódio (10:12; 15:18; 29:22), um espírito de contenda (17:14, 19; 25:8; 26:21) e perguntas tolas (1 Tm 6:3-5; 2 Tm 2:14, 23).

A pessoa verdadeiramente piedosa não semeia a divisão, mas sim a união e a paz (Tg 3:17, 18). A discórdia e a divisão dentro da igreja são pecados terríveis, pois se

opõem à união espiritual pela qual Jesus orou (Jo 17:21), sendo que o Espírito foi dado para produzir justamente essa união dentro do corpo (Ef 4:1-6). Como os pecadores poderão crer que Deus os ama, quando os filhos de Deus sequer amam *uns aos outros*?

Um único agitador obstinado é suficiente para destruir a união de uma família, de um grupo de estudos bíblicos ou de uma igreja. “Lança fora o escarnecedor, e com ele se irá a contenda; cessarão as demandas e a ignomínia” (Pv 22:10). Deparei-me com um homem assim numa das igrejas que pastoreei. Quando finalmente o Senhor o removeu, desenvolveu-se um novo e maravilhoso ambiente de comunhão. Reuniões de conselho que costumavam levar horas tornaram-se bem mais curtas, e havia mais liberdade para discutir e tomar decisões.

É bastante instrutivo contrastar essa descrição da pessoa perversa com a descrição que Cristo faz da pessoa piedosa em Mateus 5:1-16. Jesus começa com a humildade, os “pobres de espírito” (Mt 5:3), enquanto Salomão começa com os “olhos altivos” (Pv 6:17). “Em vindo a soberba, sobrevém a desonra, mas com os humildes está a sabedoria” (11:2). A sétima característica do perverso é semear a discórdia entre os irmãos, enquanto a sétima bem-aventurança refere-se aos “pacificadores” (Mt 5:9).

A sabedoria do alto traz paz e promove a pureza do povo de Deus, enquanto a sabedoria aqui de baixo traz contendas e vergonha (Tg 3:13-18). A sabedoria deste mundo destrói a igreja, enquanto a sabedoria de Deus edifica a igreja (1 Co 3:16-23).

“À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (Is 8:20).

1. Cabe lembrar que o Livro de Provérbios apresenta, sem dúvida alguma, um ponto de vista masculino, uma vez que as moças israelitas não eram educadas para as questões da vida em geral como os rapazes. A maioria delas era mantida isolada e preparada para o casamento e a maternidade. Em grande parte dos casos em que o texto emprega a designação “homem”, podemos interpretar de modo genérico e substituir pelo termo “pessoa”. Provérbios não é um livro machista, mas foi escrito dentro do contexto de uma sociedade voltada fortemente para o homem.
2. MORRISON, George. *Sunrise: Addresses from a City Pulpit*. Londres: Hodder and Stoughton, 1903, pp. 169-177.

3. Parte da teologia contemporânea enfatiza de tal modo o amor de Deus a ponto de perder de vista o fato de que Deus também aborrece certas coisas. Deus não se agrada de modo algum com o pecado (Sl 5:4). O pecado entristece o Pai (Gn 6:6), o Filho (Mc 3:5) e o Espírito (Ef 4:30). O amor e a aversão podem coexistir no mesmo coração (ver Sl 97:10; Am 5:14, 15; Sl 45:7 e Rm 12:9). Se o povo de Deus amasse mais a santidade, aborreceria mais o pecado. Deus é amor (1 Jo 4:8, 16), mas Deus também é luz (1 Jo 1:5) e fogo consumidor (Hb 12:29).

PESSOAS SÁBIAS E PESSOAS INSENSATAS — PARTE 2

(OS SIMPLES, OS ESCARNECEDORES E OS NÉSCIOS)

Poderíamos falar muito mais sobre o sábio e o perverso, mas devemos voltar nossa atenção agora para o “trio parada dura” – os simples, os escarnecedores e os néscios. Esses três tipos aparecem com frequência ao longo do Livro de Provérbios.

Conforme comentamos anteriormente, em seu primeiro convite, a Sabedoria chama esses três (Pv 1:22), mas em seu segundo convite, chama apenas os simples e os néscios (8:5). O escarnecedor nem sequer estava interessado em ouvir e já havia saído de cena. Em seu terceiro convite, a Sabedoria chama apenas os simples (9:4), pois os néscios deram as costas para ela e se juntaram aos escarnecedores. *É perigoso rejeitar o convite de Deus para andar pelo caminho da sabedoria e da vida. Pode ser que não haja outra oportunidade de aceitar esse convite.*

1. OS SIMPLES

Os simples são pessoas ingênuas que crêem em tudo, pois não têm convicções formadas sobre coisa alguma. Aquilo que acreditam ser uma “tolerância” sofisticada é, na verdade, ignorância espiritual, pois lhes falta a capacidade de discernir entre a verdade e o engano. “O simples dá crédito a toda palavra, mas o prudente atenta para os seus passos” (14:15). Como Charles R. Bridges escreve: “Crer em todas as palavras de Deus é fé. Crer em todas as palavras dos homens é credulidade”.¹ Hoje, quem possui convicções é considerado ignorante. Ter mente aberta e não analisar de maneira crítica o que os outros dizem está na moda e é considerado politicamente correto. Exceto ao descontar um cheque quando estão sem dinheiro, ao

comprar um medicamento receitado pelo médico quando estão doentes ou ao pedir orientação para chegar a algum lugar, a maioria das pessoas não acredita em absolutos. Insistem que a verdade objetiva não existe e, portanto, aquilo que faz cada um se “sentir bem” é sua verdade pessoal, e ninguém tem o direito de criticar as crenças alheias. Aplique essa filosofia ao dinheiro, aos medicamentos e mapas e veja no que dá!

Em seus comentários sobre certa superstição comum nos Estados Unidos, Brooks Atkinson escreve: “Pessoas de todo o mundo gostam de crer em coisas que não são verdadeiras. Isso lhes poupa o sofrimento de pensar por si mesmas e de assumir a responsabilidade por aquilo que sabem”.² O velho ditado: “Aquilo que desconhecemos não nos faz mal” é uma grande mentira, como qualquer médico ou mecânico pode comprovar. Aquilo que você desconhece pode matá-lo! “Os néscios são mortos por seu desvio [desobediência]” (1:32).

Os simples são assim porque rejeitam a verdade da Palavra de Deus, cujo objetivo é “dar aos simples prudência” (v. 4). O mais triste é que essas pessoas gostam de sua situação (v. 22) e não desejam mudar. Uma vez que não assumem uma posição definida em relação a coisa alguma, acreditam em tudo o que aparece pela frente; isso lhes poupa o trabalho de pensar, de estudar, de orar e de pedir sabedoria a Deus. Em vez de trabalhar com afincos e de cavar para encontrar as minas da sabedoria de Deus (2:1-9), os simples preferem fazer as coisas do jeito fácil e juntar as bugigangas sem valor que vêem na superfície.

Foi um jovem simples que deu ouvidos à prostituta e terminou como um animal levado ao matadouro (7:7ss). “Os simples herdaram a estultícia, mas os prudentes se coroam de conhecimento” (14:18). Por vezes, os simples aprendem quando vêem outros sendo castigados por seus pecados (19:25; 21:11). Os sábios aprendem pela instrução, mas os tolos precisam ver um exemplo vivo diante de si para assimilar a lição. Os sábios enxergam o perigo se aproximando, mas os simples vão a seu encontro (22:3; 27:12).

Algumas pessoas precisam aprender do modo mais difícil.

Todos somos ignorantes a respeito de várias coisas, mas os tolos ignoram sua ignorância e não estão dispostos a aprender. Se-guem uma filosofia que diz: “É tolice ser sábio onde a ignorância traz felicidade”.³ Mas quando há uma Bíblia para ler, uma vida para edificar e uma eternidade para a qual se preparar, é tolice ser ignorante.

2. OS ESCARNECEDORES

Os escarnecedores pensam que sabem tudo, e é uma perda de tempo tentar ensiná-los. “Quanto ao soberbo e presumido, zombador é seu nome” (21:24). Os escarnecedores não conseguem encontrar a sabedoria nem mesmo quando a buscam (14:6), pois é preciso ter mente humilde e vontade obediente a fim de aprender a verdade de Deus. Os escarnecedores compensam sua falta de conhecimento com uma enorme arrogância. Em vez de discutir a questão de maneira sensata com aqueles que poderiam lhe ensinar alguma coisa, desprezam e negam a verdade. Meus dicionários de hebraico descrevem essas pessoas como “frívolas e imprudentes”. Uma vez que não tem qualquer munição intelectual ou espiritual, o escarnecedor depende da zombaria e do desdém para lutar contra os inimigos.

Os escarnecedores demonstram o quanto são ignorantes pela maneira como reagem aos conselhos e às repreensões. “O que repreende o escarnecedor traz afronta sobre si; e o que censura o perverso a si mesmo se injuria. Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará” (9:7, 8). “O filho sábio ouve a instrução do pai, mas o escarnecedor não atende à repreensão” (13:1). “O escarnecedor não ama àquele que o repreende, nem se chegará para os sábios” (15:12). Quando tentamos ensinar um escarnecedor, estamos apenas atirando pérolas aos porcos. Os escarnecedores sabem tudo! O mais triste é que esse tipo de gente causa uma porção de problemas por onde passa. Seja na vizinhança, no trabalho ou na igreja, o escarnecedor exerce uma influência nociva e espalha sua

infecção. “Lança fora o escarnecedor, e com ele se irá a contenda; cessarão as demandas e a ignomínia” (22:10). Os escarnecedores podem criar problemas até para uma cidade inteira. “Os homens escarnecedores alvoroçam a cidade, mas os sábios desviam a ira” (29:8). O termo hebraico traduzido por “alvoroçar” dá a idéia de alguém atijando um fogo ou soprando uma chama para fazê-la arder com mais intensidade. Por meio de suas palavras e atitudes de desprezo, pessoas assim jogam lenha na fogueira e alimentam um fogo que deveriam deixar se apagar.

As páginas da história religiosa e política estão repletas de registros de escarnecedores arrogantes que não deram ouvidos aos conselhos sábios, escolhendo, em vez disso, se envolver impetuosamente em questões complexas demais para eles (Sl 131). Sua língua era “posta ela mesma em chamas pelo inferno” (Tg 3:6); corromperam e causaram danos a famílias, igrejas, cidades e nações inteiras. Uma igreja pode se dividir e ser destruída rapidamente por pessoas arrogantes, que zombam das verdades bíblicas e querem fazer as coisas a seu modo. Todos os líderes espirituais devem ler e dar ouvidos a Atos 20:28-31 e a Tiago 3:13-18.

“O escarnecedor é abominável aos homens” (Pv 24:9) e a Deus. Na verdade, o Senhor “escarnece dos escarnecedores, mas dá graça aos humildes” (3:34). Esse versículo é citado por Tiago (4:6) e por Pedro (1 Pe 5:5). “Preparados estão os juízos para os escarnecedores e os açoites, para as costas dos insensatos” (Pv 19:29), e pelo fato de os escarnecedores zombarem de Deus, o Senhor zomba deles. Considere, por exemplo, o que Deus fez com os construtores de Babel (Gn 11), com o Faraó no mar Vermelho (Êx 14), com Nabucodonosor na Babilônia (Dn 4), com Herodes Agripa na Judéia (At 12:20-25) e com uma porção de outros escarnecedores que desafiaram sua vontade.

3. OS NÉSCIOS

O adjetivo “nécio” pode ser associado ao termo “bufão”, que vem do mesmo radical latino de “bufar”, ou seja, “expelir ar fortemente, mostrar-se valente”. Assim, o nécio

é alguém cheio de ar mas sem substância. Os néscios podem parecer gigantes, mas, na verdade, se alguém os esvazia de toda a sua valentia, não passam de pigmeus.

Três termos hebraicos são traduzidos por “néscio” ou “louco” em Provérbios: *kesyl*, o néscio grosseiro e estúpido; *ewyl*, o néscio corrupto, moralmente pervertido e irracional; e *nabal*, o néscio bruto, semelhante a um animal obstinado (ver 1 Sm 25). Neste resumo das características dos néscios, apresentaremos uma combinação de versículos sem fazer distinção entre os três tipos. Afinal, não importa o nome que recebem, todos os néscios são loucos!

Não aprendem com a Palavra de Deus.

“O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino” (1:7). Não se trata de um problema de QI nem de falta de instrução. O grande problema dos néscios é seu coração: não reconhecem o Senhor nem se submetem a ele. “Não há temor de Deus diante de seus olhos” (Rm 3:18).

Nem mesmo o pai de um néscio é capaz de instruí-lo (Pv 15:5), e se tentamos discutir com alguém desse tipo, só criamos mais problemas (29:9). Isso porque os néscios gostam de sua falta de sensatez e acreditam que estão vivendo para valer! “A estultícia é alegria para o que carece de entendimento, mas o homem sábio anda retamente” (15:21; ver 1:22; 12:15; 18:2). Se os advertimos do pecado, eles zombam de nós (14:9).

Um dos motivos pelos quais os néscios não adquirem a sabedoria é o fato de não conseguirem manter os olhos fixos naquilo que é verdadeiramente importante. “A sabedoria é o alvo do inteligente, mas os olhos do insensato vagam pelas extremidades da terra” (17:24). Em vez de lidarem com a realidade, esses loucos vivem num mundo distante e fantasioso. A Palavra de Deus ajuda as pessoas a manterem os pés no chão e a tomarem decisões sábias neste mundo difícil em que vivemos.

Não conseguem controlar a língua. “A língua dos sábios adorna o conhecimento, mas a boca dos insensatos derrama a estultícia” (15:2; ver 13:16). As palavras dos néscios

são cheias de orgulho e de vanglória (14:3), e sua tendência é falar antes de saber o que estão dizendo ou o que está sendo discutido (18:13). “Tens visto um homem precipitado nas suas palavras? Maior esperança há para o insensato do que para ele” (29:20). “O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvidos aos conselhos” (12:15). É impossível advertir os néscios ou lhes dizer algo que precisavam saber, pois já sabem tudo!

Os néscios falam muito, mas não colocam suas palavras em prática. “O sábio de coração aceita os mandamentos, mas o insensato de lábios vem a arruinar-se” (10:8; ver v. 10). A expressão traduzida por “insensato de lábios” significa “falar de modo confuso e excessivo” e é relacionada ao verbo “balbuciar”. É muito mais fácil falar sobre uma porção de coisas do que ouvir a Palavra de Deus e lhe obedecer.

Os néscios especializam-se em mentir e em difamar (10:18), e aquele que é sábio não fica por perto para ouvir (14:7, 8). “A língua dos sábios derrama o conhecimento, mas o coração dos insensatos não procede assim” (15:7). “Ao insensato não convém a palavra excelente; quanto menos ao príncipe, o lábio mentiroso!” (17:7). Todos nós devemos ter cuidado com o tipo de conversa que ouvimos, pois Jesus disse: “Atentai no que ouvís” (Mc 4:24). Além disso, quando os néscios falam, suas palavras podem começar uma briga! (18:6, 7).

Não conseguem controlar sua índole.

“A ira do insensato num instante se conhece, mas o prudente oculta a afronta” (12:16). “O longânimo é grande em entendimento, mas o de ânimo precipitado exalta a loucura” (14:29). “Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio, e o que cerra os lábios, por sábio” (17:28). “O insensato expande toda a sua ira, mas o sábio afinal lha reprime” (29:11).

Se querem parecer sábios, os néscios devem permanecer calados quando outros estão negociando à porta da cidade (Rt 4; Pv 24:7)! Infelizmente, algumas pessoas pensam que precisam falar em todas as reuniões nas quais estão presentes, mesmo quando não têm nada a dizer.

A menos que desejemos carregar um fardo terrível, não é sensato provocar a ira do néscio. “Pesada é a pedra, e a areia é uma carga; mas a ira do insensato é mais pesada do que uma e outra” (27:3). Quando uma pessoa insensata se zanga, fica sempre em pé de guerra e causa um bocado de estragos. Por isso, devemos usar de discernimento ao discordar dos néscios ou tentar aconselhá-los. “Não respondas ao insensato segundo a sua estultícia, para que não te faças semelhante a ele. Ao insensato responde segundo a sua estultícia, para que não seja ele sábio aos seus próprios olhos” (26:4, 5). Por vezes, o melhor é fazer ouvidos moucos para as palavras dos néscios, mas em outras ocasiões devem ser repreendidos e merecem uma resposta da Palavra. É preciso ter sabedoria para decidir qual a ocasião correta para responder, a fim de não lançarmos pérolas aos porcos.

São orgulhosos e seguros de si. “O que confia no seu próprio coração é insensato, mas o que anda em sabedoria será salvo” (28:26). “Tens visto a um homem que é sábio a seus próprios olhos? Maior esperança há no insensato do que nele” (26:12). Não é raro ouvirmos alguém dizer: “Se eu me conheço bem ...”, mas Deus nos adverte que não nos conhecemos bem, não sabemos o que há em nosso coração e não podemos confiar sempre no que ele nos diz. “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9).

Hoje em dia, muita gente acredita nas palavras de Emerson: “Confia em ti mesmo: todo coração vibra com esse acorde”.⁴ Ou segue a filosofia de William Ernest Henley expressa em seu famoso poema *Invictus*: “Sou senhor do meu destino / Capitão da minha alma”. Essas expressões arrogantes de realização assemelham-se muito à oferta de Satanás no Éden: “Como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5), base do movimento da Nova Era. Tudo o que exalta o ser humano está condenado ao fracasso; tudo o que glorifica a Deus dura para sempre.⁵

Uma vez que são seguros de si e arrogantes, os néscios gostam de se intrometer em tudo, especialmente em assuntos controversos:

“Honroso é para o homem o desviar-se de contendas, mas todo insensato se mete em rixas” (Pv 20:3). Qualquer um pode começar uma briga, mas é preciso uma pessoa sábia para acabar com uma contenda ou, melhor ainda, para evitá-la (30:32, 33). Os néscios acreditam que discutir sobre algo sem importância os exaltará, quando, na verdade, tais rixas os fazem parecer ainda mais tolos.

Fui convidado a pregar numa igreja e, antes de o culto começar, assisti a uma classe de Escola Dominical para adultos que se reunia dentro do templo. Um dos homens que estava participando da aula questionava quase tudo o que o professor dizia e discutia de modo inconveniente sobre os mínimos detalhes. Queria parecer sábio, mas só nos convenceu de que era um tolo. Enquanto estava sentado ouvindo aquilo tudo, pensei em 1 Timóteo 6:4, 5: “é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas, alterações sem fim”.

Causam problemas e tristezas, especialmente a seus pais. “O filho sábio alegra a seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe” (Pv 10:1; ver 15:20; 17:21, 25). Todo pai temente a Deus diz ao filho: “Sê sábio, filho meu, e alegra o meu coração, para que eu saiba responder àqueles que me afrontam” (27:11), mas as páginas da Bíblia registram as tristezas que os filhos insensatos causaram a seus pais.

Caim entristeceu seus pais quando matou seu irmão, Abel (Gn 4); Esaú casou-se com mulheres pagãs só para provocar o pai; Isaque (Gn 28:6-9); os filhos de Jacó mentiram para ele sobre o irmão, José, e o magoaram profundamente (Gn 37). Sansão entristeceu os pais ao ir viver com mulheres pagãs e confraternizar com os inimigos de Israel (Jz 13 - 16). Amnom violentou a meia-irmã, Tamar, e por causa disso foi morto por Absalão (2 Sm 13). Em seguida, Absalão rebelou-se contra Davi e tomou o reino (2 Sm 15 - 18).

É possível fazer alguma coisa para transformar filhos insensatos em adultos sábios? “Ainda que pises o insensato com mão de gral entre grãos pilados de cevada, não se

vai dele a sua estultícia" (Pv 27:22). As mulheres da Antiguidade moíam os cereais numa espécie de tigela (pilão ou gral), usando um instrumento pesado e forte ("mão de gral") com o qual podiam quebrar e pulverizar os grãos. A imagem é clara: não há pressão ou dor suficiente para transformar um néscio numa pessoa útil. Os pais sábios devem disciplinar os filhos insensatos para lhes dar esperança (22:15),⁶ mas um adulto néscio insensato só pode ser transformado pela graça de Deus. A menos que os néscios se arrependam e se voltem para o Senhor, viverão como escravos (11:29) e "[morrerão] pela falta de disciplina" (5:23).

Não sabem usar corretamente sua riqueza. "Tesouro desejável e azeite há na casa do sábio, mas o homem insensato os desperdiça" (21:20). "O homem que ama a sabedoria alegra a seu pai, mas o companheiro de prostitutas desperdiça os bens" (29:3). Esse versículo lembra a parábola de Jesus sobre o filho pródigo (Lc 15:11-24). "Aos sábios a riqueza é coroa, mas a estultícia dos insensatos não passa de estultícia" (Pv 14:24). Os sábios têm alguma coisa para deixar aos filhos, mas os néscios desperdiçam tanto sua riqueza quanto a oportunidade de aumentá-la. "Ao insensato não convém a vida regalada" (19:10).

Não são capazes de assumir responsabilidades. "Como a neve no verão e como a chuva na ceifa, assim, a honra não convém ao insensato" (26:1). No hebraico, o termo "honra" (*kabod*) significa "pesado, significativo" e pode se referir à glória de Deus e ao respeito especial que se tem por certas pessoas. Um néscio não é capaz de lidar corretamente com as responsabilidades e conquistar o respeito de outros. Honrar um néscio é algo tão apropriado quanto a neve no meio do verão ou tão proveitoso quanto a chuva na época de colheita - duas situações trágicas!

Em 26:3-12, Salomão desenvolve esse tema apresentando vários retratos vívidos do insensato e do que acontece quando alguém lhe confia uma tarefa. Em primeiro lugar, é preciso tratá-lo como um animal estúpido e usar um chicote para motivá-lo (v. 3; ver Sl 32:9). Aquele que tenta lhe dar ordens e explicar o que ele deve fazer corre o risco

de se tornar igual a ele (Pv 26:4, 5). Enviá-lo numa missão é o mesmo que se mutilar e procurar problemas (v. 6).⁷ Assim como uma pessoa portadora de deficiência nas pernas não pode andar, também o néscio não vai a lugar algum (v. 7) com um provérbio. Não apenas confunde os outros, mas também faz mal a si mesmo, como um bêbado que se fere com um espinho (v. 9). Não peça a um néscio para ensinar a Bíblia, pois ele não saberá do que está falando e será horrível escutá-lo. Também não peça a um néscio para lutar numa guerra, pois ele não fará coisa alguma que preste (v. 8)!

O texto original do versículo 10 é difícil e pode ser traduzido de várias maneiras: "Como um flecheiro que a todos fere, assim é o que assalaria os insensatos e transgressores". "Como um flecheiro que fere aleatoriamente, assim é aquele que contrata um néscio ou um transeunte". Ou, ainda: "Como um flecheiro que a todos fere, assim é aquele que emprega um néscio transeunte ou um bêbado". Observe que a ênfase é sobre aquele que contrata e não sobre o néscio. Contratar um insensato (ou qualquer um que lhe passe pela frente) e lhe dar responsabilidades é o mesmo que começar a atirar flechas para todos os lados, pois um néscio pode fazer um bocado de estrago. É evidente que ninguém, em seu perfeito juízo, começaria a atirar aleatoriamente e, portanto, ninguém em perfeito juízo contrataria um néscio.

Os néscios não aprendem com seus erros; antes, voltam sempre às antigas confusões, como um cão que volta para comer seu vômito (v. 11). A experiência é uma excelente mestra para os sábios, mas não para os insensatos. Este versículo é citado em 2 Pedro 2:22 como uma descrição daqueles que fingem ser cristãos e que seguem falsos mestres. Como uma porca que acabou de ser lavada, parecem mais apresentáveis por fora, e como um cão que acabou de vomitar, sentem-se melhor por dentro; mas ainda não são ovelhas! Não possuem a nova natureza divina e, conseqüentemente, não tardam em voltar para a antiga vida. A obediência e a perseverança nas coisas do Senhor são provas da conversão.

O que sucederá ao néscio? “A estultícia do homem perverte o seu caminho, mas é contra o SENHOR que o seu coração se ira” (Pv 19:3). Isso nos traz à memória o Faraó em Êxodo 5 a 15, que viu sua nação ser arruinada pelas pragas de Deus e, ainda assim, não se sujeitou ao Senhor. Enfureceu-se contra Jeová e Moisés, perseguiu os hebreus para levá-los de volta, e, por fim, viu seus melhores soldados morrerem afogados no mar Vermelho. A disciplina ajuda a pessoa sábia a obedecer à Palavra, mas torna a pessoa insensata ainda mais perversa. O mesmo sol que derrete o gelo endurece o barro.

Uma vez que se “apascenta de estultícia” (Pv 15:14), o néscio não possui qualquer força moral. “Os lábios [palavras] do justo apascentam a muitos, mas, por falta de senso, morrem os tolos” (10:21). Os insensatos carecem não apenas de alimento espiritual e intelectual, mas também de água refrescante: “O entendimento, para aqueles que o possuem, é fonte de vida; mas, para o insensato, a sua estultícia lhe é castigo” (16:22). A imagem de palavras e da lei de Deus como

“fonte de vida” também pode ser encontrada em 10:11; 13:14; 14:27 e 18:4: Se seguirmos a Sabedoria viveremos num oásis fértil; se seguirmos a Loucura, nosso lar será o deserto árido.

O néscio “morrerá pela falta de disciplina” (5:23). “Os sábios herdarão honra, mas os loucos tomam sobre si a ignomínia” (3:35). Os insensatos ouvirão a voz de Deus dizer: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (Lc 12:20), mas será tarde demais.

Os únicos “loucos sábios” são os cristãos, pois são “loucos por causa de Cristo” (1 Co 4:10). O mundo os chama de loucos e insensatos, mas ao crer em Jesus Cristo e entregar sua vida a ele, tomaram a decisão mais sábia de todas.

Li a respeito de um homem que testemunhava de sua fé em um movimentado *shopping center* usando uma daquelas tabuletas de “homem-sanduíche”, em que se lia: “Estou me fazendo de tolo por Jesus. E você, por quem se faz tolo?”

Sábia pergunta! Certifique-se de dar uma resposta sábia.

1. BRIDGES, Charles R. *Exposition of the Book of Proverbs*. Grand Rapids: Zondervan, 1959, p. 179.
2. ATKINSON, Brooks. *Once around the Sun*. Nova York: Harcourt, Brace, 1951, p. 37.
3. Essa declaração citada com frequência é a última linha do poema de Thomas Gray, “Ode on a Distant Prospect of Eton College”, mas sua mensagem costuma ser interpretada de modo equivocado. No poema, Gray faz um contraste entre a inocência alegre de uma criança na escola com as dificuldades que terá de enfrentar quando chegar à idade adulta. Pede que não privemos as crianças de seus prazeres juvenis precocemente. Haverá tempo suficiente para que aprendam que a vida nem sempre é só diversão. Uma certa inocência ingênua é natural nas crianças, mas não nos adultos.
4. EMERSON, Ralph Waldo. *Essays: First and Second Series*. Nova York: E. P. Dutton, 1938, p. 31. Emerson era um dos defensores da “filosofia do sucesso” que se tornou a religião civil extra-oficial dos Estados Unidos. Seu texto “Self-Reliance” [“Autoconfiança”] é a “Bíblia” dos que têm pouca fé, e muitas realizações no mundo dos negócios assim como parte de suas idéias humanistas têm se infiltrado na igreja e produzido uma “teologia do sucesso” antibíblica. Gosto de ler os textos de Emerson, mas separo com cuidado o joio do trigo.
5. Existe uma “autoconfiança santificada”, baseada na fé e motivada pelo Espírito Santo que glorifica a Deus. Paulo a expressou quando disse: “tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13); e Davi dá testemunho dela no Salmo 18:29-39.
6. O favoritismo que Isaque demonstrava por Esaú (Gn 25:28), o modo de Jacó mimar José (Gn 37:3) e o fato de Davi não ter disciplinado seus filhos adequadamente foram fatores que ajudaram a criar os problemas familiares mencionados.
7. Alguns comentaristas traduzem “sofrer dano” por “ser totalmente despido”. Em outras palavras, aquele que envia um néscio numa missão importante acaba incapacitado e humilhado!

“RICO, POBRE, MENDIGO, LADRÃO”

De acordo com um comentário espiritual, “o dinheiro não compra tudo, mas o ajuda a relacionar-se com seus filhos”. Em termos mais sérios, Paulo resumiu a filosofia cristã sobre a riqueza quando disse: “Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado” (Ef 4:28).

De acordo com Paulo, há três formas de se obter riquezas: roubando, trabalhando ou recebendo como presente, que pode incluir adquirir por herança. Roubar é errado (Êx 20:15), o trabalho é honrado (Êx 20:9) e “Mais bem-aventurado é dar que receber” (At 20:35).

No Livro de Provérbios, o rei Salomão trata em detalhes destes três tipos de pessoas – os ladrões, os trabalhadores e os pobres que precisam de nossa ajuda (podemos incluir o “preguiçoso” com os ladrões, pois nunca trabalha e espera que outros cuidem dele, o que não é muito diferente de roubar...). Porém, mesmo sendo extremamente rico (1 Rs 4; 10), o rei Salomão enfatizou que a *sabedoria de Deus é mais importante que o dinheiro*. “Quanto melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro! E mais excelente, adquirir a prudência do que a prata!” (Pv 16:16; ver 2:1-5; 3:13-15; 8:10-21). Essa é a versão de Salomão para Mateus 6:33 e lembra que, apesar de ser bom ter as coisas que o dinheiro pode comprar, devemos tomar cuidado para não perder as coisas que o dinheiro não compra.

1. OS LADRÕES

Provérbios começa com uma advertência severa contra a participação em planos ilegais

para enriquecer rapidamente (Pv 1:10-19). Esses planos são autodestrutivos e levam à servidão e, possivelmente, à morte. É preciso ter cuidado com quem promete nos fazer enriquecer sem pedir para trabalhar ou sem correr algum tipo de risco. “Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem, mas o que ajunta à força do trabalho terá aumento” (13:11). “Aquele que tem olhos invejosos corre atrás das riquezas, mas não sabe que há de vir sobre ele a penúria” (28:22). “Os tesouros da impiedade de nada aproveitam, mas a justiça livra da morte” (10:2).

Provérbios 21:5-7 ressalta três formas que não se devem usar para enriquecer: seguir planos precipitados (v. 5), mentir para os outros (v. 6) e roubar (v. 7). A maioria dos planos para enriquecer rapidamente envolve algum tipo de fraude. Infelizmente, até pessoas do povo de Deus foram enganadas por trapaceiros, e mais de um crédulo já perdeu todas as economias num negócio “garantido” que, na verdade, era uma canoa furada. No entanto, essas trapaças não funcionariam, se não houvesse pessoas ansiosas para enriquecer o mais fácil e rapidamente possível. Mas, de acordo com o velho ditado: “Não existe almoço grátis”. Toma-se da vida o que se quer, porém, mais cedo ou mais tarde, é preciso pagar por isso.

Deus ordena que sejamos honestos em todos os nossos negócios. “Balança enganosa é abominação para o SENHOR, mas o peso justo é o seu prazer” (11:1; ver 16:11; 20:10, 23). Moisés determinou na lei que o povo deveria usar pesos e medidas honestos (Lv 19:35, 36; Dt 25:13-16); uma vez que Israel não possuía um órgão oficial para fiscalizar os pesos e medidas, a lei nem sempre era seguida. Amós acusou comerciantes de estar “diminuindo o efa, e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente com balanças enganadoras” (Am 8:5). Miquéias perguntou: “Poderei eu inocentar balanças falsas e bolsas de pesos enganosos?” (Mq 6:11).

Outra maneira desonesta de obter riquezas é ser egoísta no uso de seus recursos e ignorar as necessidades dos outros. “A alma generosa prosperará, e quem dá a beber será dessedentado. Ao que retém o trigo, o povo

o amaldiçoa, mas bênção haverá sobre a cabeça do seu vendedor" (Pv 11:25, 26). Em tempos de seca e de escassez de alimentos, um agricultor próspero podia pressionar o mercado de cereais e enriquecer à custa de vizinhos necessitados (ver Ne 5). Precisamos sempre nos lembrar de que tudo o que temos vem de Deus (1 Co 4:7; Jo 3:27) e de que somos apenas mordomos das riquezas do Senhor. Ao mesmo tempo que é esperado que negociantes tenham lucro, esse lucro não deve ser resultante da opressão de outros.

Os maiores ladrões são os preguiçosos, que poderiam trabalhar, mas se recusam a fazê-lo; os que consomem os bens gerados por outros, enquanto eles próprios não produzem coisa alguma para outros usarem. O "preguiçoso" ou "ocioso" é mencionado pelo menos 16 vezes em Provérbios e nunca de forma positiva.

Precisamos reconhecer que *o trabalho não é uma forma de maldição*. Deus incumbiu Adão de trabalhar no Jardim antes de o pecado entrar em cena (Gn 2:15). Antes de começar seu ministério público, Jesus trabalhou como carpinteiro (Mc 6:3). O apóstolo Paulo fazia tendas (At 18:1-3). Naquele tempo, os rabinos tinham outras profissões e se sustentavam com o salário que recebiam dessas atividades, sem esperar qualquer pagamento dos alunos. Quando trabalhamos em ocupações honestas, cooperamos com Deus ao cuidar de sua criação e ao usá-la corretamente, ajudando a prover para outros e desenvolvendo nosso caráter. O trabalho para o qual Deus nos chamou deve nos nutrir (Jo 4:34), não nos destruir; "porque digno é o trabalhador do seu salário" (Lc 10:7; 1 Tm 5:18).

Quais são algumas características dos preguiçosos? Em primeiro lugar, *gostam muito de dormir*: "Ó preguiçoso, até quando ficarás deitado? Quando te levantarás do teu sono?" (Pv 6:9). "Como a porta se revolve nos seus gonços, assim, o preguiçoso, no seu leito" (26:14). Um bocado de movimento que não leva a lugar nenhum!

O sono é um elemento necessário de uma vida saudável, mas o sono em excesso pode ser destrutivo. Os sábios desfrutam um sono

"suave" (3:24), pois sabem que estão fazendo a vontade de Deus. O sono da pessoa trabalhadora é "doce", pois ela sabe que trabalhou com afinco (Ec 5:12), mas o sono do ocioso é sinal de egoísmo e de preguiça. "A preguiça pode competir de igual para igual com os pecados mais subestimados", dizem Ronald Sailer e David Wyrzten. "Com toda sutileza, ela anestesia a vítima até deixá-la em um estado inerte de letargia, que termina em fome, servidão e morte."¹

Quando se coloca o preguiçoso para trabalhar, *ele mais aborrece do que ajuda*. "Como vinagre para os dentes e fumaça para os olhos, assim é o preguiçoso para aqueles que o mandam" (Pv 10:26). Vinagre nos dentes e fumaça nos olhos não levam, necessariamente, à morte; mas, sem dúvida, são tão irritantes quanto o preguiçoso que não faz seu trabalho. Passa todo o tempo pensando nas coisas que gostaria de desfrutar, mas não se esforça o suficiente para obtê-las. "O preguiçoso morre desejando, porque as suas mãos recusam trabalhar" (21:25).

Outra característica do preguiçoso é *agir como se soubesse tudo*. "Mais sábio é o preguiçoso a seus próprios olhos do que sete homens que sabem responder bem" (26:16). Ele vive num mundo de fantasia que o impede de ser uma parte produtiva do mundo real (13:4; 21:25, 26), mas sempre diz a todos o que devem fazer. Nunca se sai bem em qualquer coisa em sua própria vida, mas aconselha outros a respeito de como serem bem-sucedidos.

Os preguiçosos são especialistas em *inventar desculpas*. O tempo está frio demais para arar (20:4) ou é perigoso demais sair de casa (22:13; 26:13). "O caminho do preguiçoso é como que cercado de espinhos, mas a vereda dos retos é plana" (15:19). A pessoa diligente sempre encontra motivos para trabalhar, enquanto o preguiçoso sempre tem uma desculpa para não fazer coisa alguma. O evangelista Billy Sunday definiu a desculpa muito apropriadamente como "um invólucro de razão recheado com uma mentira". Quem é especialista em inventar desculpas raramente se mostra competente em qualquer outra coisa.

O que acontece, por fim, com o preguiçoso? Em primeiro lugar, a menos que outros cuidem dele, *o preguiçoso vive na pobreza e passa fome*. “A preguiça faz cair em profundo sono, e o ocioso vem a padecer fome” (19:15; ver 10:4; 13:4). “Se alguém não quer trabalhar, também não coma” – esse é o parâmetro do Novo Testamento para a Igreja (ver 2 Ts 3:6-15). Os cristãos gostavam de cuidar daqueles que precisavam de ajuda e incapazes de tomar conta de si mesmos, mas não tinham tempo para os “folgados”, que viviam à custa dos sacrifícios dos outros (At 2:44-47; 1 Tm 5:3-16). A preguiça do ocioso chega a um ponto em que ele nem sequer se alimenta, mesmo quando levam comida para ele (Pv 19:24; 26:15)!

O preguiçoso *perde a liberdade e se torna escravo de outros*. “A mão diligente dominará, mas a remissa será sujeita a trabalhos forçados” (12:24). Suas dívidas acumulam-se tanto que ele é obrigado a tornar-se um escravo e trabalhar para pagá-las (ver Lv 25:39-55; Dt 15:12-18). A “vida fácil” de folga e ócio pode custar muito caro, e o ocioso troca seus travesseiros pelo arado e paga o que deve da maneira mais difícil.

O preguiçoso *desperdiça os recursos dados por Deus*. “Quem é negligente na sua obra já é irmão do desperdiçador” (Pv 18:9). A pessoa preguiçosa pode estar “trabalhando”, mas sem competência alguma. Conseqüentemente, o resultado de seu trabalho é jogado fora ou refeito e, portanto, custa o dobro.

O preguiçoso também *desperdiça as oportunidades dadas por Deus*. “O que ajunta no verão é filho sábio, mas o que dorme na sega é filho que envergonha” (10:5). Quando os campos estão prontos para a colheita, os segadores precisam trabalhar, pois essa oportunidade não dura indefinidamente (Jo 4:27-38). As pessoas diligentes ficam atentas às oportunidades que Deus oferece e procuram aproveitá-las ao máximo.

2. OS POBRES E OS NECESSITADOS

Se a nação de Israel tivesse obedecido às leis de Deus, sua terra teria permanecido fértil e haveria pouca pobreza e opressão dos necessitados. Todo sétimo dia era o sábado,

quando o povo repousava e dava descanso para a terra e para os animais domésticos. Todo sétimo ano era Ano Sabático, quando a terra e os trabalhadores poderiam descansar um ano inteiro. Todo quinquagésimo ano era Ano de Jubileu, quando a terra não apenas permanecia alqueivada, como também era devolvida aos primeiros proprietários (Lv 25:1-34). Desse modo, o Senhor desejava restaurar a fertilidade da terra com regularidade e evitar que os mais ricos acumulassem grandes propriedades, controlando a economia. De acordo com 2 Crônicas 36:20, 21, a nação não obedeceu a essas leis, e, portanto, Deus teve de enviar o povo à Babilônia, a fim de que a terra pudesse descansar.

Quais são as causas da pobreza e da necessidade? Algumas pessoas são pobres pelo simples fato de que não trabalham. Há trabalho disponível para elas, mas preferem não fazê-lo. “O que trabalha com mão remissa empobrece, mas a mão dos diligentes vem a enriquecer-se” (Pv 10:4). “Não ames o sono, para que não empobreças; abre os olhos e te fartarás do teu próprio pão” (Pv 20:13). Ou, talvez, seu inimigo seja o prazer: “Quem ama os prazeres empobrecerá, quem ama o vinho e o azeite jamais enriquecerá” (21:17). É evidente que o bêbado e o glutão costumam estar entre os pobres (23:21). Tempo, energia e oportunidades são desperdiçados quando a vida de uma pessoa é controlada pelo ócio e o prazer.

Infelizmente, algumas pessoas não foram disciplinadas desde cedo nem ensinadas sobre a importância do trabalho. “Pobreza e afronta sobrevêm ao que rejeita a instrução, mas o que guarda a repreensão será honrado” (13:18). Receber ordens e lhes obedecer, prestar atenção na correção e repreensão, não repetir erros e respeitar a supervisão são elementos essenciais para o sucesso em qualquer serviço. É interessante observar que o primeiro pedido do filho pródigo foi: “Pai, dá-me”. Mas quando voltou para casa, pediu: “Trata-me como um dos teus trabalhadores” (Lc 15:12, 19). Havia aprendido o valor da disciplina do pai e a alegria do trabalho árduo.

Algumas pessoas são necessitadas porque *gostam de falar mas nunca agem*. “Em todo trabalho há proveito; meras palavras, porém, levam à penúria” (Pv 14:23). Isso nos faz lembrar a parábola que Jesus contou sobre os dois filhos (Mt 21:28-32).

As pessoas podem empobrecer por causa de *investimentos imprudentes*. Atirar-se de cabeça num “bom negócio” pode levar a pessoa a perder tudo (Pv 21:5). Além disso, é preciso evitar assinar notas promissórias e assumir as dívidas de outros (6:1-5), especialmente de desconhecidos (11:15). “O homem falto de entendimento compromete-se, ficando por fiador do seu próximo” (17:18; ver 22:26, 27). Os israelitas poderiam emprestar dinheiro a seus compatriotas, mas não deviam cobrar juros (Lv 25:35-38; Êx 22:25). Tinham permissão de cobrar juros somente dos gentios (Dt 23:20). No entanto, o texto adverte sobre “ser fiador” e assumir dívidas maiores do que podemos pagar (Pv 22:7).

Também há ocasiões em que a pobreza de alguns é decorrente de *pessoas e acontecimentos fora do seu controle*. “A terra virgem dos pobres dá mantimento em abundância, mas a falta de justiça o dissipa” (13:23; ver 18:23; 28:8). Os profetas condenaram governantes e negociantes perversos, que oprimiam os pobres e tomavam o pouco que ainda lhes restava (Is 3:13-15; 10:1-4; Am 2:6, 7; 4:1; 5:11, 12; 8:4-10). Quando há justiça na terra e o povo teme ao Senhor, os pobres são ouvidos e são protegidos da opressão.

Deus condena a opressão dos pobres. “O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou, mas a este honra o que se compadece do necessitado” (Pv 14:31). Deus não respeita mais aos ricos do que aos pobres. “O rico e o pobre se encontram; a um e a outro faz o SENHOR” (22:2). Os pobres são criados à imagem de Deus; portanto, como tratamos os pobres, tratamos a Deus. As igrejas que mostram maior consideração pelos ricos e ignoram os pobres esqueceram a lei régia: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Tg 2:1-8).

Como ajudar os pobres? Em primeiro lugar, não devemos desprezar os pobres por

causa de suas dificuldades, considerando-nos, desse modo, melhores do que eles. “O que despreza ao seu vizinho peca, mas o que se compadece dos pobres é feliz” (Pv 14:21). Deus tem uma preocupação toda especial pelos pobres e necessitados, e, ao explorar essas pessoas, estamos nos opondo ao Senhor. “Não roubes ao pobre, porque é pobre, nem oprimas em juízo ao aflito, porque o SENHOR defenderá a causa deles e tirará a vida aos que os despojam” (22:22, 23; ver Dt 15:7; 24:12).

Os cidadãos cristãos devem providenciar para que sejam criadas leis justas e para que sejam cumpridas com equidade. “Informe-se o justo da causa dos pobres, mas o perverso de nada disso quer saber” (Pv 29:7). “O homem pobre que oprime os pobres é como chuva que a tudo arrasta e não deixa trigo” (28:3). “Abre a boca, julga retamente e faz justiça aos pobres e aos necessitados” (31:9). “O rei que julga os pobres com equidade firmará o seu trono para sempre” (29:14). Sem dúvida, são declarações extremamente sérias!

Quando ajudamos os pobres, estamos investindo no que agrada ao Senhor, e, no tempo certo, ele providenciará para que tenhamos um retorno desse investimento.² “Quem se compadece do pobre ao SENHOR empresta, e este lhe paga o seu benefício” (19:17; ver 11:24; 22:9). Porém, antes de a igreja ajudar, é responsabilidade da família socorrer os membros necessitados (1 Tm 5:4, 8). Com isso, a igreja fica livre para ajudar os que não têm com quem dividir seus fardos. Se taparmos os ouvidos ao clamor dos pobres, Deus se recusará a ouvir nossas orações (Pv 21:13).

Depois de pastorear três igrejas, sei de alguns problemas que podem surgir nas congregações, quando aparece algum “vigarista” em seu meio se dizendo “um cristão de passagem pela cidade precisando de ajuda”. Em mais de quarenta anos de ministério, lembro-me de poucos casos em que esses desconhecidos a quem ajudamos sequer escreveram para nos agradecer quando chegaram a seu destino ou procuraram pagar de volta a oferta que haviam recebido. Sem dúvida,

pastores e diáconos devem usar de grande cautela e sabedoria, a fim de não fazerem mais mal do que bem, mas também devemos lembrar que ajudamos os verdadeiramente necessitados por amor a Jesus (Mt 25:34-40). Bernard de Clairvaux, compositor de um hino chamado "Jesus, Só de Pensar em Ti", ofereceu um conselho sábio quando disse: "A justiça busca os méritos da causa, enquanto a piedade considera as necessidades". O que seria de nós se Cristo nos tratasse com base na justiça?

3. OS DILIGENTES

As mãos diligentes são controladas por um coração diligente, mostrando a *disciplina do ser interior*. "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Pv 4:23). Quando cultivamos o ser interior por meio da oração, da meditação na Palavra e da submissão ao Senhor, podemos experimentar as alegrias de uma vida diligente e disciplinada. "Mas o fruto do Espírito é [...] domínio próprio" (Gl 5:22, 23).

A recompensa pelo trabalho árduo e fiel é... mais trabalho! "Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor" (Mt 25:21; ver Lc 19:16-19). "Vês a um homem perito na sua obra? Perante reis será posto; não entre a plebe" (Pv 22:29).

Uma das bênçãos do trabalho diligente é a alegria de desenvolver o tipo de capacidade e de caráter nos quais os outros podem confiar, preparando-nos, desse modo, para a próxima responsabilidade que Deus tem reservada a nós. José foi fiel no sofrimento e no serviço, e isso o preparou para governar o Egito. Davi cuidou fielmente de algumas ovelhas, e Deus lhe deu uma nação inteira para apascentar (Sl 78:70-72). Josué foi fiel como ajudante de Moisés e se tornou seu sucessor. "O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria [...]. Estima-a, e ela te exaltará; se a abraçares, ela te honrará" (Pv 4:7, 8). "Os sábios herdarão honra, mas os loucos tomam sobre si a ignomínia" (3:35).

Não há nada que substitua o trabalho árduo. "O que trabalha com mão remissa

empobrece, mas a mão dos diligentes vem a enriquecer-se" (10:4). "Em todo trabalho há proveito; meras palavras, porém, levam à penúria" (14:23). Alguém perguntou a um recém-formado da faculdade se estava procurando trabalho. Ele pensou um pouco e respondeu: "Não, mas gostaria de encontrar um emprego".

Essa parece ser a atitude de muita gente hoje em dia. Como disse o poeta Robert Frost: "O mundo está cheio de pessoas dispostas: algumas dispostas a trabalhar, outras dispostas a deixar que os demais trabalhem".

As pessoas diligentes *planejam seu trabalho e trabalham dentro de seu plano*. "Os planos do diligente tendem à abundância, mas a pressa excessiva, à pobreza" (21:5). "Confia ao SENHOR as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos" (16:3; ver 24:27). Nas palavras de Thomas Edison: "Nunca fiz coisa alguma de valor acidentalmente; nenhuma de minhas invenções foi acidental – todas elas foram resultado de muito trabalho". Mais de uma grande descoberta da ciência parece ter sido acidental; mas, a fim de que tal descoberta ocorresse, foi preciso investir um bocado de trabalho árduo em seu projeto. Benjamin Franklin escreveu em seu *Poor Richard's Almanack* [*Almanaque do Pobre Richard*]: "A diligência é a mãe da boa fortuna e, como tal, recebe tudo de que precisa das mãos de Deus".

Deus abençoa a labuta dos *honestos*. "Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem, mas o que ajunta à força do trabalho terá aumento" (13:11). Deus espera "peso e balança justos" (16:11; ver 20:10, 23). Além disso, espera que usemos de honestidade ao tratar com as pessoas em nosso local de trabalho. "Os lábios mentirosos são abomináveis ao SENHOR, mas os que agem fielmente são o seu prazer" (12:22).

Deus abençoa os diligentes por sua *generosidade*. "A quem dá liberalmente, ainda se lhe acrescenta mais e mais; ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda. A alma generosa prosperará, e quem dá a beber será dessedentado" (11:24, 25). "O generoso será abençoado, porque dá do seu pão ao pobre" (22:9). Observe a diferença

entre o trabalhador diligente e a pessoa preguiçosa: “O preguiçoso morre desejando, porque as suas mãos recusam trabalhar. O cobiçoso cobiça todo o dia, mas o justo dá e nada retém” (21:25, 26).

As pessoas diligentes têm o cuidado de não fazer dívidas que não possam pagar. “O rico domina sobre o pobre, e o que toma emprestado é servo do que empresta” (22:7). Apesar de certo número de dívidas honestas ser algo esperável no mundo de hoje e de todos desejarem ter crédito e um bom nome na praça, devemos cuidar para não confundir fé com presunção. De acordo com o ditado: “Quando a saída é maior do que a entrada, a manutenção acaba em destruição”.

É perigoso cobiçar cada vez mais dinheiro e exceder todos os limites a fim de obtê-lo. Cada um de nós deve descobrir o nível financeiro em que Deus deseja que vivamos e com o qual deseja que nos contentemos. “Duas coisas te peço; não mas negues, antes que eu morra: afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dêes nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o SENHOR? Ou que, empobrecido, venha a furtar e profane o nome de Deus” (30:7-9).

Nasci no tempo da Grande Depressão, e tanto eu quanto minha irmã e dois irmãos aprendemos a viver de acordo com o lema: “Use até acabar e faça durar. Se gastar e acabar, aprenda a se virar!”. Nossos pais nos ensinaram a diferença entre os luxos e as necessidades e nunca procuraram impressionar os vizinhos comprando coisas de que não precisavam com dinheiro que não podiam gastar. Porém, ao que parece, essa filosofia de vida está quase extinta. Hoje em dia, quando falamos sobre trabalhar com afinco, usar os recursos com sabedoria e prestar contas a Deus, quase sempre encontramos alguém que abre um sorriso (ou solta uma gargalhada) e diz que os tempos mudaram.

Nosso Pai celeste sabe que seus filhos têm necessidades a serem supridas (Mt 6:32); em nossa sociedade moderna, isso significa que devemos ter o dinheiro para adquirir o que é preciso. Porém, nossa principal tarefa

não é ganhar dinheiro, mas sim ser o tipo de pessoa à qual Deus pode confiar o dinheiro; alguém que é fiel na maneira como usa aquilo que Deus lhe dá. “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33).

Como disse John Henry Jowett: “A verdadeira medida de nossa riqueza é quanto valeríamos, se perdêssemos todo nosso dinheiro”. O caráter é mais importante que o cargo, e a sabedoria vale mais que os bens. Deus não glorifica a pobreza, mas também não exalta a afluência. “Uns se dizem ricos sem terem nada; outros se dizem pobres, sendo mui ricos” (Pv 13:7).

Não devemos pensar que a vida dos mais abastados é sempre fácil,³ pois a riqueza e o sucesso também são acompanhados de perigos. As pessoas ricas enfrentam problemas com os quais outros de menos posses não precisam lidar, pois mais riquezas normalmente implicam mais decisões a tomar, riscos a correr e, por vezes, até perigo físico. “Com as suas riquezas se resgata o homem, mas ao pobre não ocorre ameaça” (13:8). Kenneth Taylor faz uma excelente paráfrase desse versículo: “Ser seqüestrado e ter de pagar resgate é algo que nunca preocupa o pobre!” Os ladrões assaltam mansões, mas não se interessam em entrar numa cabana.

Um dos perigos sutis da riqueza é uma sensação falsa de segurança. “Quem confia nas suas riquezas cairá, mas os justos reverdecem como a folhagem” (11:28). Afinal, as riquezas não salvarão o pecador no dia do julgamento (11:4); não podem comprar a paz (15:16, 17) nem uma boa reputação (22:1). As riquezas têm a tendência de se evaporar quando menos esperamos (23:4, 5; 27:23, 24).

Se Deus abençoa nosso trabalho diligente com sucesso, devemos ter cuidado para não nos tornarmos orgulhosos. “Os bens do rico lhe são cidade forte e, segundo imagina, uma alta muralha” (18:11). Isso nos lembra do fazendeiro rico da parábola que Jesus contou (Lc 12:13-21). Se as pessoas bem-sucedidas não tomarem cuidado, podem começar a maltratar os outros (Pv 14:21; 18:23) e se

tornar a lei para si mesmas (28:11). “O galardão da humildade e o temor do SENHOR são riqueza, e honra, e vida” (22:4). Os ricos têm muitos amigos (14:20; 19:4, 6), mas será que esses amigos se mostram fiéis mesmo quando os ricos ficam pobres? (19:7). Os bens são servos maravilhosos para os humildes e senhores terríveis para os orgulhosos.

A atitude errada em relação ao dinheiro pode acabar com amizades e até mesmo destruir um lar. “O que é ávido por lucro desonesto transtorna a sua casa, mas o que odeia o suborno, esse viverá” (15:27). A pessoa que só pensa em enriquecer coloca o dinheiro antes dos amigos e dos princípios e, em sua busca frenética pela riqueza, começa a negligenciar a família. Dar presentes caros aos filhos torna-se uma forma de substituir a ausência dos pais; logo, os valores ficam distorcidos e a família se desintegra.

Quantas famílias não foram destruídas por causa da distribuição de uma herança! Como um advogado amigo meu costumava dizer: “Nada atrai mais parentes do que um testamento”.

Com relação a isso, os ricos precisam preocupar-se com o que os filhos farão com sua riqueza. “Porque as riquezas não duram para sempre, nem a coroa, de geração em geração” (27:24). Salomão trata desse problema em Eclesiastes 2:18-26 e chega à conclusão de que a melhor coisa que as pessoas ricas têm a fazer é desfrutar as riquezas enquanto podem e não se preocupar com os herdeiros. Talvez seu testamento deva ser: “Estando eu em perfeito juízo e estado de saúde, declaro que gastei tudo!”.⁴

Rico, pobre, mendigo, ladrão – Deus tem uma palavra para todos eles. Resta saber se estão dispostos a ouvir.

1. SAILLER, Ronald e WYRTZEN, David. *The Practice of Wisdom* [A Prática da Sabedoria]. Chicago: Moody, 1992, p. 82.
2. É evidente que não damos a outros a fim de receber algo em troca, pois isso seria um gesto egoísta. Devemos ser motivados pelo amor e o desejo de honrar ao Senhor.
3. A história do “toque de ouro do rei Midas” tem por objetivo ensinar essa lição importante. À medida que o rei adquiria cada vez mais ouro, descobriu da maneira difícil o que lhe era verdadeiramente querido.
4. Claro que escrevi isso como brincadeira, a fim de chamar a atenção dos leitores e de lembrar-lhes que deverão prestar contas a Deus. O testamento do cristão também deve ser um *testemunho*. A maneira de empregarmos a riqueza que Deus nos dá, seja ela muita ou pouca, mostra aos outros aquilo que é, de fato, importante para nós. É assustador como muitos cristãos não têm um testamento. Onde está o senso de mordomia dessas pessoas?

FAMÍLIA, AMIGOS E VIZINHOS

Em 1937, o primeiro lugar na lista de livros de ficção mais vendidos nos Estados Unidos era do livro de Margaret Mitchell, *E O Vento Levou...* Na lista de não-ficção, o mais vendido era *Como Conquistar Amigos e Influenciar Pessoas*, de Dale Carnegie e, de lá para cá, milhões de cópias desse livro foram vendidas no mundo inteiro. Isso porque quase todos têm “problemas com pessoas” e desejam saber como resolvê-los. Conviver bem é uma parte importante da vida.

Provérbios é o melhor manual que podemos encontrar sobre como lidar com pessoas, pois ele nos foi dado pelo Deus que nos criou, o Deus que pode nos ensinar aquilo que precisamos saber sobre como nos relacionar com os outros, quer no casamento, na família, na vizinhança, no trabalho ou em nosso círculo mais amplo de amigos e conhecidos. Se aprendermos e colocamos em prática a sabedoria de Deus conforme apresentada em Provérbios, melhoraremos nossa capacidade de lidar com as pessoas e desfrutaremos a vida muito mais.

1. MARIDOS E ESPOSAS

De acordo com as Escrituras, Deus estabeleceu três instituições humanas no mundo: o casamento e o lar (Gn 2:18-25), o governo (Gn 9:1-6; Rm 13) e a igreja local (At 2); sendo que, dessas três, a instituição mais fundamental é o lar. A situação da igreja e do país é um reflexo da situação de seus lares. Os conceitos bíblicos de casamento e de família sofrem tantos ataques e são tão ridicularizados pela sociedade moderna que é sempre bom rever o que o Criador do lar tem a dizer sobre sua dádiva maravilhosa do casamento.

Casamento. O rei Salomão teve setecentas esposas e trezentas concubinas (1 Rs 11:3) e, com isso, desobedeceu à lei de Deus, segundo a qual não se devia multiplicar esposas (Dt 17:17) e, ao tomar para si esposas de nações pagãs, deixou de adorar Jeová, o verdadeiro Deus vivo (Êx 34:16; Dt 7:1-3). Por fim, essas mulheres levaram Salomão a adorar a seus deuses, e o Senhor disciplinou o rei por seus pecados (1 Rs 11:4ss).

Provérbios, no entanto, exalta o tipo de casamento que Deus instituiu inicialmente no Éden: um homem casado com uma mulher para toda a vida (Gn 2:18-25; Mt 19:19).¹ O marido deve amar a esposa e ser fiel a ela (Pv 5). A esposa não deve abandonar o marido, a fim de procurar amor em algum outro lugar (2:17). Ambos devem desfrutar um ao outro e crescer no amor um pelo outro e pelo Senhor.

Na Antiguidade, era costume os casamentos serem arranjados pelos pais. Nosso “sistema” moderno, no qual duas pessoas se apaixonam e se casam, teria parecido bastante estranho para os conceitos e a cultura dos antigos. Naquela época, um homem e uma mulher se casavam e aprendiam a amar um ao outro; além disso, esperavam ficar juntos para o resto da vida. Hoje em dia, o homem e a mulher aprendem a amar um ao outro, se casam e todos esperam que fiquem juntos tempo suficiente para criar os filhos.

O marido. Um homem pode herdar casas e terras, “mas do SENHOR, [vem] a esposa prudente” (19:14).² “O que acha uma esposa acha o bem e alcançou a benevolência do SENHOR” (18:22). Bem-aventurado é o casamento no qual o marido reconhece a bondade de Deus por haver lhe dado uma esposa! Quando o marido não dá o devido valor à sua esposa, entristece tanto a ela quanto ao Senhor. Assim, deve amá-la e ser fiel a ela todos os dias de sua vida.

Provérbios coloca sobre o marido a responsabilidade de dirigir o lar de acordo com a sabedoria de Deus, mas, como veremos no capítulo 31, a esposa também tem papel importante. Quando duas pessoas amam ao Senhor e uma à outra, Deus pode guiá-las e abençoá-las. As duas se tornam uma só

e se dedicam inteiramente uma à outra e ao Senhor.

A esposa. Toda esposa pode edificar ou destruir seu lar (14:1). Se ela anda com o Senhor, será uma construtora; mas, se desobedece ao Senhor, será uma destruidora. A esposa deve ser fiel ao marido, pois “a mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que procede vergonhosamente é como podridão nos seus ossos” (12:4). Uma coroa ou um câncer: que escolha! Não se deve procurar apenas a beleza, pois também é importante que a esposa tenha sabedoria e discricção (11:22).

Por vezes, o marido cria problemas para a esposa, mas Salomão não os menciona. Porém, fala de alguns problemas que a esposa pode criar para o marido. “O filho insensato é a desgraça do pai, e um gotejar contínuo, as contensões da esposa” (19:13). A esposa que briga o tempo todo cria dentro do lar um clima que pode tentar o marido a buscar atenção em outro lugar. “Melhor é morar no canto do eirado do que junto com a mulher rixosa na mesma casa” (21:9; ver 21:19; 25:24; 27:15, 16). No entanto, devemos ser justos e admitir que a situação também pode ser inversa, e o marido pode ser o culpado. Deus aborrece as discórdias dentro da família (6:19), e devemos fazer todo o possível para praticar dentro do lar o tipo de amor que produz união e harmonia.

A melhor descrição da esposa ideal encontra-se em Provérbios 31:10-31. Esse poema é um acróstico, de modo que os vinte e dois versículos começam com letras sucessivas do alfabeto hebraico (ver SI 119). Essa forma literária era um recurso empregado para ajudar as pessoas a lembrar de uma passagem. Talvez os pais israelitas instruísem seus filhos e filhas a memorizar esse poema e a usá-lo como um guia para sua vida e seu lar. Que tipo de mulher o poema descreve?

Em primeiro lugar, *ela é uma mulher de caráter* (Pv 31:10-12). Assim como a sabedoria é mais importante que a riqueza (3:15), também o caráter é mais valioso que jóias. Pedro dá esse mesmo conselho às esposas cristãs de sua época (1 Pe 3:1-6). O casamento não muda o caráter de uma pessoa.

Se há falhas de caráter no marido ou na esposa, o casamento servirá apenas para revelar e acentuar essas fraquezas. O marido, ou a esposa, que espera transformar seu cônjuge depois da lua-de-mel está fadado a sofrer grandes decepções.

Se o casal tiver um relacionamento de confiança, seu lar será harmonioso. O marido dessa esposa ideal não teme nem suspeita de coisa alguma enquanto sua mulher trabalha, pois sabe que ela tem caráter e fará apenas o que é bom para ele e seus filhos. Se as noivas e noivos levarem a sério os votos de amor e de fidelidade que repetem um ao outro e a Deus no altar, seu casamento será protegido por essa confiança, que não permitirá a entrada de nenhum inimigo.

Ela é *uma mulher que não tem medo de trabalhar* (Pv 31:13-22, 24). Seja para ir ao mercado comprar comida (vv. 14, 15), vender uma propriedade (v. 16a), ou plantar uma vinha (v. 16b), ela acorda cedo e se ocupa com suas tarefas. Temos a impressão de que, na noite anterior, ela prepara uma lista de coisas a fazer e não desperdiça um minuto sequer. “Cinge os lombos de força e fortalece os braços” (v. 17), ou seja, faz seu trabalho com vigor, fiando uma linha, ajudando os pobres ou provendo roupas para seus filhos. Prepara o que há de melhor para sua família, e eles não têm de que se envergonhar.

Ela é *uma pessoa generosa* (v. 20). Enquanto ministra à família, fica atenta aos necessitados e faz o que pode para ajudá-los. *Aqueles que têm misericórdia dos pobres experimentam a felicidade* (14:21), e nada que se dá ao Senhor para eles é perdido (19:17).

Essa esposa *facilita o trabalho do marido* (v. 23). A porta da cidade era o lugar onde se realizavam as transações comerciais, de modo que o marido era um dos anciãos da comunidade (Rt 4). Apesar de não haver restrições desse tipo hoje em dia, naquele tempo seria inconcebível uma mulher participar do “conselho municipal”. Porém, essa esposa leal não deseja tomar o lugar do marido, mas sim fazer seu trabalho de modo a facilitar o trabalho dele.

Ao procurar cumprir seus papéis dentro da vontade de Deus, o marido e a esposa devem complementar-se. O marido sábio reconhece os pontos fortes da esposa e permite que ela compense os pontos fracos dele. Essa atitude não é um sinal de fracasso pessoal nem uma forma de rebelião contra o mandamento de Deus (1 Co 11:3). Tanto a liderança quanto a submissão no lar são provas de amor e de obediência, e uma não anula a outra.

Ela encara o futuro com segurança (Pv 31:25). Na Bíblia, estar “vestido” de algo é um modo de dizer que aquilo faz parte de sua vida e se revela em seu caráter e conduta (ver 1 Tm 2:9, 10; Cl 3:8-14). A esposa pode encarar com bom humor os problemas e dificuldades do futuro, pois seu caráter é firme, e ela está preparada para emergências. É uma mulher de fé e sabe que Deus está com ela e com sua família.

Essa esposa *ensina a sabedoria com grande competência* (Pv 31:26). Sem dúvida, ela instrui os filhos na sabedoria de Deus, especialmente as filhas, preparando-as para quando tiverem seu próprio lar. No entanto, é bem provável que também compartilhe suas idéias com o marido, sábio o suficiente para lhe dar ouvidos. Devemos lembrar que, em passagens anteriores do livro, Salomão usou uma linda mulher para personificar a sabedoria; essa esposa temente a Deus faz o mesmo.

Ela *supervisiona com atenção os assuntos da casa* (v. 27). Está sempre ocupada e observa tudo o que se passa na casa: a alimentação, as finanças, o vestuário e as lições de casa. Administrar uma casa é uma tarefa que exige grande aptidão, e ela realiza seu trabalho *fielmente*, dia e noite. Qualquer marido e pai que pensa que as coisas são fáceis para a esposa deveria assumir as responsabilidades dela por uma ou duas semanas para ver como está enganado!

Ela é *uma mulher louvável* (vv. 28, 29). Como é maravilhoso quando o marido e os filhos elogiam a esposa e mãe por seu ministério fiel no lar! O texto indica que esse louvor era expresso com frequência e de maneira espontânea, não apenas em ocasiões

especiais. (O povo de Israel não comemorava o Dia das Mães. Aliás, todo dia deve ser Dia das Mães e Dia dos Pais!) É triste quando os membros de uma família não dão o devido valor uns aos outros e não demonstram apreciação sincera. O pai deve dar o exemplo aos filhos e sempre agradecer à sua esposa aquilo que ela faz pela família. Deve vê-la como uma mulher que supera todas as outras!

O segredo de sua vida é que *ela teme ao SENHOR* (v. 30). É encantador ver uma esposa que tem charme e beleza, e não há pecado algum nessas qualidades, mas a mulher que anda com o Senhor e que procura lhe agradecer tem uma beleza que nunca se apaga (1 Pe 3:1-6). O homem cuja esposa lê a Palavra, medita, ora e busca a vontade de Deus diariamente possui, de fato, um tesouro mais valioso que os rubis.

Por fim, *sua vida é um testemunho para outros* (Pv 31:31). Seu marido e filhos reconhecem seu valor e a elogiam, mas ela também é louvada por outras pessoas da comunidade. Até mesmo os líderes na porta da cidade reconhecem suas boas obras e a honram. “A mulher graciosa alcança honra, como os poderosos adquirem riqueza” (11:16). Deus providencia para que a mulher fiel em seu serviço ao Senhor e a sua família seja devidamente honrada e, sem dúvida, receberá honra ainda maior quando estiver diante de seu Senhor.

Esse belo tributo a uma esposa e mãe temente a Deus revela a toda mulher cristã o que ela pode se tornar seguindo ao Senhor. Também descreve a todo homem cristão o tipo de esposa que deve procurar e pedir a Deus. Além disso, lembra o futuro marido de que ele deve caminhar com o Senhor e crescer em sua vida espiritual para ser digno de uma esposa como essa, se e quando Deus a colocar em sua vida.

2. PAIS E FILHOS

No Israel da Antiguidade, o marido e a esposa consideravam a possibilidade de abortar uma criança tão absurda quanto a idéia de um matar o outro. Sua filosofia era: “Herança do SENHOR são os filhos; o fruto do ventre,

seu galardão” (Sl 127:3). Para eles, o casamento era um “banco” no qual Deus depositava filhos preciosos como um investimento para o futuro, e cabia ao pai e à mãe educar esses filhos no temor do Senhor. Os filhos eram recompensas, não castigos; oportunidades, não obstáculos; investimentos que geram dividendos, não fardos.

Além das necessidades físicas mais básicas, o que um lar temente a Deus deve prover aos filhos?

Exemplo. “O justo anda na sua integridade; felizes lhe são os filhos depois dele” (Pv 20:7), e no item anterior, tratamos da influência do exemplo de uma mãe piedosa (31:28). O estadista inglês Edmund Burke chamou o exemplo de “escola da humanidade”, e suas primeiras lições são aprendidas em casa, mesmo antes que as crianças aprendam a falar. De acordo com Benjamin Franklin, o exemplo é “o melhor sermão”, o que sugere que a maneira como os pais agem em casa ensina mais sobre Deus aos filhos do que aquilo que as crianças ouvem na Escola Dominical e na igreja.

Quando os pais andam com Deus, oferecem aos filhos uma herança que os enriquecerá ao longo de toda a vida. O temor do Senhor enche o lar de beleza e o cerca de proteção. “No temor do SENHOR, tem o homem forte amparo, e isso é refúgio para os seus filhos” (14:26). O mundo deseja penetrar essa fortaleza e seqüestrar nossos filhos e netos, mas os pais piedosos mantêm os muros sempre fortes e as armas espirituais sempre prontas.

Instrução. “Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe” (1:8; 6:20). Provérbios consiste basicamente do registro das instruções de um pai aos filhos, instruções estas que deviam seguir por toda a vida. “Filho meu, se deixas de ouvir a instrução, desviar-te-ás das palavras do conhecimento” (19:27). “Filho meu, guarda as minhas palavras e conserva dentro de ti os meus mandamentos” (7:1).

O homem que caía deliberadamente na armadilha da adúltera o fazia por não atender para as instruções que os pais haviam lhe dado. “Como aborreci o ensino! E desprezou

o meu coração a disciplina! E não escutei a voz dos que me ensinavam, nem a meus mestres inclinei os ouvidos!” (5:12, 13). É impressionante como, à medida que envelhecemos, nossos pais e professores nos parecem cada vez mais inteligentes!

A Bíblia é o livro-texto fundamental do lar e, em outros tempos, também era o livro-texto das escolas. As escolas não têm mais espaço para o estudo das Escrituras, mas ainda que tivessem, isso não substituiria seu estudo em casa. Vejo muitos pais sacrificando tempo e dinheiro para ajudar os filhos a se saírem bem na música, nos esportes e em atividades sociais. Espero que estejam ainda mais preocupados que seus filhos se destaquem no conhecimento e na obediência à Palavra de Deus.

Todos os pais e mães devem orar e trabalhar para que os filhos tenham sabedoria espiritual quando chegar o momento de saírem de casa. “O filho sábio alegra a seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe” (10:1; ver 15:20; 23:15, 16, 24, 25; 27:11; 29:3). “O filho sábio ouve a instrução do pai, mas o escarnekedor não atende à repreensão” (13:1). Em várias ocasiões ao longo de meu ministério pastoral, dividi com pais e avós a tristeza de ver filhos e netos darem as costas para a Palavra de Deus e para o exemplo cristão que tiveram em seu lar. Em alguns casos, filhos, como o filho pródigo da parábola, “criaram juízo” e voltaram para o Senhor, mas trouxeram consigo memórias e cicatrizes que os atormentarão para sempre.

Disciplina amorosa. Muitos educadores e pais modernos revoltam-se contra o ensinamento bíblico acerca da disciplina. Para eles, a idéia de que a falta de disciplina gera crianças mimadas é uma pedagogia pré-histórica, que traumatiza a criança para o resto da vida.³ Porém, em momento algum a Bíblia ensina uma brutalidade cega na disciplina das crianças. A ênfase é sobre o amor, pois é desse modo que Deus disciplina seus filhos. “Filho meu, não rejeites a disciplina do SENHOR, nem te enfades da sua repreensão. Porque o SENHOR repreende a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem”

(3:11, 12; 13:24). Por acaso sabemos mais sobre a educação dos filhos do que Deus?

A disciplina é relacionada à correção de falhas de caráter da criança enquanto ainda há tempo de mudar (22:15). É melhor que o filho seja corrigido pelo pai do que por alguém numa instituição correccional. “Castiga a teu filho, enquanto há esperança, mas não te excedas a ponto de matá-lo” (19:18). Prefiro a seguinte tradução da segunda parte da oração: “Não seja condescendente na morte dele”. Um voto contra a disciplina é um voto em favor de uma morte prematura (ver 23:13, 14).

Como é triste ver crianças sem orientação alguma, que não conhecem limites nem as conseqüências da rebelião! Posso estar errado, mas tenho minhas suspeitas de que muitas pessoas que não conseguem disciplinar os filhos têm dificuldade em disciplinar a si mesmas. Se você deseja desfrutar um relacionamento com seus filhos ao longo de toda a vida, comece amando-os e disciplinando-os desde cedo. “A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe” (29:15). “Corrige o teu filho, e te dará descanso, dará delícias à tua alma” (29:17).

Provérbios 22:6 é um “pé de coelho” religioso ao qual muitos pais e avós afitos se apegam quando os filhos se desviam do Senhor: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele”. Normalmente, interpretam esse versículo como “a criança se desviará por algum tempo, mas depois voltará”, mas não é isso o que o texto diz. Na realidade, ele afirma que, se as crianças forem educadas na sabedoria e nos caminhos do Senhor, *não chegarão a se desviar*. Seguirão a sabedoria de Deus até quando chegarem à velhice.

Sem dúvida, é verdade que filhos educados com carinho e na admoestação do Senhor podem afastar-se de Deus, mas não têm como escapar das orações de seus pais e nem da semente plantada em seu coração. Os pais não devem jamais perder as esperanças; antes, devem continuar orando e crendo que Deus fará os filhos rebeldes recobrem

o juízo. Mas não é a isso que Provérbios 22:6 se refere. Como outros provérbios, não dá uma garantia infalível, mas sim apresenta um princípio geral.⁴

No outono de 1993, tivemos de repor um carvalho arrancado de nosso jardim por um tornado. O pessoal do viveiro onde compramos a outra árvore colocou três fios grossos de arame no tronco para ter certeza de que ele cresceria reto. Também apoiaram com hastes de metal dois galhos que cresciam voltados para baixo em vez de se desenvolverem normalmente para fora. Essas coisas só podem ser feitas quando a árvore ainda é jovem e flexível. “É de pequenino que se torce o pepino”, diz o velho ditado que, na verdade, é uma paráfrase de Provérbios 22:6.

Deus determinou que os pais, que são mais velhos e mais experientes que os filhos, os orientem em amor e os preparem para a vida adulta. Se algum de seus filhos tornar-se um preguiçoso (10:5), glutão (“libertino”; 28:7), companheiro de prostitutas (29:3), rebelde (19:26; 20:20; 30:11, 12, 17; ver Dt 21:18-21) ou ladrão (28:24), isso ocorrerá *apesar* da instrução recebida dos pais, não *por causa* dela.

3. AMIGOS E VIZINHOS

De acordo com G. K. Chesterton, Deus ordenou que amássemos tanto nosso inimigo quanto nosso próximo, pois normalmente os dois são a mesma pessoa. Minha esposa e eu sempre fomos abençoados com vizinhos maravilhosos, que consideramos nossos amigos. Ao que parece, esse é o ideal bíblico, pois o termo hebraico (*ra'a*) pode significar “amigo” ou “vizinho” (“o próximo”). Neste estudo, incluiremos os dois significados, pois aquilo que vale para os verdadeiros amigos também vale para os verdadeiros vizinhos.

A base da amizade. Provérbios deixa claro que a verdadeira amizade é baseada no amor, pois somente o amor resiste às provas pelas quais os amigos passam ao viver juntos. “Em todo tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão” (17:17). É possível ter muitos conhecidos, mas nenhum amigo verdadeiro. “O homem que tem muitos amigos

sai perdendo; mas há amigo mais chegado do que um irmão" (18:24). A amizade precisa ser cultivada e desenvolver raízes profundas.

O povo de Deus deve ter cuidado especial na escolha de amigos. "O justo serve de guia para o companheiro, mas o caminho dos perversos os faz errar" (12:26). "Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau" (13:20). As amizades baseadas em dinheiro (6:1-5; 14:20; 19:4, 6, 7) ou no pecado (16:29, 30; 1:10-19) estão fadadas a ser decepcionantes. O mesmo se aplica às amizades com pessoas de índole difícil (22:24, 25), que falam de modo insensato (14:7), que se revoltam contra as autoridades (24:21, 22) ou que são desonestas (29:27). Os cristãos devem dar ouvidos aos conselhos de Salmos 1:1, 2 e de 2 Coríntios 6:14-18.

As qualidades da verdadeira amizade.

Mencionamos anteriormente o *amor* que, por sua vez, produz a *lealdade*. "Em todo tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão" (Pv 17:17) e "há amigo mais chegado do que um irmão" (18:24). Por vezes, numa emergência, recebemos mais socorro de amigos do que de parentes! Aliás, essa lealdade deve estender-se aos amigos de nossos pais. "Não abandones o teu amigo, nem o amigo de teu pai, nem entres na casa de teu irmão no dia da tua adversidade" (27:10). Amigos de longa data de toda a família podem ser uma bênção de uma geração à outra.

Os verdadeiros amigos *sabem guardar segredo*. "Pleiteia a tua causa diretamente com o teu próximo e não descubras o segredo de outrem; para que não te vitupere aquele que te ouvir, e não se te apegue a tua infâmia" (25:9, 10). Se você se desentender com alguém, não envolva outra pessoa na discussão, pois você acabará perdendo tanto sua reputação ("Esse aí não sabe guardar segredos!") quanto o amigo que lhe confiou seus pensamentos mais íntimos. "O mexeriqueiro descobre o segredo, mas o fiel de espírito o encobre" (11:13; ver 20:19). Se não tomarmos cuidado, a fofoca pode arruinar nossa amizade (16:28), de modo que o mais sábio a fazer é encobrir as transgressões com amor (17:9; 1 Pe 4:8).

Isso nos leva à próxima qualidade importante dos amigos verdadeiros e bons vizinhos: a *capacidade de controlar a língua*. "O ímpio, com a boca, destrói o próximo, mas os justos são libertados pelo conhecimento" (Pv 11:9). Não devemos acreditar na primeira coisa que ouvimos sobre uma questão, pois pode ser uma idéia equivocada (18:17); antes, é preciso lembrar que "o homem prudente, este se cala" (11:12). Se nosso vizinho ou amigo diz algo falso a nosso respeito, cabe a nós conversar com ele em particular, sem buscar, porém, vingança (24:28, 29; 25:18). Além disso, é preciso ter cuidado com pessoas que causam problemas e depois dizem: "Fiz isso por brincadeira" (26:18, 19).

Amigos e vizinhos devem ser *honestos em amor uns com os outros*. "Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos" (27:6). A verdadeira amizade no Senhor não pode ser construída sobre a dissimulação; mesmo quando "a verdade dói", não causa mal ao outro quando é dita em amor. É melhor "[seguir] a verdade em amor" (Ef 4:15), pois o Espírito pode usar a verdade e o amor para construir caráter, enquanto o diabo usa as mentiras e bajulações para destruir tudo (Pv 29:5). "O que repreende ao homem achará, depois, mais favor do que aquele que lisonjeia com a língua" (28:23). Alguém disse bem que a lisonja não é uma forma de comunicação, mas sim de manipulação; que pessoa honesta tentaria manipular um amigo?

Não devemos jamais nos esquecer do valor de nossos amigos nem esperar que perdoem imediatamente nossas ofensas, mesmo que o perdão seja a coisa certa a fazer para os cristãos. "O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza; suas contendas são ferrolhos de um castelo" (18:19). Pode parecer estranho, mas é fato que alguns cristãos perdoam ofensas de não-cristãos, que dificilmente perdoariam se tivessem sido cometidas por um amigo cristão. Só um diamante pode cortar outro diamante, e alguns cristãos levantam defesas que nem mesmo a igreja é capaz de penetrar. Mateus 18:15-35 apresenta os passos que devem ser tomados quando esse tipo de coisa acontece, e Jesus

nos adverte que um espírito rancoroso só serve para nos tornar prisioneiros!

Os amigos e vizinhos fiéis *aconselham* e *encorajam uns aos outros*. “Como o óleo e o perfume alegam o coração, assim, o amigo encontra doçura no conselho cordial” (Pv 27:9). As imagens do óleo e do perfume são perfeitas quando as conversas são agradáveis, mas o que acontece quando os amigos discordam um do outro? “Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo” (27:17). Se sabemos discutir de modo agradável, normalmente aprendemos mais discordando do que cedendo e nos recusando a dizer aquilo que pensamos; saímos ganhando quando falamos “a verdade em amor” (Ef 4:15).

Os amigos e vizinhos *devem ser cautelosos e sensíveis em relação aos sentimentos uns dos outros*. Se passarmos tempo demais juntos, podemos acabar cansando uns aos outros. “Não seja freqüente na casa do teu próximo, para que não se enfade de ti e te aborça” (Pv 25:17). Sei de pessoas que

passaram tanto tempo juntas que acabaram desgastando a amizade. Precisamos de espaço a fim de crescer, e esse espaço vem da privacidade e da solitude. Até mesmo marido e esposa precisam respeitar a privacidade um do outro e não ficar o tempo todo juntos, para que seu amor amadureça.

“O que bendiz ao seu vizinho em alta voz, logo de manhã, por maldição lhe atribuem o que faz” (27:14). Devemos ter cuidado com o “amigo” que nos elogia com freqüência e de modo espalhafatoso, pois a verdadeira amizade não depende desse tipo de exagero – especialmente quando ainda estamos dormindo! O amor é sensível aos sentimentos e necessidades das outras pessoas, e os verdadeiros amigos tentam dizer a coisa certa, no momento certo e da maneira certa (25:20).

Uma família feliz, amigos que nos encorajam e bons vizinhos: que bênçãos maravilhosas do Senhor! Vamos fazer nossa parte para tornar essas bênçãos uma realidade em nossa vida e na vida de outros.

1. No casamento, duas pessoas tornam-se uma só carne (Gn 2:24); assim, se um dos cônjuges morre, o casamento é dissolvido (Rm 7:1-3), e o cônjuge sobrevivente pode casar novamente “no Senhor” (1 Co 7:39). Provérbios não esconde os problemas que podem surgir no casamento, mas também não trata, em momento algum, da questão do divórcio. Antes, engrandece o plano original de Deus para o casamento e o lar – exatamente o que devemos fazer hoje. As pessoas que se casam com um pé na saída de emergência dificilmente terão um lar feliz.
2. Jesus deixa claro em Mateus 19:11, 12 que nem todos devem se casar, e Paulo afirma que permanecer solteiro é, como o casamento, um dom de Deus (1 Co 7:7). Certa vez, ouvi a talentosa educadora cristã, Henrietta Mears, dizer que o único motivo pelo qual ela não havia se casado era o fato de o apóstolo Paulo não estar mais vivo!
3. O provérbio: “o que retém a vara estraga o filho” era corrente no tempo do império romano (*Qui parit virge, odit filium* – “quem retém a vara odeia o seu filho”) e pode ser encontrado na literatura de língua inglesa desde o ano 1000. As palavras de Provérbios 13:24 são bastante parecidas: “O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina”. Por certo, foi o provérbio hebraico, mais antigo, que deu origem ao ditado romano.
4. GARRET, Duane A. *The New American Commentary*. Nashville: Broadman Press, 1993, vol. 14, p. 188. Garret traduz aqui o versículo por: “treina a criança de maneira apropriada para uma criança e, mesmo quando envelhecer, ela não abandonará esses ensinamentos”. Ver também a explicação em ARCHER, Gleason, *The Encyclopedia of Bible Difficulties*. Grand Rapids: Zondervan, 1982, pp. 252, 253. Não sabemos quanta instrução espiritual Salomão recebeu de seu pai, Davi, mas, em sua velhice, Salomão desviou-se do Senhor (1 Rs 11:1-8). Alguns estudiosos acreditam que o Livro de Eclesiastes é sua “confissão de fé” depois que o rei voltou para o Senhor, mas o texto não declara isso com clareza, e não é prudente especular.

UMA QUESTÃO DE VIDA OU MORTE

(AS PALAVRAS)

Um juiz profere algumas palavras e um réu é enviado para o corredor da morte. Uma pessoa fofocadeira faz um telefonema e a reputação de alguém é difamada ou destruída. Um professor cínico faz um comentário maldoso numa aula e a fé de um estudante é abalada.

Nunca subestime o poder das palavras. Para cada palavra no livro *Mein Kampf* [Minha Luta], de Hitler, 125 pessoas morreram na Segunda Guerra Mundial.¹ Salomão estava certo: “A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto” (Pv 18:21). Não é de se admirar que Tiago tenha comparado a língua a um fogo destruidor, a uma fera perigosa e a um veneno mortal (Tg 3:5-8). As palavras são uma questão de vida ou morte.

Ao resumir o que Provérbios diz sobre as palavras, encontramos quatro conceitos importantes: (1) as palavras são uma dádiva extraordinária de Deus; (2) as palavras podem ser usadas para fazer o bem; (3) as palavras podem ser usadas para fazer o mal; e (4) somente Deus pode nos ajudar a usar as palavras para fazer o bem.

1. AS PALAVRAS SÃO UMA DÁDIVA EXTRAORDINÁRIA DE DEUS

A primeira frase completa que nossa filha mais velha disse foi: “Aonde papai vai?”. Considerando como minha agenda era cheia naquele tempo, era uma pergunta apropriada. Mas quem ensinou Carolyn a compreender e a dizer essas palavras? E quem lhe explicou de que maneira deveria juntá-las para formar essa pergunta?

“A capacidade [de falar] desenvolve-se tão naturalmente que temos a tendência de

esquecer que se trata de um milagre e tanto”, escreve o professor Steven Pinker. “A linguagem não é um artefato cultural que adquirimos da mesma forma que aprendemos a distinguir as horas ou a entender como funciona o governo. Antes, é uma parte distinta da constituição biológica de nosso cérebro”.² Os cristãos diriam ainda que, quando Deus criou nossos primeiros antepassados, deu-lhes a capacidade de proferir e de compreender palavras. Uma vez que são feitos à imagem de um Deus que se comunica, os seres humanos receberam o dom maravilhoso da fala. “A resposta certa dos lábios vem do SENHOR” (16:1).

Deus falou a Adão e o instruiu sobre a vida no jardim, e, posteriormente, Adão transmitiu essas instruções a Eva; os dois entenderam o que Deus havia dito (Gn 2:15-17; 3:2, 3). Adão foi capaz de dar nome aos animais (2:18-20) e de criar um nome descritivo para sua esposa (vv. 22-24). Satanás usou palavras para enganar Adão e Eva (3:1-5), e é bem provável que Eva tenha usado palavras para convencer o marido a comer do fruto (v. 6). O jardim do Éden era um lugar de comunicação, pois Deus deu a Adão e Eva a capacidade de compreender e de usar palavras.

As imagens aplicadas às palavras em Provérbios mostram o valor desse dom divino que não apenas deixamos de valorizar devidamente, como também desperdiçamos e do qual abusamos com frequência. As palavras são comparadas a *ouro* e *prata*. “Prata escolhida é a língua do justo, mas o coração dos perversos vale mui pouco” (Pv 10:20). “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo. Como pendentes e jóias de ouro puro, assim é o sábio repreensor para o ouvido atento” (25:11, 12). Nossas palavras devem ser equilibradas, belas e valiosas, como as jóias mais preciosas; para isso, devemos trabalhar com tanto afínco quanto o joalheiro que confeciona peças refinadas (ver Ec 12:9-11).

As palavras também são como *água refrescante*. “A boca do justo é manancial de vida, mas na boca dos perversos mora a violência” (Pv 10:11). “Águas profundas são as

palavras da boca do homem, e a fonte da sabedoria, rios transbordantes" (18:4). "O ensino do sábio é fonte de vida, para que se evitem os laços da morte" (13:14), e "O temor do SENHOR é fonte de vida para evitar os laços da morte" (14:27). No entanto, não basta os sábios nos dirigirem a palavra; devemos estar preparados para ouvir. "O entendimento, para aqueles que o possuem, é fonte de vida; mas, para o insensato, a sua estultícia lhe é castigo" (16:22). O solo do coração deve estar preparado, e a semente da Palavra deve ser plantada; do contrário, a água não será de muito proveito.

As palavras certas são como *alimento nutritivo e salutar*. "A língua serena é árvore de vida, mas a perversa quebranta o espírito" (15:4). Que coisa maravilhosa dizer as palavras certas e ajudar a curar um espírito quebrantado! A expressão "árvore de vida" significa "fonte de vida" e remonta a Gênesis 2:9.³ "Os lábios do justo apascentam a muitos, mas, por falta de senso, morrem os tolos" (Pv 10:21; ver 18:20). "Palavras agradáveis são como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo" (16:24; ver Sl 119:103). "Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espada, mas a língua dos sábios é medicina" (Pv 12:18; ver 12:14; 13:2).

O apóstolo Paulo considerava a doutrina bíblica uma "doutrina saudável" ("sã doutrina")⁴ que nutre a vida espiritual do cristão. Ele advertiu Timóteo a ter cuidado com "tudo quanto se opõe à sã doutrina" (1 Tm 1:10) e lembrou a ele que, um dia, aqueles que apenas se diziam cristãos "não [suportariam] a sã doutrina" (2 Tm 4:3). Os líderes espirituais devem usar a doutrina para exortar os negligentes e repreender os enganadores (Tt 1:9, 10; 2:1). As palavras de Jesus são "sãs palavras", exatamente o oposto das palavras dos falsos mestres (1 Tm 6:3, 4). "A linguagem deles corrói como câncer" (2 Tm 2:17), mas as palavras de Deus "são vida para quem [as] acha e saúde, para o seu corpo" (Pv 4:22).

O cristão que reconhece quão extraordinária é a dádiva das palavras não abusa desse dom, mas sim o dedica à glória de Deus. O estudioso do Novo Testamento, bispo B.

F. Westcott, escreveu: "Cada ano me faz estremecer diante da ousadia com a qual as pessoas falam das coisas espirituais". Todos nós devemos dar ouvidos às palavras de Salomão: "Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras" (Ec 5:2).

2. AS PALAVRAS PODEM SER USADAS PARA FAZER O BEM

Não importa qual seja nosso problema físico, quando o médico nos examina, quase sempre diz: "Mostre a língua"! Esse princípio aplica-se à vida cristã, pois aquilo que a língua faz revela o que há dentro do coração. O discurso incoerente dá testemunho de um coração dividido: "porque a boca fala do que está cheio o coração" (Mt 12:34). "De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim" (Tg 3:10).

Aquilo que dizemos pode ajudar ou magoar outras pessoas. Quando recapitulamos algumas imagens referentes às palavras encontradas em Provérbios, vemos que nossas palavras podem promover a beleza e o valor, a nutrição e o refrigério, bem como a cura do ser interior. Mas o poder extraordinário das palavras também se revela de outras maneiras positivas.

Nossas palavras podem promover a paz ao invés da guerra. "A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira" (Pv 15:1). "O homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apazigua a luta" (v. 18).⁵ Salomão não estava nos aconselhando a abrir mão da verdade nem a considerar certo aquilo que está errado. Antes, estava nos aconselhando a ter um espírito manso e uma atitude conciliatória ao discordar de outros. Desse modo, podemos acalmar uma situação e facilitar uma resolução pacífica.

Mais uma vez, o cerne da questão é o estado em que se encontra o coração. Se existe uma guerra em andamento dentro do coração, nossas palavras serão mísseis destrutivos, não remédios curativos. "Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja

amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade" (Tg 3:14). A sabedoria terrena nos aconselha a lutar por nossos direitos e a fazer de todo desacordo uma situação em que alguém deve ganhar e alguém deve perder, mas a sabedoria busca uma situação em que todos possam sair ganhando e que fortaleça "a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef 4:3). "A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável,⁶ plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento" (Tg 3:17). Colocar tal sabedoria em prática significa ter a atitude descrita em Filipenses 2:1-12, a atitude de Jesus Cristo.

Nossas palavras podem ajudar a restaurar aqueles que pecaram. "Como pendentes e jóias de ouro puro, assim é o sábio repreensor para o ouvido atento" (Pv 25:12). Não é fácil repreender alguém que está errado, e devemos admoestar com um espírito manso e amoroso (Gl 6:1), mas, ainda assim, devemos fazê-lo. Adular os que estão desobedecendo à Palavra de Deus só serve para corroborar seu pecado e ainda nos torna cúmplices dos transgressores. "O que repreende ao homem achará, depois, mais favor do que aquele que lisonjeia com a língua" (28:23). "O caminho para a vida é de quem guarda o ensino, mas o que abandona a apreensão anda errado" (10:17).

Em Mateus 18:15-20, Jesus explica o procedimento para ajudar a restaurar um irmão ou irmã que pecou. Em primeiro lugar, devemos ter uma conversa pessoal e confidencial com o transgressor, confiando em Deus para mudar o coração da pessoa. Se isso falhar, devemos tentar novamente, dessa vez, acompanhados de testemunhas. Caso isso também falhe, aquilo que era confidencial deve se tornar público, e a igreja deve ser informada do que se passa. Se o transgressor se recusar a dar ouvidos à igreja, deve ser excluído como se não fosse cristão. É evidente que, ao longo desse processo, devemos estar sempre em oração fervorosa, buscando o auxílio de Deus para nós e também para aqueles que estão tentando ajudar.

Nossas palavras podem instruir os ignorantes. "A língua dos sábios derrama o conhecimento, mas o coração dos insensatos não procede assim" (Pv 15:7). "O sábio de coração é chamado prudente, e a doçura no falar aumenta o saber" (16:21). Apesar de haver muitas coisas boas e proveitosas para aprender nesta vida tão breve que temos aqui na terra, a mais importante de todas elas é a sabedoria de Deus encontrada na Palavra de Deus (8:6-8). "O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquiere o entendimento" (4:7). Depois de adquirirmos sabedoria, devemos compartilhá-la com outros, pois: "Nos lábios do prudente, se acha sabedoria" (10:13).

Quer sejam pais ensinando seus filhos (Dt 6:1-13), mulheres mais velhas ensinando as mais jovens (Tt 2:3-5) ou os líderes espirituais da igreja ensinando a próxima geração de cristãos (2 Tm 2:2), a instrução correta é essencial para a continuidade da obra de Deus. Toda igreja local está a apenas uma geração da extinção; se não ensinarmos a verdade de Deus à geração seguinte, é possível que não tenham mais uma igreja.

Apesar de todos os livros e periódicos publicados e de todos os programas cristãos de rádio e televisão, vivemos em tempos de grande escassez do alimento da Palavra de Deus (Am 8:11). As pessoas freqüentam cultos e reuniões especiais de todo tipo, compram Bíblias e livros, ouvem e assistem a emissoras de rádio e de televisão cristãs. No entanto, parece haver poucas evidências de que todo esse "aprendizado" está realizando mudanças significativas nas famílias, igrejas e na sociedade como um todo. Várias pessoas que se dizem cristãs são "espiritualmente analfabetas" quando se trata dos fundamentos da vida cristã. Precisamos encarecidamente de homens que obedeçam a 2 Timóteo 2:2 e de mulheres que obedeçam a Tito 2:3-5, do contrário, teremos uma igreja ignorante.

Nossas palavras podem salvar os que estão perecendo. "A testemunha verdadeira livra almas, mas o que se desboca em mentiras é enganador" (Pv 14:25). Apesar de poder

ser aplicado a nosso testemunho pessoal de Cristo aos perdidos (At 1:8), esse versículo, na verdade, se encontra no contexto de um tribunal. Em Israel, um réu poderia ser condenado com base no testemunho de duas ou três pessoas; se o caso envolvesse crime capital, essas testemunhas deveriam ser as primeiras a atirar as pedras na execução (Dt 17:6, 7). A lei proibia o falso testemunho (Êx 20:16; 23:2; Dt 5:20), e o culpado de perjúrio recebia o mesmo castigo que o acusado teria recebido (Dt 19:16-18).

Se meu testemunho pudesse salvar uma pessoa inocente da morte e eu me recusasse a falar, meu silêncio seria um pecado extremamente sério. “Livra os que estão sendo levados para a morte e salva os que cambaleiam indo para serem mortos. Se disseses: Não o soubemos, não o perceberá aquele que pesa os corações? Não o saberá aquele que atenta para a tua alma? E não pagará ele ao homem segundo as suas obras?” (Pv 24:11, 12). Seja para salvar prisioneiros da execução ou pecadores do julgamento eterno, não podemos alegar que foi por ignorância que permanecemos indiferentes.

Nossas palavras podem encorajar os aflitos. “A ansiedade no coração do homem o abate, mas a boa palavra o alegra” (12:25). “O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!” (15:23). Quando estamos caminhando no Espírito diariamente e sendo ensinados pelo Senhor, sabemos como “dizer boa palavra ao cansado” (Is 50:4). “Palavras agradáveis são como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo” (Pv 16:24).

De acordo com um dos regulamentos da Marinha Real Britânica, “nenhum oficial pode se dirigir a outro de modo desanimador quando esse regulamento em casa e na igreja! Todos precisamos ser como Barnabé, “filho de exortação [encorajamento]” (At 4:36, 37). Quase no final de seu ministério, um pregador inglês da era vitoriana disse: “Se eu pudesse exercer meu ministério outra vez, pregaria mais para os corações quebrantados”. Jesus veio para curar os quebrantados (ver Lc 4:18), e devemos dar continuidade a

seu ministério com palavras de encorajamento e de esperança.

3. AS PALAVRAS PODEM SER USADAS PARA FAZER O MAL

Desde o discurso de Satanás a Eva em Gênesis 3 até a promoção do falso profeta em Apocalipse, a Bíblia nos adverte de que as palavras podem ser usadas para enganar, controlar e destruir. Calcula-se que um norte-americano comum é exposto a mais de mil e quinhentos “estímulos publicitários” ao longo de um único dia. Alguns desses estímulos são subliminares, mas todos são igualmente poderosos. Quer se trate da linguagem ambígua⁷ dos políticos, de anúncios sedutores, quer da promoção de religiões, os “magos da mídia” de hoje sabem como manipular as pessoas com palavras.

Mas não se pode jogar a culpa somente sobre os profissionais da mídia, pois nós também somos capazes de distorcer as palavras de várias maneiras e de usá-las para prejudicar a outros.

Mentiras. “O lábio veraz permanece para sempre, mas a língua mentirosa, apenas um momento” (Pv 12:19). “Os lábios mentirosos são abomináveis ao SENHOR, mas os que agem fielmente são o seu prazer” (12:22; e ver 6:16, 17). Salomão adverte sobre dar falso testemunho e transgredir o penúltimo mandamento (Êx 20:16). (Ver Pv 14:5, 25; 19:5, 9, 28; 21:28; 24:28.) Quando não se pode mais confiar nas palavras, a sociedade começa a se desintegrar. Os contratos são inúteis, as promessas são vazias, o sistema judiciário se torna uma farsa e todos os relacionamentos pessoais são suspeitos. “Maça, espada e flecha aguda é o homem que levanta falso testemunho contra o seu próximo” (25:18).

Uma das características dos mentirosos é que gostam de ouvir mentiras. “O malfazejo atenta para o lábio iníquo; o mentiroso inclina os ouvidos para a língua maligna” (17:4). De acordo com uma regra básica da vida, os ouvidos escutam aquilo que o coração ama, de modo que é preciso ter cuidado com pessoas muito ansiosas para ouvir fofocas e mentiras.

“Como beijo nos lábios, é a resposta com palavras retas” (24:26; ver 27:6). Um beijo é um sinal de afeição e de confiança, e Deus deseja que seu povo diga “a verdade em amor” (Ef 4:15). Alguém disse bem que amor sem verdade é hipocrisia e verdade sem amor é brutalidade, e não queremos cometer nenhum desses pecados. O mundo afirma que “a honestidade é a melhor política”. Como disse o prelado inglês Richard Whateley: “Aquele que age com base nesse princípio não é honesto”. Devemos usar de honestidade porque somos honestos em nosso coração, andando no temor de nosso Senhor, não porque somos negociadores astutos que adotaram uma política que dá certo.

Fofocas. “Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo” (Lv 19:16). O termo “mexeriqueiro” é uma tradução da palavra hebraica que significa “andar por toda parte”, provavelmente derivada de uma palavra que quer dizer “comerciante” ou “mascate”. O mexeriqueiro anda por toda parte mascateando fofocas! “O mexeriqueiro descobre o segredo, mas o fiel de espírito o encobre” (Pv 11:13). Os fofoqueiros lisonjeiam as pessoas contando-lhes segredos, mas é perigoso ser seu “freguês”. “O mexeriqueiro revela o segredo; portanto, não te metas com quem muito abre os lábios” (20:19).

O fofoqueiro “come” e saboreia seus segredos como quem desfruta uma refeição. “As palavras do maldizente são doces bocados que descem para o mais interior do ventre” (18:8; ver 26:22). As pessoas que se alimentam de fofocas sempre querem mais, e o único remédio para elas é desenvolver um apetite pela verdade de Deus (2:10). Devemos ter cuidado com os fofoqueiros, pois são pessoas que podem fazer estragos. “O homem depravado cava o mal, e nos seus lábios há como que fogo ardente. O homem perverso espalha contendas, e o difamador separa os maiores amigos” (16:27, 28; ver 17:9). “Sem lenha, o fogo se apaga; e, não havendo maldizente, cessa a contenda” (26:20).

Lisonjas. O termo “lisonja” tem o sentido figurativo de “afago, carícia”. Os lisonjeadores elogiam copiosamente, apelando

para o ego dos outros, mas não há nada de sincero em seus louvores. Quando dão tapinhas nas costas dos outros, na verdade estão procurando o melhor lugar para lhes enfiar a faca! “O homem que lisonjeia a seu próximo arma-lhe uma rede aos passos” (29:5).

“A língua falsa aborrece a quem feriu, e a boca lisonjeira é causa de ruína” (26:28). Satanás lisonjeou Eva quando disse: “como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5). Em Provérbios, a prostituta seduz suas vítimas usando de lisonjas (Pv 5:3; 7:5, 21). Algumas pessoas lisonjeiam os ricos, na esperança de conseguir alguma coisa deles (14:20; 19:4, 6).

No fundo, a maioria de nós gosta de ser lisonjeada, não de ser repreendida; no entanto, a repreensão nos é mais benéfica que a lisonja (27:6; 28:23). Sem dúvida, existe espaço para a apreciação e o elogio sincero, para a glória de Deus (1 Ts 5:12, 13), mas devemos ter cuidado com as pessoas que nos louvam com falsidade, por motivos egoístas, especialmente se começam com adulações logo pela manhã (Pv 26:24, 25). Se não fosse por nosso orgulho, não seríamos afetados pela lisonja. Mas sentimos um prazer secreto de ouvir outros concordarem com aquilo que pensamos a nosso respeito!

Palavras iradas. “O iracundo levanta contendas, e o furioso multiplica as transgressões” (29:22). Em vez de tentarem encontrar maneiras de apagar o fogo, as pessoas iradas continuam pondo lenha na fogueira (26:21). Muita gente tem o coração cheio de raiva, mas por fora finge estar em paz com os amigos e encobre sua raiva com palavras hipócritas. “Como vaso de barro coberto de escórias de prata, assim são os lábios amorosos e o coração maligno” (26:23). Se, por dentro, estamos com raiva de alguém, todas as nossas declarações copiosas de amizade não passam de um verniz fino sobre barro comum. “Fale quando estiver com raiva”, escreveu Ambrose Bierce, “e você fará o melhor discurso do qual se arrependerá”.

Em vez de encobrir nossa ira com escória sem valor, devemos cobrir os pecados dos

outros com amor sincero. “O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões” (10:12; 1 Pe 4:8). O amor não é *conivente* com o pecado nem incentiva o pecador a esconder suas transgressões do Senhor (Pv 28:13; 1 Jo 1:9), porém o amor não fala desse pecado a outros (ver Gn 9:18-29). Se estou com raiva de alguém e essa pessoa peca, é tentador espalhar a notícia como uma forma de vingança.

Palavras impetuosas. “Tens visto um homem precipitado nas suas palavras? Maior esperança há para o insensato do que para ele” (Pv 29:20). “Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha” (18:13; observar o v. 17). “O coração do justo medita o que há de responder, mas a boca dos perversos transborda maldades” (15:28; ver 10:19). “Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espada, mas a língua dos sábios é medicina” (12:18). As palavras precipitadas não apenas fazem mal a outros como também podem prejudicar aqueles que as proferem. “O que guarda a boca e a língua guarda a sua alma das angústias” (21:23; ver 13:3). Isso se aplica especialmente às promessas precipitadas que fazemos ao Senhor ou a outros (20:25; 22:26, 27; ver Ec 5:1-5).

Excesso de palavras. “No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente” (Pv 10:19). “A língua dos sábios adorna o conhecimento, mas a boca dos insensatos derrama a estultícia” (15:2). As pessoas que disciplinam a língua são capazes de controlar todo o corpo (Tg 3:1, 2). Há um “tempo de estar calado e tempo de falar” (Ec 3:7), e os sábios percebem quando devem ficar quietos (Pv 11:12, 13; 17:28).

Falar em vez de trabalhar. “Em todo trabalho há proveito; meras palavras, porém, levam à penúria” (14:23). A humanidade parece dividida em três categorias: os *sonhadores*, que têm grandes idéias, mas nunca realizam muita coisa; os *faladores*, que só exercitam os maxilares e as cordas vocais, mas se esquecem das mãos e dos pés; e os *realizadores*, que falam pouco, mas, com a ajuda de Deus, transformam sonhos em realidade.

4. SOMENTE DEUS PODE NOS AJUDAR A USAR AS PALAVRAS PARA FAZER O BEM

Ao orar: “Põe guarda, SENHOR, à minha boca; vigia a porta dos meus lábios” (Sl 141:3), Davi fez algo sábio e deu um bom exemplo. Todos os filhos de Deus precisam entregar seu corpo ao Senhor (Rm 12:1), e isso inclui os lábios e a língua. Também devemos consagrar o coração ao Senhor, pois o que sai da boca vem do coração.

Para mim, Provérbios 16:1 é sempre de grande ajuda, especialmente quando as pessoas me pedem conselhos: “O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR”. Quando juntamos esse versículo com 19:21, temos uma palavra de encorajamento: “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá”. Em várias ocasiões, tive de decidir sobre questões complexas, e o Senhor me deu as palavras certas para me expressar. Porém, se meu coração não estivesse em contato com a Palavra nem sujeito a sua vontade, talvez o Espírito não pudesse ter me dirigido. Se planejarmos tudo da melhor maneira possível e depois entregarmos nossos planos ao Senhor, ele nos guiará e nos dirá o que fazer.

Deus também nos dá um “radar espiritual”, a fim de podermos avaliar uma situação e de responder corretamente. “Os lábios do justo sabem o que agrada” (10:32). “O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!” (15:23; ver Is 50:4-6). “O coração do justo medita o que há de responder, mas a boca dos perversos transborda maldades” (Pv 15:28). Há beleza e valor na “palavra dita a seu tempo” (25:11, 12).

Quem fala com sabedoria, dizendo as coisas certas, no momento certo e da maneira certa guarda a verdade de Deus no coração. “A sabedoria está nos lábios dos que têm discernimento” (10:13, NVI), e esse discernimento vem da Palavra de Deus. “Os sábios entesouraram o conhecimento” (10:14); a Palavra de Deus “habita ricamente” neles (Cl 3:16). “O coração do sábio é mestre de sua boca e aumenta a persuasão nos seus lábios” (Pv 16:23). Se dedicarmos nosso co-

ração ao estudo sério da Palavra, Deus nos ensinará cada vez mais dessa verdade, até mesmo enquanto estamos compartilhando a verdade com outros. Experimentei a bondade de Deus de modo maravilhoso em algumas ocasiões, enquanto ministrava a Palavra.

Uma de minhas professoras do colégio costumava dizer com razão: “latas vazias são as mais barulhentas”. Muitas vezes, em reuniões de negócios e em reuniões de conselho da igreja, aqueles que mais falam são os que têm menos a dizer. As pessoas que não preparam o coração para essas reuniões estão se dispondo a ser instrumentos do diabo para obstruir a obra de Deus. Quando estamos repletos da Palavra e sob a direção do Espírito, em vez de ser parte do problema, podemos ser parte da solução.

Diz uma fábula que um rei pediu a seu cozinheiro que lhe preparasse o melhor prato do mundo, e o cozinheiro lhe serviu um prato feito com língua. Então, o rei pediu o pior prato do mundo, e o cozinheiro lhe serviu a mesma coisa.

— Como é possível me servir a mesma comida como sendo a melhor e a pior? —, perguntou o rei perplexo.

Ao que o cozinheiro respondeu:

— Porque a língua é a melhor de todas as coisas quando usada com amor, mas é a pior de todas as coisas quando usada sem cuidado nem bondade.

“A morte e a vida estão no poder da língua” (18:21).

“A boca do justo é manancial de vida” (10:11).

Escolha a vida!

1. DOWNS, Robert B. *Books That Changed the World*. Nova York: New American Library, 1956, p.129.
2. PINKER, Steven. *The Language Instinct*. Nova York: William Morrow, 1994, pp. 15, 18. O Dr. Pinker é professor e diretor do Centro de Neurociência Cognitiva do Instituto de Tecnologia do Massachusetts (MIT). Em ADLER, Mortimer J., *The Difference of Man and the Difference It Makes*, Nova York: World Publishing Co., 1968, p. 112, o filósofo chama a fala humana de “fato essencial”. De acordo com Adler, “o homem é o único animal que fala, dá nomes, declara ou questiona, afirma ou nega, argumenta, concorda ou discorda”. É isso o que nos torna diferentes dos “outros animais”.
3. De acordo com Gênesis 3:1-7, Satanás tentou Eva a comer do fruto da árvore proibida para que, como Deus, ela se tornasse conhecedora do bem e do mal. Porém, não é necessário desobedecer a Deus para desenvolver discernimento, pois sua sabedoria nos instrui quanto ao bem e o mal e é a nossa “árvore de vida” (ver Pv 3:18).
4. O termo grego traduzido por “sã” (*hugiaino*) dá origem ao termo “higiene” e significa “ser salutar”.
5. O termo hebraico traduzido por “luta” possui uma conotação legal (Êx 23:2, 3). Salomão dá um conselho sábio: é melhor manter a compostura e falar com calma do que discutir com seu oponente e acabar envolvido num processo legal custoso, no qual, na verdade, ninguém sai ganhando.
6. O termo grego traduzido por “tratável” refere-se a uma atitude conciliatória e não a uma barganha transigente, que busca a “paz a qualquer custo”. As pessoas conciliatórias mostram-se dispostas a ouvir todos os lados de uma questão e procuram sinceramente áreas de acordo. Estão abertas para “ceder à persuasão”. Algumas pessoas confundem preconceito e obstinação com lealdade e convicção.
7. Em seu romance *1984*, George Orwell nos adverte sobre os jargões dos noticiários. Em LUTZ, William, *Double-Speak*, Nova York: Harper & Row, 1989, o autor explica a versão atual daquilo que Orwell prenunciou meio século atrás – a realidade assustadora!

ABRAM ALAS PARA OS JUSTOS!

Aqueles que obedecem à sabedoria ensinada na Palavra de Deus tornam-se mais aptos a lidar com os desafios da vida. No entanto, não devemos pensar que tal sabedoria é um conjunto de regras ou uma coletânea de “fórmulas de sucesso” que qualquer um pode aplicar aqui e ali, como bem entende. Seguir a sabedoria de Deus é um empreendimento de tempo integral. *Antes de ser o tipo de pessoa que Deus pode guiar e usar, é precioso que sua Palavra trabalhe em nosso coração e transforme nosso caráter.* Hoje em dia, não é necessário ter caráter piedoso para ganhar dinheiro. Muitas celebridades de Hollywood, homens de negócio desonestos e políticos dissimulados servem de exemplo para esse fato. Porém, se estamos preocupados em viver de verdade, devemos antes fazer um “curso de especialização” para construir um caráter piedoso.

Isso explica por que as palavras “justo” e “justiça” são usadas com tanta frequência no Livro de Provérbios. A sabedoria conduz “pelo caminho da justiça” (8:20), e “na verdade da justiça, está a vida” (12:28). “A esperança dos justos é alegria, mas a expectativa dos perversos perecerá” (10:28). Os perversos têm esperanças, mas elas são falsas, de modo que convém examinar o próprio coração e nos certificar de que estamos entre os justos que têm esperança, e que somos o tipo de pessoa à qual Deus pode confiar suas bênçãos.

1. O DEUS DA JUSTIÇA

As palavras hebraicas traduzidas em Provérbios por “justo”, “justiça”, “reto” e “retidão” descrevem uma conduta ética de acordo

com os padrões de Deus e um caráter moral resultante de um relacionamento correto com o Senhor e com sua Palavra. A verdadeira justiça não consiste apenas em andar na linha e obedecer às regras. Como Jesus ensina no Sermão da Montanha, é possível obedecer à lei externamente e, ao mesmo tempo, nutrir o pecado em nosso ser interior. Não matar e não cometer adultério não é suficiente; também não devemos alimentar o ódio e a lascívia em nosso coração (Mt 5:21-48).

Nosso Deus é justo. Seu caráter é santo e sem pecado algum (1 Jo 1:5), e tudo o que ele diz e faz é correto e justo. “Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto” (Dt 32:4). “Porque o SENHOR é justo, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face” (Sl 11:7).

A Palavra de Deus é justa. “Os meus lábios proferirão coisas retas. [...] São justas todas as palavras da minha boca; não há nelas nenhuma coisa torta, nem perversa. Todas são retas para quem as entende e justas, para os que acham o conhecimento” (Pv 8:6, 8, 9; ver Sl 119:138). A Palavra de Deus revela o Deus da Palavra; sua Palavra, assim como seu caráter, é confiável.

Outras nações tinham seus deuses, templos, sacerdotes e sacrifícios, mas somente o povo de Israel adorava o Deus vivo que lhes falava e que lhes deu sua Palavra. “Algum povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo [...]. Dos céus te fez ouvir a sua voz, para te ensinar, e sobre a terra te mostrou o seu grande fogo, e do meio do fogo ouviste as suas palavras” (Dt 4:33, 36).

Porém, o privilégio de ouvir a voz de Deus traz consigo a responsabilidade de obedecer ao que ele ordena. “Guarda, pois, os seus estatutos e os seus mandamentos que te ordeno hoje, para que te vá bem a ti e a teus filhos depois de ti e para que prolongues os dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá para todo o sempre” (Dt 4:40). “Tende cuidado, não recuseis ao que fala” (Hb 12:25).

As obras de Deus são justas. “Eu sou o SENHOR e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o SENHOR” (Jr 9:24). “Justo é o SENHOR, nosso Deus, em todas as suas obras que faz” (Dn 9:14). Podemos questionar os planos de Deus e até acusá-lo de ser injusto, mas ninguém é capaz de provar que Deus fez alguma coisa errada. “O SENHOR é justo, no meio dela; ele não comete iniquidade; manhã após manhã, traz ele o seu juízo à luz; não falha” (Sf 3:5).

Deus deseja que seu povo seja justo. É impensável que um Deus justo ofenda a própria natureza e desobedeça à própria Palavra pedindo que seu povo fosse qualquer coisa a quem de justo. Antes de entregar sua lei a Israel, Deus disse: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel” (Êx 19:5, 6). Jesus repetiu esse desejo divino quando disse: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5:48).

O problema, obviamente, é que pessoas são pessoas, o que significa que são pecadoras. “Todo caminho do homem é reto aos seus próprios olhos, mas o SENHOR sonda os corações” (Pv 21:2). “Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque” (Ec 7:20). “Não há justo, nem um sequer” (Rm 3:10; ver Sl 14:1-3). De que maneira os pecadores podem ser justos diante de um Deus justo?

Quando lemos Provérbios, descobrimos que Deus menciona várias transgressões que o povo cometia no antigo Israel e continua cometendo nos dias de hoje; pecados como ira, dolo, roubo, homicídio, difamação, fofoca, embriaguez, adultério, suborno, inveja, rebelião contra os pais e inúmeras outras coisas que todos nós reconhecemos. Provérbios deixa bem claro que as pessoas são pecadoras.

Deus provê justiça para aqueles que a aceitam. De que maneira um pecador pode

se tornar justo o suficiente para agradar a um Deus santo? A fim de ser justo, Deus deve condenar o perverso e aceitar o reto, mas não há pessoas retas para ele aceitar! Por certo, não nos tornamos justos sendo religiosos. “Exercitar justiça e juízo é mais aceitável ao SENHOR do que sacrifício” (Pv 21:3). Saul, o rei desobediente, aprendeu essa lição com Samuel. (1 Sm 15:22), e esse princípio importante foi repetido por vários outros profetas (Is 1:11-17; Jr 7:22, 23; Mq 6:68). Isaías afirmou que nossa retidão não passa de “trapo da imundícia” aos olhos de Deus (Is 64:6) – imagine então o que nossos pecados parecem para ele!

“O que justifica o perverso e o que condena o justo abomináveis são para o SENHOR, tanto um como o outro” (Pv 17:15). *Mas foi exatamente isso o que o Senhor Deus fez!* Seu Filho, Jesus Cristo, morreu pelos pecados do mundo, “o justo pelos injustos” (1 Pe 3:18); o julgamento que deveria ser nosso foi executado contra ele (2:24). Deus justifica (declara justo) os ímpios, não quando fazem boas obras, mas quando crêem em Cristo. “Mas, ao que não trabalha [para ser justificado], porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Rm 4:5).¹

“O perverso serve de resgate para o justo”, escreveu Salomão; “e, para os retos, o pérfido” (Pv 21:18), mas não foi o que aconteceu no Calvário. Lá, o Justo se tornou resgate para os perversos, quando Jesus foi contado entre os transgressores e morreu por nossos pecados (Is 53:4-6, 12). A única maneira de ser justo diante de Deus é crer em Jesus Cristo e receber sua justiça como dom gratuito de Deus (Rm 5:17; 2 Co 5:21).² Então, comecemos a andar nos “caminhos da justiça” e desfrutar as bênçãos do Senhor.

Nem todos os que se dizem justos são, de fato, filhos de Deus. O povo de Deus entende a justiça (Pv 2:9), pois medita na Palavra de Deus e procura obedecer a ela. *Faz aquilo que é justo* (1:3; 25:26), pois a verdadeira fé sempre redundará em obras (Tg 2:14-26). *Profere a justiça* (Pv 10:11; 12:6, 17; 13:5; 15:28; 16:13) e suas palavras são confiáveis, e busca a justiça, fazendo dela a

paixão de seu coração. “O caminho do perverso é abominação ao SENHOR, mas este ama o que segue a justiça” (15:9). “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5:6).

Quando as pessoas estão em ordem com Deus, ele as conduz “pelas veredas da retidão” (Pv 4:11) e lhes ensina “coisas retas” (8:6). Sua mente e coração são preenchidos com pensamentos retos (12:5), e seus lábios proferem palavras retas (23:16). Seu proceder é reto (21:8), pois Deus opera neles e por intermédio deles, a fim de realizar sua vontade (Fp 2:12, 13).

2. O CAMINHO DA JUSTIÇA

Em nosso estudo de Provérbios 2 a 4, aprendemos que a jornada pelas veredas da sabedoria é comparada a um peregrino percorrendo um caminho. Ao seguirmos a sabedoria de Deus, ele protege, dirige e aperfeiçoa nosso caminho. O desejo de Deus para nós é que “[andemos] pelo caminho dos homens de bem e [guardemos] as veredas dos justos” (2:20). Somos advertidos a não dar ouvidos aos homens ímpios, “que deixam as veredas da retidão, para andarem pelos caminhos das trevas” (v. 13); e também não devemos dar atenção às palavras sedutoras da mulher perversa, “porque a sua casa se inclina para a morte, e as suas veredas, para o reino das sombras da morte” (v. 18).

Li sobre um cruzamento de duas estradas de terra, nas pradarias do Canadá, em que alguém colocou uma placa dizendo: “Escolha o caminho com cuidado, pois vai passar um longo tempo nele!” Cada um de nós deve escolher viajar em um dos dois caminhos, e o caminho que escolhemos determina o destino que alcançaremos (Mt 7:13, 14). Determina também a qualidade de vida que teremos ao longo da jornada. Salomão fala de algumas das bênçãos concedidas àqueles que trilham o caminho da vida e da sabedoria.

Em primeiro lugar, o povo de Deus recebe sua *direção*. “A justiça do íntegro endireita o seu caminho, mas pela sua impiedade cai o perverso” (Pv 11:5). O Senhor dirige os caminhos daqueles que crêem e obedecem (3:5, 6), pois Deus deseja que seus filhos

conheçam sua vontade (At 22:14) e tenham prazer em realizá-la (Ef 6:6). O Senhor revela sua vontade somente àqueles que estão dispostos a obedecer a ela (Jo 7:17).

No caminho da retidão, o povo de Deus também recebe *livramento*. “A justiça dos retos os livrará, mas na sua maldade os perversos serão apanhados” (Pv 11:6). Os justos certamente têm sua parcela de tribulações e de provações, mas o Senhor promete ajudá-los e fazer com que essas experiências cooperem para seu bem (Rm 8:28). “Clamam os justos, e o SENHOR os escuta e os livra de todas as suas tribulações” (Sl 34:17). A obediência ao Senhor nos guarda das dificuldades que os pecadores sofrem, mas quando o Senhor permite o sofrimento em nossa vida, promete nos acompanhar até o fim. “Pela transgressão dos lábios o mau se enlaça, mas o justo sairá da angústia” (Pv 12:13).

Temos a *provisão* de Deus para tudo de que precisamos quando estamos andando em sua sabedoria. “Ando pelo caminho da justiça, no meio das veredas do juízo, para dotar de bens os que me amam e lhes encher os tesouros” (8:20, 21). Não se trata de um incentivo para embarcar no “trem da saúde, riqueza e sucesso”. Provérbios foi, originalmente, escrito para os israelitas que faziam parte da antiga aliança, na qual as bênçãos materiais eram parte da promessa de Deus a Israel (Dt 28:1-14). Os cristãos podem estar certos de que Deus proverá todas as suas necessidades enquanto obedecem à sua vontade (Fp 4:19; Mt 6:24-34). Por vezes, temos a impressão de que os justos estão sofrendo e os ímpios estão prosperando, mas a fé enxerga o que está além do dia de hoje e reflete sobre o fim que os ímpios terão (Sl 73). “Melhor é o pouco, havendo justiça, do que grandes rendimentos com injustiça” (Pv 16:8). Nossa verdadeira prosperidade não está aqui na terra, mas sim na glória, onde veremos o Senhor. “A desventura persegue os pecadores, mas os justos serão galardoados com o bem” (13:21).

3. A INFLUÊNCIA DA JUSTIÇA

A vida de retidão não deve se tornar uma experiência solitária e egoísta. *Quando Deus*

abençoa os justos, ele o faz para que compartilhem as bênçãos com outros. “[eu] te abençoarei”, Deus prometeu a Abraão, e acrescentou: “Sê tu uma bênção!” (Gn 12:2). O homem “bem-aventurado” do Salmo 1 “é como uma árvore” que produz frutos para outros usufruírem (Sl 1:3). “Os justos reverdecem como a folhagem [...]. O fruto do justo é árvore de vida” (Pv 11:28, 30).

Vamos definir agora os círculos de influência que irradiam da vida dos homens e mulheres de Deus que andam nos caminhos do Senhor.

São abençoados em seu caráter. O conhecido pregador norte-americano Phillips Brooks afirmou que o propósito da vida é construir o caráter pela verdade. O caráter cristão é algo que levamos conosco para o céu. *Teremos um corpo glorificado como o de Cristo* (Fp 3:20, 21; 1 Jo 3:1-3) e nos alegraremos com sua presença, mas nem todos nós teremos, de imediato, a mesma capacidade de apreciar as coisas espirituais. Todos os vasos serão enchidos, mas nem todos serão do mesmo tamanho. Aqueles que caminharam perto de seu Senhor ficarão encantados em vê-lo (2 Tm 4:8), mas outros ficarão “envergonhados na sua vinda” (1 Jo 2:28).

O justo anseia pelo que o Senhor tem de melhor preparado para ele, e Deus satisfaz esse desejo (Pv 10:24; 11:23). Quando nos agradamos do Senhor, também desejamos aquilo que lhe agrada (Sl 37:4). O desenvolvimento de uma percepção espiritual, de desejos piedosos e da capacidade de escolher o que é melhor (Fp 1:9-11) é um dos resultados abençoados de uma vida de santidade com Deus. Quanto mais semelhantes a Cristo nos tornamos, menos desfrutamos as formas de “entretenimento” deste mundo e mais ansiamos pelo mundo por vir.

Por certo, o caráter piedoso vem da prática de se alimentar da Palavra e de gastar tempo desenvolvendo a santidade. “Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio ainda; ensina ao justo, e ele crescerá em prudência” (Pv 9:9). Até mesmo a repreensão ajuda o justo a amadurecer. “Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará” (v. 8).

Os justos são bondosos e generosos (21:26) e demonstram sua bondade não apenas no trato com as pessoas (29:7), mas também no modo como tratam os animais. “O justo atenta para a vida dos seus animais, mas o coração dos perversos é cruel” (12:10).

São abençoados em seu lar. “A maldição do SENHOR habita na casa do perverso, porém a morada dos justos ele abençoa” (3:33). “A casa dos perversos será destruída, mas a tenda dos retos florescerá” (14:11). Os perversos podem morar em casas, enquanto os justos têm apenas tendas; mas, com a bênção do Senhor, a tenda de um justo se tornará um palácio! “Os perversos serão derribados e já não são, mas a casa dos justos permanecerá” (12:7).

Para o povo de Israel, a “casa” não é apenas a construção onde a família vive, mas também a família propriamente dita (2 Sm 7:16, 25, 27), o que significa que os filhos dos justos estão incluídos na bênção. “O justo anda na sua integridade; felizes lhe são os filhos depois dele” (20:7). “Com a sabedoria edifica-se a casa, e com a inteligência ela se firma; pelo conhecimento se encherão as câmaras de toda sorte de bens, preciosos e deleitáveis” (24:3, 4; ver 14:1).

Uma das maiores recompensas da vida é ser uma bênção para nossos filhos e netos. “Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão” (Sl 37:25). Essa bênção inclui coisas materiais (Pv 13:22), mas se aplica particularmente aos tesouros espirituais.

Quando nasci, um médico disse a meus pais que eu não viveria além dos 2 anos de idade e, no entanto, o Senhor capacitou-os para que cuidassem de mim, mesmo eu não sendo uma criança forte. Minha sobrevivência deve-se, em parte, a um bisavô que havia orado para que houvesse um pregador do evangelho em cada geração de nossa família – pedido que, até hoje, Deus tem atendido! “A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão” (10:7).

“Qual ave que vagueia longe do seu ninho, tal é o homem que anda vagueando longe do seu lar” (27:8). Em nossa sociedade

norte-americana contemporânea, cerca de 17% da população muda de casa a cada ano, mas no antigo Israel, as pessoas não se mudavam para longe de seu primeiro lar. Era comum ter vários parentes por perto, e os filhos e netos aprendiam a respeitar seus antepassados e adquiriam, com todo o respeito, o conhecimento que os mais velhos lhes transmitiam. A pessoa que se afastava de seu lar normalmente não tinha boas intenções ou havia sido obrigada a ir embora por causa de problemas familiares.

No entanto, o versículo não se aplica apenas ao aspecto geográfico, mas também ao espiritual: não devemos nos afastar do exemplo de nossos antepassados piedosos nem ignorar os tesouros espirituais que nos deixaram. Como é triste quando os filhos e netos ridicularizam e rejeitam a herança espiritual de sua família e escolhem andar nos caminhos do mundo!

São abençoados como cidadãos e líderes. “No bem-estar dos justos exulta a cidade, e, perecendo os perversos, há júbilo. Pela bênção que os retos suscitam, a cidade se exalta, mas pela boca dos perversos é derribada” (11:10, 11). “Quando se multiplicam os justos, o povo se alegra, quando, porém, domina o perverso, o povo suspira” (29:2).

Israel era uma monarquia e esperava que o rei fosse um homem temente ao Senhor (20:8, 26). “A prática da impiedade é abominável para os reis, porque com justiça se estabelece o trono” (16:12). “Tira o perverso da presença do rei, e o seu trono se firmará na justiça” (25:5). Deus expulsou as nações cananéias da terra porque abominava seus pecados (Dt 12:29-32) e disciplinou Israel quando o povo imitou as transgressões de seus vizinhos (Jz 2). Deus não toleraria o pecado da idolatria.

Porém, ao se afastarem da lei de Deus, os reis perversos conduziram a nação à perversidade. Sempre que o povo tinha um rei piedoso como Davi, Josias ou Ezequias, Deus os abençoava. Mas quando um rei perverso subia ao trono, o Senhor retirava sua bênção e deixava seu povo fazer o que bem entendia. Por fim, Israel, o reino do Norte, foi ocupado pela Assíria; o povo de Judá, o

reino do Sul, foi exilado na Babilônia, e Jerusalém e o templo foram destruídos.

Durante os períodos de decadência espiritual, foi um remanescente piedoso de pessoas justas que manteve acesa a pequena chama da vida espiritual de sua nação. Quando falsos profetas, sacerdotes gananciosos e reis impiedosos juntaram-se para conduzir a nação para longe do Deus verdadeiro, foi o remanescente fiel que serviu como sal e luz na terra. “Então, os que temiam ao SENHOR falavam uns aos outros; o SENHOR atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao SENHOR e para os que se lembram do seu nome” (Ml 3:16).

Israel é a única nação que possui um relacionamento especial de aliança com Deus, mas o princípio de Provérbios 14:34 ainda é válido: “A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos”. Deuteronômio 12, Amós 1 e 2 e Romanos 1:18-32 deixam claro que Deus julga as nações gentias por seus pecados, mesmo não tendo lhes dado a mesma lei que deu a Israel (Sl 147:19, 20). Os líderes nacionais não têm como escapar do julgamento de Deus quando conduzem o povo para longe dos santos preceitos de Deus. A legalização do pecado não resolve o problema. Não é de se admirar que Thomas Jefferson escreveu: “Decerto, estremeço por meu país quando reflito que Deus é justo”.

Os pais tementes a Deus podem educar filhos piedosos, e esses filhos podem ser uma influência positiva para sua comunidade e nação. Numa democracia em que os cargos de liderança não são herdados, mas sim preenchidos por representantes eleitos, o remanescente do Senhor deve exercer o máximo de influência possível em favor da justiça, e, sem dúvida, todo cristão deve orar por aqueles que ocupam cargos de autoridade (1 Tm 2:1-8). Ministrei a Palavra em centenas de igrejas e em conferências nos Estados Unidos, e confesso que foram poucas as vezes em que ouvi os governantes serem mencionados de púlpito durante as orações. Se a Igreja obedecesse à Palavra e orasse, os líderes nacionais teriam de levar Deus em consideração em suas deliberações. “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do

SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21:1).

Por vezes, ouço pessoas se queixando do estado em que a nação se encontra, mas a maioria não fala da principal causa disso: *a Igreja como um todo e os cristãos individualmente não estão fazendo seu trabalho de promover a justiça*. Se o remanescente justo estivesse propagando mais sal e luz, haveria menos corrupção e trevas (Mt 5:13-16). Os cristãos têm um trabalho a fazer: orar por

todas as autoridades, ganhar os perdidos, ter uma vida piedosa e educar filhos tementes a Deus.

Seria de grande ajuda se nos humilhássemos e buscássemos ao Senhor (2 Cr 7:14); pois, sem a obra profunda do Espírito de Deus em nosso coração, nenhuma nação pode ter qualquer esperança.

“Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR, e o povo que ele escolheu para sua herança” (Sl 33:12).

1. Paulo está se referindo à fé de Abraão em Gênesis 15:6. Há quem acredite que os pecadores do Antigo Testamento eram salvos por boas obras, enquanto os pecadores de hoje são salvos pela fé em Cristo, mas isso é uma idéia errada. *Todo aquele que é salvo recebe a salvação pela fé, porque ninguém é salvo pelas obras (Ef 2:8, 9)*. Hebreus 11 diz que as pessoas tementes a Deus, no Antigo Testamento, eram salvas pela fé, e Habacuque 2:4 declara: “O justo viverá pela sua fé”. Esse versículo é citado em Romanos 1:17, Gálatas 3:11 e Hebreus 10:38; essas três epístolas deixam claro que a salvação se dá única e exclusivamente pela fé em Jesus Cristo.
2. A justificação é um ato da graça de Deus, pelo qual ele *declara* o pecador que crê como sendo justo em Cristo Jesus e nos torna justificados diante dele. A santificação é o processo divino em que Deus *torna* seus filhos mais semelhantes a Cristo, à medida que caminham no Espírito e que se entregam à sua vontade. A pessoa justificada tem o desejo de rejeitar o pecado e de obedecer a Deus, pois a justificação envolve não apenas estar em ordem diante de Deus, mas também participar da vida que ele oferece (Rm 5:18). Uma posição correta diante do Senhor resulta em práticas corretas na vida diária.

DESFRUTANDO A ORIENTAÇÃO DE DEUS

Ao mencionar a expressão “a vontade de Deus”, observamos uma porção de reações diferentes, nem todas positivas. Há quem exclame: “Esse assunto *de novo!*”, lembrando-se de sua adolescência, quando parecia que todo estudo e sermão que ouviam batia sempre na mesma tecla: como conhecer e fazer a vontade de Deus, sendo que, na época, nada disso lhes parecia muito prático.

Outros abrem um sorriso, mostrando que sabem do que estamos falando e se lembram dos “vales” tão difíceis que tiveram de atravessar ao longo dos anos e de como, nesses momentos, o que os manteve firmes foi depender da vontade de Deus. A vontade de Deus nem sempre foi fácil, mas nunca deixou de ser boa e correta.

Talvez alguns permaneçam calados, enquanto, por dentro, lembram-se com tristeza de como desobedeceram deliberadamente à vontade de Deus e sofreram as consequências dessa decisão. Tiveram de aprender da maneira mais difícil como desfrutar a vontade de Deus.

Não importa que emoções essa questão desperta em cada um de nós; se desejamos ser aptos em nossa maneira de viver, precisamos entender a vontade de Deus e saber como ela se aplica a nossas experiências diárias. No Livro de Provérbios, Salomão fala dos elementos mais essenciais para conhecer, fazer e desfrutar a vontade de Deus.

1. Fé

“Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas” (Pv 3:5, 6).

Esses dois versículos têm servido de estímulo a cristãos de todo o mundo em sua busca pela orientação de Deus, e, aos que cumpriram suas condições com sinceridade, essa promessa nunca falhou. Mas o que estamos dizendo, de fato, quando afirmamos confiar no Senhor?

Que pertencemos a Deus. Nenhum incrédulo poderia, com toda honestidade, descansar nas palavras de Provérbios 3:5, 6. Ao mesmo tempo que o Deus soberano pode governar e prevalecer na vida de qualquer pessoa, seja ela salva ou não,¹ fica claro que a vida do não-salvo é motivada e impulsionada pelo mundo, pela carne e pelo diabo (Ef 2:1-3). Somente o cristão pode contar com a orientação do Espírito Santo, que habita dentro dele, ou compreender os ensinamentos das Escrituras, e somente um cristão *deseja*, de fato, compreender a vontade de Deus e lhe obedecer.

Que Deus tem um plano para nossa vida. “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (Pv 19:21). É inconcebível que nosso Pai celeste tenha dado seu Filho para morrer por nós e depois nos tenha entregue a nossa própria sorte! Não pertencemos a nós mesmos, pois fomos comprados por Deus (1 Co 6:19, 20), de modo que é razoável pensar que nosso Senhor tem um plano perfeito que devemos seguir para sua glória. Efésios 2:10 garante que as boas obras que Deus deseja que realizemos já foram determinadas; em Filipenses 2:12, 13, Deus nos assegura que ele opera em nós a fim de realizar tudo segundo sua boa vontade. Nossos talentos inatos (Sl 139:13-18) e os dons que recebemos na conversão (1 Co 12:1-11) são reunidos pelo Espírito Santo, de modo que possamos realizar aquilo para o que Deus nos chamou.

Que esse plano é o que há de melhor para nós. Como poderia um Deus santo desejar para seus filhos algo aquém de seu melhor e como poderia um Deus amoroso planejar algo que nos faria mal? Não temos motivo algum para temer a vontade de Deus, pois os planos do Senhor vêm de seu coração. “O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas

as gerações" (Sl 33:11). Se não considerarmos a vontade de Deus como uma expressão de seu amor, resistiremos a ela obstinadamente ou lhe obedeceremos com relutância em vez de desfrutá-la. A fé no amor e na sabedoria de Deus transformam nossa atitude e fazem da vontade de Deus nosso alimento, não um castigo (Jo 4:34).

Que o Pai revelará sua vontade a seu tempo. É "pela fé e pela longanimidade" que recebemos as promessas de Deus (Hb 6:12, 15), e tanto correr à frente do Senhor quanto se demorar atrás dele obstinadamente são escolhas perigosas. "Não é bom proceder sem refletir, e peca quem é precipitado" (Pv 19:2). "Não sejais como o cavalo ou a mula" (Sl 32:9). O cavalo precipita-se e a mula recusa-se a sair do lugar, e as duas atitudes são erradas. Nem mesmo o apóstolo Paulo sabia sempre exatamente em que direção Deus o estava guiando e precisava parar seu trabalho e esperar a orientação do Senhor (At 16:6-10). Nossos dias estão nas mãos de Deus (Sl 31:15), e nosso Pai está sempre dentro de seu cronograma (Jo 11:6-10).

2. COMPROMISSO

Conhecer e fazer a vontade de Deus não é algo em que podemos nos empenhar apenas parcialmente, como também não é um passatempo ao qual nos dedicamos quando surge uma dificuldade ou quando "estamos a fim". Deus quer que confiemos nele de *tudo* o coração e que o reconheçamos em *todos* os nossos caminhos. Conhecer e fazer a vontade de Deus não é uma "técnica espiritual" que usamos de vez em quando; antes, é um modo de vida comprometido que envolve tudo o que fazemos.

Os atletas bem-sucedidos fazem da busca pela vitória uma atividade de tempo integral, o que se manifesta em sua maneira de se alimentar, de dormir, de exercitar e de se relacionar com os treinadores e companheiros de equipe. Essa atitude é definida pelo termo "compromisso", e assumir um compromisso implica obediência. "O que despreza a palavra a ela se apenhora, mas o que teme o mandamento será galardoado" (Pv 13:13).

Em Provérbios, o pai sábio convida o filho, com insistência e amor, a ser obediente. "Filho meu, não te esqueças dos meus ensinamentos, e o teu coração guarde os meus mandamentos" (3:1). "Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe" (6:20). "Filho meu, guarda as minhas palavras e conserva dentro de ti os meus mandamentos" (7:1). *A vontade de Deus não é uma curiosidade a ser estudada, mas sim uma ordem a ser obedecida; Deus não tem obrigação de nos revelar sua vontade, a menos que estejamos dispostos a cumpri-la.* "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo" (Jo 7:17). Como disse F. W. Robertson: "A obediência é o órgão do conhecimento espiritual".

Esse compromisso é explicado em mais detalhes em Romanos 12:1, 2, outra passagem conhecida sobre a vontade de Deus. Antes de sermos capazes de experimentar a "boa, agradável e perfeita vontade de Deus", devemos entregar a ele nosso corpo, mente e vontade e assumir um compromisso absoluto e de todo nosso ser. Trata-se de uma consagração definitiva, que deve ser renovada diariamente ao nos encontrarmos com o Senhor em adoração e louvor.

Certa vez, um pastor amigo meu disse: "Nossa congregação tem uma porção de 'crentes de bufê'. Em vez de deixar que Deus planeje toda a refeição, vão passando e escolhendo o que desejam e perdem os melhores pratos que Deus preparou para eles!" Deus quer todo nosso coração e espera que obedecemos à sua vontade em todas as áreas de nossa vida. Se Jesus Cristo deu tudo de si por nós, como poderemos lhe oferecer qualquer coisa a quem de todo nosso ser?

O termo hebraico traduzido por "reconhecer", em Provérbios 3:6, transmite a idéia de comunhão íntima e é usado para descrever o relacionamento dentro do casamento (Gn 4:1; 19:8). Sempre que me vejo longe do Pai é porque permiti a entrada de algo que não faz parte da vontade de Deus em minha vida. Uma vez que a vontade de Deus vem do coração dele, deve me aproximar cada vez mais do Senhor.

3. INSTRUÇÃO

“O filho sábio ouve a instrução do pai, mas o escarnecedor não atende à repreensão” (Pv 13:1). “Retêm a instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida” (4:13). “Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio ainda; ensina ao justo, e ele crescerá em prudência” (9:9).

A fim de “confiar no Senhor”, devemos ter sua Palavra para nos instruir, pois “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). As Escrituras são “a palavra da fé” (Rm 10:8) que geram e alimentam a fé em nosso coração e são dignas de toda a nossa confiança. “Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam” (Pv 30:5; ver 22:17-21).

Agir intencionalmente de modo contrário à instrução das Escrituras é rebelar-se contra a vontade revelada de Deus. “O que despreza a palavra a ela se apenhora, mas o que teme o mandamento será galardoado” (13:13; ver 19:16). Ao ignorar a Palavra de Deus, privamo-nos da orientação de que precisamos para tomar decisões na vida. “Filho meu, se deixas de ouvir a instrução, desviar-te-ás das palavras do conhecimento” (19:27).

A maioria das situações, oportunidades e decisões com as quais uma pessoa comum se depara na vida é tratada na Palavra de Deus. Ao consultar um índice temático da Bíblia ou apenas do Livro de Provérbios, é possível ver como as Escrituras são completas em sua abordagem das questões práticas da vida. É evidente que não se pode esperar que a Bíblia diga especificamente o nome da pessoa com quem devemos nos casar, o emprego que devemos aceitar ou onde devemos passar as férias, mas se estivermos imbuídos da sabedoria de Deus e se buscarmos sua vontade de todo o coração, estaremos prontos para que nos conduza por meio de seu Espírito e pelas circunstâncias providenciais da vida.

“Os passos do homem são dirigidos pelo SENHOR; como, pois, poderá o homem entender o seu caminho?” (20:24). Deus prevaleceu sobre a inveja dos irmãos de José e usou seus atos perversos para fortalecer a fé de

José e salvar a família de Jacó (Gn 50:20). Naquela época, ninguém entendeu o que Deus estava fazendo, mas ele estava executando seu plano perfeito. Na escola da fé, por vezes só descobrimos a lição depois que passamos – ou fomos reprovados – nos exames!

Ao estudarmos Provérbios 1 a 4, vimos que é necessário *aplicar-se* à Palavra de Deus para receber sua instrução. De acordo com Provérbios 2:1-4, temos a responsabilidade de receber a Palavra, de guardá-la como uma preciosidade, de ouvi-la, de aplicar-lhe nosso coração, de clamar por ele e de buscá-la como um garimpeiro procura um tesouro, então “[entenderemos] o temor do SENHOR e [acharemos] o conhecimento de Deus” (2:5).

Devemos cultivar o hábito de ler e de meditar na Palavra de Deus diariamente. “Feliz o homem que me dá ouvidos”, diz a Sabedoria, “velando dia a dia às minhas portas, esperando às ombreiras da minha entrada” (8:34). Se desejamos promover o desenvolvimento de nossa fé e discernimento espiritual, não há substituto para a leitura disciplinada e sistemática de toda a Palavra de Deus. “Os sábios entesouram o conhecimento” (10:14), pois nunca sabemos quando precisaremos de alguma verdade da Bíblia para nos ajudar a resistir à tentação ou a tomar uma decisão.

Outro fator envolvido nesse crescimento é a *oração*, pois a Palavra de Deus e a oração andam juntas (Jo 15:7; At 6:4; Ef 6:17, 18). “O que desvia os ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável” (Pv 28:9; ver 15:8). O termo traduzido por “lei”, nesse versículo, é *torah*, que significa “instrução”. Por que Deus deveria dar ouvidos a minhas petições se eu não atentar para suas instruções?

4. CONSELHO

“Os planos mediante os conselhos têm bom êxito; faz a guerra com prudência” (20:18). Se gerais experientes aconselham-se com outros quando estão em guerra, por que não deveríamos buscar conselhos para as batalhas da vida? É perigoso basear-se apenas na própria sabedoria e experiência e ignorar a sabedoria e experiência de outros cristãos

que têm conseguido caminhar com o Senhor. "O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvidos aos conselhos" (12:15).

A primeira fonte de conselhos sábios são os *pais cristãos*. "Ouve a teu pai, que te gerou, e não desprezes a tua mãe, quando vier a envelhecer" (23:22; ver 6:20-23). "O filho sábio ouve a instrução do pai" (13:1). Nem todos têm o privilégio de ser educados num lar temente a Deus, mas, mesmo assim, o Senhor muitas vezes provê "pais substitutos" para compartilhar a sabedoria de Deus.

Amigos cristãos também podem ouvir, aconselhar e orar. "Como o óleo e o perfume alegram o coração, assim, o amigo encontra doçura no conselho cordial" (27:9). A *Bíblia Viva* parafraseia assim esse versículo: "O conselho que o amigo dá de coração é agradável como um perfume suave", mas, às vezes, os conselhos de um amigo não parecem um perfume, mas um ácido! Mesmo assim, não temos nada a perder, pois: "Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo" (27:17). Pode ser que voem algumas faíscas, mas Deus dará a orientação de que precisamos. "Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos" (27:6).

O modo de aceitar e de aplicar uma repreensão é uma prova do nível de comprometimento com a verdade e com a sabedoria e da sinceridade no desejo de conhecer a vontade de Deus. "Os ouvidos que atendem à repreensão salutar no meio dos sábios têm a sua morada. O que rejeita a disciplina menospreza a sua alma, porém o que atende à repreensão adquire entendimento" (15:31, 32). Os amigos que nos lisonjeiam e evitam dizer a verdade estão apenas nos fazendo mal. "O que repreende ao homem achará, depois, mais favor do que aquele que lisonjeia com a língua" (28:23; ver 29:5).

Nem todo amigo é um bom conselheiro, de modo que devemos escolher com sabedoria. "Como águas profundas, são os propósitos do coração do homem, mas o homem de inteligência sabe descobri-los" (20:5). Não conhecemos o próprio coração (Jr 17:9), e somente a Palavra de Deus pode revelar, com

honestidade, "os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4:12). É preciso um conselheiro com paciência amorosa e espírito discernente para nos ajudar a ver o que se encontra nos recônditos de nosso coração.

Apesar de ser verdade que, de modo geral, "na multidão de conselheiros há segurança" (Pv 11:14; 15:22; 24:6; ver Êx 23:2), devemos evitar correr de um amigo para outro em busca de conselhos. Isso pode indicar que estamos à procura de alguém que nos diga aquilo que desejamos ouvir! "O homem que tem muitos amigos sai perdendo; mas há amigo mais chegado do que um irmão" (Pv 18:24).² Não basta ter amigos; é preciso ter *um amigo* que diga "a verdade em amor" (Ef 4:15).

Em meu ministério como palestrante, muitas vezes as pessoas me abordam para falar de problemas pessoais e para pedir meu conselho. Tento evitar aconselhá-las por vários motivos: não conheço essas pessoas; não vou estar com elas tempo suficiente para dar continuidade a um programa de aconselhamento; uma conversa rápida depois de uma reunião não é uma forma de aconselhamento e, além disso, não desejo tomar o lugar do pastor dessas pessoas.

Costumo perguntar se já conversaram sobre o assunto com seu pastor e presto muita atenção na resposta. As palavras podem variar, mas, com frequência, dão a entender que falaram com o pastor, mas não adiantou nada (o que, possivelmente, significa que não ouviram o que queriam). Há quem responda que conversou não apenas com seu pastor, mas também com outros pastores e com uma porção de palestrantes convidados! Nesses casos, já sei que minhas palavras não vão surtir muito efeito.

Ao procurar o conselho de outros, devemos ser sinceros, pois um amigo amoroso e sábio muitas vezes pode ver os perigos e desvios que não conseguimos enxergar. O melhor a fazer é prestar contas a outro cristão e se sujeitar à autoridade espiritual dos líderes de nossa igreja. Ao longo de mais de quarenta anos de ministério, fui testemunha da queda dolorosa de mais de um cristão que se considerava um "Cavaleiro Solitário"

e que acreditava não precisar dos conselhos de ninguém. “O solitário busca o seu próprio interesse e insurge-se contra a verdadeira sabedoria” (Pv 18:1). Os cristãos são ovelhas de Deus, e precisamos nos manter juntos, em um só rebanho. Como membros do corpo espiritual de Cristo (1 Co 12), pertencemos uns aos outros e precisamos uns dos outros.

5. PLANOS

No processo de descobrir a vontade de Deus, de modo algum é somente o Senhor que exerce papel ativo, enquanto o cristão permanece passivo. O lema “relaxe e deixe Deus cuidar de tudo” pode ser “inteligente”, mas não tenho certeza se pode ser aplicado a todas as áreas da vida.³ Se ficamos apenas exercitando a fé, entregando o caminho ao Senhor, lendo a Bíblia e ouvindo conselhos de amigos, pode ser que não realizemos muita coisa para o Senhor. Não se pode manobrar um carro em ponto morto, e “a fé sem obras é morta” (Tg 2:26).

Provérbios 3:5 não adverte para não nos estribarmos em nosso próprio entendimento? Sem dúvida, mas “se estribar” significa “firmar-se”, e nossa fé deve estar firmada na Palavra de Deus, não na própria sabedoria. Esse termo também é usado para um rei que se apóia no braço de um oficial (2 Rs 5:18; 7:2, 17) ou para uma pessoa que se apóia num cajado (18:21).

Ao procurar conhecer a vontade de Deus, devemos juntar todos os fatos que pudermos, pois nossa decisão deve ser baseada em informações verdadeiras, não em boatos. “Todo prudente procede com conhecimento, mas o insensato espalha a sua loucura” (Pv 13:16). “Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha” (18:13). Isso se aplica a nossa reação a outros e também ao Senhor. “A sabedoria do prudente é entender o seu próprio caminho, mas a estultícia dos insensatos é enganadora” (14:8). Devemos gastar tempo analisando honestamente todos os fatos.

Deus espera que usemos a cabeça e que façamos planos, mas também espera que entreguemos esses planos a ele e que deixemos

que tome a decisão final. “O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR” (16:1). “Confia ao SENHOR as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos” (v. 3). Se nos entregamos ao Senhor, mas nossos planos não coincidem com os dele, ele nos ajuda a mudar de rumo. “Se, porventura, pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá” (Fp 3:15). “O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos” (Pv 16:9).

É quando nos rebelamos contra o Senhor e desejamos seguir o próprio rumo que nos metemos em apuros. “Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o SENHOR” (21:30). Por isso, devemos começar nossa busca pela vontade de Deus lendo a sua Palavra e lhe obedecendo, pois as Escrituras revelam o caráter e os propósitos de Deus. A vontade de Deus nunca é conflitante com os propósitos nem com o caráter de Deus, de modo que devemos esperar perante o Senhor, pois “os planos do diligente tendem à abundância, mas a pressa excessiva, à pobreza” (21:5). Se estivermos caminhando pela fé, não tomaremos decisões precipitadas nem fugiremos das escolhas, pois “aquele que crer não foge” (Is 28:16).

Assim, quando precisamos tomar uma decisão, devemos reunir todos os fatos e buscar conselhos sábios, fazer planos, colocar nossa vida e nossos planos nas mãos de Deus, ouvir sua Palavra e esperar diante dele por sua orientação. Por vezes, Deus nos orienta por meio de uma promessa ou admoestação da Bíblia; por vezes, fala conosco enquanto estamos adorando com o povo de Deus e, em outras ocasiões, nos dirige por meio de circunstâncias providenciais. Em mais de uma ocasião em minha vida, a disciplina de Deus mostrou ser, na verdade, sua orientação (Pv 3:11, 12; Hb 12:1-11).

6. OBEDIÊNCIA

A injunção “Reconhece-o em todos os teus caminhos” (Pv 3:6) quer dizer: “Faça a vontade de Deus em todas as áreas de sua vida. Procure honrá-lo em todas as coisas”. Observe o versículo 7: “Não sejas sábio aos teus

próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal". O orgulho e a desobediência em qualquer área da vida podem nos levar a desvios perigosos de nosso caminho, de modo que devemos permanecer humildes diante do Senhor. "Em vindo a soberba, sobrevém a desonra, mas com os humildes está a sabedoria. A integridade dos retos os guia; mas, aos pérfidos, a sua mesma falsidade os destrói" (11:2, 3).

A garantia é de que "ele endireitará as tuas veredas". Nas palavras do Dr. G. Campbell Morgan: "Nem sempre serão as veredas agradáveis ou fáceis, mas sempre serão as veredas certas. Nem sempre serão as

veredas que eu teria escolhido, mas sempre serão aquelas que conduzem ao sucesso [...]. Os caminhos pelos quais ele nos dirige sempre atravessam névoas, mistérios, batalhas e dores, mas levam à plenitude do sentido da vida".⁴

Algumas pessoas vivem para o entretenimento e tentam driblar as dificuldades da vida. Outras vivem para o prazer e tentam aproveitar a vida ao máximo. Os que são consagrados a Deus vivem para o aperfeiçoamento e para a descoberta da plenitude da vida ao fazer a vontade de Deus de todo coração.

E você?

1. Deus jamais desprezita a liberdade do indivíduo, mas opera de modo que seus propósitos cumpram-se até mesmo por intermédio da vida de pessoas que não o conhecem ou que não o reconhecem. Foi o que aconteceu com Ciro (2 Cr 36:22; Is 44:28 - 45:1), Nabucodonosor (Jr 25:9; 27:6) e o Faraó (Êx 9:16; Rm 9:14-18).
2. Ao que parece, a idéia é: ter muitos conhecidos mas *nenhum amigo verdadeiro* pode levar uma pessoa à ruína, pois ninguém se preocupa o suficiente para repreender essa pessoa. O texto original é difícil, mas esse parece ser o melhor sentido.
3. O Salmo 46:10 diz: "Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus"; a expressão "aquietai-vos" significa, literalmente, "tirar as mãos" ou "parar de lutar". Há momentos em que demonstramos nossa fé simplesmente esperando no Senhor e permitindo que ele opere. Noemi aconselhou bem à nora, Rute: "Espera, minha filha" (Rt 3:18), e Moisés também aconselhou o povo de Israel com sabedoria junto ao mar vermelho: "Aquietai-vos" (Êx 14:13). Porém, quando é hora de agir, não há devoção que substitua a obediência. Ver Josué 7:10ss; 1 Samuel 16:1ss e 1 Reis 19:15ss.
4. MORGAN, G. Campbell. *The Westminster Pulpit*. Londres: Pickering and Inglis, vol. IV, p. 147.

PECADOS QUE ESTÃO NA MODA (EMBRIAGUEZ, DESRESPEITO, ILUSÃO, GANÂNCIA E ORGULHO)

Grças à cobertura da mídia global e às constantes pressões para atingir índices mais altos de audiência, os pecados tornaram-se parte importante do entretenimento internacional. Perversidades que deveriam nos levar às lágrimas, agora são divertimentos; aparecem vividamente nas telas do cinema e da televisão e são discutidas em detalhes nos jornais e revistas. As câmeras que não deixam nada escapar invadem quartos, bares e tribunais e permitem que espectadores empolgados desfrutem o pecado “por tabela”. Os cinemas e a televisão estão instruindo gerações de crianças a considerar a virgindade ridícula, a rir da sobriedade, a desafiar as autoridades e a rejeitar a honestidade. Artistas e anunciantes as convencem de que os principais objetivos da vida são “divertir-se”, “sentir-se bem” e “escapar impune”.

O Livro de Provérbios fala sobre os pecados que estão na moda e que abalam a estrutura de nossos lares, ameaçando a paz de nossas comunidades e destruindo vidas.

1. EMBRIAGUEZ

O álcool é um narcótico, não um alimento. Provérbios nos adverte sobre o abuso dessa substância, e devemos atentar para essa advertência. As conseqüências trágicas do uso de drogas e álcool custam 200 bilhões de dólares por ano para a economia norte-americana, ou seja, cerca de 800 dólares por pessoa, por ano. Todo ano, cerca de 50 mil pessoas são mortas por motoristas embriagados e milhões de horas de trabalho são desperdiçados em função de ausências e de acidentes de trabalho relacionados à ingestão de bebidas alcoólicas. Os Estados Unidos

consomem 60% das drogas ilegais do mundo (e o álcool é uma delas), sendo que os usuários norte-americanos gastam 150 bilhões de dólares por ano só com cocaína!¹

O vinho e Israel. O vinho é mencionado cerca de 150 vezes no Antigo Testamento. O povo de Israel o considerava uma dádiva de Deus, juntamente com o azeite e o pão (Sl 104:15). Quando Isaque abençoou Jacó, pediu que Deus lhe desse, “do orvalho do céu, e da exuberância da terra, e fartura de trigo e de mosto” (Gn 27:28; ver também Dt 7:13). Porém, as bebidas mais comuns no dia-a-dia eram leite e água, não vinho; assim como a carne, o vinho era reservado para ocasiões especiais. Os israelitas também preparavam “bebidas fortes” com frutas ou cereais fermentados.

A embriaguez é condenada pela Lei e pelos Profetas,² mas o uso do vinho não é proibido, exceto no caso de sacerdotes servindo no santuário (Lv 10:8-10) e de pessoas que tivessem feito o voto de nazireu (Nm 6:1-12). O vinho era usado como oferta ao Senhor (“libação”; Êx 29:38-41; Nm 15:1-15) e podia ser entregue como parte dos dízimos dos israelitas (Ne 10:36-39), de modo que o vinho, em si, não é considerado algo pecaminoso. O problema era aquilo que o vinho fazia com as pessoas. O Antigo Testamento não exige abstinência total, apesar de, certamente, recomendá-la.³

O vinho e a sabedoria. “O vinho é escarnekedor, e a bebida forte, alvoroçadora; todo aquele que por eles é vencido não é sábio” (Pv 20:1). Essa é a primeira de várias passagens em Provérbios que adverte sobre aquilo que chamamos hoje de “alcoolicismo”. O álcool escarnece das pessoas ao criar nelas uma sede cada vez maior sem nunca saciá-la. Quanto mais as pessoas bebem, menos desfrutam a bebida. Aquele que está bebendo transforma-se num bêbado e depois num briguento. Apesar do que os anúncios sofisticados dizem sobre o charme das bebidas, beber simplesmente não é a coisa mais sensata a fazer. Como diz o provérbio japonês: “Primeiro o homem toma um trago, depois o trago toma outro trago; por fim, o trago toma o homem”.

O álcool também escarnece das pessoas dando-lhes uma falsa sensação de felicidade e de força, o que, com freqüência, as torna violentas. O fracote pensa que é um super-homem e desafia qualquer um que cruze seu caminho. O sujeito que nem sequer completou a escola primária pensa que é a pessoa mais sábia da cidade e discute com qualquer um que discorde dele.

Enquanto escrevia este capítulo, li um artigo de jornal que ilustra o que estou dizendo. De acordo com a *Associated Press*, um avião fretado inglês teve de fazer um pouso de emergência em Munique por causa de um passageiro embriagado que bateu em sua namorada e começou uma briga com outros passageiros durante o voo. A polícia alemã teve de algemá-lo e de tirá-lo à força do avião. Quando recobrou a sobriedade numa cela do serviço de segurança do aeroporto, o homem descobriu que o aeroporto havia lhe cobrado três mil dólares pelo pouso de emergência e pelo combustível adicional para o avião. Os drinques lhe custaram caro!⁴

O alcoolismo pode levar à pobreza (21:17), de modo que é sábio mantermo-nos afastados de pessoas que nos incentivam a beber (23:20, 21). Provérbios 23:29-35 é a descrição mais vívida que as Escrituras apresentam das conseqüências trágicas da embriaguez⁵ e fala de delírios, tristeza, discórdia, ferimentos e olhos vermelhos;⁶ “ao cabo morderá como a cobra e picará como o basilisco” (23:32). É de se pensar que, depois dessa experiência assustadora, tal pessoa se tornasse abstinência pelo resto da vida, mas infelizmente é escrava da bebida! “Quando despertarei? Então, tornarei a beber” (v. 35).

De acordo com Provérbios 31:1-9, o álcool e as responsabilidades cívicas não se misturam;⁷ no entanto, as bebidas alcoólicas correm soltas no congresso e nas embaixadas. Uma pessoa que mora em Washington D.C. me disse que há três partidos na cidade: o Partido Republicano, o Partido Democrático e o Partido dos Coquetéis [N. do ed.: jogo de palavras com o nome da peça de teatro *The Cocktail Party*, escrita por T. S.

Eliot, dramaturgo inglês de origem norte-americana].

A mãe do rei Lemuel avisou-o para manter-se afastado do vinho, a fim de que pudesse servir outros. “Ai de ti, ó terra cujo rei é criança e cujos príncipes se banqueteam já de manhã. Ditosa, tu, ó terra cujo rei é filho de nobres e cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo para refazerem as forças e não para bebedice” (Ec 10:16, 17; ver Os 7:5). “Ai dos que são heróis para beber vinho e valentes para misturar bebida forte, os quais por suborno justificam o perverso e ao justo negam justiça!” (Is 5:22, 23). Era isso que a rainha-mãe estava dizendo que seu filho devia evitar.

Provérbios 31:6, 7 parece sugerir que, em certas ocasiões, o vinho deve ser usado para ajudar as pessoas, animando os moribundos e confortando os sofredores, a fim de que se esqueçam de seus problemas. Creio que esses dois versículos são afirmações sarcásticas, não uma prescrição, pois ninguém resolve os problemas esquecendo deles, e quem deseja passar os últimos momentos aqui na terra embriagado? Quando Jesus enfrentou a morte de cruz, recusou o vinho sedativo que lhe ofereceram (Mt 27:33, 34). Se é errado o rei tomar vinho, pois a bebida o impede de ajudar outros, então também é errado pessoas aflitas tomarem vinho, pois a bebida as impede de ajudar a si mesmas! Quem está à beira da morte precisa de ajuda para se preparar para seu encontro com Deus, e quem está sofrendo precisa de ajuda para resolver seus problemas. Beber não vai cooperar para prepará-las para a morte nem resolver questão alguma.⁸

Não ajudamos as pessoas entorpecendo-as para que não sintam as dores e dificuldades, mas sim as encorajando a crer no Senhor e a se apoiar em sua Palavra. Sem dúvida, devemos defender os oprimidos (Pv 31:8, 9), mas eles também precisam de forças para se defender, algo que as bebidas alcoólicas não podem lhes oferecer.

O vinho e o cristão. O Novo Testamento adverte os cristãos de maneira bastante clara sobre o pecado da embriaguez. “Andemos

dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes" (Rm 13:13; ver 1 Ts 5:7; Lc 21:34). Gálatas 5:21 cita a embriaguez como uma das obras da carne, e 1 Pedro 2:11 admoesta a que nos abstenhamos "das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma".

Passagens como Romanos 14:1 – 15:13 e 1 Coríntios 8 – 10 nos instruem a: (1) receber outros cristãos e não fazer das diferenças na alimentação e dos dias especiais uma prova de comunhão ou espiritualidade; (2) evitar ser pedra de tropeço a outros; (3) procurar edificar uns aos outros na maturidade cristã; e (4) evitar ser obstinados e defensivos quanto às nossas convicções pessoais a ponto de causar desunião dentro da igreja. Os cristãos de consciência fraca tropeçam com facilidade e precisam ser edificados, mas, por vezes, cristãos mais fortes criticam e desprezam outros com grande rapidez. Os dois grupos necessitam de amor, de paciência e da ajuda do Espírito.

Minha esposa e eu viajamos o suficiente para saber que existe algo no meio do povo de Deus que podemos chamar de "cristianismo cultural". Práticas aceitáveis em um lugar podem ser consideradas pecado em outro, e isso inclui as bebidas alcoólicas. Os cristãos de toda parte devem considerar o alcoolismo um problema sério e triste, mas isso não significa que exista um consenso sobre a abstinência total ou mesmo sobre a "moderação".

Nossa convicção é a de que se deve observar a abstinência total, mas não fazemos disso uma prova de comunhão ou de espiritualidade. Tanto quanto sei, nunca criamos problemas ao ministrar em culturas diferentes nem mesmo na casa de pessoas que discordam de nosso ponto de vista. Outros cristãos nos respeitam, pois nós os respeitamos e tentamos manifestar o amor cristão. Porém, ao nos abstermos das bebidas alcoólicas, minha esposa e eu não somos tentados a beber em excesso; também servimos de exemplo para cristãos que poderiam tropeçar, se tivéssemos o costume de beber. Essas duas bênçãos são muito mais

valiosas para nós do que qualquer prazer que possa haver na ingestão de bebidas alcoólicas.⁹

2. DESRESPEITO

"Os olhos de quem zomba do pai ou de quem despreza a obediência à sua mãe, corvos no ribeiro os arrancarão e pelos pintãos da águia serão comidos" (Pv 30:17). Os filhos que tratam os pais com desprezo e desrespeito um dia serão tratados como um corpo insepulto, sendo que em Israel era uma grande vergonha não ser sepultado. Ao ler os jornais e revistas de notícias, fico cada vez mais convencido de que estamos vivendo na geração descrita em Provérbios 30:11-14, com todo seu orgulho, ganância, violência e falta de consideração pelos pais.

O desacato aos pais normalmente começa com o desrespeito pela Palavra de Deus que os pais procuram ensinar aos filhos. "O insensato despreza a instrução de seu pai" (15:5). "O que despreza a palavra a ela se apenhora, mas o que teme o mandamento será galardoado" (13:13). Por vezes, os filhos saem de casa para estudar em algum outro lugar e são contaminados por idéias contrárias as Escrituras e, depois, voltam para casa e dizem a todos que os pais são tolos e retrógrados. Os filhos que mantêm essa atitude arrogante, mais cedo ou mais tarde, acabam roubando de seus pais (28:24), amaldiçoando-os (20:20) e envergonhando-os (19:26).

Na antiga aliança, os filhos que desobedeciam aos pais e transgrediam a lei corriam o risco de perder a vida. Não defendo que devemos instituir a pena capital para o desacato aos pais, mas passagens como Deuteronômio 21:18-21 e Levítico 20:9 mostram quanto Deus leva a sério o quinto mandamento: "Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá" (Êx 20:12; ver Ef 6:1-4). Os filhos que não respeitam pais amorosos e tementes a Deus dificilmente respeitam professores, policiais e quaisquer outros símbolos de autoridade na sociedade.

3. ILUSÃO

Vivemos em um mundo repleto de ilusões, em que as pessoas tentam impressionar umas às outras. “Uns se dizem ricos sem terem nada; outros se dizem pobres, sendo mui ricos” (Pv 13:7). O valor do indivíduo é medido por sua riqueza, não por seu caráter e conduta; sua importância é atrelada ao dinheiro e à fama. Ser “rico e famoso” é a ambição de milhões de pessoas; enquanto não alcançam esse objetivo, desfrutam a riqueza e a fama “por tabela”, acompanhando a carreira de sua celebridade predileta.

Os que são sábios creem na verdade de Deus e vivem em função da realidade, não da ilusão. “A sabedoria do prudente é entender o seu próprio caminho, mas a estultícia dos insensatos é enganadora” (14:8). Eis alguns exemplos de ilusões enganadoras às quais as pessoas se apegam hoje em dia:

“Não existem conseqüências; faça o que bem entender.”

“Se é gostoso, então é bom.”

“A coisa mais importante da vida é se divertir.”

“Não existem absolutos.” (E quanto a essa declaração?)

“Os mais velhos não sabem nada.”

“Quem assume compromissos torna-se um escravo. O negócio é ser livre.”

Quem já aconselhou pessoas desiludidas, algumas até pensando em suicídio, conhece o estrago que essas mentiras podem causar. Uma vida construída sobre mentiras está condenada e ser decepcionante e, mais cedo ou mais tarde, acaba ruindo. A única maneira de resistir às tormentas é edificar a vida sobre a verdade de Deus (Mt 7:24-29).

Crer em Jesus Cristo é conhecer a realidade, pois ele é a verdade (Jo 14:6). Conhecer a Palavra de Deus e lhe obedecer é conhecer a verdade (17:17), e receber o poder do Espírito Santo é experimentar a verdade (1 Jo 5:6). Deus é um Deus da verdade, e aqueles que o conhecem pela fé não têm desejo algum de se divertir com as ilusões sem sentido que o sistema do mundo oferece (2:15-17).

4. GANÂNCIA

“O que é ávido por lucro desonesto torna a sua casa” (Pv 15:27). “O inferno e o abismo nunca se fartam, e os olhos do homem nunca se satisfazem” (27:20).

Uma pesquisa publicada em 1994 pela revista *Money* mostra que os norte-americanos são um povo ganancioso, disposto até a trapacear para “ganhar dinheiro”. Dos pesquisados, 24% disseram que não avisariam um garçom que lhes tivesse cobrado a menos – em 1987, 15% responderam dessa forma; 9% afirmaram que, se encontrassem uma carteira, pergariam o dinheiro que estivesse nela – em 1987, essa foi a resposta de 4% dos pesquisados.¹⁰ O mais triste de tudo é que 23% afirmaram que estariam dispostos a cometer um crime para “ganhar dez milhões de dólares”, caso soubessem que não seriam pegos! O amor ao dinheiro ainda é a raiz de todos os males (1 Tm 6:10).

Deus chama a ganância de idolatria (Ef 5:5; Cl 3:5), pois o coração ganancioso coloca outra coisa no lugar que pertence, por direito, a Deus em nossa vida. A sociedade moderna, porém, aprova a ganância e a chama de “ambição”, afirmando que é “o primeiro passo para o sucesso”. As revistas de negócios elogiam os “batalhadores” que chegam ao topo, sem se importar com os meios que usaram para chegar lá. Infelizmente, esse conceito contemporâneo de sucesso está invadindo a igreja, e alguns obreiros cristãos colocaram de lado a ética e o temor do Senhor e estão à procura de influência e de sucesso.

Diz um provérbio árabe: “A mãe da ganância é o desejo ilícito, sua filha é a injustiça e sua amiga é a violência”. Assim, não é de causar espanto que nossa sociedade moderna gananciosa esteja tão cheia de injustiça e de violência. Só existe uma cura para isso: transformar o coração e substituir o desejo por bens pela devoção a Deus, um milagre que somente Jesus Cristo pode realizar.

Ao ler a obra *O Peregrino*, de John Bunyan, os cristãos de hoje se deparam com o Sr. Apego-ao-Mundo, o Sr. Pão-Duro e o Sr. Amor-ao-Dinheiro e descubrem o que Bunyan pensava de Demas, o qual, por algum tempo,

trabalhou com Paulo, mas se apaixonou pelo “presente século” (Cl 4:14; Fm 24; 2 Tm 4:10). Não é pecado ser rico – Abraão e Davi foram homens abastados e também tementes a Deus –, mas é pecado desejar mais riquezas do que precisamos e reter aquilo que deveríamos dar. A ganância é como um câncer que cresce e enfraquece nossa saúde espiritual; o único tratamento eficaz é removê-la.

No capítulo 7 deste livro, estudamos o que Provérbios diz sobre as riquezas, de modo que não há necessidade de repetir esses conceitos. A ênfase de Provérbios é sobre a importância de considerar os bens materiais como dádivas de Deus, agradecendo ao Senhor por eles e os usando para a glória de Deus e para o bem de outros. John Wesley, fundador da Igreja metodista, ensinava as pessoas a:

Fazer todo o bem possível,
Usando de todos os meios possíveis,
De todas as maneiras possíveis,
Em todos os lugares possíveis,
Em todo tempo possível,
A todas as pessoas possíveis,
Enquanto for possível.

Sem dúvida, uma receita infalível para curar a ganância!

5. ORGULHO

Vários teólogos acreditam que o orgulho é o “pecado dos pecados”, pois foi o orgulho que transformou um anjo no diabo (Is 14:12-15). As palavras de Lúcifer: “serei semelhante ao Altíssimo” (v. 14), foram um desafio ao próprio trono de Deus e, no jardim do Éden, transformaram-se na declaração: “como Deus, serei conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5). Eva acreditou nessas palavras, e o resto da história é conhecido. “Glória ao homem nas maiores alturas” – esse é o grito de guerra da humanidade orgulhosa e ímpia que continua desafiando Deus e tentando conspíruir o céu na terra (11:1-9; Ap 18).

“Quanto ao soberbo e presumido, zombador é seu nome; procede com indignação e arrogância” (Pv 21:24). “Antes da ruína,

gaba-se o coração do homem, e diante da honra vai a humildade” (18:12; ver 29:23). Deus aborrece “olhos altivos” (6:16, 17) e promete destruir “a casa dos soberbos” (15:25). Quase todo cristão sabe Provérbios 16:18 de cor, mas nem todos nós atentamos para o que esse versículo diz: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda”.

Como disse o pregador escocês James Denney: “Nenhum homem pode dar testemunho de Cristo e de si mesmo simultaneamente. Nenhum homem pode dar a impressão de que ele próprio é astuto e de que Cristo é poderoso para salvar”. Essa citação deveria ser impressa em letras garrafais e colocada em todas as igrejas e auditórios em que o povo de Deus se reúne. Talvez possa conduzir à humildade alguns pregadores e músicos que chamam tanto a atenção para si mesmos a ponto de as ovelhas famintas não conseguirem ver Jesus. Se o pecado supremo é a corrupção da graça suprema, então pessoas que usam o cristianismo para se promover são culpadas de grande transgressão.

Salomão ilustrou nosso desejo de reconhecimento e de louvor escrevendo sobre o mel: “Comer muito mel não é bom; assim, procurar a própria honra não é honra” (25:27). Podemos comparar essa declaração com 25:16: “Achaste mel? Come apenas o que te basta, para que não te fartes dele e venhas a vomitá-lo”. Se o mel representa o louvor, devemos ter cuidado ao tentar digeri-lo em excesso! Várias celebridades reconheceram estar “cansadas de tudo” e expressaram seu desejo de ter uma vida normal como qualquer outra pessoa. Creio que foi o falecido comediante de rádio Fred Allen quem definiu as celebridades como: “pessoas que se matam de trabalhar para ficar famosas, a fim de ter de usar óculos escuros para não ser reconhecidas”.

A “soberba da vida” é um dos benefícios que o sistema do mundo oferece (1 Jo 2:15-17), e são poucos os que não pagariam qualquer preço para adquiri-la. O comentarista bíblico William Barclay disse: “O orgulho é o solo no qual crescem todos os outros pecados e o progenitor do qual nascem todos os outros pecados”. A fim de nos livrarmos

do fruto venenoso, devemos atacar a raiz ameaçadora – um procedimento doloroso. Para o cristão, a solução é obedecer ao Cristo descrito em João 13:1-17 e em Filipenses 2:1-18.

Os cinco “pecados que estão na moda” dos quais tratamos – embriaguez, desrespeito, ilusão, ganância e orgulho –, na verdade, estão na moda desde o tempo do dilúvio, mas, por algum motivo, parecem particularmente preponderantes hoje. Talvez isso se deva ao fato de a cobertura da mídia ser mais completa. Ou, talvez, por vivermos no fim dos tempos. Não surpreende ver esses pecados tão prevaletentes entre pessoas não-salvas, mas o que dizer de sua presença na Igreja? Se a Igreja tem esperança de ser um testemunho para o mundo perdido, é preciso ser diferente do mundo.

Paulo ficou sabendo que os cristãos de Corinto estavam se embebedando nas reuniões da igreja (1 Co 11:21) e os avisou de que os bêbados não herdariam o reino de Deus (6:10; ver 5:11).

Alguns filhos da igreja de Éfeso não respeitavam os pais nem lhes obedeciam, e Paulo

os lembrou de que o quinto mandamento ainda estava em vigor (Ef 6:1-3).

O apóstolo João advertiu os cristãos aos quais enviou sua primeira epístola de que o mundo passa e, com ele, todas as suas ilusões, de modo que era melhor se guardarem dos ídolos (1 Jo 2:15-17; 5:21).

Jesus admoestou os discípulos: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza” (Lc 12:15); e Paulo, em sua carta aos cristãos de Colossos, escreveu que a avareza é idolatria (Cl 3:5).

Paulo aconselhou as igrejas a não nomear algum cristão neófito para algum cargo de liderança espiritual, “para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (1 Tm 3:6). E João teve de lidar com Diótrefes, um homem orgulhoso que liderava a igreja e que recusava sujeitar-se à autoridade do apóstolo de Deus (3 Jo 9-11).

Infelizmente, esses pecados *existem* na Igreja!

Tiago estava certo: “Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim” (Tg 3:10).

1. WASHINGTON, Arnold M. e BOUNDY, Donna. *Willpower's Not Enough*. Nova York: Harper & Row, 1989, pp. 7-18.
2. Ver Habacuque 2:15; Isaías 5:11-22; 28:1-3; Amós 6:3-6; Deuteronômio 21:20.
3. Não consegui determinar com precisão quando o povo de Israel passou a usar o vinho na refeição de Páscoa, apesar de alguns estudiosos afirmarem que esse costume remonta à época do primeiro templo. O vinho não é mencionado em Êxodo 12:11-27, mas aparece no Novo Testamento como parte da refeição pascal (Mt 26:26-30). Será que usavam pão asmo (sem fermento) e vinho fermentado? Costumava-se diluir o vinho, pois eram consumidos quatro cálices na cerimônia.
4. *The Lincoln (Neb.) Star*, 15 de jul. de 1994.
5. Vale observar que a imoralidade encontra-se intimamente relacionada à embriaguez (Pv 23:27, 28), e as duas coisas com frequência andam juntas.
6. O termo traduzido por “vermelho” também pode significar “embaçado, opaco”. A visão do bêbado fica embaçada, de modo que ele não vê claramente o que se encontra diante dele e afirma ver algo que não está lá. O excesso de álcool pode provocar olhos injetados e vermelhidão do rosto. Alguns estudiosos acreditam que o termo sugere um “olho roxo”, ou seja, o resultado de uma briga; por mais plausível que seja, não é o que o autor tinha em mente.
7. O nome Lemuel quer dizer “dedicado a Deus” e pode ser outro nome do rei Salomão. Deus deu a Salomão o nome especial Jedidias, que significa “amado de Jeová”. Não sabemos, ao certo, quem era o rei Lemuel, e sua mãe, e de nada adianta especular.
8. No tempo de Paulo, o vinho era usado para fins medicinais (1 Tm 5:23), mas isso não nos dá permissão de transformar uma prática da Antiguidade numa regra para os dias de hoje. Várias pessoas consideram apenas esse versículo e rejeitam todo o resto que Paulo escreveu em sua epístola. Se resolvemos obedecer a uma admoestação, então por que não obedecer a todas elas?
9. De acordo com um relatório preparado pela *Comission on Substance Abuse*, patrocinado pela Universidade de Columbia, a ingestão de bebidas alcoólicas é um problema sério nos *campi* universitários dos Estados Unidos. Dos

crimes violentos cometidos nas regiões das universidades, 90% são relacionados à ingestão de álcool. Das alunas que contraíram doenças sexualmente transmitidas, 60% estavam "sob influência do álcool durante a relação sexual", e as bebidas alcoólicas fazem parte de mais de 90% de todos os estupros que ocorrem nos *campi*. Na época da pesquisa, 42% dos alunos (de ambos os sexos) admitiram ter bebido em excesso nas duas semanas anteriores. Um terço dos alunos bebe com o objetivo de embriagar-se. Os alunos que vivem em casas de associações de alunos das universidades bebem mais do que outros alunos. Esse tipo de informação nos leva a pensar sobre como será o futuro de nossa nação, uma vez que a próxima geração de líderes já sofre de "exaustão ética".

10. Das pessoas com idade entre 18 e 34 anos, 21% ficariam com o dinheiro, mas apenas 2% das pessoas com 65 anos ou mais faria o mesmo. De onde a geração mais jovem está tirando seus padrões éticos?

ESTE É O NOSSO DEUS

Estudamos a Palavra de Deus a fim de conhecer melhor o Deus da Palavra. Quanto mais nos relacionamos com Deus, mais semelhantes a ele nos tornamos e mais ele nos capacita a viver e a servir. “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência” (Pv 9:10). Podemos sobreviver sem saber muita coisa, mas não podemos viver sem conhecer a Deus.

De acordo com A. W. Tozer: “É impossível conservar íntegras nossas práticas morais e manter corretas nossas atitudes interiores sem um conceito exato e adequado de Deus. A fim de resgatar o poder espiritual em nossa vida, devemos começar a pensar em Deus de modo mais próximo à realidade de seu caráter”.¹

Se lermos o Livro de Provérbios ou qualquer outro livro da Bíblia buscando apenas verdades doutrinárias, mas ignorando o próprio Deus, perderemos aquilo que o Espírito Santo deseja nos dizer e fazer por nós. É o mesmo que uma criança passar horas estudando os álbuns de família, mas não passar tempo com a família propriamente dita, a fim de conhecê-la pessoalmente. A menos que desenvolvamos um conhecimento cada vez mais profundo de Deus, aquilo que pensamos saber sobre ele pode ser apenas uma série de conceitos equivocados, que nos impedem de edificar uma vida piedosa. Citando Tozer novamente: “A essência da idolatria é alimentar pensamentos sobre Deus que não são dignos dele”.² Se isso é verdade, como creio ser o caso, então pode-se estudar a Bíblia e, ainda assim, ser idólatra!

O Livro de Provérbios revela o Deus maravilhoso a quem devemos obedecer e no

qual devemos confiar, o Deus que devemos amar e conhecer mais profundamente. Ao crescer em intimidade com Deus, desenvolveremos a sabedoria e as aptidões necessárias para viver com sucesso.

1. UM DEUS SANTO

De acordo com Provérbios 9:10 e 30:3, Deus é “o Santo”; o termo traduzido por “santo” quer dizer “inteiramente diferente, absolutamente distinto”. A própria natureza de Deus é santa: “sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11:44, 45; 19:2; 20:7, 26; 21:8, 15; 22:9, 16, 32; 1 Pe 1:16).³ “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1:5).

Porém, não devemos pensar na santidade de Deus apenas como a ausência de qualquer contaminação, como um instrumento cirúrgico esterilizado. A santidade de Deus também não é um atributo inerte e negativo. Antes, é positiva e ativa; sua natureza perfeita realiza sua vontade perfeita. É como o “mar de vidro, mesclado de fogo” que João viu diante do trono de Deus no céu (Ap 15:2). “Nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:29; ver Dt 4:24).

Uma vez que Deus é santo, ele aborrece o pecado (Pv 6:17-19). Os evangelistas lembram que “Deus abomina o pecado, mas ama o pecador”, e sem dúvida não se pode questionar o amor de Deus por este mundo perdido (Jo 3:16; Rm 5:8). No entanto, as pessoas podem pecar tanto deliberadamente a ponto de se tornarem abomináveis a Deus (Pv 3:32; 11:20), como também os arrogantes (16:5), os mentirosos (12:22), os trapaceiros (11:1; 20:10, 23), os hipócritas (15:8; 21:27; 28:9) e os injustos (17:15). O pecado torna-se de tal modo identificado com o pecador que o próprio indivíduo passa a ser repreensível aos olhos do Senhor. Não se trata de uma contradição com seu amor, mas devemos lembrar que o amor de Deus é santo e também sacrificial. É perigoso brincar com o pecado e desafiar o Deus vivo. “O homem que muitas vezes repreendido endurece a cerviz será quebrantado de repente sem que haja cura” (29:1).

Provérbios 21:12 chama Deus de “o Justo” e afirma que ele julga os ímpios por sua

perversidade. Um Deus santo deve ser justo em todos os seus caminhos e em todo o seu proceder (24:11, 12). “A maldição do SENHOR habita na casa do perverso, porém a morada dos justos ele abençoa” (3:33). Por vezes, Deus julga os perversos de imediato (2:22), mas em outras ocasiões simplesmente retira sua mão refradora e permite que as próprias transgressões julguem os pecadores. “Quanto ao perverso, as suas iniquidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido” (5:22; ver Rm 1:18ss).

2. UM DEUS SOBERANO

O fato de Deus ser santo e justo garante que o universo é governado por princípios justos e que o proceder de Deus para conosco também é regido pela justiça. Nas palavras do Dr. A. T. Pierson: “Nossa história é a história de Deus”. “O SENHOR fez todas as coisas para determinados fins e até o perverso, para o dia da calamidade” (Pv 16:4). “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (19:21). Os cristãos precisam lembrar Colossenses 1:16: “Tudo foi criado por meio dele e para ele”. Jesus Cristo é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim de todas as coisas.

O homem orgulhoso rebela-se até mesmo contra o conceito da soberania de Deus e afirma: “Sou mestre de meu destino, capitão da minha alma”.⁴ Charles Spurgeon disse: “Nenhuma doutrina em toda a Palavra de Deus provoca mais ódio nos seres humanos do que a verdade sobre a soberania absoluta de Deus. O fato de que ‘o Senhor reina’ é indiscutível e suscita extrema oposição no coração humano não renovado”.⁵

A soberania de Deus não anula a responsabilidade humana nem transforma seres humanos em robôs. “O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR” (16:1). “A sorte se lança no regaço, mas do SENHOR procede toda decisão” (v. 33). “O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos” (v. 9). Deus espera que seus filhos estudem, reflitam, ponderem as possibilidades e tomem decisões, mas adverte: “não te estribes no teu próprio entendimento” (3:5).

Deus promete dar sabedoria àqueles que pedirem (Tg 1:5) e dirigir aqueles que estiverem dispostos a obedecer (Pv 3:5, 6).

Uma vez que é o Criador de todas as coisas, Deus é soberano sobre a natureza (3:19, 20; 8:22-31; 30:4). Também é soberano sobre a história e a geografia, controlando a ascensão e a queda de governantes e de nações (At 17:22-28; Dn 4:17, 34, 35). “Por meu intermédio, reinam os reis, e os príncipes decretam justiça” (Pv 8:15). “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina” (21:1). “Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o SENHOR” (v. 30).

Não podemos esquecer que o Deus que determina o fim – os propósitos – também determina os meios para alcançar esse fim. Ao decidir derrubar o Faraó e libertar os hebreus do Egito, também ordena que Moisés e Arão vão até o Egito para confrontar o Faraó. Se seu propósito é levar Israel à Terra Prometida, também determina que Josué seja treinado para liderar seu povo. Se seu objetivo é ganhar almas perdidas, ordena que se dê testemunho do evangelho. “E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?” (Rm 10:14, 15).

A soberania de Deus é uma das grandes motivações da vida e do serviço cristão, pois sabemos que Deus está assentado no trono e controla todas as coisas. Ele capacita seus servos a cumprir suas ordens, e “sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8:28). Em vez de ser um empecilho para o evangelismo, a compreensão da soberania divina é um estímulo para o evangelismo bíblico, pois estamos certos de que Deus está “[constituindo] dentre eles um povo para o seu nome” (At 15:14; ver 18:1-11) e de que sua Palavra não voltará vazia (Is 55:10, 11). Deus “não [quer] que nenhum pereça” (2 Pe 3:9), mas deseja que todos sejam salvos (1 Tm 2:4), e Jesus ordenou que propagássemos a mensagem da salvação por todo o mundo (Mt 28:18-20). Cabe a nós obedecer

e compartilhar essa mensagem; a responsabilidade de Deus é salvar os que crêm.

Como Soberano sobre todas as coisas, o Senhor vê e sabe o que está acontecendo, conhece os pensamentos, ações, palavras e motivações de todas as pessoas. “Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do SENHOR, e ele considera todas as suas veredas” (Pv 5:21). “Os olhos do SENHOR estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons” (15:3). “O SENHOR sonda os corações” (21:2; ver 17:3 e 24:12). Quando Deus julga, ele o faz com justiça, quer seja para castigar os perversos ou recompensar os justos.

É animador saber que “Reina o SENHOR” (Sl 93:1) e que seus propósitos justos se cumprirão. Certifiquemo-nos de que estamos andando com ele no caminho da vida, submissos a sua vontade e procurando honrar seu nome.

3. UM DEUS COMPASSIVO

A terna compaixão e a preocupação de Deus podem ser vistas em seu cuidado com os pobres e necessitados. As viúvas e órfãos de Israel eram especialmente vulneráveis à exploração e ao abuso, e, portanto, Deus advertiu o povo por meio da lei para que não os maltratassem (Êx 22:22; Dt 10:18; 14:29; 26:12; 27:19).

“O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou, mas a este honra o que se compadece do necessitado” (Pv 14:31; ver 17:5). “O rico e o pobre se encontram; a um e a outro faz o SENHOR” (22:2). Quando Jesus veio à terra, identificou-se com os pobres e rejeitados (Lc 4:16-21; 2 Co 8:9), e Deus deseja demonstrar sua compaixão por eles por meio de seu povo. Aqueles que prejudicam os necessitados entristecem o coração de Deus.

“Não roubes ao pobre, porque é pobre, nem oprimas em juízo ao aflito, porque o SENHOR defenderá a causa deles e tirará a vida aos que os despojam” (Pv 22:22, 23). Talvez os pobres não tivessem dinheiro para pagar um advogado, mas Deus defenderia sua causa (23:10-11).⁶

Uma das maneiras de enriquecer rapidamente era roubar as propriedades dos pobres, apesar de a lei ordenar que os marcos

antigos não fossem removidos (22:28; Dt 19:14; 27:17; Is 1:23; Os 5:10). A terra pertencia a Deus (Lv 25:23), e ele a havia emprestado a seu povo, de modo que deveriam manter as propriedades dentro das tribos e clãs. As fazendas das famílias eram demarcadas por pedras em lugar de cercas, e esses marcos antigos deveriam ser respeitados e protegidos. “O SENHOR deita por terra a casa dos soberbos; contudo, mantém a herança da viúva” (Pv 15:25). O Senhor observa as divisas das propriedades.

Podemos pecar contra os pobres não apenas por opressão, mas também por omissão. “O que tapa o ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido” (21:13). “O que dá ao pobre não terá falta, mas o que dele esconde os olhos será cumulado de maldições” (28:27). Se taparmos os ouvidos e fecharmos os olhos, fingindo ignorar a situação dos pobres, Deus atentará para o que estamos fazendo e também fechará os olhos para nossas necessidades e tapará os ouvidos a nossas orações – e outras pessoas farão o mesmo. Colhemos aquilo que semeamos (ver Dt 15:7-11).

“Quem se compadece do pobre ao SENHOR empresta, e este lhe paga o seu benefício” (Pv 19:17). Quando ajudamos outros, na verdade estamos dando ao Senhor; ele coloca nossa contribuição numa conta com altos dividendos (Fp 4:15-17). “Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25:40). Aliás, esse princípio também vale para o modo como tratamos nossos inimigos (Pv 20:22; 25:21, 22; Rm 12:18-21).

Deus é um escudo para os que confiam nele (Pv 30:5) e uma torre forte para os que se refugiam nele (18:10). O “nome do SENHOR”, em Provérbios 18:10, é uma referência a todos os atributos gloriosos do Senhor. Ao considerar quem ele é e aquilo que ele é, os que confiam nele não precisam preocupar-se, pois ele é sempre seu refúgio e força (Sl 46:1).

Um dos ministérios da compaixão de Deus para conosco é sua *orientação*. Provérbios 3:5, 6 é uma promessa da qual o povo

de Deus tem se apropriado ao longo dos séculos e que nunca falhou. Como disse anteriormente, Deus espera que analisemos uma situação e que juntemos todos os fatos possíveis; porém, não devemos nos apoiar em nosso entendimento. Antes, devemos nos humilhar diante dele, buscar a sua direção em todas as coisas e nos certificar de que nossas motivações são corretas.

Mas e se cometermos um erro – algo que somos propensos a fazer – e começarmos a nos mover na direção errada? “O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos” (16:9). “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (19:21; ver 16:33). Se desejamos sinceramente conhecer o plano de Deus e lhe obedecer, então o Senhor nos dirigirá e, em sua providência, guiará nossos passos de maneiras que talvez não sejamos capazes de compreender. “Os passos do homem são dirigidos pelo SENHOR; como, pois, poderá o homem entender o seu caminho?” (20:24).

O filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard disse: “A vida só pode ser compreendida daqui para trás, mas deve ser vivida daqui para frente”. Um dia, olharemos para trás e diremos como Davi: “Bondade e misericórdia certamente me [seguiram] todos os dias da minha vida” (Sl 23:6).⁷ Saber que um Deus amoroso guia nossos passos quando procuramos segui-lo é um grande estímulo quando não fazemos idéia do rumo que devemos tomar. “Ao homem que teme ao SENHOR, ele o instruirá no caminho que deve escolher” (Sl 25:12). Até mesmo o grande apóstolo Paulo, por vezes, teve dúvidas sobre qual devia ser seu próximo passo, mas o Senhor o guiou (At 16:6-10).

4. UM DEUS SÁBIO

De acordo com os teólogos, a sabedoria de Deus refere-se a sua capacidade de traçar meios perfeitos para alcançar fins perfeitos. Ninguém ensinou coisa alguma a Deus. “Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?” (Rm 11:34; Is 40:13; Jr 23:18). Ninguém jamais poderá dizer que Deus cometeu um erro, pois, em

sua sabedoria, sempre faz tudo com perfeição (Rm 8:28; 9:20, 21). Não é de se admirar que Paulo o chamasse de “Deus único e sábio” (Rm 16:27).

Deus revelou sua sabedoria na criação. “O SENHOR com sabedoria fundou a terra, com inteligência estabeleceu os céus. Pelo seu conhecimento os abismos se rompem, e as nuvens destilam orvalho” (Pv 3:19, 20). Tanto o astrônomo que observa um cometa por um telescópio quanto um biólogo que examina uma célula num microscópio estão descobrindo a sabedoria de Deus, pois o estudo científico não é outra coisa senão pensar conforme Deus, depois dele.

Enquanto procurava testemunhar a um estudante universitário cuja religião era a ciência, observei que ele usava com frequência o termo “universo”.

— Por que você diz “universo” e não “multiverso”? — perguntei.

Ele me olhou perplexo e disse:

— Não entendi.

— O termo “universo” – expliquei eu então – deixa implícito que todas as coisas a nosso redor são uma unidade. Se esse é o caso, de onde veio essa unidade? O que instituiu as leis que você está estudando em suas aulas de ciências? Por que tudo isso funciona em conjunto de modo a produzir um “universo” e não um “multiverso”?

Ele percebeu o rumo que a conversa estava tomando e, mais que depressa, mudou de assunto.

Mas minha pergunta é válida. Se o Universo não fosse dotado de sabedoria e de ordem (aquilo que a maioria chama de “leis científicas”), o agricultor não poderia esperar uma colheita, o astrônomo não seria capaz de prever um eclipse, o cientista não realizaria um experimento com segurança, o piloto não conseguiria pilotar seu avião e ninguém na Terra saberia ao certo o que os planetas e estrelas fariam em seguida! Isaac Newton expressou-se com perfeição:

Canto a sabedoria que determinou
Que o Sol sobre o dia governasse;
A Lua brilha, cheia, como ele mandou,
E toda estrela assim lhe obedece.⁸

A sabedoria de Deus também pode ser observada em sua *disposição providencial dos acontecimentos*, não apenas para as nações, mas também para os indivíduos. “Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o SENHOR” (21:30). “Não! Com Deus está a sabedoria e a força; ele tem conselho e entendimento” (Jó 12:13). O termo “providência” vem de duas palavras em latim: *pro*, “antes” e *video*, “ver”. Em sua sabedoria, Deus “vê antes”, ou seja, ele planeja de antemão e “providencia” para que sua vontade seja realizada.

A providência não quer dizer que Deus simplesmente “antevê” o que está adiante e se “adapta” a isso. Somente Deus conhece e controla os acontecimentos futuros. O teólogo batista Augustus Hopkins Strong chama a providência de “atividade contínua de Deus por meio da qual ele faz com que todos os acontecimentos do universo físico e moral cumpram a função original para a qual ele os criou”.⁹ Sem transgredir a capacidade humana de escolher, Deus “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11), governa e prevalece sobre todas as coisas. “Tudo quanto aprouve ao SENHOR, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos” (Sl 135:6).

Deus deseja compartilhar tal sabedoria conosco, o que, obviamente, é a ênfase de Provérbios. “Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento. Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos” (2:6, 7). *O primeiro passo para receber a sabedoria de Deus é crer em Jesus Cristo e se tornar um filho de Deus. O mundo está desesperadamente em busca de sabedoria para descobrir o que deve fazer e para ter o poder de fazer o que deve, e ambas as coisas só podem ser encontradas em Jesus Cristo, o “poder de Deus e sabedoria de Deus”* (1 Co 1:24).

Para o mundo perdido, o evangelho da salvação tem um ar de insensatez, pois parece loucura entregar a vida a alguém que

morreu fraco e envergonhado numa cruz. Porém, a pregação dessa cruz libera o poder de Deus para transformar vidas! (Rm 1:16) “Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus” (1 Co 1:18).

Depois que cremos em Cristo e nos tornamos filhos de Deus (Jo 1:11-13), o próximo passo é pedir que Deus nos dê sua sabedoria para organizar nossa vida (Tg 1:5). “O temor do SENHOR é a instrução da sabedoria, e a humildade precede a honra” (Pv 15:33). Ao ler a Palavra de Deus, meditar, orar e procurar glorificá-lo, ele dirige nossos passos (3:5, 6). Talvez o caminho nem sempre seja o mais fácil, mas será o melhor (Rm 8:28). Devemos nos lembrar de que a vontade de Deus vem do coração de Deus (Sl 33:11), de modo que não precisamos nos preocupar.

Quando precisamos tomar decisões, o ideal é gastar tempo orando e meditando na Palavra. Então, devemos pedir que Deus nos oriente e, se necessário, podemos procurar o conselho sábio de amigos maduros na fé. No começo de cada dia, podemos pedir que Deus nos guie em todas as decisões que devemos tomar, sejam elas grandes ou pequenas; uma “pequena” decisão errada pode levar a “grandes” decisões difíceis. À medida que crescemos na sabedoria e no conhecimento de Deus, andamos pela fé e procuramos honrar ao Senhor; também recebemos mais discernimento espiritual e vivemos com mais aptidão.

“Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito. O caminho dos perversos é como a escuridão; nem sabem eles em que tropeçam” (Pv 4:18, 19).

Citando A. W. Tozer novamente: “Uma vez que temos a bondade de Deus para desejar nosso maior bem, a sabedoria de Deus para planejá-lo e o poder de Deus para realizá-lo – o que nos falta? Sem dúvida somos as mais favorecidas de todas as criaturas”.¹⁰

1. TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. Nova York: Harper and Brothers, 1961, p. 7. Trata-se de um dos melhores estudos devocionais já publicados sobre os atributos de Deus. Ver também STRAUSS, Richard L. *The Joy of Knowing God*. Neptune (N.J.): Loizeaux, 1984.
2. *Ibid.*, p. 11.
3. Para um estudo mais completo sobre esse assunto, ver *Be Holy*, Wheaton (Ill.): Victor Books, 1994, minha exposição do livro de Levítico.
4. Citado no poema "Invictus", de William Ernest Henley. O termo *invictus*, do latim, significa "invencível, indomado". Henley sofreu de tuberculose óssea e sobreviveu bravamente a, pelo menos, vinte operações, mas, infelizmente, não deu crédito a Deus pela determinação que o ajudou a prosseguir. Admiramos a coragem de qualquer pessoa diante da derrota aparente, e esse poema é uma declaração inspiradora da coragem pessoal. Porém, para o cristão, as palavras de 2 Coríntios 12:7-10 parecem mais adequadas.
5. Estas são as palavras de abertura de seu sermão, pregado no Metropolitan Tabernacle, em Londres, na noite de domingo, 4 de fevereiro de 1866 (*The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 58, p. 13).
6. O termo traduzido por "Vingador" em *Provérbios 23:11 é goel* e se refere a um parente-resgatador como Boaz, no Livro de Rute. Para a lei que regia a remissão de propriedades, ver Levítico 25:47-55. O *goel* devia ser um parente próximo que pudesse e que desejasse pagar. É uma figura de Jesus Cristo, o qual, em sua encarnação, veio em carne e sangue (Hb 2:14) para nos redimir de nossa falência espiritual e do pecado. Ver minha obra *Be Committed [Seja Comprometido]* para uma exposição do Livro de Rute e uma explicação da lei do parente resgatador.
7. A maioria dos estudiosos acredita que o Salmo 23 foi escrito por Davi em idade mais avançada, não quando ele ainda era um jovem pastor. É possível que tenha se originado na revolta promovida por seu filho perverso, Absalão (2 Sm 15 - 19). Davi havia passado por várias dificuldades em sua longa vida e, no entanto, foi capaz de ver apenas a bondade e misericórdia de Deus.
8. Por algum motivo, costuma-se deixar de fora dos hinários uma das estrofes do hino "Louvor pela Criação e Providência", que Isaac Watts compôs, originalmente, para crianças:

Sua mão a todo instante, está a me guardar;
 Com seus olhos me guia o Senhor.
 Por que, então, hei de me esquecer,
 Daquele cujo amor tenho sempre ao meu redor?

Paulo usou a criação divina como parte de sua argumentação de que os gentios, que nunca receberam a revelação da lei de Deus, ainda assim são culpados diante de Deus e serão julgados por ele (Rm 1:18ss).

9. STRONG, A. H. *Systematic Theology*. Filadélfia: The Judson Press, 1949, p. 419 (edição em volume único). Strong prossegue dizendo: "A providência não exclui, mas sim implica a operação da lei natural, com a qual nos referimos à maneira habitual de Deus operar [...]. A oração sem qualquer expediente é um insulto a Deus" (p. 439).
10. TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*, p. 70.

ECLESIASTES

ESBOÇO

Tema-chave: Vale a pena viver?

Versículos-chave: 1:1-3; 12:13, 14

I. O PROBLEMA É DECLARADO - 1 - 2

Não vale a pena viver! Considere:

1. A monotonia da vida - 1:4-11
2. A vaidade da sabedoria - 1:12-18
3. A futilidade da riqueza - 2:1-11
4. A certeza da morte - 2:12-23

Goze a vida - 2:24

II. O PROBLEMA É DISCUTIDO - 3 - 10

Cada argumento acima é considerado:

1. A monotonia da vida - 3:1 - 5:9
 - (1) Olhe para o alto - 3:1-8
 - (2) Olhe para dentro - 3:9-14
 - (3) Olhe para frente - 3:15-22
 - (4) Olhe ao redor - 4:1 - 5:9
- Goze a vida - 3:12-15, 22
2. A futilidade da riqueza 5:10 - 6:12
 - (1) Usar a riqueza - 5:10-17
 - (2) Desfrutar a riqueza - 5:18 - 6:12
- Goze a vida - 5:18-20
3. A vaidade da sabedoria 7:1 - 8:17
 - (1) Tornamos a vida melhor - 7:1-10
 - (2) Vemos a vida com mais clareza - 7:11-18
 - (3) Encaramos a vida com mais força - 7:19 - 8:17

Goze a vida - 8:15

4. A certeza da morte 9:1 - 10:20
 - (1) A morte é inevitável - 9:1-10

- (2) A vida é imprevisível - 9:11-18
 - (3) Cuidado com a insensatez - 10:1-20
- Goze a vida - 9:7-10

III. O PROBLEMA É RESOLVIDO - 11 - 12

1. Viva pela fé - 11:1-6
 2. Goze a vida agora - 11:7 - 12:8
 3. Prepare-se para o julgamento - 12:9-14
- Goze a vida - 11:9, 10

CONTEÚDO

1. Vale a pena viver?
(Ec 1:1-3)..... 451
2. Os ciclos da vida
(Ec 1:4-18)..... 456
3. Desgostoso com a vida?
(Ec 2:1-26)..... 461
4. Tempo e trabalho
(Ec 3:1-22)..... 466
5. A vida não é justa
(Ec 4:1-16)..... 471
6. Pega ladrão!
(Ec 5:1-20)..... 476
7. A vida é uma rua sem saída?
(Ec 6:1-12)..... 481
8. Como melhorar de vida
(Ec 7:1-29)..... 486
9. E quanto aos perversos?
(Ec 8:1-17)..... 492
10. O encontro com o último inimigo
(Ec 9:1-18)..... 496
11. Um pouco de estultícia, muito perigo
(Ec 10:1-20)..... 501
12. A essência da vida
(Ec 11:1 - 12:14)..... 506

INTRODUÇÃO AO LIVRO DE ECLESIASTES

Quando me pediram para lançar uma série de livros sobre o Antigo Testamento, não pude pensar num livro melhor para começar do que *Eclesiastes*. E o título não poderia ser outro senão *Seja Contente*, pois essa é a essência do Livro de *Eclesiastes*.

O rei Salomão concluiu que a vida é repleta de dificuldades e de confusões e há muita coisa que ninguém é capaz de entender, quanto mais controlar. Do ponto de vista humano, tudo é vaidade e loucura. Porém, a vida é um dom que recebemos de

Deus, e ele deseja que a desfrutemos e usemos para sua glória. Assim, em vez de nos queixarmos daquilo que não temos, devemos começar a agradecer por aquilo que temos - e nos contentar!

A comunidade judaica lê *Eclesiastes* na comemoração anual da Festa dos Tabernáculos, a celebração alegre da colheita no outono. Trata-se de uma leitura bastante apropriada, pois Salomão escreve: "Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus" (Ec 2:24). Até mesmo o apóstolo Paulo (que dificilmente poderia ser chamado de hedonista) afirma que Deus "tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento" (1 Tm 6:17).

A vida sem Jesus Cristo é, de fato, "vaidade e correr atrás do vento" (Ec 1:14). Mas quando desenvolvemos um relacionamento pessoal com o Senhor e nos dedicamos fielmente a ele, experimentamos a "plenitude de alegria [e] delícias perpetuamente" (Sl 16:11).

VALE A PENA VIVER?

ECLESIASTES 1:1-3

“Vaidade de vaidades”, lamenta-se Salomão, “tudo é vaidade”. Salomão gostava do termo “vaidade”, pois o usou 35 vezes ao falar da vida “debaixo do sol”. A palavra significa “vazio, futilidade, vapor, aquilo que desaparece rapidamente e não deixa coisa alguma para trás”.

Do ponto de vista humano (“debaixo do sol”), a vida de fato parece fútil, e é fácil nos deixarmos levar pelo pessimismo. O escritor judeu Sholom Aleichem descreveu a vida como “uma bolha sobre um tumor e um furúnculo em cima dessa bolha”. Pode-se quase sentir essa definição!

O poeta norte-americano Carl Sandburg comparou a vida a “uma cebola que você descasca uma camada de cada vez e que, por vezes, faz você chorar”. De acordo com o dramaturgo inglês George Bernard Shaw, a vida é “uma série de loucuras inspiradas”.

Aqueles que estudaram literatura inglesa na escola talvez tenham lido o poema “Rugby Chapel” de Matthew Arnold, no qual ele inclui a seguinte descrição sombria da vida:

Os homens, quase todos, andam em círculos
Aqui e ali - comendo e bebendo,
Falando, amando e odiando,
Juntando e desperdiçando.
Primeiro são exaltados.
E, depois, ao pó são atirados.
Lutando cegamente, realizando
Coisa alguma; e, por fim, morrendo.

Que alívio colocar de lado essas idéias pessimistas e ouvir Jesus Cristo dizer: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abun-

dância” (Jo 10:10). Ou ler a declaração maravilhosa de Paulo: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1 Co 15:58).

Nosso viver “não é vão”, se estiver de acordo com a vontade de Deus. É isso o que Salomão ensina neste livro com frequência esquecido e interpretado de modo tão equivocado.

Antes de embarcarmos em nosso estudo de Eclesiastes, é importante nos familiarizarmos com o autor e com seu objetivo ao escrever o livro. Desejamos, também, apresentar uma visão geral do livro, a fim de compreendermos melhor como ele aborda a resposta para a questão “Vale a pena viver?”

1. O AUTOR

O autor não menciona seu nome em parte alguma do livro, mas as descrições que apresenta de si mesmo e de suas experiências indicam que se trata do rei Salomão. Ele se chama de “filho de Davi” e “rei de Jerusalém” (1:1, 12) e afirma ter grande riqueza e sabedoria (2:1-11; 1:13; ver 1 Rs 4:20-34; 10:1ss). Em resposta à oração humilde de Salomão, Deus lhe prometeu sabedoria e também riqueza (1 Rs 3:3-15) e cumpriu sua promessa.

Em doze ocasiões ao longo de Eclesiastes, o autor menciona “o rei” e faz referência freqüente aos problemas da “burocracia governamental” (4:1-3; 5:8; 8:11; 10:6, 7). É importante lembrar que Salomão reinou sobre uma grande nação, o que requeria um exército efetivo numeroso e vários órgãos governamentais. Realizou diversos projetos caros de construção e viveu numa corte repleta de luxo e ostentação (1 Rs 9:10-28 e 10:1ss; 2 Cr 1:13-17). Alguém precisava administrar todo esse esplendor nacional e pagar por tudo isso!

Salomão resolveu o problema desconsiderando as fronteiras originais entre as doze tribos de Israel e dividindo o país em doze “distritos tributários”, cada um deles administrado por um governador (1 Rs 4:7-19). Com o tempo, esse sistema tornou-se opressivo e corrupto, e, depois da morte de Salomão,

o povo implorou por alívio (2 Cr 10). Ao estudar Eclesiastes, pode-se sentir esse contexto de exploração e de opressão.

Salomão começou a reinar como um servo humilde do Senhor, buscando a sabedoria e a ajuda de Deus (1 Rs 3:5-15). Com o passar do tempo, seu coração afastou-se de Jeová e se voltou para os falsos deuses das muitas esposas estrangeiras que havia tomado para si (1 Rs 11:1ss). A maioria desses casamentos não envolvia afeição, mas sim questões políticas, uma vez que Salomão fez alianças com várias nações ao redor de Israel. Na verdade, muitas das coisas que Salomão fez e que pareceram exaltar Israel foram contrárias à Palavra de Deus (Dt 17:14-20).

Não havia dinheiro nem autoridade que pudesse deter a aproximação silenciosa, porém certa, do julgamento divino.

Nas palavras do conhecido pregador escocês Alexander Whyte: “o verme escondido [...] estava a carcomer o bastão real sobre o qual Salomão se apoiava”. Os anos finais da vida do rei foram extremamente tristes, pois Deus removeu sua bênção (1 Rs 11) e só preservou o trono de Salomão por causa da promessa feita a Davi. Depois da morte de Salomão, a nação dividiu-se, e a casa de Davi ficou com apenas duas tribos, Judá e Benjamim.

Eclesiastes dá a impressão de ser o tipo de livro que uma pessoa escreveria perto do final da vida, refletindo sobre as experiências e as lições aprendidas. É bem provável que Salomão tenha escrito Provérbios (Pv 1:1; 1 Rs 4:32) e Cantares (1:1) no tempo em que ainda era fiel a Deus e que, no fim de seus dias, tenha escrito o Livro de Eclesiastes. Não há registro algum de que o rei se arrependeu e voltou para o Senhor, mas sua mensagem em Eclesiastes sugere que foi o que aconteceu.

O rei escreveu Provérbios do ponto de vista de um mestre sábio (1:1-6) e Cantares do ponto de vista de um amante real (3:7-11), mas ao escrever Eclesiastes, chamou a si mesmo de “o Pregador” (1:1, 2, 12; 7:27; 12:8-10). O termo hebraico para essa designação é *Koheleth*, título dado a um orador oficial que convoca uma assembléia (ver 1 Rs 8:1). O termo grego usado para “assembléia” é *ekklesia*, daí o nome do livro, Eclesiastes.

Porém, o Pregador não se limitou a convocar uma assembléia e fazer um discurso. O termo *Koheleth* também transmite a idéia de *argumentar*, não tanto com os ouvintes, mas consigo mesmo. O Pregador apresentou um tema e, então, o discutiu a partir de vários pontos de vista; por fim, chegou a uma conclusão prática. O Livro de Eclesiastes pode parecer uma coletânea aleatória de idéias variadas sobre diversos assuntos, mas Salomão garante que seu texto foi escrito de modo ordenado (12:9).

Consideremos, agora, o objetivo e o desenvolvimento do livro.

2. O OBJETIVO

Salomão colocou a chave para Eclesiastes logo na porta de entrada: “Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade. Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?” (1:2, 3). Caso, ainda assim, alguém não encontrasse a chave, colocou-a também na porta de trás (12:8). Nesses versículos, Salomão apresenta algumas palavras e expressões fundamentais que aparecem repetidamente ao longo de Eclesiastes, de modo que devemos nos familiarizar com elas.

Vaidade de vaidades. Observamos anteriormente que Salomão usa o termo “vaidade” 35 vezes neste livro. Trata-se da palavra hebraica *hevel*, que significa “vazio, futilidade, vapor”. É provável que o nome “Abel” venha do mesmo radical (Gn 4:2). Tudo o que desaparece rapidamente sem deixar qualquer vestígio pode ser considerado *hevel*, *vaidade*. Um de meus professores do seminário definiu *hevel* como “aquilo que resta depois que se estoura uma bolha de sabão”.

Ao considerar sua riqueza, suas obras ou seu mundo, Salomão chega à mesma conclusão: tudo é “vaidade e correr atrás do vento” (2:11). No entanto, essa não é sua conclusão final, como também não é a única mensagem que deseja transmitir a seus leitores, como veremos mais adiante.

Debaixo do sol. Encontramos essa expressão importante repetida 27 vezes em Eclesiastes e também, “debaixo do céu” (1:13; 2:3; 3:1). Trata-se de uma definição

do ponto de vista do autor ao olhar para a vida pela perspectiva humana e não necessariamente do ponto de vista do céu. Aplica a própria sabedoria e experiências à situação complexa do ser humano e tenta encontrar algum sentido na vida. Salomão escreveu essas palavras sob a inspiração do Espírito Santo (12:10, 11; 2 Tm 3:16), de modo que são palavras que Deus desejava transmitir a seu povo. Porém, ao longo de nosso estudo, devemos nos lembrar de que esse é o ponto de vista de Salomão: uma análise da vida “debaixo do sol”.

G. Campbell Morgan resume perfeitamente a perspectiva de Salomão: “Foi um homem que passou por todas essas experiências debaixo do sol sem se preocupar com coisa alguma acima do sol [...], até que chegou o momento em que já vislumbrara a vida toda. Havia, porém, algo acima do sol. Somente quando um homem leva em consideração o que há também acima do sol é que as coisas debaixo do sol podem ser vistas sob sua verdadeira ótica”¹

Proveito. O termo hebraico *yitron*, que costuma ser traduzido por “proveito” ou “vantagem”, é usado dez vezes em Eclesiastes (1:3; 2:11, 13 [“proveitosas”]; 3:9; 5:9, 16; 7:12 [proveito]; 10:10, 11 [“vantagem”]). Esse termo não é usado em nenhuma outra parte do Antigo Testamento e significa, em geral, “aquilo que resta”. Pode ser traduzido por “excedente, vantagem ou ganho”. Esse termo é exatamente o oposto de “ vaidade”. Salomão pergunta: “À luz de todos os mistérios e problemas da vida, que vantagem há em se viver? Há, por acaso, algum proveito?”

Trabalho. Pelo menos 11 termos hebraicos são traduzidos por “trabalho”, e um deles é *amal*, usado 23 vezes em Eclesiastes. Significa “labutar até a exaustão e sentir pouca ou nenhuma realização nesse trabalho”. Dá a idéia de tristeza, miséria, frustração e fadiga. Moisés expressou o significado dessa palavra em Deuteronômio 26:7 e Salmo 90:10. É evidente que, do ponto de vista “debaixo do sol”, o trabalho diário de uma pessoa parece fútil e penoso, mas o cristão sempre pode se apropriar das palavras de 1 Coríntios 15:58 e trabalhar com alegria

dentro da vontade de Deus, sabendo que “no Senhor, o [seu] trabalho não é em vão”.

Homem. Trata-se do conhecido termo hebraico *adam* (Gn 1:26; 2:7, 19) e se refere ao homem como um ser feito do pó (em hebraico, *adama*; Gn 2:7; 3:19). Por certo, o homem é feito à imagem de Deus, mas veio do pó e é para o pó que volta depois da morte. Salomão usa esse termo 35 vezes ao analisar o homem “debaixo do sol”.

Essas são as palavras básicas apresentadas nos versículos iniciais de Eclesiastes, mas há, ainda, algumas outras palavras-chave que devemos considerar.

Mal. Este termo é usado 31 vezes no original traduzido por “enfadonho” (1:13; 4:8), “grave mal” (5:13), “arruinar” (8:9), “perverso” (10:13), “penoso” (2:17), “adversidade” (7:14, 15), “mal” (8:6). Trata-se do oposto de “bem” e inclui uma porção de coisas: dor, tristeza, circunstâncias difíceis e aflição. É um dos termos prediletos do rei Salomão para descrever a vida como ele a vê “debaixo do sol”.

Gozo. Apesar de todos os conflitos dolorosos com o mundo e seus problemas, Salomão não recomenda o pessimismo nem o cinismo. Antes, nos admoesta a ser realistas a respeito da vida, a aceitar as dádivas de Deus e a desfrutá-las (2:24; 3:12-15, 22; 5:18-20; 8:15; 9:7-10; 11:9, 10). Afinal, Deus “tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17). Palavras relacionadas, como, por exemplo, “gozar”, são usadas pelo menos 17 vezes em Eclesiastes. Salomão não diz: “comamos, bebamos e nos alegremos, pois amanhã morreremos!” Antes, nos aconselha a confiar em Deus e a desfrutar aquilo que *temos*, em vez de nos queixar daquilo que *não temos*. A vida é curta e difícil, de modo que devemos aproveitá-la ao máximo enquanto podemos.

Sabedoria. Uma vez que este é um dos livros de sabedoria do Antigo Testamento, Eclesiastes certamente trata tanto da sabedoria quanto da loucura. No original, há pelo menos 32 referências à “loucura” e ao “louco” e pelo menos 54 referências à “sabedoria”. O rei Salomão foi o mais sábio de todos os homens (1 Rs 4:31) e aplicou tal sabedoria

ao tentar compreender a vida “debaixo do sol”. Procurou ser um filósofo, mas, no final, foi obrigado a concluir: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos” (12:13).

Deus. Salomão menciona Deus 40 vezes, usando sempre o termo *Elohim*, nunca “Jeová”. *Elohim* (“Deus” em nossas versões da Bíblia) é o Deus Todo-Poderoso, o Deus glorioso da criação que exerce seu poder soberano. Jeová (“SENHOR” em nossas versões da Bíblia) é o Deus da aliança, o Deus da revelação, eternamente auto-existente e que, no entanto, em sua graça, se relaciona com o ser humano pecador.

Antes de encerrarmos o estudo do vocabulário de Eclesiastes, devemos observar que este é um livro repleto de pronomes pessoais, o que não surpreende, uma vez que se trata de uma autobiografia. Salomão era a pessoa ideal para escrever este livro, pois possuía riqueza, sabedoria e as oportunidades necessárias para realizar os “experimentos” dessa investigação sobre o significado da vida. Deus não levou o rei Salomão a desobedecer a ele para que pudesse escrever este livro, mas usou as experiências de Salomão como forma de prepará-lo para esta tarefa.

3. A ANÁLISE

O esboço de Eclesiastes, no início deste estudo do livro, indica os lugares em que Salomão nos admoesta a gozar a vida e a nos contentar com o que Deus nos deu.

Em Eclesiastes 12:8-12, Salomão explica de que maneira escreveu o livro: procurou as melhores palavras e as organizou na melhor ordem possível. Ao escrever, incluiu “agulhões” para estimular nosso raciocínio e “pregos” nos quais podemos pendurar algumas conclusões práticas. É importante ter isso em mente ao longo do estudo do livro. Sua obra foi inspirada por Deus, pois foi conduzido pelo “Pastor” (Sl 80:1).

4. A APLICAÇÃO

Qual a aplicação prática deste livro para nós em nossos dias? Eclesiastes não passa de uma exposição interessante num museu religioso ou tem uma mensagem para as pessoas da “era espacial”?

Sua mensagem é para os dias de hoje. Afinal, a sociedade que Salomão investigou um milênio antes do nascimento de Cristo não era tão diferente do mundo atual. Salomão viu pobres injustiçados (4:1-3), políticos corruptos (5:8), líderes incompetentes (10:6, 7), pessoas culpadas que permaneceram impunes e livres para cometer outros crimes (8:11), materialismo (5:10) e saudades dos “bons tempos” de outrora (7:10). Tudo isso parece bem atual, não é mesmo?

Eclesiastes insta aqueles que não creem em Jesus Cristo a depositar nele sua fé, pois por mais riqueza, instrução e prestígio social que uma pessoa tenha, a vida sem Deus é fútil. Se alguém espera encontrar satisfação e realização pessoal nessas coisas, está apenas “correndo atrás do vento”. “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?”, perguntou Jesus (Mc 8:36).

Salomão experimentou de tudo na vida e descobriu que os bens, os prazeres, o poder e o prestígio não oferecem qualquer satisfação duradoura. Teve tudo e, no entanto, sua vida foi vazia! Não há necessidade de vivenciar as mesmas experiências de Salomão. Antes, o melhor é aceitar suas conclusões e evitar a aflição e o sofrimento pelos quais o rei deve ter passado no laboratório na vida. Salomão experimentou coisas que custam caro e que, no final, podem até levar à morte.

Quando pertencemos à família de Deus pela fé em seu Filho, a vida não é monótona; antes, é uma aventura diária que constrói o caráter e que nos permite servir uns aos outros para a glória de Deus. Em vez de tomarmos decisões com base na sabedoria vã deste mundo, temos à nossa disposição a sabedoria de Deus (Tg 1:5).

No que se refere à riqueza e ao prazer, Deus “tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17). “A bênção do SENHOR enriquece, e, com ela, ele não traz desgosto” (Pv 10:22). A riqueza e os prazeres do mundo não satisfazem e a busca por poder e *status* é inútil. Em Jesus Cristo, temos tudo de que precisamos para a vida e a morte, para o tempo e a eternidade.

Se há uma verdade que Salomão enfatiza neste livro, sem dúvida é a morte. Por mais que Salomão tenha realizado grandes coisas ou desfrutado a vida, a sombra assustadora da morte estava sempre pairando sobre ele. Porém, Jesus Cristo venceu a morte e é “a ressurreição e a vida” (Jo 11:25). A vitória de sua ressurreição significa que “no Senhor, o [nosso] trabalho não é vão” (1 Co 15:58).

Para aqueles que não conhecem Jesus Cristo como Salvador, tudo pelo que trabalham e vivem acabará perecendo, e eles também perecerão. Porém, a fé em Jesus Cristo concede o dom da vida eterna e o privilégio de servi-Lo e de investir os anos de nossa vida naquilo que é eterno.

Assim, a primeira mensagem de Eclesiastes é: abandone a futilidade do pecado e do mundo e deposite sua fé em Jesus Cristo (Jo 3:16; Ef 2:8-10).

No entanto, para aqueles que crêem em Jesus Cristo e que receberam a dádiva da vida eterna, Salomão pergunta: “Vocês estão vivendo para o Senhor ou para as coisas do mundo?” É importante lembrar que Salomão conhecia a Deus e foi grandemente abençoado por ele, mas, ainda assim, deixou o Senhor e seguiu os próprios caminhos. Não é de se admirar que o rei se enchesse de pessimismo e de ceticismo ao observar a vida! Faltou-lhe a perspectiva de Deus, pois não estava vivendo para os propósitos do Senhor.

Muitos cristãos seguem o péssimo exemplo de Salomão e passam a viver em função das coisas do mundo. Paulo escreve sobre um de seus companheiros de ministério: “Demas, tendo amado o presente século, me abandonou” (2 Tm 4:10). O apóstolo João adverte: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo” (1 Jo 2:15), e Tiago admoesta o cristão a “a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (1:27).

Quando passamos a viver para o mundo, não para a vontade de Deus, começamos a ver as coisas do ponto de vista errado: da

perspectiva “debaixo do sol” e não “acima do sol”. Em vez de buscarmos as coisas do alto (Cl 3:1ss), dedicamo-nos inteiramente às coisas aqui de baixo. Essa visão errada logo leva à adoção de valores errados, e deixamos de viver em função daquilo que é eterno. O resultado é decepção e derrota, e o único remédio é o arrependimento e a confissão dos pecados (1 Jo 1:9).

Eclesiastes também tem uma mensagem para o cristão fiel que deseja servir ao Senhor e ter uma vida realizada em Jesus Cristo. Salomão diz para não enterrarmos a cabeça na areia e fazer de conta que os problemas não existem. Isso é ilusão! Devemos encarar a vida com honestidade, mas fazê-lo do ponto de vista de Deus. As filosofias humanas só causam decepção. Precisamos usar a sabedoria que Deus nos deu, mas não esperar com isso a solução para todos os problemas ou a resposta para todas as perguntas. O mais importante é obedecer à vontade de Deus e desfrutar aquilo que ele nos dá. Não podemos nos esquecer de que a morte se aproxima, e, portanto, devemos estar preparados!

Talvez a melhor síntese desta mensagem seja a oração de Moisés: “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coação sábio” (Sl 90:12).

Comecei este capítulo citando algumas das metáforas que descrevem a “vida” e desejo falar de mais uma. De acordo com o escritor norte-americano Peter De Vries: “A vida é uma auto-estrada congestionada, com trevos confusos, na qual o homem quase sempre acaba voltando a toda velocidade para o lugar de onde veio”.

Isso não precisa acontecer conosco! O rei Salomão já realizou uma exploração exaustiva dessa estrada e forneceu um mapa confiável para nos orientarmos. Ao seguir a Palavra de Deus, encontraremos a satisfação.

Estamos prontos para a jornada? O que escolheremos: a vaidade ou a vitória?

OS CICLOS DA VIDA

ECLESIASTES 1:4-18

Nas palavras do índio sioux Alce Preto: “O índio faz tudo em ciclos. Até mesmo as estações formam um ciclo maior com suas mudanças, sempre voltando ao mesmo ponto. A vida do homem é um ciclo, que vai da infância à infância”.

Podemos até pensar que Alce Preto estudou o primeiro capítulo de Eclesiastes. Porém, é preciso lembrar que, ao longo dos séculos, homens e mulheres de diferentes nações e culturas têm refletido sobre os mistérios dos “ciclos” da vida humana. Sempre que usamos expressões como “ciclo de vida”, “viravolta” ou “roda da fortuna”, estamos falando das mesmas coisas que Salomão, Alce Preto e inúmeros pensadores e observando a vida e a natureza sob um ponto de vista cíclico.

No entanto, para Salomão, essa perspectiva “cíclica” da vida foi um fardo, pois se a vida é apenas um grande ciclo sobre o qual não temos controle algum, de que vale ser vida? Se esse ciclo repete-se estação após estação, século após século, por que não somos capazes de entendê-lo nem de explicá-lo?

Salomão refletiu sobre essas questões ao olhar para o ciclo da vida “debaixo do sol” e chegou a três conclusões desanimadoras: nada muda (1:4-7), nada é novo (1:8-11) e nada é compreensível (1:12-18).

1. NADA MUDA (EC 1:4-7)

Nesta seção, Salomão aborda o problema como um cientista e examina o “ciclo da natureza” a seu redor: a terra, o sol, o vento e a água (o que nos faz lembrar dos “elementos” da Antiguidade: terra, ar, fogo e água). O que lhe causou espanto foi o fato de gerações

de pessoas terem passado, enquanto as coisas da natureza permaneceram inalteradas. Há “mudança” por toda parte, mas, na verdade, nada muda. Tudo faz parte do “ciclo da natureza” e contribui para a monotonia da vida. Assim, Salomão pergunta: “Vale a pena viver?”

O rei apresenta quatro evidências para provar que, na verdade, nada muda.

A Terra (v. 4). Do ponto de vista humano, nada parece mais permanente e duradouro do que o planeta em que vivemos, e Salomão demonstra essa mesma confiança na permanência da Terra. Com toda a sua diversidade, a natureza é uniforme o suficiente em seu funcionamento para que sejamos capazes de descobrir suas “leis” e de usá-las em nosso favor. Na verdade, é justamente essa “confiabilidade” que serve de base para a ciência moderna.

A natureza é permanente, enquanto o homem é transitório e não passa de um peregrino na terra. Sua peregrinação é curta, pois a morte acaba por levá-lo embora. Logo no início de seu livro, Salomão apresenta um tema mencionado com frequência em Eclesiastes: a brevidade da vida e a certeza da morte.

Indivíduos e famílias vêm e vão, nações e impérios se levantam e caem, mas nada muda, pois o mundo continua o mesmo. Thomas Carlyle chamou a história de “drama intenso representado no teatro do tempo, iluminado por sóis e tendo como pano de fundo a eternidade”. Salomão acrescentaria ainda que os trajés e as cenas podem mudar de vez em quando, mas os artistas e os roteiros são praticamente os mesmos.

O Sol (v. 5). Passamos agora do ciclo de nascimento e morte na Terra para o ciclo de dia e noite no céu. Salomão retrata o Sol nascendo no Oriente e “arquejando” (tradução literal) em seu caminho pelo céu rumo ao Ocidente. Mas qual é o resultado dessa jornada diária? Qual é o propósito de todo esse movimento e calor? No que diz respeito ao céu, os dias são todos iguais e o céu é sempre o mesmo.

O vento (v. 6). Do movimento visível do Sol, saindo do Oriente e se dirigindo ao

Ocidente, Salomão passa para o movimento invisível do vento, partindo do norte e se deslocando para o sul. Com isso, não está dando uma aula sobre a física do vento. Antes, está afirmando que o vento apresenta movimentos constantes, seguindo “percurso” que o ser humano não é capaz de compreender nem traçar com precisão. “O vento sopra onde quer”, disse Jesus a Nicodemos: “[...] mas não sabes donde vem, nem para onde vai” (Jo 3:8).

De acordo com a argumentação de Salomão, o vento está sempre se movendo e mudando de direção, ainda assim, não é outra coisa senão vento! Ouvimos e sentimos o vento e vemos o que ele faz, mas ao longo dos séculos, ele não mudou seus ciclos nem seus percursos. Os seres humanos passam, mas o vento imutável permanece para sempre.

O mar (v. 7). Salomão descreve o “ciclo da água” que ajuda a sustentar a vida em nosso planeta. De acordo com os cientistas, em qualquer momento considerado, 97% de toda a água da Terra encontram-se nos oceanos e somente 0,0001% encontra-se na atmosfera, disponível para formar a chuva (o suficiente para cerca de dez dias de chuva). O trabalho cooperativo do sol e do vento possibilitam a evaporação e o movimento da umidade e, desse modo, mantém a água “circulando”. Mas o mar nunca muda! Os rios e chuvas derramam sua água nos mares, mas eles permanecem sempre os mesmos.

Assim, quer olhemos para terra ou para o céu, para os ventos ou para as águas, chegamos à mesma conclusão: a natureza não muda. Os movimentos não produzem avanços. Não é de se admirar que Salomão citasse a *monotonia da vida* como o primeiro argumento para provar que não vale a pena viver (1:4-11).

Mas isso tudo só é verdade se considerarmos a vida “debaixo do sol” e deixarmos Deus de fora. Nesse caso, o mundo torna-se um sistema fechado, uniforme e imutável. Um mundo onde não há respostas para as orações nem milagres, pois nada pode interromper o ciclo da natureza. Se existe um Deus nesse tipo de mundo, ele não é capaz de operar em nosso favor, pois se encontra

preso às “leis da natureza” que não podem ser quebradas.

Porém, Deus *quebra* as leis da natureza, a fim de fazer coisas grandes e maravilhosas! Ele ouviu as orações e opera em favor de seu povo. Ele deteve o Sol para que Josué pudesse terminar uma batalha importante (Js 10:6-14) e fez o Sol retroceder como um sinal para o rei Ezequias (Is 38:1-8). Abriu o mar Vermelho e o rio Jordão para Israel (Êx 14; Js 3 - 4). Reteve as chuvas para Elías (1 Rs 17) e as fez cair novamente (Tg 5:17, 18). Acalmou o vento e as ondas para os discípulos (Mc 4:35-41) e, no futuro, usará as forças da natureza para trazer terror e julgamento sobre o povo da Terra (ver Ap 6ss).

Quando, pela fé, recebemos Jesus Cristo como nosso Salvador, e Deus se torna o nosso Pai celeste, deixamos de viver num “sistema fechado” de ciclos monótonos infundáveis. Podemos declarar com toda alegria que este é o mundo de nosso Pai e ter certeza de que ele suprirá todas as nossas necessidades ao confiarmos nele (Mt 6:25-34). Os cristãos vivem neste mundo como peregrinos, não como prisioneiros e, portanto, são alegres e confiantes.

2. NADA É NOVO (Ec 1:8-11)

Se nada muda, então é razoável concluir que nada neste mundo é novo. Talvez essa “conclusão lógica” fosse satisfatória para as pessoas no tempo de Salomão, mas para nós é assustadora. Afinal, estamos cercados e dependemos das incontáveis maravilhas que a ciência moderna nos oferece – desde telefones até marca-passos e remédios miraculosos. Como é possível alguém que viu Neil Armstrong andar na Lua concordar com a afirmação de Salomão de que não há nada de novo debaixo do Sol?

Nessa parte de sua argumentação, Salomão deixa de ser um cientista e se torna um historiador. Eis os passos de seu raciocínio.

O ser humano deseja algo novo (v. 8). Isso porque, em última análise, tudo no mundo torna-se cansativo, e as pessoas anseiam por algo que as distraia ou que as liberte. São como os atenienses do tempo de Paulo, que “de outra coisa não cuidavam senão dizer

ou ouvir as últimas novidades” (At 17:21). Porém, mesmo enquanto conversavam sobre essas “últimas novidades”, viam-nas e ouviam-nas, continuavam insatisfeitos com a vida e dispostos a fazer qualquer coisa para encontrar verdadeira libertação. É claro que a indústria do entretenimento refestela-se com esse anseio humano por novidades e se aproveita ao máximo disso.

Em Eclesiastes 3:11, Salomão explica por que as pessoas não se satisfazem com a vida: Deus “pôs a eternidade no coração do homem”, e ninguém pode encontrar paz e satisfação fora de Deus. Nas palavras de Agostinho: “Tu nos fizeste para ti mesmo e nosso coração não encontra descanso até descansar em ti”. Os olhos não se satisfazem até verem a mão de Deus, e os ouvidos não se satisfazem até ouvirem a voz de Deus. Devemos responder pela fé ao convite de nosso Senhor: “Vinde a mim [...] e eu vou aliviarei” (Mt 11:28).

O mundo não oferece nada de novo (v. 9, 10). O Dr. H. A. Ironside, que durante muitos anos pastoreou a igreja Moody em Chicago, costumava dizer: “Se é novidade, não é verdade; se é verdade, não é novidade”. As novidades não passam de novas combinações daquilo que já existe. O homem não é capaz de “criar” coisa alguma, pois é criatura, não Criador. “O que é já foi, e o que há de ser também já foi; Deus fará renovar-se o que se passou” (3:15). Thomas Alva Edison, um dos maiores inventores do mundo, afirmou que suas invenções só estavam “revelando os segredos da natureza e usando-os para a felicidade da humanidade”.

Somente Deus pode criar coisas novas, ele começa transformando os pecadores em “novas criaturas”, quando crêem em Jesus Cristo e recebem a salvação (2 Co 5:17). Então, podem andar “em novidade de vida” (Rm 6:4), cantar “um novo cântico” (Sl 40:3) e entrar na presença de Deus “pelo novo e vivo caminho” (Hb 10:20). Um dia, desfrutaremos um “novo céu e nova terra” (Ap 21:1), quando Deus disser: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21:5).

Por que pensamos que as coisas são novas (v. 11)? A resposta é simples: temos

péssima memória e não lemos as atas das reuniões anteriores (ver 2:16; 4:16 e 9:5). Alguém disse bem que os antigos roubaram todas as nossas melhores idéias – uma verdade dolorosa.

Um rapaz me abordou numa conferência e perguntou se podia me falar de algumas idéias novas para o ministério com jovens. Apresentou-me uma descrição empolgada de seu programa, porém quanto mais eu ouvia, mas conhecidas as idéias pareciam. Eu o incentivei a colocar suas idéias em prática, mas também comentei com ele que havia feito tudo isso com o ministério Moci-dade para Cristo antes mesmo de ele nascer e que o pessoal da MPC continuava usando esses programas. Ele ficou um pouco aturdido quando descobriu que, de fato, não há nada de novo debaixo do Sol.

É evidente que, nesse caso, Salomão está se referindo aos princípios básicos da vida, não a métodos. Como diz um versinho: “muitos são os métodos, poucos os princípios / métodos sempre mudam, só permanecem os princípios”. Os pensadores da Antiguidade sabiam disso, e o filósofo estóico Marco Aurélio escreveu: “Aqueles que nos sucederem não verão coisa alguma nova e aqueles que nos antecederam não viram mais do que nós”. As únicas pessoas que acreditam ter visto algo novo são as que têm pouca experiência ou que não possuem visão suficiente para enxergar além da superfície das coisas. O fato de algo ser recente não significa que é novo; é fácil pensar que algo inovador é original.

3. NADA É COMPREENSÍVEL (Ec 1:12-18)

Agora, Salomão deixa o papel de historiador e se transforma em filósofo, contando-nos como saiu em busca da resposta para o problema que o deixou tão perplexo. Como rei de Israel, possuía todos os recursos necessários para “experimentar” soluções diferentes e descobrir o que fazia a vida valer a pena. No laboratório da vida, experimentou desfrutar vários prazeres físicos (2:1-3), realizar obras colossais e dispendiosas (2:4-6) e acumular enormes riquezas (2:7-10), tudo

isso só para descobrir que tudo não passa de “ vaidade e correr atrás do vento ” (v. 14).

Porém, antes de dar início aos seus experimentos, Salomão gastou tempo refletindo sobre o assunto. Foi o mais sábio de todos os homens e aplicou a esse problema a sabedoria que havia recebido de Deus. Dedicou toda a sua mente a essa questão a fim de chegar a seu cerne (“ aplicar o coração ”) e a explorá-las por todos os ângulos (“ esquadrinhar ”). Em um de seus livros de mistério, Dorothy Sayers escreve: “ Pode-se provar qualquer coisa, dede que sua perspectiva seja restrita o suficiente ”. Salomão não usou essa abordagem.

Eis algumas das suas conclusões experimentais:

A vida é difícil, mas é uma dádiva de Deus (v. 13). Ele descreve a vida como “ enfadonho trabalho ”, que só serve para cansar os seres humanos. É evidente que quando Deus deu vida ao primeiro homem, o mundo ainda não havia sido amaldiçoado pelo pecado (Gn 3:14ss). Desde a queda do homem, “ toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora ” (Rm 8:22); esse é um dos motivos pelos quais a vida é tão difícil. Um dia, quando Jesus voltar, a criação será liberta dessa escravidão.

Certa noite, sentado no quintal de casa, ouvi um passarinho cantar alegremente, empoleirado numa antena de televisão. Enquanto o ouvia, preguei um sermão para mim mesmo:

Desde as primeiras horas da manhã, esse passarinho não fez outra coisa senão tentar sobreviver. Escondeu-se dos inimigos até a exaustão e procurou alimento para si mesmo e para seus filhotes. No entanto, no fim do dia, *aquí está ele, cantando!*

E aqui estou eu, criado à imagem de Deus e salvo pela graça do Senhor, me queixando dos menores incômodos da vida. Um dia, serei como o Senhor Jesus Cristo, e esse fato é mais do que suficiente para me fazer cantar louvores a Deus como esse passarinho.

Tentar fugir da vida não a torna mais fácil (v. 14). Todas as obras feitas “ debaixo do

sol ” nunca satisfazem o coração. Não passam de “ vaidade e correr atrás do vento ” (v. 14). Tanto aqueles que trabalham compulsivamente quanto os que bebem compulsivamente estão fugindo da realidade e vivendo de substitutos, e, um dia, essa ilusão terá fim. Nossas tentativas de fuga só servem para tornar a vida ainda mais difícil. Em vez de fugir da vida, deveríamos correr para Deus e deixá-lo fazer nossa vida valer a pena!

A porta de escape final de alguns é o suicídio, e Salomão tinha algo a dizer sobre o desejo humano de morrer. Alguns pesquisadores afirmam que, por ano, cerca de 40 mil pessoas cometem suicídio nos Estados Unidos e outras 400 mil tentam se matar. Porém, uma vez que *escolhemos viver* e que tomamos a decisão correta de rejeitar o suicídio, precisamos escolher *como* vamos viver. Será pela fé em nós mesmos e naquilo que somos capazes de fazer ou pela fé no Senhor?

Nem tudo pode ser mudado (v. 15). É bem provável que Salomão, um especialista em provérbios (1 Rs 4:32), esteja citando aqui um ditado popular que apóia sua argumentação. Em 7:13, faz uma declaração semelhante. Se gastarmos nosso tempo e energia tentando retificar tudo o que está errado, não nos restarão forças para viver! Se tentarmos gastar aquilo que não temos, acabaremos falidos.

Em resumo, Salomão está dizendo: “ Nem sempre o passado pode ser mudado e é tolice se afligir pensando no que poderia ter sido feito ”. Ken Taylor apresenta a seguinte paráfrase do versículo 15: “ O que está errado não pode ser consertado; é água que passou por debaixo da ponte; não adianta pensar no que poderia ter acontecido ”.

No entanto, devemos lembrar que Deus tem o poder de reparar o que está errado e suprir o que está em falta. Ele não mudará o passado, mas pode mudar a maneira de o passado nos afetar. Para o pecador, o passado é uma âncora que o arrasta para baixo; mas, para os filhos de Deus, o passado – mesmo com seus pecados e erros – é um leme que o guia adiante. O que faz diferença é a fé.

Em várias ocasiões ao longo de seu ministério aqui na terra, Jesus retificou o que

estava errado e proveu o que estava em falta (Lc 13:11-17; Mt 12:10-13; 15:29-39; Jo 6:1-13). O ser humano não é capaz de fazer o mesmo com a própria sabedoria ou poder, mas “para Deus não haverá impossíveis” (Lc 1:37). Salomão considerava esses problemas de seu ponto de vista “debaixo do sol” e, por isso, pareciam insolúveis.

A sabedoria e a experiência não resolvem problema algum (vv. 16-18). Há pelo menos dois motivos para que as pessoas que vivem sempre de explicações nunca encontrem a verdadeira felicidade. Em primeiro lugar, deste lado do céu, não há explicação para algumas coisas que acontecem, e Deus não tem obrigação de esclarecê-las. (Na verdade, se ele o fizesse, é possível que não entendêssemos!) Em segundo lugar, Deus ordenou que seu povo vivesse de promessas, não de explicações, e que vivesse *pela fé*, não pelas aparências. “Bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20:29).

Se houve alguém preparado para resolver problemas e para nos dizer qual é a essência da vida foi Salomão. Ele foi o homem mais sábio de todos os tempos, e pessoas de toda parte iam ouvir sua sabedoria (1 Rs 4:29-34). Sua riqueza era incalculável, de modo que possuía os recursos necessários para fazer praticamente qualquer coisa que desejasse. Em sua busca pelas respostas corretas, chegou até a experimentar “a loucura e a estultícia” (o absurdo, o oposto da sabedoria). Nada era difícil demais para ele.

Porém, essas vantagens não permitiram que Salomão encontrasse todas as respostas que buscava. Na verdade, sua grande sabedoria só *augmentou* suas dificuldades, pois a sabedoria e o conhecimento trazem mais aflição e tristeza. Quem nunca reflete sobre os problemas da vida e vive na inocência dia após dia nunca sente a dor de lutar com Deus e de procurar compreender seus caminhos.

Quanto mais buscamos conhecimento e sabedoria, mais percebemos como somos ignorantes, e isso só dificulta as coisas. Nas palavras de T. S. Eliot em “Choruses from ‘The Rock’” [“Cânticos da ‘Rocha’”], “Nosso conhecimento só nos aproxima ainda mais de nossa ignorância”. Como diz um antigo provérbio: “O homem sábio nunca está contente”.

Tudo isso remonta ao jardim do Éden e à oferta de Satanás a Eva, dizendo-lhe que, se comesse do fruto, teria conhecimento do bem e do mal (Gn 3). Quando Adão e Eva pecaram, adquiriram, de fato, um conhecimento empírico do bem e do mal, mas uma vez que se viram alienados de Deus, esse conhecimento só *augmentou* seu sofrimento. E assim tem sido desde então. Sejam aviões a jato, inseticidas ou a televisão, cada avanço no conhecimento e cada realização da humanidade criam uma nova série de problemas para a sociedade.

Para alguns, a vida pode ser monótona e sem sentido, mas não precisa ser assim. Para o cristão, a vida não é um círculo fechado, e sim uma porta aberta, com experiências diárias de novas bênçãos do Senhor. É verdade que não podemos explicar tudo, mas a vida não é feita de explicações; a vida é feita de promessas – e temos promessas de sobra na Palavra de Deus!

De acordo com o cientista, o mundo é um sistema fechado e nada muda.

De acordo com o historiador, a vida é um livro fechado e nada é verdadeiramente novo.

De acordo com o filósofo, a vida é um problema profundo e tudo é incompreensível.

Porém, Jesus Cristo é o “poder de Deus e sabedoria de Deus” (1 Co 1:24) e irrompeu de modo miraculoso na história para dar nova vida a todos que crêem nele.

Se você está andando em círculos, entregue sua vida ao Senhor.

DESGOSTOSO COM A VIDA?

ECLÉSIASTES 2:1-26

“O sublime está a apenas um passo do ridículo.” Acredita-se que Napoleão disse essas palavras depois de sua retirada humilhante de Moscou no inverno de 1812. A combinação da resistência obstinada dos russos com o inverno severo da Rússia foi demais para o exército francês, e a vitória sublime tão esperada transformou-se numa derrota vergonhosa.

Como parte de sua busca por “uma vida boa”, o rei Salomão examinou tudo, desde o sublime até o ridículo. No grande laboratório da vida, experimentou uma sucessão de coisas, aplicando sempre a sabedoria que Deus havia lhe dado (vv. 3, 9). Neste capítulo, Salomão registra três estágios de seus experimentos em busca de um sentido satisfatório para a vida.

1. ELE PROVOU A VIDA (Ec 2:1-11)

Salomão possuía os meios e a autoridade para fazer praticamente tudo o que seu coração desejava. Decidiu testar o próprio coração e ver como reagiria a duas experiências comuns da vida: o prazer (vv. 1-3) e o trabalho (vv. 4-11).

Prazer (vv. 1-3). O povo de Israel acreditava que Deus havia feito o homem para desfrutar as bênçãos de sua criação (Sl 104; e ver 1 Tm 6:17). A estação da colheita era um tempo de grande alegria, quando colhiam as bênçãos de Deus sobre o seu trabalho. No final de seu livro, Salomão admoesta seus leitores a gozar as bênçãos de Deus nos anos de sua mocidade, antes que a velhice chegue e o corpo comece a se degenerar (12:1ss). Em oito ocasiões ao longo de Eclesiastes, Salomão usa o termo hebraico que significa

“prazer”; fica evidente, portanto, que não considerava Deus um “estraga-prazeres”, sempre vigiando para se certificar de que ninguém se divertia.

Salomão menciona especificamente o vinho e o riso como fontes de prazer usadas em seu experimento. Não é preciso ter muita imaginação para ver o rei em seu suntuoso salão de banquetes (1 Rs.10:21), comendo as mais finas iguarias (1 Rs 4:22, 23), bebendo os melhores vinhos e assistindo aos artistas mais talentosos apresentando-se para seu divertimento (2:8b). Porém, terminada a festa, o rei examinou seu coração e constatou que ainda se encontrava insatisfeito e vazio. O prazer e a alegria não passam de vaidade, como uma porção de bolhas de sabão que estouram e que não deixam coisa alguma para trás.

É possível que muitos servos de Salomão invejassem o rei e quisessem trocar de lugar com ele, mas o rei não era feliz. “Até no riso tem dor o coração”, escreveu Salomão em Provérbios 14:13, “e o fim da alegria é tristeza”. O mundo de hoje é inteiramente voltado para o prazer. Milhões de pessoas pagam quase qualquer preço para “comprar experiências” e escapar temporariamente dos fardos da vida. Apesar de não haver nada de errado com o divertimento inocente, a pessoa que constrói a vida ao redor da busca pelo prazer está condenada a sofrer decepções no final.

Isso porque, dentre outras coisas, a busca pelo prazer normalmente se transforma num empreendimento egoísta, e o egoísmo destrói a verdadeira alegria. Quem vive em função do prazer com frequência explora outros para conseguir o que quer e acaba às voltas com uma porção de relacionamentos rompidos e com um coração vazio. *As pessoas são mais importantes do que coisas e as emoções intensas. Devemos ser canais, não represas; a maior alegria vem do ato de compartilhar com outros os prazeres que Deus nos dá.*

Para aqueles que vivem exclusivamente em função do prazer, a alegria torna-se cada vez menos intensa, e para experimentá-la novamente, o prazer precisa ser cada vez

maior. Por exemplo, quanto mais as pessoas bebem, menos alegria isso lhes dá. Assim, precisam consumir uma quantidade maior de bebidas cada vez mais fortes para sentir prazer; o resultado triste é um desejo sem satisfação. O princípio aplica-se não apenas ao álcool, mas também às drogas, a jogos de azar, a sexo, a dinheiro, a fama e a qualquer outra atividade: quando o centro da vida é somente o prazer, o resultado final é decepção e vazio.

Há ainda outro motivo pelo qual o prazer jamais pode satisfazer: ele toca apenas parte da pessoa e ignora seu ser como um todo. Essa é a diferença entre o “entretenimento” superficial e o verdadeiro “gozo”, pois quando a pessoa toda está envolvida, pode se alegrar e se desenvolver. O entretenimento tem seu lugar, mas devemos sempre lembrar que ele apenas nos ajuda a escapar temporariamente. O verdadeiro prazer não traz apenas gozo, mas também constrói o caráter e desenvolve a pessoa como um todo.

Trabalho (vv. 4-11). Em seguida, Salomão envolveu-se em diversos projetos, na esperança de descobrir algo que fizesse valer a pena viver. Começou com *grandes obras* (4:6), inclusive casas (1 Rs 7), cidades (2 Cr 8:4-6), jardins, vinhas, pomares e bosques (1 Rs 4:33) e os sistemas de abastecimento de água necessários para a manutenção de tudo isso. Claro que Salomão também supervisionou a construção do templo (1 Rs 5ss), uma das maiores edificações do mundo antigo.

Não apenas tinha obras, mas também *trabalhadores* (7a). O rei possuía dois tipos de escravos: os que haviam sido comprados e os que haviam nascido em sua casa. Poderia ter acrescentado ainda os 30 mil homens israelitas “alistados” para trabalhar em diversos projetos (1 Rs 5:13-18). Seu pai, Davi, havia recrutado os estrangeiros em Israel (1 Cr 22:2), mas Salomão alistou seus compatriotas, e o povo ressentiu-se com isso (ver 1 Rs 12).

Sem dúvida, Salomão acumulou *riquezas* (7b-8a) na forma de rebanhos de vários tipos (1 Rs 8:63) e também de ouro e prata

(1 Rs 4:21 e 10:1ss). Era o homem mais rico e mais sábio de todo o mundo, no entanto, era infeliz, pois as atividades por si mesmas não oferecem prazer duradouro.

É possível encontrar alegria na *realização* de grandes projetos, mas o que acontece quando são concluídos? Salomão deleitou-se *com* seu trabalho (2:10); mas, *depois*, ao considerar todas as suas obras, viu que não passavam de “vaidade e correr atrás do vento” (2:11). A jornada foi prazerosa, mas o destino mostrou-se doloroso. Como disse o pregador norte-americano Henry Ward Beecher: “O sucesso é cheio de promessas até ser obtido. Então, se torna o ninho do ano anterior, abandonado pelos pássaros”.

Não devemos concluir, com isso, que Salomão está condenando o trabalho em si, pois o trabalho é uma bênção de Deus. Mesmo antes de pecar, Adão foi incumbido de cuidar do jardim. “Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2:15). Em Provérbios, Salomão exalta a diligência e condena a preguiça, pois sabe que o trabalho honesto pode ser feito para a glória de Deus (1 Co 10:31). Porém, por mais bem-sucedido que seja, o trabalho *por si só* não é capaz de satisfazer o coração humano (Is 55:2).

Isso nos ajuda a entender por que muitas pessoas consideradas grandes realizadoras são infelizes. Ambrose Bierce chamou a realização de “morte do empreendimento e nascimento do desgosto”, e, com freqüência, é exatamente isso o que acontece. O grande empreendedor muitas vezes é alguém tentando escapar de si mesmo por meio do trabalho compulsivo, e o resultado é apenas decepção. Quando esses profissionais se aposentam, muitas vezes se sentem inúteis e até morrem por falta de atividades significativas.

Salomão provou a vida, e o próprio coração declarou: “Vaidade!”

2. ELE ABORRECEU A VIDA (EC 2:12-23)

A expressão “passei a considerar” significa, simplesmente, “considere as coisas a partir de outro ponto de vista”. Salomão considerou sua sabedoria (12-17) e sua riqueza

(18-23) *sob a ótica da morte*. De que adianta ser sábio se, um dia, morreremos e deixaremos tudo para trás?

A certeza da morte é um tema que Salomão menciona com freqüência em Eclesiastes (1:4; 2:14-17; 3:18-20; 5:15, 16; 6:6; 8:8; 9:2, 3, 12; 12:7, 8). Não é fácil evitar esse assunto quando se está analisando a vida “debaixo do sol”, pois a morte é um dos fatos óbvios da vida. De acordo com o ensaísta francês Montaigne: “A filosofia não é outra coisa senão o homem se preparando para morrer”. Só está preparado para morrer aquele que está preparado para viver.

Ele considerou sua sabedoria (vv. 12-17).

De que vale a sabedoria se tanto o insensato quanto o sábio morrem? Dentre outras coisas, podemos deixar a sabedoria como uma forma de orientação para a geração seguinte, mas como ter certeza de que os jovens lhe darão o devido valor e a seguirão? A pergunta: “Que fará o homem que seguir ao rei?” indica que é loucura gerações sucessivas realizarem os mesmos “experimentos” (e cometerem os mesmos erros), quando podem aprender com seus antepassados. Mas, ainda assim, é exatamente isso o que fazem! Não há nada de novo debaixo do sol (1:9); os jovens estão fadados a repetir o que já foi feito antes.

Apesar de a morte ser certa para todos os seres humanos, a sabedoria ainda tem mais valor do que a loucura. São tão diferentes quanto a noite e o dia! *O indivíduo sábio vê a morte se aproximando e vive de acordo com esse fato, enquanto o insensato caminha na escuridão e é pego desprevenido*. Porém, Salomão não considera que estar preparado para a morte é, necessariamente, um alívio do fardo da vida, pois uma pessoa precisa de muito tempo para aprender a viver só para depois morrer. Tudo isso parece extremamente fútil.

Tanto o sábio quanto o insensato morrem, e tanto um quanto o outro são esquecidos (v. 16). Por certo, a fama de Salomão permaneceu (1 Rs 4:29-34; Mt 6:28-30); mas a maioria das pessoas “famosas” que morreram raramente é mencionada em conversas comuns, apesar de suas biografias aparecerem

nas enciclopédias. (Aliás, observei que essas biografias são cada vez mais resumidas de uma edição para outra.) “Pelo que aborreci a vida!”, concluiu Salomão. Isso não significa, porém, que estava pensando em cometer suicídio, pois a morte era justamente aquilo que desejava evitar. “Odeio minha vida e, no entanto, tenho medo de morrer!”, disse o humanista francês, Voltaire; Salomão teria concordado com ele. Para Salomão, a vida parecia fútil e irracional e, no entanto, ainda era melhor que a morte. Podemos parafrasear essa declaração como: “Enfastiei-me da vida!”

Por mais difíceis que sejam as circunstâncias, um cristão saudável não chega a odiar a vida. É verdade que alguns grandes homens, como Jó (Jó 3:21 - 7:15), Moisés (Nm 11:15), Elias (1 Rs 19:4) e Jonas (Jn 4:3), quiseram morrer, mas não devemos considerar esses casos específicos como exemplos a seguir. No final, todos mudaram de idéia.

O cristão deve “amar a vida” (1 Pe 3:10, uma citação de Sl 34:12ss), dedicando-se ao máximo a vivê-la para a glória de Deus. Podemos não gostar de tudo em nossa vida, mas isso não importa. Vivemos de promessas, não de explicações, e sabemos que “no Senhor, o [nosso] trabalho não é vão” (1 Co 15:58).

Ele considerou sua riqueza (vv. 18-23).

Salomão não apenas aborrecia a vida, mas também a riqueza resultante de seu trabalho. É evidente que Salomão havia nascido rico e que havia enriquecido ainda mais pelo fato de ser rei. No entanto, sua observação se refere à vida “debaixo do sol”, e ele fala em nome das “pessoas comuns” que ouviam sua argumentação. Assim, ele apresenta três motivos pelos quais se sente enfastiado com sua riqueza.

Em primeiro lugar, *não podemos levá-la conosco* (v. 18). Um dia, Salomão morreria e deixaria tudo para seu sucessor. Isso lembra a advertência de Jesus na parábola do rico insensato (Lc 12:13-21) e as palavras de Paulo em 1 Timóteo 6:7-10. De acordo com um ditado judeu: “as mortalhas não têm bolsos”.

O dinheiro é um instrumento de troca. A menos que seja gasto, não serve para muita

coisa. Não se pode comer dinheiro, mas é possível usá-lo para comprar alimentos. O dinheiro não aquece ninguém, mas pode ser usado para comprar combustível. Um articulista do *Wall Street Journal* chamou o dinheiro de “um artigo que pode ser usado como passaporte universal para todo lugar, exceto o céu, e provedor universal de tudo, exceto a felicidade”.

Claro que somos *mordomos* de nossa riqueza, e Deus é o Provedor (Dt 8:18) e o Proprietário, e temos o privilégio de desfrutá-la e de usá-la para a glória de Deus. Um dia, teremos de prestar contas daquilo que fizemos com suas dádivas generosas. Apesar de não podermos levar nossa riqueza conosco quando morrermos, podemos “enviá-las antecipadamente” ao usá-las de acordo com a vontade de Deus (Mt 6:19-34).

Em segundo lugar, *não podemos protegê-la* (vv. 19, 20). Pior do que termos de deixar nossa riqueza para trás é saber que talvez a deixemos com alguém que a desperdiçará! E se essa pessoa for insensata e destruir tudo que construímos? Salomão não sabia na época, mas seria exatamente isso o que seu filho Roboão faria (1 Rs 11:41 - 12:24).

Muitas pessoas tentam redigir seus testamentos de tal modo que seus bens não sejam desperdiçados, mas nem sempre são bem-sucedidas. Apesar da instrução e do bom exemplo que podem oferecer, os pais não têm como saber ao certo o que a geração seguinte fará com as riquezas que trabalharam para acumular. A reação de Salomão foi se conformar (“desesperar”, v. 20) com os fatos da vida e da morte. Como disse um pregador muito simples: “devemos todos aprender a cooperar com o inevitável!”

Em terceiro lugar, *não podemos desfrutá-la como deveríamos* (vv. 21-23). Se não fazemos outra coisa senão pensar em nossa riqueza e nos preocupar com o que acontecerá com ela, nossa vida se torna infeliz. Será que é justo labutar arduamente e, depois, deixar nossa riqueza com alguém que sequer trabalhou por ela (v. 21)? Trabalhamos com afinco, sofremos aflições e perdemos muitas noites de sono, enquanto nossos herdeiros não passam por nada disso. Parece

tudo tão fútil. “Pois que tem o homem de todo o seu trabalho e da fadiga do seu coração, em que ele anda trabalhando debaixo do sol?” (v. 22).

Nesse ponto, Salomão mostra-se extremamente pessimista, mas não fica assim por muito tempo. Com um passo de fé, ele chega ao terceiro estágio de seu experimento.

3. ELE ACEITOU A VIDA (Ec 2:24-26)

Esta é a primeira de seis “conclusões” no Livro de Eclesiastes, sendo que cada uma delas enfatiza a importância de aceitar a vida como uma dádiva de Deus e de desfrutá-la dentro da sua vontade (3:12-15, 22; 5:18-20; 8:15; 9:7-10; 11:9, 10). Com isso, Salomão não está defendendo uma filosofia do tipo “comamos, bebamos e nos alegremos, pois amanhã morreremos!”. Essa é a filosofia do fatalismo, não da fé. Antes, o rei está dizendo: “Agradeçam a Deus por tudo o que vocês têm e desfrutem todas essas coisas para a glória de Deus”. Paulo endossou essa atitude quando nos exortou a confiar “em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17).

Salomão deixou claro que, não apenas as bênçãos vinham de Deus, mas também a *capacidade de desfrutá-las* era uma dádiva de Deus para nós (v. 24). Ele considerou um “mal” receber de todas as bênçãos da vida e não poder desfrutá-las (6:1-5). É fácil entender por que os judeus lêem Eclesiastes na Festa dos Tabernáculos, pois esse é seu tempo de dar graças e de se regozijar com as provisões abundantes de Deus para suas necessidades.

Eclesiastes 2:25 diz: “... pois, separado deste [de Deus], quem pode comer ou quem pode alegrar-se?” O fazendeiro que orava à mesa: “Obrigado, Senhor, por este alimento e pela boa digestão” sabia a que Salomão estava se referindo no versículo 25.

O mais importante é procurar agradar ao Senhor (v. 26) e confiar que ele suprirá todas as necessidades. Deus deseja nos dar sabedoria, conhecimento e alegria; com essas três dádivas, podemos apreciar as bênçãos de Deus e experimentar o prazer que elas oferecem. *Não basta ter “coisas”; também*

devemos ter o tipo de caráter que nos permita usar as “coisas” com sabedoria e desfrutá-las corretamente.

Não é o que acontece com o pecador (o termo hebraico para “pecar” significa “errar o alvo”). O pecador pode acumular todo tipo de riqueza, mas não é capaz de desfrutar seus bens, pois deixou Deus de fora da sua vida. Aliás, suas riquezas podem ir parar nas mãos dos justos. Nem sempre é isso o que acontece, mas, por vezes, Deus faz com que “a riqueza do pecador [seja] depositada para o justo” (Pv 13:22). Ao deixarem o Egito, os hebreus levaram as riquezas de seus senhores egípcios (Êx 3:22; 12:36), e, ao longo de toda a história de Israel, seus exércitos tomaram para si enormes espólios em suas inúmeras conquistas. Aliás, grande parte da riqueza usada para a construção do templo veio dos grandes feitos militares de Davi.

É “ vaidade e correr atrás do vento” o pecador acumular riquezas e ignorar Deus. Sem Deus não se pode encontrar prazer verdadeiro nos bens nem riqueza de vida. É bom ter as coisas que o dinheiro pode comprar desde que não se percam as coisas que o dinheiro não compra.

Encerra-se aqui a primeira seção de Eclesiastes – o problema é declarado. Salomão apresentou quatro argumentos que parecem provar como, de fato, não vale a pena viver: a monotonia da vida (1:4-11), a vaidade da sabedoria (1:12-18), a futilidade da riqueza (2:1-11) e a certeza da morte (2:12-23). Sua argumentação parece verdadeira se

considerarmos a vida “debaixo do sol”, ou seja, somente do ponto de vista humano.

Porém, quando levamos Deus em consideração, tudo muda! (Observe que Deus não é mencionado de 1:14 a 2:23.) A vida e a morte, a sabedoria e a riqueza, tudo está nas mãos de Deus, e ele deseja que desfrutemos suas bênçãos e agrademos seu coração. Se nos alegrarmos com as dádivas, mas nos esquecermos do Doador, não passaremos de idólatras ingratos.

Nos oito capítulos seguintes, Salomão considera cada um desses quatro argumentos e os refuta. No final de cada argumento, ele declara: “Goze a vida e seja grato ao Senhor!” (Ver o esboço no início do estudo deste Livro de Eclesiastes.) Em suas discussões, encara com honestidade as tribulações e injustiças da vida, as coisas que nos fazem clamar: “Por que, Senhor?” Mas Salomão não é um otimista superficial, enxergando tudo por um prisma cor-de-rosa, assim como também não é um pessimista cético e tacanho. Antes, opta por uma visão equilibrada da vida e da morte e ajuda a enxergar ambas do ponto de vista eterno de Deus.

“A vida não é como um livro”, diz Chuck Colson, fundador do ministério com presidiários *Prison Fellowship*. “A vida não é lógica nem sensata, também não é metodicamente ordenada. Em grande parte do tempo, a vida é uma bagunça, e a teologia deve ser vivida no meio dessa bagunça”.

Essa é a teologia que Salomão oferece, e cabe a nós vivê-la e encontrar contentamento!

TEMPO E TRABALHO

ECLESIASTES 3:1-22

Reflita sobre essas citações de dois professores famosos: “Por que as coisas não seriam, em sua maior parte, absurdas, fúteis e transitórias? É assim que elas são e é assim que nós somos; e os dois combinam muito bem”. Essas palavras são do filósofo George Santayana, que lecionou em Harvard de 1889 a 1912.

“Não há motivo para supor que a vida do homem tem mais significado do que a vida do mais humilde dos insetos que se arrasta para a aniquilação”, escreveu Joseph Wood Krutch, professor de inglês da Universidade Colúmbia de 1937 a 1952.

Esses dois homens foram brilhantes em suas respectivas áreas, mas a maioria dos cristãos não concorda com o que escreveram. Cremos que a vida humana é mais extraordinária do que uma simples existência transitória. Não somos como insetos. Sem dúvida, Krutch sabia que os insetos possuem *ciclos de vida*, enquanto os seres humanos têm *histórias*. Uma abelha não é muito diferente da outra, mas as pessoas são singulares e suas histórias nunca são as mesmas. Podemos escrever um livro sobre *A Vida da Abelha*, mas é impossível escrever sobre *A Vida do Ser Humano*.

Se nós, como indivíduos, não somos singulares, então também não somos importantes; se não somos importantes, então a vida não tem sentido algum e não vale a pena ser vivida. Podemos muito bem seguir a filosofia epicurista: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”.

Salomão apresenta quatro argumentos que comprovam que a vida não é nada além de uma tentativa de agarrar bolhas de sabão

que estouraram e correr atrás do vento. Mas é sábio demais para não contestar os próprios argumentos, de modo que em Eclesiastes 3 a 10 ele examina cada um deles com grande cuidado. Seu primeiro argumento é a *monotonia da vida* (1:4-11), e ele o analisa em Eclesiastes 3:1 – 5:9. Descubra que é preciso considerar quatro fatores antes de dizer que a vida é monótona e sem sentido.

Em primeiro lugar, Salomão vê algo *acima* do ser humano, um Deus que está no controle do tempo e que equilibra as experiências da vida (3:1-8). Em seguida, vê algo *dentro* do ser humano que o une a Deus: a eternidade em seu coração (3:9-14). Em terceiro lugar, vê algo *adiante* do ser humano: a certeza da morte (3:15-22). Por fim, vê algo *ao redor* do ser humano: os problemas e fardos da vida (4:1 – 5:9).

Assim, o Pregador pede aos ouvintes que olhem para o alto, para dentro, para frente e ao seu redor e considerem o tempo, a eternidade, a morte e o sofrimento. Esses são quatro fatores que Deus usa para evitar que a vida se torne monótona e sem sentido. Trataremos de três desses fatores neste capítulo e falaremos do quarto em nosso próximo estudo.

1. OLHAR PARA O ALTO: DEUS ORDENA O TEMPO (EC 3:1-8)

Não é preciso ser filósofo para saber que o “tempo e as estações” são uma parte normal da vida onde quer que a pessoa se encontre. Se as “leis naturais” determinadas por Deus não fossem confiáveis, a ciência e a vida diária seriam caóticas, para não dizer impossíveis. Não apenas este mundo possui tempos e estações como também há uma providência que prevalece em nossa vida. Desde antes de nosso nascimento até o momento de nossa morte, Deus está realizando seus propósitos, mesmo que nem sempre sejamos capazes de entender o que está fazendo.

Salomão afirma em 14 declarações que Deus trabalha na vida de cada indivíduo procurando realizar sua vontade. Todos esses acontecimentos vêm de Deus e são bons em *seu devido tempo*. A inferência é clara: se

cooperarmos com o tempo de Deus, a vida terá sentido. Tudo será “formoso no seu devído tempo” (v. 11), até mesmo as experiências mais difíceis. A maioria dessas declarações é fácil de compreender, de modo que trataremos apenas aquelas que precisam de uma explicação mais específica.

Nascer e morrer (v. 2). Coisas como aborto, controle de natalidade, eutanásia e uso de espermatozoides e de óvulos de desconhecidos para fertilização *in vitro* dão a impressão de que o ser humano está no controle do nascimento e da morte, mas Salomão afirma exatamente o oposto. O nascimento e a morte não são contingências humanas, mas sim determinações divinas, pois é Deus quem está no controle (ler Gn 29:31 – 30:24; 33:5; Js 24:3; 1 Sm 1:9-20; Sl 113:9 e 127; Jr 1:4, 5; Lc 1:5-25; Gl 1:15 e 4:4). O Salmo 139:13-16 afirma que fomos tecidos por Deus no ventre de nossa mãe de tal modo que nossa estrutura genética é perfeita para aquilo que ele tem preparado para fazermos (Ef 2:10). Podemos apressar a morte com nossa insensatez, mas não podemos evitá-la quando chegar a hora, a menos que Deus assim o deseje (Is 38). “No teu livro foram escritos todos os meus dias” (Sl 139:16).

Plantar e arrancar (v. 2). Como povo rural, os israelitas davam grande valor às estações do ano. Na verdade, seu calendário religioso se baseava no ano agrícola (Lv 23). Os homens podem arar e semear, mas somente Deus pode fazer as lavouras crescerem (Sl 65:9-13). “Arrancar” pode ser uma referência à remoção de plantas improdutivas. Um bom agricultor sabe que a natureza só trabalha em seu favor se ele trabalhar junto com ela. Esse também é o segredo de uma vida bem-sucedida: aprender os princípios de Deus e cooperar com eles.

Matar e curar (v. 3). É provável que não se trate de uma referência à guerra (v. 8) ou à autodefesa, mas sim aos resultados de uma peste na terra (1 Sm 2:6). Deus permite que alguns morram e que outros sejam curados. Isso não significa que devamos recusar cuidados médicos, pois Deus pode usar os meios humanos e também os milagres para realizar seus propósitos (Is 38).

Espalhar pedras e ajuntar pedras (v. 5).

Os guias turísticos em Israel dizem que Deus deu pedras a um anjo e ordenou que as distribuisse por todo o mundo – e o anjo tropeçou bem em cima da Palestina! De fato, é uma terra pedregosa, e os agricultores precisam limpar seus campos antes de arar e plantar. Para fazer mal a um inimigo, bastava espalhar pedras em seu campo (2 Rs 3:19, 25). As pessoas também ajuntavam pedras para construir muros e casas. As pedras não são boas nem ruins; tudo depende do que se faz com elas. Se seu inimigo encher a terra de pedras, não as jogue de volta. Construa alguma coisa com elas!

Abrçar e afastar-se de abraçar (v. 5).

No Oriente Próximo, as pessoas demonstram sua afeição abertamente, se beijando e abraçando quando se encontram e quando partem. Assim, poderíamos parafrasear essa oração como: “tempo de dizer olá e tempo de dizer adeus”. Também pode ser uma referência ao relacionamento conjugal (Lv 15:19-31; e ver 1 Co 7:5).

Buscar e perder (v. 6). Essa oração também pode ser traduzida por: “Tempo de procurar e tempo de dar por perdido”. A frase seguinte dá autoridade bíblica aos brechós: tempo de guardar e tempo de limpar a casa e de passar as bugigangas para frente!

Tempo de rasgar e tempo de coser (v. 7).

Trata-se, provavelmente, de uma referência ao costume dos israelitas de rasgar as vestes em ocasiões de luto ou arrependimento (2 Sm 13:31; Ed 9:5). Deus espera que nos entristeçamos ao perder entes queridos, mas que não o façamos como os incrédulos (1 Ts 4:13-18). Chega um momento em que devemos pegar linha e agulha e começar a remendar o que é preciso!

Amar e aborrecer (v. 8). Deus permite que seu povo sinta ódio? O fato de a frase seguinte mencionar “guerra e paz” indica que talvez Salomão estivesse pensando mais especificamente em sua nação. Porém, há certas coisas que até os cristãos devem aborrecer (2 Cr 19:2; Sl 97:10; Pv 6:16-19; Ap 2:6, 15).

A vida é parecida com um medicamento: se tomados em separado, os ingredientes

podem ser letais, mas se devidamente misturados, promovem a cura. Em sua soberania, Deus está no controle e tem um tempo e um propósito para todas as coisas (Rm 8:28). Não se trata de fatalismo nem de uma idéia que nos priva de nossa liberdade ou responsabilidade. Trata-se da providência sábia de um Pai amoroso que não erra e promete que tudo cooperará para o bem.

2. OLHAR PARA DENTRO: A ETERNIDADE EM NOSSO CORAÇÃO (Ec 3:9-14)

O Pregador muda seu enfoque e deixa de olhar para a vida *somente* “debaixo do sol”. Ao considerar a presença de Deus, adquire nova perspectiva. No versículo 9, repete a pergunta inicial de 1:3: “Será que todo esse trabalho vale mesmo a pena?” À luz das “novas evidências”, Salomão apresenta três respostas para essa pergunta:

Em primeiro lugar, **a vida do ser humano é uma dádiva de Deus (v. 10)**. Ao pensar em nossa labuta diária, a vida pode parecer um presente estranho, mas ainda assim é uma dádiva de Deus. “Exercitamo-nos” na tentativa de explicar os enigmas da vida, mas nem sempre somos bem-sucedidos. Se aceitarmos pela fé que a vida é uma dádiva e agradeceremos a Deus por ela, teremos uma atitude mais positiva em relação às dificuldades que vão surgindo. Se aceitarmos a vida de má vontade como um fardo, perderemos as dádivas que forem aparecendo ao longo do caminho. A perspectiva influencia o resultado.

Em segundo lugar, **a vida do ser humano é ligada à eternidade (v. 11)**. O homem foi criado à imagem de Deus, recebeu domínio sobre a criação (Gn 1:26-28) e, portanto, é diferente do resto da criação. Tem “a eternidade no coração” e é ligado ao céu. Isso explica por que ninguém (inclusive Salomão) se satisfaz inteiramente com seus empreendimentos e realizações e por que ninguém é capaz de desvendar os enigmas da vida (1:12 - 2:11). Deus realiza seus propósitos a seu tempo, mas somente quando entrarmos na eternidade começaremos a compreender seu plano como um todo.

Em terceiro lugar, **a vida do ser humano pode ser prazerosa no presente (v. 12-14)**.

O Pregador menciona esse fato em 2:24, tendo o cuidado de dizer que a capacidade de gozar a vida é uma dádiva de Deus (ver 3:13; 6:2; 1 Tm 6:17). “Gozar a vida” é um tema importante em Eclesiastes e aparece em cada uma das quatro seções dos capítulos 3 a 10 (consultar o esboço na página 449). Salomão não está incentivando o hedonismo pagão, mas sim a prática de gozar as dádivas de Deus como frutos do trabalho, por mais difícil que a vida seja. A vida parece passageira, mas aquilo que Deus faz dura para sempre, de modo que, ao viver para ele e deixar que faça sua vontade, a vida torna-se significativa e viável. Em vez de nos queixarmos daquilo que não temos, vamos desfrutar aquilo que temos e agradecer a Deus por essas dádivas.

Quando o conhecido pregador inglês metodista William Sangster descobriu que tinha atrofia muscular progressiva e que não havia cura, tomou quatro propósitos e os manteve até o fim: (1) não vou me queixar; (2) vou manter um lar alegre; (3) vou contar minhas bênçãos; e (4) vou tentar transformar esse mal em benefício. Essa é a abordagem de vida que Salomão deseja que usemos.

Porém, devemos observar que Salomão não está dizendo: “Não se preocupe, sorria!” O rei não está promovendo a “fé na fé”, mas sim “a fé em Deus”. O valor da fé refere-se ao valor de seu objeto, e o maior objeto da fé é o Senhor. Ele é digno de toda a confiança.

Como é possível a vida ser monótona e sem sentido quando Deus nos fez parte de seu plano eterno? Não somos insetos insignificantes arrastando-nos para um triste fim. Se cremos em Jesus Cristo, somos filhos de Deus e estamos sendo preparados para um lar eterno (Jo 14:1-6; 2 Co 4). Nas palavras do pastor puritano Thomas Watson: “Para os piedosos, a eternidade é um dia no qual o Sol nunca se põe. Para os perversos, é uma noite na qual o Sol nunca nasce”.

A atitude correta é temer ao Senhor (v. 14), não como um escravo que se encolhe de medo diante de seu senhor cruel, mas sim como um filho obediente que se submete aos pais que o amam (ver 5:7; 7:18; 8:12, 13

e 12:13). Se tememos a Deus, não precisamos ter medo de coisa alguma, pois ele está no controle.

3. OLHAR ADIANTE: A MORTE É CERTA PARA TODOS (Ec 3:15-22)

Salomão menciona a certeza da morte em 2:12-23 e volta a falar nesse assunto várias vezes antes do final do livro (4:8; 5:15, 16; 6:6; 8:8; 9:2, 3, 12; 12:7, 8). Vida, morte, tempo e eternidade: todos são “ingredientes” que constituem nossa breve existência neste mundo e que não devem ser ignorados.

O versículo 15 nos traz à memória 1:9-11 e garante que Deus está no controle do “ciclo da vida”. O passado parece se repetir, de modo que “nada há, pois, novo debaixo do sol” (1:9), mas Deus pode entrar na história e fazer o que lhe parecer melhor. Seus muitos milagres são prova de que o “ciclo” é um padrão, não uma prisão. Seu próprio Filho entrou na existência humana por meio de um nascimento miraculoso. Então, morreu na cruz e ressuscitou, conquistando, desse modo, o “ciclo de vida e morte”. Pelo fato de Cristo ter rompido esse “círculo vicioso”, pode nos tornar parte de uma nova criação que supera o tempo e a morte (2 Co 5:17-21).

Salomão acrescenta aqui outra idéia: “Deus fará renovar-se o que se passou” (v. 15). Os estudiosos não apresentam um consenso quanto à tradução dessa frase. Literalmente, o original diz: “Deus busca aquilo que passa rapidamente”. Ao que parece, Salomão diz que o tempo passa rapidamente e foge de nós; mas Deus o acompanha e, nos últimos dias, pedirá que prestemos conta do que fizemos com o tempo (12:14). Isso se encaixa com os versículos 16 e 17, em que Salomão testemunha as injustiças de sua época e se pergunta por que o julgamento divino não vem logo.

“Como é possível Deus estar no controle quando há tanta perversidade em nosso mundo, quando os ímpios prosperam em seu pecado e os justos sofrem em sua obediência?” Salomão não foi o primeiro a fazer essa pergunta nem será o último. Porém, mais

uma vez, se consolou com duas certezas: Deus tem um tempo para todas as coisas, inclusive o julgamento (ver 8:6, 11), e está cumprindo seus propósitos eternos por meio dos atos dos seres humanos, até mesmo dos perversos.

Sem dúvida, Deus julgará quando a história tiver chegado ao fim, *mas Deus já está julgando* (v. 18). Deus prova os seres humanos com as experiências da vida. Revela a verdadeira natureza do ser humano; está “peneirando” a humanidade. Isso porque, quando o homem deixa Deus de fora de sua vida, torna-se semelhante a um animal (ver Sl 32:9; Pv 7; 2 Pe 2:19, 20). Ele vive como um animal e morre como um animal.

Devemos ter cuidado para não interpretar incorretamente os versículos 19 e 20 e chegar à conclusão equivocada de que não existe diferença alguma entre os seres humanos e os animais. Salomão está apenas ressaltando que os homens e os animais têm duas coisas em comum: ambos morrem e o corpo de ambos volta ao pó (Gn 2:7; 3:19). Uma vez que foi feito à imagem de Deus, o ser humano tem uma vantagem indiscutível sobre os animais no que se refere à vida, mas no que se refere à morte, o homem não tem qualquer vantagem: como os animais, ele também se transforma em pó. É evidente que as pessoas salvas pela fé em Jesus Cristo um dia serão ressurretas e receberão um corpo glorificado próprio para o seu lar celestial (1 Co 15:35ss).

A Bíblia diz que a morte ocorre quando o espírito deixa o corpo (Tg 2:26; e ver Gn 35:18 e Lc 8:55). No versículo 21, Salomão mostra que os seres humanos e os animais não experimentam a morte da mesma forma, apesar de ambos voltarem ao pó depois que morrem. O espírito do ser humano vai para Deus (ver 12:7), enquanto o espírito do animal simplesmente deixa de existir. Encontramos contraste semelhante no Salmo 49.

O Pregador encerra essa seção nos lembrando, mais uma vez, de que devemos aceitar a vida que Deus nos concede e desfrutá-la enquanto podemos (v. 22). Ninguém sabe o que o futuro nos reserva e, mesmo que

soubéssemos, não poderíamos voltar à vida depois que morremos e começar a desfrutá-la outra vez (ver 6:12; 7:14; 9:3). Sabendo que Deus exerce controle soberano sobre a vida (3:1), podemos nos sujeitar a ele e ter paz.

Deus tem em suas mãos
A chave do desconhecido.
Estou feliz assim.
Se a chave estivesse em outras mãos,
Ou se ele a entregasse a mim,
Talvez ficaria entristecido.

Não conheço os planos dele
Para o futuro.
Mas de uma coisa sei bem:
Tenho o sorriso dele,

E sua graça é refúgio seguro,
Enquanto não vou para o além.

- J. Parker

A fé aprende a viver com os aparentes absurdos e incoerências, pois vivemos de promessas, não de explicações. Não podemos explicar a vida, mas devemos experimentá-la, quer suportando-a quer desfrutando-a.

Salomão nos convida a aceitar a vida, a desfrutá-la e a nos contentarmos. *Não devemos jamais nos contentar conosco mesmos*, mas devemos sim nos contentar com o que Deus nos dá nesta vida. Se crescermos em caráter e no temor do Senhor e se vivermos pela fé, seremos capazes de dizer como Paulo: "porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação" (Fp 4:11).

A VIDA NÃO É JUSTA

ECCLESIASTES 4:1-16

Quando Salomão analisou a vida inicialmente “debaixo do sol”, seu ponto de vista foi imparcial e filosófico (1:4-11), e o rei chegou à conclusão de que a vida é monótona e sem sentido. Porém, ao examinar essa questão novamente, foi aos lugares onde as pessoas viviam de verdade e descobriu que a vida não é tão simples. Ao observar pessoas reais em situações reais, o rei teve de lidar com alguns fatos dolorosos, como a vida e a morte, o tempo e a eternidade e o julgamento final.

Phillips Brooks, um bispo anglicano que viveu em Massachusetts há mais de cem anos, pedia a seus alunos de seminário que lessem três “livros”: O Livro dos livros, a Bíblia; o livro da natureza e o livro da humanidade. Um pesquisador alienado da realidade jamais terá uma perspectiva equilibrada daquilo que está estudando se não se inserir no mundo real. O aprendizado deve estar ligado à vida.

Neste capítulo, Salomão registra suas observações ao visitar quatro lugares e ver as pessoas passarem por várias experiências. Concluí que a vida é tudo menos monótona, pois não fazemos idéia dos problemas que podem surgir ao longo do dia. Não é de se admirar que escreveu: “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz” (Pv 27:1).

1. O TRIBUNAL (Ec 4:1-3)

Alguém definiu a política como “a administração dos negócios públicos para o benefício privado”. A nação de Israel possuía um sistema judiciário satisfatório (Êx 18:13-27; Dt 17; 19), com base na lei divina; porém,

assim como qualquer outra coisa, esse sistema poderia ser corrompido (5:8). Moisés advertiu as autoridades a julgarem com honestidade e justiça (Lv 19:15; Dt 1:17), e tanto os profetas quanto o salmista condenaram com severidade as injustiças sociais (Sl 82; Is 56:1; 59:1ss; Am 1 - 2). Salomão havia sido um rei sábio e justo (1 Rs 3:16-28), mas não poderia garantir a integridade de todas as autoridades de seu governo.

Salomão foi a um tribunal assistir a um julgamento e viu pessoas inocentes serem oprimidas pelas autoridades sedentas de poder. As vítimas choraram, mas de nada adiantou. Ninguém ficou com elas para consolá-las ou ajudá-las. O poder estava todo nas mãos dos opressores, e suas vítimas impotentes não poderiam protestar nem exigir qualquer reparação.

O orador norte-americano Daniel Webster certa vez chamou a justiça de “ligamento que mantém unidos os seres civilizados e [...] as nações”. O “corpo constitucional” do tempo de Salomão estava com vários ligamentos rompidos!

Salomão testemunhou três coisas trágicas: (1) a opressão e exploração nos tribunais; (2) a dor e a tristeza na vida de pessoas inocentes; e (3) o descaso daqueles que poderiam tê-las confortado. Salomão ficou tão arrasado com o que viu que decidiu que era melhor estar morto do que viver oprimido. Na verdade, melhor ainda era nem ter nascido, pois assim não haveria como ver a perversidade do ímpio.

Por que Salomão não tomou providências em relação a essa injustiça? Afinal, ele era o rei. Infelizmente, nem mesmo o rei poderia fazer muita coisa para resolver esse problema. Uma vez que Salomão começasse a interferir e a reorganizar o sistema, criaria novos problemas e revelaria ainda mais corrupção. Isso não quer dizer que devemos desistir de eliminar a corrupção política de hoje. Como cidadãos cristãos, devemos orar por todos os que ocupam cargos de autoridade (1 Tm 2:1-6) e fazer todo o possível para que leis justas sejam criadas e aplicadas. Porém, é de se duvidar que uma organização administrativa tão grande quanto aquela de

Israel se visse inteiramente livre da corrupção ou que um "justicheiro" fosse capaz de melhorar a situação.

Edward Gibbon, o conhecido autor da obra *The Decline and Fall of the Roman Empire* [*Declínio e Queda do Império Romano*], afirmou que a corrupção política é "um dos sinais mais claros de liberdade constitucional". Talvez Gibbon tivesse razão, pois onde há liberdade para obedecer, também há liberdade para desobedecer. Alguns oficiais de Salomão acreditavam estar acima da lei, e, com isso, quem sofria eram os inocentes.

2. O MERCADO DE TRABALHO (EC 4:4-8)

Aborrecido com o que viu no tribunal, o rei dirigiu-se, então, ao mercado, a fim de observar diversos profissionais trabalhando. Por certo, não ficaria decepcionado com essa outra esfera de atividades, pois o trabalho é uma dádiva de Deus. Até mesmo Adão tinha de trabalhar no jardim (Gn 2:15) e, enquanto estava aqui na terra, Jesus trabalhou como carpinteiro (Mc 6:3). Salomão considerou quatro tipos diferentes de homens.

O homem diligente (v. 4). Nada mais natural do que Salomão encontrar primeiro um homem que trabalhava com afinco. Afinal, o próprio rei havia exaltado as virtudes do trabalho árduo em Provérbios. Esse homem não apenas estava ocupado, como também se mostrava habilidoso em seu trabalho e competente em tudo o que fazia. Havia dominado as técnicas de seu ofício.

A habilidade e a competência dizem respeito a suas mãos; mas e quanto a seu coração? Foi nesse ponto que Salomão sofreu a próxima decepção. O objetivo dessas pessoas ao aperfeiçoar suas aptidões e trabalhar com tanto afinco era competir com outros e ganhar mais dinheiro que eles. O propósito de seu trabalho não era produzir coisas úteis e belas nem ajudar pessoas, mas se manter à frente da competição e sobreviver na guerra para garantir seu sustento.

Deus não colocou esse "elemento de egoísmo" no trabalho; ele é decorrente do pecado do coração humano. Cobiçamos aquilo que outros têm, e não apenas queremos

essas coisas, como também desejamos ir além e ter mais do que os outros. A cobiça, a competição e a inveja andam juntas. A competição, em si, não é errada, mas quando "ser o primeiro" é mais importante do que ser honesto, as coisas se complicam. A rivalidade tradicional entre times ou colégios pode ser proveitosa, mas quando se transforma em violência, o pecado entre em cena.

O homem ocioso (vv. 5, 6). Salomão passa de um extremo ao outro e começa a estudar um indivíduo sem ambição alguma. Talvez, o rei pudesse aprender sobre a vida ao examinar a antítese, da mesma forma que os cientistas estudam o frio para compreender melhor o calor. Deve ter sido difícil para ele observar um homem ocioso, pois Salomão não aprovava de maneira alguma os preguiçosos que passavam o dia com os braços cruzados (ver Pv 18:9; 19:15; 24:30-34).

Salomão não aprendeu nada que já não soubesse: a preguiça é um caminho lento e confortável para a autodestruição. Pode ser agradável dormir até tarde e não precisar trabalhar, mas não há nada de agradável em ficar sem dinheiro para suprir as necessidades mais básicas. "Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobreviverá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado" (Pv 6:10, 11). Paulo não dourou a pílula: "Se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2 Ts 3:10).

O homem diligente era motivado pela concorrência. Havia entrado numa roda-viva e não tinha tempo para descansar. O ocioso era motivado pelo prazer. Estava rumando para a própria ruína e não tinha tempo para produzir. Existe um meio-termo entre esses dois extremos? Claro que sim.

O homem integrado (v. 6). Vê-se aqui um homem com uma vida equilibrada: é produtivo em seu trabalho, mas também se preocupa em ter um tempo de descanso. Não é escravo da competição, mas também não tenta fugir das responsabilidades da vida. Uma pesquisa realizada em 1989 mostrou que o tempo médio de lazer do

norte-americano em geral havia diminuído em 37% desde 1973. Isso deixa claro como poucas pessoas sabem ter uma vida equilibrada. Entram numa roda-vida e, depois, não sabem sair dela.

Por que ter as duas mãos repletas de lucro se precisamos pagar por ele com nossa paz de espírito e, possivelmente, com nossa saúde? É melhor ter o lucro em apenas uma das mãos e a tranqüilidade na outra. Quando o coração é controlado pela inveja e a rivalidade, a vida torna-se uma sucessão de batalhas (Tg 3:13 - 4:4; ver também Pv 15:16). Podemos aplicar aqui as instruções de Paulo sobre o uso do dinheiro em 1 Timóteo 6, especialmente o versículo 6: “De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento”.

O homem diligente acredita que dinheiro lhe trará paz, mas não tem tempo de desfrutá-la. O homem ocioso acredita que terá paz ao permanecer desocupado, mas esse estilo de vida o arruína. O homem integrado se deleita tanto no seu trabalho quanto nos frutos dele e vive num equilíbrio de labor e descanso. Pode-se tirar o que quiser da vida, mas é preciso pagar o preço.

O homem independente (vv. 7, 8). Salomão observou um homem solitário, trabalhando com grande empenho, e foi conversar com ele. O rei descobriu que o homem não tinha parentes nem sócios para ajudá-lo em seu negócio e que não desejava ajuda. Queria todo o lucro para si. No entanto, estava sempre tão ocupado que não tinha tempo de gozar os frutos de seu trabalho. Se morresse, não tinha para quem deixar sua riqueza. Em outras palavras, todo o seu trabalho era em vão.

Como disse Sócrates, o filósofo grego: “A vida impensada não é digna de ser vivida”. Mas o homem independente nunca parava tempo suficiente para se perguntar para quem estava labutando tanto e por que se privava dos prazeres da vida só para juntar mais dinheiro. O homem diligente pelo menos gerava empregos para outros, e o homem ocioso desfrutava algum lazer, mas o homem independente não fazia nem uma coisa nem outra.

Assim, Salomão concluiu: “Também isto é vaidade e enfadonho trabalho” (v. 8).

Deus quer que trabalhem, mas que o façamos com o espírito certo e pelos motivos certos. Bem-aventurados os equilibrados!

3. A ESTRADA (EC 4:9-12)

A experiência de Salomão com o homem independente o fez refletir sobre a importância da amizade e o valor de as pessoas fazerem coisas juntas. Talvez tenha se lembrado do provérbio hebraico: “Um homem sem amigos é como a mão esquerda sem a mão direita”. É possível que o rei tenha observado alguns peregrinos na estrada e chegado à conclusão de que “melhor é serem dois do que um”.

Sem dúvida, isso é verdade quando se trata de *trabalhar* (v. 9), pois dois trabalhadores podem fazer mais coisas. Mesmo dividindo os lucros, o retorno por seu esforço é maior do que se cada um tivesse trabalhado sozinho. Além disso, é muito mais fácil realizar tarefas complexas com a ajuda de outros, porque um anima o outro.

Isso também se aplica a *caminhar* (v. 10). As estradas e caminhos na Palestina não eram pavimentados nem nivelados, e os campos eram pedregosos. Não era raro até o mais experiente dos viajantes tropeçar e cair, talvez sofrer uma fratura ou acabar dentro de um buraco escondido (Êx 21:33, 34). Como é bom ter um amigo para ajudar nessas horas! Porém, se isso se aplica ao nível *físico*, aplica-se ainda mais às ocasiões em que tropeçamos em nossa caminhada *espiritual* e precisamos de restauração (Gl 6:1, 2). Devemos ser gratos pelos amigos cristãos que nos ajudam a caminhar corretamente.

Melhor é serem dois do que um quando se trata de *calor* (v. 11). Dois viajantes que estivessem acampando ou mesmo dormindo no pátio de uma hospedaria poderiam sentir frio durante a noite e precisar do calor e conforto um do outro. A única maneira de “se aquecer sozinho” é levar mais cobertores e aumentar a carga a ser carregada.

Por fim, esse princípio também vale para a necessidade de *vigiar* e *cuidar*, especialmente durante a noite. “Se alguém quiser

prevalecer contra um, os dois lhe resistirão” (v. 12). Viajar sozinho era perigoso para qualquer um, tanto de dia quanto à noite; a maioria das pessoas viajava em grupos para ter companhia e mais segurança. Até mesmo Davi expressou sua gratidão por um amigo que interveio e salvou a vida do rei (2 Sm 21:15-17).

Salomão começa com o número *um* (v. 8), passa para o número *dois* (v. 9) e termina com o número *três* (v. 12). Trata-se de um recurso típico da literatura hebraica (Pv 6:16; Am 1:3, 6, 9). Um cordão pode ser rompido com facilidade; dois cordões exigem mais força; mas se três cordões forem trançados, dificilmente se rompem. Se é melhor viajar em dois do que sozinho, melhor ainda é viajar em três. Salomão não está pensado apenas em números, mas também na união de três cordões entretecidos – que bela imagem da amizade!

4. O PALÁCIO (Ec 4:13-16)

Esta é a quarta declaração de Salomão que começa com “Melhor” (4:3, 6, 9) e que apresenta uma história que ensina duas verdades: o caráter instável do poder político e o caráter volúvel da popularidade. Em outros tempos, o rei da história havia dado ouvidos a seus conselheiros e governado com sabedoria, mas, ao envelhecer, havia se recusado a receber conselhos. Não era apenas um problema de orgulho e de senilidade. É provável que o rei estivesse cercado de “parasitas” que o bajulavam, o isolavam da realidade e sugavam dele tudo o que podiam. Isso acontece com frequência com líderes que se preocupam mais consigo mesmos do que com o povo.

Essa história tem um herói: um rapaz sábio que se encontra na prisão. Talvez estivesse lá por haver tentado ajudar o rei e, com isso, tivesse ofendido o monarca. Ou, talvez, alguém tivesse testemunhado falsamente contra ele num tribunal (como aconteceu com José; ver Gn 39). De qualquer modo, o rapaz saiu da prisão e se tornou rei. Todos se alegraram com a mudança de sorte do injustiçado e com o fato de sua nação estar, finalmente, sendo liderada com sabedoria.

Trata-se de uma história extremamente sugestiva. O rapaz havia nascido pobre, mas ficou rico. O rei idoso era rico, mas nem por isso mais sábio e, portanto, era como se fosse pobre. O rapaz estava na prisão, mas saiu de lá e subiu ao trono. O rei era prisioneiro de sua estupidez (e de seu círculo de bajuladores) e perdeu o trono. Até aqui, a moral da história é a seguinte: a riqueza e o poder não são garantia de sucesso, e a pobreza e aparente fracasso não são empecilho para grandes realizações. A chave é a sabedoria.

Mas a história continua. Ao que parece, o rapaz saiu da prisão e subiu ao trono por aclamação pública. “Vi todos os viventes que andam debaixo do sol com o jovem sucessor, que ficará em lugar do rei” (v. 15). Tudo indicava que as coisas não podiam ser melhores para o rapaz. Porém, sua popularidade não durou muito tempo. Ele se tornou o líder de milhões de pessoas e foi extremamente popular. Mas, um dia, a geração mais jovem cresceu e o rejeitou! (ver v. 16). Essa gente mais jovem depôs o rei e colocou outro em seu lugar.

Oliver Cromwell, que tomou o trono da Inglaterra de Charles I e fundou a Comunidade Britânica, disse a um amigo: “Não confie nos aplausos e gritos, pois esse povo faria a mesma coisa se você e eu estivéssemos prestes a ser enforcados”. Sem dúvida, Cromwell compreendia a psicologia das massas!

Mais uma vez, Salomão conclui que tudo é “ vaidade e correr atrás do vento” (ver vv. 4 e 8).

Não importava aonde Salomão ia, não importava o aspecto da vida que estudava, o Senhor sempre lhe ensinava uma lição importante. Quando olhou para o alto, viu que Deus estava no controle da vida, equilibrando suas experiências variadas (3:1-8). Quando olhou para dentro, viu que o ser humano foi criado para a eternidade e que Deus pode tornar todas as coisas belas em seu devido tempo (3:9-14). Quando olhou para frente, viu o inimigo final, a morte. Então, ao olhar ao redor (4:1-16), compreendeu que a vida é complexa, difícil, e que não

se pode explicá-la com facilidade. Uma coisa é certa: não importa para onde olhamos, vemos provações, problemas e pessoas precisando de encorajamento.

Porém, Salomão não assumiu uma postura cínica diante da vida. Em momento algum nos diz para sair da corrida e para nos retirar a um canto confortável e seguro do mundo, onde nada pode nos perturbar. A vida chega em alta velocidade e sem aviso; devemos estar prontos a recebê-la e, com a ajuda de Deus, a aproveitá-la da melhor maneira possível.

Este capítulo mostra que precisamos uns dos outros, pois “melhor é serem dois do que um”. Por certo, a vida independente tem algumas vantagens, mas também tem

desvantagens, como descobrimos com pesar à medida que envelhecemos.

O capítulo quatro também enfatiza o equilíbrio na vida. “Melhor é um punhado de descanso do que ambas as mãos cheias de trabalho e correr atrás do vento” (v. 6). É bom ter as coisas que o dinheiro pode comprar, desde que não percamos as coisas que o dinheiro não compra. Quanto está nos custando, de fato, *em termos de vida*, conseguir aquilo que é importante para nós? Quanta coisa permanente estamos sacrificando a fim de obter coisas temporárias?

Ou, nas palavras de Jesus: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma?” (Mc 8:36, 37).

PEGA LADRÃO!

ECLÉSIASTES 5:1-20

O rei Salomão, um homem extremamente abastado, entendia alguma coisa de dinheiro e compartilhou parte de sua sabedoria sobre o assunto nos livros de Provérbios e Eclesiastes. Afinal, seria impossível tratar da vida “debaixo do sol” e deixar o dinheiro de fora!

No entanto, Salomão vai além da simples questão do dinheiro e trata dos valores da vida, as coisas que contam de fato. Afinal, há mais de um modo de ser rico ou pobre. Neste capítulo, Salomão dá três advertências relacionadas aos valores da vida.

1. NÃO DEFRAUDAR O SENHOR (EC 5:1-7)

Salomão havia passado pelo tribunal, pelo mercado de trabalho, pela estrada e pelo palácio. Agora, visita o templo, o edifício magnífico cuja construção ele havia supervisionado. Observa os adoradores indo e vindo, louvando a Deus, oferecendo sacrifícios e fazendo votos. Nota que muitos deles não são exatamente sinceros em sua adoração e que sua situação espiritual, ao deixar os átrios sagrados, é ainda mais precária do que quando entraram. Qual é o pecado desses indivíduos? Estão roubando de Deus a honra e a reverência que Lhe são devidas. Sua adoração é superficial, insincera e hipócrita.

Na linguagem de hoje, a expressão “Guarda o pé!” significa “Cuidado!” Apesar de a presença de Deus não habitar nos santuários da igreja como habitava no templo, os cristãos de hoje devem dar ouvidos a essa advertência. *A adoração a Deus é o ministério mais sublime da igreja e deve vir de um coração devoto e uma vontade sujeita ao Senhor.*

Quando o povo de Deus participa do culto público abrigando no coração pecados não confessados, chama sobre si a repreensão e o julgamento do Senhor (Is 1:10-20; Am 5; Sl 50).

Salomão tratou de vários aspectos da adoração, sendo o primeiro deles **a oferta de sacrifícios (v. 1)**. Nos dias de hoje, o povo de Deus não oferece animais ao Senhor como os devotos do Antigo Testamento, pois Jesus Cristo cumpriu todos esses sacrifícios com sua morte na cruz (Hb 10:1-14). Porém, como sacerdotes de Deus, os cristãos de hoje oferecem sacrifícios espirituais por intermédio de Cristo: nosso corpo (Rm 12:1, 2); pessoas conduzidas ao Salvador (Rm 15:16); dinheiro (Fp 4:18); louvores e boas obras (Hb 13:15, 16); um coração quebrantado (Sl 51:17); e orações de fé (Sl 141:1, 2).

O importante é que o adorador esteja disposto a “ouvir melhor”, ou seja, a obedecer à Palavra de Deus. Os sacrifícios não substituem a obediência, como o rei Saul descobriu quando tentou encobrir sua desobediência com promessas piedosas (1 Sm 15:12-23). As ofertas nas mãos sem uma fé obediente no coração tornam-se “sacrifícios de tolos”, pois *somente um tolo pode pensar que é capaz de enganar a Deus*. O tolo acredita que está fazendo algo de bom, quando na verdade, está apenas fazendo o mal – e Deus sabe disso.

Em seguida, Salomão adverte sobre **a oração descuidada (vv. 2, 3)**. Orar é algo muito sério e, assim como o casamento, não deve ser considerado de modo leviano ou desatento, mas com sobriedade e temor do Senhor. Se você e eu tivéssemos o privilégio de expressar nossas necessidades e pedidos ao governante de nosso país, sem dúvida, prepararíamos nossas palavras com cuidado e teríamos um comportamento apropriado. Aproximar-se do trono do Deus Todo-Poderoso é infinitamente mais importante, e, no entanto, não faltam orações levianas feitas por pessoas que não sabem coisa alguma sobre o temor do Senhor.

Ao orar, devemos ficar atentos a *palavras precipitadas* e a *palavras em excesso* (Mt 6:7). O segredo da oração aceitável é um coração

preparado (Sl 141:1, 2), pois a boca fala daquilo que o coração está cheio (Mt 12:34-37). Se oramos apenas para impressionar as pessoas, não nos comunicamos com Deus. John Bunyan, autor de *O Peregrino*, escreveu: "Na oração, é melhor ter sinceridade sem palavras do que palavras sem sinceridade".

O versículo 3 apresenta uma analogia: assim como uma grande quantidade de sonhos mostra que a pessoa adormecida é diligente em seu trabalho, uma grande quantidade de palavras mostra que a pessoa em oração é insensata (Pv 29:20). Lembro-me de uma reunião de oração da igreja durante a qual um rapaz fez uma oração longa e eloqüente, mas ninguém sentiu o poder de Deus operando. Quando uma imigrante muito simples se levantou e fez uma oração curta com o pouco inglês que sabia, todos nós respondemos com um "Amém!" fervoroso. Sentimos que Deus havia ouvido seus pedidos. Spurgeon disse: "Não é a extensão de nossas orações, mas sim sua força que faz diferença".

A terceira admoestação de Salomão diz respeito a **fazer votos ao Senhor (vv. 4-7)**. Deus não exige que seu povo faça votos a fim de ser aceito por ele, mas os votos eram uma oportunidade de expressar devoção, caso sentissem o desejo de fazê-lo (ver Nm 30; Dt 23:21-23; At 18:18).

O Pregador adverte sobre dois pecados. O primeiro é fazer votos sem ter a intenção de cumpri-los, ou seja, mentir a Deus. O segundo é fazer votos mas demorar a cumpri-los, na esperança de conseguir escapar deles. Quando o sacerdote ("mensageiro de Deus") ia receber o sacrifício ou oferta prometida, a pessoa dizia: "Por favor, esqueça o meu voto! Foi um engano!"

Deus ouve o que dizemos e espera que cumpramos nossas promessas, a menos que sejam tão tolas que não lhe reste outra coisa a fazer senão desconsiderá-las. Se as circunstâncias nos impedem de cumprir o que prometemos, Deus entende e nos libera. Se fizemos nossos votos apenas para impressionar a outros ou para "subornar" o Senhor ("se Deus responder à minha oração, darei 500 reais para missões!"), então, teremos de

pagar por nossas palavras. Em várias ocasiões ao longo de meu ministério pastoral, ouvi enfermos fazerem promessas a Deus ao pedir que os curasse e, depois, os vi esquecer essas promessas quando se recuperaram.

As pessoas fazem promessas vazias, porque vivem numa "ilusão religiosa" e acreditam que *palavras* são o mesmo que *atos* (v. 7). Sua adoração não é séria, de modo que suas palavras não são confiáveis. Gostam da sensação de "bem-estar" que experimentam quando fazem suas promessas a Deus, mas, com isso, fazem mais mal do que bem a si mesmas. Gostam de "sonhar" sobre como vão cumprir seus votos, mas nunca chegam a concretizar esses planos. Praticam uma religião imaginária que não glorifica a Deus nem constrói o caráter cristão.

"Entrarei na tua casa com holocaustos; pagar-te-ei os meus votos, que proferiram os meus lábios, e que, no dia da angústia, prometeu a minha boca" (Sl 66:13, 14). Quando roubamos do Senhor a adoração e a honra que lhe são devidas, também estamos nos privando das bênçãos espirituais que ele concede àqueles que "o [adoram] em espírito e em verdade" (Jo 4:24).

2. NÃO DEFRAUDAR A OUTROS (Ec 5:8, 9)

Salomão sai do templo e vai para a prefeitura, onde, mais uma vez, vê os políticos oprimindo os pobres (3:16, 17; 4:1-3). Os oficiais do governo transgrediam a lei usando sua autoridade para benefício próprio, e não para servir a outros, prática condenada por Moisés (Lv 19:15; Dt 24:17).

O mais impressionante é que Salomão escreve: "Não fique surpreso!" (NVI). Sem dúvida, não aprovava suas práticas ilegais, mas sabia demais sobre o coração humano para esperar alguma outra coisa da burocracia complexa de Israel.

"Porque o que está alto tem acima de si outro mais alto que o explora, e sobre estes há ainda outros mais elevados" (v. 8). Em vez de o homem pobre receber uma audiência justa, o problema se perde no meio da burocracia, e várias autoridades ficam com o dinheiro que deveria ter ido para o pobres inocente.

O versículo 9 é complicado, e as principais versões não apresentam uma concordância. Ao que parece, a idéia geral é que, apesar da corrupção na burocracia, ainda é melhor ter um governo organizado e um rei sobre a terra do que deixar a anarquia tomar conta. Algumas pessoas desonestas podem sair ganhando com a corrupção, mas todos são beneficiados pela autoridade organizada. Claro que o ideal seria ter um governo honesto e eficiente, mas ao se considerar a natureza do coração humano, a tentação do lucro desonesto está sempre presente. Lord Acton escreveu para o bispo Mandell Creighton em 1887: “O poder tem a tendência de corromper; o poder absoluto corrompe absolutamente”. A investigação de Salomão comprova esse fato.

3. NÃO DEFRAUDAR A SI MESMO (Ec 5:10-20)

Salomão já discutiu a “futilidade da riqueza” em 2:1-11 e repete algumas dessas idéias nesta passagem. Aqui, acaba com vários mitos sobre a riqueza. Pelo fato de as pessoas se apegarem a essas ilusões, privam a si mesmas das bênçãos que Deus tem reservadas para elas.

A riqueza traz satisfação (v. 10). Algumas pessoas tratam o dinheiro como se fosse um deus. Elas o amam, sacrificam-se por ele e acreditam que é capaz de fazer qualquer coisa. Sua mente está sempre cheia de pensamentos sobre ele, e sua vida é controlada por tudo o que as leva a obtê-lo e a guardá-lo; quando o possuem, sentem-se extremamente seguras. O dinheiro faz pelos incrédulos aquilo que a fé em Deus faz pelos cristãos. Quantas vezes não ouvimos alguém dizer que o dinheiro pode não ser a coisa mais importante da vida, mas está bem à frente de tudo o que vier em segundo lugar!

Por mais alto que seja o saldo de sua conta bancária, a pessoa que ama o dinheiro não encontra satisfação, pois o coração humano foi criado para ser satisfeito apenas por Deus (3:11). “Tende cuidado e guardai-vos”, Jesus advertiu, “porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens

que ele possui” (Lc 12:15). Primeiro a pessoa ama o dinheiro, depois, ama *ainda mais* dinheiro, assim, começa uma busca decepcionante, que pode causar problemas de todo tipo. “Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males” (1 Tm 6:10).

O dinheiro resolve todos os problemas (v. 11). Não há como escapar do fato de que precisamos de uma certa quantia de dinheiro para viver neste mundo, mas o dinheiro, *em si*, não é a “solução mágica” para todos os problemas. Na verdade, um aumento de riquezas normalmente cria novas dificuldades que nem sabíamos que existiam. Salomão menciona uma delas: parentes e amigos começam a aparecer e desfrutar nossa hospitalidade. Não nos resta outra coisa a fazer senão vê-los consumir nossa riqueza. Ou, talvez, um fiscal da receita nos faça uma visita e resolva que devemos mais impostos para o governo.

John Wesley, co-fundador da Igreja metodista, costumava dizer: “Ganhem o máximo possível, economizem o máximo possível e dêem o máximo possível”. O próprio Wesley poderia ter sido um homem abastado, mas escolheu viver com simplicidade e dar com generosidade.

A riqueza traz paz de espírito (v. 12). O falecido boxeador Joe Louis, campeão dos pesos-pesados, dizia: “Na verdade, não gosto de dinheiro, mas ele acalma meus nervos”. No entanto, Salomão afirma que a riqueza não é garantia de um sono tranqüilo. De acordo com ele, o trabalhador comum dorme melhor que o rico. Ao que parece, o rei fala de um homem abastado que comeu demais e passou a noite toda acordado por causa de uma indigestão. Mas, sem dúvida, Salomão tem algo mais profundo que isso em mente. Uma possível tradução para o versículo 12 é: “O homem que se esforça em seu trabalho dorme bem, quer coma pouco ou muito. Mas o rico fica sempre preocupado e não consegue dormir direito” (A Bíblia Viva).

Mais de um pregador já usou John D. Rockefeller em seus sermões como exemplo de um homem cuja vida foi arruinada pela riqueza. Aos 53 anos de idade, Rockefeller

era o único bilionário do mundo e ganhava cerca de um milhão de dólares por semana. No entanto, era um homem doente, que vivia à base de leite e biscoitos de água-e-sal, e não conseguia dormir por causa de todas as preocupações que o afligiam. Quando começou a distribuir seu dinheiro, sua saúde mudou radicalmente, e ele viveu até os 98 anos de idade!

Claro que é bom ter as coisas que o dinheiro pode comprar, desde que não percamos as coisas que o dinheiro não compra.

A riqueza dá segurança (vv. 13-17). Vê-se aqui o retrato de dois homens ricos. Um deles acumulou toda sua riqueza e se arruinou com sua avareza. O outro fez alguns investimentos imprudentes e perdeu sua riqueza. Voltou exatamente ao mesmo lugar em que havia começado, sem ter qualquer propriedade para deixar a seu filho. Passou o resto dos dias à sombra do desânimo e da derrota e não gozou a vida. Como todos nós, não trouxe coisa alguma para este mundo e, ao morrer, não levou coisa alguma consigo (ver Jó 1:21; Sl 49:17; 1 Tm 6:7).

Esse relato lembra a parábola de Jesus sobre o homem rico e insensato (Lc 12:13-21). Quando ficou rico, o homem pensou que todos os seus problemas estavam resolvidos, mas logo precisou de celeiros maiores para armazenar sua riqueza. Pensou que estaria seguro e que poderia ficar despreocupado nos anos por vir, mas morreu naquela noite! Seu dinheiro não lhe deu segurança alguma!

É importante lembrar que Salomão não está defendendo nem a pobreza nem a riqueza, pois ambas têm seus respectivos problemas (Pv 30:7-9). Antes, o Pregador está advertindo seus ouvintes sobre o amor ao dinheiro e as decepções que a riqueza pode trazer consigo. Nos últimos versículos deste capítulo (vv. 18-20), o rei declara mais uma vez a importância de aceitar nossa situação na vida e gozar as bênçãos que Deus nos concede.

Assim, é “boa e bela coisa” (v. 18) trabalhar com afinco, desfrutar as coisas boas da vida e aceitar todas elas como dádivas da graça de Deus. Salomão deu esse mesmo conselho sábio em 2:24; 3:12, 13 e 3:22 e o

repete pelo menos mais três vezes antes de terminar seu “sermão”.

Há três maneiras de obter riquezas: trabalhando, roubando ou recebendo de presente (ver Ef 4:28). Salomão considera as bênçãos da vida dádivas de Deus para os que trabalham e que aceitam esse trabalho como um favor de Deus. “Receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus” (v. 19).

Salomão acrescenta outra idéia importante: a capacidade de *desfrutar* as bênçãos da vida também é uma dádiva de Deus. O Pregador desenvolve esse conceito no capítulo seguinte e trata da infelicidade das pessoas que possuem riquezas, mas não são capazes de desfrutá-las. Agradecemos a Deus os alimentos, mas também devemos agradecer-lhe o paladar saudável e um sistema digestivo que funciona corretamente. Um amigo meu, um homem rico que agora está com o Senhor, costumava levar minha esposa e eu a restaurantes caros que, normalmente, nós dois não tínhamos dinheiro para freqüentar, mas esse amigo não era capaz de saborear a comida, pois havia perdido o paladar. Sua riqueza não lhe comprava o funcionamento saudável de suas papilas gustativas.

O versículo 20 pode significar que aquele que se regozija com as bênçãos diárias de Deus nunca terá arrependimentos. “Porque não se lembrará muito dos dias da sua vida, porquanto Deus lhe enche o coração de alegria”. A hora de começar a guardar boas lembranças é agora. “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio” (Sl 90:12).

Também pode significar que o cristão que aceita com gratidão as dádivas de Deus no dia de hoje não se inquieta nem se preocupa se ainda vai viver muito ou não. É fato comprovado que as pessoas que fazem mais aniversários vivem mais tempo, mas se não param de reclamar porque estão “ficando velhas”, não aproveitam a vida. Aqueles que são gratos a Deus “não darão importância excessiva à passagem dos anos”, como diz uma versão do versículo 20. Receberão cada dia como ele vier e o usarão para a glória do Senhor.

No capítulo 6, Salomão conclui sua argumentação sobre a "futilidade da riqueza". Poderia muito bem ter escolhido Mateus 6:33 como base para seu "sermão", pois esse versículo diz: "buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas". O mais importante é amar ao Senhor, aceitar sua vontade para nossa vida e desfrutar as bênçãos que, em sua bondade, ele nos concede.

Se nos concentramos mais nas dádivas do que no Doador, tornamo-nos idólatras. Se aceitamos suas dádivas, mas nos queixamos delas, tornamo-nos ingratos. Se acumulamos nossas dádivas e não as compartilhamos com outros, somos remissos. Porém, se nos sujeitamos à vontade de Deus usando aquilo que ele nos dá para sua glória, então gozaremos a vida e experimentaremos o verdadeiro contentamento.

A VIDA É UMA RUA SEM SAÍDA?

ECLÉSIASTES 6:1-12

É interessante ler as expressões diferentes que as pessoas usam para descrever a *futilidade*. Salomão comparou a futilidade da vida a uma bolha de sabão (“ vaidade de vaidades”) e a “correr atrás do vento”. Encontrei outras definições como: “Tão fútil quanto regar um poste”; “Tão fútil quanto arar as pedras”; “Tão fútil quanto cantar para um cavalo morto” (ou “cantar duas vezes para um surdo”) e “Tão fútil quanto moer água num pilão” (ou “carregar água numa peneira”).

Em seu poema *The Task [A Tarefa]*, o escritor de hinos William Cowper retrata a futilidade assim:

A labuta de jogar baldes em poços secos,
e de envelhecer sem tirar coisa alguma
dos anos.

Se Cowper estivesse vivo hoje, poderia olhar para nossa “sociedade automotiva” e escrever:

Tão fútil quanto homens cegos dirigirem
carros
por ruas sem saída congestionadas.

A vida é uma rua sem saída? Às vezes é o que parece, especialmente quando não alcançamos nossos objetivos ou quando os alcançamos e não nos sentimos satisfeitos com nossas realizações. Várias pessoas na Bíblia desanimaram da vida e quiseram morrer ou desejaram nunca ter nascido. Dentre elas, podemos citar Moisés (Nm 11:15), Elias (1 Rs 19:4), Jó (3:21; 7:15), Jeremias (8:3; 15:10) e Jonas (4:3). Até mesmo o grande

apóstolo Paulo passou por isso numa época particularmente difícil de sua vida (2 Co 1:8-11).

Talvez o problema fundamental seja o fato de a vida nos confrontar com mistérios demais que não podemos desvendar e enigmas demais que não conseguimos resolver. A fim de trazer satisfação verdadeira, a vida precisa fazer sentido. Se as pessoas não conseguem enxergar um propósito na vida, especialmente quando estão passando por um sofrimento profundo, começam a questionar Deus e a se perguntar se a vida vale a pena.

Em Eclesiastes 6, Salomão trata de três grandes mistérios da vida: as riquezas sem prazer (1-6), o trabalho sem satisfação (7-9) e as perguntas sem respostas (10-12).

1. RIQUEZAS SEM PRAZER (EC 6:1-6)

Que tristeza quando alguém possui todos os recursos para ter uma vida de satisfação e, no entanto, por algum motivo, não é capaz de desfrutar tudo isso. Muitos trabalharam arduamente, esperando com ansiedade uma aposentadoria confortável, mas acabaram tendo um ataque cardíaco que provocou invalidez ou morte. Ou, talvez, a tranquilidade da aposentadoria tenha sido perturbada por uma crise na família que, aos poucos, fez esvair o dinheiro e as forças dos envolvidos. Por que essas coisas acontecem?

Salomão menciona esse assunto em 5:19 e o deixa subentendido em 3:13. Para ele, havia um princípio básico segundo o qual ninguém é capaz de gozar as dádivas de Deus sem o Deus que concede as dádivas. Desfrutar as dádivas sem o Doador é idolatria, algo que nunca satisfaz o coração humano. O prazer sem Deus é apenas entretenimento e não traz satisfação alguma. Porém, o prazer com Deus é enriquecimento e traz verdadeira alegria e satisfação.

É possível que o versículo 2 descreva uma situação hipotética, ou talvez seja algo ocorrido com alguém que Salomão conhecia. O fato de Deus ter dado riquezas, prosperidade e honra a Salomão (2 Cr 1:11) torna esse relato ainda mais significativo para o rei. Feliz é aquele ao qual não falta coisa alguma, mas

infeliz é aquele que não consegue desfrutar as bênçãos da vida.

O que impede essa pessoa de gozar a vida? Talvez problemas em seu lar (Pv 15:16, 17; 17:1), enfermidades ou mesmo a morte (Lc 12:20). A pessoa descrita no versículo 2 não tem herdeiros, de modo que um desconhecido adquire seus bens e os desfruta. Parece tudo extremamente fútil.

O que Salomão está nos dizendo? “Desfrute as bênçãos de Deus agora e seja agrado por todas elas.” Não *planeje* viver; comece a viver agora. Contentese com o que ele lhe dá e use tudo para a glória de Deus.”

Os versículos 3 a 6 tratam, sem dúvida alguma, de um caso hipotético, pois ninguém vive dois mil anos e nenhum casamento monógamo gera cem filhos (Roboão, filho de Salomão, teve 88 filhos, mas era casado com 18 mulheres e tinha 60 concubinas – tal pai, tal filho; ver 2 Cr 11:21). É evidente que o Pregador está exagerando a fim de deixar sua mensagem clara: por mais riquezas que uma pessoa tenha, se não puder desfrutá-las, seria melhor que nem houvesse nascido.

Vemos aqui um homem com recursos abundantes e uma grande família, duas coisas que, para os israelitas do Antigo Testamento, eram sinais do favor especial de Deus. Mas sua família não o ama, pois quando morre nem sequer é pranteado. É isso o que significa a oração “não tiver sepultura” (ver Jr 22:18, 19). Seus parentes o cercavam apenas para usar seu dinheiro (5:11) e se perguntavam quanto tempo levaria para esse homem idoso morrer. Quando, por fim, ele morre, os parentes mal podem esperar para ler o testamento.

Na verdade, esse homem rico era pobre. Por algum motivo, talvez enfermidade, não poderia aproveitar seu dinheiro. Também não poderia desfrutar sua grande família, pois não havia amor em seu lar. Seus familiares nem choraram quando o homem morreu. Salomão chega à conclusão de que teria sido melhor se esse homem não houvesse nascido ou que houvesse nascido morto (ver Jó 3).

Nem sempre os israelitas daquela época davam nome a uma criança natimorta. Assim, ela não era lembrada. Acreditava-se

que essa era uma forma de encorajar os pais a superar sua tristeza mais rapidamente. “Pois de balde vem o aborto e em trevas se vai, e de trevas se cobre o seu nome” (v. 4). Em meu ministério pastoral, ouvi pais e avós perguntarem: “Por que Deus permite que uma criança seja concebida, se ela não vai sobreviver?” Salomão pergunta: “Por que Deus permitiu que esse homem tivesse riqueza e uma grande família, se não era capaz de desfrutar tudo isso?”

Há quem argumente que existir é melhor do que não existir e que uma vida difícil é melhor do que não ter vida alguma. É possível que Salomão concordasse, pois: “mais vale um cão vivo do que um leão morto” (9:4). Salomão, porém, não está tratando do problema de a existência ser melhor que a inexistência; antes, quer saber se existe algum propósito por trás do sistema aparentemente desequilibrado das coisas. Ao examinar a vida “debaixo do sol”, não encontra motivo algum para uma pessoa receber riquezas e, no entanto, ser privada de gozá-las.

A capacidade de desfrutar a vida vem de dentro do ser. É uma questão de caráter, não de circunstâncias. “Porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação”, Paulo escreve aos filipenses (Fp 4:11). O termo grego *autarkes*, traduzido por “contente”, transmite a idéia de “completo, adequado, que não precisa de coisa alguma de fora”. Paulo trazia *dentro* de si todos os recursos de que precisava para encarar a vida com coragem e superar as dificuldades. “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13).

O homem de dois mil anos e o natimorto acabaram no mesmo lugar – a sepultura. Mais uma vez, o Pregador confronta seus ouvintes com a certeza da morte e a futilidade da vida sem Deus. Assim, ele os prepara para a conclusão do tema quando encerrar seu sermão e os incentivar a confiar em Deus (11:9 – 12:14).

2. TRABALHO SEM SATISFAÇÃO (Ec 6:7-9)

Salomão havia falado do homem rico; agora, trata da situação do homem pobre. Tanto os ricos quanto os pobres trabalham para sobreviver. Devemos produzir o alimento ou ganhar o dinheiro para comprá-lo. O rico

pode usar seus investimentos como fonte de renda, mas o pobre precisa usar seus músculos para prover o alimento para si mesmo e para sua família. Porém, mesmo depois de todo esse trabalho, nenhum dos dois tem seu apetite inteiramente satisfeito.

Por que uma pessoa se alimenta? Para viver mais tempo. Mas de que adianta acrescentar anos à nossa vida se *não damos vida aos nossos anos*? Somos como os pássaros que observo em meu quintal. Passam todas as horas do dia procurando alimentos ou fugindo de seus inimigos (nossa vizinhança tem vários gatos). Na verdade, esses pássaros não estão *vivendo*, mas apenas *existindo*. No entanto, estão cumprindo os propósitos para os quais foram feitos pelo Criador – e até cantam sobre isso!

Salomão não está sugerindo que é errado trabalhar ou comer. Muita gente gosta de fazer essas duas coisas. Mas se a vida consiste *apenas* em trabalhar e comer, então estamos sendo controlados por nossos apetites, o que nos coloca praticamente no mesmo nível dos animais. No que se refere à natureza, a autopreservação pode ser a primeira lei da vida, mas nós, feitos à imagem de Deus, devemos viver em função de algo mais elevado (Jo 12:20-28). Dentro da nova criação (2 Co 5:17), pode muito bem ser que a autopreservação consista na primeira lei da morte (Mc 8:34-38).

A resposta para as duas perguntas do versículo 8 é: “Nenhuma!” Se tudo o que fazemos é viver para satisfazer nosso apetite, então o homem sábio não tem vantagem alguma sobre o tolo, como também os pobres não se beneficiam em nada ao tentar melhorar sua situação e aprender a conviver com os ricos. Salomão não está desprezando a educação nem o aprimoramento pessoal. Está apenas dizendo que essas coisas, por si mesmas, não são capazes de enriquecer a vida. Devemos ter uma motivação maior para viver.

Há um século, quando os Estados Unidos estavam entrando numa fase de prosperidade e de expansão, o naturalista norte-americano Henry David Thoreau advertiu que os seres humanos estavam criando “meios aprimorados para fins não aperfeiçoados”.

Thoreau deveria ter visto o mundo de hoje. Podemos mandar mensagens para qualquer parte do mundo em poucos segundos, mas será que temos algo de significativo a dizer? Somos capazes de transmitir imagens até mesmo da Lua, mas as telas de TV estão repletas de violência, de sexo, de propagandas vulgares e de entretenimento ainda mais vulgar.

O versículo 9 é a versão de Salomão para o conhecido ditado: “Melhor um pássaro na mão do que dois voando”, provérbio que existe há um bom tempo. O biógrafo grego Plutarco (46-120) escreveu: “Insensato é aquele que deixa escapar o pássaro que tem em sua mão para pegar o que se encontra no arbusto”. Salomão está dizendo que é melhor ter poucas coisas e desfrutá-las do que sonhar com muitas coisas sem nunca obtê-las. Os sonhos podem se tornar pesadelos se não lidarmos com a realidade.

Salomão está dizendo que é errado sonhar alto ou termos uma grande ambição de realizar algo na vida? Claro que não, mas devemos cuidar para que nossa ambição seja motivada pela glória de Deus e não pela aprovação dos homens. Devemos ter um desejo de servir a outros, não de promover a nós mesmos. Estamos errados se acreditamos que nossas realizações trarão automaticamente a satisfação que buscamos. A verdadeira satisfação é decorrente de fazer a vontade de Deus de todo coração (Ef 6:6). “A minha comida”, disse Jesus, “consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4:34).

Por certo, pode haver riquezas com prazer e trabalho com satisfação dentro da vontade de Deus. Mas devemos aceitar o plano de Deus para nossa vida e receber suas dádivas com gratidão, desfrutando cada uma delas à medida que ele nos permite fazê-lo. “Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente” (Sl 16:11).

3. PERGUNTAS SEM RESPOSTAS (Ec 6:10-12)

Até aqui, Salomão disse que a vida é uma rua sem saída para dois tipos de pessoas: aqueles que têm riquezas sem prazer e aqueles que trabalham sem satisfação. Porém, o rei

procura ressaltar que a verdadeira felicidade não é resultado automático de ter uma boa vida; antes, é o fruto abençoado de uma vida boa. Se dedicamos nossa vida somente a buscar felicidade, sentimo-nos profundamente infelizes; mas se dedicamos nossa vida a fazer a vontade de Deus, também encontramos a felicidade.

O ensaísta e poeta inglês Joseph Addison (1672-1718) escreveu: “Os principais elementos essenciais para a felicidade nesta vida são algo para fazer, alguém para amar e algo pelo que esperar”. É bem provável que, ao escrever isso, Addison não tivesse o cristianismo em mente, mas nós temos esses três elementos em Jesus Cristo!

O Pregador ainda não terminou. Sabe que a vida é uma rua sem saída para mais um tipo de pessoa - aqueles que exigem respostas para todas as perguntas referentes à vida. Salomão não está condenando questionamentos sinceros, pois Eclesiastes é o registro da própria investigação do sentido da vida. Na verdade, Salomão está dizendo: “Há certas perguntas sobre a vida a que ninguém é capaz de responder. Porém, nossa ignorância não deve ser usada como desculpa para o ceticismo e a incredulidade. Antes, nossa ignorância deve nos incentivar a ter fé em Deus. Afinal, não vivemos de explicações, mas sim de promessas”.

Ao longo de meu ministério pastoral, tenho observado que a maior parte das explicações não resolve problemas pessoais nem faz as pessoas se sentirem melhor. Quando um médico explica uma radiografia a um paciente, sua explicação não promove a cura, apesar de, certamente, ser um passo essencial em direção à recuperação. Em meio ao seu sofrimento, Jó não parava de discutir com Deus e de exigir uma explicação sobre sua terrível situação. Em momento algum Deus respondeu a suas perguntas, pois o conhecimento mental não é garantia de cura emocional. Essa cura só ocorre quando cremos nas promessas de Deus.

Sem entrar em maiores detalhes, nos versículos 10 a 12, Salomão menciona cinco perguntas que as pessoas fazem com frequência.

Se “o que será, será”, então, para que tomar uma decisão? Afinal, as coisas não são todas predestinadas? A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome, e sabe-se o que é o homem” (v. 10a). Para os israelitas, dar nome a algo significava determinar seu caráter e declarar o que aquela coisa era de fato. Ao longo da criação, Deus deu nome às coisas que havia feito, e ninguém mudou essas designações. “Luz” é “luz”, e não “trevas”; “dia” é “dia”, e não “noite” (ver Is 5:20).

Nosso nome é “homem” - *Adão*, “do pó da terra” (Gn 2:7). Ninguém pode mudar esse fato: viemos do pó e para o pó voltaremos (Gn 3:19). Ainda que recebesse outro nome, o “homem” continuaria a ser feito de pó e, mais cedo ou mais tarde, voltaria ao pó.

O fato de Deus ter dado nomes a todas as coisas não significa que o mundo é uma prisão e que não temos liberdade alguma de agir. Por certo, Deus cumpre seus propósitos divinos com ou sem a nossa cooperação, mas nos convida a trabalhar com ele. Cooperamos com Deus ao aceitar os “nomes” que ele deu às coisas: pecado é pecado; obediência é obediência; verdade é verdade. Se mudamos esses nomes, passamos a viver em um mundo de ilusão e perdemos contato com a realidade. É nesse mundo de ilusão que muita gente está vivendo hoje em dia.

Temos liberdade de decidir e de escolher nosso mundo, mas não temos liberdade de mudar as conseqüências. Se escolhermos um mundo de ilusão, começamos a viver de substitutos, e, em um mundo de substitutos, não há satisfação alguma. “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:3). “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1 Jo 5:20).

Por que discordamos de Deus? Afinal, não podemos nos opor a ele e vencer. “[...] não pode contender com quem é mais forte do que ele” (v. 10b). O termo traduzido por “contender” também significa “discutir”.

Ao que parece, Salomão está dizendo: “Não vale a pena discutir com Deus nem brigar com ele. A vida é assim, de modo que o melhor a fazer é aceitá-la e deixar que Deus faça sua vontade. Mesmo que acreditemos ser capazes de vencer, isso é impossível, pois no fim das contas, sempre perdemos”.

No entanto, essa é uma visão negativa da vontade de Deus. Dá a impressão de que ela é difícil e dolorosa e de que deve ser evitada a qualquer custo. Jesus disse que a vontade de Deus era o alimento que o sustentava e que o saciava (Jo 4:32-34). Era comida, não remédio. A vontade de Deus vem do seu coração e é uma expressão do seu amor (ver Sl 33:11). O que Deus quer para nossa vida é o melhor para nós e ele sabe muito mais a respeito de nossa vida do que nós mesmos.

Por que uma pessoa desejaria fazer as coisas a seu modo pelo simples privilégio de exercitar sua “liberdade”? Insistir em fazer as coisas a nosso modo não é, de maneira alguma, ter liberdade; é o pior tipo de escravidão. Na verdade, o julgamento mais terrível que podemos sofrer nesta vida é Deus “desistir” e permitir que façamos tudo do modo como desejamos (Rm 1:24, 26, 28).

Deus tem liberdade de agir como lhe parece melhor. Não é um prisioneiro das próprias atitudes, de sua criação, nem de seus propósitos eternos. Podemos não entender as maneiras de Deus usar sua liberdade, mas não precisamos saber de tudo. Experimentamos nossa maior liberdade quando nos entregamos com amor à vontade de Deus. Nosso Pai celeste não se sente ameaçado quando o questionamos, argumentamos com ele ou mesmo brigamos com ele, desde que tenhamos o desejo de lhe agradar e que amemos sua vontade.

Aonde conseguimos chegar com todas essas palavras? Falar resolve o problema? (v. 11). Na verdade, em certos momentos, temos a impressão de que, quanto mais discutimos um problema, menos o entendemos. Nem sempre as palavras são esclarecedoras; por

vezes, trazem consigo nuvens e até mesmo escuridão. “É certo que há muitas coisas que só aumentam a vaidade, mas que aproveita isto ao homem?” (v. 11). É então que precisamos da Palavra de Deus e da sabedoria que somente ele pode nos dar. Se algumas discussões parecem inúteis e produzem “vaidade”, há outras ocasiões em que as conversas nos aproximam da verdade e do Senhor.

Quem sabe o que é bom para nós? (v. 12). Deus sabe! E o sábio gasta tempo ouvindo o que Deus tem a dizer. Claro que a vida pode parecer passageira e ilusória, como uma bolha de sabão (“vaidade”) ou como uma sombra, “aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17).

Alguém conhece o futuro? (v. 12b). Apesar do que os astrólogos, videntes e cartomantes dizem, ninguém conhece o futuro a não ser Deus. É inútil especular. Deus nos dá informações suficientes para nos encorajar, mas não satisfaz a curiosidade ociosa. Uma coisa é certa: a morte está a caminho, e devemos fazer o melhor uso possível das oportunidades do presente. Esse é um dos principais temas de Eclesiastes.

Salomão tratou de dois de seus argumentos para a idéia de que não vale a pena viver: a monotonia da vida (3:1 – 5:9) e a futilidade da riqueza (5:10 – 6:12). Descobriu que a existência humana “debaixo do sol” pode, de fato, ser monótona e vazia, mas que não precisa ser assim, *se incluirmos Deus em nossa vida*. A vida é uma dádiva de Deus para nós, e devemos aceitar aquilo que ele nos dá, gozando essas dádivas enquanto podemos (3:12-15, 22; 5:18-20).

Em seguida, Salomão trata de seu terceiro argumento, a vaidade da sabedoria humana (7:1 – 8:17), e discute se a sabedoria pode mesmo tornar a vida melhor. Apesar de a sabedoria não ser capaz de explicar todos os problemas nem de responder a todas as perguntas, continua sendo uma aliada de grande valor ao longo de nossa jornada nesta vida.

COMO MELHORAR DE VIDA

ECLÉSIASTES 7:1-29

“É tolice ser sábio quando a ignorância traz felicidade.” Thomas Gray escreveu essas palavras citadas com frequência em seu poema “Ode on a Distant Prospect of Eton College”. Descreveu os alunos nos campos de esporte e nas salas de aula, gozando a vida por não saberem o que o futuro lhes reservava.

Não obstante suas tristes sinas,
Estão a brincar, as vítimas pequeninas!
Não imaginam qualquer mal vindouro,
Nem as preocupa o futuro.

Sua conclusão é lógica: nesse estágio da vida, é melhor ser ignorante e feliz, pois haverá tempo de sobra para sentir as tristezas que podem acompanhar o conhecimento.

Mas por que devem saber do seu destino?
As tristezas não perdem seu momento oportuno.
E as alegrias passam com tanta velocidade.
Pensar destruiria seu paraíso. Piedade!
É tolice ser sábio onde a ignorância traz felicidade.

Salomão chega a uma conclusão parecida ao argumentar em 1:12-18 que a sabedoria não faz a vida valer a pena. “Porque na muita sabedoria há muito enfado”, escreve em 1:18, “e quem aumenta a ciência aumenta tristeza”.

Em seguida, porém, o rei volta a olhar para esse problema e muda de opinião. Em Eclesiastes 7 e 8, discute a importância da sabedoria na vida (o termo “sabedoria” aparece catorze vezes nesses dois capítulos) e

responde à pergunta feita em 6:12: “Pois quem sabe o que é bom para o homem?” O Pregador conclui que, apesar de a sabedoria não ser capaz de explicar todos os mistérios da vida, oferece pelo menos três contribuições positivas.

1. A SABEDORIA PODE MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA (Ec 7:1-10)

A palavra-chave deste capítulo é “melhor”, e Salomão a utiliza pelo menos 11 vezes. Seus ouvintes devem ter se espantado quando Salomão começou a descrever as “coisas melhores” que acontecem na vida da pessoa que segue a sabedoria de Deus.

A mágoa é melhor que o riso (vv. 1-4). Se pudesse escolher, a maioria das pessoas preferiria uma festa de aniversário a um funeral, mas Salomão aconselha o contrário. Isso porque a tristeza pode fazer mais bem ao coração do que o riso. (A palavra “coração” é usada três vezes nestes versículos.) Por certo, Salomão não era um homem taciturno, com um estilo de vida melancólico. Afinal, foi o rei Salomão quem escreveu Provérbios 15:13, 15; 17:22 – e Cantares de Salomão! O riso pode ser como um remédio que cura o coração quebrantado, mas a tristeza pode ser como um alimento nutritivo, que fortalece o ser interior. Poucas pessoas percebem que uma vida equilibrada tem ambos. Há um “tempo de rir” (Ec 3:4).

Comecemos com a declaração estranha de Salomão de que o dia da morte é melhor que o dia do nascimento (v. 1). Essa generalização não deve ser considerada fora do contexto da declaração de abertura, segundo a qual a reputação (“fama” ou “nome”) de uma pessoa é como um perfume aromático (o original apresenta um jogo de palavras, pois, em hebraico, “nome” é *shem* e “ungüento” é *shemen*). O rei usa essa mesma imagem em 10:1 e também em Cantares 1:3.

Salomão não está contrastando o nascimento com a morte, nem sugerindo que é melhor morrer do que nascer, pois não se pode morrer sem antes ter nascido. Seu contraste se refere a dois dias importantes da existência humana: o dia em que uma pessoa recebe seu nome e o dia que esse nome

aparece no obituário. A vida que transcorre entre esses dois acontecimentos determina se esse nome deixará para trás um aroma agradável ou um mau cheiro insuportável. “Isso não está cheirando bem...” é uma frase meio rude, mas dá o recado.

Se uma pessoa morre com um bom nome, sua reputação está selada, e a família não tem com que se preocupar. Nesse sentido, o dia da morte é melhor que o dia do nascimento. A vida chega ao fim e a reputação está definida (Salomão parte do pressuposto de que não há escândalos a serem revelados postumamente). De acordo com um antigo ditado, “Todo homem tem três nomes: aquele que recebeu dos pais, aquele pelo qual os outros o chamam e aquele que ele próprio faz para si”.

“A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão” (Pv 10:7; ver Pv 22:1). Maria de Betânia ungiu Jesus com um perfume caro, e seu aroma espalhou-se pela casa. Jesus lhe disse que seu nome seria honrado em todo o mundo, e essa promessa continua a se cumprir. Judas, entretanto, vendeu Jesus para o inimigo, e seu nome é quase sempre desprezado (Mc 14:1-11). Quando Judas nasceu, recebeu um bom nome, pois Judá quer dizer “louvor”, o mesmo nome da tribo real de Israel. Ao morrer, Judas havia transformado esse nome honrado em algo vergonhoso.

Nos versículos 2 a 4, Salomão aconselha o povo a encarar a morte de frente e a aprender com ela. Não diz que devemos nos preocupar com a morte, pois isso pode ser anormal. Porém, há o perigo de tentarmos evitar ser confrontados com a realidade da morte e, em decorrência disso, não levar a vida tão a sério quanto deveríamos. “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio” (Sl 90:12).

O Pregador não está nos apresentado uma situação com duas possibilidades mutuamente exclusivas, mas sim pedindo que tenhamos equilíbrio. O termo hebraico para “riso”, no versículo 3, pode significar “o riso de escárnio ou desprezo”. Apesar de o humor sadio ter seu devido lugar, devemos nos guardar do riso frívolo encontrado, com

freqüência, “na casa da alegria” (v. 4). Quando as pessoas zombam da morte, por exemplo, normalmente é sinal de que a temem ou de que não estão preparados para ela. Trata-se de uma forma de fuga.

O falecido dr. Ernest Becker escreveu em seu livro vencedor do prêmio Pulitzer: “[...] o conceito de morte, o medo da morte, assombra o animal humano como nenhuma outra coisa; é a motivação principal das atividades humanas – atividades estas que têm por objetivo vencer a morte negando, de algum modo, que ela é o destino final do ser humano”¹ O rei Salomão sabia dessa verdade há muitos séculos!

A repreensão é melhor que o louvor (vv. 5, 6). O rei Salomão compara os elogios dos insensatos com espinhos queimando numa fogueira: ouve-se muito barulho, mas não se produz nada muito duradouro. (Mais uma vez, Salomão usa um jogo de palavras. No hebraico, “canção” é *shir*, “panela” é *sir* e “espinhos” é *sirim*.) Se assim permitirmos, a repreensão de uma pessoa sábia é muito mais proveitosa para nossa vida do que a lisonja dos insensatos. É provável que Salomão tenha aprendido esse fato com o pai (Sl 141:5) e, sem dúvida, o enfatiza em Provérbios (10:17; 12:1; 15:5; 17:10; 25:12; 27:5, 17; 29:1, 15).

O grande escritor inglês Samuel Johnson estava na casa do famoso ator David Garrick, e uma “senhora célebre” insistia em cobrir Johnson de elogios. “Poupei-me, vos suplico, minha cara senhora!”, respondeu ele; mas, como diz Boswell, seu biógrafo: “A tal senhora não desistiu”. Por fim, Johnson a calou dizendo: “Caríssima senhora, considere consigo mesma o valor de sua lisonja antes de distribuí-la tão liberalmente”.

O caminho mais longo é melhor que o atalho (v. 7-9). Cuidado com os caminhos “fáceis”; pois muitas vezes se tornam desvios difíceis e caros que causam grande sofrimento. Em 1976, minha esposa e eu estávamos viajando de carro pela Escócia, e um amigo desenhou para nós um mapa de um caminho mais “rápido” de Balmoral Castle para Inverness. Acabamos numa estrada muito estreita e perigosa, que o pessoal da região

chamava de “Cotovelo do Diabo”, e ainda encontramos um ônibus e um caminhão de cimento! Nosso versículo daquele dia foi “Vigiai e orai!”.

O suborno parece ser uma forma de agilizar as coisas (v. 7), mas, na verdade, transforma o sábio num insensato e alimenta a corrupção que já existe no coração humano. É muito melhor esperar com paciência e humildade para que Deus faça sua vontade do que nos irar e exigir que as coisas sejam feitas a nossa maneira (v. 8; ver também Pv 14:17; 16:32 e Tg 1:19).

O preceito: “Melhor é o fim das coisas do que o seu princípio” aplica-se quando estamos vivendo de acordo com a sabedoria de Deus. O começo do pecado conduz a um final terrível: a morte (Tg 1:13-15), mas se Deus está no começo daquilo que fazemos, providenciará para que alcancemos o final com sucesso (Fp 1:6; Hb 12:2). O cristão pode apropriar-se de Romanos 8:28, pois sabe que Deus está atuando no mundo, cumprindo seus propósitos.

Há um provérbio árabe que diz: “Cuidado com os começos”. Um bom começo normalmente garante um bom final. O filho pródigo começou com felicidade e riqueza e acabou passando por sofrimento e pobreza (Lc 15:11-24); José começou como um escravo e terminou como um governante poderoso! Deus sempre guarda o “bom vinho” para o final (Jo 2:10), mas Satanás começa com o que tem de “melhor” e depois conduz o pecador ao sofrimento e, por vezes, até à morte.

O dia de hoje é melhor que o de ontem (v. 10). Quando a vida está difícil e ficamos impacientes e ansiosos por mudanças, é fácil ter saudades dos “bons tempos” de outrora, quando as coisas estavam melhores. No lançamento dos alicerces do segundo templo, os homens mais velhos choraram de saudades dos “bons tempos” do passado, e os rapazes cantaram porque o trabalho havia começado (Ed 3:12, 13). Alguém disse que os “bons tempos” são uma combinação de péssima memória com boa imaginação, e, muitas vezes, é o que acontece.

O dia de ontem faz parte do passado e não pode ser mudado, e o dia de amanhã

pode não se concretizar, de modo que resta aproveitar ao máximo o dia de hoje. *Carpe Diem!*, escreveu o poeta romano Horácio. “Aproveite o dia!” Isso não significa que não devemos aprender com o passado nem nos preparar para o futuro, pois ambos são importantes. Significa que devemos viver o dia de *hoje* de acordo com a vontade de Deus, sem permitir que o passado nos paralise nem que o futuro nos hipnotize. Nas palavras do ensaísta vitoriano Hilaire Belloc: “Enquanto você está sonhando com o futuro ou se arrependendo do passado, o presente, que é tudo o que você tem, lhe escapa e desaparece”.

2. A SABEDORIA AJUDA A VER A VIDA COM CLAREZA (EC 7:11-18)

Um dos sinais de maturidade é a capacidade de olhar a vida com uma perspectiva correta, sem perder o equilíbrio. Quando temos a sabedoria de Deus, somos capazes de aceitar e de lidar com as várias experiências da vida.

Riqueza (vv. 11, 12). A sabedoria é melhor que uma herança generosa. O dinheiro pode perder seu valor ou ser roubado, mas a verdadeira sabedoria conserva seu valor e não pode ser perdida, a menos que nos tornemos insensatos e que a abandonemos deliberadamente. A pessoa rica sem sabedoria desperdiça sua fortuna, mas o sábio é capaz de obter riquezas e de usá-las corretamente. Devemos ser gratos pelo rico tesouro de sabedoria que herdamos do passado e nos envergonhar por ignorá-la ou por lhe desobedecer com freqüência. A sabedoria é como um “abrigo” para os que são obedientes e lhes oferece mais proteção do que o dinheiro.

Providência (v. 13). O pregador muito simples que disse aos membros de sua igreja para “Cooperar com o inevitável” compreendeu o significado desse versículo, que pode ser parafraseado como: “Veja como Deus faz as coisas e procure se adaptar a elas. Não adianta lutar contra as leis da natureza” (*A Bíblia Viva*). Não se trata de uma mensagem chamando a um fatalismo escravizador; da mesma forma, Eclesiastes 1:15 é um convite a uma vida de submissão à vontade de

Deus. Se Deus faz alguma coisa retorcida, pode endireitá-la e talvez nos peça para cooperar com ele na realização dessa tarefa. Porém, se Deus deseja que essa coisa permaneça retorcida, é melhor não discutir com ele. Não compreendemos inteiramente todas as obras de Deus (11:5), mas sabemos que "Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo" (3:11). Isso inclui as coisas que consideramos tortas e feias.

Apesar de não concordar com toda a sua teologia, aprecio a "Oração da Serenidade" escrita em 1934 por Reinhold Niebuhr. Uma versão dela é usada em todo o mundo por pessoas de vários grupos de apoio, inclusive os Alcoólicos Anônimos, e se encaixa na lição que Salomão ensina no versículo 13:

Ó Deus, dá-nos

Serenidade para aceitar aquilo que não pode ser mudado,

Coragem para mudar aquilo que deve ser mudado.

E sabedoria para distinguir entre um e outro.

Adversidade e prosperidade (v. 14). A sabedoria dá a perspectiva correta para não desanimarmos quando os tempos são difíceis e para não ficarmos arrogantes quando as coisas estão indo bem. É preciso um bocado de espiritualidade para aceitar tanto a prosperidade quanto a adversidade, pois, muitas vezes, a prosperidade causa mais estragos (Fp 4:10-13). Jó lembrou sua esposa dessa verdade quando ela lhe disse para amaldiçoar a Deus e morrer: "Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?" (2:10). Antes disso, Jó havia declarado: "o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!" (1:21).

Deus confere equilíbrio a nossa vida, dando-nos bênçãos suficientes para nos manter felizes e fardos suficientes para nos manter humildes. Se tivéssemos apenas bênçãos em nossas mãos, tombaríamos para frente, de modo que Deus equilibra essas dádivas com fardos em nossas costas. Isso ajuda a nos mantermos firmes, e, ao nos sujeitarmos ao

Senhor, ele pode até transformar fardos em bênçãos.

Por que Deus determinou que nossa vida deve funcionar dessa maneira? A resposta é simples: para nos impedir de pensar que sabemos tudo e que podemos cuidar de nossa vida sem ajuda alguma. "Para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele" (v. 14). Quando pensamos ter uma explicação para as coisas, Deus muda a situação, e nossa fórmula não funciona mais. Foi nesse ponto que os amigos de Jó tomaram o rumo errado: tentaram usar um mapa antigo para guiar Jó numa viagem inteiramente nova, e o mapa não serviu. Por mais experiência que tenhamos na vida cristã, por mais livros que tenhamos lido, ainda assim devemos caminhar pela fé.

Retidão e pecado (vv. 15-18). Se há um problema na vida que exige uma perspectiva madura é a pergunta: "Por que os justos sofrem e os ímpios prosperam?" Pessoas boas morrem jovens, enquanto os perversos parecem desfrutar uma vida longa, algo que nos dá a impressão de ser contrário à justiça e à Palavra de Deus. Afinal, Deus não disse a seu povo que os obedientes terão vida longa (Êx 20:12; Dt 4:40) e que os desobedientes perecerão (Dt 4:25, 26; Sl 55:23)?

Há dois fatos que devem ser observados. Por certo, Deus prometeu abençoar Israel em sua terra se obedecessem à sua lei, mas não deu essa mesma promessa aos cristãos de hoje que vivem sob a nova aliança. Francis Bacon (1561-1626) escreveu: "A bênção do Antigo Testamento é a prosperidade; a bênção do Novo Testamento é a adversidade". Jesus não começou o sermão da montanha dizendo: "Bem-aventurados os ricos de substância", mas sim: "Bem-aventurados os humildes de espírito" (Mt 5:3; e ver Lc 6:20).

Em segundo lugar, os ímpios só parecem prosperar quando consideramos as coisas a *curto prazo*. Foi essa a lição que Asafe registrou no Salmo 73 e que Paulo reforçou em Romanos 8:18 e 2 Coríntios 4:16-18. "Já receberam a recompensa" (Mt 6:2, 5, 16), e isso é tudo o que receberão. Podem ganhar o mundo inteiro, mas perderão a própria alma. Esse é o destino de todos os que seguem seu

exemplo e que sacrificam as coisas eternas em troca das coisas temporárias.

Os versículos 16 a 18 são interpretados incorretamente por aqueles que dizem que Salomão estava ensinando a “moderação” na vida diária: não sejam justos demais, mas também não sejam grandes pecadores. “Não corram riscos!”, dizem esses filósofos cautelosos, mas não foi isso o que Salomão escreveu.

No texto hebraico, os verbos no versículo 16 dão a idéia de uma ação reflexiva. Salomão diz ao povo: “Não afirmem ser justos e não afirmem ser sábios”. Em outras palavras, trata-se de uma advertência contra o *farisaísmo* e o *orgulho que surge quando pensamos que “chegamos” e sabemos tudo*. No versículo 20, Salomão deixa claro que ninguém é justo. Condena o farisaísmo do hipócrita e a sabedoria falsa do orgulhoso e avisa que esses pecados conduzem à destruição e à morte.

O versículo 18 contrabalança a advertência: devemos nos apegar à verdadeira justiça e não nos apartar da verdadeira sabedoria; para isso, precisamos andar no temor do Senhor. “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria” (Pv 9:10), e, para aquele que crê, Jesus Cristo é “sabedoria e justiça” (1 Co 1:30), de modo que o povo de Deus não precisa “criar” essas bênçãos por conta própria.

3. A SABEDORIA AJUDA A ENCARAR A VIDA COM MAIS PODER (Ec 7:19-29)

“A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade” (v. 19). O sábio teme ao Senhor e, portanto, não precisa ter medo de qualquer pessoa nem de coisa alguma (Sl 112). Caminha com o Senhor e está devidamente preparado para enfrentar os desafios da vida, inclusive a guerra (ver 9:13-18).

Quais são alguns problemas da vida que devemos enfrentar e superar? O primeiro da lista é o **pecado**, pois não existe ninguém na terra sem pecado (v. 20; **observar também 1 Rs 8:46**). Somos culpados tanto dos pecados de omissão (“Não há homem justo sobre a terra que faça o bem”) como dos pecados de comissão (“e que não peque”). Quando

caminhamos no temor de Deus e seguimos sua sabedoria, somos capazes de detectar e de derrotar o inimigo quando ele vem nos tentar. A sabedoria nos conduz e nos guarda em nossa jornada diária.

Outro problema que enfrentamos é **o que as pessoas dizem a nosso respeito** (vv. 21, 22). A pessoa sábia não presta atenção às fofocas em circulação, pois tem coisas mais importantes a fazer. Charles Spurgeon dizia aos alunos de seminário que o pastor devia ser cego de um dos olhos e surdo de um dos ouvidos. “Não podemos deter a língua das pessoas”, dizia, “de modo que, o melhor a fazer, é deter os próprios ouvidos e não dar atenção ao que é dito. Há um mundo repleto de conversa fiada aí fora, e aquele que dá ouvidos a tudo sempre terá o que fazer”.² É evidente que, para ser honestos, provavelmente teremos de confessar que já falamos de outros! (ver Sl 38 e Mt 7:1-3).

O terceiro problema é **nossa incapacidade de entender tudo o que Deus está fazendo neste mundo** (vv. 23-25, e ver 3:11 e 8:17). Até mesmo Salomão, com toda a sabedoria que havia recebido de Deus, não conseguia compreender tudo o que há no mundo, como Deus controla todas as coisas e os propósitos que tem em mente. Salomão procurou o “juízo [razão] de tudo”, mas não encontrou uma resposta definitiva a suas perguntas. Porém, o sábio está ciente de sua falta de conhecimento, e isso contribui para sua sabedoria!

Por fim, o sábio deve tratar da **natureza pecaminosa da humanidade em geral** (vv. 26-29). Salomão começou com a mulher pecadora, a prostituta que enreda os homens e os conduz à morte (v. 26, e ver Pv 2:16-19; 5:3-6; 6:24-26; e 7:5-27). O próprio Salomão havia caído nas armadilhas de várias mulheres estrangeiras que o seduziram para longe do Senhor e que o levaram a adorar seus deuses pagãos (1 Rs 11:3-8). A maneira de escapar da mulher perversa é temer a Deus e procurar lhe agradecer.

Salomão conclui que a raça humana, como um todo, estava presa ao pecado e que um homem dentre mil era sábio – e nenhuma mulher! (o número mil é sugestivo ao

se considerar 1 Rs 11:3). Não devemos pensar que Salomão considerava as mulheres menos inteligentes que os homens, pois não é esse o caso. O rei apresenta um conceito favorável das mulheres em Provérbios (12:4; 14:1; 18:22; 19:14 e 31:10ss), em Eclesiastes (9:9) e, sem dúvida alguma, em Cantares. No Livro de Provérbios, Salomão chega a retratar a sabedoria de Deus como uma linda mulher (1:20ss; 8:1ss; 9:1ss). No entanto, é preciso lembrar sempre que as mulheres daquela época não possuíam a liberdade nem a posição que ocupam na sociedade de hoje e que, de modo algum, era comum uma mulher possuir o mesmo nível de instrução que um homem. Uma mulher governar sobre a terra era considerado um julgamento de Deus (Is 3:12, lembrando, porém de Miriã e Débora, duas líderes de grande competência).

Deus criou o homem (Adão) como um ser justo, mas Adão desobedeceu a Deus e caiu em pecado, de modo que, agora, todos os homens são pecadores que procuram

várias invenções engenhosas. Uma vez que foi criado à imagem de Deus, o homem tem a capacidade de compreender e de usar as forças que Deus colocou na natureza, mas nem sempre usa essa capacidade de maneiras construtivas. Cada avanço da ciência parece abrir uma nova caixa de Pandora para o mundo, e, agora, nos vemos às voltas com o ar e a água poluídos e com recursos naturais esgotados. Além disso, o ser humano usa suas aptidões para criar formas sedutoras de pecado que destroem indivíduos e nações.

Sem dúvida, há muitos laços e armadilhas neste mundo perverso, mas a pessoa que possui a sabedoria piedosa tem o poder de se livrar de tudo isso. Assim, Salomão prova que sua argumentação está correta: a sabedoria pode tornar a vida melhor, mais clara e mais forte. Talvez não sejamos capazes de compreender tudo o que Deus está fazendo, mas temos sabedoria suficiente para viver de modo a fazer o bem a outros e a glorificar a Deus.

1. BECKER, Dr. Ernest. *The Denial of Death* [A negação da morte]. Free Press, 1975, p. ix.
2. SPURGEON, Charles. *Lectures to My Students* [Preleções a meus alunos], versão reimpressa. Marshall Morgan e Scott, 1965, p. 321.

E QUANTO AOS PERVERSOS?

ECLESIASTES 8:1-17

Ao prosseguir em sua investigação sobre o valor da sabedoria, o rei Salomão se depara com o problema do mal no mundo, questão que nenhuma pessoa honesta e pensante pode evitar. Esse problema não nasce da *incredulidade*, mas sim da *fé*. Se Deus não existe, só nos resta culpar a nós mesmos (ou ao destino) por aquilo que acontece no mundo. Porém, se cremos num Deus que é bom e amoroso, devemos encarar uma questão extremamente difícil: “Por que há tanto sofrimento no mundo?” Deus não está a par ou não se importa? Ou será que ele se importa mas não tem o poder de tomar uma providência?

Algumas pessoas refletem sobre essa questão e acabam se transformando em agnósticos ou ateus, mas, ao fazê-lo, criam outro problema: “De onde vem tudo o que há de *bom* no mundo?” É difícil crer que as coisas bonitas e agradáveis que temos no mundo – mesmo em meio a tanta perversidade – foram produzidas *apenas* pela matéria.

Outras pessoas resolvem esse problema afirmando que o mal é apenas uma ilusão e que não devemos nos preocupar com ele; ou, ainda, que Deus encontra-se num “processo de evolução” e que não há muito o que se possa fazer com relação às tragédias da vida. Garante, porém, que Deus se fortalecerá e que as coisas ficarão melhores à medida que evoluírem.

Salomão não nega a existência de Deus nem a realidade do mal, mas também não limita o poder de Deus. Salomão resolve o problema do mal confirmando esses fatores e *considerando-os a partir de uma perspectiva correta*. Não devemos esquecer que um

dos grandes responsáveis pelo mal no mundo é o homem caído, e que suas “muitas astúcias”, boas e más, ajudaram a criar problemas de vários tipos (7:29). Certamente Deus não pode ser culpado por isso!

Durante os dias mais sombrios da Segunda Guerra Mundial, alguém perguntou a um amigo meu:

– Por que Deus não acaba com a guerra?

Ao que meu amigo respondeu com sabedoria:

– Porque não foi ele quem a começou.

Salomão teria concordado com essa resposta.

O Pregador investiga o problema do mal no mundo examinando três áreas importantes da vida.

1. AUTORIDADE (Ec 8:1-9)

Começando com Ninrode (Gn 10:8, 9) e prosseguindo ao longo dos séculos com os Faraós, Senaqueribe, Nabucodonosor, Dario, os Césares e, em tempos mais recentes, os ditadores medíocres, milhões de pessoas foram oprimidas de uma forma ou de outra por algum governante incompetente. Em várias ocasiões, o povo de Israel sofreu nas mãos de opressores estrangeiros, e o próprio Salomão colocou seu povo sob um jugo pesado de servidão (1 Rs 4:7-28; 12:1ss).

É importante lembrar que, naquele tempo, os governantes do Oriente exerciam poder absoluto sobre seus súditos e, com frequência, usavam esse poder indevidamente, de acordo com seus caprichos. Alguns líderes governavam como ditadores benevolentes, mas quase todos eram déspotas, que não permitiam que coisa alguma os impedisse de satisfazer seus desejos.

Salomão descreve um oficial da corte real, um homem que deveria cumprir as ordens de um governante tirano. Era um oficial sábio, como era possível ver até mesmo em seu rosto (v. 1; ver também Ne 2:1ss e Pv 15:13). E se o rei ordenasse que ele fizesse algo perverso, algo que o servo não desejava fazer? Qual deveria ser sua atitude? Entra em cena a sabedoria, que lhe mostra quatro abordagens possíveis para lidar com esse problema.

Desobediência. A admoestação de Salomão é “observa o mandamento do rei” (v. 2). Isso porque, em primeiro lugar, o oficial deve se manter fiel a seu juramento de lealdade ao rei e a Deus, fonte de toda a autoridade do mundo (Rm 13). Ao desobedecer às ordens, o servo estaria quebrando a promessa que havia feito ao rei e a Deus, e esse ato teria sérias conseqüências.

A palavra do rei era mais poderosa que a do servo (v. 4) e, portanto, prevaleceria, mesmo que o rei precisasse eliminar a oposição. Não era seguro para ninguém questionar as decisões do rei, pois “ele faz o que bem entende”. Não havia lei alguma para condenar o rei.

Em terceiro lugar, o oficial deveria obedecer às ordens a fim de não ser castigado (v. 5a). Afinal, sua obediência poderia acabar numa sentença de morte (ver Dn 4). Paulo usa uma argumentação semelhante em Romanos 13:3, 4: *Todos temos dificuldades suficientes, então por que criar mais problemas (v. 7)?* Além disso, uma vez que ninguém pode prever o futuro, não há como saber qual será a reação do rei diante das decisões de seus servos.

Uma coisa é certa: um dia, a perversidade será julgada (v. 8b), e nem mesmo os reis escaparão. Ninguém pode controlar o vento nem evitar o dia da sua morte (no hebraico, “vento” e “espírito” são a mesma palavra) e ninguém pode ser dispensado do exército quando há uma guerra em andamento. Semelhantemente, ninguém pode deter a execução inexorável da lei de Deus. “Pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6:7). “Sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32:23).

Porém, suponhamos que o servo não possa, de modo algum, obedecer a seu senhor? Nesse caso, deve considerar as outras possibilidades.

Deserção (v. 3a). Podemos ver o oficial saindo, desgostoso, da presença do rei e entregando seu cargo na corte.

Até mesmo essa atitude não é inteiramente segura, uma vez que o rei poderia se sentir ofendido e mandar castigar o homem de qualquer maneira. Porém, muitas pessoas

pediram demissão ou renunciaram um cargo a fim de manter sua integridade. Lembrou-me de conversar com um operador de máquinas de impressão que saiu de um ótimo emprego numa gráfica de grande porte porque a empresa havia decidido começar a imprimir revistas pornográficas. Perdeu seu salário, mas manteve seu caráter.

Resistência (v. 3b). A oração: “nem te obstines em coisa má” pode significar: “nem promova o plano perverso do rei” ou “Não se envolva num plano para depor o rei”. Prefiro a segunda interpretação, pois combina com a primeira admoestação no versículo 3. O oficial deixa a presença do rei apressadamente, encontra outros que se opõem ao monarca e, juntos, começam a conspirar contra a coroa. Salomão não aprova essa abordagem.

Existe um lugar para a “desobediência civil” na vida do cristão? Os cidadãos respeitadores da lei têm o direito de resistir às autoridades quando acreditam que a lei não é justa? Thomas Jefferson escreveu: “Resistir aos tiranos é obedecer a Deus”. Ele estava certo?

Em se tratando de questões de consciência e de lei, os cristãos, de modo geral, concordam com Pedro: “Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5:29). Os prisioneiros e mártires cristãos ao longo das eras são testemunhas da coragem, da consciência e da importância de defender aquilo que é certo. Isso não significa que podemos resistir à lei em relação a toda questão secundária que nos perturba, mas quer dizer que temos a obrigação de obedecer à nossa consciência. A maneira de expressarmos nossa discordância requer sabedoria e graça; o que nos leva à quarta possibilidade.

Discernimento (v. 5b, 6). O servo sábio está ciente de que se deve considerar “o tempo e o modo” de tudo o que fazemos, pois é preciso ter discernimento para fazer distinção entre o modo e tempo correto e incorreto de agir. A pessoa impulsiva que reage de maneira exacerbada e que, em sua raiva, deixa a sala apressadamente (v. 3) provavelmente está só piorando o problema. A sabedoria nos ajuda a entender as pessoas e as

situações e a descobrir qual é a coisa certa a fazer e o momento mais apropriado de agir. “O coração do sábio conhece o tempo e o modo” (v. 5b).

A vida de vários servos de Deus do Antigo Testamento ilustra essa verdade perfeitamente. José não foi impulsivo, revelando de imediato a seus irmãos sua verdadeira identidade, pois desejava certificar-se de que o coração deles estava em ordem com Deus e com seu pai. Quando os ouviu confessar seus pecados, José soube que era o momento certo de se identificar. A maneira como tratou essa questão delicada é um exemplo brilhante de sabedoria (ver Gn 43 - 45).

Neemias sentiu em seu coração o desejo de reconstruir os muros de Jerusalém, mas não estava certo de que o rei o dispensaria para isso (Ne 1 - 2). Esperou, observou e orou, sabendo que, um dia, Deus criaria uma oportunidade para ele. Quando essa ocasião surgiu, Neemias estava preparado, e o rei atendeu a seu pedido. Neemias soube como discernir “o tempo e o modo”.

Prisioneiro de guerra numa nação gentia, Daniel recusou-se a comer os alimentos impuros colocados diante dele, mas não fez uma cena. Antes, usou de gentileza e de sabedoria, sugerindo que os guardas permitissem aos judeus experimentar uma dieta diferente. O plano funcionou, e Daniel e seus amigos não apenas se mantiveram cerimonialmente puros, mas também foram promovidos à corte do rei (ver Dn 1).

Os apóstolos exercitaram o discernimento espiritual quando foram presos e perseguidos (At 4 - 5). Demonstraram respeito para com as autoridades, mesmo quando os líderes religiosos agiram de maneira preconceituosa e ilegal. Os apóstolos estavam dispostos a sofrer por sua fé, e o Senhor os honrou.

Nossas opções são: desobedecer, fugir, resistir às ordens e até mesmo lutar contra elas. Porém, antes de agir, devemos exercitar a sabedoria e procurar discernir “o tempo e o modo” mais apropriados. Não é fácil ser um cristão coerente neste mundo perverso, mas podemos pedir a sabedoria de Deus e recebê-la pela fé (Tg 1:5; 3:17, 18).

2. INJUSTIÇA (Ec 8:10-14)

Salomão resume sua preocupação no versículo 14: “justos a quem sucede segundo as obras dos perversos, e perversos a quem sucede segundo as obras dos justos”. Apesar da existência de boas leis e de pessoas honestas que procuram garantir que essas leis sejam cumpridas, há mais injustiça no mundo do que desejamos reconhecer. De acordo com um provérbio espanhol: “As leis são como teias de aranha: pegam as moscas e deixam os falcões escaparem”. Nas palavras do famoso advogado F. Lee Bailey: “Nos Estados Unidos, uma absolvição não significa inocência, mas sim conseguir escapar do castigo”. Sua definição é um tanto cínica, mas o poeta Robert Frost definiu um júri como “doze pessoas que decidem quem tem o melhor advogado”.

No versículo 10, Salomão fala de um funeral ao qual compareceu. O falecido era um homem que havia freqüentado o templo (“o lugar santo”) e sido objeto da admiração do povo, mas que não havia vivido no temor do Senhor. Ainda assim, recebera um funeral suntuoso e um panegírico fúnebre eloqüente, enquanto os cidadãos verdadeiramente piedosos eram ignorados e esquecidos.

Ao refletir sobre essa questão, Salomão percebe que o falecido havia continuado a pecar por acreditar que permaneceria impune (v. 11). De fato, Deus é longânimo para com os pecadores e nem sempre julga o pecado de imediato (2 Pe 3:1-12). Porém, a misericórdia divina não deve ser usada como desculpa para a rebeldia humana.

O Pregador conclui que, mais cedo ou mais tarde, o perverso será julgado e o justo será recompensado (vv. 12, 13), portanto, o melhor a fazer é temer ao Senhor e ter uma vida piedosa. Talvez, o ímpio viva mais tempo que o justo e dê a impressão de escapar impune de seus pecados sucessivos, mas o dia do julgamento virá e o perverso não escapará. É a sabedoria que mostra o caminho, pois “o temor do SENHOR é o princípio da sabedoria” (Pv 9:10).

Não importa quão longa ou abundante seja a vida do perverso, é apenas prolongada como uma sombra sem substância (v. 13).

Na verdade, à medida que o Sol se põe, as sombras tornam-se mais longas. É possível que Salomão esteja sugerindo que a vida longa do perverso é apenas um prelúdio para a escuridão eterna. De que adianta a longevidade, quando não passa de uma sombra se movendo para a escuridão das trevas, onde permanecerá para sempre (Jd 13)?

De que maneira a pessoa sábia deve reagir diante das iniquidades e injustiças deste mundo? Sem dúvida, devemos fazer todo o possível para promover a criação de boas leis e a escolha de pessoas competentes para garantir que tais leis serão cumpridas, mas nem isso resolve o problema por inteiro. Até que Jesus Cristo institua seu reino justo, sempre haverá injustiça em nosso mundo. Essa é uma das “ vaidades ” da vida, e devemos aceitá-la sem nos tornar pessimistas ou cínicos.

3. MISTÉRIO (Ec 8:15-17)

A pessoa que sabe tudo ou que pensa que sabe tudo, está fadada a sofrer decepções neste mundo. Ao longo de muitos dias difíceis e de noites insones, o Pregador aplicou-se com diligência aos mistérios da vida. Concluiu que “ o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol ” (v. 17; ver 3:11; 7:14, 24, 27, 28). Talvez sejamos capazes de solucionar um enigma aqui e outro ali, mas não há quem seja capaz de compreender todas as coisas ou de explicar tudo o que Deus está fazendo.

O historiador Will Durant fez um levantamento geral da história humana nos diversos volumes de sua obra *Story of Civilization [História da Civilização]* e chegou à conclusão de que “ nosso conhecimento é uma miragem evanescente num deserto crescente de ignorância ”. Claro que esse fato não deve ser usado como desculpa para a estupidez. “ As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei ” (Dt 29:29). Deus não espera que tenhamos conhecimento do incompreensível, mas espera que aprendamos tudo o que podemos e que obedeçamos àquilo que ele nos

ensina. Na verdade, quanto mais obedecermos, mais ele nos ensinará (Jo 7:17).

Confessar a ignorância é o primeiro passo para o verdadeiro conhecimento. “ Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber ” (1 Co 8:2). A pessoa que deseja aprender a verdade de Deus deve ter honestidade e humildade. O filósofo de Harvard, Alfred North Whitehead, disse: “ A morte do conhecimento não é a ignorância, mas sim a ignorância da ignorância ”.

Nas palavras do filósofo francês Blaise Pascal, em seus famosos *Pensees* (n. 446): “ Se não houvesse obscuridade, o homem não sentiria sua corrupção; se não houvesse luz, o homem não teria esperança de cura. Assim, não é apenas correto, mas também proveitoso para nós que Deus se encontre parcialmente oculto e parcialmente revelado, uma vez que é tão perigoso o homem conhecer a Deus sem saber de sua própria torpeza, quanto o é saber de sua torpeza sem conhecer a Deus ”.

Pela quarta vez, Salomão diz a seus ovinos para desfrutar a vida e gozar os frutos do seu trabalho (v. 15; ver 2:24; 3:12-15; e 5:18-20). É importante lembrar que essa admoestação não é a mesma coisa que a filosofia tola que diz: “ comamos e bebamos, pois amanhã morreremos ”, adotada pelos hedonistas incrédulos. Antes, é uma perspectiva positiva baseada na fé e adotada pelos filhos de Deus que aceitam a vida como uma dádiva especial do Senhor e que sabem que ele “ tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento ” (1 Tm 6:17). Em vez de nos queixarmos daquilo que não temos, damos graças por aquilo que temos e desfrutamos essas bênçãos.

Encerra-se aqui a reavaliação que Salomão faz da “ vaidade da sabedoria ” (1:12-18). Em vez de rejeitar a sabedoria, o rei conclui que ela é importante para a pessoa que deseja aproveitar a vida da melhor maneira possível. Apesar de a sabedoria não poder explicar todos os mistérios nem resolver todos os problemas, pode nos ajudar a usar de discernimento em nossas decisões. “ Porque para todo propósito há tempo e modo ” (8:6), e a pessoa sábia os conhece.

O ENCONTRO COM O ÚLTIMO INIMIGO

ECLESIASTES 9:1-18

Por que as pessoas desperdiçam o fôlego inventando nomes delicados para a morte?

John Betjeman, falecido poeta laureado da Inglaterra, escreveu essas palavras em seu poema "Graveyards" ["Cemitérios"]. Toda pessoa sincera pode responder a essa pergunta da mesma forma que Betjeman respondeu em seu poema: inventamos "nomes delicados" para a morte, pois não desejamos encarar sua realidade. De acordo com o sociólogo Ernest Becker: "de todas as coisas que motivam o homem, uma das mais importantes é o pavor da morte".¹

Ao longo de muitos anos de ministério pastoral, tenho visto essa negação na prática. Ao visitar famílias que perderam entes queridos, *pode-se ver como, muitas vezes, as pessoas evitam deliberadamente usar a palavra "morte" e a substituem por expressões como "nos deixou", "voltou ao Lar", "adormeceu" ou "partiu". É claro que quando um cristão morre, de fato "adormece" ou "volta ao Lar", mas essa convicção não deve tornar a morte algo menos real em nossos pensamentos e sentimentos. A pessoa que encara a morte com irreverência pode ser aquela que mais a teme. Se levamos a vida a sério - como devemos fazer -, não podemos tratar a morte de maneira leviana.*

Não é a primeira vez que o tema da morte aparece no discurso de Salomão, nem será a última (ver 1:4; 2:14-17; 3:18-20; 4:8; 5:15, 16; 6:6; 8:8; 12:1-7). Afinal, a única maneira de estar preparados para viver é estar preparados para morrer. A morte é um fato da vida, e Salomão examina diversas facetas da vida, a fim de compreender os parâmetros

de Deus para uma vida de satisfação. As últimas palavras de Robert E. Lee foram: "Que se desfaça a tenda!" A menos que Jesus Cristo volte e nos leve para o céu, um dia "a nossa casa terrestre deste tabernáculo [tenda]" se desfará (2 Co 5:1-8) e deixaremos o campo de batalha para viver numa terra melhor. Devemos estar preparados.

Neste capítulo, Salomão chega a duas conclusões: a morte é inevitável (vv. 1-10) e a vida é imprevisível (vv. 11-18). Assim sendo, a melhor coisa a fazer é confiar em Deus, viver pela fé e desfrutar todas as bênçãos que Deus nos dá.

1. A MORTE É INEVITÁVEL (Ec 9:1-10)

"Não tenho medo de morrer", brincou Woody Allen, "só não quero estar por perto quando isso acontecer". Mas, como todo ser humano, ele *estará presente*, pois quando chega nossa hora, não há como escapar da morte. A morte não é um acidente, mas sim um encontro marcado (Hb 9:27), um destino que ninguém além de Deus pode cancelar ou mudar.

A vida e a morte estão "nas mãos de Deus" (v. 1), e somente ele conhece nosso futuro, se ele trará bênção ("amor") ou aflição ("ódio"). Salomão não está sugerindo que somos atores passivos num drama cósmico, seguindo um roteiro que não pode ser mudado e que nos foi entregue por um diretor indiferente. Ao longo de Eclesiastes, Salomão enfatiza nossa liberdade de discernimento e decisão. Porém, somente Deus sabe o que o futuro nos reserva e o que acontecerá no dia de amanhã em decorrência das decisões que tomamos hoje.

"O mesmo sucede ao justo e ao perverso" (v. 2). "Se esse é o caso, por que se preocupar em ter uma vida piedosa?", alguém pode perguntar. "Afinal, se obedecermos à lei ou não, se oferecermos sacrifícios ou não, se cumprimos nossas promessas ou não, todos morreremos do mesmo jeito." Por certo, temos um destino em comum aqui na terra - a morte e a sepultura -, *mas não temos o mesmo destino na eternidade*. Por esse motivo, todos devem encarar com honestidade o "último inimigo" (1 Co 15:26) e decidir como lidar com ele. Os cristãos crêm que

Jesus Cristo os salvou do pecado e da morte; portanto, no que lhes diz respeito, o "último inimigo" já foi derrotado (Rm 6:23; Jo 11:25, 26; 1 Ts 4:13-18; 1 Co 15:51-58). Os incrédulos não têm essa certeza e não estão preparados para morrer.

A forma de as pessoas lidarem com a realidade da morte revela-se na maneira como lidam com as realidades da vida. Salomão apresenta três reações possíveis das pessoas diante do medo constante da morte.

Fuga (v. 3). A realidade e o medo da morte fazem aflorar o que há de melhor ou o que há de pior nas pessoas, e, com freqüência, o que aparece é o pior. Quando a morte toca uma família, ela não *cria* problemas, apenas os *revela*. Muitos pastores já testemunharam o poder que a morte e a tristeza têm de revelar o coração das pessoas. Ao encarar a morte de outros, somos confrontados com nossa própria morte, e muitos não conseguem lidar com isso.

"O coração dos homens está cheio de maldade" e, mais cedo ou mais tarde, essa maldade vem à tona. As pessoas fazem *qualquer coisa, exceto se arrepender*, a fim de escapar da realidade da morte. Se embebedam, brigam com os parentes, dirigem sem qualquer cuidado, esbanjam seu dinheiro com coisas inúteis e mergulham de cabeça numa sucessão de prazeres sem sentido, tudo para manter afastada a realidade da morte. Porém, suas tentativas tão custosas não encerram a guerra, mas apenas as distraem da batalha, pois o "último inimigo" continua presente.

Aqueles que, como eu, tiveram o privilégio de ser amigos de Joseph Bayly, já falecido, sabem como sua atitude em relação à morte era positiva. Ele e sua esposa passaram pelo vale do sofrimento muitas vezes, e Deus os usou para oferecer consolo e esperança a outros peregrinos aflitos. Seu livro *The Last Thing We Talk About* [A última coisa sobre a qual falamos] (David C. Cook Pub. Co.) é um belíssimo testemunho de como Jesus Cristo pode curar os abatidos. Nas palavras de Joe: "A morte é uma grande aventura, diante da qual visitas à Lua e viagens espaciais tornam-se insignificantes".

Não adquirimos esse tipo de segurança tentando fugir da realidade da morte. Essa segurança desenvolve-se quando encaramos o "último inimigo" com honestidade, arrependemo-nos dos pecados e buscamos a salvação em Jesus Cristo. Você já fez isso?

Persistência (vv. 4-6). Ao serem confrontados com a dura realidade da morte, nem todos procuram a saída de emergência mais próxima e gritam: "Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos!" Muitos simplesmente se enchem de determinação, levantam a cabeça e "agüentam firme". Adotam para si o antigo lema: "Enquanto há vida, há esperança!" (uma boa paráfrase do v. 4).

Esse lema remonta ao século 3 a.C. É parte de um diálogo entre dois lavradores que aparecem num poema do poeta grego Teócrito. "Console-se, caro Batos", diz Corídon, "pode ser que amanhã as coisas melhorem. Enquanto há vida, há esperança. Somente os mortos não têm esperança alguma". Uma paráfrase de Eclesiastes!

Salomão seria a última pessoa a desestimular alguém de esperar o pelo melhor. Para ele, "mais vale um cão vivo [naquele tempo, os cães eram desprezados] do que um leão morto". Tudo o que o Pregador pede é que nossa esperança seja acompanhada de um pouco de bom senso, a fim de não descobriremos, quando for tarde demais, que nos apegamos a uma falsa esperança.

Para começar, devemos ter sempre em mente que vamos morrer (v. 5). O cristão tem uma "esperança viva", pois o Salvador está vivo e conquistou a morte (1 Pe 1:3-5; 2 Tm 1:10). Uma esperança que pode ser destruída pela morte é uma falsa esperança e deve ser deixada de lado.

Aquilo que Salomão escreve sobre os mortos pode ser "invertido" e aplicado aos vivos. Os mortos não sabem o que se passa na terra, mas os vivos sabem e podem reagir aos acontecimentos. Os mortos não podem acrescentar coisa alguma a seu galardão ou a sua reputação, mas os vivos podem. Os mortos não podem relacionar-se com as pessoas na terra expressando amor, ódio ou inveja, mas os vivos podem. Com isso, Salomão enfatiza a importância de aproveitarmos as

oportunidades enquanto estamos vivos, em vez de esperar cegamente por algo melhor no futuro, pois a morte dará cabo de nossas oportunidades neste mundo.

“O corpo humano sente uma atração gravitacional em direção à esperança”, escreveu o jornalista Norman Cousins, que sobreviveu a uma doença que quase lhe tirou a vida e a um ataque cardíaco. “Por isso, as esperanças do paciente são a arma secreta do médico. São o ingrediente escondido em toda receita de remédios”.

Persistimos porque temos esperança, mas “esperar na esperança” (assim como “crer na fé”) muitas vezes não passa de uma forma de auto-hipnose, que nos impede de encarar a vida honestamente. Apesar de ser melhor para um paciente manter uma atitude otimista, é perigoso seguir uma *falsa esperança* que pode impedi-lo de se preparar para a morte. Quando o fim chegar, a *perspectiva* desse paciente será alegre e esperançosa, mas o *resultado* será trágico.

Não é fácil viver; porém, a vida vai além da mera persistência. Há, ainda, uma terceira reação que só pode vir daqueles que creram em Jesus Cristo como seu Salvador.

Gozo (vv. 7-10). Esse é um dos temas recorrentes de Salomão (2:24; 3:12-15, 22; 5:18-20; 8:15), sobre o qual ainda voltará a falar (11:9, 10). Sua admoestação: “Vai, pois”, significa: “Não fique sentado se lamentando! Levante-se e viva!” É verdade que a morte está a caminho, mas Deus nos dá boas dádivas para nosso prazer, portanto, desfrute-as!

Salomão não está nos incentivando a sair em busca de prazeres exóticos em lugares distantes. Antes, apresenta uma relação de algumas experiências comuns da vida no lar: refeições prazerosas e tranquilas (v. 7), comemorações alegres em família (v. 8), um casamento fiel e amoroso (v. 9) e trabalho árduo (v. 10). Que contraste com a fórmula da felicidade proposta pela sociedade moderna: comer só *fast-food* e manter agendas lotadas, buscar desesperadamente as últimas novidades, viver juntos em vez de casar e criar atalhos para trabalhar menos e enriquecer rapidamente.

Nos últimos anos, muitas vezes têm se levantado para nos chamar de volta aos valores tradicionais da vida. Há quem esteja se cansando da futilidade de viver à base de substitutos. Pessoas assim desejam algo mais substancial do que roupas de grife, amigos importantes e lugares badalados. Como o irmão mais jovem na parábola contada por Jesus (Lc 15:11-24), essas pessoas descobriram que todas as coisas importantes estão na casa do Pai.

Desfrute suas refeições (v. 7). De um modo geral, as famílias israelitas começavam o dia com um lanche pela manhã e uma refeição leve entre dez horas e meio-dia (um “*brunch*”) e só voltavam a se reunir para comer depois do pôr-do-sol. Quando terminavam o trabalho, reuniam-se para a refeição mais importante do dia, composta principalmente de pão e vinho, com alguns legumes e frutas da estação e, às vezes, peixe. A carne era cara e costumava-se servi-la apenas em ocasiões especiais. O jantar era uma refeição simples, feita para alimentar o corpo e também o espírito, pois “repartir o pão” era um ato comunitário de amizade e de compromisso.

O rei Salomão tinha um banquete todos os dias (1 Rs 4:22, 23), mas não há evidência alguma de que sempre desfrutasse essas refeições suntuosas. “Melhor é um prato de hortaliças onde há amor do que o boi cevado e, com ele, o ódio” (Pv 15:17). “Melhor é um bocado seco e tranquilidade do que a casa farta de carnes e contendias” (Pv 17:1). A coisa mais importante do cardápio é o *amor da família*, pois o amor transforma uma refeição comum num banquete. Quando as crianças preferem comer na casa dos amigos a trazer os amigos para sua casa para experimentar a comida de sua mãe, é hora de fazer uma reavaliação daquilo que acontece ao redor da mesa.

Desfrute cada ocasião (v. 8). Nos lares, de um modo geral, a vida era difícil, mas toda família sabia desfrutar as ocasiões especiais, como casamentos e encontros. Era nesses dias que usavam roupas brancas (um símbolo de alegria) e se ungiam com perfumes caros, em vez do costumeiro azeite de

oliva. Essas ocasiões eram raras, de modo que todos as aproveitavam ao máximo.

Porém, Salomão aconselha o povo a *sempre* vestir roupas brancas e a *sempre* se ungir com perfumes especiais. É evidente que seus ouvintes não interpretaram essas palavras ao pé da letra, pois sabiam o que ele estava dizendo: façam de toda ocasião uma ocasião especial, mesmo que seja algo rotineiro. Não devemos expressar nossa gratidão e alegria apenas quando estamos comemorando acontecimentos especiais. "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos" (Fp 4:4).

É possível que, dentre outras coisas, Jesus tivesse essa idéia em mente ao dizer para seus discípulos se tornarem como crianças (Mt 18:1-6). Uma criança comumente se alegra com as atividades simples da vida, enquanto uma criança mimada precisa ser entretida com uma porção de divertimentos caros. Não é na busca de coisas especiais que encontramos alegria, mas sim na prática de tornar especiais as coisas do dia-a-dia.

Desfrute o casamento (v. 9). Salomão não tinha conhecimento algum dos conceitos de "viver junto" e de "casamento experimental". Para ele, a esposa era uma dádiva de Deus (Pv 18:22; 19:14), e o casamento era um compromisso amoroso para toda a vida. Por mais difícil que seja a vida, há sempre grande alegria no lar do homem e da mulher que se amam e que são fiéis a seus votos matrimoniais. Salomão concordaria com o psiquiatra M. Scott Peck, que define o *compromisso* como "o alicerce, a base para qualquer relação amorosa autêntica".²

Infelizmente, Salomão não viveu de acordo com os próprios ideais. Deixou de lado os padrões de Deus para o casamento e permitiu que suas muitas esposas o seduzissem para longe do Senhor (1 Rs 11:1-8). Se o rei escreveu Eclesiastes mais perto do fim de sua vida, como acredito ser o caso, então o versículo 9 é sua confissão: "Agora entendo!"

Desfrute o trabalho (v. 10). O povo de Israel não considerava o trabalho uma espécie de maldição, mas sim uma incumbência recebida de Deus. Até mesmo os rabinos aprendiam um ofício (Paulo fazia tendas) e

lembravam: "Aquele que não ensina o filho a trabalhar, o ensina a roubar". Nas palavras de Paulo, "se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2 Ts 3:10).

A oração "faça-o conforme as tuas forças" indica duas coisas: faça seu melhor e faça-o enquanto tem forças. Pode chegar o dia em que terá de descansar suas ferramentas e dar lugar a um trabalhador mais jovem e mais forte. Colossenses 3:17 aplica esse princípio aos cristãos do Novo Testamento.

As coisas que constituem o trabalho nesta vida não estarão presentes "no além" (*sheol*, o reino dos mortos), de modo que devemos aproveitar ao máximo as oportunidades do presente. Um dia, nossas obras serão julgadas, e desejamos receber um galardão para glória de Deus (1 Co 3:10ss; Cl 3:23-25).

Se tememos a Deus e andamos pela fé, não tentamos simplesmente fugir da vida ou persistir e suportá-la. Desfrutamos a vida e a recebemos com alegria como uma dádiva do Senhor.

2. A VIDA É IMPREVISÍVEL (Ec 9:11-18)

Prevendo a reação de seus ouvintes (e leitores), Salomão deixa de discutir a morte para falar sobre a vida. Alguém poderia argumentar que, "se a morte é inevitável, então o melhor a fazer é nos aprimorar nos pontos fortes e nos concentrar na vida. Quando a morte vier, pelo menos teremos a satisfação de saber que trabalhamos com dedicação e alcançamos algum sucesso".

Ao que Salomão responde: "Não tenha tanta certeza! É impossível ter certeza do que acontecerá na vida, pois ela é imprevisível".

Para começar, nossas *aptidões* não são garantia alguma de sucesso (v. 11, 12). Apesar de ser verdade que, de um modo geral, os corredores mais rápidos vencem as corridas, os soldados mais fortes vencem as batalhas e os trabalhadores mais competentes conseguem os melhores empregos, também é verdade que essas mesmas pessoas talentosas podem sofrer grandes fracassos em função de fatores fora de seu controle. As pessoas bem-sucedidas sabem como aproveitar ao máximo "o tempo e o modo" (8:5),

mas somente o Senhor tem o controle do “tempo e do acaso” (v. 11).

Salomão afirmou anteriormente que Deus tem um tempo para todas as coisas (3:1-8), um propósito a ser cumprido nesse tempo (8:6), e algo “formoso” como resultado final (3:11). O termo “acaso” significa, simplesmente, uma ocorrência ou acontecimento sem qualquer relação com sorte ou casualidade. Alguém pode dizer: “Por acaso, eu estava no lugar certo na hora certa e consegui o emprego. A capacidade não foi determinante”.

É evidente que os cristãos não dependem de coisas como “sorte” ou “casualidade”, pois confiam na providência de Deus. Um cristão sério não anda por aí com um pé de coelho, nem acredita em dias ou números de sorte. Como disse o humorista canadense Stephen Leacock: “Acredito piamente na sorte. Reparei que, quanto mais me empenho em meu trabalho, mais sorte tenho”. Os cristãos confiam em Deus para guiá-los e para ajudá-los a tomar decisões e crêem que a vontade dele é o melhor para nós. Deixam o “tempos e [o] acaso” nas mãos capazes do Senhor.

Quem sabe quando virão as dificuldades e destruirão nossos grandes planos (v. 12)? Quando menos esperam, os peixes são pegos numa rede e as aves são presas na armadilha. Assim também os homens são enredados no “tempo da calamidade” por acontecimentos inesperados fora de seu controle. Por isso, devemos atentar para a admoestação contra a vanglória (Tg 4:13-17).

Em segundo lugar, nossas *oportunidades* não são garantia alguma de sucesso (vv. 13-18). Não fica claro se, de fato, o sábio livrou a cidade ou se poderia tê-lo feito e lhe foi pedido que o fizesse, mas ninguém lhe deu ouvidos. A meu ver, a segunda explicação parece mais apropriada, pois se encaixa melhor com os versículos 16 a 18 (o texto hebraico permite a tradução “poderia ter livrado” no v. 15). A cidadezinha havia sido

sitiada e o sábio poderia tê-la livrado, mas ninguém prestou atenção a esse homem. O versículo 17 indica que um governante alardeador recebeu toda a atenção e conduziu o povo à derrota. O sábio falou calmamente e foi ignorado. Teve a oportunidade de chegar à grandeza, mas foi frustrado por um fanfarrão ignorante.

“Um só pecador [o governante alardeador] destrói muitas coisas boas” (v. 18) – essa é uma verdade ilustrada ao longo de todas as Escrituras, começando com Adão e sua desobediência a Deus (Gn 3; Rm 5). Acã pecou e provocou a derrota do exército de Israel (Js 7). O pecado de Davi trouxe uma série de problemas para Israel (2 Sm 24), e a revolta de Absalão provocou uma guerra civil (2 Sm 15ss).

Uma vez que a morte é inevitável e a vida é imprevisível, o único rumo que podemos seguir com segurança é nos entregar inteiramente nas mãos de Deus e andar pela fé, de acordo com sua Palavra. Não vivemos de explicações, mas de promessas. Não dependemos da sorte, mas da obra providencial de nosso Pai amoroso ao confiar em suas promessas e obedecer à sua vontade.

Quando andamos pela fé, não precisamos temer nosso “último inimigo”, pois Jesus Cristo venceu a morte. “Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno” (Ap 1:17, 18). Pelo fato de Cristo estar vivo e de vivermos nele, não olhamos para a vida e dizemos: “Vaidade de vaidades, tudo é vaidade!”

Antes, repetimos a certeza expressa pelo apóstolo Paulo: “Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1 Co 15:57, 58).

1. Becker, Dr. Ernest. *The Denial of Death* [A negação da morte]. Free Press, 1975, p.11.

2. Peck, M. Scott. *The Road Less Traveled*. Nova York, NY: Simon & Schuster, 1978, p. 140. Publicado em português com o título *A Trilha Menos Percorrida* pela Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994.

UM POUCO DE ESTULTÍCIA, MUITO PERIGO

ECLÉSIASTES 10:1-20

Antes de concluir sua mensagem, Salomão considerou que seria prudente lembrar seus ouvintes, mais uma vez, da importância da sabedoria e do perigo da insensatez (“estultícia”; esse termo ou palavras relacionadas aparece nove vezes no capítulo 10). No versículo 1, o rei apresenta o princípio básico de que a insensatez cria problemas para os que a pratica. Numa passagem anterior, Salomão comparou a boa reputação a um bom perfume (7:1), e aqui volta a usar essa imagem. As moscas mortas são para o perfume o mesmo que a estultícia é para a reputação do sábio. Segue-se, pela lógica, que as pessoas sábias mantêm distância da estultícia!

Por que uma pessoa é sábia e outra é insensata? Tudo depende da disposição do coração (v. 2). Salomão não está se referindo ao órgão físico do corpo, pois, com exceção daqueles que sofrem de algum defeito congênito, o coração de todos fica no mesmo lugar. Além disso, o órgão físico não tem relação alguma com a sabedoria ou com a estultícia. Salomão está se referido ao cerne da vida humana, ao “controle geral” dentro de nós que governa as “fontes da vida” (Pv 4:23).

No mundo antigo, o lado direito era o lugar de poder e de honra, enquanto o lado esquerdo representava fraqueza e rejeição (Mt 25:33, 41). Muita gente associa o lado esquerdo ao “azar” (o termo “sinistro” vem de uma palavra em latim, que significa “esquerdo”). Uma vez que o estulto não possui sabedoria em seu coração, é atraído para as coisas erradas (o lado esquerdo) e se envolve em problemas (ver 2:14). As pessoas tentam

corrigi-lo, mas ele se recusa a ouvir, atitude que revela a todos a estultícia desse homem (v. 3).

Depois de apresentar o princípio, Salomão aplica-o a quatro “tolos” diferentes.

1. O GOVERNANTE ESTULTO (Ec 10:4-7)

Uma das pessoas que mais precisam de sabedoria é o governante de uma nação. Quando Deus perguntou a Salomão que dádiva específica desejava receber, o rei pediu sabedoria (1 Rs 3:3-28). Lyndon B. Johnson disse: “A tarefa mais difícil para um presidente não é *fazer* o que é certo, mas *saber* o que é certo”. Isso requer sabedoria.

Se um governante é **orgulhoso**, pode dizer e fazer coisas insensatas que o levam a perder o respeito daqueles que o cercam (v. 4). Vemos aqui o retrato de um governante orgulhoso, que se irrita com facilidade e que desconta sua raiva nos servos a seu redor. É evidente que, se um homem não tem controle sobre si mesmo, não se pode esperar que tenha controle sobre seu povo. “Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade” (Pv 16:32). “Como cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio” (Pv 25:28).

Porém, não é necessário que seus servos ajam como tolos! Na verdade, essa é a pior coisa que podem fazer (8:3). É muito melhor cada um se controlar, ficar em seu lugar e buscar promover a paz. “A longanimidade persuade o príncipe, e a língua branda esmaga ossos” (Pv 25:15). “O furor do rei são uns mensageiros de morte, mas o homem sábio o apazigua” (Pv 16:14).

Por certo, existe uma indignação justa que, por vezes, precisa ser demonstrada (Ef 4:26), mas nem tudo o que chamamos de “indignação justa” ou “ira santa” é, de fato, “justa” ou “santa”. É fácil expressar a inveja e a maldade disfarçando-as de zelo santo por Deus. Nem todo defensor fervoroso dos princípios cristãos é motivado pelo amor de Deus ou pela obediência à Palavra. Esse zelo pode ser uma espécie de máscara usada para encobrir sentimentos de raiva e de inveja.

Mas se um governante é excessivamente *flexível*, também se mostra estulto (vv. 5-7). Se lhe falta caráter e coragem, coloca insensatos em cargos elevados e pessoas qualificadas em cargos inferiores. Os servos andam a cavalo, enquanto os nobres ficam a pé (ver Pv 19:10 e 30:21, 22). Se um governante tem pessoas incompetentes como conselheiros, quase certamente governará sobre a nação de modo insensato.

Roboão, filho de Salomão, era um homem orgulhoso e inflexível, o que provocou a divisão do reino (1 Rs 12:1-24). Em vez de dar ouvidos às palavras de seus conselheiros sábios, escutou seus amigos jovens. Fez os anciãos caminharem e colocou os jovens em cavalos. Entretanto, vários reis ao longo da história do povo de Israel foram tão flexíveis que acabaram não passando de figuras representativas sem qualquer poder verdadeiro. Os melhores governantes (e líderes) são homens e mulheres com mente obstinada e coração bondoso, que colocam as melhores pessoas nos cavalos e não pedem desculpas por isso.

2. TRABALHADORES ESTULTOS (Ec 10:8-11)

Os estudiosos não apresentam um consenso quanto ao que Salomão está dizendo com essas imagens vívidas. Trata-se de uma referência aos perigos inerentes a todos os tipos de trabalho? Se esse é o caso, então por que o rei usou tanto espaço a fim de ilustrar algo óbvio? Seu tema é a *estultícia* e, sem dúvida alguma, não está ensinando que é insensato trabalhar com afinco, pois é possível a pessoa se machucar! Ao longo de todo o Livro de Eclesiastes, Salomão enfatiza a importância do trabalho honesto e das alegrias que pode dar. Por que contradiria essa mensagem?

Creio que Salomão está descrevendo pessoas que tentaram fazer seu trabalho e que sofreram *por causa da sua estultícia*. Um homem cavou um buraco, talvez um poço ou um lugar para armazenar cereais, mas ele próprio caiu ali. Isso porque lhe faltou sabedoria e porque ele não tomou as devidas precauções. Com freqüência, as Escrituras

usam essa imagem como um retrato da retribuição justa, mas não parece ser o caso nessa passagem (ver Sl 7:15; 9:15, 16; 10:2; 35:8; 57:6; Pv 26:27; 28:10).

Outro homem rompeu um muro (cerca, sebe), talvez enquanto reformava sua casa, e foi picado por uma serpente. É comum as serpentes se esconderem em fendas e cantos; o homem deveria ter tomado mais cuidado. Em seu excesso de confiança, não olhou adiante.

O versículo 9 nos leva para as pedreiras e bosques, onde trabalhadores descuidados se ferem cortando pedras e partindo toras. O versículo 10 retrata um trabalhador estulto “por excelência”: um homem que tenta rachar madeira com um machado cego. O trabalhador sábio faria uma pausa em suas tarefas e afiaria a ferramenta. Como diz um *slogan*: “Não trabalhe com mais esforço, trabalhe com mais inteligência!”

Os encantadores de serpentes ofereciam uma forma comum de entretenimento naquela época (v. 11; e ver Sl 58:4, 5 e Jr 8:17). As serpentes não possuem ouvidos externos; *captam as ondas sonoras principalmente por meio da estrutura óssea da cabeça*. O que chama a atenção da serpente e a mantém sob controle não é tanto a música que o encantador toca, mas sim seus gestos disciplinados (balançar de um lado para o outro e olhar fixamente para o animal). Trata-se, de fato, de uma arte.

Salomão descreve um encantador picado pela serpente antes de conseguir “encantá-la”. Além de arriscar a vida, o homem não recebe nenhum dinheiro de seus espectadores (ver v. 11) e se tornou motivo de riso. Foi estulto, pois agiu como se a serpente estivesse sob seu controle. Desejava recolher o dinheiro rapidamente para poder apresentar-se em outro lugar. Quanto mais apresentações fizesse, mais dinheiro ganharia. Em vez de ficar rico, ficou sem nada.

Alguns encantadores levavam consigo um mangusto que “pegava” a serpente na hora certa e “salvava” o homem de ser picado. Se, por algum motivo, o mangusto perdia sua deixa, a serpente poderia atacar o encantador e pôr fim à apresentação. De uma

forma ou de outra, esse homem mostrou-se insensato.

Ao que parece, todos esses “trabalhadores estultos” apresentam como elemento em comum a presunção. Por causa de sua confiança excessiva, acabaram ferindo-se ou dificultando seu trabalho.

3. FALADORES ESTULTOS (Ec 10:12-15)

No Livro de Provérbios, Salomão trata em detalhes das palavras dos insensatos. Neste parágrafo, ressalta quatro características dessas palavras.

Em primeiro lugar, são **destrutivas (v. 12)**. O sábio profere palavras agradáveis e apropriadas para os ouvintes e a ocasião (Pv 10:32; 25:11). Quer nas conversas pessoais quer no ministério em público, Jesus sempre soube o que falar e quando falar (Is 50:4), e devemos tentar imitá-lo. O estulto, porém, deixa escapar tudo o que lhe vem à mente e não se detém a fim de refletir quem pode se magoar com o que ele diz. No final, o mais prejudicado é o próprio estulto: “mas ao tolo os seus lábios devoram” (Ec 10:12).

Nas Escrituras, as palavras destrutivas são comparadas a armas de guerra (Pv 25:18), a um incêndio (Tg 3:5, 6) e a um animal venenoso (Tg 3:7, 8). Podemos tentar ferir outros com nossas mentiras, difamação e palavras iradas, mas na verdade, estamos ferindo mais a nós mesmos. “O que guarda a boca conserva a sua alma, mas o que muito abre os lábios a si mesmo se arruína” (Pv 13:3). “O que guarda a boca e a língua guarda a sua alma das angústias” (Pv 21:23).

Em segundo lugar, são **irracionais (v. 13)**. Aquilo que o estulto diz não faz sentido. Quanto mais tempo ele fala, mais louco se torna o seu discurso. “As primeiras palavras da boca do louco são estultícia, e as últimas, loucura perversa.” O ideal seria que se mantivesse calado, pois tudo o que esse homem diz serve apenas para mostrar aos outros que ele é um insensato (5:3). Paulo chama esses indivíduos de “insubordinados, palradores frívolos e enganadores” (Tt 1:10), e J. B. Phillips traduz por “aqueles que não reconhecem autoridade, que dizem coisas absurdas”.

Em minhas viagens, às vezes encontro pessoas que falam sobre qualquer assunto que surge como se fossem os maiores especialistas na questão. Quando a conversa se volta para a Bíblia ou para religião, espero em silêncio para que essas pessoas se enforcem com a própria corda – o que quase sempre acontece. Nas palavras do famoso escritor judeu Shalom Aleichem: “É fácil dizer quando é um tolo quem está falando: ele mói muito e produz pouco”.

Em terceiro lugar, são **descontroladas (v. 14a)**. O estulto é “cheio de palavras”, mas não percebe que não está dizendo coisa alguma. “No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente” (Pv 10:19). A pessoa capaz de controlar a própria língua consegue disciplinar todo o corpo (Tg 3:1, 2). Jesus disse: “Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que diserto passar vem do maligno” (Mt 5:37).

Por fim, são **presunçosas (14b, 15)**. Os estultos falam sobre o futuro como se soubesse tudo o que vai acontecer. “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz” (Pv 27:1). Em várias ocasiões anteriores, Salomão enfatizou como o homem não sabe coisa alguma sobre o futuro (3:22; 6:12; 8:7; 9:12), fato que os sábios recebem, mas que os insensatos estultos rejeitam (ver Tg 4:13-17).

Vemos nesta passagem um toque de humor. O estulto alardeia seus planos para o futuro e cansa as pessoas ao redor com sua conversa, mas nem sequer consegue achar o caminho para a cidade. Nos tempos bíblicos, as estradas para as cidades eram bem sinalizadas, de modo que qualquer viajante poderia se localizar; mas o estulto em questão está tão ocupado falando do futuro que se perde no presente. É provável que a oração “nem sabe ir à cidade” fosse um provérbio antigo sobre a estupidez, como se disséssemos hoje: “ele é tão bobo que não consegue achar a saída do elevador”.

4. AUTORIDADES ESTULTAS (Ec 10:16-20)

Salomão já descreveu os governantes estultos. Agora, desmascara a insensatez das

autoridades que trabalham sob as ordens desses governantes, os burocratas que faziam parte da máquina do reino. Apresenta quatro características desses homens estultos.

Satisfação própria (v. 16, 17). O rei imaturo cerca-se de pessoas que refletem essa imaturidade e que se aproveitam dela. O verdadeiro nobre cerca-se de autoridades igualmente nobres que colocam o bem do país em primeiro lugar. Os verdadeiros líderes usam sua autoridade para construir a nação, enquanto aqueles que apenas ocupam cargos usam a nação para construir sua autoridade. Utilizam fundos públicos para seus propósitos egoístas, dando festas e se divertindo.

Uma forma de Deus julgar um povo é permitir que sejam governados por líderes imaturos (Is 3:1-5). Isso pode ocorrer em nível nacional ou na igreja local. O termo “presbítero” (Tt 1:5ss) implica maturidade e experiência na vida cristã, e é errado um cristão ser colocado numa posição de liderança prematuramente (1 Tm 3:6). A idade não é garantia alguma de maturidade (1 Co 3:1-4; Hb 5:11-14), e, por vezes, os jovens superaram os mais velhos em termos de zelo espiritual. Oswald Chambers disse: “A maturidade espiritual não é alcançada pela passagem dos anos, mas pela obediência à vontade de Deus”. O importante não é apenas a idade, mas também a maturidade.

O versículo 16 pode ser traduzido por: “Ai da terra cujo rei era um servo”. Isso indica que esse servo tornou-se rei com a ajuda de seus amigos (cf 4:13, 14). Agora se vê obrigado a distribuir todos os cargos mais elevados entre esses amigos, a fim de permanecer no trono. Apesar de seus prazeres egoístas e caros, esses mercenários não podem ser dispensados, pois a estabilidade do rei depende deles. Os espólios pertencem ao vencedor!

Incompetência (v. 18). Essas autoridades estultas encontram-se de tal modo ocupadas com os próprios prazeres que não têm tempo de trabalhar, e tanto os edifícios quanto a organização começam a se desintegrar. “Quem é negligente na sua obra já é irmão do desperdiçador” (Pv 18:9). Existe uma

diferença entre aqueles que *usam* um cargo e aqueles que simplesmente *têm* um cargo (1 Tm 3:10). As pessoas imaturas desfrutam os privilégios e ignoram as responsabilidades, enquanto as pessoas maduras vêem as responsabilidades como privilégios e as usam para ajudar a outros.

Como escreveu Woodrow Wilson: “De acordo com um amigo meu, toda pessoa que assume um cargo em Washington cresce ou incha; quando dou um cargo a alguém, observo-o com cuidado, para ver se está crescendo ou inchando”.

Indiferença (v. 19). Este versículo declara a filosofia pessoal das autoridades estultas: coma tudo o que puder, aproveite tudo o que puder e consiga tudo o que puder. Tais pessoas são completamente indiferentes às necessidades do povo. Nos últimos anos, várias nações em desenvolvimento têm visto como é fácil líderes inescrupulosos rouba-rem fundos do governo a fim de construir os próprios impérios. Infelizmente, o mesmo tem acontecido em algumas organizações religiosas.

“Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males” (1 Tm 6:10). O profeta Amós criticou publicamente os governantes de sua época que pisoteavam os pobres e que os tratavam como se fossem o pó da terra (Am 2:7; e ver 4:1; 5:11, 12). O sistema judiciário talvez não apanhe os políticos corruptos, mas, no tempo certo, Deus os julgará, e seu julgamento será justo.

Indiscrição (v. 20). É bem provável que a famosa expressão: “um passarinho me contou” tenha origem neste versículo. Podemos imaginar algumas dessas autoridades reunidas numa festa em um de seus aposentos particulares, e, em vez de brincar do rei, elas o amaldiçoam. É evidente que não fariam isso se algum amigo do rei estivesse presente, mas estavam certas de que todos as presentes guardariam segredo. Infelizmente, alguém as denunciou ao rei, que, assim, exonerou essas autoridades por justa causa.

Mesmo quando não respeitamos a pessoa que ocupa um cargo, devemos respeitar o cargo em si (Rm 13:1-7; 1 Pe 2:13-17).

“Contra Deus não blasfemarás, nem amaldiçoarás o príncipe do teu povo” (Êx 22:28).

Sem dúvida, esses mercenários foram indiscretos ao amaldiçoar o rei, pois deveriam saber que um deles usaria esse acontecimento para intimidar os amigos ou para obter o favor do rei. Um estadista pergunta: “O que é melhor para o meu país?”, enquanto um político pergunta: “O que é melhor para meu partido?” Porém, um mercenário que simplesmente ocupa um cargo pergunta: “O que é mais seguro e proveitoso para mim?”

Com isso se encerra a reavaliação que Salomão faz de seu quarto argumento em favor da idéia de que não vale a pena viver: a “certeza da morte” (2:12-23). O rei conclui que, na verdade, vale a pena viver, mesmo que a morte seja inevitável (9:1-10) e a vida

seja imprevisível (9:11-18). Devemos evitar é a estultícia (cap. 10) e viver pela sabedoria de Deus.

Encerra-se, também, a segunda parte de seu discurso. Salomão reavaliou os quatro argumentos apresentados nos capítulos 1 e 2 e decidiu que, no fim das contas, vale a pena viver. O melhor que temos a fazer é confiar em Deus, realizar nosso trabalho, aceitar o que Deus nos envia e desfrutar cada dia de nossa vida para a glória de Deus (3:12-15, 22; 5:18-20; 8:15; 9:7-10). Resta apenas o Pregador concluir seu discurso com a aplicação prática, o que ele faz nos capítulos 11 e 12. Nessa conclusão, reúne os diversos fios de verdade entretecidos em seu sermão e mostra o que Deus espera que façamos a fim de ter contentamento.

MAZINHO RODRIGUES
Um Instrumento Escolhido - At 9.15

A ESSÊNCIA DA VIDA

ECLESIASTES 11:1 – 12:14

Vale a pena viver?" Essa foi a pergunta levantada pelo Pregador no início de seu discurso que chamamos de Eclesiastes. Depois de experimentar e de investigar a vida "debaixo do sol", ele conclui que "A vida não vale a pena!". Apresenta quatro argumentos para corroborar sua conclusão: a monotonia da vida, a vaidade da sabedoria, a futilidade da riqueza e a certeza da morte.

Uma vez que era um homem sábio, Salomão reavaliou seus argumentos, mas dessa vez incluiu Deus em suas considerações. Que diferença! O rei percebeu que a vida não é monótona, mas sim repleta de situações desafiadoras que Deus envia, cada uma em seu devido tempo e com o devido propósito. Também descobriu que a riqueza pode ser desfrutada e utilizada para a glória de Deus. Apesar de a sabedoria do homem não ser capaz de explicar todas as coisas, Salomão conclui que é melhor seguir a sabedoria de Deus do que praticar a estultícia do homem. Uma vez que a morte é inescapável, devemos nos sentir motivados a desfrutar a vida no presente e a aproveitar ao máximo as oportunidades que Deus nos dá.

Agora, Salomão está pronto para sua conclusão e aplicação pessoal. Ele apresenta *quatro retratos da vida* e associa cada retrato a uma admoestação prática para seus ouvintes (e leitores) atenderem:

A vida é uma AVENTURA – viva pela fé (11:1-6)

A vida é uma DÁDIVA – desfrute-a (11:7 – 12:8)

A vida é uma ESCOLA – aprenda suas lições (12:9-12)

A vida é um exercício de MORDOMIA – tema o Senhor (12:13, 14)

Esses quatro retratos são paralelos aos quatro argumentos dos quais Salomão trata ao longo de todo o livro. Longe de ser previsível, tediosa ou monótona, a vida é uma aventura de fé. A morte é certa, mas a vida é uma dádiva de Deus, e ele deseja que a desfrutemos. Não devemos nos desesperar com as perguntas a que não conseguimos responder e com os problemas que não somos capazes de resolver. Deus nos ensina sua verdade, à medida que progredimos na "escola da vida", e nos dará sabedoria suficiente para tomar decisões sensatas. Por fim, no que se refere à riqueza, a vida toda consiste em administrar o que Deus nos dá; um dia ele pedirá que prestemos contas. Portanto: "Teme a Deus e guarda os seus mandamentos" (12:13).

1. A VIDA É UMA AVENTURA: VIVA PELA FÉ (Ec 11:1-6)

Quando eu era menino, praticamente morava na biblioteca pública durante o verão. Adorava os livros, a temperatura era agradável dentro do prédio, e as bibliotecárias me davam livre acesso a toda parte, uma vez que eu era um de seus melhores clientes. Certo verão, li somente histórias reais de aventura, escritas por verdadeiros heróis como Frank Buck e Martin Johnson. Esses homens conheciam as selvas africanas melhor do que eu conhecia minha cidade! Fiquei fascinado com o livro *I Married Adventure* [Casei-me com a aventura], a autobiografia de Osa, esposa de Martin Johnson. Quando um circo passou por nossa cidade, sentei-me na primeira fila para ver o domador com seus leões.

Passada a infância, a vida tornou-se mais calma; ainda assim, quero crer que não perdi esse espírito de aventura.

Na verdade, à medida que vou ficando mais velho, peço a Deus para não permitir que eu crie uma porção de hábitos que resultarão numa rotina tediosa e previsível. "Não quero que minha vida termine num pântano", escreveu o comentarista inglês F. B. Meyer. Concordo com ele. Quando aceitei a

Jesus Cristo como meu Salvador, “casei-me com a aventura”, e passei a viver pela fé e a esperar o inesperado.

Salomão usa duas atividades para ilustrar esse fato: o comerciante enviando seus navios com mercadorias (vv. 1, 2) e o agricultor plantando suas sementes (vv. 3-6). Nos dois casos, é preciso ter um bocado de fé, pois nem o comerciante nem o lavrador são capazes de controlar as circunstâncias. Os navios podem bater num recife, se deparar com uma tempestade ou ser atacados por piratas; e a carga pode se perder. O tempo ruim, a ferrugem ou insetos podem destruir a plantação, e todo o trabalho do agricultor terá sido em vão. Porém, se o comerciante e o agricultor esperassem por circunstâncias ideais, não fariam coisa alguma! A vida tem certo grau de risco, e é aí que entra a fé.

O comerciante (vv. 1, 2). A oração: “Lança o teu pão sobre as águas” pode ser parafraseada como: “Envia os teus cereais nos navios”. O próprio Salomão estava envolvido em vários tipos de transação comercial, de modo que é natural que usasse tal ilustração (1 Rs 10:15, 22). Levaria meses para os navios voltarem com suas cargas preciosas, mas quando chegassem, a fé e a paciência do comerciante seriam recompensadas. O versículo 2 indica que ele distribuía sua riqueza em vários investimentos, não apenas em um único negócio. Afinal, a fé verdadeira não é sinônimo de presunção.

“Por que não sabes” é a expressão-chave desta seção (vv. 2, 5, 6). O ser humano não sabe o que o futuro reserva, mas não deve permitir que sua ignorância o amedronte a ponto de torná-lo descuidado ou de paralisá-lo. Pelo contrário, o fato de não sabermos o que há pela frente deve nos levar a ter mais cuidado com o que planejamos e fazemos. O versículo 2 pode ser interpretado como: “Envia a carga em sete ou oito navios, pois um deles certamente trará um bom retorno para o investimento”. Em outras palavras: “Não aposte tudo num único jogo”.

O agricultor (vv. 3-6). Daniel Webster chamou os agricultores de “fundadores de civilização”, e Thomas Jefferson afirmou que eram “o povo escolhido de Deus”. A agricultura

nunca foi um trabalho simples, ainda mais na Palestina dos tempos bíblicos. Os israelitas cultivavam um solo pedregoso e dependiam das primeiras chuvas e das chuvas serôdias para nutrir as sementes. Ninguém é capaz de prever as condições do tempo, muito menos de controlá-las, e o agricultor está à mercê da natureza.

O versículo 3 contrasta as nuvens com a árvore. As nuvens são inconstantes. Elas vêm e vão, e o agricultor espera que derramem sua água preciosa sobre os campos. As árvores são mais constantes. Se, por acaso, uma tempestade as derruba, permanecem caídas no mesmo lugar e ali apodrecem. O passado (a árvore) não pode ser mudado, mas o presente (as nuvens) está a nossa disposição, e devemos aproveitar todas as oportunidades.

Não podemos ficar de braços cruzados esperando circunstâncias ideais (v. 4). O vento nunca é perfeito para o semeador e as nuvens nunca são perfeitas para o ceifador. Quem procura sempre encontra uma desculpa para não fazer nada. Billy Sunday dizia que uma desculpa é “um invólucro de razão preenchido com uma mentira”. A vida é uma aventura, e, com freqüência, devemos dar o primeiro passo pela fé, mesmo quando as circunstâncias parecem desfavoráveis.

Assim como ninguém sabe “o caminho do vento” (v. 5; ver também Jo 3:8) ou como o feto é formado no ventre (Sl 139:14, 15), também não conhece as obras de Deus em sua criação. Deus tem um tempo e um propósito para todas as coisas (3:1-11), e devemos viver pela fé em sua Palavra. Portanto, cabe a nós usar cada dia com sabedoria (v. 6), acordar cedo para lançar a semente e trabalhar até chegar a noite. Devemos realizar as tarefas que temos à mão “remindo o tempo” (Ef 5:15-17), crendo que Deus abençoará pelo menos algumas dessas tarefas que cumprimos. Da mesma forma que o comerciante envia mais de um navio, o agricultor também planta mais de uma lavoura.

A vida é uma aventura de fé, e cada um de nós é como um comerciante, investindo o dia de hoje naquilo que trará dividendos amanhã. Somos como o lavrador, semeando vários tipos de semente em solos diferentes,

confiando que Deus dará a colheita (Gl 6:8, 9; Sl 126:5, 6; Os 10:12). Se nos preocupássemos com a possibilidade de o vento fazer uma árvore cair sobre nós ou de as nuvens nos encharcarmos de chuva, nunca realizaríamos coisa alguma. “É evidente que não existe uma fórmula para o sucesso”, disse o famoso pianista e concertista Arthur Rubinstein, “exceto, talvez, a aceitação incondicional da vida e daquilo que ela traz consigo”.

2. A VIDA É UMA DÁDIVA: DESFRUTE-A (Ec 11:7 - 12:8)

Essa é a sexta e última admoestação de Salomão para que aceitemos a vida e aprendamos a desfrutar tudo o que Deus compartilha conosco (ver 2:24; 3:12-15, 22; 5:18-20; 8:15; 9:7-10). A fim de fazê-lo, devemos seguir três instruções: regozijar (11:7-9), remover (11:10), recordar (12:1-8).

Regozijar (11:7-9). Que grande alegria esperar cada novo dia e aceitá-lo como uma nova dádiva de Deus! Confesso que só percebi o que significa viver um dia de cada vez quando quase fui morto num acidente de carro em 1966. O acidente foi causado por um motorista embriagado, que estava dirigindo entre 125 e 145 quilômetros por hora, quando capotou numa curva. Pela graça de Deus, não sofri nenhum ferimento mais grave, mas o tempo que passei na UTI e, depois, me recuperando em casa, firmou minha convicção em Deuteronômio 33:25: “Como os teus dias, durará a tua paz”. Agora, quando acordo cedo toda manhã, agradeço a Deus o novo dia e peço que me ajude a usá-lo com sabedoria para sua glória e a desfrutá-lo como uma dádiva de suas mãos.

Salomão instrui especialmente os jovens a aproveitar a mocidade antes que cheguem os “maus dias”. Com isso, o rei não está sugerindo que os jovens não têm dificuldade alguma e que os mais velhos não têm alegria alguma. Está apenas fazendo uma generalização, afirmando que a mocidade é um tempo de prazer e de gozo, antes que os problemas da idade mais avançada comecem a se revelar.

Meu nome do meio é Wendell, por causa de Wendell P. Loveless, que durante muitos anos trabalhou com o Instituto Bíblico Moody

em Chicago, principalmente na estação de rádio WMBI. Ele viveu até os 90 e poucos anos, lúcido até o fim. Numa das ocasiões em que o visitamos, ele disse à minha esposa:

— Hoje em dia não saio muito, pois meus pais não permitem: a “Mãe Natureza” e o “Pai Cronos”!

Os jovens devem guardar o coração e os olhos, pois ambos podem fazê-los pecar (Nm 15:39; Pv 4:23; Mt 5:27-30). A oração: “Anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração” não é um incentivo a “cair na folia” e a satisfazer todos os desejos pecaminosos do coração (Jr 17:9; Mc 7:20-23). Antes, é uma lembrança para que os jovens desfrutem os prazeres relativos à mocidade e que jamais serão experimentados outra vez exatamente da mesma forma. Os mais velhos precisam lembrar que Deus espera que os jovens ajam como tal. O mais triste é que muitas pessoas mais velhas estão tentando agir como jovens!

A advertência de Salomão – “Deus te pedirá contas” – prova que ele não tem em mente os prazeres pecaminosos.

Deus “tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17), mas é sempre errado desfrutar os prazeres do pecado. O jovem que gozar a vida dentro da vontade de Deus não terá com que se preocupar quando Jesus voltar.

Remover (v. 10). Os privilégios devem ser equilibrados com responsabilidades pessoais. Os jovens devem remover a ansiedade do coração (Mt 6:24-34) e a perversidade da carne (2 Co 7:1). O termo traduzido por “desgosto” significa “aflição, dor interior, ansiedade”. Quando vivemos dentro da vontade de Deus, temos a paz do Senhor em nosso coração (Fp 4:6-9). Os pecados da carne destroem o corpo e podem trazer julgamento eterno sobre a alma.

“A juventude e a primavera da vida são vaidade”, diz o Pregador. Mas, isso não quer dizer que essas etapas da vida sejam irrelevantes e representem perda de tempo. Pelo contrário! A melhor maneira de experimentar a felicidade na vida adulta e o contentamento na velhice é começar logo cedo na vida e evitar as coisas que causarão problemas no futuro. Os jovens que cuidam da mente e do

corpo, que evitam os pecados destrutivos da carne e que constroem bons hábitos de saúde e de santidade têm mais chance de ser felizes na vida adulta do que aqueles que se entregam às loucuras da juventude e depois oram pedindo para não sofrer as conseqüências.

A expressão acima significa que “a infância e a juventude são passageiras”. Esses anos preciosos passam rapidamente, e não devemos desperdiçar as oportunidades de nos prepararmos para o futuro. O termo hebraico traduzido por “juventude” pode ter o sentido de “o amanhecer”, ou de “cabelos pretos” (nesse caso, o contrário de “cabelos grisalhos”). A juventude é, de fato, um tempo de “amanhecer”, e, quando menos esperamos, o sol começa a se pôr. Assim, devemos aproveitar ao máximo esses anos de amanhecer, pois jamais voltaremos a vê-los. “Os pecados da juventude lançam os alicerces para as aflições da velhice”, afirmou corretamente Charles Spurgeon.

Recordar (12:1-8). Esta terceira instrução significa mais do que simplesmente “pensar em Deus”. Quer dizer: “prestar atenção, considerar com a intenção de obedecer”. Essa é a versão de Salomão para Mateus 6:33: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça”. Como é fácil deixar o Senhor de lado quando nos envolvemos com os prazeres e as oportunidades da juventude! Sabemos que os “dias de trevas” (11:8) e os “maus dias” (12:1) estão a caminho, de modo que precisamos lançar alicerces espirituais firmes o quanto antes em nossa vida. Nesses anos de juventude, o céu é claro (11:7), mas chegará o tempo em que haverá trevas e uma tempestade atrás da outra.

Os versículos 3 a 7 oferecem uma das descrições mais imaginativas da velhice e da morte em toda a literatura. Os estudiosos não apresentam um consenso quanto aos detalhes, mas a maioria deles considera essa passagem um retrato de uma casa caindo aos pedaços e que, por fim, se transforma em pó. A habitação é uma das metáforas bíblicas para o corpo humano (Jó 4:19; 2 Co 5:1, 2 [tabernáculo]; 2 Pe 1:13 [tabernáculo]), e derrubar uma casa ou tenda é um retrato da morte. O significado pode ser:

Os guardas da casa – nossos braços e mãos ficam trêmulos.

Homens fortes – nossas pernas, joelhos e ombros enfraquecem e andamos encurvados.

Moedores – perdemos os dentes.

Janelas – a visão começa a se deteriorar.

Portas – a audição começa a falhar ou fechamos a boca pois perdemos os dentes.

Levantar – despertamos logo cedo, com o canto dos pássaros, desejosos de dormir um pouco mais.

Música – nossa voz começa a tremer e enfraquecer.

Medo – sentimos pavor de alturas e medo de cair quando andamos na rua.

Amendoeira – se ainda restam cabelos, ficam brancos como as flores da amendoeira.

Gafanhoto – arrastamo-nos de um lado para outro, como gafanhotos no final do verão.

Apetite – perdemos o apetite ou, talvez, o desejo sexual.

Casa eterna – vamos para o lar eterno e as pessoas choram por nossa morte.

O versículo 6 descreve um copo de ouro – uma lamparina – pendurado do teto por um fio de prata. O fio rompe-se, e o copo se despedaça. O “fio” tão frágil da existência arrebenta, e a luz da vida se apaga. Somente as pessoas mais ricas podiam ter lamparinas caras como essas, de modo que Salomão talvez esteja fazendo uma alusão ao fato de a morte vir para todos.

O versículo também descreve um poço com uma roda usada para puxar um jarro cheio de água. Um dia, a roda se quebra, o jarro se despedaça e chega o fim. A fonte de água é uma imagem de vida (Sl 36:8, 9; Ap 21:6). Quando os mecanismos da vida param, a água deixa de fluir. O coração pára de bombear, o sangue pára de circular e vem a morte. O espírito deixa o corpo (Tg 2:26; Lc 23:46; At 7:59), o corpo começa a se deteriorar e, a seu tempo, se transforma em pó.

Pela última vez em seu discurso, o Pregador diz: “vaidade de vaidade [...] tudo é vaidade” O livro encerra onde começou (1:2), enfatizando a futilidade da vida sem Deus.

Quando olhamos para a vida “debaixo do sol”, tudo parece fútil. Mas, quando temos Jesus Cristo como nosso Salvador, “no Senhor, o [nosso] trabalho não é vão” (1 Co 15:58).

3. A VIDA É UMA ESCOLA: APRENDA SUAS LIÇÕES (Ec 12:9-12)

Alguns dizem que a vida é como uma escola, com a diferença de que, às vezes, só ficamos sabendo qual é a lição depois que somos reprovados nos exames. Deus nos ensina, principalmente por meio de sua Palavra, mas também o faz pela criação e pelas diversas experiências da vida. Salomão explica as características de seu trabalho como mestre da verdade de Deus.

Em primeiro lugar, seus ensinamentos eram **sábios (v. 9)**, pois Salomão foi o mais sábio dos homens (1 Rs 3:3-28). O rei estudou e investigou diversos assuntos e escreveu algumas de suas conclusões na forma de provérbios.

Seus ensinamentos também eram **organizados (v. 9)**. Depois de estudar um assunto, o rei avaliava suas conclusões com cuidado e as organizava de maneira ordenada. Sem dúvida, sua abordagem toda era científica. É possível que nem sempre vejamos o padrão por trás dessa organização, mas isso não significa que ele não existe.

Salomão procurou ser *cuidadoso* em seu ensino e, portanto, usou “palavras agradáveis”, ou seja, palavras “aprazíveis”, nas quais “há favor” (10:12) e que cativariam a atenção de seus ouvintes e leitores. Porém, em momento algum dourou a pílula nem bajulou seu público. Usou sempre *palavras justas de verdade* (ver Pv 8:6-11). Como Jesus Cristo, o rei conseguiu combinar “a graça e a verdade” (Jo 1:17; Lc 4:16-32).

O Pregador afirma que suas palavras foram **inspiradas**, dadas por Deus, o único Pastor (v. 11). A inspiração foi o milagre especial do Espírito Santo que permitiu a homens de Deus escrever sua Palavra da forma como ele desejava que fosse escrita: completa e perfeita (2 Tm 3:16, 17; 2 Pe 1:20, 21).

Salomão compara suas palavras com “agulhões” e “pregos” (v. 11), duas coisas

necessárias às pessoas que desejam aprender a verdade de Deus. Os “agulhões” servem de estímulo para que as pessoas prestem atenção e busquem a verdade, enquanto os “pregos” servem de apoio em que elas podem “pendurar” aquilo que aprenderam. O bom ensinamento requer ambos: o aluno deve estar motivado a estudar, e o mestre deve ser capaz de “pregar” tudo no lugar certo, de modo que as lições façam sentido.

À primeira vista, o versículo 12 parece apresentar um conceito negativo do aprendizado, mas não é esse o caso. Trata-se de uma advertência para que o aluno não vá além daquilo que Deus escreveu em sua Palavra. De fato, há muitos livros, e estudá-los pode ser uma tarefa cansativa. Porém, não devemos permitir que os livros escritos por homens nos privem da sabedoria de Deus. O versículo 12 também pode ser traduzido por: “atenta, meu filho, para qualquer coisa que extrapola as palavras dos sábios”. Essas palavras são “pregos” seguros e podemos confiar nelas. Não se pode examinar a verdade de Deus à luz dos “muitos livros”; antes, é preciso examinar os livros dos homens à luz da verdade de Deus.

Por certo, a vida é uma escola, e devemos nos humilhar e aprender o máximo possível. Nosso livro didático é a Bíblia, e o Espírito Santo é nosso Mestre (Jo 14:26; 15:26; 16:12-15). O Espírito pode usar mestres humanos competentes para nos instruir, mas deseja nos ensinar pessoalmente de sua Palavra (Sl 119:97-104). Há sempre novas lições a aprender e provas a enfrentar, à medida que procuramos crescer na graça e conhecimento de nosso Salvador (2 Pe 3:18).

4. A VIDA É UM EXERCÍCIO DE MORDOMIA: TEMA A DEUS (Ec 12:13, 14)

Nossa vida não nos pertence, pois a vida é uma dívida de Deus (At 17:24-28). Somos mordomos de nossa vida e, um dia, teremos de prestar contas do que fizemos com essa dívida. Algumas pessoas só estão gastando a vida, enquanto outras estão desperdiçando a vida; algumas investem a vida. Como disse Corrie ten Boom: “No final das contas, a medida da vida não é sua duração, mas sim

sua doação". A fim de que nossa vida tenha valor, devemos cumprir três obrigações.

Temer a Deus (v. 13). Eclesiastes termina onde o Livro de Provérbios começa (Pv 1:7): com uma admoestação para temer a Deus (ver 3:14; 5:7; 7:18 e 8:12, 13). O "temor do SENHOR" é a atitude de reverência que o povo de Deus demonstra para com ele por amor e respeito a seu poder e a sua grandeza. A pessoa que teme ao Senhor atenta para sua Palavra e obedece a ela. Não tenta o Senhor desobedecendo deliberadamente ou "brincando com o pecado". Um medo não santo faz as pessoas fugirem de Deus, enquanto um temor santo coloca-as de joelhos em amorosa sujeição a Deus.

"O mais impressionante sobre o temor do Senhor", escreveu Oswald Chambers, "é que, quando tememos a Deus, não temos medo de nenhuma outra coisa; ao passo que, quando não tememos a Deus, temos medo de todo o resto". O profeta Isaías expressa-se perfeitamente em Isaías 8:13, e o salmista descreve uma pessoa assim no Salmo 112.

Guardar os mandamentos de Deus (v. 13). Deus criou a vida e somente ele sabe como deve ser conduzida. Ele escreveu o "manual de instruções", e quem é sábio lê e obedece. "Quando tudo mais falhar, leia as instruções!"

O temor do Senhor deve resultar numa vida de obediência, de outro modo, esse "temor" é apenas uma fraude. O cristão devoto terá o desejo de gastar tempo diariamente estudando as Escrituras, conhecendo melhor o Pai e descobrindo sua vontade. "O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino" (Pv 1:7).

A última oração do versículo 13 pode ser traduzida por: "esse é o fim do homem" (ou seja, seu propósito na vida) ou "isto é para todos os homens". Campbell Morgan sugere: "essa é a totalidade do ser humano". Assim ele escreve: "Em sua inteireza, o ser humano deve começar com Deus; a totalidade do homem, o temor de Deus"¹. Quando Salomão examina a vida "debaixo do sol", tudo parece

fragmentado, e o rei não consegue divisar um padrão. Porém, ao considerar a vida do ponto de vista de Deus, tudo se junta de modo a constituir um todo. Se o homem deseja essa inteireza, deve começar com Deus.

Preparar-se para o julgamento final (v. 14). "Deus julgará o justo e o perverso" (3:17). "Sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas" (11:9). Pode parecer que os seres humanos estão escapando impunes de suas transgressões (8:11); porém, mais cedo ou mais tarde, seus pecados serão desmascarados e julgados com justiça. Aqueles que não creram no Senhor Jesus Cristo serão condenados para sempre.

"O caráter eterno do castigo é uma idéia que oprime o coração", disse Charles Spurgeon. "O Senhor é tardio em irar-se; mas quando sua ira for suscitada - como acontecerá contra aqueles que, por fim, rejeitarem o seu Filho -, ele apresentará toda a sua onipotência e esmagará os inimigos."

Em seis ocasiões ao longo de seu discurso, Salomão diz para gozar a vida enquanto podemos; porém, em momento algum nos aconselha a gozar o pecado. As alegrias do presente dependem da segurança do futuro. Se aceitamos Jesus Cristo como nosso Salvador, nossos pecados já foram julgados na cruz; e "agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8:1; e ver Jo 5:24). Porém, aqueles que morrem sem crer em Cristo enfrentam o julgamento diante de seu trono e se perdem para sempre (Ap 20:11-15).

Vale a pena viver? Sem dúvida, *desde que estejamos verdadeiramente vivos pela fé em Jesus Cristo*. Então, seremos capazes de encontrar o contentamento, quaisquer que sejam as circunstâncias que o Senhor permitir em nossa vida.

"Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida" (1 Jo 5:12).

Você pode receber a vida em Cristo e ser contente!

1. MORGAN, G. Campbell. *The Unfolding Message of the Bible*. Old Tappan, Nova Jersey: The Fleming H. Revell Company, 1941, p. 228.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE SALOMÃO

ESBOÇO

INTRODUÇÃO

I. EXPECTATIVA: O NAMORO - 1:1 - 3:5

1. O amor verdadeiro é como um banquete - 1:2 - 2:7
2. O amor verdadeiro é como uma aventura no campo - 2:8-17
3. O amor verdadeiro faz sonhar com o amado - 3:1-5

II. CONSUMAÇÃO: AS NÚPCIAS - 3:6 - 5:1

1. A noiva é chamada - 3:6-11
2. Sua beleza é elogiada - 4:1-7
3. O casamento é consumado - 4:8 - 5:1

III. CELEBRAÇÃO: O MATRIMÔNIO - 5:2 - 8:14

1. A procura pelo marido - 5:2-9
2. A beleza do marido - 5:10-16
3. O encontro no jardim - 6:1-13
4. A expressão de amor mútuo - 7:1 - 8:4
5. A promessa de amor eterno - 8:5-14

CONTEÚDO

1. Expectativa: O namoro (Ct 1:1 - 3:5)..... 516
2. Consumação: As núpcias (Ct 3:6 - 5:1)..... 520
3. Celebração: O matrimônio (Ct 5:2 - 8:4)..... 522

INTRODUÇÃO AO CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE SALOMÃO

Autor. Tanto a tradição judaica quanto a maioria dos estudiosos evangélicos atribuem esse livro ao rei Salomão, apesar de alguns estudiosos acreditarem que um autor anônimo escreveu o livro e assumiu a identidade do rei Salomão. Essa idéia parece estranha, uma vez que a sulamita (a noiva) é quem fala grande parte do tempo. O livro trata do amor e do casamento, e, na cultura hebraica, durante a semana de celebração do matrimônio, o noivo e a noiva são tratados como um rei e uma rainha. Salomão é mencionado em 1:1, 5; 3:7, 9, 11; e 8:11, 12. Salomão era um rei (1:4, 12; 3:9, 11; 7:5) e um pastor (1:7, 8; 2:16; 6:2, 3), pois, no tempo do Antigo Testamento, os governantes eram chamados de “pastores” (Jr 23; Ez 34). No Oriente, o xeique era o patriarca da família, o pastor de um rebanho e o soberano de um reino (ver Lc 12:32). A personagem principal cuidava de um rebanho (1:8) e de uma vinha (1:6).

Nome. Salomão escreveu 1.005 cânticos (1 Rs 4:32), mas este é chamado de “Cântico dos Cânticos” (1:1), ou seja, o maior de todos os cânticos. Assim como o “Santo dos Santos” é o lugar mais santo de todos e o “Rei dos reis” é o rei mais exaltado de todos, também o “Cântico dos Cânticos” é o mais excelente de todos os cânticos. O tema do livro é o amor, a maior de todas as virtudes (1 Co 13:13). Em seu período de ceticismo, Salomão escreveu Eclesiastes, com o tema sombrio da “ vaidade de vaidades”, uma expressão que ele usa 38 vezes. Porém, nos dias de sua juventude, antes de se ver enredado pelos deuses de suas inúmeras esposas pagãs (1 Rs 11:1-8), Salomão compreendeu

as alegrias e virtudes do amor conjugal e escreveu este livro tão belo. O rei teve, ao todo, 700 esposas e 300 concubinas (1 Rs 11:3), o que constituiu uma transgressão da lei de Deus (Dt 17:17). Seu casamento com várias princesas se deu com o objetivo principal de estabelecer relações pacíficas e lucrativas com os pais dessas mulheres.¹

Tema. Este livro possui diversas nuances teológicas, mas o tema principal é a excitação e o prazer do sexo, do amor e do casamento, três dádivas de Deus. Ao contrário de algumas religiões que condenam o prazer físico, tanto os judeus quanto os cristãos consideraram a vida e seus prazeres físicos dádivas de Deus. Esse conceito aplica-se especialmente ao casamento e ao amor íntimo entre o marido e a esposa. O sexo e o casamento eram levados extremamente a sério na cultura hebraica. Os noivados eram relacionamentos comprometidos que só podiam ser rompidos pelo divórcio, e o pecado pré-nupcial do adultério era tratado com severidade. As cerimônias e festas de casamento eram ocasiões de grande alegria, e as comemorações estendiam-se por uma semana, sendo que a união deveria durar a vida inteira. O povo de Israel aceitava com prazer as dádivas divinas do sexo e do casamento e não se envergonhava de admiti-lo. Além disso, os israelitas consideravam sua nação “casada com Jeová” (Is 50:1; 54:4, 5; Jr 3; Ez 16 e 23; Os 1 - 3) e, por esse motivo, liam o Cântico dos Cânticos de Salomão todos os anos no oitavo dia da Páscoa. Deus os livrou do Egito porque os amava (Dt 7:7, 8) e se “casou” com eles no monte Sinai, quando Israel aceitou a aliança de Deus (Êx 18 - 24). A leitura do Cântico dos Cânticos lembrava os israelitas de amar o Senhor seu Deus de todo o seu coração (Dt 6:4, 5; Mt 22:37). Uma vez que a Igreja é a noiva de Cristo (Mt 12:42), os cristãos também podem aprender várias lições espirituais importantes com este livro incomum.

Enredo. Ao contrário dos romances modernos, este livro não apresenta um enredo óbvio, mas, ao que parece, aos poucos vai se desenvolvendo uma trama “descoberta” ao longo de uma leitura mais atenta. Os

personagens são poucos: o rei Salomão, a bela mulher (a “sulamita”, uma forma feminina do nome Salomão), que se torna sua esposa; os irmãos da sulamita (1:5, 6; 8:8-10); e as “filhas de Jerusalém”, que fazem as vezes de coro ao fundo. A sulamita é quem fala a maior parte do tempo.

Os irmãos da sulamita trabalham para Salomão cuidando de suas vinhas e colocam a irmã para ajudá-los (8:11-14). Disfarçado de pastor, o rei Salomão visita suas vinhas, vê a sulamita e se apaixona por ela (1:1 - 2:7). Ela descreve o tempo que passam juntos como um rico banquete. Na primavera seguinte, ele a pede em casamento, e ela aceita. Ele precisa passar algum tempo afastado, mas promete voltar. Na ausência do amado, a sulamita sonha com ele (3:1-5). Então, ele volta e lhe revela que é o rei Salomão. Eles se casam e consumam a união na noite de núpcias (3:6 - 5:1). O restante do livro descreve a celebração de seu amor ao passarem por várias aventuras juntos.

As traduções mais recentes e as Bíblias de estudo identificam os interlocutores, apesar de nem todos concordarem com essas identificações. Porém, tais discordâncias são relativamente poucas e de menor importância e não afetam de modo mais significativo a interpretação do livro.

Cântico dos Cânticos tem muito a nos ensinar sobre a dádiva dos prazeres do amor e do sexo que Deus concede aos homens e mulheres. Também apresenta os padrões determinados por Deus para o casamento, ilustrando os privilégios maravilhosos e as responsabilidades sérias que o marido e a esposa têm para com Deus e um para com o outro (ver 1 Co 7:1-5; Ef 5:22-33; 1 Pe 3:1-7). Os judeus chamavam o Cântico dos Cânticos de Salomão o “Santo dos Santos” das Escrituras e não permitiam que o livro fosse lido pelos mais jovens e imaturos. No mundo de hoje, com sua ênfase sobre os prazeres sensuais da lascívia indiscriminada e não sobre os prazeres puros do sexo no casamento, nossos jovens estão precisando de um bom curso baseado no Cântico dos Cânticos de Salomão.

O livro desenvolve-se ao ar livre, usando várias imagens da natureza – jardins, campos, montanhas, rebanhos, aves, flores, especiarias e animais – e o amor entre o homem e a mulher encaixa-se perfeitamente nesse contexto. A natureza toda é uma dádiva de Deus para nós e deve ser usada para a glória de Deus, e isso inclui a natureza humana e a maravilhosa dádiva da sexualidade. Quando o marido e a esposa possuem um relacionamento belo e santo, seu mundo todo se torna igualmente belo e santo. Sem fugir da realidade nem profanar as dádivas de Deus, o livro fala de maneira bastante aberta da sexualidade humana e mostra como pode ser santificada e usada para a glória de Deus. Trata-se de um livro de metáforas e de símiles, que emprega diversos recursos literários para nos mostrar a maravilha e a glória do amor divino e humano. Assim como o Livro de Ester, o Cântico dos Cânticos de Salomão não menciona o nome de Deus, mas a compreensão deste livro, sem dúvida alguma, tornará o Senhor muito mais real tanto para os casados quanto para os solteiros.

Interpretação. Os rabinos consideravam Cântico dos Cânticos um livro que exaltava o amor humano e o lugar apropriado do sexo no casamento. Também viam o livro como uma ilustração do amor de Deus por seu povo, Israel, e seu desejo de compartilhar um amor mais profundo com eles. Os intérpretes cristãos usam essa mesma abordagem, vendo no Cântico dos Cânticos o relacionamento amoroso entre Cristo e sua Igreja. O Novo Testamento retrata a Igreja como a noiva e Cristo como o Noivo (Mt 9:15; Jo 3:29; 2 Co 11:1-4; Ef 5:22-33; Ap 19:7; 21:2, 9; 22:17). O Espírito Santo deseja nos conduzir a uma comunhão mais profunda com o Pai e o Filho, ao conversarmos intimamente com o Senhor através de sua Palavra e obedecermos à sua vontade (Jo 14:19-27). A adoração e a comunhão são muito mais do que doutrinas e rituais religiosos com os quais concordamos em nível intelectual. O Espírito pode operar de maneira mais profunda em nossa vida, revelando o Noivo celestial mais plenamente, e, portanto, não

devemos nos contentar com uma simples amizade superficial com o Senhor.

Apesar de Cântico dos Cânticos ilustrar o amor cada vez mais profundo que podemos ter com Cristo, devemos ter cuidado para não transformar a história numa alegoria, atribuindo a todos os seus elementos algum outro significado. Tudo é possível para aqueles que empregam as alegorias, e as idéias resultantes normalmente são heréticas. É quase risível ler alguns dos comentários mais antigos (e seus imitadores modernos) e ver como os intérpretes distorcem as palavras de Salomão como lhes convém. A linguagem do amor é imaginativa e lança mão de imagens sucessivas, a fim de transmitir sua mensagem. Porém, interpretar que os seios da noiva representam as duas ordenanças (o Batismo e a Santa Ceia), que o jardim é a igreja local, ou que a voz da rola é o Espírito Santo falando é confundir, senão destruir, a mensagem do livro. Outros textos da Bíblia podem apoiar as idéias expressas por esses intérpretes cheios de imaginação, mas tais idéias não vêm daquilo que Salomão escreveu.

“Maior do que Salomão.” Quem quer que Salomão tenha sido e o que quer que ele tenha feito, Jesus o excedeu em muito, pois ele é, verdadeiramente, “maior do que Salomão” (Mt 12:42). Salomão era conhecido por sua grande sabedoria (1 Rs 4:29; 5:12), mas Jesus Cristo é a sabedoria de Deus (1 Co 1:24), e nele habita toda a sabedoria de Deus (Cl 2:3). Salomão também era conhecido por sua grande riqueza (1 Rs 10), mas em Jesus Cristo há “insondáveis riquezas” (Ef 3:8; ver Fp 4:19). Salomão desobedeceu a Deus e se casou com muitas esposas, mas Jesus obedeceu ao Pai e morreu na cruz para que tivesse uma noiva imaculada por toda a eternidade (Ef 5:25-27; Ap 21:2, 9ss). O relacionamento descrito entre Salomão e a sulamita retrata o amor entre Cristo e sua noiva, e, quando Jesus voltar e levar seu povo para o céu, a noiva se tornará sua esposa. Salomão construiu um templo que acabou sendo destruído, mas Jesus está edificando seu templo, a Igreja (Mt 16:18), e ela o glorificará para sempre (Ef 2:20-22).

EXPECTATIVA: O NAMORO

CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE SALOMÃO 1:1 – 3:5

Em maiores explicações a respeito de si mesma ou das coisas maravilhosas que lhe aconteceram, a sulamita põe-se a falar de seu amor pelo rei.

O amor verdadeiro é como um banquete (1:2 – 2:7). Primeiro, ela fala *sobre* ele e depois a ele. Ela anseia por suas expressões de amor (beijos; 8:1) e confessa que seu amor² é melhor que o vinho. Os efeitos do vinho são superficiais e temporários, mas o enriquecimento que vem do amor verdadeiro é profundo e duradouro. Observe que as expressões de amor incluem o tato (beijos), o paladar (vinho) e o olfato (ungüento). Não é de se admirar que ela exclame: “Leve-me com você!” É o amor dele que a atrai para os seus aposentos, onde foi preparado um grande banquete. As mulheres de Jerusalém aprovam a escolha da sulamita e sua decisão de acompanhar o amado. O casamento envolve quatro partes: a noiva, o noivo, a sociedade e o Senhor. Não são as outras pessoas que escolhem nosso cônjuge, mas a aprovação de amigos tementes a Deus é um grande estímulo. As mulheres expressam sua aprovação quanto ao rei e correm atrás do casal, que se dirige para o banquete nos aposentos reais.

A sulamita alegra-se por ter sido escolhida pelo rei e repete sua declaração sobre o amor ser melhor que o vinho. Porém, de súbito, sente-se indigna de tal honra e se descreve como estando morena, mas ainda assim, sendo formosa (ver 1:5). Ela havia ficado morena sob o sol quente do Oriente, enquanto trabalhava para os irmãos na vinha. Havia cuidado das vinhas de outros, mas havia deixado de cuidar da própria vinha –

ela mesma. Acredita que se parece com as tendas de Quedar, feitas dos pêlos de bodes pretos! Ela se dirige ao rei-pastor e se oferece para cuidar dos rebanhos dele em vez de comparecer a seu banquete. De outro modo, teria de cobrir o rosto, e os demais convidados pensariam que ela era uma prostituta (Gn 38:14, 15). O rei não responde à pergunta dela, mas as mulheres de Jerusalém sugerem que ela siga os rebanhos de outros pastores, pois era comum os pastores apascentarem juntos suas ovelhas.

Porém, Salomão recusa-se a ouvir as confissões de desmerecimento e de feiúra da sulamita! Em 1:9-11, ele elogia a beleza dela³ e a chama de “querida minha” (ver 1:15; 2:2, 10, 13; 4:1, 7; 5:2; 6:4). Hoje em dia, se um homem comparasse a esposa ou a namorada com uma égua puxando um carro, é bem provável que se veria em apuros, mas a sulamita sabia o que Salomão queria dizer. Nenhum cavaleiro sensato colocaria uma égua no meio de ganhônhes! Mas Salomão está apenas dizendo: “Você é singular – única, muito especial”. Um cavalo nobre é, de fato, uma criatura belíssima, e Salomão era um especialista em cavalos (1 Rs 10:25ss). Além disso, os cavalos do rei usavam adornos extremamente requintados, algo que sua amada não precisava pois sua própria beleza era suficiente (ver 1 Pe 3:3, 4). As filhas de Jerusalém se oferecem para confeccionar jóias especiais para ela, a fim de agradar o rei (1:11), mas Salomão não permite que façam as tais jóias. Nos dias de hoje, Jesus está usando sua Palavra para embelezar sua noiva (Ef 5:26, 27) e, ao sermos obedientes a ele, nos preparamos para as grandes bodas celestiais (Ap 19:7-9).

Os convidados chegam ao salão do banquete e se reclinam à mesa com o rei e sua amada (1:12). Em várias ocasiões ao longo do Cântico dos Cânticos, pode-se observar o amor sendo comparado com bebidas e alimentos como frutas (2:3, 4), vinho (1:2; 5:1), leite e mel (5:1). As Escrituras compararam o futuro reinado de Cristo com um grande banquete de casamento (Is 25:6; Mt 8:11; Lc 13:29 e 14:15; Ap 19:6-9). A sulamita amada usa um perfume que atrai seu amante;

na verdade, para ela, o amante é como um sachê de mirra junto a seu peito e como um buquê de lindas flores do oásis fértil de En-Gedi. Ela lhe diz tudo isso, e ele responde falando da beleza dela, especialmente de seus olhos. Ela também diz ao amado que ele é belo e usa duas imagens para lhe garantir que o amor deles será duradouro: o divã (e não "leito" ou "cama") junto à mesa é verde, como um jardim ou campo verdejante e as vigas de sua casa são fortes. O telhado não estava prestes a cair!

Mas então, ela volta a se rebaixar, pois se compara a uma rosa comum de Sarom e a um simples lírio dos campos (2:1).⁴ O rei responde usando a imagem do lírio e comparando-a com essa flor do meio de espinhos! Então, ela responde comparando-o com uma bela macieira no bosque, sob a qual ela pode se assentar e se proteger do sol (1:6) e cujos frutos a sustentam. Seria estranho encontrar uma macieira no meio de um bosque qualquer, de modo que a sulamita está declarando que ele também é singular.

Salomão não se envergonha de seu amor por ela, demonstrando-o como quem exhibe um estandarte num exército. "Ele deve me amar", pensa consigo mesma a sulamita, "pois me trouxe para este banquete e não tem vergonha de ser visto junto comigo". Porém, a própria idéia de ser amada por uma pessoa tão importante a faz desfalecer, e ela pede maçãs e bolos de passas para recobrar as forças. Em 2:6, ela antevê a consumação do casamento ("A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça, e a direita me abraçe"), mas sabe que deve esperar pelo momento apropriado. Por isso, ela admoesta as mulheres de Jerusalém que a acompanham a não se entregarem apressadamente ao amor e ao casamento, mas que esperem pelo tempo certo. O próprio Salomão escreveu que há um "tempo de amar" (Ec 3:8). Ela volta a lhes dar essa orientação em 3:5, 5:8 e 8:4. O verdadeiro amor não é algo que criamos para nós mesmos, mas sim algo que o Senhor desenvolve dentro de nós quando encontramos a pessoa certa na hora certa.⁵

O verdadeiro amor é como uma aventura no campo (2:8-17). Depois do banquete,

o rei sai de cena e supomos que a sulamita é acompanhada de volta para casa em segurança por alguns dos cortesãos. Ela retoma a vida normal, mas seus ouvidos e olhos estão sempre alertas para a volta de seu amado. E é exatamente o que acontece! Um dia, enquanto ela está na casa de seus irmãos, ouve a voz do amado e o vê vindo em sua direção como um lindo antílope ou gamo, saltando todos os obstáculos entre ele e sua amada. Ele se detém diante do muro que protege a casa, olha para sua amada pela janela de treliça e, por duas vezes, a convida: "Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem" (vv. 10, 13).⁶ Esse convite é repetido em 4:8, e, mais adiante, a própria sulamita faz esse convite ao seu amante (7:11; 8:14).

"Vem" é a mais essencial palavra do evangelho da graça de Deus. É o convite amoroso de Deus aos cansados que precisam de repouso (Mt 11:28-30), os que se encontram manchados pelo pecado e que precisam de purificação (Is 1:18), os famintos que precisam de alimento (Lc 14:17) e todos os sedentos pela água da vida (Ap 22:17). Mas "Vem" também é o convite do Senhor para seu próprio povo: "Vinde e vede" (Jo 1:39), "Venha a mim e beba" (Jo 7:37, 38), "Vinde, comei" (Jo 21:12). Neste texto, o rei convida sua amada a sair de casa e a gozar com ele uma aventura no campo.

O amor não é apenas um banquete de delícias, mas também uma aventura. Para que o amor se desenvolva, deve haver expressões espontâneas de afeição. É o começo da primavera, e as últimas chuvas cessaram. As flores estão se abrindo, os pássaros estão cantando e as vinhas estão brotando. Há vida nova e abundante por toda parte! Mas, ao que parece, sua amada prefere ficar em casa, num lugar seguro, como uma pomba nas fendas das rochas na encosta da montanha. Ele deseja ouvir a voz dela e ver seu rosto, mas ela prefere a tranquilidade de sua casa. A fim de crescer no amor que sentem um pelo outro, precisam estar juntos e ter experiências diferentes em lugares diferentes. É assim que aprendemos mais sobre nós mesmos e sobre nosso possível cômjuge. Porém, esse princípio também se

aplica ao nosso amor pelo Senhor. Devemos acompanhá-lo em experiências novas e desafiadoras que aprofundarão nosso amor e que fortalecerão nossa fé.

As “raposinhas” (2:15) representam as coisas que vão, silenciosamente, destruindo os relacionamentos. As raposas entram nas vinhas para comer as uvas, e os guardas da vinha precisam levantar os ramos das plantas, para que não fiquem ao alcance desses animais. A sulamita ainda está tentando continuar seu trabalho como “guarda de vinhas” (1:6) – desenvolvendo a própria personalidade e se preparando para o futuro – e sua relutância em acompanhar o rei a está privando de oportunidades para amadurecer. O fruto de seu relacionamento ainda é tenro e precisa ser protegido e encorajado.⁷ No entanto, ela deixa claro que sua hesitação não altera seu relacionamento com seu amante, pois pertencem um ao outro, e ela sabe onde ele está e o que está fazendo (v. 16). O verbo “apascentar”, no versículo 16, refere-se simplesmente a “dar de comer a um rebanho”. Assim como ele foi ter com ela como um gamo saltando pelos montes (vv. 8, 9),

também voltará e ela o receberá de braços abertos (v. 17).

O verdadeiro amor faz sonhar com o amado (3:1-5). A sulamita deita-se e sonha com o amado. Afinal, recusou um convite para estar com ele, e talvez sua consciência a esteja incomodando. Em seu sonho, ela deixa a segurança do lar e, durante a noite, procura por seu amado na cidade. Os vigias não sabem lhe dizer onde ele está, mas ela persiste e, por fim, o encontra e não o deixa se afastar. Seu desejo é que se casem, de modo que ela o leva para a casa de sua mãe e para o quarto onde a própria sulamita foi concebida. Isaque havia levado sua esposa Rebeca para a tenda de sua mãe, e lá havia consumado seu casamento (Gn 24:67). Essa é a primeira vez que a mãe da sulamita aparece, mas o texto não diz coisa alguma sobre seu pai (ver 3:4, 11; 6:9; 8:2, 5).

Em algum ponto desse sonho, ou talvez no dia seguinte, ela admoesta as filhas de Jerusalém a deixarem que o Senhor dirija a vida delas e que não se adiantem à vontade de Deus (v. 5) – nem mesmo em seus sonhos!

1. É interessante comparar e contrastar o que Salomão escreve sobre o casamento em Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Provérbios exalta a monogamia e o prazer do amor conjugal (Pv 5:15-20) e também adverte contra a fornicção, o adultério e a “mulher adúltera” (Pv 2:16ss; 5:1ss; 6:20-35; 7:1-27; 22:14; 23:27, 28; 30:20). Em várias ocasiões ao longo de Provérbios, Salomão admoesta o rapaz a escolher a esposa certa e, desse modo, não ter de viver com uma mulher crítica e resmungona! Eclesiastes também admoesta o homem a “gozar a vida” com a esposa de sua mocidade (9:9). Apesar de suas muitas esposas e concubinas, Salomão sabia que o verdadeiro prazer do casamento era resultado de uma vida inteira de dedicação a um só cônjuge, durante a qual os dois cresceriam juntos e aprenderiam a amar um ao outro cada vez mais.
2. A palavra “amor” é usada no plural em 1:2 e 4; 4:10 e 7:12, e pode ser traduzida por “amar” ou “fazer amor”, referindo-se às ações do rei e não apenas aos seus sentimentos para com a amada. Porém, a sulamita e o rei só consumaram seu amor depois do casamento (4:12 - 5:1). O sexo antes do casamento não era considerado aceitável em Israel. Se a noiva era acusada de pecado pré-conjugal, ela e seus pais deviam apresentar provas públicas da sua virgindade (Dt 22:13-21).
3. Salomão a chama de “formosa” em 1:10 e 15; 2:10 e 13; 4:1 e 7; 6:4 e 7:1 e 6. Um ótimo exemplo a ser seguido pelos maridos em geral!
4. A sulamita não está se referindo à rosa que conhecemos hoje. A imagem do lírio também aparece em 2:16; 4:5; 5:13; 6:2, 3 e 7:2.
5. Essa admoestação repetida às filhas de Jerusalém é uma advertência contra o sexo antes do casamento. A sulamita deseja que permaneçam puras de mente e corpo para que possam entrar no pleno gozo do casamento no momento certo, com a pessoa certa. Não importa o que a lei e a sociedade permitem, a Bíblia não aceita de maneira alguma que um homem e uma mulher solteiros vivam juntos como se fossem casados. Ainda que legalizadas, certas coisas não são bíblicas.

-
6. Aqui, a sulamita relata o que seu amante lhe disse. É importante que maridos e esposas carinhosos se lembrem do que disseram um ao outro, e que os cristãos se lembrem da Palavra de seu Rei.
 7. Alguns estudiosos acreditam que o versículo é dito pela sulamita como uma justificativa para sua relutância em ter uma aventura com o rei. Outros acreditam que os irmãos dela podem ter interrompido o diálogo e a lembrado de suas responsabilidades na vinha.
-

CONSUMAÇÃO: AS NÚPCIAS

CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE
SALOMÃO 3:6 – 5:1

Finalmente, chega o dia de a sulamita se casar com o amado! Nesse dia, não apenas ele a toma para si, como também ela descobre que seu marido é o rei!

A noiva é chamada (3:6-11). A procissão magnífica aparece no horizonte. É Salomão sendo levado em seu palanquim ricamente ornado, cercado de sessenta de seus soldados mais valentes e envolto numa nuvem de incenso. Ele usa uma coroa de casamento que recebeu da mãe. Cheias de entusiasmo, as filhas de Jerusalém cantam umas para as outras: “Saí, ó filhas de Sião”. A noiva está acompanhada de suas servas, o coração do rei está transbordando de alegria, e, por fim, é chegada a hora das bodas. Para os cristãos de hoje, essa pode ser uma lembrança da vinda do Rei dos reis para tomar para si a sua noiva, a Igreja.

Sua beleza é elogiada (4:1-7). Hoje em dia, a noiva é o centro das atenções na cerimônia de casamento, e a grande pergunta é: “Como era o vestido da noiva?” Porém, o rei está mais preocupado com a beleza de sua amada do que com as vestes dela. Ele a tomou para si, e, agora, os dois desfrutam sua noite de núpcias. Ela colocará de lado seu véu, como sinal de que pertence a seu amado e de que não tem coisa alguma a esconder dele¹ (ver Gn 24:65). O discurso do rei começa e termina com “Como és formosa” e “Tu és toda formosa”. As imagens que ele usa para descrever a beleza dela podem nos parecer um tanto estranhas, mas os padrões de beleza mudam de uma época para outra e de uma cultura para outra.

Os olhos da pomba refletem paz e profundidade. Os dentes da noiva são limpos,

regulares e bonitos. Trata-se de uma característica extraordinária, quando consideramos que na Antiguidade ainda não se compreendiam de todo os princípios da higiene bucal. Os dentes saudáveis também influenciavam seu hálito (7:8). O pescoço dela é como o de uma rainha, e sua postura demonstra controle, poder e estabilidade. Ela era uma torre fortificada! O “monte de mirra” é uma referência aos seios dela, os quais ele desfrutaria a noite toda até o Sol nascer, e ela também gozaria suas expressões de amor.

O casamento é consumado (4:8 – 5:1). Começando no versículo 8, ela a chama seis vezes de “noiva”. Depois que o casamento é consumado, ela deixa de ser noiva e se torna esposa. O gozo dessa experiência é tão emocionante quanto estar no alto de uma montanha (v. 8), e o rei diz a sua amada como ela é bela. No versículo 10, “teu amor” não diz respeito apenas aos sentimentos, mas também às palavras e atos da amada. A expressão pode ser traduzida por “o teu amar”.

Ele se alegra que sua noiva é uma virgem, um “jardim fechado [...], manancial recluso, fonte selada” (v. 12). Trata-se de mais uma evidência de que o Senhor deseja que tanto o homem quanto a mulher se mantenham sexualmente puros. O amor conjugal é retratado como saciar a sede (v. 15; ver Pv 5:15-23) e explorar um belo e fértil jardim, que nunca envelhece. A noiva é o jardim, e o noivo espera que os ventos da vida a tornem ainda mais bonita e desejável. Talvez não apreciemos o vento do norte, mas ele pode nos ajudar a amadurecer em nosso amor.

Completados os preparativos, a noiva está pronta e convida seu marido a entrar em seu jardim, beber de suas águas e comer de seus frutos nutritivos. Ele aceita seu convite amoroso e, então, diz: “Já entrei no meu jardim!” Os dois banquetearam no início de seu relacionamento (1:2 – 2:7), mas não foi nada comparado com essa experiência! Agora, provaram verdadeiramente os frutos um do outro e degustaram seu vinho, o leite e as especiarias aromáticas.

Quem fala no versículo 1b? É a noiva dizendo ao marido e amante que ele pode visitar o jardim com freqüência? A expressão

“bebei fartamente” indica que há sempre mais a aprender e desfrutar, à medida que o casamento se desenvolve. Porém, o substantivo se encontra no plural - “amados”. Certamente, as filhas de Jerusalém não estavam presentes naquele momento tão íntimo e

sagrado! Alguns estudiosos sugerem que essas palavras podem ser de Deus, falando ao casal e encorajando todos os que se encontram casados a desfrutar as bênçãos do amor conjugal, pois ele criou o sexo tanto para a procriação quanto para o prazer.

-
1. Nas cerimônias de casamento hoje em dia, o véu simboliza a consumação sexual que se dará posteriormente. “Eu sou dele e ele é meu”.
-

CELEBRAÇÃO: O MATRIMÔNIO

CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE
SALOMÃO 5:2 – 8:14

Em Israel, durante toda a semana depois da cerimônia de casamento, a família e os amigos tratavam os recém-casados como se fossem rei e rainha. Hoje em dia, os casais têm uma “lua-de-mel” e costumam viajar para algum lugar onde não serão perturbados.¹ Porém, mais cedo ou mais tarde, o casal precisa voltar para a vida com seus problemas e responsabilidades, e o mesmo acontece com Salomão e sua esposa.

A procura pelo marido (5:2-9). A sulamita tem outro sonho perturbador (ver 3:1-4). Ela ouve o marido chamá-la (observe que ele não usa mais a designação “minha noiva”) e pede que ela o deixe entrar. Ao que parece, ela trancou a porta e foi para a cama sem ele e, depois de um banho, encontra-se confortavelmente acomodada em seu leito e não deseja ser incomodada. Talvez não esteja disposta a uma noite de romance e não responde à voz dele; porém, muda de atitude quando vê a mão dele passando pela abertura da porta, procurando o trinco, e quando sente o perfume de sua mão. O rei não entra nos aposentos dela à força, mas, sem dúvida, fica decepcionado com a rejeição de sua amada.

Ao perceber seu erro, a sulamita vai até a porta, só para descobrir que ele não está mais lá. Seu coração se entristece, pois o amor é algo delicado, que pode causar mal-entendidos facilmente e se magoar num instante. Ela chama, mas o rei não responde, de modo que ela sai à procura dele. Dessa vez, em vez de colaborar com ela, os guardas da cidade a ferem e tiram seu manto. Será que pensam que é uma prostituta procurando trabalho? A maioria das dificuldades da amada

parece ocorrer durante a noite, não quando ela está andando ao lado de seu rei durante o dia. Isso nos traz à memória 1 João 1:5-10. Ela diz às filhas de Jerusalém que está desfalecida de amor (2:5), pois, no casamento, é preciso pagar um preço para que a afeição possa amadurecer. As filhas de Jerusalém perguntam à sulamita o que torna o amado tão especial, e ela responde com outra descrição da beleza dele.

A beleza do marido (5:10-16). Talvez, se ela tivesse dito essas palavras ao marido na noite de núpcias, ele não a tivesse deixado por algum tempo nem teria partido tão rapidamente antes de ela poder abrir a porta. “O amor é paciente, é benigno” (1 Co 13:4), mas o amor precisa ser nutrido com palavras e gestos de bondade. Mais uma vez, as medidas que ela usa para descrever os encantos do marido são diferentes daquelas que usamos hoje, mas transmitem a mensagem de modo apropriado. Os adjetivos “alvo e rosado” descrevem um homem radiante de saúde e força, como Davi (1 Sm 16:12; 17:42). O termo “rosado” vem de uma palavra que significa “ruivo”, sugerindo a cor do cabelo ou, talvez, a pele “bronzeadas” de uma pessoa que leva uma vida ativa ao ar livre.

Ter a cabeça como o ouro mais apurado significa ter uma cabeça valiosa; ou seja, com valor intelectual. O corpo como marfim e mármore diz respeito à beleza e força. O aspecto “como o Líbano” também sugere beleza e força, mas, dessa vez, com relação aos famosos e preciosos cedros do Líbano. A bela declaração: “ele é totalmente desejável” diz tudo. Com o passar dos anos, nosso corpo muda e envelhecemos, mas o marido e a esposa que apreciam um ao outro cada vez mais nunca desenvolvem uma atitude crítica. Ser “jovem de espírito” é o segredo para um casamento feliz.

O encontro no jardim (6:1-13). O dia nasce, e as mulheres de Jerusalém oferecem-se para ajudar a sulamita a encontrar o marido, mas ela o conhece bem e sabe para onde ele foi. Um dos elementos importantes do casamento é conhecer um ao outro tão bem a ponto de poder “ler os pensamentos” do cônjuge e prever suas ações e palavras. Essa

verdade é perfeitamente expressada na declaração: "Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu" (6:3; ver 2:16 e 7:10). Mesmo que não estivessem juntos, Salomão não havia se perdido dela. Estava apascentando seu rebanho no jardim, e ela sabia onde procurá-lo.

No mesmo instante em que a vê, o rei recebe sua esposa de braços abertos e se põe a elogiar suas virtudes. Não se zanga com ela por tê-lo trancado para fora nem por haver andado sozinha pela cidade durante a noite e sido ferida pelos guardas. Tirza tornou-se a capital do reino do Norte, Israel, depois que a nação se dividiu. O que Salomão está dizendo é que a amada "é digna de um rei". Os israelitas consideravam Jerusalém a mais bela de todas as cidades (Sl 48; 50:2; Lm 2:15). "Formidável" significa "impressionante, majestosa". É importante lembrar que o rei está se referindo a uma mulher e comparando-a com um exército magnificente em sua marcha. Os olhos dela o conquistam e cativam. Salomão usa vários símiles empregados pela própria sulamita em 4:10-16, apesar de, naquela ocasião, ele não ter ouvido as palavras da amada. Os dois estão se tornando bastante parecidos, algo que acontece com freqüência no casamento.

Ainda há poucas esposas e concubinas no harém do rei (6:8; 1 Rs 11:3), de modo que essas palavras foram escritas bem no começo do reinado de Salomão. Porém, de todas as mulheres em sua vida, a sulamita é sua predileta, como também é a favorita de sua mãe e das outras rainhas no palácio. Aos olhos da sulamita, Salomão é "totalmente desejável" (5:16) e, aos olhos dele, sua esposa é "uma só... a única" (6:9). Até mesmo as filhas de Jerusalém louvam a sulamita por sua beleza. Haviam estado com ela durante a noite e a visto tão bela quanto a lua e, agora que amanheceu, ela se mostra tão encantadora quanto a alva. À medida que o Sol se levanta, ela parece tão formidável quanto um exército, expressão usada anteriormente pelo rei (v. 4). Alguns estudiosos acreditam que o versículo 10 descreve o rei e sua esposa partindo no planquim real.

A esposa amada decide ir até seu jardim e ver se a primavera fez brotar novos ramos nas árvores e vinhas. Pode-se concluir, portanto, que ela e o marido ficaram temporariamente separados. Então, algo extraordinário acontece: ela se vê "no carro do [seu] nobre povo [do rei]" (v. 12). O exército do marido se aproxima, e o jardim parece um campo de batalha. Mas os jardins são feitos para a beleza e o crescimento, não para lutas. Será que se trata de uma indicação de que o casamento não deve ser nem um parque de diversões e nem um campo de batalhas, mas sim um jardim, cultivado com cuidado e desfrutado ao máximo? O primeiro casamento deu-se no jardim perfeito (Gn 2:18-25), e a união entre o marido e a esposa deve, de fato, ser como cuidar de um jardim - uma tarefa árdua porém gratificante! Ao observar a ausência da sulamita, as filhas de Jerusalém pedem que ela volte para que possam contemplar sua beleza. Mas, em sua modéstia, ela pergunta: "Por que olhar para mim? O que há para ver?" Salomão responde a essa pergunta na passagem de 6:13c a 7:9 (NVI).

A expressão de amor mútuo (7:1 - 8:4).

"Quando alguém olha para minha esposa e eu", responde Salomão, "vê dois exércitos!" O termo hebraico utilizado é *mahanaim* e remete à ocasião em que Jacó estava prestes a encontrar-se com o irmão, Esaú, e estava extremamente amedrontado (Gn 32:1ss). Deus lhe deu uma visão de um exército de anjos enviados do céu para protegê-lo, de modo que Jacó chamou o local de "Maanaim", pois viu dois exércitos - o exército de Deus sobre ele e seu próprio exército de servos a seu redor. Por vezes, a linguagem militar é usada de maneira negativa para falar do casamento: "Minha esposa é a 'sargenta' lá em casa" ou "Meu marido e eu estamos em pé de guerra". Mas no Cântico dos Cânticos de Salomão, a esposa e o marido são como dois exércitos marchando juntos, defendendo um ao outro (6:4, 10). Não lutam um contra o outro; antes, atacam tudo o que ameça sua união.

A maioria dos símiles em 7:1-9 já foi usada anteriormente no livro, mas alguns são

novos. O rei descreve a beleza da esposa dos pés (v. 1) à cabeça (vv. 5 e 9). Tanto o alimento quanto a bebida são mencionados em 7:2, referindo-se à parte íntima do corpo da esposa e indicando que o marido sacia-se com o amor dela. As “piscinas” do Oriente eram belas e tranqüilas, mas também eram cheias de vida, e assim são os olhos da esposa (v. 4). Em outra passagem, Salomão encontra-se de tal modo impressionado pelo olhar da amada que se declara “perturbado” (6:5), mas agora pode observar os olhos dela e encontra neles beleza e excitação. Hoje em dia, seria uma ofensa comparar o pescoço ou o nariz de uma mulher com uma torre, mas naquele tempo era um elogio. Não se trata de uma referência ao tamanho ou à proeminência, mas sim à proporção e à disposição. Como uma torre no muro da cidade, ou mesmo isolada no meio do campo, se encontra no lugar certo e possui beleza própria. O cabelo “como a púrpura” não é uma referência a algum tipo de tintura, mas sim às cortinas e tapeçarias reais. A princípio, o rei mostra-se encantado com os olhos da esposa (6:5), mas agora são os cabelos dela que cativam sua atenção.

Nos versículos 6 a 9, ele apresenta uma metáfora nova e sedutora. Ele vê sua querida esposa como uma palmeira, bela e frutífera, e compara seu amor íntimo a subir nessa árvore e comer de seus frutos (os “cachos da vide”, no v. 7, são na realidade os “frutos”, as tâmaras dessa árvore). Ele lhe diz que beijá-la é como beber vinho; ela declara como deseja que o vinho escorra suavemente sobre os lábios e dentes do amado e lhe dê prazer. Mais uma vez, ela o assegura de sua devoção e amor mútuos (v. 10; ver 2:16 e 6:3). A afirmação “eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim” faz lembrar Gênesis 3:16, em que o Senhor diz a Eva que seu desejo será para o seu marido. A atração sexual no casamento deve ser uma experiência mútua, e o marido e a esposa devem empenhar-se para ser desejáveis.

Agora, a esposa quer visitar o campo, algo que Salomão havia desejado fazer anteriormente, mas que ela havia recusado (2:8-17). Por vezes, visitar outro lugar revigora o

casamento, e ela promete dar ao marido seu amor (7:12). Marido e esposa possuem responsabilidades conjugais mútuas (1 Co 7:1-7), mas não devem considerar o amor conjugal apenas uma obrigação a ser cumprida. Também é uma dádiva que compartilham um com o outro ao participar do banquete e das alegrias de visitar o jardim. As mandrágoras são, há muito, associadas à paixão sexual (Gn 30:14), apesar de não haver prova alguma de que funcionam como estimulante sexual. A sulamita gosta de frutos novos e velhos, o que sugere que os dois têm coragem de experimentar coisas novas, mas têm sabedoria de não abandonar aquilo que funciona.

Ao encerrar seu monólogo, ela expressa pesar por não poder demonstrar seu amor por ele com a mesma espontaneidade que uma irmã demonstra por um irmão (8:1-4). Na sociedade daquela época, era considerado indecoroso a esposa beijar o marido em público, de modo que precisavam esperar até estarem a sós. Ela desejava ser como uma “irmã mais velha” para ele e beijá-lo, levá-lo para a casa da mãe dela e aprender com a mulher mais velha como tratá-lo. Mais uma vez, as imagens de comida e de bebida são usadas para descrever o amor dos dois: ele a abraçaria e ela lhe daria vinho e suco de romã. As sementes da romã ficam dentro de invólucros que contêm um suco saboroso.

A promessa de fidelidade e amor eternos (8:5-14). As filhas de Jerusalém vêm o casal voltando para casa de sua viagem de lua-de-mel e chegando nas vilas e observam que, dentro da carruagem real, a esposa está reclinada sobre o marido numa expressão de amor (para uma imagem paralela, ver 3:6). Ao chegarem à vila onde a esposa nasceu, vêem uma grande macieira, e o rei lembra sua amada de que, da primeira vez que ele a viu, ela dormia à sombra daquela árvore. Então, ele aponta para a casa onde ela passou a infância e a lembra de que é o lugar onde ela foi concebida e onde sua mãe a deu à luz.

Mas aqueles dias haviam chegado ao fim. Agora, pertencem um ao outro e devem

ser fiéis um ao outro. Ele pede que ela o coloque como selo sobre seu coração e seu braço, pois um selo refere-se à propriedade e à proteção. O amor uniu os dois, e esse mesmo amor os manteria unidos. O poder da morte e da cova é invencível, como também o é a força do amor. O marido e a esposa não sentem inveja um do outro, mas têm, um pelo outro, um ciúme tão intenso quanto o fogo de Deus.² A esposa usa essa imagem do fogo e diz que ele não pode ser apagado pela água e que também não está à venda! Qualquer homem que se oferecia para comprar amor era desprezado e rejeitado. Com essas palavras, o rei e sua esposa firmam o amor que sentem um pelo outro.

Os versículos 8 a 14 constituem um suplemento da história. Quando a sulamita volta para a casa de sua infância com o marido, lembra-se do que os irmãos diziam a seu respeito quando ela era mais jovem. Não acreditavam que estivesse pronta para se casar, pois ainda não havia amadurecido. As imagens do muro e da porta são relacionadas à virgindade da moça. Se ela fosse uma porta, uma mulher de fácil acesso, não seria uma noiva adequada. Porém, se ela se mantivesse pura, atrás de um muro, por assim dizer, poderiam entregá-la ao homem que pedisse sua mão. A sulamita afirmou claramente que era um muro e chegou ao leito conjugal como uma virgem pura. Porém, apesar da zombaria dos irmãos, ela se desenvolveu fisicamente e tem seios que seu marido admira (4:5, 6; 7:3, 7, 8).

Agora que está casa, os irmãos não podem mais colocá-la para ajudar a cuidar da vinha. Porém, Salomão é o dono da vinha e, como esposa dele, ela é dona de parte da propriedade! Os versículos 11 e 12 parecem referir-se a um novo “contrato de trabalho” que ela negocia entre seu marido e seus irmãos, remunerando o trabalho deles mais generosamente. Desse modo, podem contratar outra pessoa para assumir o lugar de sua irmã no cuidado da vinha.

O livro encerra com a sulamita em seu jardim, conversando com alguns amigos, quando o marido a chama, pois deseja ouvir sua voz. Onde há amor, o marido e a esposa desejam estar juntos e compartilhar idéias e sentimentos. Sem dúvida, há lugar para outros amigos, mas ninguém deve tomar o lugar do cônjuge que Deus nos dá. De que maneira a amada responde a esse chamado? Ela lhe diz para se apressar e partir com ela, pois os “montes aromáticos” (seus seios, ver 4:5, 6) estão esperando pelo toque do amado. É evidente que os companheiros no jardim não compreendem essa linguagem em código, de modo que ela não causa constrangimento algum. Maridos e esposas muitas vezes possuem uma linguagem carinhosa secreta que outros não entendem.

OBSERVAÇÕES

A presença de pessoas imaturas na igreja pode dificultar pregações baseadas em Cântico dos Cânticos, mas uma série de estudos sobre este livro pode ser bastante proveitosa para uma classe de noivos ou de recém-casados. Também pode ser ideal como base para sessões de aconselhamento pré-conjugal. Se, em nossa pregação e ensino, alegorizarmos algumas partes do livro, devemos antes apresentar a interpretação básica. Uma vez que o relacionamento entre Cristo e a Igreja é semelhante àquele entre o marido e a esposa, podem ser feitas certas aplicações nesse sentido.

Ao usar o Cântico dos Cânticos no ministério em público, devemos ser simples como as pombas e prudentes como as serpentes, de modo a não permitir que nossas boas obras sejam interpretadas como perversidades. Há quem seja contrário a qualquer alusão que se faça de púlpito à sexualidade, enquanto outros se perguntam onde podem encontrar a ajuda de que tanto precisam nessa área. O pastor e mestre sábio consegue encontrar o equilíbrio apropriado.

1. O termo “lua-de-mel” teve origem no século xvi, sendo usado para identificar o primeiro mês depois do casamento, quando os recém-casados demonstravam carinho especial um pelo outro. Esse novo relacionamento era doce como

mel, mas poderia acabar com a mudança de lua. Os casais têm seus altos e baixos, mas não há motivo algum para que sua relação se deteriore em vez de se desenvolver.

2. Essa oração - "veementes labaredas" - pode ser traduzida por "as chamas do Senhor". Caso se trate de uma tradução correta, então esse é o único lugar, no texto original, em que o nome do Senhor é mencionado em Cântico dos Cânticos de Salomão.